This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
LIBRARY
The Gift of
Dr J. C. Branner

ISAL

781.06
I59r

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E

GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO LI

1º FOLHETO DE 1888

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO
Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C.
71, Rua dos Invalidos, 71

1888

I.

232847

RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

POR ORDEM DE ANTIGUIDADE E COM DECLARAÇÃO DA CLASSE A QUE PERTENCEM

Protector immediato

S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

Presidentes honorarios

S. A. o principe de Joinville.
S. A. o conde d'Aquila.
S. A. o principe real da Dinamarca.
S. A. o principe conde d'Eu.
S. A. o principe duque de Saxe.

Nacionaes

1838

1 Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.....	Effectivo.
2 Conselheiro João Manuel Pereira da Silva.....	Honorario.

1839

3 Antonio Alvares Pereira Coruja.....	Effectivo.
4 Dr. Francisco José Ferreira Baptista.....	Correspondente.
5 Conselheiro João Lopes da Silva Couto.....	»

1840

6 Barão de Lavradio.....	Correspondente.

7	Conselheiro Filippe Lopes Neto	Correspondente.
8	Conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú	»
9	Conselheiro João da Silva Carrão	»

1841

10	Barão de Nogueira da Gama	Correspondente.
11	Barão de Penedo	»
12	Joaquim Norberto de Souza Silva	Honorario.
13	Visconde de Barbacena	Correspondente.

1843

14	Dr. José Jansen do Paço	Correspondente.

1845

15	Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti	Correspondente.
16	Barão de Cotegipe	»
17	Barão do Desterro (João José de Almeida Couto)	»
18	Barão de Souza Queiroz	»
19	Conselheiro João José Ferreira d'Aguiar	»
20	Dr. José de Barros Pimentel	»
21	Conselheiro José Tavares Bastos	»
22	Conselheiro Luiz Antonio Barbosa de Almeida	»
23	Manuel Soares da Silva Bezerra	»
24	Dr. Maximiano Marques de Carvalho	Effectivo.
25	Desembargador Quintiliano José da Silva	Correspondente.
26	Conselheiro Visconde de Valdetaro	»

1846

27	Barão de São-Felix	Correspondente.

1847

28	Barão de Macahubas	Correspondente.
29	Francisco José Borges	Effectivo.
30	Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan	Honorario.
31	José Joaquim da Gama Silva	Correspondente.
32	Dr. Ricardo Gumbleton Daunt	»

1848

33	Barão de Capanema	Effectivo.
34	Visconde de Souza Fontes	»

1851

35 Angelo Thomaz do Amaral..... Correspondente.

1853

36 Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja..... Correspondente.

1856

37 Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros..... Effectivo.
38 Conselheiro Tito Franco de Almeida..... Correspondente.
39 Visconde de Mauá..... Honorario.

1859

40 Barão Homem de Mello..... Honorario.

1860

41 Dr. Ernesto Ferreira França..... Correspondente.

1861

42 Conselheiro Antonio Joaquim Ribas..... Correspondente.

1862

43 Barão do Ladario..... Correspondente.
44 Major João Brigido dos Santos..... »
45 Conego João Pedro Gay..... »
46 Dr. José Vieira Couto de Magalhães..... Effectivo.
47 Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo..... Honorario.

1863

48 Senador Luiz Antonio Vieira da Silva..... Correspondente.

1865

49 Dr. Cesar Augusto Marques.....	Effectivo.
50 Dr. José de Saldanha da Gama.....	»

1866

51 Dr. Domingos Antonio Raiol (Barão de Guajará).	Correspondente.
52 Conselheiro João Ribeiro de Almeida.....	Effectivo.

1867

53 Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga.....	Correspondente.
54 Dr. José Maria da Silva Paranhos.....	Effectivo.

1868

55 Dr. Luiz Francisco da Veiga.....	Effectivo.

1869

56 Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay.....	Effectivo.

1870

57 Dr. Joaquim Pires Machado Portella.....	Effectivo.
58 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.....	»

1871

59 Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato....	Effectivo
60 Dr. Ladislau de Sousa Mello Neto..... ..	»
61 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.....	»

1872

62 Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.....	Effectivo.
63 Dr. Eduardo José de Moraes.....	Correspondente.

1874

64 Antonio Manuel Gonçalves Tocantins..... Correspondente.
65 Conselheiro Nicolau Joaquim Moreira..... »

1875

66 Conselheiro João Wilkens de Matos..... Effectivo.
67 José de Vasconcellos..... Correspondente.
68 Dr. Rozendo Muniz Barreto..... Effectivo.

1876

69 Senador Joaquim Floriano de Godoy..... ... Correspondente.
70 João Barbosa Rodrigues..... Effectivo.
71 Luiz da França Almeida Sá..... Correspondente.

1877

72 Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello..... Correspondente.

1878

73 Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.... Correspondente.

1880

74 Dr. Alfredo Piragibe..... Effectivo.
75 Coronel Augusto Fausto de Souza..... »
76 Bernardo Saturnino da Veiga ..... Correspondente.
77 Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.... »
78 Dr. João Franklin da Silveira Tavora..... Effectivo.
79 Dr. João Severiano da Fonseca..... »

1882

80 Barão de Teffé..... Effectivo.
81 1º Tenente Francisco Calheiros da Graça..... »
82 Dr. José Alexandre Teixeira de Mello..... »
83 Capitão de Fragata José Candido Guilhobel.... »

1883

84	Commendador Antonio José Victorino de Barros	Correspondente.
85	Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake	Effectivo.
86	Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho	Correspondente.
87	Dr. Francisco de Paula Toledo	»
88	1º Tenente José Egydio Garcez Palha	»
89	Capitão Tenente Manuel Pinto Bravo	»
90	2º Tenente Pedro Paulino da Fonseca	»

1885

91	Dr. Francisco Ignacio Ferreira	Effectivo.
92	Dr. Frederico José de Sant'Anna Nery	Correspondente.
93	Henrique Raffard	»
94	Cons. José Antonio de Azevedo Castro	»

1886

95	Tenente Coronel Antonio Borges de Sampaio	Correspondente.
96	Barão de Ourêm	»
97	Ten.-Cor. Francisco Antonio Pimenta Bueno	»
98	Francisco Augusto Pereira da Costa	»
99	Dr. José Hygino Duarte Pereira	»
100	Senador Manoel Francisco Corrêa	»

1887

101	Dr. Antonio Ribeiro de Macedo	Correspondente.
102	Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira	»
103	João Capistrano de Abreu	»
104	General José de Miranda da Silva Reis	»
105	José Verissimo de Matos	»
106	Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca	»

Estrangeiros *

1839

1	Principe de Cariati	Honorario.
2	Principe de Scilla	»
3	Arthur Brooke	»
4	Barão Gore Ouseley	»
5	Barão de Maltitz	»

---

* A falta de noticia a respeito do fallecimento de socios residentes fóra do Brazil dá ocasião a serem incluidos talvez n'esta relação alguns socios já finados. Solicitam-se porém informações pelas quaes esta lista seja rectificada para o futuro.

6	D. Carlos Zuchi	Correspondente.
7	Jared Sparks	Honorario.
8	João Ferdinand Denis	»
9	João Water House	Correspondente.
10	D. Manuel Salas Corvaland	»
11	Sabino Bertholet	»
12	William Ouseley	Honorario.

1840

13	Guilherme Hunter	Correspondente.
14	José Barandier	»
15	Julio Victor Armand Hain	»
16	D. Manuel de Sarratéa	Honorario.
17	Pedro Victor Larée	Correspondente.
18	William Smith	»

1841

19	D. Ambrosio Campadonico	Honorario.
20	Hamilton Hamilton	»
21	D. Mariano Eduardo de Rivera	Correspondente.
22	Dr. Marion de Procé	»
23	Pedro José Mesnard	»
24	Roberto Schomburgh	»
25	William Burchell	»
26	Woodbine Parish	»

1842

27	D. Agatino Longo	Honorario.
28	D. Filippe Rizzi	»
29	Virgilio von Helmereichen	»

1843

30	Duque di Serra di Falco	Correspondente.
31	D. Felix Santo Angelo	»
32	Filippe Victor Touchard	»
33	Commendador Ferri	»
34	D. Francisco Maria Avelino	»
35	D. Francisco Cervelleri	»
36	Samuel Dutot	»
37	D. Ferdinando de Lucca	Honorario.
38	D. Giacomo Castrucci	Correspondente.
39	D. Girolamo Perozzi	»
40	D. Giuseppe Ceva Grimaldi (marquez)	Honorario.
41	D. Giovani Semmola	Correspondente.
42	D. Isaac G. Strain	»

43 D. Luigi Sementini..... Correspondente.
44 D. Luigi Rizzi..... »
45 Nicolau de Santo Angelo..... Honorario.
46 D. Paolo Anania de Lucca..... Correspondente.
47 D. Pascuali Pacini..... »
48 D. Pascuali Stanislau Mancini..... »
49 Principe de Committini..... Honorario.
50 D. Rafael Zarienga..... Correspondente.
51 D. Vicenzo Stellati..... »

1844

52 José Antonio Pardo..... Correspondente.
53 Mage..... »
54 D. Thomaz C. de Mosquera..... Honorario.
55 D. Vicente Rocafuerte..... Correspondente.

1845

56 Alfredo Demersay..... Correspondente.
57 Francis Markoe Junior..... »
58 D. José Vargas..... Honorario.
59 Marquez de Penafiel..... Correspondente.

1846

60 Alberto Gallatin..... Honorario.
61 Alexandre W. Bradford..... Correspondente.
62 B. M. Norman..... »
63 C. Wiet..... »
64 João Russell Bartlett..... »
65 Roberto Greenham..... »
66 Samuel Jorge Morton..... »
67 William B. Hodgson..... »
68 D. Vicenzo Martillaro (marquez de Villarena). »

1847

69 D. Antonio Ramon de Vargas..... Correspondente.
70 Cicarelli..... »
71 D. Ulrico Valia..... »

1848

72 D. Andrés Lamas..... Correspondente.

1853

73 D. Domingo Francisco Sarmiento..... Correspondente.

1859

74 Ceroni... ..... Correspondente.

1862

75 James C. Fletcher..... Correspondente.

1863

76 Frederico Francisco (Visconde de Figanière)... Correspondente.

1864

77 Jorge Bancroft..... Honorario.
78 Jorge Martinho Thomaz..... Correspondente.

1866

79 Emmanuel Liais..... Correspondente.

1868

80 Henrique Schutel Ambauer..... Correspondente.
81 Vivien de Saint Martin..... »

1869

82 D. José Rosendo Gutierres..... Correspondente.

1870

83 Cesar Cantu..... Correspondente.
84 Dr. D. Domingo Santa Maria..... »

1871

85 Augusto Carlos Teixeira de Aragão..... Correspondente.
86 D. Bartolomeu Mitre..... Honorario.
87 Diogo Barros Arana..... Correspondente.
88 José Victorino Lastarria..... »

1877

89 Conselheiro José Maria Latino Coelho..... Correspondente.

1880

90	Francisco Gomes de Amorim.....	Correspondente.
91	Visconde de Wildick.....	Effectivo.

1881

92	Major Alexandre de Serpa Pinto.....	Honorario.

1882

93	Alexandre Baguet.....	Correspondente.
94	D. Antonio da Costa.....	»
95	José Silvestre Ribeiro.....	»
96	Paulo Gaffarel.....	»

1883

97	Dr. Estanislau S. Zeballos.....	Correspondente.
98	Dr. D. Vicente G. Quesada.....	»

1885

99	Cons. Antonio José Viale.....	Correspondente.
100	Cons. Manuel Pinheiro Chagas.....	»
101	Pedro Venceslau de Brito Aranha.....	»

1887

102	Dr. Angelo Justiniano Carranza.....	Correspondente.

MESA ADMINISTRATIVA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

EM 1888

PRESIDENTE

Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

1º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

3º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

1º SECRETARIO

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

2º SECRETARIO

Coronel Augusto Fausto de Souza.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

ORADOR

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

THEZOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Barão de Nogueira da Gama.
Dr. Francisco Ignacio Ferreira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.
Coronel Augusto Fausto de Souza.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros
Dr. Alfredo Pinagibe.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Cesar Augusto Marques.
Visconde de Souza Fontes.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Barão de Capanema.
Capitão Tenente Francisco Calheiros da Graça.
1º Tenente José Egydio Garcez Palha.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato.
Tenente-General José de Miranda da Silva Reis
Dr. Cezar Augusto Marques.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA ETHNOGRAPHIA E LINGUA DOS INDIGENAS

Dr. Ladislau de Souza Mello Neto.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.
Barão de Capanema.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.
Senador Manuel Francisco Correia.
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

COMMISSÃO DE PESQUISA DE MANUSCRIPTOS E DOCUMENTOS

Henrique Raffard.
Pedro Paulino da Fonseca.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

A extincção da escravidão no Brazil

O Jubileu do Instituto Historico

Dous acontecimentos têm merecido logar nestas paginas que a demora na publicação do presente fasciculo parece ter-lhes reservado para que figurem como brilhante entrada do benemerito anno de 1888.

O primeiro delles pela sua insigne importancia já se incorporou na historia da humanidade. E' a lei que extinguio entre nós o captiveiro e que reproduzimos textualmente para honra dos nossos annaes :

« Lei n. 3353 de 13 de Maio de 1888.—Declara extincta a escravidão no Brazil.—A Princeza Imperial Regente, em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II : Faz saber a todos os subditos do Imperio, que a Assembléa Geral decretou e Ella sanccionou a lei seguinte :

« Art. 1º E' declarada extincta desde a data desta lei a escravidão no Brazil.

« Art. 2º Revogam-se as disposições em contrario.

« Manda portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução da referida lei pertencer,

que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

« O Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura e interino dos Negocios Estrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva a faça imprimir, publicar e correr.

« Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, sexagesimo setimo da Independencia e do Imperio.

« *PRINCEZA IMPERIAL REGENTE.*
« *Rodrigo Augusto da Silva.*

« Carta de lei pela qual Sua Alteza Imperial manda executar o decreto da Assembléa Geral, que houve por bem sanccionar, declarando extincta a escravidão no Brazil como nella se declara, para Vossa Alteza Imperial vêr.

« Chancellaria-mór do Imperio.—*Antonio Ferreira Vianna.* Transitou em 13 de Maio de 1888.—*José Julio de Albuquerque Barros.* »

Com a extincção do estado servil o genio da historia nacional ganhou novo criterio. Elle está agora completo com a parte de liberdade que lhe faltava para ser digno de uma nação que rende culto nas aras da civilisação. O nosso historiador terá d'ora em diante homens para submetter á sua analyse physio-psychologica, terá um povo verdadeiramente livre para estudar e julgar nos seus sentimentos e na sua evolução.

Executava-se ainda o programma das festas promovidas pela imprensa fluminense em homenagem á promulgação da lei de 13 de Maio, quando, reunindo-se em sessão extraordinaria, resolveu o Instituto Historico:

Dirigir a Sua Magestade o Imperador o telegramma seguinte: « Senhor.—Está extincta a escravidão no Brazil. Parabens. »

Congratular-se com Sua Alteza a Princeza Imperial Regente por ter sanccionado a bemdita lei, e com Sua Alteza Real o Sr. Conde d'Eu, Presidente Honorario do Instituto, pela satisfação que este facto lhe devêra trazer quando elle, na qualidade de nosso dedicado compatriota, como se tem mostrado nas circumstancias publicas mais difficeis, comparte de todos os sentimentos nacionaes.

Endereçar mensagens de louvor ás duas casas do parlamento e ao ministerio.

Lançar na acta um voto de louvor á imprensa do Imperio, e a todos aquelles que de qualquer modo concorreram no commercio, no fôro, nas assembléas legislativas das provincias, nas camaras municipaes, e até no lar domestico, para o triumpho incruento da causa da abolição.

Collocar na sala das sessões o busto do nosso finado consocio Visconde do Rio-Branco,—voz poderosa e inextinguivel que ainda se escuta na lei n. 2,040 de 28 de Setembro de 1871—, e bem assim o do nosso consocio, tambem finado, Agostinho Marques Perdigão Malheiro que na sua obra—*A Escravidão no Brazil*—procurou lançar os fundamentos da extincção do captiveiro.

Assistir por uma commissão que ficou composta dos Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepaire Rohan, Cesar

Marques, Sacramento Blake, Garcez Palha, Pinheiro de Campos e Marques de Carvalho, á missa campal na praça de D. Pedro I.

Tomar parte por outra commissão que se compoz dos Srs. Escragnolle Taunay, Alencar Araripe, Aquino e Castro, Franklin Tavora, Cezar Marques, Severiano da Fonseca e Pinheiro de Campos, na marcha civica da imprensa fluminense.

Dirigindo-se ao paço de S. Christovão o Sr. Escragnolle Taunay, com os outros membros da commissão Srs. Beaurepaire Rohan, Alencar Araripe, Ribeiro de Almeida, Jaguaribe Filho e Severiano da Fonseca, congratulou-se na qualidade de orador com Suas Altezas recitando as seguintes allocuções:

« Senhora.—Perante a augusta Presença de Vossa Alteza Imperial Regente enviou-nos o Instituto Historico e Geographico Brazileiro afim de patentearmos o intensissimo jubilo que o domina pelo evento da nova éra iniciada a 13 de Maio deste anno de 1888 com a promulgação da Lei, que extinguio no Brazil a escravidão e fez cessar todas as consequencias dessa nefanda organisação.

« Pelo seu caracter, pela indole dos seus trabalhos, pela continua indagação do passado, está o Instituto nas melhores condições para apreciar e exaltar os resultados dessa grandiosa disposição legislativa que Vossa Alteza Sanccionou com adoravel sofreguidão e que corôou as mais legitimas e generosas aspirações nacionaes.

« A Vossa Alteza coube a ineffavel alegria e immorredoura gloria de dar solução definitiva ao temeroso problema, que tanto entenebreceu a magnanima alma de Vosso illustre pai, Sua Magestade o Senhor D. Pedro II,

consternou largos annos o espirito nacional e empeceu o progresso do Brazil, quer na ordem moral, quer na material.

« Vencido hoje está o tremendo empecilho e como que atirada aos fundos abysmos do esquecimento essa immensa rocha, que obstruia o caminho, pelo qual deve a Patria chegar aos mais altos destinos.

« Completa, inexcedivel fôra a nossa exultação, se a não annuviassem os receios, que pungem o vosso coração de filha, Senhora, e ainda ahi, mais do que nenhuma Associação, identifica-se o Instituto Historico com os vossos sobresaltos e a vossa dôr, pois elle vê no egregio Monarcha, presa de penosa e insistente enfermidade, mais do que um protector, um Pae tambem, de cuja solicitude e affeição tudo espera e tudo tem alcançado.

« Amparar-vos-hão os Céos, a vós, Senhora, e ao Brazil inteiro, salvando a preciosa vida do Imperador e consentindo que elle torne a pisar a terra natal, que tanto estremece e a que dedicou todos os momentos da sua longa e admiravel carreira magestatica.

« Ao manifestarmos estes sentimentos, que nos tumultuam na mente, vacillante entre o triumpho e a prostração, cumpre-nos dar execução a outra parte do nosso mandato, dirigindo-nos agora ao valoroso Principe, vosso consorte, o mais intimo participante das grandes agitações de Vossa existencia. »

« Senhor Principe.—Como guerreiro, a escravidão encontrou em Vós um dos mais resolutos e denodados batalhadores, e quando nos campos do Paraguay vossa espada deu os ultimos golpes ao edificio da tyrannia, levantado pela insensatez de um despota e a ignorancia

de um povo fanatisado, o vosso primeiro cuidado foi varrer daquella Republica a ominosa e secular instituição, que tambem a maculava.

Impossivel fôra que tão levantada e nobre iniciativa não tivesse influencia no acontecimento que ora engrandecemos, e é esta a razão que leva o Instituto a encarar na Vossa personalidade um dos valiosos factores do successo que ha de para sempre chamar as vistas da posteridade e angariar os seus applausos.

« Gloria! gloria! pois, a Vós, inclytos Principes, que sabeis e sabereis continuar as tradições do Senhor D. Pedro II e sois do Throno Brazileiro os mais valentes esteios, as mais seguras e firmes garantias. »

Já pela Secretaria do Instituto tinham sido endereçadas á Camara dos Deputados, ao Senado e ao Governo estas mensagens :

« Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.—Declarando extincta a escravidão neste Imperio, a Lei n. 3353 de 13 de Maio de 1888 constituiu, por assim dizer, os brazileiros em nova patria, alterou o curso dos nossos costumes, illustrou a nossa legislação, deu orientação nova á nossa historia ; e a Camara dos Srs. Deputados, collaborando com os demais poderes constitucionaes, e, antes destes, com as aspirações do povo brazileiro naquelle singelo e ao mesmo tempo immortal monumento, tornou-se merecedora das homenagens que lhe estão rendendo em uma successão de festas sem igual em nosso passado.

« O Instituto, pelo patriotismo a que a Lei de 13 de Maio deu novo brilho e pela parte que implicitamente lhe assignalou como instituição que estuda a historia,

congratula-se com esta Augusta Camara que elevou a Nação Brazileira ao logar onde se mostram os povos mais distinctos na comprehensão do progresso e da liberdade humana.—*Joaquim Norberto de Souza Silva*, Presidente.—*João Franklin da Silveira Tavora*, 1º Secretario.—Dr. *João Severiano da Fonseca*, 2º Secretario.—*Alfredo de Escragnolle Taunay*, Orador.—*Tristão de Alencar Araripe*, Thezoureiro.

« Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.—O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, dominado do mesmo sentimento a que ora se entrega, entre amplexos e congratulações, em plena paz, a Nação Brazileira inteiramente desopprimida da tristeza da escravidão, dirige ao Senado vivas saudações pela parte que tomou na Lei n. 3353 de 13 de Maio de 1888, cuja grandeza despertou esta immensa alegria nacional. —*Joaquim Norberto de Souza Silva*, Presidente.—*João Franklin da Silveira Tavora*, 1º Secretario.—Dr. *João Severiano da Fonseca*, 2º Secretario.—*Alfredo de Escragnolle Taunay*, Orador.—*Tristão de Alencar Araripe*, Thesoureiro.

« Illm e Exm Sr.—O Instituto Historico e Geographico Brazileiro congratula-se, na pessoa de V. Ex., com o Ministerio de 10 de Março deste anno.

« Desde o momento em que Sua Alteza a Princeza Imperial Regente em nome do Imperador, annunciou no discurso da Corôa,a proxima extincção da escravidão no Brazil, o Ministerio a que V. Ex. tão dignamente preside, tem sido alvo de honras publicas verdadeiramente triumphaes.

« Além do sentimento geral, encontra o Instituto

Historico motivo especial para alegrar-se com a homenagem tributada a vultos tão distinctos pelo amor da patria como pela intrepidez: elle vê nos dous pontos extremos do cyclo de 17 annos, dentro do qual se formou e definitivamente amadureceu o fructo da abolição do captiveiro no Imperio, dous estadistas que com seus nomes illustram os registros do Instituto — o Visconde do Rio-Branco, organisador do Ministerio de 7 de Março de 1871, e V. Ex., organizador do Ministerio actual, que penetra na immortalidade por ter collaborado com os demais poderes constitucionaes para a extincção do estado servil que escurecia o nome brazileiro ainda quando este se mostrava preclaro no patriotismo e na civilização.

«Deus guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. Conselheiro de Estado João Alfredo Corrêa de Oliveira, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro dos Negocios da Fazenda.— *Joaquim Norberto de Souza Silva*, presidente.— *João Franklin da Silveira Tavora*, 1º Secretario.— Dr. *João Severiano da Fonseca*, 2º Secretario.— *Alfredo de Escragnolle Taunay*, Orador.— *Tristão de Alencar Araripe*, Thezoureiro.»

O segundo acontecimento, comquanto tenha de ser trazido no gyro do tempo, deve pertencer em breve á historia do Brazil, e mais immediatamente aos annaes do nosso Instituto. E' o nosso Jubileu, para o qual se voltam as vistas de todos os que, reconhecendo os serviços prestados durante meio seculo por esta instituição, hostilisada por alguns, e mal julgada por outros, longe de se unirem a estes na sentença iniqua, esperam o momento da nossa remuneração de gloria para lhe darem vulto com o seu generoso concurso.

O pensamento da commemoração do nosso quinquagesimo anniversario foi manifestado na sessão de 23 de Novembro de 1887, pela seguinte proposta:

« Completando-se em 21 de Outubro proximo vindouro cincoenta annos da fundação deste Instituto, propomos que se nomeie uma commissão incumbida de apresentar em uma das primeiras sessões de 1888 o plano ou programma que lhe parecer mais apropriado á commemoração daquella data, sobre a base de serem representadas na solemnidade todas as provincias do Imperio. — *Franklin Tavora.*— *Augusto Fausto de Souza.*— Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.*»

Tendo o Instituto approvado unanimemente a proposta feita na sessão de 7 de Dezembro pelo Sr. Augusto Fausto de Souza, e Drs. Maximiano Marques de Carvalho e Cezar Augusto Marques, para que se participasse a todos os socios honorarios, effectivos, e correspondentes, residentes dentro e fóra do Imperio, a resolução tomada pelo Instituto, de celebrar o 50º anno da sua fundação, e de expôr os presentes que lhe fôssem feitos por essa occasião para a sua bibliotheca, archivo e museu, expediu-se a circular seguinte :

«Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 20 de Maio de 1888.—Illm. e Exm. Sr.—Em 21 de Outubro proximo vindouro completa o Instituto Historico e Geographico Brazileiro cincoenta annos da sua fundação.

«Para commemorar tão gloriosa data, resolveu, além da publicação de ineditos, que possue, e de memorias originaes de socios, realizar uma exposição das offertas, que, em honra do seu quinquagesimo anniversario, lhe

fôrem feitas pelos socios residentes dentro ou fóra do Imperio, para a sua bibliotheca, archivo e museu.

«Communicando a V. Ex. a indicada resolução, confia o Instituto que se dignará enviar até o ultimo dia de Agosto o presente com que quizer augmentar os seus repositorios, e que será recebido como prova muito distincta de apreço para com esta Associação, a cujo gremio V. Ex. pertence.

«Deus Guarde a V. Ex. — *J. Franklin S. Tavora*, 1º Secretario. »

Na mesma sessão propuzeram os Srs. Drs. Cezar Augusto Marques e Augusto V. A. do Sacramento Blake que a mesa do Instituto, eleita para o anno corrente, « empregue todos os seus desvelos, afim de que se conclua o catalogo das obras da nossa bibliotheca e esteja impresso para a solemnidade do 50º anno da fundação do Instituto. »

Taes são os primeiros passos para o jubileu que projectamos, estando outros ainda dependentes do programma de que ficou incumbida a commissão iniciadora.

Façamos votos intimos para que o dia da nossa festa nos chegue com favoraveis auspicios. Façamos votos para que neste anno de tanta alegria e de tanta gloria nacional, nenhum dos nossos companheiros esteja separado de nós pela molestia ou pela morte, quando, reunidos no seio da patria inteiramente livre, houvermos de consagrar o alto valor dos obreiros que, pelo espaço de cincoenta annos, mantiveram o culto em nosso templo, sem moeda metallica, e sómente movidos pela retribuição do renome.

O jubileu offerece ainda, além deste, outros dous aspectos summamente symphaticos.

Crear pelo exemplo novo incentivo aos operarios que chegarem depois delle, afim de que possam dar mais vastas proporções e mais bello estylo, de harmonia com o adiantamento e as correcções do tempo, ao edificio fundado em 21 de Outubro de 1838:

Erigir na columna semisecular da sua consagração a excelsa personnalidade do Monarcha cidadão, do Principe sabio, do Patriota insigne, do seu Protector immediato, S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, a quem devemos a maior honra de nossa convivencia litteraria, e a cuja vida o Instituto se sente intimamente ligado nos laços da gratidão e da admiração.

Rio de Janeiro em 31 de Maio de 1888.

FRANKLIN TAVORA.

DIARIO DA VIAGEM PHILOSOPHICA

PELA

CAPITANIA DE SÃO-JOSÉ DO RIO-NEGRO

COM A

INFORMAÇÃO DO ESTUDO PRESENTE

PELO DR. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

Naturalista, empregado na expedição philosophica do Estado.

(*Continuação do volume antecedente pag.* 141).

XVI

Gentios que habitam n'elle, pela ordem dos rios indicados no tit. XV

Note-se primeiramente, que os Manáos foram os gentios dominantes na parte inferior, assim como os Barés na superior ; donde vem, que estas são as duas linguas, que falam os indios aldeados, sendo cada uma d'ellas a a geral do seu districto. Dos primeiros escreveu o autor do *Roteiro*, que foram poderosos e valentes, ainda que antropophagos no estado da sua infelicidade, assim como ainda hoje o são os Uerequenas, e em outro tempo o foram quasi todos, exceptuados tam-sómente os Uaupés.

Que invadiam as aldeias dos outros gentios, situados nas margens do Rio-Negro e capitaneados pelo facinoroso principal Ajuricaba, subiam pelo Rio-Branco a vender os indios, que captivavam aos Hollandezes de

Suriname, com os quaes se communicavam, vencendo com jornada de meio dia o espaço de terra, que ha entre o Tacutú, e a parte superior do Ruponuri, que desagua no Esseguibo, e este no mar do norte.

Que emquanto á religião, criam com uma especie de manicheismo, que haviam dous deuses, um chamado Madâri, autor de todo o bem, outro por nome Sarauá, autor de todo o mal.

Que estes e todos os mais gentios do Rio-Negro não tinham signaes ou deformidades industriaes, á excepção dos das nações Uerequenas e Uaupé.

Que a todos era commum o uso do arco e frecha, e lanças envenenadas, e páos similhantes aos cuidarús, e tamaranas, que eram as armas da sua primitiva invenção.

Digo da sua invenção, porque o grande numero de armas de fogo, com que alguns d'elles, já pelo tempo adiante, faziam a guerra aos brancos e indios situados nas aldeias d'este distrito, foi sem duvida adquirido dos Europeus, dos quaes as houveram, ou por despojos de algumas sorprezas, ou por via de commercio, particularmente com os Hollandezes.

Ellas já eram tantas e tão vulgares, ao tempo que governava o estado o Sr. Christovão da Costa Freire, que da ordem, que, em forma de regimento, expedio na data de 17 de Julho de 1716 ao coronel José da Cunha d'Eça, encarregando de subir aos sertões dos rios das Amazonas, Negro, Solimões e Madeira, para prender o grande numero de soldados desertores das capitanias do Pará e do Maranhão, que nos referidos sertões se haviam refugiado, e n'elles commettiam impunemente muitas violencias e desordens, consta o disposto no 3.° paragrapho, pelo theor seguinte:

« E porque os indios da nação Manáos, Xapuenas e Matiuenas, tem grande numero de armas de fogo, com que tem feito algumas mortes, e se deve receiar, façam maiores absurdos, destruindo as aldêas dos indios domesticos, e matando alguns dos religiosos do Carmo, como já tem feito, que são os que tem a seu cargo as aldêas d'aquelle distrito, fará todo o possivel por resgatar algumas d'estas armas, de sorte que não faça damno aos

indios, nem lhes dê occasião a se levantarem, porque n'esta parte terá o maior cuidado e para fazer os taes resgates de armas, lhe mandará dar o capitão-mór Joseph Velho de Azevedo oitenta peças de machados e facões ; o que tudo se entregará ao sargento, que leva em sua companhia, Antonio Barboza, para dar conta d'estas peças de ferramentas, e do mais que se lhe entregar na fórma acima declarada ».

Passo a especificar os gentios. O asterisco * denota as nações desertadas, ou extinctas nos rios da sua habitação, como foram os gentios Tarumaz.

OS RIOS SÃO OS SEGUINTES

Ditos do norte

No rio Ananiné :
Os Aroaquiz.
No Jauapiri :
Ditos.
No Queceuene, ou Rio-Branco :
Os Paurauanas, ditos Aroaquiz, Paraués, Aturahiz, Pauxianas, Guayumazás, Tapicariz, Saparaz, Uajurus, Xaperús, Uapixanas, Sucuris, Jaricunas, Carapis, Uaicás, Macuxis, Caripunas, Amaribás, Arinas, Quiúaos, Pericôtos, e alguns Macus dispersos.
No Uaranacúa:
Os Uaranacuacenas * e Parauanas.
No Uaracá :
Os Quinánas *
No Uereré :
Os Carajahiz, e Uariúnas *
No Padauiri.
Os Omanáos, Uanaz, e Uariunas.
Nos riachos antes do Marauiá:
Os Manáos *
Dito Marauiá :
Os Curanáos * poderosos inimigos dos Manáos, e os Ujanas *
No Cauaburis :
Os Demacuris, Madauacás, e outros,

No Miuá :
Ditos Demacuris *
Nos riachos da fronteira :
Os Ariinis * e Marapitánas *, hoje Marabitenas.

Ditos do sul

Nos rios Jaú e Anani :
Antigamente os Caraiais, que foram expulsos e destruidos pelos Muras.
No Cauauri :
Os Cauauricenas * e Caraiais *
No Uarirá :
Os Manáos, que occupavam uma e outra margem do Rio-Negro, e dos rios seus collateraes, até a ponta inferior da ilha de Timoni, fronteira á barra do rio Xiuará.
No Mariá :
Os Mepuris e Macús.
No Curicuriaú :
Ditos, e mais os Maiapénas.
No Ucaiary, ou Uaupés :
Os Cojánas, Uaupés, Cuenacans, Arapassus, Mueinoz, Paicoénas, Aráras, Yauaras, Banibas, Ucayaris, Uananás, Cuduiaris, Cequénas, Cuereruis, Cueuanas, Burenaris, Mamangas, Panenuás e varios Macus dispersos.
No Içana :
Os Banibas, Tumaiaris, Turimaris, Dicánas, Puetónas, Urequenas e outros.
No Ixié :
Ditos Banibas, Xapuenas, Uerequenas, Mendós e e outros.

N. B.—Que nas povoações d'este rio estam encorporados com os indios das sobreditas nações outros muitos, que tem sido descidos de rios e sertões diversos.

O que aos olhos de todo qualquer espectador offerece uma admiravel variedade de objectos, com que entreter a sua curiosidade, emquanto os gentios pela civilisação, que se lhes introduz, se não uniformam ao methodo de pensar e de obrar, que observam nos indios aldeados.

Em uma só aldêa se falam tantas linguas diversas, quantas são as differentes tribus de gentios, que a povoam. A superstição de todas ellas, seus differentes costumes, extravagancia no vestir e em se ornarem, as suas festas e bailes, os seus instrumentos marciaes e festivos, as suas armas e utensilios domesticos, tudo isto apresenta um dilatado campo de observações, pelo qual não farei mais do que correr ligeiramente em ordem a deixar algum rasto, que indique a minha marcha.

SUPERSTIÇÃO

Ainda que ella tem um mando absoluto na maior parte dos pensamentos, e das obras dos gentios, não se póde comtudo asseverar tão decididamente como tenho ouvido, que elles nem pensam, nem obram cousa alguma, que lhes não seja suggerida pelo demonio. Os missionarios, que tem sido entre nós as pessoas encarregadas de espreitar as suas opiniões e praticas religiosas, desconfiam de tudo quanto os vêm falar e obrar, principalmente si entre os seus usos e costumes lá chegam a descobrir algum, que se lhes representa ser da maior veneração. Si se inclinam a desconfiar, já digo, em tudo quanto obram os gentios, não vêm sinão obras do demonio; si a concilial-os com o christianismo, passam de um a outro extremo: porque desde logo lhes atribuem idéas, que elles, sim, são capazes de adquirir, como os outros homens, porém que ainda não as tem.

E daqui procede estarem alguns dos ditos missionarios descobrindo em muitas acções dos gentios bem profundos vestigios dos mais sublimes misterios, interpretando a seu geito certas expressões e ceremonias, que elles não entendem, e transformando tudo quanto vêm, do que verdadeiramente é, para o que se lhes representa ser. E' certo, que entre os diversos principios da religião, que alguns d'elles professam, um d'elles é o de sustentarem, que ha deuses autores dos males, que affligem a especie humana. A estes representam os gentios debaixo de fórmas as mais horrendas; e todo o culto que lhes dam, o

dirigem ao fim de applacarem a colera d'estas terriveis divindades. Crêm como os antropomorphitas, que os seus deuses tem fórma humana, porém com uma natureza superior á do homem; e sobre as qualidades e operações d'estes deuses, imaginam fabulas as mais absurdas e incoherentes que se podem imaginar.

Mas estes mesmos nenhuma fórma tem de culto publico, não erigem templos em honra das suas divindades, não tem ministros especialmente consagrados ao seu serviço; porque os pagés, que são os seus feiticeiros e sacerdotes, tambem são os medicos, os philosophos, e os estadistas de cada tribu. O enthusiasmo suppre a sciencia do feiticeiro. Os gentios faceis em crer tudo quanto lhes parece maravilhoso, pelo temor em que os põe o seu sacerdote, se dispoem a estar pelo que lhes elle diz; esplica-lhes os sonhos, observa os presagios, e intima-lhes a attenção ao canto, e ao vôo das aves, e aos gritos dos outros animaes.

Todos estas circumstancias (lhes adverte) são prognosticos do futuro, e si de alguma d'ellas pronuncia, que lhes é desfavoravel, não se executa o que estava deliberado.

COSTUMES

Falo dos moraes; entre os quaes além de ser impia a antropophagia, que ainda hoje praticam os Uerequenas, é igualmente impio o comportamento de quasi todos os gentios pela occasião da guerra.

De outros muitos gentios se conta, como eram os Ingaibas, Tapixaras, e Mamaianás, que na occasião do conflicto, e nos transportes do seu maior furor, mordiam as carnes dos cadaveres dos inimigos, e abocanhavam algumas d'ellas; tocavam á chamada, e festejavam a victoria com gaitas das tibias das pernas dos vencidos; bebiam e davam a beber agua, e os seus vinhos em craneos serrados, e raspados á maneira das suas cuias; esfolavam e rompiam os cadaveres, arrancando-lhes os dentes, para d'elles fazerem as suas gargantilhas; cortavam-lhes as cabeças para as pendurarem como tropheos, pelas paredes

das suas palhoças ; porém todas estas barbaridades, que todos elles commettem, durante o furor da guerra, são as que o Uerequena pratica de sangue frio com os prisioneiros, que applica para o seu sustento, longo tempo depois de concluida a guerra.

Viram em outro tempo os cabos das nossas tropas, que elles tinham curraes de gentios prisioneiros, assim como nós os temos de gado para os açougues. D'elles se conta o mesmo que de outras muitas nações d'America se escreve, que praticam o extraordinario costume, de em algum d'elles chegando ou a envelhecer, ou a padecer alguma d'aquellas enfermidades, que a sua grosseira medicina não sabe remediar, os mesmos pais e filhos tem o cuidado de lhe antecipar a morte, não só para se alliviarem a si do fardo de tratar d'elles, durante a impertinencia da molestia, mas tambem para o alliviarem a elle das dôres e tormentos que passa, emquanto se lhe retarda a morte, que é a porta, que se lhe abre para escaparem das miserias da vida.

Eis aqui um rasgo de piedade entre elles, que entre nós é uma impiedade. Por este se póde julgar dos outros costumes, com relação ás virtudes da continencia, da sobriedade, da mansidão, da honestidade, etc.

VESTIDOS E ORNATOS

Parece (diz o Inglez Robertson), que a mesma natureza se descuidou de ensinar aos d'esta parte da America quanto lhes era indecente o aparecerem nús. Porém como elles, debaixo de um céo benigno, nenhuma necessidade sentem de reparar as suas carnes contra as injurias do tempo, antes a sua mesma indolencia os convida a pouparem-se a toda qualquer especie de trabalho, que lhes não é ordenado por uma extrema necessidade; todos ou quasi todos se deixam ficar no estado de uma quasi absoluta nudêz. Contentam-se com umas ligeiras tangas da entrecasca de alguma arvore, si é, que se querem dar á mortificação de trazerem cobertas as partes vergonhosas.

Pelo que n'elles se observa, bem se póde, quanto ao principio e progressos que tem feito entre os homens a arte de vestir e de trajar, subir desde a sua infancia até o seu estado actual, discorrendo que os homens primeiramente andaram todos nús; pouco depois trataram de cobrir sómente as suas partes vergonhosas; donde se originaram as tangas, em que uma experiencia, e gosto mais tardio foi aperfeiçoando a materia e a fórma. Cresceu o desejo, e em alguns paizes os obrigou a necessidade a reparar os seus corpos, passando elles a usar de roupas abertas, que primeiramente as fizeram de folhas, e depois das entrecascas das arvores; e pelo tempo adiante das penas das aves, e das peles dos outros animaes.

Fecharam-se ainda mais tarde as roupas, principiando em fórma de casulos, abertas pelos lados, e sem mangas; donde foram tomando por um longo lapso de tempo os feitios e as materias, de que hoje as fazem, depois que conheceram a lan, o linho, o algodão, e a seda; e depois que a arte ensinou a conhecer, cultivar, recolher, preparar, fiar, e tecer cada uma d'estas substancias; de lhes embellesar a materia se encarregaram os tintureiros, os bordadores, e outros artistas; com a mera fórma se occuparam os alfaiates, proporcionando-as, cortando-as, e cozendo-as segundo o gosto e a necessidade dos homens.

Os mesmos gentios, ainda que andam nús, nunca dispensam os ornamentos e enfeites, com que ornam os braços, as pernas, e os cabellos; trazendo penduradas n'elles, ou algumas folhetas de metaes, ou fragmentos de conchas, de cristaes, de palhas, que tambem trazem pendentes nos narizes, nos labios e nas orelhas.

Outros desenham na pele uma multidão de listras e de figuras diversas, custando-lhes estas pinturas muitas dôres, muito tempo, e muito trabalho. Outros andam sempre tintos de urucú ou carajurú; assim como dos antigos Bretões se escreve, que se tingiam com o pastel, para assim incutirem maior terror ao inimigo, e tambem apresentarem as suas pessoas em um ar mais bizarro. Na memoria de 20 de Fevereiro de 1787, sobre os gentios

Jurupixunas, fiz menção do costume, que elles tem, de pintarem a face em differença dos outros.

Porém outros ha, que não são os do Rio-Negro, porque d'elles já disse, que, exceptuados os Uerequenas e os Uaupés, nenhum mais praticava diformidades industriaes, não só se esmeram em adquirir, e aperfeiçoar os seus poucos ornamentos, mas tambem sentem um peso e inclinação natural a alterar as fórmas naturaes de seus corpos.

Os antigos Cambébas, como eu já escrevi na memoria a que elles deram assumpto, datada em 17 de Setembro do referido anno, imprensavam entre duas talas as cabeças das crianças, para se fazerem chatas, outros lhes davam uma figura conica, e outros quadrada. O Uerequena, como deixo escripto na memoria de 29 de Agosto, rasga, e distende as extremidades das orelhas. O Mura, como tambem escrevi na memoria de 30 do mesmo mez, e outros muitos gentios furam ambos os labios, e trazem introduzidos nos furos, ou os batoques, os quaes parecem marcas de coquilho, ou fragmentos de ossos e de pedras. Os Mauás, como fica explicado em outra memoria, tambem de 20 de Fevereiro de 1787, andam sempre espartilhados á imitação das damas da Europa.

Para se adquirirem similhantes fórmas, arriscam as suas vidas, e as de seus filhos, fazendo-os logo passar desde o berço pelos mais dolorosos transes, não se dirigindo elles a outro fim mais do que ao desordenarem o plano da natureza, debaixo do vão pretexto de aperfeiçoarem as suas obras. Porém o certo é, que o principal fim a que tendem estes differentes caprichos não é tanto para embellezarem os seus corpos, quanto para lhes darem um ar impostor, que com a sua presença e diformidade aterre o inimigo.

BAILES

Esta é a paixão favorita dos selvagens d'esta parte do globo. Assim escreveu na sua *Historia da America* o citado inglez, e eu o tenho observado, ha tres annos, nos gentios de dentro e de fóra d'este rio. Sendo elles por natureza uns verdadeiros quietistas, que a maior parte do

seu tempo a consomem em um estado de lanquidez e de indolencia ; sem occupação alguma que os possa animar e entreter, quando cessam as guerras e as caçadas, gostam de um exercicio, que lhes põe em acção as faculdades activas da natureza.

E' verdade, que entre elles a dansa se não deve chamar divertimento, antes é uma occupação muito séria e importante, que se envolve em todas as circumstancias da sua vida publica e particular, e de que depende o principio, e o fim de todas as suas deliberações. Si é necessario entenderem-se entre si duas aldeias, dansando é que se apresentam os embaixadores, e entregam o emblema da paz. Si se declara a guerra ao inimigo, por outra dansa é que de parte a parte se principia a esprimir o seu resentimento e a vingança que se medita. Então esta dansa é uma verdadeira scena, em que se representa a campanha dos gentios.

Parece, que se está vendo a sahida do exercito, a sua marcha pelo paiz do inimigo ; as precauções com que acampa ; a ardileza com que se vão emboscando alguns destacamentos ; o modo de sorprender o inimigo ; o tumulto e a ferocidade do combate, e o triumpho da victoria. Os actores, que figuram na scena, correm a occupar os seus postos com tanto calor e enthusiasmo, com tantos gestos e visagens, e com as vozes tão promptas e apropriadas á rapidez e á celeridade das suas evoluções, que aos Europeus, que presenceiam o baile, custa bem a crer, que aquella é uma mera scena de ensaio, e não um combate real.

Si se trata de consultar os oraculos, para se lhes revelar o misterio, que indica alguma fome geral, alguma inundação repentina, alguma praga de ratos, ou de formigas, que lhes devoram as roças, algum canto das aves, ou grito dos animaes de seu agouro, o pagé ou o feiticeiro dispõe a dansa ; e d'ella e das differentes cousas que pede em nome do oraculo (que sempre são as que elle deseja para si) faz depender a revelação do misterio.

Si adoece algum d'elles, como os seus pagés attribuem a origem das enfermidades á influencias sobrenaturaes,

elles mesmos prescrevem certas ceremonias misteriosas, em que fazem consistir o remedio do enfermo. N'este sentido a dansa é um dos mais efficazes medicamentos, que lhe receitam similhantes medicos, e si o doente não póde supportar a fadiga do exercicio, o seu medico a suporta por elle.

Emfim si elles querem applacar a colera dos deuses (que nunca estam bem com os gentios,quando elles estam mal com os seus pagés, ou quando se descuidam do seu sustento e regalo) ; si pretendem celebrar algum dos seus beneficios, ou testimunhar a sua alegria pelo nascimento de algum filho, de algum parente, de algum amigo, ou a sua tristeza e enojo, pela morte de algum d'elles ; si tratam de festejar algum casamento, ou mesmo a declaração do menstruo em suas filhas, pela primeira vez que são assistidas ; si celebram alguma grande caçada,ou pescaria, alguma colheita de fructos da sua estimação, para os seus vinhos e bebidas ; elles tem dansas e farças proprias, para significarem os differentes motivos da sua alegria ou tristeza. Si a caçada, por exemplo, foi bem succedida,conforme é a especie do animal, que elles caçaram, assim é a mascara, que fazem para o baile.

O festejo por causa de uma bôa caçada de porcos, se faz com uma mascara, que representa a cabeça de um porco.

O da pescaria de um peixe boi, com outra mascara que o representa. Veja-se a este respeito a memoria de 31 de Agosto de 1787.

Uma dansa ha tão barbara, que toda a ceremonia consiste em se flagelarem uns aos outros com azorragues, ou de corda de pita, ou de couro de peixe boi, os quaes tem appenso na extremidade algum solido que fira, como osso ou pedra, flagelando-se com elle, até ficarem esvaidos em sangue, segundo eu já expliquei em outra memoria de 13 de Fevereiro de 1786, onde fiz menção do uso dos instrumentos, e da festa chamada do paricá.

INSTRUMENTOS MARCIAES E FESTIVOS

Sãs os trocanos, tamborinhos, trombetas, torés, membis, gaitas feitas de canna, de ossos de animaes, e de bicos das aves ; cascaveis nos pulsos, nos joelhos, e nas tabocas que lhes servem de bengalas, com que batem no xão, e determinam o compasso das dansas ; o que tudo produz uma musica horrisona aos ouvidos, sem harmonia qualquer que ella seja, ou instrumental ou vocal. Porém ella não é a que mais os inflamma, e anima para a dansa, porque o espirito d'ella é o dos licores fortes, cujo abuso faz que não haja baile, que não seja uma verdadeira bacanal.

Como ignoram a arte, que tem os Europeus de dar aos licores pela fermentação uma força de embebedar, obtem o mesmo effeito por differentes meios. Lançam de infusão em agua grandes quantidades de uns bolos chatos de mandioca (a que chamam beijús) depois de mastigados pelas velhas. A saliva excita n'elles uma fermentação vigorosa, e dentro em poucos dias fica um licor de um sabor e furtum forte para a sua bebida.

As mulheres por nenhuma fórma são admittidas á dansa ; antes bem se póde guardar de ser vista a que fôr espreitar, porque corre risco de pedir o pagé que a matem. Com os movimentos e agitações dos corpos, durante o baile, mais se refina a crápula, e para não cahirem de todo, em elles principiando a cambalear, encadeiam-se uns com os outros, abraçando-se pelos pescoscos. Em similhante estado é, que elles commettem as maiores perfidias e impiedades ; e é certo, que rara é a dansa, que acaba sem effusão de sangue. No entanto elles só deixam de beber, em se lhes esgotando a ultima gota dos seus vinhos.

SUAS ARMAS

Ellas nos fazem reflexionar, que as primeiras armas offensivas foram sem duvida as que ministrou o acaso, e que os primeiros esforços da arte para as aperfeiçoar, foram muito simples e grosseiros.

Isto se vê n'essas pequenas massas de páo pesado, a que se dá o nome de braçangas, as quaes são as suas armas curtas, que contundem, e cortam como os sabres; as lanças de madeira simples, ou tostada ao fogo, para lhes communicar maior dureza; e os piques armados na ponta ou com algum fragmento de ferro, ou de pedra, ou de osso aguçado, aos quaes, segundo a sua differença, se dão os nomes de murucús, e cuidarús. Porém todas estas só servem para combater de perto. Os homens escogitaram depois um meio de offender de longe.

A esta idéa se deve a invenção dos arcos, e das flechas, que ou são simplesmente umas flechas com alguma ponta de madeira aguçada ou de taquára, ou são hervadas, e tomam o nome de curahis.

Tambem se devem as palhetas e as zarabatanas, que, depois das flechas, foram as segundas armas de tiro, que então se inventaram, e que ainda hoje são as unicas, que possuem os povos, que vivem na infancia da sociedade.

A funda comtudo não é conhecida entre estes gentios. Com as sobreditas armas fazem a guerra; e ella, segundo a contemplou o citado Robertson, offerece para se contemplarem:

I Os motivos para ella
II A ferocidade com que a fazem
III A perpetuidade em que a conservam
IV O modo de a fazerem
V A conducta com os prisioneiros.

Quanto aos motivos, é certo que um d'elles costuma ser o da usurpação dos fructos, das caças, e dos pescados dos rios, e das terras do territorio alheio. Cada aldêa se julga independente da outra, que confina com ella; e sobretudo quanto ha no territorio immediato ao da sua situação, se attribue um direito inteiro e exclusivo, que a autoriza, pelo titulo de possuidora, a repellir com a força a usurpação que se lhe faz. Porém tambem é certo, que a idéa da propriedade não é o mais frequente, nem ainda mesmo o mais forte de todos os motivos, para as suas continuas hostilidades.

O espirito de vingança é o maior de todos, ou seja

que elles se arroguem com preferencia aos outros uma indisputavel elevação, que atiça a inveja e a emulação dos vizinhos, ou que tenham recebido alguma injuria e lesão, a diuturnidade do tempo lhes não risca a lembrança d'ella.

Ainda que a injuria não tenha sido feita a todos, basta, que um só a receba, para que o odio e o resentimento de todos seja tão implacavel como o do individuo offendido.

O desejo de se vingarem é tão cégo e abrutado como o das feras ; mordem as pedras, que se lhes atira, e as retorquem contra o mesmo que as atirou ; arrancam de seus corpos as frechas, que os atravessam, e com ellas fazem tiro ao inimigo, cortam as cabeças dos mortos, e fazem outras barbaridades, donde se póde inferir a ferocidade das suas guerras. Elles não as fazem para conquistar, mas sim para destruir ; matar e queimar tudo, é a sua maior gloria militar.

Consultados os pagés e os velhos, o principal da nação dirige em chefe o exercito, isto é, quanto ao fim de pelejar ; porque quanto aos meios e á disciplina, cada soldado é senhor de si e das suas acções. Porém como elles tem de encontrar durante a sua marcha innumeraveis obstaculos, que vencer, tendo de atravessar grandes rios e lagos, de penetrar matas horriveis ; de lhes faltarem os viveres para municiar de boca a um grande exercito ; o espirito de providencia os conduz a marchar para a guerra em pequenos corpos ligeiros e desembaraçados dos impecilhos das bagagens ; e cada soldado não leva mais que as suas armas, e um pequeno saco ou de farinha de mandioca, ou de beijú, ou de milho ; porque de caminho vai caçando ou pescando, até se approximar ás fronteiras do inimigo; sorprendel-o, e destruil-o, é todo o seu ponto : e como as caçadas, que fazem na paz, são os exercicios para a guerra, do mesmo modo que elles rastejam a caça, assim entram a rastejar uns aos outros.

Para melhor se disfarçarem no mato, e se equivocarem com as folhas e com os troncos das arvores, pintam-se e vestem-se differentemente : não deixando precaução por applicar, em ordem a não serem presentidos. No caso

de terem essa felicidade, estam conseguidos os seus fins; porque no silencio da noite investem de tropel a aldêa do inimigo; queimam-lhe as suas palhoças, e conforme a ferocidade e o costume dos vencedores, assim matam tudo, ou reservam alguns prisioneiros.

O Mura emquanto se não domesticou, só a algum rapaz dava quartel e geralmente ás mulheres. O Uerequena a todos reserva para se sevar nas suas carnes. Os que os reservam para serem escravos, são os mais humanos de todos elles. Miseraveis porém d'aquelles que ficam reservados, para beberem a morte pelo mais amargoso calix, que lhes prepara uma implacavel vingança. Ella excogita, e faz dar a seus corpos ambas as especies de tortura ordinaria e extraordinaria, uns os espetam com páos, com ossos, e com pedras ponte-agudas, e em brasa; outros lhes cortam e dilaceram as carnes.

Alguns lhe descarnam os ossos; e no meio de todo este terrivel espectaculo duas cousas (reflecte o mesmo Inglez) excitam o pasmo de quem as ouve ou as vê: 1.ª outro nenhum temor limita a colera do vencedor, si não o de abreviar a duração da sua vingança, si elle der a morte ao vencido, mais breve do que ella pede; 2.ª que quanto mais atormentado é o vencido, tanto mais digno se julga elle da alta dignidade do ser do homem; antes o abreviar elle mesmo a sua vida, para encurtar os seus tormentos, seria uma nota de infamia, com que deixaria manchada a sua familia.

UTENSILIOS DOMESTICOS

São algumas panellas feitas á mão, das que se chamam igaçabas; redes para dormir, a que se dá o nome de maqueiras, e são de fio de folhas da palmeira muriti; cabaços, cuias, balaios, gurupemas, tipitis, abanos, ralos, e todo o mais trem precioso para fabricarem os beijús e as farinhas de mandioca. As pedras mais duras, depois de levigadas, lhes servem de machadinhas; os dentes das pacas e das cotias são as suas goivas e formões: faltam-lhes as ferramentas, e todos os mais subsidios da arte.

Comtudo não se admirará por certo a simplicidade de similhantes utensilios, si se reflectir, que os esforços do espirito e da industria dos povos, que em nenhuma outra cousa se exercitam, sinão na guerra e na caça, só a estes dous objectos se limitam. Como todo o seu sustento e vestidos são muito simples, tambem os seus utensilios são poucos, e esses mesmos grosseiros. Accresce, que entre elles nenhuma idéa ha de propriedade; tudo é para todos. Basta, que um dos do rancho tenha feito um ralo, para todos entrarem em direito de se servirem d'elle.

A sua indolencia natural é outro obstaculo, que encontra a multiplicidade dos moveis, e o mechanismo, e a conveniencia da sua construcção.

Principiam friamente a fazer uma maqueira, continuam com pouca actividade, e como si fossem umas crianças, qualquer bagatella basta para os distrahir.

Uma canoa entre as suas mãos chega a apodrecer de velha, antes de a elles concluirem, e n'este descuido de si mesmos, uns se distinguem mais do que os outros. De entre todo o gentio o Mura é o que menos se trata e se alinha: os seus mesmos ornatos são muito grosseiros.

As redes, em que dormem, são meras febras das entrecascas das arvores. A sua vida é de corso; os seus estabelecimentos são volantes e incertos. Os homens sómente usam de umas tangas, ou saiotes de fio das folhas das palmeiras; as mulheres andam todas nuas.

XVII

Fortalezas que o guarnecem

1°

Dita da Barra, por ter sido erigida na margem boreal da sua foz; ainda que na distancia de duas leguas, acima da sua ponta inferior, na latitude de 3.° e 9.' ao polo do sul e na longitude de 317.° e 28'. E' um reduto de pedra e barro, o qual ao dia de hoje se acha tão arruinado, que

até por essa razão se mandou já desguarnecer da artilharia, que tinha. (Participação VI da segunda parte)

II

Castello da villa capital de Barcellos; situado na margem meridional, em distancia de 71 leguas da foz do rio, na latitude austral de 58' e 11'' e em 314° e 42' de longitude oriental á ilha do Ferro. A differença da longitude, que ha entre a dita villa e a capital do Pará, exprimida em tempo, é de 1 hora; em gráos são 15; em leguas, de 20 em gráo, são 300; de andamento do rio são perto de 400.

Não tem obra alguma de fortificação, pela qual mereça similhante nome: porque em cima do plano que corre pela frente da villa, no qual estam acestadas para o rio seis peças de ferro do calibre 6, montadas nas suas carretas, sobre plataformas de madeiras, não ha parapeito algum, ou outro qualquer genero de reparo, para defensa da guarnição. (Participação I da segunda parte)

III

Fortaleza de São-Gabriel das Cachoeiras, que é outro reduto de pedra e barro situado no vertice da colina, que domina pela margem boreal a garganta da cachoeira do Crocobi, na distancia de 106 leguas acima da villa capital, e na latitude de 5' ao sul, com a longitude de 309° e 56'. Tem 10 peças de ferro montadas nas suas carretas, a saber, seis do calibre de 4, e quatro do calibre $^1/_2$. (Participação V da primeira parte)

IV

Dita de São-José de Marabitenas; que é a frente sómente de um quadrado fortificado, sobre a margem austral; a qual do Uaupés para cima até ao canal do Caciquiari verdadeiramente é a occidental do rio.

Estam erigidos os dous baluartes da frente, e a cortina que os fecha, tudo construido de madeira com uma estacada aguçada, que fecha os lados, e a retaguarda pela qual sae fóra um redente, que tambem é feito de estacas; na distancia de 42 leguas a cima da fortaleza de São-Gabriel, e na latitude boreal de 1° 22' 30''. Tem 8 peças montadas,e 2 canhões dos calibres de 2, 3, 4 e 6. (Participação VI da primeira parte).

N. B.—Que ainda que o corpo inteiro da tropa paga, destinada para a guarnição da capitania,tem sido de 150, 200 e 300 praças, destacadas dos dous regimentos da capitania do Pará, um da guarnição da cidade, com farda azul, bandas e golas amarellas, agaloadas de prata; outro da praça de São-Joseph do Macapá, com bandas e golas encarnadas agaloadas de ouro. E ainda que com as ditas praças se guarnecem os destacamentos de São-Francisco Xavier da Tabatinga no rio dos Solimões, e de Borba na foz do rio da Madeira; e o de São-Joaquim na parte superior do Rio-Branco.

Em os quatro destacamentos de dentro do Rio-Negro não se empregam mais do que 100, que fazem a sua guarnição ordinaria; além de uma companhia de infantaria auxiliar, privativa d'elle, com fardas brancas, bandas e vestias encarnadas, agaloadas de ouro; assim como o dos Solimões tem outra com os mesmos uniformes, ambas de 100 praças cada uma, incluidos os seus respectivos officiaes, segundo o ordenou V.Ex. em carta, que dirigio ao governador defunto, na data de 27 de Fevereiro de 1875.

XVIII

Povoações

Contam-se 26 por todas; entre as 3 villas, que ha, 9 lugares e 14 aldêas, a saber: na margem austral da parte inferior do rio, estam as villas de Moura, capital de Barcellos, e dita de Thomar. Tambem estam os logares de Airão, Carvoeiro, Poiares, Moreira, e Lamalonga. Foram erigidas em villas e lugares pelo Illm.

e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em observancia das reaes ordens de Sua Magestade, quando, pela lei de 6 de Junho de 1755, mandou reduzir as aldêas dos indios a uma nova fórma de povoações civis e decorosas ; o que realmante executou no anno de 1758.

Póde-se já hoje considerar, como um novo lugar da mesma margem, porém do distrito da parte superior o de Nossa Senhora do Loreto de Macarabi, depois que em de 20 de Março de 1786 representou V. Ex. ao Illm. e Exm. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, governador e capitão-general do estado, a necessidade que havia de vigario destinado para elle; ao que o dito Exm. Sr. general do estado, de acôrdo com Sua Ex. Revm. Senhor D. Frei Caetano Brandão, bispo do Pará, annuio em resposta de 8 de Maio do mesmo anno. O ultimo lugar fica annexo á fortaleza de São-Joseph de Marabitenas.

Na outra margem do norte ha mais dous lugares annexos um á fortaleza da barra, e outro á de São-Gabriel da parte superior. Principia a dita parte superior desde a povoação de Santa-Izabel para cima, e pela margem do norte, onde ella está situada, continuam as outras aldêas de Santo-Antonio do Castanheiro-Novo, immediatamente superior a foz do rio Abuará das Caldas, na foz do rio dos Cauaburis, São-Pedro, São-Joseph, São-Bernardo do Camanáo, Nossa Senhora de Nazareth, São-Miguel e São-João Baptista do Mabé.

Pela austral do referido distrito contam-se as aldêas de São-João Nepomuceno do Camundé, pouco inferior á foz do rio Mariá, São-Joaquim do Cuanena, foz do rio dos Uaupés, São-Filippe, pouco abaixo, e Nossa Senhora da Guia, pouco acima da foz do rio Içana, e São-Marcellino na foz do rio Ixié. As outras duas aldêas de Santo-Antonio do Castanheiro-Velho e de Sant'Anna estam hoje desertas ; a primeira desde a mudança, que fizeram os seus moradores, para a margem austral, aonde situaram a nova aldêa de Santo-Antonio do Castanheiro-Novo ; e a segunda depois da diligencia, que se fez em reconhecimento do rio dos Uaupés.

XIX

Habitantes

São brancos, indios, e pretos, com a differença porém que

(*a*) Os brancos

Ou são Europeus, ou Americanos. Os primeiros pela maior parte fôram soldados da diligencia da demarcação passada, aos quaes então, e pelo tempo adiante, se deram as suas baixas, para se casarem com as indias, e por conseguinte e estabelecerem as suas casas, introduzindo e augmentando na nova capitania a população, a agricultura, o commercio, a navegação e as manufacturas.

Entre os que se casaram, e se estabelleceram acharam-se oriundos de todas as seis provincias de Portugal; porém particularmente das Entre Douro e Minho, Traz os Montes, Alentejo e Algarve. Aos quaes se podem ajuntar alguns ilhéos. Os segundos ou são das outras capitanias do Brazil, e em particular da do Maranhão, ou filhos dos primeiros. A uns e outros por differentes modos significou Sua Magestade quanto era do seu real agrado e vontade, que se casassem com as indias, como se deixa vêr das ordens e declarações seguintes.

Ordenou no § 5 da carta régia, da creação da capitania, datada de 3 de Março de 1755, que os officiaes da camara da villa capital tivessem e gozassem os mesmos privilegios que tinham, e de que gozavam os das camaras da cidade do Grão-Pará, com a declaração que os officios de justiça da dita villa não seriam dados de propriedade nem de serventia a quem não fôsse morador n'ella, preferindo os que fossem casados aos solteiros, para as propriedades e serventias dos ditos officios.

Declarou no alvará de 4 de Abril do mesmo anno, que os vassallos do reino e da America, que se casassem com as indias, não só não contrahiriam infamia, ou baixeza alguma, mas antes se fariam por isso dignos da sua particular attenção, porque seriam preferidos nas terras, aonde

se estabelecessem, para os logares e occupações, que coubessem nas graduações de suas pessoas e de seus filhos e descendentes, os quaes dava por habilitados para todos os empregos, honras e dignidades.

Ordenou nos §§ 88 e 89 do directorio, confirmado pelo alvará de confirmação de 17 de Agosto de 1758, que, visto que entre os meios mais proporcionados para se entreter a união e sociedade civil, nenhum era mais efficaz do que procural-a por via de casamentos, applicassem os directores toda a efficacia do seu zelo em persuadir a todas as pessoas brancas, que assistissem nas suas povoações, que os indios tanto não eram de inferior qualidade a respeito d'ellas,que pelo contrario,dignando-se o mesmo Senhor de os habilitar para todas as honras competentes ás graduações dos seus postos, consequentemente ficariam logrando os mesmos privilegios as pessoas, que casassem com as ditas indias.

Para se não malograrem estes virtuosos objectos, que Sua Magestade foi servido ter presentes, muito cooperou o zelo e a fidelidade, com que o servio o Exm. Sr. Francisbo Xavier de Mendonça Furtado.

Porque tendo Sua Ex., em carta de 21 de Junho de 1758, confiado aos officiaes do senado da camara de Barcellos, os quaes S. Ex. havia acabado de nomear, por provisão de 6 de Maio do dito anno, a proposta de tres pessoas das mais distinctas,e capazes do posto de capitão-mór, para uma d'ellas governar as ordenanças da villa, e sendo-lhe por elles propostos o capitão João Nobre da Silva, o sargento-mór Francisco Xavier de Andrade, e Agostinho Cabral de Souza ; no dito posto nomeou por carta patente de 10 de Agosto do mesmo anno, ao capitão da ordenança João Nobre da Silva, assim pelo seu honrado procedimento, como por ter casado com a india D. Thereza de Mendonça Mello, filha do principal Manoel Gama.

De ordem do mesmo senhor se estabeleceu pela fazenda real, para os soldados ou outros quasquer brancos, que casassem com indias, o donativo de um machado, uma fouce, um ferro de cova, uma enxada, uma peça de bretanha e sete varas de linhagem, ou estôpa. O

Exm. Sr. Fernando da Costa d'Atahide Teive o recordou e confirmou em carta de 6 de Março de 1772, expedida ao governador defunto o senhor Joaquim Tinoco Valente. Este o restringio áquelles tamsómente que se casassem pela primeira vez, como consta da carta de 12 de Maio do dito anno, dirigida ao doutor provedor da fazenda real Antonio Joseph Pestana da Silva. Ultimamente V. Ex. o revogou, e abolio em carta de 16 de Maio de 1775, expedida ao doutor provedor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio.

A primeira das tres representações, que na real presença de Sua Magestade puzeram os officiaes da camara, que serviram no anno de 1783, foi, que, tendo sido muito recommendados pelo augusto, piisimo, e sempre memoravel monarca, dignissimo pai de Sua Magestade, os casamentos dos seus fieis vassallos brancos com indias, essa recommendação tivera o seu devido effeito, desde a primeiro fundador da capitania, até ao governador Fernando do Costa de Atahide Teive.

E como em execução do novo regulamento se prohibia aos soldados (que eram os unicos brancos que mais frequentavam este paiz) o casarem-se; e os filhos dos moradores, em chegando a idade competente, eram logo puxados para a praça, por cujo motivo se achava esta capitania em total decadencia. podendo aliás ser ella uma das mais florentes colonias, si tivessem com quem casassem as suas filhas, de modo que se não vissem obrigados a retroceder, podendo elles adiantar-se, supplicavam a Sua Magestade, que lhes fizesse a mercê de mandar, que a todo o soldado, que se ajustasse a casar com suas filhas, não só se não embaraçasse, mas tambem se lhe mandasse dar a sua baixa, para assim poderem todos tratar mais livremente dos seus estabelecimentos e lavouras.

Ao que deferio Sua Magestade em aviso de 8 de Maio de 1785, expedido ao Exm. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, e por Sua Ex. foi participado ao governo interino, em carta de 3 de Janeiro de 1786, que, sendo muito conveniente promover quanto fôsse possivel os casamentos, não o era isentar os soldados do serviço militar. D'esta fórma já hoje continuam mais friamente os

casamentos dos brancos com as indias. (Supp. letra A.) Do ajuntamento d'elles com ellas procedem os mamelucos, e com as pretas, os mulatos.

(*b*) Os Indios

Ou são descendentes dos gentios apontados no titulo XVI, os quaes foram praticados, descidos, e aldeados pelos brancos, ou são ainda gentios modernamente descidos para as povoações, porém n'ellas não ha indios tam sómente descidos dos sertões d'este rio; porque os das nações Jurupixuna, Passé, e outros, são de outros rios e sertões diversos.

Todos foram declarados e confirmados livres pela lei de 6 de Junho de 1755, que recordou, para terem a sua inteira e fiel observancia, as tres bullas dos summos pontifices Alexandre VI, Paulo III, e Benedicto XIV, e não menos do que as oito leis* publicadas sobre esta materia, pelos Srs. reis predecessores de Sua Magestade, das quaes fiz expressa menção na partecipação IV da primeira parte; havendo Sua Magestade por bem de na dita lei de 6 de Junho restituir aos indios do Grão-Pará e Maranhão a liberdade das suas pessoas, bens, e commercio, pela fórma que n'ella se declarou, que, para que nem os moradores brancos, e outros deixassem de achar, quem lhes fizesse as suas obras, e lhes cultivasse as suas terras; nem os mesmos indios deixassem de perceber as conveniencias, que de se applicarem ás referidas obras e serviços lhes poderiam resultar, em interesse reciproco de uns e outros, estabelecesse o governador e capitão general do estado, em junta dos ministros letrados da capital, e de acôrdo com o governador, e ministros da cidade de São-Luiz do Maranhão, e das duas respectivas camaras, os jornaes competentes para se elles alimentarem e vestirem, segundo as suas differentes profissões, conformando-se quanto fôsse possivel com o que a este respeito se praticava no reino de Portugal, e nos outros da Europa.

De forma que os referidos jornaes seriam pagos por ferias nos sabbados de cada semana; cobrando-se assim

* De 1570, de 1587, de 1595, de 1609, de 10 de Setembro de 1611, de 10 de Novembro de 1617, de 9 de Abril de 1655 e de 1º de Abril de 1680.

nas quantias em que houvessem sido taxados, ou em panno, ou em ferramenta, ou em dinheiro, como melhor parecesse aos que o ganhassem. Procedendo-se por elles verbal e executivamente, pelo theor do alvará de 12 de Novembro de 1747, e observando-se as ditas taxas, sem embargo do dito alvará e do cap. 48 do antigo regimento, e dos outros alvarás de 29 de Setembro de 1648, e de 12 de Julho de 1656, e de todas as mais disposições, e taxas até então estabelecidas.

Em outro paragrapho da citada lei de 6 de Junho declarou, que ficavam os indios encorporados com os mais vassallos, sem distincção, ou excepção alguma, para gozarem de todas as honras, privilegios e liberdades que gozam os outros.

Tambem em outro paragrapho confirmou a disposição do § 40 do alvará do 1° de Abril de 1680, no qual se havia ordenado, que, depois de descidos, fôssem senhores das suas fazendas, como o eram no sertão, sem lhes poderem ser tomadas; nem pagariam fôro ou tributo algum das ditas terras, ainda que estivessem dadas em sesmarias a pessoas particulares.

No outro alvará de 7 de Junho de 1755 ordenou, que os indios existentes nas aldêas, que passassem a ser villas, fôssem governados no temporal pelos seus juizes ordinarios, vereadores e mais officiaes de justiça, sem que, para servirem estes cargos, tivessem impedimento algum de baixeza.

No § 10 do accusado directorio declarou, que era injustiça e escandalosa a introducção de lhes chamarem negros, querendo-se talvez com a infamia e vileza d'este nome persuadir-lhes, que a Natureza os tinha destinado para escravos dos brancos; o que julgava indecoroso ás suas reaes leis, pelas quaes tinha sido servido nobilital-os e declaral-os por isentos de toda qualquer infamia.

Outras muitas leis além d'estas, que são as fundamentaes da nova fórma do estado, se expediram pelo tempo adiante; não menos que outros muitos alvarás, decretos, avisos, provisões e ordens de Sua Magestade, ás quaes se foram juntando as que em todos os tempos

expediram os governadores e capitães generaes do estado e se acham comprehendidas nos bandos, editaes, portarias, cartas circulares e particulares, que cada um d'elles fez publicar e observar durante o tempo do seu governo.

O bando de 30 de Maio de 1773 acabava de fazer dar inteira execução ao disposto na lei de 6 de Junho, a respeito dos salarios dos indios; porque sendo presente a V. Ex. a desordem, com que em ambas as capitanias d'este estado se estava praticando a satisfação dos referidos salarios; e vendo-se obrigado a estabelecer a preços certos os differentes jornaes que vencessem, segundo os mais, ou menos pesados serviços em que se empregassem; proporcionando os interesses dos moradores brancos, com os dos indios, ordenou, que, emquanto Sua Magestade não ordenasse o contrario, se regulassem os jornaes, desde o 1° de Julho do dito anno de 1773 em diante, na maneira seguinte:

« 1.° Que os indios empregados em serviços pesados, como o de roças, engenhos, cortes de madeira, transportes das mesmas, e de pedras, ou em navegações igualmente pesadas, vencessem 1$200 por mez.

« 2.° Que pelo mesmo preço se regulassem os pagamentos dos indios empregados no negocio do sertão, sem embargo do diverso costume que até então se praticava.

« 3.° Que os outros indios empregados em serviços domesticos, em pescadores, caçadores e em outros quaesquer exercicios leves, vencessem a 800 rs. por mez.

« 4.° Que as indias, que se empregassem nos mesmos serviços pesados de roças, fazer farinhas, e em amas de leite, vencessem tambem a 800 rs. por mez.

« 5.° Que as outras indias empregadas em serviços domesticos e leves, vencessem a 600 rs. por mez.

« 6.° Que os indios rapazes até a idade de 13 annos, vencessem na mesma fórma a 600 rs. por mez.

« 7.° Que as indias raparigas até á idade de 12 annos vencessem a 400 rs. por mez. E que com os indios e indias, que estivessem dados a soldada pelos juizo dos orphãos, observasse a mesma regulação; bem visto que todos os referidos ordenados se deveriam satisfazer além do ordinario e preciso sustento. Que porém os indios artifices

se reputassem nos pagamentos dos seus jornaes, pelo que se praticasse com outros quaesquer artifices brancos, em conformidade de seus merecimentos. »

(*c*) Os Pretos

Ou são exportados da costa d'Africa, e em particular das ilhas de Cabo-Verde e do reino de Angola, ou crioulos seus filhos, nascidos e educados no Pará. Aos quaes se podem juntar os que, depois de extincta a companhia geral do commercio, tem sido exportados da capitania da Bahia, assim como os degradados d'aquella e das outras capitanias do Brazil.

Na citada lei de 6 de Junho, que restituio aos indios a liberdade, que se lhes devia, declarou Sua Magestade, que d'aquella geral disposição exceptuava tam-sómente os pretos escravos, e oriundos de pretas tambem escravas, os quaes seriam conservados no dominio dos seus actuaes senhores, emquanto o mesmo senhor não desse outra providencia sobre esta materia.

Porém, para que com o pretexto dos sobreditos descendentes de pretas escravas, se não retivessem ainda no captiveiro os indios, que eram lives, estabeleceu, que o beneficio da liberdade se estendesse a todos os que se achassem reputados por indios, ou que taes parecessem ; para que todos esses fôssem havidos por livres, sem dependencia de mais prova do que a plenissima, que a seu favor resultava da presumpção de direito divino, natural e positivo ; o qual estava pela liberdade emquanto, por outras provas tambem plenissimas, e taes que fôssem bastantes para illidirem a dita presumpção conforme a direito, se não mostrasse, que effectivamente eram escravos na sobredita fórma.

Do ajuntamento dos pretos com as indias procedem os cafuses, com as mulatas os mestiços e dos cafuses com as pretas os caribocas. Miseravel sem duvida a educação dos brancos Americanos! porque ao genio, á lingua, e aos costumes dos Europeus, seus páis, hão-de forçosamente juntar o dos Tapuias, seus servos, e os dos pretos escravos, que elles não podem dispensar. Veja-se o titulo XXI.

N. B.— Que da situação em que se tem visto estes colonisantes, do seu genio, profissão, e caracter, e da sua conducta com os indios e entre si, alguma idéa se póde formar pela historia de suas reciprocas sublevações, as quaes não tem deixado de influir, quanto basta, sobre uma grande parte do presente atrazo. Porque a expedição, que em Setembro de 1755 fez o Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado para o rio Marié, expedição em que entraram o capitão de infantaria Estevão Joseph da Costa, o alferes Manoel da Silva, o desenhador Antonio Joseph Landi, o cabo de esquadra Henrique João Wilkens, e alguns soldados, os quaes todos acompanharam ao principal Manacaçari, para o ajudarem a descer a sua gente, não sómente foi malograda, por se não efectuar o descimento promettido, mas tambem foi fortuna grande não serem todos assassinados, como foi parte d'ella.

No 1° de Março de 1757 se sublevaram na villa capital os 120 soldados, que insultaram ao sargento-mór seu commandante, Gabriel de Souza Filgueiras, roubaram o armazem real das munições de boca e de guerra; e desertaram para as missões dos dominios de Espanha, na capitania dos Omaguas.

O que, tanto que o souberam os indios das aldêas superiores, bem cêdo os imitaram, e os excederam: porque, sublevando-se pelos mezes de Junho até Setembro, invadiram, assolaram, e queimaram as aldêas de Caboquena, Bararoá e Dari, hoje Moreira, Thomar e Lamalonga.

Em 1766 foi mandado ao rio dos Cauaburis o ajudante de infanteria auxiliar Francisco Rodrigues, a descer o principal Mabiu e a sua gente; porém o exito, que teve aquella diligencia, foi o de acabar o dito official ás mãos d'aquelle gentio, depois de já elle ter aceitado a pratica de descer.

Seguiram-se, no anno de 1767, as mortes que fizeram os indios da aldêa de Santo-Antonio do Castanheiro-Velho, os quaes mataram os quatro soldados, que para ali tinha destacado o commandante da fortaleza de São-Gabriel, para socegarem as desordens, de que era motor o principal Cauinaráo.

No anno de 1759 se levantaram os soldados da guarnição da fortaleza de São-Joseph de Marabitenas, contra o seu commandante Bernabé Pereira Malheiros, sendo-lhe a elle preciso matar a um d'elles, que se arrimava á porta do armazem da polvora para o arrombar.

Passados oito annos fermentou n'esta villa o exemplo das primeiras sublevações ; porque em 1777 se denunciou a conspiração para o motim, que dentro d'ella pretenderam fazer alguns soldados, si bem que esta não teve effeito, porque se atalhou a tempo.

Ao proprio doutor ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio se fez dentro d'ella a maior injuria, que se podia fazer a um magistrado ; porque em uma rua da villa, pela qual ia elle passando composto, e com as insignias da sua autoridade, o encontraram de proposito e caso pensado o capitão Filippe da Costa Teixeira, e seu primo o reverendo vigario Jeronimo Ferreira Barreto, e o espancaram e injuriaram tão atrozmente, como constou da devassa d'aquelle delicto.

Ao capitão commandante da tropa Domingos Franco de Carvalho, o qual, por falecimento do terceiro governado, ficou sendo um dos tres membros do governo interino, na conformidade do alvará de 12 de Dezembro de 1760, por sugestões do mal intencionado padre Joseph Corrêa da Silva, que servio de acessor aos camaristas da villa de Barcellos, suspenderam elles do governo politico no anno de 1780 ; em reconvenção de tambem elle haver expulsado da corporação do dito governo ao vereador mais velho Filippe Serrão de Castro, sem documente algum que ligitimasse a violencia d'aquelle procedimento.

Ultimamente a mais moderna de todas as revoluções foi a do levantamento e deserção, que fizeram os indios das aldêas do Rio-Branco, no seguinte anno de 1781, depois de haverem assassinado a um cabo de esquadra, 7 soldadados, e um preto escravo do commandante d'aquella fortaleza.

XX

Governo

a) Ecclesiastico.

Depois que, pelo alvará com força de lei de 7 de Junho de 1755, foi Sua Magestade servido derogar e cassar o capitulo I do regimento dado para o estado do Grão-Pará em 21 de Dezembro de 1686, ampliando e renovando, para ter a sua inteira e inviolavel observancia, a lei estabelecida sobre esta materia em 12 de Setembro de 1663; pela qual já então se havia mandado abolir a administração economica e politica, que os regulares denominados missionarios exercitaram nas aldêas dos indios; segunda vez defendeu Sua dita Magestade a todo o ecclesiastico secular ou regular, o intrometter-se directa ou indirectamente no governo temporal dos indios, e isto pelos motivos de os terem os ditos missionarios desviado sempre, não só da harmonia civil entre os brancos, mas tambem do commercio, e da agricultura livre e reciproc entre uns e outros.

Cessou desde então pela sua parte a administração temporal, e a espiritual recahio inteiramente no bispado; por que, espirando logo no padre Joseph da Magdalena o titulo e exercicio que tinha de superior das missões dos religiosos carmelitas no Rio-Negro, passou o Exm. Sr. D. Frei Miguel de Bulhões, então bispo do Pará, a nomeal-o primeiramente em vigario geral da capitania, por provisão de 18 de Fevereiro de 1757,e pouco depois em vigario encommendado da nova igreja parochial, provendo-o n'ella, pela outra provisão de 28 do referido mez e anno. Ao reverendo Joseph Monteiro de Noronha, que foi o segundo vigario geral, nomeou Sua Magestade, com o ordenado de 240$ por anno, o qual se tem ampliado aos seus successores (Supp. letra B).Todos exercitam as faculdades que lhes commettem os bispos para o expediente das dependencias espirituaes, sendo-lhes sobordinados os vigarios das villas e dos logares apontados no titulo XVIII, e dos mais que ha em toda a capitania, ou sejam

seculares ou regulares. Aos das villas compete a congrua de 80$,e aos dos logares a de 60$ por anno. Exceptuado o vigario do logar de Poiares, todos os mais que existem são encommendados.

(*b*) MILITAR.

Por carta firmada pela real mão de Sua Magestade em 3 de Março de 1755 foi o mesmo senhor servido crear a nova capitania de São-José do Rio-Negro, nos confins occidentaes d'este estado ; ordenando n'ella ao Exm.Sr.Francisco Xavier de Mendonça Furtado, então governador e capitão general do Pará e Maranhão, que o territorio da nova capitania se estendesse pelas partes do norte e do occidente, até ás duas raias septentrional e occidental dos dominios de Espanha, e que, pelas outras duas partes do oriente e meio-dia, lhe determinasse S. Ex. os limites, que lhe parecessem mais justos e competentes.

E que isto feito, encarregasse interinamente no governo d'ella, até Sua Magestade nomear, a pessoa que lhe parecesse, que com mais autoridade, desinteresse e zelo do serviço de Deus, e seu, e do bem commum dos povos, poderia exercitar um logar de tantas consequencias, e promover um novo e tão importante estabelecimento.

Por carta patente de Sua Magestade de 14 de Julho de 1757, foi nomeado em primeiro governador o Sr. Joaquim de Mello Povoas, a quem, depois de apresentado na villa de Barcellos, dirigio S. Ex. a carta de 10 de Maio de 1758, para lhe fazer comprehender até onde se estendia a sua jurisdicção, segundo a divisão que fez, e lhe participou pelo theor seguinte :

« Pela parte do oriente devem servir de balisas, pela parte septentrional do rio das Amazonas, o rio Nhamundaz ; ficando a sua margem oriental pertencendo á capitania do Grão Pará, e a occidental á capitania de São-José do Rio-Negro. Pela parte austral do mesmo rio das Amazonas, devem partir as duas capitanias pelo outeiro chamado Maracá-guaçú, pertencendo á dita capitania de São-José do Rio-Negro tudo o que vai d'elle para o occidente, e ao Grão-Pará todo o territorio

que fica para o oriente. Pela banda do sul, fica pertencendo a esta nova capitania todo territorio, que se estende até chegar aos limites do governo das minas de Mato-Grosso, o qual, conforme as ordens de Sua Magestade, se divide pelo rio da Madeira, pela grande cachoeira chamada de São-João, ou de Araguai».

Eis aqui até onde se estende a alçada militar e politica dos governadores, os quaes são subordinados ao governador e capitão-general do estado. Estabeleceram a sua residencia na villa de Barcellos, para aproveitarem as accomodações que n'ella se fizeram durante a diligencia da demarcação passada; o que se não podia conseguir com a precisa brevidade na aldêa que Sua Magestade, pela sobredita carta régia, mandou logo erigir em villa, para residencia do novo governador, que era a que tinha mandado estabelecer entre a boca oriental do rio Javari, e a aldêa de São-Pedro da administração dos religiosos carmelitas no rio dos Solimões.

Não se ponderam comtudo com a madureza precisa as desvantagens da situação, vindo a capital a ficar situada onde não devia ser; e isto por todas as razões economicas, politicas, e militares. Veja-se a participação I da segunda parte.

Contam-se quatro governadores na classe dos proprietarios por nomeação de Sua Magestade, desde o Illm. Sr. Joaquim Mello Povoas até o Illm. Sr. Manoel da Gama Lobo d'Almada, nomeado em governador por decreto de 26 de Agosto de 1786. Interinos por fallecimento do segundo proprietario, que foi o Sr. Gabriel de Souza Filgueiras, contam-se dous, que fôram o coronel Nuno da Cunha de Atahide Varona, e o tenente-coronel Valerio Corrêa Botelho de Andrade. Os proprietarios todos tem tido as patentes de coroneis de infantaria com o soldo de cinco mil cruzados por anno.

Por fallecimento do terceiro proprietario, que foi o Sr. Joaquim Tinoco Valente, succederam no governo da capitania, desde 24 de Agosto de 1779, os contemplados no alvará perpetuo de successão de 12 de Dezembro de 1760, no qual ordenou Sua Magestade, que succedendo faltar o governador, ou por morte, ou por ausencia

dilatada do distrito, ou por outro qualquer acontecimento, succedessem, e entrassem no governo o bispo da diocese, e na sua falta o deão, o chanceller da relação, e o official de guerra de maior patente, ou que fôsse mais antigo, na igualdade d'ella; e que nas capitanias, onde não houvessem bispo, substituisse o seu logar o ouvidor da comarca, entrando o vereador mais antigo; e que assim e da mesma sorte se executasse, onde não houvesse chanceller, entrando em seu logar o ouvidor, e que na falta dos sobreditos nomeados succedesse aquelle, ou aquelles que os substituissem nos ditos cargos. (Mappa n° 1)

(c) Politico.

Preside a elle o mesmo governador, a quem é subordinado o doutor ouvidor geral da capitania, cujo lugar creou o bacharel Lourenço Pereira da Costa, vencendo o ordenado de 600$ por anno, na conformidade da participação, que a este respeito dirigio Sua Magestade ao segundo governador, em carta firmada pela sua real mão de 30 de Junho de 1760.

Contam-se tres desde o dito bacharel até o ultimo doutor ouvidor geral, que foi o bacharel Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, do dezembargo de Sua Magestade, seu ouvidor geral com alçada no crime e no civel, auditor de gente de guerra, corregedor da comarca, provedor d'ella e dos defuntos e ausentes, capellas e residuos, juiz de India e Mina, e mais cargos annexos, de intendente geral da agricultura, commercio e manufacturas, etc.

Quanto ao expediente ordinario das justiças, depois que de missões, que eram as aldêas, passaram a villas e lugares, tanto os indios, como os moradores brancos adjuntos ás villas, principiaram a ser governados no temporal pelos seus juizes ordinarios, vereadores e mais officiaes de justiça; pertencendo ao doutor ouvidor conhecer dos aggravos e appellações. Os das aldêas independentes são governados pelos seus principaes debaixo da direcção dos directores.

(*d*) ECONOMICO DE CADA POVOAÇÃO.

Estam encarregadosd'elle, pelo que respeita aos interesses dos indios, os directores, que Sua Magestade foi servido approvar, que houvessem para a sua direcção, segundo o espirito, e a letra do citado directorio; pelo qual lhes competem as sextas partes de todos os generos cultivados, e colhidos pelos indios das suas respectivas povoações. O governador os nomeia para as que são do seu territorio, e lhes distribue as ordens necessarias.

O ouvidor, na qualidade de intendente, os informa, visita e correge, quando é preciso; de sorte que ou seja por esta, ou pelas outras repartições em tudo o que não é do ordinario expediente da justiça, está subordinado ao governador. Assim o declarou o Exm. Sr. Fernando da Costa de Atahide Teive, em resposta que deu, na data de 5 de Março de 1772, á carta de 25 de Março de 1771, em que o Sr. Joaquim Tinoco Valente lhe pedio a solução de algumas duvidas sobre o conflicto de jurisdicção com o ouvidor, resolvendo S. Ex. o seguinte:

1.° Que a jurisdicção do ouvidor, como ouvidor, era inteiramente separada do governo, si bem que se não estendia além dos limites prescriptos aos ministros de igual graduação, das capitanias do Pará, Maranhão e Piauhy.

2.° Que, como provedor da fazenda real, só podia duvidar as ordens do governador, mas não deixar de as cumprir, quando elle assim o mandasse, sem embargo da duvida; ficando então obrigado a dar conta ou a Sua Magestade ou ao general do estado. O que assim foi confirmado por S. Ex. em carta de 7 de Março de 1778, pela qual ordenou ao terceiro ouvidor geral, que todas as ordens, que determinassem despezas, se deviam registrar nos livros da provedoria, e não se fazerem as determinadas despezas sem a indispensavel intervenção de quem occupasse o logar de provedor da fazenda, por ser assim conforme ao regimento d'ella, e porque tambem era inquestionavel, que aos provedores competisse duvidar as despezas, sempre que reconhecessem motivo justo para o fazerem.

3.° Que ao ouvidor, como intendente, só competia fazer as visitas das povoações dos indios; devassar dos directores, promover a agricultura e as manufacturas; a bôa ordem, arranjamento e aceio das mesmas povoações no acto de visita, sem se intrometter a dar indios de serviço; promover ou remover directores; e emfim nenhuma cousa innovar sem consentimento do governador. (Suppl. letra C.)

XXI

População

Pelo que respeita aos brancos, depois que entraram a falecer alguns dos que por occasião da demarcação passada, se estabeleceram nas povoações d'este rio, e se não introduziram n'elle novas levas de gente, vai diminuindo o numero de moradores d'esta classe; si bem que a actual diligencia da nova demarcação alguns tem substituido, que ainda agora principiam. Porém ainda menos seriam, si a todos quantos tem pertendido e pertendem mudar de estabelecimento, não obstassem as ordens de Sua Magestade, sobre cuja observancia vigiam os governadores da capitania e os generaes do estado.

Em provisão do 1° de Julho de 1776 ordenou Sua Magestade a V. Ex., que informasse com o seu parecer o requerimento, que fez Manoel Rodrigues Calado, o qual, sendo morador d'esta, pertendia mudar-se para a outra capitania do Pará; e tendo V. Ex. informado, em informação de 8 de Novembro do dito anno, que, sendo o supplicante morador na capitania do Rio-Negro, para onde tinha ido voluntariamente servir a Sua Magestade em qualidade de pescador, ao tempo em que se tratavam as demarcações, e onde se havia casado a primeira vez com uma india, lhe não parecia ser interessante ao real serviço, que da dita capitania se retirasse o supplicante, por ser ella uma parte do estado, que ainda estava no seu principio, e por isso necessitava de povoadores brancos, que não só por aquelle continente augmentassem a

agricultura, mas tambem pudessem com mais possibilidade concorrer e ajudar a defensa d'aquelles dominios, que eram fronteiros aos de Espanha, não foi deferido como pretendia.

Pelo mappa n. 2, que é o do anno de 1786, consta o numero dos moradores brancos, que então existiam no Rio-Negro; bem entendido que n'elle vam incluidos os mamelucos seus filhos.

D'elle tambem consta o numero dos indios aldeados; o qual não deixa de ser diminuto, depois que cessaram os descimentos, e se multiplicaram as expedições.

Quanto aos pretos escravos, não é muito, que n'este rio não hajam quantos são precisos, quando igualmente os não ha na capitania do Pará.

De toda a somma de quasi 14.000 negros, que n'ella se introduziram pela junta da administração do commercio desde o anno de 1755, em que ella foi instituida, até o de 1778, em que foi abolida a maior parte, se deve ao zelo e á efficacia de instar, que n'esta materia applicou V. Ex., sendo-lhe ainda assim preciso muito geito e destreza para o conseguir. Em carta de 21 de Junho de 1775, recommendando V. Ex. ao provedor, e deputados da junta uma mais numerosa introducção de escravos, se explicou pelo theor seguinte:

« Torno a lembrar a Vossas Mercês, que a introdução annual de escravatura no porto d'esta cidade não deve por ora ser nunca menos de 1.500 cabeças; para que, determinando-se 500 ou 600 para a capitania do Mato-Grosso, possam n'esta ficar as mais, e abastarem-se assim de operarios estes moradores, afim de que se augmente, e se multiplique a lavoura em beneficio dos mesmos habitantes e da propria companhia; que de outro modo não poderia, nem poderá nunca fazer maiores avanços, faltando no estado os braços necessarios para o fabrico dos generos, que devem constituir as carregações da sua exportação.»

Que V. Ex. pedia muito, não poucas vezes se queixaram alguns d'aquelles deputados; porém elles certamente não tinham lido o que em 1775 escreveu Monsieur

Aublet, naturalista francez, na memoria que intitulou *Observations sur les negres esclaves**

Porque discorrendo elle, como tinha de obrigação, sobre os pretos escravos, que haviam, não digo em um estado tão vasto como é o do Grão-Pará, mas sim e tamsómente na parte da ilha de São-Domingos, que pertence á França; e calculando o numero dos que annualmente se deviam introduzir, n'ella escreveu, que os escravos se renovam todos os sete annos nas colonias, que não são sadias, e todos os dez annos ao mais tardar nas que o são; que o numero dos que morrem ao atravessarem o mar, é muito consideravel; que muito poucos ha d'estes infelizes, que cheguem a uma idade avançada, porque os trabalhos, o constrangimento, e a melancolia, lhes abreviam os dias; que assim uma colonia, como a parte da ilha de São-Domingos, que pertence á França, e onde ha perto de 200.000 escravos, necessita de 20.000 negros todos os annos.

XXII

Agricultura

E' proporcionada ao pequeno numero de braços, que se empregam n'ella. As margens do rio são muito proprias para a cultura do anil, do café e do tabaco. O anil é indisputavelmente o melhor que até ao presente se exporta do Brazil: comtudo ha pouco tempo ainda que principia a prosperar similhante manufactura; porque, supposto que para o seu devido estabelecimento applicou o esforço que pôde o doutor ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, a quem muito o recommendou

* Les esclaves se renouvellent tous les sept ans dans les colonies mal saines, tous les dix au plus tard, dans les colonies les plus saines. Le nombre de ceux qui perissent dans la traversée est très considerable; enfin il y a très peu de ces malhereux qui parviennent à un âge avancé; les travaux, la contrainte, le chagrin abregent leurs jours. Ainsi une colonie, comme la partie de l'isle de Saint-Domingue, qui appartient à la France, et où il y a environ deux cents mille negres, a besoin de vingt mille nègres tous les années...

V. Ex., em carta de 9 de Setembro de 1773, como nem foram efficazes os auxilios, que lhes prestou o governador defuncto, nem o dito ministro se demorou tanto na capitania, quanto ella necessitava d'elle, quasi se frustrou o effeito d'aquella recommendação.

Assim como se frustaram em todos os estados os effeitos da provisão do conselho ultramarino de 30 de Março de 1680, da carta régia de 24 de Novembro de 1711, do alvará de 9 de Junho de 1764, do officio da secretaria de estado dos negocios ultramarinos de 1° de Outubro de 1722, do outro officio de 13 de Julho de 1773, do outro officio de 6 d'Agosto de 1774, do outro officio de 3 de Junho de 1777, da carta de instrucção de 9 de Setembro de 1773, expedida ao dito doutor ouvidor, da outra carta de 23 de Septembro de 1774, expedida aos governadores, officiaes das camaras, commandantes e directores das povoações, da outra carta de 25 de Fevereiro de 1777, dirigida ao governador da praça do Macapá e da outra carta circular de 17 de Março do mesmo anno, expedida ao doutor dezembargador intendente geral; ao presidente e mais officiaes do senado da camara da cidade do Pará; e ao inspector geral da ilha grande de Joanes. Veja-se a participação V da primeira parte.

Não se frustrou porém o effeito da recommendação, que V. Ex., de ordem de Sua Magestade de 13 de Novembro de 1783, fez ao coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, em carta de 5 de Abril de 1784, a qual lhe expedio na qualidade de commandante geral da parte superior do Rio-Negro. E o que da referida ordem de Sua Magestade resultou por via das providencias, que V. Ex. quanto ás fabricas que mandou erigir pelos lavradores do distrito da parte inferior, e pela do sobredito coronel, quanto ás das povoações da parte superior, foi, que no fim do anno de 1785 se remetteram para a secretaria de estado dos negocios ultramarinos 13 arrobas e 9 libras de bom anil.

No seguinte anno de 1786 fôram 80 arrobas, e no de 1787 ha bem fundadas esperanças, que se hajam de remetter acima de 180 arrobas. Por portaria de 3 de Janeiro de 1786, expedida ao capitão provedor da demarcação

Antonio Coutinho d'Almeida, mandou V.Ex. pagal-o pela fazenda real á razão de 1$000 a libra ; bem entendido que d'elle até ao presente não pagam os fabricantes nem o dizimo, nem os fretes.

CAFE'

Todo elle é prestante, e quando o tratam como deve ser, e o tempo lhe corre bem, fructifica muito, e em particular pelas margens do rio. Porém tambem é genero, que ha pouco se introduzio na capitania, como recommendado que foi por V. Ex. ao mesmo doutor ouvidor geral, e em a mesma carta de recommendação do anil. Sei, que no anno de 1785 se exportaram para a cidade do Pará 1.200 arrobas, ficando dentro n'este rio as 100, que ordinariamente consomem os empregados na diligencia da demarcação, e tudo quanto bebem os moradores. Calcula-se em 1.500 arrobas a colheita dos annos mais abundantes.

E' de esperar, que avulte cada vez mais, porque todos tratam de o ir dispondo e cultivando. Nos dous ultimos annos de 1786 e 1787 cresceu muito em reputação, porque em casca, e dentro da mesma capitania, se tem pago a arroba aos lavradores pelos preços de 1$800, 2$000, 2$200, 2$400, até 2$600.

TABACO

Supposto que a maior parte do que se exporta em folha, não é de dentro do Rio-Negro, mas sim das villas de Serpa e de Silves, ambas situadas na margem septentrional do rio das Amazonas, e da de Borba na foz do rio da Madeira, comtudo algum se cultiva no dito rio, e tanto um como outro excedem na qualidade a todo o mais que se fabrica no estado.

Sei, que das referidas villas se tiraram, no anno de 1785, 1.165 arrobas e com as que se fabricaram em Borba e no Rio-Negro, póde-se reputar em 1.600 arrobas a

exportação total d'este genero. Ainda que Sua Magestade no § 25 do directorio, considerando que a sua cultura era tão util aos lavradores como a do algodão, a recomendou muito aos directores ; mandando propor aos indios não só as conveniencias, mas tambem as honras que lhes haviam de resultar d'este trabalho, á proporção das arrobas de tabaco com que cada um d'elles entrasse na casa da inspecção.

Comtudo depois de calculadas as quantidades, que se deveriam fabricar em beneficio tam-sómente do estado e sem desmancho na harmonia do commercio das outras colonias, fez dizer pelo Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em officio expedido ao Exm. Sr. Manoel Bernardo de Mello Castro, na data de 16 de Junho de 1761, que, tendo-lhe sido presente a carta da mesa da inspecção da cidade do Pará, datada de 8 de Novembro do anno passado, em que referia e declarava alguns meios uteis a laborarem as manufacturas do assucar e do tabaco, era servido declarar, que, para o commercio e navegação d'este estado, eram improprios os generos do tabaco e assucar, porque tinham contra si os da Bahia e Pernambuco, estabelecidos com muito maior abundancia e reputação depois de muitos annos : pelo que ordenava, que se reduzissem os ditos dous generos a se fabricarem tam-sómente aquelles que fossem necessarios para o consumo e commercio interior dos rios e do estado.

Donde se segue, que, não devendo a capitania fabricar tabaco que sóbre para se navegar para o reino, deve comtudo fabricar o preciso para o consumo do estado em proveito d'ella e embolso das sommas, que custam ao mesmo estado as arrobas, que compra de fóra.

ALGODÃO

Que se não cultive, e se não teça no Rio-Negro, onde as terras são decididamente proprias para a cultura dos tres generos, os quaes pela sua riqueza devem pagar o algodão, a mão de obra, e os fretes em que importar a exportação do Pará, póde-se bem pensar, que se casa com

algumas vistas mercantis e politicas ; porém que nem no Pará, e mormente nas terras do Macapá, se cultive, e manufacture o algodão preciso para os seus habitantes, e para os d'esta capitania, visto que a politica portugueza ainda até agora não prohibio nas colonias todo qualquer tecido d'este genero, de nenhuma sorte se casa com a propriedade d'aquellas terras.

As mesmas sem duvida que no anno de 1773 renderam 1.500 arrobas; no de 1774, 1.803; no de 1775, 3.251; no de 1776, 2.010 ; no de 1777, 2.350 ; no de 1778, 3.580, e no de 1779, 5.390, fôram as que no corrente anno de 1787, não tendo elle corrido mal para as lavouras, apenas renderam 914 arrobas de algodão descaroçado; o que prova bem a tibieza, com que se tratam as plantações d'este genero. Por outra parte o algodão, que se cultiva no estado, não é o de maior rendimento ; e o peior é, que, tendo-se já introduzido n'elle uma das bôas sementes, nem por isso que a experiencia mostrou a differença do rendimento, se tratou d'ella com a preferencia que merecia.

Porque tendo Mr. Albanel de la Sablier, pela segunda vez que se dirigio de Caiena á cidade do Pará, aportado na villa de Chaves, na contra-costa da ilha grande de Joanes ; pela amizade que contrahio com José Corrêa de Lacerda, que ali tratava de algumas fazendas de gado, lhe communicou as sementes de algodão, que os Francezes cultivavam em Caiena ; dizendo-lhe que a differença, que aquelle tinha do nosso, consistia em que o seu, de uma arroba d'elle em caroço, rendia 24 libras em rama, quando o nosso não rendia mais do que 8. Cultivou-o o dito José Corrêa, e das sementes que ajuntou fez presente ao capitão de auxiliares João Henriques, o qual tambem o dispoz no seu quintal, e repartio por alguns dos seus amigos. De todos os que plantaram e cultivaram, nenhum deixou de tirar de uma arroba d'elle em caroço 24 libras em rama.

O que não obstante, baniram a sua cultura pela difficuldade (disseram elles), que experimentavam em o descaroçar ao methodo ordinario dos descaroçadores, que são uns dous cilindros de madeira, entre os quaes se quebrava a semente, por ser muito esponjosa, e maior do que as outras. Nenhum reflectio por tanto no que havia dito

o estrangeiro, que, para o descaroçarem em Caiena, se usava de uma certa ordem de cardas, as quaes tinham os dentes mais largos, do que as que se destinavam para supprir o nosso methodo. Extranhando com razão, que em uma cidade policiada se preferisse para bater o algodão um methodo tão ruidoso.

Elle mesmo informou, que em Caiena, a ninguem era permittido fiar algodão para outra alguma manufactura, que não fosse a das meias, e ainda isso com a restricção seguinte, de para um par de meias se não fiar mais de uma quarta de peso: o que tam sómente se consentia para emprego das senhoras, porque nem para tecidos, nem ainda para as torcidas se fiava porção alguma. Bem sabe aquella nação, que na America, que é bem regida, se não devem empregar os braços em outra cousa mais do que em plantar e colher.

Outro abuso desacredita muito entre os estrangeiros a negociação d'esse pouco, que se exporta do Pará, sendo que á força de recommendações do ministerio é, que se tem conseguido essa mesma exportação, tão energicamente recommendada no officio de 3 de Junho de 1777.

Queixavam-se os commerciantes de Lisboa, que os da cidade do Pará, em prejuizo do commercio e descredito seu, deixavam ir entre o algodão ensacado alguns paus, trapos e pedras. Falsificação foi esta, que em outro tempo deu motivo á publicação do bando, que mandou lançar o Sr. Gomes Freire de Andrade, quando governava e residia no Maranhão, ordenando que toda a pessoa que comprasse ou mandasse comprar cousa alguma com novellos falsos de algodão (que era a moeda da terra), em cujos novellos se achassem páos, trapos, etc., ou si alguem os tivesse em casa, fôsse condemnado em tres mezes de cadeia, donde pagaria 20$000, metade para a fazenda real e metade para o negociante. Cujo bando mandou Sua Magestade, que se guardasse como lei, pelo alvará de 2 de Março de 1688.

Deveriam portanto os lavradores (para me explicar na phrase do § 3 da carta, que ao Illm. e Exm. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, quando estava a embarcar para o Pará, dirigiu Bernardo Clamonse em data de 17

de Julho de 1783) deveriam, diz elle, no acto de descaroçar o algodão applicar todo o cuidado em separar o branco do ruivo, ou do que tivesse outra qualquer côr: deveriam no acto de o ensacarem evitar toda a fraude de introduzir nas sacas a arêa, os páos, os trapos; antes fazer conhecer que o algodão do interior das sacas não desmente as amostras exteriores; determinando uma marca propria, á eleição de S. Ex, em vista da qual pudessem os negociantes de Lisboa assegurar aos correspondentes do norte a igualdade do genero.

Deveria S. Ex. pela sua parte annunciar aos lavradores a intenção, em que estava, de animar este ramo do commercio, propondo-lhes os interesses, que lhes haviam resultar, e a attenção que promettia aos seus trabalhos; havendo de honral-os e distinguil-os, como mandar pôr nas suas sacas outra marca particular de S. Ex., depois que o lavrador ou quem tivesse ensacado o algodão, jurasse aos Santos Evangelhos, perante uma pessoa autorisada, que as ditas sacas não estavam viciadas; registando-se o nome da pessoa, a marca das sacas, e o navio do embarque, para a todo o tempo poder ser obrigada a responder pela differença que se lhes achasse e provasse. Do que por ora estam livres os lavradores do Rio-Negro, porque é genero este, que apenas cultivam e fiam para alguma rede.

CACAO

Algum tempo mais se conserva nas terras da margem boreal do que nas da austral; porém em ambas ellas se entra logo a cobrir do lagartão, e a definhar-se de maneira que se vão desenganando d'elle os lavradores.

Tambem elle, ao dia de hoje, bem pouca conta lhe faz, porque, sendo muito o que se colhe dos cacoaes plantados nas terras da capitania do Pará, as quaes se tem visto, que são decididamente tão proprias para o cacáo como as do Rio-Negro para o anil e para o café, nenhuma necessidade tem de estragarem na cultura, e exportação de um genero de valor muito inferior aos seus, o tempo

e as forças precisas, para usufructuarem a propriedade dos seus terrenos.

O mesmo digo do arroz, que alem de requerer n'este rio maior cuidado, vendendo-se elle no Macapá á razão de 320 réis em casca, para compensar o valor de uma arroba de anil, á razão de 1$000 a libra, são precisos 100 alqueires. Paguem-se os descasques, fretes, etc., e vêr-se-á a conta, que faz cultivar mais do que tam-sómente o preciso para o consumo da capitania. A maniba requer escolha e trabalho para render; porém o rio dá quanta basta e sobeja, para o sustento dos seus habitantes; o milho e o feijão são generos, que se cultivam á proporção do consummo que têm.

Para a tibiesa que noto nas lavouras, e para a decadencia geral, em que estam em ambas as capitanias, parece-me, que em summa concorrem as seguintes causas:

I. Indolencia dos naturaes.

II. Falta de braços, a qual tambem procede de muitas causas:

(*a*) de se não introduzir o preciso numero de pretos escravos, nem se distribuirem, como deve ser, os poucos que se introduzem,

(*b*) de se multiplicarem as expedições dos indios,

(*c*) de cessarem as diligencias dos descimentos,

(*d*) de succumbirem ás epidemias das bexigas, do sarampo, da corrupção etc.

III. Elevação dos Europêos, os quaes se despresam de trabalhar.

IV. Ignorancia dos bons methodos.

V. Movimentos militares.

VI. Hostilidade dos gentios.

VII. Abusos do negocio das drogas do sertão.

VIII. Multiplicidade dos generos.

IX. Manufacturas prejudiciaes.

X. Inutilidade dos intendentes letrados.

Tal é o meu methodo de discorrer; como sei porém, que pelo ordinario se junta mais fé ao que dizem os velhos, que são praticos do paiz, ainda que seja o mesmo, e algumas vezes muito menos do que o que dizem os moços, quando estes observam por principios, renunciei de bôa vontade ao direito, que me dá o exercicio da minha profissão, para n'estas materias produzir o meu juizo livre e independente. E querendo tam-sómente que em tudo prevalecesse o serviço de Sua Magestade e o bem publico, escrevi a Antonio Villela do Amaral, que é um dos mais habeis lavradores d'esta villa, a carta de 16 de Setembro de 1786, cuja cópia, N. B., vai junta á da resposta, que me deu em data de 20 de Abril do corrente anno de 1787.

XXIII

Commercio

Não tem até agora prosperado tanto, quanto podia prosperar a agricultura do anil, do café e do tabaco, que são generos ricos e permanentes; porque os poucos braços, que ha, se tem empregado na colheita das drogas do sertão, por onde andam distrahidos os indios a maior parte do anno, dependendo da riqueza precaria do mato; sem se coadjuvarem os commerciantes dos calculos da arimethica mercantil e politica, que são a chave do commercio mais bem entendido entre os povos.

Os generos, que extrahem do mato para o seu commercio exterior, são:

(*a*) O breu da margem fronteira ao lugar de Airão a 640 rs. a arroba, depois de purificado.

(*b*) A salsa dos rios Padauiri, Marauiá, Canaburís, Uaupés e Içana a 5$600 até 6$000.

(*c*) O cacáo da foz do Rio-Branco, e de algumas serras das cabeceiras de outros rios collateraes, a 800 até 900 réis.

(*d*) O puxuri dos rios Urubaxi, Ajuaná, Ueneuixi, Xiuará e Içana, antigamente a 6$400, hoje em dia 3$200, aos quaes se podem ajuntar por via de commercio.

(*e*) O puxuri-mirim, ou fructo da arvore da casca preciosa, que se pagou já a 1$000 a libra e a mesma casca, porque ha as ditas arvores nas ilhas defronte de Maçarabi.

(*f*) O balsamo de umeri.

(*g*) A piassaba dos rios Mariá, Curicuriau, Ixié etc., além de algumas cascas de madeiras finas para moveis e peças curiosas, como são:

(*h*) A de muirá-pinima, das imediações do sobredito lugar de Airão.

(*i*) Muirá-piranga e páo rôxo, da parte superior do Rio-Negro.

(*l*) E páo amarello do Rio-Branco.

Tem muita copia do cipó chamado entre os indios uambécima, de cuja casca se tecem cordagens bem fortes para as embarcações. Ha pouco tempo, que se pediram pela secretaria d'estado, para porta-cartuxos, os gomos das tabocas mais grossas, de que ha prodigiosas quantidades. O titulo XXV explica as manufacturas, que preparam os outros generos para o commercio.

Emquanto se não consideraram os prejuizos e enganos, que a experiencia foi mostrando, que procediam do valor fixo, que tinham os fructos no estado do Grão-Pará e Maranhão, vindo a correr por igual preço o bom e o mau sem dependencia de os beneficiarem para crescerem em reputação, além do grande embaraço e perniciosas consequencias, que produzia no commercio o curso dos fructos e mercancias, em lugar da moeda corrente, reputaram-se por moeda corrente no Pará e Rio-Negro o cacáo, e no Maranhão o algodão.

Pela publicação da lei de 13 de Setembro de 1748, foi Sua Magestade servido mandar cessar n'este estado o valor fixo dos generos, prohibindo que d'ella em diante se reputassem por moeda corrente, para o curso do commercio, dividas que se contrahissem, e todos quaesquer contractos que se celebrassem; introduzindo-se n'elle a moeda do ouro, prata e cobre, do mesmo valor e cunho da moeda

provincial do Brasil : esta é a que corre na capitania e as que ha de ouro, são de 1$, 2$, 4$ réis. De prata são de 80, 160, 320, 600, 640 rèis. De cobre são de 5, 10, 20 e 40 réis.

Importam-se-lhe pela capitania do Pará, entre os generos do estado, o panno de algodão, a sola, o arroz, o azeite de jandiroba, o sabão e a aguardente da terra. Tudo o mais são fazendas secas e molhadas do reino.

Sobre o risco e o avanço d'ellas, não ha até agora entre os particulares determinada postura, porque os negociantes, conforme a qualidade e a quantidade do genero, conforme a occasião e o consumo, assim as negoceiam com o lucro de 20, 30, 40, 50, até cento por cento sobre o seu valor e custo principal na cidade do Pará, tal qual é o pé em que se acham a agricultura e o commercio do Rio-Negro, ainda os seus dizimos não pagam as receitas em que importam as folhas ecclesiasticas, militar, civil e literaria de dentro do dito rio (Mappa n. 4).

Bem entendido que por via de disimo nem por todos os generos se paga de dez um, porque supposto que assim o ordenou, quando era bispo do Pará o Ex. e Reverendissimo Senhor D. Frei Miguel de Bulhões, na pastoral de 26 Março de 1754, na qual declarou, que o deviam pagar o cacao, o café, a salsa, o cravo, o assucar, o tabaco, o algodão, a mandioca, o milho, o arroz, os feijões, e todos os mais fructos e legumes, as pacovas, ananazes, laranjas, limões, melancias, e outros fructos cultivados; as couves, alfaces e todas as mais hortalices; as gallinhas, patos, perús, e todas as mais criações, as tartarugas, toda a qualidade de peixe ; o mel, o aseite de jandiroba, a cupahiba, o queijo, o leite e a manteiga.

Sendo-lhe comtudo representado pelos moradores, que, não havendo costume no bispado de pagar disimos do aseite, se persuadiam, que quanto a este genero só eram obrigados a pagar de vinte almudes um, attendido o trabalho que dava não só a colheita da castanha, mas tambem o fabrico d'elle; ou que aliás, a insistir S.Ex. em que satisfizessem de dez um, isto se entendesse a respeito dos alqueires de castanha, de que se fabricava o aseite, e não do aseite fabricado d'ella, resolveo S. Ex. depois de

ouvidos os vogaes da junta da fazenda dos aseites de jandiroba e jutahi, se devia pagar de 14 almudes um; dos de bacaba, patauá, castanha, carrapato e gerzelim, de onze um; e das manteigas de tartaruguas e aseites de todas as qualidades de peixe de dez um.

Quanto ás farinhas de mandioca, ainda que tambem pertenderam os moradores das novas povoações conservar o costume das antigas, que pagam de 20 alqueires um, declarou na outra pastoral de 9 de Abril de 1759, que, não sendo da sua intenção alterar o que estava estabelecido nas povoações antigas, o alterava sómente nas que de novo mandára Sua Magestade erigir em villas e lugares; as quaes, segundo a natureza do dizimo, ou a decima parte de todos os bens, deviam pargar de dez alqueires um.

O mesmo prelado em outra pastoral da mesma data que a das farinhas, recordou o dizimo de toda a cal, telha, e tijolo, na fórma da constituição do bispado, cujas pastoraes mandou Sua Masgestade recordar ao seu Exm. successor, em aviso da secretaria d'estado de 17 de Junho de 1761.

O modo porque se deve fazer o negocio do sertão em proveito dos indios das povoações, consta do § 51 do directorio e seguintes. N'elle se determina aos directores, que antes de se expedirem as canoas, recorram por petição ao governadar onde o ha ou ao general do estado, explicando o numero dos indios, de que se compoem as esquipações; o que assim se executa: por conta das camaras nas povoações, que são villas, e pela dos principaes assistidos dos directores nas que o não são, corre a expedição das canôas, tendo a seu cargo o mandal-as preparar em tempo habil; provel-as dos mantimentos necessarios, e de tudo o mais que é preciso para poderem fazer viagem ao sertão, cujas despezas se lançam nos livros das mesmas camaras, com a condição porém de que ellas não podem tomar resolução alguma n'esta materia, sem primeiro a participarem aos seus respectivos directores.

Elles tambem devem vigiar, que as camaras, e os principaes só nomeiem para cabo das referidas canôas, aquellas pessoas que fôrem de conhecida fidelidade; e que,

feita que seja a sobredita nomeação, sejam logo chamados ás camaras os cabos nomeados, para assignarem termo de aceitação; obrigando-se por suas pessoas e bens, não só a darem conta de toda a importancia, que receberem pertencente áquella expedição, mas tambem á satisfação de todo qualquer prejuizo, que por sua culpa, negligencia, ou descuido, houver no dito negocio.

Ora como sem embargo de todas estas cautelas, algumas vezes faltam os cabos áquellas condições, ou por que esquecidos da fidelidade, com que se deve tratar o commercio, compram aos indios particularmente os effeitos, ou porque os vendem aos moradores, antes de chegarem ás suas povoações, têm os directores ordem para logo na chegada das canôas, tirarem uma exacta imformação n'esta materia; e achando os cabos culpados, além de serem obrigados a satisfazer o prejuizo em dobro, para se distribuir entre os mesmos interessados, devem remettel-os presos ao governador do estado, para mandar proceder contra elles.

Si com effeito o commercio sae bem succedido, voltam as canôas em direitura ás povoações a que pertencem. N'ellas se faz logo um manifesto authentico de toda a importancia da carga; mandando o director lançar no livro do commercio com toda a distinção e claresa os generos de que ella consta. O que tudo se executa na presença dos officiaes da camara, e de todos os indios interessados.

Passam immediatamente a mandar extrahir duas guias em fórma, de todas as parcelas, que se lançam no livro do commercio, para uma d'ellas ser entregue pelo cabo da canôa ao governador do estado, logo que chegar ao porto da cidade, com a carga dos effeitos, e a outra ao thesoureiro geral do commercio dos indios. Elle tem o cuidado de conferir primeiro as cargas com as mesmas guias; de vender os generos que recebe, aos quaes deve dar a melhor reputação, que permittir a qualidade d'elles, o que não póde executar sem dar parte ao governador do estado.

De todo o dinheiro que liquidamente importa a venda dos sobreditos generos, manda o directorio ao dito thezoureiro pagar em primeiro logar os dizimos á fazenda

real ; em segundo as despesas que se fizeram na'quella expedição ; em terceiro a porção arbitrada ao cabo da canôa (que pelo tempo adiante se arbitrou na quinta parte) ; em quarto a sexta parte pertencente aos directores, distribuindo-se finalmente o remanescente em partes iguaes por todos os indios interessados.

Succedeu porém, que, sendo o primeiro thezoureiro dos indios Antonio Rodrigues Martins, a quem havia nomeado n'este cargo o Illm. Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado sem lhe haver comtudo determinado estipendio algum, em attenção ao laborioso emprego que tinha, de receber as drogas do sertão, beneficiar as que eram de embarque, vender as que deviam consumir na terra, preparar as canôas que se dirigiam ao sertão, e comprar as fazendas que eram precisas para os indios, com todas estas forças instruio o requerimento, que pôz na presença de S. Ex., pedindo-lhe que fôsse servido mandar determinar ao supplicante o estipendio de dez por cento,que deveria tirar de todo o recebimento, ficando elle obrigado a fazer por sua conta sómente a despeza de pagar a homens de intelligencia para o ajudarem, e a indios para lidarem com os generos, aos quaes pagaria o supplicante á sua custa, como tambem a despeza que se fizesse em os alugueis das casas precisas, dando-se-lhe estas de aposentadoria, no caso de não morarem n'ellas os proprios donos.

Por despacho de 23 de Outubro de 1757, mandou S. Ex. informar o sobredito requerimento pelo dezembargador provedor da fazenda real João Ignacio de Brito Abreu. E tendo elle informado na data de 24 do referido mez e anno, que, em attenção ao exposto, se não podia dar ao supplicante menos de seis por cento, n'esta conformidade lhe deferio S. Ex. por despacho de 14 de Dezembro do mesmo anno, concedendo-lhe os seis por cento, que informou o dito dezembargador em attenção ao grande trabalho e despezas que tinha, por causa d'aquella commissão.

N. B. I. Que a referida commissão se conta e se tira. depois de se abaterem o dizimo e o quinto dos cabos, e que do dinheiro das olarias e de outras producções, que

se remette das povoações á thezouraria, se contam e se tiram sómente tres por cento de commissão.

II. Que ha mais um escrivão da thezouraria, e um procurador dos indios, os quaes por desconto, que tambem se faz do producto dos negocios communs, vencem cada um por anno 60$000.

III. Que a fórma de se contarem os quintos aos cabos, e algumas das sextas partes aos directores, se regulou ultimamente pelo que V. Ex. dispôz na ordem expedida ao intendente geral do commercio do Pará em data de 15 de Novembro de 1779 e na mesma tambem participada ao governo d'esta capitania.

XXIV

Navegação

Navegam-se da cidade do Pará, para o Rio-Negro os generos mencionados no tit. XXIII, e d'este para aquella cidade os que constam do titulo XXII, além dos que devem constar do outro titulo XXV. A taboa adjunta n. 5 faz menção dos primeiros e seguudos fretes, que se lhe ordenaram. Os vasos para a sua navegação são canoas ou botes de meia coberta, depois que assim o ordenou V. Ex. no proscripto da carta circular que expediu aos directores da capitania do Grão-Pará, em data de 18 de Setembro de 1773, participada ao governador da capitania em aviso da mesma data para a fazer executar pelos directores d'ella.

O effeito da dita ordem foi evitarem-se as avarias dos generos, pelas alagações a que andavam muito arriscadas as canôas de pôço, em que até então se transportavam. Não foi este sómente o beneficio, que lhe deveram a agricultura, a navegação e o commercio. Deveram-lhe tambem a providencia que deo para a segurança d'ella;

quando ordenou aos directores por portaria de 1° de Fevereiro de 1776, que tivessem sempre promptos de munições de boca e de guerra os botes de reserva, os quaes deviam existir nos portos das povoações.

Elles, segundo eu já escrevi na memoria que intitulei—Da Marinha interior do Estado, pela razão de estarem promptos para alguma subita emergencia do real serviço, como foi a da actual diligencia da demarcação de limites; ou para algum caso occurrente de invasão, em qualquer das duas capitanias, ou seja por estas ou tambem pela outra razão não menos attendivel, depois de terem sido feitos sem desembolso algum da real fazenda, e o que mais é sem a minina vexacção das povoações, dão a V. Ex. um indisputavel direito á gratidão d'estes povos.

O tempo de serem expedidas pelos directores, para a cidade do Pará as canoas dos effeitos colhidos e cultidados pelos indios, foi expressamente determinado pelo Exm. Sr. Fernando da Costa d'Atahide Teive, no § 9 da carta circular de 3 de Outubro qe 1769, a qual ordenou, que as canoas do commercio se achassem precisamente no porto da cidade com os effeitos que trouxessem, a tempo de se poderem beneficiar e embarcar; sahindo o cabo com elles, e com a guia competente (de cada uma das povoações) até 25 de Julho, si antes não poder ser.

O que assim foi recordado e confirmado no exordio da outra carta circular de 14 de Outubro de 1775, segundo n'elle se explicou V.Ex.,que, tendo observado que a maior parte dos directores de ambas as capitanias se tinham animado á liberdade de expedirem para a cidade as canoas do transporte dos generos demasiadamente tarde, não só expondo-as a manifesto risco, no encontro da maior força dos ventos geraes (que ventam sempre pela proa), mas até faltando a execução da ordem de seu Exm. antecessor, os advertia sobre o cumprimento d'ella, para que das ditas povoações expedissem as canoas até 25 de Julho &.

Com effeito desde os fins de Agosto até aos de Dezembro ventam os geraes, que para a navegação d'agua

abaixo o menor mal que causam é o redardarem as viagens.

Em outra qualquer monção uma canôa grande de carga, sem ser ronceira, gasta desde a villa de Barcellos até á cidade do Pará 30 dias, e o mais tardar 35 até 40. Os botes ordinarios descem em 25 dias.

Porém pela mesma razão que para descerem as canôas obstam os geraes, para voltarem para cima as ajudam muito. Voltam, conforme ellas são, e vêm esquipadas e conforme o estado dos rios das Amazonas e Negro, com relação ás suas correntezas, em 45, 50, 60 dias e ás vezes mais.

XXV

Manufacturas

MANTEIGAS DAS BANHAS E DOS OVOS DAS TARTARUGAS

Sendo esta a que mais tem avultado entre todas as outras manufacturas, ella com tudo não é propria d'este rio, mas sim do dos Solimões, onde se fazem nas praias do Catalão, do Cuidajá, do Perequitu, do Manacapurú-incuy, do Camaleão, do Camara-purú-purú, as quaes se descobrem com a vasante do rio, pelos dous mezes de Novembro e Dezembro. Veja-se a memoria que intitulei « Das tartarugas do Estado », datada de 3 de Fevereiro de 1786.

Antes da prohibição do bando de 19 de Setembro de 1769, que o Sr. Joaquim Tinoco Valente mandou lançar na villa capital de Barcellos, algumas manteigas se faziam no Rio-Branco. Reflectio porém, que, sendo as tartarugas d'aquelle rio precisas para o sustento dos moradores d'este, elles tam-sómente arrastados de uma céga avareza com a factura das manteigas das banhas, esperdiçavam mais do que approveitavam, porque todas as tartarugas morriam; porém nem todas davam banhas sufficientes, nem das que as davam, se aproveitava mais do que

as banhas; donde vinha a resultar, que infinitas d'ellas, cujas carnes se podiam aproveitar para o sustento, pelo contrario se lançavam ao rio depois de tiradas as banhas, visto que se não podia salgal-as, e no rio serviam de pasto aos jacarés, aos urubús, ás piranhas e ás piraráras. E por todos estes motivos prohibio a viração das tartarugas d'aquelle rio, para as referidas manteigas; debaixo da pena de perderem o negocio que fizessem, valor do damno que causassem, e 30$000 pagos, depois de seis mezes de cadeia pela primeira vez: pela segunda o dobro da pena pecuniaria, e um anno em ferros; incorrendo nas mesmas penas os directores que tal consentissem, e não dessem parte. O que não obstante, alguns potes d'ella se fazem furtivamente n'aquelle rio, e no outro chamado Uaracá.

Em carta de 24 de Outubro de 1772, expedida aos directores da capitania, ordenou, que para a factura das manteigas se expedissem os indios para os rios das Amazonas e dos Solimões pelo mez de Outubro para se recolherem ao mais tardar até 25 de Dezembro, porque de outra fórma com este, e com o outro negocio das drogas do sertão, andavam sempre distrahidos das suas respectivas povoações, sem lhes restar tempo para o empregar na economia rustica e domestica, como deviam de obrigação ás suas familias.

A propina que desde o tempo da demarcação passada ficaram percebendo os governadores, de toda a manteiga de tartaruga precisa para as luzes domesticas de sua residencia, assim como a de quatro potes da dita por anno para cada sargento, a de seis para cada alferes ou tenente, a de doze para cada capitão, e o mesmo para cada um dos reverendos vigarios, geral e particular da villa, o qual percebia outros tantos para a alampada da matriz, a de outros doze para o doutor ouvidor geral e o mesmo para o almoxarife, para o escrivão da fazenda e para o cirurgião da capitania.

Todas estas propinas ordenou o Illm. e Exm. Sr. Joseph de Napoles Tello de Menezes, em carta de 25 de Setembro de 1781, expedida ao governo interino, que ficassem para o diante absolutamente suspendidas, na conformidade do que a este respeito havia representado á

junta do erario o doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio, conservando-se unicamente a da manteiga precisa para a alampada da matriz, e para o aquartelamento da tropa da guarnição.

Ao mesmo doutor ouvidor geral, como provedor da real fazenda, tinha o governador ordenado em carta de 23 de Maio de 1777, que por conta d'ella se pagasse cada pote de manteiga pelo preço de 500 réis. Nem isso mesmo valem alguns, porque a que não está, ou mal depurada da agua, ou de proposito falsificada com ella, tem um cheiro e sabor, que a faz regeitar para o comer. Consiste o methodo de tirar das banhas a manteiga em as frigir simplesmente; si as fregem emquanto frescas, a manteiga é bôa para com ella se temperar a comida e frigir o peixe, não se lhe persente o cheiro, nem sabor máu: não assim quando, antes que as frijam, primeiro as deixam fermentar um pouco em ordem a fundir mais a manteiga, ella sae com o defeito de rançosa, e adquire logo um máu cheiro.

Tendo a actual diligencia da demarcação de limites, com as frequentes expedições dos indios, influido muito na carestia d'ellas, tem-se reputado cada pote na villa de Barcellos, em os dois ultimos annos de 1785 e 1786, a 800 até 1$000 réis, e na cidade do Pará a 2$, 2$600 até 3$200.

LOUÇA FABRICADA EM OLARIAS

Não ha mais do que quatro em todo o Rio-Negro, que são a do lugar annexo á fortaleza da barra, a qual, para ter em que trabalhar, recebe o barro que se manda buscar á margem opposta; e ainda assim já presentemente não trabalha, depois que se amiudaram as diligencias do real serviço.

A da villa de Moura, ainda que tem a gente para trabalhar, não trabalha mais do que tres mezes em cada anno; porque, estando ella situada em um pantanal, onde tambem está a casa do fôrno, uma e outra se alagam com a enchente do rio; tambem não tem barro á mão, e o director o manda buscar a Poiares, donde o transportam

os indios nas canôas do serviço; e Poiares que tem o barro preciso, não tem olaria.

Assim se tem disposto (digo eu na participação IV da segunda parte) o trabalho de similhantes manufacturas; de sorte que onde ha os generos, não se applicam as mãos, ou porque não podem, ou porque não sabem, ou porque não querem, e onde ha o cuidado de as applicar, não ha os generos. Das duas olarias que houveram na villa de Barcellos, uma d'el-rei para as suas obras, e a outra da povoação, existe a segunda, que pouco ou nada trabalha, e a primeira apenas conserva a simples casa do fôrno. Ultimamente a da villa de Thomar fica arruinada de todo, e por isso necessita de a restabelecerem.

Em acordam da vereação da camara de 8 de Julho de 1772, se taxaram os preços, pelos quaes se deveria vender a louça fabricada na olaria de Barcellos, e foram os seguintes:

Quartas maiores bornidas, cada uma com sua aza	50 rs.
Ditas não sendo bornidas	40 »
Ditas menores bornidas	40 »
Ditas por bornir	30 »
Bilhas, não sendo bornidas	20 »
Alguidares grandes, cada um	50 »
Ditos pequenos	40 »
Bacias de barba bornidas, cada uma	30 »
Ditas por bornir	20 »
Bispotes grandes	40 »
Ditos pequenos	30 »
Ourinóes, cada um	20 »
Tigellas para farinha	5 »
Fogareiros grandes	50 »
Ditos pequenos	40 »
Ditos mais pequenos de perfume	30 »
Luminarias, a duzia	40 »
Panellas grandes	40 »
Ditas menores	30 »
Ditas mais pequenas	20 »

Telha grande para canal, o milheiro.....	4$200 rs.
Tilo pequeno e comprido, o milheiro.....	3$000 »
Candeias.....	20 »
Medidas de canada, cada uma.....	25 »
Ditas de meia canada.....	15 »
Ditas de quartilho.....	10 »
Ditas de meio quartilho.....	5 »

E sendo requerido pelo capitão-director Severino Eusebio de Matos, por parte dos indios interessados na olaria, que se taxassem os preços aos potes de cantareira, e ditos potinhos de manteiga, por se lhes não terem taxado, ao tempo em que se fez a primeira postura, taxaram-se com effeito em vereação de 26 de Abril de 1783.

Cada pote de cantareira com quatro azas e seu pucaro e testo em.....	140 rs.
Ditos potinhos de manteiga, cada um em....	40 »

DITA FABRICADA Á MÃO

E' a de que usam as indias para o serviço de suas casas, como são as panellas chamadas igaçabas, algumas tigelas, alguidares, bilhas, etc., são feitas á mão, e cosidas debaixo de tijupares de lenha ou antes cascas de páos, escolhendo ellas para a dita louça o barro mais limpo de arêa; encorporando-lhe para não estalar, a cinza das cascas da arvore caraipê ou a cal dos cascos das tartarugas, ou o pó das escorias de ferro; e envernisando-a por dentro com a resina de jutaicica, para supprir o vidro.

Veja-se a memoria d'este titulo, datada de 5 de Fevereiro de 1786.

REDES DE ALGODÃO E MAQUEIRAS

Sendo muito pouco o algodão que se cultiva, e por conseguinte o que se colhe, ainda até agora se não tem introduzido os descaroçadores para o descaroçar, e as rodas para o fiar. Donde se segue, que não ha um só tear de panno de algodão, e muito poucos são os das rêdes.

A maior parte d'ellas é feita de fios das folhas das palmeiras murutí, e dá-se-lhes nome de maqueiras. Fazem-nas os indios do distrito da parte superior, os quaes, quando descem á villa de Barcellos, as vendem a 160 rs. Alguns brancos mais curiosos as tecem a seu geito, pintando-as de varias côres, e ornando-as de pennas de aves, para as venderem a 4$, 6$, até 8$000.

CUIAS E CHAPEOS DE PALHINHA

As indias do lugar do Carvoeiro são as que melhor as pintam, á imitação das que se fazem na villa de Monte-Alegre. Veja-se a memoria d'este titulo datada de 5 de Fevereiro de 1786.

Alguns indios da villa de Thomar, como tambem alguns pretos, escravos dos moradores da villa de Barcellos, tecem chapéos de palhinha pintada, porém inferiores na qualidade aos que tecem as indias das villas de Santarem, e Alter do Chão.

Veja-se a outra memoria da mesma data sobre as salvas, chapéos de palhinha pintada.

RALOS

Tambem os fazem os indios do distrito da parte superior, e usão d'elles para ralarem á mão a mandioca. Quebram em miudas lascas o quartzo das cachoeiras, a que chamam pedra de ralo. Embutem as ditas lascas em suas taboas, distribuindo o embutido em fórma de xadrez e o envernisam com o leite de sorva, corado com o tauá. De ambas as capitanias se fazem muitas encommendas d'elles; os indios os vendem por duas facas, ou valor d'ellas, que ali se reputa a 160 réis cada faca. Os directores os passam n'este rio a 640 réis. Na cidade do Pará se pagam a 1$000 até 1$600.

ANIL

Feculas vegetaes para a tinturaria do anil está dito o que basta no tit. XXII.

URUCU'

Recomendou V. Ex. ao terceiro doutor ouvidor geral em carta, que lhe dirigio na data de 22 de Dezembro de 1775 pelo theor seguinte:

O urucú dando-se ahi bem, deve merecer a V. Mce. um igual disvelo em promover o seu estabelecimento, porque d'este genero se precisa muito nas fabricas do reino, chegando a reputar-se algum que na frota passada se remetteu até o preço de 1$400. Porém é preciso, que, podendo-se lavrar, os agricultores o fabriquem com perfeição, e sem o engano com que n'este estado ordinariamente se costumam falsificar todos os generos da sua producção. Donde resultou distribuir aquelle ministro pelos lavradores mais intelligentes o manuscripto intitulado — Observações sobre a cultura e fabrica do urucú — extracto da obra «Casa de Campo», para o uso de Caiena, por Monsieur Prefontaine.

Fabricaram-no com effeito alguns dos ditos lavradores, entre os quaes se distinguio o capitão de infanteria auxiliar Joseph Antonio Freire Evora, porém havendo cessado a assiduidade das encommendas d'elle, e tendo por outra parte diminuido em reputação, deixaram-se de o fabricar até hoje, que apenas fabricam as amostras que se lhes encommendam.

CAÁ-PIRANGA

Foi a que fez o objecto da outra participação, que tambem V. Ex. dirigio ao provedor, e deputados da junta da companhia geral do commercio, em carta de 29 de Abril de 1776, que dizia assim:

Tendo eu aqui observado a bella côr rôxa, de que com as folhas de umas arvores chamadas caá-pirangas se tingem varios tecidos de algodão, e entrando no exame de ver, si se podia extrahir das ditas folhas algum deposito de tipioca, que reduzida á massa facilitasse o uso d'aquella tinta para as fabricas do reino, consegui o fazer apromptar a amostra do dito genero, que com as cópias das cartas dos sujeitos a quem incumbi

o referido exame, remetto a V. Mces., para que, servindo-se de mandarem examinal-a, se possa conhecer si é ou não genero que se deva fabricar, declarando-me V. Mces. em tal caso o preço que de cá poderá merecer.»

A resposta que se deu a V. Ex. em data de 23 de Julho do mesmo anno foi, que, não tendo cabido no tempo o fazerem-se as devidas experiencias, as quaes estimariam, que correspondessem ás suas estimaveis diligencias, de tudo o que em tal assumpto observassem, quando podesse ser, fariam a devida participação; até hoje se espera por ella, e por conseguinte cada morador fabrica a porção, que lhe basta para a tinturaria que se propõe.

CARAJURU'

Ao mesmo provedor e deputado dirigio V. Ex. outra participação, que consta de um dos paragraphos da carta de 14 de Novembro de 1777.

«Remetto a Vs. Mces. em uma caixinha a amostra de certa qualidade de tinta a que chama carajurú, produzida e fabricada na capitania do Rio-Negro; para que fazendo-a Vossas Mercês examinar, me digam, si ahi s lhe reconhece prestimo, e em tal caso a quanto aqui se poderá pagar».

Nada resultou de similhante participação, e por conseguinte o carajurú ficou sendo o que é; quero dizer, uma das amostras que ha da curiosidade dos indios, e tambem da de alguns lavradores.

GUARANÁ

Emquanto se não reconheceo a differença, que tinha o que era fabricado pelos indios do Rio-Negro, do que sempre fabricaram os gentios Magués, e emquanto para as repetidas encomendas, que da cidade do Pará se faziam d'elle, se pagou a libra a 1$000, algum fabricavam os moradores. Vio-se afinal, que dentro em um anno apodrecia muito, e se cobria de vermes (o que não succede

ao dos Magués), e por outra parte diminuio o seu consumo, de maneira que só se fabrica o que se encomenda.

MEL DE ENGENHO

Ouve-se falar n'elle tão a miudo que entender-se-á talvez, que esta é uma das grandes manufacturas. Examinando o caso está visto, que as maiores quantidades não passam de algumas frasqueiras d'elle, que os fabricantes vendem á razão de 320 rs. cada frasco para supprir a falta do assucar.

AGUARDENTE DE CANNA

Conseguio finalmente o capitão de infanteria auxiliar Bento Joseph do Rego, morador do lugar de Poiares, a licença de erigir na sua roça um molinote de canna para fabricar algum mel, e tambem a aguardente da terra; aguardente que, tendo desde o seu principio influido na decadencia dos engenhos de assucar da capitania do Pará, e nas desordens originadas das crapulas entre os brancos e os indios das povoações, deu motivo á representação que áquelle respeito puzeram na real presença de Sua Magestade os officiaes da camara d'aquella cidade em data de 20 de Dezembro de 1705.

Donde se seguio, que, tendo Sua Magestade mandado examinar as razões espendidas, fez baixar pelo seu conselho ultramarino a provisão de 18 de Setembro do seguinte anno de 1706, pela qual ordenou, que todo o senhor de engenho que fôsse comprehendido no crime de converter as cannas em aguardentes, pela primeira vez perdesse a safra, pela segunda além de a perder, seria condemnado em quatro mezes de cadeia, e pela terceira perdesse o engenho.

As mesmas desordens que via que ella causava n'esta villa o Exm. Snr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando aqui estabeleceo o seu arraial, para a diligencia da demarcação passada, deram motivo ao bando

de 15 de Agosto de 1755, ordenando n'elle S. Ex. que ninguem a vendesse, ou negociasse com ella, debaixo da pena de ser condemnado em 12$000 e 30 dias de prisão.

Querendo Sua Magestade dar uma nova fórma ao estado, achou justo e conveniente reforçar, como reforçou nos §§ 40 e 41 do directorio, a prohibição do dito genero nas povoações, que mandou erigir em villas e lugares.

O que não obstante continuaram os abusos d'elle, de maneira que se vio o Sr. Joaquim Tinoco Valente na obrigação de mandar publicar o bando de 5 de Maio de 1768, ordenando que todo o que continuasse a introduzil-o fosse condemnado em 30$000 pagos, com seis mezes de prisão em ferros na fortaleza da Barra.

Reparou o doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio, que o effeito d'esta tinha sido o mesmo, que o das outras prohibições, e desenganando-se com o governador, que não havia meio de efficazmente cohibir a introducção da aguardente; antes cohibida esta, se não podia cohibir a outra bebida do pajuarú, e a da aguardente dos beijús, em prejuizo das roças da maniba, cujas raizes se arrancavam, não para se fabricarem as farinhas, mas para se distilarem as aguardentes, e em carta de 5 de Junho de 1774 representou a V. Ex., que visto ser impossivel excluir absolutamente a introducção da aguardente, antes ficar servindo a exclusão da de canna, de introduccão da outra dos beijús; e visto não ter a camara d'esta villa de que se assegurar um rendimento certo para as despezas publicas.

N'estes termos lhe parecia, que, fazendo V. Ex. da necessidade virtude, concedesse a licença precisa, não para n'esta capitania se levantar molinote algum, mas para se estabelecer em contracto a venda da aguardente, que se lhe introduzisse; que foi o que V. Ex. consentio debaixo das condições declaradas na resposta de 27 de Setembro do dito anno.

Porém nunca deixando de se resentir da introdução de um genero, o qual (segundo V. Ex. se explicou no ultimo paragrapho da conta expedida á Sua Magestade pelo seu conselho ultramarino em data de 25 de Janeiro de 1780) occupando no estado um avultado numero de pessoas, faz

com que estas venham a faltar para a lavoura mais util, e de exportação mais interessante aos povos do reino. Quando assim mesmo a elles lhe seria igualmente util aquella providencia, para que menores porções que das ditas aguardentes, aqui se fabricassem, viesse a ser maior o consumo das do reino, etc.

E' indisputavel, quanto a mim, que para o adiantamento das lavouras uteis á capitania, tanto mais se deve vigorar a prohibição não digo das aguardentes fabricadas no Pará, mas sim dos molinotes aqui erigidos para a fabrica d'ellas, quanto maior é o perigo que corre a mesma capitania de com a manufactura de um genero prejudicial, enfraquecer e agricultura d'aquelles que para si, para o estado, e para todo o seu commercio interior e exterior, são da primeira necessidade e reputação. Porque não havendo o genero, que não digo n'esta, mas que em ambas as capitanias, tenha uma tão facil, tão prompta, e tão repetida sahida, como a referida aguardente, não ha tambem genero, que mais conta faça ao lavrador, o cultival-o e fabrical-o do que aquelle que fabricado que seja, talvez que em sua propria casa, sem despeza alguma de frete, e sem o risco da conducção, lhe compensa o seu trabalho.

Supponha-se agora, o que é verdade (digo eu na nota n. 2 e um dos paragraphos da participação 2ª da 2ª parte), que não são muitos os braços a empregar.

Seguir-se-á, que o anil, o café, o algodão, o tabaco e os mais generos ricos e precisos para o seu commercio interior e exterior, diminuir-se-ão á proporção da gente empregada na cultura tam-sómente da canna, e nos lambiques das aguardentes.

Sem embargo do exposto fica introduzido na capitania o primeiro molinote para ellas. E o juiz ouvidor interino, que então servia, não só se não explicou áquelle respeito como se deveria explicar na qualidade de intendente, mas em termo de audiencia e correição, que fez aos 18 de Novembro de 1785, deixou o provimento seguinte: Que attendida a razão de dever o dito fabricante pagar á camara 6$000 por anno, e 160 réis por cada frasqueira á fazenda real, venderia cada uma d'ellas a 4$320 e a 360 réis cada frasco.

N. B.—Que ainda que no rio dos Solimões se perdeu a manufactura das tapoeiranas (que eram uns tecidos de algodão de differentes matizes, fabricados pelos Cambebas), algum passo tem V. Ex. principiado a dar para o seu restabelecimento. Porque tendo o commandante de Borba mandado vir á sua presença os cinco indios espanhóes que desertaram, segundo elles disseram, da povoação de Sant'Anna da provincia de Santa Cruz de la Sierra, dominios de Espanha confinantes com a capitania do Mato-Grosso, aos quaes prenderam os cabos das canôas, que andavam ao negocio das manteigas de tartaruga, dentro do rio da Madeira, e tendo V. Ex. reparado no tecido de que eram feitas as suas camisetas, em carta de 25 de Janeiro do corrente anno, recommendou aquelle commandante, que visto que elles sabiam tecer aquelles pannos de que vinham vestidos, bom seria estabelecer-lhes alguns teares, e comprando-lhes o algodão, faze-los trabalhar na qualidade de tecidos, que parecesse,que poderiam ter melhor sahida,em ordem a que assim se podessem vender, depois de descontado no preço o custo do algodão. Com a participação de 22 de Abril remetteo aquelle commandante uma amostra de panno de algodão, e uma liga tecida por elles. Pelo que em resposta de 16 de Maio lhe significou V. Ex a satisfação, que d'isso tinha.

Parece-me comtudo, que esta é uma d'aquellas manufacturas, que, devendo por muitas razões entreter os braços que ha no reino, não deve distrahir os poucos que ha no estado, e apenas bastam para as suas pequenas plantações e colheitas.

E' verdade, que em outro tempo se pensou de outra sorte, porque pelos avisos expedidos de ordem de Sua Magestade, pelo Exm. secretario de estado Marco Antonio de Azevedo Coutinho, aos vice-reis da India e do Brazil, e ao capitão general do estado do Grão-Pará e Maranhão, na data de 21 de Março de 1750 se determinou: Que da peninsula da India se conseguissem algumas familias de tecelões e pintores, para debaixo das condições, com que se contratassem, se transportarem e estabelecerem n'este estado,afim de n'elle manufacturarem

chitas, e outras drogas de algodão, transportando os teares, rodas e engenhos de o descaroçar, e todos os mais instrumentos necessarios para o completo exercicio das suas profissões; como tambem os simplices de que se preparavão as tintas, principalmente a raiz de ruinaz, etc., etc.

Porém d'esta determinação eu já disse, que não foi a mais bem entendida pelos que a insinuaram á Sua Magestade; visto que o de que importa tratar, é de recolher tam-sómente o maior numero de producções, que rendem as conquistas, reservando para os braços do reino o manufacturar todas aquellas que para elle se podem transportar.

D'este modo pagaram as conquistas tanto a mão da obra, como os fretes das importações; e á custa d'ellas entretiveram, e augmentaram os Europêos a navegação do Brazil; o que não succederá assim, a poderem ellas manufactural-as: porque reforçal-as-ão em dinheiro, e em industria por uma parte as importantes sommas, em que devem importar os generos, e por outra a mão de obra: o que indicaria bem cedo uma notavel differença na balança do commercio, vindo este a ser passivo para aquelles que o deveriam fazer activo.

Tambem é verdade, que, pela carta régia de 30 de Maio de 1756, foi Sua Magestade servido crear o logar de intendente geral da agricultura do commercio e das manufacturas do estado do Grão-Pará: porém quanto ás manufacturas, eu sempre fui de parecer, que se não deviam entender tão ao pé da letra; e que as de que se devia supôr encarregado eram as d'aquelles generos tam-sómente como o anil e o urucú, os quaes em genero se não podem transportar para o reino, para lá se manufacturarem, como se podem transportar o algodão e outros muitos. Ora d'este modo não discorreram certamente os que em outro tempo estabeleceram e procuraram promover as salinas na costa do Pará, sendo genero aquelle, que bastava que houvesse tanto quanto lá no reino para com elles se não distrahirem os braços, que aliás se precisam, para de cá se tirarem os que lá não ha.

Emfim onde não ha gente, que baste para as lavouras

do paiz que hão-de constituir a força das suas exportações, nenhuma se deve distrahir para as manufacturas, que se lhe devem introduzir pela metropole.

XXVI

Clima

Pelo caracter dos naturaes ; pela sua côr e phisionomia ; pelas suas vozes, e outros viziveis effeitos da influencia do clima, póde-se logo ajuizar das qualidades do céo, e do terreno em que vivem. A côr em quasi todos é macilenta, as vozes debeis e desentoadas, e todos elles ociosos, e negligentes. O que faz concluir, que este nenhuma differença tem para menos do que se experimenta nos climas das outras colonias portuguezas, que, estando situadas entre os tropicos, são cortadas por caudelosissimos rios, cobertos de altissimos arvoredos.

Todo o anno se divide em duas estações, que são o verão e o inverno : este consiste em chuvas abundantissimas, aquelle em calores excessivos : em um só dia se experimentam ambas ellas sem raridade. Geralmente as manhans, e as tardes depois do sol posto são frias como as noites, e os orvalhos abundantissimos : o resto do dia é ardente ; donde se vê, que um similhante paiz deve ser extremamente humido, não só pelas chuvas de seis mezes continuos em cada anno, mas tambem por ser todo elle cortado de infinitos rios, em cujas bocas e margens estam situadas as povoações. Os calores depois das nove horas da manhan, até ás quatro da tarde são insuportaveis, de maneira que se não póde sahir fóra de casa. Com esta alternativa de calor e de humidade se gera na atmosphera uma tal podridão, que os vestidos e os papeis fechados apodrecem ; os metaes se enferrujam ; os couros se cobrem de bolor, esgretam, e se arruinam ; o vinho, por pouco tempo que o deixem exposto ao ar, se derranca,

e se avinagra ; a polvora, o sabão, o sal e todas as mais esponjas da humidade a attraem e se disfazem, e tudo padece alteração.

Ordinariamente o calor mais sensivel do que costuma ser, annuncia as trovoadas : emquanto pendem as nuvens sem se desatarem em agua, fica tão abafada a atmosphera, que mal se póde supportar no corpo a mesma camisa ; então as primeiras pingas d'agua que caem são grossas ; a terra entra a evaporar de si, um cheiro terreo, e embebe, ou conserva mais ou menos tempo a agua, segundo a sua qualidade e posição.

De repente refesca a atmosphera, e ás vezes tanto que é preciso cobrir-se a gente mais do que o ordinario; de sorte que nada é tão perigoso como esta subita transição de um para outro estado. Porque com o excessivo calor que precede as trovoadas, estão rarefeitos os corpos e promovida n'elles uma copiosa transpiração : o vento humido que as acompanha, encontrando-os mal cobertos, os constipa e occasiona n'elles as constipações, as defluxões e as hemieraneas, etc. Bem poucos são os novilunios que não são aquosos e por conseguinte defluxionarios, particularmente quando vêm acompanhados de frios irregulares.

Mal se poderia viver pelos mezes de verão, si não fôssem os ventos geraes, que reinam desde os fins de Agosto até os de Dezembro.

Parece,que em circumstancias taes, pedindo algumas razões de estado, que se estabeleçam as povoações sobre as margens dos rios, onde os bosques são espessos, os arvoredos altos, e as terras baixas, dever-se-ia no intuito de evitar um ar soffocado, os bichornos, e muitas doenças mortaes, supprir e emendar com a arte os defeitos da natureza.

A arte é que ensina, que n'estes sitios humidos, aquosos e alagados, seria necessario viver em casas altas antes no segundo e terceiro andar, do que no primeiro. A arte é a que ensina, que se deveria evitar a morada de casas terreas e lageadas de pedra, ou de tijolo, sem serem assobradadas, ou terem fundamento algum, ou de ossos calcinados, ou de pó de carrão, ou de arêa enxuta.

A arte finalmente é a que ensina, que as varandas devem ser espaçosas, as janelas rasgadas e umas e outras voltadas para os ventos mais sadios que discutem o ar, varrem as atmospheras particulares e conservam as vidas das habitantes por tempo mais dilatado.

Sem embargo do que ensina a arte, nem as povoações têm sido até agora fundadas, nem as casas dos moradores edificadas segundo as regras da architectura medica e politica applicavel ao paiz. O commum de todas ellas é serem terreas; as que não são totalmente, são quasi terreas, porque supposto que os pavimentos d'ellas algum tanto se levantam sobre o nivel da terra, poucas são assoalhadas, todas são construidas pela maneira seguinte: levantam-se os esteios, que são de madeiras mais fortes e duraveis, cujas extremidades se fincam na terra, com a cautela, quando muito, de as tostarem, e não aguçarem. Em vez de pregarem os caibros, que lhes atravessam para fazerem o engradamento, atam-os com os cipós ou do uambé, ou do timbó-titica, e sem adubarem o tijuco, nem muitas vezes fazerem uso da colhér, mesmo á mão vão emboçando o frontal. Para resguardarem das chuvas o logar immediato aos alicerces que elles não têm, guarnecem-o de uma sapata de pedra e cal, quando a ha, revestida de tijolo.

Serve esta prevenção de impedir, que logo se entrem a cercear os esteios á fllôr da terra, como succede aos que não são guarnecidos. Muito poucas são as casas cobertas de telhas, e o commum das que o são, é serem de telha van. Ordinariamente as cobrem de palha de obim, que não dura mais do que quatro annos.

Sendo a terra tão humida como é, vê-se bem quão pequeno é o cuidado, que a estes povos merece a conservação da sua saude; porque em vez de levantarem da terra os pavimentos dos edificios, e tratarem de dissipar d'elles a humidade que os persegue, rasgando nas paredes exteriores da casas um sufficiente numero de portas e de janelas que as arejem, e dando-lhes em justa proporção o pé direito que lhes compete, pelo contrario as fazem baixas e rente com a terra, ajudando a encarcerar mais o ar as chamadas gurupemas de um tecido de palha

demasiadamente miudo, que servem de catavento, não sei si diga que ás vigias e frestas da casa, si ás janelas que se praticam.

Por outra parte não sei o que em simlihante artigo emendaram, ou innovaram os engenheiros da demarcação passada, porque, tendo elles sido consultados para as fundações das nossas povoações e tendo com effeito dado algumas plantas para casas e edificios, dever-se-ia esperar d'elles, não menos do que a applicação e concordia dos principios da medicina politica com os da architectura civil e militar. Porém para qualquer parte que se lance a vista não se descobre um só indicio, que mostre, que similhentes architectos fizessem caso algum da physica geral na pratica das suas artes.

De algumas observações physicas que se têm feito, concernentes ao titulo em que estou, não deixarei de dar aqui os resultados geraes; tendo ellas sido de differentes classes, como se vê da epigraphe de cada uma d'ellas.

MAGNETICAS

São as que dizem respeito ás variações da agulha, segundo os differentes tempos e lugares, em que se ellas têm observado dentro n'este rio. Em viagem que de ordem de V. Ex. fizeram para o quartel da villa da Ega os dous Drs. astronomos Joseph Simões de Carvalho e Joseph Joaquim Victorio da Costa no anno de 1780, observaram e participaram a V. Ex., que a declinação da agulha magnetica na fortaleza da Barra mostrou ser de

$$6, \frac{05}{6} \text{ NE}$$

Por occasião da primeira viagem, que tambem de ordem de S. Ex. fez o Dr. astronomo Francisco Joseph de Lacerda Almeida á parte superior do Rio-Negro no seguinte anno de 1781, observou e participou o que consta do seguinte extracto:

	Variações NE
Barcellos.....	7°,19'
Lamalonga.....	8°,30'
São-Gabriel.....	13°,00'

THERMOMETRICAS

De ordinario ás 6 horas da manhan..	20°	é o ordinario em todo o anno.
» » 9 » » » ...	22°	
» » 12 » » » ...	24°	
Nos dias de maiores trovoadas antes d'ella sobre o mercurio, até....	25°	

Passada ella, torna ao seu estado commum em todo o anno, segundo a hora a que sobrevem. Porém ainda se não vio descer para baixo de 19° até 18 ½°.

ELECTRICAS

Ambos os phenomenos tenho visto, quanto aos raios, serem expedidos da terra para as nuvens e d'aquella para estas. Nem tão perto quizera eu ter observado os effeitos de dous d'elles. No quintal das casas de residencia da villa do Monte-Alegre, onde me eu achava pelo mez de Novembro do anno de 1784, tinha visto cahir um raio, que sem fazer outro algum damno mais do que arrastar pelo chão uma criança, que se entretinha com uma ovelha, matou a ovelha e deixou a criança. Porém este me não assustou tanto como os dous que vou a referir.

Primeiro

Estavamos todos juntos na casa de fóra do quartel do coronel commandante geral da parte superior do Rio-Negro, na manhan de 17 de Outubro de 1785, em que eu fazia tenção de sahir da fortaleza de São-Gabriel da Cachoeira, e seguir viagem rio acima, quando entrou a toldar-se o céo, e principiaram a cahir suas gôtas de agua. Conservamos-nos emquanto ellas passavam, quando vimos

claramente descer o fogo electricto, e ao entrar na distancia de 10 passos pela pedreira, sobre que estava fundado o quartel no cume da collina, estourar com um tão grande estrondo como faria uma bomba. Levantaram-se pelo ar, e voaram em redomoinho algumas das palhas,que cobriam a casa da cozinha, que nos estava fronteira, e diffundio-se um cheio de enxofre.

Dos que estavamos mais perto do lugar, onde cahio o raio, só eu e o porta-bandeira Leonardo José Ferreira sentiamos pelo dia inteiro o lado direito adormecido: todos os mais experimentaram sómente o susto. Uma arara, que não distava dous passos, nem deu signal algum de o haver sentido; uma perúa, que ainda estava mais perto, sim cahio assombrada e convulsa, mas pouco depois se levantou pelo beneficio d'agua que lhe deitaram sobre a cabeça; e os que estavam mas longe delle, foram os que mais o sentiram. O preto cozinheiro do coronel, que estava dentro na casa da cozinha, tirando o pão do forno, foi levado de encontro a uma das paredes; a india Perpetua, que estava na varanda posterior, e o creado particular, dentro de uma das casas interiores, cahiram por terra. Um dos esteios fronteiros da porta da casa da cozinha foi rachado de alto a baixo.

Tão perigosas são as habitações, que ficam no cume das collinas muito vizinhas ás nuvens, quando ellas relativamente á terra, se acham por excesso prenhes de fogo electrico!

Segundo

Pelas 7 horas da noite de 24 de Março do corrente anno, tendo eu a honra de estar com V. Ex. no gabinete do palacio da sua residencia n'esta villa, cahio um raio sobre a cruz do frontespicio da igreja parochial, que está unida ao palacio e dista do gabinete, em que estavamos, não mais do que o intervallo de quatro janellas. Levou uma lasca da cruz, que era de madeira, quebrou as almofadas das portas das janellas do frontespicio e fundio toda a sua ferragem.

Atravessou a parede, que se andava reparando, e tambem fundio uma macha-femea da porta principal da

igreja, lançou por terra todas as armas, que estavam no cabide do corpo da guarda; porém não offendeu pessoa alguma.

Pelas oito horas da noite de 27 de Junho de 1785, recolhendo-nos para nossas casas, o Dr. astronomo Joseph Simões de Carvalho e eu observamos no céo para o poente uma porção de luz, que tinha a figura de uma demi-elipse, inclinando-se o seu eixo maior algum tanto para o sul.

(*a*) O seu eixo menor apparente, que passava no horizonte, era sensivelmente muito menor a respeito do eixo maior.

(*b*) A extremidade superior do eixo maior, ou o apice da demi-elipse, passava pela constelação de Leão, cobrindo a estrella Regulus, que se achava pela altura de 45° sobre o horizonte.

(*c*) Esta luz se deixou vêr mais dias, e já no anno antecedente a tinha observado o mesmo Dr. astronomo no rio dos Solimões; e como o seu apice superior se ia occultando no horizonte, á proporção que se baixava da altura, em que se via, pareceu ser a mesma que em outras partes se tem observado e distinguido com o nome de luz zodiacal.

Pelas cinco horas e um quarto da madrugada de 25 de Julho tambem do corrente anno, estando o céo limpo e o ar sereno, se vio bem perto da terra atravessar do nascente para o poente uma exhalação na figura de um globo de fogo azulado, do tamanho que representa a lua cheia, com uma cauda tambem ignea, porém menos azulada, a qual, depois de passados, quando muito, dous minutos que desappareceu, fez sentir um estrondo igual ao de uma peça de artilharia; e passado mais outro minuto repetio segundo, porém menor do que o primeiro; e ambos soaram ao longe de maneira que pareceu, que estourou na distancia de algumas legoas.

XXVII

Dietética

Não deixa de reflectir bem quem reflecte, que, não havendo n'este rio de que adquirir indigestões, mormente durante o inverno, não ha que receiar por esta parte as enfermidades, que se originam d'ellas.

Com effeito da pesca é, que em todo o anno se vive, e esta ou é de peixe, ou de tartarugas. Só pela vasante se tira a maior copia de peixe fresco; e este ou o tiram das tapagens, ou o pescam á linha, ou o frecham, porque os moradores não usam de redes. Então com alguma fartura mais se vive; porque para as mesas delicadas se pescam a pescada, o mandubí, o mapará, e o uçará, e para a gente de trabalho os surubins, tucunarés, as raias, as piráraras, pirauibas, piraurucus, peixe-bois, e outros peixes, ou animaes aquaticos selvagens, que se pescam, ou harpoam em quantidade, quando se lhe faz a diligencia.

Porém toda esta fartura não dura mais do que o tempo que consta do titulo IX, onde fica dito, que o rio principia commummente a encher pelo mez de Fevereiro e a vasar pelo de Julho. E' certo, que tambem de inverno se tira algum peixe fresco; porém é tam-sómente o pouco que cae nos cacuris e nas tapagens, porque, retirando-se o peixe para dentro dos lagos, internados pelas margens onde acha o sustento preciso, não sae quanto basta para ser frechado ou pescado; suppre então o salgado, si é que tem havido a providencia de o mandar salgar pelo verão: mas esta salga ordinaria é tão mal feita, já porque se não expreme ao peixe toda a substancia oleosa, e já porque se lhe dá o sal com mão escassa, que do que se salga em particular, para o sustento dos indios e pretos de trabalho, procede a maior parte das desinterias e outras enfermidades de podridão. Com um alqueire de sal moido, não salgam menos de 20 arrobas de peixe.

O piraurucú bem salgado e seco é o bacalháo do estado; assim como o peixe-boi de moura imita o atum do reino. Veja-se a memoria sobre o piraurucú de 30 de Abril de 1787.

A tartaruga e á vaca quotidiana das mesas portuguezas. Come-se a sua carne cozida, assada, frita, e ensopada, e da mesma fórma os seus ovos; segundo consta da memoria d'este titulo datada de 3 de Fevereiro de 1786.

Sendo as tartarugas do Rio-Negro muito melhores que as dos outros rios, são tambem muito raras: das que se pescam nos pesqueiros dos rios dos Solimões e das Amazonas, sustenta-se a tropa da guarnição da capital; os indios empregados no serviço e os habitantes que os mandam pescar em alguns dos ditos rios; o estado em que ellas se acham, a distancia donde vem o modo de as transportar,e a occasião,tudo isto influe em morrer grande parte d'ellas, antes e depois de entrarem para os curraes, que são uns lagos artificiaes, em que as conservam.

De 2.896 tartarugas, que entraram no anno de 1785 para o curral da capitania, morreram 1.600, que se não approveitaram. No de 1784, entraram 2.710 e morreram 1217. No de 1783, entraram 2.892 e morreram 833. Em uma palavra, das 53.468 tartarugas, que desde o anno de 1780 até o de 1785 entraram em ambos os curraes da demarcação e da capitania, aproveitaram-se tam-sómente 36.007, e morreram 17.461.

Ora tendo o Sr. Joaquim Tinoco Valente ordenado em carta que dirigio ao terceiro ouvidor geral na data de 23 de Maio de 1777, que para o sustento da tropa se pagasse cada tartaruga grande a 160 rs. e as pequenas a 100 rs., segundo a V. Ex. representou o mesmo ouvidor, quando achou lesivos similhantes preços, propondo que a 200 rs. se pagassem as grandes e a 160 rs. as pequenas.

E tendo V. Ex. approvado e mandado executar aquelle arbitrio, em carta de 12 de Fevereiro de 1780, fica sendo facil de calcular o preço, em que, supposta a dita mortandade, vieram importar as que se aproveitaram. Porém estes calculos estam feitos em toda a sua extensão;

e o conhecimento que d'elles tem resultado é, que calculadas as despezas em que montam os concertos das canôas da conducção, a conservação das casas dos pesqueiros, os preparos e atavios de anzóes, linhas, harpões, flexas, polvora, chumbo e ferragens, os jornaes, e o sustento dos indios pescadores, e conductores, cada tartaruga que escapa, não vem a importar em menos do que 400 rs.; comtudo quando não ha tartaruga, custa muito a passar, mórmente a quem tem familia: é certo que para similhantes casos, cada um trata de reservar as suas criações de porcos, gallinhas, patos, perús, etc. Porém esta providencia encontra outra difficuldade e vem a ser a da falta de sustento para ellas.

O que eu creio, que certamente procede de não termos n'esta parte imitado aos Espanhóes, nossos vizinhos: elles têm assentado, que da introducção dos gados vacum e cavallar depende a permanencia dos seus estabelecimentos. E sem duvida que um é o modo de conquistar e outro o de conservar: n'esta segunda parte nós outros não somos os modelos, visto que em ambas aquellas operações tocamos os extremos, porque o que conquistamos com excessivo calor, conservamos com excessivo frio.

O que necessariamente assim deve succeder aos corpos monstruosos em grandeza; porque distando muito das extremidades, o coração que é a fonte da vida, quando a ellas chega o sangue, que as deve animar, tanto pela sua menor cópia, como pela sua distancia ao coração, circula muito lentamente; e daqui, ao menor gráo de frio, procedem, segundo os temperamentos, estas friezas politicas, que tanto dispoem para a gangrena as extremidades dos grandes corpos.

Quem deixará de ouvir com assombro, que em todo o Rio-Negro portuguez não ha ao dia de hoje 400 cabeças de gado vacum? Deixemos o Rio-Negro para entrarmos no Rio-Branco, que é um dos seus confluentes, e veremos que nem por falta de informações, nem de ordens que se lhe seguiram, está ainda por se introduzir o gado nas suas vastas e ferteis campinas.

O primeiro que informou d'ellas por escripto, supposto que pelo que ouvio aos que as viram, foi o doutor

ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio na sua « Relação-Geographico-Historica » do Rio-Branco da America Portugueza, escripta no anno de 1777, onde se explicou assim :

« Deve-se notar antes de tudo, que á extensão dos campos, que os faz capazes da propagação de milhares de cabeças de gado, corresponde a bôa qualidade de pasto ; e que os mesmos campos são regados de perenes agoas, e para o necessario refrigerio dos ardores do sol, abrigados das sombras dos pequenos bosques, que por elles espalhou a natureza.

« A facilidade de transportarem os gados áquelles campos, é o que precisamente tambem se deve advertir... Basta para principio de estabelecimento passar os gados, que se acham nas povoações do Rio-Negro, Amazonas e Solimões, onde tem tido pouco augmento por causas, que não pertence aqui tratar. Este transporte por meio da navegação não padece difficuldade alguma. E supposta a possibilidade e facilidade de se estabelecerem as fazendas de gado no Rio-Branco, é necessario mostrar quaes as utilidades, que d'ellas resultaram.

« I. Consiste na dilatação do commercio interno e externo, de que os gados são materia, carnes salgadas e e secas, couros e sebos ; o que tudo é de consumo certo não sómente no interior das provincias da America, mas objecto de exportação para o reino : para prova não é preciso mais do que trazer á memoria o lucroso commercio, que n'estes artigos fazem as capitanias do Maranhão, do Piauhy, de Pernambuco, e as mais do Brazil, com todas llas pôde competir o Rio-Branco, que tem muito maiores acilidades para os transportes, que algumas das referidas capitanias. Todos os ditos artigos produzidos dos gados, por meio do porto do Pará, podem passar ao reino. A viagem até o Pará é de um mez com a suavidade de seguir a correnteza dos rios. A mesma cidade do Pará dará total consumo á maior parte dos mencionados artigos. Porque posto que os campos da fertil e grande ilha do Marajó se achem bem povoados de gados, ainda assim consome o Pará um grande numero de arrobas de carne secca, que os negociantes da Bahia e Pernambuco lhe

introduzem por meio da navegação pela costa feita em sumacas...

« II. E' a de soccorrer com subsistencia certa a capitania do Rio-Negro... A subsistencia das povoações situadas nas suas margens é tão precaria e incerta, que faz, que nas mesmas se viva em continua falta, porém esta falta é mais geral e conhecida na villa de Barcellos, a capital da provincia. Acha-se n'ella uma guarnição militar, governador, ministro, e maior numero de habitantes. Toda esta população subsiste de pescarias, mas principalmente de tartarugas. Advirta-se logo, que em certos tempos do anno nem peixes, nem tartarugas se pescam no Rio-Negro; que, ainda nos tempos de maior abundancia, não fertilisam estas pescarias a capital ; que por esta razão, para contribuir com certa subsistencia á tropa, ao hospital real, e ás reaes obras, está permanente um pesqueiro no rio dos Solimões ; que para a conducção do peixe salgado, e tartarugas do dito pesqueiro á capital, se gastam ao menos 24 dias de viagem ; que as tartarugas n'esta dilação morrem em grande numero, e as que escapam chegam incapazes ; que a maior parte do anno os operarios das obras reaes passam unicamente com a ração de farinha de mandioca, que se lhes dá dobrada por não haver peixe ou tartaruga ; que os habitantes da capital vivem em continuadas faltas, porque é casualidade achar-se de venda alguma tartaruga, e os que têm pescador sempre experimentam as mesmas faltas, por causa da esterilidade de rio, e porque um unico pescador não póde abundar uma familia por pequena que seja ; e a diminuição dos indios não permitte dar a toda pessoa mais de um.

Conclusão

« Nenhum habitante do Rio-Negro póde sustentar uma duzia de escravos. Donde tambem se segue, que é impossivel adiantar-se a agricultura, o commercio, e a população no dito rio, á augmento de importancia consideravel. Porque como podem florescer estes objectos onde um habitante está impossibilitado a sustentar uma duzia de escravos ? »

Pelos exames pessoaes, que n'esta materia fez o Dr. astronomo Antonio Pires da Silva Pontes, quando ali esteve, tambem elle reconheceu a propriedade, que tinham aquellas campinas para a introducção do gado. E do que n'isso observou e reflectio deu conta em participação de 19 de Julho de 1781, respondendo ao que ao mesmo respeito lhe havia V. Ex. ordenado na data de 26 de Dezembro de 1780.

Tambem eu,que vi e andei por aquelles campos, não deixei de insistir no mesmo pela minha parte, segundo o mostra a cópia de um dos paragraphos da minha participação, que d'ali dirigi a V.Ex. na data de 27 de Junho de 1786.

« Quanto ao gado, que sem duvida alguma se deveria introduzir n'estas campinas, uma só reflexão faço, que emquanto V. Ex. aqui se acha, lembre-se de fazer este bem á capitania, porque depois de V. Ex. quem sabe o que d'ella será ? Nada custa ordenar V.Ex., que a canôa das tartarugas, vindo como vem vasia, traga para a povoação do Carmo, de cada vez, duas vacas até o numero de dez cabeças e um touro, por agora, as quaes podem ser rateadas das povoações d'esse rio, e o commandante as póde mandar conduzir do Carmo para cima. Principie V. Ex., que no principiar consiste a difficuldade.»

Isto e mais que isto sabia V. Ex., porque acabava de governar um estado para onde, a respeito dos gados da ilha grande de Joanes, tinham sido expedidas differentes ordens, tanto pelo real ministerio, como pelo seu Exm. antecessor; assim como das ordens ao mesmo respeito expedidas ao governo geral da capitania de Mato-Grosso, e ao particular da do Piauhy, estava V. Ex. informado; sendo todas ellas as que vão indicadas no seguinte indice.

Aviso da secretaria de estado dos negocios ultramarinos, expedido ao Exm. Sr. Manoel Bernardo de Mello Castro, na data de 13 de Junho de 1761.

A carta regia de 19 do referido mez e anno, expedida ao Exm. Sr. D. Antonio Rolim de Moura, quando governador e capitão-goneral da capitania de Mato-Grosso.

Outro aviso da mesma data que a sobredita carta regia dirigido a V. Ex., quando governador da capitania do Piauhy.

A outra carta regia de 22 de Dezembro 1764, tambem dirigida a V. Ex. no dito governo.

O aviso de 6 de Novembro de 1767 dirigido ao Exm. antecessor de V. Ex., que foi o que mandou publicar os dous bandos de 26 de Março de 1767, e de 20 de Dezembro de 1768.

Ultimamente as providencias que V. Ex. deu no tempo do seu governo, e são as que constam do despacho proferido na data de 13 de Julho de 1773, sobre a representação dos officiaes da camara da cidade do Pará, a da carta da mesma data dirigida ao inspector geral da ilha grande de Joanes, a quem continuou a dirigir a de 31 do referido mez e anno, a de 15 de Outubro tambem do mesmo anno, e a de 10 de Junho de 1776. Além do outro despacho, que tambem proferio na data de 3 de Setembro de 1777, sobre a outra representação dos mesmos officiaes da camara d'aquella cidade.

Porém, para de todas aquellas providencias fazer V. Ex. a applicação devida aos campos do Rio-Branco, obstaram os motivos que na instrucção datada de 30 de Dezembro de 1786 expendeu V. Ex. largamente, recommendando o que d'ella consta ao Illm. Sr. Manoel da Gama Lobo de Almada, quando de ordem regia passou áquelle distrito em diligencia da actual demarcação de limites.

« Com esta mesma occasião disporá e ordenará V. S. quanto a bem do augmento d'aquelle novo estabelecimento considerar util e conveniente, e se aproveitará da mesma opportuna conjunctura para fazer praticar e persuadir todas as nações de indios dali habitadoras, afim de que venham descendo, e se estabeleçam n'aquellas novas povoações, ou em outras accrescidas que melhor lhes pareça; fazendo eu ir alguns generos proprios para assim se animarem, e para melhor se facilitarem os mesmos uteis e interessantes descimentos.

«Ainda pelo ultimo tempo do meu governo d'este estado, pretendi eu introduzir nos extensos e ferteis campos

d'aquelle distrito uma porção de gado vacum, que vindo a fazer a melhor substancia d'esta capitania, principalmente na parte mais faminta d'este rio, podesse tambem fornecer á do Pará com carnes secas e couros de não menor interesse para o maior provimento e commercio da dita capital e capitania, e tendo-me a esse fim destinado, e reservado as vacas, novilhas, e alguns touros, que se achavam na villa de Alemquer, junto á fortaleza de Obidos, assim como determinado de se introduzir juntamente alguma porção de egoas e de cavallos que melhor houvessem de facilitar as vaquejadas; tudo isto tem difficultado não só os actuaes serviços, e movimentos da demarcação, mas mesmo as desordens que motivou a deserção d'aquellas outra vez restabelecidas povoações.

« Conviria pelo menos, que das mesmas pequenas porções de gado, que sem prosperarem existem por algumas d'estas outras povoações da capitania, se façam para ali passar algumas novilhas e alguns touros, para se ir promovendo o referido util estabelecimento ; e que da capitania do Pará, se fizessem vir algumas eguas e alguns cavallos páis, logo que fôr possivel, como muito a V. S. recommendo ; para que, no caso de que eu o não possa conseguir no restante tempo da minha existencia, V. S. na qualidade de actual governador da mesma capitania o haja assim de promover tanto que alguma opportuna conjunctura lhe permittir de realisar aquella tão interessante providencia. »

Donde resultou, que para principio de estabelecimento ficaram introduzidos n'aquelle rio dezesete cabeças de gado vacum, e muitas mais ficariam introduzidas, si na occasião presente se não complicassem umas com outras diligencias, dependendo todas ellas de numero de gente e abundancia de mantimentos, segundo a seu tempo constará da participação da viagem ao Rio-Branco, quando me fôr possivel concluil-a.

Continúo com a materia d'este titulo, que vem a ser o sustento dos habitantes do Rio-Negro até aqui.

Quanto aos indios, durante as fomes do inverno, da mandioca é, que tiram o pão e o conducto. São tantas as qualidades d'ella, as quaes elles distinguem pela sua côr e

sabor, por esgalharem muito ou pouco, por durarem mais ou menos tempo debaixo da terra, e por darem maior ou menor raiz ; que de nem elles acharem nas margens do Rio-Negro a mesma fecundidade, que têm as do Amazonas e dos Solimões; nem preferirem sempre a melhor qualidade de mandioca com relação ao terreno e não tanto ao gosto procede a irregularidade do seu rendimento. Sé em uma roça de um indio se acharam plantadas as seguintes qualidades, que especificadas pelos nomes que tem na lingua manoa, se chamam : uiriky, dauaray, uguigy, acaiuy, adauky, mauacuhi, messade, mepadeky, suruky, miacabé, mucauabé, metaky, maquiacá, caricauaky, ruabuky, uaiky, maianabé, mamaruca, portirahi, cauaibé, peuiriky, auatiy, aruky, atarubaqui, urumahy, uapahy, cacauabé, uiuaky, uerechy, dauaqui, pepuiriquiqui, macubi, liaboky, unory, iparibé, etc.

Accresce,que nem elles têm a lembrança de renovarem de annos a annos as hasteas, que hão de dispôr, visto que as das roças velhas devem ter perdido grande parte do seu vigor, nem movem a terra, para ella dar lugar ao crescimento da raiz em todas as suas dimensões, visto que ella gosta de um terreno solto e arenoso. Comtudo da mandioca se preparam:

1°. As tipiocas, 2°. as carimans, 3°. as farinhas, 4°. os beijús , 5°. os vinhos, 6°. as aguardentes.

I

TIPIOCA

Assim se chama o amido, ou a substancia da massa da mandioca ralada, que não esteve n'agua a amollecer, como está a de que se faz a farinha d' agua.

Descascada e ralada a dita mandioca, pelo methodo que abaixo se dirá no artigo das farinhas, vai ao tipiti que é um cilindro tecido, ou de casca do talo de guaruman, ou de jassitara, que é a melhor, porque dura mais (onde, pelo peso que se lhe faz, escorre um suco amarello, o

qual antes de ser fervido, é um mortal veneno para todo o animal, que o bebe. Porém fervido que seja este suco, depois de estar a azedar por um dia, e adubado com o sal, com a pimenta, e com o cravo da terra, é a mostarda do paiz, a que se dá o nome de tucupi.

Mas como d'aquelle suco espremido dos tipitis, para os que fabricam tipioca em grande, são insignificantes as porções de amido, que assentam no fundo dos vasos em que as recolhem, lavadas que sejam as maiores porções da massa da mondioca, e passadas por uma peneira, as deixam precipitar o dito amido; e este depois de lavado repetidas vezes, é mais frequentemente a chamada tapioca.

Os indios têm o cuidado de conservar sempre em agua a que lhes serve para o tacacá. Dentro em uma panela, onde já está a agua a ferver, lançam a tipioca deluida em agua fria e a gelatina que dahi resulta, depois de adubada com o tucupi, é o almoço quotidiano, e não raras vezes o jantar e a ceia dos indios.

Da mesma tipioca se fazem as tres preparações seguintes:

(a) *Farinha de tipioca.*—Quando repetidas as lavagens, para lhe communicarem maior alvura, vai ao forno a granular, a um calor moderado. O uso, que d'elle se faz, consiste ou em a beberem fervida em agua da mesma fórma que o tacacá, ou de infusão em agua fria para fazerem, como dizem os brancos, *agua fresca*.

(b) *Polvilhos.*—Quando depois das mesmas lavagens tambem vai ao forno, onde se conserva um grão de calor moderado; porém para se não granular, ha o cuidado de com as mãos, em quanto ellas supportam o calor do forno e depois com alguns cascos de cuia, desfazer e desmanchar algum grão, que se pretenda atorroar; fazem-se para o cabello: porém peneirados que sejam, os applicam para os mesmos usos que a tipioca.

(c) *Goma.*—Fazem consistir a sua differença em não ir ao forno como os polvilhos, mas tam-sómente ao calor do sol. Destina-se para os engommados; porém os brancos tambem fazem d'ella alguns biscoutos e massas ou simples ou misturadas com a farinha de trigo.

II

Cariman.—Para se fazer da massa da mandioca de agua a preparação assim chamada, descascada que ella seja e ralada, e espremida no tipiti, passa a ser pisada em um pilão e espremida de novo ; cujas operações de a pisar e de a escorrer, quanto mais se repetem, tanto mais alva fazem a cariman, e mais fina. Peneira-se por uma peneira fina ; leva-se ao forno, onde se deve conservar um moderado gráo de calor, e por onde a espalham aos poucos e a estendem de maneira que se não granule tanto, como farinha ordinaria : serve para caldos, massas, etc.

III

Farinha de agua.—E' a mais usual em ambas as capitanias. Poem-se de molho a mandioca, a qual está a amollecer pelo espaço de tres dias, si é em agua estagnada, e pelo de quatro, si é em agua corrente. Tiram-a, quando se despega bem a casca, e a massa já está molle, e quer principiar a fermentar. Descascada á mão, e passada por um ralo, vai a escorrer no tipiti, donde passa para uma gurupema rala, e dali para o forno. Elle deve estar quente para a receber : pelo dito forno a estendem com um rôdo, deixando-a torrar mais ou menos, segundo o gosto da pessoa para quem se faz.

N. B. (*a*) Que de não passarem a massa de mandioca por peneiras mais finas, e de ser muito perfunctoria a mão de obra, que nos fornos se applica ás farinhas em grande, procedem sahir ellas demasiadamente graudas e atorroadas, de maneira que facilmente se quebram os dentes dos que as comem, e em particular os das crianças.

(*b*) Que se ha descuido de deixarem a massa de um para outro dia, a farinha que se faz d'ella sae azeda.

(*c*) Que quanto mais cozida é a farinha e sêca ao forno, tanto mais se conserva, comtanto que nem a empaneirem quente, como ella acaba de se fabricar, nem humida.

(*d*) Que de a não resguardarem bem do ar, dentro das tulhas, ou celeiros, para onde a recolhem, procede o

corromper-se, de sorte que passa a causar aos indios, que a comem, as enfermidades que eu tenho observado, e que muito antes de mim observou Guilherme Pison, que ella causava á tropa hollandeza, segundo elle escreve no capitulo 2° *de mandioca* pag. 53 da sua Brasilia Medica. *Nam sive levissima uligo eam infecerit corrumpitur, unde non parvam militum stragem in castris exortam vidi.*

FARINHA SECA

Não vai á agua a amolecer como a primeira; porém raspada que seja a casca da mandioca, lavada e ralada vai a escorrer ao tipiti; o qual a obriga a escorrer o sobredito suco amarello, chamado tucupí. Quanto ao mais segue a mesma ordem que a farinha de agua.

N. B. (*e*) Que no fabrico das farinhas secas para o sustento dos indios e pretos trabalhadores, ordinariamente se pratica o abuso de se lhes extrahir quasi toda a tipioca, vindo a farinha a ficar tão leve, que lançada na agua, nada em cima d'ella: o que faz, com que ella não sustenta aos que a comem.

(*f*) Que ou seja a farinha da agua, ou a secca, lançada em agua fria é a ticuára, que os indios bebem a miudo.

g) Que pelo que respeita á fabrica das farinhas em geral, tambem se deve advertir, que no outro Brazil, em vez dos ralos de mão, estam introduzidas as rodas, que expedem os trabalhos em grande e as imprensas em vez dos tipitis.

IV

BEIJUZ

São uns bolos xatos e redondos, que mais commumente se fazem da massa da mandioca ralada, e levada ao forno. Segundo a sua differente mão de obra, assim se distinguem, e se denominam, quando são feitos da mandioca de agua.

h) Beijú menbeca, ou beijú mole, quando se não deixa torrar ao forno; mas tam-sómente adquire uma ligação e consistencia como a da massa do pão de ló, e assim se come.

i) *Beijú puquequa*, si antes de ir ao forno se lança algum sal sobre a massa, e a estendem em alguma folha de pacova, para lhe servir de fôrma.

l) Beijú curuba, quando fica a massa desigual, e disposta em godilhões e algumas vezes misturada com a massa da castanha do Maranhão.

m) *Beijú guacú*, ou beijú grande, quando o deixam torrar bem ao forno, e fazem de proposito para d'elle prepararem os seus vinhos, e distilarem as aguas-ardentes.

N. B. Que a bebida do beijú desfeito em agua fria, é o que se chama caribé.

Da massa da mandioca seca, isto é, da que não vai á agua a amolecer, se fazem os *beijús sicas*, os quaes são mais pequenos e delicados, porque a sua massa é pisada repetidas vezes, e passada á peneira mais fina. Para os Europeus, que se não costumam á farinha, supprem bem o pão, ou sejam comidos simplesmente com o conducto, ou torrados ao forno, e cobertos de manteiga, para supprirem as fatias que se comem, quando se bebe o chá ou o café.

Da mesma fórma se fazem beijús de cariman, e de tipioca: porém os segundos, quando são misturados com a massa de farinha de agua, ficam flexiveis e elasticos, e tomam o nome de *beijú teyca*.

A farinha e o beijú de mandioca são o sustento dos indios, ou bebido em agua, ou servindo de pão para o conducto. Quando não ha peixe fresco ou salgado, supprem as tartarugas juraráreté, acangauaçú, pitiu, uirápiqui e matá-matá, a arauaná, o tracajá e jabotí, e ovos de todas ellas, cosidos, assados e fritos, ou amassados com a farinha, e levados ao forno, á imitação das tortas, que elles comem com tanto desfastio, como nós as nossas. Com o mesmo desfastio comem differentes especies de lagartos, como são o jacaré-tinga, jacarerana, jacaré-curuba, o jacuruarú e o iguana, que os brancos impropriamente chamam camelião. Servem de aperitivos

do appetite o limão azedo, e damasiada pimenta da terra, de que distinguem muitas castas, porém principalmente a malagueta, que reputam a melhor e a mais medicinal, a pimenta de cheiro e a amurupi.

Para usarem d'elles, quando andam em viagens, pisadas que sejam as pimentas, as reduzem a uma massa temperada com sal, a que dão o nome de giquitaia, servindo-lhes de papel, para a conservarem, as folhas de pacova e de outras plantas. O tucupí é a mostarda mais grave. Si ella não é mais do que o suco da massa da mandioca seca, azedado de um dia para o outro, e fervido ao fogo com os adubos do sal, do cravo e da pimenta da terra, chama-se simplesmente tucupí. Recozido que elle seia e engrossado ao fogo, toma uma côr preta, que faz dar-lhe o nome de tucupí-pixuna.

O suco de qualquer das duas massas, ou da mandioca de agua ou seca encorpado com a mesma massa de qualquer d'ellas, e temperado igualmente com o tucupí, toma o nome de uarubé. O mesmo suco da mandioca encorpado com a tipioca faz, depois de fervido, um molho gelatinoso, que tem o nome de tucupiica.

Tinalmente o tucupí de reserva, que é aquelle em que nos dias da abundancia se aproveita o peixe, ou a carne que sobra das comidas, e todos os dias se requenta, renovando-se-lhe alguma porção de agua para se não dessecar e accrescentando-lhe a pimenta e alguns fructos da terra, é o chamado tucupiquinhapira. Serve de conducto, quando não ha outra cousa.

Maniçoba no Rio-Negro é uma comida, que se faz das folhas da maniba, pisadas e cozidas juntamente com a carne, ou com o peixe, ou com a tartaruga, tambem temperadas com o sal e com a pimenta.

Maniquera é uma bebida doce e substancial, que se faz do suco da especie de maniba chamada mandiocacaua, fervido juntamente com alguns grãos de arroz e de milho até o ponto de se cozerem, e outras vezes se lhe accrescentam alguns fragmentos da raiz de outra especie de maniba chamada macaxeira. Nem da mandiocaua, nem da macaxeira se fezem farinhas: só se comem cozidas ou assadas.

Pelo que respeita á bebida, ainda que a agua do Rio-Negro não é lodosa como a do Amazonas e dos Solimões, não deixa comtudo de trazer comsigo infinitas particulas heterogeneas, que quotidianamente bebidas, mais tarde ou cêdo, alteram a saude dos que as bebem sem precaução. A que praticam os brancos consiste em as mandarem tirar do fio da correnteza, coando-as e deixando-as assentar nos potes, de um para outro dia, antes de usarem d'ellas. Os indios porém as bebem como as tiram das margens, impuras enxidas de particulas terreas, salinas, sulphureas, e metallicas, além dos sucos das plantas venenosas, que n'ellas vem diluidos.

O que eu mesmo vi e observei, foi, que, tendo eu mandado despejar a agua de dentro de um barril, onde quatro dias antes a tinha eu mandado lançar para n'ella se conservarem frescas as plantas, emquanto se não examinavam e desenhavam, succedeu, que a maior parte das criações, que beberam da dita agua, como foram tres patos, duas galinhas, e alguns frangos, todos morreram convulsos, batendo as azas tão violentamente, que d'ellas e da cauda largaram as pennas antes de morrerem, e pelos tubos das mesmas pennas escorria visivelmente o sangue.

Bem vejo, que a amplitude de um rio não é a mesma que a de um barril, porém de tal logar do mesmo rio, e em tal occasião se bebe a agua que produz os mesmos e peiores effeitos, com a differença sómento de serem attribuidos a outras causas extravagantes, mormente si entre a causa e o effeito intercede algum tempo ou circumstancia critica. Sem ser a agua, outra bebida ha muito ordinaria entre os indios, que é a do guaraná.

Espremem os fructos do cipó d'este nome, quando estam maduros, e bebem o suco em agua. Os moradores brancos tambem o bebem, porém preparado ao modo dos Magués.

Elles para prepararem o guaraná, que são os fructos da dita planta torrados e reduzidos a uma massa a que dão a consistencia do páo o mais duro, ralão com o osso da lingua do peixe piraurucu, ou limam tanto quanto encha uma colhér, e lançada na agua esta dóse, com assucar, ou sem elle faz uma bebida de um sabor amaricante e

frio muito diuretica sim, porém, para alguns causadora de vigilias.

O chá do ipadú é outra bebida medicinal dos indios para as suas dôres de estomago. Porém o methodo mais ordinario de usarem d'aquella planta, é o de trazerem na boca uma masca do pó, a que reduzem as suas folhas, depois de torradas ao fogo, incorporando-lhe uma pouca de tipioca e cinza das folhas de ambauba. De todo o genero de bebidas, nenhuma agrada tanto aos indios como a dos licores fermentados.

V

VINHOS

São de differentes qualidades os que se fazem de mandioca; e o mais commum entre todos é o chamado pajauarú. Tirado do forno o beijú guaçú, quando quente, e ensopados uns poucos d'elles em agua, os acamam no chão entre duas camadas de folha de ambaüba, onde os deixam ficar por 4 até 5 dias até abolorecerem. Em elles tendo adquirido um sabôr doce, os côam e recolhem para dentro de grandes talhas, onde os deixam azedar, si o querem forte, ou o bebem logo, si o querem doce.

Para accelerarem a fermentação, costumam alguns indios misturar-lhe algumas porções de beijú mastigado pelas velhas, cuja saliva promove a fermentação aos termos do seu apetite. Outros vinhos ha, que tambem se fazem da mandioca, das batatas, e da macaxeira, aos quaes se dão differentes nomes, como são mocoróró, guariba, caxiri, caissuma etc., porém estes são proprios dos indios da capitania do Pará, e ainda do rio dos Solimões.

N. B. Que geralmente chamam vinho a todo qualquer suco expremido dos frutos, sem passar por gráo algum de fermentação, e n'este sentido os vinhos mais ordinarios são dos sucos expremidos dos coquilhos das palmeiras do assahi, de ibacaba, e do patauá, e das frutas das arvores do umari, do tapiribá, do bacate, e o da fruta do ananá.

VI

AGUAS-ARDENTES

São distiladas das garrapas da canna, dos beijús guaçus, do cacáo, do café, da laranja da terra, do ananá, do ginipapo, do acajú do mato, do tapiribá, etc.

Outra observação se tem feito a respeito da comida dos indios, a qual eu confirmo pelo que tenho visto, e vem a ser a da avidez, com que elles comem, e quanto menos domesticados são, tanto mais preferem á carne e ao peixe as frutas das arvores e dos arbustos domesticos e silvestres. O que deixa entender, que ao menos grande parte d'elles é mais phitiphaga do que carnivora.

De elles mudarem de dieta, quando descem do sertão para as nossas povoações, e de se entrarem a cevar nas carnes e no peixe mais selvagem, procedem as desinterias e outras enfermidades, de que facilmente morrem. De entre os muitos vegetaes, que comem, irão aqui apontadas algumas frutas, sementes e raizes mais usuaes.

FRUTAS EXOTICAS CULTIVADAS

Ha pouco tempo, que pela capitania do Mato-Grosso se introduziram no Rio-Negro o jambo e o tamarindo. O figo, a laranja, a lima, o limão doce, a abobora, a melancia, o melão, o pepino, a beringella, e o tomate foram transplantados da Europa.

A taqueira, ou gerumun de machado, e o calombro foram introduzidos pelos ilhéos. O côco, e a ata vieram da Asia.

INDIGENAS DOMESTICADAS

São o ananá, a pacova, as sorvas grande e pequena, e a ambaúba da capitania do Rio-Negro, a mangaba tão somente na do Pará, o abio, a papaia, a guaiaba, o araçá, o acajú manço, o maracujá, o beribá, o bacate, o

tapiribá, e o cutitiribá, o araticun, o genipapo-açu, o cubio, as quatro castas de bacurí, reté, parí, membeca, e curuba, o cacáo, o umarí, o cupuaçu, e cupuahi, de que fazem vinhos, o acuruá, o gerimun, o tucuman grande, a popunha lisa, e de gomos.

INDIGENAS E SILVESTRES

O ananá bravo, o açaráua, a tataperirica, os murtinhos, o camapun, o cumatí, juacamotim, ambos os jupatis, grande e pequeno, o guajará, e guajaray, o uexy, murexi, purahi, piquiá verdadeiro, pajurá, guariuárussia, tucuman, pequeno, murumurú, juáaçú, umarirana, uexirana, axiúá, caramuri, carauatá, jaramacarú, jaracatiá, juápororóca, cacaúarana, namuhim, coqui, pepino do mato, uajurú, genipapoy, umeri, massaranduba, e differentes castas de ingás, chamados ingaúaçu, dito assára, dito xirica, dito periquito ingá e dito soróca.

SILVESTRES DE QUE FAZEM VINHOS

São principalmente os coquilhos das palmeiras uapahi, ibacaba grande, e pequena, patauá, tucuman, mucajá, murití, caraná, e caranay, anaja e marayá etc.

SEMEMTES

Castanha da terra, dita de sapucaia, a do Pará, tucuman pequeno, pacova catinga, dita sororoca, umarí, o ituá, a piquiarana etc.

RAIZES

São a batata, e o cará, a macaxeira, o guariha, tamuatarana, merí, tajá pequeno e grande etc.

N. B. Que no segundo prospecto vão tam-sómente indicados pelos seus nomes animaes, que fazem o objecto das caçadas e das pescarias dos indios; donde se vê, que nem aqui se trata de especificar a todos quantos ha, nem de os descrever segundo a arte, porque uma e outra cousa se fará a seu tempo, quando dever apparecer a Zoologia Paraense.

MAMMALIA

Primates.

Macaca.	DIURNOS	Macacos.
	Guariba. { pexuna. Guarijuba.	
	Coatá.	
	Cochiú.	
	Itapuá.	De prego.
	Caiarára.	
	Paranacu.	
	Maricáuaçú.	Barrigudo.
	Guayapessá.	
	Xaguim. { tinga. pexuna.	
	NOCTURNOS	
	Hiá.	
	Jupará.	
Bruta.		
Juaraná.		Peixe boi.
	Ordinario.	
	Dito de manteiga.	
Ay.		Preguiça.
	Guaçu.	
	Merim.	
	Tatá.	
Tamanduá.		
	Guaçu de bandeira na cauda.	
	Ordinario sem ella.	
	Tamanduay.	
atú.		
	Guaçu.	
	Tinga.	
	Peba.	
	Bola.	
Feræ.	Tatuy.	
Jaguarité.		Onça.
	Sussuarana.	
Coati.		
	Mondé.	
	Merim.	
Irará.		
	Papamel.	
Mucura.		
	Guaçu.	
	Xixica	
Glires.		
Cuandú.		
	Ouriço.	

Cariru. — Ratos.

Terrestre.
Aquatico.
Cutia. — Piranga / Pexuna. / Acutuiaya.
Paca.
Sauiá. — Guaçu. / Merim. / Santina.

Acuti-purú. — Rato de Palmeira.

Pirangauaçu.
— Merim.
Pexuna.

Pecoras.

Suapu. — Veado.

Apara.
Tinga.
Anhanga.
Caapora.

N. B. — Que a cabra (suapumé) a ovelha e o boi (tapira) são mammaes exoticos, assim como o são o porco domestico, o cavallo, o cão, etc.

Belluœ.

Taiaçu. — Porco.

Uaia.
Caapora. — de queixada branca. / Sem ella.
Taititu.

Tapira caauara, ou tapireté. — Anta.

Cariacu só differe em ser menor.

Capiuara.

Capiuara.

AVES

Picæ. — Papagaios.

Arara. — vermelha. / toda azul. / azul e amarello

Paraua. — Real. / Moleiro. / Curica. / Granadeiro de campina.

Parauay.
- curica.
- rôxo.
- amarello.
- verde com o papo amarello.
- tui verde com a cabeça amarella

Maracanan.
- azul.
- verde.
- amarella.

Anacan.
- todo pardo.
- azul.
- verde.
  - com a cabeça roxa.
- verde com ella parda.

Periquito.
- amarello.
- verde.
- verde e amarello.
- verde
  - com a cabeça alaranjada.
  - com ella roxa.

Tocana.

Tocano.

Araçary.
- de papo branco.
- agemado.

Japú.

Preto e amarello.
Todo amarello.

Anseres.

Ipéca.

Pato.

Domestico.

Silvestre.
- uaçú.
- merim.

Ipequy
Ireré.

Potiri uaçu.

Marrecão.

Liso.
Penteado.

Potirim merim.

Marreca.

Pay.
Petuma.
Uananá.
Uananay.

Carará.

Guaçu.
— v.

Miuá.

Mergulhão.

Grallæ.

Jaburú.
Tujuju.
Maguari.
Uaçará. Garça.

Uaçú (real).
Uacary.
Fusca.

Curicáca.

Caracará. Uaçú.

Corocoró.
Carão.
Socó.

Pinima. { uaçú. / merim. / socoy.

Guará.
— una.
Ayaya. Colhereira.
Antinrantim. Gaivota.

Uaçú.
Merim.
— Y.

Jereuá. Corta agua.
Caripirá.
Arapapa.

Branco.
Pardo.

Massarico.

Real.
Merim.

Maguarí.

Uaçu.
Merim.

Guarirama.

Uaçu.
Merim.
Penima.

Pepessoca.
Jacamim.

Preto.
Cinzento.

Saracúra.

Da matta. { grande. / pequena.

Da campina. { toda / pintada.

Jaçanan.

Gallinæ.

	Mitú.	Mutum.
	Pexuna.	com o ventre branco.
		com elle castanho.
	Penima.	
	Anhanga.	
	Urú.	
Jacú.		
	Retê.	
	Péba.	

N. B.— Que os perús e as galinhas (sapucaia) são aves exoticas.

Aracuan.		
Inambù.		
	Toron.	
	Macucaua.	
	Peba.	
	Cuiá.	
	Sururina.	
	Penima.	
Uru.	Corcovado.	
Passeres.		
Picaçú.		Pomba.
	Guaçú (trocal)	
	Retê.	
	Jróa.	
	Jurutí (rola).	
	Picuy.	
Unambé.		
	Cuiúcuiú.	
	Azul.	
	Cinzento e branco.	
	Amarello.	
Guiraúna.		Melro do Brazil.
Jaçana.		
Juaná.		Gallo da serra.

N. B.— Que os indios pela occasião da fome tudo comem, até os corvos. Porém aqui só se faz menção da caça ordinaria entre elles.

AMPHIBIA

Reptilia.

Jurará. — Tartarugas.
- Uaçú.
- Acangauaçú.
- Petiú.
- Uirapequiz.
- Tracaja.
- Matámatá.

Jabotim. — Cágados.
- Tinga.
- Piranga.
- Carumbé.
- Aparema.
- Juruparige.

Teiú. — Lagartos.

Jacaré. — uaçú. / tinga. / curubarana.

- Iguana.
- Gacurúarú.
- Cucuruaú.
- Arú.
- Jué.

Serpentes.

Boia. — Cobras.

TERRESTES

- Giboia.

AQUATICAS.

- Sucurujú.

Nantes.

Jauira. — Raias.
- Guaçu.
- Tatá.
- Narinari.
- Jurapari.

PISCES

Lacustres.

Mussú.
Tamuatá.
Puraquê.
Jandiá. — Merim.

Jacundá.
- Piranga.
- Penima.
- Curuba.

Taraira.
Geju.
Reté.
Uaracapurí.
Acará.
Araruá.
Puá.
Tuápuá.
Uacarí.
Merim.
Penima.
Ituhi.
Sarapó.

Fluviatiles.

MAIORES

Pirauiba.
Piraurucú.
Dourado.
Jandiauaçu.
Pirarára.
Pirapiinana.
Surubim.
Pirainambú
Piramutaba.
Tucunaré.
Guaçú
Puitanga.
Paca.
Penima.
Pirapetinga.
Tambaquí.
Uaçu.
Cuiucuiú.
Arauaná.
Pirapucú.
Jatauarana.
Uatucupá. Pescada

MENORES

Anujá.
Mandubé.
Mapará.
Pacu.
Tinga.
Pexuna.
Piranga.
Puitanga.
Piranha.
Tinga.
Pexuna.
Pira ga.
Merim.
Apapá.
Jeraque.
Uaracú.

Tinga.
Penima.

Parácatimbau.
Araripirá.
Pira-catinga.
Pirá-tipioca.
Pirá-andirá.
Pirá-antan.
Matupiri.
Mandiy.
Tarauira.
Acará.

Tinga.
Piranga.

Arauiri.
Curimatan
Carauatay.

INSECTA

Hymenoptera.

Taxiuá. — Formigas.

Sauba.
Mandiuara.

Aptera.

Ussá. — Caranguejos.

Uaracairú.
Uararú.

VERMES

Testacei.

Itan.
Uruá.

XXVIII

Enfermidades

Explicada no titulo XXVII a qualidade de alimentos, de que usam os indios, e ainda a maior parte dos moradores brancos, fica sendo facil de se deduzir a razão, por que entre elles nada tem de ordinario as pletoras, e outras doenças agudas. Porque sendo a farinha, o peixe e a tartaruga alimentos de pouca nutrição, e que por conseguinte não criam um sangue balsamico, si em algumas enfermidades influem, são os vicios do estomago procedidos da corrupção dos mesmos alimentos e esta da influencia da atmosphera. Porém si por outra qualquer causa mortifica succede adoecerem, subitamente caem em uma tão grande debilidade, que ella vem a ser o maior mal a vencer.

Donde procede, que, si é preciso serem evacuados por meio da sangria quatro até seis que tomem, poduzem n'elles os mesmos effeitos de languor, que na Europa produziriam nos homens de trabalho doze até dezoito.

Eu assim o tenho presenciado, e como os indios não tratam de criações para as occasiões das molestias, concorrendo a falta do alimento com a outra falta de medicamentos, pela maior parte morrem á mingua. Ao cirurgião da tropa da capitania João Manoel Rodrigues, que n'este Rio-Negro residio pelo espaço de dezenove annos, ouvi eu dizer,que,segundo elle tinha observado, de cem Indios que faleciam, tres até quatro, quando muito, se deviam reputar falecidos por força da enfermidade ; e todos os mais pela absoluta falta de meios para se restabelecerem.

Para o hospital real da villa de Barcellos são tam-sómente admittidos os soldados e os indios empregados no real serviço; muito raras vezes succede, que algum morador branco, pela sua nimia pobreza, impetra do governador esta graça. Todos os mais se curam á sua custa, si

tem com que; aliás não ha mais remedio que pôrem a garganta no cêpo e esperarem resignadamente pelo golpe da morte. Sendo um unico o cirurgião de toda a capitania, e este residente na villa de Barcellos, são infinitos os empiricos.

Cada povoação tem uns poucos d'elles,e não havendo em alguma d'ellas fóra da capital uma só botica provida ao menos dos remedios os mais domesticos, não ha para onde appellarem os enfermos; que, ainda que a houvesse, nem sempre sahiria bem succedida uma applicação vaga e arbitraria.

A medicina em ambas as capitanias, já eu disse em outra parte, que tinha mais charlatães ainda do que a politica em Italia: vagam pelas suas mãos algumas receitas, que se tem tirado dos receituarios de Ferreira, Mirandella, e Mouravá, com estas e com as que têm ajuntado e recebidos de alguns dos cirurgiões se caracterisam medicos, e como taes se encarregam de toda e qualquer enfermidade. Ainda a mais vasta e mais escolhida bibliotheca cirurgica, que por aqui se tem espalhado, não comprehende mais do que as obras dos citados Ferreira, Mirandella e Mouravá; as de Curvo, Santusse, Castellos fortes, Madeira da qualidade celtica, a Ancora medicinal de Pedro de Alvellos, o Dialogo cirurgico do Lima do Porto, Receituario Luzitano, e já hoje com muita raridade algum col. de Villares, Thesouro Appolineo, etc.

Felizmente succede estar empregado no serviço de Sua Magestade, como cirurgião da gente de guerra da diligencia da demarcacão de limites, Antonio Joseph de Araujo Braga, alumno benemerito do hospital real de S. Joseph de Lisbôa, o qual, ha oito annos, que não tem deixado de interpôr os seus conhecimentos em beneficio de muitas vidas.

Ainda que de ha muito tempo a esta parte, eu já tive a curiosidade de lêr a Brasilia Medica de Guilherme Pison, sobre as enfermidades da capitania de Pernambuco, e as observações de Jacob Boutius, sobre as da ilha de Java; e pelo decurso de quatro annos tenho reconhecido no Pará a identidade não só das ditas enfermidades, mas tambem dos medicamentos indigenas. Comtudo para não

deixar a menor duvida sobre o zelo, com que n'esta parte pretendo servir a Sua Magestade e ao bem publico, não confiei de mim sómente similhantes reconhecimentos, antes querendo aproveitar as luzes d'aquelle professor, lhe dirigi a carta de 20 de Fevereiro de 1786; e tanto d'ella como da sua resposta de 15 de Março de 1787, que ambas vão copiadas n. 6, vêr-se-á desempenhada a materia, que faz o objecto d'este titulo.

Barcellos 28 de Outubro de 1787.

Alexandre Rodriguez Ferreira.

SUPPLEMENTO A' PARTICIPAÇÃO GERAL DO RIO NEGRO

A.

Ultimamente para não deixarem de ser instruidos os filhos dos moradores por falta de mestres, que os ensinassem, pela real mesa censoria foi expedida ao doutor ouvidor geral da comarca do Pará a provisão de 6 de Fevereiro de 1787, na qual houve Sua Magestade por bem de lhe ordenar, que :

« Apresentando-se-lhe Manoel de Figueiredo Ribeiro Martins, presbytero secular, o fizesse logo na sua presença examinar de grammatica latina, nomeando para examinadores duas pessoas que bem lhe parecessem, preferindo os professores regios ; e achando que o examinado era habil para o magisterio, lhe passasse provimento por tempo de um anno, para ser substituto da cadeira de grammatica latina da villa de Barcellos, capital da ouvidoria do Rio-Negro ; vencendo o ordenado annual de 240$ pagos a quarteis adiantados pelo cofre de rendimento do subsidio literario, desde o dia da posse da dita substituição, e mostrando que tem aula aberta ; ficando obrigado, dentro do mesmo anno, a tirar seu provimento pela real mesa censoria, a quem elle ouvidor remetteria o auto de exame, com o seu parecer e informação. »

Cuja provisão supposto que não teve effeito, por mudar de parecer o sujeito proposto n'ella, não deixa de fazer vêr e reconhecer o cuidado, que especialmente merece a Sua Magestade o augmento d'esta capitania.

B.

A elle foi dirigida pelo mesmo Exm. e Rvm. Sr. D. Frei Miguel de Bulhões a carta de 10 de Junho de 1760, na qual entre outras muitas cousas, que julgou necessario declarar-lhe para o bom governo espiritual, declarou-lhe tambem quanto á pessoa do governador o que consta do seguinte paragrapho:

« Como da ignorancia dos parocos póde nascer, que, estando o Senhor governador d'essa capitania nas igrejas d'ella, os mesmos parocos lhe não destinem lugar, que conforme a direito compete á sua dignidade, devo declarar a Vossa Mercê, que em qualquer igreja, em que o dito Senhor assistir, deve ser o seu lugar immediato ao arco da capella-mór, da parte de fóra d'ella, da banda do Evangelho, em cadeira de espaldar sobre um estrado de competente altura, o qual se cobrirá com um panno verde..... o que Vossa Mercê inviolavelmente executará, não só por ser conforme ás disposições de direito canonico, e constituições do bispado, mas com os estatutos por que se governa a nossa cathedral, os quaes foram feitos de conselho e consentimento do serenissimo Senhor D. João V, que Deus haja; esta determinação se limita, quando o Santissimo estiver exposto; porque n'esse caso terá o Senhor governador cadeira rasa sobre o dito estrado.»

Para evitar toda qualquer dissenção entre elle e o mesmo governador, foi expedido pelo Illm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado ao Senhor Joaquim Tinoco Valente o seguinte aviso da secretaria de estado dos negocios ultramarinos de 4 de Julho de 1764:

« Sua Magestade manda recommendar a Vossa Mercê a bôa correspondencia, que deve ter com o vigario geral d'essa capitania, para o que declaro a Vossa Mercê, que no caso de haver algum conflicto de jurisdicção (o que o mesmo Senhor não espera) devem ambos de commum

acôrdo dar conta, não só ao general de estado e ao prelado, mas a Sua Magestade por esta secretaria de estado, para o mesmo Senhor determinar o que lhe parecer mais justo; ficando por este meio ambos livres de trabalhos, e sabendo a fórma por que se hão de dirigir sem gastarem tempo com questões, que ultimamente hão de dever ser decididas n'esta mesma fórma, empregando o tempo que haviam de gastar n'estas historias, em christianisar e civilisar esses pobres indios, que é o que importa mais ao serviço de Deus, nosso senhor, ao de Sua Magestade, e ao bem commum d'este larguissimo paiz.»

Tendo sido o referido Joseph Monteiro de Noronha nomeado visitador geral da capitania, por provisão de 22 de Abril de 1773, que lhe passou o Exm.e Rvm.Sr.D.Frei João Evangelista Pereira da Silva, assim como o é o actual vigario geral Francisco Marcellino Souto-Maior por provisão de 4 de Fevereiro de 1786, que lhe passou o Exm.e Rvm. Sr. D.Frei Caetano Brandão. E' de advertir, que, pela provisão do conselho ultramarino de 6 de Junho de 1760, houve Sua Magestade por bem ordenar, que:

« Ao bispo da capitania do Pará D. Frei João de S. Joseph se désse embarcação todas as vezes que houvesse de ir ás igrejas do seu bispado, ou ao seu vigario geral, ou outras quaesquer pessoas, que o dito bispo nomeasse para aquelle effeito, prestando-se-lhes os mantimentos necessarios para a viagem, assim e da maneira que se davam ao bispo do Brazil. Donde vem, que assim se tem observado com os reverendos vigarios geraes visitadores »

C.

Não consta, que para qualquer dos intendentes de ambas as capitanias, tenha Sua Magestade até agora mandado formalisar regimento algum, para lhes servir de regra no exercicio das suas jurisdições. O que não deixaria talvez de ser cohibido, e terminado algumas dissenções, tendo muitas d'ellas procedido de ambas as partes

se reputar não raras vezes materia de graça e permissão o que é de officio e de justiça ; assim com o tem parecido de justiça, o que é simplesmente de graça.

Para as intendencias das fundições da moeda, dos diamantes, do assucar, do tabaco etc., se deram seus respectivos regimentos pelos quaes se governam os ministros encarregados. Porem para a da agricultura, do commercio, e das manufacturas do Pará e Rio-Negro, não ha mais que o que consta da mencionada declaração, a qual se pode ajuntar o que a respeito das visitas do intendente do Rio-Negro, ordenou Sua Magestade ao mesmo Exm. Sr. Fernando da Costa d'Atahide Teive, no seguinte aviso de 22 de Janeiro de 1764:

« O ouvidor do Rio-Negro fez presente a Sua Magestade, que não podia servir os seus logares de ouvidor, e intendente geral das povoações do seu distrito, sem que tivesse uma embarcação prompta para fazer as correições, e visita das mesmas povoações. E o mesmo senhor foi servido ordenar, que V. S. lhe mandasse fazer prompto um bote de cinco remos por banda, para o dito ministerio o ter na capitania d'aquelle governo, e sahir promptamente e sem demora a todas as occasiões que se offerecerem do serviço de Sua Magestade ; o que V. S. fará executar com a maior promptidão.

N. 1. *Mappa dos governadoree que têm governado a capitania de São-Joseph do Rio-Negro, desde* 4 *de Maio de* 1758 *até* 31 *de Outubro de* 1786.

Este mappa acompanha a participação primeira da segunda parte sob o numero 9.

N. 2. *Mappa de todos os habitantes que existem nas differentes freguezias e povoações do Rio-Negro.*

EXTRACTO

DESIGNAÇÕES	TOTAL				
	Das pessoas livres em geral dos indios e dos escravos.	Das pessoas livres	Dos indios	Dos escravos	Dos fogos
São José de Marabitenas	206	.....	206	.....	30
São João Baptista	44	.....	44	.....	5
Nossa Senhora da Guia	91	.....	91	.....	13
São Felippe	17	.....	17	.....	2
Sant'Anna	.....	.....	.....	.....	.....
São Marcellino	26	2	23	1	3
São Gabriel	226	4	219	3	24
São Miguel	153	.....	153	.....	21
São Joaquim	256	.....	256	.....	29
Nossa Senhora de Nazareth	116	7	105	.....	11
São Bernardo	98	.....	98	.....	16
São João Nepomuceno	131	.....	131	.....	22
Santo Antonio	21	.....	21	.....	2
São José	89	.....	89	.....	11
São Pedro	115	7	108	.....	18
Nossa Senhora do Loreto	191	4	187	.....	14
Nossa Senhora do Carmo das Caldas	116	.....	116	.....	20
Santo Antonio do Castanheiro	125	4	121	.....	23
Santa Izabel	223	2	221	.....	15
Lamalonga	208	9	199	.....	19
Thomar, villa	648	79	565	4	62
Moreira	318	63	226	29	23
Barcellos, villa, capital da capitania	1097	227	756	114	89
Poiares	459	28	366	65	118
Carvoeiro	345	66	279	.....	37
Moura, villa	898	67	812	19	88
Airão	126	19	105	2	22
Lugar annexo á fortaleza da Barra	303	47	246	10	40
Somma	6642	635	5760	247	777

N. B. — Que se não incluem ainda no logar de Airão as pessoas do gentio Mura, que por effeito da sua voluntaria reducção de paz e amisade, se tem alli aggregado e reunido, visto não terem vindo contadas e descriptas no relativo mappa do mencionado logar.

Senhor Antonio Villela do Amaral.—Tendo Vmc. a felicidade de dever ao publico d'esta villa o honrado conceito de morador zeloso do augmento d'ella; experimentado na pratica nas suas lavouras, e versado na historia das suas antiguidades; e tendo eu mesmo, ha 2 annos, presenciado quanto Vmc. exercita com gosto a paixão e curiosidade que tem de promover a cultura das plantas indigenas e exoticas, em que a sua consumada experiencia tem chegado a reconher alguns prestimos, passo a dizer a V. S., que tanto d'estes como de outros quaesquer conhecimentos uteis, que Vmc. tiver adquirido, e nos quizer communicar, para eu em seu nome e como seus os inserir no corpo da historia philosophica e politica d'este estado, da qual me acho encarregado; pode Vmc. seguramente confiar-me as memorias que puizer, porque além de n'isso fazer um serviço aceito a Sua Magestade, e ao bem publico, tambem a mim me felicita o gosto de ser eu o instrumento de que Vmc. se sirva para as pôr na presença da mesma Soberana Senhora.

Deus guarde a V. Mce. muitos annos. Barcellos 16 de Setembro de 1786. De Vmc. muito certo venerador. *Alexandre Rodrigues Ferreira.*

Senhor Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.—Toda a demora, que tive em dar a Vmc. a noção, que me pedio em carta de 16 de Setembro do anno proximo passado, me seria justamente extranhada, si uma longa serie de repetidas molestias, e outros tantos incommodos me não desculpasse. Agora porem que em parte me vejo restabelecido, quer a minha obediencia mostrar o desempenho, que póde, para o qual não me faltando a vontade, só me falta a sciencia. Mas na consideração de que as luzes de Vmc. são clarissimas, anteponho o cumprimento do meu dever ao receio, que me inculte a falta de letras, e como falta

d'ellas só me fundo na experiencia natural, que ainda aos mesmos irracionaes concedeu a providencia do Altissimo, repartindo sabiamente o preciso a cada individuo.

Este seguro me anima a dar execução ás ordens de Vmc., não pelo que pertence á historia das antiguidades d'esta capitania, porque d'ellas sei eu, que está Vmc. cabalmente informado pelo Illm. e Exm. Sr. general commissario, que aqui se acha n'esta villa, o qual já terá communicado a Vmc. as noticias da sua fundação, muito mais circumstanciadas do que eu as posso dar, e n'esta consideração o papel, que remetto a Vmc., não é mais do que um pequeno tratado da agricultura particular do Rio-Negro, segundo a minha experiencia tem podido alcansar, desde que sou morador estabelecido n'esta villa. Admitta-me Vmc. a liberdade de lhe remetter a sobredita noção, com a qual offereço a Vmc. a vontade, que tenho de o servir em tudo, para que em mim achar algum prestimo.—Deus guarde a Vmc. muitos annos. Villa de Barcellos 20 de Abril de 1787.—De Vmc. muito obsequioso e fiel criado.—*Antonio Villela do Amaral.*

MANIBA

Sendo a farinha de mandioca o pão usual em quasi todo o Brazil, por ella é que devo principiar, visto que sem ella, em razão de pão, se não póde emprehender, nem esperar outra alguma conveniencia, nem no passadio dos lavradores e das suas familias, e dos indios que elles tem á soldada, nem nas lavouras dos generos, nem na colheita dos do sertão. Os indios porem nas occasiões das fomes, e quando andam desertados, supprem a falta d'ella, com alguns frutos ou manços ou silvestres, comendo uns, do mesmo modo que todos nós comemos os nossos pômos, e bebendo a substancia de outros depois de desfeitos em agua fria ou quente, sem desperdiçarem os caroços porque tambem os comem assados.

Porém devo advertir, que é uma sem razão attribuir a carestia das farinhas, quando ella se experimenta n'este Rio-Negro, á esterelidade das suas terras, pois a constancia que ha poucos annos a esta parte tem havido no

trabalho, tem aberto a porta ao desengano, chegando todos a verem com seus olhos, que a preguiça de uns, e a pouca experiencia de outros eram as que occasionavam as as faltas, e não a esterilidade. Pois ha hoje trinta e tres annos, que para se amuniçoar a tropa, que guarnecia este arraial se ia buscar fóra das terras e povoações d'este rio as farinhas e os legumes precisos, tendo chegado a vir farinhas do Maranhão para esse fim, e ainda assim só se amuniçoava cada soldado com duas quartas por mez, e o mais se lhe pagava a dinheiro.

E como os governadores d'esta nova capitania, e juntamente com elles os commandantes dos seus respectivos destacamentos, se foram escarmentando das costumadas faltas, tomaram a resolução de mandarem fazer roças de mandioca, e d'ella resultou uma comprida satisfação do seu empenho; de sorte que apostando uns e outros em deixarem augmentadas producções aos seus successores, chegou-se finalmente a termos de uma total abundancia. Nem para Vmc. estar por isto, necessito de lhe allegar outra maior prova, do que a que está dando o capitão Marcellino Joseph Cordeiro, desde que o Exm. Sr. general commissario lhe accrescentou ao encargo da commandancia da fortaleza de São-Gabriel da Cachoeira-grande, o outro encargo da inspecção das farinhas em todo aquelle distrito.

O mesmo se tem experimentado em algumas povoações, que tem directores zelosos do augmento d'ellas; de fórma que ha seis para sete annos que principiou a diligencia da demarcação actual dos dominios de Sua Magestade, e n'esta não tem succedido virem as farinhas de fóra como vinham na demarcação passada, antes com as farinhas fabricadas nas povoações d'este rio, se tem amuniçoado as tropas da guarnição d'esta villa capital e dos destacamentos, não só de dentro do mesmo rio, mas tambem das do Rio-Branco, com o accrescentamento que n'esta mesma diligencia se fez de alguns pesqueiros, onde não faltam bocas que comam, e sobretudo os gentios novamente descidos, e os desertores reduzidos das povoações do Rio-Branco, com os quaes pelo motivo dos novos estabelecimentos, para sustento seu e da

guarnição militar, e dos outros indios e cabos empregados nas canôas do transporte, se tem consumido por conta da real fazenda, segundo tenho ouvido dizer, 6,544 alqueires, e 9 rações, desde 9 de Janeiro de 1784 até 15 de Abril de 1787. E isto sem comprehender a outra grande porção de farinhas, que no mesmo presente anno de 1787 se tem applicado para as diligencias de que está encarregado o Sr. coronel governador Manoel da Gama Lobo d'Almada, e a muita que tambem consomem os Muras novamente descidos para as povoações da capitania.

Logo parece não ser esteril o rio, e pelo contrario sempre o teria tido, si os commandantes apertados da necessidade como acima disse, não tivessem tomado expediente que tomaram, e si os soldados, que então se achavam casados n'aquelle tempo, não dessem baixa para cuidar das suas lavouras, ficando-lhes mais tempo para empregar no trabalho, os quaes vendo que estas terras eram menos ferteis, do que as das margens do rio das Amazonas, e que por isso necessitavam de maior applicação ao trabalho, se puzeram a elle talvez lembrados do mesmo a que foi obrigado o primeiro homem, por quebrantar o preceito, que lhe fôra posto pelo mesmo Deus. A bôa colheita de uns animou a diligencia de outros que o foram imitando, não só na agricultura da mandioca, mas tambem do tabaco, do café, e do cacau, além dos outros generos, que o tempo, e as suas diversas conjunturas os obrigam, sendo que antes d'este augmento, em que hoje está o café, só para divertimento se plantava algum grão.

Porém sempre se distinguio no principio o capitão João Nobre da Silva, que foi o primeiro que plantou e cultivou os ditos generos, e entre elles o café havido dos quintaes do religiosos carmelitas, que tinham algum para seu gasto nas missões da sua residencia. Distinguiu-se o dito capitão, porque como não era soldado, e foi o primeiro que casou com india, não se lhe difficultou auxilio algum para elle poder fazer as suas lavouras.

Pelo que me parece, que tenho dado, não uma mas muitas provas, que autorizam o que sempre sustentei,

que não são necessarias as farinhas de fóra, com tanto que se trabalhem as terras segundo o costume do Brazil, e que para se trabalhar hajam os auxilios da gente precisa.

E ainda seriam mais abundantes as farinhas, si por aqui só se usasse de uma tal qualidade de mandioca, que fosse a melhor, e não de tantas quantas se conhecem, tanto bôas como más, observando-se primeiramente a natureza da terra, e procurando-se não menos as estações mais benignas, segundo a sua abservação. Ora tambem Vmc. deve saber, que os lavradores do Rio-Negro só agora tem necessidade de fazer maiores roças, para fabricarem muitas farinhas, pelo gosto que d'ellas faz a real expedição, pois que o da capitania de persi se enche com as que resultam dos dizimos, e vem das povoações das cachoeiras, para o soccorro da tropa da guarnição ordinaria.

Pede a razão, que não se desvaneça a agricultura desta qualidade de pão, o qual tão differente é do nosso na facilidade de o conservar e usar d'elle ; porque o da Europa necessita de ser recolhido aos celleiros no seu devido tempo, e a farinha da mesma terra se vai gastando, e si a maniba é de bôa casta dura n'ella dois e tres annos sem se arruinar, permittindo-o tambem a terra em si, ella se dispoem em roçados, depois de secos e queimados, traçando-se as suas hasteas em pequenos pedaços, os quaes se fincam nas covas que se abrem na terra, ou com a enchada, ou com outro qualquer instrumento, ou de ferro, ou de pau, que a faça levantar e soltar d'aquella solidez em que está antes de a moverem. Deve-se conservar limpa de mato, porque aliás se malogra o trabalho, sendo certo que os matos, que nunca foram roçados, ou matas virgens, assim como dão maior trabalho, primeiro que se disponha a plantação, assim tambem dão maior descanço nas limpas, ou mondas, e pelo contrario as copoeiras, que são matos que já foram roçados ; porque n'ellas nasce em muita abundancia todo o genero de herva, pela exposição em que já estiveram ao sol e ao ar, e nunca o seu proveito corresponde ao das matas virgens.

A mandioca tem varias applicações fóra da farinha, porque d'ella se tiram os polvilhos, que por bem conhecidos os não engrandeço. A cariman alguma similhança tem

com a farinha triga, pois d'ella se fazem soffriveis massas; entre as qualidades de mandioca ha uma, que se come cozida e assada, e esta mesma varia na qualidade e na côr, porque tambem a ha amarella ; n'este estado se lhe chama macaxeira, e nos outros Brazis aipim. Ha tambem outra qualidade de mandioca chamada mandiocaua, e não serve para mais, do que para se lhe beber a substancia, que pelo seu bom gosto, serve de sorvete aos naturaes, e aos moradores brancos, que aqui se acham estabelecidos.

Sendo tão ordinario o alimento da farinha, vem a tomar-se um refinado veneno todas as vezes, que se bebe o suco da sua raiz, ou esta se come cozida, ou assada; só se lhe pode acodir antes de entrar no chylo o seu veneno, sendo que aos animaes só o suco os destroe, pois os tenho visto comerem a raiz com a casca, e não lhes fazer mal algum. Este suco porem tão pernicioso em fresco e crú, depois de cozido é o melhor condimento de todas as comidas da plebe, porque tudo que n'elle se coze adquire bom sabor e conforto, pelo qual se poupam os gastos, que aliás se fariam com as especiarias.

As aguardentes, que do mesmo genero se fabricam em todo o estado, são dotadas de um tão bom espirito, que chegam a equivocar-se com as do reino.

Em toda esta capitania é muito frequente o consumo d'ellas, por se livrarem os que as bebem, de comprar a de canna ao contratador, e para não desembolçarem por esta parte o dinheiro, que podem arrecadar, e porque tambem nunca é tanta a de canna que corresponda ao consumo, que se lhe dá. Muita parte das lavouras da mandioca se estraga com este uso, e por esta razão exceptuado algum frasco d'ella para algum medicamento receitado por cirurgião, de todas as mais quantidades se devia executar a rigorosa prohibição que ha, assim como se tem castigado por vezes os que tem sido accusados de a fazerem, e tem sahido culpados nas devassas, porque primeiro está o alimento necessario do que o apetite; que bem se deve escusar para se evitarem as desordens que entre os indios causam as bebidas do pajuaru, do caxiri, do mocororó, da guariba, e outras em que estragam as raizes de que

podem fazer farinha para se sustentarem, e não as ditas bebidas para se embriagarem.

Comtudo a aguardente do beijú não deixa de ser medicinal para muitas queixas, usando-se d'ella com a moderação, e na dóse em que se tomam os remedios, e por esta razão os naturaes brancos, e a imitação d'elles os Europeus, a preparam com mais delicadeza para usarem d'ella quando lhe é precisa.

ARROZ

Era uma das mais raras maravilhas a que a apprehensão encaminhava o desejo pela falta, que d'este genero havia; pois quando do rio dos Solimões se enviavam alguns alqueires d'elle, era sómente a sugeito de quem se dependia, e em tão pouca quantidade que nunca chegou á mão de lavrador nenhum de experiencia, para experimentar a sua plantação.

E' certo, que tambem por aqui o havia de qualidade, que ainda hoje se cultiva em as povoações das cachoeiras, onde se produz o vermelho, supposto que agora me dizem, que já lhe foi enviada a semente do melhor, e que d'ella se tem colhido não poucos alqueires. Os lavradores do rio dos Solimões podiam melhor do que estes outros, ter aproveitado com ella a fertilidade d'aquellas terras. Porém sempre se contentaram com recolher tam sómente quanto lhes era bastante para lisonjear algum apetite que por acaso tivessem, e para segurarem a semente.

O capitão Joseph Antonio Freire Evora foi o que n'este rio desempenhou ao principio as obrigações de bom lavrador, colhendo em successivos annos avultadas porções de alqueires. Ao que tambem satisfez o licenciado João Manoel Rodrigues, seu genro.

Ambos elles podiam ter feito interessantes lavouras, nos differentes projectos de cada um por si, si não complicassem com outras causas mais particulares, em que passaram a considerar, que tinham mais interesse, quando aliás qualquer d'elles tinha para o exercicio de lavrador outras forças e meios que os outros não tem.

O primeiro andando sempre em frequentes e dilatadas viagens, não tendo logar de esperar dos escravos uma grande actividade em sua ausencia, tem quasi dado de mão a este genero.

Quanto ao segundo, com a esperança que concebeu do seu regresso, pôz-se nas mesmas circumstancias, e com a sua ausencia depois que o conseguio, maior falta se tem experimentado. A respeito de outros moradores poucos são os que o plantam, e esses em pouca quantidade, pois que não sendo este d'aquelles generos, que retirada daqui a real expedição continue a interessar depois d'ella, encaminham os seus cuidados a outros, em que tenham sempre o seu lucro permanente.

Pelo que corresponde a um alqueire de sementeira, ainda se não fez o seu calculo, si bem que não deixa de estar mais que averiguado, que, em comparação com as terras de Macapá, ficam estas sendo muito inferiores. Porém a meu vêr é preciso, que primeiro se faça toda a casta de experimentos; porque até ao presente sempre tem faltado por uma parte a pratica que tem os lavradores d'aquelle genero, e por outra os meios, e as posses de se applicar cada um como convém. De quatro pratos de semeadura, que lancei á terra, colhi bons seis alqueires: a terra era a de um d'estes covões, que a natureza continúa abrir de per si; a mesma semente tem afilhado muito, e me dá esperança de continuar.

MILHO

Planta-se n'esta capitania e em quasi todo o Brazil, por entre os roçados da mandioca, por entre as sementeiras do algodão, da melancia, do feijão e só nas Minas vi eu fazer roças separadas para elle, e isto pela brevidade com que soccorre aos mineiros, por serem homens viandantes que de tempos a tempos mudam de arraiaes, para onde ha novas descobertas de ouro. Além d'isto o milho naquellas partes é mais necessario do que em nenhuma das outras, por ser o principal e unico sustento dos porcos, que são a vaca, que quotidianamente se come nas

mesas d'aquelles moradores. A escravatura não come outro pão e as cavalgaduras de carga, que entram em grande numero, não tem outra cevada para o seu sustento.

N'este rio porém, ainda que elle não é tão graúdo como o das Minas, é comtudo soffrivelmente bom, e nunca se planta quanto basta para as criações, que ajudam muito a viver, visto ser tão faminto de peixe e de tartarugas durante o inverno, e visto não se ter até agora introduzido o gado nas dilatadas campinas da parte superior do Rio-Branco, como havia tentado o Exm. Sr. general commissario, sobre as informações que a este respeito lhe deu o Dr. ouvidor geral d'esta capitania Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio.

Muito raras vezes se planta fóra das estações de Janeiro e de Junho, o seu preço é igual ao da farinha, quando alqueirado e em mãos que são de 50 espigas se paga á razão de 50 e 60 réis por cada mão.

FEIJÃO

Nenhuma falta haveria d'este legume, si as povoações d'este rio lhe dessem consumo, de modo que viesse a fazer aos lavradores alguma conveniencia o plantal-o; pois ha perto de 29 annos que o sobredito capitão João Nobre da Silva, depois de ter tido uma colheita de 40 alqueires, lhe não deu sahida durante dous annos, e essa pouca que lhe deu parou nas mãos, ou na bolsa do tambor Luiz Mendes, a quem o mesmo capitão encarregou d'aquella venda aos selamins, até que escarmentado da primeira, sim proseguiu em segunda, e ainda hoje prosegue, porém nunca em maior quantidade do que a que precisa para o seu gasto, e si alguma vez planta mais é, quando algum sujeito se antecipa a recommendar-lhe.

Ora como todos os moradores têm as suas roças, cada um planta na sua quanto basta para o seu gasto; só alguns militares residentes o recommendam. Os indios não o admittem por mais de duas ou tres vezes, si lhe dão guisado, que elles pela sua parte não põem panella ao fogo para o cozerem, e só gostão d'elle assado, ou torrado

com a mesma casca por modo de divertimento. Para fóra da terra não se lhe dá extracção, e esta é que é a causa de o não haver dentro da mesma terra, nas occasiões precisas, e não por deixar de se dar bem de qualquer qualidade que elle seja.

O feijão branco por aqui se dá em muitos quintaes; porém no distrito das cachoeiras o mandou semear o Sr. governador Manoel da Gama Lobo de Almada, e de uma pequena porção colheu o que foi bastante para vir no conhecimento de que n'aquellas terras corresponde bem. Tambem medra bem a farinha do Macapá e outros muitos legumes, porém assente Vmc., que nenhum lavrador planta sinão o que lhe faz conta e lhe dá lucro, com que possa acudir ás necessidades da sua familia e pagar os jornaes dos operarios, sem os quaes não póde passar.

CAFÉ

Desde que o Exm. Sr. general commissario governando o estado avisou ao Dr. ouvidor geral da capitania a recommendação d'este genero, para elle cuidar de introduzir a sua abundancia, alguns lavradores se esforçaram por lhe fazer a vontade, e tambem pórque viam, que o proveito correspondia ao trabalho, porém até hoje todos os que se tem empregado na sua cultura, ainda estam como no principio, sem saberem discernir qual seja o motivo, porque em uma mesma quadra de terra onde se plantam milhares de pés, se acham 100 e 200 vigorosos e frondosos, e consequentemente frutificados no seu tempo e n'esta mesma quadra se acham dobrados pés desfigurados e languidos e ainda os troncos e as suas ramificações cobertas de uma lanugem branca, a qual lhes comprime e aperta os póros e lhe não dá lugar a que os verifiquem, mas antes tirando o suco proprio áquelle vegetal o deteriora e o reduz ao estado de não se poder jámais restabelecer, pois uma vez encanecido, por mais applicação que se ponha, não dá esperança alguma.

Com tudo é o unico genero, em que se estribam os lavradores brancos e alguns indios, por ser dos que lhes

dão interesse. E' bem constante, que esta planta como todas as mais, nas vizinhanças das casas, é onde se dão melhor e se carregam de fructo, e isto só por gozarem das varreduras das mesmas casas, o que de algum modo parece, que ensina a trabalhar e mover a terra.

Porém quantos são os lavradores, que tem os braços que necessitam para o fazerem? Quantos são os que os tem para limpar os grandes cafesaes, para vigiar que o bixo os não cerceie e destrua, e para infinitas precauções que se devem ter? Sem o devido trabalho se conservam os cafesaes, quanto póde ser a beneficio das sombras dos ingazeiros, debaixo dos quaes elles duram mais em proveito dos lavradores.

CACAU

Ainda que as sementes dos seus frutos entre todas as drogas do commercio do estado, são as que mais facilmente se colhem, e com mais promptidão resarcem em outras partes os gastos feitos na sua plantação com os jornaes dos operarios, quando não ha os escravos, com tudo não succede assim com o cacau plantado nas terras da margem meridional d'este rio, onde todo o trabalho, que com elle se tem, se malogra.

Elle gosta muito de ser disposto por entre os arvoredos sombrios, e logo se entra a resentir, si na terra encontra alguma tabatinga, uma das suas maiores inimigas para o seu crescimento e frutificação.

Nascem pelas extremidades de seus ramos uns grelos nodosos e crespos, nos quaes se lhes juntam varios insectos miudos, como percevejos, a que o vulgo chama lagartão, e d'esta queixa morre a maior parte dos que por aqui se plantam.

Além d'isto tem o desconto de se lhes enxertar uma herva, a que os naturaes dão o nome de uirarissutí, ou esterco de passaro, e nós outros hervas de passarinho, a qual não só é nociva aos cacoeiros, mas tambem a outras muitas arvores, porque se aproveita da sua nutrição, si se lhes não acode a tempo, limpando as arvores. O que

não succede aos ditos cacoeiros, quando estam abrigados á sombra de outras arvores, elles mesmos em si gostam da frecura.

Nas antigas habitações dos gentios ha cacoeiros, que se equivocam com elles, os que os não tem visto muito dantes, sem terem outro motivo para a sua conservação, sinão a bôa frescura de que gozam, sendo certo porém que o demasiado abrigo lhes dissipa o fruto, e que só se lhes deve dar o que basta para os resguardar do maior calor do sol. Nas margens da foz do Rio-Branco o ha nativo, e assim mesmo em algumas serras das cabeceiras dos rios colateraes, que desaguam na parte superior d'este Rio-Negro. O mais que se colhe de dentro d'elle, é dos cacoeiros plantados nas terras de sua margem septentrional, onde se dá melhor por seis até sete annos, quasi do mesmo modo que nas ilhas de Cametá.

CANNA

Entrou n'esta capitania por curiosidade dos seus lavradores; crescem grandes hasteas, e bem succosas; quasi todas presentemente se utilisam do seu fabrico em mel, e um frasco de canada e meia d'elle se reputa a 320 réis. Serve a todos os moradores brancos, para com elle supprirem a continuada falta de assucar, e com elle adoção o chá, o café e d'elle fazem as suas conservas. Só o capitão Bento Joseph do Rego impetrou até agora a licença, que requeria ao Sr. general do estado, para poder fabricar a aguardente de canna: ella tambem daria bom assucar se coubesse na posse de alguns sujeitos, que, sem fazerem falta ás outras plantações, se pudessem empregar com vigor n'aquella manufactura.

E de muita dura na terra, não sendo de menor reproducção no augmento, que costuma ter qualquer dos pedaços que se plantam, e se conservam sem muito trato. Póde ser, que, andando o tempo, se chegue a fabricar muito e bom assucar, pois a canna que se reduz a mel, sugundo a quantidade do suco que se apura, e a bondade d'elle, anima esta esperança. Os indios tambem o lançam nas

suas vizinhanças de mandioca, de que fazem aguardente, e alguns para a occasião das suas festas o apuram em mel.

TABACO

E' planta esta, que pede terra solta, negra e substancial, de sorte que si a terra não tem estas qualidades, não ha mais remedio do que recorrer ao fogo, o que muitos fazem, cobrindo com lenha a terra que se ha de plantar, e plantando-a depois de queimada a lenha; o pouco tabaco que se fabrica dentro d'este rio tem a particularidade de ser bom e de durar muito sem se arruinar depois de fabricado. Antonio Francisco Mendes o tem tido de muita dura e o conserva quatro e cinco annos sempre perfeito. A terra que verdadeiramente é propria para esta plantação, é a da fortaleza da Barra d'este mesmo rio, e dahi por diante costa abaixo até ás duas villas de Serpa e de Silves, cujos moradores fabricam com pouca gente avultadas arrobas; por isso tambem muita parte d'ellas se perde e apodrece, porque, sendo pouca a gente que empregam em o beneficiar, não se cansam tanto em lhe fazer o beneficio para durar, como em multiplicar as quantidades para as venderem. O que é bom e bem fabricado excede, no cheiro e na actividade d'elle, a todo o mais do estado.

Em a villa de Borba, no rio da Madeira, algumas arrobas se fazem, que, attendendo ao estado d'aquella villa, não deixam de ser avultadas; porém não tem tanta dura, porque na maior parte das terras não dá sinão a primeira e a segunda folha. Nos campos da Cachoeira, na capitania da Bahia, se tiram até quatro folhas.

O modo de as acondicionar por aqui para se venderem, é aos molhos; os quaes são bem ligados e fortificados com cordas de cipó, ou de folha de muriti torcida, para ficar na consistencia, e grossura de um cordão. Vende-se a arroba á razão de 4$ réis: os pretos escravos são muito tentados com a plantação d'este genero, não só para o tomarem em fumo, mas tambem para o venderem.

As suas folhas têm muitas virtudes medicinaes, e

uma d'ellas é a de servirem por modo de cataplasma com sal e ourina, para impedir que vá por diante a gangrena quando dá signal de si. Tambem se põe no umbigo, misturada com fel de vaca, e com azêbre para matar as lombrigas.

ALGODÃO

E' pouco consideravel o que se recolhe das sementeiras da margem meridional, donde apenas se tira o preciso para alguma rede, para algum par de meias, e para as torcidas, e ainda assim se deve ter o cuidado de o plantar n'aquellas paragens, onde se lança o lixo das casas. Isto é d'esta margem referida, porque na outra margem opposta não só o algodão pega bem, mas tambem o café, o cacáo, e tudo quanto pertence á lavoura. E sendo aquella terra de tão bôa qualidade, pouco recurso dá aos lavradores, pela rigorosa penção de atravessarem algumas bahias no espaço de perto de seis leguas de largura total do rio, defronte d'esta villa, e dos logares de Poiares e Moreira, entre os quaes ella está situada.

Sem as ditas travessias se não podem transportar os generos para esta margem, ainda que o perigo d'ellas nem sempre é o mesmo, e como as terras da outra banda ficam muito internadas para dentro d'aquellas margens, na distancia de duas e de tres legoas, porque pelas beiradas tudo são igapós, ou alagadiços que de inverno se inundam, fica sendo necessario a cada um conduzir de verão os seus moveis e generos por entre os ditos alagadiços, e por caminhos que se não podem trilhar sem enfado.

As paragens mais desoccupadas de charcos e pantanaes estam occupadas por indios situados n'ellas, entre poucos brancos, estes prudentemente se receiam d'aquelles ainda que sejam domesticos, porque, quando desertam das povoações e se internam para os matos, vêm ás roças dos brancos, que estam mais pela terra dentro, e não fazem o maior mal que costumam, si roubam sómente o que acham e desencaminham as indias do serviço dos lavradores, para as levarem comsigo.

ANIL

Não ha em todo este rio outra planta que seja tão bem recebida como esta, e uma vez nascida, fica reproduzindo com tal permanencia, que sem uum total desamparo se não extingue. A natureza a produz nas terras em que a continuação dos trabalhos as tem bem disposto para a sua criação, quando a mesma terra não é da sua natureza infecunda, e quando o mato não chega a crescer de sorte que a cubra e suffoque. Nunca se perde a semente, segundo se tem experimentado em partes, que muitos annos ficaram desertas e por cultivar.

O mais bem aceito anil de todo o estado, é o que aqui se fabrica, e a elle continuar para diante, como tem principiado mais vigorosamente desde os fins do anno de 1785 até agora, será um dos mais ricos mananciaes, donde os lavradores tirem os meios do seu restabelecimento depois de sete annos passados, que dura a diligencia da demarção sem poderem adiantar as suas lavouras com a falta de braços, que a maior parte d'elles têm experimentado.

No tempo em que o Exm. Sr. general-commissario governava o estado, remetteu ao Dr. ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio um modelo de um tanque de madeira, e mais as receitas para fabricar o anil, as quaes o sobredito ouvidor fez copiar, dirigindo as cópias dellas aos lavradores que lhe pareceram mais habeis; porém aquelle ministro, que aliás bem inculcava a todas as repetidas recommendações de S. Ex., não vio o desejado effeito que esperava pelo brevidade da sua remoção, ou regresso para a côrte de Lisboa: o que tudo se preterio com a sua falta, e com a pouca sahida que no Pará se lhe deu, tendo alguns fabricado pequenas quantidades.

Porém S. Ex., que então o recommendava por carta, agora o faz pessoalmente: e protegidos com a sua presença, já n'esta villa e nas outras tem principiado os lavradores as suas fabricas, das quaes estam tres erigidas na villa de Thomar, uma principiada n'esta, e outra tambem concluida na de Moura, a qual, desde Janeiro até ao fim de

Março d'este anno, fabricou seis arrobas, segundo me disse, seu dono Joseph Gonçalves, quando agora as veio entregar.

As outras fabricas, me dizem alguns, que cada uma d'ellas dá por mez meia arroba: sem falar nas da parte superior que têm dado muito, depois da nova invenção das fabricas, e agora me disse o anspeçada Bernardino de Freitas, que desta vez tinha dali trazido 24 arrobas, fabricadas nos tres mezes de Janeiro, Fevereiro e Março. E ao almoxarife ouvi eu dizer, que o anno passado tinha S. Ex. remettido para Lisboa 80 arrobas entre todo o que se fabricou n'este rio. Donde deve Vmc. inferir, que em os lavradores tirando das plantações, que se lhes recommendam, uma correspondente utilidade, todos fazem quanto podem por dar ordem á sua vida. S. Ex. o tem mandado pagar á razão de 1$000 a libra.

URUCU'

Aqui está uma planta, que serve bem de provar o que acabo de dizer; porque tendo-se ella plantado e fabricado n'este rio, quando tambem S. Ex. a recomendou, e o mesmo Dr. ouvidor geral deu a receita, depois de ter subido ao preço de 1$200 e 1$400 por libra, hoje se não procura.

Quasi todo o gentio se pinta com a bella gala da sua côr, e postos nús, saem a dançar homens e mulheres, o que não deixam de praticar ainda depois de domesticados, o ponto está em se lhes offerecer occasião, em que não sejam vistos dos brancos. Só onde não houver gentio não haverá tambem arvore do urucú, de fórma que achada ella entre o matto, signal é que ou por ali houve, ou ainda ha algum gentio. N'este rio já fabricou urucú o capitão Joseph Antonio Freire Evora. O gentio, que mais se distingue em o fabricar, é o Parauiaua do Rio-Branco, e do Tacutú, com os quaes algumas pessoas aprenderam, e o fabricaram, emquanto elle no estado esteve mais bem reputado.

O mesmo Dr. ouvidor geral da capitania traduzio

de um livro a receita de o fabricar ao modo dos estrangeiros, mas pelo motivo que disse no principio, de ninguem mais procurar similhante genero, todos largaram mão d'elle. Distingue-se em duas qualidades, que são o encarnado e amarello.

HORTALICES

Tanto as couves como os repolhos têm produzido bem, e a terra depois de queimada fica bem propria para a sua bôa nutrição. Ella tambem dá pepinos, alfaces, xicoria do reino, que a natural não se cultiva, e nos Brazis lhe chamam coentro da India, porque tambem lá o ha. Toda a hortalice daria, si chegasse a sua semente a nascer; tambem já se cultivou almeirão, e se deu grandioso em uma horta, que teve o capitão Bento Joseph do Rego.

A cebola é muito usual, porém nunca com a cabeça como as do reino, mas suppre a abundancia a falta da grandeza. Os alhos não dão sinão folha, isto é, os do reino, que algum vindo de Castella da bôas cabeças, e bem adentadas, e se lhe chamam alhos mazombos; esta semente deu fim pelo descuido que teve quem os guardava só para si. Não falo em muitas outras cousas, por não se fazer d'ellas caso, como sejam bringelas e tomates, que só gosta d'elles a gente do reino.

Quanto ás uvas e figos sabe-se, que dão, porque já as teve no seu quintal o morador Francisco Coelho e as que se chegam a sazonar não são más, e só tem havido uvas brancas mas com tão bom recato, que d'ellas já não ha em parte nenhuma; porém o tenente-coronel Theodosio Constantino de Chermont as mandou vir de Tapajós, e as tem no seu quintal, e das suas podas vai dando a todos, e é notavel a sua applicação ao cultivo, tendo de tudo o que a terra permitte com bôa ordem e alinho, tanto de flôres como do mais.

No tempo dos padres missionarios houveram amoreiras, das quaes já não ha noticia, cuja planta veio com o destino de se crearem bixos de seda. Já ha tamarindos e

jambos frutificados, devendo-se esta raridade ao Exm. Sr. Luiz de Albuquerque, que de Mato-Grosso, donde é general, os enviou ao Exm. Sr. João Pereira Caldas, que o repartiu por alguns moradores; devo suppôr, que assim como estas cousas tão estranhas do paiz dão fruto n'este rio, daria tudo mais a quem o plantasse.

Os cravos do reino não floresceram, e de uma só semente se fazia uma mata, e d'elles não houve mais trato, nem disposição. Dá bem losna, arruda, mangerona, mangericão do grande e pequeno, ortelan, e coentro; emfim dou noticia do que dá e não do que ha, pois os que têm propensão, não têm meios para tantos cuidados; porque como pobres só se satisfazem com um par de bredos, que nascem por si, e dos frutos conservados sem nenhum trabalho.

Pimentas grandes e pequenas, com cheiro e sem elle, das quaes com nome só ha tres: malagueta, cumari, e murupi. A malagueta é compridinha e delgada, e muito medicinal, a murupi comprida, crespa, e com uma cova na extremidade, cumari silvestre, e a dá o mato, e d'elle se tiram para planta, as quaes os indios presam muito, por serem inclinados a tudo quanto é silvestre.

Raizes que se comem

BATATA

Planta universal das Americas, ellas se distinguem em amarella, roxa, e branca, comem-se cozidas e assadas, e d'ellas se faz bom doce; sendo cozidas não são de proveito aos flatulentos, si as comem em demasia.

CARA'

Ha brancos e roxos, grandes e pequenos, comem-se na mesma fórma das batatas; o seu doce é viscoso, porém de bom gosto; os brancos são os melhores para este fim, assim como para cozer na panella junto com a vaca.

TAMATARANA OU TAMATURANA

Raiz pequena bem similhante na folha ao gengibre de dourar, e não tem mais circumstancia do que para se comer.

UAREHA'

Em tudo similhante a tamatarana e só differe em ter umas pequenas raizes que nascem da fruta, e em serem mais compridas.

TAIOBA

Come-se-lhe a folha e tambem a raiz ; e d'esta mesma ha outra qualidade, que só se come a raiz cozida ou assada ; e isto se deve entender de todas as mais raizes : umiriri e tajuassú, que todas estas têm a similhança do jarro do reino.

Frutas mansas e silvestres

MAMÃO BANANA

OU PACOVA NA LINGUA GERAL

Colhem-se em abundancia em todas as partes, e n'este rio tem lugares em que se não dão, sinão ao pé das casas mais ou menos desviadas, pela assistencia que se lhes faz com o lixo ; é certo, que a parte opposta á do meio dia, as dá em abundancia, assim como tambem em todos os lugares, em que viveram gentios muitos tempos.

PUPUNHAS

Similhante ao dendê de Angola ; é palma vistosa, e muito mais quando tem fruto, sendo umas amarellas e outras encarnadas ; a sua arvore é povoada de espinhos e por todos os talos : umas são oleosas, e outras não.

COCOS

São poucos os que ha, porém carregam bem de caxos : ha poucos annos a esta parte é que se vão plantando, e a

sua semente foi dada de um coqueiro, que havia no quintal do palacio, plantado pelo capitão Francisco Xavier de Andrade.

ABIO

Fruta estimavel e de bom gosto, no inverno não se aproveitam por criarem muito bixo: é pomo vistoso e de côr amarella com muita parecença com os pêros do reino; n'este rio são muito grandes.

CAJU' CULTIVADO

Uns são amarellos tirante a brancos, e outros são encarnados; não dão resina em tanta abundancia como os do campo, e essa que dá é pouco limpa, posto que sirva para as encadernações.

INGA'

Doce, mas de pouca conservação, criam muito bixo e nada nutrem, d'elles ha diversas qualidades, posto que os que se cultivam sejam o de sipó e o pêua, tanto para comer como para as sombras do café; o de sipó tem uma vara de comprido, e são flexiveis; os pêuas são xatos; estes têm a côr amarella, e os outros são de verde desmaiado.

BIRIBA'

De polpa molle e doce, dura pouco em razão da sua molleza, tem muito caroço; parecem-se com as mesmas frutas do conde da Baija.

ATA

Saborosa e muito similhante ao biribá, emquanto na vista, posto que este tenha uns bicos pela casca, como os dos peitos dos animaes.

ARATICUN

E' 'grande molle e agro-doce, não se estima, e entra na mesma classe das duas referidas.

LARANJA DOCE E AZEDA

Ha, dá bem, e são de bom gosto: as azedas não são aqui presadas sinão dos brancos, mas não de todos.

LIMÃO DOCE E AZEDO

Sinão ha muita abundancia, é por se não estimar por estas partes, e os que ha são muito bons.

COBIOS

Uns são lisos e outros agommados, são amarellos, encarnados, e roxos, commem-se cozidos e assados, fazem bom doce, e melhor geléa: a sua folha é mais larga que a da bringela. Alguns são espinhosos nos talos e tronco, e são cobertos de felpa e azedos.

SORVAS

Há duas qualidades d'ellas, grandes e pequenas, ambas são de excellente sabor; e é pena que para colherem os frutos, deitem abaixo as arvores.

UMARIS

Ha de muitas variedades na côr, amarellos, roxos, e quasi encarnados: pouco se lhes come, porque não têm mais que uma tona de uma substancia muito oleosa, cheiram muito, e do miolo dos seus caroços se tira tipioca, de que, na falta de farinha, se fazem beijús.

Podem-se ajuntar muitas folhas, que se comem ou cozidas como os bredos e os carurús, e as folhas de taioba, ou em salada, como os olhos das palmeiras do assahi e ainda melhores são as da outra palmeira do anajá de que tambem se fazem pasteis e tortas, e outras vezes se comem cozidas. Mas como Vmc. já tudo isto tem visto pela sua muita curiosidade, julgo desnecessario dizer mais do que tenho dito.

Lotações das congruas, soldos e ordenados que aos filhos das folhas respectivas paga a fazenda real, pela thesouraria da villa de Barcellos, capital da capitania do Rio-Negro. 31 de Outubro de 1786.

Este mappa acompanha a participação 1ª da 2ª parte, sob o numero 11.

Pautas que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor general João Pereira Caldas em o tempo que governou o estado do Pará, regulou e ordenou para se pagarem os fretes dos differentes generos, que da cidade capital para as povoações estabelecidas e situadas em toda a capitania do Rio-Negro, e d'estas para a dita cidade, se transportassem em canôas do commum commercio das mesmas povoações.

PAUTAS E SUAS DIFFERENÇAS		GENEROS POR ARROBAS																
		CAFÉ.	CACAU.	SALSA.	Cravo FINO.	Cravo GROSSO.	ALGODÃO.	SUMAUMA.	ESTOPA.	BREU.	TABACO.	SABÃO.	PEIXE.	ASSUCAR.	ARROZ.	FERRO, AÇO E FERRAMENTAS	POLVORA.	CHUMBO EM MUNIÇÃO.
Pautas determinadas em ordem datada de 12 de Junho de 1776.	1ª E para as villas de Serpa e Borba até á boca do Rio-Negro.....	300	200	350	350	240	240	240	180	180	180	240	160	240	120	240	1280	320
	2ª E para as povoações estabelecidas na bocca do Rio-Negro para dentro e da do rio Solimões até a villa da Ega.....	350	250	400	400	280	280	280	210	210	210	280	200	280	140	280	1600	360
	3ª E para as povoações estabelecidas da referida villa da Ega para cima.....	400	300	450	450	320	320	320	240	240	240	320	240	320	160	320	1920	400
Differenças de umas para outras segundo as differentes distancias.	Da primeira para a segunda.....	50	50	50	50	40	40	40	30	30	30	40	40	40	20	40	320	40
	Da mesma primeira para a terceira.....	100	100	100	100	80	80	80	60	60	60	80	80	80	40	80	640	80
	Da segunda para a terceira.....	50	50	50	50	40	40	40	30	30	30	40	40	40	20	40	320	40

PAUTAS E SUAS DIFFERENÇAS		DITOS POR ALQUEIRES						DIFFERENTES VOLUMES											PESSOAS	
		ARROZ.	FARINHA E MILHO.	FEIJÃO.	CASTANHAS.	SAL.	CAL.	FARDÕES OU CAIXA DE FAZENDAS.	COUROS EM CABELLO	MEIOS DE SOLA	BARRIS DE SEIS EM PIPA.	FRASQUEIRA.	Tartarugas GRANDES.	Tartarugas PEQUENAS	JABOTIS.	POTES DE MANTEIGA OU AZEITE.	ROLO DE PANNO DE ALGODÃO	PAISANOS QUANTO A PESSOA SÓMENTE	ESCRAVOS CADA UM
Pautas determinadas em ordem datada de 12 de Junho de 1776.	1ª E para as villas de Serpa e Borba até a boca do Rio-Negro.....	80	160	240	160	350	240	500	180	240	1280	640	160	100	50	240	640	1280	610
	2ª E para as povoações estabelecidas na boca do Rio-Negro para dentro e da do rio Solimões até a villa da Ega.	100	180	260	180	400	280	600	200	280	1600	800	180	120	60	280	800	1600	960
	3ª E para as povoações estabelecidas da referida villa da Ega para cima.....	120	200	280	200	450	320	700	220	320	1920	960	200	140	70	320	960	1920	1280
Differenças de umas para outras segundo as differentes distancias.	Da primeira para a segunda.....	20	20	20	20	50	40	100	20	40	320	160	20	20	10	40	160	320	320
	Da mesma primeira para a terceira.....	40	40	40	40	100	80	200	40	80	640	320	40	40	20	80	320	640	640
	Da segunda para a terceira	20	20	20	20	50	40	100	20	40	320	160	20	20	10	40	160	320	320

Nota que cerrava cada uma das pautas

Immediatamente seguida ao fim da 3ª classe ; os mais generos á proporção ; e em seguimento á ultima casa ; escravos ; e o fato ou generos que levarem se deve tambem regular para o frete em conformidade da sobredita pauta.

Observações

Ha a advertir, que tendo o sobredito Illm. e Exm. Sr. general distribuido as ordens precisas para se porem em execução as referidas pautas em data acima prescripta foi servido alteral-as (em quanto sómente ao arroz em casca) determinando em officio de 10 de Outubro de 1778, que attendendo a ter subido o preço do dito genero, se pagasse de frete por cada um alqueire, o mesmo que estava determinado para cada uma arroba do descascado. Ha igualmente a advertir, que, sem embargo da regulação feita pelas acima indicadas pautas, o mesmo Exm. Sr. general ponderando algumas particulares razões, ordenou em outro officio de 30 de Dezembro do dito anno de 1778, se ficassem pagando os fretes em toda a capitania unicamente pelos preços indicados na primeira pauta regulada para as villas de Serpa e Borba e até á boca do Rio-Negro ; isto emquanto não houvesse contraria ordem. Pórem que se devia ficar na intelligencia de que era unicamente emquanto aos generos transportados nas canôas, que em occasião dos transportes dos negocios dos communs das povoações, infallivelmente devião fazer aquella viagem, e não em as que destinadamente se puzessem promptas, para carregar a fretes, porque essas deveriam perceber os primeiros nas pautas indicadas ; ordem esta que está existindo em actual vigor.

Sr. Antonio Joseph de Araujo Braga.

Achando-me encarregado por Sua Magestade da historia philosophica e politica dos estabelecimentos portuguezes n'esta capitania; e sendo aos seus habitantes universalmente constante a literatura e probidade com que Vmc. desempenha o exercicio da ua profissão, e acredita a doutrina e a pratica cirurgica do hospital real de S. Joseph de Lisboa, de que Vmc. tem a honra de ser alumno benemerito, não posso deixar de me felicitar a mim, e de me comprometter desde já o felicissimo successo, que terá a minha commissão, pela parte que se me recommenda a historia das enfermidades endemicas e epidemicas do paiz, tendo eu a felicidade de nelle achar a Vmc. empregado no real serviço.

Persuado-me portanto, que, sendo elle o objecto dos trabalhos e applicações de Vmc. e minhas, pela minha parte faço o que devo ao serviço e á Vmc. em pedir-lhe com toda a sinceridade literaria, queira coadjuvar-me com as suas as minhas observações medicas, visto que a Vmc., mais privativamente do que a mim, pertence uma escrupulosa averigação de cada uma das enfermidades, suas causas, symptomas e prognosticos, e visto que além d'esta me estam igualmente recommendadas, infinitas outras observações de mui differente repartição. Antecipo o penhor da minha sinceridade, participando a Vmc. que até ao presente se me não tem offerecido occasião de observar on mais ou menos enfermidades, do que as que andam descriptas na Brasilia Medica de Guilherme Pinson.

As febres quotidianas, terçans e quartans, com as mais intermittentes, verdadeiras, espurias, não n'esta villa, mas nos rios confluentes da parte superior d'este em que estamos: e geralmente as cephalalgias, hemecraneas, ophtalmias, odontalgias, cardialgias; alguns estupores, os pasmos, os catarrhaes, as obstrucções das visceras, a hydropisia, a palpitação do coração, as lombrigas, os fluxos do ventre, o tenesmo, a cholera, a desynteria, o fluxo hepatico, as ulceras, e inflammação do annus, e na classe das contagiosas, as bexigas, o sarampo, a qualidade celtica, as empigens, os herpes miliares

etc., as quaes todas eu tenho observado. Sei, que não bastam as minhas observações, e por isso me resolvo, para melhor serviço de Sua Magestade n'esta parte, a conferil-as com os professores a que ellas pertencem.

Digne-se Vossa Mercê instruir-me não só na qualidade das enfermidades, que ha seis annos a esta parte tem observado na capitania, mas tambem na dos corpos naturaes, ou sejam animaes, ou plantas, ou mineraes; os quaes applicados ao corpo humano primeiramente, e depois d'elle ao dos animaes uteis, ou lhes conservam a saude, si estão sãos, ou os restituem a ella, si estam enfermos. Confio tambem, que não duvidará Vmc. communicar-me a historia dos venenos e seus antidotos. Eu terei a honra e a satisfação de algum dia escrever o seu nome no frontespicio das suas memorias, para que venha o publico no conhecimento do muito que espero, que deva aos seus trabalhos, resultando-me então a gloria de ter sido o primeiro, vide que desde agora me antecipo a ser de Vmc. muito attento venerador.

Barcellos 20 de Fevereiro de 1786.

Alexandre Rodrigues Ferreira.

Senhor Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. O papel incluso, que eu tenho a honra de remetter a Vmc. acabará agora de verificar o que antecipadamente lhe ponderei, que eu não trataria tanto de desempenhar o encargo, que Vmc. se lembrou de me commetter, quanto de obedecer cegamente ao que me ordenou em carta de 20 de Fevereiro do anno proximo passado. N'ella se impôz Vmc. mesmo a obrigação de defender um papel, que, não sendo em sentido algum dictado pela vaidade, é filho da obediencia do seu autor. Porque tendo-me eu occupado em lêr e praticar com os enfermos dos hospitaes a cirurgía, que aprendi no de Cadiz, no de Evora, e no de Lisbôa, nenhum tempo dei ás pensões que estam a cargo dos que se destinam a escrever.

Obrigou-me Vmc. a fazêl-o, notificando-me da parte do bem publico, a quem assenta, que podem ser uteis as minhas observações; eu as deposito nas suas

mãos, persuadido de que, quando não assente o publico que em escrevêl-as lhe fui util, virá ao menos no conhecimento de que me não faltou nem falta a vontade de o ser.

Deus guarde a Vmc. a muitos annos.—Barcellos 15 de Março de 1787.—De Vmc. muito attento venerador.

Antonio Joseph de Araujo Braga.

E' constante, que a atmosphera entre os tropicos é quente e humida, e que estes paizes são regados de innumeraveis e caudalosos rios. Elles são cobertos de altissimos arvoredos, e pela maior parte tão espessos, que quasi sempre se não deixam penetrar tanto dos raios do sol, como da quantidade de ar, que é capaz de sacudir e ventilar os miasmas podres, de que a atmosphera se acha carregada. Qeanto mais se remonta á sua origem, tanto menos espaçosos se vão elles fazendo, menos vadeaveis é adherentes a altas e rusticas montanhas, quando por outra parte, á proporção que elles se dilatam, inundam com as suas enchentes vastas campinas, subindo a alturas consideraveis.

Vêm todos os que viajam, que pelas suas margens lhes ficam terras mais baixas, e fossos bem profundos, onde se conserva a agua todo o anno. Esta annualmente recebe durante a enchente innumeraveis cadaveres de quadrupedes, aves, peixes, amphibios, insectos e vermes, os quaes misturados com as raizes, troncos, ramos, e folhas das arvores que caem, ou apodrecem, ali ficam encarcerados até que o calor do sol lhes volatilise as partes mais subtis, e as espalhe pela atmosphera. Em quanto se não volatilisam, fica o ar demasiadamente denso, privado da sua elasticidade, incapaz de entrar nos pulmões; o que vem a causar diversas enfermidades.

Ha n'estes paizes algumas plantas, e arvores tão venenosas, que instantaneamente morre quem usa d'ellas: taes são o assacú, a herva de rato, e o timbó, com que os indios matam o peixe, além de outras muitas, que ainda hoje são pouco conhecidas pelos domesticos. Dos gentios do mato é certo, porque o estamos vendo, que dos sucos

das plantas venenosas preparam as suas hervaduras para as pontas das frechas, com que matam a caça e os seus inimigos.

Nem as ditas plantas se criam sómente pelo centro do mato, mas tambem pelas margens dos rios, como é o dito assacú, de que os mesmos indios a mesma sombra receiam.

As enxurradas das aguas, que escorrem das serras das cabeceiras dos rios, arrastam comsigo as diversas substancias terreas, salinas, e metalicas, de que abundam as mesmas terras. As aguas dos rios então são turvas; ainda mais turvas se fazem com as innumeraveis terras cahidas, que comsigo levam as correntezas; e os que as bebem por costume logo que as tiram dos rios, sem esperar que assentem nos potes, de um para outro dia, depoem no ventriculo, de cada vez que as bebem, um sedimento viscido, o qual obstruindo os orificios dos pequenos vasos, annuncia pela chlorosis a obstrucção que todo o mundo sabe, que é um como seminario de outras queixas em que degenera, como são as palpitações de coração, as cardialgias, a ictericia, a hydropesia, a cachexia, etc.

Si ao que tenho dito se juntar, que os moradores das povoações situadas sobre as margens dos rios, com as immundicies que n'elles despejam, e com as nenhumas cautelas que n'elles praticam, relativamente ás diversas preparações do seu uso, concorrem quanto podem pela sua parte por infeccionar cada vez mais a agua, que bebem, de nenhum modo se extranhará, que tanto perigo corram as suas vidas.

Sirva de exemplo o que aqui estamos vendo a respeito da mandioca; vêmos, que cada morador a põe de molho no porto da sua roça, sem esta preparação depois de a ralarem, a metem em uns cilindros de esteira, que por aqui chamam tipitis, os quaes comprimindo a mandioca ralada, que tem dentro, a obrigam a escorrer um suco amarello a que dão o nome de tucupi: este não é venenoso, porque como padece alteração na agua onde se infunde pelo espaço de quatro dias, quando é corrente, e pelo de tres, quando o não é, vem por esta razão a

curtir-se com mais brevidade. O que succede pelo contrario no suco da mandioca, que não passa por esta fermentação; como com effeito não passa a de que se fazem as farinhas secas; porque, emquanto se não azeda o referido suco, é um mortal veneno para todo o animal que o bebe.

Sei, porque vejo, que os rios da America não são pequenos regatos, e de tão placida correnteza, que muito poucos miasmas bastem para infeccionar as suas aguas. Como porém tambem sei, que são infinitos os animaes, as plantas, os mineraes entranhados nas terras, que fazem as suas margens, não é de admirar, que eu reflicta no que tenho dito, porque antes de mim reflectiram os primeiros, e continuam a reflectir os actuaes moradores das povoações d'este rio.

Aquelles que mais cuidado têm da conservação da sua saude, jamais bebem outra agua, que não seja a que é tirada do meio do rio, onde a correnteza é mais rapida, e onde pelo conseguinte não param as imundicies, que param nas margens, em consequencia dos despejos domesticos, das lavagens dos corpos, da maceração da mandioca e de outras muitas causas, que a todos são notorias. Não contentes com esta precaução os que são mais escrupulosos, filtram a agua por um panno fino, ou a purificam das impurezas, mediante o alumen com que as precipitam para o fundo.

O ar pela sua parte, com os effeitos do seu calor, causa diversas enfermidades. A porção mais espirituosa do sangue todos os dias se dissipa; sae pela transpiração, pelo suor, e pela ourina; o que fica no corpo é um sangue seco, terreo e espesso, donde procedem as melancholias, as lepras, os vomitos pretos, as camaras de sangue, as febres ardentes, etc.

Eis aqui as enfermidades, que se não poderiam evitar por causa do calor e da densidade da atmosphera quotidianamente quente e humida, a não serem os ventos geraes, os que em uma parte do anno a discutem e agitam, varrendo para fóra das povoações as suas atmospheras particulares. O que tanto é verdade, que bem á sua custa o experimentam aquelles que ou seja pela posição das

povoações em que vivem, ou pela diversidade do tempo, chegam a experimentar a falta dos referidos ventos geraes.

Elles comtudo não são os unicos correctores da atmosphera: juntam-se-lhes infinitas particulas aromaticas, que copiosamente exhalam as plantas e as arvores do paiz, como são as do cravo fino e grosso, as do puxiriassú e mirim, e a do umirí, que destilla uma especie de estoraque, além de muitos balsamos naturaes que servem de corrigir e embalsamar o ar; não cessando nem as chuvas, nem as quotidianas trovoadas de discutir a maior parte dos miasmas. Si a chuva comtudo ó diminuta, e o vento cessa, fica o ar muito mais quente, e a terra exhala de si um terrivel cheiro, e da fermentação que padecem os corpos procedem as diarrheas de sangue, e passam ás desynterias, tenesmos violentos, fluxo hepatico, etc.

Quando o verão é grande e se augmentam as secas tanto dos rios como dos lagos, fica sendo incrivel quanto tambem se augmenta a podridão por toda a parte, em particular pelas povoações situadas nas costas do mar, ou porto d'ellas. Porque a agua salgada se mistura com a doce, e pela sua mistura se accelera tanto a putrefação, que não ha especie de enfermidade d'este genero, a que não estejam sujeitos os seus habitantes.

Os indios e os pretos são os mais sujeitos aos dous contagios das bexigas e do sarampo. Assim o provam muitas e muitas antigas memorias d'este estado. O muito oleo de que n'elles abunda a membrana adiposa assim como serve de modificar a acrimonia dos liquidos nos paizes quentes, donde são naturaes, vindo a ser mais doce o leite das pretas de toda a costa d'Africa, e por isso mais proprio para a nutrição dos infantes, assim tambem ao maior gráo de calor se altera e se rancifica mais do que nas brancas, que o não tem em tanta quantidade.

Mas além d'esta razão ha outras muitas, que n'elles concorrem, e os habilitam para os ditos contagios. Concorre a má vida que levam sempre occupados em violentos trabalhos, os quaes servem de lhes dissipar a porção mais espirituosa do sangue: concorrem os peiores alimentos

de que usam os quaes por mais breves que sejam as viagens, nunca passam das carnes e do peixe mais podre, do que salgado, e ás vezes tão podre que nem o cheiro se póde tolerar dentro das canôas : concorre a exposição do corpo ao ar ambiente, porque sempre andam nús e deste modo sujeitos ás impressões do sol e da chuva, do calor, e da humidade ; e finalmente concorre o uso das bebidas e dos licores espirituosos, os quaes lhes debilitam os solidos e os fluidos, deixando-os sujeitos a todas as classes de enfermidades que procedem daquella causa.

Os adultos e os menores de ambos os sexos sem excepção de qualidade ou condição, ou sejam brancos, indios ou pretos, todos os dias se lavam no rio duas, tres e quatro vezes : suados como estão se mettem n'agua, e dali adquirem as constipações, cephalalgias, ou emicraneas, dores de ouvidos, odontalgias e ophtalmias humidas e secas, acompanhadas de diversos fluxos de ventre de maior ou menor malignidade.

Aos brancos, quando se constipam, qualquer suador de agua quente basta, a razão é porque não têm a cutis tão solida como os indios e os pretos, os quaes não só carecem dos pellos e da mesma porção escamosa, e das rugas, ou silhões que regram a materia da transpiração, mas tambem são tão lisos por toda a seperficie do corpo, que tocando-lhe com a mão na pelle se sente como avelludada. Os diaphoreticos, de que precisam n'este caso, são muito mais fortes do que os dos brancos ; algumas vezes não bastam os segundos banhos dos vapores da aguardente da terra.

Não de outra sorte acontece nas bexigas ; a natureza pretende exhonerar-se ou por si, ou por ajudada da arte, das materias violentas que a opprimem, expellindo-as para a peripheria do corpo ; porém quando succede encontrar n'ella os embaraços ponderados, então retrocede para dentro de si mesma e por esta causa vem pelo tempo adiante a morrerem empiematicos, os que se não descarregam d'ellas.

Accresce, que dos alimentos dependem as enfermidades dos vermes, entre os quaes mais commummente apparecem as lombrigas. Eu as tenho visto no ventriculo, e nos intestinos em tanta quantidade que, ainda depois

de mortos os que as tinham, as lanção pela boca, e pelo nariz, e algumas d'ellas de tão extraordinaria grandeza que chegavam a ter o comprimento de doze até treze palmos. Das crianças se sabe, que em todos os paizes são as mais sujeitas a ellas.

O que tambem eu tenho observado por aqui succede mui frequentes vezes, é comerem terra, sal, carvão, e outras substancias, que obstruem os vasos, donde procede terem quasi todas o abdomen levantado e as côres macilentas, cujo vicio se estende a alguns adultos de ambos os sexos.

Da maior parte das doenças reconheço por causa o calor e a humidade. O primeiro rarefaz os liquidos, augmenta os seus movimentos, dissipa a substancia mais preciosa, chega a impedir as secreções, e desordena por todos os modos o mechanismo da vida. A segunda coagula os principios vitaes nas partes mais distantes do coração, e diminue a transpiração pulmonar e cutanea.

As variações subitas de um para outro estado produzem igualmente outras enfermidades, ou seja augmentando, ou supprimindo a transpiração : no segundo caso quando a supreção é parcial, e fica retida uma parte da transpiração nos vasos inhalantes ou exhalantes da pelle, sobrevém a sarna, que é mais ou menos grossa, segundo a consistencia que adquire a limpha, e os saes de que está impregnada. A dita sarna procede de duas causas interna e externa : a primeira consiste nas partes salinas, e accresce, que se exhalam pelo suor, a segunda tira a sua origem de alguns insectos e vermes, que se introduzem na pelle. Nas que procedem da primeira causa, incluo os herpes miliares e as pustulas sudoraes ; tambem incluo, por ser queixa endemica do paiz, diversas qualidades de empigens que poucos são os que as não tenham, e algumas d'ellas tão pessimas, que é preciso tratal-as medicamente, e ainda assim não obedecem aos remedios mais proprios, que a arte costuma subministrar.

Pela occasião da enchente ou da vasante dos rios reinam os defluxos ; esta é uma observação constante, que ao menor repiquete das aguas succedem estas mudanças ; ordinariamente principia aqui a encher o rio pelo mez

de Fevereiro e a vazar pelo de Julho. Algumas catarrhaes vêm acompanhadas de tosses convulsivas, a que não podem deixar de succumbir as crianças, por não terem forças para a tolerarem, como aconteceu n'essa villa no anno proximo passado, em que morreram para cima de 25 em muito pouco tempo.

As cardialgias, as dôres do estomago e a cholera-morbus são mui frequentes, e a maior parte d'ellas acompanhada de symptomas mui funestos, as suas causas são muitas e eu me não ponho a circumstanciar todas. As pessoas de vida activa não as padecem tanto, como as de vida sedentaria ; estas transpiram menos, digerem pouco os alimentos, os quaes se azedam no estomago, e adquirem um acido exuberante, o qual, tocando ingratamente na tunica interna do ventriculo, excita não só cruelissimas dôres, mas tambem violentas convulsões. Si a ellas se seguem os vomitos, e por elle se expelle o acido que as causava, cessam as dôres, e o enfermo melhora de symptomas. Mas quando a sua acrimonia se encaminha aos intestinos, passa a excitar a colica, tanto no colon, como nos outros por onde passa, e com o seu toque os contrahe de fórma, que não dá exito ao ar contido n'elles, donde procedem os flatos tão frequentes n'estes sertões.

D'elles tambem procedem as palpitações do coração, assim como dos acidos demorados no ventriculo, da diminuição do fluido pericardino, ou da maior copia do mesmo, das obstrucções que padecem os vasos, e as entranhas de ambas as cavidades do tronco, e finalmente de todo o maior excesso que se pratica no uso da vida moral. Em outros procede da consistencia do sangue, como se observa n'aquelles que, sendo moços e robustos, abusam dos licores espirituosos. As moleculas do sangue se unem tanto que o não deixam circular livremente, e accumulando-se maior porção na base do coração, indica pela desigualdade do pulso maior ou menor acceleração. As indigestações, que por aqui são tão frequentes, causam a mesma enfermidade.

Pelo que pertence á qualidade celtica, direi, que os seus effeitos se não fazem tão sensiveis n'este clima, como no da Europa, porque com o seu calor se promove a

transpiração, e por meio d'ella se dissipa grande parte d'aquelles virus, e é preciso, que elle seja muito para ficarem os enfermos privados das suas acções naturaes, como acontece nos paizes frios.

As febres diarias, supposto que não são raras, pouco perigo annunciam pelo ordinario: a transpiração insensivel e o vicio do estomago influem n'ellas: as intermitentes não são proprias d'esta villa, e as que tenho curado foram adquiridas nos rios do Jupurá e do Uaupés. Todos os seus symptomas eram maus, e a sua natureza se revestia de differentes caracteres, segundo a ordem das suas repartições, porque as tenho visto terçans, quartãs etc.

E ainda que até o presente não tenha observado n'esta villa, nem saiba dos moradores das outras que ha n'este rio, que sejam n'ellas frequentes as febres perniciosas, não deixo de advertir, que ellas são proprias de outros muitos rios, assim como de outras muitas povoações do estado. Sirva de exemplo a villa de São-Joseph do Macapá; porque supposto que ainda não fui a ella, tenho sido informado pelos professores, que ali exercitaram o seu talento e a sua actividade. Elles me informam, que reinam ali todas as qualidades de febres quartans, e terçans perniciosas, e que aos que della escapam, sobrevêm as quotidianas, quando não terminam por obstrucções e hydropisias, que são as enfermidades endemicas não só dos moradores d'aquella villa, mas tambem dos de villa Vistoza, e Mazagão.

Ora, sendo certo o que dizem aquelles moradores, que na referida villa do Macapá, não haviam as mencionadas febres no principio do seu estabelecimento, lembrome de as attribuir á mesma causa, de que ellas procedem em Veneza, em Guilão, na Persia e no reino de Sião, onde se cultiva o arroz. Quero dizer, que cultivando-se elle nos pantanaes de que constam aquelles campos, onde apodrece a sua palha com o calor do sol no tempo do verão, se elevam da terra exhalações tão pestiferas, que causam os ditos contagios. Isto não é increpar a cultura d'aquelle genero; é sim recommendar aos lavradores o cuidado que devem ter em facilitar a escoanta das aguas enxarcadas; de não deixarem nas ruas da villa, e nos quintaes das

casas tanto a palha, como a moinha do arroz, porque *uma* e outra apodrecem, e da podridão a que passam resulta o perigo das suas vidas.

A respeito das feridas e ulceras toda a cautela é necessaria para prevenir o espasmo: basta muitas vezes expôl-as ao ar, na acção do curativo, basta usar de remedios, que se não tenham passado pelo ar do fogo, e basta finalmente molharem na agua a ferida, ou qualquer parte do corpo para elle sobrevir com funestos symptomas convulsivos. Assim o presenciou Vmc. que succedeu n'esta villa á rapariga Joaquina, filha do morador Antonio Joseph de Siqueira, a qual, depois de se lhe ter tirado um dente, se foi lavar ao rio, donde voltou accommettida de um violente espasmo.

Outro ainda peior lhe acontenceu depois do primeiro, sem outra causa mais, que a de se ter lavado dentro em casa, depois de passados cinco dias, que se havia sangrado por uma queda, não estando ainda então absolutamente cicatrizada a cizura da sangria; porém de ambas as vezes teve a felicidade de escapar debaixo do meu curativo.

Apostemou gravemente a cizura da sangria, que aqui se fez á india Margarida Josepha; examinada a causa se conheceu, que o estado da lanceta a tinha motivado, porque nem tinha sido apontada, havia bastante tempo, nem ao menos limpa de ferrugem, que n'este clima é quasi inevitavel. Por outra parte como não ha officiaes, que apontem as lancetas, contentam-se os sangradores de as desgastar nas pedras d'este uso, donde resulta, que a lanceta fica sendo um instrumento igualmente contundente. Deduzam do referido os cirurgiões do estado, quanta reflexão é preciso fazer, para se resolverem a operar mediante os instrumentos de ferro, quando sem elles puderem emprehender e concluir as suas operações, sendo o clima tão disposto e apropriado para excitar os mencionados espasmos.

A paralysia a que chamam berberis, ou bereberium, acontece n'este paiz pela mesma causa, e do mesmo modo que em Java. A variação subita do calor para a humidade, a excita nos corpos dos que dormem expostos ao sereno da noite, ou dentro em casa se descobrem, deixando abertas

as janelas das camaras onde dormem. Outra especie de paralysia tenho eu tambem observado, á qual se dá o nome de catalepsia, e em portuguez o ar; procede da mesma causa; o corpo fica rigido e immovel, as mandibulas e os dentes se apertam, a convulsão é universal, e doentes morrem, si se lhes não acode a tempo, subministrando-lhes os remedios proprios.

A maior parte das sobreditas enfermidades é commum ao estado inteiro; as providencias que aproveitam em uma, são as que se devem entender á outra capitania: tambem não são poucas as que necessitam de applicar, quem estiver encarregado da intendencia da saude. Da cidade do Pará, onde residi pelo espaço de cinco para seis mezes, direi, que bem pouco cuidado me pareceu, que merecia a conservação da saude dos povos pelas razões seguintes:

1.ª Porque sendo ella uma cidade situada em um pantanal, cercada em roda de espessos matos, e quotidianamente banhada das aguas do mar misturada com as do rio; sendo uma cidade, em cuja extremidade existe um cortume tão nocivo pelos seus vapores e em cujo centro existe um forno de cal; o que tudo influe sobre a malignidade da sua atmosphera, porticularmente nos mezes em que não reinam os ventos geraes: sem embargo de tantas causas juntas, accresce a outra de ancorarem no seu porto sem quarentena alguma as embarcações dos transportes dos escravos, que vêm dos portos de Cabo-Verde, Bissau, Caxeu, Angola e Benguela. Os lavradores, que os compram, não poucas vezes levam com elles para suas casas um contagio geral para todas as suas familias.

E este foi um dos bem fundados receios, que aqui n'esta villa concebeu o Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas por occasião de chegar a ella no anno de 1781 uma canôa, em que vinham alguns indios atacados de bexigas. Ordenou-me, que as examinasse, e só depois de informado da benignidade d'ellas, consentio, que ancorasse a canôa no porto da villa.

2.ª Porque dentro da mesma cidade existe um açougue, onde se sangram as rezes, cujo sangue fica ali mesmo

estagnado, além de se exporem os couros ao sol para enxugarem, e além de ficarem pelo pateo e pela praia adjacente as visceras abdominaes das ditas rezes; donde procede um tão terrivel vapor, que mal o podem supportar os que passam por aquella rua.

3ª. Porque os alumnos, de que usa a maior parte da plebe e dos escravos, não passa de uma pouca de farinha muito mal beneficiada, servindo-lhe de conducto o peixe-boi, a pirahiba, o pirarucú, e as tainhas ardidas e podres.

4ª. Porque se despejam nas ruas as immundicies das casas, e se espalham as sementes do algodão que se descaroça, e as cascas e a moinha do arroz, que se descasca nos engenhos daquelle uso.

5ª. Porque ha dólo e má fé nos negociantes de fóra, os quaes embarcam os viveres para o consumo do estado, falsificando os generos secos e molhados tanto em fraude dos negociantes do paiz, como em prejuizo da saude dos que os compram; não sendo poucas as barricas de farinha, ou podres, ou falsificadas com gêsso; os vinhos contrafeitos, gessados, ou encorpados com diversas drogas que alteram a saude dos que os bebem.

6ª. Porque, apezar da razão e da experiencia, prevalece no estado a reputação, e o curativo dos empiricos, os quaes affectando de saber o que ignoram, impunemente se constituem arbitros das vidas, sem outra carta de approvação na arte, do que a que lhes passa a credulidade da plebe.

No que comtudo me não demoro, porque o reservo para outros, que n'este artigo pareçam menos suspeitos do que eu; accrescentando sómente pelo que me toca, que si eu, que frequentei pelo espaço de tres para quatro annos o hospital de Cadiz, donde passei para o da cidade de Evora, que tambem frequentei outros quatro; si eu, que pratiquei perto de onze no hospital real de S. Joseph de Lisboa, onde fui enfermeiro, e passei a cirurgião fiscal do segundo banco, e si eu finalmente, que sempre assisti aos enfermos e pratiquei o curativo das queixas, tanto medicas como cirurgicas, segundo mostram as certidões, que me passaram os tres medicos, com todos estes principios de materia medica, de anatomia e de cirurgia,

e com a experiencia de tantos annos, não entendo da arte para curar no estado, que será então d'aquelles que sem nunca terem frequentado os hospitaes, sem terem aberto um livro, e talvez sem saberem lêr, possuem as virtudes das plantas, caracterisam todas e cada uma das enfermidades, e para alguma d'ellas têm uma herva occulta, e um segredo pratico, que os empiricos do paiz o entendem.

Comtudo a necessidade não tem lei, e onde não ha medico, nem cirurgião, melhor é sujeitar-se o enfermo ao curativo dos enfermeiros, que tem uma reconhecida prapratica, do que abandonar-se ao desamparo em que acabam-os demasiadamente escrupulosos. Assim se vendo que os cabos das canôas que navegam para Mato-Grosso, como a experiencia os tem ensinado que as enfermidades que reinão durante aquella viagem, e em todo o districto daquella capitania, são as febres pestilentas, que elles chamam carneiradas; a corrupção ou por outro nome o bicho, toda a qualidade de sezões; as obstruções, e as hydropesias, cuidam muito de proverem dos remedios mais proprios, como são na classe dos emeticos, o tartaro ipecacuanha; na dos tonicos extracto de china e a dita em pó e o sal de losna; na dos estimulantes contra a corrupção o gengibre, a pimenta, malagueta em pó, misturada com sal commum, o enxofre, e a polvora. E na dos purgantes jalapa, o ruibarbo, o quintilho, e na falta d'este o pinhão.

E porque tenho falado do bixo, que todo o mundo sabe, que não é mais do que uma corrupção, que procede de um virus demasiadamente acre, o qual se lança sobre o esphincter do anus, e tocando-o ingratamente o priva da sua elasticidade, relaxando-o de modo que se lhe póde introduzir a mão, direi comtudo o mesmo que já está escripto a respeito d'elle: a saber, que os signaes, que o annunciam, são uma somnolencia profunda, dôres activissimas de cabeça até perderem os sentidos, um grande fastio aos alimentos, o aborrecimento á sociedade, em cujo caso é preciso não perder tempo em se lhe applicarem os remedios, bem entendido que as sangrias n'esta queixa são mortaes; si o enfermo não sente os clysteres, que se lhe administrão, os quaes são feitos da pimenta, e do

gengibre, e dos mais simples que acima deixo indicado, então recorrem á massa composta dos mesmos simplices, e reduzida em bolas, que introduzem no anus, repetindo-lhes as fricções que lhe fazem ou com um panno molhado na calda, e enrolado no dedo de quem o cura, ou com um escopeiro que lhe introduzem, quando o dedo não chega até a parte affectada, de modo que se n'este caso não chega a dar o doente demonstração alguma de sentimento, tem contra si o prognostico mais certo da sua morte.

E no curativo d'esta e de outras muitas enfermidades, andam já tão exercitados os referidos cabos, que cada um d'elles é um habil enfermeiro em similhante viagem, do que me não admiro tanto, como me admirei da facilidade com que a si mesmo fazia a operação de paracentesis um curioso de cirurgia, por nome Joseph Soares, que para Mato-Grosso tinha subido na qualidade de cirurgião, e a esta villa chegou pelas oitavas da paschoa de 1782, o qual tinha sido furado tres vezes, e a si mesmo fazia a operação durante a viagem, sem outro instrumento mais do que um prégo de meia caverna, sufficientemente aguçado.

Taes são as enfermidadas, que tenho podido observar em uma e outra capitania; sem ter ainda escripto uma só palavra a respeito das que procedem do veneno communicado á massa do sangue pelas mordeduras dos animaes venenosos, entre elles se distinguem as cobras, que os naturaes appelidam por diversos nomes, como são o surucucu, a canrinana, a jararaca, a jacarana-boia, a arara encarnada, a cobra de coral, dita de cascavel, dita de papagaio verde, e outras muitas que ainda hoje se não conhecem. Parece-me, que a natureza, attendendo á conservação de todas as especies, de tal modo confundio entre si os caracteres das côres, e das outras notas essenciaes, para um distincto conhecimento das que são, ou deixão de ser venenosas, que sempre da parte do observador fica um não sei que escrupulo a respeito de todas ellas.

O effeito que no sangue faz o seu veneno, tanto que com elle se communica, não é em todas ellas o mesmo; do que se communica ao sangue pela mordedura da jararaca, se diz ,que resulta n'elle uma dissolução tal, que é

obrigado a sahir pelos póros mais subtis da pelle, e pelos cabellos, pelos olhos, ouvidos, nariz, e boca dos que são mordidos. Eu ainda o não vi, porque os quatro indios, que no hospital d'esta villa tenho até agora curado de mordidelas de cobras venenosas, o que succedeu foi coagular-se-lhes por tal fórma o sangue que mal se lhes podia perceber no pulso a sistole e diastole, e com difficuldade sahia o que era preciso pela cesura da sangria, sendo necessario bastante fogo para fazer sahir quanto devia, em consequencia das esquilificações. Ao que eu pude occorrer com facilidade, porque todos quatro escaparam debaixo do meu curativo.

Sem serem as cobras, ha outros muitos animaes, cujas mordeduras e picadas, ainda que não são tão venenosas, não deixam de occasionar algumas inflammações, segundo a parte do corpo que ellas penetram mais e menos, e segundo a figura da ferida que fazem. Taes são as picadas dos peixes mandihy, surubim, e da arraia; as mordeduras de aranha chamada carangueja, dos lacraos, das osgas, das formigas tucanduras, e de alguns outros insectos.

As picadas das vespas, que por aqui chamam cabas, e entre estas as das cabaúnas, são mais dolorosas do que perigosas. A especie de pulga que em todo o Brazil geralmente se introduz pelos pés dos que andam descalços, e se chama bixo, nenhum veneno tem, nem causa inflammação alguma, quando ha cuidado de o tirar, antes de augmentar de massa e de volume; aos pretos porém, quando se descuidam de o tirar, succede ulcerarem-se-lhes os pés, e ser então preciso um tratamento cirurgico. Estes são os venenos, que por ora me lembram, que procedem dos animaes. A herva do rato, o assacu, o timbó, e a cauxingua são outras tantas plantas venenosas, que instam pelo descobrimento dos antidotos. Eu passo a circumstanciar o tratamento particular de cada uma das queixas indicadas, não pelo methodo curativa da Europa, porque d'elle tratam os livros medicos e cirurgicos, mas sim ao uso do paiz, segundo o que Vmc. me recomenda.

Quando as cephalagias ou as hemicraneas procedem de alguma constipação, promove-se a diaphorese pelo

meios dos banhos dos vapores, que resultam do cozimento das folhas de laranja, do limão, do manjericão bravo, da pajamarioba, cujo cozimento tambem serve de chá, para o mesmo fim de promover a transpiração. Tambem se applicam na testa, e nas temporas os frontiz molhados nos cozimentos das folhas do ginipapo e do pau-tamanca, e no sumo do gengibre, ou da abútua, ou da herva teiú, que toma este nome de uma especie de lagarto assim chamado.

Outros não fazem mais do que aquecer a cabeça ao ar do fogo, ou reparal-a do ar com algum barrete de algodão, ou de lan defumado em alguma planta aromatica, de entre as muitas que ha pelo mato. A algum tenho eu applicado com felicidade as embrocações de agua morna pela cabeça.

Para as ophtalmias, que não procedem de causas complicadas, se preparam alguns colirios do cozimento da raiz do cipó, chamado gapuhi, da agua que destila a palmeira do caraná-assu, do cozimento do pau carapanáyua; do outro cozimento dos olhos da arvore copihba, etc.

Nas odontalgias que são occasionadas pelo decubito das defluxões sobre os dentes, e da corrupção d'elles, servem de remedios na qualidade de sialagogos a raiz do cipó chamado ambouarembó, e a da outra planta mucuracaá; a flôr e a folha do jambú, que na virtude é o mesmo que o pirethro, o oleo do umeriem que ensopão o algodão, como se pratica com o oleo de cravo, e com elle quente envolvido em algum estilete, tocam a cavidade do dente.

As defluxões com tosse, e sem ella se remedeião, primeiro que tudo, com a dieta em que se poem os enfermos, e em segundo lugar com os pediluvios, depois dos quaes ordinariamente bebem os cozimentos do alcaçuz da terra adoçados com o mel silvestre, e os das flôres das perpetuas vermelhas, ou de mamão maxo, ou do urucú, como tambem o da raiz do malvaisco.

Si as dôres de colica procedem da humidade, que al umas vezes se lança sobre os intestinos, obram um bom effeito os medicamentos domesticos. Taes são o gengibre ralado para o beberem em agua quente, ou em

aguardente da terra, da mesma sorte que o puxuri, e as frutas da arvore da casca preciosa. No caso que isto não baste, se fazem as fomentações com o oleo de umeri. Tambem para os vomitos, ainda que sejam pretos, bebem a semente da cupahiba ralada, ou em aguardente como disse, ou em agua morna; passam ao uso do leite de peito, e si entendem, que precisão de ser evacuados, tomam desde um até quatro grãos de pinhão.

As camaras de sangue eu já reflecti, que pela maior parte procediam da corrupção dos alimentos, donde parece, que, para se adoçar a acrimonia dos liquidos, devem ser evacuados quanto baste, antes de entrarem no uso de clisteres atemperantes dos olhos de matapasto, e de pajamarioba, e das folhas da caamenbeca. Si as camaras porém se fazem rebeldes, e é necessario suspendell-as, applicam-lhes os adstringentes.que subministram as raizes do araçá, da guiada, e da marapaúba, e casca da acapurana e outras muitas.

Para as lombrigas são muitos os vermifugos, que tenho visto applicar. A muitos tem aproveitado o beberem o cozimento das folhas da herva mucuracahá, com as flôres da outra herva chamada crista de galo. Outro remedio sei eu, que se applica com felicidade, o qual consiste em uma cataplasma de tabaco de folha com fel de vaca e asebre para se applicar sobre o umbigo. Porém que mais se usa em todo o estado, é o leite da arvore cuaxingua: ha duas qualidades d'ellas, e vem a ser a de folha larga, e estreita; o leite da primeira é demasiadamente caustico, por isso não usão d'elle; differença-se do segundo, em ser mais viscoso, e de uma côr avermelhada.

Do da folha estreita se costuma dar aos adultos a dóse de duas até tres colhéres, e aos menores de ambos os sexos, a de uma até duas. Tomam-se pela manhan e em jejum, e em cima d'ellas ou se bebe leite, para moderar a sua causticidade, ou lavam a boca com agua morna. E' remedio,que requer prudencia da parte de quem o applica; porém o applicado como deve ser produz bom effeito, e dos enfermos que o tomam, uns lançam as lombrigas pela boca, e outros pelo anus.

Contra o veneno das cobras são tantas as applicações

que se fazem, e quanto a mim tão inutil a maior parte d'ellas, que nem merecem ser indicadas. Os remedios que aproveitam são poucos, e nenhum d'elles envolve em si o segredo, que a respeito dos seus costumam impôr os curadores. Recommendam muito o cozimento, e o lavatorio das folhas da herva mucura-cahá, o da outra planta chamada pau para tudo, o da casca e da fruta da arvore paranacaxí; porém o seu remedio infallivel consiste na pedra, que se faz da ponta de veado ao fogo até se fazer negra: applicam-a sobre a mordedura ou picada da cobra, e como ella se pega aos labios da ferida entendem, que atrae o veneno, que por ella se communicou ao sangue. Os que isto fazem porém não reflectem, que elles mesmo cuidam muito de esquilificar a parte, ajundando-se do calor da agua quente, para facilitar a erupção do sangue na falta das ventosas, e quando é preciso, cauterisando a mesma parte

Comtudo modernamente se descobrio na capitania do Pará a herva aiapana, que, segundo Vmc. mesmo me informou, quando chegou a esta villa, a levou para a cidade, o cabo Alvaro Sanches á instancia do Dr. ouvidor geral Mathias Joseph Ribeiro, e tanto pelo que Vmc. me disse, que já tinha sido experimentada pelo Dr. Bento Vieira Gomes, como tambem pelo que n'esta villa se me tem dito sobre a virtude d'ella, persoado-me, que não deixa de ser um bom antidoto. Ainda até agora a não tive para a experimentar como deve; os quatro indios, que eu já escrevi, que no hospital d'esta villa os tinha curado das sobreditas picadas venenosas, tiveram a felicidade de obedecer aos remedios da arte.

Como a paralysia bereberium procede da variação repentina do calor para a humidade, tem seu lugar os estimulantes, que se tomam internamente, além das fricções e fomentações, que se fazem com o oleo de umeri, e lém dos banhos dos vapores da agua quente, em que se cose o mangericão bravo, a casca preciosa e alguns outros aromaticos.

A catalepsia não procede de outra cousa; o methodo mais expedito de a curar ao uso do paiz consiste em afoguearem a cama, onde jaz o enfermo, e em lhe

fazerem por todo o corpo reperidas fricções com pannos molhados em vinagre bem quente, onde se infunde a arruda, e dando-se-lhes a beber, ou em agua morna, ou em agua ardente da terra, os pós do priapo do jacaré. E quasi o mesmo se applica nos estopores, além das esfregações que se fazem na parte estoporada com as mãos untadas em azeite.

A qualidade celtica, quando ataca as articulações dos artos, lhe dão o nome de caruáras: o tratamento mais frequente, e tambem o mais expedito que lhe costumam dar os indios é o de promoverem a transpiração pelos diaphoreticos, e o de fazerem nas partes effectadas continuadas fricções com pannos de algodão quentes ao fogo. Para suspenderem as gonorrhéas, bebem o cozimento da casca da raiz do limão azedo, com algumas gotas do mesmo summo de limão, encorporado com outras de cupaúba. O que daqui resulta, si elles não tem o cuidado de se anteciparem os evacuantes, é declararem-se-lhes os bobões, que elles tratam de transmutar. Evacuam-se com o quintilio e com o pinhão, e outros tomam em clisteres os pós do paricá.

Para toda a casta de ulceras venenosas, é remedio geral entre elles o sarro do caximbo, sobre o qual applicam as folhas da herva chamada caábepa. As fibras, que tem as folhas dos olhos da pacoveira de São Thomé são as argalias naturaes, que facilitam a erupção de ourina, quando ha carnosidade na uretra.

As hemorrhoidas nem sempre são faceis de curar com os medicamentos sómente, de que usão os naturaes: ellas comtudo são mui frequentes no estado, e a escandescencia que causa o abuso dos licôres espirituosos, a acrimonia dos liquidos, e as vicissitudes do tempo têm muita parte n'ellas. Os banhos e os clisteres de agua morna, ou do cozimento do malvaisco, e da caámenbéca, e a introducção das méxas, que ou se fazem dos talos da herva babosa, ou de fios untados em manteiga de cacau, são os remedios praticos, a que recorrem os enfermos.

As empigens, que eu disse que muito poucos eram os que escapavam de as ter, ou cêdo ou tarde, e que não deixam de ser mais ou menos rebeldes de se desvanecerem, segundo ellas acham os corpos evacuados ou não, e

segundo a complicação que tem com algum virus venereo, quando são da classe d'aquellas que procedem da acrimonia do suor, com facilidade se desvanecem mediante os topicos, que lhes applicam das folhas dos olhos do matapasto grande e da entrecasca da raiz do mesmo macerada em vinagre, e tambem das sementes pisadas em aguardente da terra, e da fava da arvore chamada comandáassu.

Pelo que pertence á sarna tenho visto aproveitarem muito os linimentos com azeite de jandiroba, que é muito amargo, e com o enxofre polverisado. Outros batem em agua a raiz do timbó, e com a espuma d'elle molham a pelle, tendo grande cuidado de preservarem as partes genitaes, que aliás se inflammam, quando chega a ellas. Outros emfim não lhe fazem mais do que esfregal-as com limão azedo assado e sal.

Quanto ás obstrucções posso seguramente affirmar, que ellas são n'estas parte da America o seminario de muitas enfermidades. De qualquer causa que ellas procedam, a experiencia tem mostrado aos habitantes, que os emeticos e os purgantes são os remedios, pelos quaes se deve principiar o curativo, fazendo-se depois d'elles o devido uso dos tonicos que lhes subministram a agua de Inglaterra e o ferro, e habituando-se os que são de vida sedentaria ao moderado exercicio. Assim se está vendo, que aos obstruidos receitam os enfermeiros como emetico a raiz da planta manacá, e como purgante o pinhão, recommendo-lhes muito a bebida do cozimento da abutua; e do pau-moquem, e das folhas do ipadú, que é o chá dos gentios, os quaes nunca deixam de ter a boca cheia d'elle. Com estes remedios e com alguns passeios moderados, quasi todos se restabelecem.

No caso de se obstruir o ducto cistico colidóco, nas pessoas de vida sedentaria, que por outra parte não fazem a mais perfeita digestão dos alimentos, a bilis se derrama pelo corpo, como logo annunciam as côres macilentas, e a ictericia se declara pelo concurso dos seus symptomas. Nenhuma até agora me pareceu mais rebelde aos remedios da arte, como a que ultimamente padeceu n'esta villa o Illm. e Exm.Sr. João Pereira Caldas. Tendo Vmc. presenciado a origem e o progresso d'ella, como tambem o

methodo curativo, pelo qual a tratei, bem dispensado estava eu de a circumstanciar n'este papel: como porem elle tem talvez de chegar ás mãos dos professores, para lhe fazerem a justiça que merece, sendo verdadeiramente informados tanto do estado da dita queixa, como dos remedios que se lhe applicaram, espero, que da dita informação resulte ao meu curativo aquelle credito, que elle dentro n'esta villa só a Vmc. mereceu.

Levando as cousas de seu principio deve-se logo prenotar, que a S. Ex. na idade de 10 para 12 annos, tendo-lhe sobrevindo umas bexigas cristallinas, foi applicada uma dóse de tartaro emetico, que o reduzio á grande consternação, e abatimento de forças pela extraordinaria cópia de evacuações superior e inferior, que d'ella resultaram.

Deixo á ponderação dos doutos a reflexão sobre os damnos, que ou seja das demasiadas dóses, ou da má preparação de similhante emetico, vem pelo tempo adiante a resultar aos que os tomam, chegando as glandulas gastricas a perder muita parte do seu devido elaterio, para preencher as funcções do seu uso.

Com tudo S.Ex. confessa, que desde aquella idade até a de 16 para 17 annos, em que pela primeira vez passou a este estado em serviço de Sua Magestade, e desde aquella até á outra idade de 24 annos, em que se achava governando a capitania de Piauhy, não sentio aquella dôr de estomago, acompanhada de muitas ancias, a qual experimentou na referida capitania depois de ter feito, em serviço de Sua Magestade, muitas e muito longas viagens a cavallo, exposto ás impressões do sol e da chuva, e aos perigos, incommodos que sómente sabe e os conhece quem por aqui viaja. As ancias, que lhe sobrevieram, o angustiavam tanto, que a menor aprehensão ou de gosto, ou de desgosto, bastava para accelerar, até o ponto de o obrigar a passear pelo interior da sua camara, apertando o estomago com as mãos cruzadas sobre elle, para d'aquelle modo sentir algum alivio.

O uso do leite de vaca observou S. Ex., que lhe era nocivo, como devia ser; e de todos os remedios que se lhe applicaram, nenhum chegou a fazer o effeito, que fez o

vinho emetico, depois que o tomou por duas vezes. Com elle se desvaneceram a dôr do estomago e as ancias, de fórma que quando passou ao Maranhão, para dahi embarcar para Lisboa, nada mais padecia do que uma ligeira inflamação nos olhos, adquerida na jornada que fez a cavalo, e exposto ao sol, quando desceu das Aldêas-altas.

Tendo chegado a Lisboa, e achando-se já então na idade de 33 annos, foi atacado das bexigas, que d'essa vez foram bastantes, algumas d'ellas pretas, e entremeadas com as cristalinas; porem depois de restabelecido não sentia outra alguma indisposição de saude até embarcar para este estado.

Havendo S. Ex. desembarcado na cidade do Pará, e tomando posse do governo em Novembro de 1772, continuou a desfrutar pelo tempo de anno e meio a mesma vigorosa saude, com que havia embarcado em Lisboa, porem sendo obrigado a applicar-se com excesso,e por largas horas das noites em um paiz tão calido, em ordem a vencer o trabalho, que de dia sómente lhe não cabia na possibilidade, tanto em razão do ordinario e cançado expediente do mesmo governo, como pelas muitas regulações que n'elle emprehendeu e felizmente conseguio, chegou a termos de se escandecer de fórma, que o que primeiro experimentou foram algumas contracções pelo corpo, e depois d'ellas adquerio a convulsão, que padece nos dous canaes do esofago, e as arteria-pera, na occasião da deglutição.

Ella o teve soffocado pela primeira vez, e por muitas outras que o acometteu, quando se achava bebendo agua ao modo ordinario, e em quanto d'aquella experiencia lhe não resultou o conhecimento de que a devia beber como a bebe por intervallos, para evitar o risco a que se expõem de se suffucar. O ter deixado logo de se sangrar, e de tomar outros adquados remedios, por não se poupar ao real serviço, foi uma falta, que desde então influio muito para vir a ficar com esta queixa habitual: o que S.Ex. mesmo não deixa de conhecer, porque, lembrando-se agora de ter sido sangrado, depois de passado algum tempo, que o havia accommettido a referida convulsão, lembra-se tambem de ter então experimentado algum alivio n'ella.

Muito tempo antes de largar o governo do estado lhe aconselhava o Dr. physico mór Agostinho João Printz, que se sangrasse e purgasse; prevenção esta que tanto menos devia S. Ex. dispensar, quanto mais se augmentava o trabalho, que lhe sobrevinha; porque, largando o governo no principio de Março de 1780, passou a experimentar as fadigas e os incommodos, que lhe causou a actual diligencia da demarcação: fadigas que logo na cidade do Pará continuaram a escandecel-o successivamente, não ousan lo S. Ex. acautelar os seu effeitos mediante a dita prevenção, pelo motivo de não retardar a sua prompta partida do Pará, como as reaes ordens lhe determinavam: do que veio a resultar, que, avizinhado-se com toda a expedição á vila de Santarém, junto á foz do rio dos Tapajos na noite de 18 de Agosto do dito anno, foi atacado de uma cardialgia procedida da indigestão, que lhe causou o ter jantado pelas oito horas da noite, sem ter até então comido outra cousa mais pelo dia inteiro, do que umas fatias de pão com manteiga e chá, segundo o costume do seu almoço; não tendo S. Ex. outro motivo mais para aquelle incommodo, que o do zelo de aproveitar o vento para mais cedo conseguir a sua chegada ao quartel d'esta villa.

Como d'esta enfermidade e do curativo d'ella fez menção no seu diario de viagem o tenente coronel de artilharia Theodosio Constantino de Chermont, o qual então acompanhava a S. Ex. na qualidade de primeiro commissario da quarta partida da diligencia da demarcação de limites, vem muito a proposito para eu me exonerar das suspeitas, que poderá talvez occasionar a minha informação, tendo tido a honra de ser o cirurgião assistente, lançar eu mão do extracto do referido diario, que diz assim:

Pelas 8 1/2 horas da noite de 18 (de Agosto) portámos em uma paragem, que chamam Curuá, onde passamos a noite occupados do justo cuidado, que a perigosa molestia de S. Ex. suscitava nos nossos internecidos animos; sendo que de primeiro se não manifestava tão perigosa, por supporem os nossos cirurgiões que seria uma dyspepsia, ou simples indigestão causada da desusada hora, a que S. Ex. tinha jantado em a noite antecedente, visto

não ser costumado a tomar refeição nenhuma á noite, e julgaram por causa primaria o seguinte accidente : mas pouco espaço depois cresceram os symptomas, e se declarou uma colica acompanhada de dôres cardialgicas, com suppressão do pulso.

S. Ex. mesmo sem insinuação dos professores, conheceu o estado perigoso a que o reduzio aquelle ataque; de fórma que procurou com preferencia os remedios efficazes para a alma, e depois os proporcionados que a medicina prescreve para a queixa, e não mal indicados n'esta occasião, porque a beneficio d'elles ainda que muito simples, por não soffrer outros a incommodidade da canôa, comtudo abrandaram as dôres, restituio-se o pulso, e permittindo já a S. Ex. algum descanço, principiaram as nossas esperanças duvidosas a avivar-se da melhoria de S. Ex....

Partimos no dia 19 pelas 5 horas da manhan do Curuá á vela e remo, e pelo meio dia aportamos na ilha Maicá, onde jantamos, e pelas 3 horas da tarde partimos, sendo já informados da melhoria de S. Ex.; o que cada vez mais nos enchia de prazer e gosto, fazendo saber a toda a partida, que não portava mais em parte alguma antes de Santarém, onde hia antecipar os remedios, que fossem proprios, por não haver embarcado a mesma commodidade que n'aquella villa...

No dia 20 pelas 8 horas da manhan, chegou S. Ex. á villa de Santarém... E no dia 21 ainda que S. Ex. esperasse para aliviar o cuidado dos seus sentidissimos subditos, que experimentava alivio, não deixaram os cirurgiões da partida de persuadir a S. Ex., que passados alguns dias de descanço, se fazia preciso sangrar-se S. Ex., e tomar algum cathartico minorativo, para prevenir alguma repetição de ataque. S. Ex., cuja docilidade nos é bem conhecida, se deixou conduzir pelo acerto dos dous assistentes, si bem que pareceu, que o cirurgião Antonio Joseph de Araujo Braga teve a maior honra n'esta assistencia, por ser encarregado em particular de assistir a S. Ex., ainda que sem a occurrencia de alguns dias de molestia, que n'este tempo experimentou seu companheiro Francisco de Almeida Gomes.

O dia 22, um dos do indicado descanso para S. Ex.,

se passou sem outra novidade que attentasse a sua preciosa saude, continuando na dieta e regimen que lhe estava ordenado até chegar o tempo de se fazerem mais poderosos e efficazes remedios.

No dia 23 continuava S. Ex. na dieta e regimen proporcionado ao estado da sua enfermidade, dando esperanças do seu restabelecimento, sem indicar symptoma que duvida causasse, mais que muita debilidade.

O dia 24 se manifestou sem maior novidade que o antecedente, por S. Ex. ir continuando na sua debilitada disposição.

No dia 26 parecendo aos assistentes que havia passado um sufficiente tempo de descanso, e que era necessario para S. Ex. recuperar a sua antiga disposição, sugeitar-se a um dos mais poderosos remedios, que a medicina tem no seu seio, o qual é a sangria: S. Ex. se sugeitou ao parecer dos seus assistentes, conhecendo bem as nossas razões com que justamente pretextavam a sua necessidade, já para prevenir os ataques futuros, como para remediar os damnos causados do excessivo trabalho de apromptar a expedição na cidade, onde o Dr. physico mór Agostinho João Printz lh'a havia indicado por necessidade e prevenção, que S. Ex. conheceu muito bem; mas a occurrencia dos negocios da demarcação e o zelo de os adiantar, e não perder tempo, lhe fez despresar este prudente conselho, que quiz a Providencia não tivesse maior consequencia. Disposto S. Ex. para a sangria a executar no pé, segundo o primor da arte, o cirurgião Antonio Joseph de Araujo Braga, do que recebeu de todos os louvores e agradecimentos iguaes ao interesse, que todos temos na importante saude e preciosa vida de S. Ex., o qual depois tomou um caldo, e se proprôz descansar um pouco, o que obteve com falicidade. De tarde repetio a sangria na mesma bem succedida fórma, e passou a noite sem novidade.

No dia 27 continuaram as sangrias, não sentindo S. Ex. outros effeitos de maiores incommodos que a nimia debilidade, que não é de admirar, com remedios tão diluentes; mas julgando-o assim proveitoso os professores, davam felizes esperanças, que se não desmentiram depois.

No dia 28 depois de executada a sangria da manhan, não havendo apparecido outros symptomas que a referida debilidade, pareceu ao cirurgião assistente, que devia obstar a sangria, porque o numero de cinco, que havia felizmente executado, bastavam, e tanto mais continuando S. Ex. na dieta e regimen prescripto.

O dia 29 passou S. Ex. sem novidade, e persuadido do cirurgião assistente que era bôa occasião de tomar um cathartico, se dispôz para no dia seguinte o tomar.

No dia 30 disposto S. Ex. a tomar o purgante de maná, pelas cinco horas da manhan o recebeu, e obteve d'elle o melhor saccesso.

O dia 31 foi para S. Ex. de descanso, e passou sem novidade na sua preciosa saude, na resolução de no dia seguinte repetir o mesmo leve purgante, que lhe estava indicado pelo cirurgião na esperança de que com elle poderia S. Ex. esperar um breve restabelecimento.

No dia 1° de Setembro foi apresentado pelas cinco horas da manhan a S. Ex. o segundo purgante, que tomou com feliz successo, e tão proporcionado o seu effeito que ficou entendendo o cirurgião Braga, seu principal assistente, que S. Ex. não precisaria mais do que entrar em uma bôa convalescença, para a qual o dispunha com esperanças de adquirir com brevidade uma bôa disposição, a qual com o gosto igual ao cuidado que se tinha passado, diariamente se augmentava o nosso contentamento.

No dia 3 se confirmavam as bôas esperanças da proxima melhoria de S. Ex., pois que, com grande consolação de todos os que justamente presam a saude de S. Ex., a viam augmentar pelos certos symptomas de descansar melhor de noite, e abrir-se-lhe o appetite, signaes evidentes de prompto restabelecimento.

No dia 7 continuou o nosso prazer fundado no augmento da melhoria, que S. Ex. manifestava no magestoso e alegre semblante, com que falou a todos os seus subditos.

O dia 11 foi aquelle em que S. Ex., despresando as indicações da molestia que havia padecido, quiz fazer a gostosa ostentação do seu restabelecimento, e como lhe é impossivel viver um instante sem viva applicação, por

mais que se lhe recommendava, que, para melhor convalescer, fizesse abstracção do trabalho, quiz como por modo de honesta occupação empregar-se um pouco no exame da tropa auxiliar, que a molestia no dia do seu desembarque lhe não permittio examinar.

O dia 12 se passou na mais satisfactoria fórma possivel, porque, occupadas as pessoas no preparo das cousas que havião de encher os objectos da acção de graças que se havia de executar no outro dia, tudo respirava alegria e satisfação, etc.

E' certo (continuo eu) que depois da sobredita molestia, nunca mais tornou S. Ex. a recuperar o seu antigo vigor; e que sempre em maiores, ou menores intervalos de tempo ficou sendo ameaçado d'aquella queixa sem embargo de não ter experimentado outro similhante ataque. O partir de Santarém, continuando logo a viagem sem uma perfeita convalescença para não retardar a execução das reaes ordens, não deixou de ser uma das causas para se não restabelecer como devia, ficando sempre sugeito a tão mortificantes e arriscadas repetições.

Em Dezembro de 1781 experimentou uma d'ellas, que o reduzio a grande debilidade e abatimento, e que por ser a tempo que se achava muito embaraçado com diversas expedições precisas, na occasião de dispor a entrada das duas partidas portugueza e espanhola, pelo rio do Jupurá, afim de que, perdida a monção propria, se não retardasse por mais um anno, fez receiar, que viesse a cahir em um esfalfamento, como bem lhe prognostiquei em consequencia da difficuldade, que tinha em inspirar e respirar, no caso de se não abster do trabalho ; o que com tudo não foi possivel conseguir, pelo muito que prefere á saude e conservação propria os interesses do real serviço.

Por prevenção de outros continuados ataques, foi obrigado a sangrar-se e purgar-se pelo principio do mez de Agosto de 1782, e o segundo dos ditos remedios repetio no anno de 1783.

No de 1784 fazendo duas viagens ao quartel da villa da Ega no rio dos Solimões, onde se achavam detidas as

duas partidas portugueza e espanhola, da segunda vez que regressava para esta villa pelo principio do mez de Dezembro, se vio atacado gravissimamente, e embarcando assim mesmo na intenção de n'esta villa capital tratar mais commodamente da sua saude. recorrendo a alguns purgantes, que se representavam bem indicados, póde emfim evital-os, e experimentar o desejado alivio a beneficio da rigorosa dieta em que se pôz, e em que por largo tempo continuou com reconhecido aproveitamento.

Todo o anno de 1785 foi em que menos mal passou n'esta villa, adquirindo n'elle bastante nutrição.

Logo no principio de 1786, principiou a sentir no braço direito umas dôres mortificantes, que algumas vezes se lhe mudavam para o esquerdo, sobrevindo-lhe já então novos ameaços da queixa do estomago, porém com o chá de canella, e com o espirito d'ella em agua quente a foi paliando sem experimentar maior incommodo, mas sempre diminuido de grossura, ora mais ora menos, até á noite de 6 de Agosto em que, recolhendo-se bastantemente tarde de um sitio vizinho a esta capital, foi de novo accommettido da costumada dôr de estomago. Então se fizeram mais frequentes do que nunca as repetições d'aquelle ataque, sendo sempre acompanhadas de continuas indigestões, as quaes com grande fastio o reduziram a um bem deploravel estado de consternação, sem que lhe fôsse jámais possivel o resolver-se a separar-se dos negocios e disposições, que estam a seu cargo, só para que o real serviço não padecesse o menor atraso.

Ora não tendo sido possivel a S. Ex., desde que entrou n'esta villa, o entreter uma dieta regular pela falta de viveres apropriados ; nem tão pouco a fazer exercicio algum que lhe facilitasse a digestão dos alimentos difficeis de digerir, como são a tartaruga e as carnes salgadas, necessariamente se lhe devia viciar o estomago, como succedeu. Accresce, que as secreções são muito poucas, porque por modo ordinario, não soa, nem cospe, e como sente incommodo ao beber a agua pela convulsão que padece, não bebe quanta lhe pede a vontade, e persuadir-se-lhe que faça uso de vinho para dar tom ao estomago e promover desgatão é o mesmo que encontrar declaradamente a sua vontade,

violentando-a a usar de um remedio, que de S. Ex. jámais se póde conseguir. Obstruio-se-lhe então o ducto cistico colidoco, e manifestou-se a ictericia pela côr macilienta da face, e de toda a pelle do corpo, como tambem pelas dejeções beliosas.

Bem sabia eu, que pelo uso de algum emetico, é que eu devia principiar o curativo d'aquella queixa; mas sendo elle por outra parte contra indicado pelo perigo a que eu expunha a S. Ex. de se suffocar em virtude da referida convulsão, tomei o expediente de repartir em 3 purgantes as dóses de 2 oitavas de ruibarbo, 30 grãos de calomelanos, 12 grãos de diagridio, 1 oitava de canela, 12 grãos de açafrão, 1/2 oitava de tartaro vitriolado, 1/2 de sal de losna, e outra 1/2 de coral rubro, 1/2 de pós de vibora, e 6 escropulos de aço sulphurado, e que tudo reparti em 39 pilulas, para as tomar, como disse, por 3 vezes.

Eis aqui quando a uma voz clamaram os meus censores, que eu não fazia mais do que debilitar a S. Ex., não padecendo S. Ex. sinão uma obstrucção, e que ao ferro é que eu devia recorrer. S. Ex. chegou a duvidar de tomar o terceiro, depois de ter feito com os primeiros as evacuações precisas. Em minha presença se lhe pedio, se lhe aconselhou, e até se lhe requereu da parte dos interessados na sua saude, que mandasse S. Ex. vir medico da capitania do Pará; durante a sua irresolução, a enfermidade ganhou outras forças, e encorporadas então, mais do que nunca, com um fastio mortal, e com uma apprehensão melancholica do perigoso estado, que ainda mais perigosamente lhe avivaram os meus censores, até lhe prognosticarem a morte, no peremptorio termo de 3 mezes; teria sem duvida abreviado os seus dias, si S. Ex. me não fizesse a honra de se confiar do meu curativo.

Evacuei-o quanto me pareceu, subministrando-lhe afinal em maior dóse a preparação do aço, e dos outros simples annexos, com o que conseguio remover de todo a dôr, que padecia no estomago e já então principiara a abrir-se-lhe o appetite, prescrevendo-lhe para bebida ordinaria as tisanas, e fazendo mediar entre os purgantes a outra bebida do sôro do leite com tres colhéres de summo de grama.

Faltava sómente recuperar S. Ex. o elaterio, que havia perdido, e n'este ponto de vista lhe persuadi, que tomasse banhos no rio, cujas aguas abundam de particulas ferreas, como bem o mostra o vitriolo marcial, que se acha no tijuco, e tendo com effeito tomado 26 banhos, com os quaes chegou a experimentar reconhecidas melhoras, suspendeu os que faltavam para os 60, que lhe receitei, porque, com a chegada das novas ordens do ministerio, não só se absteve d'elles, mas nem siquer continuou mais no exercicio dos passeios ao ar livre, como tinha principiado a fazer em o sitio vizinho de Nossa Senhora de Nazareth; recaindo outra vez na mesma vida sedentaria de viver recluso em uma camara, sempre occupado com as disposições do serviço, applicando-se como dantes a lêr e a escrever por largas horas do dia, como se lhe faz preciso, em razão do expediente da demarcação. Do que tem resultado virem a contrahir os artos inferiores uma frouxidão tal, que com difficuldade se move, ou passeia encostado a uma bengala, e nos termos em que o vejo, parece-me, que não acaba de restabelecer sem fazer uso dos banhos das caldas.

Das mortificações, do trabalho e do desgosto, que me produzio o tratamento d'esta queixa, não pelo que ella era em si, mas pelo que de augmento e de má figura lhe deram os que me perseguiram, tem Vmc. sido testimunha ocular; para que porém não ignore a satisfação, que tenho de ter merecido a S. Ex. a sua approvação e conceito, ajuntarei finalmente as cópias da representação e despacho lançado sobre ella pela maneira seguinte:

Illm. e Exm. Sr. Representa a V. Ex. Antonio Joseph de Araujo Braga, cirurgião anatomico, como consta da carta junta, e actualmente encarregado do curativo dos empregados na quarta divisão da demarcação de limites, que, não tendo sido Sua Magestade servido nomear para a sobredita demarcação nem medico nem boticario para cada um se empregar no exercicio da sua profissão, tem sido o supplicante obrigado a exercitar dentro d'esta villa e fóra d'ella o curativo de um e outro fôro, além de ser elle o proprio que manipula os remedios.

Em cujo exercicio tendo elle até agora supposto, que

por uma parte algum serviço fazia a Sua Magestade, e aos referidos empregados, em se encarregar a favor d'elles do curativo medico e da manipulação dos remedios, a que não é obrigado em virtude da sua carta, e que por outra alguma faculdade lhe davam para curar de medicina, onde não houvesse medico, tanto a falta d'elle como as certidões juntas que lhe passaram os tres medicos do hospital real de São-Joseph de Lisbôa, onde foi enfermeiro, e passou a cirurgião-fiscal do segundo banco: ambas as ditas supposições conhece, que são falsas no sentido commum da maior parte dos empregados, como deduz do motivo seguinte:

Porque tendo elle curado de medicina, ha sete annos, que serve na referida demarcação, do mesmo modo que sem terem as certidões que o supplicante apresenta, curaram sempre n'esta villa e continuam a curar livremente os cirurgiões da capitania, o supplicante sómente é o que encontra o desgosto de quasi todos os empregados de cada vez que tem assistido e curado, como póde e como sabe, as repetidas enfermidades de V. Ex., e agora acaba de encontrar mais positivamente no curativo da ultima, para o qual, supposto que elle confiou em si, que bastava sem auxilio de medico, não deu por isso motivo para que contra elle declarassem, increpando-o de se ingerir a curar de medicina; e isto por nenhum outro motivo mais, que pelo de lhe não parecer, nem requerer na qualidade de assistente, que para V. Ex. se mandasse vir da capitania do Pará o medico, que elles, que não eram os assistentes nem o podiam ser por não serem da profissão, aconselhavam e requeriam.

E como pretende o supplicante desaggravar-se pelo modo, que deve, da injuria, que n'elle se fez aos cirurgiões de um e outro exercito, os quaes sempre curaram de medicina na falta de medico, sem que de assim o fazerem os tenha alguem até agora arrasoadamente increpado, pede a V. Ex., que para a todo o tempo constar, que o supplicante como cirurgião de gente de guerra, e como autorisado com as licenças que constam das certidões juntas, curou na falta de medico e póde continuar a curar de medicina, sem alguem o poder impedir, ordene

ao provedor da demarcação, que faça registar esta com as certidões juntas, nos livros da provedoria da dita. E receberá mercê.

Antonio Joseph de Araujo Braga.

DESPACHO

Registre-se com a carta e certidões inclusas, não só nos livros da provedoria da expedição, como tambem nos da camara d'esta villa.—Barcellos em 4 de Janeiro de 1787. (Com a rubrica de S. Ex. o Sr. generel commissario da demarcação).

Antonio Joseph de Araujo Braga.

HISTORIA

DA

IMPRENSA DO MARANHÃO

MEMORIA

lida na sessão do Instituto Historico e Geographico do Brazil na noite de 19 de Julho de 1878

PELO SOCIO EFFECTIVO

Dr. Cezar Augusto Marques

(*continuação*)

(vide 4° Trimestre.— Tomo XLI. P. II.— Pag. 219 até 225)

II

A instituição da imprensa periodica, escreveu o Sr. Francisco Sotero dos Reis no *Publicador Maranhense*, uma das mais fortes alavancas da liberdade moderna, foi introduzida em Maranhão no ultimo periodo do dominio portuguez, quando as idéas liberaes grassaram em Portugal com a revolução de 1820.

O primeiro periodico, que sahio á luz foi o *Conciliador Maranhense*, redigido pelo official-maior da Secretaria do governo da Capitania Antonio Marques da Costa Soares.

O distincto e infeliz Sr. Innocencio Francisco da Silva no seu diccionario *Bio-bibliographico* diz que Rodrigo

Pinto Pizarro de Almeida Carvalhaes, depois Barão da Ribeira de Sabrosa, tomára parte tambem na sua redacção.

Costa Soares por motivos de dignidade pessoal offendida deixou-se da redacção em 7 de Abril de 1822, e depois reassumio-a, unica e exclusivamente, em 30 de Abril de 1823 quando retirou-se para Portugal o padre Tezinho como deputado eleito pela provincia para tomar assento no Augusto e Soberano Congresso de Lisbôa.

Seu primeiro numero appareceu em 15 de Abril de 1821, tendo a seguinte epigraphe ao lado direito « *Sit mihi fas audita loqui* ». Virg. En. Liv. 6°.

Durou até 12 de Junho de 1823, sempre em formato de papel almaço commum.

Foram impressos 209 numeros.

Embora publicasse centenas de exemplares, era a principio manuscripto, e depois teve officina typographica no pavimento terreo da casa, onde funcciona hoje o Tribunal da Relação.

Apparecia duas vezes por semana, e sob a protecção do capitão-general Silveira, e á custa de alguns assignantes.

Continuou manuscripto até o n. 34 de 4 de Novembro de 1821, e do n. 35 em diante (em 10 do mesmo mez e anno) principiou a sahir impresso.

Imprimiram-se depois os numeros manuscriptos, com se deprehende deste

Aviso

« Vai começar-se a impressão dos trinta e quatro numeros manuscriptos do *Conciliador*: todos os senhores que para elles se dignaram subscrever, poderão verificar as suas assignaturas na mesma botica do largo do Carmo, onde se continúa a subscripção por 6$400 toda a collecção, que sahira por numeros avulsos ».

(*Conciliador do Maranhão*) n. 53 de 12 de Janeiro de 1822).

Do n. 77, de 6 de Abril de 1822 em diante trouxe por emblema duas mãos apertando-se, como que querendo unir o elemento portuguez ao brazileiro, e tinha por mote *Habet concordia signum*, dentro de um oval em largo.

Não sei precisar até que tempo elle conservou este nome, porém foi por muitos mezes pois ainda o tinha quando sahio o n. 140.

Desmandou-se depois em excessos e personalidades contra o partido dos *Conspicuos*, ou opposicionistas desse tempo, se tal nome se lhes póde dar visto como os meios empregados eram todos revolucionarios.

Succediam-se as prisões e deportações por movimentos projectados e denunciados, ou simplesmente suppostos e imaginarios.

Assim principiou a provincia a conhecer esta bella instituição só pelo abuso, que della se faz!

Proclamada a nossa emancipação politica em 7 de Setembro de 1822 soffreu a imprensa alguma interrupção em seus trabalhos, occasionados já pelas desordens do tempo da independencia, e já do calamitoso governo do advogado-provisionado Miguel Ignacio dos Santos Freire e Bruce, primeiro presidente da provincia por nomeação imperial.

Em 11 de Março de 1822 brotou á luz a *Folha-medicinal*, redigida pelo doutor em medicina Manoel Rodrigues de Oliveira, mais conhecido pelo appellido do *Tujuco*, alcunha derivada de um importante serviço, qual o que prestou á capital, mandando aterrar com grande dispendio e mortificações o extenso lamaçal, ou pantano d'agua salgada misturada com agua doce, da *Fonte das pedras*, no local onde hoje está o gazometro.

Tinha este frontespicio:

A
FOLHA MEDICINAL
do
MARANHÃO

Ut varia est natura coloribus in gignendis:
Sia aliis aliud: sed sua cuique placent
ALCIATO. Emblema CXVII.

DIA DA SAHIDA

Durou até Junho de 1822.

Seis dias depois do seu apparecimento, para corrigir a *Folha Medicinal* appareceu em 17 de Março de 1822, a *Palmatoria Semanal*, escripta pelo padre José Antonio Ferreira da Cruz Tezinho, homem habil, porém muito satyrico, raras vezes com pincel delicado, porém quasi sempre com estylete aspero e ferino.

Cruz Tezinho era de genio irrequieto e richoso: trocando a vida sacerdotal pela mercancia teve de propriedade sua e dirigio um botequim, uma casa de bilhar, e finalmente uma botica.

Assim, obedecendo ao impulso de seu genio, a *Palmatoria Semanal* castigou largamente os que incorriam em seu desagrado até Junho desse mesmo anno.

Foram apparecendo os seguintes jornaes:

O *Amigo do Homem* surgio no dia 17 de Setembro de 1824, em folha de papel almaço commum, tendo esta epigraphe:

« *Rara temporum felicitate, ubi sentire, quæ velis et quæ sentias dicere licet.* »

TACITO.

Foi redigido pelo advogado provisionado João Chrispim Alves de Lima, liberal por indole, mas sempre de accôrdo com os mais exaltados membros do partido brazileiro ou independente.

Por vezes abandonou a politica, e dedicava-se só á sua profissão.

Pouco depois, eil-o outra vez na luta.

Era homem intelligente e de genio humoristico.

Em fins do anno de 1827 desappareceu este periodico. Parece que seu redactor soffreu muitas accusações, pelo que vio-se forçado a escrever no numero de 26 de Dezembro de 1827 o seguinte, que não deixa de ser curioso:

« João Chrispim nasceu na cidade de Vianna, freguezia de Santa Maria Maior, sendo filho legitimo de João Alves Chaves e de Magdalena Luiza dos Anjos.

« A 24 de Fevereiro de 1788 foram-lhe conferidas ordens menores na cidade de Braga.

« A sua carta de ordens passada pelo arcebispo desta cidade foi reproduzida no periodico.

« Já se completaram 15 annos que vivemos neste paiz; neste não pequeno espaço de tempo não acham nossos detractores cousa que nos imputem, que possa macular nossa conducta, e depravar a bôa opinião com que o publico nos lisongeia e favorece; pois que vão procurar além de mil e quinhentas leguas de distancia factos que nunca existiram.»

Novos acontecimentos politicos vieram perturbar a paz ou a tranquillidade, gozada na provincia.

No dia 5 de Fevereiro de 1825 chegou á capital a charrua *Animo-grande*, trazendo o presidente nomeado Pedro José da Costa Barros.

Nesse tempo presidia a provincia, como presidente interino ou melhor intruso, o secretario Manoel Telles da Silva Lobo, muito dedicado a Lord Cochrane, que havia apresentado a 20 do mez passado á Junta da Real Fazenda a sua requisição para pagamento do que se devia á esquadra sob seu commando.

Lord Cochrane ficou muito contrariado com tal vinda e de combinação com Manoel Telles seguio-se uma serie de violencias e de arbitrariedades, que deu em resultado ser Costa Barros obrigado pelo almirante a embarcar na noite de 12 de Março de 1825 para o Pará no brigue-escuna de guerra Cacique.

No dia anterior foi declarado o Maranhão sob o dominio da lei militar.

Imagine-se o que era essa provincia então, como se achava a ordem perturbada e os animos assustados!

Nesse tempo chegou de Portugal o Sr. Manoel Odorico Mendes, e envolveu-se logo em todas as lutas politicas, que então se agitavam.

No dia 7 de Janeiro de 1825 publicou com este frontespicio

O
ARGOS DA LEI
N. 1

Bôas são leis, melhor o uso bom dellas.
A. FERREIRA.

Do n. 38 em diante appareceu com a corôa imperial por cima do titulo, e a numeração ao lado.

Corre como certo, que tivera por collaborador constante o cidadão Clementino José Lisboa, ajudante de ordens do governo provincial.

Era impresso n'uma folha de papel almaço de tamanho regular, com suas quatro paginas divididas em duas columnas, e sahia regularmente ás terças e sextas feiras de cada semana até que em 10 de Julho desse mesmo anno com o seu numero 45 terminou a sua existencia, consagrada á publicação dos actos officiaes, noticias nacionaes e estrangeiras destinando apenas, como escreveo: « uma nesga de papel para artigos de sua lavra, em que tratava de reformas na administração ou na moral publica e de assumptos instructivos, resumidos dos publicistas europeus ».

Redigido, como muito bem disse o senador Vieira da Silva, por um maranhense tão vantajosamente conhecido no paiz e fóra delle, o *Argos da lei* foi o fructo do verdor dos annos.

Tendo por fim o moralizar o funccionalismo publico e o governo, e promover a prosperidade da provincia, infelizmente rolou ás vezes pelo plano inclinado da acrimonia, da injustiça, e dos insultos.

Empurrado pelo patriotismo exagerado que então predominava contra os portuguezes, e mui principalmente para agradar ao *partido brazileiro*, que sustentava as candidaturas á deputação geral do presidente-interino da provincia e do *redactor do Argos*, as quaes foram depois garantidas pela influencia militar de Cochrane.

Formei este juizo á vista de alguns artigos, que li no *Argos*, não sem admiração á vista do genio moderado de *Odorico*, e do seu notavel discurso, depois pronunciado na câmara dos deputados, « onde implorou perdão e esquecimento para os inimigos, e illudidos, lembrando-nos só de que eram nossos parentes, e casados com as nossas irmãs», opinião esta que tambem emittio nos clubs politicos.

Parece-me que elle, como redactor principal, carregava com a responsabilidade desses e de outros artigos, mais ou menos imprudentes.

Com a publicação do n. 45 terminou sua existencia em 10 de Julho desse mesmo anno.

Pouco depois do *Argos da Lei* surgio em 1825 na imprensa a *Bandurra*, redigida pelo advogado João Chrispim Alves de Lima.

Sustentou, no systema adoptado pelo seu redactor, a administração do presidente da provincia o marechal Manoel da Costa Pinto.

Vi um só numero deste jornal. Disse o Sr. Francisco Sotero dos Reis, que elle appareceu em 1825.

Dizem outros, que foi em 1828, e segundo uma referencia, que li, em Novembro de 1828 publicou o seu n. 21.

Ora, sahindo elle de 7 em 7 dias parece dever concluir-se que appareceu em Junho de 1828.

Além disso até os fins de 1827 andava João Chrispim atarefado com a redacção do *Amigo do Homem*, e não é provavel que elle se sobrecarregasse com outro trabalho igual, e portanto, sem necessidade urgente, e nem interesse real.

Nessa época sahio á luz, em 24 de Janeiro de 1825, o *Censor*, impresso na *Typ. Melandiana* de D. G. de Mello, dezeseis dias depois do apparecimento do *Argos da Lei*.

De 7 de Março em diante, isto é, do n. 5 em diante sahio da Imprensa Nacional até o n. 24, já em Maio de 1830, com que ultimou a sua vida jornalistica.

O seu formato era in-4° de folha de papel almaço, variando de volume, desde 8 até 24 paginas, e apparecendo em dias indeterminados; por exemplo: em 1825 sahiram 8 numeros, em 1826 9, em 1827 um apenas, em 1828 dous, em 1829 3 e em 1830 o ultimo.

Eis aqui o seu frontespicio:

O
CENSOR
N°

« A' Rome les desordres domestiques ou publics étoint reformées par les Censeurs. »

(ROLLIN.)

Seguia-se uma linha contendo a data em que se publicou o jornal. Do n. 8, 29 de Dezembro de 1825 em diante, accrescentou ao titulo *Censor* o qualificativo—Maranhense.

Era seu redactor João Antonio Garcia Abranches, portuguez de nascimento, residente e estabelecido na capital da provincia, havia 30 annos, lavrador e commerciante, chefe de numerosa e honesta familia.

Escripto com intelligencia, foi muito temido pelo partido exaltado, ou independente.

Chegando a Maranhão Lord Cochrane, na nau *D. Pedro I*, no dia 9 de Novembro de 1824, achou a provincia muito assustada com o mau governo do presidente Miguel Ignacio dos Santos Freire e Bruce, que aconselhava e mandava executar toda a sorte de violencias e de maldades contra os portuguezes, e por isso resolveu o almirante suspendel-o do seu elevado cargo, incumbindo arbitrariamente do governo da provincia o seu secretario Manoel Telles da Silva Lobo.

Seguio-se a deportação de Bruce e de seus partidarios, como melhor se verá na importante *Historia da Independencia do Maranhão* pelo illustrado senador Dr. L. A. Vieira de Silva.

Por se achar envolvido em todas essas lutas, mórmente pela propagação de suas idéas, foi Garcia d'Abranches preso e recolhido incommunicavel á fortaleza da Ponta d'Areia, e por ordem do presidente Lobo enviado para Lisbôa, no brigue *Aurora*, que começou a viagem em 3 de Maio de 1825.

Parece-me, porém, que a verdadeira causa foi ter escripto no seu numero de 8 de Fevereiro de 1825 que:

« O afflicto Maranhão vio-se apenas milagrosamente restaurado da morte á vida; arrancado ás mãos das furias pelo immortal Cochrane; mas um novo vulcão se preparava para novamente devoral-o, qual as medonhas fauces de *um lobo* voraz, contra innocente e manso cordeiro, esperando sómente, mas que loucura! que o vigilante marquez se fizesse á vela. »

Abranches censurou o procedimento do almirante para com o presidente Pedro José da Costa Barros e as

medidas rigorosas que mandou executar no dia 10 de Março de 1825, e depois de publicado o n. 7 de 24 desse mesmo mez, foi decidida a sua prisão, como já disse.

Nunca foi contrario á independencia do Brazil! queria, porém, moderação, e obediencia ás leis.

O ministro Estevão Ribeiro de Rezende em 3 de Setembro de 1825 «desapprovou tal prisão, como injusto arbitrio, que descobre em quem o praticou, ou perfeita ignorancia dos meios legaes, applicaveis em taes casos, ou determinação criminosa de atropellar direitos garantidos pela constituição.»

Palavras vans! o despota foi premiado, arrecadou muito dinheiro, com que se enriqueceu, teve novos e rendosos empregos, e a victima nem foi compensada das despezas extraordinarias, que fez, dos prejuizos que soffreu, e dos trabalhos por que passou.

Nas luctas jornalisticas o *Censor* encontrou-se sempre com o *Argos*, onde collaborava o cidadão Frederico Magno d'Abranches, que foi depois Deputado-Geral pelo Maranhão, e morreu nosso consul em Cayenna.

Frederico Abranches era filho do redactor do *Censor*, e militavam em campos oppostos.

Vivendo ambos sob o mesmo tecto, quasi sempre na mesma banca de trabalho, e com a tinta do mesmo tinteiro batiam-se reciprocamente, como me affirmou muitas vezes o outro irmão João Arguelles Abranches.

Não poucas vezes esquentava-se a discussão e por vezes Odorico Mendes perdeu a calma, e recorreu aos insultos, armas estas com que tambem foi ferido.

Nesse tempo eram quasi que diarios os saques nocturnos ás lojas, os tumultos, as assuadas e os *lustros*, assim chamados as *sóvas* ou *rodas de pau*, que a população desinfreada dava de vez em quando, quasi sempre aos sabbados á noite, em ar de sabbatina, nos portuguezes e nos brazileiros, seus amigos.

O *Censor*, cujo redactor era portuguez e amigo da situação cahida, e tambem por indole pacifica e espirito sensato não se cansava em profligar esses actos barbaros.

O *Argos*, com o fim de desculpar seus amigos politicos

e de lisongear as turbas para conseguir popularidade, lembrava a oppressão do governo decahido, os trabalhos, os incommodos e as perseguições contra os brazileiros.

Era uma serie continua de retaliações!

O cidadão Francisco Sotero dos Reis, muito joven ainda, apenas provido na cadeira Regia de Grammatica latina, que conquistou em concurso, em Março de 1825 no *Argos* annunciou a publicação de um periodico intitulado «*Miscellanea politica litteraria.*»

Não obtendo nem elle e nem o seu consocio Raimundo da Rocha Araujo, numero de assignantes bastante para cobrir a despeza da impressão, abandonou esse pensamento.

A imprensa, porém, sorria-lhe, elle vestiu pela primeira vez a tunica de *Nessus* publicando nesse mesmo mez o *Maranhense*, periodico hebdomadario, onde revelou intelligencia, moderação, e prudencia superior á sua idade.

Não sei até quando viveu, porém aindia existia no meiado do anno de 1826, quando presidia a Provincia, Pedro José da Costa Barros, segundo uma referencia a elle feita no n. 16 de 4 de Julho do *Censor*.

Nesse mesmo anno foi publicado o *Piparote* sob a redacção do Sr. José Bernardes Belfort Serra, cidadão muito dado ás lettras.

Dizem-me que era mais humoristico do que argumentador.

Seguio-se longo praso de descanço, porém os mares da politica tornaram tempestuosos com a administração provincial do tenente coronel Pedro José da Costa Barros.

Costa Barros nunca respeitou lei alguma, e parece até que não sabia da existencia de um codigo, por onde se dirigisse.

Commeteu arbitrariamente quantos desatinos lhe vieram á mente, não respeitando a si, e muito menos o importante cargo que lhe foi confiado.

Este estado anormal demonstrou aos habitantes do Maranhão a necessidade urgente, que tinham de se envolverem na direcção dos negocios publicos.

Até então assustados e timidos contentavam-se com diversas queixas, recriminações e desabafos nas ruas e praças, e pregando pasquins nas esquinas, e até na porta principal do Palacio, e espalhando versos muito offensivos, cuja producção era atribuida ao poeta improvisador ou repentista José Pereira da Silva.

Por estas palavras claramente se vê quam desgraçado e aterrador era o estado do Maranhão, onde se vivia cercado de todos os desgostos, angustias e receios.

A ordem chronologica, que adoptei, obriga-me agora, e ainda me forçará com o correr do assumpto, a interromper esta narrativa e outras para dizer, que no dia 29 de Dezembro de 1827 sahio dos prelos da Typographia Nacional e Imperial o 1° numero da *Minerva* « folha politica, litteraria e commercial », sob redacção de David da Fonseca Pinto, que passava por poeta, e delle já li algumas odes com feições daquelle tempo.

O seu formato era in 4° de papel almaço commum, contendo oito paginas, até o numero 28, de 31 de Agosto de 1828, trazia, no centro da segunda banda isoladamente esta epigraphe :

Rien n'est beau que le vrai,
Le vrai seul est aimable ».
BOILEAU.

E do numero 29, de 7 de Setembro do mesmo anno, em diante a epigraphe passou a ser collocada em frente da gazeta, abaixo do qualificativo della, *Folha politica, litteraria e commercial*.

Desse mesmo numero em diante principiou a trazer estampada a Corôa Imperial, no topo desta a data em que se publicava o jornal, ao lado esquerdo della o numero, e do direito o respectivo semestre.

Escreveu no programma, « que seu fim era instruir o povo, arraigar-lhe no peito o verdadeiro amor da patria, obediencia ás leis, e adhesão ao Monarcha ».

A « Minerva », por motivo de longa molestia de seu redactor teve de paralysar no numero 27 para continuar o seu numero 28 no citado dia 31 de Agosto de 1828 até o numero 51 de 5 de Março de 1829 com que findou sua

carreira, nem sempre moderada e decente « com muito sacrificio e trabalho », como seu redactor mesmo confessou.

Retirando-se da provincia o presidente Costa Barros passou a governal-a o vice-presidente Romualdo Antonio Franco de Sá, maranhense, filho da cidade de Alcantara, pertencente á familia numerosa, e dotado de genio mais docil.

Animou-se então a publicar um periodico José Candido de Moraes e Silva, e dos prelos da Typographia Nacional sahiu pela primeira vez um jornal não official.

No dia 27 de Dezembro de 1827 sahio o 1° numero do *Pharol Maranhense*. Dizia-se liberal e publicava-se uma vez por semana.

Eis o frontespicio do jornal : *

Numero

(Corôa Imperial)

Logar da venda. 1$200 por trimestre.

PHAROL MARANHENSE

«Les pays où la domination du souverain est plus absolue, sont ceux où les souverains sont moins puissants.»

(Fénelon—Avent. de *Télém. Liv. VI*).

Tinha no alto e centro da pagina, por cima do titulo, a corôa imperial e ao lado desta a numeração. Era impresso em papel almaço um pouco trigueiro, tendo 29 centimetros de comprimento sobre 20 de largura. Publicava-se ás folhas de 4 paginas e a 2 columnas, e quando affluiam materias sahia com 6 paginas. Era hebdomadario a principio, sahindo commummente ás quartas-feiras, da Typographia Nacional, que depois de 10 de Junho de 1828, accrescentou ao nome o de imparcial.

* Bem sei (e bem desejava fazer), que era util ou curioso o apresentar o frontespicio de todos os jornaes, porém acho-me longe do Maranhão, e não pude, quando lá estive, dar-me ao trabalho de todas essas copias, atarefado com outras obras de historia e geographia patrias, que já publiquei.

Desde o n. 14 (14 de Março de 1828) mudou de frontespicio, tendo a numeração ao lado esquerdo e a data á direita, ambas por cima do titulo, sem a corôa e já com esta outra epigraphe:

«Toujours dans mes écrits courageux et sincére.
Je crains de vous flatter et non de vous deplaire.»
(*Revue Européene.* Tom. I).

« Sempre affoito e sincero em meus escriptos,
Só vos temo adular, não desprazer-vos. »

Começou desde então a sahir duas vezes por semana, ás terças e sextas-feiras, elevando seu preço a 2$ por trimestre.

Do n.40 (17 de Junho do mesmo anno) para o diante, conservando o mesmo formato e frontespicio, mudou de novo a epigraphe por esta:

« De circumloquios nada sei
O caso conto, como o caso foi:
Na minha phrase, de constante lei,
O ladrão é ladrão, o boi é boi.

Ao lado vinha transcripto o § 4° do art. 179 da Constituição do Imperio.

Travou tambem renhida discussão com a *Minerva* e a *Bandurra*, orgãos do partido *corcunda*, sempre com doestos, calumnias e injurias, muito perigosas, mormente tratando-se de nacionalidades.

Infelizmente, a 28 de Fevereiro de 1828, foi impossado do governo provincial o Marechal de campo Manoel da Costa Pinto, sendo Commandante das armas o Conde d'Escaragnolle.

Não concordando com as idéas do orgão liberal procuraram estas duas autoridades despedil-o da *Typographia Nacional*, o que não realisaram á falta de um pretexto mais ou menos decente.

Recorreram ao Promotor Publico, então o Dr. Joaquim José Sabino, para que o perseguisse com processos, e por vezes sentou-se elle perante os tribunaes por abusos de liberdade de imprensa.

Sempre improficuos estes meios, em 12 de Junho publicaram o Presidente um avulso offerecido *Aos honrados*

maranhenses, e o Commandante das armas uma proclamação defendendo-se das accusações de José Candido, que lhes respondeu no n. 40, «sem temer o poder», e sim com muita imprudencia, pois asseverou que «continuaria a accusar intrepidamente os delirios, as perseguições e as prevaricações deste ou daquelle empregado, qualquer que fôsse o gráo de superioridade do seu emprego.»

As duas primeiras autoridades sentiram o acicate da provocação e muito naturalmente reagiram, e com a publicação do n.56 o Presidente perdeu de todo a paciencia.

Com o espirito bastante agitado, na manhã de 8 de Agosto mandou chamar a palacio José Candido, prendeu-o, e ordenou-lhe assentamento de praça no corpo de artilharia, o que tudo se cumprio com promptidão.

Não soffreu no quartel castigo algum porque reconheceu-se logo cadete, e nem prestou serviço, pois foi recolhido ao Hospital Militar, então sob os intelligentes e humanitarios cuidados do physico-mór o Dr. Soares de Souza (pae do Visconde de Uruguay), que delle muito se condoeu.

Felizmente, em 14 de Janeiro de 1829 tomou conta da presidencia o Desembargador Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, nosso finado consocio, sempre de saudosa memoria, que mandou immediatamente dar baixa de praça a José Candido.

A 23 de Janeiro de 1831 reappareceu o *Pharol*, apagado no seu n. 56, porém já em caracter semi-official.

A Revolução de 7 de Abril de 1831 imprimio em todo o imperio grande abalo, do qual foi tambem tocado o Maranhão, de que resultou em 17 de Setembro desse mesmo anno um movimento revolucionario, conhecido na historia pelo nome de *Septembrisada*, do que não quero tratar agora por ser assumpto de *Memoria* especial, que pretendo escrever.

José Candido tomou parte nelle, e sua amisade, motivada por gratidão ao Presidente, o fez suspeito aos olhos dos seus partidarios mais exaltados, e elle, querendo justificar-se, dahi em diante tornou-se um verdadeiro energumeno, pelo que vio-se o seu protector obrigado a

mandar prendel-o, o que não conseguio por se ter occultado e morrido em 18 de Novembro de 1832 em uma casa na rua dos Remedios, ondese homisiou.

Terminou por emquanto a existencia do *Pharol*, que já não alumiava a muito tempo.

Era Odorico Mendes muito amigo de José Candido, e ao regressar da Côrte intentou publicar um jornal com o titulo *Despertador Constitucional*.

Publicou elle antes um manifesto *Ao Publico*, dando conta dos motivos, que o levaram a escrever um periodico e declarando-se logo em opposição ao presidente Costa Pinto.

Havia então uma só typographia, e essa era a do governo.

Intentou a Junta da Fazenda fechal-a, dizendo que dava prejuizo, porém, Odorico Mendes « obrigou-se a entrar cada mez com tanto quanto fôsse preciso para não ter perda a fazenda publica, uma vez que livremente se pudessem imprimir os escriptos. »

Foi, porém, impresso o manifesto no Pará e o 1° numero, em 14 de Agosto de 1829, do *Despertador Constitucional* na typ. do Torres, no Rio de Janeiro, o qual foi distribuido profusamente no Maranhão.

Além disto, o presidente não quiz acceitar a responsabilidade de Odorico, como editor, porque, sendo deputado geral, gosava de immunidades, que o punham fóra da acção da lei commum, quando incorresse em criminalidade por abusos de liberdade d'imprensa.

De 1829 a 1830 nos horizontes da imprensa maranhense surgiram outros periodicos.

Em 4 de Junho de 1829 a *Estrella do Norte* redigida pelo poeta repentista, o Bocage maranhense, José Pereira da Silva e por Thiago Carlos de la Rocca, italiano e outros.

Em 1830 o *Semanario Official*, redigido pelo Dr Manoel Monteiro de Barros, secretario da presidencia da provincia desde 1823 a 1833.

Occupava-se quasi que exclusivamente da publicação dos actos e decisões do governo.

Foi depois substituido pelo *Publicador Official*, escripto pela coadjuvação de muitos empregados da

secretaria e dirigido pelo chefe da repartição ou empregados da sua confiança.

Era impresso em folha de papel almaço commum, e tinha por baixo os nomes dos seus directores, por exemplo: Joaquim Antonio Serra Launé, morador á rua da Palma n. 44 e José Candido Vieira.

De 1840 em diante trazia a corôa imperial.

Creio que terminou sua existencia em 1841 ou 1842. No dia 8 de Fevereiro de 1830 sahio dos prélos da typographia Constitucional, em formato de 4° francez, paginação em numeração natural, o 1° numero do seguinte jornal com este frontespicio:

O BRAZILEIRO

Os despotas querem a ignorancia: porque só esta póde segurar-lhes submissos escravos, perpetuando a barbaridade.

No seu programma dizia-se « liberal, respeitador da vida privada dos seus concidadãos, só tendo por desejo ser util ao Maranhão e ao Brazil, se a tanto chegarem suas forças, alistando-se na rectaguarda dos eruditos redactores do Maranhão, sem nunca afastar-se dos principios de moderação e de imparcialidade, não adulando ninguem e nem criticando a torto e a direito. »

Parece-me que o n. 21, publicado em 4 de Setembro do mesmo anno, foi o ultimo.

Nesse tempo publicavam-se na capital da provincia 7 periodicos, sendo seis politicos (A *Estrella do Norte*, o *Analysta*, a *Gazeta do Brazil*, o *Amigo do Povo*, o *Cruzeiro*) e um só puramente commercial o *Almanack Mercantil*.

Esta noticia colhi da leitura do 2° numero do *Brazileiro*, porém, não emitto juizo sobre os outros, porque nunca vi um só numero delles.

Attribuio-se a sua redacção ao Sr. João Francisco Lisbôa, porém, tenho razões para crêr não ser exacta tal presumpção.

O mesmo disseram, e sem fundamento, a respeito do Sr. F. Sotero dos Reis.

Desconfia-se ter sido seu redactor unico o cidadão

José Antonio de Lemos, homem de talento, muito estudioso e patriota.

Nesse numero ultimamente citado, disse elle « que a *Estrella do Norte* era periodico de insultos, creado de proposito para invectivar os que eram affectos á Constituição do Brazil, companheira nessas idéas do *Analysta* da *Gazeta do Brazil*, do *Amigo do Povo*, e do *Cruzeiro*: que o *Poraquê* era mal escripto, e fallava descaradamente das delicias do governo absoluto: que a *Cigarra* era liberal, seguindo porém caminho diverso do que lhe cumpria trilhar: que o *Censor* era escripto por um velho de tempera antiga, propagando doutrinas, que lhe ensinaram seus antepassados sobre o *paternal governo absoluto.*»

Conspurcavam então a imprensa maranhense o *Azorrague*, o *Poraquê*, o *Anti-Christo*, e outros periodicos de igual jaez.

Appareceram tambem o *Escudo da Verdade* e o *Monitor Liberal* e outros de poucos meritos.

O tempo e a reflexão foram acalmando o estado de excitação em que se achava a capital da provincia.

Foram desapparecendo os jornaes imprudentes, e a discussão substituio ao insulto e á difamação.

No anno de 1829 o cidadão Francisco Sotero dos Reis publicou o *Observador Constitucional*, que redigio só até 1832 quando principiou a ser coadjuvado por Odorico Mendes.

Foi sempre muito bem escripto e moderado e defensor da administração do Dezembargador Araujo Vianna.

Depois de um anno do desapparecimento do *Pharol Maranhense* um amigo de José Candido, João Francisco Lisboa publicou em 23 de Agosto de 1832 o primeiro numero do *Brazileiro*, que apparecia nas quintas-feiras de cada semana, em folha de papel almaço, em 4° francez e com duas columnas. Era este o seu frontespicio:

O
BRAZILEIRO

Journalistes de tous les pays, élevez vous au dessus des préjuges nationaux... dénoncez tous les crimes, nommez tous les coupables. JOUY.

Jornalistas do mundo inteiro, despi-vos dos preconceitos nacionaes: denunciae os crimes, apontae os criminosos.

Subscreve-se e distribue-se em casa do redactor n. 67, rua Formosa, preço por trimestre 1$800, as folhas avulsas a 160 rs. Maranhão. Typographia liberal. Anno 1832, em duas columnas, e sustentava as idéas do *Pharol*.

Depois de 13 numeros desappareceu da arena em 16 de Novembro, e em seu logar luzio outra vez o *Pharol Maranhense* «afim de trazer sempre viva a lembrança de seu primitivo redactor.»

Resurgio com o n. 352, em continuação, no dia 29 de Outubro de 1833, com este frontespicio:

O
PHAROL MARANHENSE

Le temps ou les esperances les plus légitimes étaient considérées comme les rêves d'un homme de bien, touche á son terme: le regne des illusions est passé et rien ne resterá debout, que ce qu'est fondé sur la justice et la raison.

Deu fim o tempo em que as esperanças mais legitimas eram tidas por bellos sonhos: acabou o reinado do engano e já agora só ficará em pé o que se fundar na justiça e na razão.

JOUY.

Do seu programma, para melhor fazel-o conhecido, transcrevo o seguinte:

«Fallaremos com aquella franqueza, propria a cidadãos livres, sem medo de expormos com coragem nossas opiniões, e de combatermos quanto em nossos forças couber os excessos contra a constituição, a liberdade, a segurança individual, e a propriedade dos cidadãos brazileiros.

«Apontaremos as infracções da lei e da constituição, commettidas pelos empregados, qualquer que seja o logar, que occupem: e bem assim referiremos tudo quanto nos parecer concernente ao bom andamento dos negocios do nossos paiz. Obras periodicas e regulares, que por força se hão-de escrever, ainda quando se ande mais enjoado da tinta e da penna.»

O que foi essa segunda phase do *Pharol* ninguem o poderá escrever como elle no ultimo numero ao dizer adeus ao publico nestas palavras:

« Venho agora pôr termo a esta minha empreza ha mais de um anno começada, e bem que eu, assim

como todo o outro homem, esteja sujeito ás paixões proprias da nossa especie, todavia deitando os olhos para tudo o que nesse espaço escrevi, não posso deixar de ennobrecer-me, e dar-me por um dos escriptores mais imparciaes do nosso Brazil.

« Fui inimigo de Araujo Vianna, e mais que nenhum outro escriptor o combati no meu *Brazileiro*: comtudo nunca procurei esquecer as suas bôas partes, e até elogiei o desinteresse e a actividadade com que sempre aqui se houve nos negocios publicos.

« Fui inimigo do partido *moderado* ou do governo, porém ainda mesmo quando lhe formava os mais graves capitulos, nunca cessei de mostrar ao povo a sua bondade relativa, o nenhum interesse que tinhamos em derribal-o, e os tramas dos restauradores, que, destruido esse principal estôrvo dos seus planos liberticidas, muito nos empeceriam, se não é que de tudo nos desbaratariam.

« Sempre pertenci ao partido chamado *exaltado*, porém sempre me viram á frente de seus inimigos todos aquelles que, usando desse nome, não se peijavam todavia de dar o braço aos restauradores, contra quem pouco antes haviam requerido medidas de sangue.

« *Exaltado* sim era eu, porém censurei os desatinos e malfeitorias commettidas pela gente de Antonio João, porém desapprovei altamente a parcialidade da *Bussola*, e outros periodicos em opposição ao governo, e nunca dei meu assenso á eleição de Soares e Goyannas ».

Assim o n. 445 interrompeu a sua segunda e ultima serie em 22 de Novembro de 1836.

Tinham voltado os máos tempos para o Maranhão.

Desappareceram os partidos e surgiram os corrilhos.

Foi-se a prudencia, e no campo das recriminações surgiram as injurias e as diffamações.

Veio o desanimo e a descrença. Desappareceram os jornaes, e póde charmar-se esse periodo « *época do silencio* ».

Em 3 de Maio de 1833 appareceu pela primeira vez o *Publicola Brazileiro* em formato de folha de papel almaço commum.

Foi seu principal redactor José Raymundo da Rocha Araujo, conhecido vulgarmente pelo appellido de *poeta da casaca encarnada*.

Dizem que era instruido e versejador, pelo que foi sempre emulo do poeta portuguez Manoel Ferreira Freire que por longos annos residio em Vianna, onde se dedicava ao ensino da mocidade, especialmente da lingua latina, que conhecia muito bem.

Foi athleta do partido *cabano*, depois *saquarema*, e por ultimo *conservador*, e por vezes travou lucta com João Lisboa.

Desappareceu da arena jornalistica depois do *Echo do Norte*.

Em 3 de Julho de 1834 João Francisco Lisboa publicou o 1° numero do *Echo do Norte*.

Teve dous formatos diversos.

O primeiro volume comprehendendo 100 numeros, finalisou em 29 de Agosto de 1835, estampado em folha de papel commum, sahindo duas vezes na semana.

O segundo e terceiro tambem duas vezes na semana, sahiram do n. 5, do 3° volume em diante, dos prelos da typographia do Sr. Ignacio José Ferreira, em 8° e em fórma de livro, terminando a collecção que vi no n. 23 de 8 de Novembro de 1836.

Eis o seu frontespicio:

ECHO DO NORTE

ANNO DE 1834 . NUMERO 1

«Subscreve-se e vende-se na typographia de Abranches & Lisboa, rua dos Afogados, casa n. 13, preço por trimestre 2$100 rs., folha avulsa 100 rs.

«Aquella proveitosa liberdade
De mostrar de mil erros a verdade,
E do mais livre povo já soffrida,
E do mais poderoso receiada,
Por que entre nós será mal recebida?

(FERREIRA, carta 5ª).

Maranhão. Typ. de Abranches & Lisboa, anno de 1834.

Foi recebido em ponta de lança pelos jornaes de crenças oppostas.

Era orgão do partido liberal e sustentou a administração do senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, depois barão de Pindaré.

Em 1835 o brazileiro adoptivo João Loyres, muito enthusiasta pelo partido cabano, dotado de muita actividade, e de genio emprehendedor creou o *Correio semanal*, que tomou muita parte nas lutas dessa éra.

Em 1838 principiou a chamar-se *Correio de annuncios*, creio que do 2° volume em diante, o qual começou no n. 29, segundo pude colligir de um aviso inserido no n. 682 do *Publicador Official* de 6 de Abril de 1839.

Quando *Correio Semanal* era impresso em folha de papel almaço, com duas columnas, e depois que mudou de nome, augmentou de formato, e este dividido em tres columnas.

O *Investigador Maranhense* surgio dos prelos da Typographia Constitucional em Janeiro de 1836, em formato de folha de papel almaço commum.

Era este o seu frontespicio: Em cima no alto da folha, do lado esquerdo o numero do exemplar: na mesma linha, do lado direito, os dias da semana e do mez em que sahia o jornal.

O

INVESTIGADOR MARANHENSE

Pouco abaixo, do lado esquerdo, uma aguia ahi estampada *como emblema da liberdade*, adejando no espaço, e do lado direito a seguinte mui significativa epigraphe, entre duas mãosinhas, que nessa época era o typo de elegancia em materia de composição typographica:

> Que fé póde guardar quem fés quebranta?
> Que tratados manter quem leis despreza?
> Roma não tinha leis, quando Tarquinio
> De cidadãos romanos fez escravos?!
>
> (GARRET—*Trag. de Catão.*)

A origem deste periodico foi a seguinte: Francisco de Salles Nunes Cascaes, cabano decidido e exaltado, exercia um emprego na secretaria da provincia, e embora o seu estado precario fazia opposição até inconveniente ao presidente o Dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira, depois senador do imperio e Barão de Pindaré.

Tendo acabado um dia o expediente arrumou-se na

pasta, que tinha de subir á assignatura, e logo em cima dos papeis escreveu e mandou imprudentemente esta quadra

Costa Barros foi ladrão,
Costa Pinto foi Pachá,
Costa Ferreira é tyranno;
Que mais Costa aqui virá?

A' esta provocação, tão directa, pois Cascaes nem disfarçou a lettra, o presidente accrescentou:

Na duvida deve o poeta
Sahir daqui desde já.

Demittido, como devia esperar, Cascaes atirou-se á imprensa, fundou o *Investigador* e principiou a fazer opposição, quasi sempre fóra dos limites da prudencia, tendo infelizmente por companheiro José Joaquim de Figueiredo e Vasconcellos, emigrante paraense, e de máo caracter embora com talento especialmente para as discussões jornalisticas.

Dizem tambem que Cascaes, logo depois da fundação do *Investigador*, desavindo-se com Figueiredo e Vasconcellos, retirou-se da redacção, correndo esta por conta deste.

Alguem escreveu que foi o Sr. Francisco Sotero dos Reis, redactor exclusivo desse periodico, que substituio o *Constitucional* e que foi a seu turno substituido pela *Revista*, sendo Cascaes apenas proprietario ou impressor na sua typographia, muito bem montada no largo de S. José, ao lado esquerdo da igreja, onde esteve por muitos annos a repartição da chefatura de policia.

Sotero dos Reis era moço como Cascaes, pertenciam ao mesmo partido e eram amigos, e por isso Sotero teve muita parte, não exclusiva, na redacção do *Investigador*.

Sei disto com certeza, e assim corrijo aqui este facto, sem manchar este meu escripto com o nome de quem tantos erros commetteu, quando se mettia a escrever sobre *factos historicos do Maranhão*.

Em 21 de Janeiro de 1836, redigido pelo Dr. Joaquim Franco de Sá, depois senador do imperio, appareceu

o *Americano*, do qual sahiram apenas 12 numeros, pois terminou sua carreira em 9 de Abril do mesmo anno.

Foi publicado em papel almaço commum, e em duas columnas, era hebdomadario e trazia esta epigraphe:

« Não se deve confundir a vontade d'um povo com os clamores d'uma facção.
(ROUSSEAU.) »

Na imprensa occupou o logar de defensor das idéas liberaes e da administração de seu tio, sogro e amigo o Dr. A. P. da Costa Ferreira, depois senador do imperio e Barão de Pindaré.

Em 11 de Março de 1836 sahio dos prélos da Typographia Constitucional, em folha de papel almaço commum, o 1° numero do *Cacambo*, redigido por Luiz Carlos Cardoso Cajueiro, 1° escripturario da Thesouraria da Fazenda, e depois deputado geral, na legislatura desse anno.

Advogava as idéas do partido *cabano*, tambem conhecido por partido *moderado* para combater o *exaltado*, depois chamado *marreco*, e subsequentemente *bemtevi*.

Lutou muito com João Francisco Lisboa, que em 17 de Março de 1836, no n. 25 do *Echo do Norte*, annunciou o seu apparecimento assim, « a quem não podemos deixar de dar o merecido louvor á moderação e dignidade com que está escripta.»

Trazia como epigraphe, em francez, o seguinte pensamento:

« Em todas as epochas da sociedade civil, á par do poder se divisou uma opposição, que tem por principio retel-o, reprimil-o e limital-o.»

Ostentou-se opposicionista á administração do Dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira, e portanto alliado de Sotero dos Reis.

No dia 8 de Novembro de 1837 appareceu o *Sete de Setembro*, impresso em formato de 4°, francez, contendo 8 paginas, redigido por José Joaquim de Figueiredo Vasconcellos, que, como filho do Pará, occupava-se muito dos

negocios de sua patria, então governada á virga-ferrea pelo General Andréa, e discutia então com gravidade

Foi este o seu frontespicio:

SETE DE SETEMBRO

N.	DIA, MEZ E ANNO	RS. 120

Subscreve-se para esta folha em a typographia do Sr. I. J. Ferreira, rua da Paz, e na loja dos Srs. Brito e Raso, rua de Nazareth, por 1$200, cada trimestre, e vende-se a 120 rs. cada um avulso.

Dar-se-ha um numero cada semana.

. . . . . .

«Depois de espessa e tormentosa *noite*,
Como é lisongeiro olhar-se em torno,
E vêr longe de si morrer os dias,
Dias de escravidão, dias do Inferno.»

(*Um Brazileiro Nato.*)

No « *Officio-protesto*, dirigido ao Instituto Historico do Brazil pelo seu antigo 1° secretario F. A. D. D. de V., Barão de Porto-Seguro », publicado em Vienna d'Austria, em 1874, «na pag. 4ª se lê que este periodico desapparecêra em 1° de Dezembro de 1838, e que « seu redactor já o fôra antes na côrte, do *Sete de Abril.* »

João Francisco Lisboa, de ha muito recolhido á vida privada, foi convidado pelo Presidente da provincia o Dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira para acceitar o cargo de secretario do governo, que exercen por algum tempo.

O assassinato do cidadão Raymundo Teixeira Mendes, na noite de 25 de Novembro de 1837, na cidade de Caxias, onde era chefe do partido liberal, causou grande sensação em toda a provincia, e arrastado pela indignação e amor ás suas crenças, esquecendo passadas e dolorosas offensas, João Lisboa deixou o cargo, onde ganhava os meios para a sua subsistencia, e lançou-se outra vez no campo da politica, criando a *Chronica Maranhense*.

No dia 2 de Janeiro de 1838, dos prélos do Major Ignacio José Ferreira sahio á luz o 1° numero deste periodico.

Teve dous formatos differentes: o do primeiro anno— em folha de papel florete, dividido em duas columnas, e

com o frontespicio abaixo estampado, publicando-se duas vezes por semana — e os dos 2° e 3° volumes, anno de 1839 e 1840, de maior tamanho, com tres columnas, conservando, porém, este frontespicio :

Anno Numero

CHRONICA MARANHENSE

Assigna-se em casa do redactor, rua do Egypto n. 12, e na fabrica de chapéos, de Vidigal, Irmãos & C., Rua-Grande; preço por trimestre 3$, por semestre 5$500, e por anno 10$, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 rs., na sobredita fabrica e os avisos imprimem-se a 60 rs. por linha, mas os dos assignantes gratuitamente, comtanto que não excedam a 30 linhas.

Maranhão. — Na typ. de I. J. Ferreira, rua da Paz n. 34

No seu programma prometteu sustentar « em uma linguagem ordinariamente moderada, porém aspera e forte, quando as circumstancias o exigirem; que a moderação, a generosidade, a incorrupta probidade, reciprocamente professada pelos partidos politicos, são as unicas taboas que o podem salvar no mar tempestuoso em que andavam aventurados. »

Abrio lucta sem tregoas com os jornaes adversarios e sempre defendendo as idéas liberaes.

Por vezes esqueceo-se da moderação promettida, e sem muita razão servia-se de termos fortes, porém sempre honestos.

Quando na provincia appareceu a *guerra dos balaios*, se não devida pelo menos muito animada pelo partido *bemtevi*, João Lisbôa censurou muito o canibalismo dos rebeldes, e era incansavel na propagação das idéas de ordem, que sempre tambem pregou quando a *revolução dos Cabanos* assollou a provincia do Pará, censurando constantemente os despotismos do General Andréa, então lá presidente.

No meio deste lidar constante approxima-se a época das eleições geraes, e por isso em 1840 foi seu nome lembrado para exercer o cargo de deputado.

A principio bem acolhido, depois seus proprios correligionarios, com manifesta ingratidão, procuravam atraiçoal-o em beneficio de outro candidato.

Conheceu elle a tempo a perfidia e por isso no n. 280 de 17 de Dezembro de 1840, volume 3°, fez inserir o seu artigo de despedida, do qual tiro esta declaração serena e grave, a qual mostra ao mesmo tempo a força de seu caracter, a prudencia com que occultava seus justos resentimentos e poupou retaliações.

« O redactor da *Chronica* João Francisco Lisbôa, julga de seu dever declarar que não só tem desistido da sua candidatura á deputação geral, mas tambem que se retira do campo da politica, onde ha tantos annos combate, correndo a mesma fortuna que os seus amigos.

« As mais ponderosas considerações o obrigam a este procedimento ; outras considerações, porém, de não menos força o obrigam a adiar as explicações que a tal respeito cumpria dar ». O que foi a *Chronica Maranhense* diga por mim Francisco Sotero dos Reis, seu adversario politico, seu contendor de todas as horas, nestas palavras escriptas muitos annos depois com aquella calma e imparcialidade que tanto o caracterisaram.

Eis o seu juizo :

« No *Echo do Norte*, e com especialidade na *Chronica*, não era João Francisco Lisbôa o joven inexperiente e fogoso, que no *Brazileiro e Pharol* esposava as idéas dos exaltados, mas o homem amadurecido pela experiencia, formado a todo o genero de litteratura no estudo particular do seu gabinete, o politico profundo, o escriptor abalisado e o adversario mais temivel pela insigne mestria com que manejava a penna, quer em assumptos serios, quer no ridiculo em que ninguem podia competir com elle.

« E' opinião minha, que até hoje ainda se não escreveu na provincia outra folha politica tão eloquente como a *Chronica*. »

Em 1839, durante a administração provincial do commendador Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo foi na assembléa da provincia, apresentado um projecto, conhecido depois de approvado e sanccionado com o nome da *Lei dos Perfeitos*, semelhante a uma lei de Pernambuco, e que não era outra cousa mais do que o preparo para a Lei de 3 de Dezembro de 1840, tendo por fim o dar mais

força á autoridade, já muito frouxa com o Codigo do Processo.

Tal projecto exacerbou muito os animos dos liberaes a ponto de Estevão Raphael de Carvalho, homem illustrado e honesto, porém excentrico, que já tinha sido deputado geral e provincial e era lente da cadeira do Commercio no Lyceu, publicar um pequeno periodico para combater o Presidente da Provincia e a assembléa provincial. Appareceu no sabbado 30 de Junho de 1839, o 1° numero do *Bemtevi* com este frontespicio:

NUMERO 1, DIA, MEZ E ANNO

O BEMTEVI

« Faça o que lhe digo, e não se importe com a lei: que se alguem recalcitrar eu tenho tres recursos: o 1° é o campo de Ourique: o 2° a corveta Regeneração: o 3° o Pará. E disto ninguem está livre, nem solteiro, nem casado ».

Palavras de um Presidente de Provincia a certo juiz de paz que o consultava sobre a execução de uma lei.

Sahe duas vezes por semana: a assignatura será de 32 numeros, preço 1$000: vendem-se avulsos a 40 rs. na rua do Sol nesta typographia ou em casa de Felisberto José Corrêa.

Maranhão. Typographia Constitucional de J. I. Portugal. Anno de 1838.

O seu formato era um quarto de folha de papel almasso commum, tendo estampado na frente um passaro, que se dizia ser o que deu o nome ao periodico.

Explicam-se os *recursos* da Presidencia, declarados na epigraphe assim: 1.° No Campo de Ourique, quartel da tropa, onde havia a chibata, o recrutamento, e a enchovia; 2.° Na corveta *Regeneração*, onde havia a chibata e o porão de tristes recordações: 3°. O Pará, onde reinava a *Cabanada* e o General Andrea com todo o seu despotismo.

Usou sempre de linguagem incisiva, mordaz, e satyrica, e favoneando sempre todas as paixões populares. Era muito procurado.

Na villa do Paço por esse tempo sahia tambem manuscripto outro periodico com esse titulo, de que foi redactor Antonio Feliciano Peralles Falcão, alferes da guarda nacional, homem activo, intelligente, educado em Pariz, muito habil para tudo e especialmente para obras mecanicas, porém pouco constante em tudo.

No dia 6 de Outubro de 1838 com o n. 29 soltou o seu ultimo canto, e em vesperas de uma eleição, dizendo: —«Deponhamos amanhã todas as nossas desavenças, e vencedores e vencidos, demos as mãos para alimentarmos a paz e tranquillidade tão necessarias a todos.»

No dia 8 de Julho de 1838 sahiu dos prelos da Typographia *Constitucional* o *Caçador do Bemtivi*, periodico de igual formato do *Bemtivi* em quarto de folha de papel almasso commum, tendo na frente impressa, do lado esquerdo, a figura de um homem de joelhos, munido de um enorme arcabuz de pontaria feita a disparar n'um Bemtevi empoleirado, do lado direito, n'uma frondosa arvore.

Abaixo do «Caçador» lia-se a seguinte quadra:

«Bemtevi soffrer não podes
Os echos do meu canhão!
Elles vos fazem soffrer,
Elles nos deitam no chão!»

E abaixo da arvore e do *Bemtevi* esta outra, do mesmo gosto ou valor poetico:

«Caçador» não me persigas,
Deixa os meus vôos dar...
Deixa nas aguas turvas
Os meus dons empoleirar!»

Publicava-se todas as semanas, em dias incertos, e o seu apparecimento era previamente annunciado por foguetes.

Crê-se geralmente que fôra redigido por Francisco de Salles Nunes Cascaes, Leonel Joaquim da Serra e outros.

Durou tanto tempo quanto o *Bemtivi*, de que foi constante *Caçador*,

Como o *Bemtivi* foi muito apreciado pelo povo, e em

tempos indeterminados e especialmente em epochas eleitoraes surgia um ou outro numero do *Bemtevi* em linguagem violenta e propria do tempo, como se evidencia deste aviso:

1849—BEMTEVI

«No domingo 21 do corrente se publicará o *Bemtevi*, na typographia de Manoel Pereira Ramos.

«Tres foguetes de uma só bomba annunciarão a hora da sahida dessa interessante gazetinha, encarregada de fulminar os metralhadores da provincia, que ousam apresentar-se na arena politica com *bullas falsas de liberaes, de amigos do Povo*.

«E' escusado dizer-se que o *Bemtevi* sempre terá versinhos de muito bom gosto.»

(*Estandarte* n. 7 de 18 de Maio 1849).

Foram tambem publicados outros jornaesinhos ainda lembrando o *Bemtevi*, como se collige do seguinte:

1842—ANNUNCIO

«Quarta-feira 24 do corrente Agosto, apparecerá o novo campeão intitulado O *Caboclo Maranhense*, destinado unicamente a ajudar o heroico periodico *Bemtevi* na empreza de sovar a obscura e asquerosa trindade *Opinião*, *Revista* e *Pica-Pau*.

«Cabanos! Não vos queixeis das frexadas do *Caboclo Maranhense* e dos beliscões do mavioso *Bemtivi*; queixai-vos de vós mesmos que ha tanto tempo nos provocaes. Combatemos em defesa. Lembrae-vos daquella sublime sentença do divino mestre «Não façaes a outrem o que não quereis que vos façam.» (Impresso avulso, sahido da typographia de Ferreira, anno de 1842.)

E' tempo de dizer-se, que os jornaes publicados na *epocha da Balaiada*, de 1839 a 1841 resentiam-se e muito das calamidades da epocha.

O governo geral e provincial receiando a força dos revoltosos, contemporisava com seus chefes.

As victimas, os homens da legalidade irritavam-se com taes benevolencias, não comprehendendo o alcance

das medidas de um governo evidentemente fraco e contemporisador.

A luta na imprensa revelava essa tendencia dos espiritos.

A revolução da maioridade e o novo ministerio liberal de 23 de Julho acabrunhou ainda mais o partido cabano ou conservador na provincia, e em 1841 a 1842 não melhorou com a subida da politica conservadora na Côrte

Havia por essa causa excessos de linguagem nos jornaes redigidos por moços exaltados de ambos os lados politicos.

Francisco Sotero dos Reis em Janeiro de 1840 publicou a *Revista*, que sahio dos prelos da typographia de Francisco de Salles Nunes Cascaes (onde se conservou durante o primeiro anno de sua existencia), em formato de folha de papel de 30 centimetros de comprimento, contendo tres columnas cada pagina.

Eis ahi o seu frontespicio:

N. Dia Anno.

A REVISTA

FOLHA POLITICA E LITTERARIA

Subscreve-se a 2$500 por trimestre (13 numeros).
Vende-se cada folha avulsa nesta typographia.

Maranhão, *Typographia Imparcial Maranhense*. Impresso por Manoel Pereira Ramos na rua Formosa n. 2.

Publicava-se uma vez por semana, quasi sempre aos sabbados.

Em linguagem moderada e classica, Sotero dos Reis foi constante defensor do principio da autoridade, da ordem e do progresso moral e material, combatendo sempre sob as bandeiras do partido então chamado *Cabano*.

Lutou muito com a *Chronica Maranhense*, e póde dizer-se que foi essa a epocha mais notavel do nosso jornalismo.

Entre os bons escriptos da *Revista* merece especial menção o artigo, em que analysou e refutou a *Memoria Historica da Revolução do Maranhão desde* 1838 pelo nosso

erudito consocio o Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde do Araguaya.

Appareceram na *Revista* uns artigos bem notaveis com a assignatura *Amigo do Homem*, e escriptos pelo Dr. João Bernardino Jorge, de espirito muito culto e de memoria privilegiada.

Nesse periodo tomou conta da presidencia do provincia o commendador Angelo Carlos Muniz, irmão do regente João Braulio Muniz, em 4 de Abril de 1846, homem de bem, lavrador. inoffensivo, porém, de idéas muito curtas e sem cultivo algum de intelligencia.

Foi facil aos mais espertos de seu partido abusarem da bôa fé delle, e dahi originaram-se alguns actos de violencia, que deram origem a muitas intrigas, calumnias e desforços, pelo que appareceram muitos jornaesinhos escriptos com o estylite da infamia, mergulhado em muito fel, não respeitando cousa alguma e atirando-se desesperadamente ao seio das familias, infamavam as mãis, as filhas e todo o sexo fraco.

No mais incandescente dessa louca contenda, de maneira horrivel e sempre execravel figuraram então e depois a *Voz do Bacanga*, o *Guajájára*, o *Reformatorio*, o *Cometa*, o *Picapau*, o *Patusco*, o *Brado Maranhense*, o *Caboclo*, o *Cacete*, o *Azorrague*, o *Foguete*, a *Malagueta*, a *Palmatoria*, a *Matraca*, o *Arre-irra*, o *Carurú*, o *Brado do Povo*, o *Tigre*, o *Barreteiro*, o *Mexiriqueiro*, o *Correia*, o *Tapy-Ouassú*, o *Defensor do Povo*, a *Chronica dos Chronistas*, a *Figa*, *Berimbau*, *Jararaca*, *Vulcão*, o *Salvador do Povo*, etc. Taes nomes bem indicam o que elles fôram.

Sotero dos Reis, sem temer ás iras e perversidades desses hediondos assassinos da honra alheia, na sua *Revista* de 4 de Julho de 1846 foi-lhes ao encontro, e escreveu estas notaveis palavras:

« A mulher, ente delicado e fraco, que está como fóra da protecção da lei, por isso que a sociedade a pôz debaixo da protecção immediata do homem, que deve responder por ella, não tem outro poder para domar-nos senão com as suas graças, nem outras armas para resistir-nos senão a sua mesma fraqueza. Negar-lhes a protecção devida já é, sobre injustiça, grande falta de generosidade.

Mas atacal-a sem respeito ao sexo, e isto para vingar-nos do homem, com quem se acha ligada pelos laços do parentesco, não sabemos que nome tenha, porque é, além de cobardia, cega brutalidade. Nisto não ha partidos, nem politica, senão phrenesi e demencia.....

« Ter-se-ha calculado bem o alcance desses fataes escriptos? Quantas lagrimas terão elles feito derramar e em quanto sangue se podem converter essas lagrimas?

« Se não pretendeis barbarisar-nos, se tendes algum fim politico em vossas dissenções, limitai aos homens a guerra sem generosidade e quartel, que vos estais fazendo. Mas poupem-se os innocentes e sejam respeitadas, como cumpre, as nossas mãis, as nossas esposas, as nossas filhas e as nossas irmãs. »

Taes palavras, como por encanto, fizeram desapparecer esses pasquins, e póde dizer-se, que foi este um bom serviço, que entre outros, Sotero dos Reis prestou á moralidade da provincia, e sinto muito prazer recordando-o para attrahir louvores e gratidão á memoria de tão benemerito escriptor.

Em 1851 a *Revista* terminou sua honrada existencia, e seu erudito redactor foi encarregado da redacção do *Correio de Annuncios*, propriedade do capitão Manoel Pereira Ramos e impresso na typographia da *Temperança*.

No fim do mez de Fevereiro de 1840 surgio á luz o primeiro numero do *Legalista* redigido pelo Dr. Candido Mendes d'Almeida, então professor de Geographia no Lyceu do Maranhão, sustentando as ideias do partido cabano.

«O fim principal do jornal, nelle se dizia, era, dando força e prestigio a auctoridade do delegado do governo imperial, concorrer por todos os meios ao seu alcance, para o triumpho da sancta causa da monarchia, ameaçado pelos dyscolos, facciosos e revoluccionarios; os perversos — *Bemtevis*, fauctores da revolução de Raymundo Gomes, cujos chefes na capital, estavam em correspondencia epistolar com elle...»

Fallecendo o pae do redactor principal em Septembro d'esse mesmo anno, retirou-se elle para Caxias, e suspendeu portanto a publicação do seu periodico.

Em 1841 a familia Jansem, então muito prestigiosa

por seus muitos membros de posição elevada, pela fortuna, e por muitas relações e dedicações em toda a provincia, sobresahindo entre todos o prestimoso e bemfazejo Coronel Izidoro Jansem Pereira, sustentou a administração do Dr. João Antonio de Miranda, depois senador do Imperio, e por isso teve muita influencia na imprensa.

Com o desapparecimento da *Chronica Maranhense*, fundaram os Jansens—o *Unitario*, confiando sua redacção aos Drs. Gregorio de Tavares Osorio Maciel da Costa, Casimiro José de Moraes Sarmento e Manoel Jansem Pereira.

Segundo minhas recordações esse periodico descutia seriamente, e seus redactores eram todos homens instruidos e tinham reputações a zelar. Durou pouco tempo.

Com o desapparecimento do *Unitario* em 4 de Maio de 1842, appareceu o *Correio Maranhense*, redigido pelo Dr. Manoel Jansem Pereira, Manoel Jansem Ferreira, e outros individuos do partido liberal, porem adeptos á familia Jansem, taes como o Desembargador José Mariani, o Dr. Gregorio de Tavares Osorio Maciel da Costa, etc.

Foi valente lidador.

Sustentou muito a administração do Dr. Venancio José Lisboa.

O outro grupo liberal, contrario ao partido conservador, vendo quam hostil lhe era o novo Presidente publicou o *Dissidente*, redigido pelos Drs. Fernando e Francisco de Mello Coitinho de Vilhena, João Francisco Lisboa, João Pedro Dias Vieira e outros.

Na administração do Dr. Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, foi o *Dissidente* o orgão d'um partido creado com esse nome.

Na sexta-feira 9 de Julho desse mesmo anno, dos prelos de Ignacio José Ferreira sahio o 1° numero do *Jornal Maranhense*.

Eis aqui o seu frontespicio:

1841—Sexta-feira 9 de Julho—n. 1

« JORNAL MARANHENSE »

Maranhão, typ. de I. J. F. & C., rua do Sol n. 51

Abaixo quatro compartimentos.

No 1° lia-se esta epigraphe:

« A verdadeira educação de um povo livre faz-se nos jornaes ».

« Timon ».

Em seguida mais isto:

« Esta folha se publica ás terças e sextas-feiras de cada semana, e para ella subscreve-se nesta typographia ».

Foi seu redactor o Dr. Candido Mendes de Almeida, depois senador do Imperio.

Desapparecendo com o n. 100 o *Jornal Maranhense* no dia 1° de Julho de 1842 o seu proprietario Ignacio José Ferreira declarou, que em seu logar surgiria o *Publicador Maranhense*, o que teve logar em 9 de Julho desse mesmo anno, em folha de papel florete, contendo quatro columnas e este frontespicio:

PUBLICADOR MARANHENSE

folha official, politica, litteraria e commercial

Foi seu primeiro redactor o Dr. João Francisco Lisboa.

ADVERTENCIAS	PARTIDA DOS CORREIOS	DESIGNAÇÃO DAS AUDIENCIAS
O *Publicador Maranhense*, propriedade de I. J. Ferreira, publica-se ás terças, quintas e sabbados de cada semana, e para elle subscreve-se na sua typographia na rua do Sol n. 26. O preço da assignatura é de 12$000 por anno, etc., etc.		

Seu fim principal está nestas palavras do prospecto.

« Sendo esta capital uma das principaes praças do Brazil, e sentindo ella a falta de um periodico á maneira dos que se publicão na Côrte, Bahia e Pernambuco, que

dando todos os actos do governo geral e provincial, e das repartições subalternas, contenha tambem artigos sobre a nossa industria, commercio e artes, noticias nacionaes e estrangeiras, extractos dos melhores classicos, acerca da politica em geral, preços correntes e tudo que possa concorrer para a nossa civilisação, algumas pessoas desejosas de fazerem desapparecer esta grande falta se propoem a redigir um periodico com o titulo de *Publicador Maranhense*, em formato grande, constando cada pagina de tres ou quatro columnas, o qual sahirá duas vezes por semana, e mais se houver cousa notavel, e grande numero de assignantes.

Ainda disse mais: « Não escasseam orgãos á politica, os seus odios se envenenam cada dia, e em falta de logar onde se rasguem novas feridas, os campeões, que andão travados na lucta, revolvem os punhaes nas já abertas.

« *Imital-os*, seria nada fazer para romper a monotonia de taes discussões, a sociedade tem outros interesses, que cumpre advogar e satisfazer ».

Infelizmente arredou-se desse proposito tão vantajoso, e outra vez no campo da politica, foi extrenuo defensor do partido intitulado *Liga Maranhense*, creado pelo então presidente da provincia o Dr. Joaquim Franco de Sá.

Treze annos depois, em 30 de Junho de 1855 deixou a redacção desse jornal, que foi depois tambem redigido pelo Sr. Francisco Sotero dos Reis, Dr. Frederico José Correia, Felippe Franco de Sá, Ovidio da Gama Lobo, Aristides Coelho, Francisco de Paula Belfort Duarte o outros.

Nelle João Fransisco Lisboa revelou muito geito no genero de escripto, chamado *folhetim*.

Ainda vive este jornal, porém, arrastando vida ingloria.

Appareceu a *Opinião Maranhense* em 20 de Julho de 1842.

Em formato de folha de papel almaço commum, era dividido o jornal em duas columnas.

Eis ahi o seu frontespicio:

Anno de 1842, Maranhão, 20 de Julho n. 1.

A «OPINIÃO MARANHENSE»

Typographia Constitucional de José Mathias de Souza, rua do Sol n. 43.

Foi fundado, e teve por seu redactor principal o Dr. Candido Mendes de Almeida.

Discutia, porém offendia seus adversarios politicos em prosa e verso, pelo que é voz geral haver na redacção outras pennas, já avesadas a esses actos de desespero, tão alheios ao genio moderado e reflectido do Dr. Mendes de Almeida.

Occupava então o cargo de promotor-publico da capital o Dr. Candido Mendes, e foi nessa occasião demittido.

N'essa epocha sahia da mesma typographia, ao estourar de muitos foguetes, o *Picapau*, jornal de pequenas dimensões, e ás vezes com estampas abertas em madeira, e recordando factos e calumnias desagradaveis á familia Jansen, pelo que passou seu redactor por acerbos desgostos e muitas contrariedades, a que sempre oppôz tenaz resistencia.

Em 15 de Janeiro de 1845 sahio á luz o primeiro numero do *Jornal de instrucção e de recreio*, revista litteraria de modestas aspirações, redigida pelos estudantes do Lyceu Luiz Antonio Vieira da Silva, hoje Senador do Imperio, Augusto Frederico Collin, actualmente empregado no Thesouro Nacional, José Tell Ferrão e Augusto Cezar dos Reis Raiol, já fallecidos estes dous ultimos, e outros jovens então.

No anno seguinte desappareceu o *Jornal* e em seu logar surgio o *Archivo Maranhense*, tendo mais por collaboradores os Drs. Antonio Carneiro Homem Souto Maior, Frederico José Correia, Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, Antonio Rego, e Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.

Chegou até o 6° numero.

Ainda em 1846 impresso na Typographia Maranhense por A. J. da Cruz foi publicado o Jornal da *Sociedade Philomatica Maranhense*, creada em 27 de Junho de 1845, tendo por seu Presidente o Desembargador Joaquim Vieira da Silva e Souza, depois Senador do Imperio, e sempre de saudosissima memoria, e por Secretario o Dr. José da Silva Maia; durou muito poucos mezes.

Para sustentar a administração *Franco de Sá*, da Typographia de F. de S. N. Cascaes sahio á luz no dia 2 de Janeiro de 1847 o primeiro numero do *Progresso*.

Era este o seu frontespicio:

2 de Janeiro de 1847. N. 1. Sabbado.

O PROGRESSO

Jornal politico, litterario e commercial.

« Le progrès est un avancement vers le mieux».

(COQ).

Fôrão seus redactores os Drs. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, Alexandre Theophilo de Carvalho Leal e Antonio Rego.

Foi o primeiro jornal diario, que appareceu na provincia.

Por motivos, de ordem economica o *Progresso* desappareceu por quatro annos da imprensa, e resurgio em 27 de Março de 1861 no mesmo formato, sahindo porém duas vezes por semana.

Pela primeira vez em 1847, apparecêra folhetins no rodapé dos jornaes.

No *Progresso* o Dr. Antonio Rego publicou as traducções dos romances *Quitança á meia noite*, o *Mendigo negro* de Paulo Feval, os *Mysterios da Inquisição* por Fereal.

Dos prelos da typographia *Temperança* sahio em grande formato o *Estandarte* em 2 de Março de 1847.

Era orgão do partido *Bemtevi* e foi creado exclusivamente para combater a administração do Dr. Joaquim Franco de Sá.

Foi seu redactor principal o desembargador José Marianni, pois sem o seu beneplacito nada se imprimia, e os Drs. Eduardo de Freitas, José Jansem de Paço, Antonio Joaquim Tavares, Pedro Wenescop Cantanhede, Raymundo José Faria de Mattos, etc.

A administração de Franco de Sá, comquanto muito honesta e animada de bons desejos a favor da prosperidade da provincia, que era sua patria, teve muitos adversarios, principalmente por ter criado scisões em ambos os partidos, e com elle fundado outro que denominou *Liga-Liberal-Maranhense*.

A imprensa foi o campo do combate, onde nada se poupava, e o *Estandarte* foi o jornal dos adversarios da presidencia.

Muito soffreu o *Estandarte* nesse tempo, e na administração do Dr. Eduardo Olympio Machado, porém, lutou sempre com energia.

Desappareceu em 1857.

Redigido pelo Dr. Candido Mendes de Ameida, sahio da typographia da Temperança o *Observador* em folha de papel commum, e dividido em duas columnas, na quarta-feira, 21 de Julho de 1847.

Era orgão do partido conservador, e declarou-se logo em opposição ao Dr. Joaquim Franco de Sá, presidente da provincia.

Combateu muito o partido da liga, e foi adversario temivel e constante, pertinaz e investigador.

Por algum tempo, em ausencia do Dr. Mendes de Almeida, foi tambem redigido pelo Dr. João Bernardino Jorge.

Em 1850 augmentou de formato, sendo então redigido pelo erudito Dr. Frederico José Corrêa.

De 6 de Abril de 1854 em diante foi escripto por Francisco Sotero dos Reis.

Em 1856 passou a sua redacção para o major Dionizio Alves de Carvalho, homem intelligente e dotado de muita prudencia.

Na terça-feira 10 de Março de 1849 appareceu o primeiro numero da *Revista Universal Maranhense* no formato

de 4° francez, em duas columnas, estampadas em 16 laudas, com o seguinte frontespicio:

1ª Serie. Tomo 1°

REVISTA UNIVERSAL MARANHENSE

Sciencia, Agricultura, Industria,
Litteratura, Bellas-Artes, Noticias e Comercio.

. . . . . .

1° Anno. Terça-feira, 1 de Maio de 1849 N.° 1.

. . . . . .

Foi periodico scientifico, litterario e industrial.

Foram seus redactores entre outros, os Drs. Antonio Rego, J. R. Jauffret, Alexandre Theophilo, Augusto Collin, João Antonio de Carvalho e Oliveira, João Nunes de Campos, Frederico José Corrêa, Gonçalves Dias, F. de M. Coutinho de Vilhena, Gregorio de Tavares Osorio Maciel da Costa.

Terminou sua bonita carreira em 15 de Abril de 1850 com o n. 12.

De todos estes escriptores só vive hoje o Sr. Augusto Frederico Collin.

Todos os mais dormem nos braços da morte o somno, que não é interrompido por sonhos.

Em Junho de 1849 appareceu o *Porto-Franco*, redigido pelos Drs. João Bernardino Jorge Junior e Henrique Roberto Rodrigues, cidadão-portuguez.

Embora no seu programma se apresentasse essencialmente orgão dos interesses commerciaes, atirou-se depois na arena politica de maneira desabrida, adquirindo assim muitos odios, que lhe cavaram a sua ruina.

Era muito bem impresso, e em seu principio mostrou-se digno de occupar um logar na imprensa séria.

No anno de 1850 discutio a imprensa de quasi todo o Imperio a necessidade de formar-se uma nova assembléa constituinte.

Na Bahia com tal idéa surgio o *Argos Bahiano*, redigido pelo desembargador, pharmaceutico e doutor em

medicina Candido Lasdilau Japy-Assu de Figueiredo e Mello.

N'outras provincias fizeram-se iguaes publicações, e no dia 2 de Janeiro de 1851 appareceu o *Argos Maranhense*, redigido pelo engenheiro Dr. João Nunes de Campos, José Vicente Jorge, depois conselheiro e chefe de secção da Secretaria do Imperio, e Raymundo João dos Reys, empregado hoje da Fazenda Nacional.

Com o n. 25 desappareceu este periodico sempre muito bem escripto, e occupando-se de assumptos elevados.

Nessa mesma éra publicou-se o *Correio de Annuncios*, de propriedade do capitão Manoel Pereira Ramos, e redigido pelo Sr. Sotero dos Reis.

Poucos mezes depois, em Outubro desse mesmo anno mudou de nome e chamou-se *Constitucional*.

Em Janeiro de 1852 sahio á luz o primeiro numero do *Globo*, redigido pelo cidadão portuguez José da Cunha Torres, puramente imparcial, em linguagem decente e muito bem impresso.

Por incommodos de saude retirou-se Cunha Torres em 1854 para Lisbôa, deixando na redacção o seu amigo, o Sr. Dr. Antonio Rego.

Da *Typographia da Temperança*, no anno de 1852, sahio á luz o *Despertador*, jornal politico e *litterario*, que tinha por epigraphe « *Monarchia e Ordem.* »

Pouco influio na arena politica e menos ainda na litteraria.

No dia 14 de Outubro de 1852 dos prelos do *Observador* appareceu a *Marmotinha*, em folha de papel fiorete commum, dividido em duas columnas, e distribuido hebdomadariamente.

Dizia-se litterario e recreativo, e foi fundado por Julio dos Santos Pereira e Ricardo Antonio Corrêa de Faria, e collaborado por muitos mancebos intelligentes do Maranhão e do Pará.

Eis aqui o frontespicio deste interessante jornal:

ANNO I Quinta-feira, 14 de Outubro de 1852. N. 1

A Marmotinha

Jornal Joco-serio, Litterario e Recreativo.

Durou pouco tempo, e teve pequena circulação.

Na segunda-feira 12 de Junho de 1854 da *Typographia Maranhense* de A. J. da Cruz surgio o *Botão de Ouro*, jornal joco-serio e recreativo, com esta epigraphe:

O lindo botão de ouro
As beldades dedicado,
Vai merecer seu agrado,
Vai dellas ser o thesouro.

E vós tambem, ó leitores,
Recebei-o com bondade,
Que a flôr da mocidade
Vai offertar seus primores.

Era de seu programma distrahir e recrear a juventude.

Faziam parte da redacção muitos estudantes do Lyceu, e entre os mais distinctos e talentosos o hoje conselheiro Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro.

Em Setembro de 1855 por motivos, que ignoro, foi o *Globo* substituido pelo *Diario do Maranhão* ainda redigido e unicamente pelo dito Dr. A. Rego até 1857, e quando foi seu redactor o Dr. Antonio Marques Rodrigues em 2 de Julho de 1858 o fez de novo substituir pelo *Globo*, que desta vez durou até Dezembro de 1860.

Em 11 de Outubro de 1855 sahio o primeiro numero da *Saudade*, com estas disposições:

ANNO I — A SAUDADE — SERIE I

SEMANARIO RECREATIVO

« A leitura é de todas as artes a que menos custa, e a que mais rende ».

(A. F. DE CASTILHO).

Sahiu em formato de 4° francez, contendo 4 paginas, divididas em 2 columnas.

Cada serie se compunha de dez numeros.

Teve, como todos os outros, duração ephemera.

Durante a presidencia do Commendador Antonio Candido da Cruz Machado, hoje senador do imperio, os Drs. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena, Antonio Rego, e Antonio Marques Rodrigues crearam a *Conciliação*, cujo primeiro numero appareceu em 20 de Setembro de 1856.

No numero 2 por motivos puramente particulares o Dr. Antonio Marques despediu-se da redacção.

Para combatel-a surgiu a 9 de Julho de 1856 a *Nova Epocha*, redigida pelos Drs. Manoel Moreira Guerra, Luiz Antonio Vieira da Silva, hoje senador do Imperio, e o Cirurgião José Silvestre dos Reis Gomes.

Muito luctaram esses dous jornaes, aquelle contra e este em defesa do Presidente, aquelle liberal e este conservador.

Em 4 de Junho de 1857 appareceu a *Imprensa*, redigida pelos Drs. Carlos Fernando Ribeiro e José Joaquim Ferreira Valle, hoje Visconde do Desterro, orgão das ideias dos dous grupos opposicionistas, liberal-progressista e bemtevi-estrellado.

Substituio o *Progresso* e o *Estandarte*.

Retirando-se o Dr. Ferreira Vallepara o Rio de Janeiro, e o Dr. Fernando Ribeiro, hoje Barão de Grajahu, para o Amazonas, passou a ser redigido por outros individuos.

Com a demissão do Presidente Cruz Machado, foi a *Nova Epocha* enfraquecendo-se e em 1858 desappareceu da scena jornalistica.

Em seu lugar appareceu o *Seculo* a principio redigido pelo Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva e José Silvestre dos Reis Gomes, e a final por este só.

N'esse tempo o Dr. José Joaquim Ferreira Valle creou o jornal *Moderação* no governo provincial do Conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques.

Passados poucos mezes este periodico passsou ás mãos de quem o quiz manchar, constituindo-se como muitos outros negra nodoa para a nossa imprensa, e verdadeira estatua de *Paschino*.

Em 1860 começou a publicar-se a *Verdadeira Marmota*, promettendo tractar de sciencias, artes, commercio, etc. e tudo fez com poucos creditos.

Teve tambem o nome de *Marmota Maranhense*, e por vezes suspendeu sua publicação.

Pretendeu imitar a *Marmota* fundada na Bahia pelo bem conhecido Prospero Diniz, e impressa na Typographia d'Epiphanio Pedrosa.

Prospero Diniz veio para o Rio de Janeiro a bordo da Fragata Constituição, em companhia do então desembargador Manoel Vieira Tosta, hoje senador do Imperio, e Visconde de Muritiba.

Aqui no Rio fundou outra *Marmota*, impressa por Paulo Brito.

Sem duvida de qualquer d'estas publicações foi tirado o titulo.

Foi publicado o primeiro numero do *Commercio* no dia 5 de Janeiro de 1861, em substituição do *Jornal do Commercio*, ambos de propriedade e redacção do Sr. Themistocles da Silva Maciel Aranha.

O nome unicamente indica o seu programma.

Em Março de 1861 o Dr. Carlos Fernando Ribeiro, reassumiu a redacção da *Imprensa*, e reappareceu o *Progresso* em defesa das ideias liberaes.

N'essa mesma éra appareceu, e teve ephemera duração a *Ordem e Progresso*, redigido pelos Drs. Gentil Homem d'Almeida Braga, José Joaquim Tavares Belfort, e Joaquim Serra.

Por embaraços economicos, e pela necessidade de coherencia nas ideias desappareceram a *Imprensa*, o *Progresso*, e a *Ordem* e *Progresso*, e em seu lugar surgio a *Coalição*, redigida pelos ultimos senhores citados.

Os interesses judiciarios tiveram pela primeira vez na imprensa o seu orgão especial, que com o nome de *Forum* veiu á luz da publicidade em 10 de Janeiro de 1862, em grande formato, contendo quatro columnas e distribuindo-se hebdomadariamente. Foi da exclusiva redacção do major João da Matta Moraes Rego, e tinha o seguinte frontespicio:

Anno I Maranhão, 10 de Janeiro de 1862. N. 1

O FORUM

Jornal hebdomadario, especialmente dedicado aos interesses judiciarios

De todas as instituições humanas aquella, que mais interessa o homem na sociedade, é a administração da justiça ; porque é aquella, que mais immediatamente obra sobre os interesses individuaes.

(*Americus*—Cartas *Politicas*)

A publicidade dos processos, tendo por fiscal a imprensa livre e reflectida, é o mais forte garante da administração da justiça, trazendo o acerto e a imparcialidade nas decisões judiciarias.

(*O Idem*)

Sua existencia foi de poucos numeros.

Na quarta-feira 21 de Janeiro de 1863 appareceu o *Constitucional*, em grande formato, contendo quatro columnas e o seguinte frontespicio :

Anno I Num. 1

Maranhão—Quarta-feira, 21 de Janeiro de 1863.

O CONSTITUCIONAL

Director—Jesuino J. C. Marreiros de Sá.

Orgão do partido conservador, e sob a redacção do Sr. Ricardo Alves de Carvalho, que em epochas anteriores fundou e redigiu diversos jornaes, nos quaes sempre defendeu com muita dedicação e sacrificio as idéas conservadoras, que professou desde mui verdes annos.

O *Paiz* sahiu á luz da publicidade, dos prelos da typographia de Belarmino de Mattos em grande formato, em 28 de Abril do anno de 1863, contendo tres columnas ; distribuia-se duas vezes por semana, na terça e na sexta-feira, sendo este o seu frontespicio :

O PAIZ

Jornal catholico, litterario, commercial e noticioso

E' hoje uma das mais interessantes folhas do norte do imperio.

Sahia tres vezes por semana, e em 1878 passou a ser diario.

Foi este frontespicio mudado algumas vezes, trazendo até um delles e por muito tempo a vista da cidade de São Luiz, observada do porto de mar dessa capital.

Foi fundado e redigido pelo Sr. Themistocles da Silva Maciel Aranha.

Merece especial menção porque redigido sempre com intelligencia e moderação, advogou os interesses moraes e materiaes da Provincia, teve correspondentes em em todas as localidades, e pôde conquistar muitas sympathias, para o que foi seu redactor muito coadjuvado por todos os maranhenses mais intelligentes de seu tempo. Nelle muito escrevi sobre *Historia do Maranhão*.

A classe militar julgou acertado ter tambem o seu representante na grande assembléa do jornalismo, e por isso em 15 de Janeiro de 1864 sahio impressa em mais de uma folha de papel florete, e tinha este frontispicio:

PALESTRA MILITAR

Jornal para recreio e instrucção militar

«A guerra é uma sciencia para os sabios, uma arte para os mediocres e um officio para os ignorantes »

Frederico II.

Publica-se duas vezes por mez.
A assignatura é de 3$000 por trimestre, pagos adiantados.

1° Anno 1864

Foram seus redactores Francisco Mariano de Sequeira, Ricardo Alexandrino Corrêa de Faria, José Pedro Domingos do Couto.

Seu programma era discorrer sobre assumptos militares, e ao mesmo tempo apresentar o que de melhor e mais applicavel ao nosso paiz se encontrasse nos escriptores militares estrangeiros.

Embora recebida pelo publico de maneira muito satisfactoria, não teve vida longa, o que foi para sentir.

Em 1° de Setembro de 1867 surgiu novo jornal litterario com este frontespicio:

SEMANARIO MARANHENSE

Anno São Luiz (dia da sahida) Num.

Pubica-se aos domingos etc. etc. (condições da assignatura)

Foi fundado por Francisco Gaudencio Sabbas da Costa, Joaquim Serra, Gentil Braga, e collaborado por Souza Andrade, Dr. José Ricardino Joffret, A. Collin, Sotero dos Reis, Nuno Alvaro, Ricardo de Carvalho, Daniel Rodrigues de Souza, A. da Cunha Rabello etc.

Nelle publiquei muitos artigos, sempre relativos á *Historia* da minha patria, que tanto amo.

O *Liberal* surgio á luz da publicidade dos prelos da Typographia liberal, impressor Raimundo Casimiro da Silveira Guimarães, na terça-feira 1° de Setembro do anno de 1868, em grande formato, constando de quatro collumnas, e com o seguinte frontespicio:

Anno I—N. 1

Maranhão 1868—Terça-feira 1° de Setembro

O *Liberal*

Jornal politico, litterario e noticioso.

Redactores principaes—Drs. *Miguel Vieira Ferreira e Antonio Jansen de Mattos Pereira.*

A *Nação*, em grande formato, contendo quatro columnas, appareceu á circulação publica dos prelos da typographia— *Perseverança*— rua do Giz, impressa por Jesuino José Carlos Marreiros de Sá na quinta-feira, 12 de Maio de 1869, com o seguinte frontespicio:

Maranhão 1869. Quarta-feira, 12 de Maio.

A NAÇÃO

Jornal hebdomadario.

Tem por programma defender os interesses do paiz.

Editor— Jesuino Sá

ANNO I NUMERO 1

Subscreve-se nesta typographia.

Foi seu principal redactor o Conego Raymundo da Purificação dos Santos Lemos, e outros sacerdotes.

No seu programma lia-se o seguinte :

« Amantes sinceros e extremosos admiradores do progresso material, como do moral, indispensaveis á vitalidade das nações, bateremos palmas e daremos acoroçoamento ás aspirações que tenderem para o augmento material ou moral do paiz. Nossa voz, embora debil, será ao lado dos homens sensatos e bem intencionados que almejarem a prosperidade publica.

« Nas doutrinas sociaes acompanharemos as escolas mais esclarecidas, defendendo as theses mais inconcussas.

« A historia patria, terreno mal roteado entre nós, nos merecerá especial solicitude.

« Filhos obedientes da Egreja, fundada pelo Christo, propagada pelos Apostolos,regida pelos bispos e representada na pessôa do Romano Pontifice, seremos adstrictos ao seu infallivel ensino, e doceis ás suas admoestações.

« Eis o nosso programma ».

A Juvenilia em 23 de Maio de 1869, periodico de litteratura amena redigido por José Eduardo Teixeira de Souza, e outros estudantes de preparatorios, intelligentes e estudiosos.

O *Monitor* em 1° de Março de 1870 em formato de folha de papel florete commum, contendo tres columnas, e com este frontespicio.

MONITOR

Revista dos Interesses Publicos

Anno I Maranhão, 1° de Março de 1870 N. 1

Não teve redacção conhecida, e a par de alguns artigos bons de vez em quando aproveitava-se de seu estado anonymo para ferir com grande injustiça algumas pessoas só por terem merito ou serem estudiosas.

Em 15 de Agosto de 1871 desappareceu felizmente, mais esse poste de infamias.

A *Situação* reappareceu em 2 de Abril de 1870 « depois de alguns mezes de silencio ».

Foi então redigida pelo Dr. Fernando Vieira de Souza só e unicamente para defender o Dr. José da Silva Maia, então no governo como 1° vice-presidente, por occasião da morte tão sentida do Dr. Braz Florentino Henrique de Souza.

O *Telegrapho* em grande formato em quatro columnas, e com o seguinte frontespicio :

Anno I Maranhão — Janeiro de 1871 N. 1

O TELEGRAPHO

PERIODICO NOTICIOSO

Publica-se ás Segundas e Sextas-feiras de manhã

Assigna-se nesta typographia a 12$000 por anno, pagos em trimestres.

Foram seus redactores os Drs Raymundo Abilio Ferreira Franco, e Joaquim Rodrigues de Souza e o negociante Joaquim Coelho Fragoso.

Em Junho de 1872 passou a ser propriedade do Sr. Ricardo Alves de Carvalho.

O *Liberal* de 1873 passou a ser redigido pelos Drs. Felippe Franco de Sá, hoje Senador do Imperio, Gentil Homem de Almeida Braga, Francisco de Paula Duarte e outros.

O *Democrata* em Novembro de 1877 sahio pregando idéas republicanas.

Em grande formato, contendo quatro columnas, eis o seu frontespicio:

O DEMOCRATA

ASSIGNATURAS
Tomam-se na typographia da rua da Paz n. 16.

PUBLICAÇÃO
Uma vez por semana em dia indeterminado.

ANNO 1. N.º 18

S. Luiz do Maranhão, 24 de Março de 1878

Durou pouco tempo.

O *Jornal para todos* surgio dos prelos da typographia do *Paiz*, editor Manoel Francisco Vianna Pires, em 8 de Dezembro de 1876 em grande formato, contendo tres columnas, e com este frontespicio:

JORNAL PARA TODOS

Publica-se nos dias 8, 18 e 28 de cada mez.

Numero avulso 200 réis.

A' venda na rua da Palma n. 2 A.

Tiragem 400 exemplares com direito a um premio.

Anno I Numero 1

Ao lado esquerdo do titulo do jornal lê-se—Sciencia, Litteratura—e ao direito—Arte, Industria.

O partido conservador teve na imprensa o seu orgão, e muito importante, chamado o *Tempo*, que em grande formato contendo quatro columnas, surgiu dos prelos da typographia do *Paiz* impresso por M. de J. da Cunha, na segunda-feira 11 de Fevereiro de 1878.

Eis aqui o seu frontespicio:

Anno I Numero I

O TEMPO

Jornal Politico

Maranhão 1878
Segunda-feira 11 de Fevereiro

Periculum dicendi nonrecuso.
(*Cicero in Anton.*)

Publica-se ás segundas-feiras

Foram seus redactores os Drs. Augusto Olympio Gomes de Castro, Raymundo Abilio Ferreira Franco, Manoel José Ribeiro da Cunha e o Major João da Matta de Moraes Rego.

—

Aqui pára a narração succinta, por muitos motivos, dos jornaes publicados na Capital da Provincia.

Foi tarefa penosa de muitas investigações, e de pacientes recordações, porque longe do Maranhão não posso com brevidade recorrer a fontes de luz para espancar obscuridades.

Comtudo resta-me o consolo de repetir o *Feci quæ potui non ut volui, sed ut me angustiæ temporis coegerunt*, e dizer ainda uma vez—*Faciant meliora potentes*.

III

No interior da Provincia

Na cidade de Caxias, a primeira cidade do interior, que teve typographia, em diversas epochas publicaram-se os seguintes periodicos:

O *Jornal de Caxias*, propriedade de Pedro Alves de Souza Cótó.

O *Jornal Caxiense*, publicou-se desde 7 de Março até 14 de Dezembro de 1846.

Foi empreza particular do portuguez João da Silva Leite.

Em 41 numeros unicos aparecidos, não teve côr politica, e sempre se dedicou aos interesses commerciaes.

O *Commercio de Caxias*, de que foi dono Paulo da Conceição e Silva.

O *Brado de Caxias*, desde 20 de Agosto de 1845 até 14 de Fevereiro de 1846, publicou 28 numeros unicos.

Foram seus redactores os Drs. Candido Mendes de Almeida, Frederico José Correia, Antonio Gonçalves Dias, Fernando de Mello Coitinho de Vilhena e Odorico Antonio de Mesquita, e d'ahi em diante foi somente o Dr. Mendes d'Almeida.

Foi este jornal o primeiro, que na Provincia publicou poesias de Gonçalves Dias.

O *Pharol* tambem conservador como o *Brado*.

A *Imprensa Caxiense* e o *Telegrapho*, liberaes.

O *Liberal Piauhyense*. Em Maio de 1846 redigido pelo Co·onel Livio Lopes Castello Branco.

A *Luz*, a *Situação* e o *Beija-flor*, pertencentes ao cidadão Antonio Lopes.

O *Tigre*, o *Povo*, o *Maribondo*, o *Espelho*, e o *Lidador*, de ephemera duração.

A *Cruz*, jornal religioso, por occasião da questão religiosa, pelo Revm. vigario da Freguezia de S. Benedicto o Padre Luiz Raimundo da Silva Brito.

Vianna. Residindo na Capital da Provincia o Cidadão Bernardo Antonio Martins intentou elle prestar um bom serviço á Cidade de Vianna, onde contava alguns amigos, levando-lhes a luz da imprensa.

Ao projecto seguiu-se a execução: comprou uma pequena typographia, contractou o typographo Mariano Neves e seguindo o seu destino no dia 30 de Setembro de 1876, sahiu á luz o 1.° numero da *Alavanca*, jornal noticioso.

Não habituados com taes publicações, apenas aparecia qualquer accusação, observação ou critica contra este ou aquelle, despediam-se logo da assignatura.

Todos queriam exercer esse direito contra os outros, porém sendo sempre poupados.

D'este errado modo de pensar sobrevieram desgostos ao Sr. Martins, embora o seu periodico, que sahia uma só vez por semana, sempre fôsse muito moderado e em linguagem honesta.

Desgostoso vendeu a typographia ao typographo, que o acompanhou.

Desappareceu a *Alavanca* para dar lugar ao nascimento do *Vianense*, jornal litterario, instructivo e noticioso, em 1.° de Janeiro de 1877.

Em Outubro de 1876 Martins tambem publicou a *Violeta*, jornal de recreio, dedicado ás senhoras Viannences.

Não sei se estes jornaes ainda existem, ou se teriam a sorte da *Rosa de Malherbe*.

IV

JORNAES RELIGIOSOS

A verdadeira Religião tem tido tambem seus arautos na imprensa.

Em varios annos sahiram á luz estes jornaes religiosos na cidade de S. Luiz.

A *Fé*, de propriedade e inspiração do Rmo. Bispo D. Frei Luiz da Conceição Saraiva.

A *Nação*, redigida pelo Conego Raymundo dos Santos Lemos e Beneficiado Raymundo Alves da Fonseca.

O *Christianismo*, redigido pelo Conego Magistral, hoje Arcipreste da Cathedral, o Dr. Manoel Tavares da Silva.

O *Ecclesiastico*, que appareceu nos primeiros dias do mez de Outubro de 1852, com este frontespicio:

Anno O ECCLESIASTICO N°

Periodico dedicado aos interesses da Religião sob os auspicios
do
Excellentissimo e Reverendissimo Senhor
D. Manoel Joaquim da Silveira
Bispo do Maranhão

Dia da sahida

Religionis proprium est non cogere sed persuadere.
(S. ATHANAS. *Hist. Arian.* Art. 67).

O seu formato era de oito paginas, de duas columnas cada uma.

Foi sempre redigido pelo illustrado Conego Raymundo Alves dos Santos, de saudosa memoria, e desappareceu ha pouco tempo.

Reconhecendo o actual Sr. Bispo do Maranhão, que a imprensa catholica é uma das mais urgentes e indispensaveis necessidades actualmente, creou e tem sempre animado outro jornal, que appareceu em 1880 com este frontespicio:

CIVILISAÇÃO

Oremus pro pontifice nostro Leone: dominus conservet eum et vivificet eum. Et beatum faciat eum in terra et non tradat eum in animam inimicorum ejus.

Cognoscetis veritatem et veritas liberabit vos. *S. João VIII,'32.* Cœlum et terram transibunt verba autem mea non præteribunt. *Mart XXIV, 35.* Verba vitæ æternæ habes. *Joan, VI, 69.*

DIA DA SAHIDA

PERIODICO HEBDOMADARIO, ORGÃO DOS INTERESSES CATHOLICOS

Anno Maranhão. Dia de sahida Numeração

ASSIGNATURAS		PUBLICAÇÕES
Por anno.....	12$000	Publicam-se gratis os artigos de interesse publico. Os mais conforme o ajuste. A officina não trabalha nos dias santificados. A *Civilisação* publica-se aos sabbados. Redacção e typographia, Seminario de Santo Antonio.
Por semestre.....	6$000	
Por trimestre.....	3$000	
Por mez.....	1$000	
Numero avulso.....	320	

E' redigido pelas mais habeis pennas do clero maranhanse, e comquanto ás vezes, sem duvida, preste flanco á critica esclarecida, é de incontestavel merito, e tem prestado relevantes serviços á Igreja Catholica Apostolica Romana, em cujo seio tive a fortuna de nascer.

Ainda hoje, felizmente, brilha e com muito bons creditos, principalmente depois que deixou de sustentar lutas inglorias contra aggressões injustas, caprichosas e calculadas friamente.

—

Aqui finalisamos esta *Memoria*, que nos custou muitas investigações, trabalhos e fadigas.

Notar-se-ha nella falta de ligações, porque não me propuz historiar factos e concatenar acontecimentos, visto que iria muito longe e fóra do meu programma.

Garanto porém a veracidade do que escrevi, sustentando assim, mercê de Deus, o cunho que até hoje tenho imprimido em todos os meus escriptos.

Acceitarei a discussão honesta, e prompto estou a reformar meu juizo e com docilidade, porque sempre reputei summamente ridiculo o julgar-se alguem infallivel, e ainda mais o mostrar-se despeitado por criticas, censuras ou observações, feitas (note-se bem), com o cavalheirismo e delicadeza proprios de quem nasceu e sempre conviveu em bôa sociedade.

FIM

O DR. FRANCISCO BONIFACIO DE ABREU

Trabalho lido na sessão do Instituto de 3 de Agosto de 1887 pelo Dr. A. V. A. Sacramento Blake.

I

Parece-me, Srs., estar ainda ouvindo os canticos do levita do altar, encommendando um morto.

Parece-me que echoam em meus ouvidos os sons lugubres e compassados do campanario, pedindo aos fieis —como outr'ora era de uzo—uma prece pelo descanço eterno do finado....

O anjo da morte acaba de cortar o fio de uma existencia preciosissima!

O tumulo acaba de engulir uma das bellas glorias da primogenita de Cabral; um dos brilhantes esmaltes da medicina brazileira e da Faculdade do Rio de Janeiro; um dos mimosos cantores das gentis palmeiras, de que as campinas do Brazil se adornam; um dos mais distinctos ornamentos do parlamento nacional; um dos mais nobres caracteres do imperio do Cruzeiro.

O vulto notavel a que me refiro, Francisco Bonifacio de Abreu, desappareceu dentre os vivos desde o dia 30 de Julho passado. Desde o dia 30 de Julho passado a imprensa fluminense com phrases repassadas de verdadeiro sentimento pranteia tão infausto passamento e todos os orgãos d'essa imprensa são uniformes, pondo em relevo os altos meritos do finado, aos quaes só e sómente devera elle a culminação gloriosa, a que subira.

« O paiz, a sciencia, as lettras e o partido conservador — escreve um de seus admiradores — soffreram uma

grande perda com a morte do prestante cidadão, do medico illustre, do littterato e poeta de fino gosto, e do parlamentar e administrador que nunca recusou ao seu partido e á sua patria os serviços de sua alta e privilegiada intelligencia.»

« O nome do barão da Villa da Barra—escreve outro que mais razão tinha para admiral-o, porque foi-lhe sempre amigo desinteressado e leal—significa muito em a nossa vida publica : elle quer dizer a sciencia medica, comprovada na clinica e na cathedra magistral com o maior vigor e distincção ; tambem quer dizer litteratura amena, brilhante em muitas manifestações de poesias originaes e traduzidas ; tambem significa o patriotismo desinteressado e que tão grandes provas apresentou durante toda a campanha do Paraguay sem nunca esmorecer nem entibiar ; quer finalmente dizer a lealdade politica, que jámais transigio, que foi sempre fiel á sua bandeira, que em tempo algum recuou do posto, onde melhor podia combater por suas idéas.

O que porém não sabem muitos que conheciam o homem publico e não privavam com o individuo, é que o barão da Villa da Barra era igualmente um coração generoso, capaz de todos os sacrificios ; que elle fazia da amizade uma religião, e não sabia pôr limites á sua dedicação.»

II

Não era socio do Instituto Historico ; mas que importa? Será isso motivo sufficiente para que não rendamos o merecido tributo ao homem, cujo nome pertence á nossa historia ; cujo nome abrilhanta uma pagina de nossa historia ? Não.

O Instituto deve fazer sentir ao mundo civilisado, que o Brazil possue glorias iguaes a suas maiores glorias ; que no céu da intelligencia brasileira ha tambem estrellas que brilham tanto, como as suas que mais tem brilhado. E entre nós mesmos, desde que seja bem conhecida a historia de homens taes, ella vai servir de

modêlo aos nossos concidadãos, e o que apresental-a, presta sem duvida alguma um serviço importante, não só as lettras, como á patria.

Quando somos feridos, diz Friedel, pelo desapparecimento de um homem, que por sua intelligencia, por seu caracter exercera acção poderosa e fecunda sobre seus contemporaneos e sobre a mocidade que com enthusiasmo o rodeava, é um dever e, ao mesmo tempo, doloroso previlegio daquelles, que o acompanharam ou que o apreciaram, fazer reviver sua imagem e renome.

Não póde ser completa a tarefa que á mim tomei; porque ella foi tomada de momento.

Ella é penosa, pungente; mais parece que em seu desempenho minora-se a dôr que é motivada pela perda do amigo. Ella é um balsamo á saudade.

III

Francisco Bonifacio de Abreu, barão da Villa da Barra, grande do Imperio, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, professor jubilado da mesma Faculdade, do Conselho de S. M. o Imperador, medico da imperial camara, coronel cirurgião-mór honorario do exercito, deputado pelo 14° districto da provincia da Bahia, grande dignatario da imperial ordem da Rosa, commendador da ordem de Christo, condecorado com a medalha da campanha contra o governo do Paraguay, e membro de varias associações de lettras e sciencias, nacionaes e estrangeiras, teve o seu berço na villa, hoje cidade, cujo nome servio-lhe para seu titulo, nessa provincia, e na qual vio a primeira luz a 29 de Novembro de 1819.

Era filho legitimo de Francisco Bonifacio de Abreu e de D. Joanna Francisca da Motta; era filho de pais honrados e virtuosos que souberam desde sua mais tenra infancia incutir-lhe n'alma os sãos principios de moral severa de envolta com o espirito do catholicismo, que elle sempre acatou e de que deu bem salutar exemplo durante toda sua existencia.

Sua mãi foi de uma das familias mais nobres de todo rio de São-Francisco, e parece (seja-o dito de passagem) que as mulheres d'essa familia, pelos fructos que produziram, foram dotados de ventre previlegiado!

De tres d'ellas posso dar-vos noticia: de uma nasceram o conselheiro José Mariani, já fallecido e o conselheiro Francisco Mariani, dous bellos ornamentos da magistratura brazileira; de outra o actual presidente do conselho de ministros, barão de Cotegipe, nosso consocio, cujo elogio não é preciso que faça; da terceira o barão da Villa da Barra.

Desde os estudos da instrucção primaria Bonifacio de Abreu demonstrou a intelligencia rara de que era dotado. Seu mestre muitas vezes abraçou-o na aula, ébrio de enthusiasmo, e tinha verdadeiro orgulho, apresentando-o como seu discipulo.

Nos estudos de humanidades, nos estudos superiores do curso medico sua intelligencia ia progressivamente se ostentando brilhante, de modo que seus condiscipulos o reverenciavam ao compasso, que seus lentes, por sua vez, o respeitavam.

Nunca se lhe notou uma falha de racciocinio, nem durante sua vida escolastica, um acto menos digno. Excessivamente delicado com seus collegas, nunca teve entre elles um unico desafecto.

Sempre distinguido com as approvações de melhor nota, elle nunca soube o que eram empenhos; e os mesmos collegas frequentemente o procuravam por occasião de exames do fim do anno lectivo para explicador dos pontos designados pela sorte para taes exames.

Concluido seu quarto anno medico na faculdade da Bahia, quando tinha de cursar as aulas de medicina operatoria e anatomia topographica, reconhecendo que na do Rio de Janeiro aproveitaria mais por achar-se esta faculdade annexa a um hospital muito maior, e por tanto dispôr de um mais provido amphiteatro para seu estudo, veio para a côrte e aqui concluio seu tirocinio medico em 1845.

Em sua these inaugural, afastando-se da norma em geral seguida pelos doutorandos, que então escreviam uma

dissertação sobre qualquer ponto de sua escolha, ou mesmo algumas proposições apenas, dissertou elle sobre quatro pontos diversos, qualquer delles de bastante interesse para a sciencia, a saber: I Os homens julgam acertadamente de seu similhante? Si não, o porque ? E como, si não acertar, se quer chegar da certeza de seu juizo ? II A organização tem sido prejudicada com a reforma que o capricho dos homens entendeu devia dar ao seu funccionar ? III O numero e a virtude dos medicamentos tem procurado á sociedade os bens que se d'elles promettia ? Qualquer será apto á administral-os ? Muitos, que o são, fazem-n'o com sisudez ? A falta de seu effeito é motivo de dezar ao medico ? IV Os bailes motivam alguma quebra na saude publica ?

Não quiz limitar-se a copiar compendios e observações clinicas, que é o que succede ao neophito da sciencia, propondo-se a escrever sobre uma molestia, por exemplo; escolheu por isso assumptos, que, além de grande interesse scientifico, permittiam a imaginação expandir-se, adejar livre pelo espaço immenso do raciocinio.

IV

Filho extremoso, depois de receber o annel do doutorado, foi visitar sua familia, foi contemplar o torrão onde vira a primeira luz, e ahi fez-se admirar pelos importantes casos de clinica, quer medica, quer cirurgica, de que encarregou-se.

De um d'esses casos, coroados de feliz resultado, deu elle conta no periodico *Athenêo*, sob o titulo « Extirpação de uma lupia (lobinho) que pesou mais de uma arroba ! » operação a que varios medicos se haviam recusado, porque o tumor, assentado no flanco direito na parte anterior do tronco conchegando-se ás raias do umbigo, e na parte posterior do mesmo tronco approximando-se á columna vertebral, era tão volumoso, que se debruçava, partindo d'esses pontos de inserção sobre a raiz da côxa direita.

E a operação foi feita sem um ajudante habilitado, e a doente era uma misera escrava.

De volta á capital apresentou-se ao concurso para preenchimento da cadeira de lente de geographia e historia no lyceu, sendo o primeiro classificado entre varios candidatos, todos com merecimento, e foi nomeado lente d'essa cadeira. Foi isso em 1850.

Por essa occasião escreveu Bonifacio de Abreu sua these sobre geographia e historia; antes d'isto havia dado a lume, tambem em sua provincia natal, dous mimosos romances em verso: *Tercina*, romance brazileiro e *Palmira* ou a ceguinha brazileira —o primeiro em 1848, o segundo em 1849.

Ha na *Palmira* um lindo episodio do assassinato de uma delicada donzella, Julia Fetal, covardemente ferida na Bahia em 1845 por um homem, que, traçando unil-a a si por laços matrimoniaes, foi por ella sempre repellido. E' magestoso, é verdadeiramente poetico o quadro da desventurosa moça, chegando ao céo, perante o throno da soberania eterna e, pallida e turbada da fadigosa jornada, ajoelhando-se a seus pés.

Eis como Bonifacio de Abreu pinta este quadro:

Trajada de neve pura,
Belleza, lyrio em candura,
Calou o Olimpo em procura
De fallar co'a Divindade.
Anjos—Archanjos topou;
Anjos—Archanjos saudou;
E tudo em stasi deixou
Pasmado da novidade.

Chegou á um throno que a terra
Do melhor dá-lhe que encerra,
Mas, quando discreve-o, erra,
Dizendo-o de ouro e brilhante;
Que ouro e brilhante são nada,
Não dão idéa ajustada
Da materia sublimada
Do alcaçar radiante.

Chegou emfim á esse throno,
Donde um sempiterno dono
Com nobre e singelo entono
Dava leis aos reis do mundo.
Cahida zumbaia fez,
Ajoelhou-se a seus pés,
Beijou-os a prima vez—
Tudo em silencio profundo.

Envolto o eburneo seio
N'um véo co'uma rosa ao meio,
Vermelha como o receio,
O pudor de uma donzella,
Pallido o rosto, affrontada,
Da fadigosa jornada,
Meio confuza, turbada,
Seduzia, era tão bella...

Que si o Todo Poderoso
Fosse um joven fabuloso,
Pintado libidinoso
Pelo grão cantor do Gama,
Elle, que a sós lá se achara,
Os rudimentos lançára
De novo amor que apagára
Do velho a cançada chamma...

E como este, tanto na *Palmira*, como na *Tercina*, ha quadros que arrebatam pela sublimidade da inspiração, pelo movimento, pela originalidade, pela graça da poesia.

Já vantajosamente conhecido em sua provincia natal, rodeiado de sympathias, Bonifacio de Abreu poderia ahi mesmo elevar-se muito; mas suas aspirações eram largas, e para realizal-as era muito limitado o horizonte, que se desdobrava a seus olhos.

V

Annunciava-se o concurso para um logar de substituto da secção cirurgica da faculdade de medicina da

côrte; elle o soube, embarcou logo para o Rio de Janeiro; inscreveu-se a 5 de Agosto de 1851 e n'esse certamen—em que teve por competidor Francisco Ferreira de Abreu, depois Barão de Theresopolis, talento robusto, muito conhecido do toda congregação—porque n'essa faculdade tinha feito o curso completo, confirmou Bonifacio de Abreu os creditos, de que já gozava.

Para esse concurso escreveu elle sua « Dissertação, na qual se justifica o abôrto provocado e depois se demonstra: 1°, que o abôrto provocado por ligitima indicação é menos arriscado e funesto, que o parto instrumental correspondente; 2°, que o abôrto espontaneo é menos perigoso do que o parto natural respectivo; 3°, que o abôrto complicado, mas ainda espontaneo, é menos perigoso, do que o parto complicado, mas ainda effectuado sómente pelas forças da natureza ».

As duas ultimas proposições são corollarios da primeira, e esse trabalho é um verdadeiro trabalho de mestre da sciencia.

Não obteve a palma da victoria, porque não foi o escolhido pelo governo; mas tambem não foi vencido, porque os combatentes dispunham de armas iguaes, de igual valor. Nem desanimou.

Dando-se outra vaga na mesma secção, quatro mezes depois, contados dia a dia, inscreveu-se ao novo concurso. Seu novo competidor, o Dr. Francisco Praxedes de Andrade Pertence, achava-se nas mesmas circumstancias do outro; já era, além d'isso, conhecido como anatomista distincto e ainda mais distincto operador, e entretanto foi Bonifacio de Abreu apresentado em primeiro logar e nomeado para o logar em concurso por decreto de 15 de Março de 1852.

O Dr. Pertence gozava tambem dos creditos de grande latinista e dera d'isso prova, escrevendo em latim sua these inaugural « De gastro-hysterotomia dissertatio ». Bonifacio de Abreu, que entretanto nunca cultivara a lingua latina desde que deixou os bancos da respectiva aula, quiz demonstrar, que até n'esse ponto podia fazer frente a seu illustrado competidor, e nos poucos dias que a lei concede ao candidato para exhibição de uma these,

escreveu e apresentou impressa sua these com o titulo « De chirurgo et de occulorum effusione,theses, quæ apud fluminensem medicinæ facultatem doctori Francisco Bonifacio Abreo, candidato ad unam cathedram sectionis chirurgiæ professore vicario carentem tuendæ sunt ».

Póde-se dizer, que esse concurso não limitou-se ás salas e amphitheatros da faculdade de medicina; o biographo da *Gazeta de Noticias* de 1 de Agosto acaba de affirmal-o, quando diz: « Tambem na prova de clinica cirurgica Bonifacio de Abreu discordou de seu illustre antagonista. Era um caso de cirurgia difficil; Pertence teve uma opinião e Bonifacio de Abreu sustentou outra. Diversos medicos illustres acceitaram o diagnostico do Dr. Pertence; mas pela imprensa, posteriormente, declarou o Dr. Bonifacio de Abreu, que a autopsia confirmara seu diagnostico ».

Quando em 1854 fez-se a reforma das faculdades medicas do Imperio foi elle nomeado professor da cadeira creada de clinica organica. Achava-se na Europa em consequencia de soffrimentos physicos, que o obrigavam a procurar alivio em clima do velho mundo, quando deu-se a nomeação, e, tomando posse do logar por procuração, seu primeiro empenho foi preparar-se convenientemente n'essa materia, com autorização do governo.

Procurou o mais celebre chimico do seculo actual, Carlos Adolpho Wurtz, esse vulto gigante que foi o orgulho da sciencia chimica franceza—Wurtz, cuja morte, occorrida a 12 de Maio de 1884, cubrio de luto seus numerosos discipulos, não só os da França, como tambem os do estrangeiro, que de todos os paizes do mundo o procuravam attrahidos pela fama de seu saber, e deixou n'essa sciencia um vacuo que ainda não foi preenchido, nem sel-o-ha tão cêdo.

Um amigo e compatriota seu apresentou-o ao sabio, mas sem dizer-lhe que o medico brazileiro, nomeado para leccionar chimica organica nunca havia cursado essa materia, nem que tal materia só d'essa em diante fazia parte do ensino medico nas faculdades do imperio.

Bonifacio de Abreu porém, que nada occultava, apresentou-se como um discipulo que queria aprender—o que

fez o grande mestre, em um encontro com o amigo que lh'o aprentara, estranhasse que no Brazil se nomeassem para lentes pessoas não habilitadas para isso, e só então viesse a saber do que occorrêra.

Poucos mezes entretanto se haviam passados e Wurtz dizia ao conterraneo de Bonifacio de Abreu : «Seu patricio é um talento maravilhoso; está habilitado para ensinar chimica organica em qualquer faculdade».

E effectivamente elle podia hombrear com essa immensa pleiade de estudiosos, que, deixando patria e familia para seguirem as sabias lições de Wurtz, com ellas tornaram-se notabilidades na sciencia, como por exemplo Ramon de Luna, F. Beilstein, A. A. Lieben, A Boutlerow, A. Rauer, E. Lippemann, N. Franchimont, A. Perrot, H. Schiff, B. Tollens, W. Louquinine, Alexeyeff, H. Norton e outros muitos, cuja designação me levaria longe.

E foi assim, que Bonifacio de Abreu tornou-se um abalisado mestre de materia que nunca havia estudado, e honrou a cadeira que lhe foi confiada, sem pedil-a, pelo governo imperial.

Jubilou-se n'essa cadeira por decreto de 20 de Agosto de 1873 com 21 annos 4 mezes e 17 dias de magisterio, escrevendo no exercicio d'ella alguns trabalhos, como a «Memoria historica da faculdade de medicina do Rio de Janeiro no anno de 1863».

VI

Sua Magestade o Imperador, que soube sempre distinguir e galardoar o verdadeiro merito onde quer que elle esteja, deu á Bonifacio de Abreu a maior prova de apreço, que, como soberano, poderia dar-lhe : nomeou-o em 1859 medico de sua imperial camara.

N'este mesmo anno, apenas entrou no gozo de tão distincto cargo, coube-lhe a honra de ser o medico designado para acompanhar o mesmo soberano e a Sua Magestade a Imperatriz nas viagens ao norte do Imperio. Por taes serviços elle, que já era cavalleiro da ordem de Christo, foi agraciado com o officialato da ordem da Roza.

Em uma de suas excursões, na visita á cachoeira de

Paulo Affonso, o Augusto viajante, sentado em um rochedo com o espirito estasiado, comtemplava mudo, silencioso, o assombroso espectaculo, que á seus seus olhos se apresentava. Havia alguma cousa de solemne na contemplação silenciosa do Imperador— como observou o autor das *Memorias* d'essa viagem ; a fadiga da viagem desapparecia de sua physionomia arraiada pela luz da alegria intima da alma feliz diante do poema homerico que a mão inspirada da natureza escreveu na fronte de pedra do gigante condemnado á aquella eterna solidão !

De igual extasi achavam-se possuidos todos os da comitiva ; e então um d'elles, o Dr. P. E. da Silva Deiró, dirige á Bonifacio de Abreu um desafio nos seguintes, inspirados versos :

Poeta, ergue essa fronte
Ao sôpro da inspiração ;
Escuta n'essa harmonia
Um hymno da creação !

Vê como aqui inspirada
A natureza é sublime !
No rugido d'essas aguas
De Deus o poder exprime !

Das eras que já não são
Vem decifrar os segredos
De tantas raças extinctas,
Escriptos n'esses rochedos.

Na harmonia selvagem d'esses hymnos
Oh ! vem de novo embevecer tua alma...
Vem ao menos dizer aos nossos évos
Que as margens jubilozas d'este rio
A fronte contemplaram soberana,
Cingindo a dupla c'roa gloriosa
Do genio e magestade...

E Bonifacio de Abreu, duplamente tocado de enthusiasmo pela maravilha que tinha ante si e pelo desafio,

provando que não era incompativel a grata convivencia das musas com as investigações, ás vezes enfadonhas, das sciencias chimicas, e com o manejo do forceps, respondeu-lhe em continente :

Ceus—que immensa maravilha !
Tanta grandeza me esmaga...
Todo o meu preito não paga
A commoção que me abala!
Nem siquer é o reino organico
Que me arrouba a phantasia.
Pedras... aguas... quem diria ?
Pedras... aguas... não importa,
Si a mão de Deus abre a porta
A's scenas da natureza.

Cataracta de Niagára,
Rainha lá de outra America,
Si eu tivesse lyra homerica,
Era tua fama nublada.
Olha : aquelle é Paulo Affonso...
O gigante lá desperta...
Do monarcha a mão aperta
Com seus ares de enfiado...
Disculpa ; está deslumbrado
Co'a vista do soberano.

Tem por halito do peito
Essa nuvem vaporosa
Que ora breve, ora espaçosa
Lhe traduz a expiração ;
De chefe traz por insignia
O iris que ás vezes cinge ; (1)
E faz-lhe officio de esphinge
D'esta Thebaida ou Palmira
Cada penha que se mira
Nas aguas do San-Francisco.

(1) O vapor d'agua, cortado pelo raio do sol, convèrte-se em uma facha luminosa da côr variegada do arco-iris.

O manto aquoso de perola,
Que desbanca a do Oriente,
Lhe ondeia como serpente
Sobre as espaduas robustas ;
Em borbotões que trovejam
Vão d'agua monstros caixões
Entre negros paredões
A todo brida voando ! (1)
E' o gigante chamando
A naiade de seus amores.

Para mais nos confundir
Qual vivente, que, ora langue,
Ora turgido de sangue,
Fórma relevos diversos,
Assim do gigante a ossada
Um tempo as aguas encobrem,
E outro em parte a descobrem,
Imitando as duas phases
De que julgavam capazes
Sómente o reino animado.

Gigante d'estas devêsas,
Por mais que busques modesto
Occultar do mundo ao resto
Da tua grandeza o solio,
E's violeta, cujo aroma
Argúe a escura morada ;
E's palmeira debruçada
No areal do deserto ;
E's alma que vê de perto
A que se adora na ausencia.

E' tal de teu nome a fama,
Que das plagas do Janeiro
O monarcha brazileiro
Quiz... bastou — Veio saudar-te.
Entretanto só Deus sabe
Quanto custou-lhe a partida.

(1) Estes tres versos são do romance Palmira, já citado.

Lá stam vida de sua vida
Dous lindos astros do sul,
Seja o céo negro ou azul,
A pedir que volte, volte.

Eu mesmo que não avulto
Das creaturas na escalla,
Sinto que dentro me falla
Queixosa voz da saudade,
Sim — que estas aguas banharam
O torrão que deu-me o ser,
Mas não me podem dizer
Si de meu nome a lembrança
E' uma louca esperança
Que só vegeta em meu peito.

Entretanto acceita o preito
Que humilde a teus pés deponho.
Deixaste de ser um sonho
Na harpa do trovador.
Si as naiades do San-Francisco
Pedirem-te um dia a historia,
Do teu passado de gloria,
Narra este facto—só este:
Que em teus paços recebeste
O Imperador do Brazil.

E effectimente Bonifacio de Abreu cultivou a poesia sempre. Varias de suas composições fôram postas em musica, como essa que tem por titulo *Lembranças do nosso amor*; publicou algumas já nos ultimos annos de sua vida, como por exemplo, um soneto ao tricentenario de Camões e outro por occasião da morte do Duque de Caxias. Ambos estão publicados no *Jornal do Commercio* da côrte, e sabe-se, que deixou inedita uma grande cópia de poesias, assim como uma traducção de Dante (1).

(1) Acaba de sahir á luz no Rio de Janeiro esta obra, isto é: « *A divina comedia*, de Dante Alighieri, fielmente vertida do texto. » Contém o livro 505 paginas in-8° e mais 31 do prefacio do editor e da introducção, feita pelo Dr. Araripe Junior. E' o primeiro dos escriptos ineditos do Barão de Villa da Barra, os quaes, segundo consta, vão ser publicados por seu sobrinho, o Dr. J. C. Mariani

Um de seus bellos trabalhos poeticos é a opera lyrica em tres actos *Moemia eParaguassú*, episodio da descoberta do Brazil, a qual foi traduzida em italiano pelo Dr. Ernesto Ferreira França, hoje professor jubilado da faculdade de direito de S. Paulo, com as honras de dezembargador, e impressa no Rio de Janeiro em 1860.

VII

Gozando da estima e consideração de seus collegas da congregação da faculdade de que era lente, assim como do respeito e sympathia de seus discipulos; considerado como um dos primeiros clinicos do Rio de Janeiro ; cercado de distincções; em uma posição emfim lisongeira, por occasião da guerra contra o governo do Paraguay, Bonifacio de Abreu, que suffocava os impulsos de seu coração, desde que vio sua patria ultrajada pelo despota mais abominoso e nefando das gerações modernas, seguio tambem para o Rio da Prata a fazer parte do exercito em operações e foi quem ahi substituio o nunca assás chorado conselheiro Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, o Dupuytren brazileiro, na direcção do corpo de saude.

Quando parecia, que os briosos officiaes d'este corpo se chocassem por vir commandal-os um medico *paizano*, o contrario d'isso succedeu, porque o novo chefe não só sabia fazer justiça, mas tambem, com o trato ameno e delicado que lhe era natural, sabia fazer-se amar de todos.

São notorios os serviços por elle prestados n'essa memoravel campanha. O governo imperial e Sua Magestade o Imperador os reconheceram devidamente, elevando-o a commendador da ordem de Christo, dignatario da ordem da Rosa, coronel cirurgião-mór honorario do corpo de saude do exercito e titular com grandeza.

A heroica provincia da Bahia, a seu turno, rendeu-lhe um tributo de gratidão, elegendo-o deputado á 14ª legislatura geral, quando elle achava-se ainda no Paraguay.

Foi n'essa legislatura que se votou a primeira lei da abolição da escravidão, a lei da liberdade do ventre, a

unica consentanea com os intresses individuaes e que jámais poderia ferir a propriedade legalmente adquirida, e comquanto elle não votasse pelo projecto do governo ; o que foi adoptado pela maioria do parlamento, nem por isso se opunha á grandiosa idéa da emancipação do escravo, porque apresentou á camara um projecto seu.

Duas vezes subio á tribuna, tratando d'esse assumpto: na sessão de 11 de Julho e na de 18 de Agosto de 1871.

Depois continuou a representar sua provincia natal na camara temporaria. Só não representou-a na legislatura que seguio-se á assenção da politica, que lhe era adversa, com o gabinete de 7 de Janeiro de 1878. Na immediata, a primeira feita pela eleição directa, vimol-o apezar da oposição mais calculada, occupando uma cadeira no parlamento e agora seria, sem duvida, o mais votado para o preenchimento da vaga aberta no senado com o fallecimento do conselheiro J. J. de Oliveira Junqueira, si a morte não cortasse o fio de sua tão preciosa existencia.

Sem duvida, digo, porque Bonifacio de Abreu era influencia legitima em sua provincia, principalmente no centro. Era tão legitima, que, competindo com outras influencias locaes, residentes no termo, presentes ao pleito, elle — sem arredar-se da côrte, sem grande esforço, e durante o dominio de adversarios rancorosos pôde sempre vencer.

Bem que dotado de todos os dotes oratorios, muito poucas vezes orava. Sua palavra era sempre facil, fluente e elegante.

VIII

Nunca recusou ao partido, sob cuja bandeira se alistára, os serviços que o partido d'elle exigisse. Foi assim que acceitou a espinhosa nomeação de presidir duas provincias do Imperio, a do Pará e a de Minas Geraes. Presidio-as revelando verdadeiro tino administrativo, sem praticar jámais um acto contrario a sua consciencia, e que não fósse muito premeditado, de accôrdo com as leis da honra e da justiça.

Occupando, como delegado do governo imperial, a mais elevada posição na provincia a elle confiada, muitas vezes deixou a cadeira da administração para acudir ao gemido da dôr, á similhança do eximio e conspicuo clinico fluminense Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, tambem arrebatado dentre os vivos com geral consternação a 24 de Julho de 1880, o qual, presidindo uma provincia por occasião da epidemia do colera-morbus, reservava uma opportunidade para ir aos hospitaes levar, elle proprio, o remedio aos que cahiam prostrados pela cruel enfermidade.

E' sabido o cavalheiroso e nobre procedimento de Bonifacio de Abreu em relação á veneranda matrona, mãi de um adversario politico que não despresava meios de agredil-o, e que se achava gravemente enferma e desenganada pela sciencia, á qual elle foi livre e espontaneamente offerecer seus serviços profissionaes, procurou ministrar o balsamo da vida... procurou emfim restituir a nobre senhora á familia, que a estremecia.

Eis, senhores, o vulto sympathico e venerando que acaba de desapparecer dentre nós ; tracei d'elle um ligeiro esboço, á morte-côr — apenas.

Não lhe perturbemos o somno.

Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1887.

CARTAS

SOBRE A

REVOLUÇÃO DO BRAZIL*

PELO

Conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira

CARTA 1ª.

Meu amigo e senhor.

Tem V. S. razão; nem eu me felicitára pela minha nomeação para os Estados-Unidos, porque desconhecesse a difficuldade de uma tal missão no momento em que acaba de rebentar entre nós uma revolução. Si escrevi a V. S., que este despacho me era particularmente agradavel nas actuaes circumstancias, é porque elle me proporciona os meios de sahir decorosamente d'este paiz e d'esta côrte antes daqui se verificar a explosão que ha muito se receia, e que agora, depois de feita a revolução em Portugal, é impossivel se não realise dentro em muito pouco tempo. E é tanto maior este receio, quanto são desvairados e até diametralmente oppostos os muitos pareceres, que depois das noticias chegadas da Europa têm feito subir á presença de Sua Magestade pessoas de todas as classes e todas as graduações, que o mesmo Senhor se tem servido de querer ouvir sobre este tão importante assumpto.

---

*Estas memorias comprehendem tres cadernos de cartas autographas de Silvestre Pinheiro Ferreira a um seu amigo. Dois cadernos com cópias conferidas e numeradas, e os pareceres autographos dos ministros Conde de Palmela, Ignacio da Costa Quintela e conselheiro Thomaz Antonio de Villanova Portugal, e outros documentos muito importantes.

Uns figuram a revolução acontecida em Portugal como um acto de tão tresloucada temeridade, que não hesitam afiançar a el-rei, que antes de poucos mezes, e por ventura em poucos dias, o povo acordando do assombro, em que naturalmente ficou no primeiro repente de uma tão inesperada commossão, obrigará os autores d'ella a virem implorar perdão e misericordia aos pés do throno; mas pouco certos d'esta sua asseveração accrescentam, que em todo o caso se deve invocar a cooperação das demais potencias para suffocarem o incendio, que não só tem já lavrado por toda a peninsula da Espanha, mas que quasi ao mesmo tempo vai levantando labaredas na da Italia e no Archipelago, ameaçando devorar toda a Europa.

N'esta conformidade se tem com effeito expedido ordens e instrucções aos nossos ministros junto ás differentes côrtes; e parece se preparam, quanto o apuro dos recursos d'este estado o permitte, a empregar todos os meios da força para destruir em sua origem o que o ministerio antolha como empreza de uma mera facção atrevida, mas pouco numerosa.

Outros pelo contrario, dando inteiramente por perdida a causa da monarchia em Portugal, aconselham a Sua Magestade como desd'annos a esta parte não cessam de intimar, que, abandonando aquelle tão desgraçado, segundo elles se exprimem, como insignificante pedaço de terra, applique todos os seus reaes cuidados a organizar n'este vastissimo continente um imperio, que pela sua extensão, pela variedade de seus climas e pela incommensuravel riqueza das suas producções não póde deixar de vir a ser dentro em poucos annos o mais florente de quantos se conhecem na historia.

Um pequeno numero de homens, em cuja opinião os successos da revolução franceza offerecem o mais adequado prototypo de quantas depois d'ella tem rebentado nos differentes estados da Europa, ouvia com tanta admiração o menospreso com que uma parte do ministerio encara a revolução de Portugal, quanto foi o horror, que lhes causou vêr que em peitos portuguezes possa caber a revoltante idéa de despedaçarem com o ferro estrangeiro o seio d'aquella mesma patria, que lhes deu o ser.

Mas mesmo entre estes mesmos homens moderados é grande a discrepancia dos votos, porque uns aconselham Sua Magestade, que, deixando o Brazil confiado a uma regencia, como a que em 1807 ficou encarregada do governo de Portugal, regresse quanto antes a aquelle reino, afim de ali dirigir os progressivos successos da revolução e manter os direitos da sua real corôa: outros são de parecer, que, commettendo este cuidado a Sua Alteza Real o principe herdeiro, Sua Magestade (dizem uns) se applique a impedir, que no Brazil se não faça innovação, emquanto nas côrtes de Portugal se não ultima o edificio da nossa constituição de toda a monarchia. Entretanto que outros concordando em que Sua Alteza Real é, que deve ir presidir aos trabalhos do *Congresso Nacional*, são de parecer, que pela sua parte um congresso particular do Brazil, debaixo da immediata direcção de Sua Magestade, formalise uma constituição, que lhe seja appropriada, bem que conforme aos principios que servirem de base ás instrucções que Sua Alteza Real houver de levar para de accordo dirigir os trabalhos das côrtes geraes da monarchia em Lisbôa.

Porém o maior numero dos que, nutrindo sentimentos de patriotismo para com Portugal, se horrorizam da idéa de chamarem sobre elle o ferro e fogo dos huzares e Cosacos; os mesmos, que se indignam de ouvir aconselhar ao soberano, que abandone a sua propria patria aos horrores de uma revolução toda democratica, ou o que vale o mesmo toda anarchica e desoladora, são de voto, que Sua Magestade, confiando ao principe real a regencia do Brazil com o principal encargo de obstar a que n'elle rebentem os germens da revolução, que é impossivel dissimular, que n'elle existem e fermentam em mais de um sentido, se transporte com toda a sua côrte a antiga séde da monarchia, na certeza de que á sua chegada ou se achará já consummada a obra da reformação politica do estado, ou sem consideravel demora se ultimará, conforme aos direitos da sua real corôa, como inseparaveis que são dos verdadeiros interesses da nação.

Parece-me ouvir-lhe perguntar — E qual foi n'essa diversidade de pareceres a sua opinião?

Até agora (não obstante ter tido quasi todos os dias a honra de beijar a mão de Sua Magestade) ainda me não deu signal de querer saber o que eu penso sobre taes assumptos. Mas si me é licito conjecturar o motivo d'este seu silencio, persuado-me, que provém de Sua Magestade saber, vai já em seis annos, tudo quanto hoje (porque se acham realisados os acontecimentos, que então lhe predisse) eu poderia dizer sobre a materia.

Então julgou Sua Magestade ou que taes predicções se não viriam a cumprir, ou que os meios por mim apontados para se prevenirem os males, que eu receava, eram insufficientes ou impraticaveis. Qualquer que tenha sido d'estes differentes conceitos o que Sua Magestade formou do trabalho, que de sua ordem então emprehendi, e tive a honra de levar ao seu real conhecimento, o que se póde concluir é elle lhe parecer inadoptavel, provavelmente ainda hoje o capitula da mesma fórma e por tanto reputa inutil o interrogar-me novamente sobre o mesmo assumpto.

Eu espero por todo o mez do proximo Fevereiro uma fragata americana, que do Pacifico deve por aqui passar para os Estados-Unidos, e segundo o que com Mr. Appleton tenho conversado, n'ella me proponho fazer viagem para o meu destino. Entretanto não deixarei de participar a V. S. o que fôr descortinando por este horizonte politico. Mas por todo elle vejo engrossarem-se os ares; e muito receio, que a cerração venha a ser geral.

Tenho a honra de ser etc.

Rio de Janeiro.

CARTA 2.ª

Meu amigo e senhor.

Enganei-me. Sua Magestade, quando hontem a noite tive a honra de lhe beijar a mão, dignou-se de ordenar-me, que esperasse para lhe falar, acabada a audiencia; mas como finda ella entrassem os ministros

para o despacho, mandou-me, que voltasse esta manhan pelas dez horas.

Não sei exprimir a magoa, que experimentei, quando lhe ouvi expor o estado em que pelas ultimas noticias se lhe figuraram os publicos negocios, que Sua Magestade, pela sua natural perspicacia, e pelo grande tacto adquerido no manejo do governo, considera como perdidos sem remedio.

Era do meu dever o não fortificar esta melancolica prespectiva, mas não o era menos o não a impugnar. E por tanto limitei-me a dizer, que a Sua Magestade devia ser ainda presente o parecer, que de sua ordem eu puz em sua real presença em Abril de 1814 tendente a evitar este fatal desfexo, que eu ali predicera ajuntando os meios de o previnir. Mas que, tendo-se elle emfim realisado, não se tratava já de perder tempo nem em discutir quaes tenham sido as causas que a elle conduziram, nem tão pouco em discussões juridicas sobre o gráo de criminalidade, que o facto da revolução em si mesmo envolvia.

Dignou-se Sua Magestade de accrescentar a esta minha observação, que isso era uma verdade; mas que quantos pareceres até então tinha recebido das pessoas, que houvera por bem ouvir n'esta occasião, peccavam por um ou por outro d'estes dous defeitos; e que, si algum havia que se chegasse ao verdadeiro ponto da questão, isto é, a expor succintamente as providencias praticas, que n'estas circumstancias cumpria darem-se, o fazia em termos tão geraes e em maneira tão desligada e imperfeita, que pouco ou nada se podia esperar da sua adopção. O que me advertio para que, no que eu tivesse a dizer, procurasse combinar em tal systema e arranjo as providencias, que mais apropriadas ás actuaes circumstancias me parecessem, que, satisfazendo a todas as partes d'este complicadissimo problema, se não attendesse menos aos interesses do Brazil que aos de Portugal, onde parece, que todos tem fixado exclusivamente a sua attenção; entretanto que a Sua Magestade parecia evidente não se poder abstrahir de nenhum dos dous paizes, sempre que se tratasse de regular negocios em

que se acham cumulativamente compromettidos os interesses de toda a monarchia.

Cito a V. S. estas observações de Sua Magestade, para que por ellas V. S. possa avaliar a verdade do que por vezes lhe tenho escripto sobre a fineza de tacto, que o mesmo Senhor possue na justa determinação do ponto cardeal sobre que versa qualquer questão.

Depois de certificar á Sua Magestade, que tal era precisamente o meu modo de encarar a honrosa commissão, de que me achava encarregado, voltei á cidade, e tirando uma nova cópia do parecer acima mencionado que em Abril de 1814 tive a honra de apresentar a Sua Magestade, o appensei a uma breve memoria, na qual dizia, que, não tendo a propôr actualmente providencias diversas d'aquellas que na referida época expendi no meu dito parecer, só tinha a accrescentar algumas reflexões quanto ao modo de agora se proceder á execução das medidas all expostas, visto que differentemente se devia conduzir a esse effeito o governo de Sua Magestade, depois que os povos se achavam em commoção no reino de Portugal, do que na época em que eu as propuzera, quando tudo se achava em perfeito socego e a Sua Magestade era livre adoptar o plano de execução, que menos abalo fizesse no andamento ordinario dos negocios, afim de que a passagem da antiga para a nova fórma de governo, sendo por uma parte rapida e continua, não evitasse as convulsões, que caracterisam as reformas populares e por isso trazem comsigo mesmas os germens da sua propria destruição.

Rometto sómente á memoria, porque o parecer dado em Abril de 1814 já eu communiquei a V. S. em outra occasião.* N'esta repito o mesmo, que então lhe observei. Eu ao dar este meu voto a Sua Magestade sei, que elle nem hade nem póde ser pelo mesmo Senhor adoptado; e por isso ao entregar-lhe tornei a repetir-lhe o mesmo que lhe disse em 1814:—Obedecendo ás ordens de Vossa Magestade, exponho n'esse papel o systema de providencias, cujo complexo me parece satisfazer aos differentes pontos do

* Vide Revista Trimensal de 1881, tom. 17, part. 1ª, pag. 1.

problema politico, que se trata de resolver. Mas como ignoro, si elle merecerá a sua real approvação, abstive-me de fatigar a benigna attenção de Vossa Magestade com a exposição dos detalhes, que exigiria a sua execução.

Sim, meu amigo, eu estou certo, que o desenvolvimento dos artigos d'esse meu plano seria hoje ainda mais inutil, si é possivel, do que em 1814. Então não seriam lidos: hoje até seriam calumniados. Para d'isto se convencer basta, que lhe diga, que n'este momento exulta certo partido (por ventura o mais forte no ministerio) com a barbara esperança de que o marechal Beresford, approximando-se á costa de Portugal, e sabendo da revolta que acabava de succeder, se terá posto á testa da tropa, que, em parte ao menos, dizem estes amantes da sua patria, não póde deixar de o reconhecer ainda por seu chefe, e a fogo e sangue restabelecerá n'aquelle reino as autoridades, que a revolução tenha expulsado de seus portos.

Com taes esperanças e com as que fundam no concurso das potencias unidas pelos vinculos da Santa Alliança, já V. S. póde conjecturar o caso, que faziam d'esse meu voto. Mas já disse, que o não dei por esperar, que fosse adoptado; porém sim e tam-sómente porque era meu dever o dal-o em cumprimento ás ordens de Sua Magestade.

Adeus, meu bom amigo etc.

CARTA 3.ª

Meu amigo e senhor.

A chegada do conde de Palmella a esta côrte produziu com effeito o choque electrico, que todos esperavamos. Não que pessoa alguma, do meu conhecimento ao menos, previsse, nem ainda hoje tenha assignado a direcção, que este ministro vai dar aos negocios publicos da nossa monarchia. O que eu por ora posso entrever é, que o partido brasileiro cobrou com a sua presença e com a revelação dos seus projectos ao conselho de Sua Magestade uma

energia, que até agora se não tinha observado, nem mesmo presumido que elle fôsse capaz de desenvolver.

Quanto o novo ministro se empenha em que Sua Alteza Real parta sem demora para Portugal, tanto aquelle partido se esforça em retel-o no Brazil: e já se não trata de nada menos que de obrigar a todo o custo Sua Magestade a largar esse paiz, ou ceder o throno a seu filho.

Está decidido por el-rei, e é notorio de um modo official, que Sua Alteza Real partirá em breve prazo para Portugal; devendo aqui deixar a princeza sua esposa, que se acha muito proxima ao seu bom successo. E mesmo se accelera a sua partida para que esta circumstancia sirva de obstaculo a ella o acompanhar.

Mas si me é licito adiantar a minha particular conjectura, Sua Alteza Real não parte. Elle não o quer. O partido brazileiro, que tem muito forte apoio no ministerio está disposto a fazer os ultimos esforços para que tal partida se não realize; e (seja-me licito mais esta conjectura) o mesmo conde de Palmella se verá em grande embaraço, quando Sua Alteza Real exigir de seu Augusto Pai, que se lhe dê instrucções bastantes, claras e explicitas, que lhe hajam de servir de governo no objecto para para que Sua Magestade o manda a Portugal.

E' verdade, que pessoas de particular confidencia do conde me affirmam ter elle apresentado dois projectos de constituição, um para se pôr em pratica n'este reino do Brazil, e outro que Sua Alteza Real deve ir encarregado de fazer adoptar pelas côrtes de Portugal. E' verdade, que as mesmas pessoas me affirmam serem estes dois projectos de uma tão perfeita e bem acabada harmonia entre si, que longe de se chocarem, por seu meio se vai a estabelecer mais solido e estreito nexo entre estas duas importantes partes da monarchia.

Eu estou mui longe de querer contestar nenhuma d'estas asserções. Mas independentemente da sua exactidão, ou antes dando por certo que ellas sejam da mais exacta verdade, ainda me falta saber: si Sua Alteza Real vai, ou para melhor dizer, si póde ir munido de instrucções

bastantes e de sufficientes meios para fazer adoptar pelas côrtes de Lisbôa o projecto do conde de Palmella.

Que lhe parece a V. S. ?

Adeus, meu respeitavel amigo, etc.

CARTA 4.ª

Meu amigo e senhor.

Decidio-se emfim a sorte do Brazil: quebrou-se o nexo, que unia suas provincias a um centro commum: e com a dissolução do Brazil se consuma a dissolução da monarchia, que no preambulo do meu parecer de Abril de 1814 vaticinei a Sua Magestade achar-se imminente.

A Bahia acaba de desligar-se da obediencia de Sua Magestade com o pretexto de adherir ao systema das côrtes de Lisbôa. Provavelmente a estas horas tem feito outro tanto Pará, Maranhão e Pernambuco: as demais provincias seguil-as-ão de perto. Mas o facto é, que, desligadas d'este centro, e de um systema existente para se ligar a uma autoridade, e governar-se por uma legislação que ainda não existe e talvez não existirá jámais, é dissolver todo o nexo social; é substituir a um governo defeituoso sim, mas emfim governo que tinha e podia seguir ainda um andamento protector dos direitos civis de cada habitante, a mais completa anarchia.

Que feliz concurso de circumstancias poderá tornar inda doceis os habitantes de cada qual d'aquellas provincias á voz de uma autoridade? E si isto é difficil de conceber em cada uma, quanto difficil não é, que jámais voltem todas a obedecer a uma autoridade commum a todas ellas!

Eu ignoro quaes fôram as causas proximas da explosão, que acaba de rebentar na Bahia; mas si são exactas as noticias, que dali acabam de chegar, e que parecem estar de accôrdo com o que pouco habeis em manejos diplomaticos deixam perceber algumas das principaes victimas d'aquella revolução; o partido europeo informado do projecto da constituição brazileira, de que

falei a V. S. na minha precedente carta, e não concebendo que seja possivel existirem duas constituições differentes dentro de um só estado, assentaram prevenir este acontecimento, proclamando a adhesão ás côrtes e ao systema, que por ellas se houver de decretar em Portugal.

E que partido toma na presença de tão formal defecção da principal provincia do Brazil o governo de Sua Magestade?

Eu ignoro-o. Mas como não é cousa, que se possa passar em segredo, brevemente nos acharemos em estado de assentar o nosso juizo.

Seja V. S. tão feliz como lhe deseja, etc.

CARTA 5.ª

Meu amigo e senhor.

Bem dizia eu, que brevemente se viria no conhecimento do partido, que o governo se decidisse a tomar na presença do importantissimo acontecimento da defecção da provincia, ou (como aqui se prefere dizer) da cidade da Bahia.

O conde de Palmella, que na sua viagem para esta côrte havia passado por ali, e que afiançava não haver, que receiar sublevação d'aquella parte (e devo dizer, que em igual engano laborava o proprio governador o conde de Palma, e varias outras pessoas qualificadas, que o governo de Sua Magestade ouvio sobre o espirito de que aquella provincia se achava animada), o conde de Palmella pois explicou esta explosão diametralmente opposta ás suas asserções como effeito da desesperação, por se vêr que o governo não cuidava em dar ao Brazil uma constituição, que o puzesse em circumstancias iguaes ao reino de Portugal, e daqui concluio, que o unico meio de alliciar ainda os Bahianos, e de impedir que as demais provincias seguissem o seu exemplo era de accelerar, quanto fôsse possivel, a publicação da carta constitucional para este reino, tanto mais que a sua adopção

facilitaria a de que Sua Alteza Real deve ser encarregado de propor ás côrtes de Portugal.

O susto, que a defecção da Bahia produzio em todos os animos, não podia deixar de enfraquecer a opposição, que esta idéa do conde havia constantemente experimentado da parte dos outros dous ministros de estado, e por isso agora sem a combaterem cara á cara assentaram de a frustrar, ganhando ao mesmo passo o mais tempo que pudessem, para os fins que cada um tem em vista, e que eu me abstenho de expender por esta vez. Assim concordaram em que se formasse uma junta destinada a deliberar sobre os meios de occorrer ás actuaes precisões politicas do estado segundo os principios, e ajuda das luzes dos ministros, que consta do decreto, que incluso remetto a V. S.

Não me demorarei em ponderar o que o governo teve em vista, e muito menos o que elle devia esperar das deliberações de uma junta composta, como V. S. observará, de homens na verdade doutos e animados de patrioticos sentimentos, mas os mais oppostos em principios que imaginar se pode. O que aconteceu foi, que na primeira sessão, que tiveram hoje desde as 11 horas da manhan até ás 6 da tarde em casa e debaixo da presidencia do conde de Palmella, foram taes e tão disparatados os discursos e pareceres emittidos pelos differentes conselheiros, que todos sahiram plenamente convencidos da inutilidade de similhantes conferencias, triumphando os partidistas da temporisação pelo feliz exito do expediente que haviam suggerido, e os verdadeiros amigos da causa publica desesperados de assim verem malbaratar-se o tempo, de que nem um só momento se póde perder para applicar ás enfermidades, que tão gravemente ameaçam a vida do estado, os mais promptos e energicos remedios, si remedios póde ainda haver para tão grande mal.

CARTA 6.ª

Meu amigo e senhor.

E bem sem remedio era o mal da monarchia, como eu na minha ultima presagiava, dando conta a V. S. da

primeira sessão da mal fadada junta consultiva sobre a carta constitucional, que se intentava dar a este reino. Ella só servio de determinar e talvez de accelerar a explosão.

Aqui, do mesmo modo que na Bahia, segundo referi a V. S. na minha carta de..., os Europeus aterrados com a idéa de vêr tomar o Brazil uma atitude constitucional differente do que pelas cortes da metropole lhe fôsse decretada, assentaram, que não havia um só momento a perder para proclamarem a adhesão á causa de Portugal, qualquer que ella fôsse, ou qualquer que ser possa a constituição, que as cortes ora congregadas n'aquelle reino houverem de decretar para toda a monarchia.

Aqui, do mesmo modo que na Bahia, o partido brazileiro (quero dizer os que têm em vista dar uma constituição ao Brazil sem curar da sorte de Portugal) retirados atraz da cortina tem visto com satisfação, que os Europeus rompam a scena: atiçam cautelosamente a incipiente revolução, certos de que em ultimo resultado hão de ser os indigenas, e não os advenas que ham de ficar senhores do campo da batalha. Quão funestas serão para elles mesmos as consequencias d'esta cruenta lide!

Hoje pelas sete horas da manhan, quando, apenas levantado, eu me assentava a trabalhar, no fórma do meu costume, sinto parar defronte da minha porta um cavalleiro, que a toda desfilada vinha gritando — Viva el-rei constitucional!... Vivam as côrtes de Portugal!... E logo subindo-me á escada me chamou pelo meu nome: faço-o entrar, e reconheço ser um tenente de caçadores n. 3, que me diz: — Da parte de Sua Alteza Real venho chamar a V. Ex. para se apresentar sem demora na praça do Rocio, onde o mesmo Senhor se acha com o senado da camara, a fim de prestar juramento de adherir á constituição, que fizerem as côrtes de Lisboa; tendo-o Sua Magestade assim decretado, e nomeado a V. Ex. ministro e secretario de estado dos negocio estrangeiros e da guerra, assim como para os negocios do reino ao Sr. Quintella, e na mesma conformidade aos demais ministros, por ter dado a demissão aos que antes eram.

Respondi: que eu passava a apresentar-me, e que iria receber as ordens de Sua Alteza Real.

Com isto partio aquelle official. Porém, como eu julgasse que similhante intimação não tivesse a precisa regularidade para eu me transportar ao logar em que se praticava (a ser verdade o que eu acabava de ouvir) uma verdadeira revolução sinão na essencia (a ser certo que Sua Magestade era n'isso de acordo) ao menos na maneira porque se manifestava a vontade do mesmo Senhor, resolvi não sahir da minha casa, emquanto por modo mais regular me não constasse das reaes determinações a meu respeito.

Não tardou porém muito, que não voltasse outro official do mesmo batalhão, reiterando-me a mesma ordem da parte de Sua Alteza Real, e insistindo em que eu o acompanhasse. Excusei-me com o pretexto de não estar ainda prompto, e com a promessa de que eu não tardaria em seguil-o, se retirou.

Estando eu firme no meu proposito de esperar por uma ordem concebida em fórma menos revolucionaria, quando ouço chamarem-me da rua a grandes vozes: e acudindo á janella vejo em frente d'ella o mesmo official, que primeiramente me chamára, o qual, apenas appareci, voltando-se para a visinhança que a aquelles brados se achava pelas portas e janellas, exclamou:—Tomo por testimunhas a todos os presentes de como pela 3.ª vez é chamado Fulano da parte de Sua Alteza Real para ir incumbir-se do emprego para que o mesmo Senhor o ha nomeado, e prestar o juramento á constituição das côrtes de Portugal. O que dito, partio, tomando o caminho do Rocio.

Em taes termos julguei não dever demorar por mais tempo e sahi a verificar por mim mesmo o que Sua Magestade havia com effeito determinado ao meu respeito, e fui em direitura á casa do meu annunciado collega o vice-almirante Quintella, afim de concertar com elle sobre o que deveriamos fazer. Ali soube como elle se achava já no Rocio, e fui por varias pessoas informado de como com effeito já tambem lá se achavam juntamente com Sua Alteza Real o senado da camara, e o bispo capellão-mór.

Em consequencia dirigi-me para ali, e apresentando-me a Sua Alteza Real, recebi de sua mão o real decreto, que me nomeava para o emprego, que fica referido.

Quiz eu e os meus novos collegas partir para a quinta da Bôa-Vista, onde Sua Magestade se achava, para recebermos as suas reaes ordens, mas não nos foi concedido sahirmos dali emquanto se não prestasse o juramento de adhesão ao auto, que Sua Alteza Real acabava de dictar ao escrivão da camara, e pelo qual o mesmo Senhor no seu nome e no de seu augusto pai, com todas as autoridades que presentes se obrigaram a acceitar, guardar e fazer guardar a constituição, que fizessem as côrtes de Portugal, na conformidade do decreto que com a data de 24 do corrente se fizesse publico n'aquelle mesmo acto.

Cumpre, que eu diga a V. S., que com effeito no dito dia 24 esteve vencido no conselho de ministros, que Sua Magestade emittisse um decreto, pelo qual declarasse adherir e adoptar para o reino do Brazil a constituição, que as côrtes de Portugal fizessem, salvas as modificações que as circumstancias locaes tornassem necessarias. E com effeito chegou Sua Magestade a assignar este decreto. Mas prevalecendo depois a opinião de primeiro se tratar o assumpto na junta, de que acima falei, mandou Sua Magestade sustar a publicação d'elle : e achava-se na mão de Thomaz Antonio de Villa nova Portugal.

E' este decreto, que Sua Magestade ordenou a Sua Alteza Real, que fôsse buscar á casa d'aquelle ministro, quando o principe voltou do Rocio a São-Christovão, participando-lhe a vontade da tropa e do povo congregados n'aquella praça.

De volta pois ao Rocio com este decreto, Sua Alteza Real começou a lêl-o ao povo do alto da varanda do theatro, mas antes de acabar foi interrompido pelas acclamações—de que nada de modificação : a constituição das côrtes tal e qual ellas a fizessem.

Tornou portanto Sua Alteza Real a São-Christovão a representar isto mesmo a Sua Magestade, que, fazendo lavrar novo decreto, excluio d'elle a clausula das modificações, que no primeiro se indicavam. E juntamente

assignou as nomeações dos novos ministros de estado e mais empregados, que Sua Alteza Real fez logo publicar na sua chegada de volta ao Rocio.

Lavrado assim o termo, que acima mencionei, pelo escrivão da camara, dictando Sua Alteza Real, e prestado pelo mesmo senhor e por todos os empregados que presentes estavamos o exigido juramento, partimos todos para São-Christovão afim de recebermos as ordens de el-rei.

Ao chegarmos ali achamos, que Sua Magestade se dispunha a partir para os seus paços da cidade, como com effeito logo se poz em marcha e apoz elle quantas pessoas de differentes ordens ali haviam concorrido, e entrados no paço, assomou-se Sua Magestade e toda a real familia ás principaes janellas d'elle, e em voz alta disse ao immenso povo e tropa, que se achava n'aquella praça, que ratificava quanto o principe em seu augusto nome havia promettido.

Terminada esta cerimonia, entrou Sua Magestade no seu gabinete e mandando-lhe eu pedir licença para lhe falar, lhe pedi como graça especial a mercê de me dispensar do ministerio, permittindo-me que seguisse o meu antecedente destino para os Estados Unidos. Sua Magestade não só servio-se n'essa occasião das expressões as mais lisongeiras para o meu caracter pessoal, dignando-se de accrescentar que me devia ser conhecido como por mais de uma vez estivera já antes a ponto de nomear-me para o elevado emprego em que eu agora me achava, mas que quando assim não tivesse sido por nenhum caso mudaria as pessoas, que lhe foram propostas, sendo todas por fortuna (são as suas proprias expressões) muito da sua real approvação e estima.

A' vista d'esta tão positiva decisão insistí eu, que ao menos me dispensasse Sua Magestade da pasta da guerra, porque, não tendo conhecimentos nenhuns dos assumptos d'aquella repartição, era contrario aos meus principios o encarregar-me de um emprego,que sabia não poder desempenhar.

El-rei, vendo a firme determinação em que eu estava de não ficar em nenhuma maneira com a pasta da guerra, exigio, que eu a conservasse sómente por oito dias:

observando-me que, no estado de effervescencia em que os animos se achavam, seria por extremo arriscado o fazer-se alguma innovação; entretanto que no decurso de alguns dias se poderia, de accordo com Sua Alteza Real, escolher para aquella repartição pessoa, cuja nomeação não fôsse excitar novas commoções entre a tropa, onde eu sabia os partidos, que já existiam contra qualquer dos officiaes generaes, que Sua Magestade se lembrasse de nomear n'esse momento.

Annui não sem grande difficuldade a esta demora; mas debaixo da renovação da promessa de que ella não excederia a oito dias, e que durante elles eu não seria obrigado a emittir parecer algum sobre os negocios d'aquella repartição, limitando-me a propôl-os a Sua Magestade ou para serem por elle immediatamente resolvidos; ou para o serem na presença de informação dos governadores das armas ou de consulta do conselho supremo militar, segundo a gravidade do assumpto, mas sem que eu jámais interponha parecer; fazendo meramente de relator para com Sua Magestade e de simples secretario das suas reaes resoluções para com as autoridades e as partes.

Sua Magestade conveio sem difficuldade n'este meio termo, renovando-me a promessa de que dentro em oito dias, ao mais, me desonerava d'este para mim enormissimo encargo.

Tal é minha actual situação. Veja, meu bom amigo, si eu tinha ou não razão de me felicitar, quando, nomeado para os Estados-Unidos, me lisongeava de poder partir com brevidade para aquelle meu destino. Foi uma fatalidade, que o ministro me não apromptasse logo as minhas instrucções, e que, quando podia partir, me detivesse na consideração dos perigos, que offerece a navegação nas costas da America septentrional nos mezes de inverno, em que lá viria a chegar, a menos que não fôsse na fragata, que se esperava n'este porto cada dia, como então annunciei a V. S.

Já agora não tem remedio. Adeus, meu respeitavel amigo, etc.

CARTA 7.ª

Meu amigo e senhor.

O espirito de vertigem, que deu o impulso para o rompimento da revolução, continúa a laborar; porque nem é possivel se contente com qualquer ordem de coisas, que se estabeleça; nem na actual se acham investidas de poder as pessoas, que detraz da cortina dirigiram os passos dos que no dia 26 do mez passado figuraram para com o publico.

Hontem alguns d'estes, apresentando-se em São-Christovam, requereram a honra de falar a Sua Magestade em *nome do povo*. E el-rei, levado do espirito de conciliação que constitue principalmente o seu caracter, prestou-se a dar-lhes ouvidos, bem que em maneira que mostrava o nenhum caso que fazia da sua supposta missão, e recebeu d'elles a relação, que V. S. achará aqui appensa, das pessoas que, diziam elles, o povo exigia, que compuzessem um conselho, sem o qual o governo de Sua Magestade ficasse inhibido de tomar resolução alguma importante sobre os publicos negocios.

Como V. S. conhece quasi todos os individuos da inclusa relação, bastará, que eu lhe observe, que os dois honrados fidalgos, cujos nomes V. S. se admirará, como eu, de ahi encontrar, nem tal sabiam, nem tal querem, nem seriam apontados, si não houvesse certeza de que não acceitam ou que se annullam de facto, deixando o manejo dos negocios aos que de força os obrigarem a este violento passo, sem outro motivo mais que o de parecer que outros são como elles igualmente obrigados.

Esse magistrado, que V. S. conhece pela publica reputação, pois talvez nunca o visse, como succede á maior parte da gente d'esta côrte, figura ahi para credito do conselho, e na certeza de que ou fica sendo voto singular, ou de horror e susto emmudeça.

As demais pessoas, que V. S. (como eu) nem por nome talvez conheça, são os principaes agentes, que os coripheos da revolução e do proposto conselho empregaram

e empregam para disporem os animos da tropa e do povo.

Si este seu arrojado passo vai avante, não ha desgraça, que não sejam de recear n'este continente; porque essa mesma apparencia de autoridade, que el-rei ainda conserva, e que serve de vinculo ás relações sociaes do povo portuguez, desaparecerá de uma vez, e com ella ficarão sem remedio rotos os fracos diques, que ainda (mas por mui pouco tempo) embaraçam, que se começe a desenvolver o espirito de reação e de vingança entre as oito castas mortaes inimigos uns dos outros, de que se compõe a população d'este tão ditoso clima, como malfadado paiz.

Entretanto pede a prudencia, que se não ataque em frente a proposta. A deliberação (ainda até agora indecisa) sobre si el-rei ou Sua Alteza Real deve ir para Portugal, serve por ora de plausivel pretexto para se espaçar a decisão sobre a escolha das pessoas, que devem compor o proposto conselho e entretanto se dispõe as cousas, para que sem formal repulsa, nem receio de commoção, possa o governo de Sua Magestade tomar as medidas, que,segundo se resolver a respeito de quem fica ao timão dos negocios n'esta capital, parecerem mais adequadas para a manutenção da publica tranquillidade, e dos vinculos das provincias d'este vasto paiz umas com as outras e com a Europa.

Tem-se debaixo d'este ponto de vista expedido para as differentes provincias participações e ordens quaes o caso está dictando; mas no meu particular entender (pois sou n'este ponto,como em muitos outros,de voto singular) a Bahia e provavelmente as demais provincias ao norte d'esta tem-se prevenido com a proclamação de adhesão á revolução de Portugal e cortes de Lisboa, para sacudirem o jugo do Rio de Janeiro, e sem que por isso se deva entender, que é só questão de ser este ou aquelle de ora em diante o centro da monarchia. Esta acha-se hoje plenamenamente dissolvida. *Talvez*, debaixo de certa hypothese, fôsse possivel *tornal-a a unir* com novos vinculos. Mas para mim é demonstrado, que a primeira impossibilidade é a de se verificar essa hypothese.

Quando expuzer a V. S. a deliberação sobre a mudança da corte, explicarei melhor este meu vaticinio.

Deus guarde etc.

CARTA 8.ª

Meu amigo e senhor.

Prometti a V. S. na minha ultima carta o desenvolvimento das reflexões, com que ella terminava, de que o respeito á autoridade publica estava irremediavelmente perdido pelo facto dos successivos levantamentos desde 24 de Agosto em diante nas differentes partes da monarchia; pois que só dada uma hypothese (que só indiquei e não expendi) me parecia impossivel unir com novos vinculos o systema social, que hoje se acha completamente roto e dissolvido: e essa hypothese era justamente a que a mim me parecia impossivel se viesse a realisar.

Esta, que então era vaticinio, é já hoje facto historico e para me servir das expressões com que hontem á noite rematei o meu voto no conselho dos ministros presidido por SuaMagestade—dissolveu-se a monarchia portugueza.

Depois de se ter por muitas vezes abordado a questão, e de proposito a ter Sua Magestade deixado indecisa, em razão da sua grande importancia, hontem á noite houve de pol-a em discussão afinal. E para que cada um dos seus ministros dicesse com toda a liberdade a sua opinião, determinou, que este assumpto se tratasse antes do principe real ser chamado para o conselho, como desde que nós entramos no ministerio lhe haviamos proposto, que convinha, que Sua Alteza Real assistisse tanto aos conselhos de ministros em geral (e aos de estado, si os houvesse) como ao despacho de cada um dos mesmos ministros em particular. Seja dito de passagem (e para dar a V. S. mais uma prova da natural penetração de el-rei), que, quando nós lhe fizemos aquella proposta, Sua Magestade não só não mostrou repugnancia alguma em adherir a ella, mas, para nos mostrar quanto se acha convencido da sua utilidade, accrescentou estas significantissimas

palavras: Como o principe toma parte nos negocios publicos, é de necessidade, que a tome nas deliberações do governo. Tempo ha, que eu tenho pensado em chamal-o a ellas: e si o não tenho feito é porque, si bem o seu voto não coarcte a minha soberana autoridade, não pode deixar de prender mais ou menos, segundo o gráo de empenho que elle mostrar, a liberdade de opinar dos conselheiros. Mas esta, que foi razão até agora, cessa de o ser depois da época de 26 de Fevereiro; e portanto approvo e folgo, que elle seja presente, como me haveis proposto.

Voltando pois á deliberação de hontem, foram todos os meus collegas de voto, que Sua Magestade devia partir quanto antes para Portugal com toda a real familia, á excepção do principe real e princeza, sua esposa. As razões, em summa, reduziam-se a que pelo facto das côrtes se acharem congregadas em Lisbôa, e não poderem os seus trabalhos adquirir a necessaria sancção sinão pela adhesão de Sua Magestade a cada um dos artigos assim da futura constituição como da legislação subsidiaria, que na conformidade d'ella se lhe houvesse de seguir, ou preciso fôsse ir fazendo caminhar de frente; a distancia da côrte, tornando este concurso demorado, e até muitas vezes impossivel, ou frustrava a obra da regeneração, ou dava origem a uma sisma, que não poderia deixar de trazer comsigo a total dissolução da monarchia. Ao que accrescentavam, que em geral não podendo a sede do governo residir sinão em Portugal, pois que até pela defecção que constava da Bahia, e era de receiar das demas provincias, se mostrava como aquella metropole mantinha, nem podia perder a preponderancia necessaria para ser a séde do governo, Sua Magestade devia fazer em tempo o que talvez depois fôsse tarde e por ventura arriscado emprender.

Sendo eu o ultimo a falar, comecei refutando esta ultima razão; e procurei demonstrar, que bem pelo contrario do momento em que Sua Magestade deixasse o Brazil se devia considerar este paiz como separado de Portugal, e com elle todos os mais estados ultramarinos: e por tanto irremediavelmente dissolvida a monarchia

portugueza; por tanto Sua Magestade, sahindo do Brazil, não deixava n'elle outros elementos de governo sinão autoridades desprezadas e desgraçadamente pela maior parte despresiveis; tropas detestadas e infelizmente pela má conducta de muitos de seus membros merecedores da geral execração; e finalmente povos que tendo uma vez deposto as autoridades de todas as classes, e creado em logar d'ellas, ao capricho do acaso, as que actualmente existiam, bem depressa e muito mais facilmente fariam succeder a estas outras e outras, sem que á razão humana fôsse dado prever as fatalissimas consequencias de tão horrorosa anarchia.

Que a constituição provavelmente já agora projectada, ou que se estiver projectando nas côrtes de Lisbôa, e que não póde deixar de ter os essenciaes defeitos que logo apontarei, sendo feita sem a presença de Sua Magestade, tem para se melhorar todo o tempo que medeia desde este actual momento até ao em que Sua Magestade houver de dar sobre ella a sua final resolução: entretanto que em Lisbôa, mesmo gozando do veto absoluto (o que não é de nenhum modo provavel) Sua Magestade será obrigado a acceitar a constituição tal qual ella sahir.

Disse, que tal constituição não póde deixar de ter essencialissimos defeitos, porque basta assentarem as instrucções dadas aos deputados das côrtes no principio de que se deve tomar a constituição de Espanha por prototypo de liberalismo, e que sobre ella se deve modelar a nossa, ainda mais liberal do que ella, e portanto no mesmo sentido do que ella, a isso ser possivel. E sem duvida que consistindo o liberalismo da constituição espanhola na mais absurda confusão de principios politicos, que até agora se tem visto, nada obsta a que a nossa, seguindo o mesmo trilho, seja ainda mais absurda e monstruosa, porque, sendo a verdade uma só, os erros e os absurdos podem variar e sobre exceder-se ao infinito.

Si pois Sua Magestade, continuei eu, em vez de se ir colocar na forçosa necessidade de sanccionar uma tal constituição passando a Portugal, se applicar desde

logo e daqui em ordenar aquelle corpo de leis e providencias, que a experiencia tem mostrado ser necessario darem-se em todos os ramos de publica administração, não sómente se achará habilitado para fazer proficuo o trabalho, que entretanto estes mesmos assumptos houverem feito as côrtes de Lisboa; mas até mesmo a necessidade da reunião das côrtes de el-rei para a ultimação das constituições do reino unido conduzirá á convocação das mesmas ou de outras côrtes n'esta parte da monarchia, onde depois todos aquelles preliminares trabalhos e mais longe da influencia dos partidos nacionaes e das potencias estrangeiras se poderá mais facilmente organizar um systema constitucional conforme ás precisões de todas as differentes e tão differentes partes d'esta vasta monarchia. Porquanto, e com isto finalisei o meu voto, todas ellas se podiam governar, residindo no Brazil o governo (ainda que talvez em algum outro ponto que não seja o Rio de Janeiro); mas no estado em que hoje se acham as relações internas e externas do Brazil, eu me obrigava a sustentar a impossibilidade do governo manter n'elle e bem assim em todo o ultramar a sua autoridade, existindo em Portugal.

Então dirigindo-me especialmente a el-rei, accrescentei, que pelo que dizia respeito á conducta, que no meu entender o governo ficando Sua Magestade no Brazil, devia adoptar, afim de chamar junto a si as côrtes da nação; em que sentido eu entendia esta expressão, e como se podia aproveitar esse intervallo para se formalisar o novo corpo de ordenações do reino para ser apresentado nas ditas côrtes, eu me referia ao que em Abril de 1814, e em Novembro proximo passado havia posto na augusta presença de Sua Magestade, e que aqui não repetia; já porque a extensão da materia o não consentia, já porque eu via, que os meus collegas eram de opiniões inteiramente oppostas ás que faziam a base do voto, que acabava de expender.

Houve algum dos nossos collegas, que julgou dever-me redarguir, dizendo que si no Brazil existiam, como eu apontava e elle concordava, os elementos de dissolução pela falta de força moral nas autoridades e de subjeição nos povos, como esperava eu, que Sua Magestade pudesse

conseguir restabelecer a ordem no Brazil, si o impulso não viesse de fóra d'elle? E como poderia vir de fóra d'elle, a não ser por mão e por autoridade mesmo de Sua Magestade restituido ao centro e origem de toda a força na actual, effectiva e unica capital da monarchia?

Repliquei com o seguinte vaticinio. Do momento em que Sua Magestade sahir do Brazil essa, que V. Ex. contemplam como capital da monarchia, cessa de o ser por esse simples facto, porque desde esse momento ficarão cessando todas as relações politicas, que constituem os vinculos sociaes da monarchia.

Mas o Brazil, instou aquelle mesmo collega, fica sendo governado por Sua Alteza Real em nome de Sua Magestade e por tanto sempre unido a Portugal.

O Brazil, respondi eu, nem ha de obedecer a Sua Alteza Real no Rio de Janeiro, nem a Sua Magestade em Lisboa.

O Brazil pelo levantamento da Bahia em 10 do mez passado, Rio de Janeiro em 26 e as outras provincias nas épocas que nós por ora ignoramos, constituiram-se em um estado de anarchia, que a divisão das duas cortes, uma aqui e outra em Lisboa, não póde deixar de augmentar, bem longe de a extinguir.

Terminada assim a discussão, resolveu Sua Magestade, que, visto ficar vencida pela pluralidade dos votos a sua partida, se dessem por cada uma das secretarias de estado as participações e ordens necessarias n'essa conformidade; encarregando desde logo ao ministro dos negocios do reino a redacção da carta régia, pela qual se devia conferir a Sua Alteza Real, na maneira a mais explicita, os poderes de que fica revestido no exercicio de logar-tenente de Sua Magestade n'este reino do Brazil.

Assim que, meu digno amigo, está emfim decretada a morte da monarchia! Oxalá que fôssem vãos os meus presentimentos!

Deus guarde etc.

Em consequencia dirigi-me para ali, e apresentando-me a Sua Alteza Real, recebi de sua mão o real decreto, que me nomeava para o emprego, que fica referido.

Quiz eu e os meus novos collegas partir para a quinta da Bôa-Vista, onde Sua Magestade se achava, para recebermos as suas reaes ordens, mas não nos foi concedido sahirmos dali emquanto se não prestasse o juramento de adhesão ao auto, que Sua Alteza Real acaba de dictar ao escrivão da camara, e pelo qual o mes Senhor no seu nome e no de seu augusto pai, com te as autoridades que presentes se obrigaram a acce guardar e fazer guardar a constituição, que fizess côrtes de Portugal, na conformidade do decr com a data de 24 do corrente se fizesse publico n mesmo acto.

Cumpre, que eu diga a V. S., que com effe dia 24 esteve vencido no conselho de ministr Magestade emittisse um decreto, pelo qual adherir e adoptar para o reino do Brazil a que as côrtes de Portugal fizessem, salvas ções que as circumstancias locaes tornasse E com effeito chegou Sua Magestade a as creto. Mas prevalecendo depois a opini se tratar o assumpto na junta, de que acin Sua Magestade sustar a publicação d'elle mão de Thomaz Antonio de Villa nova

E' este decreto, que Sua Magestad Alteza Real, que fôsse buscar á casa d' quando o principe voltou do Rocio a São ticipando-lhe a vontade da tropa e do n'aquella praça.

De volta pois ao Rocio com este teza Real começou a lêl-o ao povo do al theatro, mas antes de acabar foi inte clamações—de que nada de modificaçã das côrtes tal e qual ellas a fizessem.

Tornou portanto Sua Alteza Rea a representar isto mesmo a Sua Mage lavrar novo decreto, excluio d'elle a cações, que no primeiro se indicav

promessa que se dignou fazer-me de me alliviar da pasta da guerra ao cabo de oito dias, e reflectindo serem estes expirados sem que apparecesse a nomeação do meu successor, eu havia remettido para a secretaria de estado todos os papeis relativos áquella repartição, e consequentemente supplicava a Sua Magestade me considerasse como já demittido de ministro da guerra.

Pela ordenança que levou esta representação (pois que aconteceu estar eu, como estou ha dias, mais incommodado das hemicraneas a que sou sujeito), dignou-se Sua Magestade de me responder de seu proprio punho, que lhe fôsse falar n'essa noite pelas 9 horas.

Apenas entrei no seu quarto, distingui no semblante de Sua Magestade um desusado assomo de profunda magoa, que sim procurava, mas não estava em sua mão encobrir. Repetio quanto da primeira vez me tinha dito para me obrigar a ficar com a pasta da guerra, observando que bem longe de se achar diminuida n'este intervallo, como então se lhe figurava, a agitação dos animos, que lhe não permittia aventurar uma nova escolha e para repartição onde aquella agitação era principalmente mais violenta e perigosa, hoje via com mais clareza a impossibilidade de achar pessoa, que não excitasse contra si vehementes partidos na tropa. Apontei-lhe e insisti no actual governador das armas, cujo honrado caracter, conhecida habilidade, e geral estima do exercito o faziam proprio para o ministerio da guerra.

Respondeu-me, que sim havia resolvido deixal-o n'esta qualidade junto a Sua Alteza Real por fazer d'elle todo o bom conceito; mas que, tendo-lhe sido proposto pelo principe real no dia 26 do mez passado para governador das armas, lhe era conhecido, que a sua remoção d'aquelle posto encontraria a absoluta opposição de Sua Alteza Real. E concluio—que as ordens estavam dadas para a partida da côrte para Portugal dentro do mais breve prazo. Que, tendo hontem mesmo mandado saber do estado dos preparativos, se lhe respondêra, que dentro em 15 dias ou 3 semanas, ao mais tardar, se acharia tudo prompto; e portanto Sua Magestade não innovava nada no ministerio por tão curto tempo: e que á vista do methodo

que eu adoptava, e em que Sua Magestade convinha de não interpôr opinião em negocio algum, nem havia compromettimento da minha parte, nem contra mim se podiam formar queixas, que só podiam recahir nas autoridades militares, por cujos informes todos os negocios da repartição iam decididos.

Como Sua Magestade assim me franqueava a occasião de eu falar do meu compromettimento, não hesitei em lhe observar, que justamente por eu me achar n'este momento gravemente compromettido como ministro da guerra, é que me havia apressado a instar pelo cumprimento da promessa, que Sua Magestade me havia feito de me dar a minha demissão d'aquelle posto. Porquanto ninguem haveria, que se persuadisse, que as prisões de estado feitas na antecedente noite não derivassem das ordens por mim expedidas ao governador das armas, entretanto que elle de Sua Magestade é, que as tinha recebido immediatamente, e sem que eu de tal assumpto tivesse antes o menor conhecimento; porque, si o tivesse, houvéra poupado a Sua Magestade o grande dissabor de um passo tão desairoso á sua real dignidade, como diametralmente opposto aos principios que á face do universo se acabavam de proclamar: e que justamente para sahir de tal compromettimento nenhum meio me restava sinão o sahir do ministerio n'esta propria conjunctura.

A isto acudio Sua Magestade, que bem conhecia eu as suas reaes intenções, quando assim affirmava, que lhe devia ter sido de grande dissabor a medida, que mencionava, d'aquellas prisões, que eu suppunha serem por motivo de estado, mas que não tinham sido sinão pelo da tranquillidade publica, pois que na mesma noite de hontem e á hora que já não era possivel fazer-me chamar a São-Christovão, se lhe representára a urgencia de se fazerem aquellas prisões, por isso que na mesma noite haveria tumultos populares contra as pessoas dos indicados presos, si elles se não pozessem antes em custodia. Que n'esta mente, e só com o fim de os pôr ao abrigo de taes insultos, e de previnir a perturbação do publico socego, é que Sua Magestade annuira a tão violenta medida, e sem demora dera as competentes ordens ao governador das armas, que ou

por acaso, ou por aviso que tivera para ali se achar a aquella hora, sem se lhe dizer o motivo, aconteceu annunciar-se estar na sala para receber as ordens de Sua Magestade, que em vez de ser pela minha demissão que eu tinha a afastar de mim o compromettimento, que julgava resultar-me d'estes acontecimentos, seria muito mais conforme aos desejos de Sua Magestade, que eu o fizesse, dando todas as providencias, que julgasse opportunas para remediar o mal, que sem meu conselho se havia feito; e que Sua Magestade veria com grande satisfação reparado por qualquer modo compativel com a manutenção do publico socego, e sem mingua da suprema autoridade. Que para tudo o que a este fim eu julgasse conducente, já dali me autorizava; mas que de demissão mais lhe não falasse, pois que estava firmemente resolvido a não m'a conceder.

Pesada por mim a força d'estas expressões, e considerando o quanto importava ao decoro do real nome, á consideração do publico socego, e á observancia dos sagrados principios de justiça, que eu aproveitasse estas tão piedosas intenções de Sua Magestade para cassar, sem offensa da autoridade real, os violentos procedimentos da precedente noite, resignei-me na determinação, que Sua Magestade me manifestava de me não conceder a promettida demissão; mas exigi a promessa de Sua Magestada consentir em que eu começasse por alliviar a sorte dos mencionados presos, permittindo-lhes communicarem-se com as suas familias, e passados alguns dias insinuar-lhes que poderiam escolher o logar para onde se houvessem de retirar, depois de lhes ter certificado não ter havido outro motivo para a sua prisão do que os que Sua Magestade mesmo se havia dignado referir-me; e que finalmente logo que, passado mais algum tempo, Sua Magestade se tivesse convencido de que aquelles receios nada mais haviam sido, como eu estava persuadido, do que cavilosos pretestos dos anarchistas para satisfazerem na prisão d'aquelles individuos vistas particulares de torpe ambição, ou de sanguinaria vingança, caberia desforçar o real nome do dever que lhe reflectia de tão arbitrario procedimento, fazendo publicos tanto os motivos da prisão, como a innocencia dos presos no decreto, pelo

qual Sua Magestade se dignaria de os mandar pôr em liberdade.

Conveio Sua Magestade em todo este plano, e na conformidade d'elle já hoje se acham os ditos presos em communicação com as suas familias: e graduada, na fórma que fica expendida, a marcha retrograda do governo, espero, que dentro em poucos dias se acharão no pleno gozo de sua liberdade; e pelo nenhum abalo que no publico fará esta restituição, conhecerá el-rei a atrocidade das tramas, com que os coripheos da revolução, que vai minando a ruina do estado, não cessam de surprender a sua bôa fé.

Tenha saude, meu respeitavel amigo, e mais tranquillos momentos do que o seu, etc.

CARTA 10.ª

Meu amigo e senhor.

O plano que propuz a Sua Magestade produzio todo o seu effeito. Assim como jámais houve idéa de atacar as casas dos presos, de que tratei na minha precedente carta, tambem ninguem houve, que se escandelizasse dos procedimentos, que em favor d'elles o governo foi praticando até os pôr, como V. S. verá dos decretos juntos, em sua liberdade.

No que diz respeito ao visconde de São-Lourenço notará V. S. a differença de o deixar ainda debaixo de prisão, concedendo-lhe a cidade por menagem até elle dar as contas, que da sua gestão de thesoureiro se lhe passam a tomar pelo presidente do real erario. A razão d'esta differença é, que a respeito do dito visconde existe com effeito no publico uma muito grave e muito séria indisposição: constando que só pelo facto do governo haver contra elle procedido a um rigoroso exame das suas contas com prisão e sequestro, como se já se achasse alcançado o mesmo visconde, corre com effeito grande perigo de soffrer algum insulto dos muitos inimigos, que grangeou no tempo d'aquelle seu emprego. Mas nem o governo

podia annuir aos caprixos de quem assim pretendia se procedesse contra o ex-thesoureiro-mór, como si elle já se achasse convencido de alcance, nem a prudencia permittia, que de todo se houvesse para com elle, como si nenhuma presumpção existisse em seu desabono.

Eis aqui o porque o governo entendeu, que, deixando-o em estado de prisão durante a prestação das suas contas, satisfaria a impaciencia de um numeroso publico; e dando-lhe a cidade por menagem, manifestava o quanto estava longe de querer prejulgar o que sobre sua jusficação haja de decidir a competente autoridade judicial; e muito menos de estorvar os meios de defeza, que uma mais rigorosa custodia lhe poderia talvez difficultar.

Depois de assim ter conseguido, que Sua Magestade reparasse para com estes seus servidores o damno, que os malevolos haviam intentado causar-lhes á custa dos principios de justiça, que sobre tudo devem fazer o realce do throno; julguei dever-me applicar a Sua Magestade e a e ao governo da necessidade de dar aos tres ex-ministros de estado e ex-intendente geral da policia testimunhos não equivocos de que nem o publico, afastando-os do manejo dos negocios, os pretendia accusar de crimes, que nem se lhes apontava, nem pessoa alguma se lembrava de lhes fazer processo.

Portanto encarregando-se o ministro da fazenda de propôr em conselho as pensões, que, segundo as forças do estado, convirá assignar ao conde dos Arcos, a Thomaz Antonio de Villanova Portugal e a Paulo Fernandes Vianna, emquanto assim estivessem sem emprego, propuz a Sua Magestade quanto ao conde de Palmella, que, não permittindo as actuaes circumstancias o conservar-se em Pariz um ministro com o caracter de embaixador, e sendo natural que o marquez de Marialva, regressando Sua Magestade a Portugal, passe a exercer o seu emprego de estribeiro-mór, seria muito conforme aos expostos principios de justiça, que Sua Magestade nomeasse para lhe succeder com o caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario ao conde de Palmella.

Confesso, que poucas cousas me têm causado tanta satisfação, como foi a impressão, que notei fazer esta

minha proposta no animo de Sua Magestade e são por extremo notaveis as seguintes palavras, com que se dignou de me responder:—Essa sua proposta, que em todo o caso seria de muita honra tanto para o que a fizesse como para a pessoa a que ella se referisse, me causa grande prazer vindo da sua parte e referindo-se ao conde de Palmella; e com muito gosto dou o meu real consentimento.

Quanto porém ao conde d'Arcos, foi menos feliz a minha proposta, que consistia em que Sua Magestade, aproveitando esta occasião de fazer effectiva a mercê que algum tempo antes me constava intencionára fazer-lhe do titulo de marquez de Cascaes, o incumbisse de trabalhar com o ministro dos negocios do reino na redacção da carta régia, que devia servir de instrucções para a regencia, que Sua Alteza Real ficava exercendo no Brazil, visto que Sua Magestade já havia declarado concordar com o parecer dos seus ministros, que todos eramos de accôrdo ser o mesmo conde, que devia ficar com Sua Alteza Real na qualidade de ministro e secretario de estado dos negocios do reino do Brazil, designação que no meu entender convinha muito fazer-se desde já ao dar-lhe a mencionada incumbencia.

Observando eu certa indecisão em Sua Magestade, que se deixava bem vêr, que procedia de antecipadas idéas contra o conde, julguei do meu dever previnir quaesquer que, ouvindo-me assim falar a respeito d'este fidalgo, se lhe pudessem suscitar de connivencia com elle para este ou para algum outros fins: e portanto, sem dar a conhecer o reparo que fazia, continuei naturalmente—Que os motivos por mim allegados para ser o conde, quem ficasse como primeiro ministro junto a Sua Alteza Real, eram os mesmos que agora me determinavam a addicionar assim aquelle meu primeiro voto: porque não havia meio termo: ou Sua Magestade entendia, que a influencia do conde no animo de Sua Alteza Real e nos agentes visiveis e invesiveis de certas partidas, cuja existencia se manifestava por factos de grande monta, era tendente á perda do estado, e então nem elle, nem Sua Alteza Real podiam ficar no Brazil: ou Sua Magestade entendia, que pelo contrario era conforme ao bem do estado

que o principe real aqui ficasse (e certamente esta era a sua real convicção e a de todos os meus collegas, pois que havia decidido, contra a minha proposta e constante opinião, regressar Sua Magestade, quanto antes para Portugal) era preciso revistil-o de todos os exteriores da sua real confiança; era preciso, que legalisada aquella influencia se lhe désse a força moral indispensavel para suffocar todos os demais partidos, emquanto estavam ainda como a nascença; porque em revoluções os dias são de muito maior importancia do que annos em tempos ordinarios: que eu, costumado a não tratar intimidade sinão com homens da minha esphera, fugira sempre de querer hombrear com os de superior jerarchia, limitando-me ás relações de respeitosa civilidade que as leis da sociedade me prescreviam em razão do logar, que cada um d'elles occupava no estado, salvo alguma particular distincção que este ou aquelle me permitte tributar-lhe pelas suas qualidades pessoaes, ou particular benevolencia com que me obsequiassem; e que portanto, sendo esta ultima e cathegoria em que eu me achava com o conde d'Arcos, nas poucas vezes que tivera occasião de lhe falar, me parecia divisar n'elle uma nobre ambição illustrada por principios não vulgares da arte de governar homens, mas que jámais estivera em circumstancias de formar juizo sobre o seu systema ou mesmo si algum systema tinha concebido a respeito da reforma da administração, sobre cujos defeitos n'essas poucas conversações apenas lhe ouvira fazer observações mais ou menos importantes, porém muito em geral e sem que parecesse ligar-se a nenhum determinado plano.

El-rei aproveitando-se (visivelmente) d'estas minhas ultimas expressões para pôr termo ao assumpto, interrompeu-me, dizendo que procurasse eu pois o conde, e tratasse com elle sobre o assumpto das mencionadas instrucções e carta régia, porque o ministro dos negocios do reino, por muito occupado com a immensidade da sua repartição e pelo máo estado da sua saude, mal poderia dar satisfação do trabalho, que pedia por sua natureza e pela urgencia do tempo a mais activa assiduidade.

Repliquei com a franqueza, que me é propria: se dignasse Sua Magestade de observar, que por isso que aquella

commissão era da mais relevante importancia, o estado do coração humano me mostrava, que o natural e mui louvavel brio d'aquelle ministro se offenderia tanto mais d'esta revogação do honroso encargo, que lhe fôra dado por Sua Magestade, quanto o negocio era proprio da sua repartição,e elle, como a Sua Magestade não era desconhecido, mui capaz de o desempenhar pelo seu notorio talento e illibados principios de patriotismo e lealdade; accrescendo a tudo isto o ter elle com o conde d'Arcos relações muito mais intimas do que eu, quando não fôsse sinão pelo diario trato, que ha annos tem estado no serviço da repartição da marinha.

El-rei, dando-me a mão a beijar, me respondeu: — Para realisar esse melindre, bem como sobre o mais que temos falado, trarei á manhan ao despacho esse assumpto á deliberação em presença de Quintella, e por tanto fale com o conde.

V. S. conhece-me assáz para ficar na certeza de que eu hei de procurar o conde; mas não hei de ser eu o que forme as instrucções. Assáz me pesou o ter-me prestado a fazer para o governo de Portugal as participações dos acontecimentos d'este paiz, sendo cousa que pertencia ao dito meu collega. A indifferença com que elle ouvio commetter-me el-rei essa incumbencia foi causa de eu sem maior reflexão me encarregar d'ella,e só depois é que vim a conhecer, que elle não fôra a isto insensivel. Fica-me porém o sentimento e a lição.

Adeus, meu caro amigo etc.

CARTA II.[3]

Meu amigo e senhor.

Sua Magestade não se esqueceu de me dirigir a palavra no acto do despacho de hontem, para o fim de me incumbir da redacção das instrucções, como na minha precedente carta annunciei a V. S.; mas como eu estava prevenido, apenas entendi o alvo a que seu discurso se encaminhava, pedi-lhe licença para combinar com o ministro

do reino sobre o estado d'este trabalho: e entrando elle em explicações a esse respeito, foi facil acabar-se a sessão sem que a expressão do desejo de Sua Magestade se convertesse em ordem positiva, que definitiva e claramente me désse aquella incumbencia, desencarregando d'ella ao referido ministro o que muito me pesaria.

Entretanto não me julguei dispensado de ir procurar hoje mesmo o conde d'Arcos, não para alcançar por surpreza o segredo da parte que alguns querem, que elle tenha nos actuaes acontecimentos; nem tão pouco para explorar quaes sejam suas intenções sobre o futuro, mas para o prevenir, que Sua Magestade, tendo-o destinado para ficar como primeiro ministro junto a Sua Alteza Real, desejava, que eu e o ministro dos negocios do reino, encarregados de combinarmos sobre as instrucções que deviam fazer o contesto da carta régia, nos entendessemos com S. Ex. sobre tão importante assumpto.

A esta franca e sincera communicação correspondeu o conde tomando o tom, seja-me licita a expressão, da... mas antes que elle acabasse a sua primeira phrase, dei a conferencia por finda, certificando-o de que em todos os tempos a aristocracia (ainda tomada no sentido mais honroso, de apoio da monarchia) pelo seu systema de puritanismo e de isolação tem sido batida em detalhe pelo massiço da democracia.

Sem duvida que depois de Sua Magestade partir d'esta côrte não hão de ser as instrucções por elle deixadas a seu filho, que hão de conter a este dentro dos limites, que prescreve o interesse geral da monarchia. Mas não é menos certo, que Sua Magestade deve deixar a seu filho instrucções, em que se tracem os limites além dos quaes lhe não será licito passar sem que desde logo e por esse simples facto comprometta a segurança do estado e com ella a existencia da monarchia, que mesmo sem esse abuso de poder tão ameaçada se acha já de uma proxima e fatal dissolução.

Desgraçadamente (disse eu a Sua Magestade ao darlhe conta da minha commissão) o conde d'Arcos e Sua Alteza Real estam na lisongeira e por tanto indestructivel illusão de que apenas o Brazil se entregue ao seu

governo, obedecerá com docilidade aos seus acenos, que debaixo do unico nome de Brazileiros e de um só imperio os povos desde o Rio da Prata até ao Amazonas formariam gostosos e tranquillos uma só familia; e que Portugal caduco de annos, e acabrunhado dos trabalhos da revolução que vai acabar-lhe as forças, ou se perde, e n'elle pouco perde o grande imperio do Brazil, ou para se salvar necessita a protecção d'este seu poderoso co-estado e pela segunda vez salva o Brazil a Portugal da sua total aniquilação.

Como fôram os Portuguezes da Europa os que n'esta côrte, bem como na Bahia, levantaram o estandarte da revolução, persuade-se o conde, que eliminados estes (e nada a seu vêr mais facil de que o dispersal-os) si alguns Brazileiros ficarem inoculados do mesmo espirito vertiginoso, esses são na sua opinião tão poucos e tão fracos, que debalde tentariam oppôr-se ao restabelecimento da *Idade de ouro*, que a sua arte de governar os homens e sobretudo a arte por elle só conhecida de governar os Brasileiros tem preparado para este ditoso paiz.

Tal é, senhor, o quadro romanesco, que em sua imaginação e com a melhor fé do mundo o conde tem formado do que o Brazil vai a ser entre as suas mãos. Estas são as idéas, que trazem como encantado a Sua Alteza Real do brilhante papel, que vai a representar, apenas tome posse do governo; e portanto é absolutamente indifferente quaes instrucções lhe hão de ficar, pois que todas e quaesquer serão consideradas como desnecessarias e impertinentes.

Porém, accrescentei eu, sendo certo que tudo isto é mera illusão tanto em Sua Alteza Real como no seu preconisado ministro, que outra cousa se não póde esperar para este desgraçado paiz, apenas Vossa Magestade o deixar entregue a este seu governo, sinão desastres sobre desastres, partidos, guerras civis, guerras implacaveis entre as differentes castas, e emfim a total exterminação da raça branca pelas outras, incomparavelmente mais numerosas de pretos e de pardos, e o abandono das

cidades e engenhos, voltando este formosissimo paiz á barbara condição das costas da Africa.

Eis aqui porque fui e serei sempre de voto, que só pela persistencia de Sua Magestade no Brazil é, que se póde esperar preserval-o a elle, e com elle toda a monarchia da sua aliás infallivel e total destruição. (1)

Sua Magestade dignou-se de responder-me: — Isso já agora não tem remedio. A Providencia, que tão maravilhosamente tem protegido a monarchia portugueza, é quem só a póde hoje salvar.

Este discurso tem nos principios da religião, como nos da razão um sentido tão incontestavel, que nada me restava a accrescentar.

Adeus, meu bom amigo etc.

---

(1) Nota. Mas dirá alguem: si ficando el-rei no Brazil vós concebestes a possibilidade da sua conservação para a monarchia, e mesmo asseveraveis, que esta se tornaria máis unida e consistente do que antes, pareceria, que deixando Sua Magestade a seu filho instrucções para proceder na conformidade das vossas idéas, deveria esperar o mesmo resultado.

Respondo—primeiramente era impossivel, que Sua Alteza Regente e o seu ministerio se prestasse a executar qualquer projecto, que não fôsse o que antecipadamente tinham imaginado; e quando de algum modo quizerem compadecer as suas com as minhas idéas, como se tratava de um plano tão vasto como da reorganisação do governo de toda a monarchia, e em todo o seu detalhe era impossivel ordenarem-se instrucções tão circumstanciadas que na execução se não frustasse todo o projecto, sobre tudo por quem n'elle entrava com antecipadas idéas, e por tanto devendo muitas vezes obrar contra a sua propria convicção. E quem havia obrigar a isso o governo de Sua Alteza Real?

Em segundo logar o que era factivel a el-rei, que ficando no Brazil continuava a ser considerado pela massa da nação como centro do governo, não podia ser Sua Alteza Real, sem que desde logo se estabelecesse a sisma entre a corte e Portugal. Que este sisma se havia de estabelecer, apenas Sua Magestade abandonasse o Brazil, é o que eu sempre não só asseverei, mas provei com evidentes razões; sobretudo ficando ali uma pessoa que desde logo offerecia um ponto de reunião, que facilitava a conciliação, pelo menos apparente, de todos os partidos; pois ainda o dos republicanos (que é o da maior e maxima parte) havia de começar por lhe prestarem obediencia, porque feita assim mais facilmente a separação de Portugal, tambem mais facil lhes ficava derribarem a nascente monarchia.

CARTA 12.ª

Meu amigo e senhor.

E' verdade: o officio de que lhe remetti cópia, e pelo qual por ordem de Sua Magestade dei parte ao governo de Portugal dos acontecimentos do dia 26, não exprime claramente quaes sejam as intenções de Sua Magestade quanto ao seu regresso. Mas isso era justamente o que convinha, porque, tendo-se já deliberado por vezes sobre esse assumpto na sua presença, ainda el-rei não tomou uma final resolução a esse respeito.

Porém não era só aquelle o objecto, que no referido officio devia ir expressado com estudada e prudente ambiguidade. O que muito importava signalar de maneira que sem offender a sensibilidade do congresso, quando este já se acha reunido, assegurasse a integridade dos direitos da corôa, era o principio de que o seu concurso se torna indispensavel para que as reformas, que se houverem de propôr, tenham a validade de actos de côrtes monarchicas, cujo essencial caracter distinctivo, que os estrema das assembléas democraticas, consiste em que n'estas basta, que uma proposição se vença a pluralidade de votos dos seus respectivos deputados para logo ser lei do estado, quando pelo contrario nas côrtes monarchicas é preciso o consentimento do rei, representante permanente da nação, para que a proposição acordada no corpo dos representantes electivos e amoviveis da mesma nação adquiram a categoria de leis.

Indicando pois Sua Magestade a cooperação, que na qualidade de rei lhe competia e passava a exercer na reforma a que o congresso vai a proceder, não só se firmava aquelle principio essencial da realeza, mas tirava ao juramento, que havia prestado no dia 26, o ar de absurdo, que doutos e indoutos lhe costumam exprobrar; pois que parece em verdade absurdo, que um monarca se obrigue a guardar e fazer guardar as leis que fizerem as côrtes, ainda antes de conhecer, si são justas ou injustas, e o que mais é, ainda antes d'ellas existirem.

Porém logo que o monarca se explica e declara, que

elle por côrtes legislativas entende o concurso d'elle monarca com os deputados a esse fim eleitos pelos povos, desapparece toda a sombra de absurdo no prestado juramento ; pois fica por essa explicação reduzida a uma solemne promessa, que o monarca faz de manter a observancia d'aquellas leis, que elle, debaixo da presuppostа hypothese do concurso d'aquelles deputados, houver de fazer, consentir e decretar.

Tal é, meu digno amigo, o espirito em que foi escripto aquelle officio, e n'elle fiz entrar algumas expressões, que, parecendo á primeira vista indifferentes, são destinadas a servir em seu tempo, como de protesto contra a evidente invasão dos principios democraticos, que respiram em todos, e em cada um dos passos d'esta nossa fatal revolução.

Tenha feliz saude etc.

CARTA 13.ª

Meu amigo e senhor.

O negocio, em que V. S. me fala, já se acha decidido por Sua Magestade na maneira possivel para conciliar as precedentes disposições com os principios de justiça, que tão proprios são do seu pessoal caracter e régia dignidade. Como pela sua carta observo, que V. S. não foi informado do que durante o ministerio do conde de Palmella se determinou a aquelle respeito, direi em summa o que se tem passado, afim de que isso lhe sirva de governo, como interessado que é nas estipuladas indemnisações.

Tendo eu presente que pelo teor da convenção, e pelas positivas declarações de Sua Magestade em reiterados avisos do marquez de Aguiar, de João Paulo Bezerra dirigidos á junta do commercio, el-rei intencionára desde o principio, que as estipuladas 300.000 libras se repartissem entre os que justificassem perante a junta haverem soffrido lesão pelas capturas, ou detenções, que faziam objecto d'aquella convenção, fui sempre de parecer

na junta do commercio, em quanto ali tive de votar, como deputado que era, que as ditas 300.000 libras e seus accumulados juros eram propriedade das partes, que, ou por justificação perante a junta, ou por consentimento de todas as mais, se apresentassem como lesadas pelas mencionadas capturas, e que a cada um se devia passar letras pela quantia porque de commum accordo se figurasse abonado no mappa do rateio, que pelos interessados tinha sido apresentado ao tribunal. Fui porém vencido em votos: e a junta fez um rateio segundo entendeu ser conforme ao merecimento dos autos de justificação, a que cada um dos ditos interessados teve de proceder, e segundo cujas sentenças se fez das 300.000 libras e juros accumulados um primeiro dividendo a todos os que até a aquella época se mostraram qualificados para serem n'elle comprehendidos.

Logo depois e partindo da base por onde o primeiro rateio (digamos dos principaes) se havia feito, procedeu a junta a dividir os que reputou sufficientes juros d'aquelles principaes jacentes desde o principio das capturas até ao momento d'esta decisão: e eis aqui um segundo dividendo.

Como porém devessem, depois d'elle satisfeito, restar ainda algumas sobras, observou-se, que uma parte d'ellas deveria ficar por algum tempo em deposito para satisfação de algum interessado, que por legitimo impedimento não tivesse comparecido dentro do prazo que a junta intendesse, que era justo conceder. Mas apartado este deposito, entrou em questão o que se havia de fazer do que restava, e sendo varias as opiniões, entendendo uns que d'esse restante se deveria fazer um terceiro dividendo, e outros que estando, a seu vêr, sobejamente indemnisados os particulares, aquellas ultimas sobras pertenciam á fazenda real, como indemnisação das perdas e damnos que tambem experimentára pelas ditas capturas, consultou o tribunal a Sua Magestade e ficou esperando a sua decisão.

O conde de Palmella, apenas entrou no ministerio, mostrou logo ser decididamente d'esta ultima opinião, e na conformidade d'ella deu ordem para Londres, que dos

fundos ainda ali existentes se satisfizessem os atrazados ao corpo diplomatico, que, pela falta de pagamento dos seus ordenados e despezas das respectivas missões, se achava reduzido ao mais indecoroso vexame, sem se descobrir outro nenhum recurso de se vir promptamente em seu soccorro.

E' n'este estado de cousas, que, feita a revolução de 26 de Fevereiro, reclamaram os interessados junto a Sua Magestade pelo direito que entendiam competir-lhes de se lhes destribuir em um terceiro dividendo quaesquer sobras, que,depois de expirado o prazo assignado pela junta para o comparecimento a final de quaesquer interessados, se achasse existir das 300.000 libras e seus accumulados juros.

Sendo esta reclamação apresentada em despacho, fiz eu de informante, e conclui na fórma do que sempre votara como deputado na junta do commercio, que tanto pela natureza do negocio como pelas positivas declarações de Sua Magestade aquelles fundos pertenciam inteira e exclusivamente aos particulares, que se haviam legitimado como lesados pelas capturas,que motivaram a estipulação com a Gran-Bretanha, e que por tanto nenhuma duvida havia, que todas e quaesquer sobras, depois dos dous primeiros dividendos, deviam constituir um terceiro entre os mesmos interessados. Donde se seguia, que,sendo Sua Magestade servido de annuir a esses principios, cumpria mandal-o assim declarar á junta do commercio, para o fim de ali se fazer este ultimo rateio, pela maneira com que se havia feito os dous primeiros. Que tendo-se porem expedido, havia mezes, para Londres as ordens acima mencionadas de se pagarem por aquelles fundos varias despezas do estado, e principalmente os atrazados devidos ao corpo diplomatico ; ordens que deviam estar cumpridas, quando a declaração, de que eu tratava, chegasse a Inglaterra, teriam absorvido os ditos fundos ; não restava outro meio sinão o de Sua Magestade fazer ao mesmo tempo certo aos interessados, que, no caso de não serem pagas as letras, que pela junta se lhes tivessem passado, ou se lhes passassem em virtude de qualquer dos tres dividendos sobre os agente encarregados do manejo das ditas 300 mil

libras, por elles terem já disposto dos fundos restantes em despezas do estado, na fórma das mencionadas reaes ordens, restaria sobre o real erario a obrigação d'aquelles saques, visto terem passado para a fazenda real os fundos, que a elles deviam ter servido de alimento.

Tendo os meus collegas concordado com este meu parecer, foi Sua Magestade servido de confirmar, asseguran-do-nos que o faria com tanta maior satisfação, quanto fôra violentado que accedera á precedente determinação de se considerarem como pertencentes á real fazenda as mencionadas sobras. Em consequencia acabo de expedir n'esta conformidade as ordens necessarias para o ministro de Sua Magestade em Londres e passo a fazer a correspondente participação a real junta do commercio ; aonde V. S. e os seus amigos se pódem conseguintemente dirigir para se lhes passarem seus titulos pelas quantias que proporcionalmente aos capitaes justificados lhes houverem de caber n'este terceiro e ultimo rateio. Digo seus titulos, porque tendo o governo de Sua Magestade disposto já dos fundos, que existiam em Londres, não é já sobre elles, mas sobre o erario, que a real junta tem de assignar o pagamento as pessoas a quem de ora em diante se houverem de fazer taes pagamentos, quer seja em virtude das letras já emittidas e que já não acharam aquelles fundos em Londres, quer seja pelos que daqui em diante se houvessem de passar.

Tenho a honra de ser etc.

CARTA 14.ª

Meu amigo e senhor.

Não tem sido de proposito, como dizem os pasquins de que V. S. ahi vio cópias, segundo me participa na sua carta, que se não tem procedido ás eleições. Eu me explico. Logo que pela accessão de Sua Magestade aos factos de Portugal se resolveu, que se mandasse proceder ás eleições dos deputados do Brazil e mais estados ultramarinos, eu, que fui por Sua Magestade encarregado de

ordenar as instrucções para as ditas eleições, conformando-me quanto fôsse possivel com as que se seguiram em Portugal, dei sem perda tempo cumprimento a aquella ordem, e mandando entregar nas secretarias de estado do reino e da marinha o numero de exemplares, que pareceu sufficiente, fiquei na certeza, que d'aquellas repartições se tinham expedido as competentes ordens acompanhadas das ditas instrucções, e tanto porque nem duvida ao menos me podia recrescer a este respeito, como por que seria muito incompetente o andar sindicando d'isso, estive, até que me advertio esse pasquim posto na minha porta, e de que remetto copia (porque é significativo e V. S. poderá bem conjecturar como eu me inclino a crer, que é obra do nosso commum amigo o coronel...) na persuação de que tudo ia segundo seu curso natural. Mas com este aviso na mão fiz a pergunta e achei, que com effeito para umas partes havia poucos dias, que se tinham expedido as ordens e para outras ainda se acham por expedir; sendo uma d'estas a comarca do Rio de Janeiro. Mas pelas razões que na presença de Sua Magestade se allegaram, posso certificar a V.S., que me persuado ter havido mais apathia do que proposito deliberado. E quanto a esta comarca nasceu a demora de se persuadir o ministro do reino, que era forçoso esperar pelo ouvidor da comarca, que anda em correição. Reconhecendo porém quanto a natural effervescencia dos animos póde envenenar os motivos d'esta demora, tem dado as providencias para que se proceda quanto antes ás eleições, quer o ouvidor (a quem se expediu um expresso) chegue da correição em que anda, quer se haja de supprir na sua falta.

Do mesmo modo se vai reparar quanto pela secretaria da marinha a demora, que tem havido na expedição da participação e ordens para os estados, que devem ser avisados por aquella repartição.

Persuada-se V. S. e assegure aos nossos amigos, que nem eu sou capaz de duplicidade, nem jámais consentirei, que ella se pratique, onde quer que me compita o direito de a impedir.

Sou etc.

CARTA 15.ª

Meu amigo e senhor.

Somos chegados a um dos passos mais importantes da nossa despedida do Brasil, quero dizer, a fixar o estado das finanças, em que deve ficar este erario e seu fiador o banco; sendo tão difficil decidir qual dos dous se acha mais desacreditado, como acertar com os meios de restabelecer o credito de qualquer d'estes dous viciosos estabelecimentos.

Na certeza de entre muitas distinctas qualidades que adornam o animo do principe real sobresaem a firmeza, com que se póde contar, que elle manterá qualquer plano de reforma, que se adoptar nas despezas do estado, começando pelas de sua propria casa, e a decidida aversão, que mostra contra os delapidadores da publica fazenda; nenhum expediente vejo tão proficuo, nem tão simples como converter o banco em banqueiro do estado, que já é o seu principal devedor: em consequencia tendo de lhe consignar uma parte das suas rendas para embolso da divida já contrahida, consignar-lhe a totalidade d'ellas tanto para esse fim, como para se embolsar dos saques, que de ora em diante o erario fôr fazendo sobre elle, á medida que os objectos de despeza se fôrem offerecendo, e para todos os objectos de despeza.

O caracter de probidade que distingue todos os individuos do ministerio, que fica junto a Sua Alteza Real, o do actual thesoureiro mór, e seu honradissimo escrivão, e a excellente escolha das pessoas encarregadas da direcção do banco respondem pelo bom exito d'este meu projecto. Mas para elle ter uma prompta e regular execução tenho exigido, que se preencham os tres seguintes requisitos, que, apezar de merecerem a geral approvação, tem até agora encontrado repugnancia de certas personagens, que não sei ainda, si terei a felicidade de convencer, e vem a ser: 1°, que o banco saque sobre o erario letras de differentes valores (no pé em que se acham actualmente os bilhetes do mesmo banco) até ao computo, porque o mesmo erario é devedor a aquelle estabelecimento;

estes saques, aceitos pelo erario, serão lançados na circulação em troca de bilhetes do banco, que se mandarão recolher dentro de um determinado prazo: 2.°, e para que esta operação de eliminação dos actuaes bilhetes do banco seja completa, o erario sacará sobre o banco as letras, que para aquelle fim precisas fôrem, e que depois de aceitas pelo mesmo banco substituirão os actuaes bilhetes; ficando ao arbitrio dos pretendentes assim d'estas letras do erario sobre o banco, como d'aquellas do banco sobre o erario de as apresentarem a um ou a outro para o seu pagamento em especies: 3.°, do mesmo modo que o estado consigna para pagamento da sua divida ao banco todas as suas rendas,se procederá a fixar com cada um dos seus outros devedores meios seguros de successivo e mais prompto possivel pagamento das quantias a que estiverem obrigados, quer seja por consignação de rendimentos, sempre que estes fôrem seguros e avultados, quer seja pela renda de seus bens e propriedades debaixo de um plano geral, que obste ao inconveniente que do simultaneo concurso de tantos objectos no mercado poderia resultar para a consecução do intentado fim de satisfazer ao banco a sua divida, sem arruinar os particulares de quem elle é credor: 4.°, como pela dilapidação e desgoverno assim do banco como do erario é preciso prover a uma prompta entrada de fundos no mesmo banco, que o habilitem a pagar todas aquellas das sobreditas letras, que lhe fôrem apresentadas, Sua Magestade procederá a abrir um emprestimo nas praças de Lisbôa, Londres, Paris e Amsterdam, segundo o achar as condições mais favoraveis pelo computo de vinte milhões de cruzados, que perfaz pouco mais ou menos a totalidade da divida, em que o erario se acha para com o banco, sendo o producto d'aquelle emprestimo recebido nos cofres d'este e hypothecando-se especialmente para pagamento do capital e juros a quarta parte dos rendimentos das alfandegas do Rio, Bahia, Pernambuco e Maranhão.

Uma das principaes razões, porque eu exigia a eliminação dos actuaes bilhetes do banco, e para isso proponho o trocal-os pelas letras entre o erario e o banco, é como o unico meio seguro de se saber a quanto monta a

totalidade dos que andam na circulação, porque nenhuma confiança se póde fazer no que a este respeito consta pelos livros do mesmo banco. Tal tem sido a desordem, com que, por negligencia ou por malicia, se tem havido as pessoas successivamente encarregadas da sua administração!

De todas estas propostas a unica que vejo com alguma disposição de ser approvada, é a do emprestimo; porque a da conversão do actual papel em outro novo, quer seja debaixo de alguma outra fórma parece a estes senhores uma operação de alguma vantagem sim, mas que não vale a pena a despeza e incommodo, que com isso teria o erario e o banco.

A medida de fazer por meios forçosos ou voluntarios effectiva a entrada das dividas dos particulares ao banco, indo entender com muitas das pessoas mais poderosas da terra, exige um gráo de energia para que o ministerio, a quem ficaria encarregada a execução, se não sente com bastantes forças. E na verdade é melhor não adoptar esta medida, si se ha de executar como está acontecendo com o visconde de São-Lourenço, que, pedindo-se-lhe contas da sua administração como thesoureiro-mór, respondeu com as quitações dos balanços, que faz annualmente o presidente do erario. E V. S. verá (pois ainda cá fica depois de nós partirmos), que o governo se ha de dar por satisfeito, e o visconde ha de sahir muito airoso; e talvez muito elogiado.

Deus guarde a V. S. etc.

CARTA 16.ª

Meu amigo e senhor.

Nada do que eu esperava (pois esperava bem pouco!) se realisou.

Sua Alteza Real, depois de uma longa conferencia que hontem teve com o futuro ministro dos negocios do reino, declarou hoje em despacho, que se oppunha formalmente a que se contrahisse um emprestimo. Exigio, que

Sua Magestade empenhasse ao banco as joias da corôa, offerecendo-se elle a empenhar as suas e as da princeza, sua esposa, e pretestou, que com tal condição se não encarregava do governo d'este reino.

Eu oppuz-me, sem hesitar, ao expediente do empenho das joias da corôa, já porque isso não augmentava os fundos circulantes do banco, já porque, sendo tão facil ao governo o tiral-os, como o empenhal-os, por esse modo se não augmentava o credito do banco. E já emfim porque não era demonstrado, que Sua Magestade pudesse coarctar ao seu successor (que visto serem os principes mortaes, podia não ser Sua Alteza Real) a disposição d'aquellas joias, que não são, nem nunca se poderão considerar como hypotheca das dividas do estado.

A estas minhas razões accrescentaram alguns dos meus collegas a da indecencia, que seria regressar Sua Magestade a Portugal despojado das joias da corôa pelas ter deixado empenhadas no banco do Brazil pelas dividas contrahidas menos em caso seu ou proprio da carôa do que nas do publico serviço.

Apezar de todas estas razões prevaleceu a exigencia de Sua Alteza Real e mandaram depositar no banco todas as joias da corôa e as de toda a real familia. Mas os directores do banco, coagidos a acceitar tal penhor da mão do seu augusto monarca, dirigiram a Sua Magestade uma respeitosa representação, em que lhe supplicavam os dispensasse de uma acção tão opposta aos sentimentos, que sem duvida lhes eram communs com todos os accionistas do banco do Brazil, sendo-lhes mais que sobejo penhor a real palavra, do que todos os recursos disponiveis do estado iam a ser applicados, como Sua Magestade se dignava declarar no seu decreto de 23 do corrente, para a extincção da divida contrahida com o banco do Brazil.

Sua Alteza Real, cedendo á vista d'esta representação, do empenho que mostrava em que se fizesse aquelle deposito, cedeu tambem quanto ao emprestimo na maneira que pela repartição do erario veio modificado, a saber, que em vez de um só emprestimo de vinte milhões se fizessem tres de menores quantias cada um, entre si independentes,

tanto nas condições, como nas épocas; reservando-se ao governo verifical-os todos ou sómente alguns d'elles, segundo entender que lhe convém.

Posto que eu conhecesse ser inutil toda ulterior insistencia, não pude deixar de observar, que um emprestimo pequeno ao mesmo tempo que produz descredito, se faz sempre com condições mais onerosos do que um mais avultado. Porém a theoria dos emprestimos é tão pouco conhecida entre nós como a de todos os mais ramos de finanças em geral.

Adeus, meu respeitavel amigo etc.

CARTA 17.ª

Meu amigo e senhor.

Partio emfim o conselheiro João Rodrigues Pereira de Almeida encarregado por parte do governo, e como particularmente interessado na prosperidade do banco, para ir negociar na Europa o emprestimo de que ultimamente falei a V. S. Muito folgarei de poder salvar por este meio aquelle meu amigo das mãos da morte; pois estavam já perdidas todas as esperanças de que pudesse vencer n'este clima, no meio de uma contenção de espirito a mais violenta para os seus delicados sentimentos, a molestia, que de um anno a esta parte fazia todos os dias os mais rapidos progressos.

Vai munido de um officio para o governo de Portugal, afim de o coadjuvarem no desempenho da importante commissão, de que vai encarregado.

Pelo teor d'este officio (de que junto copia) verá V. S., que eu ponho sempre debaixo da hypothese, que o dito governo bem como as côrtes, que consta acharem-se já congregadas, contemplam a Sua Magestade no goso da autoridade real em toda a sua plenitude; nem eu, na qualidade de ministro d'el-rei, posso dar a entender outra cousa. Mas a verdade do facto é, que eu receio, que bem pelo contrario o espirito de democracia seja, que prevaleça a esta hora em Portugal, bem como é esse o que vêmos

ir-se desenvolvendo de uma maneira espantosa em todo o Brazil. E tão forte é este meu receio, que me animei a patenteal-o a Sua Magestade, ponderando-lhe o quanto seria arriscado o aventurar o decoro da corôa, entrando Sua Magestade em Lisbôa sem ter antes a certeza, que, do momento em que ali aportasse, começaria a exercer em toda a sua extensão as attribuições inseparaveis da realeza. Não que eu tivesse dados nenhuns de facto, que me conduzissem a suspeitar o contrario; antes nas procurações dadas aos deputados das côrtes observa-se, que uma das clausulas era a conservação do governo monarchico, e na augusta pessôa de Sua Magestade, para ser continuada a dynastia na real casa de Bragança: o que visivelmente significava, que a vontade geral da nação era, que quaesquer que houvessem de ser as reformas e alterações a que se procedesse, a autoridade real não deveria ser de nenhuma maneira atacada nas suas attribuições essenciaes.

Mas como a historia das revoluções em todas as precedentes épocas e particularmente as dos nossos tempos me mostrava,que as assembléas,uma vez reunidas debaixo de auspicios taes como estas nossas côrtes, têm constantemente tomado um caracter democratico, e observo, que já de prevenção os coripheus do levantantamento de 24 de Agosto fizeram entrar n'aquellas mesmas procurações a clausula de que a futura constituição deve ser ainda mais liberal que a de Espanha, ao mesmo tempo que a todos é notorio, que o que faz denominar a constituição espanhola mais liberal que a franceza de 1791, que lhe servia de modêlo, é o ser ella muito mais democratica; já se vê, que o sentido d'aquella clausula é, que deve a constituição de Portugal ser ainda mais democratica do que a de Espanha, posto que como ella e ella como a de França comece por dizer, que a fórma do governo continua a ser de uma monarchia.

Em consequencia ponderei a Sua Magestade, que, apezar de não ser possivel deferir a sua partida para Portugal, cumpria fazer todas as diligencias para se certificar antes de ali chegar, qual ha de ser a maneira como Sua Magestade ali tem de ser recebido: si pelo

que as côrtes já houverem legislado, ou se propoem determinar á sua chegada. Sua Magestade vai exercer as funcções de rei em toda a extensão d'esta alta categoria, ou si (como eu muito receio) lhe está reservada a sorte de ser apenas um presidente perpetuo de um estado, que tem já cessado de ser monarchia e ainda não é republica : que estando-se agora mesmo constituindo, se ha de inteiramente governar por leis que provisoriamente se vão agora mesmo fazendo segundo as occurrencias, leis que têm todas de emanar d'esse congresso ; leis que a Sua Magestade só lhe competirá o direito de as fazer executar sem as poder nem impedir nem modificar.

Si este ultimo é, accrescentei (como muito receio, torno a dizer) o caso, em que Vossa Magestade se vai achar ao entrar na antiga séde da monarchia, é preciso, que Vossa Magestade saiba de antemão ; porque certificado d'isso, estou persuadido, que Vossa Magestade tomará na sua alta sabedoria conselho mui diverso de ir subscrever á desistencia da regia dignidade, que herdou dos seus augustos maiores ; e que a lealdade portugueza está tão firme em manter e conservar, que os coriphêos da revolução se verão obrigados a inseril-a como expressa clausula nas procurações, que elles mesmos forjaram e submetteram á approvação dos eleitores immediatamente constituintes das côrtes de Lisboa.

Afim pois de havermos com a possivel, já que não póde ser com a necessaria, antecipação os precisos esclarecimentos a este respeito, lembro-me de encarregar ao conselheiro João Rodrigues Pereira de Almeida de uma carta minha para frei Francisco de S. Luiz, que, sendo a unica pessoa que conheço dentre os actuas governadores do reino, me merece o maior conceito tanto no que respeita ás suas luzes e prudencia como ao seu caracter : pelo que espero, que, fazendo-lhe sentir os justos receios em que laboro em tão delicado assumpto, exigirei da sua honra, que com fidelidade e candura me exponha a recepção, que no actual estado das coizas Sua Magestade terá de encontrar em Portugal.

Tanto ao dito frei Francisco de S. Luiz como ao conselheiro João Rodrigues recommendarei, que sem perda

de tempo mandem por duas vias a resposta á ilha Terceira e ao Faial, afim de que em nossa passagem por aquella altura a façamos procurar e por ella poder Sua Magestade resolver o que fôr mais do seu real serviço.

Mereceu esta minha proposta plena approvação de Sua Magestade, e em consequencia escrevi a frei Francisco de S. Luiz, na menccionada conformidade, dando ao conselheiro João Rodrigues as precisas instrucções para com elle se entender franca e livremente sobre este tão importante assumpto, recommendo-lhe com a maior efficacia que os esclarecimentos a dar-nos sobre o objecto hajam de ser os mais explicitos; e que nol-os dirijam com a maior promptidão possivel aos governos das duas referidas ilhas, afim de que sem falencia Sua Magestade possa dali deliberar sobre a materia, cuja resolução deve decidir da sorte de toda a monarchia.

Pelas gazetas ha de já ser conhecido a V. S., que alguns dos nossos ministros nas côrtes estrangeiras não só não quizeram reconhecer a nova ordem de coizas em Portugal, mas que exigiram dos governos junto aos quaes se achavam acreditados, que cortassem toda a communicação los seus estados com aquelle reino. E alguns houve, que passaram a requerer, que as potencias entradas na santa alliança cahissem com mão armada a atalhar em sua origem e quanto antes a revolução de Portugal, bem como a Austria o vai praticar com a de Napoles.

Não reconhecerem aquelles ministros as mudanças acontecidas em Portugal, era um dever do seu cargo; pois que representam nas côrtes, onde residem, o governo contra quem se fez o levantamento. Este governo ainda existe na augusta pessoa d'el-rei; el-rei ainda é de facto, assim como o é de direito, o unico governo da monarchia: entretanto que o novo governo, que se erigiu em Lisbôa, apenas se póde dizer de facto governo de Portugal: e de direito ninguem dirá, que elle o seja, ainda quando queira derivar este da vontade geral do povo d'aquelle reino, pois que não é na effervescencia de uma revolução sempre assustadora que se póde manifestar a vontade geral de uma nação.

O passo porém de exigirem alguns d'elles, que os

governos junto a que residem tomassem uma attitude hostil contra Portugal, mostra, que aquelles ministros vivem na illusão que o directorio executivo da Europa (como uma alta personagem chama mui significativamente ás cinco potencias da grande allança) tem procurado derramar em todos os espiritos, a saber: que a todas e a cada uma d'ellas compete o direito de intervir nas dissensões internas de todos e de cada um dos estados da Europa, e por uma necessaria consequencia tambem na dos seus co-estados aquem dos mares.

Porém quando aquelles ministros d'isto estejam, como pelo conhecimento que tenho da sua honradez, me persuado que o estão, convencidos d'aquelle direito das potencias, deveriam ter reflectido, que como ellas o derivam do principio da propria conservação, dizendo que o perigo em que as revoluções dos outros estados poem os seus d'elles é que os constitue não só no direito, mas na obrigação de procurar suffocal-as, empenhando para isso todas as suas forças, deveriam aquelles nossos ministros ter reflectido, que não sendo possivel a nenhuma das ditas potencias praticar (por ora) com Portugal o mesmo que a Austria vai a praticar com o reino de Napoles, era a sua requisição tão imprudente quanto impolitica e prematura.

Não digo o mesmo das solicitações, que cada um d'elles tiver feito depois de haver recebido para isso ordem d'esta côrte: tal como as que Antonio de Saldanha, a quem V. S. sabe, que eu consagro a mais respeitosa amizade, terá dirigido ao congresso, que se deve ter reunido em Laybach.

Comtudo havendo Sua Magestade feito já retractar aquellas ordens, apenas o conde de Palmella entrou no ministerio, e sobretudo tendo todas as ditas potencias declarado que o caso de Portugal se não devia confundir com o de Napoles, nem com o de Espanha, pois que não constava ainda em que maneira Sua Magestade Fidelissima considerava os acontecimentos sobrevindos n'aquella parte do seus estados, e que portanto se deveria esperar pela manifestação, que o mesmo Senhor não deixará de fazer quanto antes a esse respeito, era consequente, que Sua Magestade, depois de ter mandado participar aos seus

ministros junto ás differentes côrtes, a resolução que havia tomado de adherir á reforma politica a que iam proceder as côrtes de Portugal, restituindo-se áquelle reino para com ellas se applicar ao acabamento de uma obra em que Sua Magestade não era menos interessado do que os povos, cujo governo lhe estava confiado pela Providencia, lhes incumbisse de certificarem a todas e a cada uma d'aquellas potencias, que, constando a Sua Magestade haver quem no seu augusto nome asseverasse ás grandes potencias da Europa e determinadamente aos soberanos reunidos nos congressos de Troppau e de Laybach como Sua Magestade em nenhum modo annuia aos acontecimentos succedidos em Portugal, lhes ordenava, que desmentindo taes asserções, certificando pelo contrario que Sua Magestade prestará da maneira a mais livre e espontanea o juramento de cumprir e fazer cumprir a constituição, que fizerem as côrtes de Portugal, não havendo nada que possa alterar esta sua mui firme e muito maduramente tomada resolução, e que Sua Magestade consideraria como um acto da mais horrenda aggressão contra a independencia da sua real corôa todo e qualquer procedimento, convenção ou ajuste, pelo qual os monarcas estrangeiros possam lembrar-se de assumir a autoridade de intervir de algum modo qualquer nos negocios internos d'esta monarchia, tanto na Europa como nos estados ultramarinos.

E' certo, que, não sendo, como aquelles soberanos pretextam, o assenso ou o discurso de Sua Magestade quem ha de dirigir a sua conducta a respeito de Portugal, mas sim a conveniencia ou desconveniencia, que elles acharem em lhe fazerem, bem como á Espanha, a applicação que vão já fazer do *direito de intervenção* no reino de Napoles; Portugal d'esta tão positiva declaração de Sua Magestade deve preparar-se para ser mais cedo ou mais tarde visitado pelas armas da santa alliança. Si governos taes como o de Espanha e provavelmente o de Portugal, não fôssem condemnados pelo democratismo das suas constituições, a serem o ludibrio de partidos incapazes de razão e de systema, mui facil seria á Peninsula, não digo já resistir, mas até fazer passar a santa alliança

toda a vontade de se intrometter nos seus negocios internos. Mas como é meu rifão, que a historia do passado é a historia do futuro, não é difficil prever qual será a nossa sorte. Mas é do dever de quem está no timão de nossos negocios publicos fazer na parte, que lhe toca, o que pede a coherencia do systema, em que acha montada a monarchia do estado, pois que não é pelos passos que se derem em coherencia com o systema, é sim pelos que d'elle aberrarem, que estamos destinados a engrossar (oxalá que eu me engane) o catalogo dos povos invadidos e aviltados.

Tenha, meu digno amigo, as felicidades, que lhe deseja quem se preza de ser etc.

CARTA 18.ª

Meu amigo e senhor.

Parecerá impossivel a V. S., que, achando-me eu á testa da repartição dos negocios estrangeiros vai já em dois mezes, só hoje pude conseguir, que se deliberasse sobre um dos mais importantes assumptos da minha repartição, quero dizer o estado das nossas relações com os nossos vizinhos do Rio da Prata.

Por muitas vezes quiz chamar a attenção do governo de Sua Magestade sobre este objecto, que reclama as mais promptas e decisivas providencias; em todas essas occasiões testimunhou Sua Magestade o muito que desejava se lhe propuzesse algum expediente, que conciliasse os interesses dos povos com a dignidade da sua real corôa. Mas só hoje me foi possivel conseguir o ser ouvido sobre a materia. Felizmente pude obter, que a minha proposta fosse immediata e unanimemente approvada por todos os meus collegas, assim como por Sua Magestade e Sua Alteza Regente.

Eu comecei a minha exposição por observar, que a estada das nossas tropas na Banda Oriental, depois do armisticio concluido com Buenos-Aires, não sómente nos tinha acarretado todos os males, que ao commercio portuguez fizeram os piratas arvorados em corsarios com

differentes bandeiras,mas occasionava ao thesouro publico uma despeza annual, que nem o estado podia já continuar por mais tempo ; nem era de esperar, que se lhe encontrasse compensação, fôssem quaes fôssem as medidas que se adoptassem para se aproveitarem os recursos, que da occupação d'aquelle paiz, por mais tranquillo e pacifico que elle fôsse, se podiam esperar.

Por outra parte a inquietação e descontentamento de toda a divisão tinha chegado a tal ponto ; a devassidão e máo exemplo de alguns dos seus chefes era tão escandalosa ; os excessos que contra os povos se exerciam tinham já chegado á tal ponto que,a não se lhe acudir com prompto remedio,era bem de receiar,que não sómente perdessemos aquella aliás excellente divisão, mas abrissemos a porta a novos desastres, compromettendo-nos cada vez mais com os paizes circumvizinhos, ao mesmo tempo que chegando Sua Magestade á Europa sem ter tomado um partido decisivo sobre aquelle paiz, teria de entrar com a Espanha em negociações tanto mais desagradaveis, quanto pelo impetuoso caracter do partido democratico, que hoje predomina n'aquelle paiz,se tem de vêr o governo de Sua Magestade em maiores apertos do que os que experimentava nos anteriores tempos, sempre que havia pendencias entre as duas tão vizinhas côrtes de Madrid e de Lisbôa.

Portanto era preciso, que o governo de Sua Magestade decidisse qual devia ser a cathegaria, em que cumpria deixar a Banda Oriental. Como paiz occupado por uma força permanente na maneira que o tem sido até agora, isso era impossivel pelas razões, que eu acabava de expender e outras que por brevidade omittia. Decretar Sua Magestade a sua união ao reino do Brazil, e dar-lhe a fórma de provincia d'elle, organisando a sua administração, magistratnra, clero e força militar de uma maneira analoga ás demais provincias, nem era obra cujo plano se pudesse redigir, não digo já nos poucos dias que Sua Magestade tem de se demorar por estas partes, mas nem em mezes, não é empreza que possa ter logar, quando se está tratando de reformar todo esse edificio para a monarchia em geral.

Mas o que sobretudo importa reflectir, depois que se houvesse feito na maneira a mais completa e acabada, seria absolutamente inexequivel, por que a força armada para suster, como em tal hypothese é preciso, o caracter de conquistador, deve-se compôr principalmente de tropa do paiz ; e esta jamais será tropa portugueza ; menos será portuguez o corpo ecclesiastico, os magistrados, os administradores e ainda mais que elles, os povos jámais se poderão amoldar ás nossas leis civis, criminaes e de fazenda, que têm de aprender, em que muito têm de reprovar, e cujos defeitos (ainda que menores sejam do que os da legislação debaixo de que têm vivido) lhe são tanto mais sensiveis e intoleraveis, quanto lhe são além de novos e estranhos incutidos pelo temor e pela força.

E si o governo já encontra tanta difficuldade em manter na união as provincias do Brazil, como da Bahia se está experimentando e brevemente constará de todas as demais, umas após outras, que póde esperar-se de uma provincia, que fôsse agora annexada a este reino por força de um decreto? Mas não falta quem diga, que aquelles povos têm manifestado já por vezes e mui proximadamente o desejo de se unirem ao Brazil. As desgraças, que hoje pesam sobre a maior parte das nações, têm por origem esta tão funesta quanto equivoca expressão de – os povos querem. Os povos resignam-se, conformam-se ou folgam com as leis e regimen, que entre elles o encadeamento de successos sempre locaes, sempre emanados de um ou poucos individuos pôz em execução. Assim os *povos querem* a continuação do que por longa experiencia sabem, que contribue para a sua felicidade... *não querem* o que por experiencia sabem, que faz a sua desgraça.

Mas os povos espalhados pela extensão de qualquer paiz o mais limitado não falam entre si, não tratam, não deliberam: a maior e maxima parte dos individuos de que elles se compoem, quando fôsse possivel concorrerem, não têm os conhecimentos nem a força de razão precisa para deliberar, escolher ou querer o que de futuro melhor puder convir ao seu bem commum. E portanto sempre que se disser, que—os povos querem certas e determinadas innovações no seu modo de governo em

existencia—assevera-se uma cousa falsa e absurda. Sempre que se disser, que elles desejam mudar de estado em geral, emtanto é verdade emquanto se quer dizer com isso, que desejam em geral a reforma dos males e abusos que são inherentes a todo e qualquer governo. Mas esta verdade é tão trivial e insignificante, que jámais póde ser n'este sentido, que se diz—os povos querem.

Não se diga—os povos da banda do oriente querem, que o seu clero, os seus magistrados, os seus bens, o seu commercio, a sua industria e a sua segurança e policia sejam de ora em diante dirigidos não já pelas suas antigas leis, mas pelas leis vigentes no Brazil.

Mas explica-se, que elles não querem esta especie de união, a que se poderia chamar civil: querem sim a união politica, que consiste em se colocarem para com as potencias estrangeiras nas mesmas relações que as provincias do Brazil, contribuindo como qualquer d'estas para as despezas geraes do estado; mas governando-se como até agora quanto aos seus negocios internos em cada um dos ramos da sua particular administração municipal, ecclesiastica, de justiça, de fazenda e serviço militar.

Onde deliberaram aquelles povos sobre tão positivos pontos? Como deliberaram? Não deliberaram nem podiam deliberar. Mas certos individuos, erigindo-se em interpretes da vontade que nunca existio nem podia existir nos povos, são os que assim affirmam. Afiançam sob sua palavra, e só porque elles assim entendem, que conviria—que os povos uma vez feita a indicada incorporação se haverão por mui contentes e felizes.

Mas nem elles têm autoridade para assim o affirmar nem o governo deve proceder pela sua simples asserção.

O unico meio que existe entre os homens de o verificar, meio na verdade bem insufficiente, mas unico que existe, é de fazer, que os homens menos expertos de cada povoação ou distrito se louvem em outros mais instruidos nos interesses dos povos; que estes louvados organisem as instrucções, porque um pequeno numero de homens por elles escolhidos, reunindo-se fóra do alcance de toda a estranha influencia, confiram entre si o que lhes houver

sido dado como expressão do que entre aquelles louvados pavaleça como conveniente aos publicos interesses e por conseguinte como proprio a grangear o assenso ou a vontade dos povos, mas uma vontade ulterior ao estabelecimento e á experiencia, mas de nenhum modo anterior a elle.

Na conformidade d'estes principios é meu parecer, que ao general barão da Laguna se expeçam ordens para que, fazendo reunir nos povos d'aquella provincia assembléas eleitoraes pelo mesmo teor que as que n'este reino e em Portugal se tem formado (salvas as alterações accidentaes que por motivos de localidade fôrem indispensaveis), convoque no lugar que mais adequado lhe parecer uma assembléa da provincia, cujos deputados franca e livremente, sem constrangimento algum e sem a menor sombra de influencia da nossa parte, deliberem e decidam sobre a futura sorte da provincia : si querem, que ella fique formando um estado independente, ou si se querem incorporar a algum dos estados circumvizinhos, como elles antes colonias de Espanha, ou si em fim se querem incorporar a este reino do Brazil.

No primeiro caso deverá o general fazer com que procedam immediatamente á formação assim do governo, a quem deve ficar entregue o manejo dos negocios publicos, como á organisação da força armada, a quem se deve confiar a manutenção da policia e tranquillidade da provincia.

No segundo caso o governo do estado, a que a Banda Oriental se quizer unir, deverá prover sem perda de tempo a esta segunda providencia ; porque, dada ella, as forças portuguezas, pela maneira que ao general parecer a mais acertada, se retirarão para as nossas fronteiras, conservando-se ali todas ou sómente parte d'ellas segundo elle julgar que é preciso até receber ulteriores ordens de Sua Alteza Real, a cujo governo deve succesivamente informar, bem como para Vossa Magestade em Lisboa do que fôr acontecendo.

No caso porém da assembléa votar pela união ao Brazil, o general, informando das condições e maneira desta união, tomará as medidas necessarias para que a

marcha dos negocios até chegar a decisão de Vossa Magestade se conserve em um pé, que, respeitando os interesses da provincia, não tragam ao thesouro publico o enorme encargo das despezas, que sobre elle tem pesado até agora, e que no actual estado da monarchia é absolutamente impossivel continuar a supportar.

Isto pelo que pertence á Banda Oriental, mas como a sua occupação teve por motivo mais a iuquietação das provincias circumvizinhas do que o mal que d'ella mesmo tivessemos a recear, seria frustrado quanto a respeito d'ella se determinasse, não se providenciando ao mesmo tempo a assegurar a bôa intelligencia entre os governos das ditas provincias e a corôa de Portugal. A este fim disse, que me parecia conveniente se mandasse regressar para Buenos-Aires João Manoel de Figueredo, que já ali estivera por parte d'esta côrte, mas sem caracter ostensivo, indo agora com o de consul, não já pelo meio ordinario de uma patente, mas com uma credencial minha para o governador de Buenos-Aires, na qual se manifestem as intenções amigaveis de Sua Magestade para com todos os povos circumvizinhos e a resolução, que tem tomado, de entrar com todos elles em relação para o fim de animar e proteger o commercio entre aquelles povos e os vassallos d'esta corôa ; por isso que, não competindo a nenhuma potencia o direito de julgar da legitimidade ou illegitimidade dos governos dos outros paizes, Sua Magestade sem reconhecer o direito com que os ditos governos se acham com effeito installados, pois é unicamente do facto da sua existencia, e tendo de promover os interesses do commercio portuguez n'aquellas partes, se dirigia a quem n'ellas exercita a publica autoridade para exigir, que a bandeira nacional ali seja respeitada, na certeza de que tambem o serão aquellas em que os respectivos vasos entrarem os portos d'este reino unido, ficando assim assegurado por meio d'esta mutua explicação aos cidadãos de uma e outra parte o goso de todos aquelles direitos que pelos principios geraes do direito das gentes se concedem aos individuos de todas as nações, com quem se está em bôa paz e harmonia.

Por esta occasião se lhes participará as medidas de

liberal conducta, que na maneira acima exposta Sua Magestade tem adoptado a respeito da Banda Oriental como uma prova do espirito de justiça e desinteresse, de que o governo portuguez se acha animado.

João Manoel de Figueiredo se acha autorizado para entrar de Buenos-Aires em correspondencia com os governos do Chile, Entre-Rios etc., debaixo d'estes mesmos principios ; e ao general barão de Laguna se dará ordem para que coopere com elle para restabelecer a bôa intelligencia entre aquelles dlfferentes estados e os povos do Brazil.

Tanto Sua Magestade e Alteza como os meus collegas concordaram commigo em todos estes pontos, e sendo autorizado a expedir n'essa conformidade os officios que deixo referidos, fiz ali mesmo leitura dos que levava preparados, visto a escassez do tempo achando-nos tão proximos a nossa partida para a Europa ; e pelas cópias que juntas remetto, será constante a V. S. o cuidado com que preveni as exprobrações, que temos a receiar da parte de Espanha por esta especie de reconhecimento, sem comtudo dar lugar aos povos americanos de receiarem, que nós possamos jamais voltar a fazer causa commum com a sua antiga metropole para os reduzir á cathegoria de colonias.

Nas intrucções para o barão de Laguna encontrará V. S. menção da nova linha divisoria, que deve fazer de ora em diante a fronteira da provincia do Rio-Grande.

E' ella o resultado dos trabalhos dos dous habeis engenheiros Brito e Salvador, que Sua Magestade havia mandado para determinarem de uma maneira precisa aquella linha, não já debaixo das vistas ambiciosas e tendentes a supplantar os nossos vizinhos, mas unicamente com o fim de assegurar por meio de uma fronteira militar a tranquillidade dos povos, pondo a proviucia ao abrigo de uma repentina invasão, que a ficar a antiga demarcação conduzia logo desde as primeiras incursões o inimigo no coração da provincia. Pela actual divisão, sem peiorarmos a situação dos nossos vizinhos quanto á sua defesa, melhoramos a nossa para no caso de sermos atacados.

D. Manuel Jozé Garcia, que tem aqui residido, ha algums annos, na qualidade (não ostensiva) de agente de Buenos-Aires, vai partir ainda antes de Figueiredo para aquella cidade e levará ja esta noticia, que não póde deixar de melhorar muito a situação das nossas relações commerciaes com todos aquelles povos.

O governo portuguez terá a gloria de haver sido o primeiro, que proclama e põe em pratica para com as demais nações principios de direito das gentes conformes aos de direito publico, que acaba de adoptar,e que fazem a baze do regime de todos os governos representativos.

Não tardará, que o nosso exemplo seja seguido pelos Estados Unidos da America septentrional, e mesmo pelo governo da Gran-Bretanha. Mas nós teremos a gloria de os haveremos prevenido, sem que por grande antecipação se nos possa exprobrar, que nos tenhamos accelerado.

Adeus, meu digno e respeitavel amigo etc.

CARTA 19.ª

Meu amigo e senhor.

Posto que seja grande a confiança, que me inspiram as qualidades pessoaes do conselheiro João Rodrigues Pereira d'Almeida, reflectindo eu na complicação que lhe resulta da commissão de emprestimo, de que vai encarregado, das poucas relações que tem em Portugal, donde sahio nos principios da mocidade ; e emfim que a sua profissão lhe não dá todo o accesso, que é preciso, junto ás pessoas hoje influentes nos negocios publicos, lembreime de propôr a el-rei para ir especialmente incumbido de importante negocio de se informar e nos informar das disposições das côrtes relativamente á categoria em que se propoem receber a Sua Magestade, ao desembargador do paço João Severiano Maciel da Costa, não somente em razão da sua grande capacidade para quaesquer negocios da mais relevante importancia, mas porque está em

relações de amizade com os principaes deputados das côrtes, e tem entre todos elles e no publico em geral a mais bem merecida reputação de liberalismo, mas de um liberalismo fundado em principios de moderação e de solida doutrina.

Sua Magestade, que faz d'aquelle magistrado um elevado conceito, e se achava ainda magoado do desgosto, que nos primeiros momentos d'esta revolução se lhe havia causado, ficou extremamente satisfeito com esta minha lembrança, sobre tudo accrescentando eu que no caso de ella merecer a approvação de Sua Magestade João Severiano partiria com o apparente objecto de ir, como na verdade, nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Santa Sé, por ser isso tanto uma satisfação a que este tinha todo o direito pelo, ha pouco, mencionado disgosto, como porque em Roma se precisava de um ministro do pulso de João Severiano; sendo Pedro de Mello Breyner muito proprio para ir concluir em Napoles o começado negocio do casamento do senhor infante D. Miguel com a princeza filha de Sua Alteza Real o duque de Calabria.

Obtida assim a approvação de Sua Magestade, ordenei as instrucções, em que expuz a João Severiano, como precedentemente disse, o fizera a João Rodrigues e a frei Francisco de S. Luiz a necessidade em que Sua Magestade se achava de saber antes de entrar em Portugal, que sem a menor hesitação nem intervallo continuaria a exercer n'aquelle reino e conseguintemente em toda a monarchia as mais favoraveis attribuições da realeza, como até agora, salva a modificação que tem adoptado, e se conhece ser o voto geral da nação, de que para a confecção das leis, e particularmente para a imposição e percepção dos tributos para emprego dos dinheiros publicos Sua Magestade seja assistida e admitta como parte integrante do poder legislativo o congresso nacional de deputados nomeados pelos povos e compondo o congresso nacional na fórma e maneira que pela constituição, a que se está procedendo, houver de ser definitivamente, mas não sem o concurso de Sua Magestade, estabelecido e decretado ; pois que nada ha por

onde Sua Magestade se ache esbulhado do poder legislativo, que distingue o rei chefe de uma monarchia do presidente, do stathouder, ou como aliás se lhe queira chamar, chefe de uma republica antes os povos, cuja vontade as côrtes contemplam expressa nas procurações dos seus deputados muito explicitamente lhes impõe a obrigação de manter a Sua Magestade o Senhor D. João Sexto na dignidade, em que a revolução o achou, de rei d'estes reinos para o fim de se manter illesa a categoria de um governo monarchico com a só differença de agora lhe accrescer a qualidade de representativo pelo concurso, mas não pelo exclusivo do congresso no exercicio do poder legislativo.

No caso de acontecer, como eu muito receio, que nas bases da futura constituição a que, pelas noticias que por ora temos, se estava procedendo, como um necessario prelimínar ao trabalho da mesma constituição as côrtes mostrarem, como eu muito receio, opiniões oppostas a estes incontestaveis principios,incumbo eu ao conselheiro João Severiano de empregar todos os recursos do seu zêlo e da sua muita habilidade e doutrina de convencer aquelles deputados, que no seu e meu conceito são capazes de admittir conselho de razão dos incalculaveis males, que da adopção de tão funestos erros até provados pela recente experiencia da França, da Hollanda, das republicas da Italia, e de presente pela da Espanha e de Napoles, se devem seguir.

Porém que a não ser possivel conseguir, que se assente em principios compativeis com os direitos de que nem a Sua Magestade é licito desistir, nem jámais existio na nação portugueza a intenção de alterar, deverá elle conselheiro partir, podendo ser, immediatamente ao nosso encontro para as ilhas dos Açores, mandando antes e ao mesmo tempo por differentes vias competentes informações do que houver passado, assim á do Faial como á Terceira, afim de que, chegando ali, Sua Magestade receba desde logo as noticias, que no tempo couber expedir, e que lhe possam servir de ulterior governo.

Ainda que segundo os calculos precedentemente

feitos, parece, que entre a nossa partida e a do conselheiro João Severiano não haverá bastante intervallo para tudo quanto elle vai incumbido de fazer, o negocio é tão importante, que ainda quando Sua Magestade devesse fazer uma arribada, afim de dar tempo a chegarem as informações que por elle ou pelo conselheiro João Rodrigues devemos receber, eu sou de parecer, que cumprirá fazel-a antes que aventurar-se a entrar em Lisboa em irremediavel menos cabo da sua dignidade.

Mas eu lisongeio-me de que se poderá ainda espaçar a partida: e por ventura darão os acontecimentos lugar a mudar-se inteiramente o plano, convencendo-se Sua Magestade bem como Sua Alteza Real de que a felicidade da monarchia exige, que a séde d'ella continue a residir áquem dos mares na fórma e pelas razões, que nas minhas precedentes memorias tenho expendido.

Do que o tempo fôr descobrindo darei noticia a V. S., porque cumpre, para segurança do meu bom nome e para illustração da historia, que eu vá fazendo no seio da amizade o deposito da facil narração dos successos, em que a sorte quiz, que eu seja parte; e de que é justo, que a posteridade seja por mim mesmo, sem prevenção de amor ou odio, escrupulosamente informada.

Adeus, meu respeitavel amigo etc.

CARTA 20.ª

Meu amigo e senhor.

Cahio de todo o véo, que de algum modo cobria os designios dos promotores publicos e occultos da revolução de 26 de Fevereiro.

A resolução, que Sua Magestade tomou de regressar com a sua côrte para Portugal, desarmou a cabala, que mediante novos tumultos e pela creação do conselho d'estado que exigiam se compuzesse das pessoas, cuja relação communiquei a V. S. na minha carta de..., procurava

obrigar Sua Magestade a dar aquelle ou aliás outro algum ainda mais funesto passo.

Como porém as delongas no preparativo que a decretada viagem, postoque nascidas unicamente da falta de meios, e de não haver no ministerio quem efficazmente se applicasse a removel-as, impacientemente aos chefes d'aquelle turbulento partido fazendo-lhes até mesmo suspeitar, que da parte do governo de Sua Magestade havia em tudo isto proposito deliberado afim de se ganhar tempo, e com elle se penetrarem os seus projectos, e se frustrarem suas maquinações por meio da remoção dos seus principaes coriphêos, inflammaram a natural actividade de Sua Alteza Real, que encontrou nos cofres do visconde do Rio-Seco todos os subsidios, que precisos fôssem para se ultimar a obra da sahida de Sua Magestade d'este reino, como passo essencialmente preciso para a revolução do Brazil receber todo o desenvolvimento, que os seus autores começavam a receiar-se lhe estorvasse.

E tão forte é o receio, que sobre isso manifestam, que não contentes com o rapido progresso que os preparativos da esquadra vão fazendo depois de assim soccorridos com todos os meios pecuniarios, que precisos forem, não falta quem espalhe pelo publico, como para sondar as verdadeiras intenções do governo, que este só espera pela definitiva promptificação da esquadra para declarar, que o bem da monarchia exige, que Sua Magestade continue ainda a residir n'esta parte dos seus estados, tomando a deliberação de delegar em seu filho o principe real a importante commissão de o ir representar como seu logartenente nas côrtes de Lisboa.

Estes boatos, industriosamente espalhados pelo publico, não são tanto destinados a inquietar os animos das differentes classes do povo, que bem pelo contrario anhela por vêr adoptada similhante medida: o seu objecto, além de ser o já mencionado de descobrirem as verdadeiras intenções do governo, é de excitarem na divisão portugueza um fatal descontentamento; pois lhe fazem acreditar, que, ficando aqui el-rei, se lhes prolonga indefinidamente a sua estada no Brazil, e já V. S. sabe, que este foi o principal movel, com que se abalou o animo

á tropa para entrar na revolução de 26 de Fevereiro, por se lhe persuadir que o ministerio de então, deferindo adherir á revolução de Portugal, nada menos intentava do que cortar todas as relações com aquelle reino e portanto ás tropas da divisão todas as esperanças de a elle tão cedo e por ventura jámais poderem regressar.

Na verdade não se póde fazer idéa do effeito, que estes boatos e as suggestões manejadas em segredo têm produzido não só nos animos rudes dos soldados, mas tambem e com maior vehemencia ainda nos da officialidade, que já pela natural impaciencia de reverem suas familias, já pelas esperanças, que as noticias da revolução de Portugal lhes tem feito, de verem melhorada no seu regresso áquelle reino a sua sorte em consequencia da despedida de grande numero de officiaes estrangeiros, que occupavam os postos mais importantes do exercito, já não conhecem barreiras ao seu soffrimento, e estam dispostos a tentar tudo quanto se lhes aconselhe para sahirem d'este para elles tão violento quanto prolongado presidio.

E' certo, que nem Sua Magestade nem nenhum dos seus ministros retarda actualmente a realisação da decretada partida. Mas nem por isso afianço, que os chefes do partido revolucionario desistam de promover uma nova commoção, afim de melhor assegurarem e mesmo precipitarem a partida de Sua Magestade.

E ha de V. S. acreditar, que toda a nobreza, tudo quanto é gente do paço arde de impaciencia de voltar a Portugal? Sabem todos, que n'aquelle reino rebentou uma revolução mais violenta de quantas lhe têm precedido na Europa contra as classes privilegiadas do clero e nobreza: e n'esta com especialidade se faz tiro aos que, na phrase já trilhada em quantos discursos nos tem chegado das côrtes, se denominam aulicos. E são estes aulicos os que até estigmatisam como traidores ao rei e a nação as pessoas que elles suppõem opporem-se ao regresso de Sua Magestade para Portugal.—Infelizes ! Quem não conhece a sorte que os lá espera !

Adeus, meu digno amigo etc.

CARTA 21.ª

Meu amigo e senhor.

Eu não sei, si foi por effeito do sincero desejo, que tem todo este povo (geralmente falando, pois em tudo ha excepção) de que Sua Magestade não verifique, ao menos por ora, a trasladação da sua côrte para a Europa, ou si foi por manobra do partido, que mais deseja, que Sua Magestade parta quanto antes e parece receiar, que o ministerio se dispõe a ceder ao desejo do povo, o certo é, que tanto a camara d'esta cidade como o corpo do commercio acabam de levar á presença de Sua Magestade as mais instantes e energicas representações, supplicando-lhe haja por bem differir, e si possivel fôsse, retractar a tomada resolução do seu regresso para Portugal.

Si foi espontaneo movimento dos povos, será este um eterno monumento de bom espirito e sensatez, de que elles se acham animados. E si foi obra do partido revolucionario para obter por uma parte a declaração do governo de Sua Magestade e mesmo para o forçar a dal-a qual elles a desejam, esporeando por este modo a impaciencia dos cortezãos e da tropa, podem desde já felicitar-se de haverem conseguido o seu intento.

A resposta de Sua Magestade áquellas expressões de amor dos seus vassallos foi tal qual V. S. póde imaginar. Sem se fixar a época da partida, mostrou-se a necessidade, em que Sua Magestade estava para bem geral dos seus estados em um e outro mundo de fazer este novo sacrificio das suas paternaes affeições, separando-se de vassallos que tão caros lhe deviam ser até pelo recente testimunho, que acabava de receber do seu filial affecto.

Pareceria, que com esta tão positiva declaração deveriam acalmar os furores da ambição. Mas nas 24 horas que têm decorrido, e durante as quaes sou informado com frequencia do que se passa nos quarteis, nos cafés e nas lojas dos mercadores da rua Direita e Quitanda (os quaes logares são hoje o theatro da mais

desenfreada liberdade de falar) observo, que bem longe de os espiritos se aquietarem vão entrando em uma effervescencia tanto mais dfficil de reprimir quanto são desvairados os motivos, que cada um tem para viver em penoso desassocego incerto da fortuna, que o espera na nova ordem de cousas, que pela retirada de Sua Magestade se vai estabelecer n'este tão bello quanto malfadado paiz.

Todos antevêm, em grosso, que nada do que hoje existe se póde conservar. Mas quaes serão as mudanças, que se preparam? Quaes serão as victimas das reformas? E serão estas para bem ou para maior desventura do estado?

Eis aqui as perguntas, que cada um se faz a sí mesmo, e que fazem todos uns aos outros.

Deus guarde etc.

CARTA 22.ª

Meu amigo e senhor.

Frustrada a primeira tentativa, que o partido da independencia havia feito para se apoderar do manejo dos negocios, mediante o conselho governativo que logo depois do dia 26 do mez passado exigiam, que Sua Magestade creasse, approvando outrosim as nomeações que na mesma proposta se continham das pessoas escolhidas pelo mesmo partido, e cujos coripheus talvez occupavam n'ella os mais distinctos logares; não tem cessado os rebates de novas commoções, com que de dias a dias se ameaça o governo, sem se declarar qual seja o verdadeiro intuito dos homens turbulentos, que ou como instigadores, ou como instrumentos, parecem dispostos a lançar mão de todos os meios, para conseguirem os seus ambiciosos fins.

De balde se tem dado á policia ordens e instrucções para surprender em suas tramas os autores d'aquelles tenebrosos planos. Os principaes agentes da policia são

entrados na geral conspiração, e Sua Magestade decidido a retirar-se, julga conveniente não fazer alteração no pessoal dos publicos empregados.

Avisado o governo de que dentro em tres dias rebentaria um novo tumulto, para o qual os conhecidos agentes do partido andavam publicamente solicitando a tropa portugueza, tem sido este um dos mais urgentes assumptos das deliberações dos ministros de Sua Magestade desde domingo, que com toda certeza constou não só d'aquellas diligencias, mas dos rapidos progressos que o espirito de desordem ia já fazendo assim na tropa de linha como nas milicias da cidade quasi toda composta, como V. S. sabe, de caixeiros de commercio, pela maior parte européos.

Obrigado a dar o meu parecer, nenhum outro me occorreu mais prompto nem mais efficaz, do que entregar aos proprios autores da desordem a manutenção da publica tranquillidade. Propuz pois, que Sua Alteza o principe real fizesse convocar toda a officialidade de primeira e segunda linha, e que referindo-lhes os rumores, que haviam chegado ao conhecimento de Sua Magestade lhes ponderasse quanto elles eram injuriosos á conhecida lealdade do exercito ; terminando por exigir de todos e de cada um a sua palavra de honra de como não fariam movimento algum, que não fôsse conforme aos principios de lealdade, que todos professavam, e unicamente em virtude de ordens que lhes fôssem transmittidas pela via regular da secretaria de estado.

Sua Alteza Real, não obstante ter tratado de falsos aquelles boatos, não se roubou a dar este passo, em que todos concordaram, mais por condescenderem com uma proposta contra a qual nada se offerecia, do que por se convencerem do effeito, que eu della esperava. Elles não viam n'este expediente mais do que uma scena theatral. Eu pretendia ligar por este modo as mãos aos agentes de differentes ordens, para que nenhum pudesse depois desculpar-se com o ordinario—não cuidei.

O certo é, que se passaram os dias criticos, e cessaram (por ora) os assustadores boatos de perturbação da publica tranquillidade. E ninguem duvida ter tido para

isso grande parte o protesto de fidelidade, que remetto incluso, o qual os officiaes, convocados por Sua Alteza Real, puzeram nas suas mãos, para subir a presença de Sua Magestade, pedindo-lhe licença para o fazerem publico por meio da imprensa.

Mas qual era o intuito dos maquinadores d'esta nova desordem? me perguntará V. S. Accelerar a sahida de Sua Magestade, alvo principal dos desejos de um punhado de ambiciosos e não menos cegos Europêos, excitados por astutos, mas enfim não menos cegos Brazileiros, que deslumbrados com a lisongeira vista da sua futura independencia, consideram a sahida do governo de Sua Magesdade como primeiro indispensavel passo para chegarem áquelle seu desejado fim: bem certo (e n'isso certamente menos errados que os nossos malfadados compatriotas) de que o dominio europêo pouco tempo ha de sobreviver no Brazil á sahida do fundador da sua elevação a cathegoria de reino, passo este que o vulgo considerou como uma insignificante formalidade, mas que os politicos encararam desde logo como um acto de emancipação tanto mais formal, quanto era certo que por esta declaração se fazia constar officialmente um facto aliás incontestavel, a saber, que o Brazil se achava governado, havia sete annos, pelas suas proprias leis e por um throno n'elle residente, e que nada carecia, para continuar a ser respeitado pelas potencias do mundo, da sua união com Portugal. Tal era o discurso dos Brazileiros em 1816: e o decreto da elevação do Brazil á cathegoria de reino, não sendo mais nada do que uma solemne proclamação d'aquellas verdades, de tal modo confirmou os animos na crença d'ellas, que lhes tornou impossivel o reflectirem, que o que era verdade em 1816 e continuaria a sel-o, si o governo, que n'aquella epocha existia em todo o seu vigor, tivesse aproveitado ao menos esses preciosos momentos, que desde então decorreram, para pôr este paiz ao abrigo da influencia, que era de esperar exercesse n'elle a catastrophe, que todos os homens de razão e experiencia estavam predizendo, que se achava imminente em Portugal.

Deus guarde etc.

CARTA 23.ª

Meu amigo e senhor.

Estam chegando a todos os momentos e a todas as pessoas do governo denuncias vagas quanto ao tempo e modo, porém muito positivas quanto ao facto de que se prepara a arrebendar dentro em poucos dias um novo tumulto com o motivo ou pretexto de que, achando-se concluidos os preparos para a partida da côrte, nada consta das providencias, que Sua Magestade deixa, que assegurem a tranquillidade d'este continente e nem mesmo a d'esta cidade, que visivelmente se conhece estar como aterrada e receiosa das maiores calamidades, vendo-se a ponto de ficar entregue ao governo de um joven principe revestido, sim, de grandes e mesmo extraordinarias qualidades, mas destituido d'aquella experiencia que unicamente o póde preservar da surpreza dos malevolos. Esta falta póde ser supprida pela escolha de bons ministros, e pelo acerto das instrucções, a que todos até agora se tem lisongeado, que el-rei antes da sua sahida, e mesmo com muito antecipada publicação, hôuvesse de proceder. Constando porém que as instrucções já consignadas no diploma, que confere ao principe real a regencia d'este reino, lhe conferem uma quasi illimitada autoridade, ao mesmo tempo que se sabe não se ter ainda cogitado da nomeação de ministros; e pelo teor mesmo das instrucções se deprehende, que do arbitrio de Sua Alteza Real fica dependente despedir esses que lhe fôrem dados por seu pai, nomeando em vez d'elles talvez alguns dos muitos depravados, que o rodeiam, e que mais de uma vez têm surprendido a sua inexperta boa fé; não póde o governo deixar de acreditar como provavel o boato, que as denuncias mesmo assim de um modo vago fazem chegar ao seu conhecimento.

A policia em vez de dar ao ministerio noções mais positivas, que confirmem ou desmintam esses boatos, e que, descobrindo o fio da conspiração, indiquem o modo de a

atalhar, não só se limita a dar parte de como recebe diariamente milhares de avisos tão vagos como os que chegam directamente ao governo, mas interrogada sobre as pessoas por que elles lhe tem vindo, refere-se a pasquins e cartas anonimas, não mostrando d'estas sinão ponquissimas em numero, e além de extremamente vagas, singularmente couformes em estilo e construcção.

Esta ultima observação junta ao conluio nimiamente conhecido entre a alta policia e o poderoso partido, que anhela pela sahida da côrte, não me deixa a menor duvida de que se quer e se ha de produzir nova assuada para obrigar el-rei a accelerar a sua partida, de que até se chega a desconfiar ; pois que não só os preparativos se têm feito com extrema morosidade e visivel intimo desejo de que possam servir tanto para el-rei e a sua côrte, como para Sua Alteza Real e as pessoas de quem o governo se quizer desfazer, segundo ao ministerio parecer mais conveniente seguir um ou outro d'estes dous partidos.

N'estes termos julguei ser de minha obrigação o exigir, que Sua Magestade, convocando os seus ministros, fizesse deliberar na sua presença e na do principe real sobre o assumpto, que a meu vêr é hoje o da mais alta importancia. El-rei, depois de ouvir as minhas reflexões, deu-me ordem para que amanhan em despacho, em que todos temos de concorrer, eu exponha a crise, em que se acha esta côrte, e aponte o expediente, que me parecer o mais proprio para se atalharem as consequencias de um tumulto, que póde ser tanto mais funesto quanto são detestados os ambiciosos factores da revolução, que desde 26 de Fevereiro têm desorganisado todo o systema da subordinação militar, absolutamente aniquilado o respeito das classes inferiores da sociedade, sem exeptuar os mesmos escravos para com os seus superiores, até e muito particularmente para com a magestade do throno.

Darei parte do que se passar, porque ainda preciso de fazer hoje certas averiguações para poder fixar as minhas ideas sobre o expediente, que convem tomar em tão emmaranhada confusão de opiniões e de interesses.

CARTA 24.ª

Meu amigo e senhor.

Todas as minhas diligencias para o fim de penetrar até a origem do assustador boato do novo tumulto, que se diz ameaçar-nos, me conduziram á plena convicção de que elle deriva de pessoas, sem cujo concurso tal tumulto se não poderá verificar. Era portanto necessario manietal-os, para que não levem avante o seu damnado projecto; e como este tem por alvo o constranger el-rei a effectuar a sua partida, que elles até começam a receiar se não realise, era preciso paralisar o jogo da intriga até que Sua Magestade ponha em execução a sua partida, ou algum outro expediente que lhe permitta a continuar aqui a sua residencia, sem estar diariamente exposto a similhantes sobresaltos.

Para conseguir este fim propuz em conselho, que Sua Magestade mandasse convocar os eleitoraes de comarca, que já se acham n'esta côrte, esperando pelos que faltam para procederem á eleição dos deputados para as côrtes geraes do reino unido, e juntos elles debaixo da presidencia do ministro e secretario de estado dos negocios do reino fazer-lhes este a exposição textual e do espirito das instrucções e poderes com que Sua Magestade ha sido proposto pela seu ministerio deixar munido ao principe real, como regente d'este reino do Brazil, indicando ao mesmo tempo as pessoas que tem de ficar a seu lado como secretarios do governo; accrescentando por fim que Sua Magestade, desejoso de em tudo proceder na maneira a mais conveniente á geral utilidade dos seus povos, ha por bem ouvir o parecer dos mesmos eleitores antes de sanccionar aquellas instrucções.

Este passo, além de satisfazer a impaciencia do publico, dando por meio dos eleitores ao facto das instrucções e da effectiva nomeação do ministerio da regencia, aquella publicidade que é compativel com a dignidade real, córta aos malevolos o pretexto de que já começam a servir-se,

dizendo que em materia de interesse de todos, e longe da fonte das providencias soberanas, as instrucções devem ser feitas com conhecimento dos povos, uma vez que pelo simples facto da convocação das côrtes do reino, e por todas as proclamações dos regeneradores se acha proclamada a soberania do povo. El-rei, sem autorisar nem conceder este principio, faz de proprio moto o que sempre se fez, e que sem se poder allegar com o assenso áquella maxima, satisfaz a quanto no presente caso os mal intencionados podem pretender; pois que eis-ahi ouvidos os povos pelo unico modo por que o podem ser, que é pela voz de homens que os mesmos povos já indicaram como os mais dignos de sua confiança. Accresce, que acontece serem os eleitores, que aqui se acham, das pessoas mais capazes que se poderiam desejar.

Esta minha proposta não encontrou plena approvação do ministro dos negocios do reino, que desde logo se recusou a comparecer em pessoa na junta dos eleitores, mas afinal conveio em expedir as ordens para elles se ajuntarem debaixo da presidencia do ouvidor da comarca, a quem elle transmittiria cópia das instrucções destinadas á Sua Alteza Real para as fazer presentes em junta. Eu protestei immediatamente contra esta alteração do meu plano em ponto, que no meu entender era dos mais essenciaes, pois que a presença d'elle ministro era absolutamente indispensavel, tanto para aclarar as duvidas que na discussão era natural que occorressem, como para dirigir a mesma discussão a um fim conveniente e proprio a compadecer a tranquillisação dos animos com a dignidade da corôa.

Não posso escurecer, que estou com grande receio de que no resto da execução se venha a malogar o que bem executado nos parecia conduzir a resultados ainda mais vantajosos do que os que ficam apontados. Entretanto já será grande vantagem o fixar a opinião publica sobre as verdadeiras intenções de Sua Magestade, e o fehar-se a porta á intervenção do povo em tumulto, admittindo-se a conselho estas pessoas de sua confiança, e que por felicidade se fazem credores da do governo.

CARTA 25.ª

Meu amigo e senhor.

Si hontem lhe escrevi, que receiava vêr malogrado o meu plano pelo modo da sua execução, hoje sou obrigado a augurar o seu inteiro transtorno pelos preparativos, que a perversidade de uns e a inepcia dos outros estam fazendo para a sua execução. Fui esta manhan informado de como debaixo da direcção do ouvidor da comarca se faziam subscripções para se construir na praça do commercio um trabalho e bancadas afim de se celebrar a junta dos eleitores em publico, bem que com uma sufficiente separação do povo, que a esta sessão quizer assistir, confesso a V. S., que estremeci, quando ouvi esta noticia, e até duvidei de acredital-a emquanto me não constasse de modo muito authentico.

Mandei portanto pedir ao ouvidor da comarca, que me viesse falar: e vindo (bastantemente tarde) soube d'elle ser verdadeira aquella ominosa noticia. Observei-lhe, que similhante plano era diametralmente opposto ás intenções de Sua Magestade, cuja mente era de ouvir o parecer dos eleitores, não como eleitores, mas como pessoas que tinham a presumpção de gozarem da publica confiança; e que bem longe d'el-rei querer provocar um ajuntamento popular, era precisamente para tirar todo o pretexto de o haver, que Sua Magestade adoptára aquelle expediente. Que para desempenho d'estas vistas não era em publico, não era em um local tão exposto como a praça do commercio, que a junta se devia convocar; mas uma sala decente e retirada, como por exemplo a do consistorio de S. Francisco de Paula, onde era facil mandar pôr, como é pratica em muitos outros casos, uma guarda ou de honra ou de policia, que sem estrepito estorvasse não sómente a entrada (que em tal caso até a ninguem lembraria tentar), mas até os ajuntamentos do povo nas circumvizinhanças.

O ouvidor, affectando dar pouco valor aos meus receios, protestou-me, que estavam dadas todas as providencias para que tudo se haja de passar na melhor ordem; mas que de resto tudo o que se tinha feito era de acordo e por ordem da secretaria d'estado dos negocios do reino.

N'estes termos nada mais me restava do que passar a palacio a informar a el-rei de todo o succedido. Sua Magestade, a quem não tinham escapado os perigos de similhante convocação e deliberação em publico, concluio com tudo, que era de sua ordem, que assim se executára por lhe terem certificado, que não resultaria dahi o menor inconveniente.

Eu protestei na real presença, que não respondia pelas consequencias, tendo sido o meu projecto de convocar e ouvir os eleitores, como um meio de impedir tumultos populares, entretanto que por este modo o que se faz é provocal-os.— Mas quem não vê n'este passo a mesma mão, que fez rebentar a mina em 26 de Fevereiro e que receiosa de perder o fructo d'aquella explosão, se dispunha a emprehender agora uma nova tentativa?

CARTA 26.ª

Meu amigo e senhor.

Os lamentaveis acontecimentos, que á noite passada tiveram logar n'esta côrte, vão demonstrar a V. S. quanto eram bem fundados os receios, que na minha precedente carta referi a V. S. ter patenteado a el-rei em consequencia da absurda execução, que eu soubera do ouvidor da comarca, que se ia dar ao plano do conselho dos eleitores sobre as instrucções, que Sua Magestade se propunha de deixar a seu filho para lhe servirem de governo na regencia d'este reino.

Com effeito não se tendo dado nenhum peso ás minhas observações, não sómente se proseguio todo o dia de hontem em fazer na praça do commercio arranjos para o povo poder assistir á conferencia dos eleitores,

mas até se assegurou aos chefes do partido o direito de ali irem dictar a lei, annuindo o dito ouvidor (não sei, si de moto proprio, ou com superior consentimento) a que se abrisse uma subscripção para as despezas d'aquellas accommodações.

Achando-se estas promptas, pelo fim da tarde de hontem fui avisado como, no meio de um immenso concurso de todas as classes inferiores da sociedade, se haviam reunido os eleitores, e que se estava começando a leitura das regias instrucções, depois de se ter lido um aviso do ministro e secretario de estado dos negocios do reino concebido pouco mais ou menos nos termos que no conselho dos ministros presidido por Sua Magestade se havia decidido.

Não era passada meia hora, quando outra pessoa das varias, que eu, para estar ao facto do que fôsse succedendo, para ali tinha destacado, me trouxe a fatal noticia de que sem consentirem que se proseguisse na leitura das reaes instrucções, uma meia duzia de homens, quasi todos da ultima ralé, e todos elles conhecidos pela dissolução de costumes, a que deviam o serem tidos entre os seus iguaes como coripheos dos differentes partidos a que cada um d'elles pertencia, interromperam em altas vozerias o secretario, que fazia a leitura das ditas instrucções, de modo que já áquelle tempo não havia quem se entendesse na sala, chegando a ousadia de descompostura a ponto de saltarem por cima das barreiras, que separavam o povo dos eleitores, procurando cada qual um logar o mais elevado possivel, para fazer sobresahir as suas desatinadas voserias sobre as de todos os demais.

Bem que eu tivesse dado as ordens necessarias ao governador das armas para se multiplicarem as patrulhas, conservando-se a tropa nos seus quarteis promptas a acudir onde conviesse, afim de se assegurar a tranquillidade publica, comtudo, como era já noite e eu receiava, que aquelles demagogos tivessem disposto os animos não só dos seus adherentes do povo, mas até mesmo da tropa e sobretudo de entre a officialidade, dos quaes alguns me eram mui bem conhecidos, mandei chamar o governador das armas da côrte e depois de saber d'elle

como estavam dadas todas as providencias de maneira que nada havia a receiar do ajuntamento do povo fóra da praça do commercio, quer nas suas immediações, quer em distancia, e que quanto aos officiaes suspeitos elle os tinha paralisado, chamando ao seu quartel, onde se achavam, debaixo de varios pretextos de serviço os que se podiam considerar como molas reaes e indispensaveis de qualquer empreza, mandei propor aos meus collegas o reunirmo-nos no paço para deliberarmos segundo o que fôsse occorrendo, e esperarmos ali a volta de Sua Magestade, que na fórma do seu costume tinha ido pela tarde á real quinta da Bellavista em São-Christovão.

Ao mesmo tempo que os soldados de ordens voltavam com a resposta de que o ministro dos negocios do reino já tinha partido para São-Christovão, e que o de marinha se dispunha ao mesmo por lhe haver chegado aviso de Sua Magestade de como ali nos esperava, recebi eu igual aviso, e juntamente a noticia de como da praça do commercio se dirigia ao paço uma deputação mandada pelos eleitores para supplicarem a Sua Magestade se dignasse fazer varias alterações nas instrucções destinadas para Sua Alteza Real; mas nenhuma das pessoas que me trouxeram esta noticia tinha podido colligir quaes fôssem as alterações pedidas. Tal era a desordem e confusão, em que ellas haviam sido propostas, discutidas, e umas regeitadas, outras adoptadas pelos eleitores!

Entretanto era evidente, que o secretario no meio d'esta tumultuosa discussão tinha redigido, ou pelo menos copiado a proposta, que a deputação ia propor a Sua Magestade e portanto encarreguei de ir saber d'elle com exactidão pessoa que para isso se me offereceu. E com effeito em breve tempo voltou trazendo-me em resposta, que dous eram os objectos, que a deputação ia encarregada de pedir a Sua Magestade. 1°. Que emquanto as côrtes de Portugal não concluissem o trabalho da constituição da monarchia, o Brazil se governasse pela constituição actual da Espanha. 2°. Que além do ministerio, que Sua Magestade houvesse por bem nomear, Sua Alteza Real fôsse assistido de um conselho nomeado pelos eleitores, que reunidos estavam, e que ficariam a esse

fim em sessão permanente, esperando a confirmação de Sua Magestade.

Com esta informação parto immediatamente para São-Christovão, para onde outro sim se me deu entretanto aviso, que a deputação se poria a caminho, pois que, tendo se dirigido aos paços da cidade, houvera ali noticia de que Sua Magestade resolvêra ficar essa noite na na sua real quinta da Bella-Vista.

Apressei-me portanto em prevenir a sua chegada, tanto para evitar a el-rei a surpresa, que naturalmente lhe havia de causar similhante proposta, mas para se poder deliberar sobre a resposta, que Sua Magestade deveria dar á deputação.

Quando cheguei a São-Christovão, ja la encontrei os dous ministros do reino e da marinha e ja aquelle tinha informado a el-rei, tanto do que se tinha passado na praça do commercio, como da proposta que em conclusão os cleitores mandavam pela sua deputação submetter a alta consideração de Sua Magestade. El-rei ouvindo isto, mandou chamar a Sua Alteza Real para assistir na forma do costume á deliberação, a que queria se procedesse na sua real presença afim de se assentar na resposta que decisivamente se deveria dar á deputação para de um golpe cortar o fio da desordem, que ja se conhecia, posto que tarde, achar-se organisada polo facto da inconsiderada sessão publica dos eleitores, que em vez de uma simples reunião de homens leaes, que Sua Magestade houvera por bem ouvir, se achava convertida em uma assemblea de representantes não já do povo d'esta côrte e comarca, mas de todo o Brazil.

Concordou-se em que era precisa tanta maior consideração no partido, que Sua Magestade tinha de tomar, quanto eram concordes as pessoas, que eu, o ministro dos negocios do reino e mesmo el-rei tinhamos mandado assistir á sessão para nos virem successivamente informar do que ali se passasse, eram todos conforme em que tres distinctos partidos se tinham feito vêr pelo orgão dos seus furibundos oradores, durante a sessão, e tanto pelo conhecimento que o governo tinha das relações d'aquelles individuos, como do que os emissarios referiam dos seus

discursos, era manifesto, que todos tres tinham grandes ramificações no povo e na tropa.

A' vista de todas estas considerações, e depois de cada um dos presentes dizer a sua opinião, conclui eu recopilando o que por uma e outra parte se havia dito, que si bem eu concordava com o parecer, em que todos estavam conformes, de Sua Magestade annuir á proposta dos eleitores, era o meu voto, que se accrescentassse ás clausulas de que Sua Alteza Real ficaria governando este reino na qualidade de regente e na conformidade da actual constituição politica da Espaha, n'aquella parte em que ella póde ter aqui applicação, durante o intervallo que as côrtes de Lisbôa precisarem até á promulgação da constituição da monarchia portugueza; e que emquanto ao conselho, que deveria ficar assistindo a Sua Alteza Real, Sua Magestade se reservava manifestar a sua real decisão, quando lhe fôsse presente a escolha, que os eleitores fizessem das pessoas, que o deviam compôr.

D'estas clausulas só foi approvada a segunda. Quanto á primeira, sim concordaram todos, que era fundada em razão; mas lembrados da opposição que similhante clausula experimentára no dia 26 de Fevereiro, e já referi a V. S., quando lhe escrevi sobre os acontecimentos d'aquelle dia, assentou-se em que a accessão de Sua Magestade a esta parte da proposta da deputação fôsse pura e simples.

Eu disse acima, que durante a tumultuaria vozeria dos demagogos, que na praça do commercio se haviam convertido de espectadores em oradores, se tinham manifestado tres bem distinctos partidos: convém, que eu aqui os signale para intelligencia não sómente do presente e do passado, mas porque estou certo, que da luta entre elles se devem ainda seguir temerosas commoções para o futuro.

A generalidade tanto de Europeus como de Brazileiros, costumados ao governo patriarchal de Sua Magestade, encaram com o maior susto o que se vai a seguir de um principe, revestido sim de grandes qualidades, mas sem experiencia, e que todos receiam vêr cercado de homens violentos, e o que sobretudo horrorisa aos Brazileiros e Europeus, conhecidos pela depravação de seus costumes e pela sua aversão á causa do Brazil.

Estes são os que na impossibilidade de excogitarem outro freio ao despotismo europeu, que receiam, se lembraram da adopção da actual constituição politica da Espanha, e da nomeação immediata do conselho que deve ficar junto ao principe real.

Em opposição a estes, um certo numero de pessoas, que têm tratado de perto o conde dos Arcos, e na massa do povo, um não pequeno numero que se não póde deshabituar de o chamar pelo seu nome de dom Marcos, por uma saudosa reminiscencia do seu governo, fazem causa commum com os que, conhecendo no principe real as grandes qualidades da parcimonia sem avareza, severidade sem fereza, e firmeza de caracter fundada em docilidade sem subjeição, esperam, que bons ministros, bons conselheiros e a pratica dos negocios farão renascer no Brazil, debaixo do seu governo, a idade de ouro, como se explica o conde, que todos sabem ser a pessoa, com cuja conversação, depois de seu mestre frei Antonio da Arrabida, Sua Alteza tem adquirido mais conhecimentos.

Este partido cifra as suas pretenções em que Sua Magestade, retirando-se para Portugal, deixe a Sua Alteza Real e ao seu ministro plena autoridade para fazerem, segundo as circumstancias, tudo o que entenderem ser a bem dos interesses d'este reino com respeito aos interesses geraes da monarquia.

O terceiro partido, tão inimigo do conde dos Arcos como de todo o nome brazileiro, foi, ao que referiam os emissarios, o que causou maior confusão na assembléa dos eleitores. Não se tendo ajustado em proposta alguma para evitarem a influencia, que receiam tanto do conde, como dos naturaes do paiz, logo que daqui sahiam os esteios do partido europeo, cada um dos fogosos oradores da que elles denominam causa publica, começou a desvairar em descompostas diatribes, e em projectos uns mais absurdos do que os outros.

Afinal a expressão emblematica de *constituição politica da Espanha* e a nomeação dos ministros do futuro conselho, em que cada um dos tres partidos se lisongeava de conseguir a superioridade, reuniram todos os votos e todos por acclamação concordaram no que propriamente (si

me não engano) já vinha ajustado entre os oradores do primeiro partido e uma bôa parte dos mesmos eleitores.

Emquanto a deputação não chegava, Sua Alteza Real justamente receioso de que apoz ella se não abalançasse a vir como em cortejo, mas que seria na realidade uma assuada, aquella parte do povo, que em similhantes casos se costuma pôr em movimento e que ás mais das vezes passa a excessos, que a não terem sido prevenidos, é depois impossivel atalhar, tinha mandado ordem ao batalhão de caçadores n. 3 e a um dos parques d'artilharia para se virem postar em torno do palacio da Bôa-Vista, destacando outro corpo avançado para a entrada da cidade junto ao campo de Sant'Anna.

Felizmente esta prudente cautela não foi precisa, porque a deputação se apresentou pela volta das 10 horas nos paços da real quinta, com toda a decencia, e sem apparencia alguma de que isso tivesse excitado o menor alvoroço na cidade: para o que certamente não podem deixar de ter contribuido as acertadas medidas, que tomou o governador das armas, cujo incansavel zelo durante toda aquella noite o fez quasi simultaneamente presente já n'um já n'outro ponto da cidade; mas sobre tudo nas vizinhaças da praça do commercio, nos quarteis dos batalhões de primeira e segunda linha (que tambem esta para maior segurança se mandou estar reunida á primeira voz) e emfim no seu proprio quartel, onde com mui prevista cautela retinha como em refens ora uns ora outros dos principaes motores da força armada.

El-rei com aquelle tacto de dignidade, que V. S. lhe conhece, sem dar á audiencia, que pela deputação lhe era pedida, maior consideração que a competente a simples particulares, sahio a uma das salas da sua habitação, (que como V. S. sabe são distantes da do throno) acompanhado do principe real e dos camaristas que ali se achavam na antecamara. Nós outros secretarios de estado ficamos no gabinete, esperando que Sua Magestade regressando nos ordenasse o que á vista da effectiva proposta entendesse ser mais do serviço do estado.

Com effeito a proposta era concebida pouco mais ou menos no estilo, que se nos tinha informado; e a substancia

das falas dos deputados, que tomaram a palavra, exprimia o que ha pouco expuz a V. S. dos receios do primeiro dos tres partidos, que dividem este povo.

Mandando Sua Magestade que novamente dicesse cada um de nós o que afinal entendia sobre a materia, eu, que no intervallo tinha mandado buscar um exemplar da actual constituição politica da Espanha, ponderei, que constando ella de um grande numero de titulos, que não podiam ter applicação nenhuma á regencia, que Sua Alteza Real ficava exercendo no Brazil, seria até mesmo irrisorio, que no decreto pelo qual Sua Magestade havia por bem annuir ao pedido da assembléa dos eleitores se mencionasse em toda a sua generalidade a constituição espanhola : entretanto que pelo contrario nada havia de mais decente e nem de mais conforme á pratica de todas as nações do que mandar o governo pôr em pratica como legislação subsidiaria algumas leis de outros paizes, quando motivos justificados, como seria no presente caso a urgencia do tempo, não permittem proceder-se a uma legislação expressa.

Foi novamente repellida esta minha instancia ; e dizendo eu que ao menos conviria, que immediatamente depois d'este decreto geral sahisse outro, em que se especificassem os titulos ou artigos da constituição espanhola que era da real intenção de Sua Magestade ficassem servindo como parte integrante das instrucções, por que Sua Alteza Real se devia governar no exercicio da regencia, que lhe era commettida, resolveu el-rei, que isso fôsse assumpto de ulterior deliberação, devendo-nos por ora limitar á adopção pura e simples da constituição espanhola.

N'esta conformidade pois de pleno assenso de Sua Alteza Real se lavrou o decreto, de que remetto um exemplar impresso ; pois que para se satisfazer á impaciencia dos chefes de partido entenderam as autoridades, a quem isso competia, que deviam fazel-o imprimir hontem á noite mesmo, posto que poucas horas faltassem para nascer o sol.

Entretanto como a deliberação no gabinete de Sua Magestade e o tempo preciso para a deputação chegar de

volta á praça do commercio, fizesse nascer nos animos inquietos dos demagogos receios de que o governo, em vez de annuir áquellas propostas, procedesse a medidas de facto para castigar a ousadia dos seus procedimentos, commetteram, o excesso de exigir dos eleitores, que deputassem e estes cahiram na fraqueza de deputarem com effeito dous officiaes generaes, que fôssem intimar aos governadores das fortalezas da barra ordem para não deixarem sahir embarcação alguma, emquanto pelo novo governo, que se instalar, lhes não fôsse mandado o contrario.

A noticia d'este desaccordado acto da mais formal rebellião, foi acompanhado da de outros menos individuaes de similhantes actos governativos propostos pelos furiosos demagogos, que, si bem não tivessem até aquelle momento recebido a sancção dos eleitores, era de receiar a obtivessem.

Era por conseguinte forçoso, que o governo tomasse algum expediente para pôr termo áquella desordem, cujas progressos se podiam tanto menos calcular, quanto com a manhan do seguinte dia toda a população d'esta cidade necessariamente passará a tomar parte nos acontecimentos, que em razão das trevas da noite se achavam limitados a um moderado numero de agentes.

O primeiro voto foi de fazer marchar sobre a praça do commercio todas as forças disponiveis, salvo as que cumpria colocar em certos pontos da cidade e fazer circular em patrulhas pelas ruas d'ella, afim de se acautelar qualquer disturbio emquanto se faziam sahir da praça do commercio e recolherem-se ás suas casas tanto os eleitores, como o numeroso concurso que n'ella se achava.

Bem que este plano parecesse o unico conforme á dignidade do governo, demonstrei no desenvolvimento da opposição, que me arrojei a fazer (não sem grande risco pessoal) aquella opinião unanime do conselho, que nem este era o unico expediente, nem a experiencia das commoções populares consentia, que se fizesse marchar tropa contra homens congregados, ao entender da massa geral do povo, em favor de seus direitos; porque nem é possivel em taes casos conter o furor da tropa, sempre indisposta

contra o povo em massa, e todos os desastres, que em taes casos acontecem, são considerados como outros tantos actos de barbaro despotismo do governo contra a nação.

A's quaes razões geraes accrescia n'este caso terem sido os eleitores congregados por ordem do governo para dizerem franca e livremente sobre o assumpto, que lhes era proposto. Que si cedeu no facto de expedir ordem ásf ortalezas da barra aos furores dos demagogos, devia-se attribuir ao terror, que estes lhes inspiravam, terror que, sendo má desculpa para um individuo, deve merecer toda a contemplação, quando se trata de uma assembléa, onde ninguem póde responder da debilidade dos outros, e logo que um grande numero se acha possuido de terror, é da natureza humana o communicar-se ainda áquelles mesmos que abandonados a si sós ostentariam uma coragem superior a qualquer perigo. Conclui pois, que eu me obrigava a fazer sahir da praça os eleitores, sem resistencia da sua parte, nem disturbio da multidão, fazendo unicamente cercar, mas em consideravel distancia, as avenidas da praça do commercio para inspirar terror aos pertubadores, assegurar aos eleitores a sua retirada e apprehender aquelles dos demagogos, que por mais conhecidos era quasi impossivel que escapassem.

Tive grande desgosto de vêr regeitado este meu plano: e então beijando a mão a el-rei, lhe declarei mui positivamente, que n'esta occasião, mais ainda do que em todas as precedentes em que solicitei da sua real benevolencia a minha demissão, a haveria por uma essencial mercê, pois que eu jámais daria ordem á tropa para marchar sobre a praça do commercio. Sua Magestade já extremamente commovido com a serie de extraordinarios acontecimentos, que sem interrupção se tinham succedido no decurso d'aquella longa e desastrosa noite, respondeu-me, que fizesse eu o que entendesse, mas que elle não me dava a demissão.

Com esta resposta parti a toda a brida para a cidade, e fazendo chamar o governador das armas, lhe ordenei, que da parte de Sua Magestade passasse á praça do commercio e intimasse aos eleitores, que dessem immediatamente por finda a sessão, sob pena de se exporem a si e ao povo, que

emquanto elles se achassem congregados naturalmente ali se havia de conservar, aos effeitos das medidas rigorosas que o governo já não podia por mais tempo deixar de empregar contra um ajuntamento, que havia degenerado em assuada. Ao mesmo tempo lhe communiquei o plano, que acima deixo exposto, para facilitar aos eleitores a sua retirada: impedir que se augmentasse o concurso de gente na praça do commercio e suas immediações, e apprehender os demagogos que successivamente se fôssem apresentando á boca de qualquer das tres ruas que dão sahida á dita praça; fazendo remover da banda do mar todos os barcos que lhes poderiam offerecer os meios de escaparem, e pondo em alguma distancia dous ou tres escaleres de vigia.

Aquelle general, depois de dar execução áquellas d'entre estas disposições que exigiam maior promptidão, passou com effeito á assembléa dos eleitores e tendo exposto o que lhe fôra ordenado, obteve em resposta do ouvidor presidente, que a assembléa tendo procedido logo que recebêra o real consentimento ás propostas que elle levára á sua real presença a nomeação dos membros do conselho que devia ficar assistindo ao principe regente, logo que terminasse este trabalho, o que seria obra de meia hora, dirigiria uma nova deputação á Sua Magestade para submetter á sua approvação a lista dos conselheiros nomeados: o que concluido, se dissolveria sem ulterior demora.

Quando o governador das armas se encaminhava para minha casa a dar-me parte d'este resultado, já encontrou varios corpos, que marchavam de seus quarteis a reunirem-se na praça do Rocio.

Não podendo eu á vista d'isto duvidar, que depois da minha sahida de São-Christovão se tinham expedido ordens para que, reunidas as tropas no Rocio, marchassem, como no conselho se havia resolvido, sobre a praça do commercio, ordenei ao governador das armas, que passando primeiro que tudo ao Rocio examinasse com que ordem e debaixo de cujo commando se achavam as tropas da guarnição em movimento; que qualquer que fôsse a autoridade, donde aquellas ordens emanassem, ou a

patente que as commandasse, lhes désse a voz d'el-rei para que d'aquelle ponto se não movessem emquanto elle governador não voltasse de São-Christovão, para onde immediatamente partiria a participar a Sua Magestade o que observára na praça do commercio, afim de Sua Magestade me determinar o que com pleno conhecimento de causa entendesse ser mais do seu real serviço.

Dada esta providencia e achando-se aquelle general em caminho para São-Christovão, constou-me pelos emissarios, que eu tinha na praça do commercio, que as eleições dos poucos membros do conselho d'estado, que faltavam, se estavam fazendo com bastante socego, e maior celeridade em consequencia da mensagem de Sua Magestade. Mas os que eu mandára observar os movimentos das tropas vieram-me avisar, que ellas pareciam dispostas a pôrem-se em marcha para a praça do commercio sem esperarem pela volta do governador das armas. Assustado com esta noticia, fui-me immediatamente postar na boca de uma das ruas do Rocio, por ende naturalmente deveriam desfilar alguns dos corpos, para o fim de me oppôr por todos os modos que estivessem ao meu alcance, a que elles se puzessem em marcha, antes de me chegarem as ultimas ordens de Sua Magestade.

Não tardou muito tempo, que não chegasse de volta o governador das armas, dando-me a triste noticia que não só trazia ordem para a tropa avançar, mas que um dos corpos que independentemente d'elle devia seguir a direcção da rua da Alfandega ou da do Alecrim, já ia marchando sobre a praça do commercio; e accrescentou, que elle, em cumprimento das ordens que recebêra, marchava igualmente com a columna do seu commando na intenção de prevenir quanto estivesse em seu poder os desastres, que eram de receiar, combinando quanto lhe fôsse possivel as ordens que trazia de São-Christovão com o plano, que eu precedentemente lhe tinha communicado.

A' vista de uma tal desorganisação, em que officiaes generaes tomavam sobre si a responsabilidade de similhante passo sem para isso terem recebido ordens pelo competente canal da secretaria de estado, dei-me eu por demittido, e n'essa mente me retirei sem fazer ulterior

reflexão ao governador das armas, para minha casa, na verdade bem precisado de descanso, mas na impossibilidade de o conseguir emqmanto me não constasse do resultado d'aquelle tão fatal procedimento. Chegando á casa, soube pelos meus emissarios, que a maior parte dos eleitores, terminadas as eleições do conselho d'estado, se tinham já retirado, quando na praça soou a voz de que as tropas marchavam para aquelle ponto, e que os poucos que ainda ali tinham ficado, procuravam retirar-se; mas que encontravam já grande difficuldade por se acharem obstruidas pela multidão as poucas sahidas, que ha da praça para a rua Direita.

Quando se me davam estas noticias em parte tristes, mas em parte consoladoras, sobresaltou-me uma forte descarga, que immediatamente foi seguida de outra e outra, vindo o som de todas ellas do mesmo ponto que pela distancia julguei ser da praça do commercio.

Cem effeito poucos momentos depois chegou um dos meus soldados de ordens, que encerrado na praça pela multidão que a ella se refugiára, conseguio abrir-se caminho ao momento da primeira descarga, que segundo os indicios que elle me pôde dar, reconheci ser da vanguarda da columna commandada pelo governador das armas, que marchára pela direita, e que para aterrar deu aquella descarga para o ar, e por ventura com polvora seca, porque, apezar de se achar n'aquelle ponto apinhada grande multidão e ser dada a descarga á queima roupa, não houve ninguem ferido.

Não aconteceu assim com a columna do centro, que achando fechada a porta da praça e recusando-se a abril-a ás pessoas que dentro d'ella se tinham refugiado, a arrombaram, e immediatamente fizeram duas descargas, com que varreram quanto dentro se achava, ficando morto um dos eleitores, que pela sua muita idade não tinha podido romper pela multidão para se retirar ao mesmo tempo que os outros seus collegas. Tanto estes que em mui pequeno numero ainda ali se achavam, ou a conversar espalhados pela sala, ou concluindo alguns misteres dos empregos que durante a sessão haviam exercido, como foi o que servira de secretario, estava junto da mesa

ajuntando os papeis que eram a seu cargo; estas e outras pessoas felizmente pouco numerosas, umas tinham-se lançado pelas janellas que deitam para o mar; outras pelas lateraes, esperando escapar á irrupção da columna, que procurava forçar a porta; mas os que, arrombada esta, ainda se achavam na sala, foram quasi todos mal feridos.

Com esta fatal noticia, parto para São-Christovão na firme tenção de dar a minha demissão apenas se lavrasse o decreto explicativo do que na noite precedente havia estabelecido com nimia generalidade toda a constituição espanhola como regra do governo de Sua Alteza Real no Brazil. Inclusa remetto a V. S. uma cópia d'aquelle decreto explicativo, que eu levava prompto para submetter á approvação de Sua Magestade.

Quando cheguei a São-Christovão, seriam oito horas, ainda el-rei se achava recolhido; mas pelo que ouvi ao numeroso concurso de pessoas, que já ali se achava, conclui, que estava decidida a victoria do segundo dos tres partidos de que acima fiz menção, e que el-rei não só não receberia a deputação, que os eleitores, concluida a eleição dos conselheiros de estado, havia expedido com a listas d'elles a Sua Magestade, mas até já circulava pelas salas do paço um rascunho do decreto revogando o da vespera.

Com effeito logo que Sua Magestade sahio do seu quarto, conheci estar resolvido a adoptar esta linha de conducta, e tão decididamente, que nem os ministros fômos admittidos a conselho, nem Sua Magestade, pedindo-lhe eu a mercê de me ouvir por alguns momentos, julgou conveniente o annuir, respondendo-me que á noite, á hora do costume, me esperava antes do despacho.

A minha tenção não era, como V. S. póde bem suppor, o apoiar a escolha dos conselheiros feita pelos eleitores, e que V. S. conhecerá da cópia, que tambem remetto inclusa, da lista que me mostrou o orador da deputação, quando esta manhan cheguei a São-Christovão e ali os encontrei.

Mas nunca eu poderia convir em que Sua Magestade retractasse como extorquido por força um acto, que lhe fôra

requerido mui respeitosamente por uma assembléa convocada de sua ordem, para que, ouvidas as instrucções destinadas para Sua Alteza Real, representasse o que sobre ellas julgasse, que convinha ao bem commum d'este reino e de acôrdo com os interesses geraes da monarchia: um acto tanto mais livremente concedido, quanto era certo, que toda a força armada se achava á disposição do governo de Sua Magestade, e que nenhuma commoção se podia receiar do povo no caso d'el-rei se recusar a adoptar aquella proposta; pois que todo o povo da cidade se achava em socego, e apenas havia um punhado de individuos tão covardes quanto desatinados, que em voserias evaporavam o louco enthusiasmo, que á força de bebidas espirituosas procuravam alimentar.

Com o emprego de menos força e com menos apparato do que aquelle, com que se carregou sobre a praça ás cinco horas da manhan, teria o governo dispersado ás onze da noite quanto na praça se achava, si consultando outras razões de prudencia, o mesmo governo não tivesse entendido, que convinha annuir áquella proposta. Mas nem a decencia nem a verdade consentem, que se casse pela manhan, como extorquido por força ou por engano, ou que em contemplação a razões d'estado, o governo, senhor da força armada e sabendo então o que agora sabe, julgou na vespera conveniente conceder, e concedeu com effeito a quem nenhuma força tinha disponivel para o extorquir, quando se lhe recusasse, nem allegando razões que então parecessem verdadeiras e hoje sómente se conhece serem falsas.

A minha opinião pois seria manter o governo a sua dignidade, explicando, como ficára ajustado, o verdadeiro sentido do decreto de hontem; nomeando Sua Magestade um conselho de estado composto de pessoas dignas da sua real confiança e apoiada pela abonação da opinião publica; e mandar proceder a uma devassa regular sobre os excessos commettidos hontem dentro e fóra da praça do commercio relativamente ao objecto sobre que a assembléa se achava praticando.

Como porém se quiz de proposito estorvar todo o accesso do ministerio a Sua Magestade, para que ficasse

ao partido vencedor o campo livre, reservo para esta noite o desonerar-me de um emprego, onde vejo, que nenhuma proporção existe entre o pouco bem, que posso fazer, e os infinitos males, que não está ao meu alcance o impedir.

Deus guarde a V. S. etc.

CARTA 27.ª

Meu amigo e senhor.

E' esta a segunda vez, depois do malfadado dia 26 de Fevereiro, que, demittindo-me do emprego a que el-rei me elevou n'aquella occasião, me vejo obrigado por considerações de publico interesse a ceder á repugnancia, que teve Sua Magestade em convir n'aquella minha mui seria e positiva resolução.

Na fórma do que hontem participei a V. S. fui a São-Christovão pelas oito horas da noite, afim de ter com el-rei uma entrevista, que não fôsse interrompida, e na qual me propuz patentear-lhe primeiro que tudo as ideias que tambem na minha carta de hontem expendi a V. S. sobre o partido, que se tomou de annullar o decreto de ante-hontem sobre a responsabilidade, que em mim recahia aos olhos do publico pela morte e ferimentos, que resultaram das descargas da tropa na praça do commercio ; pois que se deve suppor, que a tropa não obraria sinão em virtude de ordens regularmente emanadas de Sua Magestade e transmittidas aos commandantes da força armada pelo ministerio dos negocios da guerra. Donde eu concluia, que, não me tendo sido possivel desforçar-me nem de uma nem de outra imputação, me não restava nenhum outro expediente sinão o de me demittir desde logo d'aquelle ministerio.

El-rei, depois de me ouvir com a mais benigna attenção, dignou-se de entrar em uma exposição admiravelmente bem deduzida das causas, que lhe tornavam impossivel no

meio do desenfreamento dos partidos e da insubordinação da tropa o exercicio livre das suas soberanas attribuições, que rematou com as seguintes palavras— « Portanto é necessario, que chegando nós á Europa constem á nação os meus constantes desejos de contribuir, quanto em mim cabe, para a prosperidade dos meus vassallos, e os extraordinarios esforços, que tenho feito, sobretudo n'estes ultimos tempos, para manter unidos debaixo de uma só lei todos os dominios da minha real corôa, que não sem grande magua vejo caminharem precipitadamente a uma total dissolução. E' preciso acautelar esta desgraça, e é preciso, que se faça saber á nação portugueza e ao mundo inteiro, que, si tal acontecer, foi pelo inevitavel encadeamento dos successos, e não por falta de eu dar aquellas providencias, que estavam ao meu alcance. Ora para isto preciso do vosso sorviço : e por conseguinte de nenhum modo convenho na vossa demissão. »

Bem longe de combater os principios, que Sua Magestade acabava de expôr da maneira a mais luminosa, procurei deduzir d'elles a necessidade de não acompanhar a Sua Magestade na qualidade de seu ministro de estado, bem que já dali lhe pedia a mercê de me permittir, que eu regressasse na esquadra para Portugal.

Eu não posso conceber, respondi eu, como o governo de Sua Magestade, chegando á Lisbôa, ha de satisfazer á natural impaciencia do congresso e da nação, quando perguntem pelo estado em que fica o Brazil; quaes sejam as providencias, que Vossa Magestade deixou apoz de si para manter este tão importante quanto vasto paiz na união com a séde da monarchia, que Vossa Magestade, sahindo delle, torna a assentar na sua antiga séde. Pela minha parte protesto, que me cubro de pejo, quando considero, que serei obrigado a responder, que o governo de Vossa Magestade abandonou este paiz sem saber cousa alguma do estado, em que elle fica relativamente á crise em que se acha toda a monarchia; e que, devendo inferir pelo que consta da Bahia e Pernambuco, que o resto das provincias ou se acham já em anarchia, ou sacudiram debaixo de varios pretextos a obediencia assim ao governo de Vossa Magestade em Lisboa, como ao de seu filho no Rio de Janeiro, Vossa

Magestade e os seus ministros, abandonando-as á sua sorte, só curaram dos meios de fazer tranquillo e feliz regresso para Portugal.

A esta minha vehemente observação acudio Sua Magestade — E por ventura demittindo-vos do ministerio, evitais essa responsabilidade? Não recae ella sobre o tempo passado, pois que em tres ou quatro dias está decidido, que nos faremos á vela?

Sem duvida, repliquei eu, mas Vossa Magestade sabe, e com Vossa Magestade posso attestar ao mundo inteiro, que nem eu fui de voto, que Vossa Magestade regressasse para a Europa, nem depois que fui vencido pela unanimidade de todos os mais ministros se cuidou em outra cousa sinão em realisar quanto antes a partida; e tendo eu mais de uma vez começado a tocar as idéas, que n'este momento acabava de expender, fui sempre atalhado com a reflexão de que era assumpto sobre que Vossa Magestade já tinha decidido, e que portanto só se devia cuidar em se apromptar a esquadra dentro do mais curto prazo. Por onde, si jámais se me tinha consentido dizer a minha opinião, ficava resalvada pela minha parte toda a responsabilidade.

Mas não sendo possivel depois de decidido o meu regresso para Portugal, disse el-rei, deixar elle de se verificar, que expediente podieis vós propôr para evitar, que o governo incorresse na censura, que ha pouco apontaveis de haver abandonado o Brazil?

Eu teria proposto, que a esquadra, em vez de seguir para Lisbôa, arribasse á Bahia; que Vossa Magestade dali não sómente procurasse as informações, que só d'aquelle ponto póde conseguir do estado das provincias do norte, mas désse tanto para aquellas como para as do sul e para as centraes as providencias, que Vossa Magestade mesmo reconhece ser-lhe impossivel o dar no meio da desordem a que todos os ramos da administração publica se acham reduzidos n'esta côrte.

« Pois bem, tornou Sua Magestade, nada obsta a que, depois de feitos á vela, eu dê ordem ao commandante, em chefe da esquada para que arribemos á Bahia. Desde já approvo a vossa idéa, e vos ordeno, que, guardando sobre

esta minha resolução o mais completo segredo, até o momento da sua execução, cogiteis sobre o desenvolvimento das providencias, que julgardes dever-me propôr chegando á Bahia ».

Assim eis-me aqui manietado pelo meu proprio facto; porque si bem duvido muito, que tal arribada se verifique, e mais ainda que, verificada ella, não encontre eu na divergencia das opiniões, que tão conhecidas me são de ha tanto tempo, uma opposição, que torne absolutamente inutil este expediente, como posso eu insistir em minha demissão, quando el-rei concorda em um projecto, que suppõe a minha continuação no ministerio?

Além d'isso quando mesmo a arribada se não verifique, ou quando verificando-se se não siga o meu voto quanto ás providencias, que dali entendo Sua Magestade deve dar, tanta maior força terão as instancias, com que decididamente me desonerarei de um emprego, onde nenhum serviço posso fazer ao estado, e terei ao menos preenchido completamente os deveres, que me impõe a responsabilidade do meu cargo.

Deus guarde a V. S. etc.

CARTA 28.ª

Meu amigo e senhor.

Como o motivo de eu dirigir a V. S. esta e precedentes cartas é de confiar como deposito no seio da amisade a narração pura e singela dos factos, que unicamente pudesse justificar aos olhos do publico o bom nome, que eu sobretudo ambiciono me haja de sobreviver, não espero para o calamitoso desfecho d'esta nossa viagem fatal para referir á V. S. o resultado (que eu bem receiava) do projecto de arribada á Bahia, que na minha ultima carta escripta do Rio de Janeiro participei a V. S. ter merecido a real approvação.

Na manhan do terceiro dia de viagem mandou-me el-rei chamar á sua camara, e perguntou-me, si me não parecia ser já tempo d'elle ordenar ao commandante da esquadra, que arribassemos á Bahia. Respondi, que não só era já tempo, mas que até eu entendia, que nos tinhamos amarado de mais, tendo de se verificar aquella arribada, e que assim não havia um momento a perder.

Sua Magestade, reflectindo que a regularidade pedia, que antes de dar aquella ordem ao conde de Vianna, tratasse com o ministro da marinha, que, como V. S. sabe, tambem vai n'esta náo, mandou-me, que o chamasse para communicar o em que se tinha assentado.

Chegado aquelle ministro, ordenou-me el-rei, que fizesse eu a exposição de quanto no Rio de Janeiro tinha tido a honra de ponderar a Sua Magestade: o que fiz com toda aquella clareza e individuação, de que sou capaz. Depois do que lhe perguntou Sua Magestade o que pensava áquelle respeito. Elle, com a inteireza propria de seu caracter, não hesitou em declarar, que elle era de differente parecer; porque Sua Magestade corria perigo de não ser recebido ou de ser mal recebido pelos Bahianos.

Respondi não ser isso provavel, attentas as pessoas de que o governo se compunha: a conhecida doçura de caracter d'aquelle povo, os muitos Europeus, que ali se achavam, e emfim que não indo Sua Magestade sinão a despedir-se dos seus vassallos brazileiros, que primeiro o haviam hospedado n'esta porte dos seus estados, isto não podia deixar de os encher de summa satisfação.

A isto replicou aquelle ministro, que a ser assim, recrescia o perigo de que não deixassem sahir Sua Magestade ou pelo menos obrigal-o a consideravel demora, com o que se consumiriam os viveres a bordo da esquadra, e se tornaria impossivel seguir derrota por falta de meios para comprar outros.

Ao perigo da opposição respondi, que já se tinha visto no Rio quanto era infundado tal receio, e que na Bahia militavam as mesmas e ainda mais fortes razões para o desvanecerem; que emquanto aos viveres nem elles faltavam na Bahia, nem quem os fiasse ainda a comprador menos seguro do que o brio da nação portugueza.

Não se convencendo d'esta razões, cifrou-se o dito ministro em dizer, que não era de minha opinião. N'estes termos Sua Magestade, não querendo por si resolver a questão, ordenou-me, que fizesse exposição das razões por uma e outra parte aos marquezes de Palmella e de Penalva, que vinham juntos em uma das fragatas da esquadra e ao ministro Ignacio da CostaQuintella, bem como ao ex-ministro Thomaz Antonio de Villanova Portugal, que vinham em outra, afim de que elles dessem o seu parecer.

Assim o cumpri, e juntas achará V. S. as respostas que elles deram, conformando-se commigo unicamente o marquez de Palmella quanto aos fundamentos do meu parecer; mas differindo quanto ao logar da arribada...(*)

. . . . . .

(*) Falta o resto d'esta carta.

DOCUMENTOS

ANNEXOS A ESTAS CARTAS

DOCUMENTO N. I

NOTICIA DA REVOLUÇÃO DO RIO DE JANEIRO

AVISO AO MINISTERIO

Segundo as noticias, que achei em casa, e dadas por diversas pessoas, a revolução, que se prepara, parece ser uma repetição da scena da de 26 de Fevereiro, feita inteiramente pela tropa auxiliadora de mistura com os paisanos da rua da Quitanda ; produzida mui principalmente pelo descontentamento em que estam aquelles militares, vendo demorada a publicação da promoção feita pelo supremo governo provisorio de Portugal, na qual eram contemplados muitos dos officiaes, que servem na mencionada divisão auxiliadora.

Tambem se sabe, que os despachos do Valente e do Avelino foram extremamente desagradaveis á tropa de Portugal, que os regeitou de seu seio. Sabe-se igualmente o fim da premeditada revolução, que é fazer nomear uma junta provisoria de administração junto á pessoa d'el-rei, e que deverá ficar junto ao principe. Esta idéa, que já lembrou, quem sabe,si será excitada agora pelas noticias de Montevidéo ?

A' vista d'isto fica duvidoso, pelas noticias que levei e achei, qual seja a causa e os agentes da revolução, que se teme, e porque sejam diversos os remedios, que se hajam de applicar, de tal modo que os que convêm a uma não podem sarar a outra.

Sou de parecer: 1.° Que sem perda de tempo se possa verificar por meio de espias intelligentes e escolhidos aquella certeza que puder haver da disposição da revolta. 2.° Que seja discreta e finamente observada a qualidade dos seus agentes, isto é, si são Europeus ou do Brazil. 3.° Que o principe, depois de saber isto, confira com V. S. e com o padre-mestre do modo por que o ha de referir e fazer saber a seu pai. 4.° Que, depois de ter tudo disposto, o participe a Sua Magestade, sendo conveniente que os dois ministros Quintella e Silvestre Pinheiro sejam chamados a conselho.

N'elle convem, que o principe relate o que souber, e se offereça, si o caso assim o pedir, para ir em pessoa, na mesma sexta-feira da paixão, aos quarteis falar não só com os chefes e officiaes, mas até com os soldados, e dizer lhes, com aquella franqueza que tantas vezes desarma conspiradores, ou se poem da parte que convem; que sabendo que alguns perversos tornam a perturbar a tranquillidade, debaixo de differentes pretextos, mais ou menos plausiveis, para apoiarem com a força armada projectos malignos, que só podem destruir o corpo moral da nação, que está passando por uma violenta crise, elle vai em pessoa lembrar-lhes o juramento, que deram, de não dar ouvidos ás machinações de homens mal intencionados e de fazer causa commum com elles em beneficio do socego publico e do decoro de seu pai. E que constando-lhe que se pretendia insinuar-lhes, que haviam embaraços para se publicar a promoção, em que muitos d'elles estam comprehendidos, elle de boamente prescindia do particular obsequio, que lhe havia feito seu pai de querer, que elle em seu proprio nome a publicasse, para desde já a fazer constar em presença e no real nome de Sua Magestade, designando o dia que se souber ser o destinado para o motim para n'elle, e á frente da tropa a lêr, e distribuindo pela sua propria mão as medalhas (ou dando os

diplomas, caso de as não haver), que pela junta do supremo governo do reino de Portugal foram concedidas aos militares, que servem na divisão auxiliadora.

Tendo-se o prïncipe bemquistado com esta acção e com o mais em que se assentar, sou de voto, que tire á sorte seis ou oito dos officiaes d'aquella divisão para os nomear seus ajudantes de ordens, e que no sabbado appareçam as nomeações dos ministros, que houverem de ficar e dos conselheiros e outras pessoas empregadas. Si o Palmeirim se pudesse contentar com outra cousa, que não fôsse o governo das armas, talvez conviesse mais preencher-se as indicações ; porque pessoa com quem acabo de falar me diz, que elle foi abocanhado de venal ; e então poderia ir para o governo das armas José de Oliveira Barbosa, que tem grande popularidade.

Conservando assim o principe, ou reivindicando a influencia que tinha e ia perdendo da tropa de Portugal, que é o primeiro ponto e o mais essencial, no caso da revolução ser da mesma natureza da outra, e bemquistando-se com os Brazileiros por uma escolha de homens dignos para o seu conselho, em que tambem deve entrar alguem da tropa de Portugal, seria conveniente impôr com firmeza e resolução aos da rua da Quitanda, que pelo seu genio turbulento, pelo seu pequeno numero, pelos seus poucos cabedaes e até pela posição de mercadores, rudes e ignorantes nas materias de administração, não devem ter voz, nem são homens com quem se entenda ou trate negocio politico.

Eu seria até de opinião, que se fizesse uma proclamação aos d'esse arruamento, lembrando-lhes os males que as fermentações de um igual bairro, o Faubourg Saint Antoine em Pariz, tinha causado a toda aquella grande capital, e que o governo forte com as suas bôas intenções e apoiado com os braços de homens, que tantas vezes tinham exposto suas vidas para vantagem da tranquillidade da patria, observava com toda attenção os mais pequenos simptomas do espirito vertiginoso, que desinquieta muitos dos seus moradores para fazer n'elles um exemplo, que atalhasse por uma vez as desordens, que tanto prejudicam ao bem publico da nação, que é o objecto mais importante do monarca.

DOCUMENTO N. 2

OFFICIO DE 5 DE MARÇO DE 1821, DE SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA AO GENERAL DAS ARMAS CARLOS FREDERICO BERNARDO DE CANTO.

Tendo el-rei, nosso senhor, dado immediatamente a V.S. as suas reaes ordens para fazer conduzir debaixo de prisão ao logar, em que se acham os dous desembargadores do paço Luiz José de Carvalho e Mello e João Severiano Maciel da Costa; ordena-me encarregue hoje a V.S., em proseguimento d'aquella primeira incumbencia, faça constante aos mesmos presos, que, tendo sido aquella medida unicamente tendente á segurança de suas pessoas, que na policia constou acharem-se ameaçadas, e poderem ser accommettidas antes que a força publica podesse acudir em seu soccorro ; Sua Magestade lhes não recusára a necessaria permissão para se retirarem d'esta côrte para qualquer parte da Europa pelo tempo que entenderem, afim de que, desvanecidas as apprehensões existentes, possam voltar, quando a sua presença não haja de comprometter a publica tranquillidade.

E como para fazerem as disposições para a sua partida lhes cumprirá falar com suas esposas, V. S. dará ordem para que isso lhes seja permittido ; e mesmo em veneração dos sentimentos paternaes levarem ellas em sua companhia os seus filhos : tudo isto porém com aquella discrição e moderação que são de esperar da pessoa, que V. S. escolher para a execução d'estas ordens.

Deus guarde a V. S.

Paço 5 de Março de 1821.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

Sr. general das armas Carlos Frederico Bernardo do Canto.

DOCUMENTO N. 3

OFFICIO DE 7 DE MARÇO DE 1821, DE LUIZ JOSÉ DE CARVALHO E MELLO A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Illm. e Exm. Sr.

Quando ainda não tinha socegado do alvoroço, que me causaram as expressões da polida e generosa carta de V. Ex., que recebi esta manhan, já tenho de agradecer novas graças e favores dimanados da augusta e generosa beneficencia de Sua Magestade por intervenção de V. Ex., e torno a pedir-lhe o favor e obseguio de beijar a mão ao mesmo Senhor por tão assignaladas mercês, e pelo ditoso e feliz successo da Serenissima princeza real, tão fausto á monarchia portugueza.

Devendo participar a V. Ex. os meus vencimentos, segundo me determina, tenho a dizer, que venço 1:600$ de ordenado do desembargo do paço, além dos emolumentos que se repartem e que chegam a 400$000 ; 400$ de ordenado de juiz relator do conselho supremo; e pela junta do commercio,o que é a V.Ex. contante. Pela alfandega só 40$ de ordenado, chegando os emolumentos a 4:800$, pagos pelas partes, porque é officio, que tenho de propriedade. Referi tudo por satisfazer ao que V. Ex. me determina, mas contento-me com o que Sua Magestade e V. Ex. houverem por bem. Tenho assentado ir para Inglaterra com a minha familia, e trata-se de procurar embarcação. Lembro a V. Ex., que o officio d'alfandega deve ter serventuario, a cujo cargo póde ficar e dar-me porção do que receber.

Deus guarde a V. Ex.

Rio 7 de Março de 1821.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

Luiz José de Carvalho e Mello.

Fortaleza de Santa-Cruz.

DOCUMENTO N. 4

OFFICIO DE 7 DE MARÇO DE 1821, DE JOÃO SEVERIANO MACIEL DA COSTA A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Illm. e Exm. Sr.

Recebo n'este instante a participação, que V. Ex. me fez a honra de dirigir, de que el rei, nosso senhor, houve por bem annuir graciosamente ás minhas suplicas, accrescentando a tanta mercê a para mim inapreciavel da licença para esta minha ausencia, a qual salva aos olhos da nação e da Europa a minha honra, unico thesouro que possuo, e para cuja acquisição tenho tanto e tão constantemente trabalhado.

As lagrimas me impedem, Exm. Sr., de escrever encarecimentos da minha humilde e muito respeitosa gratidão por tão assignalada bondade de Sua Magestade; e não me angustia pouco o não achar expressões com que signifique tão cabalmente como sinto, e consola-me, que V. Ex. suprirá o que eu não posso. Segue-se render tambem aV. Ex. graças pela sua officiosa e generosissima mediação, com a qual contei sempre firmissimamente, fazendo justiça a sua moral e caracter.

Não quero, que me escape o dar aV. Ex. a satisfação de fazer lhe saber, que a sua carta de hontem derramou no meu coração angustiado o balsamo consolador, de que elle precisava para não succumbir, porque sem duvida achar-me no fim da vida peior que no principio d'ella, e com infelizes a quem passasse minha desgraça, e com filhas donzellas, e pobre e desterrado, era preciso um esforço extraordinario para não perder a cabeça. Em fim, estou salvo. Oh! Deus!

Não posso já dizer o que me bastará para o meu transporte; minha mulher virá aqui amanhan ou depois, e immediatamente darei conta de mim a V. Ex., depois de ajustar com ella.

Quanto aos meus vencimentos, tenho 1:600$ do desembargo do paço e mesa da consciencia, com 400$ pouco

mais ou menos de emolumentos, e 300$ de deputado e fiscal da junta da fazenda do arsenal do exercito, e nada mais, e por isso tenho cousumido em dous annos e meio n'esta côrte os tristes e suadissimos residuos de dez annos de Caiena, esperando de dia em dia que Sua Magestade me desse a recompensa extraordinaria de meu serviço, que tão grandemente me prometteu em Santa-Cruz á minha chegada d'aquella conquista. Eis aqui o que venço e Sua Magestade mandará o que fôr servido.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

Santa-Cruz 7 de Março de 1821.

Tenho a honra de ser, Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, de V. Ex. o mais reverente fiel e obrigado criado.

João Severiano Maciel da Costa.

DOCUMENTO N. 5.

OFICIO DE 8 DE MARÇO DE 1821 DE JOÃO SEVERIANO MACIEL DA COSTA A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Illm. e Exm. Sr.

Recebi uma nova prova de bondade e eficacia de V. Ex. na promptidão, com que foram desfeitas as dificuldades de communicação com as nossas familias e dou aV.Ex. os devidos agradecimentos. Esperò de ainda ter muitos, que dar aV.Ex. na calamidade,em que me involveu a mais atroz e sanguinosa vingança, que até achou uma policia de molde para levantar castellos e affectar alarmas.

Exm. Sr., será possivel, que Sua Magestade com tanta perspicacia e habito dos homens, não conheça a mão donde partem todas as calumnias contra mim ? Eu mesmo tive a honra de a indicar, e o mesmo Augusto Senhor tem prodigiosa memoria.

V. Ex. deve ao seu coração e ao seu emprego decifrar o enredo, e salvar assim um pai de familia honrado, que a

ninguem cede em fidelidade a Sua Magestade ; e que contraste, Exm. Sr., proclamar-se como cousa nova entre nós—a segurança individual—e ser um cidadão honesto e tranquillo, um magistrado de primeira ordem, respeitado por sua constante probidade, arrancado dos braços de sua familia por uma escolta de cavallaria, no meio da noite preso e deportado sem crimes ? Não me opprime só o meu mal, mas o espanto que vai causar na Europa uma tal proscripção, e principalmente em França, onde sou conhecido.

Exm. Sr., V. Ex. póde salvar-me. Si eu não tenho crimes, e Sua Magestade se dignou cohonestar minha ausencia com uma licença, póde o mesmo Augusto Senhor acabar sua graça, empregando-me em algumas das côrtes como enviado, com tanto que não sejam Suecia, Dinamarca nem Russia, cujos terriveis. climas acabariam meu debil corpo. V. Ex. tem na sua secretaria o meu inutil trabalho com o conde C..... St. Cyr em Caiena em virtude das notas passadas entre o conselheiro Brito e o duque de Rechelieu, e verá, que não sou totalmente desazado.

Eu me contento mesmo com a secretaria de Pariz ou Londres. Estar na graça e serviço de Sua Magestade é o ponto principal. Sei de certo, que a proposição de V. Ex. será acolhida por Sua Magestade, a quem tinha escripto para remetter a V. Ex. a carta, e depois mudei de opinião, e quero dever tudo a humanidade de V Ex.; e não vejo nenhum outro meio de me salvar sinão este.

Eu estou em ir direito á Inglaterra, e deixar minha familia com seus parentes em Portugal, parecendo-me prudente não expor-me ao fanatismo de algum energumeno, e por consequencia é para Londres, que se devem dirigir as ordens para meu pagamento de ordenados. Sobre a ajuda de custo, que V. Ex., quer, que eu diga o que me será preciso para transportar-me, confesso o meu embaraço. As ajudas de custo ordinarias medem-se pelos ordenados, o meu caso é extraordinario, e a tarifa pelo modo ordinario não chega para nada. Limito-me a dizer

a V. Ex.,que,segundo me informam, cada individuo daqui para Inglaterra não é admittido por menos de duzentos a trezentos mil réis, e sou eu, minha mulher, minha filha, meu filho, um criado e uma creada ; e á vista d'isto Sua Magestade resolverá como fôr de seu real agrado. Custa-me infinitamente a falar n'isto, mas a minha situação é penivel.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Fortaleza de Santa-Cruz 8 de Março de 1821.

Sou de V. Ex., Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, o mais reverente fiel obrigado e criado.

João Severiano Maciel da Costa.

DOCUMENTO N. 6

PROVIDENCIAS A BEM DO RESTABELECIMENTO DA TRANQUILLIDADE PUBLICA POR OCCASIÃO DA REVOLTA NO RIO DE JANEIRO EM 26 DE FEVEREIRO DE 1821.

Chegando ao meu real conhecimento, que homens preversos e amotinadores do publico socego, abusando do enthusiasmo, que em todas as classes de habitantes d'esta capital havia excitado o memoravel dia de 26 de Fevereiro proximo passado, e ainda vão suscitando por via de obscuras machinações odios populares contra varias pessoas, assignalando-se já como primeiras e immediatas victorias de seu desenfreado furor aos desembargadores do paço Luiz José de Carvalho e Mello, João Severiano Maciel da Costa, e ao almirante Rodrigo Pinto Guedes. Mas não sendo possivel averiguar na estreitesa de tempo, em que se denunciava dever-se executar tão horroroso attentado, quaes fossem os meios premeditados para por em execução, não sendo por isso possivel tomarem-se repentinamente as necessarias cautelas para com certeza prevenir um acontecimento,que por si só não podia deixar

de comprometter a publica tranquillidade, ainda quando se não achasse ligado a um mais vasto plano de assassinos: Houve por bem ordenar instantaneamente por meu real decreto de 3 do corrente mez, dirigido immediatamente ao general governador das armas da côrte e provincia, que fizesse pôr em custodia as tres acima mencionadas pessoas, afim de que, subtrahidas por esse modo a qualquer sinistro inopinado projecto de seus inimigos perturbadores do socego d'esta capital, se pudesse averiguar e acautelar pelas adequadas providencias, a que immediatamente fui servido mandar proceder, tanto as machinações contra a vida d'aquelles meus fieis vassallos, como contra a publica tranquillidade. Tendo-se porém conseguido descobrir e malograr as occultas tramas, com que ameaçavam as vidas dos cidadãos e a segurança do estado e não existindo mais o justo receio de que os tres mencionados detidos sejam inopinadamente atacados, antes que a força publica possa accudir em seu soccorro e prevenir as incalculaveis consequencias de um motim:

Sou servido de ordenar, que os referidos desembargadores Luiz José de Carvalho e Mello e João Severiano Maciel da Costa bem como o almirante Rodrigo Pinto Guedes possam voltar para o seio das suas familias e entrar no exercicio de seus empregos, não tendo sido elles removidos por crime, erro, suspeita ou accusação alguma, porém sim e tam sómente por effeito d'aquella paternal e providente protecção, com que me cumpre acautelar pelos meios mais promptos e efficazes quanto de algum modo pode comprometter o publico socego e a segurança de cada um dos habitantes do meu reino.

Silvestre Pinheiro Ferreira, do meu conselho e meu ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, o tenha assim entendido e expeça as ordens necessarias.

Palacio da Bôa-vista aos 16 de Março de 1821.

DOCUMENTO N. 7

OFFICIO DE 17 DE MARÇO DE 1821, DO VISCONDE DE SÃO-LOURENÇO A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

Illm. e Exm. Sr.

D'este sitio de dôr e afflição levanto a voz a implorar novamente o seu auxilio. V. Ex. era meu amigo, V. Ex. tem bom coração, V. Ex. creio firmemente, que conhece a minha innocencia, mande-me pois V. Ex. para minha casa, preso ou solto, para tratar da minha defeza, responder ás invectivas dos meus contrarios, e morrer nos braços da minha consorte e de uma familia que me ama.

Ponho para isto nas mãos de V. Ex. o requerimento incluso, pela regra de que, sendo a minha prisão por via do general, a mudança d'ella deve ser pelo secretario da guerra, que me ha de determinar a soltura, ou a continuação da custodia em outra parte.

Perdõe-me V. Ex. as queixas, que formo na minha angustia, sem me lembrar de que V. Ex. é abrigo dos desgraçados.

Deus guarde e prospere a vida e pessoa de V. Ex., como merece, para bem da humanidade e triumpho da innocencia.

Fortaleza de Santa-Cruz em 17 de Março de 1821.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

De V. Ex. subdito muito venerador e criado fiel — *Visconde de São-Lourenço.*

DOCUMENTO N. 8

OFFICIO DE 20 DE MARÇO DE 1821, DO VISCONDE DE SÃO-LORENÇO A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

Illm. e Exm. Sr.

Vou agradecer a V. Ex. com todas as expressões, que a gratidão póde prestar á minha lingua a graça de me vêr fóra de uma prisão horrorosa, e no centro de

minha familia, ainda que debaixo da mesma prisão, e privado do uso dos meus bens pelo sequestro,a que n'elles se procedeu.

De V. Ex., que vê as cousas de mais alto, e com o devido criterio e reflexão, espero com toda a brevidade a conclusão d'este meu tormento, e o fim lisongeiro de uma desgraça, em que não tem parte a minha maldade, ou o meu coração, mas unicamente as idéas e opiniões dos homens, que se julgam juizes infaliveis das consciencias dos outros homens.

Deus guarde a V. Ex. para amparo e remedio dos desgraçados.

Rio de Janeiro em 20 de Março de 1821.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

De V. Ex. subdito muito venerador e obrigado criado

Visconde de São-Lourenço.

DOCUMENTO N. 9

INSTRUCÇÕES PARA O SR. CONSELHEIRO JOÃO SEVERIANO MACIEL DA COSTA NA COMMISSÃO DE QUE VAI ENCARREGADO.

Convindo muito que Sua Magestade, antes de entrar no porto de Lisbôa, esteja inteirado dos accordãos da regencia de Portugal, tanto sobre o modo da sua recepção como sobre a marcha do governo d'aquelle reino, d'esse momento em diante passará V. S. a Lisbôa e procurará entender-se com aquelles d'entre os membros da regencia e das côrtes,que conhecer e fôrem havidos pelos mais cordatos e influentes, não sómente para se instruir das verdadeiras intenções do governo, mas tambem para com elles concertar as providencias, que á vista do plano por elles adoptado lhe parecerem os mais proprios para se combinar em beneficio do estado a marcha regular, em que houverem entrado os negocios, conforme a nova ordem

de cousas, com a dignidade real, que se figura periclitar, si aquelle governo não tomar certas e muito estudadas medidas para solver as indubitaveis difficuldades, que na presença de Sua Magestade se offerecem ao andamento, assim do expediente governativo, como do poder constitutivo, que as côrtes extraordinarias se acham exercendo.

Como V. S. deve estabelecer por base da sua negociação a bôa fé, franqueza e lealdade, que animam a Sua Magestade e ao seu ministerio nas relações, que intentam firmar com a regencia e côrtes do reino, os seus passos de nenhum disfarce precisam, e só tem de apparecer como uma transacção particular, porque nem se dirigiram ao governo collectivamente considerado, nem V. S. poderá dizer-se autorizado a elles por Sua Magestade.

Tratando-se de um negocio em que todos e cada um dos cidadãos é interessado, ninguem precisa de especial commissão para o tratar com cada um dos individuos de que o governo se compõe: sobre todos aos ministros de Sua Magestade incumbe particularmente providenciar a que o decoro do seu alto caracter não padeça dezar nem menoscabo no que a nação não é menos interessada que o throno.

Concluidos e ajustados os pontos, que a V. S. de accôrdo com o governo parecer necessario providenciar-se para assegurar o desejado resultado, solicitará, que se expeça á ilha do Faial uma embarcação appropriada, pela qual V. S. me partecipe o que se tiver assentado, remettendo duplicata por via do governador e capitão-general das ilhas dos Açores, antevendo o caso de Sua Magestade aportar antes á Terceira, quer seja por obstaculo de tocar a do Faial, quer seja porque, não tendo ainda chegado as cartas de V. S., Sua Magestade se resolva a esperal-as debaixo de algum decente pretexto na Terceira.

Rio de Janeiro aos 14 de Abril de 1821.

DOCUMENTO N. 10

PARECER DE IGNACIO DA COSTA QUINTELLA SOBRE A ARRIBADA DE SUA MAGESTADE Á BAHIA

Illm. e Exm. Sr.

A proposição, que Sua Magestade deseja resolvida, é da maior importancia, e pedio longa e madura deliberação, para a qual não tenho tempo; e portanto olhando em grosso a materia, parecem-me muito grandes os inconvenientes da ida de Sua Magestade á Bahia por quatro principaes razões: 1.ª as nossas forças navaes são poucas, e em caso de resistencia, que é provavel, tornam duvidosa a victoria; 2.ª será necessario depôr todo o governo actual, que Sua Magestade já reconheceu, e nomear outro, que talvez seguirá o mesmo sistema; 3.ª havendo união no povo e na tropa, podem reter a Sua Magestade, ou ao menos fazer impossivel a sua viagem a Portugal, para o que bastará negar-lhe os meios necessarios para se reformar a uxaria; 4.ª a união da Bahia a Portugal em nada facilita a desunião das outras provincias, antes a embaraça, por ser aquella uma capitania central, a mais importante, e a que tem maiores relações commerciaes com Portugal. Tudo isto, e talvez outros motivos que me occorreriam tendo eu mais saude, creio, que justificarão Sua Magestade aos olhos de todos os homens bem intencionados; porque para os outros nunca ha medida bôa.

Sua Alteza Real a princeza fica de saude, exceptuando os incommodos da viagem, e comprimenta a Suas Magestades e Altezas; e eu da minha parte rogo a V. Ex. queira beijar-lhes por mim as mãos, já que não tenho assaz forças para subir e descer os portalós dos navios.

Deus guarde a V. Ex.

A bordo da fragata Carolina em 29 d'Abril de 1821.

De V. Ex. collega venerador e amigo muito obrigado

Ignacio da Costa Quintella.

DOCUMENTO N. 11

PARECER DO CONDE DE PALMELLA SOBRE A ARRIBADA DE SUA MAGESTADE Á BAHIA, ILHAS OU LISBOA

Illm. e Exm. Sr.

Queira V. Ex. beijar em meu nome humildemente a mão a Sua Magestade pela honra, que se digna fazer-me, servindo-se mandar-me dar o meu parecer sobre questão de tão alta importancia como a que presentemente se ventila na sua real presença.

Confesso a V. Ex. porém, que si em quaesquer circumstancias me causaria grande peso o dar um voto improvisado sobre assumpto de tal gravidade, ainda mais hezito sobre o que deva dizer na occasião presente, porque sem embargo da mui clara e luminosa exposição que se contém na carta de V. Ex., faltam-me com tudo os dados e antecedentes necessarios para poder julgar das intenções da junta, que governa a Bahia, e da disposição da guarnição. Ora a resolução, que Sua Magestade adoptar n'este caso, deve depender inteiramente, segundo me parece, do juizo que se forme sobre os dous pontos, que acabo de indicar. Uma arribada na Bahia será, ou mui vantajosa ou summamente nociva aos interesses da monarchia, conforme a recepção que el-rei, nosso senhor, ahi experimentar. Do resultado d'este passo ficará dependendo ou a consolidação do governo, que Sua Magestade deixou no Brazil, ou o apressar-se talvez de algum tempo a declaração da independencia d'aquella provincia.

Por estas considerações que são obvias, me parece, que a resolução de Sua Magestade a tal respeito deveria haver sido adoptado antes da sua sahida do Rio de Janeiro para se poderem combinar com o governo, que Sua Magestade ahi deixou, os meios necessarios, a fim de haver mais alguma probabilidade de obter o resultado, que se deseja; pois por modo nenhum convém, que Sua Alteza Real o Senhor principe regente do Brazil ou o seu conselho

possam dizer ou pensar, que esta resolução adoptada intempestivamente e sem os haver prevenido, obrigando a junta da Bahia a anticipar a sua declaração de independencia, estorvou o desenvolvimento no systema, que elles intentam seguir para tranquilisar o reino do Brasil e torna mais difficultosa a posição, em que elles se acham.

O inconveniente da falta de dinheiro, que V. Ex. pondera, é tambem extremamente serio, pois não convém que el-rei, nosso senhor, em uma arribada de poucos dias se veja obrigado a exigir sacrificios pecuniarios de uma cidade, que só deveria experimentar prazer e beneficios com a sua real presença. Finalmente acresce tambem o receio de que esta arribada possa prolongar-se mais do que Sua Magestade mesmo por agora intenta e transtornar portanto o objecto ainda mais importante do proseguimento da sua viagem para Portugal.

V. Ex. bem vê, que, quando pondero todas estas duvidas, não faço mais do que ir lançando rapidamente por escripto as diversas considerações, que me occorrem e me agitam na falta absoluta dos conhecimentos dos dados officiaes, que me seriam necessarios para fixar a minha opinião. Devo por tanto limitar-me a dizer, que no caso de que haja alguma esperança (fundada sobre dados que eu ignoro) ou mesmo qualquer apparencia rasoavel de que el-rei, nosso senhor, não soffrerá na Bahia um desacato como o de estorvar o seu desembarque, e que a sua real presença bastará para sanar a scissão, que presentemente existe entre aquella provincia e o governo central do Rio de Janeiro, não hezitarei então em declarar, que considero como muito mais conforme aos interesses da côroa e da nação o fazer-se esta ultima diligencia para deixar o Brazil unido e pacificado, antes do que proseguir-se a viagem quasi como profugos no estado de duvida em que tudo fica n'este continente. Será porém necessario então, que Sua Magestade vá firmemente determinado a não se demorar na Bahia sinão *mui poucos dias* e a refazer os navios da sua esquadra só de guarda e de alguns comestives de maior necessidade, pagando-os, si possivel fosse, por meio de letras ou de algum modo similhante, sem ser á custa dos habitantes da Bahia.

Porém si como eu antes supponho, não houver motivos sufficientes para agoirar favoravelmente das disposições da junta da Bahia, occorre-me outro arbitrio, que suggiro á medo e sem estar eu mesmo bem convencido da sua efficacia, para que Sua Magestade possa com superiores luzes e com o auxilio do conselho de V. Ex. julgar, si é ou não praticavel, e si promette alguma vantagem.

Lembra-me, que em vez de tocar a esquadra na Bahia, poderia dirigir-se a Pernambuco, expedindo-se entretanto daqui mesmo o bergantim á Bahia com uma carta dirigida por Sua Magestade á junta, acompanhada de um manisfesto conforme aos principios da nova ordem constitucional, que Sua Magestade adoptou e jurou manter; parece-me, que n'esse caso conviria talvez confirmar-se novamente o governo, que ahi se acha estabelecido de facto, nomeando-lhe Sua Magestade um presidente que merecesse a sua inteira confiança, como J.C. Peynhawen, e deixando em exercicio, até á chegada d'este, o actual presidente da junta. Dever-se-ia exigir uma resposta prompta e cathegorica, que comprehendesse, si possivel fôr, o reconhecimento da supremacia do governo central do Rio de Janeiro e encarregar-se d'esta missão uma pessoa capaz de a desempenhar bem e promptamente, que tenha, si possivel fôr, algum conhecimento ou influencia sobre os individuos que actualmente influem na Bahia e que tenha residido no Brazil. Entre os que acompanham a Sua Magestade, occorre-me (não tratando dos seus ministros) ou o conde da Figueira ou Antonio Telles.

O bergantim deveria reunir-se com a esquadra em Pernambuco, com a maior brevidade possivel, e uma tal arribada, não se prolongando demasiado, causaria, segundo creio, pouco ou nenhum transtorno na navegação da esquadra para Portugal.

Si me não engano, uma tal resolução teria menos inconvenientes do que a da arribada á Bahia, porque a recepção de Sua Magestade em Pernambuco não padeceria nenhuma duvida, e porque a sua régia dignidade não ficaria compromettida como no outro caso pelo conflicto de autoridade com a junta da Bahia.

Queira V. Ex. desculpar erros e repetições, que além da difficuldade do assumpto devem tambem attribuir-se a rapidez, com que me vejo obrigado a responder.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

A bordo da fragata *Princeza Real* 6 de Maio de 1821.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

Conde de Palmella.

DOCUMENTO N. 12

PARECER DE SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA SOBRE AS PROVIDENCIAS QUE SUA MAGESTADE DEVE TOMAR AO CHEGAR A LISBÔA

Senhor.

Malograda a commissão de João Severiano, quanto á antecipação das noticias, que sobre o resultado d'ella ficou justo de mandar ás ilhas dos Açores, resta-me propôr como ultimo expediente: que da altura d'aquellas ilhas, ou donde as pessôas intelligentes julgarem melhor, Vossa Magestade me mande passar para o brigue *Reino Unido*, juntamente com o conde de Cea, afim de chegarmos a Lisbôa, pelo menos dois dias antes de Vossa Magestade, e apresentarmo-nos á regencia com o fim ostensivo, eu de annunciar a immediata chegada de Vossa Magestade e ajustar o modo da sua gloriosa e feliz entrada na capital dos seus reinos, e o conde de Cea de tratar com os officiaes da real casa de Vossa Magestade sobre os necessarios arranjos para o alojamento de Vossa Magestade e de toda a real familia.

Por este modo me inteiraria eu dos passos, que tiver dado João Severiano; e não sómente com elle, mas com as pessoas empregadas me informaria das verdadeiras disposições do governo, ao mesmo tempo que o conde de Cea,, pelas suas muitas relações, grangearia noticias que

nos fizessem conhecer o espirito da tropa, nobreza e povo. Assim orientado, poderia eu aplainar quaesquer difficuldades que ainda subsistissem acerca do modo com que se poderá compadecer a autoridade real com as actuaes e seguintes innovações, até ao final estabelecimento da futura constituição.

Mas quando acontecesse ver eu ser impossivel ficar Vossa Magestade em Portugal, emquanto se não ultimar a constituição, que deve garantir os direitos da corôa, parece, que me cumpriria ir eu autorisado para então declarar, que Vossa Magestade vai deliberado a demorar-se unicamente o tempo necessario para dar ao seu paternal coração e ao filial amor d'aquelle povo a satisfação de sua real presença, emquanto se faz o indispensavel preparativo para Vossa Magestade continuar a sua viagem até ao porto de Liorne, afim de ter com o seu alto e poderoso alliado o imperador de Austria uma entrevista tendente a firmar a prosperidade da nação e a independencia de sua real corôa.

E quando acontecimentos politicos succedidos na Italia em consequencia do congresso de Laybach, mostrem não ser prudente o falar-se d'aquella entrevista, será preciso lançar mão de viagem a Londres, Paris, ou Madrid, segundo as circumstancias deixarem ver, que seria bem acceitos das côrtes e da nação o sacrificar-se Vossa Magestade a ir pessoalmente negociar com algum dos respectivos soberanos os meios de assegurar a publica felicidade.

Em qualquer dos casos Sua Magestade a rainha e seus augustos filhos acompanhariam a Vossa Magestade até Cadiz, onde o Sr. Fernando VII se não recusaria a vir ter uma entrevista com Vossa Magestade e ficariam em Espanha até ao regresso de Vossa Magestade.

Confesso, que tudo isto é por extremo desagradavel, além de despendioso; mas regeitado o meu primeiro projecto da ida a Bahia, é quanto me occorre para se salvar o decoro da real corôa de Vossa Magestade, a cuja conservação todas e quaesquer outras considerações se devem sacrificar; pois que a dignidade do throno é inseparavel da tranquilidade do estado, e sem ellas se não póde conceber felicidade da nação.

Estes são e fôram sempre os meus principios: e hoje fazem nove annos, que em Buenos-Aires se assignou a convenção concluida por João Rademacher, e que poucos mezes depois me pôz na alternativa de passar pelos mais graves desatres ou de ir ser na negociação de um novo tratado instrumento de desdouro para o nome augusto de Sua Magestade. Não hesitei um momento, apezar das honras e dos lucros d'aquella dedicada commissão; e preferi a desgraça de vêr a minha casa desbaratada, a minha mulher affectada nas suas faculdades intellectuaes, cuja desordem foi desde então em augmento até ao desgraçado ponto de inteira alienação, a que hoje se acha reduzida: preferi, senhor, todos estes incalculaveis transtornos á desgraça ainda maior de ser ministro e instrumento, ainda que passivo e involuntario, de dezares para a corôa de Vossa Magestade.

Gemi e gemo ainda hoje debaixo do peso de tantos desastres, sem remedio, e no meio dos quaes só a mão da Providencia tem podido sustentar-me o animo; mas não mudei ainda um só apice d'aquelles meus primeiros sentimentos; e si nas apertadas circumstancias em que tenho a honra, a que jámais me lembraria de aspirar, de occupar o ministerio, a que Vossa Magestade se dignou de elevar-me, eu o não poder exercer, conservando illibada a dignidade do throno, estou prompto a arrostar as mesmas e maiores desventuras; porém nunca o desdouro de ter sido activa ou passivamente instrumento de menoscabo para a monarchia.

Vossa Magestade entrando em Lisbôa, ou seja para ali ficar, ou para tornar a sahir para qualquer das apontadas viagens, parece-me, que depois de receber as deputações da regencia, e das côrtes, e ter-lhes dado em curtas phrases convenientes respostas ás falas, que elles naturalmente dirigiram a Vossa Magestade, lhes fará saber dia e hora em que se propõe de honrar as côrtes com sua real presença; e n'essa occasião tem de fazer um discurso apropriado ás circumstancias. Como porém, no caso de Vossa Magestade approvar o plano, que acabo de propôr, póde acontecer, que aquellas deputações vão a bordo da náo fundeada, antes de eu poder dar conta

a Vossa Magestade do resultado da minha commissão, cumpre-me prevenir a Vossa Magestade se digne de cifrar as suas respostas em termos tão geraes, que deixem logar a qualquer decisão, que Vossa Magestade, depois de informado, haja por bem tomar.

Tal é o meu parecer. Vossa Magestade ordenará o que fôr mais do seu real agrado.

A bordo da náo *Dom João VI* aos 26 de Maio de 1821.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

DOCUMENTO N. 13

PARECER DE THOMAZ ANTONIO DE VILLANOVA PORTUGAL SOBRE A ARRIBADA DE SUA MAGESTADE

Illm. e Exm. Sr.

S. Ex. o Sr. Ignacio da Costa Quintella me fez a honra de communicar o officio de V. Ex. de 14 do corrente mez de Junho, insinuando-me que escrevesse o meu parecer.

Consiste elle em que o mais conveniente no estado actual, é chegar Sua Magestade quanto mais depressa possivel fôr a Lisbôa; por dous motivos: 1.° Porque, tendo tomado a resolução de ir para Lisbôa, qualquer variação ou demora procurada d'esta medida, lhe faz perder o merecimento e vantagens que d'ella se propõe; e o que póde resultar d'essa variedade é sómente mal, sem nenhum bem: pelo que supponho muito acertada a resolução de não aportar na Bahia, e pelo mesmo, que nem tambem o póde ser nas ilhas nem em outro lugar que não seja defronte de Belém. 2.° Porque quanto maior fôr a demora, mais tempo terão os mal intencionados para desvairar o povo da amizade e respeito para com Sua Magestade, e sendo o maior perigo o poderem conseguil-o, como conseguiram o

fazer popular haver constituição; quanto menos tempo se lhe der, tanto maior vantagem ha de ter o partido de el-rei.

Por isso entendo, que negociação nenhuma se póde entabolar sem estar fundeado: pedir qualquer cousa do caminho, e fóra de Lisbôa, é pedir em supplicante, e que não tem recurso sinão o favor das pessoas a quem se dirigir. Porém depois de estar em Belém póde tratar-se do dia da entrada publica, e por uma consequencia de entrar a exercer o poder executivo; tratar-se mais que os outros poderes e governo sejam até a nova constituição o mesmo que está estabelecido pelas antigas leis, e que sejam ainda existentes.

E n'esta parte é que póde entrar, no mais ou menos, o serviço dos deputados das côrtes, e das pessoas mais bem intencionadas, e ainda dos outros, os quaes o hão de fazer segundo virem que o enthusiasmo do povo é maior ou menor. E como se póde esperar grande á primeira noticia, não se póde deixar affrouxar com demoras.

Segue-se a pergunta, si convem ir o brigue ás ilhas saber noticias, e trazel-as á esquadra. Si n'isso não houver demora de viagem, parece-me muito bem.

E segue-se o outro quesito, si pelo brigue deverá annunciar-se a chegada de Sua Magestade. E n'esta parte parece-me, seguindo o mesmo principio, que depois de se avistar o cabo da Roca, não ha inconveniente em ir com despachos, annunciando a chegada de Sua Magestade como uma cousa do costume o annunciar-se primeiro, pois não ha tempo de fazer acalmar a alegria do povo, e mostra-se mesmo maior segurança no effeito d'esta medida, que se tomou, pois os receios d'elle precisam ficar em segredo entre os que vão, sem os dar a conhecer aos que la se acham.

Este é o meu parecer, porque estou persuadido, que não ha recurso algum, sinão a presença de Sua Magestade; não ha para onde ir, sinão acabar a jornada, nem ha alternativa que seguir no caso que houvesse recusação, e por tanto não se póde consultar, nem dar tempo a ella.

Por esta occasião renovo a V. Ex. os protestos do meu maior respeito e alta consideração, com que sou, Illmo. Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, de V. Ex. muito venerador e criado.

Thomaz Antonio de Villanova Portugal.

A bordo da fragata *Carolina* 16 de Junho de 1821.

DOCUMENTO N. 14

OFFICIO DE 16 DE JUNHO DE 1821, DE IGNACIO DA COSTA QUINTELLA, REMETTENDO A RESPOSTA D'ELLE E DE THOMAZ ANTONIO DE VILLANOVA PORTUGAL, SOBRE A CONSULTA DE ARRIBADA DE SUA MAGESTADE.

ILLM. E EXM. SR.

Ahi vai a resposta ao papel de V. Ex., tal qual a pude fazer; e vai tambem a de S. Ex. o Sr. Thomaz Antonio de Villanova Portugal, a quem o communiquei. Desculpe V. Ex. o embaraço da letra, porque a minha vista marcha ao par da molestia, e como esta não tem diminuido, aquella continua pessima.

Rogo a V. Ex. o favor de beijar por mim as reaes mãos de Suas Magestades e Altezas, e depôr na presença de S. M. quanto me interesso pelas suas prosperidades. Sua Alteza agradece a V. Ex. o seu obsequio.

Tenho a honra de ser de V. Ex. o mais attencioso criado e collega

Ignacio da Costa Quintella.

Em 16 de Junho de 1821.

DOCUMENTO N. 15

PARECER DE IGNACIO DA COSTA QUINTELLA SOBRE A ARRIBADA DE SUA MAGESTADE

ILLM. E EXM. SR.

Recebi hoje pelas cinco horas da manhan a carta de V.Ex., de 14 do corrente, e ainda que não ha ninguem menos instruido, do que eu, dos negocios publicos de Portugal, porque nunca vi os despachos d'aquelle reino, nem os que para ali se mandaram, direi comtudo o que agora me occorrer sobre os varios artigos de que trata a carta de V. Ex., considerando na sua totalidade.

Olhando para a data das noticias, que temos de Portugal, é impossivel prever qual será o estado das cousas á chegada de Sua Magestade, e creio, que só com esse conhecimento se poderá discorrer com acerto em questões da natureza das que V. Ex. move na sua carta; mas tenho como principio fundamental, que em todo o caso se deve evitar tudo quanto possa prejudicar a popularidade, de que tanto necessitam os monarcas constitucionaes, e tudo quanto possa tender a irritar os animos, por não produzir uma guerra civil, que seria a ruina inevitavel da monarchia e da nação. Sua Magestade não tem hoje recurso algum (que eu saiba), sinão no amor e lealdade dos seus vassallos; e como estes reputam validas as côrtes actuaes, qualquer disputa sobre a legalidade d'estas lhe fará perder aquella ultima taboa de salvação. Em uma palavra creio, que Sua Magestade deve occupar o seu throno do melhor modo, que fôr possivel, e esperar o resto do beneficio do tempo, tendo unicamente em vista o bem publico.

Não sou de parecer, que se mande o brigue a Lisboa a negociar, pelas razões expostas na carta de V. Exc., que me parecem decisivas. Creio porém, que seria prudente destacar o brigue á ilha Terceira para saber do general as noticias de Portugal, que sempre hão de ser

mais modernas que as recebidas no Rio de Janeiro, e darão por consequencia alguma luz para desenvolver este cahos.

Deus guarde a V. Ex.

A bordo da fragata real *Carolina* á vela, 16 de Junho de 1821.

Illm. Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

De V. Ex. o mais attento servo e collega

Ignacio da Costa Quintella.

DOCUMENTO N. 16

PARECER DO CONDE DE PALMELLA SOBRE A EXPOSIÇÃO DE SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA A RESPEITO DAS PROVIDENCIAS QUE SUA MAGESTADE DEVE TOMAR AO CHEGAR A LISBOA.

Illm. e Exm. Sr.

A exposição, que V. Ex. acaba de communicarme e á vista da qual é Sua Magestade servido, que eu enuncie o meu parecer, versa sobre questões de uma mui alta cathegoria e nimiamente complicadas, para que eu me possa lisongear, não digo já de as resolver com acerto, dando sobre ellas por escripto extemporaneamente o meu voto, mas mesmo de corresponder como eu desejára á gravidade do assumpto e de desenvolver com clareza as idéas que me occorrem.

Obedecendo porém ás regias ordens, procurarei dizer qual seja o conceito, que actualmente fórma do espirito publico, que prevalece em Portugal, da impressão que a chegada de el-rei nosso senhor produzirá n'aquelle reino, e do sistema que na minha opinião deve ser adoptado e firmemente seguido pelo mesmo senhor.

A agitação, que presentemente se manifesta na nação portugueza, não deve por certo considerar-se como um facto isolado na historia, nem como resultado só da

ausencia prolongada de Sua Magestade ou de outras circumstancias casuaes, ainda que estas contribuiram provavelmente para accelerar o momento da crise. A nossa revolução é, como todas as demais, que temos ultimamente presenciado, uma consequencia inevitavel da tendencia progressiva de opiniões, que, a tres seculos a esta parte, se vão desenvolvendo na Europa, e que certamente não ha de cessar emquanto todos os estados, de que se compõe a federação europea, não tiverem adoptado um mesmo sistema de governo.

A disposição geral dos povos da Espanha, de Portugal, de Italia, de Allemanha procede evidentemente de uma mesma origem e tende a um mesmo fim, e a já mais annos que em todos estes paizes se teriam manifestado os sentimentos, que agora prevalecem, si o quadro horroroso, que apresentou a revolução franceza, não tivesse momentaneamente assustado as demais nações e ligado intimamente os povos com os soberanos para a defesa da sua indepencia contra o espirito de conquista militar, que a todos ameaçava. E' por isso, que com a catastrophe de Napoleão resuscitou o espirito de liberdade, que já se desenvolveu no sul da Europa e vai, segundo é provavel, a manifestar-se proximamente tambem no norte.

Desde o momento em que se effectuou a revolução da Espanha, pôde-se antever com certeza, que Portugal seguiria immediatamente o mesmo exemplo e então se podiam talvez ainda applicar os meios convenientes, não para evitar uma crise inevitavel, mas sim para dirigir a revolução e para conter nos devidos limites do systema monarchico constitucional, que os povos desejam e que os legisladores actuaes proclamam, mas do qual não podemos desgraçadamente duvidar, que elles se afastam, seguindo uma tendencia mais democratica e deixando-se levar por doutrinas abstractas e pela vaidosa esperança de produzirem de um jacto só codigos constitucionaes perfeitos.

E' assim, que os reformadores modernos, differentes dos que em outro tempo dirigiram as revoluções de Hollanda e de Inglaterra, procuram antes estabelecer theorias do que conseguir a liberdade de facto, e sacrificam a esse fanatismo mal entendido as vantagens, que pratica e

successivamente poderiam conseguir-se, si se contentassem de aperfeiçoar o edificio, que acham existente em vez de o quererem fundar de novo desde os alicerces.

Foi este já o erro, que causou as desgraças da nação franceza, a qual, depois de correr o circulo todo da arêna revolucionaria, tomou por fim, graças á prudencia de seu rei e a outras circumstancias inesperadas, a entrar na posse de uma constituição monarchica moderada, constituição que de certo é sufficiente para assegurar a sua prosperidade, bem que lhe falte uma circumstancia que os publicistas revolucionarios d'este tempo julgam essencial, isto é, a de ser imposta pela nação ao rei.

Entre os dous extremos da carta constitucional franceza concedida por el-rei sem consultar os votos da nação e da constituição espanhola ditada pelo congresso na ausencia d'el-rei e sem elle ser ouvido nem contemplado, parece, que haveria um meio termo mais justo e mais conveniente, formando-se o contracto social de acordo entre o monarca e a nação por meio dos seus procuradores. Uma constituição assim formada e garantida ao depois pela sancção d'el-rei e pela aceitação dos povos seria sem duvida um exemplo admiravel dado ao mundo inteiro; e oxalá que o congresso actualmente reunido em Lisbôa aspirasse a uma semelhante gloria!

Hei de receiar porém, que assim não aconteça, pois que nem as nações nem os individuos aprendem já mais á custa da experiencia alheia, e as primeiras noticias, que tivemos das sessões do congresso de Lisbôa, dão indicio, como V. Ex. muito bem observa, de que os coripheus d'aquella assembléa, seguindo as pisadas dos legisladores da Espanha, assim como esses imitaram aos da primeira assembléa da França, nos apresentaram uma constituição democratica monarchica, sem attenderem ás clausulas que se contém nas suas procurações e ao juramento, que em consequencia prestaram, nem ao voto indisputavel da grande maioria da nação.

Repetirei portanto em conclusão agora o que já por muitas vezes e em outra situação me atrevi a representar a Sua Magestade, isto é, que a reforma da constituição portugueza debaixo de um sistema representativo era

indispensavelmente necessaria ; mas do que de uma monarchia moderada e mixta a uma democracia mais ou menos disfarçada vai ainda uma immensa distancia, e que é essa a linha de separação, que el-rei, nosso senhor, coherentemente com a sua honra e com a sua consiencia deve a todo o custo conservar, pondo-se, si possivel fôr, elle mesmo, por assim dizer, á testa da revolução.

Estou plenamente convencido de que o desejo, sinão universal ao menos quasi geral da nação portugueza, é de que se conservem illezas as attribuições inherentes á monarchia,e eu mesmo presenciei,que as vozes, com que se electrisaram os povos de Portugal, foram as da reforma geral dos abusos por meio da monarchia constitucional e da conservação da corôa na augusta casa de Bragança.

Estas fôram as bases sobre as quaes unanimemente se jurou, que devia fundar-se a regeneração do edificio social e o novo pacto entre o soberano e os povos. E' sem duvida portanto,que os deputados eleitos para o congresso constitucional se acham virtualmente inhibidos de violar as prerogativas sem as quaes não póde existir o sistema monarchico, e de offerecerem a el-rei a alternativa ignominiosa da abdicação ou do assentimento a uma constituição democratica e incompativel com a dignidade e a segurança do throno. Si os deputados do congresso commetterem similhante attentado, será essa uma evidente violação dos poderes, que lhes foram concedidos pelos seus constituintes, assim como do juramento que elles em commum com todos os Portuguezes prestaram, e sobre o qual unicamente póde fundir-se e ser valido o que ultimamente Sua Magestade prestou no Rio de Janeiro.

Desde o momento em que tive a honra de chegar aos pés de el-rei, nosso senhor, abertamente lhe expuz o meu modo de pensar sobre a crise, em que se achava a monarchia e esforcei-me por convencer o seu real animo da urgencia de se adoptarem medidas publicas e energicas, que patenteassem aos povos, que o mesmo Senhor abraçava com sinceridade os principios mais essenciaes do systema constitucional, que toda a nação desejava.

Os ultimos acontecimentos do Rio de Janeiro privaram, é verdade, a el-rei, nosso senhor, de uma grande

porção da força moral, que actualmente teria a sua adhesão aos principios constitucionaes, si houvesse sido a tempo e espontaneamente declarada; porém parece-me ainda comtudo, que a sensação, que produzira em Portugal a chegada de Sua Magestade, bastará só por si para excitar a seu favor grande enthusiasmo nos povos, e revestindo a Sua Magestade de uma influencia sufficiente para contrapezar o partido democratico, poderá dar lugar a uma especie de acordo entre el-rei e o congresso, negociada por meio de mutuas concessões. Uma tal reacção será sem duvida auxiliada pelo partido maior ou menor dos descontentes, que já de certo existe contra o novo governo e por todos os homens sisudos e honrados, que só desejam a reforma perenne dos abusos e a conservação do throno.

Si Sua Magestade se determinar porém a adoptar o sistema de uma resistencia energica ás aggressões do partido democratico, é de absoluta necessidade, que manifeste tambem desde logo a disposição mais franca e mais liberal á favor do sistema constitucional, que seja coherente com esses principios, que os proclama altamente, e que recuse só a admissão dos artigos, que forem incompativeis com a existencia do throno, conciliando assim a observancia do juramento que prestou com a dignidade e a segurança da corôa.

Não póde facilmente prever-se de antemão quaes sejam todos os artigos contra os quaes conviria na minha apinião, que Sua Magestade oppuzesse uma resistencia invencivel. Confesso, que a divisão do corpo legislativo em duas camaras, uma hereditaria e outra eleita pela nação, me parece quasi indispensavel para conservar a balança de uma constituição mixta, si eu me engano n'esta persuasão, engano-me de boa-fé e fundado nas melhores autoridades; nem creio, que o exemplo da Espanha (unico que até agora póde citar-se em contrario) esteja ainda sufficientemente consolidado para destruir aquella theoria.

Não entrarei porém mais a fundo na discussão de uma questão, na qual é possivel, que eu seja suspeito de parcialidade; antes confessarei francamente, que já agora é de receiar, que seja este um dos pontos sobre os quaes

Sua Magestade deverá transigir; mas não julgo, que possa igualmente submetter-se á admissão do veto puramente suspensivo para a promulgação das leis, nem ás excessivas restricções, que se impoem na constituição espanhola para a distribuição dos empregos publicos, nomeação dos membros do senado, negociações com as nações estrangeiras, etc., etc.

Em geral parece-me, que a influencia, que as côrtes exercem sobre o poder executivo, deve emanar só, porquanto seja possivel, da concessão ou denegação dos impostos, subsidios, etc. de que o governo carece.

Depois de haver assim enunciado a serie das idéas, que me suscitou a leitura da exposição de V. Ex., parece-me, que posso deduzir d'ellas como corollarios os principios seguintes:

1.° Que a adhesão franca, leal e coherente de Sua Magestade ao sistema de uma monarchia constitucional é indispensavel para assegurar a tranquillidade de Portugal e a conservação da sua corôa.

2.° Que a grande maioria da nação portugueza quer com effeito a consolidação de uma monarchia moderada, e sem duvida se conserva fiel a augusta dinastia de Bragança.

3.° Que a presente revolução de Portugal não póde considerar-se como uma d'aquellas, em que a nação reassume radicalmente o exercicio da soberania, mas só como uma renovação do pacto social, que existia mutuamente entre a nação e o monarca, que ella não cessou um só instante de reconhecer como tal.

4.° Que a tendencia natural de um congresso nacional reunido em uma só camara ha de necessariamente induzir o de Lisbôa a formar uma constituição, na qual abundem os elementos democraticos.

5.° Que, não sendo essa tendencia conforme ao voto geral da nação, nem por consequencia ao juramento, que el-rei e ella prestaram, é justo, que Sua Magestade antes de aceitar a constituição, que lhe fôr apresentada faça as objecções, que julgar convenientes aos artigos, que forem incompativeis com a conservação da monarchia,

que entre sobre esses artigos em discussão ou em negociação com o congresso, e que no ultimo caso proteste contra os que absolutamente lhe parecerem inadmissiveis, restando-lhe por fim o extremo recurso de appellar para o voto geral da nação expressado individualmente.

6.° Que o contentamento, que com a chegada d'el-rei, nosso senhor, se ha de manifestar em Portugal, deverá certamente servir-lhe de apoio para operar uma reacção *anti-democratica*; com tanto que se mantenha firme na determinação de aceitar e de conservar uma constituição liberal e moderada, devendo ter tambem a certeza de que similhante sistema lhe grangeará aberta e declaradamente a opinião favoravel de toda a Europa.

Julgo ter d'esta maneira explicado sufficientemente o meu modo de pensar sobre o assumpto do papel, que V. Ex. sedignou dirigir-me. Cingir-me-ei porém agora, para maior clareza, a responder separada e positivamente aos principaes quesitos, que n'elle se contêm.

Em primeiro lugar parece-me mais que provavel, que a constituição ou pelo menos as suas bases essenciaes já estarão concluidas, quando Sua Magestade chegar a Lisbôa, e por tanto julgo inutil o discorrer na hypothese contraria.

No caso de que os artigos todos da constituição sejam aceitos por Sua Magestade, deverá cessar o exercicio do poder executivo, que actualmente se acha installado em Portugal e ficará este devolvido a Sua Magestade nos termos prescriptos pela constituição.

Quando porém Sua Magestade não julgue dever adoptar algumas das sobreditas bases, parece, que o deverá assim declarar desde o momento em que lhe forem apresentadas, e como em tal caso qualquer passo, que Sua Magestade se resolvesse a dar, seria não só da maior importancia pelas consequencias, que poderia ter, mas até de uma natureza a mais melindrosa e arriscada, parece-me, que conviria para esse fim convocar a seu bordo uma especie de conselho, no qual Sua Magestade ouviria discutir verbalmente os argumentos pró e contra a questão, de que se tratasse, o que não se póde nunca conseguir por meio de votos por escripto.

Por agora sou de opinião, que no caso de haver alguma discussão sobre os artigos da contituição entre Sua Magestade e o congresso, conviria, que essa discussão se terminasse antes do desembarque de Sua Magestade; porém será necessario então tomar conselho das circumstancias, as quaes não podem todos de longe prever.

Reputo como summamente acertada a resolução, que Sua Magestade adoptou, de entabolar por meio de V. Ex. communicações semi-officiaes com frei Francisco de S. Luiz, pois tenho motivos pessoaes para formar a melhor opinião dos seus talentos e das suas intenções. Muito seria de desejar (e não me parece impossivel), que a resposta á primeira carta de V. Ex. se encontrasse já na ilha do Faial, quando a esquadra de Sua Magestade chegar áquella altura; porém no caso de assim não acontecer, sou de voto, que convém repetir pelo brigue *Reino-Unido* a mesma instancia, ainda que fôsse só para receber uma resposta a... da barra de Lisbôa, e saber por essa occasião noticia dos acontecimentos, que desde o mez de Fevereiro terá havido em Portugal.

Conformo-me pois em todo o caso com o parecer de se expedir o brigue quanto antes a Lisbôa com a carta para frei Francisco de S. Luiz e as demais communicações á regencia e aos officiaes da casa real, como V. Ex. indica; nem julgo, que d'essa resolução se deva de inferir, que existem desconfianças no animo de Sua Magestade ácerca das intenções do congresso e da regencia; o que só aconteceria, si Sua Magestade, por exemplo, se demorasse nas ilhas e differisse a sua entrada em Lisbôa para receber respostas aos officios, que V. Ex. vai expedir. Antes pelo contrario me parece, que com o annuncio da época certa da chegada, indica Sua Magestade ter a mais ampla confiança na lealdade portugueza e dá logar a que se disponha sem precipitação o modo do seu recebimento.

Queira V. Ex., quando apresentar á Sua Magestade este papel, rogar ao mesmo Augusto Senhor, que se digne desculpar erros nascidos, uns da minha insufficiencia e outros da rapidez com que me foi preciso lançar por

escripto estas idéas, e beijar humildemente em meu nome a real mão.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

A bordo da fragata *Princeza Real*... Junho de 1821.

Conde de Palmella.

DOCUMENTO N. 17

OFFICIO DE 21 DE JUNHO DE 1821, DE FREI FRANCISCO DE S. LUIZ A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Illm. e Exm. Sr.

Tenho tido a honra de receber duas cartas de V.Ex.: a primeira datada de 3 de Março, a que respondi, sem embargo da bem fundada presumpção de que a minha resposta já não acharia a V. Ex. no Rio de Janeiro; e a segunda escripta em 2 de Abril, e entregue em minha mão pelo Sr. conselheiro João Rodrigues Pereira de Almeida, á qual respondo agora.

A resolução,que Sua Magestade ha tomado,de passar quanto antes a Portugal, deixando encarregado do governo do Brazil ao principe real, emquanto ali se não achar estabelecida a constituição geral da monarchia, é uma resolução tão digna da sabedoria de Sua Magestade, e do amor que Sua Magestade tem aos Portuguezes, quanto d'estes merecida pela constante fidelidade, que professam a el-rei; é agradavel a toda a nação, pelo muito que todos a desejavam, e por que só assim ficará bem consolidada a união de todas as vontades e a harmonia de todos os poderes, tão necessaria para a prosperidade publica.

Era bem de prevenir,que Sua Magestade não pudesse commodamente realizar os seus e os nossos desejos com a

brevidade, que ao principio aqui se annunciou. O decóro de el-rei e das mais pessoas reaes, que se transportam á Europa; as indispensaveis commodidades, que é necessario preparar para tão longa viagem; os aprestos de uma comitiva numerosa, e de tantas familias de que ella se compõe, etc., etc., tudo isto demantava tempo proporcionado, e havia de forçosamente demorar o embarque, o qual todavia confio, que a esta hora se haja effectuado, como todos os Portuguezes anciosamente desejam.

As difficuldades, que poderiam occorrer á alta consideração de Sua Magestade, na verificação da sua entrada n'este reino, e que V. Ex. mui prudentemente pondera, e me faz a honra de indicar-me, parece-me, que ficarão de todo removidas ou desvanecidas, quando V. Ex. houver lido os impressos, que agora lhe remetto.

Nunca em nenhum caso podia ser da mente dos Portuguezes, nem da intenção das côrtes (segundo creio), que el-rei, entrando em Portugal, deixasse de assumir immediatamente, tanto o poder executivo em toda a sua plenitude, como a parte do legislativo, que lhe compete, segundo os principios communs (como V. Ex. se explica) a toda e qualquer constituição de uma monarchia representativa.

Logo pois que Sua Magestade chegue a este reino, e se digne ratificar o sagrado juramento, que com tanta gloria sua e com tanta vantagem dos seus povos, e para felicidade d'elles, prestou no Rio de Janeiro, cessam immediatamente as funcções, que a regencia até agora tem exercido em seu augusto e real nome, e Sua Magestade entra sem questão, nem controversia alguma, no plenissimo exercicio do poder real, que lhe é proprio.

Os estorvos, que por acaso poderiam encontrar-se, ou suppôr-se, no exercicio d'este poder immediato, pela sua real pessoa, por não estar de todo concluida a nova constituição, desapparecem, a meu vêr, á vista das bases da constituição, que já fôram promulgadas, juradas e remettidas a Sua Magestade, mas que provavelmente ainda não haverão chegado á sua real presença, e que por isso vão agora com esta minha carta.

Emquanto ás formalidades da recepção de Sua Magestade, V. Ex. achará no outro impresso, que tambem remetto, as instrucções, que deseja e eu posso dar-lhe para seu governo. El-rei deve, e ha de ser aqui recebido, não só com todo o apparato devido á sua real pessoa e familia e á dignidade e respeito da sua corôa, mas tambem com toda a cordialidade e regosijo, que Sua Magestade tem direito a esperar da lealdade e amor dos Portuguezes.

O governo actual, que deseja não faltar nas cousas essenciaes, e comprazer a el-rei nas indifferentes, duvidou, si Sua Magestade queria, e a que templo queria dirigir-se no momento do seu desembarque, para agradecer ao céo a prosperidade de sua viagem. E não podendo a este respeito adivinhar qual será por ventura a particular devoção de el-rei; mas suppondo que Sua Magestade quererá cumprir este dever religioso tão naturalmente indicado pela sua real piedade, tem mandado preparar a cathedral de Lisboa, como igreja principal e matriz; mas isto não priva de maneira alguma a Sua Magestade, (como é claro) da perfeita liberdade da escolha, que seu real coração n'este ponto lhe possa inspirar.

Eis aqui tudo o que por agora me parece necessario dizer a V. Ex. em resposta á sua carta, reservando para quando tiver a fortuna de ver e falar a V. Ex., o escutar as suas reflexões, e submetter ao juizo de V. Ex. as minhas sobre o estado do Brazil, que tantos cuidados deve merecer a todos os que amam o bem da patria e a felicidade geral da nação.

Accrescentarei sómente aqui uma observação, que me inspiram os meus particulares sentimentos, e que tambem submetto ao illuminado discernimento de V. Ex.

Diz-se em Lisboa, que el-rei virá acompanhado por navios de guerra inglezes, e não sei o gráo de credibilidade, que merece esta noticia, que todavia me parece pouco fundamentada.

Reconheço, que esta circumstancia (caso se verifique) póde ser um effeito da civilidade e polidez ingleza; e um testimunho, que o governo britannico queira dar da sua consideração para com el-rei e real familia portugueza,

bem como já fez, quando Suas Magestades e Altezas se retiraram daqui para o Brazil.

Reconheço tambem, que depois das publicas demonstrações que Sua Magestade tem espontaneamente dado do seu real animo e intenções sobre a nova ordem de cousas estabelecida em Portugal, e depois da solemne e exuberantissima declaração, que mandou fazer ás altas potencias alliadas do congresso de Troppau e Laybach, nenhum justo e bem fundado receio póde rasoavelmente haver sobre a sinceridade dos sentimentos de el-rei, aliás sobejamente afiançados na invariavel firmeza da *palavra de Bragança*; nem por consequencia sobre os motivos que poderiam induzir a Sua Magestade a acompanhar-se de uma esquadra ingleza.

Com tudo V. Ex. não ignora, que o modo de pensar dos homens de recto e são juizo não é sempre o da multidão ; que esta é muitas vezes dirigida ou por apparencias mal concebidas, e peior combinadas, ou por insinuações sinistras dos inimigos da paz publica; e finalmente (seja-me permittido dizer tudo) que ha nos Portuguezes, e tem havido sempre, á annos a esta parte, uma não sei que desconfiança da austuciosa politica do ministerio britannico, cujas operações se explicam frequentemente de uma maneira avessa aos interesses das outras nações.

Isto me faz crer, que o acompanhamento da esquadra ingleza (caso o facto seja verdadeiro) não será agradavel em Portugal, mórmente nas circumstancias actuaes, em que Sua Magestade, voltando ao meio de um povo que o adora, parece, que deve desviar toda a idéa de desconfiança ou de receios. Julguei por tanto não dever occultar a V. Ex. o meu pensamento e a minha particular opinião a este respeito, sem com tudo ser meu animo intrometter-me no que de nenhum modo me pertence dirigir. Espero, que V. Ex. me não censure n'esta parte a franqueza, com que falo, e que é filha dos puros sentimentos, com que sempre amei, e amo a minha patria, e não menos o decóro, e a gloria de el-rei, que tenho por essencialmente ligada com a felicidade publica dos Portuguezes.

Concluo pedindo a V. Ex. desculpa de o enfadar com tão longa carta. O Sr. conselheiro, que se quiz encarregar da direcção d'ella, dirá a V. Ex. o mais que eu omitto por evitar repetições. No meu particular não posso deixar de agradecer a V. Ex. o proporcionar-me a opportunidade de conhecer, e tratar um sujeito tão digno da sua amisade, e que promptamente grangeou a minha pelo seu modo, caracter e honradissimos sentimentos.

Deus guarde a V. Ex. como desejo.

Lisboa 21 de Junho de 1821.

De V. Ex., Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, o mais fiel venerador e amigo

Fr. *Francisco de S. Luiz.*

DOCUMENTO N. 18

INFORMAÇÃO VERBAL DO MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS NO ACTO DA CONFERENCIA DE 15 DE MARÇO DE 1822 DA COMMISSÃO DE CORTES SOBRE OS NEGOCIOS DO BRAZIL.

Devendo expôr as minhas idéas sobre o espirito dos povos do Brazil em geral, e particularmente do Rio de Janeiro relativamente á sua união ao reino de Portugal, e projectado regresso de Sua Alteza Real para este reino, cumpre-me distinguir os interesses communs a todos, e a cada uma das provincias do Brazil, d'aquelles que são particulares a esta ou aquella; bem como dos que sómente dizem respeito a certas classes ou mesmo a certos individuos.

O que na conversação e trato com um sem numero de pessoas de todas as classes durante doze annos de estada do Brazil, na lição de memorias escriptas por alguns de seus habitantes, e pelas noticias que successivamente tenho havido, depois da minha retirada, posso affirmar ser commum a todos os Brazileiros o desejo de terem

no Brazil um governo central, que entenda dos interesses communs a todas as provincias, de que aquelle vasto continente se compõe.

O povo (e seja-me licito fazer aqui uma observação, que é, que no Brazil esta classe é proporcionalmente muito menor do que na Europa, porque tirando a classe de escravos e libertos, quasi todo o resto se compõe de homens, que receberam aquelle gráo de educação, que nos outros paizes elevam certa classe acima do que se chama povo), o povo pois, como ia dizendo, no Brazil não passa d'esta generalissima idéa de um governo geral no Brazil mesmo por uma especie de instincto. Mas a classe pensante adianta-se a nomear o modo do estabelecimento d'aquelle governo; persuadindo-se uns, que basta que elle seja revestido unicamente das attribuições do poder executivo; que seja um só e unico para todo o Brazil, quer sejam dois entre si independentes, quer para cada uma das divisões septentrional e meridional, mas ambos como delegados do supremo poder executivo da monarchia.

Outras pessoas porém, julgando impracticaveis estas divisões do poder executivo no Brazil, só a concebem possivel no caso de elle ser o proprio supremo poder executivo da monarchia, que estabelecesse juntamente com o poder legislativo a capital do reino-unido na parte, que melhor parecesse convir, do reino do Brazil; o que, na opinião d'aquellas mesmas pessoas, só d'este modo se póde governar; e só d'este modo póde ficar unido a Portugal, que sendo muito mais pequeno e povoado, entendem elles poder governar-se pela presença de uma simples delegação do poder executivo.

Eis aqui a unica vista de interesse, que é commum a todas as provincias do Brazil. Agora o que é particular a cada uma d'ellas, é o desejo de que todos os negocios, que só dizem respeito a qualquer d'ellas comecem e acabem dentro d'ellas; sejam tratados, julgados e decididos por homens n'ella residentes, e por ella escolhidos; quer seja dos seus proprios habitantes, ou das pessoas que ella entenda dever chamar ou admittir de alguma outra parte.

Por consequencia o que segundo minha observação

tenho deprehendido da vontade de mais geral dos Brasileiros é, que nos interesses de cada uma das provincias, nenhuma das outras provincias, nem o governo geral, em qualquer parte que elle esteja estabelecido, se haja de intrometter.

Mas seria fazer-lhes uma injustiça o concluir daqui, que elles por isso aspirem á total independencia do governo central da monarchia. O que todas e cada uma das provincias pretendem, torno a repetir, é que este governo entenda unicamente dos interesses, que são communs a todas ou a algumas das mesmas provincias, abstendo-se de intervir nos que só são particulares a esta ou áquella.

Estes são, segundo minha observação, os sentimentos mais geraes, que eu pude descobrir nos Brazileiros, tanto no tocante aos interesses geraes do Brazil, como aos particulares a cada uma das provincias.

Ha porém outros interesses, que eu disse ao principio serem limitados a algumas classes, ou mesmo a individuos sómente; porém que mereciam ser aqui tomados em muito especial consideração pelo inteiro nexo, que têm com o actual estado do Rio de Janeiro, cujas recentes noticias excitam a solicitude do soberano congresso.

O Brazil desde o seu descobrimento tinha sempre sido governado colonialmente; quero dizer, por medidas e providencias, que os governadores, em cada capitania, julgavam ser dictadas pelas circumstancias. Esta é a unica fórma de governo praticavel em uma sociedade nascente.

Mas Sua Magestade, depois de ter estado alguns annos no Brazil, convenceu-se de que as principaes povoações d'elle estavam já chegadas a aquelle gráo de civilisação, em que as sociedades deixam de ser governadas por dictadores para serem por magistrados sujeitos a uma marcha regular, e conforme a um sistema de leis uniformes em toda a extensão da monarchia. Foi n'esta mente pois, que Sua Magestade declarou o Brazil elevado a categoria de reino.

no Brazil um governo central, que entenda dos interesses communs a todas as provincias, de que aquelle vasto continente se compõe.

O povo (e seja-me licito fazer aqui uma observação, que é, que no Brazil esta classe é proporcionalmente muito menor do que na Europa, porque tirando a classe de escravos e libertos, quasi todo o resto se compõe de homens, que receberam aquelle gráo de educação, que nos outros paizes elevam certa classe acima do que se chama povo), o povo pois, como ia dizendo, no Brazil não passa d'esta generalissima idéa de um governo geral no Brazil mesmo por uma especie de instincto. Mas a classe pensante adianta-se a nomear o modo do estabelecimento d'aquelle governo; persuadindo-se uns, que basta que elle seja revestido unicamente das attribuições do poder executivo; que seja um só e unico para todo o Brazil, quer sejam dois entre si independentes, quer para cada uma das divisões septentrional e meridional, mas ambos como delegados do supremo poder executivo da monarchia.

Outras pessoas porém, julgando impracticaveis estas divisões do poder executivo no Brazil, só a concebem possivel no caso de elle ser o proprio supremo poder executivo da monarchia, que estabelecesse juntamente com o poder legislativo a capital do reino-unido na parte, que melhor parecesse convir, do reino do Brazil; o que, na opinião d'aquellas mesmas pessoas, só d'este modo se póde governar; e só d'este modo póde ficar unido a Portugal, que sendo muito mais pequeno e povoado, entendem elles poder governar-se pela presença de uma simples delegação do poder executivo.

Eis aqui a unica vista de interesse, que é commum a todas as provincias do Brazil. Agora o que é particular a cada uma d'ellas, é o desejo de que todos os negocios, que só dizem respeito a qualquer d'ellas comecem e acabem dentro d'ellas; sejam tratados, julgados e decididos por homens n'ella residentes, e por ella escolhidos; quer seja dos seus proprios habitantes, ou das pessoas que ella entenda dever chamar ou admittir de alguma outra parte.

Por consequencia o que segundo minha observação

tenho deprehendido da vontade de mais geral dos Brasileiros é, que nos interesses de cada uma das provincias, nenhuma das outras provincias, nem o governo geral, em qualquer parte que elle esteja estabelecido, se haja de intrometter.

Mas seria fazer-lhes uma injustiça o concluir daqui, que elles por isso aspirem á total independencia do governo central da monarchia. O que todas e cada uma das provincias pretendem, torno a repetir, é que este governo entenda unicamente dos interesses, que são communs a todas ou a algumas das mesmas provincias, abstendo-se de intervir nos que só são particulares a esta ou áquella.

Estes são, segundo minha observação, os sentimentos mais geraes, que eu pude descobrir nos Brazileiros, tanto no tocante aos interesses geraes do Brazil, como aos particulares a cada uma das provincias.

Ha porém outros interesses, que eu disse ao principio serem limitados a algumas classes, ou mesmo a individuos sómente; porém que mereciam ser aqui tomados em muito especial consideração pelo inteiro nexo, que têm com o actual estado do Rio de Janeiro, cujas recentes noticias excitam a solicitude do soberano congresso.

O Brazil desde o seu descobrimento tinha sempre sido governado colonialmente; quero dizer, por medidas e providencias, que os governadores, em cada capitania, julgavam ser dictadas pelas circumstancias. Esta é a unica fórma de governo praticavel em uma sociedade nascente.

Mas Sua Magestade, depois de ter estado alguns annos no Brazil, convenceu-se de que as principaes povoações d'elle estavam já chegadas a aquelle gráo de civilisação, em que as sociedades deixam de ser governadas por dictadores para serem por magistrados sujeitos a uma marcha regular, e conforme a um sistema de leis uniformes em toda a extensão da monarchia. Foi n'esta mente pois, que Sua Magestade declarou o Brazil elevado a categoria de reino.

E' verdade,que nada mais se fez do que esta simples declaração, e em vez de se regular a publica administração do Brazil n'esta conformidade,tudo continuou como dantes, e as provincias continuaram a ser governadas pelo arbitrio de governadores tão arbitrarios e obsolutos como dantes. Mas como aquella declaração não era filha do livre arbitrio do governo, como ella era a simples expressão de um facto, que estava ao alcance de todo o mundo, a saber: que o Brazil era chegado a altura de civilisação precisa para se governar, reunido a Portugal, como este reino, por leis e magistrados, e não já por providencias e dictadores, entenderam logo seus habitantes, que este reino não podia deixar de ter uma capital dentro em si mesmo. Esta capital era até a partida de Sua Magestade o Rio de Janeiro.

Logo que pelo novissimo decreto das côrtes cessa de haver uma capital no Brazil, todo elle se considera desde logo,e por esse simples facto, esbulhado da dignidade de reino, que lhe fôra reconhecida e sanccionada.

O Rio de Janeiro, vendo que pela sahida de Sua Alteza Real cessa de ser a capital do Brazil, considera-se igualmente esbulhado de uma graduação tanto mais importante, quanto ella se acha ligada á sorte de um infinito numero de pessoas, que por este simples facto ficam reduzidas a horrorosa miseria.

Os Brazileiros não receiam voltar á categoria absoluta de colonias, quanto ao exercicio do seu commercio e industria. Isso sabem elles e sabe todo o mundo, que é absolutamente impossivel, pois que o franco trafico, tanto de um como de outra, não depende já do arbitrio do governo; foi uma necessaria consequencia da natureza das cousas, e a sua continuação é do mesmo modo independente do caprixo.

A magoa, que hoje excita o descontentamento de todo o Brazil, é de verem, que pela abolição de uma capital se põe em contradição a fórma do seu governo com a sua inauferivel categoria de reino.

O descontentamento do Rio de Janeiro consiste nos clamores do sem numero de empregados do governo, que de repente se acham esbulhados não só da influencia e

dignidade de que se achavam de posse, mas até de todo o meio de proverem a sua indispensavel subsistencia.

A esta classe de descontentes vem unir-se a d'aquelles Europeos, que estando estabelecidos no paiz, e conhecendo todos os desastres que são de receiar, si uma vez se chega a desenvolver o espirito de vingança que respiram, umas contra outras, as differentes classes de habitantes d'aquella capital e provincia, olham a presença de Sua Alteza Real, e da força europea ali existente, como o unico paladio da sua segurança.

Brancos europeus, brancos brazileiros, pretos e pardos, uns livres, outros escravos, constituem outras tantas classes, que se têm jurado odio eterno, em razão de antigas e não interrompidas queixas de uns contra outros.

Os Brazileiros são de seu natural, por clima, e por costumes, brandos, doceis, condescendentes, e sobre maneira hospitaleiros: sempre que o Europeu chega ás suas pousadas, não só nos campos, mas nas villas e cidades, é recebido com uma hospitalidade tão cordial e generosa, como eu nunca encontrei nos povos mais hospitaleiros da Europa.

O Europeu sensato, homem de bons sentimentos e educação, não vê n'esta conducta dos Brazileiros, sinão rasgos de uma franqueza, que excita a sua amizade e gratidão.

Mas a maior parte dos Europeus, que pisaram o solo do Brazil, nem eram homens de bons sentimentos, nem de educação; e por isso na officiosidade, na condescendencia, na hospitalidade dos Brazileiros não descobriram sinão servil respeito e baixeza, que só servio a inflammar o orgulho da sua imaginada superioridade.

Mas os Brazileiros, que por serem doceis e meigos não deixam de ser homens, não podiam tão pouco deixar de ser sensiveis a tão feia ingratidão; não podiam deixar de pagar com odio tão injusto desprezo; mas tambem como eram homens, não guardaram n'este odio uma regulada medida; e passando a excesso, envolvem muitas vezes o innocente com o culpado e por isso todo o Europeu receia com razão, que, si desatar a furia das vinganças,

será infallivelmente victima da sanha dos naturaes de toda e qualquer côr.

São pois estes Europeus domicialiados, unindo-se a elles os muitos descontentes pela perda de seus empregos, que formam n'aquella cidade uma forte opposição á partida de Sua Alteza Real para a Europa.

Vejo pela representação, que se acaba de lêr, da junta provisoria de São-Paulo, que ella se reune ao Rio de Janeiro n'este ponto; e brevemente devemos ter noticia da junta provisoria, ou camara d'esta ultima cidade, ter igual representação para exigir de Sua Alteza Real o suspender-se á sua retirada.

Consta terem-se enviado tanto a Minas-Geraes como a Bahia pessoas, que solicitassem a adherir a esta mesma requisição.

Tal é o estado dos animos, tal é a situação dos negocios, que quanto a mim me consta pelas noticias que tenho podido alcançar. E é com estes dados, que vou satisfazer a primeira das tres perguntas, que V. Ex. se digna dirigir-me, a saber, será possivel que Sua Alteza Real na presença d'estes factos tenha partido do Rio de Janeiro?

Si Sua Alteza Real tivesse unicamente de attender a estas considerações, é provavel, que retardasse o cumprimento dos decretos 124 e 125, uma vez que assim lhe requeressem unanimemente, como se presume, as tres ou mais capitanias até que sobre suas representações lhes cheguem as definitivas ordens do soberano congresso.

Mas no Rio de Janeiro existe uma divisão de tropa européa composta dos dous batalhões dos ns. 11 e 15 de infantaria, do n. 3 de caçadores e de um corpo de artilharia. E esta divisão sempre que tem, não digo já observado, mas simplesmente receiado, que o povo, ou a tropa do paiz faça algum movimento opposto ao que desde 24 de Agosto de 1820 se tem praticado em Portugal, tem corrido ás armas e tem obrigado o governo, o restante da tropa, e o povo a obrar no sentido das determinações, que de algum modo lhes constava, ainda mesmo sem a authenticidade aliás exigida, haverem-se promulgado n'este reino. E' d'esta maneira, que teve logar no dia 26 de Fevereiro de 1821 o juramento geral de obediencia á

constituição, que as côrtes fizessem; no dia 5 de Julho seguinte o juramento ás bases da constituição; e mesmo foi por este motivo de fazer effectiva a partida da côrte, que se julgava indispensavel para o acôrdo do Brazil com Portugal, e que começava a tornar-se duvidoso, que tiveram logar os horrorosos acontecimentos da sempre execravel noite de 21 e 22 de Abril.

O que posto, ou Sua Real Alteza na presença das representações das provincias suspendeu os preparativos para a formação da junta governativa do Rio de Janeiro, e para o seu proprio embarque; ou deixou proseguir tudo, como havia ordenado. Sobre o que se deve observar, que até a partida do correio, não constava de outra ordem, e havia quasi um mez, que as ordens estavam dadas; e portanto suppondo que em consequencia d'ellas se juntavam os eleitores, e os transportes estavam promptos; então, ou Sua Alteza Real deixava eleger a junta, e a installava e partia; ou sustava esta ultima conclusão. Si a sustava, é a meu vêr quasi certo, que divisão européa lançava mão das armas, para fazer effectivo o cumprimento dos decretos do soberano congresso. O mesmo digo, si constasse, que Sua Alteza Real havia dado contra ordem para se não proseguir mais na nomeação dos eleitores, nem nos preparativos da partida.

Uma vez posta em armas a divisão, posso afiançar pelo conhecimento, que tenho do Rio de Janeiro, que nem o resto da tropa de linha, nem as milicias, que comprehendem o resto dos habitantes em estado de resistir, fariam a menor opposição.

Em nenhum de quantos movimentos têm havido desde o memoravel dia 26 de Fevereiro até agora, teve parte alguma activa a gente do paiz, comprehendendo mesmo os Europeus ali estabelecidos, si não era com discursos, clubs, e pasquins, como o de que agora nos vêm noticias, mais volumosas em razão da liberdade da imprensa.

E' portanto para mim eminentemente provavel, que a divisão portugueza, ou ameaçando pegar das armas, ou pegando com effeito d'ellas, terá posto Sua Alteza Real na necessidade de dar pleno cumprimento aos referidos decretos, e isto com tanta mais vehemencia, quanto é maior

a acrimonia, que respira na representação da parte de São-Paulo, que acabámos de ouvir.

O unico modo como me lembra que Sua Alteza Real poderá evitar, que os batalhões venham ás armas, é o de lhes ponderar, que como o seu principal movel é o desejo de regressar para este reino, e isso só póde ter lugar depois da chegada da esquadra, nada se perde demorando-se até então o cumprimento dos decretos. E depois da chegada da esquadra, como pela presença das tropas, que os vão render, nada obsta a sua partida, deixal-os com effeito regressar; e Sua Alteza Real ficar ainda esperando as ultimas decisões do congresso.

Noto estes como os dois unicos expedientes, que me parecem possiveis, mas não direi provaveis, segundo o conhecimento que tenho do espirito da divisão; e sobre tudo vendo assim vilipendiada a autoridade do congresso.

Tenho cumprido com a exposição das informações de facto, que me parece fazerem ao presente caso; e dito o que me parece provavel, que a esta hora tenha acontecido; porém como é sempre possivel, que pelos expostos, ou por outros meios Sua Alteza Real tenha realisado o expediente, a que de algum modo se mostra inclinado, de deferir a sua partida até novas e difinitivas ordens do soberano congresso, devo accrescentar em resposta a honra que V. Ex. me fazem de quererem ouvir o meu parecer sobre as duas medidas provisorias, em que se tem concordado, que me parece muito acertada a primeira, de que Sua Alteza Real se demore no Rio de Janeiro, sustando ali a execução dos decretos em questão, até chegarem as ultimas resoluções do soberano congresso; e bem assim a segunda de ficarem, tanto os governadores das armas, como as juntas de fazenda sujeitas entretanto ás juntas governativas, sendo os governadores membros natos d'ella, e um dos outros membros presidente da junta de fazenda.

Sómente observarei, que por isso me parece seria coherente, que os governadores das armas, ou como se tem proposto chamar com mais conveniencia, os commandantes da força armada, sejam nomeados pela mesma

junta governativa, porque d'este modo me parece conseguir-se melhor o que a commissão pretende, de concentrar, e para assim dizer, dar ao governo de cada provincia a unidade, que pelas antecedentes disposições lhes faltava com effeito. E não obsta o dizer-se talvez, que d'esse modo, tirando-se ao poder executivo a nomeação dos ditos governadores, se lhe tira a responsabilidade, de que elle jámais deve ser dispensado; e que se abre campo á intriga, autorisando-se as juntas a fazerem por ventura injustas pretenções.

A isto responderei eu, que uma vez declarados os commandantes da força armada sujeitos ás juntas, ficam estas autorisadas para os suspender; e logo tambem para nomearem quem os substitua; em cuja nomeação se vem a verificar tudo quanto se poderia oppôr contra a primeira.

Mas nem o ministerio fica menos responsavel pela nomeação das juntas, pois que ou ellas nomeam, ou não, e sempre ficam de permeio entre o poder executivo e os chefes da força armada; nem a nomeação fica sendo arbitraria, pois que as juntas ficam obrigadas a conformar-se com a lei, preferindo as maiores patentes ás menores; a menos que não haja em contrario fortes razões de serviço, porque ficam responsaveis.

INDICE

DOS

RTIGOS CONTIDOS NOS 50 TOMOS

DA

A TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTORICO

lação a cada uma das provincias do imperio *

Amazonas

	TOMOS
de São-José do Rio Negro (Francisco X. R. Cor-	
.....	1
descoberto no maximo rio Amazonas (Padre João	
il)..... 2, 3 e	41
sobre o limite com a Guiana Ingleza.....	3
s da entrada do Amazonas até Villa-Bella.....	4
para a construcção de uma fortaleza no Rio-Branco	4
ies sobre a obra *Thesouro descoberto no maximo*	
Amazonas.....	5
lo sobre limites do norte (Ricardo Franco de Al-	
a Serra).....	
com a republica de Venezuela (A. L. Monteiro	
ia) 1845.....	7
, co'onia hollandeza de Surinam.....	8

)fferecido ao Instituto Historico e Geographico do Brazil o effectivo coronel Augusto Fausto de Souza, para ser in- catalogo geral da Revista Trimensal.—Abril de 1888.

INDICE

DOS

ARTIGOS CONTIDOS NOS 50 TOMOS

DA

REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTORICO

em relação a cada uma das provincias do imperio *

Amazonas

	TOMOS
Capitania de São-José do Rio Negro (Francisco X. R. Cordeiro)	1
Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas (Padre João Daniel)	2, 3 e 41
Memoria sobre o limite com a Guiana Ingleza	3
Distancias da entrada do Amazonas até Villa-Bella	4
Provisão para a construcção de uma fortaleza no Rio-Branco	4
Observações sobre a obra *Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas*	5
Informação sobre limites do norte (Ricardo Franco de Almeida Serra)	
Limites com a republica de Venezuela (A. L. Monteiro Baena) 1845	7
Viagem á colonia hollandeza de Surinam	8

(*) Offerecido ao Instituto Historico e Geographico do Brazil pelo socio effectivo coronel Augusto Fausto de Souza, para ser incluido no catalogo geral da Revista Trimensal.—Abril de 1888.

TOMOS

Viagem do bispo do Grão-Pará em 1762..... 9
Noticias sobre a capitania do Rio Negro..... 10
Memoria sobre os rios Baurés, Branco, Conceição, São-Joaquim, etc..... 12
Relação geographica do Rio-Branco da America portugueza..... 13
Vocabulario da lingua usada no Alto-Amazonas..... 17
As Amazonas (Memoria do Dr. A. Gonçalves Dias)..... 18
Viagem pelo Rio-Negro (Hilario Maximiano Antunes Gurjão) 18
Extractos do relatorio do presidente Dias Vieira..... 20
Descripção do Rio-Branco e seu territorio..... 24
Novo descobrimento do grande rio das Amazonas (Christovam d'Acuña)..... 25
Descripção corographica do Grão-Pará..... 36
Noticia sobre a feroz nação do gentio Mura..... 36
Viagem philosophica pela capitania de São-José do Rio Negro..... 48, 49 e 50
Extracto do diario de viagem ao rio Marié..... 48
As populações indigenas da Amazonia (José Verissimo).... 50

Observação.—O territorio d'esta provincia esteve sujeito ao da do Pará até o anno de 1850; por isso encontrar-se-ão muitas outras noticias do Amazonas nos artigos relativos á provincia do Pará.

Pará

Compendio das éras da provincia do Pará..... 2
Navegação do Pará para Mato-Grosso..... 2
Thesouro descoberto no maximo do rio Amazonas. 2, 3, 28 e 41
Propriedade e posse do cabo do Norte..... 3
Primeira viagem a vapor pelo Amazonas (1843)..... 6
Questão das terras do cabo do Norte (1699)..... 8
Roteiro do Pará á Bahia (1819)..... 8
Navegação do Tapajoz para o Pará..... 9
Viagem do bispo D. Fr. João em 1762..... 9

	TOMOS
Commissão mercantil entre Pará e Goyaz	10
Diario do ajudante da praça de Macapá, em 1791	11
Viagens pelos rios Tocantins e Araguaia, 1792	11
Roteiro do Araguary a Oyapock, 1794	12
Viagem do governador Martinho de Souza em 1784	12
Noticia sobre a ilha de Joannes, 1800	12
O Oyapock e o Brasil (Dr. Joaquim Caetano da Silva)	13
Navegação do rio Arinos até á villa de Santarém no Pará	19
Carta régia sobre os indios da capitania do Pará, 1798	20
Revolução de 1822—23 (Felippe José Pereira Leal)	22
Roteiro da cidade de Belém a Villa-Bella	23
Transito do Igarapé-mirim e necessidade de um canal, 1820 (A. L. Monteiro Baena)	23
Navegação do Pará para Mato-Grosso	28
Informação sobre sesmarias, 1795 (D. Francisco de Souza Coutinho)	29
Communicação commercial entre Cuiabá e Pará (1812—13)	31
Descripção corographica do estado do Grão-Pará	36
Reliquias de uma grande tribu extincta, no Marajó	39
Estudos sobre a tribu Mundurucú (Dr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins)	40
Instrucções para a descoberta do rio Tocantins	46

Maranhão

Memoria sobre as nações gentias do Maranhão	3
Obelisco da estrada de Nazareth (A. L. Monteiro Baena)	3
Roteiro a seguir do Maranhão para o Rio de Janeiro	3
Roteiro entre as capitanias do Pará e Maranhão á Bahia	8
Roteiro das fronteiras do Maranhão a Goyaz (1815)	10
Memoria sobre a revolução de 1839—40 (Dr. Domingos J. Gonçalves Magalhães)	10
Descripção do territorio de Pastos-Bons	12
Documentos relativos ao Maranhão (Dr. A. Gonçalves Dias)	16

TOMOS

Memoria sobre a capitania do Maranhão (Francisco Xavier Machado) 1810 17
Memoria sobre a latitude e longitude do sertão da capitania do Maranhão 20
Itinerario da provincia do Maranhão (Brigadeiro Pereira do Lago) 35
Notas diarias sobre a revolta do Maranhão (1838—40) 35
Catalogo dos governos da provincia do Maranhão 36
Documento sobre Teixeira de Mello, restaurador do Maranhão 39
Relação historica dos tumultos no Maranhão 40
Administração do presidente Dr. Franklim Doria (Dr. Cesar A. Marques) 41
Historia da imprensa no Maranhão (Dr. Cesar A. Marques) .. 41
Vida de Gomes Freire (Motim de Beckman) 41
Papel politico sobre o estado do Maranhão 46
O dia 28 de Julho (Uma pagina da historia) ..... 47 e 49
Expedição do Ceará em auxilio do Maranhão 48
Guaxenduba (Dr. Cesar Augusto Marques) 48
Independencia do Maranhão (Tristão de Alencar Araripe) ... 48
Estabelecimento da igreja catholica no Maranhão (Dr. Cesar A. Marques) 49
O *Bemtevi* e seu redactor (Dr. Cesar A. Marques) 49

Piauhy

Roteiro entre o Pará e a Bahia pelo Piauhy 8
Memoria sobre a capitania do Piauhy, 1820 (F. Xavier Machado 17
Memoria chronologica do Piauhy (J. M. Pereira de Alencastre) 20
Notas diarias sobre a revolta no Piauhy, 1838—41 35
Documentos sobre a prisão do major Fidié 36
Expedição do Ceará em auxilio do Piauhy 48

Observação.—Acerca d'esta provincia se podem encontrar informações nos artigos relativos á do Maranhão, de cuja capitania fez parte até 1811.

Ceará

	TOMOS
Creação da villa de Aracaty	20
Actas da camara do Crato em Maio de 1817	25
Assentos do senado do Icó (1738—1835)	25
Villa de Lavras	25
Revolução do Ceará em 1821	29
Memoria sobre a capitania do Ceará	34
Erecção da villa de Monte-mór	35
Excursões pelo Ceará (Dr. Homem de Mello)	35
Notas diarias sobre a revolta no Ceará (1838—41)	35
Documentos para a revolução de 1817	37
Rectificação á historia do Brazil (1831—40) de Pereira da Silva	42
Expedição do Ceará em auxilio do Piauhy e Maranhão	48
Execução de Pinto Madeira (Dr. Paulino Nogueira)	50

Observação.—O territorio do Ceará fez parte das do Maranhão e de Pernambuco, da qual se tornou independente em 1799. Nos artigos, que tratam d'estas duas capitanias, portanto podem existir esclarecimentos sobre o Ceará.

Rio-Grande do Norte

Capitães-móres e governadores da capitania	17
Memoria sobre a fome do sertão do Apody	20
Defesa da capitania do Rio-Grande do Norte, 1808	27

Observação. — Outras informações sobre esta provincia, poderão ser encontradas nos artigos referentes á capitania de Pernambuco, da qual fez parte até 1817.

Parahiba

Relação das matas da capitania da Parahiba	6
Instrucções do governador F. Delgado Freire de Castilho	6
Informações sobre matas e portos onde se podem carregar madeiras	6

TOMOS
Governadores e presidentes da Párahiba, 8 e..... 23
Chronica do mosteiro de Montserrate..... 27
Summario das guerras para a conquista da Parahiba..... 36
Documentos sobre a revolução de 1824..... 37
Historiu da guerra de Pernambuco e Parahiba, 39, 40, 41 e 42

Observação.—Os destinos d'esta provincia estiveram ligados á de Pernambuco até o fim do seculo passado (1799); nos artigos pois da historia de Pernambuco encontrar-se-ão informações sobre a da Parahiba.

Pernambuco

Carta de Henrique Dias..... 3
Descripção da costa até São-Roque..... 6
Roteiro entre as capitanias do Pará á Bahia..... 8
Sedições de Pernambuco, exemplo aos vindouros..... 16
Vitoria en los Gararapes, 1649..... 22
O Brazil hollandez (conego Fernandes Pinheiro)..... 23
Sermão da restauração em 1731..... 23
Testamento e casa de João Fernandes Vieira..... 23
Tremor de terra em 1811..... 23
Luiz do Rego e a posteridade (conego Fernandes Pinheiro). 24
Duvidas sobre pontos do historia patria (Dr. Joaquim Manoel de Macedo)..... 25
O forte do mar em Pernambuco..... 25
Revolução pernambucana de 1817, 29, 30 e..... 31
A confederação do Equador (Dr. Antonio Pereira Pinto)... 29
As batalhas dos Guararapes (conego Fernandes Pinheiro).. 29
Longitude do arsenal de marinha (José da Costa Azevedo).. 32
Documentos sobre a revolução de 1824..... 37
Historia da guerra de Pernambuco, 39, 40, 41, 42 e..... 43
Narração historica de Matheus van Breck..... 40
Observações meteorologicas de 1808 –1810..... 46
Informações sobre os indios dos sertões..... 46

TOMOS
Direcção com que se devem regular os indios..... 46
Relatorio do Dr. José Hygino Pereira da Nobrega (guerra dos Hollandezes)..... 49

Alagôas

Relação das matas das Alagôas..... 7
Extractos sobre a provincia das Alagôas..... 13
Viagem ás cachoeiras de Paulo-Affonso..... 22
A guerra dos Palmares, 1675—78..... 22
As matas das Alagôas..... 22
Memoria dos feitos na guerra dos Palmares..... 39
Historia da guerra de Pernambuco, 39, 40, 41, 42 e..... 43
Lista dos governadores, presidentes, etc. (1819—41)..... 45
Condições para a conquista dos negros dos Palmares..... 47

Observação.—Tendo sido sujeita aos governos de Pernambuco até 1817, nos artigos relativos a esta provincia poderão haver informações sobre a das Alagôas.

Sergipe

Minas de ferro e um rio subterraneo no Sergipe..... 23

Observação.—Esta provincia esteve sempre subordinada á da Bahia, da qual foi separada em 1821; por isso os esclarecimentos, que se desejarem sobre ella, deverão ser procurados (até aquella data) nos artigos da antiga capitania da Bahia.

Bahia

Informação sobre uma antiquissima cidade abandonada, 1, 3, 6, 7 e..... 10
Noticia sobre os indios Tupinambás..... 1
Carta do padre Joseph em 1565..... 3
Fragmento de uma memoria sobre as sesmarias..... 3

	TOMOS
Carta régia sobre minas de cobre e de ferro em Cachoeira e Itupicurú (179.)	4
Relatorio sobre as minas do Rio de Contas em 1721	5
Noticia sobre a primeira planta do café em Caravellas	5
Instrucções que trouxe o governador Roque da Costa Barreto em 1677	5
Roteiro para o estabelecimento de uma fabrica de salitre em Montes-Altos	5
Projecto de uma estrada da Bahia no Rio de Janeiro	5
Relação verdadeira da restauração da Bahia em 1625	5
Cartas dos padres Antonio Pires e Manoel da Nobrega	6
Hostilidades dos indios....., 1694	7
Itinerario da Bahia ao Rio de Janeiro, 1808 (Desembargador Luiz Thomaz Navarro)	7
Plano do estabelecimento do correio entre a côrte e a Bahia (idem)	8 7
Viagem a Caravellas, Viçosa, etc.	8
Privilegios concedidos aos cidadãos da Bahia	8
Roteiro entre as capitanias do Pará e da Bahia	8
Terrenos diamantinos da Bahia (Relatorio do Dr. Benedito M. da Silva Acauan 1847)	9
O Caramurù perante a historia (Francisco A. Varnhagen)	10
Communicação entre a capital e o Joazeiro	10
Tribus aborigenes quando o Brazil foi conquistado	12
Minas de ouro do Assuruá, 1841	18
Foral da capitania da Bahia	19
Plano para a civilisação dos indios da Bahia	12
Recuperação da cidade do Salvador por D. Manoel de Menezes	22
Memoria sobre a villa da Cachoeira	25
A rebellião de Outubro de 1824	30
Fundação da casa da moeda em 1799	33
Nota sobre o sitio em que desembarcou Cabral (Francisco A. Varnhagen)	40
O primitivo e actual Porto Seguro (general Henrique B. Rohan)	43

	TOMOS
A Sabinada em 1837 (Dr. Joaquim Pires Machado Portella).	45
A sociedade bahiense dos homens de letras	47
Tremor de terra na Bahia em 1724	47
A sabinada da Bahia em 1837 (Dr. M. D. Moreira de Azevedo	47
A revolução da Bahia e o Dr. Sabino (Dr. Augusto V. A. Sacramento Blake)	48

Espirito-Santo

Navegação do Rio-Doce (Manoel Vieira Albuquerque de Tovar) 1810	
Extractos de uma viagem á provincia do Espirito-Santo (Manoel José Pires da Silva Pontes)	1
Informação sobre a capitania do Espirito-Santo 1811 (Francisco Manoel da Cunha)	4
Descripção do convento da Penha (José Joaquim Machado de Oliveira)	5
Annua da missão da capitania do Espirito-Santo (1624—25).	5
Carta de D. Affonso Braz mandada do Espirito-Santo em 1551)	6
Medição e direcção da estrada do rio Santa-Maria (Victoria) a Villa-Rica	6
Regulamento interino para o aldeamento dos indios do Rio-Doce. 1824	6
Navegação pelo Rio-Doce (Luiz d'Alincourt)—1832	7
Exploração do rio Mucury em 1837	8
Abertura da picada para o Cuieté. 1848	10
Officio de Francisco Manoel da Cunha sobre a capitania do Espirito-Santo	12
O indio Guido Pokrane	18
Memorias da provincia do Espirito-Santo (Braz da Costa Robim) 19 e	24
Noticia chronologica dos factos mais notaveis da historia (Braz da Costa Robim)	19
Noticia sobre os selvagens do Mucury (Theophilo B. Otton)	21

TOMOS

Memoria sobre os limites da provincia do Espirito-Santo (Braz da Costa Robim)..... 23
Diccionario topographico da provincia do Espirito-Santo (Braz da Costa Robim)..... 25
Memoria sobre o reconhecimento da foz e porto do Rio-Doce (Luiz d'Alincourt)..... 29

Rio de Janeiro

Descobrimento e fundação da cidade do Rio de Janeiro (A. Duarte Nunes)..... 1
Catalogo dos capitães-mores, governadores e vice-reis. 1 e.. 2
Fundação da igreja de S. Sebastião e catalogo de seus prelados..... 2
Memoria sobre o Rio de Janeiro (governo de Salvador Benevides)..... 3
Viagem á Serra dos Orgãos (traducção)..... 3
Memoria sobre a escola de pintura fluminense (Manoel d'Araujo Porto Alegre)..... 3
Parecer sobre a « *Voyage pittoresque au Bresil* » de Debret. 3
Extracto da obra «*Annaes do Rio de Janeiro*» de Balthasar da Silva Lisboa 4 e..... 5
Relatorio entregue pelo Marquez de Lavradio a Luiz de Vasconcellos..... 4
Relatorio entregue por Luiz de Vasconcellos a seu successor..... 4
Memoria sobre a fazenda de Santa-Cruz. 1804..... 5
Relação das festas da acclamação de D. João VI..... 5
Recordação das pessoas illustres que serviram no Rio de Janeiro..... 5
Extracto do obra *Memorias do Rio de Janeiro* de monsenhor Pizarro..... 5
Plano do estabelecimento do correio entre o Rio de Janeiro e a Bahia..... 7
Parecer sobre ossos fosseis encontrados em Cantagallo..... 7

TOMOS

Noticia sobre a colonia de Nova-Friburgo. (Thomé Maria da Fonseca Silva)..... 12
Noticia sobre as minas de Cantagallo (1805)..... 12
Memoria sobre os aldeamentos de indios no Rio de Janeiro. (Joaquim Norberto)..... 17
Officio de Constantino de Menelau em 1625..... 18
Origem do collegio de Pedro II (Dr. F. M. Rapozo de Almeida)..... 19
Fundação do bispado do Rio de Janeiro (Dr. Carlos Honorio de Figueiredo)..... 19
Almanack do Rio de Janeiro em 1799 (A. Duarte Nunes)... 21
A França antartica (conego J. C. Fernandes Pinheiro)..... 22
Victoria contra os Francezes em 1710..... 23
Fundação do hospital dos Lazaros..... 23
A fortaleza da Conceição..... 25
A Carioca (conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro)... 25
Defeza militar da capital do Brazil. 1822 (José Victorino dos Santos Souza) 26 e..... 47
Descobrimento e fundação da cidade do Rio de Janeiro.... 27
Acontecimentos de Abril de 1821 (por uma testimunha)..... 27
A imprensa no Rio de Janeiro (Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo)..... 28
Os ultimos vice-reis (conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro)..... 28
Os tumulos de um claustro (Dr. M. D. Moreira de Azevedo) 29
A faculdade de medicina do Rio de Janeiro (Dr. M. D. Moreira de Azevedo)..... 30
O dia 9 de Janeiro de 1822 (Dr. Moreira de Azevedo)..... 31
População da côrte e provincia em 1821..... 33
Reparos e annotações sobre a defesa da barra do Rio de Janeiro (1768). 33 e..... 47
A sedição da ilha das Cobras em 1831 (Dr. Moreira de Azevedo)..... 34
Aviso sobre o subterraneo dos jesuitas no Castello..... 35
Apontamentos historicos sobre a ordem dos Benedictinos (Dr. Ramiz Galvão)..... 35

TOMOS

Os tiros no theatro em 1831 (Dr. M. D. Moreira de Azevedo)..... 36
A sedição militar de Julho de 1831 (Dr. Moreira de Azevedo)..... 37
Motins politicos e militares do Rio de Janeiro (conego Fernandes Pinheiro e Dr. Moreira de Azevedo), 37, 38, 39 e 41
Historia da imperial fazenda de Santa-Cruz (Dr. José Saldanha da Gama).. 38
Memoria historica sobre a matriz da Candelaria (conego Manoel da Costa Honorato)..... 39
Paulo Fernandes e a policia do seu tempo (conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro)..... 39
Viagem de Antonio Knivet, da Inglaterra ao Rio de Janeiro 41
Declaração da maioridade em 1840 (Dr. Moreira de Azevedo) 42 e..... 44
A bahia do Rio de Janeiro (Augusto Fausto de Souza).. 44
Noticia sobre a maioridade (Tristão de Alencar Araripe)... 44
Discurso sobre a fundação da sociedade literaria..... 45
Latitudes e longitudes de differentes logares..... 45
Chegada da familia real em 1808 (Dr. Joaquim Pires Machado Portella).... 45
Ordens monasticas na capitania do Rio de Janeiro (conde de Rezende) 1797..... 46
Mappa da moeda circulante, productos exportados, etc. (idem) 46
Memoria historica da cidade de Cabo-Frio e sua jurisdicção. 46
Prerogativas e titulo da cidade do Rio de Janeiro. 1647.... 46
Memorias economicas da cidade do Rio de Janeiro (Luiz de Vasconcellos)..... 47
Ataque e tomada da cidade do Rio de Janeiro por Duguay Trouin (traducção)..... 47
João Coimtha, senhor de Bolés (Dr. B. F. Ramiz Galvão).... 47
Representação sobre a povoação dos Campos dos Goitacazes. 47
Meios de defesa da cidade do Rio de Janeiro (sem data)..... 47

TOMOS

Carta régia sobre os bens das religiões. 1718..... 47
Os campos dos Goitacazes (Dr. José Alexandro Teixeira de Mello)..... 49

São-Paulo

Viagem de Porto Feliz ao Paraná (José Ferreira de O.Bueno 1
Navegação entre as capitanias de Goyaz e de S. Paulo.1817 2
Memorias da capitania de S. Vicente (Fr. Gaspar da Madre de Deus). 4 e..... 24
Memoria sobre as aldeias de indios. 1798..... 4
Instrucção militar para o governador de São-Paulo. 1775... 4
Noticias praticas das minas da capitania de São-Paulo..... 4
Noticias da capitania de São-Paulo em 1792..... 5
Fundação da aldeia de S. João de Queluz..... 5
Liberdade dos indios. 1694..... 7
Viagem do conde de Azambuja de São-Paulo a Cuiabá. 1751. 7
Aldeias de indios em São-Paulo (José Joaquim Machado de Oliveira)..... 8
Historia da capitania de São-Vicente (Paes Leme)..... 9
Diario de uma viagem mineralogica (Martim Francisco).... 9
Expulsão dos jesuitas do collegio de São-Paulo..... 12
Titulo de Taques Pompeu..... 18
Epitome da erecção do bispado de São-Paulo..... 18
Descripção da fabrica de S. João de Ipanema. 1852..... 18
Navegação do Paraná, Parahiba e Mogiguassù..... 25
Itinerario de Santos a Cuiabá (Miranda Reis e Joaquim de Eça e Costa)..... 26
Memoria sobre o melhoramento da provincia de São-Paulo.. 31
Nobiliarchia Paulistana (Paes Leme). 32, 33, 34 e..... 35
Os padres do Patrocinio e o porto do Itú..... 33
Excursões pela provincia de São-Paulo (Dr. F. I.M. Homem de Mello)..... 35
Memoria sobre a capitania de São-Paulo. 1814..... 36
Viagem do governador Sá e Faria ao Igatemy..... 39

TOMOS

Notas para a historia de João Ramalho..... 40
O conselheiro Amaral Gurgel—successos de 1824..... 41
Viagem de Martim Francisco de São-Paulo a Sorocaba. 1803. 45
Acontecimentos na villa de Cananéa. 1787..... 45
O padrão de marmore de Cananéa (Dr. Moreira de Azevedo)..... 49
Amador Bueno (Dr. Moreira de Azevedo)..... 50

Paraná

Descobrimento e colonia de Guarapuava..... 4
Itinerario de uma viagem do Barão de Antonina..... 9
Itinerario do sertanejo Joaquim F. Lopes, de Antonina ao Paraguay..... 10
Descoberta do campo das Palmas..... 14
Descoberta dos campos de Guarapuava..... 18
Itinerario de Antonina a Jatahy..... 26
Diario de uma viagem de Jatahy a Miranda..... 27
Viagens pelo sertões de Guarapuava (Camillo de Lellis).... 28
Mato-Grosso por Curitiba e Tibagy..... 28
Viagem aos sertões de Guarapuava (J. F. Thomaz do Nascimento)..... 49
O salto Visconde do Rio-Branco no Paraná..... 49
Viagem ao rio Iguassú (Alfredo Escragnolle Taunay)..... 50

Observação.—Esta provincia esteve ligada á de São-Paulo até 1853; por isso grande numero de informações serão encontradas nos artigos relativos a esta ultima provincia.

Santa-Catharina

Geologia da provincia (Van Lede)..... 7
Projecto de uma estrada do Desterro ás Missões, 1824..... 7
A colonia alleman de São-Pedro de Alcantara..... 10
Defesa de Antonio Carlos Furtado de Mendonça..... 27
As caldas da Imperatriz (Dr. Alfredo Escragnolle Taunay). 42

Observação.—Até o anno de 1807 esta provincia este subordinada á do Rio de Janeiro e d'esse anno até 1822 á do Rio-Grande do Sul. Nos artigos concernentes a estas, poder-se-ão encontrar esclarecimentos sobre a de Santa-Catharina.

Rio-Grande do Sul

	TOMOS
Memoria sobre a provincia de Missões (Thomaz C. Rabello da Silva) 1812	2
Diario do reconhecimento da serra geral (cabeceiras do Rio-Pardo)	3
Quaes os artistas que fizeram os templos dos jesuitas? (Rodrigo de Souza da Silva Pontes)	4
Memoria sobre a republica dos jesuitas, 1757	4
Celebração da paixão entre os guaranis (José Joaquim Machado de Oliveira	4
Memoria da tomadia dos setepovos de Missões (Gabriel Ribeiro de Almeida)	5
Campanha de 1816 (Diogo Arouche de Moraes Lara)	7
Inventario dos papeis do governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral	11
Vocabulario e phrases do Rio-Grande do Sul (A. A. Pereira Coruja)	15
Diario da expdição de Gomes Freire a Missões	16
Guerra dos setepovos de Missões, 1801	16
Separação do bispado do Rio-Grande do Sul do do Rio de Janeiro	16
Limites entre o Brazil e Montevidéo (Machado de Oliveira, Ponte Ribeiro, Gonçalves Dias)	86
Noticia particular do continente do Rio-Grande do Sul, 178..	21
Breve noticia dos setepovos de Missões, 1812 (Francisco João Roscio)	21
Annotações á obra de Pizarro, na parte relativa ao Rio-Grande do Sul (A. A. Pereira Coruja)	21

TOMOS

Itenerario do Passo-Fundo ao de São-Borja, 1858 (João Pedro Gay)..... 21

Itinerario dos confins da capitania do Rio-Grande á cidade de São-Paulo, 1797..... 21

Campos das vacas brancas no Rio-Grande do Sul..... 21

Algumas communicações officiaes sobre o forte de Santa-Thereza, 1762 - 63..... 21

Governo da provincia do Rio-Grande do Sul (José dos Santos Viegas)..... 23

Recordações historicas sobre a campanha de 1827 (J. J. Machado de Oliveira)..... 23

Republica jesuitica de Missões (vigario João Pedro Gay)... 26

Almanak de Porto-Alegre, 1808..... 30

Despojos dos povos de Missões em 1817..... 30

Documentos sobre a colonia do Sacramento e Rio-Grande 31 e 32

Biographia do general José de Abreu (Dr. José Maria da Silva Paranhos Junior)..... 31

Documentos sobre a perda do Rio-Grande em 1763..... 32

Excursões pela provincia do Rio-Grande do Sul (F. I. M. Homem de Mello)..... 35

Demarcação de limites no sul (correspondencia de Luiz de Vasconcellos)..... 36

Reminiscencias da campanha de 1827 (ten.-coronel Seweloch. 37

Memorias do visconde de São-Leopoldo, 37 e..... 38

Assedio e rendição da colonia do Sacramento em 1777 (P. T. Xavier de Brito)..... 39

Documentos relativos á capitania de S. Pedro do Sul, 40,41 e 42

Indice chronologico dos factos da historia do Rio-Grande do Sul (Dr. F. I. M. Homem de Mello..... 42

Guerra civil do Rio-Grande do Sul (Tristão de Alencar Araripe) 43, 45 e..... 47

Successos da tomada da terra da margem do sul, 1776..... 45

Biographia do marechal Francisco das Chagas Santos (Augusto Fausto de Souza)..... 46

Sambaquís na Conceição do Arroio (Carlos Koseritz)..... 47

TOMOS

Biographia do tenente-general José Fernandes dos Santos Pereira (Augusto Fausto de Souza)..... 48
Historia da campanha de 1827 (Visconde de Barbacena).... 49
A redempção da Uruguayana (Augusto Fausto de Souza)... 50

Minas-Geraes

Levantamento de Minas em 1708 a 1720..... 3
Cartas do Dr. Lund, escriptas da Lagôa-Santa..... 4 e 6
Rendimento do quinto (1752—62)..... 4
Instrucções para o visconde de Barbacena, 1788..... 6
Requerimento do bispo de Marianna, 1752..... 6
Instrucção para o governador D. Antonio de Noronha, 1775. 6
Memorias das camaras das villas de Sabará e Pitanguy.... 6
Memorias sobre o quinto desde 1700 a 1713..... 6
Extrato da memoria do Dr. João José Teixeira sobre o quinto e outras cobranças, 1844..... 6
Carta régia sobre uma estrada pelo Rio-Doce..... 6
Navegação do rio São-Francisco, 1843 (Extracto da Memoria de José Ignacio do C. Moreno)..... 6
Épocas da provincia de Minas-Geraes, 1694 a 1780..... 8
A conspiração de 1788 (Southey e José de Rezende Costa).. 8
Exploração do rio Mucury em 1837 (Pedro Victor Reynault) 8
Memoria sobre a capitania de Minas-Geraes, 1799..... 11
Instrucção para o governo da capitania de Minas-Geraes, 1780..... 15
Instrucção do conde de Bobadella a seu irmão..... 16
Povoadores da capitania de Minas-Geraes..... 25
Descripção dos sertões de Minas..... 25
Bando do capitão-general Gomes Freire expellindo os ourives do Brazil..... 25
Um episodio da historia patria — villa do Carmo, 1720 (Dr. José Vieira Couto Magalhães)..... 25
Prisão de Alvarenga e Marianno José Pereira da Fonseca... 28

TOMOS

Descobrimento de Minas-Geraes (Memoria sem data nem nome de autor)..... 29
A conspiração do Tiradentes..... 30
A conjuração mineira (Correspondencia do vice-rei, etc.) 32 e 40
Descripção do Itatiaia (José Franklin da Silva)..... 39
Exploração dos rios das Velhas e de São-Francisco (F. M. Alvares Araujo)..... 39
O Tiradentes perante os historiadores (Joaquim Norberto Sousa Silva)..... 44
Panorama do sul de Minas..... 45
Movimento politico em 1842 (Dr. M. D. Moreira de Azevedo)..... 47
Investigações sobre a geologia mineira (Dr. José Franklin S. Massena)..... 47

Observação.—Esta provincia esteve ligada á de São-Paulo até 1720; é possivel pois encontrar informações sobre ella nos artigos relativos á esta.

Mato-Grosso

Os indios Cavalleiros (Guaycurús), Francisco Rodrigues Prado..... 1
Memoria sobre Mato-Grosso (Ricardo F. de Almeida Serra). 2
Navegação do Pará para Mato-Grosso..... 2
Carta-régia ao capitão-general D. Francisco de Souza Coutinho)..... 4
Descripção da gruta do inferno, 1775 (Alexandre Rodrigues Ferreira)..... 4
Noticia sobre as minas de Cuiabá, 1727..... 4
Descripção geographica de Mato-Grosso (Ricardo F. de Almeida Serra)..... 6
Memoria sobre os indios Apiucás e minas de Matto-Grosso.. 6
Aldeamentos de Guaycurús e Guanás (Ricardo F. de A. Serra)..... 7 e 13
Navegação do Tapajoz para o Pará..... 8

	TOMOS
Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro (Henrique de B. Rohan)	9
Creação da directoria de indios de Mato-Grosso	9
Viagem á gruta das Onças (Alexandre Rodrigues Ferreira)	12
Reflexões sobre a capitania de Mato-Grosso (Ricardo F. de A. Serra)	12
Compendio historico-chronologico de Cuiabá (1778—1817)	13
Memorias chronologicas de 1718—1779	13
Itinerario de Joaquim F. Lopes entre São-Paulo e Mato-Grosso	13
Descobrimento do rio Igurey, 1783 (Candido Xavier de Almeida e Souza)	18
Navegação do rio Arinos a Santarém no Pará	19
A emigração dos Cayuás e seu vocabulario	19
Descripção geographica da capitania de Mato-Grosso, 1797 (sem nome do autor)	20
Distancias entre pontos de Mato-Grosso a outros do Pará e São-Paulo	20
Noticia chronologica das pessoas que governaram Mato-Grosso de 1751 a 1816	20
Roteiros, tabellas, explorações, etc	20
Roteiro da navegação do Paraguay (Augusto Leverger)	25
Reconhecimento do rio Paraguay (Ricardo F. de A. Serra)	25
Carta geographica de Mato-Grosso (Augusto Leverger)	25
Noticia do gentio barbaro nas minas de Cuiabá	25
Navegação do rio Cuiabá (Augusto Leverger)	25
Itinerario da cidade de Santos a Cuiabá (Miranda Reis e d'Eça e Costa)	26
Itinerario da côrte a villa de Miranda (Luiz Soares Viegas)	26
Diario do porto de Jatahy a Miranda (Dr. Epiphanio C. S. Pitanga)	27
Exploração da provincia de Mato-Grosso. Fundação de uma fabrica de polvora. (Rodolpho Vachneld)	27
Mato-Grosso por Curitiba e Tibagy, 1856. (Manoel Joaquim Pinto Paca)	28

TOMOS

Navegação do Pará para Mato-Grosso, 1797 (D. Francisco de Souza Coutinho)..... 28
Exploração do rio Paraguay, 1776 (Marcelino Rodrigues Campouez)..... 28
Expugnação de Nova Coimbra pelos Espanhóes, 1802 (Documentos officiaes)..... 28
Fundação de varias povoações, população e corographia da provincia..... 28
Minas de Mato-Grosso e Cuiabá..... 29
Communicação commercial entre Cuiabá e Pará..... 31
Viagem de Mato-Grosso á Côrte (Dr. A. Escragnolle Taunay) 32
Apontamentos de viagem da Côrte á Cuiabá (João Vito Vieira da Silva)..... 35
Limites do Brazil com o Paraguay (D. Ponte Ribeiro)..... 35
Relatorio dos engenheiros militares, 1865—66..... 37
Vocabulario da lingua guaná ou chané..... 38
Esboço da viagem de Langsdorff em Mato-Grosso 38 e.... 39
Latitudes e longitudes de differentes lugares 45 e..... 47
A gruta do inferno (Dr. João Severiano da Fonseca)..... 45
Apontamentos para o diccionario corographico da provincia. 47

Observação.—Esta provincia teve o seu territorio sujeito ao da de São-Paulo até 1748, em que se tornou capitania independente.

Goyaz

Navegação entre as capitanias de Goyaz e de São-Paulo.... 2
Carta de D. Francisco de Mascarenhas sobre o governo da capitania..... 5
Relatorio do conde de Castelnau, 1844..... 7
Viagem do conde de Azambuja, de S. Paulo a Goyaz, 1751... 7
Descoberta de duas nações de indios, 1775..... 8
Roteiro da fronteira do Maranhão a Goyaz, 1815..... 10
Communicação mercantil entre Pará e Goyaz..... 10
Viagem de Goyaz ao Pará (Dr. Segurado..... 10
Melhoramentos da industria de Goyaz..... 11

TOMOS
Viagem pelos rios Ar iguay, Tocantins e Vermelho..... 11
Memoria sobre a capitania de Goyaz (Padre Luiz Antonio da S. Souza)..... 12
Itinerario pelo rio do Somno, 1850..... 14
Mappa dos indios Cherentes e Chavantes..... 19
Itinerario da cidade de Palma e Belém..... 25
Annaes da provincia de Goyaz (Dr. J.M. Pereira Alencastre) 27 e..... 28
Chorographia historica de Goyaz (R. José Cunha Matos) 37 e 38
Latitudes e longitudes de differentes lugares..... 45

Observação.—Sendo dependente da de São-Paulo, d'ella se separou em 1736; por isso nos artigos relativos a esta provincia (até esta data) podem ser encontradas algumas informações sobre a provincia de Goyaz.

Brazil em geral

Africanos no Brazil (Januario da Cunha Barbosa e José Silvestre Rebello)..... 1
Sobre a palavra « Brazil » (José Silvestre Rebello) 1, 2,... 47
Questão de limites do Brazil (Alexandre de Gusmão)..... 1
Colonisação dos indios (conego Januario da Cunha Barbosa). 2
Memoria sobre o descobrimento da America (C. C. Rafn).. 2
Cartas dos jesuitas Nobrega e Anchieta etc. 2, 5, 6, 43 e... 49
Descripções do rio Paraná 1026 (Manoel de Campos Silva).. 2
Introducção do tratado de Pero de Magalhães Gandavo..... 2
Noticia da descoberta do Brazil (Fr. Gaspar da Madre de Deus)..... 2
Obras de Alexandre Rodrigues Ferreira..... 2
Cartas do padre Souza Caldas..... 3
Correspondencia de Thomaz Jefferson. 3 e..... 47
Roteiro para o melhor caminho do Maranhão ao Rio de Janeiro 3
Relatorio de Luiz de Vasconcellos ao seu successor. 4 e..... 23
Carta do padre Antonio Vieira sobre as missões do Brazil. 4 e 5
Condição das mulheres entre os indigenas (José Joaquim Machado de Oliveira)..... 4

	TOMOS
Relação de manuscriptos sobre o Brazil	4
Documentos officiaes sobre varias provincias (Pará, Mato-Grosso, Goyaz, Piauhy e Ceará)	
Investigações sobre as primeiras povoações da America	5
Instrucções que trouxe Roque da Costa Barreto. 1677	5
Carta do Mestre João a el-rei em 1500	6
Appendice á chronica de 1842	5
Carta de Pero de Goes a el-rei	5
Religião dos indios (José Joaquim Machado de Oliveira)	6
Habitantes do Brazil condemnados pelo Santo Officio. 6 e	7
Como se deve escrever a historia do Brazil. (Carlos de Martins, etc.). 6, 26 e	45
Informação do Brazil e suas capitanias. 1584	6
Plano de uma colonia militar no Brazil (J. J. Machado de Oliveira)	7
Consultado « conselho ultramarino » em 1738 sobre as riquezas do Brazil	7
Os indios, seus costumes, industria, etc. (artigos do *Panorama*)	7
Etymologias brazileiras (Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão	8
Instrucções dadas a Pedro Alvares Cabral	
Casamentos dos indios do Brazil (José d'Anchieta)	8
Progresso do jornalismo no Brazil (Dr. Francisco de Souza Martins	8
Os Orizes conquistados (José Freire Montarroio Mascarenhas)	8
Noticia sobre os Botocudos. 1826 (Mr. Jomard, do Instituto de França)	
Documentos sobre a extincção das fabricas no Brazil	10
Memoria sobre a descoberta dos balões aerostatos (Francisco Freire de Carvalho)	12
Carta sobre ethnographia indigena (Francisco A. Varnhagem) 12 e	21
Tratado descriptivo do Brazil (Gabriel Soares)	14
Cartas de Diogo Garcia e Luiz Ramires. 1526	15
Cultura e commercio do anil (Visconde de Abrantes)	15

TOMOS

Vocabulario da lingua bugre..... 15
Descobrimento do Brazil (Joaquim Norberto de Souza Silva). 15
Limites entre o Brazil e Montevidéo (Machado de Oliveira, Ponte Ribeiro, Gonçalves Dias, etc.)..... 16
Ensaio sobre os jesuitas (conego Joaquim Caetano Ferreira Pinheiro)..... 18
Regimento dado ao provedor Antonio Cardoso de Barros. 1534 18
Memorias sobre o descobrimento do Brazil (Machado de Oliveira e Gonçalves Dias)..... 18
Naturalidade do padre Antonio Vieira (D. Romualdo A. de Seixas)..... 19
Iconographia brazileira (Manoel de Araujo Porto-Alegre).. 19
Reflexões sobre o systema de cathechese dos jesuitas (conego J. C. Fernandes Pinheiro)..... 19
Reflexões sobre as primeiras épocas da historia do Brazil... 19
Extractos do «Ensaio Politico» de Fr. Manoel Joaquim da Mãi dos Homens..... 19
Quaes os animaes introduzidos na America pelos conquistadores (Dr. Souza Fontes)..... 19
Quaes as principaes plantas aclimatadas no Brazil (Dr Francisco Freire Allemão)..... 19
Memoria da viagem aos Estados-Unidos (Hyppolito José da Costa Pereira)..... 21
Historia da provincia de Santa-Cruz (Pero de Magalhães Gondavo) 21
Memoria sobre penitenciarias (Dr. Antonio Pereira Pinto)... 21
Memoria sobre Gabriel Soares (Francisco A. Varnhagen).. 21
Memoria sobre terremotos no Brazil (Dr. Guilherme S. Capanema..... 22
Successos de Portugal e Brazil (1822-1823)... 22
Capitulação entre o rei de Espanha e Vicente Pinson..... 22
Fundação das faculdades de direito no Brazil..... 22
Marcos e José Mauricio—catalogo de suas composições..... 22
Os indigenas do Brazil perante a historia (Dr. Domingos José Gonçalves Magalhães)..... 23

TOMOS

O Brazil hollandez (conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro. 32
Vida politica de Canning (Independencia do Brazil)..... 23
Campanha em 1827 (José Joaquim Machado de Oliveira).... 23
Diario de Pero Lopes de Souza..... 24
Memoria sobre limites do Brazil (sem data, nem nome de autor)..... 24
Informação do estado do Brazil (idem)..... 25
Representação dos povos de Portugal contra a companhia do Brazil (idem)..... 25
Instrucções de Martinho de Castro a Luiz de Vasconcellos 1779..... 25
Questões americanas (Dr. Joaquim Caetano da Silva) 26 e.. 29
Navegação dos rios (Traducção da *Gazeta de Buenos-Aires*).. 27
Cartas do marquez de Lavradio (1772-73)..... 27
Divisão ecclesiastica do Brazil 1819. (Dezembargador A. R. Velloso d'Oliveira)..... 27
Os ultimos vice-reis (conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro)..... 28
A igreja do Brazil. 1819. (Dezembargador A. R. Velloso d'Oliveira)..... 29
Mappa dos senadores do Brazil até 1866..... 29
Memoria sobre a população do Brazil. 1836 (Henrique Jorge Rabello)..... 30
Brazil e Oceania (Dr. Antonio Gonçalves Dias)..... .. 30
Limites do Brazil (1493 1851) (Dr Antonio Pereira Pinto).. 31
A Academia brazilica dos Esquecidos (Conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro)..... 32
A Academia brazilica dos Renascidos (Conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro) 32 e..... .. 45
A constituição do Brazil (Dr. Manoel D. Moreira de Azevedo) 32
Discussão chronologica sobre a descoberta do Brazil..... 32
Memoria sobre a venda de madeiras do Brazil. 1811..... 33
Correspondencia do governo portuguez com os vice-reis 33, 36 e..... . 37
Combate da ilha do Cabrita (Dr. M. D. Moreira de Azevedo) 33

TOMOS

A arte lithographica e a cartographia no Brazil (P. T. Xavier de Brito).. 33
Documentos trazidos do Paraguay (Dr. João Ribeiro de Almeida)..... 33
Apontamentos sobre os limites do Brazil (Dr. Ernesto Ferreira França)..... 33
Noticia de um povo que já habitou o Brazil antes do diluvio (Dr. Carlos Rath)..... 34
Apontamentos para a historia dos jesuitas (Dr. A. Henrique Leal) 34 e..... 36
Systema de colonisação seguido pelos Portuguezes (Conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro)..... 34
Instrucções ao conde da Cunha sobre guarnições do sul 1767 35
J. Schoner e P. Apianus. Influencia de ambos sobre o nome « America » (Francisco A. Varnhagen).. 35
Limites do Brazil com o Paraguay. (Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro)..... 35
Memoria sobre a agricultura no Brazil. (Desembargador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira)..... 36
Viagem ao Paraguay. 1869 (Dr. F. I. M. Homem de Mello 36
Primeiras explorações da costa brazilica 1501-1506. (Francisco A. Varnhagen)..... 36
Ensaios de anthropologia (Dr. José Vieira Couto de Magalhães) 36
Independencia do Brazil. Factos da marinha. (sem nome do auctor).. 37
Memorias do visconde de São-Leopoldo (coordenadas pelo Dr. F. I. M. Homem de Mello) 37 e..... 38
Os predecessores de Colombo (Conego J. C. Fernandes Pinheiro..... 37
Notas sobre a historia patria (Dr. Candido Mendes de Almeida 39, 40, 41, 42 e..... 46
O nome de America será americano ? (Dr. Candido Mendes de Almeida)..... 39
Zoophonia (Traducção do Dr. A. Escragnolle Taunay).. 39
Hymnos patrioticos de Evaristo F. da Veiga (Dr. Luiz Francisco da Veiga)..... 40

TOMOS

Cartas de Amerigo Vespucci (Traduzidas e annotadas por Francisco A. Varnhagen)..... 41
Narração da viagem de Antonio Knivet 1591-1603. Traducção por José Hygino Duarte Pereira)..... 41
Retificação á historia do Brazil de 1831-1840 de Pereira da Silva (João Brigido dos Santos)..... 42
Vocabulario da lingua tupi..... 43
Estudo sobre a divisão territorial do Brazil (Augusto Fausto de Souza)..... 43
Longitudes, latitudes e altitudes de grande parte do Brazil.. 45
Observação chronologica sobre o dia em que foi descoberto o Brazil (Dr. A. M. Perdigão Malheiro)..... 45
Povoação do Brazil (José Silvestre Rebello)..... 45
Memoria sobre os limites do Brazil com a Bolivia (J. Pereira Pinto)..... 45
Indice das materias contidas nos tomos da R. T. 1º a 41..... 45
Vocabulos da lingua geral braziliana (Dr. F. Freire Allemão)..... 45
Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar (Braz da Costa Rubim)..... 45
Nota das marinhas em que se faz sal na costa do Brazil..... 46
Distincção entre vassallos europeus e americanos. 1799..... 46
Systema preventivo da metropole contra o Brazil..... 46
Memorias politicas sobre abusos, suas reformas etc. de 1814-1815..... 47
Ideias de independencia no fim do seculo passado..... 47
Prohibição do uso da imprensa no Brazil. 1747..... 47
O dia 3 de Maio e abertura do parlamento nacional. 1823..... 48
As fortificações no Brazil. (Augusto Fausto de Souza)..... 48
Sociedades fundadas no Brazil (Dr. M. Duarte M. de Azevedo) 48
Documentos historicos extrahidos da Torre do Tombo..... 49
Primeiro navio francez no Brazil (Conselheiro Tristão de Alencar Araripe)..... 49
Cidades petrificadas e inscripções lapidarias no Brazil (Conselheiro Tristão de Alencar Araripe)..... 50

INDICE

Da 1.ª Parte do tomo LI

Relação nominal dos socios do Instituto historico e geographico brazileiro..... v

Meza administrativa do Instituto historico e geographico brazileiro em 1888..... xv

A extincção da escravidão no Brazil—O Jubileu do Instituto Historico..... xvii

Diario da viagem philosophica pela capitania de S. Jozé do Rio-Negro com a informação do estado presente pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira..... 5

Historia da imprensa do Maranhão, memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brazileiro pelo socio effectivo Dr. Cezar Augusto Marques..... 167

O Doutor Francisco Bonifacio de Abreu, memoria por Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake..... 221

Cartas sobre a revolução do Brazil pelo conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira..... 239

Indice dos artigos contidos nos 50 tomos da Revista do Instituto Historico em relação a cada uma das provincias do Imperio..... 379

CREAÇÃO

DE

UMA UNIVERSIDADE NO IMPERIO DO BRASIL

Indagações feitas a mandado de S. Ex. o Sr.
Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio
Barão Homem de Mello

POR

Joaquim Norberto de Souza Silva

Chefe de secção extincta da Secretaria do Imperio e lidas na sessão do Instituto Historico de 5 de Dezembro de 1881 de ordem de S. M. o Imperador

Illm. Exm. Sr.

Quando alguns patriotas da capitania de Minas-Geraes se lembraram em suas palestras de tratar da independencia do Brazil e da possibilidade de arrancal-o á prepotencia do governo colonial, outorgando-lhe leis condignas de um povo livre, segundo o exemplo dos Estados Unidos—a idéa da creação de uma universidade tornou-se intuitiva áquellas imaginações, que sonhavam com o Eldorado da liberdade. Pareceu-lhes, que era essa creação uma das primeiras necessidades de que se deveria cuidar immediatamonte.

O deputado á assembléa constituinte Luiz José de Carvalho e Mello, posteriormente visconde da Cachoeira, mostrou-se depois de acôrdo com esses infelizes conspiradores, dizendo então :

« Quando nós emprehendemos o grande e magnifico estabelecimento e consolidação d'este imperio, que fará

época assignalada na historia dos grandes acontecimentos politicos, não nos devemos esquecer de lançar logo os alicerces da sua prosperidade futura, instituindo este monumento indelevel de sabedoria, do qual sahirão homens abalisados nas sciencias para encher os logares e empregos do estado.»

Mas ah! a grande e magestosa idéa dos conspiradores mineiros se desvaneceu para logo, não só com as prisões dos mesmos, como ante o cadafalso— ou lá se foi com muitos de seus autores extinguir-se de todo nas longinquas terras do desterro e a mocidade brazileira teve por muitos annos ainda de atravessar o oceano Atlantico para ir a duas mil e tantas leguas distante da patria adquirir a instrucção superior, que tão complicadamente se lhe dava na universidade de Coimbra, já lutando com as despezas e os riscos da viagem, já expondo-se na primeira idade a males e sacrificios eminentes, longe da terra natal, longe dos parentes e entregues, como bem ponderou o illustrado Antonio Luiz Pereira da Cunha, depois marquez de Inhambupe, a um correspondente, que — ou não sabia – ou não tinha sufficiente força para inspirar sentimentos de religião e bôa educação, de que tanto se necessitava nos primeiros annos.

Nem com a mudança da séde da monarchia portugueza para as nossas plagas se cuidou de fundar ao menos, si não melhor, igual instituição na nova côrte do grande imperio, quando para aqui se transplantavam tribunaes eivados dos defeitos de uma monarchia absoluta, que tão mal comprehendeu a sua missão nas terras virgens da opulenta America.

O corpo do commercio da Bahia, que pedio ao principe regente, quando por ali passou, que estabellecesse n'aquella cidade a séde do governo da metropole offerecendo-se a construir um palacio para a residencia real, tambem offereceu a quantia de oitenta contos de réis para a fundação de uma universidade. O principe regente não só não aceitou a offerta do palacio como nenhuma resolução tomou relativamente ao offerecimento da avultada quantia para a fundação da universidade. «O antigo systema, acrescentou um illustre brazileiro, Pereira da Cunha, se

oppunha a taes pretenções como o fizera nos tres seculos passados,afim de conservar oBrazil em total dependencia, como convinha aos interesses da sua metropole. » Com a creação de uma universidade n'aquella capital teria o principe regente levantado um monumento duradouro,que perpetuasse a sua estada n'aquella capital,a primeira terra americana que elle pisou.

O governo do principe regente, depois rei com triplice corôa, era composto de homens de vistas acanhadas, que mal se compadeciam com a fundação de um novo e grande imperio.

Nem a elevação do Brazil á cathegoria de reino inspirou aos ministros do rei a necessidade da creação da universidade. Mas similhante idéa não passou desapercebida aos negociantes da praça do Rio de Janeiro, e quando o illustrissimo senado da camara da capital do novo reino acendia luminarias e atacava fogos de artificio para commemorar este acto tardio, que deveria datar da chegada da familia real ás nossas plagas, elles—os homens do commercio, formaram um capital, cujo rendimento fôsse perpetuamente applicado a um estabelecimento, que promovesse a instrucção nacional, fundando-se um instituto de artes e sciencias; o que foi aceito por aviso de 5 de Março de 1816, sem que nunca mais se falasse em similhante estabelecimento a não ser depois na assembléa constituinte, quando o tenente-coronel José Arouche de Toledo Rendon propôz, que esse capital fôsse applicado á creação da universidade da cidade de São-Paulo.

No dia 11 de Maio de 1818 prestou o rei no paço real a ceremonia do juramento de protector da universidade de Coimbra nas mãos do bispo capellão-mór ante os deputados da mesma universidade e a sua côrte, mostrando a firme resolução em que estava de honral-a, distinguil-a e conservar sua gloria durante os annos de vida, que a Providencia lhe concedesse.

E nem se quer ainda por essa occasião occorreu a elle, rei, e aos seus ministros a necessidade de dotar o Brazil com tal instituição.

Veio depois a proclamação da constituição portugueza

e com ella as côrtes, ás quaes fôram enviados os representantes do Brazil, como um dos reinos do imperio portuguez. Então um deputado de Pernambuco, o padre Francisco Moniz Tavares, apresentou ás cortes o plano de uma academia, que correspondia a uma universidade e mostrou, que bastava para as despezas do custeio o subsidio literario da provincia de que era representante.

Para que o Brazil pensasse por si mesmo na creação de universidade foi necessario, que o brado do Ipiranga trouxesse o completo rompimento com a mãi patria e acabasse com as antigas tradições. Brilhava então uma nova época para o Brazil, e antes que a assembléa constituinte nos désse uma constituição, nos deu duas universidades!

O deputado José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois visconde de São-Leopoldo, um dos Brazileiros mais notaveis do primeiro imperio, não só pelas suas luzes e bom senso, como pelo seu immenso patriotismo, apresentou-se na sessão de 14 de Julho de 1823 commissionado pelos estudantes brazileiros matriculados na universidade de Coimbra, e expôz o que ali se passava depois da proclamação da independencia do Brazil. Lavrava então a guerra civil, e Portugal se tornára, além de reino estrangeiro, um reino inimigo do Brazil. Não nos podiam vêr com bons olhos os nossos irmãos de além-mar, e os estudantes cisatlanticos eram victimas das invectivas dos Portuguezes.

Uma porção escolhida da grande familia brazileira, disse o illustre deputado, a mocidade a quem um nobre estimulo levou á universidade de Coimbra, geme ali debaixo dos mais duros tratamentos e oppressão, não se decidindo apezar de tudo a interromper e abandonar a sua carreira, já incertos de como será similhante conducta avaliada por seus pais, já desanimados por não haver ainda no Brazil institutos, onde prosigam e rematem seus encetados estudos. N'essa amarga conjectura, voltados sempre para a patria por quem suspiram, lembraram-se de me constituir com a carta, que aqui apresento; correspondo pois, quanto em mim cabe, a tão lisongeira confiança.

Coube pois a José Feliciano Fernandes Pinheiro a gloria de ser o iniciador d'essa grande idéa com a sua proposta para a creação da universidade, cujo assento deveria ser na cidade de São-Paulo, pelas suas vantagens naturaes e razões de conveniencia geral, salubridade e amenidade de seu clima, sua feliz posição, abundancia e barateza de todas as provisões e commodos da vida.» «O Tieté, exclamou o orador, vale bem o Mondego do outro hemispherio.»

No mesmo dia teve a indicação segunda leitura e foi remettida á commissão de instrucção publica, para que apresentasse o respectivo projecto de lei.

Na sessão de 5 de Julho lembrou o deputado Souza França a conveniencia de que a sobredita commissão apresentasse quanto antes o resultado de seus trabalhos. Declarou o deputado Antonio Gonçalves Gomide, eximio medico, que a commissão não se só aguardava o plano de educação publica, que lhe promettêra o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, como que esperava, que o governo lhe remettesse uma relação circumstanciada dos estabelecimentos literarios d'esta côrte e provincias do imperio.

Sómente dous mezes depois da apresentação da proposta appareceu o projecto, que foi lido pelo deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado, que era o relator, e que estava assignado pelos membros desembargador Antonio Velloso Rodrigues de Oliveira, padre Belchior Pinto de Oliveira, doutor Antonio Gonçalves Gomide e Manoel Jacintho Nogueira da Gama, depois marquez de Baependy.

Vê-se, que o longo tempo que mediou para a apresentação de um projecto, que apenas continha cinco pequenos artigos, nos quaes as disciplinas, a redacção dos estatutos, a escolha dos lentes e a fixação dos ordenados e fundos necessarios á installação e manutenção ficaram delegados ao imperador, foi devido sem duvida á maior das difficuldades a designação do local do assento da universidade, pois para contentar a todas as ambições na escolha da localidade, divididas entre os deputados do norte e sul do imperio, teve-se de recorrer ao expediente da

creação de duas universidades, uma na cidade de Olinda e outra na cidade de São-Paulo, devendo-se estabelecer desde logo n'esta ultima cidade um curso juridico regido provisoriamente pelos estatutos da universidade de Coimbra com as alterações e mudanças adequadas ás circunstancias e luzes do seculo.

Vencida a urgencia e feita a segunda leitura foi o projecto a imprimir para entrar na ordem dos trabalhos.

No dia 27 de Agosto de 1823 entrou o projecto em primeira discussão e continuou no dia 28. Teve segunda discussão e continuou nos dias 5 e 6 de Setembro e 6 de Outubro e terceira nos dias 18 e 27 do mesmo mez, sendo approvado definitivamente no dia 4 de Novembro. Já era tempo. Os estudantes brazileiros, como notou o deputado França, estavam anciosos de voltar á patria e não o faziam por não ter no imperio, aonde concluissem os seus estudos juridicos para entrar na carreira da magistratura.

Foi longo e caloroso o debate. Tomaram parte os mais conspicuos oradores da nascente tribuna nacional. Elevou-se a discussão á altura de seu assumpto, mas baixou na arena da acrimonia, quando para encarecer as localidades de que cada um era natural procurava amesquinhar as localidades, que não lhe mereciam as sympathias, com argumentos as mais vezes futeis e destituidos de applicação.

Assim dizia um deputado mineiro, que era geralmente reconhecido, que na provincia de Minas-Geraes era mais apurado o dialecto do que na de São-Paulo, onde era menos correcto e que ninguem ousaria negar, que esta circumstancia era attendivel para a escolha do local, onde se devia estabelecer academias.

Outro deputado, bahiano, trouxe em reforço de sua argumentação a fertilidade de sua provincia, onde havia terrenos proprios á cultura da canna, pois dava duas socas e resocas por anno sem geral replantação. Elogiou um terceiro a formozura da cidade de Olinda, o jardim do Eden. Veio á discussão a riqueza da flora da provincia do Rio de Janeiro, e as suas pedreiras de granito, as quaes haviam concorrido para se duplicar a cidade em poucos annos. A producção do páo-brazil e do algodão, de que

se ufanava Pernambuco, provava a aridez de seu terreno. A Bahia era um fóco de vicios.

O deputado Antonio Gonçalves Gomide divergio de seus collegas da commissão, quanto ás localidades. « Fui de voto na commissão, disse elle, que, procedendo-se por ora com economia e progredindo a par dos meios, propuzemos só uma universidade e que esta devia ser no centro, pois, diffundindo-se a luz scientifica como a physica em uma esphera luminosa para todos os lados, não haveria melhor posição central para um só candelabro em uma camara espaçosa. Instei com a maior população e riqueza ; com a salubridade e riqueza de Minas-Geraes, mais fui convencido a subscrever o projecto das duas universidades indicadas n'elle. Portanto agora addindo ao referido projecto indico, que se crê e mais uma universidade na provincia de Minas-Geraes, a mais populosa d'este imperio, e marco a aprazivel villa de Caeté como local adequado; o que comtudo não proponho tão afincadamente, que não ceda por qualquer outro, comtanto que seja em uma das cinco comarcas da provincia.

Propôz depois o mesmo deputado, que fôssem tres as universidades : uma central para as provincias de Minas-Geraes e Goiaz ; outra no sul para as provincias de São-Pedro do Rio-Grande, Cisplatina e Mato-Grosso e terceira no norte para as provincias da Bahia, Pernambuco, Maranhão, etc.

Estabeleceu tambem premios honrosos aos doadores de quantias avultadas ás universidades ; o que foi geralmente impugnado.

Adheriram ao pensamento da commissão os deputados Luiz José de Carvalho e Mello, Francisco Moniz Tavares, José Arouche de Toledo Rendon, Pedro de Araujo Lima, Venancio Henrique de Rezende, Miguel Calmon e Nicoláo Vergueiro.

Luiz José de Carvalho e Mello achou muito feliz e sábia a deliberação da commissão, porque partindo quasi pelo meio o imperio ficava cada uma parte com a sua unicamente, escolhendo-se para o seu assento as cidades mais aptas pela sua fertilidade, situação vizinha ao mar e clima sadio. Modificou porém o seu parecer quanto

á escolha da cidade de Olinda por ser pouco abastecida de viveres e por tanto caros.

O deputado Pedro de Araujo Lima lembrou, que, á vista da demora inherente a taes creações, se estabelecesse quanto antes na côrte um curso juridico provisorio debaixo da inspecção do governo, o qual deveria constar de um curso juridico e outro philosophico. Adheriu a esta proposta Luiz José de Carvalho e Mello.

Foram de voto, que só houvesse uma universidade e esta na cidade de São-Paulo os deputados Candido José de Araujo Vianna, depois marquez de Sapucahy, José Feliciano Fernandes Pinheiro e Caetano Maria Lopes Gama, depois visconde de Maranguape, sendo este ultimo de parecer que nas provincias maiores se estabelecessem academias.

Deram preferencia á côrte como assento de uma unica universidade para todo o imperio os deputados José da Silva Lisboa, depois visconde de Cayrú, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, depois marquez de Baependy, Manoel José de Souza França, José Martiniano de Alencar, Manoel Ferreira da Camara Bitencourt e Sá, e Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque.

O deputado José da Silva Lisboa declarou, que sendo Bahiano votava pela côrte e que pretendia, que fôsse a Roma americana.

« Eu tambem, disse elle, respondendo ao deputado Montesuma, sendo pendor á patria e ainda que o porto da Bahia seja de varias leguas de abertura, como allegou um escriptor inglez, e pudesse conter a marinha de todo o mundo sem confusão, todavia considerava preferivel a côrte. »

« A minha opinião, accrescentou o illustre deputado, é que por ora ella deve ser unica e n'esta côrte. Quando o imperio tiver maior população e opulencia deverão haver mais universidades nas outras provincias, onde se acharem melhores proporções.

O deputado Nogueira da Gama votava pela côrte por ser por onde se devia principiar, visto possuir todos os elementos necessarios para sua composição. « Alem das aulas de primeiras letras, discorria elle, temos as de

grammatica latina, de rhetorica, de philosophia racional e moral, de grego, de francez, de inglez e de desenho; temos uma academia militar e outra de marinha, em que se ensinam todos os ramos das mathematicas puras e das suas applicações á arte da guerra e da marinha; temos aulas de zoologia, mineralogia, botanica, physica, e chimica; temos uma academia medico-cirurgica e hospitaes para os exercicios praticos; temos uma muito importante livraria publica, além das dos particulares e dos regulares; temos um rico museu, em que se encontram os productos dos tres reinos da natureza e uma importantissima collecção de modelos de machinas; temos instrumentos astronomicos e por consequencia a possibilidade de se fazerem, como ja se fazem, observações astronomicas; temos um bom gabinete de machinas physicas e uma collecção de mineraes arranjados pelo systema de Werner; temos aulas de moral, de theologia e de direito canonico nos collegios dos regulares e nos episcopaes; o que nos falta portanto?

« Falta-nos sómente um curso juridico, em que se ensine a indispensavel sciencia de legislação em geral e em particular, addicionando-se-lhe as tão necessarias cadeiras de economia politica, de estatistica, de diplomacia e de agricultura.»

O deputado Souza França opinava, que na côrte estaria a universidade debaixo das vistas da assembléa, da qual deveria receber o maior impulso. Alencar ajuntava, que, attentas as pequenas forças pecuniarias da nação para tão grandes despesas, convinha escolher o logar, onde se encontrassem mais materiaes reunidos para com mais facilidade e presteza se levantar a obra. O deputado Camara Bitencourt viu no Rio de Janeiro menos difficuldade para o assento da universidade, mas pediu a fundação de uma academia montanistica, docimastica e mais doutrinas da metallurgia para a provincia de Minas-Geraes. Lembrou, que se fundasse em São-Paulo, Pernambuco e Maranhão collegios de direito, que pelo correr do tempo se convertessem em universidades.

O deputado Almeida e Albuquerque preferia a côrte provisoriamente, porque a concurrencia de maior numero

de jurisconsultos habilitava a abertura do curso desde logo.

Os deputados Francisco Ge Acayaba de Montesuma, depois visconde de Jaquitinhonha, e Pedro José da Costa Barros motivaram os seus votos sómente por uma universidade, mas modificaram depois as suas opiniões.

A Bahia parecia ao deputado Montesuma um centro commum do imperio, tanto para o norte como para o sul, além de offerecer pela qualidade de seu commercio muitas facilidades de transportes de qualquer parte para ali.

A se querer em logar mais central lhe parecia, que melhor seria Minas-Geraes por ser abastecida de todos os misteres para a vida, pela grandeza de sua população e territorio e pela facilidade de accesso ás provincias da Bahia e Pernambuco.

Decidiu-se depois por duas universidades, uma na Bahia e outra em Minas-Geraes. «A haver só uma, acrescentou elle, deve ser em Minas-Geraes: primeiro por ser a provincia mais populosa do imperio; segundo por ser a mais polida do interior; terceiro por estar collocada mais no meio de todas as outras e poder por isso com mais facilidade corresponder-se com Mato-Grosso, Goiaz, Piauhy, etc.

« Não admittia a fundação da universidade na côrte, porque seria de sobejo a influencia, que teria o governo para dirigir tudo pela sua vontade e arbitrio.»

Pareceu ao deputado Costa Barros, que era sufficiente uma universidade e esta na Bahia, como ponto mais central do Brazil, e algumas razões mais particulares. Decidiu-se depois por duas, uma em São Paulo e outra no Maranhão, pois a não possuirem os habitantes d'esta ultima provincia a sua universidade, preferiam antes ir á Europa estudar do que se dirigirem a outras provincias do imperio. Adoptou a idéa de um curso juridico n'esta côrte.

Tambem ao deputado Antonio Luiz Pereira da Cunha pareceu conveniente a fundação de uma universidade no Maranhão, no lugar que mais conviesse e outra na villa da Cachoeira, na provincia da Bahia, bem como collegios de sciencias naturaes em São-Paulo e Marianna e uma faculdade de leis em Olinda.

Os deputados Lucio Soares Teixeira de Gouvêa e José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, depois visconde de Caeté, foram de opinião, que, a estabelecer-se uma só universidade, fôsse ella estabelecida na cidade de Marianna.

O deputado Joaquim Manoel Carneiro da Cunha propoz, que para o norte se preferisse a cidade da Parahiba por offerecer muitas vantagens, como clima moderado, abundancia de viveres e commodidades necessarias para a subsistencia sem nem uma distração ou divertimentos e apontou os grandes edificios de que se poderia lançar mão para sua installação como o convento de S. Francisco, S. Pedro e do Carmo. O deputado Antonio Carlos, respondendo-o, qualficou a cidade de quasi deserta!

O deputado José Bonifacio de Andrada e Silva, tão eminento pela sua vasta illustração, nem uma parte tomou nos debates. Todavia na sessão de 15 de Outubro propoz á commissão de instrucção publica, que se mandasse imprimir o esboço, que elle offereceu acerca da organisação e regimen das universidades do Brazil. Não consta porém, que similhante documento fôsse impresso, e nem siquer apparece o original. O digno e illustrado Dr. Benjamim Franklim Ramis Galvão, director da biblioteca publica d'esta côrte, procedeu ás maiores pesquizas, e é de parecer, que se não imprimiu.

Cumpre notar, que a idéa da creação das universidades geralmente foi bem aceita, principalmente na provincia de Minas-Geraes, a qual pareceu acordar depois de trinta e quatro annos de pesado somno e como que cheia das reminiscencias do sonho dourado dos inconfidentes.

As camaras municipaes das villas de Queluz, São-João d'El-rei, Barbacena, São-José, Caeté, Tamanduá Baependy, Pitangui, Sabará, Campanha da Princeza e Principe vieram ante a assembléa constituinte manifestar seus votos de contentamento por tão almejada creação e lembrar a conveniencia do assento da universidade em alguns de seus municipios.

Todo esse enthusiasmo por taes instituições arrefeceu o golpe de estado, que tão fatalmente pesou nos acontecimentos politicos do paiz. Sete dias depois de approvado

o projecto da creação das duas universidades era a assembléa constituinte dissolvida.

Veio depois a constituição do imperio doada por D. Pedro I, e só alguns mezes depois pensou-se de novo na creação das universidades.

Em 9 de Janeiro ne 1825 appareceu o decreto do poder executivo, creando n'esta côrte um curso juridico e fundando-se nas seguintes razões.

« Querendo que os habitantes d'este vasto e rico imperio gosem quanto antes de todos os beneficios promettidos na constituição, arts. 179 § 33, e considerando ser um d'estes a educação e publica instrucção o conhecimento de direito natural, publico e da gentes e das leis do imperio, afim de se poderem conseguir para o futuro magistrados habeis e intelligentes, sendo aliás da maior urgencia acautelar a notoria falta de bachareis formados para os lugares da magistratura e pelo estado da independencia politica a que se elevou este imperio, que torna incompativel ir demandar, como d'antes, estes conhecimentos á universidade de Coimbra ou ainda a qualquer outros paizes estrangeiros, sem grandes dispendios e incommodos, e não se podendo desde já obter os frutos d'essa e indispensavel instrucção, si ella se fizer dependentede grandes e dispendiosos estabelecimentos de universidades, que só com o andar do tempo poderão completamente realisar-se, hei por bem, ouvido o meu conselho de estado, crear provisoriamente um curso juridico n'esta côrte e cidade do Rio de Janeiro, com as convenientes cadeiras, lentes e com o methodo, formalidade, regulamentos e instrucções, que baixam assignadas por Estevão Ribeiro de Rezende »

Foram formulados os estatutos pelo conselheiro de estado visconde da Cachoeira (Luiz José de Carvalho e Mello) que achou, que os estatutos da universidade de Coimbra eram defficientes ao progresso do seculo. E' pois digno de transcrever-se o que disse a esse respeito no preambulo, que lhes deu. São estas as suas palavras :

« Tendo-se decretado que houvesse n'esta côrte um cnrso juridico para n'elle se ensinarem as doutrinas de jurisprudencia em geral, afim de se cultivar este ramo de

instrucção publica e se formarem homens habeis para serem um dia sabios magistrados e peritos advogados, de que tanto se carece ; e outros que possam vir a ser dignos deputados e senadores e aptos para occuparem os lugares diplomaticos e mais empregos do estado, por se deverem comprehender nos estudos do referido curso juridico os principios elementares de direito natural, publico, das gentes, commercial, politico e diplomatico, é de forçosa e evidente necessidade e utilidade formar o plano dos mencionados estudos ; regular a sua marcha, e methodo ; declarar os annos do mesmo curso ; especificar as doutrinas que se devem ensinar em cada um d'elles ; dar as competentes instrucções por que se devam reger os professores e finalmente formalisar estatutos proprios e adequados para bom regimen do mesmo curso e solido aproveitamento dos que se destinarem a esta carreira.

« Sem estes estudos, em que se exponham e se acautelem todas estas circumstancias, não se poderá conseguir o fim util de tal estabelecimento. De que serveriam bachareis formados, dizendo-se homens jurisconsultos na extensão da palavra, si o fossem só no nome? Não tendo conseguido bôa e pura cópia de doutrinas da san jurisprudencia em geral por maneira que utilmente para si e para o estado pudessem vir a desempenhar os empregos, para qne são necessarios os conhecimentos d'esta sciencia, que sob os principios da moral publica e particular e da justiça universal regula e prescreve regras praticas para todas as acções da vida social, haveria em grande abundancia homens habilitados com a carta sómente, sem o serem pelo merecimento, que pretenderiam os empregos para os servirem mal e com prejuizo publico e particular tornando-se uma classe improdutiva com damno de outros misteres a que se poderiam applicar com mais proveito da sociedade e verificar-se-ia d'este modo o que receiava um sabio da França (Peuchet) da nimia facilidade e gratuito estabelecimento de muitos lyceus d'aquelle paiz.

« A falta de bons estatutos e relaxada pratica dos que havia, produziu em Portugal pessimas consequencias. Houve demasiados bachareis, que nada sabiam e iam depois nos diversos empregos aprender rotinas

cegas e uma jurisprudencia casuistica de arestos, sem jamais possuirem os principios e luzes d'esta sciencia. Foi então necessario reformar de todo a antiga universidade de Coimbra; prescrever-lhe estatutos novos e luminosos, em que se regularam com muito saber e erudição os estudos de jurisprudencia e se estabelecer um plano dos estudos proprios d'esta sciencia e as fórmas necessarias para o seu ensino, progresso e melhoramento.

« Parecia portanto, que á vista de taes estatutos e das mais providencias que depois se estabeleceram ácerca das faculdades juridicas e tambem do proveito que d'estas instituições tem resultado, sahindo da universidade grandes mestres, dignos e sabios magistrados e habilissimos homens de estado, que aos nossos olhos têm illustrado e bem servido a patria, não era necessario outro novo regulamento e bastava — ou para melhor dizer, sobrava, que se ordenasse, que o novo curso juridico mandado estabelecer n'esta côrte se dirigisse e governasse pelos novos estatutos da universidade de Coimbra com as alterações posteriores.

« Assim se persuadiram os autores do projecto de lei sobre as universidades, que se apresentou e discutiu na extincta assembléa constituinte e legislativa, accrescentando que o curso juridico, que no referido projecto se mandára crear logo, e ainda antes de estabelecidas as universidades, se governasse por aquellas instituições e novos estatutos, até que pelo andar do tempo e experiencia restringissem ou amplicassem os professoras o que julgassem conveniente. Esta persuasão fundava-se na facilidade e presteza, com que começava logo a pôr-se em pratica a proveitosa instituição dos estudos juridicos.

« Dado porém que se não possa negar nem a sabedoria dos autores dos referidos estatutos, nem a demasiada cópia de doutrinas, que elles contêm, por maneira que é de admirar, que houvesse em Portugal, n'aquelle tempo de desgraça e decadencia dos estudos em geral e particularmente da jurisprudencia, homens de genio tão transcedente que soubessem com tão apurada critica e erudição proscrever o mau gasto dos estudos, substituir-lhes doutrina

methodica e luminosa, e crear uma universidade que igualou e a muitos respeitos excedeu as mais celebres da Europa, todavia o seu nimio saber em jurisprudencia e demasiada erudição, de que sobrecarregaram os mesmos estatutos, e muita profusão de direito romano, de que fizeram a principal sciencia juridica, a exemplo das universidades de Allemanha; o muito pouco que mandaram ensinar jurisprudencia da patria, amontoando só em um anno em uma só academia tudo o que havia de theorico e pratico d'ella; a pobreza do ensino de direito natural, publico e das gentes (sem lhes unir a parte diplomatica) e que devia ser ensinada em um só anno; a falta de direito maritimo, commercial e criminal e de economia politica, que não foram comprehendidas nos estatutos, que se deviam ensinar dentro do quinquenio, fazem vêr, que os referidos estatutos, taes como se acham escriptos, não podem quadrar ao fim proposto de se formarem por elles verdadeiros e habeis jurisconsultos.

« Os mesmos autores dos referidos estatutos conheceram tanto que os estudos de direito diplomatico e de economia politica deviam entrar na faculdade de jurisprudencia, que declararam, que os professores déssem noticia d'elles aos seus discipulos, quando conviesse; mas nem isso era estabelecer estudo regular, nem preceitos vagos podiam aproveitar.

« A falta de estudos mais profundos de direito patrio foi supprida depois pelo alvará de 16 de Janeiro de 1805, que deu nova fórma aos sobreditos estudos, e ao ensino da pratica do fôro estabelecida pelos autores dos estatutos da universidade de Coimbra para o quinto anno juridico, ficando para o terceiro e quarto anno o ensino do direito patrio, com o que mais aproveitados saem os estudantes n'estes tempos modernos, quando anteriormente vinham totalmente hospedes nos usos praticos e sabendo muito pouco de direito patrio e sua applicação, quando estes eram os estudos em que deveriam ser mui versados, pois que se destinavam a ser jurisconsultos nacionaes.

« Si este deve ser considerado o fim primordial dos estudos juridicos, salta aos olhos quam capital defeito

era o pouco tempo que se empregava no estudo de direito patrio e sua applicação ao fôro. Posto que o estudo do direito romano seja uma parte importante da jurisprudencia civil, não só porque tem sido este o direito de quasi todas as nações modernas. mas principalmente porque n'elle se acha um grande fundo do direito da razão, pelo muito que os jurisconsultos romanos discorreram ajudados da philosophia moral; tanto assim que d'este copioso manancial tiraram Thomasio, Grocio e Puffendorfio o que depois chamaram direito natural. e os celebres compiladores do codigo de Napoleão confessaram ingenuamente, que ali acharam em grande deposito a maior parte das regras, que introduziram no mesmo codigo; todavia é o direito romano subsidiario ou doutrinal, como em muitas partes dos mesmos estatutos confessaram os seus illustres autores, e não podia jámais ser ensinado com tanta profuzão e extensão á custa do direito patrio, por quanto ainda que em grande parte as nossas leis sejam extrahidas dos Romanos, principalmente nos contratos, testamentos, servidões, etc., ainda que seus compiladores eram muito versados no estudo do direito romano, comtudo é o direito patrio um corpo formado de instituições proprias deduzidas do genio e costumes nacionaes e de muitas leis romanas já transvertidas ao nosso modo, e bastava por tanto, que depois do estudo das institutas se explicasse o direito patrio, e que nos lugares de duvidas do direito romano trouxessem os professores á lembrança o que se tivesse ensinado nas ditas institutas, expondo tudo o mais que occorresse d'aquelle direito e indicando as leis romanas, onde existe a sua principal doutrina.

« Além do que fica dito cumpre observar, que a nimia erudição dos autores dos estatutos de Coimbra; a profuzão com que derramaram na sua obra; o muito e demasiado cuidado com que introduziram o estudo de antiguidades, e as amiudadas cautelas que ensinaram para as intelligencia dos textos e que só deveriam servir para aclarar e alcançar o sentido dos difficeis, fizeram que os estudantes sahissem da universidade mal aproveitados na sciencia do direito patrio e sobrecarregado

de subtilezas e antiguidades, que mui pouco uso prestaram na pratica dos empregos, a que se destinaram. Os mesmos mestres e doutores, para se acreditarem de sabios perante seus companheiros e discipulos, faziam longos e profundos estudos de direito romano e antiguidades, e seguindo n'elles a escola cujaciana, philosophavam muito theoricamente sobre os principios de direito e por fugirem o rumo dos de Bartholo, Alciato e mais glosadores e cazuistas, ensinavam jurisprudencia mais polemica do que apropriada á pratica da sciencia de advogar e de julgar.

« Não foi só o nimio estudo de direito romano a causa principal de se não formarem verdadeiros jurisconsultos ; foi tambem, como já dissemos, a falta de outras partes necessarias da jurisprudencia, e que, fundadas na razão, preparam os animos dos que aprendem para conseguirem ao menos os principios geraes de tudo o que constitue a sciencia da jurisprudencia em geral, e cujo conhecimento fórma os homens para os diversos empregos da vida civil.

« Si este é o fim a que nos destinamos na instituição d'este curso juridico, si a experiencia já nos tem ensinado e convencido dos inconvenientes da pratica seguida ; si conhecemos, que a jurisprudencia é filha toda da sua moral; si sabemos, que desde os primeiros elementos da ethica e da moral nos vamos elevando como por degraus ao cimo deste edificio, e si finalmente é da mais simples intuição, que as sciencias todas se enlaçam, mórmente as moraes, que de mistura com as instituições civis são as bases da jurisprudencia: porque não aproveitaremos estas lições do saber e da experiencia para abraçarmos um novo methodo mais regular, simples e farto dos conhecimentos necessarios e uteis e que, despidos de erudição sobeja, abranja o que é mais philosophico e justo ? Deve-se portanto, sem perder de vista o que ha de grande e sabio em tão famigerados estatutos, cortar o que fôr desnecessario, instituir novas cadeiras para as materias de que n'ellas se não faz menção, as quaes são enlaçadas pelos mais fortes vinculos com a jurisprudencia em geral e de nimia utilidade para o perfeito conhecimento d'ella, e de dirigirmo-nos ao fim de

crear jurisconsultos brazileitos, enriquecidos de doutrinas luminosas e ao mesmo tempo uteis, e que pelo menos obtenham n'este curso bastantes e solidos principios, que lhes sirvam de guias nos estudos maiores e mais profundos que depois fizerem; o que é o mais que se póde esperar, que obtenham estudantes de um curso academico.

« Os autores dos mesmos estatutos, no curso juridico que regularam, comprehenderam o direito canonico e as faculdades juridicas que os primeiros dous annos são inteiramente communs aos estudantes d'ella, ajuntando-se depois nos annos e aulas em que se ensinava o direito patrio e pratica do fôro. Considerada a necessidade de haver um curso de direito canonico, muito bem se houveram, prescrevendo aos alumnos que se destinavam á faculdade de canones o conhecimento das institutas do direito civil e das instituições de direito publico, ecclesiastico, e de direito canonico aos alumnos de direito civil, attenta a relação e afinidade que ha em geral entre estes estudos. Comtudo não entrará o ensino da faculdade de canones no curso, juridico que se vai instituir. Esta sciencia toda composta das leis ecclesiasticas, bem como a theologia, deve-se reservar para os claustros e seminarios episcopaes, como já se declarou pelo alvará de 10 de Maio de 1805, § 6, e onde é mais proprio ensinarem-se doutrinas similhantes, que pertencem aos ecclesiasticos, que se destinam aos diversos empregos da igreja e não a cidadãos seculares dispostos para os empregos civis.

« Como porém convenha a todo o jurisconsulto brazileiro saber os principios elementares de direito publico e ecclesiastico, universal e proprio de sua nação, porque em muitas cousas, que dizem respeito aos direitos do chefe do governo sobre as cousas sagradas e ecclesiasticas, cumpre saber os principios e razões em que elles se estribam, convirá, que se ensinem os principios elementares de direito publico, acclesiastico, universal e brazileiro em uma cadeira cujo professor, com luminosa e apurada critica e discernimento, assignale as extremas dos poderes civil e ecclesiastico.

« Por estes ponderosos motivos e dest'arte se organisam os estatutos, que hão de reger o curso juridico, que

vae a ensinar-se n'esta côrte, o qual abrangerá portanto os conhecimentos, que formam o todo da faculdade da jurisprudencia civil.»

Ainda assim não foi avante o curso juridico, que deveria ter assento na capital do imperio.

Só mais tarde veio o decreto legislativo de 11 de Agosto de 1827 remediar essa falta com a creação dos cursos juridicos de São-Paulo e Olinda, sanccionando em parte o que deliberara a assembléa constituinte em seus ultimos dias de existencia.

Tiveram os cursos juridicos por estatutos os mesmos que para o curso juridico da capital do imperio formulára o visconde da Cachoeira, segundo o disposto no artigo decimo da sobrecitada lei. Ficou a congregação dos lentes autorisada a formar outros mais completos que seriam submettidos á approvação da assembléa geral.

Em o 1° de Março de 1828 inaugurou-se o curso juridico de São-Paulo, e no dia 15 de Maio o de Olinda.

Estes cursos, que foram depois reformados sob a denominação de *faculdade de direito*, têm até o presente prestado assignalados serviços, cooperando para a instrucção da mocidade brazileira, que se dedica á magistratura e mais encargos da sociedade.

Todavia a necessidade da creação de um centro, do qual dimanem como de um forte e radiante fóco todas as luzes da instrucção superior tem por diversas vezes sido reconhecida pelos nossos homens de estado, mas a falta de recursos tem obstado a sua realisação.

Vinte annos depois das primeiras tentativas appareceu de novo na camara dos senadores traduzido em projecto de lei o pensamento da aspiração geral.

Na sessão de 1843 apresentou o senador Castro Silva um projecto creando uma universidade n'esta côrte sob a denominação de Pedro Segundo.

A requerimento do senador Paula Souza foi o mesmo submettido ao exame de uma commissão especial, que se compoz dos senadores visconde de Olinda, depois marquez do mesmo nome, José Carlos Pereira de Almeida Torres, posteriormente visconde de Macahé e Candido José de Araujo Vianna, que morreu como marquez de Sapucahy.

Devia a commissão especial informar ao senado, si era o projecto na actualidade de então conveniente, e sendo-o indicar as alterações e additamentos que devia ter.

Quanto á primeira parte, disse a commissão, que, longe de enxergar inconvenientes na adopção da idéa fundamental do projecto, entendia ao contrario, que era de summa utilidade e conveniencia a medida proposta, não só pela economia, que, si não desde já, ao menos no futuro, havia de resultar da fusão de taes estabelecimentos; mas tambem, e principalmente, pelas vantagens que deviam apparecer para o progresso da instrucção publica, a qual sem duvida lucraria com o melhor desempenho das obrigações dos lentes e alumnos debaixo das vistas immediatas do governo geral, que faria cessar as desordens, dando vigor á disciplina e com o aproveitamento de talentos que iriam adquirir maior desenvolvimento na frequencia simultanea de escolas de sciencias diversas, na communicação e troca de idéas e no poderoso movel da emulação.

Pelo que respeitava á segunda parte julgou a commissão, que se podia dar ao projecto algum desenvolvimento, mas não tal que além de desnecessario impedisse a prompta adoptação da medida e n'este intuito, restringindo-se ás disposições indispensaveis e deixando ao governo o que por elle podia ser melhor acautelado, offereceu como emenda um projecto substituitivo.

Convém aqui notar, que n'esse mesmo anno occupou-se não só a secção do conselho de estado dos negocios do imperio como o conselho de estado pleno occupou-se com um projecto identico, dando á universidade a mesma denominação de Pedro II.

Todos esses trabalhos porém ficaram sepultados no silencio das pastas e os annos vieram dormir com elles, até que na sessão de 5 de Julho de 1847 demonstrou o visconde de Goiana a necessidade da reforma da instrucção publica, apresentando o projecto de um plano geral para toda a instrucção nacional, o qual foi lido na sessão de 7 do mesmo mez, e sendo julgado objecto de deliberação foi a imprimir.

Ao projecto de lei da creação da grande universidade juntou o visconde de Goiana o respectivo regulamento.

Nem uma deliberação tomou a camara dos deputados relativamente ao projecto do visconde de Goiana, pois parece, que nenhuma importancia mereceu ao governo imperial— e coincidencia notavel!— o espaço de tempo que decorreu desde as tentativas da assembléa constituinte até a apresentação do projecto do visconde de Goiana, foi quasi o mesmo, que ouve com differença de um anno entre a apresentação do projecto do visconde de Goiana e a idéa da creação da universidade trazida de novo ante o corpo legislativo pelo ministro do imperio o conselheiro Paulino José Soares de Souza.

No seu relatorio apresentado na sessão de 1870 exprimiu-se assim o illustre ministro:

« Não deixarei tambem de chamar vossa illustrada attenção para o plano, já tantas vezes aventado, da fundação de uma universidade n'esta côrte. Parece-me, que esta, a mais importante, rica e illustrada cidade da America do Sul está no caso de possuir um estabelecimento de tal ordem, cujas vantagens não podem ser contestadas, sendo innegavel que da reunião, em uma corporação bem organisada, de homens notaveis em diversas sciencias, ha de resultar maior incitamento e interesse pelos trabalhos da intelligencia e grande impulso ao ensino publico. Este fóco de vida intellectual não deixaria de derramar novos raios de luz com manifesto aproveitamento das profissões literarias.

« Existe n'esta capital uma faculdade de medicina e um estabelecimento (a escola central) destinado ao ensino das sciencias physicas e mathematicas. E' de necessidade a instituição de uma faculdade theologica, que prepare sacerdotes dignos da missão a que se dedicam e nas quaes encontre o governo a quem confiar as elevadas funcções do episcopado. Ninguem questionará sobre a conveniencia de facilitar-se o mais possivel o estudo das sciencias sociaes e juridicas, cuja vulgarisação tanto importa ás relações dos cidadãos em tudo que se refere á vida civil.

« Reunidas as quatro faculdades, auxiliar-se-hiam

mutamente, pois que muitos estudos são communs: taes como a medicina legal, que interessa igualmente aos estudantes de direito e aos de medicina; o direito administrativo e a economia politica ensinados actualmente nas faculdades de direito e na escola central; a physica, chimica, zoologia, botanica e mineralogia, que entram no plano das faculdades de medicina e da escola central; o direito publico e ecclesiastico, que se ensina tambem nas faculdades de direito e não póde deixar de ser contemplado no curso da faculdade theologica, etc. A parte geral d'essas materias poderia ser ensinada em commum aos alumnos das diversas faculdades, a que interessassem, dando-se em cada curso maior latitude aos estudos de applicação na parte que lhe é peculiar. »

Na sessão de 6 de Agosto d'esse anno procurou o nobre ministro do imperio, coherente com a demonstração que fez no seu relatorio da necessidade de uma universidade n'esta côrte, fundamentar a apresentação de um projecto relativo a tão transcendente objecto.

« Julgo, disse elle depois das mais brilhantes considerações, julgo de grande alcance para o futuro da instrucção superior do imperio a creação de uma universidade n'essa côrte. Proponho-a, incorporando n'ella a faculdade de medicina aqui existente e a escola central, verdadeira faculdade de sciencias, ás quaes addiciono uma nova faculdade de direito e de theologia, da qual poderá partir impulso ao progresso intellectual do nosso clero. »

O conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira sujeitou o projecto de seu antecessor ás conferencias da secção dos negocios do imperio, o qual mereceu a approvação dos conselheiros visconde de Sapucahy e Bernardo de Souza Franco, depois visconde de seu appellido, discordando comtudo em alguns pontos; não teve porém o projecto melhor sorte do que as identicas tentativas feitas por mais de meio seculo.

Agita-se de novo a idéa do estabelecimento da universidade com assento na capital do imperio, que se ufanando com ser a primeira cidade da America do Sul, não possue ainda um estabelecimento em que se concentrem todas as luzes da instrucção publica, que todas as nações do nosso

seculo aspiram elevar ao ultimo gráo da perfeição, pois sem a instrucção nem um povo póde ser grande.

Reuni aqui todos os trabalhos relativos a esta importante questão, cumprindo assim as ordens que me foram dadas por V. Ex.

Deus guarde a V. Ex.

Rio de Janeiro, 1881.

A PROVINCIA

DO

RIO-GRANDE DO SUL

DESCRIPÇÃO E VIAGENS

POR

Henrique Schutel Ambauer

§ 1.

Entre o 29° e 33° austral e 49° e 53° occidental corre uma costa baixa, arida, monotona e triste, a qual o cauteloso navegante evita, si não se dirige ao unico porto accessivel. E' a costa da provincia do Rio-Grande do Sul.

As correntezas, os ventos, os descuidos e as espertezas tem feito dar a essa costa e ao seu porto uma reputação pouco lisongeira.

Corre-lhe parallelo um banco, que com o andar do tempo surgirá do seio das ondas e augmentará com outra zona de lagos a que existe; e assim a pouco e pouco cede o mar o que rouba em outros logares. Facil é vêr-se, que primitivamente formára o continente entre o 28°30' e o 33°10' um golfo, o qual devia banhar a fralda da serra geral, os montes do ramo que fixa o Guahiba e a serra de Castilhos. Os terrenos que entulharam este golfo fôram levados pelas correntezas e ventos e pelos sedimentos dos

innumeros rios, que n'elle desaguam. Hoje a acção parece-nos mais lenta ; ella é no entanto continua.

Presente-se a baixa costa do Rio-Grande a uma grande distancia, já pela côr das aguas, como pelo desencontrado das vagas ; o que occasiona naturalmente grande receio, que ainda mais se augmenta nas occasiões em que ameaça temporal, por não haver um franco abrigo, em caso de arribada, como os portos de Santa-Catharina ou Montevidéo, a sete gráos de distancia.

Todas estas circumstancias têm demorado o desenvolvimento da navegação de alto bordo para a provincia do Rio-Grande do Sul e impedido assim o ella tomar rapidamente o gráo de adiantamento a que poderia attingir.

Acompanho a crença de varios autores na supposição de que a provincia do Rio-Grande do Sul não foi conhecida dos primeiros navegantes. Não sómente Vicente Pinson, Dias Solis, Americo Vespucio, Sebastião Caboto, Fernando de Magalhães e outros, não suppozeram a existencia da barra, si chegaram a ver a costa, como mesmo os navegantes portuguezes posteriores a estes. Dado mesmo o caso que desconfiassem da existencia, não se teriam animado a abordal-a.

Segundo uma certa versão, uma expedição mandada com cinco embarcações em exploração costeira sob o commando de Martim Affonso de Souza, partio no 1° de Agosto de 1531, a qual, depois de reconhecer diversos pontos, naufragou em uma costa arenosa, que suppõe-se ser a costa do Chuy (33°50'), actual divisa meridional do imperio do Brazil com a republica de Montevidéo.

Martim Affonso encarregou Pedro Lopes de reconhecer a costa, sendo este o primeiro que explorou o arroio Chuy, verificando ser mui pouco navegavel.

Não estão de acôrdo com esta versão, nem Nicoláo Dreys, nem o visconde de São-Leopoldo.

Segundo elles, o brigadeiro José da Silva Paes em 1737, querendo prevenir a occupação do territorio, antes que os Espanhóes levantassem fortificações, fez um desembarque na costa, com risco de ser victima de sua temeridade, não tendo achado a barra ou receioso de não conseguir entrar por ella. Outros autores dizem, que a

expedição de José da Silva Paes entrou a barra, occupando-a militarmente, levantando para isso fortificações.

E' fóra de duvida que a configuração da costa, a sua direcção NE—SO e a franca profundidade das aguas não deviam convidar os primeiros navegantes a tentarem o abordal-a.

Da costa communicam com o mar de norte a sul: o Mampituba (29°30') divisa com a provincia de Santa-Catharina; o Tramandahi (30°); o Rio-Grande (32°5') e o Chuy; uma ou outra lagôa que igualmente desagua no mar.

O Mampituba e o Tramandahi podem dar curso a pequenas embarcações, sendo porém esse ultimo mais perigoso de approximar-se e de mais difficil sahida.

O Rio-Grande é o unico, que permitte entrada a navios, que não demandem mais de 18 palmos e isso nem sempre, sendo mais regular de 14 a 15.

Difficulta a entrada da barra dous bancos, que lhe obstruem a entrada, formando-se entre elles um canal mutavel segundo a direcção mais longa dos ventos e correntezas. A massa das aguas que escoam pela barra do Rio-Grande seria mais que sufficiente para ter um canal de franca navegação, si ella não tivesse perdido o declive nos dous lagos internos e na bacia que os recebe. O nivelamento, que fórma esse espraiamento das aguas fluviaes, paralisa algum tanto o seu curso e apenas o escoamento com diminuta força permitte a conservação d'esse pequeno canal da barra. Com os ventos do S. S. S. E. o repouso das aguas augmenta o nivel das bacias centraes, entrando mesmo as aguas do mar até mais da metade das lagoas, as quaes só com o NE. podem baixar.

E' de desejar, que para o futuro se encontre meio de augmentar a profundidade do canal, assim que a provincia do Rio-Grande possa conseguir a affluencia de uma navegação mais desenvolvida, enriquecendo-se na grande permuta internacional.

Acha-se entretanto estacionado na parte septentrional da barra um serviço de praticagem, que honra summamente a pericia e boa ordem com que é organisado

e executado. Não só o estabelecimento possue um farol de ferro de 110 pés de altura, com luz giratoria, uma atalaia de 64 pés para signaes a Mariath, como diversas embarcações, salva-vidas e serviço de praticos e dos guardas do banco, estacionando igualmente diversos vapores do governo e de particulares para os reboques.

Póde-se hoje quasi garantir, que o navio que fôr avistado pelo guarda da atalaia só poderá naufragar, si de proposito investir a barra, ou tenha illudido o numero de pés de seu callado.

Recentemente dous navios francezes investiram na praia, sendo o segundo salvo sem avarias, devido aos esforços e pericia dos encarregados da barra.

Transposto o banco, situado a duas milhas da foz do Rio-Grande, sobre o qual acha-se constantemente uma catraia balisando para a direcção dos navios, que demandam a entrada, o canal, que fórma o desaguamento do rio, é limitado pelos dous lados por bancos mais baixos. O banco do sul fórma em sua costa meridional, acompanhando o litoral, um saco, o qual dizem ser bom abrigo para os navios, que vêm corridos á praia.

Existe mesmo uma petição requerendo concessão para construir n'esse ponto um porto de abrigo.

Creio, que si fôr realizavel, será de mais vantagens que um porto artificial nas Fozes, onde as arribadas nem sempre poderão ser felizes.

O banco do lado do norte espraia-se em grande distancia, ficando a seco nas baixas marés. Este banco eleva-se sensivelmente, tendo sido ha bem poucos annos o lugar por onde passava o canal.

Limita este banco uma ponta ou promontorio arenoso e baixo, remontando em fórma de bacia até o logar, onde acham-se situadas as repartições da barra. Ao lado opposto da bacia é o ancoradouro dos navios, que entram ou saem a barra sem que necessitem esperar bom vento ou profundidade das aguas. Um extenso trapiche conduz á terra. Logo na entrada está á direita a repartição maritima, em cuja frente tem os mastros de signaes, convencionados com a atalaia. A' esquerda encontra-se a casa dos guardas da alfandega, onde igualmente funcciona

uma escola publica para meninos; o que é bastante lisongeiro tanto para o governo como para a população que habita o logar.

Agrupam-se do lado direito algumas casas, tanto de negocio como de morada das familias dos empregados e e outros particulares. Encontra-se d'este lado, um pouco retirada, a estação telegrafica ligada por um cabo submarino, na passagem do canal, com a cidade do Rio-Grande. Outras casas mais adiante foram edificadas para alugar-se, na estação dos banhos, ás familias que para isso vão á barra.

Um caminho costeado por uma linha de cedros maritimos conduz a algumas quadras de distancia sobre uma pequena praça, onde encontra-se uma capellinha; em um dos lados fronteia uma grande casa unica que possue em seu quintal vegetação mais frondosa. Por detrás d'essa casa seguem-se algumas casas de pobre aspecto, situadas sobre a estrada, que conduz margeando o rio, até a villa do Norte.

Pouco adiante da capellinha levanta-se a atalaia, torre quadrada feita de tijolos e o farol de ferro com base de granito.

O horizonte, que se divisa de cima da atalaia bem que alcance, segundo dizem, para mais de 20 milhas, é dos mais tristes embora imponente. Pelo norte vê-se, por entre uma cinta de comoras de areia, surgir os telhados da cidade do Rio-Grande e a bacia que lhe serve de porto. Pelo sul um cordão movel de espumantes ondas, incessantemente a mugir, fórma uma linha prateada, que separa o vasto oceano da arida costa, que se desenrola monotona e tristonha a perder de vista. Apenas de tempos a tempos, nos dias claros, apparece ao longe uma vela, que a pouco e pouco vem como fantasticamente delineando as graciosas fórmas de um navio. Aos pés uma qual irrisoria vegetação de gramineas asperas e dessecadas, parece querer burlar-se do misero insecto, que lhe busca a sombra. Tudo emfim torna a habitação d'esse logar triste e merencoria.

O Rio-Grande, como diz Garibaldi, é a foz da lagoa dos Patos. Pequeno mediterraneo com suas ilhas e

archipelagos, suas enseadas e portos, seus golfos, cabos e promontorios; caudalosos rios que n'elle desagua; grandes lagos com os quaes communica a uma infinidade de rios pequenos, que lhe são tributarios. Si não fosse o declive, que mal chega-se a notar, poderia ser mais propriamente chamado mar do que ser classificado rio.

Remontando ao norte, o canal, que poderá ter menos de duas milhas de largura, é costeado á direita pelas terras baixas formadas pelo isthmo, que separa o Atlantico. N'esta costa margeam algumas xacaras, onde nota-se uma vegetação regular. Pela margem esquerda uma continuidade de comoros de areia limita a vista, sem encontrar-se a mais insignificante vegetação.

Este canal deve ter duas leguas de comprimento, variando a largura á medida que sobe.

As dunas, que acompanham o lado esquerdo, inclinam-se ao oeste, formando um saco, em cuja entrada tem a ilha baixa e arenosa do Ladino. Este saco, hoje entulhado pelos areias e sedimentos, foi theatro de um ataque naval, entre as esquadras espanholas e portuguezas, nos tempos das guerras de possessão entre essas duas nações.

A parte septentrional d'esse saco fórma uma peninsula, em cuja costa opposta acha-se situada a cidade do Rio-Grande.

A léste, fronteiro á peninsula do Rio-Grande, vê-se a villa de São-José do Norte na margem oriental do canal.

D'este ponto abre-se o canal formando o que geographicamente chamam de bacia do Rio-Grande.

Essa bacia, a qual nada mais é sinão o prolongamento meridional da lagoa dos Patos, que em lugar de perder este nome junto ao banco da Feitoria, chamado impropriamente estreito, deveria conserval-o até a altura da peninsula do Rio-Grande: essa bacia, digo, abre-se para oeste e fórma um saco ou golfo de 3 leguas de largura, contado da xarqueada do Escorrega até a villa do Norte.

Do estreito do Rio-Grande, ou para dizer com os termos que usualmente se servem, da *boia* até o estreito da lagoa ha a distancia de 14 leguas, variando entre 9, 10, 8 e 7 milhas de largura.

Ao norte da peninsula do Rio-Grande encontra-se um archipelago de ilhas baixas e arenosas. A formação d'essas ilhas é de alluvião moderna, tendo sido em sua origem bancos de areia cujo nivel o remanso das aguas, os sedimentos e os ventos vieram a pouco e pouco elevando.

A maior e mais importante do grupo é a ilha dos Marinheiros a 2 milhas de distancia da cidade do Rio-Grande, seguindo-se o pequeno canal aberto entre os baixios, que a circulam. Essa ilha tem 2 leguas de largura e 5 de circunferencia, segundo me disserão. A parte meridional é bordada de matos de uma vegetação bem desenvolvida. Grande numero de xacaras regularmente plantadas abastecem abundantemente o mercado do Rio-Grande de verdura e frutas de boa qualidade, tentando-se já ha alguns annos de fabricar vinhos, os quaes vendem-se facilmente. Algumas outras xacaras circulam a ilha em circunferencia; a difficuldade de transporte as tornam menos importantes.

Ao sul da ilha dos Marinheiros vem-se as ilhas dos Cavallos e das Pombas.

A primeira ainda hoje póde-se chamar banco, ficando a seco com as vasantes e onde apenas cresce uma graminea de folhas asperas, que lhe chamam mangal, utilisada para estivar navios e para cobrir galpões.

Ao oéste da dos Marinheiros encontra-se a ilha do Leonidio, saparada por um pequeno braço de mar da costa firme. Esta ilha, de propriedade do individuo que lhe dá o nome, é um pouco mais alta que estas ultimas, e, segundo dizem, é uma agradavel vivenda, devido ao cuidado do proprietario.

Segue-se ao norte a ilha da Turutama e alguns bancos á flor d'agua.

A bacia n'este ponto estreita-se, devido adiantar-se as terras da costa oriental, onde fronteia o canal de São-Gonçalo. A ilha da Sarangonha encontra-se na mesma altura, deixando entre ella e a terra firme um braço de mar outr'ora navegavel e hoje obstruido pelas areias, passando o canal de escoamento mais a oéste.

O canal entre o isthmo e a Sarangonha póde encurtar duas a tres horas de caminho aos vapores, que

transitam a lagôa dos Patos,e é por isso, que a provincia tem empenho de o tornar navegavel, tendo sido infrutiferos os trabalhos, que já se fizeram.

Torna a bacia a alargar-se para o norte ; sendo porém obstruida por numerosos bancos e baixios, os quaes apenas deixam um estreito canal á navegação fluvial.

Considerado debaixo do ponto de vista em que nos achamos, esta bacia constitue o mais importante reservatorio hydrographico do centro da provincia, por isso que n'ella convergem os ramos fluviaes e as lagôas centraes, escoando no mar como unica via de communicação.

§ 2.

Commercialmente a cidade do Rio-Grande deve ser, como é considerada, o interposto geral, sendo o ponto no no qual convergem tanto o commercio exterior como o interior.

Muitos melhoramentos espera a provincia, entre elles a abertura do canal ou barra do São-Gonçalo e do canal da Sarangonha ; creio porém, que estes trabalhos requerem maiores esforços que os que têm sido tentados, tanto em capitaes como em estudos technicos. Mesmo assim o Rio-Grande não perderá a sua importancia.

A cidade do Rio-Grande acha-se situada a 32° de latitude meridional sobre a margem septentrional da peninsula formada pelo saco da Mangueira e o canal da ilha dos Marinheiros.

O terreno da cidade é plano ; uma ou outra rua tem o nivel mais alto, por terem edificado as casas sobre os cumoros sem procurarem o nivelamento.

A parte mais importante da cidade é o seu litoral, em linha quasi recta, de léste a oéste. Duas linhas de embarcações correm na mesma direcção, deixando entre si um canal de poucas braças de largura, por onde transitam as embarcações, que demandam o ancoradouro. As casas que margeiam o litoral, como são quasi todas de sobrado de um e dous andares, algumas elegantes com

graciosos mirantes, dão agradavel aspecto ao panorama visto do mar.

Seguem-se porém algumas ruas parallelas e outras transversaes, que não valem a primeira. Ha apenas algumas praças e casas particulares de apparencia regular.

Possue a cidade uma alfandega e um excellente cáes para o serviço da mesma. Tem mais uma praça do commercio, onde funcciona igualmente o correio, casa da camara, mercado,—e o que chama mais a attenção,—um enorme edificio, hospital de caridade que poderia ser menor e ter mais accommodações; verdade é, que só acha-se terminada e occupada a ala direita.

Duas praças, das muitas que a cidade possue, acham-se ajardinadas, sendo a que é fronteira á camara municipal e o edificio da associação commercial a praça, onde reune-se a população, formando um passeio publico. E' notavel a concurrencia d'este passeio, não encontrando-se nas mais cidades da provincia igual passatempo, não por não haver praças, mas por não serem concorridas.

Uma trinxeira de tijolos e cal termina ao oeste da cidade, tendo além d'ella os cemiterios e o matadouro publico.

Algumas xacaras acompanham o litoral do saco da Mangueira; as dunas porém não lhes permittem fazer um plantio aturado, por as invadirem com qualquer vento que faça. Estas areias occupam todo o centro da peninsula, assim como o centro da ilha dos Marinheiros, elevando-se algumas d'ellas até mais de 40 a 50 pés de altura. Verdade é, que formam por sua filtração um precioso reservatorio das aguas pluviaes, visto serem os bancos, onde acham-se assentes as povoações, desprovidas de fontes naturaes.

Trabalho importante está em via de construcção para canalisar e conduzir as aguas recolhidas entre essas dunas para abastecer a cidade e as embarcações.

E' fóra de duvida, que a cidade do Rio-Grande virá a ser uma das mais importantes das do sul da America, quando um caminho de ferro a ligar com a fronteira da provincia, explorando ao mesmo tempo a riquissima mina

de carvão de pedra do Candiota, e desenvolvendo os melhoramentos que espera.

Descentralise-se o imperio, e a provincia do Rio-Grande do Sul será uma das perolas mais bellas do seu diadema.

A leste do Rio-Grande, como já disse, acha-se a villa hoje decadente de São-José do Norte, outr'ora limite das possessões portuguezas; a villa devia possuir além dos fortes que a guarneciam alguns edificios regulares; as arêas porém têm invadido a povoação, e, a muito custo, têm escapado do aterro geral algumas casas mais ou menos habitaveis.

Tres ou quatro ruas, que desembocam no mar, são tiradas a cordel, outras transversaes são estreitas e tortuosas.

A não ser a igreja matriz retocada novamente nada se encontra de recommendavel. O litoral, que margeia um profundo canal, era o ancoradouro mais apropriado para a alta navegação.

A grande correnteza, que nas vasantes se experimenta, junto ao desabrigo e pouca segurança do fundo, quando o pampeiro e vento do sul caem com força, tornam este porto bastante perigoso; o que fez transferir para o Rio-Grande o ancoradouro, que primitivamente achava-se no norte.

O isthmo ou lingua de terra, onde acha-se situada a villa de São-José do Norte, abrange quasi 2 gráos de latitude, separando do mar as aguas da bacia do Rio-Grande e da lagoa dos Patos. Este isthmo ainda hoje demonstra ter sido um banco igual ao que acompanha o litoral, deixando entre si alguns sangradouros, que formaram os lagos, que se encontram em toda a extensão. Como já disse, não tardará a formar-se outra zona igual e subsequente até que as correntezas do norte ou do sul tenham nivelado a linha recta, que corta o meridiano do cabo Santa-Martha até o de Santa-Maria.

O terreno do isthmo é todo baixo e alagadiço, costeado, pelo lado do mar até certa altura, pelos comoros de areia. O lado occidental é menos arido, devido ao declive

da filtração das aguas e por isso tem uma vegetação, em alguns logares bem regular.

Percorrendo a costa occidental encontra-se a 18 leguas da villa do Norte a freguezia do Estreito, fronteiro á ilha da Sarangonha, em um saco ou enseada que forma a bacia do Rio-Grande. O logar é decadente pela aridez dos arredores, bem que os agricultores d'essa vizinhança façam com proveito o cultivo da cebolla e de diversas frutas, primando as melancias e melões, que são lindissimos. No commercio das cebollas e d'estas frutas, assim como dos camarões dessecados, encontra a villa do Norte os meios de permuta.

O governo da provincia tenciona mudar a povoação do Estreito para Bujurú, 6 leguas mais ao norte sobre a mesma costa, em uma enseada da lagoa dos Patos.

D'esse logar, menos arido, a navegação fluvial poderá conduzir os generos ao Rio-Grande, sendo os do Estreito transportados por terra á villa do Norte.

O isthmo principia a alargar-se mais, entrando já na região dos lagos, que, junto aos banhados e pequenos canaes, occupam quasi todo o territorio, que se estende para o norte.

Algumas enseadas mais formam pela costa da lagôa portos, que para o futuro poderão servir á navegação interna.

Continuando ao norte encontra-se a freguezia de Mostardas, povoação mais importante que as duas primeiras.

Esse ponto tornou-se conhecido por diversas pequenas industrias, que os primeiros casaes de ilhéos vindos á provincia souberam utilisar. Entre estas industrias a que tinha mais nome era a dos tecidos grossos de lan e de algodão, cobertores, chergas e outros artigos de consumo geral. Mostardas dizem achar-se a 40 leguas do Norte bem metade da lagôa dos Patos.

Seis milhas mais ao norte, sobre a mesma costa occidental do isthmo, encontra-se a enseada e ponta de São-Simão, logar onde nasceu Menotti Garibaldi.

O isthmo continúa a alargar-se até o golfo ou saco do Capivarí, bacia que recebe o tributo dos rios Palmares

e Capivarí, desaguadouros das lagôas centraes e unicos affluentes importantes da costa oriental da lagôa dos Patos.

§ 3.

Pertencendo a descripção d'essa região aos importantes trabalhos hidrographicos do intelligente Francez Pompeu Demoly, mais adiante hei de transcrever os seus apontamentos, unicos e minuciosamente exactos embora publicados com o nome de outros.

Em 30° de latitude, sobre a costa oriental, encontra-se a fóz do Tramandahi, rio que nasce na serra geral e que recebe a superabundancia das aguas das lagôas vizinhas. A bacia d'esse rio, assim como o lago que está junto á fóz, foram saudados por Garibaldi por occasião de o passar com os lanchões da republica rio-grandense, encontrando-lhe então 4 a 5 palmos de fundo, na baixa-mar; o que difficulta o ingresso.

Seguindo-se ao norte, sobre a mesma costa encontra-se a 29° 30' de latitude o rio Mampituba com igual origem que o Tramandahi. E' porém esse rio de mais importancia que este ultimo, por ser mais navegavel e ser a via de communicação do commercio dos industriosos municipios de Santo-Antonio e Conceição com os portos da Laguna e Santa-Catharina.

Junto ao Mampituba encontra-se as Torres, lugar assim chamado por ter tres monticulos que tornam-se os unicos pontos salientes de toda a costa da provincia. Existe o projecto de formar n'esse ponto um porto artificial para abrigo da navegação costeira; mas adiante transcreverei as razões contrarias a essa construcção.

O Mampituba é a divisa judiciaria da provincia do Rio-Grande com a de Santa-Catharina. Esta divisão seguindo a mesma latitude sobe a serra, onde encontra-se com as cabeceiras do rio Uruguay, que lhe servem de divisa continua até a fóz do Quarahim.

O territorio ao oeste do Rio-Grande, bem que de igual formação que o do isthmo, demonstra ter sido formado em epocas mais remotas.

O promontorio do Rio-Grande liga-se a uma bahia, que, entre o saco da Mangueira e a enseada das ilhas septentrionaes, remonta ao norte até terminar no canal de São-Gonçalo. Esta enseada parece ter sido primitivamente mais profunda, abrangendo toda a zona occupada ainda hoje pela lagôa Mirim, separada do mar pelo Albardão, que se prolonga ao sul até a fralda da pequena cadeia de São-Miguel no Estado Oriental.

Esse golfo, que, a pouco e pouco, estreitou-se com o levantamento das terras meridionaes, foi fechando em um lago as aguas, que as correntezas maritimas e as fluviaes antes occupavam.

A lagôa Mirim contam ter 84 milhas de comprimento, e 24 de largura maxima, tendo diversos pontos nos quaes estreita-se além dos bancos que possue. Esses tendem a elevar-se com os depositos sedimentares, que os affluentes da lagôa trazem continuamente além da evaporação e absorpção das aguas, talvez a metade do volume, que as vertentes lhe trazem.

A região ao sul da lagôa é baixa e alagadiça na parte septentrional, e eleva-se um pouco no centro, onde encontram-se outras pequenas lagôas, abaixando novamente na costa do mar, acompanhado por dunas, que se prolongam pelo Albardão, que forma para o S.O.

Entre as lagôas do Albardão contam-se a do Caiubá e das Flôres, as quaes communicam e desaguam pelo arroio Baeta na lagôa Mirim; as da Embira e Silveira igualmente ligadas e desaguando do mesmo lado pelo arroio d'El-rei; a grande lagoa da Mangueira que derrama a superabundancia de suas aguas nos banhados adjacentes, as quaes alimentam os arroios Baeta, d'El-rei e Chuy.

Como disse, o arroio Chuy é a divisa politica do immenso imperio do Brazil com a republica de Montevidéo, pela costa do Atlantico.

Essa linha divisoria remonta ao norte e segue quasi junto á foz do São-Miguel, costeia a margem occidental da lagoa Mirim, percorre a margem esquerda do Jaguarão; subindo a Coxilha-grande em grande extensão, desce pelas vertentes do Quarahim, o qual segue até sua fóz

no Uruguay, servindo este ultimo de limite com as provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes.

Parece irrisorio, que tão vasto imperio tenha por divisa com as republicas platinas uma delimitação tão precaria e indefesa.

Não é porém a que lhe tinham conquistado os primeiros descobridores portuguezes.

§ 4.

Apoz o descobrimento de Cabral o governo de Portugal mandou tomar posse da terra de Vera-Cruz, explorando em seguida suas costas. A primeira exploração teve logar um anno depois do feliz descobrimento em 17 de Agosto de 1501, expedição que conduzia o celebre Americo Vespucio. Embora o visconde de Santarem e autores espanhóes e americanos contestem o ter essa expedição baixado até o rio da Prata chamado n'essa época Paranaguassú, são sufficientes testimunhos o roteiro da mesma expedição e a carta de Americo Vespucio, publicada em latim e que se acha em Florença.

Succederam a essa exploração uma segunda em 1503 dirigida por Christovão Jacques; outras em 1506 por Vasco Gallego Carvalho e João Lisbôa, o primeiro subindo o Rio da Prata e o segundo costeando as terras ao sul do cabo Santa-Maria, chegando até a embocadura do Uruguay.

Negam porém os Espanhóes a prioridade das descobrimentos dos Portuguezes, attribuindo a João Dias Solis.

Além da citada carta de Americo Vespucio diversas relações foram publicadas na Europa antes da viagem de Dias Solis, n'essa época encarregado da exploração ou descobrimentos do Iucatan. Foi em 8 de Outubro de 1515, que este ultimo tocou na bahia do Rio de Janeiro, dirigindo-se apoz esse reconhecimento ao sul das terras já reconhecidas do dominio portuguez. Tão infeliz foi porém, que afoutamente confiando-se nas amistosas attenções dos indigenas foi por elles morto com diversos companheiros.

« Constando a el-rei D. Manoel esta viagem aos seos dominios, pedio satisfação á corôa de Espanha por haverem entrado embarcações castelhanas na bahia de Niterohy e no Rio da Prata. Respondeu-se-lhe: que João Dias Solis fôra morto n'aquelle rio e que para o futuro se evitariam similhantes attentados. »

Máo grado os protestos seguiram-se outras explorações pelos Espanhóes; a de Fernando de Magalhães em 11 de Janeiro de 1519 e a de Diogo Garcia e Sebastião Caboto em 1527, subindo este ultimo o Paraná até o ponto em que se acha a cidade de Assumpção.

Os Espanhóes allegaram para isto os direitos, que lhes conferiam as bullas pontificias, e o tratado de Tordesilhas, naturalmente propensas a proteger ao mais maleavel e generoso dos contendores.

Seguio-se o acôrdo de Saragoça em 22 de Abril de 1529, no qual foram combinados os limites das possessões americanas entre as corôas de Espanha e Portugal.

Para este effeito Martim Affonso de Souza, esse mesmo que alguns autores dão como naufragado na costa do Chuy, teve ordem de levantar marcos divisorios pela costa meridional, collocando o ultimo na ilha dos Lobos na entrada da bacia do Prata (1531); regressando em seguida, fundou a primeira villa que houve no Brazil, denominando-a de São-Vicente.

Segundo o tratado de Saragoça comprehendia-se como limite o territorio oriental da bahia do Prata, subindo pelo curso do Uruguay.

A Espanha podia apossar-se do territorio meridional—subir o Paraná até suas cabeceiras.

Com estas instrucções armou D. Pedro de Mendonça uma expedição em 1534 e fundou em 2 de Fevereiro de 1555 a primitiva povoação de Santa Maria de Buenos-Aires.

Os governadores, que lhe succederam, respeitaram igualmente o territorio opposto como possessão portugueza. Um ou outro reconhecimento foi tentado por vezes, mas isso era mais para explorarem que por desejo de conquista.

Menos escrupulosos foram porém os missionarios, que acompanharam os primeiros governadores.

Com o pretexto de catechisarem á fé catholica os infelizes indios, esses hypocritas foram internando-se no sertão.

Planeando desde logo o formarem um vasto reino, cujo dominio lhes pertencesse, foram em busca de um ponto, onde lhes fosse possivel realizal-o. Para isso escolheram o alto Paraná, que suppunham ser bastante distante das terras occupadas pelos Espanhóes e bem povoado de tribus pacificas. Fazendo mostra de manter a independencia dos indios e o direito e propriedade territorial do qual eram originarios, souberão chamar a si esses miseros incautos, tão soffredores nas privações como credulos pela superstição. Subsidiaram-nos igualmente os Espanhóes, julgando-os empenhados no engrandecimento do paiz e trabalhando em proveito d'elles.

Pertencendo porém essa região á corôa portugueza pela possessão, que d'ella tinham tomado os Paulistas, estes não quizeram consentir na usurpação, e moveram guerra continua á ambiciosa occupação dos padres. Acossados por estes valorosos sertanejos, os jesuitas resolveram abandonar Guayra e descer o Paraná, vindo estabelecer-se nas margens do Uruguay.

Era-lhes necessario uma communicação mais facil que a de terra com as povoações espanholas das margens do Paraná, e para isso mandaram explorar o rio, sobre o qual tencionavam dominar. Numerosas tribus indigenas encontraram-se na margem d'elle, preciosos braços que elles necessitavam chamar a si, não só para os fazer trabalhar, como tambem para se fazerem defender, quando fossem atacados.

Por insinuação d'elles apresentaram-se alguns caciques das tribus do baixo Uruguay ao governador de Buenos-Aires D. Francisco Cespedes, pedindo-lhe que lhes enviasse alguns padres para ensinar-lhes a verdadeira fé. Annuio esse governador ao pedido, fazendo seguir tres religiosos ao territorio oriental, donde deviam remontar o curso do Uruguay.

O exemplo estava dado, podiam outros imital-o ; o que aconteceu.

Não tardaram a passar *a Banda Oriental*, como já se chamava, grande numero de especuladores ; uns para carnearem os gados, que já se encontravam em quantidade n'estes riquissimos campos, e outros, remontando o Uruguay, iam permutar os seus generos com os productos, que as cathecheses forneciam.

Conhecida a fraude, bem que um pouco tarde, o governo de Portugal mandou levantar na extrema meridional de suas possessões uma colonia militar, a qual fizesse respeitar a propriedade de sua corôa.

Para esse effeito o governador do Rio de Janeiro fez levantar um forte na enseada fronteira á ilha de São-Gabriel, edificando algumas moradas para as familias que tinha trazido a guarnição.

Não podia convir a D. José del Gosso, governador de Buenos-Aires, o estabelecimento da Colonia do Sacramento por cortar-lhe o lucrativo commercio dos couros e carne seca, que se fazia na *Banda Oriental*, e por isso de motu proprio atacou a praça em Agosto do mesmo anno (1680) e conseguio apossar-se d'ella. Sabedor o governo de Portugal, reclamou por seus direitos, e Carlos II mandou promptamente fazer-lhe entrega da dita praça. Atacada novamente em 1704, manteve-se resolutamente durante quasi um anno de apertado sitio.

Os seguintes topicos do conde de Oeiras ao marquez do Lavradio em umas instrucções, que lhe enviara em 14 de Abril de 1769, resumem bem os factos, que se deram.

« E' certo, que ao tempo da acclamação do senhor rei D. João IV se achavam os vassallos d'esta corôa na posse de todas as costas e sertões, que jazem ao sul do Rio de Janeiro, desde as capitanias do mesmo Rio e São-Paulo até á margem septentrional do Rio da Prata, onde no governo do Sr. D. Pedro II se erigio a nova colonia debaixo da invocação do Santissimo Sacramento, da qual fomos desalojados pelos Castelhanos na éra de 1705, e mandados restituir n'esta de 1715 pelos arts. 5 e 6 do tratado de Utrecht.

« E' certo, que os Castelhanos, com a má fé que sempre praticaram comnosco, inspirados pelos jesuitas, que os

tinham debaixo da sua sujeição, em lugar de nos restituirem com a dita praça da colonia todo o seu territorio, que antes possuiamos, nos ficaram usurpando o mesmo territorio, nos ficaram reduzindo ao descripto de um tiro de canhão da referida praça, e nos ficaram fazendo os outros avanços, com que depois edificaram no nosso dominio da dita margem septentrional do Rio da Prata as duas praças de Montevidéo e Maldonado, nas quaes se estão sustentando nulla e violentamente, apezar das garantias do dito tratado de Utrecht.

« E' certo, que ao mesmo tempo fôram os referidos Castelhanos (ou os jesuitas, que eram os que então obravam o effeito na realidade) avançando colonias de indios e estancias por todo interior do sertão da capitania de São-Paulo, com o claro projecto de se avançarem até as nossas Minas-Geraes, e de nos acharmos com elles de portas a dentro, quando menos talvez o esperassemos. *

.... E' certo, que os mesmos Castelhanos e jesuitas, seus socios (ou sobre elles dominantes), fingindo ignorar que a dita paz (1763) se achava concluida, foram invadir o Rio-Grande de São-Pedro e seu territorio, que perfidamente occuparam e estam occupando até o dia de hoje.

Recommenda em seguida o maior esforço pelo —interesse que esta corôa tem na resistencia aos Castelhanos, e na expugnação d'elles (quanto possivel fôr) dos portos e sertões meridionaes, ou do sul do estado do Brazil.

Apezar da seguinte recommendação:—«que Sua Magestade estima muito mais a perda de uma só legua de terreno na parte meridional da America portugueza, que 50 leguas de sertão descobertas no interior d'ella;» o mesmo governo praticou o gravissimo erro de mandar as seguintes instrucções em data de 9 de Maio de 1775, assignadas pelo mesmo conde de Oeiras, então já celebre marquez de Pombal:

« A referida idéa de manutenção e conservação se não póde, nem deve estender á praça de Colonia. Antes

* Seguem-se as citações dos diversos tratados que por vezes devolveram a colonia atacada por muitas vezes. Tratado de 1750, de 1761 e o da paz de 1763 (pag. 302).

pelo contrario conhecendo Sua Magestade, que é chimerica e impossivel a idéa de conservarmos forças navaes no Rio da Prata, e mantermos a dita praça de Colonia n'aquella distancia, quando n'elle e no territorio d'ella têm hoje os ditos Castelhanos o centro de união de todas as suas forças; e quando pelo contrario se acha ali a maior debilidade das nossas forças do Brazil; quer o dito Senhor, que V. Ex. com estas justas causas faça logo executar o que lhe vou agora referir.

« Por uma parte mandará V. Ex. retirar immedia tamente quaesquer náos ou fragatas, que se achem no sobredito rio, antes de serem n'elle sorprehendidas e aprezadas pela *faustosa* expedição castelhana que ou tem partido ou está para partir de Cadiz: e pela outra parte faça V. Ex. transportar a essa cidade o regimento de guarnição d'aquella praça; tomando para isso o pretexto de que se vai disciplinar, e recrutar no Rio de Janeiro, donde se espera ali a toda a hora outro regimento mais completo e bem disciplinado; e fazendo transpirar e crêr ao mesmo tempo, que com o motivo do mesmo transporte é que saem do Rio da Prata as embarcações de guerra portuguezas, que n'elle estiverem. »

Essas instrucções eram o resultado de um plano adoptado com o fim de fortificar não só a margem esquerda do Rio-Grande e do Rio-Pardo até onde tinham invadido os Castelhanos, como a ilha de Santa-Catharina, que elles cubiçaram, e para cuja conquista estavam apparelhando uma apparatosa expedição.

Apezar d'esses reforços a ilha de Santa-Catharina foi tomada pelos Espanhóes em Fevereiro de 1777, atacada a Colonia do Sacramento, foi vencida e arrasada a 4 de Junho do mesmo anno, e teriam dominado todo esse territorio, si o tratado de Santo-Ildefonso, assignado em o 1° de Outubro d'esse mesmo anno, não tivesse estipulado a evacuação da ilha de Santa-Catharina e a delimitação nos pontos, onde se achassem as forças na provincia do Rio-Grande do Sul.

Mais felizes foram as armas portuguezas n'essa ultima provincia, na qual foram derrotados os Espanhóes, recuando para Santa-Tecla as suas forças.

Pelo tratado de 1777 os marcos divisorios deveriam ser collocados pelos Espanhóes sobre a margem direita do Chuy e pelos Portuguezes em Tahim, deixando o espaço que entre elles medeia, comprehendido como terreno neutral.

Novas guerras e novos tratados se succederam, entre elles o de Arnisaut em 23 de Março de 1802. (*)

Ainda assim quem se queixa são os Orientaes, dando-se como victimas da usurpação territorial; e como diz um de seus historiadores: « Ainda que só fôsse esse o unico motivo da animosidade dos Orientaes, seria por si só sufficiente para alimentar os odios nacionaes. »

§ 5.

Entre os affluentes da lagôa Mirim conta-se o arroio de São-Miguel, que fórma a divisa opposta do Chuy, correndo para o N. Segue-se-lhe o rio São-Luiz, o Sebolati e o Taquari com os mais importantes do lado do Estado-Oriental, sendo o segundo mais volumoso e navegavel que os outros.

Alguns outros arroios desaguam igualmente n'essa costa a superabundancia das aguas das lagôas e banhados, que a margeam. Pelo lado do Brazil o Jaguarão, o Arroio-Grande e o Piratinim são os mais importantes; seguem-se-lhes alguns arroios, que poderão permittir alguma navegação, quando desobstruidos.

As aguas da lagôa e dos affluentes têm seu escoamento na bacia do Rio-Grande pelo canal de São-Gonçalo, situado a 20 milhas da cidade do Rio-Grande, percorrendo 39 milhas de curso desde sua barra até o sangradouro ou entrada da lagôa Mirim. Infelizmente a barra do canal acha-se obstruida por um banco de areia, o qual a pouca velocidade das aguas que se escoam não póde remover, devido tambem á correnteza das aguas que descem da lagôa dos

(*) Passando o Estado-Oriental á republica independente do governo espanhol, por duas vezes incorporam-se ao Brazil, separando-se por fim da Confederação Argentina e demarcando definitivamente os actuaes limites com o imperio.

Patos e o encontro das que reprezam do mar, formando-se por isso um xoque das tres correntezas, as quaes forçosamente depositam n'esse ponto os sedimentos, que trazem em suspensão. Acontece igualmente no sangradouro ou parte opposta do canal a formação de depositos sedimentares pelas aguas, que não podem escoar-se pelo estreito canal.

Entretanto a navegação fluvial utilisa esta via de communicação, deficiente mesmo como se acha, maxime na estação da seca. Da barra de São-Gonçalo até o sangradouro o canal é bastante profundo embora estreito, podendo facilitar uma navegação de maior callado logo que se possa obter a desobstrucção da barra, cujo trabalho até hoje tem sido infructifero, talvez por julgarem sufficiente o simples trabalho de escoação facilmente entulhado ao menor vento ou correnteza.

Da barra ao arroio Pelotas ha 5 milhas de navegação. Este arroio tem algum fundo; suas margens acham-se edificadas algumas xarqueadas, que utilisam o curso do arroio. Entre o Pelotas e o arroio Santa-Barbara acha-se edificada sobre uma collina elevada a cidade de Pelotas, centro dos estabelecimentos e do commercio das carnes e couros das xarqueadas e entreposto do commercio da campanha.

Pelotas é a cidade mais regular da provincia.. Com ruas bem alinhadas, empenhada a população em calçal-a e edificar bonitos predios, com um tramway, que une o porto á cidade distante algumas quadras brevemente possuirá o encanamento do gaz e d'agua.

Seus arrabaldes são agradaveis, maxime para quem vai do Rio-Grande. O espirito da população de caracter puramente nacional é dedicado ao progresso do lugar, sendo d'elle cioso em estremo.

Certa rivalidade existe entre os habitantes da cidade do Rio Grande e os de Pelotas, a qual não tem razão de ser, ligadas como estão ambas pelos interesses mutuos, que, unindo o capital do commercio do Rio Grande ao producto da industria especial de Pelotas, facilita os meios de riqueza e o bem estar dos habitantes das duas cidades.

Remontando o canal encontra-se a confluencia do Piratinin a 15 milhas de Pelotas. Esse rio tem um curso bastante estenso, porém é apenas navegavel umas 18 milhas para embarcações de pouco callado.

Quinze milhas ao oeste da foz do Piratinin encontra-se Santa-Izabel, pequena povoação assentada sobre a costa septentrional do canal de São-Gonçalo. D'essa povoação ao sangradouro da lagôa Mirim ainda ha 3 milhas.

A 30 milhas a oeste do sangradouro encontra-se a confluencia do rio Jaguarão, navegavel umas 15 milhas até o passo do Ricardo, encontrando-se a cidade de Jaguarão a poucas milhas de sua foz fronteira á villa de Artigas, povoação do Estado Oriental.

O canal de São-Gonçalo facilita ao todo 190 a 200 milhas de navegação contada da cidade do Rio-Grande, não contando os arrois septentrionaes e os rios occidentaes. Estes affluentes da lagôa Mirim tem suas nascentes, as do Estado Oriental nas vertentes da Coxilha-Grande e os septentrionaes na vertente meridional da Serra dos Tapes.

A Coxilha-Grande é uma cadeia de collinas elevadas, que corta os parallelos do 54° e 55°, contando as curvas de norte a sul. Por alguns este sisthema é tido como prolongação meridional da serra geral, a qual depois de correr ao oeste até o parallelo do 54° corta bruscamente para o sul para entrar na republica vizinha e percorrer o litoral d'ella até sua terminação.

Creio essa hypothese errada pelos seguintes motivos: A Coxilha-Grande corta na direcção de norte a sul a propria serra geral, mantendo sempre a mesma formação e altitude mesmo sobre a chapada que a serra supporta, emquanto que esta, já mais baixa que a parte que acompanha a costa do Brazil, segue para oéste, baixando sempre e terminando em uns penhascos uns 56° 11' de longitude no municipio de São-Francisco de Assis.

A supposição apenas póde basear-se em que tanto a serra como o planalto parecem abaixar mais sensivelmente depois de serem cortados pela Coxilha-Grande; isso porém dá-se igualmente com os terrenos, que ficam a leste e

oéste da mesma coxilha, os quaes em ondulações decrescentes vão terminar em planicies alagadiças tanto as margens do Uruguay como das da lagôa dos Patos e Mirim.

Apenas entre o 30° 30' e 31° 20' de latitude meridional partem duas ramificações da Coxilha-Grande, seguindo a direcção de léste e suéste, terminando a segunda entre a confluencia do rio Jacuhi e a baca do Guahiba.

Estes dous ramos denominados serra dos Tapes e serra do Herval são os supportes dos terrenos elevados, que formam essa região inclinando-se em depressão até terminar nas margens da lagôa dos Patos.

Todo esse sisthema parece ser de formação mais moderna que a da serra geral, tanto por sua direcção como por sua textura geologica, parecendo ser mesmo elevado ao nivel actual por um levantamento progressivo, mais lento que o que deu origem ao sisthema geral do Brazil; ou então é uma ramificação meridional de outra cadeia central, que veio terminar em um ramo depremido e de formação sedimentaria com base de rocha terciaria.

Corre entre os terrenos elevados dos dous ramos orientaes da Coxilha-Grande o rio Camaquan, o mais importante affluente da lagôa dos Patos, depois de receber grande numero de pequenas arterias, as quaes fertilisam toda a zona, que percorrem.

N'ella se encontram algumas cidades e villas de alguma importancia, taes como Sant'Anna, Bagé, Piratinin, Cangussú e outras povoações que são o centro do commercio, que abastece os habitantes d'essa região, permutando os productos pastoris e agricolas que produzem.

A cidade de Bagé, e villa de Sant'Anna do Livramento limitrofes com o Estado Oriental têm com elle uma communicação continua tornando-se com isto mais importantes. Ainda está reservado á cidade de Bagé um futuro mais florido por achar-se a pouca distancia das minas carboniferas do Candiota, affluente do Jaguarão, as quaes não tardarão a ser exploradas.

Do que é defficiente essa região, como quasi toda a provincia do Rio-Grande, é de estradas em bôas condições, não se podendo considerar as que existem nem soffriveis, maxime na estação invernosa.

Realize o governo do Brazil quanto antes a construcção da rede de caminhos de ferro, que decretou, e verá, que não só o progresso e o bem estar da provincia do Rio-Grande do Sul se desenvolverão, como garantirá a segurança politica da mais generosa das provincias do imperio.

Da barra do São-Gonçalo ao ponto denominado estreito, na entrada da lagôa dos Patos, dizem haver 22 milhas. O canal de escoamento, que desce da lagôa, corre de sul a oeste, formando uma grande volta por onde navegam as embarcações de todos os callados. Esta volta costeia a parte meridional do banco da Feitoria, o qual liga-se á ilha e canal do Cangussú.

E' bastante progressivo o augmento dos baixios n'essa parte da bacia. Sendo quasi nullo o declive em direcção da barra do Rio-Grande, as aguas do mar entram a banhar toda essa zona, e qualquer repreza as eleva até a altura do meio tanto da lagôa dos Patos, como da lagôa Mirim.

Essa repreza occasiona o alargamento da superficie aquosa, a qual interceptando ou oppondo-se ao rapido escoamento, este deposita os sedimentos trazidos pela correnteza dos innumeros rios, que desaguam nas lagôas, formando d'essa maneira numerosos baixios, que não tardam a tornar-se extensos bancos para mais tarde formarem terras baixas e alagadiças.

Como é sabido, existia um canal navegavel na costa oriental da bacia do Rio-Grande, seguindo entre o canal da Sarangonha até seu escoamento no mar. Essa direcção porém hoje acha-se obstruida, e póde-se quasi garantir não estar muito longe a epoca, na qual a bacia tornar-se-á como o canal de São-Gonçalo, fechando a parte meridional da lagôa dos Patos.

O canal de Cangussú, primitivamente muito mais fundo, hoje apenas tem de 4 1/2 a 8 pés. O canal do Estreito não tem mais de 12 pés, segundo os ventos, elevando-se a mais quando ha repreza. A entrada opposta da lagôa ou de Itapuan chega a ter 20 e mais pés. A parte oriental da lagôa dos Patos, que conta 108 milhas de comprimento, fórma diversos seios, que augmentam a largura, contando-se 42 milhas entre a barra do

Camaquan e o Saco de Christovão Pereira. Em compensação, a parte occidental é obstruida por grandes bancos, os quaes deixam entre si alguns sacos mais ou menos profundos. Estes bancos são: o da Feitoria, que já citei, em 31/°50' fronteiro ao Estreito, o banco do Quilombo antes de chegar ao Camaquan, o do Victoriano em frente ao saco do Bojurú, o de Santa-Maria fronteando Christovão Pereira, mais acima o dos Desertores e o de Barba-Negra na entrada de Itapuan. Na costa oriental ha tambem o banco de São-Simão, e o de Capivari na entrada do saco, onde desagua o rio do mesmo nome.

Esses bancos são assás conhecidos dos que navegam na lagôa, havendo numerosos faroes que indicam de noite a sua approximação.

Os affluentes da lagôa, na costa occidental, são: o arroio da Contagem, desaguando no canal de Cangussú, o arroio Correntes, Arroio-Grande e o São-Lourenço, o Canôas e outros insignificantes. Segue-se o rio Camaquan com 150 milhas de curso, porém pouco navegavel. Mais ao norte o Jacaré, o Guaraxaim, o Velhaco e o Passo-Grande; este ultimo desagua em um seio formado por um pequeno banco e a ilha dos Tapes, a qual podia ser utilisada como excellente porto proprio para uma colonia.

Todos estes affluentes são de pouco volume d'agua na estação da seca; tornam-se porém torrenciaes quando cheios por descerem dos altos terrenos dessa região.

De todas estas arterias é o São-Lourenço e o Camaquan os que têm alguma navegação. O primeiro percorre os terrenos, onde acha-se a colonia alleman de São-Lourenço, de propriedade particular.

O segundo põe em communicação diversas povoações, por onde passa e conduz os productos, que elles enviam a Porto-Alegre ou Rio-Grande.

O autor do Diccionario da provincia do Rio-Grande do Sul diz, que o Camaquan fórma um delta de 3 braças: a Barra-Falsa ao sul, a Barra-Funda ao centro e a Barra-Grande ao norte, dividindo oito ilhas de maior a menor diametro.

Junto á margem esquerda da Barra-Grande encontra-se a estancia do Brejo, onde Garibaldi praticou o acto

de heroismo por elle referido em suas Memorias. Em appendice ao presente capitulo transcreverei os documentos*, que encontrei sobre o estado do illustre general na provincia do Rio-Grande do Sul.

Como affluentes orientaes da lagôa são apenas dignos de menção o Palmares e o Capivari, desaguando no saco do mesmo nome.

§. 6.

Consigno aqui, como prometti, os estudos do fallecido C. Pompêo Demoly, sentindo não possuir outros trabalhos, que esse infatigavel obreiro conseguio realisar. E' sensivel, que tanta dedicação não fôsse premiada, maxime sabendo-se que por esses trabalhos abandonou Pompeo Demoly seus interesses, vindo occasionar a penuria na qual ficou sua familia.

A' illustre Sociedade de Geographia de Pariz toca adquirir os preciosos estudos de seu benemerito compatriota, gratificando sua familia com um justo premio.

A região especialmente estudada por Pompeo Demoly é a que comprehende-se entre a lagôa da Porteira até a foz do Mampituba, bem que por elle fôram igualmente exploradas as que se estendem até além da Laguna. As que pertencem á provincia do Rio-Grande do Sul acham-se situadas nos dous municipios de Santo-Antonio e Conceição do Arroio.

A grande idéa de Pompeo Demoly era a demonstração da facilidade, que haveria em pôr em directa communicação o Mampituba e o Tramandahi com a lagôa dos Patos. Essa communicação seria tanto mais facil por isso que as lagôas communicam entre si pelos canaes naturaes, que as ligam, os quaes tornar-se-iam navegaveis com pouco trabalho.

---

* Não vieram taes documentos.

N. DA R.

Rios, arroios, lagôas, sangradouros e banhados explorados de 1856 a 1858 no municipio da Conceição do Arroio na provincia do Rio-Grande do Sul.

Rios

Capivari ..... 1.160 navegaveis actualmente.	16.594	braças	de extensão,
Palmar..... 2.000 navegaveis actualmente.	6.787	»	de »
Tramandahi	15.752	»	navegaveis.
Maquiné..... navegaveis.	4.900	»	exploradas e
Tres-Forquilhas..... navegaveis.	3.854	»	» e
Mampituba..... vegavel e total tendo apenas dous lagedos que a interrompem.	10.560	»	extensão na-
Monteiro, sangradouro da lagôa do Forno..... navegavel.	5.380	»	» total
Verde..... pouco navegavel.	4.300	»	explorado,

Arroios

Das Areias, afluente do Tres-Forquilhas..... gavel	1.526	»	» nave-
Das Larangeiras..... gavel.	1.073	»	» nave-
Cardoso ..... gavel.	2.640	»	» nave-
Chimarrão ..... gavel.	569	»	» nave-

Arroios			
Das Pacas..... interior e obstruido na extensão de 300 braças entre o desaguadouro da lagôa do Forno.	2.450	braças	explorado no
Da Cachoeira dos negros.	2.500	»	» e obstruido igualmente.
Do Forno..... apenas 1,500 navegaveis.	2.100	»	» tendo
Do Pinheiro, affluente das Pacas ..... incompleta, não navegavel.	2.500	»	exploração
Sangradouros			
Firmiano..... navegavel.	1.665	»	extensão total
Dos Quadros..... toda a extensão.	3.300	»	navegavel em
Da lagôa de Itapéva ..... toda a extensão.	6.790	»	» »

Total 95.240 braças de curso fluvial susceptiveis de serem melhoradas e utilisadas na navegação interna, comprehendidas unicamente no municipio da Conceição do Arroio, e ligando por uma bem dirigida canalisação á lagôa dos Patos com o rio Mampituba.

Lagôas	Braças de perimetro
Do Sangão.....	420
Da Saragem.....	1.370
Da Porteira	8.170
Do Rincão das Egoas	6.400
Do Meio.....	3.790
Da Cerquinha	8.682
Da Cidreira.....	10.265
Da Fortaleza	10.025

	Entre ambas de perimetro
De Mauricio e Chagas	3.350
De Manoel Nunes	4.940
De Dona Antonia	6.560
	Entre ellas de perimetro
Da Prainha	2.950
Do Fermiano	7.600

Essas 15 lagôas escoando todas ellas durante o inverno no oceano pela barra do Tramandahi, occupam, com os banhados limitrofes um espaço ou superficie do terreno acima talvez, de 40 milhões.

Lagôas	Braças de perimetro
Armazem	4.600
Tramandahi	9.200

Estas duas em communicação constante com o oceano, sujeitas á influencias das marés de fóra, occupam juntas uma superficie de tres milhões de braças quadradas pelo menos e não podem em caso algum diminuir de extensão.

Lagôas	Braças de perimetro
Ilha	1.300
Potreiro-grande	2.070
João Gomes	5.560
Pombas	2.850
Passo	5.350
Malvas	5.880
Palmitos	5.480
Pinguella	12.440
Negra	480
Quadros	19.440
Estiva	2.100
Bôa-Vista	1.000

Lagôas	Braças de perimetro
Itapéva	38.000
Forno	4.500
Jacaré	4.300

Estas outras quinze lagôas das quaes a somma total da superficie deve bem elevar-se a 64 milhões de braças quadradas, podem, ainda que diminuindo em superficie, concorrer para a alimentação do canal, que do Mampituba ao Palmar passasse pelo Tramandahi e o banhado Peixoto.

Lagôas	Braças de perimetro
Cadeia	4.450
Rincão	1.500
Sul	1.300
Oliveira	1.850
Passo-fundo	2.000
Ignacio Xavier	1.500
Barros	18.100
João Pedro	3.000
Banhado	790
Pesqueiro	2.650
Indios	4.500
Marcellino	1.150
Peixoto	3.950
Caconde	4.000
Trahira	2.200
Lessen	500
Seta	5.500
Caieira	3.000

Emfim estas 18 ultimas, as quaes conjuntamente occupam uma superficie de 28 milhões de braças quadradas, devem, em razão de sua situação mais elevada, ser escoadas, sinão em totalidade, ao menos em grande parte no canal que formar-se para a navegação, servindo-lhe de reservatorio natural.

Em seguida tem os principaes banhados do mesmo municipio da Conceição do Arroio ; taes são :

Banhado	Braça quadrada
Machado, occupando uma superficie approximativa de	8.000.000
Bernardo Pinto, occupando uma superficie approximativa de	2.000.000
Peixoto, occupando uma superficie approximativa de	8.200.000
Fructuoso, cuja superficie approximativa deve ser de	1.600.000
Tramandahi, cuja superficie approximativa deve ser de	7.500.000
Marques, cuja snperficie approximativa deve ser de	4.200.000
Quadros, cuja superficie approximativa deve ser de	5.600.000
Pacas e da lagôa do Forno, cuja superficie approximativa deve ser, ambos, de	9.000.000

Total 46.100.000 braças quadradas constantemente em estado inutil e de exhalação nociva, que esta mesma canalisação converteria em terras productivas.

Assim, não precisamente em toda a comarca de Santo-Antonio da Patrulha, mas sim no proprio municipio da Conceição do Arroio cortados por 95.000 braças de curso fluvial, mais ou menos, susceptivel de melhoramento navegavel, actualmente dispendioso, lento e difficil; existindo uma totalidade superficial de terreno, elevando-se a mais de 80 milhões de braças quadradas, occupado por aguas nocivas e embaraçantes, que uma canalisação reconhecidamente facil póde restringir mais de um terço, destruindo por este modo as causas que tornam insalubre uma parte do paiz, promovendo-se pelo meio da canalisação o mais desenvolvido progresso agricola.

Esta parte dos beneficios pertence, é verdade, exclusivamente á provincia do Rio-Grande do Sul ; mas póde igualmente estender-se sobre o litoral que liga-se com o da provincia de Santa-Catharina, canalisando-se como na do

Rio-Grande as innumeras lagôas que se estendem entre o Mampituba e a Laguna, constituindo-se assim essa grande navegação interna, idéa do general Jeronimo, cujas consequencias são certamente mais favoraveis aos interesses geraes das duas provincias, ligadas entre si, que o commettimento incalculavelmente dispendioso de um porto artificial sobre a costa inhabitavel das Torres.

Sem duvida que sobre muitos pontos de uma e outra d'essas duas materias, a minha competencia, não é sem appellação; mas si de um lado sou o unico, que possa conscienciosamente conhecer um territorio, que nenhum outro tem até hoje minuciosamente estudado, posso igualmente responder áquelles que parecem apressar a limpeza do porto das Torres, que menos do que eu ponderavam os obstaculos, que ella presenta.

Tornei-me grande partidario da canalisação, que permitisse a navegação interna entre a Laguna e a lagôa dos Patos, por isso que as facilidades economicas de sua execução, assim como suas uteis consequencias foram-me igualmente demonstradas; no entanto sou contrario tanto ao projecto do porto das Torres, como tambem ás pretenciosas facilidades de uma estrada de ferro, atravessando grande parte, assás consideravel, do territorio cortado por numerosos tremedaes, rios, banhados, lagôas e areias movediças.

Existem no maximo 12 ou 14 legoas de terreno, que seria necessario perfurar, entre a lagôa dos Patos e a Laguna, e n'essa pequena extensão ha apenas uma legoa que apresenta uma elevação approximada de 60 palmos sobre o nivel do mar, exigindo o resto um pequeno trabalho de escavação em uma profundidade igual de 10 a 15 palmos. Parece-me não haver nada de mais favoravel; que mais deseja-se?

Depois de ter recebido minha demissão em Março de 1860, o Sr. conselheiro Joaquim Antão, julgou dever ignorar a conclusão da exploração das lagôas do municipio da Conceição do Arroio, ordenando a sua continuação e commissionando para esse fim um Sr. 1° tenente da marinha imperial; este, munido de meus relatorios, cingio-se a reproduzir alguns escriptos, em um dos quaes

(o qual li) póde-se reparar, que, si soube copiar as cifras de distancia que não percorreu, exagerou certamente as de profundidade, que igualmente dispensou-se de sondar pessoalmente.

Essa commissão, que parece destinada a galardoar os pretensos serviços d'esse official, serviços que, sinão em totalidade ao menos em grande parte, fôram feitos só por mim, seria uma injustiça, que jámais teria recebido dos illustres predecessores do Sr. Conselheiro Joaquim Antão. Si ao menos tivessem exactamente copiado as minhas notas, teriam evitado os erros, em que podem induzir o governo imperial na execução de trabalhos que são da mais imperiosa necessidade para o municipio da Conceição do Arroio.

Freguezia das Torres 1 de Outubro de 1861.

C. Pompeo Demoly.

Essas importantes indicações estão no entanto esquecidas, e o governo tanto geral como provincial em logar de seguil-as tem dado preferencia ao projecto da estrada de ferro, a qual já foi concedida com a respectiva garantia de juros; não sei porém o motivo, porque ainda não se deu principio aos trabalhos.

De vez em quando resuscita a questão do porto nas Torres; felizmente não tem passado de discussões e autorização para os estudos precisos.

Segundo um folheto do meu particular amigo o Dr. José Eubank da Camara, em refutação aos artigos favoraveis á construcção do citado porto, elle torna-se não só dispendiosissimo, como insufficiente para obter-se as vantagens exigidas.

Com estas considerações estão de acôrdo todos os navegantes a quem consultei.

Os dous municipios de Santo-Antonio e Conceição, são dos mais importantes no que respeita a suas industrias, cujos productos agricolas são de um commercio vantajoso com a capital e com a cidade da Laguna na provincia de Santa-Catharina. E' sensivel, que suas vias de communicação não estejam bastante francas; seria um melho-

ramento, que a provincia teria restricta obrigação de realisar, si se tomasse em consideração o esforço de seus habitantes.

§ 7.

A região dos lagos é limitada ao norte pela serra geral e pelo oeste por uma cadeia de collinas pouco elevadas, a qual fecha a bacia do Guahiba. A serra geral faz parte do sisthema orografico do Brazil, como ramo oriental. Com diversas denominações vem este ramo costeando o territorio das provincias banhadas pelo Atlantico; chegando entre 29° de latitude meridional, inclina ao oéste e segue esta direcção, com mais ou menos curvas para o sul, até sua terminação em 57° 11' de longitude occidental de Pariz.

Esta serra é o supporte oriental do grande planalto, que, segundo Balbi, corôa o sisthema montanhoso do Brazil, interrompendo sua continuidade em diversos pontos para deixar passar alguns ramos perdidos das cordilheiras centraes.

No numero d'esses ramos contam-se na provincia do Rio-Grande do Sul, a serra de Botucarahi e a Coxilha, Grande, donde o declive da serra geral, torna-se mais sensivel, terminando, como já disse, em planicie alagadiça no municipio de Itaqui.

Limita a lagôa dos Patos ao norte o ramo de collinas, que ha pouco citei, e ao oeste o ramo oriental da serra do Herval, fechando entre ambos o canal por onde escôa a bacia do Guahiba.

Essa bacia foi por algum tempo denominada Viamão, por terem n'ella a fóz quatro importantes rios e um arroio, dando-lhe a fórma de cinco dedos e a palma de uma mão.

Na entrada do Guahiba encontra-se um escolho chamado Itapuan, o qual separa o estreito canal do banco, que liga-se a oeste com os terrenos occidentaes ; lança-se em seguida em um vasto seio o qual vai estreitando-se em direcção ao norte terminando na fóz do rio dos Sinos, tendo approximativamente trinta milhas de extensão.

Entre os principaes affluentes dessa bacia contam-se o Gravatahi, o rio dos Sinos, do Cahy e o famoso Jacuhi.

Esses affluentes desaguam no extremo septentrional do Guahiba, ao norte e oeste do promontorio onde acha-se edificada a pitoresca cidade de Porto-Alegre, formando um gracioso delta por entre um archipelago de pequenas ilhas.

Os outros affluentes occidentaes do Guahiba são: o arroio do Conde, do Passo-Fundo, do Mathias, do Petim, da Capivara, do Ribeirão e do Araçá, com poucas milhas de curso, descendo da prolongação N.E. da pequena serra do Herval.

Dos affluentes orientaes o unico, que merece menção, é o arroio do Sabão, de cujas aguas servem-se os habitantes da capital.

O Gravatahi tem um curso de 45 milhas, tendo sua nascente nos banhados limitrofes da lagôa dos Barros, com a qual existe um projecto de communicação. Pelo Gravatahi descem os productos do industrioso municipio de Santo-Antonio da Patrulha. O curso navegavel no estio é de 15 milhas e no inverno de 30 para pequenas embarcações.

O curso do rio dos Sinos é bastante extenso; percorrendo, porém, o platô e a vertente da serra geral, é por isso sómente navegavel até a fralda dessa cordilheira, quarenta e duas milhas ao norte de Porto-Alegre, outras quarenta e duas milhas percorrem com difficuldades os colonos allemães da colonia do Novo-Mundo situada sobre a serra.

Uma estrada de ferro acha-se em via de construcção para ligar a capital com os centros coloniaes que habitam as ribas do rio dos Sinos, o que dará grande incremento ao commercio de tão productivo quão importante municipio.

Entre as colonias, a mais adiantada é a de São-Leopoldo ou Hamburgberg recommendada como modelo.

O rio Cahy tem noventa milhas de curso e apenas quarenta e cinco de navegação. Como o dos Sinos nasce no platô e percorre a vertente da serra, tendo igualmente algumas colonias em suas margens, de menos importancia que as do rio dos Sinos, sendo tambem mais modernas.

O rio Jacuhi é o mais importante dos affluentes do Guahiba, percorrendo em seu curso o bellissimo valle ao qual dá seu nome. Como os primeiros, nasce sobre o plató na latitude de 28°20' meridional, corre a léste algumas milhas, desce a serra geral no parallelo de 56° occidental, une-se ao Vacacahi em 30° de latitude e dirige-se então para léste com mais ou menos curvas.

Rico de affluentes, alguns, como o Taquari, tão extensos e volumosos quanto elle, permitte cumulativamente com seus tributarios uma navegação de 426 milhas, podendo-se conseguir muito mais com uma intelligente desobstrucção.

Merecendo esta região uma descripção mais circumstanciada, tratarei d'ella em outro capitulo.

A região occidental da Coxilha-Grande é ainda mais rica de grandes arterias fluviaes, sendo porém pouco habitada, é ainda deficientemente conhecida. Essas arterias, correndo a oéste, desaguam no caudaloso Uruguay, rio de segunda ordem, ao qual dão um curso superior a 800 milhas, desde suas cabeceiras na divisa da provincia de Santa-Catharina, onde denomina-se Pelotas, até sua foz na bacia do Prata.

Entre seus affluentes, remontando-se a corrente, conta-se como mais importantes, pertencentes ao Rio-Grande, o Quarahim com curso superior a 400 milhas, tendo numerosos tributarios; o Ibicuhi não menor que o Quarahim, o Icamaquan, o Piratinin e o Ijuhi. Além d'estes uma infinidade de rios e arroios menores fertilisam o importante declive do grande planalto.

Os campos do citado planalto formam uma região excepcional pela progressão gradual de sua attitude, cujo clima é dos mais aprazíveis.

Riquissimos em vegetação, permittindo mesmo o cultivo das arvores da Europa meridional, esta região ostenta a maior floresta do mundo, a qual abrange todo o restante das serranias, que formam o sistema brazileiro e grande parte do planalto.

Para descrever tão fenomenal vegetação seria necessario o trabalho collectivo de muitas commissões scien-

tificas especialmente encarregadas d'isso. Ante tanta magnitude só a admiração é possivel.

O Brasileiro deve sentir-se orgulhoso de tão generosos dons da Providencia; a elle toca porém ser tambem generoso; com a pratica d'essa sublime virtude ainda mais enriquecerá.

§ 8.

Como disse no principio d'este capitulo, o descuido ia fazendo perder o rico territorio do Rio-Grande do Sul. Estabelecidos os jesuitas ao norte de Corrientes, não tardaram a passar o Uruguay e fundar as celebres missões orientaes do Uruguay.

As numerosas tribus dos Xarrúas e Minuanos iam successivamente submettendo-se ao rigido jugo theocratico, e d'esse modo os padres consolidavam e estendiam seus dominios na provincia do Rio-Grande sem achar obstaculos.

Os Portuguezes apenas tinham avançado até a Laguna; a campanha ao sul até a colonia do Sacramento era-lhes desconhecida. Receiando que ella já estivesse occupada pelos Espanhóes, o governador do Rio de Janeiro Francisco de Tavora ordenou a Francisco de Brito Peixoto, capitão-mór e fundador da villa da Laguna, que fizesse explorar esse territorio, pesquisando si elle se achava occupado por estrangeiros.

Esta exploração, realisada em 1716 por cinco homens brancos e alguns escravos, chegou até São-Domingos de Soriano, e quando ia regressando foram presos pelos indigenas, conseguindo fugir algum tempo depois. Segunda expedição se lhe seguio composta de 40 homens brancos e alguns escravos; atravessam a campanha e quando vão voltar, trazendo grande quantidade de gados arrebanhados nas proximidades de Maldonado, encontraram, proximo ás margens do Rio-Grade, um grupo de de 40 indigenas de *catecheses espanholas*, os quaes conduzidos á Laguna declararam terem sido mandados pelos missionarios em busca de localidades apropriadas

para fundarem novas aldeias. O capitão-mór tratou-os muito bem e os presenteou; quando os despedio, deu-lhes uma carta para os missionarios jesuitas, em a qual intimara-lhes, que todo aquelle territorio pertencia ao dominio portuguez, e portanto deviam abster-se não só de erigir novas aldeias, mas mesmo de o fazer devasar pelos seus emissarios.

Para impedir taes introducções furtivas mandou tambem seu genro João de Magalhães com 30 homens e instrucções de os deixar estabelecerem-se n'aquellas desertas regiões, insinuando alliança de amizade com os indigenas Minuanos.

D'esta fórma conseguio-se frequentes communicações dos indigenas com a Laguna, datando d'esse tempo as primeiras estancias de gados, que os nossos tiveram aqui. (*Annaes da Provincia do Rio-Grande*, pelo Visconde de São-Leopoldo).

Outra exploração foi feita pelos valorosos Paulistas em 1735 commandadas pelo intrepido mestre de campo Manoel Dias da Silva, o qual teve ordem de levar reforço á colonia do Sacramento, fazendo diversão por terra. Percorrendo o grande planalto penetrou na immensa floresta e depois de tres mezes de insano trabalho e numerosas privações conseguio sahir d'ella, encontrando-se nos bellos campos por elle chamados da Vacaria, por achal-os povoados de grande quantidade de gados. Em signal de possessão mandou gravar sobre um padrão de madeira a inscripção: — « Viva o muito alto e poderoso rei de Portugal D. João V, senhor dos dominios d'este sertão da Vacaria.. »

O sitio da colonia continuava e a seus heroicos defensores faltavam mantimentos; para os fornecer foi enviado o brigadeiro José da Silva Paes, o qual conseguio introduzil-os na praça. De regresso da colonia aportou a Maldonado, achando porém o local pouco adaptado para fundar uma colonia, costeou ao norte com o intento de penetrar pela barra do Rio-Grande, mas temendo os perigosos baixios que a circumdavam, com muita difficuldade e grande risco desembarcou na costa do sul no dia 19 de Fevereiro de 1737, com uma companhia de dragões

de Minas-Geraes e alguma infantaria não superior a 200 homens sem contar os colonos.

Para dar valor ao passo que deva, fez construir um forte com a invocação de Jesus Maria José e para garantil-o de algum ataque pelo lado da campanha erigio á meia legua no interior, sobre um estreito isthmo já defendido por natureza, uma fortificação e uma capella dedicada á Sant'Anna.

José da Silva Paes foi o primeiro governador da capitania do Rio-Grande de São-Pedro, como então se lhe chamou, datando d'essa epoca a formal occupação da provincia.

Si tem sido lento, comparativamente com outras provincias do imperio, o desenvolvimento da população da provincia, é bem compensado, por isso que é ella de uma origem, quazi em sua totalidade de raças, caracter e costumes, de sensivel supremacia sobre as outras.

Seu tardio desenvolvimento foi-lhe favoravel ao menos emquanto á população.

Os embaraços com os quaes lutára o governo de Portugal para forçar suas colonias occidentaes fez-lhe lançar mão da expatriação judiciaria um pouco cruel talvez, porém em todo caso utilitaria. Este meio só lhe podia dar fructos nocivos; o que não tardou a conhecer. Querendo reparar o erro, tratou de contratar nas ilhas e outros pontos do reino o lavrador morigerado, ao qual facilitára os meios de transporte doára-lhe uma data de terras, impondo-lhe a unica obrigação de a occupar. Assim foi que desde os primeiros povoadores a provincia do Rio-Grande devia já tudo esperar.

Esses colonos, mais humanos e menos exigentes que os jesuitas e os Espanhóes, souberam captar melhor a confiança dos indigenas, que ainda vagavam pelo territorio a quem do Prata e dos que desertaram ao rigoroso trabalho a que eram sujeitos, os quaes vinham a pouco a pouco amparar-se da protecção do colono e offerecer-se a ajudal-o e servil-o.

Não deixou a provincia de importar escravos africanos; foi porém mais tarde e em menor quantidade que as demais provincias, avantajando-se na população indigena

e européa, esta pelas continuas occupações militares dos Portuguezes e Espanhóes, cuja deserção era em grande escala.

A emigração que mais modernamente tem affluido, quer a contratada, na sua maior parte alleman, quer a espontanea, da qual em primeiro lugar a portugueza e em seguida as demais nacionalidades do sul da Europa, esta immigração digo, não póde deixar de continuar a produzir uma raça intelligente e vigorosa.

Resumo nos seguintes dados estatisticos em tres datas diversas o desenvolvimento, que tem tido a população da provincia; sinto não ter o relatorio do actual presidente para dar um resumo mais completo.

No importante trabalho de Antonio José Gonçalves Chaves, Memorias Economo-politicas, encontra-se o seguinte mappa.

Mappa da população da capitania de São-Pedro, conforme as listas que os parocos das freguezias apresentaram na secretaria do governo, relativamente ao anno de 1814.

Porto-Alegre	6.111
Rio-Grande	3.590
Rio-Pardo	10.445
Santo-Antonio da Patrulha	3.103
Viamão	2.816
N. S. dos Anjos	2.653
N. S. da Conceicão do Arroio	1.648
N. S. da Oliveira da Vacaria	1.101
Bom Jesus do Triunfo	3.462
Taquari	1.714
Santo-Amaro	1.884
N. S. da Conceição da Cachoeira	7.651
Mostardas	1.150
N. S. da Conceição do Estreito	1.708
Cangussú	3.818
São-Francisco de Paula de Pelotas	2.479
Piratinin	3.683
Espirito-Santo do Serito	3.659
Provincia de Missões	7.941
Total	70.656

OBSERVAÇÕES

N'este mappa não se comprehendem os corpos de linha da guarnição d'esta capitania.

O total acima era assim dividido:

Brancos	32.300
Livres	5.399
Indios	8.655
Nascidos no bairro	3.691
Captivos	20.611
Total	70.656

Estatistica da provincia do Rio-Grande do Sul em 1862 extrahida do relatorio do Dr. Esperidião Eloy de Barros Pimentel.

População livre	315.306
» escrava	77.416
Total	392.725

Comarcas	Livres	Escravos	Total
Porto-Alegre	77.872	17.924	95.796
Santo-Antonio	25.875	5.333	31.208
Rio-Pardo	30.385	9.467	39.852
Caçapava	15.231	3.285	18.516
Bagé	16.316	5.837	22.153
Alegrete	20.304	4.560	24.868
São-Borja	17.272	2.396	19.668
Piratinin	24.846	11.266	36.112
Rio-Grande	41.969	11.371	53.340
Cruz-alta	39.114	5.976	45.090
	315.306	77.419	392.725

População fluctuante incerta:

Colonos entrados (contratados)	950
Força do exercito	4.000
Indios aldeados	949
Força policial	188
Doentes no hospital e asilos	234

Fazendo a comparação entre a população de 1814 e a que ia dando o recenceamento de 1872 o Jornal e Reforma de Porto-Alegre nota o seguinte:

Porto-Alegre	27.759	habitantes.
Rio-Grande	16.883	»
Rio-Pardo	11.571	»
Santo-Antonio da Patrulha	8.908	»
Viamão	8.295	»
Conceição do Arroio	6.049	»
Vacaria	5.755	»
Triunfo	4.186	»
Taquari	8.840	»
Santo-Amaro	6.925	»
Cachoeira	11.899	»
Mostardas	2.591	»
Estreito	1.155	»
Cangussú	7.605	»
Pelotas	21.756	»
Piratinin	6.893	»
Serrito	3.276	»

A extinta provincia de Missões é representada na estatistica de 1872 por muito poucas freguezias, porque ainda não figuram nos ultimos mappas as freguezias do Itaqui, Uruguaiana, São-Borja, São-Martinho, São-Francisco de Paula e Palmeira, havendo apenas dados sobre:

Cruz alta	8.400	habitantes.
Passo-fundo	8.368	»
Soledade	9.177	»
Santo-Angelo	8.875	»
São-Francisco de Assis	6.422	»
Lagôa-Vermelha	4.744	»
São-Luiz	3.067	»
	49.050	»

Cumpre notar, que a estatistica de 1814 só trata de 17 localidades ou freguezias, havendo hoje ao todo 79

freguezias, entre as quaes se contam 10 cidades e 24 villas cuja população é crescidissima.

Não póde fixar-se ainda, sem que seja publicada a estatistica das freguezias que faltam (Aldêa dos Anjos, Herval, Bagueth, Dores de Camaquan, Boqueirão, Itaqui, São-Borja, Tahim, Arroio-Grande, São-Leopoldo, Uruguaiana, São-Jeronimo, S. Martinho, Palmeira, Cacimbinhas, Don-Pedrito, Rosario e Estrella) ao computo total da população actual da provincia, mas é de suppôr que exceda a 500.000 almas, tendo pois em 60 annos incompletos augmentando mais de 430.000 almas.

Não tem sido possivel ao Sr. consul italiano no Rio-Grande, Gerolamo Vitalloni, conseguir os dados necessarios para dar uma estatistica exacta da colonia italiana na provincia do Rio-Grande do Sul, apenas uma estimativa, computada sobre os calculos approximativos enviados a este senhor, como informação, tem dado uma cifra superior a 2.000 individuos. A maior parte d'esses italianos, emigrados dos estados limitrofes em occasião de revoluções, tem ido estabelecendo-se nas povoações que margeam á direita e nas cidades mais importantes, sendo de presumir que virão a ser incentivo para a emigração directa.

§ 9.

Segundo um relatorio da provincia de 1867 o movimento de navegação foi, durante o anno financeiro de 1866 e 1867 :

Navegação externa

Movimento da barra —1.206 embarcações sendo 622 entradas—584 sahidas.

D'estas eram :

Nacionaes	519
Estrangeiras.....	530
Vapores.	157

Total da lotação 195.022 toneladas e 7.977 tripolantes.

Dos portos do imperio entraram 290 navios, não contando 29 vapores do Rio e Santa-Catharina.

Dos portos estrangeiros 253 navios, avultando os seguintes:

De Buenos-Aires	10
» Cadix	33
» Cardiff	25
» Hamburgo	30
» Lisbôa	13
» Liverpool	23
» Montevidéo	37
» New-York	25

Sahiram para os portos do imperio	297	navios
» » » estrangeiro	209	»

A navegação fluvial consta pelas capitanias de 1.392 embarcações no trafego dos portos e rios, sendo livre a cabotagem tripolada por 1.938 individuos.

Destes são: 469 estrangeiros, 1.469 nacionaes, 724 livres, 745 escravos.

Embarcações:

Vapores	12
Escunas	3
Hiates	267
Cuters	11
Rebocadores	3
Transportes a vapor	5
Canôas	706
Lanchas	268
Catraias	7
Escaleres	23
Botes	72
Pranchas	5
Cahiques	10
Canôas de pescaria	267

Vapores da carreira de Porto-Alegre, 2 de commercio e 2 de guerra, fazendo durante o anno, as primeiras 44 viagens redondas, conduzindo 1.075 passageiros, 426 de ré e 649 de prôa.

Na linha de Jaguarão, Santa-Izabel e Pelotas, 3 vapores, fazendo 198 viagens, conduzindo 6.071 passageiros, 3.357 a ré e 2.714 a prôa.

No Jacuhi 3 vapores até Rio-Pardo e Cachoeira, fazendo 90 1/2 viagens redondas, conduzindo 5.700 passageiros.

Para Taquari 2 vapores, 51 viagens e 1.821 passageiros em transito.

Sobre o Cahy quatro vapores 53 viagens 1.773 passageiros.

Para a Barra do Guahiba, 3 vapores, 744 passageiros.

Para o Rio dos Sinos, 3 vapores, 100 viagens, 5.537 passageiros.

Como vê-se, não se faz menção da navegação dos portos de Italia; é que mesmo era insignificante e só nos annos posteriores é que tomou algum merecimento. Segundo o importante relatorio do Sr. Sião Bergeman, representante consular da Hollanda, a navegação italiana representa o seguinte termo médio durante os annos (financeiros) de 1868, 1869 e 1870.

Um anno por outro: 4 navios, com 801 toneladas, entrados
4 » » 914 » sahidos

o augmento da tonelagem é ser a brazileira menor que a italiana.

Emquanto que já em 1872 entraram:

13 navios com 2000 toneladas
Sahindo 13 » » 2478 »

em 1873, entraram 8 navios, com 1.370 toneladas
e sahiram 10 » » 2.231 »

A mesma estatistica representa o numero de 603 navios estrangeiros em 1872, com 155.039 toneladas, e em 1873, 602 navios com 152.481 toneladas.

O movimento de entradas, durante os annos de 1868, 1869 e 1870, foi em termo médio de 501 entradas de navios com 87,397 toneladas.

No mesmo relatorio encontram-se os seguintes dados sobre a importação e exportação dos portos da Italia.

Importação:

	Valor official
1867—1868.....	100.000$000
1868—1869.....	82.996$000
1869—1870.....	136.000$000
1870—1771.....	237.672$000
1871—1872.....	221.080$000

Exportação:

	valor official
1867—1868.....	.....
1868—1869.....	149.556$000
1869—1870.....	390.589$000
1870—1871.....	310.836$000
1871—1872.....	25.590$000

Esta diminuição no numero dos navios, assim como da importação e exportação é devido a terminação da casa de Angelo Cademartori & C.ª, a quem se deve parte do impulso que o nosso commercio tomou na provincia do Rio-Grande do Sul, terminação occasionada pelos prejuizos que tiveram com os productos de exportação do paiz, remettidos para a praça de Genova.

Hoje é sómente a casa de Moreira, Frisone & C.ª a qual recebe alguns navios italianos, e isso por iniciativa de um de seus chefes, de origem italiana.

§

Determinação exacta das latitudes e longitudes das cidades e villas de Porto-Alegre, Triunfo, Rio-Pardo, Cachoeira, Santa-Maria, Alegrete e Uruguaiana, pelo bacharel M. P. Reis, em 1875-76.

Reduzidas as longitudes ao Observatorio do Rio-Grande, sendo a O. de Grenwich 2h., 52', 36'', ou 4°, 9' 00'' (40° e 9').

	Nas cartas geog.,	Observado,	Longt.-cartas, e observ.
Porto-Alegre	30° 2' 5",	30° 1' 57";	8° 3' 5", 8° 0' 37" 5"'
Triunfo	29° 56' 45",	29° 56' 38",	8° 32' 25", 8° 29' 55" 5"'
Rio-Pardo	29° 59' 10",	29° 59' 20";	9° 9' 20", 9° 9' 55" 5"'
Cachoeira	30° 1' 40",	30° 2' 55";	9° 48' 15", 9° 40' 21"
Santa-Maria	29° 40' 25",	29° 41' 6";	10° 37' 40", 10° 33' 52" 5"'
Alegrete	29° 46' 15",	29° 46' 58";	12° 44' 25", 12° 33' 1" 5"'
Uruguaiana	29° 45' 0",	29° 45' 18";	13° 56' 25", 12° 50' 36"

Minimas distancias em kilometros:

Porto-Alegre ao Triunfo.....	48,30
Triumpho ao Rio-Pardo.....	64,04
Rio-Pardo á Cachoeira.....	49,71
Cachoeira á Santa Maria.....	95,15
Santa Maria á Alegrete.....	191,72
Alegrete á Uruguaiana.....	124,69

Rio Grande 27 de Abril de 1885.

§ 10.

Exm. Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe. Recebi a *Revista* correspondente ao anno findo, quando já suppunha, que se tivesse extraviado.

Registrei, dirigido a V. Ex., um pequeno manuscripto com o titulo — *Provincia do Rio Grande do Sul.*

Preciso porém apadrinhar o meu insignificante trabalho, pois carece de estudos mais profundos e de grammatica.

V. Ex., pelos estudos que fez, conhece a bella provincia do Rio-Grande melhor que ninguem ; tive occasião de consultar muitos trabalhos,que me tem sido impossivel conhecer e por isso poderia, si não é liberdade de mais da minha parte, corrigir o meu bosquejo e patrocinal-o para poder ser impresso na *Revista do Instituto.*

Segue-se a essa parte descriptiva um itinerario de viagem, no qual procuro descrever usos,costumes. etc., da

provincia; creio porém, que esta parte tem pouco interesse traduzida em portuguez.

Venho porém rogar a V. Ex., que, si julgar que não mereçe a honra de ser impresso na *Revista*, queira fazer-me o obsequio de me devolver o manuscripto, porque então o publicarei em italiano com o seguimento.

Convicto de queV. Ex. não levará a mal a liberdade, que acabo de tomar, me confesso grato á sua benevolencia e me assigno com toda consideração attento, venerador e creado

H. Schutel Ambauer.

O NAUFRAGIO DE MARTIUS NO RIO AMAZONAS

Corria o anno de 1856.

Occupava então eu lugar no corpo de saude do exercito, e em Abril voltava da capital da provincia do Amazonas, extrèmamente fatigado por serviços prestados em minha profissão a grande numero de doentes, n'essa epoca tão calamitosa, porque reinava pela primeira vez a epidemia do cholera-morbus no Brazil.

Quando o pequeno vapor *Tabatinga* fundeou em frente á cidade de Santarém, já na provincia do Pará, apressei-me a saltar, e fui logo, já levado por sentimentos religiosos e já por curiosidade, visitar a igreja matriz, classificada por Milliet de Saint-Adolphe no seu *Diccionario historico e geographico do Brazil*, como um dos mais bellos templos d'essa provincia.

Estava essa igreja passando por grandes concertos, e no meio de densa nuvem de pó e de caliça, e do barulho das enxós, das serras, dos machados e dos martellos, ali estive por mais de duas horas examinando tudo quanto se podia vêr.

O acaso fez-me encontrar em um canto da sacristia uma riquissima imagem do Senhor Crucificado, de ferro fundido e dourado, com oito palmos de comprimento, embrulhada em panninho verde muito sujo e roto em varios lugares, como que indicando a sua antiguidade.

Depois de algum tempo de surpresa e de dôr ao ver tanta impiedade, ou descuido, examinei a imagem e re-

conheci a belleza da obra, e a intelligencia e a pericia do artista.

Quando perguntei a um pedreiro como ali estava aquella imagem, elle mostrou-me uma lamina de ferro, tambem muito coberta de pó, onde li e copiei em meu album de viagem esta inscripção:

« O cavalleiro Carlos Fred. Phil. de Martius, membro da Academia Real das Sciencias de Munich, fazendo de 1817 a 1820, de ordem de Maximiliano José, rei da Baviera, uma viagem scientifica pelo Brazil, e tendo sido aos 18 de Setembro de 1819 salvo pela misericordia divina do furor das ondas do Amazonas junto á villa de Santarém, mandou, como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso, erigir este crucifixo n'esta igreja de Nossa Senhora da Conceição no anno de 1846. »

N'esta lapide se lê ter o nosso sabio consocio, o grande naturalista Martius, mandado erigir essa imagem.

Não tinha sido até então erecta.

Ainda estava encerrada no caixão, que a trouxe até ahi, faltando tão sómente a tampa, que foi despregada sem duvida para saber-se o conteudo.

Parece-me, que as piedosas intenções de Martius não foram cumpridas, sendo hoje impossivel o saber-se si por descuido do seu correspondente, ou si por motivos superiores aos seus desejos.

Felizmente ahi estava uma imagem de ferro fundido, em ponto grande, um soberbo monumento, « que tem voz, que fala do passado», uma estatua, que attesta um facto historico, não contado pelos biographos de Martius em diversos tempos e varias linguas, que pude consultar.

Entretinha eu então estreitas relações de amizade com o Dr. Alexandre Magno de Castilho, que em Lisbôa publicava com muita acceitação, annualmente, um livrinho com o nome de *Almanack de lembranças.*

Communiquei-lhe este facto e publicou elle um artigo, que escrevi, o qual foi depois reproduzido, quando dei á luz em 1862 o 1° vol. do *Almanack historico de lembranças* brasileiras.

Apenas chegado ao Pará o livrinho de Castilho, este facto, tão simples, foi encarado pela politica de maneira inesperada.

A imprensa adversaria ao reverendo vigario o reproduzio, e profligou muito este sacerdote por ter em sua igreja como que atirada ao despreso tal imagem!

Depois de uma discussão longa e irritante os espiritos calmos se convenceram, que si o monumento não estava erguido em lugar proprio, a culpa não era do vigario, e sim da falta de meios, que sempre acabrunha esses sacerdotes especialmente nos sertões.

Pouco tempo depois a assembléa provincial decretou quantia bastante para se construir um calvario, e erguer-se a cruz, onde se collocou o piedoso voto do nosso consocio, que considero como um dos melhores monumentos, que n'este genero possue o Brazil.

Ficámos assim sabendo, que o nosso venerando consocio quasi encontra por tumulo as aguas soberbas do magestoso Amazonas; que este sabio Allemão (*), que em pouco menos de tres annos de afadigosas viagens, e atrevidas excursões por São-Paulo, Minas e Bahia, Pernambuco, Piauhy e Amazonas percorreu cerca de 1.400 milhas no sul do Brazil, que subio magestosas e immensas serras, e que no norte admirou os maiores rios do mundo, que recolheu varias e preciosas collecções, que estudou o homem civilisado e homem selvagem, o cidadão e o indio; que apreciou os prodigios da nossa riqueza mineral; que comprehendeu a assombrosa torrente de passaros, de thesouros, e de privilegios naturaes, tinha espirito forte, animo mais forte, e vontade fortissima mais só para todas as fadigas do corpo e da alma, não se envergonhando porém (como agora é moda) de confessar o immenso poder da Divina Providencia, de ajoelhar-se perante ella, de agradecer-lhe os seus beneficios e de attestar até as gerações vindouras as suas crenças religiosas.

(*) Por aqui andam abraçados pensamentos, idéas e palavras minhas com escriptos do nosso nunca assás chorado consocio Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Dr. *Cezar A. Marques.*

Tudo quanto se disser ou escrever a respeito de Martius nos interessa, porque a sua vinda para o Brazil liga-se a outro facto historico, pois foi em 1816, por occasião do venturoso casamento da archiduqueza a Sra. D. Leopoldina d'Austria com o principe real o Sr. D. Pedro, depois primeiro imperador do Brazil, que os governos d'Austria e da Baviera, como que para assignalar pelo lado scientifico tão auspicioso enlace, resolveram mandar a esta parte da America, que em breve tornaria imperio independente e livre, dous naturalistas bavaros, Spix como zoologista e Martius como botanico, e assim estudou elle as plantas do nosso paiz, e escreveu a sua *Flora Brazileira*, que na Europa teve por protectores Fernando I d'Austria e o rei Luiz I da Baviera, e no Novo Mundo S. M. o Sr. D. Pedro II, o protector incansavel de todas as emprezas uteis, a quem o Brazil tudo e nós especialmente muitissimo devemos, porque este Instituto tem sempre sido amparado pela sua generosa protecção, sempre illuminado pelo seu esplendido talento, guiado pelos seus sabios conselhos, e aquecido pela sua valiosa estima e notavel consideração.

Finalmente tudo quanto soubermos ou escrevermos a respeito de Martius muito nos deve interessar, pois foi elle mais do que Humboldt, foi o Colombo do Brazil; pelo berço, Allemão, pelo sangue, Italiano; Martius é nosso pela cabeça, é nosso pelo coração; Martius é Brasileiro pela sciencia e pelo amor; joven, ardente, sensivel, sagaz e consciencioso observador, amou o Brazil tanto, que até á sua morte sempre se recordou da nossa patria, sempre servio á nossa terra durante 50 annos de suas relações, e para elle o titulo de Brasileiro era sempre chave segura, que lhe abria o coração.

Já que muitas plantas e animaes descriptos scientificamente pela primeira vez receberam, em varias partes do mundo como classificação, o seu venerando nome, já que na Nova-Islandia uma montanha vaidosa ousou chamar-se Monte-Martius; já que por occasião da sua festa jubilaria em 30 de Março de 1864 foi, em sua honra cunhada uma medalha com a inscripção: « *Palmarum patri dant lustra decem tibi palmam. In palmis*

resurges » já que, infelizmente não podemos gravar o seu nome em monumentos de bronze, que desafiem o poder do que somos Brasileiros, nós que somos modestos, porém do tempo, nós sinceros cultores da historia patria, nós que nos gloriamos com a saudosa recordação de que foi nosso consocio, curvemos-nos, e ajoelhemos-nos no sanctuario da nossa alma, e entre preces á Divina Providencia gravemos nas paginas da nossa *Revista* este facto de sua vida, tão trabalhosa, para rendermos graças á Divina Providencia pela conservação de existencia tão util, tão necessaria, e quasi indispensavel, e por esta fórma damos á saudosa memoria do nosso falecido consocio mais uma prova do quanto o estimavamos, e ainda uma vez pagamos

Ao genio um tributo merecido,
Que a gratidão nos inspira :
Fraco tributo, mas nascido d'alma.

(Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães).

Rio de Janeiro 31 de Agosto de 1887.

Dr. *Cesar Augusto Marques.*

IDÉAS DE JOSÉ BONIFACIO

SOBRE A

ORGANIZAÇÃO POLITICA DO BRAZIL

Quer como reino unido a Portugal, quer como estado independente

---

Constituição para o...

1. Os poderes politicos do estado do... estão divididos: 1.° pela assembléa geral dos deputados; 2.° pelo senado; 3.° pelo sindicado; 4.° pelo archontado e 3 consules com os secretarios de estado.

2. Os deputados serão eleitos dos cidadãos activos do estado em numero proporcional aos dos cidadãos em geral, 1 por 20 mil, terão soldo da caixa dos dizimos e decimas dos bens urbanos, sua idade de 25 annos para cima, 4 annos em função, 3 mezes cada sessão, por via de regra, inviolaveis.

3. Os senadores são em numero da metade dos deputados, escolhidos pelos cidadãos a 1.ª vez vitalicios, 40 annos de idade; nas vacaturas propostos pela assembléa geral em listas triplices, das quaes escolherá um o

---

(*) As peças juntas copiei no anno de 1844 em São-Paulo de papeis avulsos pertencentes ao espolio do finado José Bonifacio; eram escriptas por letra do proprio punho do mesmo finado.

Li perante o Instituto em uma das sessões de 1881.

T. ALENCAR ARARIPE.

sindicado.Terão de soldo um terço mais que os deputados, e este sahirá da mesma caixa. São o alto jurado.

4. O sindicado ou conselho publico será composto de 20 membros nomeados pelo senado em listas triplices, e escolhidos d'estas pelo governo supremo,ou archontado; terão por soldo a contribuição por cabeça de cada pae de familia de duas onças de prata. D'elle sahirão os presidentes para o senado,e para a assembléa geral, por todo o tempo da legislatura,conservando porém os seus cargos, e encargos de sindicados, inviolaveis ; 60 annos de idade, para não estarem muito tempo no logar.

5. O archontado composto do archonte rei, vitalicio, e 4 consules por 4 annos. O archonte será pela 1.ª vez escolhido pelos collegios eleitoraes de todo o estado, apurados os votos pela camara da capital; e depois vagando, proposto em lista triplice pelo senado, e escolhido pelo sindicado. Os consules serão propostos pela assembléa geral em lista triplice, e escolhidos pelo senado. Dividirão os negocios publicos da guerra, marinha e negocios estrangeiros a um, os da justiça e eclesiastico ao outro, os do interior e fazenda a outro, e ao 4.º a policia; porém decidirão tudo em conselho. Ao archontado pertence nomear os secretarios d'estado, e todos os mais empregados publicos.

A melhor constituição é aquella que conserva os homens em paz e amizade, e defende, e garante os direitos politicos e civis; pelo contrario aquella que faz temer continuos tumultos ou que não póde fazer respeitar as leis é pessima. Pretender que um soberano absoluto não seja invejoso e despotico,quando diariamente tem motivos constantes para o ser, é querer milagres da natureza humana. Cumpre saber, que viver em paz não é viver em captiveiro, em ignorancia, e em vicios ; porque então esta paz seria miseria humana.

A monarchia absoluta é na realidade uma aristocracia encoberta, e por isso tem todos os males do despotismo e da aristocracia.

6. Não haverá tropas de linha; mas milicias bem organizadas para guerra, e guardas civicas para a policia das cidades e villas.

7. Toda a nação será dividida em tribus com seus nomes e insignias, com seus registros, onde se mencione a idade e bens. Cada tribu fará um distrito eleitoral. Os criminosos, loucos, os que vivem de soldada, e mendigos não podem ser eleitores. Cada tribu pelo menos será de 20 mil cidadãos capazes de votar, e não passará de 45.

A constituição não reconhece nobreza privilegiada e legal.

O sindicado poderá ser consultado pelo archontado em negocios de estado; mas o seu voto é só consultivo. Ao sindicado pertence a nomeação dos magistrados.

8. Todos os que não servirem os cargos, para que forem nomeados, pagarão uma multa, excepto si estiverem legitimamente impedidos por molestia, e incapacidade moral; o que justificarão uns perante a assembléa, outros perante o senado, outros perante o sindicado, e outros perante o archontado.

9. A assembléa geral se reunirá 2 vezes por anno, uma em Abril até Maio, outra em Setembro até Outubro. Nos intervallos deve ficar sempre em actividade uma commissão permanente de 11 deputados, para vigiarem pelo bem do estado, disporem as materias, pedirem documentos, que hão de servir na sessão, e representarem ao archontado e sindicado.

10. Ao archontado e sindicado pertence convocar sessão extraordinaria da assembléa. Haverá um sindicado menor de 7-5 membros em cada distrito eleitoral para vigiar sobre o presidente, camaras e magistrados, e representar ao archontado, ou acusal-os perante o supremo sindicado, o qual decidirá, si a accusação deve ser levada ao senado, para ser julgada em alto jurado.

Haverá julgados geraes em cada distrito eleitoral, composto de 3 dezembargadores, dos geraes se agravará para as relações de 3.ª instancia, e d'estas para o tribunal supremo de justiça da capital.

11. Quando se vota na assembléa, ou no senado é sempre por escrutinio secreto, principalmente nas nomeações, por bolas brancas e pretas.

12. Os juizes serão pagos pelas multas pecuniarias,

pelas caixas de emolumentos, e pela 3.ª dos conselhos, e patentes concedidas, etc.

Outras notas

Todo o cidadão que ousar propor o restabelecimento da escravidão e da nobreza será immediatamente deportado.

Quatro ministros. 1.° Paz, guerra, marinha e relações exteriores; 2.° Justiça, interior, negocios religiosos; 3.° Finanças e minas; 4.° Policia.

Os ministros propõem as reformas e novas leis ao archontado, o qual ouve o sindicado, e depois vão as propostas ás camaras legislativas.

O territorio será dividido em provincias, distritos eleitoraes, cidades e villas. Cada provincia terá um presidente, cada distrito eleitoral um intendente e cada cidade ou villa, um sindico ou maioral, os quaes têm a seu cuidado a arrecadação dos impostos, e os pagamentos das folhas.

Do sindicado sahirão para inspeccionar as provincias em vizitas annuaes adelantados.

Serão juizes de paz os maioraes; estes enviarão os prezos em 6 dias para a relação da provincia, composta de 5 ou 3 membros, que serão julgados em 15 dias; destas se appellará para o conselho supremo de justiça da capital, que decidirá em um mez.

A força militar será governada em cada provincia por um general, um commandante de artilheria, e generaes inferiores necessarios.

Haverá companhias de lanceiros a pé, e a cavallo.

Todo o cidadão de 25 até 40 annes é soldado nato.

A policia terá guardas publicas, e agentes secretos.

Haverá um vestido ou uniforme nacional para todos cidadãos, segundo os diversos empregos e classes.

Para o povo, chapéo de palha, jaqueta, e pantalão de algodão, e gibão paro o frio. Mulheres, coitá de algodão, e capotinho para o inverno.

Alprecatas e botinas.

De cada capital de provincia se abrirão estradas para as outras das provincias circumvizinhas; e outras de cada cabeça de distrito para as outras.

Se cuidará logo em fazer os codigos civil, criminal, de commercio e militar.

—

Copiado do proprio original ms. de José Bonifacio.

Paulicea 23 de Setembro de 1844.

—

PARA OS DEPUTADOS

1.° Que se determine constitucionalmente a categoria de reino do Brazil.—O que lhe compete como reino a parte, e o que como reino unido.

2.° Que se constituam as leis organicas, pelas quaes deve existir como reino do Brazil.

3.° Determinar o que deve entrar no tesouro nacional do Brazil, e no de Portugal.

4.° Determinar o que deve sahir dos tesouros provinciaes do Brazil para o geral do reino do Brazil, e o que deve ficar para o custeio das despezas de cada provincia.

5.° Si estas quotas serão em certos tributos separados, como fazem os Estados-Unidos, ou em dinheiro da massa geral.

6.° Requerer, que se crie a universidade em São-Paulo, como já estava decretado por el-rei, antes de sahir, a qual póde sustentar-se com a nova contribuição literaria, e subsidio literario, e pagas de matriculas dobradas e donativos voluntarios, etc., das provincias.

7.° Crear uma cidade central no interior do Brazil para assento da regencia, que poderá ser em 15° de latitude, em sitio sadio, ameno, fertil, e junto a algum rio navegavel.

8.° Abrir d'esta caminhos de terra para as diversas provincias e portos de mar.

Que os reis alternativamente residam no Brazil e em Portugal, ficando regente os principes herdeiros n'um ou n'outro paiz alternativamente, e as côrtes se celebrem alternativamente em ambos os paizes, onde residir o rei.

Talvez seja util fazer côrtes particulares em cada reino, e outras geraes para a União.

Além das côrtes um conselho dos censores, que vigiem sobre os tres poderes, executivo, legislativo, e judicial e sejam accuzadores de qualquer acto inconstitucional perante o grão—jurado—nacional. Todos estes corpos serão eleitos pela nação.

Camaras pelos compromissarios de freguezia, presididas pelos juizes.

Os eleitores de freguezias, depois da eleição de camara, elegerão o conselho de comarca, que será presidido pelo corregedor, e os eleitores de comarca, depois de eleitos os deputados elegerão a juncta — provincial, que será presidida pelo corregedor-mór, ou chefe politico. As camaras ou municipalidades terão a seu cargo o governo municipal e arrecadação dos impostos. Ao conselho de comarca pertencerá conhecer o procedimento das camaras; e a junta do governo da provincia a vigiar sobre ambos, arrecadação e contabilidade dos dinheiros publicos, o seu uso e governo economico.

—

Que para o numero dos deputados não seja excluido no censo o numero dos escravos, pois são homens, e objectos de proteção constitucional, e objecto de nova legislação: de mais a constituição espanhola não exclue os escravos oriundos de mãe das provincias espanholas.

1.° Que nenhum padre, depois de ordenado, possa ter beneficio, ou cura d'almas sem primeiro ter ensinado por 2 annos á mocidade as primeiras letras, ou a lingua latina, segundo seus talentos.

2.° Que as crianças do sexo masculino aprendam até a idade de 7 annos com as mestras de meninas.

3.° Que aos professores de primeiras letras se pague

um ordenado fixo pequeno, e de mais uma gratificação por cada discipulo completo, que ensinarem.

—

A bondade de qualquer constituição é, que esta seja a melhor, que a nação possa e queira receber.

Que constituição mais livre do que a franceza do anno 3 (1795), e comtudo acabou logo, porque o geral da nação a não quiz receber.

Assim as melhores instituições absolutamente não são as melhores relativamente. Tudo é filho do tempo e das luzes. Os homens são entes sensiveis, e das circumstancias, e não entes de razão ou idéas de Platão.

E' perigoso deixar nas mesmas mãos o poder extraordinario de constituir com o direito ordinario de legislar, segundo bases estabelecidas; porém cumpre convocar uma convenção nacional *ad hoc*, que obre debaixo do escudo e protecção da legislatura.

As côrtes extraordinarias não devem na constituição declarar seus deputados inelegiveis para a legislatura, para que haja quem vigie e conserve a sua obra.

Organização do conselho d'estado, composto de membros nomeados pelos eleitores, 1 pelo menos por cada provincia, que sirvam por certo tempo, e se renovem por quartos cada 2 annos, tirados á sorte.

Côrtes formadas de deputados, que se renovem por quartos, cada 2 annos, tirados á sorte: a metade dos do novo emisferio, e a outra do velho.

Pois que a constituição tem um corpo para querer, ou legislar, e outro para obrar, e executar as leis, ou vontade do primeiro, é preciso, que haja um terceiro corpo, que deve decidir as questões ou disputas mutuas dos primeiros por um modo pacifico e legal. Este será o corpo conservador.

—

Copiado do original de letra de José Bonifacio.

Paulicéa 15 de Abril de 1844.

ITAQUI

Itaqui (S. Patricio de), Está situada esta cidade, da provincia do Rio-Grande do Sul, na barranca da margem esquerda do Alto-Uruguay, e é fronteira á povoação argentina de Alvear, bombardeada (em 1874) pela esquadrilha ahi estacionada e então sob o commando do capitão-tenente Estanisláo Prozowodoski.

Este bombardeio fôra motivado apenas pela recusa da entrega dos italianos Benatti e Logato, por parte das autoridades d'Alvear, que impunemente deixaram ambos espancar o finado 1.° cirurgião da nossa armada, Dr. Pamphilo de Carvalho, quando ahi chegava a visitar alguns dos seus doentes.

Dista esta cidade 20 leguas do Alegrete, 18 de São-Borja e 16 da Uruguaiana. Sua população regula ser de 3.000 almas. Seu municipio com 16.000 almas, no geral de campos superiores, que, em ambas as fronteiras (oriental e argentina), são muito pouco accidentados, dedica-se quasi só á criação e invernada de gado vacum, que faz sua riqueza com a annual exportação para as xarqueadas de Pelotas. Um posto de guarda, em o anno 25 d'este seculo, fôra a causa primordial do estabelecimento da cidade, cujo futuro só depende hoje da (já começada) construcção do ferro-carril de Quarahim á Itaqui.

Actualmente regula valer uma legua quadrada de campo, n'este municipio, de 30 até 50 contos de réis. O gado de cria vale de 10$ a 12$ por cabeça, o de córte vale do 20$ a 24$; e o invernado vale de 32$ a 36$000.

Já bem degenerada está a cria de cavallos, tanto n'este municipio como em toda esta provincia.

Como maiores aspirações dos habitantes da cidade contam-se:

Illuminação publica, uma bôa cadeia (visto ser pessima a actual), e o alfandegamento de sua meza de rendas geraes. As communicações fluviaes com as republicas do Prata são dahi muito mais faceis e rapidas que as terrestres com a maioria dos pontos da provincia, inclusive a capital!

Os seus estabelecimentos publicos são os seguintes: um arsenal de marinha, com 2 fortes, um bom estaleiro, uma mortona, casa da polvora, officinas, secretaria, sala de armas e luxuosa enfermaria, igreja (feita á custa do povo e ainda por concluir), grande caza da camara, e theatro—Prozowodowski.

Entre os particulares conta-se: 1 literaria, 1 bibliotheca, 1 libertadora, 1 bailante, 4 sociedades carnavalescas, 2 lojas maçonicas, uma imprensa (a do jornal *Itaqui*, que sae nas quartas e sabados), 1 collegio de meninos e meninas, varias escolas publicas e particulares, 2 hoteis, 2 fabricas de cerveja, 2 olarias e 1 cortume.

Conta tambem uma estação telegrafica e 2 agencias de vapores nacionaes e estrangeiros, que chegam sempre n'este porto em todas as quartas-feiras, excepção feita do vapor *Estella*, que só faz 3 viagens em cada mez.

Tanto a meza de rendas geraes como a de rendas provinciaes, funccionam em cazas alugadas.

Os vapores mercantes, que navegam para este porto, são: *Mensageiro*, *Estella* e *Universal* (estrangeiros); *Federação*, *Uruguay* e *Mosquito* (nacionaes). A esquadrilha nacional, estacionada nas aguas d'esta cidade, consta dos seguintes vasos de guerra: canhoneiras: *Greenalhg*, (navio chefe), *Tramandahi* e *Vidal de Negreiros*; monitores: *Rio-Grande* e *Alagòas* (laureado na passagem de Humaitá), yacht *Europa*, escuna *America*, e lanxas a vapor: *Jejuhi*, *Trajano* e *Alegrete*.

O commercio surte-se directamente da praça de Montevidéo e as mercadorias transitam em vapores até Concordia (provincia de Entre-Rios); dahi tomam o ferro-carril até Caceros, onde de novo embarcam no

pequenos vapores do Alto-Uruguay e chegam a Itaqui, depois de transitarem pela alfandega de Uruguaiana.

Este movimento commercial, só para esta praça, é calculado em mais de dois mil contos annualmente.

Pergunto agora: quanto calcular se deve para o movimento da futuroza Uruguaiana, por cuja alfandega transita a maior parte do commercio da provincia, até mesmo do de Porto-Alegre ? Para quem reside, como nós, par estas alturas, os dados existentes, no mundo official, são o corpo de delito mais compromettedor que colher se póde contra aquelles *zeladores* do fisco e interesses nacionaes.

Só com as grandes enchentes é que os grandes vapores da linha de Montevidéo conseguem transpôr o Salto-Grande e vir directamente a este porto.

A guarnição da cidade é feita por uma secção policial e um destacamento de 20 praças de linha fornecido pelo commando da fronteira de Uruguaiana.

A um nosso collega de Instituto, cujo nome não precisa ser citado, e que me parecia dever ter um interesse scientifico, bem immediato, já tive occasião de communicar, que esta região denominada Missioneira era a mais rica (de todo o nosso vasto imperio) para os estudos e investigações sobre a anthropologia, historia do dominio jesuitico e descoberta mesmo dos thesouros por elles deixados (em sua fuga) nos subterraneos existentes (e meus conhecidos),que fôram entulhados pelos mesmos e que, com um pouco de despendio, poderiam trazer um grande proveito, pelo menos, ao conhecimento exacto d'esta fase, aliás muito importante, da historia do Brazil.

Enfim, já que tenho a honra de apresentar ao Instituto esta ligeira noticia sobre o ponto missionario, em que resido ha 14 annos, cumpro um grato dever garantindo á Sua Magestade e meus Exms. collegas, que muito ainda póde-se colher dos estudos e investigações, que o governo resolva-se a mandar fazer n'esta rica região.

Itaqui 15 de Dezembro de 1883.

Luiz de França Almeida e Sá.

Genealogia Paulista

Campinas 28 de Abril de 1887.

Illm. e Exm. Sr.

Junto V. Ex. encontrará a cópia, que, ha mais de 30 annos, mandei fazer em Itú, de um manuscripto que trazia data de 1613, que foi redigido por um desconhecido genealogo com o fim de guardar noticias de alguns dos primeiros cruzamentos dos Europeus com mulheres indigenas.

Não enviei logo esta cópia ao Instituto, porque, ficando por este papel demonstrado que algumas familias, hoje mui importantes, não quereriam saber, que entre as suas avós tinham de contar uma *Tapuia resgatada*, pois todos querem descender só de filhos de caciques. Entretanto o documento é tão interessante, e minha idade tão avançada (caminho para 69), que sinto seria pena eu morrer e o documento se perder.

Não me lembro quem me proporcionou vista do original, mas de sua autenticidade e antiguidade nenhuma duvida póde haver; devido a estragos de idade do papel, alguns nomes de individuos e de aldeas estavam indecifraveis; as faltas no assento do casamento de João Ramalho posso supprir: appellando para tradições, e mesmo por algum papel que já vi, o nome da mulher de João Ramalho em pagão era *Mbycy*; baptisando-se tomou o nome de Izabel e appellido de *Dias* por amizade a seu cunhado *Pedro Dias*. O sogro de João Ramalho todos sabem, que foi o Tebereçá, e o assento (melhor conservado) de Pedro Dias mostra, que a aldêa, de que era cacique, se chamava *Inhapuambuca*.

Pedro Dias foi leigo da companhia de Jesus, e não podia casar, mas foi tal a simpatia, que o gentio lhe votava, e tal a insistencia do Tebereçá de tel-o por genro, que elle, obtida a precisa dispensa de voto, casou-se com a princeza Teberebé, que foi baptisada Maria, e tomou o appellido de Gran pelo respeito que votava ao padre da companhia Luiz de Gran.

Uma cousa me parece clara, e é que os antigos nobres povoadores de São-Paulo não distinguiram entre o sangue das princezas filhas dos principaes das aldêas, e aquelle da Tapuia resgatada e anonima; pois vimos o Pedro Dias depois da morte da Maria de Gran, casar-se com Antonia Gomes, descendente da Tapuia, e vê-se tambem, que os descendentes em geral das trez primeiras filhas de Pedro Affonso casam-se sem difficuldades com alguns dos progenitores da actual nobresa paulista. O que resulta do exame do documento é, que a nobre familia de Camargo (que descende da princeza Mbycy não recebeu uma gota do sangue da Tapuia anonima.

Curioso é o casamento com *escravo* da 4.ª filha de Pedro Affonso. O escravo era por força *indigena*, e talvez escravo por ser preso em guerra qualificada de justa. Podia ser até parente proximo da mãi Tapuia.

Peço á V. Ex., que em meu nome apresente o manuscripto, que achará junto, ao Instituto historico.

Sou com a maior consideração de V. Excellencia indigno consocio e menor criado

Dr. Ricardo Gunbleton Daunt.

EXPLICAÇÃO DA GERAÇÃO DE PEDRO AFFONSO

Da povoação de Santo André, donde povoaram a de São-Paulo, que primeiro tiveram os homens que vieram povoar, os quaes se casaram nas aldêas com as filhas dos principaes.

Domingos Luiz Grou, Pedro Affonso, Gaspar Affonso, Braz Gonsalves, João Ramalho, que era o capitão entre os mais, e Pedro Dias.

1.° Domingos Luiz Grou casou com a filha do principal da aldêa de Carapucuiba por nome Fulana Guaçú.

2.° João Ramalho casou em.... com a filha do principal.

3.° Pedro Dias casou com a filha do principal de Inhapuambucú por nome Tevereça.

4.° Braz Gonsalves casou com uma filha do principal em Virapueira.

5.° Pedro Affonso resgatou uma Tapuia da nação..., a qual levou para São-Vicente, onde filiou as quatro filhas, que abaixo se declararam em seus capitulos.

Teve Pedro Affonso quatro filhas da Tapuia, que resgatou da nação...., a saber: a primeira filha, chamada Magdalena Affonso, a qual casou com Gaspar Affonso, de cujo houve duas filhas Maria Affonso e Barbara Gaga.

Maria Affonso casou com Alonso Peres, Barbara Gaga com Fernão Paes, irmão de João Paes.

Teve a dita Barbara Gaga de Fernão Paes os filhos Pedro Paes, Margarida Gaga, Magdalena Affonso e Maria Paes.

Margarida Gaga casou com Fernão Munhos, Magdalena Affonso com Domingos Nunes, Maria Paes com Christovão Pereira. Viuvando Magdalena Affonso de Domingos Nunes, casou-se com Affonso Dias, de cujo teve tres filhos Pascoal Dias, Magdalena Affonso e Isabel Dias.

Magdalena Affonso casou com Antonio da Costa, Isabel Dias com Baltazar Nunes; viuvando d'elle casou-se com Diogo (ou cousa que o valha) de Fontes do Parahiba.

Segunda filha de Pedro Affonso, Maria Affonso casou com Pedro Alves Fernandes, de cujo houve quatro filhos, Simeão Alves, Pedro Alves, Marcos Fernandes e Francisco Alves.

Simeão Alves casou com Maria Luiz, filha de Domingos Luiz Grou; Pedro Alves com Anna Farel, filha de Francisco Farel; Francisca Alves com Antonio de Touro, e viuvando d'este casou com Henrique Baruél, de nação ingleza, pai de João Baruél, e viuvando d'elle se casou com Simão Jorge, de quem teve cinco filhos, Agostinha Rodrigues, Violante Jorge, Francisca Alves, Simão Jorge e Domingos Jorge.

Agostinha Rodrigues casou com Diogo Coutinho de Mello, Violante Jorge com Estacio Ferreira, que houveram dous filhos e uma filha, a qual é mulher de João de...

Francisca Alves casou com Simão Machado, Simão Jorge com uma filha de Aleixo Jorge, e Domingos Jorge com uma filha de Salvador Pires. donde descenderam Antonio Pires Monteiro, Bento Pires, João Pires Monteiro e Antonio Pedroso.

A 2ª. filha de Maria Affonso casou com Sebastião Fernandes Camaxo e tiveram 3 filhos, Sebastião Fernandes Camaxo, o moço, Manoel Fernandes e Izabel Fernandes.

Sebastião Fernandes Camaxo, o moço, casou com uma filha de Antonio Bicudo, Izabel Fernandes com Gaspar Cassão, ou cousa que o valha.

A 3ª. filha de Pedro Affonso, Izabel Affonso casou com um fulano Gomes de tal, que tiveram uma filha por nome Antonia Gomes, a qual secas ou com Pedro Dias, viuva de Maria de Gran, de cuja Maria de Gran teve Pedro Dias 3 filhos, Clara Parente, Felipa Dias e João Dias Arenço.

Clara Parente casou com Gonçalo Madeira, Felipa Dias com F. Alvares, João Dias Arenço com a mãe de André Botelho, que tem uma filha chamada Margarida Parente, mulher de João Peres, sogra de Manoel Rodrigues d'Arzão.

Tornando a Antonia Gomes, teve Pedro Dias, d'ella, 3 filhas, Francisca DiasVelho, a mulher de Sebastião Gil, a mulher de Andre Maciel.

Viuvando Antonia Gomes de Pedro Dias, tornou a casar com Gaspar Nunes, de cujo teve 3 filhas, a mulher de, Paulo de tal, sogra de Diogo Ferreira; a mulher de Francisco da Costa, a mulher de Geraldo da Silva.

Casou Francisco Dias Velho com uma filha de Elena Gonçalves, de quem teve 8 filhos, Pedro Dias, Francisco Dias, Manoel Dias, Ignacio Dias, João Dias, Elena Dias, mulher de Francisco de Siqueira, a mulher de Pedro Jacome, a mulher de Manoel Vieira.

A 4ª. filha de Pedro Affonso casou com um escravo, e tiveram filhos e filhas.

—

Data do papel —1613.

SERTANEJO

No dia 8 de Maio de 1874, na villa de Jatuhi, Paraná, segundo escrevem dali, faleceu o cidadão Joaquim Francisco Lopes, na idade de 78 annos. Era casado em terceiras nupcias, deixando viuva e seis filhos de menor idade, sendo a mais moça de dous annos. A sua prole eleva-se a 22 filhos.

Joaquim Francisco Lopes foi o sertanejo, que no tempo do finado barão de Antonina abriu, acompanhado do engenheiro João Henrique Elliot, este sertão, e fez a exploração de todo este terreno até Mato-Grosso. Prestou, durante a vida, relevantes serviços á patria.

Vivia ultimamente entregue aos seus minguados recursos e esquecido de todos, morrendo em extrema pobreza. Nasceu a 7 de Setembro de 1805.

Era filho de Piumhi em Minas-Geraes.

7 de Janeiro de 1884.

Assento de obito de José Bonifacio na igreja do Carmo da côrte.

Rio de Janeiro 6 de Abril de 1838. — Faleceu o Exm. conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva, o qual veio amortalhado no habito de cavalleiro da ordem de Christo, sendo embalsamado, e vindo da outra banda de São-Domingos em um caixão forrado de xumbo, na galeota de S. M. I. até a rampa, no dia 8 do corrente; e dahi levado, com grande acompanhamento de pessoas particulares e mais grandes do imperio, com toxas para a nossa capella, e posto em cima da urna, estando esta bem guarnecida de luzes, e toda a capella ornada de preto

ricamente, á custa do Irmão procurador actual Joaquim Fausto de Souza, onde foi primeiramente encommendado pelo Illm. cabido com assistencia de toda a côrte e depois segunda vez recommendado pelo Reverendo commissario e vinte Reverendos sacerdotes, com seu *Liberame* de grande musica; reconduzido pela sociedade de medicina solemnemente com os ditos Reverendos Srs. para a nossa casa *de profundis*, onde ficou depozitado, ficando á mostra a todo o povo; e no dia 25 do dito foi condusido seu caixão á noite particularmente pelos seus amigos em companhia do Illm. e Revdm. vigario capitular até a rampa para ser levado para São-Paulo, como tinha determinado, dizem, em seu testamento: do que para constar fiz este assento. O vigario do culto divino, o Irmão *Ricardo José Domingues Ferreira*.

NEGOCIOS ECCLESIASTICOS NO BRAZIL COLONIAL

CAPITULO I

Queixa do deão contra o bispo do Rio de Janeiro

Illm. e Exm. Senhor.

§ 1

Procurei averiguar toda a materia da queixa, que o deão da sé d'esta cidade Pedro José Augusto fez subir á real presença contra o bispo d'esta diocese, com todo o segredo e cautela que Vossa Excellencia me recommenda ; e posto que factos tão particulares, como os que n'ella se comprehendem, sejam tão faceis de compor, como difficultosos de averiguar, achei, que a dita queixa fôra feita pelo referido deão com conhecida calumnia, e de proposito para malquistar e denegrir o credito do mesmo prelado, em vingança de o haver justamente castigado pelas repetidas e escandalosas faltas de respeito e obediencia, que com elle praticou, principalmente em toda a semana santa do anno proximo passado, como passo a expôr a Vossa Excellencia.

§ 2

Refere o dito deão, que, tendo mandado o bispo que se dessem em domingo de ramos palmas nuas, como aos pretos e plebe do paiz, as quaes são de comprimento de duas e tres varas, succedêra, que, achando-se na sé o dezembargador José Feijó de Mello em similhante dia do anno de 1781,

lhe déra o bispo de proposito uma palma de tão avultado comprimento, que causára, além de riso, grave escandalo pela pequenez do dito desembargador, o qual, conhecendo a desfeita, a quebrára no mesmo solio; e que para se evitarem similhantes indecencias, determinára o cabido no anno proximo passado, que se dessem sómente as pontas das palmas ornadas com duas flores naturaes, cuja resolução fôra impugnada pelo prelado pelas palavras— que não queria.

§ 3

D'este artigo o que só foi certo é, que, tendo ajustado o bispo com o cabido, desde que chegou a esta cidade, que se déssem as palmas como se colhiam, para se evitar a não pequena despeza, que antecedentemente se fazia com os ramos de flôres compostas, economia esta, que necessitava ter o cabido assim n'esta, como em outras despezas, para melhor satisfazer o empenho, em que se achava com alguns dos seus fabriqueiros, e fazer algumas cousas que eram indispensaveis para o serviço da mesma catedral; comtudo o deão e seus parciaes, o mestre-escola José Coelho Peres de França e o conego José de Sousa Pizarro procuraram n'aquelle anno alterar o dito costume, solicitando em cabido que se mandassem dar as pontas das palmas ornadas com algumas flôres, ainda que fôssem naturaes; o que, sendo participado ao bispo pelo actual fabriqueiro, não encontrou a sua approvação, talvez porque considerasse, que por este modo se viria a cahir insensivelmente no mesmo inconveniente d'aquella despeza, que com o cabido tinha procurado evitar, ou que o deão e seus parciaes procuravam aquella innovação para alterar e desfazer de proposito aquelle seu arbitrio, que já se tinha approvado, e estava seguido pelo cabido, ha tantos annos, sem alguma duvida.

§ 4

E' porém falso, que de proposito désse o mesmo bispo ao dezembargador José Feijó uma palma de tão

avultado comprimento, que lhe servisse de zombaria; não só por que ninguem haverá,que possa crer,que um prelado tão sério nas funcções de seu ministerio, e tão civil como elle, que attende e respeita, quanto póde, os ministros de Sua Magestade, praticasse na propria catedral com um d'elles uma acção tão pueril, como porque na distribuição das palmas (como até os leigos sabem) não tem o bispo eleição alguma,e só dá aquella que lhe subministra a dignidade que para isso lhe está assistindo, e ainda esta mesma dignidade offerece ao bispo a que lhe vão dando outros sacerdotes, que ali se acham para esta funcção ; sendo bem para repetir que ainda o ultimo d'estes não podia ter a escolha que o dito deão imputa ao bispo, quando a não ha entre cousas iguaes, como eram as palmas, que elle figura todas ordinarias e excessivamente compridas.

§ 5

N'estes termos bem se vê, que o bispo não podia escolher de proposito uma muito avultada para dar ao dezembargador, como lhe imputa o deão ; antes pelo contrario é constante, que, vendo, quando se approximava o dito desembargador, que lhe vinha a caber uma palma maior do que pedia a sua estatura, se vexou de lh'a dar, mas não podia deixar de o fazer, porque é bem certo, que, si a trocasse por outra mais pequena,ainda a havel-a, viria talvez escandalisar o dito ministro, porque d'esta sorte accusaria mais o seu natura defeito ; o lqual está todos os dias experimentando estas desigualdades sem a zombaria, de que o deão se lembra, nas grandes toxas que lhe offerecem em qualquer funcção, onde as não ha, nem se procuram proporcionadas ao seu tamanho; e posto que tambem seja certo, que o dito dezembargador quebrasse a referida palma, é falso, que o fizesse no solio por desfeita ao prelado, porque n'esse caso ali a deixaria ficar, e não a levaria,como levou, assim mesmo quebrada para melhor a poder transportar.

§ 6

Diz mais o deão, que elle, como presidente, fizera vêr ao prelado, que o cabido não precisava do seu

consentimento para similhantes negocios,mas que esta decisão não fôra bastante para elle desistir do seu projeto, e só servira de lhe conceber o mais terrivel odio, assim como os mais conegos, que d'elle esperavam as nomeações para as cadeiras e dignidades vagas; e que, tomando finalmente o bispo á sua conta mandar formar as palmas, appareceram em domingo de ramos umas palmas muito indecentes e enormes, e que o fizera por não perder o dominio, que tem sobre o cabido.

§ 7

O que houve a este respeito foi, que dizendo o fabriqueiro ao deão que o bispo não queria convir na innovação das palmas,se apaixonára fortemente e succedendo depois ir o bispo á catedral para tratar com os conegos de um concerto de que tivera noticia que a igreja necessitava, ali estando em cabido, lhe disse o deão, que bem estimava vêr S. Ex., para lhe participar o que tinham resolvido sobre as palmas, e accusando o mesmo prelado de ter dito que não queria, segundo se explicára o fabriqueiro, o insultou com desmedida insolencia assim no modo como nos argumentos, escandalisando com isto aos companheiros, não pela dependencia, que lhes quer attribuir da nomeação das cadeiras ou dignidades vagas, pois é bem certo, que nenhum d'elles era responsavel pelos desconcertos do deão, mas porque o que acabava de praticar com o seu superior não podia deixar de escandalisar a todos os que não eram do seu apaixonado partido.

§ 8

Com tudo o bispo, supportando o insulto com a maior mansidão, depois de lhe impôr silencio e advertil-o com brandura, do respeito com que devia tratar ao seu prelado, proseguio da mesma sorte a manifestar-lhe os motivos da pratica, que o deão pretendia alterar, até o convencer das suas razões; e vendo que ainda assim elle insistia em que se fizessem alguns enfeites nas palmas,

concluiu a conferencia, dizendo que elle tomava á sua conta mandal-as compor á sua custa, e com effeito assim o praticou, mandando pratear as pontas e ornal-as com laços das suas mesmas folhas na fórma do ceremonial e do uso de muitas sés do reino.

§ 9

Continua o dito deão dizendo, que no mesmo dia de palmas faltára á solemnidade d'ellas, porque havia tempo que faltava ao côro por molestias, e acrescêra tel-o procurado n'aquelle dia o capitão do navio « Aurora » pelas 6 horas da manhan, para ir vêr o commodo, que n'elle pretendia, pelo ter feito o cabido seu procurador para ir á côrte tratar de alguns requerimentos; e que com o pretesto d'essa falta, que tambem fizera o conego José de Souza Pizarro, os mandára o bispo prender, acabada a funcção da alleluia, a elle deão no Castello d'esta cidade, e ao outro na fortaleza da ilha das Cobras; porém que a causa d'estas prisões não fôra a falta referida, tanto por que esta tinha pelos estatutos as penas competentes, como porque, si por ella havia crime, parecia ficar bem castigado com uma reprehensão, ou com o ser mandado recolher em sua casa, e só verdadeiramente fôra por votarem livremente em cabido, sem tomarem o parecer do prelado, e deliberarem sobre materias que lhes pertenciam, as quaes deduzia em treze capitulos, que se comprehendem na sua conta.

§ 10

N'este artigo, em que o deão conheceu, que estava toda a sua culpa, procurou usar de todo o artificio para o referir de fórma que não parecesse mal o que elle tinha praticado; mas a verdade foi, que sem embargo de ter faltado ao côro alguns dias antes de domingo de ramos, comtudo n'esse dia foi á sé, disse missa, e esteve no côro; vendo porém na sacristia que as palmas, ainda que compostas na fórma referida, não tinham algumas flôres, nem ficaram tão pequenas, como era todo o seu empenho, mostrou

publicamente o seu desagrado, e acabada a hora de prima, quando se esperava, que o prelado chegasse para se entrar aos solemnes officios d'aquelle dia, tomou a resolução de se ir embora ; no que foi seguido pelo conego José de Souza Pizarro, e o seria tambem pelo mestre-escola José Coelho Peres de França, si este não tivesse de cantar missa, como elle mesmo declarou na sacristia ; e de tarde voltaram ao côro.

Não póde duvidar-se, que esta falta não foi por molestia ; porque si o fôsse, não tornariam ao côro de tarde, mas só depois de 24 horas, como ordenam n'esse caso os seus estatutos ; e porque assim o não observaram, bem se manifesta pelas antecedencias, que se retiraram por desfeita ao prelado, e que, para não deixarem esta duvida, voltaram na tarde do mesmo dia, como geralmente se ficou entendendo.

§ 11

N'estes termos não era a dita falta a que devia ser castigada precisamente com multa, como o deão quer persuadir; porque os estatutos no capitulo 20, paragrafo final, a mandam castigar com pena arbitraria n'estas palavras: « Nos dias em que o prelado assiste na sé, nenhum capitular póde faltar a ella, nem ainda com o pretexto de ter tomado os dias de estatuto, achando-se na cidade, salvo tendo tal impedimento, que, representado ao dito prelado, lhe dê licença para não assistir n'aquelle dia ; e, fazendo o contrario, será condemnado pelo prelado com as penas que lhe parecer. » E si o dia era da assistencia do bispo, e o deão não só estava na cidade, mas esteve na sé, donde se ausentou sem licença, como se esquece d'aquella disposição ?

§ 12

Mas além d'isso nunca seria proporcionada á culpa a pena de multa ; porque esta só poderia ter logar na

simples falta, que não tivesse outra qualidade, e não quando, como no presente caso, era sediciosa e offensiva do respeito e obediencia devida ao prelado, por cuja razão tambem não seria correspondente o castigo de mandar recolher os culpados em suas casas, muito mais quando este insulto se foi repetindo em todas as occasiões que se lhes offereceram n'aquella semana santa, talvez pela impunidade em que se consideravam pela dissimulação, com que o bispo pareceu tratar o primeiro crime, como succedeu no dia de quinta-feira-maior, em que, estando o mesmo prelado distribuindo a sagrada communhão ao clero e povo e com elle o deão, como presbitero assistente, se retirou este do altar para a sacristia a titulo de descançar, assim mesmo revestido como estava, occupando-se em murmurar do vagar, com que se praticava um acto da nossa religião tão importante ; e succedeu tambem em sexta-feira santa, que, estando-se ao officio de trevas, foi o deão levando o côro com tanta precipitação, que por duas vezes foi advertido pelo bispo para que fôssem certos ; mas como fizesse, que o não percebia, e fôsse continuando da mesma sorte, bateu o bispo na cadeira e lhe repetiu em voz mais alta, que fôssem certos ; do que resultou parar o deão e logo depois fexar o breviario, apagar a luz que tinha diante e ir para a sacristia, donde se retirou sem voltar mais ao côro, depois de clamar altamente contra o bispo, dizendo que o desatendia, porque o bater e dirigir o côro só era de sua competencia.

§ 13

Parece, que tão repetidos insultos não podiam deixar de obrigar o prelado a proceder de um modo, que restabelecesse a sua autoridade por tantos modos despresada e offendida, e ao mesmo tempo satisfizesse ao publico, que tudo tinha presenciado, fazendo conhecer aos culpados que tinham superior, que reprimisse as suas rebeldias ; o que talvez não entendiam ou fingiam não entender, pelo pouco que em todas as occasiões mostravam contemplar o mesmo prelado, circumstancias em que bem se manifesta,

que a causa das prisões só foi a que o deão chama pretesto, e de nenhum modo porque votassem livremente em cabido sem tomarem o parecer do prelado, ou porque deliberassem sobre materias que lhes pertenciam, como o deão artificiosamente procura persuadir, para não parecer culpado ; pois não consta, que o bispo jámais pretendesse ter o cabido em similhante subordinação.

§ 14

Accrescenta mais o deão, que pelas razões que havia allegado, e por se ter opposto ao deado que o bispo procurava com grandes diligencias alcançar para seu tio José Luiz Mascarenhas, assistente na côrte, se preocupára de tal sorte, que desde que elle deão chegára a esta terra, tinha procurado todos os meios de lhe fazer desfeitas publicas, sendo a primeira a de lhe não falar com o pretesto de estar em um banho, quando o procurara na sua fazenda do Rio-Comprido na mesma noite em que desembarcára pelas 9 horas.

§ 15

Tudo isto é uma impostura, com que o deão estudadamente continúa em applicar a sua prisão a diversa origem da que verdadeiramente teve, para se inculcar innocente e culpar o prelado, do qual nunca recebeu antes da mesma prisão, sinão demonstrações de benevolencia, como é notorio, apezar de lhe não ser occulto quânto elle lhe era opposto, e quanto murmurava das suas resoluções, talvez por serem dirigidas á maior perfeição eclesiastica. Isto bem se deduz de que, não obstante ser o deão um eclesiastico que pela sua conduta em tudo escolastica, e pela desaffeição ás cousas do seu estado, não podia dever ao prelado o melhor conceito, com tudo o nomeou seu examinador sinodal por decencia e attenção á dignidade em que estava ; o que certamente não faria, si lhe tivesse o odio, que elle pretende inculcar; sendo bem para notar que pretenda, que o bispo lh'o principiasse a ter por se haver opposto ao beneficio, que (segundo diz) procurava

com grandes instancias para o seu parente José Luiz Mascarenhas, ao mesmo tempo que é constante, que elle se queixa do bispo pela falta das mesmas diligencias.

§ 16

Da mesma qualidade d'este imaginado odio são as desfeitas com que o deão diz, que o bispo o tinha tratado, desde que chegou a esta cidade, como se faz bem patente de não apontar outra, sinão a de lhe mandar dizer o bispo, que estava em *um banho ás hora d'elle*, como consta, que na verdade estava, nem n'essa occasião podiam ser só 9 horas da noite, porque a essas se despedio o deão de mim, como muito bem me lembra ; e é bem certo, que si n'esta materia podesse imputar mais alguma cousa ao prelado, não a omittiria, pelo empenho com que se vê da sua queixa, que procura culpal-o.

§ 17

Pelo que bem se convence, que nunca recebeu taes desfeitas ; antes me lembra com toda a certeza, que o bispo logo o foi visitar por chegada, e que sendo 3 para as 4 horas da tarde, lhe não falára o deão, mandando-lhe dizer que estava em um banho, medindo d'este modo as visitas e respostas com o seu superior por uma igualdade, que não havia nas horas e occasiões das mesmas visitas, de que o bispo nenhum caso fez ; e como por bastantes vezes presenciei o muito agazalho com que o tratava, ha muito tempo, que tinha feito juizo de que, si o mesmo prelado o não tivesse tratado sempre com tão bom modo, elle se não teria talvez precipitado em tantos desconcertos, abusando da civilidade com que o dito bispo procurava fazer-se entender, e dirigil-o por meio de uma suavidade muito mal empregada.

§ 18

Diz finalmente o deão, que o odio do prelado bem se manifestava da forma da prisão indecorosa á sua

pessoa e dignidade, como pelo immundo e indecente logar, em que o mandára pôr, afim de intimidar o cabido para nada obrar sinão o que elle quizer; quando (segundo a constituição que aponta) o não podia prender sinão em homenagem em sua caza: e que ainda não satisfeito procurára atenuar o patrimonio d'elle deão, mandando com o seu absoluto imperio ao cabido que revogasse, como revogou, uma procuração, que com seu consentimento lhe tinha dado, para ir requerer á côrte, ao passo que este respeito já tinha vendido cazas, sege e todos os seus moveis, e tambem posto todo o seu fato abordo do navio *Aurora* sem receber do cabido cousa alguma para o seu transporte.

§ 19

Não ha mais refinada calumnia do que a d'este artigo, pois não devendo o mesmo prelado servir-se das fortalezas sem ordem de quem n'ellas governa, m'a mandou pedir pelo seu provisor e vigario geral para serem recebidos nas mesmas fortalezas dous conegos, por maior decencia; e em logar de o deão reconhecer esta attenção, que com elle se teve, trata as ditas fortalezas, aonde tem estado officiaes da maior graduação, por logares immundos e indecentes, ao mesmo tempo que não quiz sahir da do Castello, logo que teve ordem para isso, mas se conservou n'elle até ao outro dia muito por sua vontade.

§ 20

De que se segue, que o conceito que o deão faz de ser indecorosa a dita prisão á sua pessoa e dignidade, não póde proceder de ter sido em uma fortaleza, pois não póde ignorar, que esta se dá por distinção das pessoas, que, merecendo ir para uma cadeia publica pelas suas culpas, vão para as ditas fortalezas; procede sim de considerar, que é izento da jurisdição do bispo, como sempre mostrou entender, e procurava sugerir a alguns dos seus companheiros.

§ 21

Assim se colhe manifestamente da mesma sua queixa, quando pede a Vossa Excellencia, que lhe declare: si podem os bispos prender sem culpa formada, não tendo nem mero, nem mixto imperio:—si podem fazer similhantes prisões por potencia:—e si a dignidade de deão (a isto allude o mais que antecedentemente propõe) está sugeita aos seus despotismos.

E' graduado em canones, e ignora, que os bispos por si sós pódem proceder a similhantes correcções na fórma do Conc. Tridentino, ses. 6ª cap. 4º de reform.?

E' dignidade da sé d'este bispado, e ignora, que na sua constituição liv. 4.º tit. 15 § 680 se acha a mesma disposição nas palavras « Poderão ser presos no aljube, quando a prisão lhes fôr dada em pena de delito. » — ou si as não ignora, supprimiu de proposito estas palavras, quando aponta as do paragrafo antecedente, que lhe serviam melhor.

E' presidente do cabido e ignora os estatutos da sé, que prometteu observar com juramento, os quaes dão por certa a referida disposição, quando no capitulo segundo dispõem sobre o modo porque deve ser contado o capitular, que fôr preso ou retento no aljube, em sua casa, ou em outro qualquer logar, pelo prelado, legado, principe, ou outra qualquer pessoa superior.

§ 22

O que supposto, e o mais que fôr patente a culpa do deão, mal póde este allegar, que o seu castigo fôra incompetente, e menos que fôra para intimidar o cabido, para que só obrasse o que o bispo quizesse, sendo o seu total fim accusar o prelado, imputando-lhe a ruina do seu patrimonio em razão de ter vendido o que possuia para passar a Lisboa, quando por ordem despotica do mesmo prelado, como diz, lhe fôra revogada a procuração do cabido; sendo certo e constante, em 1º. logar, que o bispo não cooperou por modo algum para que a dita procuração se fizesse, ou se revogasse: em 2º. logar,

que para o deão ir a Lisbôa como procurador dos poucos negocios do cabido, não lhe era preciso vender o que possuia, porque tudo lhe seria necessario, quando voltasse, si este fôsse o seu animo. Mas como o não tinha, e só de se retirar com aquelle pretesto honesto para Lisbôa, e não voltar, pois desde que chegou sempre disse, que se havia de demorar pouco tempo, e que viéra com grande violencia para esta cidade, por isso não só vendeu o que lhe foi possivel, emquanto subsistia a procuração, mas ainda depois d'ella revogada, resolvendo-se então a retirar-se, como se retirou, fugitivamente, e não cuidando em tirar do navio «Aurora» o que n'elle tinha embarcado, tendo muito tempo para isso, como agora é constante ; e n'estes termos como se faz notorio, que estava na resolução de se ir embora, e apurar o que cá tinha, fôsse ou não fôsse como procurador do cabido, mal póde imputar a alguem a chamada atenuação de seu patrimonio pelas vendas que fez, principalmente quando consta, que por ellas nada perdeu, antes ganhou.

§ 23

Resta agora tratar da materia dos treze capitulos, com que o deão procura accusar o bispo ; e posto que do que fica dito, se colhe bem claramente o pouco credito, que merecem, sendo offerecido por inimigo tal, como o deão se manifesta ; e que só os fabricou para n'elles deduzir o imaginado odio do prelado, em que procura estabelecer a sua queixa e a sua innocencia, infamando-o ao mesmo tempo quanto pedia a vingança da sua paixão : com tudo devo dizer a respeito d'elles o que tenho averiguado.

§ 24

Quanto ao 1.° Nenhum odio podia ficar ao prelado contra o deão, porque promovesse em cabido a execução de um aviso da secretaria de estado dos negocios do reino de 30 de Abril de 1778 a favor do testamento do falecido bispo, quando já estava dado a execução antes da chegada do dito deão, e só consistia o dito aviso em declarar, que

podia executar-se o dito testamento, que até então estava em suspenso, por não ter ainda passado pela dita secretaria a bulla, que o sobredito bispo obteve para testar; e é constante, que o actual tem contribuido com o possivel para se irem satisfazendo os legados, além de que, muito antes da chegada do mesmo deão, estava o testamenteiro dando a sua conta por força do mesmo aviso no juizo de fóra d'esta cidade, aonde só pertence a sua execução.

§ 25

Quanto ao 2.° E' falso, que o bispo esteja de posse dos fóros deixado pelo seu antecessor ao cabido; porque este os cobra desde que veio aquella resolução, e os que recebeu antes d'ella, que me consta não passaram de seiscentos mil reis, não sabe a quem os ha de entregar, por não estar decidido a quem pertençam, si ao cabido ou ao testamenteiro, visto declarar a verba do testamento, que, no caso de não chegarem os bens deixados para inteira satisfação dos legados, se tiraria o rendimento de tres annos dos ditos fóros para o testamenteiro com elles satisfazer.

§ 26

Quanto ao 3.° O que houve, foi estranhar uma vez o bispo, que o cabido se demorasse em vir recebel-o á porta principal da igreja; e tomando o deão por pretexto para esta falta a incerteza da entrada, que o prelado umas vezes fasia pela dita porta, outras pela da sacrestia, assentou o bispo de bôa paz em ir sempre pela principal; e d'isto não sei, que se podesse seguir odio.

§ 27

Quanto ao 4.° E' tão falso o que n'elle se diz, como notorio, que nenhuma função da sé acaba pelas horas que o deão assevera, devendo applicar só a si o fastio que attribue aos fieis. Não ha duvida, que o bispo assiste algum tempo por fóra da cidade, porque os

medicos lhe aconselham o ar do campo pelas molestias, que padece; bastando vêl-o para se conhecerem; mas nem por isso, quando tem de vir á sé, deixa de o fazer a horas competentes como todos presenceam, porque n'isto é exactissimo.

§ 28

Quanto ao 5.° E' falso, que o bispo dê protecção especial á fabrica de cêra, em que se interessou um seu criado por morte de quem a possuia, e não ha outra razão por que o fabriqueiro mande ali buscar a cêra de que necessita. sinão porque já em vida do ultimo possuidor a costumavam mandar buscar á mesma fabrica.

§ 29

Quanto ao 6.° Não se alcança em que qualidade decidiu o deão contra o prelado na proposta, que diz lhe fizeram, nem o porque se lhe faria esta sobre excessos e augmentos, que diz se praticam na camara eclesiastica, aonde não consta, que se levem maiores emolumentos do que no tempo passado. E' falsa a grande afflição, que tambem diz ha no povo pelo imposto para as obras pias nas dispensas, que se lhe pedem, de alguma das diligencias que devem preceder á contração dos matrimonios, que, por isso mesmo que são dispensas, sem as quaes se podem contrahir os mesmos matrimonios, não obrigam a pessoa alguma, que não pretenda a mesma dispensa, de que não necessita, e só procura por sua maior comodidade.

§ 30

Quanto ao 7°. E' em tudo falso o que diz o deão n'este capitulo; pois si alguns bachareis deixaram de se opôr á cadeira doutoral, por saberem que se tinha oposto o secretario do bispo João Rodrigues Marmello, seria por obsequio e attenção que com este quizessem ter; ou talvez por reconhecerem a preferencia, que elle lhes

tinha em estudos e capacidade, que posso attestar ser muito distincta dos mais, porque os conheço; e não porque o bispo por modo algum directo ou indirecto intimidasse alguem, para que se não opozesse.

§ 31

Quanto ao 8.° Este capitulo mostra a sêde, que o deão tinha de imputar muitas culpas ao bispo, e que, por não as ter, atirava comsigo para toda a parte, introduzindo-se até no que tinha passado tantos annos antes da vinda do mesmo deão, como foi a divisão que o bispo fez, logo que chegou, dos clerigos nacionaes e europeus em acto de conferencia moral, a que assistia na igreja de São Pedro, com o fim de melhor os ficar conhecendo; do que não haverá quem diga, que se seguio o rancor e sedição, que falsamente diz o deão ficára entre um e outros.

§ 32

Quanto ao 9.° E' falso, que o bispo retenha em si as propinas das religiosas de Nossa Senhora de Ajuda, e que lhes tirasse a administração das suas rendas a bem de outrem; estas sempre se administraram por uma pessoa nomeada pelos bispos, porque as freiras, estando reclusas, o não podem fazer; e isto é o que o deão cavilosamente inverte, para ter logar de dizer o que diz, e de lhe não escapar tambem esta materia, para n'ella accusar ao bispo, ao mesmo tempo que é notorio quanto este tem feito para melhorar o pobre estado, em que achou as ditas freiras, pelos maus empregos que em outro tempo se fizeram dos seus dotes.

§ 33

Quanto ao 10.° O deduzido n'este capitulo é o mais atroz testimunho falso, que o deão levanta ao bispo sem pejo, sem honra e sem temor de Deus, que a tanto o conduz a sua cegueira; e bem se percebe, que n'esta infamia do seu prelado consistia o seu maior empenho, e

que, para a não introduzir tão secamente, que logo parecesse paixão, é que compoz os mais capitulos, que lhe servissem de preambulo, e de que a pudesse ir deduzindo: pois devendo considerar que, si se entrasse no conhecimento d'este negocio, tanto se havia de procurar saber a verdade de uns, como de outros artigos, com tudo só a este offereceu testimunhas,que o hajam de comprovar.

§ 34

Esta materia é tão delicada para ficar ainda em duvida, que, posto que eu a não tivesse, me não pareceu justo deixar de ouvir as mesmas pessoas, que o deão aponta, debaixo do possivel segredo que Vossa Excellencia me recommenda. Nas attestações que remetto, verá Vossa Excellencia, que não ha uma, que não responda contra quem as produziu. Estimaria poder pintar a V. Ex. a admiração em que todas ficaram com a minha pergunta, e quanto se lhes fez nova a materia d'ella, e igualmente que houvesse quem as referisse para a provar.

§ 35

A moça com quem o dito deão tem o valor de dizer, que o seu prelado tem familiaridade, creio, que será uma sobrinha d'este, porque não ha outra n'aquella casa, de 42 annos de idade, que na falta de seus pais,e de um unico irmão, tenente de cavallaria no Rio-Grande, está vivendo na companhia dos seus parentes na casa da mãi do dito prelado, aonde tudo respira a maior decencia; e isto é quanto basta para que o deão e os que pensam como elle, estabeleçam para seu desafogo, que as visitas indispensaveis, que o dito prelado faz a sua mãi, tenham differente objecto, e que sem embargo de serem muitas vezes feitas com grandes intervallos de tempo, o deão lhes chama frequentes, esquecendo-se da contradição com que já tinha dito no capitulo 4.°, que o dito prelado frequentava com nimio excesso as suas fabricas de anil, e outras distantes d'esta cidade duas leguas; termos em que mal podia ter a mesma frequencia em casa de sua mãi.

§ 36

Presentemente posso ser testimunha de que mais de quarenta dias não foi o bispo áquella casa, e isto tem succedido mais vezes no meu tempo, por estarem algumas crioulas com bexigas, que o dito bispo nunca teve; e muito mal se ajusta esta cautela e receio com tanto empenho, como o deão figura; pois si o houvesse, não entraria em consideração similhante receio, despresadas outras considerações de muito maior peso e gravidade.

§ 37

Pelo que respeita ao mais que diz o deão, de que o bispo tem cama, e dorme em casa da dita sua mãi, quando lhe parece e que leva a mesma familia para a quinta do Capão e de Sant'Anna, aonde se ajuntam outras moças com toques e cantos e isto procede de que estando gravemente inferma a mãi do prelado, haverá 3 para 4 annos, e tendo-lhe este levado o sagrado viatico da sua freguezia de S. José, lhe ficou assistindo em quanto durava o perigo de vida 2 ou 3 dias, nos quaes pernoitou na mesma casa; o que tambem fez por uma ou duas vezes no mez de Julho do anno proximo passado, porque andando na esperança de se querer reduzir á nossa santa religião o tenente general João Henrique de Böhm, que se achava com evidente perigo de vida em uma quinta desviada da sua residencia, e mais proxima áquella casa, para poder acudir mais promptamente ao seu chamado a toda a hora, como já tinha succedido uma vez inutilmente, por lhe terem sobrevindo logo grandes delirios.

§ 38

Procederá tambem de que no anno proximo passado foi a mãi do mesmo prelado com a sua familia convalescer de algumas molestias a uma quinta que tem, chamada de Sant'Anna, donde por não estar com a mesma familia se passou o bispo para outra quinta chamada do Capão, que tinha arrendada, e fica na sua visinhança.

§ 39

E procederá ultimamente de que, tendo Dona Rosa, mulher do ajudante das ordens, Camillo Maria Tonelet, pessoas de conhecida honra e probidade, amizade com a mãi e irman do mesmo prelado, as foi visitar com seu marido,e estiveram dois dias na dita quinta de Sant'Anna, onde poderia ser que a dita Dona Rosa cantasse e tocasse cravo, porque o sabe fazer muito bem : e ainda me consta pelo dito ajudante de ordens, que se desencontraram por acaso do dito bispo, que tinha vindo á cidade.

§ 40

Mas, ainda que em nenhuma d'estas cousas se ache que notar, não deixaram de servir ao deão, segundo posso perceber, para as confundir e envenenar fundando-se n'ellas para se explicar de um modo caviloso,que persuade tanta malicia, como lhe era necessaria para fabricar a sua impostura, apezar da honra de tantas pessoas,em que só devia falar com decencia, e para não parecer que só as produzia para infamar o prelado, como bem se manifesta, que era todo o seu fim, transcrevendo a passagem de Santo Agostinho, que diz citára a respeito do que refere, para vir a concluir por um grande rodeio, que o bispo, sabendo d'isso, concebera mais uma causa de odio contra elle ; mas todo este artificio se deixa perceber, ao mesmo tempo que muito melhor recae sobre o dito deão a citada doutrina de Santo Agostinho, tendo elle aqui assistido sempre em casa de sua irman Dona Clara Rosa Caetana de Faria Lemos ; e si assim como me toca só informar com a verdade do que tenho achado a respeito da queixa do deão, me tocara apontar doutrinas contra elle, citaria muitos canones, que elle quebrantava e devia observar.

§ 41

Quanto ao 11°. E' certo,que, pretendendo o arcediago mandar pôr na frente de um traslado, que se tinha mandado fazer, dos estatutos da sé as armas do bispo actual,

elle não conveio, dando as razões que aponta n'este artigo; mas si por este, e por similhantes motivos, pretende deduzir o odio, que diz lhe tinha o prelado, esqueceram-lhe outros muitos casos, dos quaes é bem notorio, que, si alguns chegavam á noticia do dito bispo, os ouvia com indifferença, pois conhecia perfeitamente o genio orgulhoso e desconcertado do dito deão.

§ 42

Quanto ao 12°. N'este capitulo se manifesta a maldade do capitulante; porque, não se atrevendo a asseverar o que n'elle refere, o põe na boca d'aquelles que diz-lhe retrocaram á resposta, que elle deu, quando se lhe fez a questão, que chama proposta, e se n'estes termos elle não foi o que disse cousa, que pudesse desgostar o prelado, nem a sua resposta o podia tambem desgostar, ainda que fosse contraria, sendo dada a uma questão generica, tal como mostra ter sido a proposta em que não fazia figura o prelado, mal se póde alcançar, como d'esta embrulhada pretenda concluir o deão o odio do mesmo prelado, só sim que por este celebre modo lhe procurava acumular capitulos, que não prova, nem aponta sobre elles facto certo, que se possa averiguar.

§ 43

Quanto ao 13°. Para se fazer uma bôa idéa da perfeição eclesiastica do deão, basta vêr-se, que elle mesmo confessa n'este artigo não ter approvado a resolução do prelado na pastoral, que fez publicar, para que todo o seu clero, debaixo da pena de ficar suspenso do uso das suas ordens, se examinasse para confessar; sendo esta pastoral dirigida a fazêl-os applicar aos estudos de moral indispensaveis ao seu estado, e para os quaes lhes deu tempo, e estabeleceu uma cadeira no seminaria de S. José. Mas, ou o deão aprovasse ou reprovasse esta resolução, seria cousa bem indiferente ao prelado; pois é bem notorio quanto se satisfez com seguir os ditames da sua consciencia, segundo a experiencia que já tinha do seu

bispado, não obstante saber que muitos fariam o mesmo, que o deão diz fizera, sem que por isso lhe merecessem o odio de que só o deão se queixa. Os annos de aprovação são julgados pelos examinadores sinodaes, de que o deão era um, que podem e devem votar o que lhes parecer justo, conforme o maior ou menor aproveitamento dos examinados.

§ 44

O que mais diz o deão sobre as capellanias para Angola, e promoções dos beneficios, é livremente dito, sem apontar facto algum; eu o tenho por uma impostura a mais atroz, porque pela indagação, que tenho podido fazer, acho, que é materia occulta a todos, e só revelada ao dito deão na confuzão em que a propõe.

§ 45

De tudo o que fica ponderado se conclue, que o odio, que o deão pretende, que o bispo lhe tenha, vem a ser o que elle tem ao bispo; bastando para isso o vêr-se que em todos os capitulos elle confessa ter dado causa, por onde o podia merecer, não lhe competindo por modo algum corrigir e censurar as acções do prelado, e só encobrir, como eclesiastico, e como maior dignidade da sua sé, os defeitos que elle pudesse ter; mas não é de admirar, que, esquecido d'estas obrigações, obrasse pelo contrario, si até chegou a fazer timbre e caprixo de mostrar publicamente, depois que sahiu da prisão, quanto aborrecia ao prelado, e quanto se afligia com a sua presença, pondo-se na sé com semblante nimiamente carregado, e com a vista baixa todas as vezes que ali se achava o bispo, e fazendo um particular estudo de não pôr n'elle os olhos; o que por todos se percebia com grave escandalo e murmuração, vindo esta a ser maior, quando uma vez, indo a dar a paz ao prelado, e recebendo-o este com signaes de grande benevolencia, mostrou quanto d'elle se aborrecia, retirando o corpo, e afastando a cara para o outro lado; á vista do que póde Vossa Excellencia

julgar, que attenção merecem as suas queixas; a respeito das quaes procurei alcançar a verdade, que fica exposta, para ser presente a Sua Magestade.

Deus guarde a Vossa Excellencia.

Rio 18 de Janeiro de 1783.

Senhor Martinho de Mello e Castro.

Luiz de Vasconcellos e Souza.

CAPITULO II

Relaxação dos frades do Carmo

Illm. e Exm. Senhor.

§ 1

Tendo já tocado por algumas vezes, ainda que incidentemente, a Vossa Excellencia, na grande relaxação dos frades do Carmo d'esta provincia; e vendo-a cada dia mais adiantada, principalmente nas presentes circumstancias, em que no convento d'esta cidade, juntos já os vogaes para a celebração do capitulo, tudo respirava confusão e desordem, e n'este palacio todo o tempo era pouco para escutar intrigas dos mesmos vogaes do capitulo, com que cada um, conforme a sua paixão, procurava, quando não pudesse conseguir os seus intentos, perturbar um acto, que na consideração dos mesmos frades devia ser o mais sério; me pareceu, de commum acôrdo com o bispo d'esta diocese, que seria muito do serviço de Deus e de Sua Magestade fazer notar no seu real nome o mesmo capitulo, muito mais quando nas vesperas d'elle me veio o proprio provincial participar, que pela disposição que via na sua communidade receiava maiores insultos.

§ 2

Assim o pratiquei, e movendo-se a questão de quem devia governar interinamente a provincia na fórma das

constituições da ordem, na intelligencia das quaes variaram os pareceres dos padres-mestres, ditados em grande parte por um espirito de parcialidade, mandei conservar o mesmo provincial sem alteração alguma até nova resolução de Sua Magestade. E como para esta entendo ser necessario pôr na real presença da mesma senhora o estado actual da mesma provincia, e uma informação clara dos individuos d'ella, não me devendo fiar para isso sómente dos referidos frades, me não cabe no tempo da uma conta completa a este respeito : o que farei com maior brevidade.

Deus guarde a Vossa Excellencia
Rio 23 de Maio de 1783.
Sr. Martinho de Mello e Castro.

Luiz de Vasconcellos e Souza.

Relaxação dos frades do Carmo e reforma ineficaz

Illm. e Exm. Senhor.

§ 1

Havendo participado a Vossa Excellencia a necessidade em que me puzeram as disposições da intriga e de desordem, com que se preparavam os frades do Carmo para o proximo capitulo, que devia celebrar-se em 10 de Maio, para de commum acôrdo com o bispo d'esta diocese mandar no real nome de Sua Magestade notar o mesmo capitulo, e informar á mesma Senhora do infeliz estado d'aquella relaxada provincia e seus individuos ; vou agora participar a Vossa Excellencia novamente tudo o que tem resultado das minhas indagações e da minha experiencia, para se poder fazer conceito do miseravel estado, em que se acha uma corporação religiosa, que só serve de descredito á religião, e de peso e máo exemplo ao estado n'esta capitania.

§ 2

uas eram as parcialidades, que se achavam em , promptas e armadas para combater-se, uma diri- or frei Bernardo de Vasconcellos, e outra por frei encio do Desterro Barros, que ambos foram provin- relaxadissimos. O ultimo ha muitos annos, que go- e desfruta a provincia, e tinha maior numero de s do seu partido, como se vê da relação, que vai o do numero 1; mas havendo da sua parte al- votos illegitimos, como vai explicado no papel que ebaixo do numero 2, que se pretendiam arguir, taes, e tendo-se convidado alguns dos votos de uma a parcialidade com dinheiro e outros interesses, e achava barulhado: e quando não houvesse maior lem, como tem aqui havido com menores disposições, falivel a continuação da maior relaxação da provincia da por qualquer d'aquellas duas monstruosas cabe- executada pelos provinciaes e definidores, que já avam com grande premeditação escolhidos por cada l'ellas em premio dos seus serviços, como Vossa Ex- cia verá da relação, que vai debaixo do numero 3. Para Vossa Excellencia conhecer com quanta razão diam temer as maiores desordens de similhantes s, que as tem feito com menores disposições, bastará exemplo entre muitos que podia apontar, do que uccedido n'esta provincia em tempo em que todos cem, que ella se achava muito menos relaxada do que ntemente. Já no anno de 1743 estes frades não m outra lei e outra regra mais do que as suas cegas es. N'este anno é, que, aconteceu, que, recolhen- da visita de outros conventos para este do Rio aneiro o provincial frei Francisco das Chagas, sem antecedencia que conste mais do que a de ser menos go da observancia religiosa do que os seus antece- , foi esperado pelos seus rebeldes subditos na por- , cercado tumultuosamente, e posto em apertada o, logo no dia seguinte deposto sem ser ouvido, e debaixo da mesma confusão frei Filippe da Madre

constituições da ordem, na intelligencia das quaes variaram os pareceres dos padres-mestres, ditados em grande parte por um espirito de parcialidade, mandei conservar o mesmo provincial sem alteração alguma até nova resolução de Sua Magestade. E como para esta entendo ser necessario pôr na real presença da mesma senhora o estado actual da mesma provincia, e uma informação clara dos individuos d'ella, não me devendo fiar para isso sómente dos referidos frades, me não cabe no tempo dar uma conta completa a este respeito : o que farei com a maior brevidade.

Deus guarde a Vossa Excellencia
Rio 23 de Maio de 1783.
Sr. Martinho de Mello e Castro.

Luiz de Vasconcellos e Souza.

Relaxação dos frades do Carmo e reforma ineficaz

Illm. e Exm. Senhor.

§ 1

Havendo participado a Vossa Excellencia a necessidade em que me puzeram as disposições da intriga e de desordem, com que se preparavam os frades do Carmo para o proximo capitulo, que devia celebrar-se em 10 de Maio, para de commum acôrdo com o bispo d'esta dioceze mandar no real nome de Sua Magestade notar o mesmo capitulo, e informar á mesma Senhora do infeliz estado d'aquella relaxada provincia e seus individuos ; vou agora participar a Vossa Excellencia novamente tudo o que tem resultado das minhas indagações e da minha experiencia, para se poder fazer conceito do miseravel estado, em que se acha uma corporação religiosa, que só serve de descredito á religião, e de peso e máo exemplo ao estado n'esta capitania.

§ 2

Duas eram as parcialidades, que se achavam em campo, promptas e armadas para combater-se, uma dirigida por frei Bernardo de Vasconcellos, e outra por frei Innocencio do Desterro Barros, que ambos foram provinciaes relaxadissimos. O ultimo ha muitos annos, que governa e desfruta a provincia, e tinha maior numero de vogaes do seu partido, como se vê da relação, que vai debaixo do numero 1; mas havendo da sua parte alguns votos illegitimos, como vai explicado no papel que vai debaixo do numero 2, que se pretendiam arguir, como taes, e tendo-se convidado alguns dos votos de uma e outra parcialidade com dinheiro e outros interesses, tudo se achava barulhado: e quando não houvesse maior desordem, como tem aqui havido com menores disposições, era infalivel a continuação da maior relaxação da provincia dirigida por qualquer d'aquellas duas monstruosas cabeças, e executada pelos provinciaes e definidores, que já se achavam com grande premeditação escolhidos por cada uma d'ellas em premio dos seus serviços, como Vossa Excellencia verá da relação, que vai debaixo do numero 3.

Para Vossa Excellencia conhecer com quanta razão se podiam temer as maiores desordens de similhantes frades, que as tem feito com menores disposições, bastará um só exemplo entre muitos que podia apontar, do que tem succedido n'esta provincia em tempo em que todos conhecem, que ella se achava muito menos relaxada do que presentemente. Já no anno de 1743 estes frades não tinham outra lei e outra regra mais do que as suas cegas paixões. N'este anno é, que, aconteceu, que, recolhendo-se da visita de outros conventos para este do Rio de Janeiro o provincial frei Francisco das Chagas, sem outra antecedencia que conste mais do que a de ser menos inimigo da observancia religiosa do que os seus antecessores, foi esperado pelos seus rebeldes subditos na portaria, cercado tumultuosamente, e posto em apertada prisão, logo no dia seguinte deposto sem ser ouvido, e eleito debaixo da mesma confusão frei Filippe da Madre

de Deus presidente provincial: conservou-se preso bastante tempo, sem ter meio algum de poder queixar-se da violencia que sofria,e ha tradição de que ainda se pôz em questão entre os frades, si o matariam.

§ 3

O certo é, que por fim achou modo de recorrer ao ouvidor geral João Alves Simões, interpondo perante elle uma acção de força para ser restituido á sua prelazia, por meio da qual conseguio sentença, que o mandou restituir, depois de grandes impugnações dos frades, que ainda embargaram a sentença para fazerem mais patente a sua rebeldia : tudo consta de uns autos,que existem no cartorio do juizo das execuções, os quaes examinei, não acabando de admirar, vendo que se praticaram tantas ceremonias e formalidades em caso tão extraordinario, e que pedia uma providencia prompta e promptissima. A falta d'esta produzio monstruosos effeitos.

§ 4

De similhante frouxidão o que se seguio foi não fazerem os frades caso algum da sentença, despresarem a autoridade da cousa julgada, e desconhecerem inteiramente a potestade regia, insistindo, apesar de tudo, na pertinacia de subditos rebeldes, e passando á temeridade de vassallos sediciosos.

§ 5

Mas ainda isto foi pouco : subiram tanto mais os desatinos d'estes sacrilegos, quanto dista da terra ao ceu ; pois resolvendo-se o governador Gomes Freire de Andrade a mandar cercar o convento por todas as partes de tropa para extrair-se da violenta prisão o innocente prelado em auxilio da justiça a instancias do ouvidor, de quem o solicitára o procurador do dito preso frei Salvador Caetano d'Orta, por não haver já outro meio para a execução da sentença, os frades, cheios de impiedade

e de irreverencia para com o mesmo Deus, tiveram a incomprehensivel temeridade de irem buscar ao sacrario o santissimo sacramento, e levantando dois altares, um encostado á porta da prisão em que se achava o provincial, e outro á porta da portaria, exporem n'elles o mesmo Senhor, para que a tropa não entrasse no convento, e menos na prisão, em que tinham o dito provincial.

Parecem incriveis tantas abominações, mas são vulgarmente sabidas, e estarão naturalmente provadas entre os papeis, que faltam n'esta secretaria, e que se remetteram para essa côrte por morte d'aquelle governador sem distinção alguma, como já tive occasião de dizer á Vossa Excellencia a outro proposito.

Seguio-se a tantas profanações e ultrages da magestade divina apparecer um dos frades em um logar eminente do convento, e de lá entrar a pronunciar a formula da excommunhão contra a tropa, que só estava attenta ás ordens do official, que a commandava. Com effeito dos sobreditos autos consta, que para se fazer a diligencia foi preciso, que a mesma tropa dirigida pelo dito procurador do provincial arrombasse o portão do carro, outra porta da obra nova, a porta junto da tamarinheira, a porta que vai da sacra-via para o pateo da capella dos terceiros, o muro da cerca do convento, uma estacada de páos, e ultimamente a janella do carcere, onde se achava o preso, pela qual sahio, descendo por uma escada que para este fim se encostrou á dita janella.

§ 6

Entretanto sahiram os frades do convento, e com o santissimo sacramento foram em procissão para o de Santo Antonio, aonde se refugiaram, voltando, quando lhes pareceu, para o seu convento do Carmo aos poucos, desculpando-se cada um d'elles com os outros, e foram recebidos do seu resuscitado prelado com toda a afabilidade.

Da provisão que vai copiada debaixo do numero 4, que não apparece registada n'essa côrte, passada pela chancellaria, nem mandada cumprir e registar

n'esta secretaria, e é o unico papel que n'ella ha a este respeito, verá Vossa Excellencia, que, fazendo-se menção das contas dadas pelo provincial frei Francisco das Chagas, pelo governador e bispo, toda a resolução sobre tantos e tão enormes crimes se reduzio a entregar ao dito provincial o conhecimento d'elles para castigar os culpados conforme o direito e as leis da sua religião: o que nem ainda consta se verificasse, antes sei eu, que frei Manoel Villela, um dos culpados, de que faz menção a dita provisão, e unico talvez que existe, está disfrutando com todo o socego no convento da villa de Santos, sua patria, os extraordinarios privilegios e izenções da sua grande antiguidade, e do gráo de mestre doutor em theologia.

Aquella provisão foi expedida pelo tribunal do conselho ultramarino, e é bem de presumir, que o mesmo tribunal não tratou d'esta materia com a actividade, que ella merecia, na consulta que subio á real presença do Senhor rei Dom João Quinto, quando todo o descuido e frouxidão se póde esperar de um tribunal, que n'aquelle tempo trata a supplica e requerimento de um vassalo ao seu soberano, que a resolve por aquella sua real ordem, de mera insinuação nas palavras—E visto o que me insinuou o dito provincial—que Vossa Excellencia achará na dita provisão.

Tolerados d'este modo e impunidos tantos e tão repetidos crimes, bem claro fica, que d'aquella communidade de levantados sahiram os provinciaes, definidores, priores e mestres de noviços, que continuaram a relaxação da provincia; á vista de cujos exemplos e doutrinas, que lhes correspondem, foram educados e instruidos os actuaes individuos, que tanto e tanto a deshonram. Por isso, mal tinham passado sete annos, já houve outro levantamento escandalosissimo, em occasião de capitulo, para sahir eleito frei Francisco Quintanilha, que se fez famoso em vida pelo irreligiosissimo governo de nove annos, e depois de morto, pelo rico peculio, que deixou, de vinte mil cruzados ou quasi, dos quaes a maior parte consistio em dinheiro de contado, e em bôa moeda.

Deixo de referir a larga historia da eleição e do eleito, por me parecer demasiada impertinencia, e não

figurarem ainda então os frades, que actualmente figuram, e influem no estado actual d'esta provincia.

N'ella foi aceito por aquelle frei Francisco Quintanilha, frei Innocencio do Desterro Barros, famoso cabeça de uma das actuaes parcialidades, que logo foi crescendo tão demasiadamente á sombra do bispo Dom Frei Antonio do Desterro, de quem tinha sido famulo, que sem outro merecimento foi escolhido para secretario do provincial frei Manoel Angelo, successor do dito frei Francisco Quintanilha.

§ 7

Com muito poucos annos de habito, máos costumes, fraco talento, mas bastante arte para manejar as intrigas fradescas em nome do dito frei Francisco Quintanilha, e autorisal-as com a vontade de um bispo, que nem d'ellas sabia, e só nas graves molestias que o tinham fechado no seu aposento, em que entrava o dito frei Innocencio do Desterro com toda a antiga confiança, podia então cuidar; foi ganhando a affeição do dito provincial, e dispondo os futuros capitulos, fazendo já desde então frente ao partido de frei Bernardo de Vasconcellos, famoso cabeça tambem da outra actual parcialidade, que já n'este tempo aborrecia, como inimigos, os que tinham por fantastica cabeça o sobredito frei Francisco Quintanilha, mas por verdadeiro capitão o dito frei Innocencio do Desterro.

§ 8

Pareceu-lhe proprio para os seus intentos o insensivel e insensato frei José Pereira de Sant'Anna, e este foi o novo provincial, ficando vencida a parcialidade contraria por um só voto, e festejada a eleição com assobios e outras ridiculas demonstrações da loucura dos vogaes e da ineptidão do prelado juntamente. Ficou novamente secretario o dito frei Innocencio do Desterro, que não se descuidava um só instante de prevenir o futuro capitulo, emquanto o provincial se achava escrupulosamente occupado com o numero dos repiques, que deviam preceder ás

missas de Nossa Senhora nos sabados, e com outras bagatelas proprias do seu caracter, que ha de descrever-se no seu logar proprio.

Com effeito foram tão bem ajustadas as medidas para o futuro capitulo, que depois de uma horrivel fermentação sahio eleito duas vezes secretario frei Innocencio do Desterro Barros com poucos annos de idade, apenas 15 de habito, muito pouco juizo, e muito má consciencia.

§ 9

Houve a premeditada escolha de priores, que fôssem votos seguros para o futuro capitulo, e entre elles o foram n'este convento do Rio de Janeiro primeiro frei Miguel Antunes, e depois frei José Barreto, dos quaes se dirá no seu logar: ambos promoveram a relaxação com todo o empenho, emquanto o provincial, entregue a largas visitas da sua provincia com muito numerosa comitiva, se entretinha a maior parte do triennio á custa de excessiva despeza da mesma provincia nas fazendas d'ella entregue ás maiores dissoluções.

Ainda creio, que se achariam testimunhas, que presenciaram na fazenda do convento da Ilha-Grande, chamada Camorim, congregarem-se as escravas mulatas e pretas mais vistosas para bailarem á viola, um dos sons mais immodestos, e sahir o mesmo provincial frei Innocencio do Desterro ao campo desafiado por uma d'ellas, applaudido dos subditos que o acompanharam, e que se foram seguindo no baile conforme ao suas graduações.

N'este tempo meditava a parcialidade contraria, guiada pelo seu chefe frei Bernardo de Vasconcellos, todos os meios de vencer no futuro capitulo, mas inutilmente, porque as forças contrarias tinham crescido com a relaxação formidavelmente. D'esta relaxação, que o dito frei Bernardo de Vasconcellos nunca vio, nem emendou nos seus amigos, é que se servio no tempo proximo ao capitulo, pintando-a com as mais feias e vivas côres por si e por outros frades na presença do meu antecessor, mas toda da parte da parcialidade contraria.

§ 10

Vio o dito meu antecessor no referido frei Bernardo de Vasconcellos um frade condecorado, mais instruido e mais recolhido que os outros, que lhe soube encobrir o seu falso zelo, e moveu-se com effeito a dar a conhecer a sua vontade ao actual provincial frei Innocencio do Desterro, talvez pensando que d'este modo se uniriam as parcialidades, e se faria a paz entre inimigos domesticos : o qual frei Innocencio do Desterro por medo, e não por vontade, fez a heroica acção de ceder dos seus votos em beneficio do seu adversario, e sahio provincial tantas vezes vencido frei Bernardo de Vasconcellos, que regeu a provincia com iguaes escandalos, relaxações, e projectos para o futuro capitulo, escolhendo para prior d'este convento do Rio de Janeiro o indigno frei Matheus Nascentes, de quem se dirá no seu logar competente.

§ 11

Ardendo ainda de inveja por vêr, que frei Francisco Quintanilha e frei Manoel Angelo, seus contemporaneos, frei José Pereira de Sant'Anna, mais moderno na ordem e no gráo, frei Innocencio do Desterro Barros ainda não mestre, todos se lhe tinham adiantado, não se envergonhou de atropelar tudo para ir buscar um novo provincial, na figura do qual continuasse a governar despoticamente.

Para aquelle fim prendeo e soltou nas vesperas do capitulo frei Innocencio do Desterro e outros, e foi descobrir um dos frades mais dementes, frei Antonio das Chagas Terra, que com effeito sahio provincial, pondo ao mesmo tempo por prior n'este convento do Rio de Janeiro frei Antonio Nolasco, frequentemente ébrio, sempre louco, e presentemente falecido. Aquelle novo provincial, que quasi desde a a sua profissão tinha vivido fóra da religião, e no Cuiabá por um grande numero de annos, tendo-se recolhido de tão longe, apenas haviam sete ou oito, fez o seu governo na sua cella, onde se occupava em esperar visões para se deliberar em qualquer materia ; e não falta quem diga

que frei Bernardo de Vasconcellos se aproveitava d'aquella sua demencia, falando-lhe como oraculo por uma fresta para o resolver aos seus fins, por não ser já então attendido do dito provincial, que acabou o seu triennio conservando em si a mesma demencia, e na provincia a mesma ou maior relaxação.

Enfastiado frei Innocencio do Desterro de 6 annos de atrazo para os seus amigos, intentou pelos mesmos caminhos de frei Bernardo de Vasconcellos um capitulo conforme os seus projectos, e unindo-se com frei José Antonio de Santa Anna e frei João da Costa, dos quaes se dirá em seu logar, alcançou consentimento do meu antecessor, que talvez o deo guiado pelas antigas informações de frei Bernardo de Vasconcellos para sahir, como sahio, provincial frei Matheus Nascentes. Este frade tinha sido escolhido pelo frei Bernardo para prior d'este convento do Rio de Janeiro, quando provincial; mas n'este tempo, posto que em todos fôsse igualmente relaxado, tinha já desmerecido toda a sua estimação, para o que bastavam os protestos, com que foi eleito, de que nada faria sinão pelas direcções do triumvirato; a saber: frei João da Costa, frei Innocencio do Desterro, e frei José Antonio, os quaes logo se converteram em uma declarada subordinação a frei Innocencio do Desterro, a quem elle sujeitou de bôa vontade todo o governo da provincia só pelo consentimento de a poder girar, e demorar-se nas fazendas d'ella, acompanhado de quatro pagens ricamente vestidos, e de toda a ostentação correspondente. Este é o prelado, que eu achei, e que raras vezes vi, mas logo o ouvi canonizar de notoriamente ignorante, louco e mal procedido.

§ 12

Tinha vindo ordem de Sua Magestade para se poderem receber vinte noviços, e logo foi nomeado para mestre d'elles o já mencionado ex-provincial frei José Pereira de Sant'Anna, que os educou com a mesma relaxação, com que foi educado, de que já tem dado bem tristes provas, que deixo para o seu proprio logar.

Seguio-se o capitulo futuro para que tinha vindo nomeado presidente frei Innocencio do Desterro ; e sendo todas as minhas recommendações que se fizesse com socego, e que se escolhesse o mais digno, satisfizeram-me na primeira parte, mas na segunda não, porque sahio provincial o actual frei João da Costa, que na séde antiga de governar, e no espirito de parcialidade não excede, porque não póde exceder, o chefe do contrario partido frei Bernardo de Vasconcellos. Pouco lhe importou, que eu lhe dicesse, que era intoleravel a relaxação, em que se achava a sua provincia ; que elle devia cuidar eficazmente em a reformar ; que para isso devia despir-se de todo o animo parcial ; que devia dirigir-se pela sua consciencia, e não pela vontade de frei Innocencio do Desterro.

§ 13

Não faltaram pretextos, e ainda aquellas aparencias de emenda, que lhe pareciam bastantes para me enganar ; porém na realidade seguiram-se as maximas de frei Innocencio do Desterro a todo o risco, escolheram-se para o governo os frades mais relaxados, com tanto que fôssem parciaes seguros, pozeram-se francas as licenças para longas moradias por fóra, destruiram-se as fazendas, dissiparam-se os rendimentos, e finalmente tudo tem sido desordem.

§ 14

Por isso em algumas das minhas cartas toquei de passagem na grande relaxação d'esta provincia, ao mesmo tempo que ameaçava ao dito provincial de que a havia de fazer presente a Sua Magestade, chegando até a mandal-o vir á minha presença com um frade, que tinha acabado de praticar uma desordem escandalosissima, para lh'a estranhar diante do seu mesmo prelado, que insensivel a tudo continuava sempre os seus falsos protestos da eficaz emenda de tantas relaxações.

Entretanto me constou por acaso, que, tendo Sua Magestade solicitado um breve para a reforma da ordem

do Carmo em Portugal e seus dominios, o reformador apostolico frei José Caetano de Souza tinha nomeado por seus commissarios n'esta provincia, em primeiro logar frei José Pereira de Santa Anna, e em segundo frei Innocencio do Desterro Barros.

§ 15

Lá se lêo no convento essa patente do dito reformador apostolico, lá tomou posse o commissario nomeado em primeiro logar frei José Pereira de Sant'Anna; e depois por mera ceremonia, e pela necessidade, que havia de ter, dos despachos necessarios para passar á visita da provincia, é que me veio dar parte o dito commissario reformador da sua commissão, em que lhe desejei as maiores felicidades, e lhe clamei do mesmo modo que ao provincial, por excesso de um zêlo já importuno, sobre as desordens da mesma provincia, assentando que devia fazer o meu officio, ainda com quem não era capaz de fazer o seu.

Depois do que tenho dito, e do que tenho para dizer no seu logar proprio, dos dous nomeados, que esperanças me podiam ficar de similhante reforma? E que conceito posso eu formar a este respeito do reformador frei José Caetano de Souza, que escolheu estes seus delegados? Porque ou o dito delegante os conhecia, ou não. No primeiro caso, que malicia nomear para a reforma de uma provincia estragada e perdida aquelles mesmos frades, que mais a perderam e estragaram, quando tiveram o governo d'ella, como si o titulo de reformadores os fizesse differentes homens! No segundo caso, que imprudencia, confiar uma das maiores occupações, e a mais pesada carga sobre hombros, de cujas proporções não tinha a precisa e indispensavel informação!

Com a dita patente appareceo juntamente uma carta de contemporisação, em que o reformador apostolico frei José Caetano de Souza segurava ao provincial frei João da Costa, que o seu intento não era prival-o pela reforma do uso da jurisdição, que tinha como provincial.

§ 16

Por isso governada assim a provincia por duas cabeças (e más cabeças) appareciam disposições encontradas, e cada um dos frades se aproveitava da que lhe era mais favoravel e mais benigna, conservando-se o provincial (a quem muito descontentava vêr outro, que acabava de ser seu subdito, collocado em logar superior, e absorvendo-lhe os primeiros cortejos de toda a provincia) arrimado aos theologos do seu partido, que afirmavam não ter o dito commissario reformador alçada alguma não só sobre odito provincial, *mas nem sobre o mais regimen do convento, excepto dentro dos trinta dias da sua visita, quando fizesse exercicio d'ella.*

Na dita patente declara o mesmo reformador apostolico, que esta provincia se acha notada de relaxação na real presença de Sua Magestade, e recommendando a observancia religiosa, especialisa a do voto de pobresa, e outros quatro pontos, segundo minha lembrança, dos quaes um era a inteira prohibição das moradias fóra do convento, *nem ainda mesmo nas casas de seus paes.*

Em dous annos que durou a commissão d'esta reforma, principiada em Janeiro de 1781 e concluida em Janeiro do anno presente, não appareceu decisão alguma importante do dito reformador apostolico, antes sempre se mostrou surdo, e insensivel a muitas cartas do dito commissario, e de frades particulares, que, ainda que umas pouco exactas, e outras ditadas mais pelo espirito de parcialidade, do que por um verdadeiro zêlo, todas juntas davam bastantemente a conhecer o estrago e relaxação da provincia, e mereciam providencia ou ao menos resposta.

Apenas mandou desempossar a frei Anastacio Furtado da preferencia sobre os doutores mais antigos por privilegio de doutor de Paris.

Apenas mandou liquidar a legitimidade da profissão de frei José de Jesus Maria Araujo, franciscano apparentemente transitado para esta provincia do Carmo, de quem direi em seu logar.

Apenas mandou informar sobre a legitimidade da profissão, tambem duvidosa, de frei Sebastião Barrozo, de quem igalmente direi.

Apenas finalmente mandou uma notavel decisão em carta sua, que foi lida em plena communidade, convocada a son de campa tangida, na qual, entre recommendações geraes da observancia religiosa, mandára expressamente usar todos os frades da côr parda nos habitos ; « por quanto, dizia elle, se tem assentado que a côr dos habitos deve ser parda.»

N'estes termos bem claro fica, que, sendo a reforma tão restricta á relaxação tão ampla, os poderes do delegado tão limitados, os do delegante reservados em si mesmo e sem uso, ainda a ser o commissario reformador um homem tal, qual pediam as circumstancias, pouco ou nada poderia fazer, ao mesmo tempo que grandes queixas só se curam com grandes remedios.

§ 17

Os que lhe applicou o dito commissario reformador, frei José Pereira de Sant'Anna, foram fazer despir as cellas de todos os moveis, que lhe pareceram preciosos, como cadeiras de jacarandá, camas e papeleiras, sendo a do provincial aonde se cumprio com mais necessidade a dita reforma, por sera mais enfeitada de todaa provincia, ao mesmo tempo que deixou entregues á administração e direcção dos frades os seus sitios, engenhos, escravos, e e o avultado peculio,que alguns possuem,sendo elle mesmo um d'estes, que tem um sitio em Irajá com escravos, que n'elle trabalham, administrado no seu proprio nome.

Bem se vê ser o dito commissario reformador um homem superficial, que se contenta com emendar o erro nà parte mais facil, deixando em esquecimento a necessaria aprehensão e confisco de tão avultados peculios, para os annexar em observancia das leis da religião ao commum dos respectivos conventos, onde taes frades eram moradores ; e como si elles fôssem uns compostos e religiosos homens, a quem só faltassem as menos attendiveis formalidades desta regra, foi descobrir nas constituições o delicado ponto de que trouxessem os ditos frades os sapatos com botões, ou outra similhante ligadura em logar das fivelas de ferro, de que até aquelle tempo usavam.

Mandou desornar e desenfeitar os particulares escravos dos frades, e que estes se abstivessem dos escandalos quotidianamente commettidos na capella dos terceiros ; mas, como homem, tanto se não afligio por se vêr desobedecido n'esta materia, que nem empregou a sua autoridade para constranger os rebeldes á observancia d'esses poucos capitulos da reforma, que elles infringiam.

Passou voz de que se recolhessem os frades para os seus conventos ; mas esta ordem não se entendeu com os antigos moradores do seculo : não vieram para dentro nem os frades escandalosos moradores nos campos dos Goitacazes, aonde não tem convento, de quem direi no seu logar, nem frei Miguel Antunes, nem frei Cosme Velho de São José, nem frei Ignacio Cunha, nem frei Matheus Nascentes, nem frei Sebastião Maria de Matos, nem frei Francisco de Santa Izabel e outros, os quaes depois da reforma continuaram as suas moradias, como dantes, nos seus respectivos sitios ou fazendas, aonde se conservaram pacificamente.

§ 18

E' verdade, que um antigo morador fóra do claustro frei Luiz Duque, de quem direi a seu tempo, foi recolhido para este convento em virtude da reforma, e me persuado que o tal commissario reformador, contente com haver recolhido o dizimo d'esses esquecidos frades, não quiz passar á inteira colheita dos que devia congregar. Aliás falava, que não queria muitas licenças, mas era benigno em concedel-as indiscretamente, além das que dava o provincial, como deu novamente ao dito frei Luiz Duque, apezar da reforma, e em virtude da sua jurisdicção escrupulosamente conservada.

Partio para a visita todo cheio do seu grande titulo de visitador geral apostolico e commissario reformador com grande comitiva, e bastante despeza da arrastada provincia ; e é certo, que fez recolher a alguns frades dispersos, como já toquei ; que restabeleceo o coro ha muito tempo deserto no convento da capitania da Espirito-Santo ; que levantou vias sacras nas fazendas de alguns

conventos; e que erigio em todos elles a devoção de Santa Barbara, colocando imagens á custa do seu particular peculio: mas estas obras, ainda que louvaveis, são as unicas, que pude descobrir para fazer especial menção do bom, como do máo.

§ 19

Passou pelos campos, e contentou-se com as frivolas desculpas dos frades, que ali residiam fóra do claustro, para os não obrigar a recolher-se n'aquella occasião, em que era testimunha dos seus escandalos: um d'elles frei Salvador Pessanha, de quem direi no seu logar, depois de o satisfazer com promessas de futuro, conseguio immediatamente do provincial quatro mezes de licença, demorou-se mais cinco á sombra de molestias, que ou não tinha, ou o deviam apressar para a enfermaria do seu convento, e no fim de nove mezes é, que cumprio as promessas á viva força de diligencias repetidas do bispo d'esta diocese, perante quem eram frequentes as queixas contra aquelle frade.

Ultimamente, depois de conhecer na provincia, elle mesmo comissario reformador relaxadissimo, muitas relaxações; depois de deixar impunidos crimes, que elle mesmo refere; depois de tirar, ou fazer tirar devassas, que nem bem se sabe si existem, mas sim que haviam n'ellas culpados, se recolheu a este convento do Rio de Janeiro, onde vio com a maior tranquilidade e de sangue frio a manifesta infracção d'esses poucos pontos da sua reforma, e encantado com a das fivelas de ferro convertidas em botões de coiro, e dos moveis de jacarandá mudados em outros de menos estimação sua, sem achar que punir no provincial e no prior, antes desfazendo-se em louvores e criminosos elogios, especialmente com o provincial, de quem dahi a meia hora passou a ser subdito; fechou a sua visita e reforma em Janeiro d'este anno de 1783, cantando o *Te Deum laudamus* com as suas mãos elevadas para o céo, e com uma paz de espirito emquanto ao exterior, qual teria um dos mais perfeitos abbades do quarto e do quinto seculo da igreja.

§ 20

D'este modo acabou a reforma antes de principiar, e unicamente servio de acrescentar despezas inuteis, e aliás prejudiciaes aos muitos credores da provincia, e de dar maiores forças á relaxação dos seus individuos mais autorisada e condecorada pela reforma.

O reformador apostolico em uma das suas ultimas cartas, em que se mostrou insensivel á mesma relaxação, mostrava grande sentimento de que não houvesse maior numero de frades, a quem se communicasse, porque só a escreveu com o fim de participar, que não tinha podido conseguir licença de Sua Magestade para a recepção de noviços, que tinha procurado, pelas *sinistras* informações que de cá tinham ido.

§ 21

Nada julga, e nada decide sobre as desordens de uma provincia, cujo exame, e cuja emenda está commettida á sua consciencia, e só se occupa em julgar temeraria e precipitadamente, sem autoridade, sem conhecimento, sem razão, sem caridade, das minhas informações.

Não desestimarão os frades n'este elogio um exemplo para caracterisarem as minhas acções a seu respeito com igual modestia religiosa á do seo autorisado superior, nem eu posso deixar de desvanecer-me de ter por inimigos os da religião juntamente. Os que conto n'esta provincia poderão chegar ao numero de 161, e de cada um d'elles (excepto coristas e leigos), digo o que entendo, ou pela propria experiencia, ou por informações dignas de credito na relação, que vai debaixo do numero 5.

§ 22

Da devassidão de costumes de alguns remetto a prova na certidão, que vai debaixo do numero 6, e estender-se-ia a muitos mais, si o que se soube por acaso d'aquelles, se procurasse indagar de uns, provar de outros, e fossem todos conventuaes n'este convento do Rio de

Janeiro. Das longas moradias por fóra de muitos apresento a certidão extrahida dos seus proprios assentos nos livros da sachristia, que vai debaixo do numero 7, que comprehenderia muitos mais, si não parecesse abreviar só com o necessario a dita certidão.

D'estes documentos se póde conhecer bem, si são *sinistras* as informações, que tem ido do Rio de Janeiro.

§ 23

Bem quizera eu, que me não fosse necessario tratar tão largamente de materia tão fastidiosa; porém como estou firme no sistema de informar a Sua Magestade completamente, como o entendo, de qualquer materia, que não dependa só das minhas providencias, para que a mesma Senhora com pleno conhecimento as possa dar, como fôr servida, sou obrigado ainda a demorar-me n'esta conta, que pareceria quando não *sinistra* muito impertinente a frei José Caetano, mas que o não é para quem não quer faltar á sua obrigação, ainda que desagrade aos outros; nem deixar de tratar de cousas essenciaes só porque obrigam a uma narração muito extensa e a um trabalho muito impertinente; por isso vou agora expor a Vossa Excellencia como um dos motivos da relaxação mais exaltada são os abusivos previlegios, que só servem de promover a mesma relaxação.

Bem que as leis da provincia não destinem aos que acabam de provinciaes algumas prerogativas e izenções do officio divino e serviços competentes da communidade, succede muito infelizmente, que os ditos ex-provinciaes se têm arrogado o irrisorio previlegio de pregadores d'el-rei de Espanha, e com esta exotica invenção, que nem bem se entende, e de que não apparece origem bôa ou má, estejam no abuso de gosarem os privilegios dos de 50 annos de religião, seguindo as communidades pelo ditame das suas relaxadas consciencias, tendo aliás forças que se não devem equivocar com as debilidades dos velhos, a que procuraram as ditas leis attender.

§ 24

E porque taes e tão indignos privilegios são uns fortes incitamentos para os maos religiosos, que, unidos com os seus santos instituidores muito escrupulosamente na figura e côr do habito, e outras formalidades, que os não podem fazer melhores nem peiores, e separados quanto é possivel dos seus exemplares e santos comportamentos, querem nos claustros inventar, ou renovar quimericas e pecaminosas distincções: succede, que, para haver a posse de taes privilegios e izenções, não duvidem invadir todas as leis eclesiasticas e civis, com tanto que subam o degráo originario de tanta fortuna.

Vistas as constituições da ordem p. 1.ª, capitulo 19, paragrafos 11.° e 12.°, e o decreto de Clemente Oitavo sobre a reforma dos regulares, que vem no fim das ditas constituições, como parte d'ellas, bem claro fica quaes são os legitimos privilegios, que se concedem aos necessitados e não aos vadios; bem se vê, que estam obrigados ao côro mestres doutores, e ainda prelados; bem se vê, que a izenção, que dão aos lentes e pregadores é nos dias impedidos da sua leitura e pregação. Izentam depois aos infermos e valetudinarios; e querendo attender aos velhos, izentam sómente de côro noturno aos que já contam 50 annos de idade e 30 de habito *comsumidos no serviço da religião*; izentam até do côro diurno (excepto das missas cantadas, vesperas quotidianas e completas nos sabados, e vigilias das festas de Nossa Senhora) aquelles velhos, que, tendo completado 60 annos de idade, tem vivido 40 na religião *louvavelmente*; izentam ultimamente, ou para dizer melhor, não obrigam mais ao côro os velhos com 50 annos de religião, deixando ás suas consciencias o ir a elle, quando poderem: e esta é a izenção que tomaram para si os ex-provinciaes, como fica dito.

§ 25

Mandam além d'isto, que, não obstante qualquer privilegio, se descrevam e notem em uma taboa commum

ou lista aquelles que por turno devem occupar-se no serviço da communidade; para que todos sirvam igualmente, e não izentam sinão aos mestres doutores, lentes actuaes, pregadores actuaes, e aos que tiverem 40 annos de religião.

Não obstante toda esta clareza e distinção, com que assim se explicam as leis, gozam os ditos ex-provinciaes os privilegios, que ellas dão á maior antiguidade na religião, e si podessem haver outros maiores, com elles se contentariam.

§ 26

Não são obrigados a estar presentes aos louvores de Deus, e si algumas vezes apparecem em grandes solemnidades, é para se mostrarem ao numeroso concurso; não são obrigados ás missas intransferiveis de capelas quotidianas, e semanarias da obrigação do convento, como consta da certidão, que vai debaixo do numero 8; não entram na lista ou taboa geral dos assistentes aos religiosos seus irmãos moribundos nem mesmo na dos assistente ao santissimo sacramento exposto nas suas proprias igrejas; não são encarregados de sermões, nem de confissões dentro ou fóra do convento; não são obrigados á meditação e refeitorio; em uma palavra são uns homens inuteis, carregando sobre os outros todo o peso da sua ociosidade, depois de haverem escandalosamente governado a provincia, e amontuado á custa d'ella e dos seus credores os peculios, com os quaes nada lhes falte para passar uma vida regalada.

§ 27

Eis aqui a origem das desordens, das simonias, e de todas as diabolicas maximas que se empregam para chegar a tanta felicidade, e a razão tambem, porque os provinciaes são os mais empenhados na conservação de tão criminosas regalias, por isso que cada dia olham para aquelle estado de respeito e commodidades, como para os dias do seu descanso depois das fadigas do provinciliado, que criminosamente buscaram, e mais criminosamente exerceram.

Como porém nem todos podem chegar á suspirada felicidade de serem provinciaes, na realidade inventou a relaxação as patentes de ex-provinciaes titulares, de mestres, e de presentados de pulpito com voto em capitulo, e de definidores perpetuos com voto tambem em capitulo, e em definitorio, desconhecidas inteiramente pelas constituições, mas muito importantes para os cabeças de parcialidade, porque por meio d'ellas conseguem os votos que lhes são precisos para o capitulo futuro, tendo da sua mão o provincial para passar as attestações falsas, que são necessarias do merecimento dos parciaes seguros no voto e toda a facilidade de conseguir as ditas patentes de Roma, ou do nuncio de Sua Santidade por algum dinheiro. D'este modo vem a supprir infelizmente a riqueza do peculio no definidor perpetuo a escrupulosa diligencia do escrutinio, que as leis recommendam para a eleição dos quatro actuaes, escrutinio corroborado com o formidavel juramento d'estas palavras «Pelas entranhas de Nosso Senhor Jesus-Christo, que me ha de julgar, elejo aquelle que segundo a minha consciencia tenho por melhor, e mais capaz»; e é bem arriscado, que esses definidores perpetuos, que não foram elevados com tanto escrupulo, o não tenham na eleição dos priores e subalternos capitulares, de quem tanto depende a regularidade da provincia.

§ 28

Estes definidores perpetuos tambem são izentos do serviço da communidade, e assim como os ex-provinciaes reaes e titulares, definidores actuaes, definidor-geral, custodio, vigario provincial e secretario do provincial tem o privilegio de sahir á rua sem pedir licença nem ao prior nem ao provincial, tendo-a na manga (como se explicam) para sahir ou sós, ou com companheiro de manhan, de tarde, ou por todo o dia, sem que se participe ao dito prior a ausencia não só do definidor, mas ainda do seu companheiro, com quem quiz repartir do seu privilegio, apezar do voto de obediencia, com que professaram, ao menos para o dito prior supprir a falta, e dar por ella as providencias necessarias.

Daqui vem ajuntar-se dinheiro por todos os caminhos para ter com que comprar o privilegio que mais agrada, multiplicarem-se as diligencias mais escandalosas para conseguir a izenção que mais se deseja, e povoar-se a provincia d'estas alforrias da vida e obediencia religiosa, sem haver n'ella um só frade, que clame, ou se queixe d'esta desordem, por quanto todos pretendem esta felicidade, e influidos na diligencia de a conseguir, ficam cada dia mais attentos para si, e mais descuidados dos outros: cuja posse de taes definitorias só serve de estimular mais e mais a sede dos pretendentes, a quem não podia fazer conta que se fechasse a porta de tanta felicidade na esperança de a alcançar algum dia.

§ 29

Não ha muito tempo que chegaram mais algumas d'estas patentes remettidas e mandadas cumprir pelo reformador apostolico, que devia ser o mais cuidadoso em destruir similhante abuso, e aqui se esperam outras muitas; para o que se tem remettido dinheiro, desejando-se que o actual nuncio de Sua Santidade seja tão liberal em as conceder, como seu antecessor.

Tambem gozam de um quasi privilegio de definidor, pelo que respeita á licença na manga para sahir á rua sem a mais leve noticia dos prelados, o socio de Roma e o amanuense da provincia por moderna introducção, assim como o que acaba de secretario do capitulo; termos em que, suposta a multidão de todos os sobreditos privilegiados, fica o prelado local, (a quem pelas leis devem todos os frades de qualquer gráo ou condição que sejam pedir licença cada vez que lhes fôr preciso sahir fóra do convento, e receber d'elle um companheiro nomeado), com um pequeno ranxo de subditos para mandar e governar, ao mesmo tempo que deve sustentar e curar a um grande numero de privilegiados, que para nada lhe podem servir.

§ 30

Por isso succede frequentemente, que, levando os ditos privilegiados comsigo para fóra alguns frades

obrigados a todo o côro, que á proporção são muito poucos, ficam no mesmo côro meia duzia d'elles entrando ainda os coristas, e tem succedido acharem-se quatro por junto, ao mesmo tempo em que a despensa e refeitorio faz quotidianamente provimento de 60, 70, ou mais porções para os frades do convento.

Além d'estes, os mestres doutores e presentados de cadeira, e á sua imitação a innumeravel chusma dos mestres fantasticos de pulpito, e dos fantasticos presentados de pulpito, gozam todos sem discernimento e distincção alguma das izenções já referidas concedidas aos velhos, que tem vivido 40 annos *na religião louvavelmente* como si estes mestres e presentados fossem uns homens muito cançados no serviço da provincia, a quem se devesse toda contemplação.

§ 31

N'ella, quanto a mim, talvez não ha um só, que merecesse siquer o titulo; mas ainda assim ineptos, ou pelo menos muito ignorantes, como eu os vejo, estam empavezados e habilitados, segundo a presente disciplina, para provinciaes, não obstante as constituições não quererem que o sejam sinão mestres, ou ao menos aquelles que são habeis para o ser, e assim mesmo o foram frei Matheus Nascentes e frei Antonio das Chagas Terra, estam igualmente admittidos para presidentes de capitulo, como o foi frei Fernando do Monte Carmello Silva até ao dia da sustação do que se devia celebrar em 10 de Maio proximo precedente, e o tem sido outros.

Daqui se segue desanimarem na carreira dos estudos outros frades, que, vendo diante de si dois caminhos, mas que ambos vão dar ao mesmo termo, deixam o da fadiga e do trabalho, para marcharem pelo da indulgencia e mais trilhado, que é o de ajuntar oiro para a compra de taes patentes, sem o detrimento de soffrer por igual premio defluxos asmaticos, e outras chronicas enfermidades no fundo de uma cella, como succede aos estudiosos. Segue-se, que muitos mestres doutores marcharam para o ser pela estrada das sciencias tão tibios e contentes com tão

pouco, como quem se satisfazia e satisfaz não de ser verdadeiro mestre, mas de exceder simplesmente aos fantasticos.

§ 32

Segue-se,que,augmentando d'este modo o numero dos que gozam o previlegio de quadragenarios, e havendo aliás na provincia legitimos quadragenarios e quinquagegenarios infermos, valetudinarios e ausentes das suas conventualidades,dos quaes uns tem a izensão da lei, e outros legitimo impedimento, fica o côro deserto e entregue a poucos sacerdotes moços e coristas, que, em logar de rezarem devotamente, murmuram de ser os unicos que cumprem esta obrigacão, da qual procuram livrar-se a toda a pressa, e com toda a indecencia possivel.

§ 33

Segue-se mais haver nos prelados tanto maior franqueza de licenças, quanto mais são devidas á grande autoridade de taes homens, e grande vontade de as conceder largas a umas pessoas,que o convento sustenta, recebendo d'ellas tão pouco serviço, para ficar allíviado de carga tão pesada.

Já por causa de similhantes desordens mandou o geral da ordem frei Joaquim Maria Pontalti declarar por actas, que remetteu para esta provincia, que abolia para todo o sempre as patentes de mestre de pulpito, como irrisorias e injuriosas a toda a ordem, e que emquanto aos presentados de pulpito deveriam, para o ser, prégar doze annos consecutivos *com credito da religião*, e depois d'isso passarem pelo rigoroso exame e prova da legitimidade da sua sciencia *in re prædicabili*, o qual exame devia fazer-se similhantemente ao *probativo*, que se faz dos mestres antecedentemente ao doutoramento.

Publicaram-se as ditas actas em plena communidade e foram aceitas, e depois registadas no livro competente da provincia,mas não tem sido observadas pelas razões já referidas;e para que nunca o possam ser,foram arrancadas

ha tempos,as folhas que as continham (dizem que por frei Innocencio do Desterro) e apparece o dito livro truncado no numero da rubrica no principio da pagina, e nem se acham os originaes no seu logar competente, posto que se sabe, que se conservam ainda as duas vias com assignatura e sello do dito geral, uma na mão do dito frei Innocencio do Desterro segundo se diz, e a outra na de frei José Pereira, que acabou de commissario reformador, havendo todo o cuidado de se lhe occultarem, fingindo-se perdidas.

§ 34

Era bem necessario, que todos estes privilegios se abolissem, ficando cada um sómente com aquelles arbitrados prudentemente pelas leis geraes, e competentes á sua graduação e idade, cessando de uma vez as desordens referidas, e a injustiça com que muitos velhos se vêem preferidos e presididos, por alguns rapazes, que, não tendo outro merecimento do que o ter mandado dinheiro para Roma, e encontrado ali ou em Lisbôa mais diligente procurador, d'este modo possuem socegadamente o fruto da honra devido ao merecimento alheio.

Falo do merecimento da maior antiguidade da religião, porque outro difficultosamente se póde achar nos frades d'esta provincia. Ella, além de se ter feito um objecto de escandalo para todos, de nada serve ao publico pela summa ignorancia e preguiça dos seus individuos, que sempre acham meios para se conservarem n'ellas com toda a tranquilidade. Logo que professam, o seu empenho todo é ordenarem-se sem preparo, nem estudos alguns; porque o seu fim unico é terem um officio, que lhes renda uma pataca por dia, vencida em um quarto de hora.

§ 35

Raro é o que o póde conseguir n'este bispado, porque é rarissimo o que se acha capaz de dar conta do exame, a que o bispo manda proceder para isso, com a devida exacção; porem tem-lhes deparado a desgraça na capitania de São-Paulo outro bispo bem diferente, que o que quer é fazer numero de afilhados á custa da sua consciencia e da alheia.

§ 36

Os prelados da provincia da Conceição da ordem de São Francisco padecem uma perturbação fortissima no governo da mesma provincia, e conventos do distrito d'aquelle bispado; porque todo o frade perdido e relaxado d'ella se vale d'aquelle prelado, e n'elle acha um patrono mais certo e mais eficaz; e si os ditos prelados fossem tão condescendentes com a vontade do mesmo bispo, como os do Carmo, teria eu sido mais cêdo obrigado a pôr na real presença essa desordem, em observancia das ordens que tenho de Sua Magestade a respeito da mesma provincia.

D'este modo pouco importa aos frades do Carmo, que o bispo d'esta dioceze seja incapaz de admittir a ordens indignos carmelitas; fazem-se logo conventuaes em algum dos conventos da capitania de São-Paulo, e em brevissimo tempo apparecem celebrando o santo sacrificio da missa na igreja do Carmo do Rio de Janeiro, tão ignorantes e tão indignos como d'antes eram.

§ 37

O mesmo bispo assim o reconhece muitas vezes, quando assim os patrocina, e assim os ordena. De frei Manoel de Brito, a quem elle protegêo para entrar no numero dos vinte noviços, que ultimamente se receberam, e que ao depois ordenou com toda a promptidão, elle mesmo descrevêo a incapacidade pela valente figura de que *quando nascera tal frade, já trouxera ferraduras nos cascos*. De dois sacerdotes seculares, que acabava de ordenar, e de que me não constaram os nomes, igualmente expressou a ignorancia, dizendo que eram *dois excellentes machos para uma sege*. Com a mesma semceremonia fez parocos a frei João Monteiro, e frei Ignacio do Amaral, dos quaes digo no seu logar proprio. O segundo, que ainda assim não é tão indigno, como o primeiro, é paroco no alto da serra de Viamam, aonde o dificultoso recurso de algumas 80 leguas para o dito bispo, e falta de prudentes eclesiasticos para o conselho,

requer que aquelles parocos sejam mais alguma cousa do que medianamente instruidos.

Conhecendo frei Ignacio de Almeida, professo no primeiro anno de frei João da Costa, a indulgencia, que havia em São-Paulo, de que muito necessitava a sua ignorancia, logo fingio necessidade de habitar clima mais frio, e conseguio ir para o convento d'aquella cidade; mas, passados sete ou oito mezes de toda a sua ausencia, desde que sahio daqui até que voltou, apparecêo ordenado pelo referido bispo.

§ 38

Não tornou mais para São-Paulo, sim para a capitania sua patria, donde, fugindo sem que conste o motivo, veio para este convento do Rio de Janeiro em Dezembro passado, e ha algum tempo, que partio para capellão de uma embarcação para Angola; e eis-aqui como depois de ordenado pôde já com os calores insuportaveis em quanto era corista. O mesmo caminho seguiram outros dois coristas, frei Antonio do Amôr Divino, e frei Filippe de Jesus Maria Silva, e em pouco tempo foram convertidos de ignorantes em sacerdotes por aquelle indulgente prelado.

Não tem sido o provincial frei João da Costa insensivel a estes favores, nem o bispo de São-Paulo tão generoso, que não tenha pretendido a satisfação e pagamento d'elles. No anno de 1781 pedio ao dito provincial a aceitação para noviço de um famulo seu, que, sendo espurio, e filho de um sacerdote, entrou para a religião despensado por breve apostolico: chamava-se frei Joaquim Julio, e professando em Fevereiro de 1782, logo em Julho, sem mais merecimento que o da benção de seu padrinho unido ao poder de lhe conferir as ordens, cantou missa nova em dia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, entrou logo depois no estudo de filosofia, que abrio em São-Paulo, rogado pelo provincial, e inculcado pelo dito bispo, o mestre frei Manoel Pinheiro de Santa Thereza Ribas, não já como simples collegial, mas como passante e presidente nas ausencias do mestre. Logo em Setembro

lhe encarregou o prior do convento, frei José Xavier, de quem digo no seu logar proprio, o governo da communidade nas suas ausencias, que eram frequentes, e por outras tantas vezes foram obrigados frades condecorados ali conventuaes, mestres, e de 40 e 50 annos de habito, a estarem sugeitos e subditos do professo de alguns mezes frei Joaquim Julio.

§ 39

Succedeu depois em Dezembro proximo passado vir o dito mestre Manoel Ribas a este convento do Rio de Janeiro, avisado pelo rovincial para tomar o gráo de doutor, e immediatamente voltar para a sua cadeira; mas o bispo que já desestimava o dito seu inculcado mestre, por não se unir, quanto elle queria, com o seu muito estimado frei Joaquim Julio, não desperdiçou esta occasião de abater um para elevar o outro, interessando-se com o provincial para dar a cadeira, que tinha dono, a frei Joaquim Julio, a quem faltavam todas as circumstancias para mestre. Foi bem succedido, porque pedio uma cousa, para a qual os animos de frei João da Costa, e de frei Innocencio do Desterro, seu director, estavam o mais bem dispostos que podia ser, estimando muito achar este meio de causar enfado e mortificação ao dito frei Manoel Ribas, amigo do coração de frei Bernardo de Vasconcellos, e que ainda em cima era antagonista n'aquelle convento de São-Paulo do seu escolhido prior frei José Xavier.

§ 40

Com effeito contava o tal frei Joaquim Julio um anno de progresso em Fevereiro d'este presente de 1783, quando se vio elevado á honra magistral com bastante gloria sua, complacencia de seu padrinho, e vergonha do mestre frei Manoel Pinheiro de Santa Thereza Ribas, a quem o provincial nem se dignou dar uma leve satisfação pelo incompetente procedimento, que tivera em taes circumstancias, esquecido já de que fôra elle mesmo o que rogara o dito frei Manoel Pinheiro de Santa Thereza

Ribas para aceitar uma leitura, que lhe não era mais necessaria; de maneira que se houve pelo contrario com tal silencio que frei Manoel Ribas só o soube por aviso que se lhe fez de São-Paulo, em que se lhe participava, que se abriria novo curso de filosofia pelo novissimo mestre frei Joaquim Julio com os mesmos discipulos d'elle Manoel Ribas ; ficando aliás o principiado por este, e defendido publicamente até a logica, truncado e deixado como nullo e sem prestimo, para multiplicar em uma só desfeita muitas desfeitas.

§ 41

Além d'isto é bem sabido, que dois indomaveis coristas, frei José Alves e frei João de Santa Barbara, tendo feito muitas e furtivas sahidas noturnas do convento d'esta cidade, disfarçados em marinheiros, e tendo o valor de industriosamente saltar o muro, que deita para detraz do Carmo, e voltar de madrugada dos seus escandalissimos divertimentos, foram emfim encontrados pelo prior e alguns frades na occasião em que se recolhiam pelo mesmo muro ; e clausurados em uma cella do dormitorio mais alto, fugiram por uma janella, que se não acautellou, para os telhados da caza visinha, e foram parar ao mosteiro de São Bento.

E' bem sabido, que depois vindo de lá foram recolhidos ao carcere, onde estiveram até serem embarcados ambos para Santos, para haver de ficar um ahi, e outro subir para São-Paulo. E' bem sabido, que este facto foi assáz estrondozo até entre os seculares, que testimunharam o acrescentamento, que se fez, de covado e meio por todo o dito muro em confirmação de tão escandalosa novidade, a qual me faz crer, que os ditos coristas por modernos não sabiam ainda bem as sahidas do convento, para sem tanto incommodo as fazerem pelas portas acusadas na certidão, que vai debaixo do numero 6, ou que aquellas clandestinas sahidas estam talvez reservadas para os frades mais graduados do convento.

Para tudo acharam remedio os pobres coristas em São-Paulo; por que quanto a frei João de Santa Barbara,

temendo no convento alguma prorogação da pena de carcere principiada n'este do Rio de Janeiro antes de recolher-se á sua conventualidade, se foi apadrinhar com o bispo, que, concedendo-lhe a sua amplissima benção, não só o livrou de todo o castigo, mas conseguio do provincial o premio de ser admittido ao estudo de frei Manoel Ribas, premio bem contrario n'este caso ás leis da religião.

§ 42

Logo o indigno prior d'aquelle convento, seguindo tão autorisado exemplo, déu licença a este louco rapaz para ir dar novo exercicio á sua depravação na fazenda de Itacica com o motivo de ir tomar leites para umas sarnas, que no retiro deveriam ter a melhor cura. Então o dito bispo, parece, que, ainda pouco satisfeito com o premio alcançado para o dito corista, intentou ordenal-o até subdiacono, por quanto não tinha idade para mais: e é esta a unica condição, que o dito prelado parece, que attende sómente, sem se embaraçar com a sciencia ou costumes, por quanto os do dito rapaz acabavam de mostrar-se excessivamente maus.

§ 43

Com effeito ordenou-o até subdiacono, e pretendia passar adiante nas temporas de Junho d'este presente anno de 1783; porém o travesso rapaz, intempestivamente saudoso da largueza da fazenda de Itacica, foi antes dos tres dias santos da festa de pentecostes pedir licença ao presidente do convento, a qual sendo-lhe negada, não se embaraçou com isso, montou em uma egua em osso, e marchou para a dita fazenda ao seu divertimento. Acabado elle no fim dos dias santos, temendo a consequencia da fuga, tornou a valer-se do bispo, que lhe não quiz falar, mas remetteo ao convento para que o absolvessem da censura.

§ 44

Consta-me, que o mandou chamar para o reprehender, e que o fizera asperamente, não o admittindo com

effeito a ordenar-se diacono nas temporas subsequentes aos referidos dias santos, não tanto talvez por fugido da religião, como por apostata da vontade do estimado frei Joaquim Julio, que supponho o presidente do convento, que lhe negara a licença; mas ainda assim vai continuando o estudo, como si este segundo crime não fosse um dobrado titulo para o arredar d'elle inteiramente.

Quanto ao outro réo frei José Alves, ficando em Santos, e dando lá com um máo prior, seu contraparente, entrou a continuar na sua dissolução e libertinagem até intra claustra, fazendo além d'isso frequentissimas e innumeraveis sahidas noturnas para entreter-se com as suas devassidões até chegar a cousa ao ponto de que, fugindo um escravo d'aquelle convento, para evitar o castigo com que o ameaçava o prior, foi apadrinhar-se com o general de São-Paulo, pedindo-lhe o remettesse para Santos perdoado ao dito prior, que o queria castigar, porque (dizia elle) havendo em Santos aquelle corista, que costumava todas as noites sahir para fóra aos seus divertimentos, e pôr a elle dito escravo encarregado de vigiar, e abrir-lhe a porta de madrugada, tendo faltado por causa do somno, e achado o dito corista a porta fechada, seguio-se daqui principiar a sua colera contra elle, e indispôr o dito prior para castigal-o, visto que não podia fazel-o por si mesmo.

Entretanto vivia o bispo de São-Paulo, aonde foi publico este caso, desasocegado para ajuntar no convento d'aquella cidade os dois réos, e por isso não cessava de pedir ao provincial a remoção do dito frei José Alves para ser tambem admittido ao estudo, assim como o tinha conseguido para frei João de Santa Barbara.

§ 45

O que sei é, que o dito frei José Alves não esperou a decisão do provincial: fugio de Santos para São-Paulo (e ahi vai uma segunda fuga) onde se acha collegial de filosofia, tendo tantos e tão dobrados titulos para ser excluido, porém com grande satisfação do seu

protector, que lhe conseguio não só o perdão da fuga, mas tambem a admissão para o estudo.

Sei tambem, que o dito bispo leva por diante os seus imprudentes empenhos, porque agora me consta, que mandou pedir ao provincial duas patentes para dous coristas, que quer ordenar sacerdotes. Um d'elles é o dito frei José Alves, o outro é um pobre homem, que entrou no triennio passado para a religião quasi com 40 ou mais annos de idade, e se chama frei Antonio de Santa Thereza, o qual, sendo abundante por este lado, é totalmente esteril pelo lado da sciencia, e preciso conhecimento até da lingua latina.

§ 46

Succedeu que frei José Pereira, seu parente, indo á visita da sua chamada reforma, levou comsigo o dito corista, que, pelo não querer acompanhar mais, fugio para o mosteiro dos bentos em São-Paulo na occasião da retirada, que o dito visitador fazia d'aquella cidade; e logo, protegido pelo dito bispo, foi remettido para o de Carmo, onde se conservava esperando com viva fé d'aquelle prelado depois de lhe dar as ordens sem decencia, o mesmo que de frei Manoel de Brito.

§ 47

O provincial, que tem ameaçado muitas vezes o dito corista de que o ha de pôr no estado de leigo pela sua ignorancia, ha de ser o mesmo que não ha de faltar ao empenho do bispo, coadjutor da sua relaxação, mandando-lhe as duas patentes que pede, para o que já me consta se acha propicio e muito favoravelmente disposto.

Era bem necessario, que todos os frades ordenados pelo bispo de São-Paulo fossem suspensos do exercicio de celebrar, procedendo-se logo a exame, pelo qual se decidisse, si devia continuar a suspensão, ou levantar se; importando bem pouco que houvessem de menos essas poucas missas nas igrejas do Carmo, e importando muito

que se separassem do altar sacerdotes indignos por falta de sciencia e de bons costumes: e é bem digno de reflexão e de lastima para se lhe dar o remedio, que havendo n'aquelle bispado de São-Paulo tres conventos e um hospicio da provincia do Carmo, e seis conventos e tres aldeias da provincia da Conceição, achem os frades ali conventuaes n'aquelle mesmo, que devia ser o fiscal dos seus costumes e observancia religiosa, um protector das suas maldades, e um certo refugio das suas relaxações.

§ 48

Sendo d'este modo praticados os louvores de Deus no côro e no altar das igrejas do Carmo d'esta provincia, é igualmente mal servido o publico no pulpito e no confissionario por estes ociosos frades. Rarissimo é o que apparece na sua igreja prompto para confessar nos dias das maiores solemnidades, e em todo o tempo da quaresma; muito mais raro ainda o que quer ir dar este exercicio á sua profissão fóra do convento, posto que seja chamado do moribundo mais afflicto.

Cheios dos seus decantados privilegios os que tem licença para confessar, concedem por favor aquillo que tem de obrigação; mas este mesmo favor só é concedido á amizade e á autoridade, não se entende aos pobres de Jesus Christo: os outros, contentes tambem com o privilegio geral da sua ignorancia, e bem satisfeitos de que esta os não prive do rendimento da missa, cuja acquisição é o unico fim do seu estado, n'ella se conservam socegadamente, temendo o exame e despresando tudo o mais.

§ 49

Para que Vossa Excellencia assim o conheça, remetto debaixo do numero 9 a relação dos sacerdotes d'este convento com distinção dos approvados, e dos que o não são, e por ella verá Vossa Excellencia, que, chegando por todos ao numero de 77, destes, 60 não são opprovados, ficando apenas 17 que o são; advertindo que esses 17 o são, não porque fossem ao exame sinodal, mas porque o

bispo quiz ter com elles uma particular attenção pela razão de serem mestres catedraticos, e com o prior actual do convento, frei José Fiuza, pelo seu logar de prior: apparecem além d'estes dois approvados, o primeiro frei Simão Sodré, a quem dura ainda a licença, que tinha na provincia da Conceição, da qual transitou, ha pouco, para esta do Carmo : o segundo ignorantissimo frei José Pereira de Santa Thereza, que, tendo por patrono a frei João Coronel, examinador sinodal, foi a exame em o occasião em que o bispo se achava impedido de assistir, e conseguio, que os mais examinadores se confiassem mais n'aquelle patrono do dito approvado, do que elle merecia.

Tambem é para advertir, que dos ditos 17 approvados não percebe a santa igreja os serviços, que elles lhe devem, porque muitos d'elles se acham izentos de ser mandados confessar, ou pregar dentro ou fóra do convento; donde vem, que voluntariamente é, que elles confessam mais ou menos pessoas, conforme lhes parece, como já tenho exposto.

§ 50

Todos os mais frades não mestres de cadeira, os quaes são os mestres e presentados de pulpito, e os simples sacerdotes não estão approvados, porque não querem ir ao dito exame sinodal, nem ha prelados, que os obriguem a isso, deixando livremente que esta grande multidão de vadios passe a sua vida ociosa com escandalo e detrimento dos fieis.

Igualmente é para admirar, que os mesmos que conseguiram e gozam os privilegios de mestres e presentado de pulpito, nunca subam ao mesmo pulpito, e bem fundada é a conjectura de que foram falsas as attestações que lhes passaram os provinciaes, para haverem as patentes de taes privilegios, as quaes, e todas as mais constam da certidão, que mandei passar dos proprios livros de registo, com a distinção do tempo em que foram alcançadas, para se vir no melhor conhecimento de tudo o que tenho dito a este respeito, e vai a dita certidão debaixo do numero 10.

§ 51

Era bem necessario, que todos os sacerdotes frades do Carmo, que não quizessem examinar-se para confessores, fossem privados de dizer missa, e que aos que quizessem, se lhes assignasse tempo conveniente para se prepararem debaixo da mesma pena, a imposição da qual parece o unico meio de os obrigar a algum estudo, faltando-lhes a pataca por dia, com a qual se consolam e contentam da sua ignorancia; e que entretanto dos approvados, por mais privilegiados que fossem, estivessem sempre de dia e de noite ao menos dois promptos para sahirem ás confissões a que fossem chamados, sem distinção alguma das pessoas a que fosse necessario aquelle socorro espiritual.

Mas si é tão grande a relaxação dos frades d'esta provincia nos conventos e nas cidades mais povoadas, que succederá nas fazendas do commum e dos particulares, onde um só frade, senhor das mesmas fazendas e das suas acções, entre escravos de um e outro sexo, que d'elle dependem unicamente, não encontra a mais leve sombra de embaraço para a livre satisfação das suas paixões? Todos estes frades fazendeiros são escolhidos muito á vontade de quem governa, e obrigados a pagar ao provincial e ao chefe da parcialidade, que ali os pozeram, a dispensa dos tres votos com que professaram, em repetidos presentes á custa da fazenda que administram, se querem a sua conservação; por isso, sendo aliás muitas e bôas as fazendas da provincia, d'ellas pouco ou nada vem para o commum, e excede sempre, ou quasi sempre á receita a despeza, de modo que os conventos estão empenhados, ao mesmo tempo que aos frades falta tudo o necessario.

§ 52

Na certidão, que vai debaixo do numero 11, achará Vossa Excellencia o excesso da despeza á receita, que tenho dito, e encontrará tambem dever este convento do Carmo do Rio de Janeiro 26.675$427réis, ao mesmo

tempo que só é credor a 2.536$000 réis, e ainda me consta, que ha varias execuções por dividas, que como illiquidas se não acham ainda lançadas no livro, de que foi extrahida a dita certidão.

Apezar dos sufficientes e excessivos patrimonios, que pertencem a cada convento, tem chegado esta provincia, pelo notorio desmazelo dos provinciaes, priores e fazendeiros, a uma incomprehensivel decadencia. Além do grande empenho acima declarado, ella corre a uma total perda dos seus bens, por isso mesmo que, continuando a sua dissipação, continúa tambem o gasto diario de comedorias, e de assistencia dos enfermos, o qual, sendo muito para a voluntaria impossibilidade da mesma provincia, é muito pouco para a indispensavel provisão dos seus frades.

§ 53

Que seria si ella os provesse tambem de habitos, roupas domesticas, camas e moveis das cellas! Mas tal provimento corre por conta dos peculios de cada um dos frades, donde, por se lhes deixar indiscretamente a administração d'elles, mais ou menos abundantes, nascem os abusos das demazias patentes contra o voto da pobreza, a que consciencias relaxadas se querem entregar; os escandalosos ornatos e enfeites dos escravos, que possue cada frade, que são tantos quantos permitte o seu depravado gosto e superfluo peculio; nascem as administrações dos seus particulares sitios e engenhos, onde elles, feitos paes de maior ou menor fâmilia, cercados de escravos de um e de outro sexo, lucram com elles os suas respectivas ganancias por um modo o mais improprio do seu estado, e mais escandaloso para o mundo todo.

Não póde a dita provincia, que quasi está toda n'este convento do Rio de Janeiro, manter um medico de partido, que corra promptamente e seja deligente para a assistencia dos infermos; não tem boticas, nem infermarias do commum; por isso é uso entregar-se ao infermo a assistencia em dinheiro, para preparar-se por manejo particular a sua comida, excepto a de algum infeliz, sem

parentes, amigos e escravo, a qual em tal caso corre pela lastimosa indifferença e desmazelo dos mesmos prelados e subalternos.

§ 54

O refeitorio é um logar fantastico, onde a comida, mui poucas vezes soffrivel, as mais d'ellas inutil, e algumas vezes um quasi nada, nunca, segundo consta, é tal que um frade, repousando sobre o cuidado dos seus prelados, possa descuidar-se de a mandar preparar particularmente, para só se applicar ás cousas da sua obrigação.

Tudo isto acontece, tendo esta provincia, composta de 6 conventos e 1 hospicio, as 28 fazendas declaradas na relação, que vai abaixo do numero 12 ; muitas d'ellas excessivamente grandes, e quasi todas em excellentes sitios, e n'ellas por um calculo racionavel, para cima de 735 escravos, além dos do serviço do convento e dos frades particulares, que, por uma estimativa tambem racionavel dos que os servem e acompanham, e dos que trabalham nos seus sitios e engenhos, que todos deveriam pertencer ao commum, julgo exceder o numero de 300.

§ 55

Da mesma relação verá Vossa Excellencia, que só a este convento do Rio de Janeiro pertencem 9 bôas fazendas, 72 moradas de casas, além das copiosas esmolas, e dos enterros, officios, etc.; rendendo só á ordem terceira para cima de 5:000$000 réis, como declara a certidão, que vai debaixo do numero 13 ; e comtudo isso se acha tão bem governado, que não tem, como fica dito, medico de partido; que não assiste aos infermos e valetudinarios com o preciso, entregando para a assistencia do frade purgado ou sangrado 240 réis por dia, e para a do valetudinario 160 réis ; que compra quasi sempre todos os generos precisos para a subsistencia ; que compra vaca, tendo pastos, assucar, tendo engenhos, lenha, tendo matos, e que nem siquer acha mandioca, bananas e laranjas em eguas e leguas de terreno, como se declara na já citada certidão numero 11, extrahida dos proprios livros.

D'essa mesma certidão se vê, que não obstante estas desordens, e despeza excessiva, que se faz em festas e banquetes certos dias no anno, não excede tanto a despeza á receita, que não fique claro, que si, fossem bem administradas as rendas do convento, nem os seus frades deixariam de passar com fartura, nem os seus credores de receber o que lhes pertence.

Era bem necessario, que as fazendas d'esta provincia do Carmo, ou se vendessem, empregando-se o seu valor em bens, cuja administração não dependesse da assistencia dos frades fóra do convento; ou se dividissem para se arrendarem em commodas porções a particulares com mais utilidade da provincia e do estado, que interessa em que haja melhor e maior numero de cultivadores; cobrando-se as rendas por procuradores seculares, e tirando-se todo o motivo temporal de sahirem os frades para fóra do convento; que os sitios, engenhos e escravos dos particulares, unidos ao commum, tivessem o mesmo destino; que as esmolas de missas, enterros, officio etc. e o avultado rendimento da ordem terceira não fosse tudo, ou quasi tudo, distribuido pelos particulares, que tem melhor diligencia e industria para o alcançar, mas tambem para a communidade, a qual d'este modo, bem regida, podia dar sem duvida aos frades todo o necessario, e ir satisfazendo as dividas.

§ 57

Deixo de amontuar muitos mais factos, que igualmente mostrarião a relaxação dos frades do Carmo d'esta provincia, porque o que está provado não necessita de prova, e estou certo, que com similhante gente nenhuma reforma poderá passar de apparencia.

Só uma separação bem ordenada de um corpo tão escandaloso, e a pratica de uma vida religiosa em algumas religiões das mais austeras faria recordar aos seus individuos da importancia dos votos, com que professaram, e das obrigações de uma vida commum, a que estão ligados, emquanto outros de melhores costumes e doutrinas viessem povoar conventos, que, tendo sido até agora inuteis

e sem prestimo, nada importaria, que ficassem desertos, antes seria de um grande exemplo para todas as outras provincias religiosas do Brazil, que bem o necessitam.

Porém como a real justiça e piedade de Sua Magestade poderão querer-se munir de algum modo mais conforme ás suas reaes intenções, remetto debaixo do numero 14 a relação das eleições, a que se costuma proceder no dia do capitulo ; desejando que nada falte para a mesma Senhora, com pleno conhecimento d'esta materia, dar sobre ella a providencia que fôr servida.

Deus guarde a Vossa Excellencia.

Rio 15 de Novembro de 1783.

Senhor Martinho de Mello e Castro.

Luiz de Vasconcellos e Souza.

RENDIMENTO

DOS

EMPREGOS E OFFICIOS DAS DIVERSAS REPARTIÇÕES

DA

Cidade do Rio de Janeiro

NOS

TEMPOS COLONIAES

Illm. e Exm. Senhor.

Em execução da ordem de Sua Magestade participada por Vossa Excellencia com data de 22 de Agosto do anno proximo, mandei logo formar relações dos empregos e officios de cada repartição, e dos seus rendimentos; mas como a maior parte vieram em grande confuzão, foi-me precizo repetir os mesmos avizos, e ainda assim se não fizeram com a formalidade com que me pareceu deviam chegar á real prezença, principalmente na parte que dizia respeito aos officios arrematados, porque, sendo triennaes as arrematações, e em muitas differentes os arrematantes, se fazia difficultozo conseguir um calculo o mais exacto que fôsse possivel; o que me obrigou a mandar fazer algumas averiguações particulares, em que tem sido indispensavel a demora, para reduzir este negocio á necessaria clareza.

Prezentemente remetto a Vossa Excellencia um mappa geral e doze particulares, que comprehendem os

empregos e officios das differentes repartições d'esta capital, e immediatamente que chegarem todas as averiguações que tenho mandado fazer para se concluirem os do interior d'esta capitania, ilha de Santa-Catharina e Rio-Grande, os enviarei, como Sua Magestade me determina.

Deus guarde a Vossa Excellencia.

Rio 17 de Maio de 1781.

Luiz de Vasconcellos e Souza.

Sr. Martinho de Mello e Castro.

MAPPA GERAL

DO

Rendimento annual de todos os empregos e officios de justiça e fazenda d'esta cidade do Rio de Janeiro

Somma o mappa do tribunal da relação n. 1.....	18.504$660
Idem da secretaria d'estado n. 2.....	2.522$933
Idem da junta da fazenda n. 3.....	9.165$238
Idem da provedoria da fazenda n. 4.....	5.847$450
Idem da caza da moeda n. 5.....	15.003$500
Idem da alfandega n. 6.....	13.012$400
Idem da intendencia e inspecção n. 7....	4.502$000
Idem da ouvidoria da comarca n. 8.....	5.520$666
Idem do juizo de fóra n. 9.....	4.966$386
Idem do juizo dos orphãos n. 10.....	888$000
Idem da camara n. 11.....	1.693$680
Idem da thezouraria das tropas n. 12....	1.816$000
Rs.....	83.442$913

N. 1

Mappa do rendimento annual dos empregados da relação d'esta cidade do Rio de Janeiro

Chanceler.—Regula-se em.....	1.797$330
Ordenado 700$, propina 600$, rendimento pouco mais ou menos das relações	
	1.797$330

Transporte.....	1.797$330
extraordinarias como chanceler 28$, rendimento das assignaturas pouco mais ou menos como chanceler 132$, propinas das arrematações dos contratos, como deputado da junta da fazenda, 337$330.	
1.° Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em.....	1.200$000
Ordenado 600$, propina 300$, rendimento incerto das relações extraordinarias e visitas de presos 20$, rendimento incerto das assignaturas 280$000.	
2.° Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em tudo como acima.....	1.200$000
3.° Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em tudo como acima.....	1.200$000
4.° Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em tudo como acima.....	1.200$000
5.° Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em tudo como acima.....	1.200$000
Ouvidor geral do crime.—Regula-se em..	1.120$000
Ordenado 600$, propina 300$, rendimento incerto das assignaturas 220$000.	
Ouvidor geral do civel.—Regula-se em..	1.300$000
Ordenado 600$, propina 300$, rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de prezos 20$, assignaturas, rendimento incerto 380$000.	
Juizo dos feitos da corôa e fazenda.—Regula-se em.....	1.000$000
Ordenado 600$, propina 300$, rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de prezos 20$, assignaturas, rendimento incerto 80$000.	
Juiz das despezas, que é um dos ministros acima referidos tem de ordenado..	60$000
Procurador da corôa e fazenda.— Regula-se em.....	1.277$330
	12.554$660

Transporte.....	12.554$660
Ordenado 600$, propina 300$, rendimento das relações extraordinarias e visitas de presos como dezembargador da relação 20$, emolumentos como dezembargador da relação 20$, propinas das arrematações dos contratos como deputado da junta da fazenda 337$330. dezembargador extraordinario — logar incerto — o intendente geral do ouro actual regula-se em.....	320$000
Propina 300$, rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de prezos 20$000.	
Guarda-mór. Regula-se em.....	700$000
Ordenado a saber: 50$ como guarda-mór e 40$ como thezoureiro das despezas, 90$; propina 300$, ordinaria para casa 40$, rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de prezos 20$, rendimento incerto de emolumentos 250$000.	
1.° Guarda menor.—Regula-se em.....	105$000
Ordenado 20$, propinas 61$, rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de prezos 4$,rendimento incerto de emolumentos 20$000.	
2.° Guarda menor.—Regula-se em tudo como acima.....	105$000
1.° Escrivão das appellações e aggravos e da receita e despeza da relação.— Regula-se em.....	878$000
Ordenado 30$, propina 48$, emolumentos 800$000.	
2.° Escrivão das appellações e aggravos. —Regula-se o rendimento todo incerto em.....	800$000
Escrivão da chancelaria.—Regula-se em	300$000
	15.762$660

Transporte.....	15.762$660
Ordenado 40$, emolumentos 260$000. N. B. — Arrematou-se por 3 annos de 1781 a 1783 por 190$000.	
Escrivão da ouvidoria geral do crime e da policia.— Não tem ordenado, nem propinas, e se regula o seu rendimento todo incerto em.....	700$000
Inquiridor.—Regula-se como acima.....	100$000
Solicitador das justiças.— Tem de ordenado, sem mais nada.....	80$000
Meirinho das cadeias. — Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos, e incerto em.....	40$000
Escrivão do dito meirinho. — Regula-se como acima.....	40$000
Escrivão da ouvidoria geral do civel.— Regula-se como acima em.....	1.000$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por.....	2.700$000
Escrivão do juizo da corôa, que tambem é porteiro da chancelaria.— Regula-se como acima.....	420$000
Contador da relação. — Regula-se como acima.....	250$000
Meirinho da relação.—Regula-se em....	56$000
Propinas 6$, emolumentos 50$000.	
Escrivão do dito.—Regula-se em.....	56$000
Propina 6$, emolumentos 50$000.	
Rs.....	18.504$660

N. 2

Mappa do rendimento annual dos empregos da secretaria d'estado do Rio de Janeiro

Secretaria d'estado.— Regula-se um anno por outro em.....	1.933$333
	1.933$333

Transporte.....	1.933$333
linaria annual para casas 30$, papel, pennas, tinta e panno fete 30$, propina da arrema- :ontrato dos dizimos 33$333, o pouco mais ou menos dos tos 1.840$000.	
ecretaria ha um official-maior, :iaes do registro, e a todos ecretario pelo rendimento a e 489$600 pouco mais ou me- que virá a ter de liquido ren- om pouca differença a quantia 733.	
ır.—Regula-se em.....	240$000
ordenado certo pago pelo se- 53$600, de emolumentos pouco ienos que com elle reparte o 86$400.	
o registro.—Tem de ordenado lhe paga o secretario, sem mais	
.....	96$000
o registro.—De ordenado certo ıga o secretario, sem mais nada	76$800
o registro.—De ordenado certo ıga o secretario, sem mais nada	76$800
De ordenado pago pela fazenda mais nada.....	100$000
Rs.....	2:522$933

N. 3

endimento annual dos empregos da junta da :enda, thezouraria geral, e contadoria d'esta do Rio de Janeiro

dezembargador chanceler da —Não tem ordenado, e as que vence nas arrematações	

Transporte.....	**15.762$660**
Ordenado 40$, emolumentos 260$000. N. B. — Arrematou-se por 3 annos de 1781 a 1783 por 190$000.	
Escrivão da ouvidoria geral do crime e da policia.— Não tem ordenado, nem propinas, e se regula o seu rendimento todo incerto em.....	700$000
Inquiridor.—Regula-se como acima.....	100$000
Solicitador das justiças.— Tem de ordenado, sem mais nada.....	80$000
Meirinho das cadeias. — Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos, e incerto em.....	40$000
Escrivão do dito meirinho. — Regula-se como acima.....	40$000
Escrivão da ouvidoria geral do civel.— Regula-se como acima em.....	1.000$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por.....	2.700$000
Escrivão do juizo da corôa, que tambem é porteiro da chancelaria.— Regula-se como acima.....	420$000
Contador da relação. — Regula-se como acima.....	250$000
Meirinho da relação.—Regula-se em....	56$000
Propinas 6$, emolumentos 50$000.	
Escrivão do dito.—Regula-se em.....	56$000
Propina 6$, emolumentos 50$000.	
Rs.....	18.504$660

N. 2

Mappa do rendimento annual dos empregos da secretaria d'estado do Rio de Janeiro

Secretaria d'estado.— Regula-se um anno por outro em.....	1.933$333
	1.933$333

Transporte.....	1.933$333
A saber: ordinaria annual para casas 30$, dita para papel, pennas, tinta e panno para o bofete 30$, propina da arrematação do contrato dos dizimos 33$333, rendimento pouco mais ou menos dos emolumentos 1.840$000.	
N.B.—Na secretaria ha um official-maior, e tres officiaes do registro, e a todos paga o secretario pelo rendimento a quantia de 489$600 pouco mais ou menos, pelo que virá a ter de liquido rendimento com pouca differença a quantia de 1.443$733.	
Official-maior.—Regula-se em.....	240$000
A saber: de ordenado certo pago pelo secretario 153$600, de emolumentos pouco mais ou menos que com elle reparte o secretario 86$400.	
1.° Official do registro.—Tem de ordenado certo que lhe paga o secretario, sem mais nada.....	96$000
2.° Official do registro.—De ordenado certo que lhe paga o secretario, sem mais nada	76$800
3.° Official do registro.—De ordenado certo que lhe paga o secretario, sem mais nada	76$800
Porteiro.—De ordenado pago pela fazenda real, sem mais nada.....	100$000
Rs.....	2.522$933

N. 3

Mappa do rendimento annual dos empregos da junta da real fazenda, thezouraria geral, e contadoria d'esta cidade do Rio de Janeiro

Deputado o dezembargador chanceler da relação. — Não tem ordenado, e as propinas que vence nas arrematações	

dos contratos vão notadas no logar de chanceler em o mappa do rendimento dos empregados da relação.....	℔
Deputado o dezembargador provedor da fazenda.—Não tem ordenado, e as propinas que vence nas arrematações dos contratos vão notadas no logar de provedor em o mappa do rendimento dos empregos da provedoria.....	℔
Deputado o desembargador procurador da fazenda.—Não tem ordenado, e as propinas que vence nas arrematações dos contratos vão notadas no logar de procurador da corôa e fazenda em o mappa do rendimento dos empregos da relação.	℔
Deputado o thezoureiro geral.— Vence de ordenado sem propinas nem emolumentos	1:200$000
Deputado escrivão.—Vence de ordenado sem propinas nem emolumentos.....	1:200$000
Dois escripturarios contadores.—Vence cada um de ordenado, sem mais propinas nem emolumentos, 600$ e ambos	1:200$000
Seis escripturarios. —Vence cada um de ordenado como acima a 400$ e todos..	2:400$000
Dois escripturarios.—Vence cada um de ordenado como acima 300$ e ambos.	600$000
Dois escripturarios.—Vence cada um de ordenado, sem mais propinas nem emolumentos, 200$, e ambos.....	400$000
1°. Official de registo.—Vence de ordenado como acima.....	250$000
Tres praticantes. — Não vencem couza alguma.....	℔
Fiel do thezoureiro geral. — Vence de ordenado, sem mais propinas nem emolumentos.....	200$000
Porteiro.—Vence de ordenado, sem mais propinas nem emolumentos.....	200$000
	7.650$000

Transporte.....	7.650$000
Dois continuos.—Vence cada um de ordenado sem mais couza alguma 150$, ambos	300$000
Thezoureiro das despezas miudas.—Regula-se em.....	682$666
Ordenado 600$, propinas dos contratos 82$666.	
Fiel do dito thezoureiro. —Regula-se em	215$106
Ordenado 200$, propinas de contratos 15$106.	
Escrivão do dito thezoureiro.—Regula-se o rendimento que tem todo incerto em..	317$466
Emolumentos 250$, propinas dos contratos 67$466.	
Rs.....	9:165$238

N. 4

Mappa do rendimento annual dos empregos da provedoria da fazenda real do Rio de Janeiro

Provedor.—Regula-se em.....	2.050$000
Ordenado 80$, em que se computa a moradia das cazas em que vive, e são da real fazenda 200$, propinas das arrematações dos contratos 337$330, emolumentos 1.432$670.	
Escrivão da fazenda real.—Regula-se em	550$000
Ordenado 17$400, propinas das arrematações dos contratos 193$340, emolumentos 339$260.	
Official da fazenda.—Regula-se em.....	300$000
Ordenado 250$, propinas das arrematações dos contratos 50$000.	
Porteiro e guarda-livros.—Regula-se em	160$000
Ordenado 120$, propinas das arrematações dos contratos 34$170, emolumentos de algumas buscas 5$830.	
	3.026$000

Transporte.....	3.026$000
Escrivão do contenciozo. — Regula-se em.....	200$000
Propinas das arrematações dos contratos 34$260, emolumentos 165$740.	639$330
Almoxarife dos armazens. — Regula-se em.....	
Ordenado 600$, propinas das arrematações dos contratos 39$330.	340$000
1.° Escrivão dos armazens. — Regula-se em.....	
Ordenado 300$, propinas das arrematações dos contratos 34$260, de alguns pequenos emolumentos 5$740.	200$000
2.° Escrivão dos armazens. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200$000
Escrivão da junta das fragatas. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200$000
Escripturario. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	172$000
1.° Fiel dos armazens. — Regula-se em.. Ordenado 160$, propinas das arrematações dos contratos 12$000.	
2.° Fiel que assiste nos armazens das madeiras. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	120$000
3.° Fiel que serve na junta das fragatas. — Tem de ordenado, sem mais nada....	116$120
Continuo. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	160$000
Meirinho da fazenda real. — Regula-se em.....	80$000
Propinas das arrematações dos contratos 27$540, emolumentos 52$460.	100$
Escrivão do meirinho. — Regula-se em...	
Propinas das arrematações dos contratos 27$540, emolumentos 72$460.	5.58

Transporte.....	5.587$450
da fazenda.—Regula-se em....	60$000
das arrematações dos contratos 0, emolumentos 19$470.	
or da fazenda. — Regula-se em o 120$, emolumentos 80$000.	200$000
Rs.....	5.847$450

N. 5

o rendimento annual dos empregos da caza da moeda d'esta cidade do Rio de Janeiro

endente e conservador.— Como pre o ouvidor da comarca, vai no- a relação dos empregados da ou- a.	
r.—Regula-se em.....	1.150$000
o 1:000$, em que se estimam as da fazenda real que se lhe dão ua moradia 150$000.	
De cada moedeiro quando se arma $320, porém como isto é muito in- não se póde formar calculo.	
eiro.—Tem de ordenado certo, sem alguma couza.....	500$000
— De cada moedeiro quando se 3$200.	
da receita e despeza.—Rende.. o 500$, ordinaria 40$, para panno za grande 10$, moradia 130$000.	680$000
- De cada moedeiro que se arma	
da conferencia.— Rende..... o 400$, de moradia 130$000.	530$000
De cada moedeiro que se arma	
	2.860$000

Transporte.....	3.026$000
Escrivão do contenciozo. — Regula-se em.....	200$000
Propinas das arrematações dos contratos 34$260, emolumentos 165$740.	
Almoxarife dos armazens. — Regula-se em.....	639$333
Ordenado 600$, propinas das arrematações dos contratos 39$330.	
1.° Escrivão dos armazens. — Regula-se em.....	340$000
Ordenado 300$, propinas das arrematações dos contratos 34$260, de alguns pequenos emolumentos 5$740.	
2.° Escrivão dos armazens. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200$000
Escrivão da junta das fragatas.— Tem de ordenado, sem mais nada.....	200$000
Escripturario. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200$000
1.° Fiel dos armazens.—Regula-se em..	172$000
Ordenado 160$, propinas das arrematações dos contratos 12$000.	
2.° Fiel que assiste nos armazens das madeiras.—Tem de ordenado, sem mais nada.....	120$000
3.° Fiel que serve na junta das fragatas. —Tem de ordenado,sem mais nada....	116$120
Continuo.—Tem de ordenado, sem mais nada.....	160$000
Meirinho da fazenda real.—Regula-se em.....	80$000
Propinas das arrematações dos contratos 27$540, emolumentos 52$460.	
Escrivão do meirinho.—Regula-se em...	100$000
Propinas das arrematações dos contratos 27$540, emolumentos 72$160.	
	5.587$

Transporte.....	5.587$450
Porteiro da fazenda.—Regula-se em....	60$000
Propinas das arrematações dos contratos 40$530, emolumentos 19$470.	
Solicitador da fazenda. — Regula-se em	200$000
Ordenado 120$, emolumentos 80$000.	
Rs.....	5.847$450

N. 5

Mappa do rendimento annual dos empregos da caza da moeda d'esta cidade do Rio de Janeiro

Superintendente e conservador.— Como é sempre o ouvidor da comarca, vai notado na relação dos empregados da ouvidoria.	
Provedor.—Regula-se em.....	1.150$000
Ordenado 1:000$, em que se estimam as cazas da fazenda real que se lhe dão para sua moradia 150$000.	
N. B.—De cada moedeiro quando se arma tem 8$320, porém como isto é muito incerto, não se póde formar calculo.	
Thezoureiro.—Tem de ordenado certo, sem outra alguma couza.....	500$000
N. B. — De cada moedeiro quando se arma 3$200.	
Escrivão da receita e despeza.—Rende..	680$000
Ordenado 500$, ordinaria 40$, para panno da meza grande 10$, moradia 130$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 6$400.	
Escrivão da conferencia.— Rende.....	530$000
Ordenado 400$, de moradia 130$000.	
N. B.— De cada moedeiro que se arma 6$400.	
	2.860$000

Transporte.....	3.026$000
Escrivão do contenciozo. — Regula-se em.....	200$000
Propinas das arrematações dos contratos 34$260, emolumentos 165$740.	
Almoxarife dos armazens. — Regula-se em.....	639$330
Ordenado 600$, propinas das arrematações dos contratos 39$330.	
1.° Escrivão dos armazens. — Regula-se em.....	340$000
Ordenado 300$, propinas das arrematações dos contratos 34$260, de alguns pequenos emolumentos 5$740.	
2.° Escrivão dos armazens. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200$000
Escrivão da junta das fragatas. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200$000
Escripturario. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200$000
1.° Fiel dos armazens. —Regula-se em..	172$000
Ordenado 160$, propinas das arrematações dos contratos 12$000.	
2.° Fiel que assiste nos armazens das madeiras.—Tem de ordenado, sem mais nada.....	120$000
3.° Fiel que serve na junta das fragatas. —Tem de ordenado,sem mais nada....	116$120
Continuo.—Tem de ordenado, sem mais nada.....	160$000
Meirinho da fazenda real.—Regula-se em.....	80$000
Propinas das arrematações dos contratos 27$540, emolumentos 52$460.	
Escrivão do meirinho.—Regula-se em...	100$000
Propinas das arrematações dos contratos 27$540, emolumentos 72$460.	
	5.587$450

Transporte.....	5.587$450
Porteiro da fazenda.—Regula-se em....	60$000
Propinas das arrematações dos contratos 40$530, emolumentos 19$470.	
Solicitador da fazenda. — Regula-se em	200$000
Ordenado 120$, emolumentos 80$000.	
Rs.....	5.847$450

N. 5

Mappa do rendimento annual dos empregos da caza da moeda d'esta cidade do Rio de Janeiro

Superintendente e conservador.— Como é sempre o ouvidor da comarca, vai notado na relação dos empregados da ouvidoria.	
Provedor.—Regula-se em.....	1.150$000
Ordenado 1:000$, em que se estimam as cazas da fazenda real que se lhe dão para sua moradia 150$000.	
N. B.—De cada moedeiro quando se arma tem 8$320, porém como isto é muito incerto,não se póde formar calculo.	
Thezoureiro.—Tem de ordenado certo,sem outra alguma couza.....	500$000
N. B. — De cada moedeiro quando se arma 3$200.	
Escrivão da receita e despeza.—Rende..	680$000
Ordenado 500$,ordinaria 40$, para panno da meza grande 10$, moradia 130$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 6$400.	
Escrivão da conferencia.— Rende.....	530$000
Ordenado 400$, de moradia 130$000.	
N. B.— De cada moedeiro que se arma 6$400.	
	2.860$000

Transporte.....	2.860$000
1.° Juiz da balança.— Rende..... Ordenado 400$, de moradia 130$000. N. B. — De cada moedeiro que se arma 3$200.	530$000
2.° Juiz da balança.—Tem de ordenado certo, sem mais nada, 400$000. N. B. — De cada moedeiro que se arma 3$200.	
Escrivão das ligas e contas das barras.— Tem de ordenado..... N. B. — De cada moedeiro que se arma 3$200.	400$000
Escrivão das entradas do ouro.—Tem de ordenado ..... N. B. — De cada moedeiro que se arma 3$200.	400$000
Porteiro e guarda-livros.—Rende..... Ordenado 120$, de moradia 70$000. N. B. — De cada moedeiro que se arma 3$200.	190$000
Mestre da fundição. Tem de ordenado... N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	584$000
1.° Ensaiador.—Regula-se em..... Ordenado 730$, em que se computam os 240 que lhe paga a real fazenda por cada barra de ouro fino das partes que ensaiam 100$000. N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	830$000
2.° Ensaiador.—Regula-se em..... Ordenado 365$, em que se computam os 240 que lhe paga a real fazenda por cada barra de ouro fino das partes que ensaiam 100$000. N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	465$000
	6.259$000

Transporte.....	6.259$000
3.° Ensaiador.—Regula-se em.....	465$000
Ordenado 365$, em que se computam os 240 que lhe paga a real fazenda por cada barra que ensaia de ouro fino das partes 100$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
Fiel das fieiras.—Tem de ordenado.....	547$000
N. B.—De cada moedeiro que se arma 1$600.	
Guarda-cunho.—Regula-se em.....	385$000
Ordenado 365$, em que se computa o real que recebe por cada marco de dinheiro que entrega lavrado em moeda, depois de abatida a despeza do azeite e pannos para a limpeza dos engenhos 20$000.	
N.B.—De cada moedeiro que se arma 1$600.	
1.° Cunhador tem de ordenado.....	365$000
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
2.° Cunhador tem de ordenado.....	182$500
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
1.° Abridor.—Tem de ordenado.....	547$500
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
2.° Abridor.—Tem de ordenado.....	328$500
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
Mestre da ferraria.— Tem de ordenado..	547$500
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
Meirinho da caza.—Não tem ordenado, e lhe é permittido meirinhar geralmente nos juizos da cidade, e renderá.....	80$000
	9.707$000

Transporte.....	9.707$000
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
Continuo.—Tem de ordenado.....	116$800
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
Fiel do thezoureiro.—Tem de ordenado	120$000
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1$600.	
1.° Fundidor.—Vence em cada dia de trabalho a 1$200, e como em occazião de nan de quinto, havendo occorrencia de ouro, trabalha em alguns dias santos, renderá.....	336$000
2.° Fundidor.— Vence em cada dia de trabalho a 1$200, e como em occazião de nan de quinto, havendo occorrencia de ouro, trabalha em alguns dias santos, renderá.....	336$000
3.° Fundidor.—Vence em cada dia de trabalho 1$200, e como em occazião de nan de quinto, havendo occorrencia de ouro, trabalha em alguns dias santos, renderá.....	336$000
4.° Fundidor.—O mesmo.....	336$000
1.° Ajudante da fundição.—Vence como acima 1$, e renderá.....	280$000
2.° Ajudante.—O mesmo.....	280$000
3.° Ajudante.—O mesmo.....	280$000
4.° Ajudante.—O mesmo.....	280$000
1.° Ajudante do ensaio. —Vence como acima 800 rs., e renderá.....	224$000
2.° Ajudante.—O mesmo.....	224$000
3.° Ajudante.—Vence em cada dia de trabalho a 800 rs., e como em occazião de nan de quinto, havendo occorrencia de ouro, trabalha em alguns dias santos, renderá.....	224$000
	13.480$300

Transporte.....	13.480$300
1.° Ajudante da abrição. —Vence como acima 800 rs., e renderá.....	224$000
2.° Ajudante.—O mesmo.....	224$000
Quatro officiaes de serralheiro e ferreiro. —Vence cada um como acima 960 rs., e renderá cada um 268$800, e todos 4..	1.075$200
Rs.....	15.003$500

N. 6

Mappa do rendimento annual dos empregos da alfandega d'esta cidade do Rio de Janeiro

Juiz ouvidor.—Regula-se em.....	1.040$000
A saber: ordenado annual 40$, de emolumentos pouco mais ou menos 1:000$000.	
Escrivão da meza grande.—Regula-se em	1.000$000
A saber: ordenado annual 30$, de emolumentos pouco mais ou menos 970$000.	
Thezoureiro.—Tem de ordenado annual e certo sem emolumentos.....	360$000
A saber: como thezoureiro da alfandega 300$, como thezoureiro da impozição para a guarda costa 60$000.	
Fiel do thezoureiro. - Tem de ordenado sem outro algum emolumento.....	50$000
Administrador.— Tem de ordenado sem outro algum emolumento.....	1.200$000
Guarda continuo que serve na meza grande.—Tem de ordenado como acima	116$800
Escrivão da meza da abertura.—Não tem ordenado, e o seu rendimento, que consiste todo em emolumentos, se regula em.....	1.200$000
Escrivão dos bilhetes da dita meza.—Tem de ordenado sem emolumentos.....	240$000
	5.206$000

Transporte.....	5.206$000
1°. Feitor da dita meza.—Tem de ordenado sem outro emolumento.....	500$000
2°. Feitor da dita meza.—Regula-se em..	280$000
A saber: ordenado 80$, de emolumentos pouco mais ou menos 200$000.	
Guarda da dita meza.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	116$800
Escrivão da guarda costa.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	120$000
Juiz da balança.—Regula-se em.....	350$000
A saber: ordenado 150$, de emolumentos pouco mais ou menos 200$000.	
Escrivão da balança.—Regula-se em.....	290$000
A saber: ordenado 120$, emolumentos 170$000.	
Feitor da meza da balança.—Tem de ordenado sem emolumentos.....	240$000
Guarda da dita meza.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	116$800
Porteiro —Regula-se em.....	1.257$600
A saber: ordenado 57$600, de emolumentos pouco mais ou menos 1:200$000.	
1°. Conferente da porta principal.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	250$000
2°. Conferente.—Tem o mesmo.....	250$000
1°. Guarda da porta principal.—Tem de ordenado sem emolumentos.....	116$800
2°. Guarda.—Tem o mesmo.....	116$800
Sellador.—Não tem ordenado, e se regula o seu rendimento em.....	2.000$000
Escrivão da descarga.—Não tem ordenado, e se regula o seu rendimento em.....	600$000
Guarda-mór.—Não tem ordenado, e se regula o seu rendimento em.....	400$000
Guarda da porta da marinha.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	116$800
	12.333$400

Transporte.....	12.333$400
1°. Guarda da ponte.— Tem de ordenado sem emolumentos.....	116$800
2°. Guarda da ponte.— Tem o mesmo...	116$800
Guarda feitor da marinha. — Tem de ordenado rem emolumento.....	233$600
Guarda ajudante do dito feitor.—Tem de ordenado sem emolumento.....	116$800
Meirinho do mar e alfandega.—Não tem ordenado, e os emolumentos importarão	100$000
Rs.....	13.012$400

N. 7

Mappa do rendimento annual dos empregos da intendencia geral do ouro, e da meza da inspecção d'esta cidade do Rio de Janeiro.

Intendencia geral.—Regula-se em.....	1.958$000
Ordenado 1.400$, moradia 200$, como intendente.	
N. B.—Com o dito logar não vence propina, nem outro emolumento que o de 600 rs. de assignatura de algum processo criminal, de que se não póde formar calculo, porque são rarissimos.	
Como prezidente da meza da inspecção percebe: rendimento pouco mais ou menos de algumas justificações 30$, rendimento pouco mais ou menos da commissão dos 2 % dos direitos dos escravos e marfim de Angola, depois de abatidas as despezas, 208$, propina que recebe dos administradores do contrato das baleias como conservador do contrato 120$000.	
Escrivão da intendencia.—Tem de ordenado.....	500$000
	2:458$000

Transporte.....	2:458$000
N. B.—Não tem emolumentos, excepto de alguma raza de algum processo criminal, de que se não póde fazer calculo por ser rarissimo.	
Meirinho da intendencia.—Tem de ordenado.....	300$000
N. B.—Não tem emolumentos, excepto de alguma citação, que são muito raras.	
Escrivão das entradas do ouro.— Tem de ordenado, sem emolumentos.....	240$000
Inspector senhor de engenho. — Regula-se em.....	408$000
Ordenado 200$, da commissão pouco mais ou menos dos 2 °/₀ dos direitos e marfim de Angola, depois de abatidas as despezas, 208$000.	
Inspector negociante. — Regula-se como acima em.....	408$000
Escrivão da meza da inspecção.—Regula-se em.....	608$000
Ordenado 350$, de alguns emolumentos 50$, da commissão acima dita 208$000.	
Escripturario. — Tem de ordenado pago pelo rendimento da dita commissão, sem mais couza alguma.....	80$000
Rs.....	4.502$000

N. 8

Mappa do rendimento annual dos empregos da ouvidoria da comarca do Rio de Janeiro

Ouvidor geral.—Regula-se em.....	1:287$333
Ordenado como ouvidor 533$333, moradia como ouvidor 80$, emolumentos pouco mais ou menos como ouvidor 400$,	
	1.287$333

Transporte.....	1.287$333
propinas da camara como ouvidor 44$, ordenado como conservador dos moedeiros 30$, emolumentos pouco mais ou menos como provedor dos auzentes da comarca 200$000.	
Escrivão da ouvidoria.—Não tem ordenado nem propinas, e os emolumentos se regula renderem.....	750$000
Escrivão da conservatoria dos moedeiros. —Não tem ordenado nem propinas, e os emolumentos se regula renderem.....	210$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1779 a 1781 por 513$000.	
Meirinho geral.—Como acima.....	150$000
Escrivão do dito.—Como acima.....	100$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 150$000.	
Meirinho do campo.— Como acima.....	120$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 270$000.	
Escrivão do dito.—Como acima.....	90$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 76$800 (sic).	
Meirinho da conservatoria dos moedeiros. —Como acima.....	100$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 154$000.	
Thezoureiro dos auzentes. — Não tem ordenado, nem propinas, e os emolumentos renderão.....	1.400$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1779 a 1781 por 1:300$000.	
Escrivão dos auzentes.- Como acima....	1.080$000
Promotor das capellas e reziduos.— Como acima.....	50$000
Solicitador das capellas e reziduos. — Não tem mais que emolumentos, e	
	4.783$053

Transporte..... 4.783$053

conforme a informação do ouvidor da co
marca renderão 80$000, porém acha-se
arrematado pelos 3 annos de 1780 a 1782 183$333
por 550$, de que pertence a cada anno
N. B.— Como o escrivão das execuções
e o inquiridor contador e distribuidor
da ouvidoria da comarca servem tam-
bem perante o juiz de fóra, no mappa
d'esta repartição vai declarado o ren-
dimento dos ditos dois officios.

4.966$386

N. 9

Mappa do rendimento annual dos empregos do juizo de fóra d'esta cidade do Rio de Janeiro 1:070$386

Juiz de fóra.— Regula-se em.....
Ordenado como juiz de fóra 266$666, de
emolumentos como juiz de fóra 250$,
de apozentadoria como prezidente da
camara 40$, de propinas como prezi-
dente da camara 34$720, de emolumen-
tos como prezidente da camara 79$, de
emolumentos como provedor dos auzen-
tes da cidade 400$000. 350$000
Tabellião de notas e escrivão das sesma-
rias.— Não tem ordenado, e renderá
1.° Tabellião do judicial e notas—Regula- 600$000
se o seu rendimento todo de emolumen-
tos em..... 600$000
2.° Tabellião do judicial e notas.—Regula-
se o seu rendimento como acima..... 600$000
3.° Tabellião do judicial e notas.—Regula-
se o seu rendimento todo de emolu-
mentos.....
N. B.—Arrematou-se este pelos 3 annos 3.220$386
de 1780 a 1782 por 1.650$000.

Transporte.....	3.220$386
Escrivão das execuções.—Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em...	400$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 1.000$000.	
Inquiridor, contador e distribuidor.—Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	700$000
1.° Partidor. Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	100$000
2.° Partidor. Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	100$000
Meirinho da cidade. — Regula-se como acima em.....	100$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 155$000.	
Escrivão do meirinho da cidade. — Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	96$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 72$000.	
Porteiro dos auditorios.—Regula-se como acima em.....	150$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1779 a 1781 por 341$000.	
Escrivão da almotaceria.—Regula-se como acima em.....	100$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 90$000.	
Rs.....	4.966$386

N. 10

Mappa do rendimento annual dos empregos do juizo dos orphãos d'esta cidade do Rio de Janeiro

Juiz.— Regula-se o seu rendimento todo incerto, e procedido de emolumentos, em	128$000
	128$000

Transporte.....	4.783$053
conforme a informação do ouvidor da comarca renderão 80$000, porém acha-se arrematado pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 550$, de que pertence a cada anno	183$333
N. B.— Como o escrivão das execuções e o inquiridor contador e distribuidor da ouvidoria da comarca servem tambem perante o juiz de fóra, no mappa d'esta repartição vai declarado o rendimento dos ditos dois officios.	
	4.966$386

N. 9

Mappa do rendimento annual dos empregos do juizo de fóra d'esta cidade do Rio de Janeiro

Juiz de fóra.— Regula-se em.....	1:070$386
Ordenado como juiz de fóra 266$666, de emolumentos como juiz de fóra 250$, de apozentadoria como prezidente da camara 40$, de propinas como prezidente da camara 34$720, de emolumentos como prezidente da camara 79$, de emolumentos como provedor dos auzentes da cidade 400$000.	
Tabellião de notas e escrivão das sesmarias.— Não tem ordenado, e renderá	350$000
1.° Tabellião do judicial e notas—Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	600$000
2.° Tabellião do judicial e notas.—Regula-se o seu rendimento como acima.....	600$000
3.° Tabellião do judicial e notas. —Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos.....	600$000
N. B.—Arrematou-se este pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 1.650$000.	
	3.220$386

Transporte.....	3.220$386
Escrivão das execuções.—Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em...	400$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 1.000$000.	
Inquiridor, contador e distribuidor.—Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	700$000
1.° Partidor. Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	100$000
2.° Partidor. Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	100$000
Meirinho da cidade. — Regula-se como acima em.....	100$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 155$000.	
Escrivão do meirinho da cidade. — Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	96$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 72$000.	
Porteiro dos auditorios.—Regula-se como acima em.....	150$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1779 a 1781 por 341$000.	
Escrivão da almotaceria.—Regula-se como acima em.....	100$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 90$000.	
Rs.....	4.966$386

N. 10

Mappa do rendimento annual dos empregos do juizo dos orphãos d'esta cidade do Rio de Janeiro

Juiz.— Regula-se o seu rendimento todo incerto, e procedido de emolumentos, em	128$000
	128$000

Transporte.....	128$000
1.° Escrivão.— Regula-se o seu rendimento todo incerto, e procedido de emolumentos, segundo a informação dada pelo juiz de orphãos.....	300$000
N. B.—Arrematou-se em 805$ pelos 3 annos de 1781 a 1783.	
2.° Escrivão.—Regula-se o seu rendimento todo incerto, como acima.....	300$000
N. B.—Arrematou-se em 900$ pelos 3 annos de 1781 a 1783.	
1.° Partidor.—Regula-se o seu rendimento como acima.....	50$000
N. B. — Isto é pelo que pertence a este juizo, porque como tambem serve no de fóra, no mappa d'aquella repartição vai declarado o que rende.	
N. B.—Arrematou-se em 60$000 pelos 3 annos de 1780 a 1782.	
2.° Partidor.—Regula-se como acima, e pelo que pertence a este juizo, porque no que respeita ao juizo de fóra, em que tambem serve, vai declarado o rendimento no mappa d'aquella repartição.....	50$000
N. B.—Arrematou-se em 130$ pelos 3 annos de 1781 a 1783.	
Thezoureiro.—Não tem ordenado nem emolumentos.....	$
Meirinho.—Regula-se o seu rendimento todo incerto, e conforme a informação do juiz dos orphãos.....	30$000
N. B.—Costuma andar arrematado: actualmente ninguem o serve; e a ultima arrematação que houve foi de 70$000 pelos 3 annos de 1777 a 1779.	
	858$000

Transporte.....	858$000
Escrivão do dito meirinho.—Regula-se o rendimento como acima.....	30$000
N. B. — Arrematou-se em 72$000 pelos 3 annos de 1781 a 1783.	
Inquiridor, contador e distribuidor. — Como o sugeito que serve estes officios serve tambem na ouvidoria da comarca, e no juizo de fóra, no mappa d'este juizo vai declarado o seu rendimento.....	$
Porteiro.—Como serve tambem na ouvidoria da comarca e no juizo de fóra, no mappa d'este ultimo vai declarado o seu rendimento.....	$
Rs.....	888$000

N. 11

Mappa do rendimento annual dos empregos da comarca d'esta cidade do Rio de Janeiro

Presidente.—Como é sempre o juiz de fóra no mappa dos empregos d'aquelle juizo vai notado o que elle percebe como prezidente da camara.....	$
Vereador mais velho.—Regula-se em....	119$720
Rendimento incerto das vizitas de navios da costa d'Africa, como provedor da saude 72$, rendimento incerto de condemnações e vistorias 13$, propinas 34$720.	
2.° Vereador.—Regula-se em.....	67$720
Rendimento incerto como arruador pelos arruamentos dos xãos 20$, rendimento incerto de condemnações e vistorias 13$, propinas 34$720.	
	187$440

Transporte.....	187$440
3.° Vereador.—Regula-se em.....	77$720
Rendimento incerto da 4.ª parte dos 2% do depozito geral da cidade, como inspector d'aquelle cofre 30$, rendimento incerto de condemnações e vistorias 13$, propina 34$720.	
Procurador-— Regula-se em.....	47$720
Rendimento incerto de condemnações e vistorias 13$000.	
Escrivão da camara.— Regula-se em....	808$000
Ordenado 85$, propinas 34$720, rendimento incerto de emolumentos 688$280.	
Sindico.—Regula-se em.....	39$360
Ordenado 32$, propina 7$360.	
Thezoureiro da camara. — Tem de propina certa, para luminarias do santo padroeiro.....	7$360
Porteiro.—Regula-se em.....	246$080
Ordenado 62$400, propina 3$680, rendimento incerto de emolumentos 180$000.	
Thezoureiro da cidade.—Regulam-se os emolumentos em.....	90$000
Alcaide.—Regula-se em.....	90$000
Propinas 8$680, emolumentos 81$320.	
Escrivão do alcaide.—Não tem ordenado nem propinas, e os emolumentos renderão pouco mais ou menos.....	100$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 76$000.	
Rs.....	1.693$680

N. 12

Mappa do rendimento annual dos empregos da thezouraria geral das tropas d'esta cidade do Rio de Janeiro

Thezoureiro geral.— Tem de ordenado, sem mais nada.....	600$000
	600$000

Transporte.....	600$000
Commissario assistente.—Regula-se em. Ordenado 500$, de emolumentos da 3ª. parte das certidões e registos de patentes pouco mais ou menos 10$000.	510$000
Commissario pagador.—Regula-se em... Ordenado 300$, de emolumentos como acima 10$000.	310$000
Outro dito.—Regula-se em..... Ordenado 300$, de emolumentos como acima 10$000.	310$000
Continuo, porteiro e guarda-livros.—Regula-se em..... De ordenado 80$, de emolumentos de buscas pouco mais ou menos 6$000.	86$000
Rs.....	1.816$000

NOVAS CULTURAS

OBRAS PUBLICAS, RENDAS E DESPEZAS DO BRAZIL

NOS

TEMPOS COLONIAES

Illm. e Exm. Sr.

Em um caixão, que remetto a V.Excellencia, vão em 10 frascos 13 libras e meia da camomilla, que se tem colhido da que mandei espalhar pela cêrca do hospital real militar, excepto um dos ditos frascos, em que vai alguma de fóra, levando os mesmos frascos letreiros com distinção do tempo em que foi colhida, para V. Ex. ficar mais bem informado, e me poder declarar as observações que ahi se fizerem a respeito da má, boa, ou melhor qualidade da de cada um dos ditos frascos ; assim como o preço que se lhe deve pôr ; porque tanto aqui, como em Santa-Catharina, se queixam de ser muito diminuto o de 2$400, que se acha estabelecido.

Da sobredita cèrca me tenho aproveitado para estas experiencias, e para ter sempre n'ella um depozito abundante da mesma planta e repartil-a, como tenho feito, por varios sitios de modo que possa augmentar-se muito esta plantação, para se tirarem d'ella as utilidades que Sua Magestade quer, V. Excellencia tanto me recommenda, e eu efficasmente dezejo.

Mas devo confessar a V. Excellencia, que os effeitos vão correspondendo muito mal ás minhas diligencias, e que faltam os meios proporcionados para se conseguir um fim tão importante, como se dezeja, e eu procuro.

A repugnancia d'estes moradores a novas culturas, tantas vezes lamentada, é muito maior a respeito da coxonilha, em cuja planta vêm unicamente os espinhos, sem que distingam o fruto, por mais que este se lhes expliqne e se lhes persuada. Recebem como uma violencia qualquer das razões, que se lhes pondera para os animar a similhantes culturas, nas quaes se occupam com o pouco cuidado, qu corresponde ao desprezo interior, com que as abraçam por mera condescendencia e obzequio.

Quazi todos os que tem possibilidades para similhantes plantações, por isso mesmo que têm terreno e escravos, são aquelles a quem a fazenda real deve grossas quantias, procedidas muitas d'ellas das produções d'aquelles mesmos terrenos que possuem, e que violentamente lhe foram tomados para a mesma real fazenda, e não podendo eu satisfazel-as, quando m'as pedem, e na mesma occasião em que os pretendo animar para aquella ou outras novas plantações; de que erradamente não gostam, póde V. Excellencia conhecer quanto serão fracos os meus discursos, e debeis as minhas instancias.

Estes obstaculos, que se acham ainda assim vencidos em grande parte a respeito do anil, serviriam de muito bom exemplo para remover os da coxonilha, si o mesmo augmento do dito anil não mostrasse cada vez mais aos que se occupam na sua plantação uma triste experiencia capaz de desanimar todas as que se intentam, ou intentarem de novo.

Logo que daqui fôram remettidas as primeiras amostras d'aquelle genero no anno de 1773, foi Sua Magestade servida determinar pela ordem expedida do seu real erario á junta da real fazenda d'esta capital, que vai debaixo do numero 1, que fizesse comprar com dinheiro á vista todo o anil que se fabricasse n'esta capitania por tempo de dez annos e pelos diversos preços estabelecidos na referida ordem, segundo a qualidade do mesmo anil; porém esta real ordem, que ao principio não foi tão

difficultoza de observar pela modica quantidade do genero, e por consequencia da despeza com que se faria o seu pagamento, á medida que se foi augmentando o mesmo genero, foi sentindo mais e mais demoras na sua tão importante execução, e já agora (para falar tão claramente, como deve ser, quando se trata de informar a Sua Magestade) tem chegado ao ponto de impossibilidade, que só a mesma Senhora póde remediar.

Logo que o referido genero principiou a augmentar-se, deixou de se pagar tão pontualmente como determina a referida ordem com dinheiro á vista, porque a não havia; daqui se seguio a consequencia infalivel de se suspender o mesmo augmento, e de variarem os animos mais dispostos para o promover, fazendo-se necessario, para não desanimarem de todo, acudir-se-lhes publicando, novos editaes no anno de 1779, como o que vai copiado debaixo do numero 2 ; suscitando a prompta execução da referida ordem,que sendo já antes d'esse tempo, quando não impossivel, summamente difficultozo, pouco importava prometter-se-lhes,mostrando-lhes a sua propria experiencia o contrario d'aquillo mesmo,que se lhes promettia.

Este tinha sido o verdadeiro motivo, porque,tomando cada um diverso pretexto, e muitos o da tenuidade do preço, porque a fazenda real lhes pagava, entraram a clamar pela liberdade, que lhes era prohibida pela referida ordem, de venderem a quem, e como lhes parecesse; para isto se fez um requerimento, e se conseguio a real ordem que vai debaixo do numero 3, o qual requerimento, sendo feito em nome de Manoel da Costa Cardozo, então como agora actual thezoureiro da real fazenda, bem dá a entender, que levava aquelle motivo, ainda que o não dicesse, por isso mesmo que era feito por quem melhor conhecia as forças da mesma fazenda real, e menos devia declaral-as.

D'este modo animados os fabricantes pelas promessas dos vice-reis, e esmorecidos pelas demoras de pagamento pela real fazenda, tem ainda assim caminhado este ramo de commercio muito mais do que promettiam as mesmas demoras, porém muito menos do que pede a sua importancia. Da minha parte tenho procurado, que as obras

não desdigam tanto das palavras, mas nem por isso tenho podido conseguir, que os pagamentos sejam promptos, antes cada vez menos m'o promettem o estado, em que se acha a fazenda real d'esta capitania, o augmento das despezas, que lhe são indispensaveis e o excesso da sua divida.

Apenas pude conhecer estas circumstancias, procurei, que fôssem prezentes a Sua Magestade para lhes dar o remedio que fôsse servida. Com o balanço do anno de 1779 fôram remettidos pelo real erario um mappa, em que se fórma o calculo do rendimento, e despeza da mesma real fazenda em cada um anno, e outro do que consta estar devendo, conforme o manifesto, que se mandou fazer das letras correntes. Nas diversas contas, que então se deram por aquella repartição, se fizeram varias observações, que occorreram sobre a mesma despeza e receita, entre as quaes foi expressamente declarada a impossibilidade de se fazerem similhantes pagamentos de anil e coxonilha, etc., pela fazenda real, como Sua Magestade determina, sem que para isso houvesse uma nova consignação; apontando-se juntamente que podia ser feita nas quantias, que se mandam cobrar pela meza da inspecção, e que immediatamente se remettem para o mesmo real erario.

Até agora não tem chegado por aquella repartição providencia alguma; o que me obriga a pôr no conhecimento de Vossa Excellencia o estado da real fazenda d'esta capitania, buscando todos os meios, que devo, para que, informada Sua Magestade, possa dar todas as providencias necessarias, para as suas reaes ordens serem cumpridas, e as suas reaes intenções, em beneficio do estado e dos povos, que felizmente a têm por soberana, serem verificadas.

Por isso remetto a Vossa Excellencia, debaixo do numero 4, um mappa geral do rendimento e despeza, que deve fazer cada anno a fazenda real d'esta capitania. Do rezumo, que vai no fim do mesmo mappa, verá Vossa Excellencia quanto a despeza excede á receita, ainda quando não fôsse necessario augmentar a mesma despeza, como a experiencia de todos os dias vai mostrando.

E' certo,que para a despeza se faz a conta aos soldos pelo estado completo, e não pelo effectivo : mas além de se esperar que as tropas se reduzam áquelle, esta pequena differença não tem proporção alguma com o augmento da mesma despeza, que se não póde prevêr. D'este modo se regula no dito mappa a despeza de uma nau sómente por anno, ao mesmo tempo que no passado de 1780 vieram duas ; não lembra a despeza que actualmente se está fazendo com a madeira, que Sua Magestade mandou preparar para o serviço dos seus reaes arsenaes, que mostra o calculo, que vai debaixo do numero 5. importar em 72.778$919. Principiam as despezas da futura demarcação com o pagamento dos ordenados das pessoas que n'ella hão de servir; e premeditam-se as que são necessarias para aquelle fim, sobre as quaes se não póde fazer calculo justo, mas é indispensavel dinheiro muito prompto.

Tambem remetto a Vossa Excellencia, debaixo do numero 6, um mappa do que consta estar devendo a fazenda real d'esta capital, divida, que, estando reduzida pela maior parte a papeis correntes pela junta da mesma real fazenda na mão dos credores,poderá ainda ser maior do que a grande somma, que mostra o dito mappa.

Além d'isto são necessarias differentes obras, das quaes umas se acham principiadas, ha muitos annos, sem se poderem continuar, e outras nem tem podido principiar-se. D'estas são as mais essenciaes, e que com a demora cada dia se vão fazendo mais indispensavis.

A obra da alfandega d'esta capital, que, rendendo só pela dizima 136.875$060, se acha accommodada em uma especie de telheiro, onde as fazendas ficam pouco menos que expostas a todas as calamidades do tempo, com grande clamor dos negociantes, e grave prejuizo de Sua Magestade na diminuição dos direitos que paga a fazenda de qualquer modo avariada. Ha pouco tempo cahio um chamado armazem, o que tudo me tem obrigado a principiar alguma obra, que possa reparar tantos damnos, sem a magnificencia e despeza que ha tantos annos inutilmente estava premeditada.

A obra dos canos da Carioca, que, sendo a unica

agua com que se provê toda esta capital e as differentes embarcações que chegam a este porto, se acha ha muitos annos por acabar, conservando-se descobertos os mesmos canos em grande distancia; e por consequencia sugeitas as aguas, que por elles se conduzem, a serem infeccionadas de toda a qualidade de animaes, como tem mostrado bastantes vezes a experiencia. Para esta obra se tem destinado algumas consignações, que nunca tiveram effeito por ficarem confundidas e absorvidas pelas ordinarias despezar da fazenda real; esta despeza pertenceria á camara, si desde o anno de 1700 não passasse para a fazenda real o subsidio pequeno dos vinhos, que antes tinha sido estabelecido para augmentar as rendas do conselho com a determinada applicação de se empregar o seu rendimento na referida obra, ficando por isso a mesma camara, assim como privados d'aquella administração e cobrança, desobrigada juntamente da despeza para que tinha sido destinada, a qual me consta por avaliação a que mandei proceder, que importará em 18.000$000.

A obra da nova sé, que se faz tão necessaria, quanta é a indecencia em que se acha em uma igreja arruinada e emprestada, a qual nem igreja particular devia ter sido no estado em que a vejo; bastando dizer a Vossa Excellencia, que nem ainda o tecto se acha forrado, nem o pavimento assoalhado. Esta obra se acha principiada desde o anno de 1749, e parada desde o de 1753, achando-se grande parte das paredes levantada, e n'ellas interrada a importante somma de 103.031$810. Vê-se, pelo que se acha feito, que a dita obra foi delineada debaixo de um risco magnifico, mas não é possivel, por mais diligencias que se tem feito, apparecer o mesmo risco, e apenas acho a tradição de que fôra entre os papeis, que, por morte do governador d'esta capitania Conde de Bobadella, se remetteram para essa côrte por ordem de Sua Magestade sem distinção alguma; de que tambem poderá proceder a grande falta de ordens d'aquelle tempo na secretaria, que todos os dias se allegam ou verdadeira ou falsamente; e nunca se descobrem. Igualmente se vê, que a obra feita nada corresponde á despeza sobre-dita;

ficando bem facil de crêr a grande negociação, que com ella fizeram os empreiteiros, que a arrematáraram por medição, dos quaes já não existe algum.

A obra da caza da relação, que ainda que se não acha mal accommodada na caza da camara que occupa, obriga a falta de caza propria á despeza annual de 220$000, que se pagam á mesma camara pelas cazas que aluga para a sua accommodação, tudo na fórma das ordens de Sua Magestade.

A obra de uma caza de correcção, que, sendo determinada pela carta régia de 8 de Julho de 1769, se não tem estabelecido por falta de meios ; sendo cada dia mais necessaria em um paiz em que é deshonra o servir, e já não póde escandilizar o inveterado costume de tirar lucro dos vicios e ostental-os. E como Sua Magestade ha de querer que se observe aquella sua real ordem, fundada toda no serviço de Deus e do bem publico, devo dizer a V. Excellencia que a mesma carta régia se refere aos decretos que a este respeito se observam n'esta côrte, declarando se remettem por cópia, os quaes não acho por mais que os tenha buscado, e hão ser necessarios, assim como outro qualquer regulamento que haja n'esta materia, quando Sua Magestade der providencia para se pôr em pratica similhante estabelecimento.

A obra que ha muito tempo se acha premeditada, de accrescentar o real armazem do trem de artilharia com as accommodações necessarias para se recolher em bôa ordem tudo quanto ali pertence ; o que agora é impraticavel pelo pouco lugar que nelle ha. Necessita-se de um armazem grande para a polvora em lugar seguro desta cidade, em que esteja mais bem conservada do que o póde estar prezentemente Outro armazem para guardar as madeiras proprias para as obras de artilharia e fortificações, que de repente se não pódem achar sêcas e promptas para similhante serviço.

Tambem falta uma caza propria para guardar todos os artificios de fogo, e para o trabalho de os preparar. Ha falta de quarteis para as tropas, com a accommodação das quaes se faz por isso consideravel despeza.

Todas estas obras,que entendo serem de indispensavel

necessidade e de excessiva despeza, dependem de consignações certas e promptas; assim como as fortalezas, que, sendo aqui tantas em numero, não ha alguma concluida; além dos continuados reparos e concertos, que o tempo a cada passo faz necessarios para a conservação do seu actual e incompleto estado.

De tudo o que tenho dito, verá V. Excellencia, que são quatro os objectos da necessidade publica d'esta capitania, e que necessitam de providencia:

1.° O consideravel excesso da despeza á receita da fazenda real.

2.° A falta de prompto pagamento do anil, e mais novas produções uteis ao estado.

3.° A falta total de pagamento de divida tão excessiva

4.° A falta de meios para se fazerem obras de indispensavel necessidade.

O primeiro d'estes objectos tanto mais necessita de attenção e de remedio, quanto vai augmentando cada anno o 3.° na divida, que infalivelmente se contrae de novo de 111.295$722, que mostra o rezumo do mappa numero 4 exceder a despeza da fazenda real á receita. Por isso necessitando de uma providencia por meio da qual entre de novo nos cofres da mesma real fazenda similhante quantia, que as iguale, me lembra, que uma das consignações que a mesma fazenda real percebia no tempo da guerra do sul da capitania da Bahia, importava em 80:000$000, e tendo a mesma capitania forças para a continuar, ajunto a esta quantia a das sobras do rendimento do subsidio literario d'esta capitania, das de Minas-Geraes e Goiaz, calculando quanto poderão importar uns annos por outros, para de tudo fazer a somma, que mostra o calculo numero 7 ser de 96.521$430, que, ainda que não chega a remediar de todo aquella falta, muito a diminue, podendo-se tirar o resto do que lembra poderá applicar-se para remediar o 3.° objecto.

O segundo d'estes objectos, necessitando, como está dito, de uma consignação prompta para se poderem observar as ordens de Sua Magestade a respeito d'elle, parece, que a póde ter em qualquer dos rendimentos, cuja quantia se remete d'esta capital para essa côrte; pois não estando

a differença do que se remette mais do que em ir o dinheiro em especie, ou em generos que o valham, indo estes sem que aquelle deixasse de ser remettido iria o dobro das mesmas quantias, como tem ido, por um modo insensivel, mas que o não é para a fazenda real d'esta capitania ; por isso torna a lembrar o dinheiro, que se recebe pela meza da inspecção, e se remette immediatamente para o real erario, que como certo e prompto parece merecer uma applicação, que se faz necessaria e é tão util.

A sua quantia é muito incerta ; mas reduzida ao calculo que póde admittir a sua variedade que vai debaixo do numero 8, faz a somma por anno de 84.465$335, a qual é outra das consignações sobreditas, que a fazenda real d'esta capital percebia, e que com o fim da guerra lhe foi immediatamente suspensa com todas as mais. Entendo, que não será excessiva para o fim apontado, passados os primeiros annos ; porém suppondo que n'estes bastará a quantia de 4.000$, declarada no mesmo calculo, pelo rendimento dos direitos reaes de Angola, ficam 44.465$335, que deve pôr de parte, quando passo a falar do terceiro objecto.

O terceiro d'estes objectos por todos os modos merece grande consideração : si se olha para a natureza das dividas, são procedidas de dinheiro tomado na praça da Colonia no aperto das necessidades mais urgentes sem avanço algum debaixo da promessa de prompto pagamento; de mantimentos tomados para a tropa n'aquella, e nas mais praças d'este distrito debaixo das mesmas circumstancias; de soldos, de jornaes, de fretes, concruas ecclesiasticas, quarteis, fardamentos e finalmente de diversos generos necessarios para a marinha, ou para o trem da artilharia, que me lembram em ultimo logar por fazerem uma divida de tanto menos peso, quanto maior foi o preço por que se compraram fiados : si se olha para o estado dos credores, vêm-se por uma grande parte pessoas mizeraveis, que andam mendigando o seu sustento para conservar as suas familias; lavradores obrigados a desamparar as suas terras; negociantes reduzidos a vender as suas embarcações, e a fechar as suas lojas ;

si se olha finalmente para o estado e para a fazenda real, considera-se, sobre tão atrazada, enfraquecida a povoação, que devia propagar-se em tantas familias, que ficam encerradas na sua propria mizeria, quando não procuram remedial-a por um modo destructivo da mesma povoação: lembra álém d'isso, que o empate de uma somma tão consideravel é igual ao augmento, que o seu giro deveria produzir no valor dos direitos e dos contratos; sem o qual se póde prevêr pelo contrario uma diminuição bem desigual ao mesmo valor.

Estou bem persuadido, que a grandeza e piedade de Sua Magestade só se satisfaria acudindo a todas estas necessidades de uma vez, e que d'esta ampla providencia se tirariam as maiores vantagens; porém torno a lêr o mappa da divida numero 6, e acertifica-me de que chega (pelo que se sabe) á consideravel somma de 1.272.314$120, e que, repartida por 10 annos, necessita de uma consignação de 127.231$412, a qual não poderá ter o fim desejado, por não haverem consignações que possam annualmente preencher aquella tão importante quantia.

Por essa razão já me tinha lembrado de pôr de parte para se satisfazerem as dividas da fazenda real os 44.465$335, declarados no calculo numero 8, que a meza da inspecção cobra do donativo gratuito imposto nas fazendas, que se despacham na alfandega d'esta capital, os quaes immediatamente se remettem para o real erario; porém esta consignação, além de ser muito incerta, é bastantemente diminuta, para se extinguir uma divida tão excessiva em o racionavel termo de 10 annos. Por mais que tenha procurado outros meios para apontar, os não posso encontrar, e apenas me lembro, que se poderá tambem applicar para este objecto o que devem os devedores da mesma real fazenda.

Pela relação dos mesmos devedores, que vai debaixo do numero 9, verá V. Excellencia importar a divida liquida á quantia de 48.375$950, a qual sendo reduzida a prestações annuaes, segundo o extracto, que vai expressado na mesma relação, verá V. Excellencia, que ainda não sendo algumas das dividas fallivel, são necessarios 24 annos para se concluirem os promptos pagamentos dos

mesmos devedores: a esta quantia ajunto a de 7:000$ apontada na informação do escrivão da junta da real fazenda, debaixo do numero 10, que declara o que se poderá cobrar sendo concluidas de todo as liquidações das contas preteritas dos almoxarifes da mesma real fazenda, e vejo, que apenas faz toda esta divida a somma de 55.375$950, que devendo entrar nos cofres reaes por uma vez sómente, não póde servir de calculo justo para indemnizar a fazenda real, sinão em uma pequena parte.

Não deixo tambem de me lembrar das fazendas, que foram dos jesuitas, que Sua Magestade mandou applicar para se satisfazerem as dividas da mesma real fazenda; porém além de não existir d'estas mais do que a fazenda de Santa-Cruz, avaliada em 77.227$070, esta se acha não só muito deteriorada no seu valor, mas ainda não tem havido quem a queira arrematar; e cazo haja, vem a entrar nos cofres da real fazenda por uma vez aquella quantia; ficando por isso ainda persistindo a grande difficuldade de não haverem consignações com que annualmente e por um modo insensivel possa satisfazer-se a grande somma, que vai acima declarada.

O quarto dos ditos objectos, pelo que fica dito a respeito d'elle, bem se vê, que não só necessita de providencias, mas que não póde lembrar sem excogitar alguma nova industria, visto que todas as consignações, que podiam occorrer, já aqui vão iniciadas para satisfazer os outros objectos; e ainda assim o não podem fazer como pediam as circumstancias. Por isso me lembra um projecto muitas vezes praticado pelas nações da Europa, as quaes ajuntam grandes cabedaes por meio de sortes publicas, e ainda reaes, para fazer certas despezas em utilidade do estado. Em Inglaterra se tem sustentado por este meio excessivos gastos em tempo de guerra, e actualmente em França se está praticando o mesmo, segundo vejo das gazetas.

E' certo, que no cazo de Sua Magestade approvar este projecto, deve ser por alguns annos, para haver em cada um d'elles uma consignação certa para as obras publicas d'esta capital. Não são muitas as forças, que n'ella ha; porém como em todos os homens é natural a inclinação

de buscarem a sua fortuna, quando se lhe aprezenta possivel,e sem engano, póde-se esperar, que concorram a aproveitar este meio de a conseguir em maior numero não só d'esta capitania, mas de todas da America pelo menos; para o que será precizo publicar-se com tempo o plano d'esta *loteria*, e vindo impresso, como parecer mais proprio, mais facilmente se poderá espalhar.

Debaixo do numero 11 apontei o que me occorreu a este respeito; pretendendo tirar de um capital de 500 000 cruzados uma consignação de 100, que, sendo a quinta parte, me não pareceu desproporcionada. Si se achar, que é uma grande somma para se ajuntar de uma vez, se póde dividir em duas *loterias*, uma em cada seis mezes, regulando a essa proporção por metade as entradas, e os premios de cada vez. Não me pareceu justo declarar todas as obras que, são necessarias, em papeis publicos: por isso vão só expressamente apontadas as da nova sé, e canos da Carioca.

De tudo o que tenho exposto verá V. Excellencia, que todo o meu fim é dar-lhe uma idéa clara do verdadeiro estado d'esta capitania; o empenho de ser breve póde ser, que deixe em duvida alguma circumstancia, que V. Excellencia necessite de saber para melhor informar a Sua Magestade, e que eu quizera prever agora, mas a todo o tempo dezejo satisfazer de modo que a mesma Senhora não possa ignorar tudo quanto interessa ao seu serviço.*

Deus guarde a V. Excellencia.

Rio 15 de Julho de 1781.

Sr. Martinho de Mello e Castro.

Luiz de Vasconcellos e Souza.

---

* Os documentos mencionados n'este officio sob os ns. 1, 2, 3, 5, 9 e 10 faltam no original, por isso não vão aqui transcriptos.

N. da R.

DOCUMENTO N. 4

Mappa geral do rendimento e despeza, pouco mais ou menos, de um anno da thezouraria geral do Rio de Janeiro, calculado no que foi possivel por um anno médio dos primeiros dez depois do estabelecimento da dita thezouraria, e n'aquella parte em que se não póde seguir o mesmo calculo por cauza das alterações que se originaram dos movimentos do sul, regulado pelo que se observou em outros annos, em que esta capitania esteve em socego.

RECEITA

Dizima da alfandega	136.875$066
Tomadias na alfandega	479$526
Guarda costa	9.520$958
Subsidio grande dos vinhos	6.267$229
Subsidio pequeno dos vinhos	4.412$318
Senhoreagem da caza da moeda	168.634$525
Acrescimos das barras	894$257
Donativo de officios	7.999$015
Novos direitos de cartas de seguro	44$508
Novos direitos de provizões de mercês	70$656
Novos direitos de officios	1.028$616
Escravos que vão para as Minas	16.062$666
Passagens dos rios Parahiba e Parahibuna	11.750$000
Aguardente do reino e ilhas	4.239$000
Azeite doce	2.900$000
Dizimos reaes	28.731$000
Aguardente da terra	4.511$066
Baleias	11.800$000
Sal	28.080$666
Direitos de 80 réis do sal	6.784$695
Equivalente do contrato do tabaco	13.153$126
Dizima da chancelaria	1.136$268
Passagens do rio de São-João	104$780
Guindastes da alfandega	196$189
Somma	465.676$130

DESPEZA

Folha ecleziastica

Congruas, guizamentos e ordinarias....	28.242$080

Folha civil

Ordenados 34.004$461, proprinas 5.053$165, moradias 709$586, ordinarias 2.071$220, ajudas de custo 291$539	42.129$971

Folha militar, soldos

1.ª Planna com exercicio 14.986$400, aggregados á 1.ª planna 1.144$800, regimentos e esquadrões completos 141.104$237, officiaes de infantaria auxiliar 8.198$400, officiaes das fortalezas no estado actual 4.621$900, officiaes reformados no estado actual 2.744$400, praças mortas 1.200$, partidistas da aula 600$, cavallaria auxiliar 1.522$400 (176.132$537) fardamento 31.905$771, aquartelamento no estado actual 5.800$, ajudas de custo 1.287$259, concertos de armas dos regimentos e compras de outras para o esquadrão 680$650, menestras de lenha sal, azeite de peixe, algodão e agua 6.039$939, despezas do hospital 30.000$000.....	251.846$156

Despezas extraordinarias

Ordinaria que os Srs. vice-reis podem distribuir annualmente por pessoas benemeritas 400$, armazens reaes 48.000$ despezas da provedoria da fazenda 3.785$644, despezas das fortalezas 2.376$036, despezas da intendencia geral do ouro 239$011, despezas da	
	322.218$207

Transporte.....	322.218$207
alfandega 3.513$112, despezas da caza da moeda 8.837$507, despezas da fabrica do trem 4.000$, despezas da caza das armas 2.500$, despezas do arsenal de marinha 1.406$490, despezas do tribunal da relação 220$, obras 8000$ despezas de fortificações 1.200$, despezas com as naus da corôa 24.685$391 despezas com a marinha, que consiste actualmente em 5 embarcações, importam os soldos e comedorias de 1 anno 16.936$292, despezas com o expediente das ordens do governo716$609, despezas com o expediente da thezouraria geral 454$182, consignação para a junta de São-Paulo 3:200$, despezas com o expediente da thezouraria geral das tropas 160$, despezas com a nova caza da polvora 64$, alimentos 240$, despezas de soldos e comedorias da fragata *Princeza do Brazil*, que se acha effectiva n'este porto 17.846$500, algumas despezas avulsas que se regula importarão pouco mais ou menos 2.000$000.....	150.778$774
Rs.....	472.996$981

REZUMO

Importa a receita.....	465.676$130
Importa a despeza.....	472.996$981
Vem a faltar para a despeza.....	7.320$851

Mappa do rendimento e despeza pouco mais ou menos de um anno da provedoria da fazenda real da ilha de Santa-Catharina, regulado pelas memorias autenticas que se remetteram da mesma provedoria

RECEITA

Consignação do contrato das baleias.....	4.000$000
Contrato dos dizimos conforme a actual arrematação.....	4.720$000
Rs.....	8.720$000

DESPEZA

Folha ecleziastica.— Congrua e guizamentos.....	477$600
Folha civil.—Ordenados.....	1.603$100
Folha militar.— Officiaes da 1.ª plana 1:532$640, soldos do regimento 25:897$800, munições de boca e menestras do dito 3:101$052, hospital 4:228$880.....	34.760$372

DESPEZAS EXTRAORDINARIAS

Marinha 565$440, fortalezas 1:032$960 despezas geraes 1:805$760.....	3.404$160
Rs.....	40.245$232

REZUMO

Importa a receita.....	8.720$000
Importa a despeza.....	40.245$232
Vem a faltar para a despeza.....	31:525$232

Mappa do rendimento e despeza, pouco mais ou menos, de um anno da provedoria da fazenda real do Rio-Grande, regulado pelas memorias autenticas, que se remetteram da mesma provedoria

RECEITA

Rendimento do contrato das passagens dos animaes, dos registos de Viamão e São-Jorge	3.375$000
Dito do contrato dos dizimos	5.774$300
Dito do quinto dos couros	3.000$000
Dito do quinto da extração dos animaes pelo Rio da Praia	271$480
Dito das passagens do Rio da Praia	221$140
Dito da arenha	307$200
Rs	12.949$120

N. B.— A relação que veio da dita provedoria importa em 13.628$646 de que se abatem as addições seguintes:

Rendimento da estancia de Monte-alegre sequestrada a João Alvares Mourão, thesoureiro, que foi da expedição da divisão da America, cuja conta se acha ajustada, e como alcance, pelo que respeita aos materiaes, que importa menos do que o que tem entrado nos cofres do Rio-Grande, de rendimento da mesma fazenda, a qual está para se restituir a quem mostrar ser legitimo herdeiro do dito thesoureiro 633$333; da estancia da Cidreira sequestrada aos herdeiros de Manoel Pereira Franco, almoxarife que foi da praça da Colonia, cuja conta está em actual liquidação, dependendo o finalisar-se de varias certidões que se mandaram vir da ilha de Santa-Catharina e Rio-Grande, e restituïção que se

está esperando dos livros dos dous ultimos almoxarifes que fôram da Colonia, que na tomada d'aquella praça levaram os Espanhoes, e foi ordem ao commissario para os pedir 267$333.

DESPEZA

Folha ecleziastica.— Congruas e guizamento.....	852$264
Folha civil.—Ordenados e moradias.....	4.071$150
Folha militar.— Soldos: regimento de dragões, cavallaria ligeira, batalhão de infantaria, companhia de infantaria ligeira, e cavallaria auxiliar, no seu estado completo, 50:801$360; farinha e carne pouco mais ou menos aos ditos 9.167$985; hospital 4.800$000.....	64.769$345

DESPEZAS EXTRAORDINARIAS

Marinha 4.556$, diversas despezas extraordinarias 11.150$000.....	15.706$000

N. B.— Faz-se a conta aos soldos pelo estado completo dos diversos corpos existentes, e não pelo estado effectivo, porque, preenchendo-se o numero de praças dos mesmos corpos, não venham a faltar as consignações para o seu pagamento.

Rs.....	85.398$759

REZUMO

Importa a receita.....	12.949$120
Importa a despeza.....	85.398$759
Vem a faltar para a despeza.....	72.449$639

REZUMO GERAL

RECEITA

Pelo que importa o rendimento d'esta capitania 465.676$130; o rendimento da provedoria da fazenda real da ilha de Santa-Catharina 8.720$; o rendimento da provedoria da fazenda real do Rio-Grande 12.949$120.	
Importa a receita geral.....	487.345$250

DESPEZA

Pelo que importa a despeza d'esta capitania 472.996$981; a despeza da provedoria da fazenda real da ilha de Santa-Catharina 40.245$232; a despeza da provedoria da fazenda real do Rio-Grande 85.398$759.....	598.640$972
Vem a faltar para a despeza; a saber:	
D'esta capitania 7.320$851, da provedoria de Santa-Catharina 31.525$232, da provedoria Rio-Grande 72.449$639.	111.295$722

Rio 1.° de Maio de 1781.

João Carlos Corrêa Lemos.

DOCUMENTO N. 6

Mappa da divida passiva da fazenda real da capitania do Rio de Janeiro e provedorias suas subalternas, conforme o manifesto que se fez no principio no anno de 1780.

RIO DE JANEIRO

Pertencentes aos annos preteritos até o fim do anno de 1761.....	3.895$530
Ao anno 1762.....	7.593$457
» » 1763.....	75.472$247
	86.961$234

Transporte.....	86:951$234
Ao anno 1764	61.780$503
» » 1765	109.127$441
» » 1766	76.443$320
» » 1767	114.427$825
» » 1768	17.280$918
» » 1769	12.951$841
» » 1770	6.006$015
» » 1771	3.758$493
» » 1772	5.725$445
» » 1773	6.785$066
» » 1774	42.786$370
» » 1775	66.685$449
» » 1776	132.087$506
» » 1777	274.066$807
» » 1778	56.253$132
» » 1779	21.616$463
» » 1780	23.984$673
	1.118.728$501
Pelo que importa a divida pertencente a diversas embarcações da marinha d'esta cidade, e a varios annos até o fim de 1779, 7.807$928.....	1.126.536$429
Pelo que importa a divida da provedoria da fazenda real da ilha de Santa-Catharina, conforme as contas extrahidas na dita provedoria.....	111.526$478
Pelo que importa a divida da provedoria da fazenda real do continente do Rio Grande de São-Pedro, conforme o mappa extrahido no dito continente	153.312$428
	1.391.375$335

Por conta d'esta divida se tem pago desde o principio do dito anno de 1780 o seguinte :

Em dinheiro 42.343$381, em letras correntes da venda de 3 embarcações

13.314$349, em letras correntes que a junta tem recebido por importancia da venda da fazenda chamada *Arassatiba*, que foi sequestrada aos denominados jezuitas, 63:403$480..... 119.061$210

1.272.314$125

Fica devendo a fazenda real, sem falar nos papeis que se poderão ainda manifestar, e de que se ignoram as quantias, 1.272.314$125.

Rio de Janeiro 1 de Maio de 1781.

João Carlos Corrêa Lemos.

DOCUMENTO N. 7

Relação dos rendimentos extraordinarios que na occazião da proxima guerra no sul auxiliaram os cofres reaes da thezouraria geral d'esta capitania.

A saber:

A junta da fazenda real da capitania da Bahia assistiu á d'esta capital annualmente com a quantia de..... 80.000$000

As sobras de rendimento do subsidio literario da capitania de Minas-Geraes, que teve principio no anno de 1774 até o de 1778, conforme as entradas nos cofres d'esta capitania.

A saber:

Pertencente ao anno de 1774.....	5.961$353
De 1775 e 1776.....	9.094$729
De 1774 a 1776 (sic)....	2.914$070
	17.970$152

N. B.—Este rendimento tem sido muito incerto, e calculado pelos 3 annos de 1774 a 1776, em que se recebeu o seu produto, pertence a cada um anno a quantia de..... 5.990$050

85.990$050

	Transporte.....	85.990$050
As sobras do sobredito rendimento pertençente á capitania de Goiaz, que teve principio no dito anno.		
A saber :		
Pertence ao anno 1774...	2.633$806	
De 1774 e 1775.....	3.477$966	
	6.111$772	
N. B.—Este rendimento tem a mesma incerteza, e calculado pelos 2 annos que entraram nos cofres da thesouraria geral pertencente a um anno a quantia de.....		3.055$886
As sobras que tem havido no rendimento do subsidio literario desta capitania depois de abatidas as suas despezas ordinarias.		
A saber :		
No anno de 1774.....	2.506$714	
» 1775.....	9.785$856	
» 1776.....	8.699$960	
» 1777.....	5.896$535	
» 1778.....	10.480$163	
» 1779.....	3.828$607	
» 1780.....	11.130$623	
	52.328$458	
N. B —Este rendimento é muito incerto : porém calculado pelos annos que tem decorrido de 1774 até o de 1780. pertence a cada um anno.....		7.475$494
	Rs.....	96.521$430

DOCUMENTO N. 8

Relação dos rendimentos extraordinarios que na occazião da proxima guerra do sul auxiliaram os cofres da thezouraria geral d'esta capitania, que se cobram pelo tribunal da meza da inspecção.

A saber :

O rendimento dos direitos reaes de Angola, que, regulado pelas entregas do anno de 1774 a 1776, vem a importar em cada anno pouco mais ou menos a quantia de.....	40.000$000
O rendimento do donativo gratuito que pelo povo d'esta cidade foi offerecido á reedificação da capital do reino, que, regulado por um anno médio dos primeiros dez que tem decorrido depois do estabelecimento da thezouraria geral, importa a quantia de.....	44.465$335
Rs.....	84.465$335

N. B. — Estes dois rendimentos são muito incertos, e por isso se não póde ajustar outro calculo sinão o que vai acima declarado.

DOCUMENTO N. 11

Apontamento para o plano de uma loteria, ou sortes publicas, para com approvação de Sua Magestade se poder augmentar a cidade do Rio de Janeiro, capital da America, com edificios que mais a enobreçam, com as formalidades que vão declaradas.

Será a dita loteria do capital de 500.000 cruzados cada um anno, e poderão interessar-se n'ella tanto as pessoas habitantes na America portugueza, como as que são moradoras no reino de Portugal, assim nacionaes

como estrangeiros, conferindo para isso as ordens necessarias aos seus correspondentes do mesmo modo que o fazem com mais trabalho e falta de correspondencia, quando querem interessar-se nas loterias estrangeiras.

Durará esta loteria por tempo de seis annos, e tomando-se os bilhetes pela entrega das entradas nos primeiros nove mezes de cada um anno, ficarão os de Outubro e Novembro para o preparo e dispozições necessarias, e se tirarão as sortes no mez de Dezembro.

Será esta loteria autorizada com a assistencia do tribunal da junta da real fazenda, e terá effeito debaixo da inspecção do dezembargador provedor da mesma real fazenda, nomeando-se duas pessoas habeis com intelligencia mercantil para a escripturação e mais trabalho; das quaes fará uma as vezes de thezoureiro no acto do recebimento e entregas, e a outra de escrivão da sua receita e despeza, havendo para isso um livro de caixa com toda a bôa ordem, ao qual se dará balanço todos os sabados para se saber o dinheiro que ha, e as entradas que faltam para completar a loteria, prezidindo a elle o dito dezembargador provedor da real fazenda, e guardando-se o dinheiro de cada semana em um cofre de tres chaves, das quaes guardará uma o mesmo dezembargador, outra o thezoureiro, e outra o escrivão, acima referidos.

Para este fim haverão dous cofres na caza da moeda (logar destinado para se receberem as entradas e se pagarem os premios) um d'elles chamado cofre diario, para n'elle se receberem as entradas pelo thezoureiro na fórma acima declarada, e outro chamado o cofre do capital da loteria, onde se ha de ter guardado e seguro o mesmo capital na fórma tambem declarada, para d'elle a seu tempo se pagarem os premios, a quem a fortuna os tiver dado, os quaes serão pagos, si fôr possivel, em um só dia, e sem a mais leve demora.

Será composta esta loteria de 12.500 bilhetes, cada um do valor de 16$, que tanto vem a ser a entrada ou preço de cada um d'elles, para importarem o sobredito capital de 500.000 cruzados. Nos ditos 12.500 bilhetes haverão, como mostra o mappa no fim d'este plano, 2.664 de ganho, 9.836 de perda, o que vem a ficar em proporção

de um para quatro, que parece não deixa de ser vantajozo, attendendo que ha bilhetes de grande ganho, e que a maior perda e o menor ganho são 16$, que é o mesmo com que se entra na loteria.

Serão tiradas as sortes com a mesma formalidade, que hoje se pratica nos reinos estrangeiros, e na mesma fórma que explica o Diccionario do Commercio de Savary, por ser este methodo o mais breve, mais seguro, e cheio de toda a bôa fé, que se faz indispensavel em um negocio, que só depende da sorte e da fortuna.

Depois de concluida esta loteria, e tirados os premios, se fará pagamento d'elles a quem legitimamente tocarem pelos bilhetes que tiverem aprezentado, e n'este acto de receber cada qual o que lhe pertencer, se lhe descontará do mesmo seu premio a quinta parte, que immediatamente se guardará com a mesma formalidade em um terceiro cofre, que para isso estará preparado, intitulado das obras publicas da America.

Será applicada a mesma quinta parte para as obras publicas, que mais podem contribuir para o augmento d'esta capital, como são a obra da sé nova, que já se acha principiada; reedificar e pôr em bom estado os canos da Carioca, e outras de similhante natureza para a decencia e bôa ordem d'esta capital; as quaes serão reguladas como melhor se entender, e as circumstancias o pedirem; sem que o dinheiro d'aquella quinta parte descontada tenha outro algum destino, que não seja o empregar-se no beneficio e augmento d'esta capital.

Todos sabem, que por este meio tem conseguido as côrtes estrangeiras grandes e magnificos estabelecimentos; e que por este modo póde conseguir esta capital o mesmo augmento com grande satisfação da nação portugueza, que se utiliza a si no ganho das sortes, e ao mesmo tempo se engrandece com o referido augmento.

fazer a escolha dos documentos e mappas, que julgarem deverem figurar na alludida exposição.

Não havendo mais nada a tratar-se, suspende-se a sessão.

O 1.º Secretario interino

Dr. Teixeira de Mello

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 16 DE MAIO DE 1888.

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Franklin Tavora, Maximiano Marques, Pinheiro de Campos, Cezar Marques, Garcez Palha, Ignacio Ferreira, e Sacramento Blake, occupando este a cadeira de segundo secretario a convite do Sr. presidente, foi pelo mesmo Sr. presidente declarada aberta a sessão e lida a seguinte allocução :

« Senhores ! Como esse mundo de trevas, que paira eternamente ante o Cruzeiro do Sul, parecia, que a negra mancha da escravidão teria de offuscar ainda por muito tempo a terra de Santa-Cruz.

As gerações se succediam sem que lhes fôsse dado antever a terra da promissão. Apenas aqui e ali, de espaço em espaço, irrompiam das negras nuvens as scintillações de uma immensa aurora, e eis que de repente, quando ainda mal se esperava, surge no horizonte da patria o sol da liberdade, o astro da redempção humana !

A concisão da lei, que realizou tão grande milagre, só tem de comparavel a sublimidade do *fiat lux* da tradição biblica : «*E' declarada extincta a escravidão no Brazil.*»

Senhores ! Eu me congratulo pelo complemento da liberdade social de nossa cara patria, e como ao Instituto Historico não póde passar desapercebido tão sublime feito,

ACTAS DAS SESSÕES EM 1888

SESSÃO ADMINISTRATIVA EM 12 DE ABRIL DE 1888.

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, conselheiro Alencar Araripe, conselheiro Beaurepaire Rohan, capitão-tenente Calheiros de Graça, Dr. Pinheiro de Campos e Dr. Teixeira de Mello, servindo este de 1º secretario, abre o Sr. presidente a sessão, dando a palavra ao Sr. Calheiros da Graça.

O Sr. Calheiros da Graça expõe, que, tendo a sociedade de geographia do Rio de Janeiro, da qual é tambem membro, de effectuar n'esta côrte a 16 de Setembro, anniversario da sua fundação, uma exposição de geographia sul-americana e especialmente do Brazil, pedia, que o Instituto lhe confiasse todos os mappas e documentos, que possuisse relativos áquelle assumpto e permittisse, que a sociedade tirasse cópia dos mappas, plantas, planos, etc., que julgasse mais valiosos e mais importantes para a elucidação da materia, compromettendo-se elle a restituil-os opportunamente.

O Sr. presidente submette o pedido á consideração do Instituto e depois de breves considerações do Sr. conselheiro Alencar Araripe favoraveis ao pedido, é unanimemente approvado, ficando, por indicação do Sr. presidente, o mesmo Sr. Calheiros da Graça incumbido de

fazer a escolha dos documentos e mappas, que julgasse deverem figurar na alludida exposição.

Não havendo mais nada a tratar-se, suspende-se a sessão.

O 1.º Secretario interino

Dr. Teixeira de Mello

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 16 DE MAIO DE 1888.

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Franklin Tavora, Maximiano Marques, Pinheiro de Campos, Cezar Marques, Garcez Palha, Ignacio Ferreira, e Sacramento Blake, occupando este a cadeira de segundo secretario a convite do Sr. presidente, foi pelo mesmo Sr. presidente declarada aberta a sessão e lida a seguinte allocução :

« Senhores ! Como esse mundo de trevas, que paira eternamente ante o Cruzeiro do Sul, parecia, que a negra mancha da escravidão teria de offuscar ainda por muito tempo a terra de Santa-Cruz.

As gerações se succediam sem que lhes fôsse dado antever a terra da promissão. Apenas aqui e ali, de espaço em espaço, irrompiam das negras nuvens as scintillações de uma immensa aurora, e eis que de repente, quando ainda mal se esperava, surge no horizonte da patria o sol da liberdade, o astro da redempção humana !

A concisão da lei, que realizou tão grande milagre, só tem de comparavel a sublimidade do *fiat lux* da tradição biblica : «*E' declarada extincta a escravidão no Brazil.*»

Senhores ! Eu me congratulo pelo complemento da liberdade social de nossa cara patria, e como ao Instituto Historico não póde passar desapercebido tão sublime feito,

nova época nos annaes da nossa historia, convoquei a presente sessão extraordinaria afim de deliberarmos as seguintes propostas :

1° Que o Instituto Historico dê parabens a S. M. o Imperador por tão fausto motivo, expedindo-se um telegramma.

2.° Que se envie uma deputação a saudar a S. A. Imperial em nome do Instituto Historico, tendo por seu orgão o nosso illustre orador.

3° Que se dirijam mensagens de agradecimento e louvor ás camaras legislativas e ao ministerio.

4.° Que se lance na acta da presente sessão um voto de louvor á imprensa de todo imperio, que cooperou para o triumpho incruento da causa da abolição.

5° Que se colloque na sala de nossas sessões o busto do finado consocio Dr. Perdigão Malheiro, que em sua obra a *Escravidão no Brazil* procurou lançar as bases para a abolição da escravidão.

Foram approvadas as propostas do Sr. presidente, sendo a quarta com um additamento proposto pelos Srs. Cezar Marques, e Sacramento Blake para que depois das palavras—voto de louvor á imprensa de todo imperio, diga-se: « e a todos aquelles que, de qualquer modo, contribuiram para o triumpho incruento da santa causa da **redempção**.»—e sendo-o tambem a ultima com um additamento do socio Sacramento Blake para que se accrescente : « e bem assim o busto do nosso tambem finado consocio o Visconde do Rio-Branco, que foi quem, com a lei de 28 de Setembro de 1871, iniciou a realisação da abolição do elemento escravo no Brazil.

Ainda em additamento á proposta do Sr. presidente, indicou o Sr. Cesar Marques, e foi approvado, que se nomeie uma commissão para felicitar S. A. o Sr. Conde d'Eu, nosso augusto presidente honorario, nosso compatriota, e que com todo desvelo está ao lado do povo, quando este soffre, e tambem compartilha de nossas glorias.

O Sr. Franklin Tavora, primeiro secretario, propôz, que se nomeassem commissões do seio do Instituto, que o representassem na missa campal, e na marcha civica da

imprensa fluminense. Sendo a indicação approvada, foram nomeados: para a primeira commissão os Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepeire Rohan, Sacramento Blake, Cesar Marques, Garcez Palha, Pinheiro de Campos e Maximiano Marques, e para a segunda os Srs. Escragnolle Taunay, Alencar Araripe, Olegario H. d'Aquino Castro, Franklin Tavora, Cesar Marques, Pinheiro de Campos e Severiano da Fonseca.

O Sr. Maximiano Marques por ultimo manda á mesa uma indicação com o fim de memorar a extincção do captiveiro no Brazil, nos seguintes termos: « O Instituto Historico levantará, por meio de uma subscripção nacional, uma estatua a S. A. D. Izabel, em columna bem alta, similhante a de Nelson que está em Londres, em Trafalgar-Square. »

Depois de ligeiras considerações de alguns socios presentes, foi adiada a indicação para ser discutida em assembléa geral.

O Sr. presidente, nomeando para em commissão felicitarem SS. AA., a princeza e seu augusto consorte, os Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepaire Rohan, Alencar Araripe, Ribeiro de Almeida, Jaguaribe Filho e Severiano da Fonseca, levantou a sessão ás 8 horas da noite.

Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.

Segundo secretario interino.

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE JUNHO DE 1888

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. R. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A' 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs.: Joaquim Norberto de Souza Silva, Joaquim Pires Machado Portella, João Franklin da Silveira Tavora, João

Severiano da Fonseca, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Maximiano Marques de Carvalho, Cesar Augusto Marques, Felizardo Pinheiro de Campos, Francisco Ignacio Ferreira, Francisco José Borges, e Henrique Raffard, é annunciada a chegada de S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, o qual, sendo recebido com as devidas honras, toma assento, e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2°. secretario interino lê a acta da sessão extraordinaria, que teve logar em 16 de Maio do corrente anno e é approvada.

O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do ministerio do imperio pedindo informações das occurrencias dadas no Instituto, afim de se organizar o relatorio do referido ministerio.

Do Sr. veador Franklin Americo de Menezes Doria, declarando em resposta ao officio que o Instituto lhe enviára, que S. A. o Sr. Conde d'Eu se dignou marcar o dia 15 do corrente, ás 7 horas da noite, para ter logar a 1ª. sessão ordinaria do corrente anno no Instituto.

Dos presidentes das provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Rio-Grande do Sul e Paraná, enviando a collecção de leis, relatorio e fala com que abriram as sessões das assembléas legislativas nas referidas provincias.

Do Sr. 2°. secretario do Instituto, Dr. Augusto Fausto de Souza, participando seguir para Santa-Catharina em commissão do governo imperial, na qualidade de presidente da dita provincia.

Do mesmo senhor, participando ter prestado juramento em 20 de Maio proximo findo e assumido o cargo de presidente da mencionada provincia, e pedindo alguns numeros da *Revista do Instituto*, que faltam na collecção da bibliotheca d'aquella provincia, e algumas obras que o Instituto possua em duplicata.

Do Sr. Antonio Hippolito de Medeiros, pedindo a collecção da *Revista do Instituto* para a bibliotheca popular da sociedade commemorativa Treze de Maio da cidade de Jundiahi na provincia de São-Paulo.

Do Sr. Antonio Borges de Sampaio, communicando que congratula-se com o Instituto pela extinção da escravidão no Brazil.

Do secretario do gabinete portuguez de leitura, agradecendo os tomos da *Revista do Instituto*, que lhe foram enviados para completar a collecção do dito gabinete.

Do director do imperial observatorio do Rio de Janeiro, enviando um exemplar do 3°. tomo dos *Annaes* do dito observatorio.

Do Sr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, accusando o recebimento do officio e diploma de admissão como socio correspondente do Instituto e pedindo um exemplar dos estatutos.

Do Sr. Euclides Fausto de Souza, participando não poder por algum tempo comparecer ao Instituto seu pai, o Sr. Dr. Augusto Fausto de Souza, por se achar doente.

Do Sr. Francisco Marques Perdigão Malheiro, agradecendo ao Instituto a homenagem lembrada, de collocar na sala das sessões o busto de seu finado irmão Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

Do Sr. Achilles de Mello, pedindo a collecção completa da *Revista do Instituto* para a bibliotheca do *Trabalho*, na cidade do Pão de Assucar, na provincia das Alagôas.

Do Sr. João Brigido dos Santos, accusando o recebimento do 4°. trimestre da *Revista do Instituto* do anno de 1887 e pedindo os tres primeiros que lhe faltam do mesmo anno.

Do secretario da reunião dos expositores da industria brazileira, convidando a directoria do Instituto para assistir á posse da administração da dita reunião.

Da commissão central brazileira, organizada n'esta côrte para a Exposição Universal de 1889 em Paris, convidando o Instituto para se fazer representar na dita exposição.

Carta do Sr. Maximiano Marques de Carvalho, pedindo a convocação de uma sessão extraordinaria.

Do ministerio de estrangeiros, pedindo que se envie a collecção da *Revista do Instituto* para a bibliotheca do ultramar, em Madrid.

OFFERTAS

Pela secretaria da camara dos deputados: *Relatorio e synopse* dos trabalhos da referida camara, na sessão do anno de 1887.

Pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho: *Obolo das crianças.*

Pela Real Academia de sciencias moraes e politicas de Madrid: *Resena historica, memorias e Annuario* da mesma academia.

Pela directoria do retiro literario portuguez: *Relatorio* apresentado em 31 de Dezembro de 1887.

Pelo Sr. senador Joaquim Floriano Godoi: *Elemento servil e as camaras municipaes da provincia de São-Paulo; Projecto de lei para a creação da provincia do Rio Sapucahi.*

Pelo Sr. Antonio Rodrigues Pereira Labre: *Itinerario de exploração do Amazonas á Bolivia.*

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin: *Nouveau Dictionnaire de geographie universelle*, fasciculos de 39 a 41.

Pelo Sr. 1°. tenente Raimundo Ciriaco Alves da Cunha: *Pequena Geographia* da provincia do Paraná.

Pela presidencia da Republica Argentina: *Los presupuestos, los recursos y las leys de impuestos de la nacion*; *La Municipalidad de la capital y las 14 provincias.*

Pela imprensa nacional: *Collecção das leis e decisões do governo do imperio do Brazil de 1822 e 1887.*

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica e municipal do Porto: *Catalogo da mesma bibliotheca.*

Pela respectiva redacção: *Revista maritima brazileira.*

como estrangeiros, conferindo para isso as ordens necessarias aos seus correspondentes do mesmo modo que o fazem com mais trabalho e falta de correspondencia, quando querem interessar-se nas loterias estrangeiras.

Durará esta loteria por tempo de seis annos, e tomando-se os bilhetes pela entrega das entradas nos primeiros nove mezes de cada um anno, ficarão os de Outubro e Novembro para o preparo e dispozições necessarias, e se tirarão as sortes no mez de Dezembro.

Será esta loteria autorizada com a assistencia do tribunal da junta da real fazenda, e terá effeito debaixo da inspecção do dezembargador provedor da mesma real fazenda, nomeando-se duas pessoas habeis com intelligencia mercantil para a escripturação e mais trabalho; das quaes fará uma as vezes de thezoureiro no acto do recebimento e entregas, e a outra de escrivão da sua receita e despeza, havendo para isso um livro de caixa com toda a bôa ordem, ao qual se dará balanço todos os sabados para se saber o dinheiro que ha, e as entradas que faltam para completar a loteria, prezidindo a elle o dito dezembargador provedor da real fazenda, e guardando-se o dinheiro de cada semana em um cofre de tres chaves, das quaes guardará uma o mesmo dezembargador, outra o thezoureiro, e outra o escrivão, acima referidos.

Para este fim haverão dous cofres na caza da moeda (logar destinado para se receberem as entradas e se pagarem os premios) um d'elles chamado cofre diario, para n'elle se receberem as entradas pelo thezoureiro na fórma acima declarada, e outro chamado o cofre do capital da loteria, onde se ha de ter guardado e seguro o mesmo capital na fórma tambem declarada, para d'elle a seu tempo se pagarem os premios, a quem a fortuna os tiver dado, os quaes serão pagos, si fôr possivel, em um só dia, e sem a mais leve demora.

Será composta esta loteria de 12.500 bilhetes, cada um do valor de 16$, que tanto vem a ser a entrada ou preço de cada um d'elles, para importarem o sobredito capital de 500.000 cruzados. Nos ditos 12.500 bilhetes haverão, como mostra o mappa no fim d'este plano, 2.664 de ganho, 9.836 de perda, o que vem a ficar em proporção

de um para quatro, que parece não deixa de ser vantajozo, attendendo que ha bilhetes de grande ganho, e que a maior perda e o menor ganho são 16$, que é o mesmo com que se entra na loteria.

Serão tiradas as sortes com a mesma formalidade, que hoje se pratica nos reinos estrangeiros, e na mesma fórma que explica o Diccionario do Commercio de Savary, por ser este methodo o mais breve, mais seguro, e cheio de toda a bôa fé, que se faz indispensavel em um negocio, que só depende da sorte e da fortuna.

Depois de concluida esta loteria, e tirados os premios, se fará pagamento d'elles a quem legitimamente tocarem pelos bilhetes que tiverem aprezentado, e n'este acto de receber cada qual o que lhe pertencer, se lhe descontará do mesmo seu premio a quinta parte, que immediatamente se guardará com a mesma formalidade em um terceiro cofre, que para isso estará preparado, intitulado das obras publicas da America.

Será applicada a mesma quinta parte para as obras publicas, que mais podem contribuir para o augmento d'esta capital, como são a obra da sé nova, que já se acha principiada; reedificar e pôr em bom estado os canos da Carioca, e outras de similhante natureza para a decencia e bôa ordem d'esta capital; as quaes serão reguladas como melhor se entender, e as circumstancias o pedirem; sem que o dinheiro d'aquella quinta parte descontada tenha outro algum destino, que não seja o empregar-se no beneficio e augmento d'esta capital.

Todos sabem, que por este meio tem conseguido as côrtes estrangeiras grandes e magnificos estabelecimentos; e que por este modo póde conseguir esta capital o mesmo augmento com grande satisfação da nação portugueza, que se utiliza a si no ganho das sortes, e ao mesmo tempo se engrandece com o referido augmento.

brazileiro. Sala das sessões 15 de Junho de 1888. —Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.*

Foi tambem apresentada a seguinte emenda substitutiva á proposta do illustre consocio o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho:

O Instituto historico e geographico Brazileiro fará cunhar uma medalha para commemorar a sancção da lei de 13 de Maio de 1888, que extinguio a escravidão no Brazil. A medalha terá no anverso a efigie de S. A. Imperial circulada d'estas palavras: *S. A. a Princeza Imperial Izabel, a Redemptora, Regente do Imperio em nome de S. M. o Senhor D. Pedro II.* E no reverso a integra da lei n. 3.353 de 13 de Maio de 1888.

Duas medalhas destinadas a S. M. o Imperador e a S. A. Imperial serão vasadas em ouro; as destinadas aos illustres membros do ministerio de 10 de Março em prata, e em bronze as que serão offerecidas ás associações e estabelecimentos nacionaes e estrangeiros, que se occupam com collecções numismaticas, ficando um exemplar archivado no Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico em 15 de Junho de 1888.—*Franklin Tavora. Francisco José Borges.. Augusto V. Alves Sacramento Blake. Felizardo Pinheiro de Campos.*

O socio Severiano da Fonseca justifica sua ausencia nas commissões do Instituto, por occasião das festas da abolição, em uma por não ter encontrado seus companheiros, na que devia tomar parte na marcha civica da imprensa, e na outra por não ter sabido do dia e hora em que a commissão devia ir felicitar a S. A. I. a Regente; ficando desagradavelmente sorprendido, ao saber qne isso já tivera lugar, ao lêr em um dos jornaes o discurso do orador. O Sr. presidente e 1°. secretario dão explicações satisfatorias.

Os Srs. socios Drs. Cezar Augusto Marques, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, e Felizardo Pinheiro de Camppos declararam ter cumprido o mandato do Instituto, fazendo parte das commissões para que foram nomeados afim de representarem o Instituto por occasião das festas da abolição.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1888

SESSÃO ADMINISTRATIVA EM 12 DE ABRIL DE 1888.

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, conselheiro Alencar Araripe, conselheiro Beaurepaire Rohan, capitão-tenente Calheiros de Graça, Dr. Pinheiro de Campos e Dr. Teixeira de Mello, servindo este de 1º secretario, abre o Sr. presidente a sessão, dando a palavra ao Sr. Calheiros da Graça.

O Sr. Calheiros da Graça expõe, que, tendo a sociedade de geographia do Rio de Janeiro, da qual é tambem membro, de effectuar n'esta côrte a 16 de Setembro, anniversario da sua fundação, uma exposição de geographia sul-americana e especialmente do Brazil, pedia, que o Instituto lhe confiasse todos os mappas e documentos, que possuisse relativos áquelle assumpto e permittisse, que a sociedade tirasse cópia dos mappas, plantas, planos, etc., que julgasse mais valiosos e mais importantes para a elucidação da materia, compromettendo-se elle a restituil-os opportunamente.

O Sr. presidente submette o pedido á consideração do Instituto e depois de breves considerações do Sr. conselheiro Alencar Araripe favoraveis ao pedido, é unanimemente approvado, ficando, por indicação do Sr. presidente, o mesmo Sr. Calheiros da Graça incumbido de

fazer a escolha dos documentos e mappas, que julgasse deverem figurar na alludida exposição.

Não havendo mais nada a tratar-se, suspende-se a sessão.

O 1.º Secretario interino

Dr. Teixeira de Mello

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 16 DE MAIO DE 1888.

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Franklin Tavora, Maximiano Marques, Pinheiro de Campos, Cezar Marques, Garcez Palha, Ignacio Ferreira, e Sacramento Blake, occupando este a cadeira de segundo secretario a convite do Sr. presidente, foi pelo mesmo Sr. presidente declarada aberta a sessão e lida a seguinte allocução :

« Senhores ! Como esse mundo de trevas, que paira eternamente ante o Cruzeiro do Sul, parecia, que a negra mancha da escravidão teria de offuscar ainda por muito tempo a terra de Santa-Cruz.

As gerações se succediam sem que lhes fôsse dado antever a terra da promissão. Apenas aqui e ali, de espaço em espaço, irrompiam das negras nuvens as scintillações de uma immensa aurora, e eis que de repente, quando ainda mal se esperava, surge no horizonte da patria o sol da liberdade, o astro da redempção humana !

A concisão da lei, que realizou tão grande milagre, só tem de comparavel a sublimidade do *fiat lux* da tradição biblica : «*E' declarada extincta a escravidão no Brazil.*»

Senhores ! Eu me congratulo pelo complemento da liberdade social de nossa cara patria, e como ao Instituto Historico não póde passar desapercebido tão sublime feito,

nova época nos annaes da nossa historia, convoquei a presente sessão extraordinaria afim de deliberarmos as seguintes propostas :

1° Que o Instituto Historico dê parabens a S. M. o Imperador por tão fausto motivo, expedindo-se um telegramma.

2.° Que se envie uma deputação a saudar a S. A. Imperial em nome do Instituto Historico, tendo por seu orgão o nosso illustre orador.

3° Que se dirijam mensagens de agradecimento e louvor ás camaras legislativas e ao ministerio.

4.° Que se lance na acta da presente sessão um voto de louvor á imprensa de todo imperio, que cooperou para o triumpho incruento da causa da abolição.

5° Que se colloque na sala de nossas sessões o busto do finado consocio Dr. Perdigão Malheiro, que em sua obra a *Escravidão no Brazil* procurou lançar as bases para a abolição da escravidão.

Foram approvadas as propostas do Sr. presidente, sendo a quarta com um additamento proposto pelos Srs. Cezar Marques, e Sacramento Blake para que depois das palavras—voto de louvor á imprensa de todo imperio, diga-se: « e a todos aquelles que, de qualquer modo, contribuiram para o triumpho incruento da santa causa da redempção.»—e sendo-o tambem a ultima com um additamento do socio Sacramento Blake para que se accrescente : « e bem assim o busto do nosso tambem finado consocio o Visconde do Rio-Branco, que foi quem, com a lei de 28 de Setembro de 1871, iniciou a realisação da abolição do elemento escravo no Brazil.

Ainda em additamento á proposta do Sr. presidente, indicou o Sr. Cesar Marques, e foi approvado, que se nomeie uma commissão para felicitar S. A. o Sr. Conde d'Eu, nosso augusto presidente honorario, nosso compatriota, e que com todo desvelo está ao lado do povo, quando este soffre, e tambem compartilha de nossas glorias.

O Sr. Franklin Tavora, primeiro secretario, propôz, que se nomeassem commissões do seio do Instituto, que o representassem na missa campal, e na marcha civica da

imprensa fluminense. Sendo a indicação approvada, foram nomeados: para a primeira commissão os Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepeire Rohan, Sacramento Blake, Cesar Marques, Garcez Palha, Pinheiro de Campos e Maximiano Marques, e para a segunda os Srs. Escragnolle Taunay, Alencar Araripe, Olegario H. d'Aquino Castro, Franklin Tavora, Cesar Marques, Pinheiro de Campos e Severiano da Fonseca.

O Sr. Maximiano Marques por ultimo manda á mesa uma indicação com o fim de memorar a extincção do captiveiro no Brazil, nos seguintes termos: « O Instituto Historico levantará, por meio de uma subscripção nacional, uma estatua a S. A. D. Izabel, em columna bem alta, similhante a de Nelson que está em Londres, em Trafalgar-Square. »

Depois de ligeiras considerações de alguns socios presentes, foi adiada a indicação para ser discutida em assembléa geral.

O Sr. presidente, nomeando para em commissão felicitarem SS. AA., a princeza e seu augusto consorte, os Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepaire Rohan, Alencar Araripe, Ribeiro de Almeida, Jaguaribe Filho e Severiano da Fonseca, levantou a sessão ás 8 horas da noite.

Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.

Segundo secretario interino.

Iª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE JUNHO DE 1888

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. R. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A' 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs.: Joaquim Norberto de Souza Silva, Joaquim Pires Machado Portella, João Franklin da Silveira Tavora, João

Severiano da Fonseca, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Maximiano Marques de Carvalho, Cesar Augusto Marques, Felizardo Pinheiro de Campos, Francisco Ignacio Ferreira, Francisco José Borges, e Henrique Raffard, é annunciada a chegada de S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, o qual, sendo recebido com as devidas honras, toma assento, e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2°. secretario interino lê a acta da sessão extraordinaria, que teve logar em 16 de Maio do corrente anno e é approvada.

O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do ministerio do imperio pedindo informações das occurrencias dadas no Instituto, afim de se organizar o relatorio do referido ministerio.

Do Sr. veador Franklin Americo de Menezes Doria, declarando em resposta ao officio que o Instituto lhe enviára, que S. A. o Sr. Conde d'Eu se dignou marcar o dia 15 do corrente, ás 7 horas da noite, para ter logar a 1ª. sessão ordinaria do corrente anno no Instituto.

Dos presidentes das provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Rio-Grande do Sul e Paraná, enviando a collecção de leis, relatorio e fala com que abriram as sessões das assembléas legislativas nas referidas provincias.

Do Sr. 2°. secretario do Instituto, Dr. Augusto Fausto de Souza, participando seguir para Santa-Catharina em commissão do governo imperial, na qualidade de presidente da dita provincia.

Do mesmo senhor, participando ter prestado juramento em 20 de Maio proximo findo e assumido o cargo de presidente da mencionada provincia, e pedindo alguns numeros da *Revista do Instituto*, que faltam na collecção da bibliotheca d'aquella provincia, e algumas obras que o Instituto possua em duplicata.

como estrangeiros, conferindo para isso as ordens necessarias aos seus correspondentes do mesmo modo que o fazem com mais trabalho e falta de correspondencia, quando querem interessar-se nas loterias estrangeiras.

Durará esta loteria por tempo de seis annos, e tomando-se os bilhetes pela entrega das entradas nos primeiros nove mezes de cada um anno, ficarão os de Outubro e Novembro para o preparo e dispozições necessarias, e se tirarão as sortes no mez de Dezembro.

Será esta loteria autorizada com a assistencia do tribunal da junta da real fazenda, e terá effeito debaixo da inspecção do dezembargador provedor da mesma real fazenda, nomeando-se duas pessoas habeis com intelligencia mercantil para a escripturação e mais trabalho; das quaes fará uma as vezes de thezoureiro no acto do recebimento e entregas, e a outra de escrivão da sua receita e despeza, havendo para isso um livro de caixa com toda a bôa ordem, ao qual se dará balanço todos os sabados para se saber o dinheiro que ha, e as entradas que faltam para completar a loteria, prezidindo a elle o dito dezembargador provedor da real fazenda,e guardando-se o dinheiro de cada semana em um cofre de tres chaves, das quaes guardará uma o mesmo dezembargador, outra o thezoureiro, e outra o escrivão, acima referidos.

Para este fim haverão dous cofres na caza da moeda (logar destinado para se receberem as entradas e se pagarem os premios) um d'elles chamado cofre diario, para n'elle se receberem as entradas pelo thezoureiro na fórma acima declarada, e outro chamado o cofre do capital da loteria, onde se ha de ter guardado e seguro o mesmo capital na fórma tambem declarada, para d'elle a seu tempo se pagarem os premios, a quem a fortuna os tiver dado, os quaes serão pagos, si fôr possivel, em um só dia, e sem a mais leve demora.

Será composta esta loteria de 12.500 bilhetes, cada um do valor de 16$, que tanto vem a ser a entrada ou preço de cada um d'elles, para importarem o sobredito capital de 500.000 cruzados. Nos ditos 12.500 bilhetes haverão, como mostra o mappa no fim d'este plano, 2.664 de ganho,9.836 de perda, o que vem a ficar em proporção

de um para quatro, que parece não deixa de ser vantajozo, attendendo que ha bilhetes de grande ganho, e que a maior perda e o menor ganho são 16$, que é o mesmo com que se entra na loteria.

Serão tiradas as sortes com a mesma formalidade, que hoje se pratica nos reinos estrangeiros, e na mesma fórma que explica o Diccionario do Commercio de Savary, por ser este methodo o mais breve, mais seguro, e cheio de toda a bôa fé, que se faz indispensavel em um negocio, que só depende da sorte e da fortuna.

Depois de concluida esta loteria, e tirados os premios, se fará pagamento d'elles a quem legitimamente tocarem pelos bilhetes que tiverem aprezentado, e n'este acto de receber cada qual o que lhe pertencer, se lhe descontará do mesmo seu premio a quinta parte, que immediatamente se guardará com a mesma formalidade em um terceiro cofre, que para isso estará preparado, intitulado das obras publicas da America.

Será applicada a mesma quinta parte para as obras publicas, que mais podem contribuir para o augmento d'esta capital, como são a obra da sé nova, que já se acha principiada; reedificar e pôr em bom estado os canos da Carioca, e outras de similhante natureza para a decencia e bôa ordem d'esta capital; as quaes serão reguladas como melhor se entender, e as circumstancias o pedirem; sem que o dinheiro d'aquella quinta parte descontada tenha outro algum destino, que não seja o empregar-se no beneficio e augmento d'esta capital.

Todos sabem, que por este meio tem conseguido as côrtes estrangeiras grandes e magnificos estabelecimentos; e que por este modo póde conseguir esta capital o mesmo augmento com grande satisfação da nação portugueza, que se utiliza a si no ganho das sortes, e ao mesmo tempo se engrandece com o referido augmento.

Mappa da loteria annual do fundo de 500$000

N. dos bilhetes de ganho		Premios		Somma total	
2	de	30.000	cruzados	60.000	cruzados
4	de	10.000	»	40.000	»
8	de	5.000	»	40.000	»
10	de	4.000	»	40.000	»
20	de	2.000	»	40.000	»
40	de	1.000	»	40.000	»
80	de	500	»	40.000	»
100	de	400	»	40.000	»
200	de	200	»	40.000	»
400	de	100	»	40.000	»
800	de	50	»	40.000	»
1.000	de	40	»	40.000	»
2.664	de ganho				
9.836	de perda				
12.500	a 16$ de entrada importam			500.000	»

ACTAS DAS SESSÕES EM 1888

SESSÃO ADMINISTRATIVA EM 12 DE ABRIL DE 1888.

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, conselheiro Alencar Araripe, conselheiro Beaurepaire Rohan, capitão-tenente Calheiros de Graça, Dr. Pinheiro de Campos e Dr. Teixeira de Mello, servindo este de 1º secretario, abre o Sr. presidente a sessão, dando a palavra ao Sr. Calheiros da Graça.

O Sr. Calheiros da Graça expõe, que, tendo a sociedade de geographia do Rio de Janeiro, da qual é tambem membro, de effectuar n'esta côrte a 16 de Setembro, anniversario da sua fundação, uma exposição de geographia sul-americana e especialmente do Brazil, pedia, que o Instituto lhe confiasse todos os mappas e documentos, que possuisse relativos áquelle assumpto e permittisse, que a sociedade tirasse cópia dos mappas, plantas, planos, etc., que julgasse mais valiosos e mais importantes para a elucidação da materia, compromettendo-se elle a restituil-os opportunamente.

O Sr. presidente submette o pedido á consideração do Instituto e depois de breves considerações do Sr. conselheiro Alencar Araripe favoraveis ao pedido, é unanimemente approvado, ficando, por indicação do Sr. presidente, o mesmo Sr. Calheiros da Graça incumbido de

fazer a escolha dos documentos e mappas, que julgasse deverem figurar na alludida exposição.

Não havendo mais nada a tratar-se, suspende-se a sessão.

O 1.º Secretario interino

Dr. Teixeira de Mello

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 16 DE MAIO DE 1888.

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Franklin Tavora, Maximiano Marques, Pinheiro de Campos, Cezar Marques, Garcez Palha, Ignacio Ferreira, e Sacramento Blake, occupando este a cadeira de segundo secretario a convite do Sr. presidente, foi pelo mesmo Sr. presidente declarada aberta a sessão e lida a seguinte allocução :

« Senhores ! Como esse mundo de trevas, que paira eternamente ante o Cruzeiro do Sul, parecia, que a negra mancha da escravidão teria de offuscar ainda por muito tempo a terra de Santa-Cruz.

As gerações se succediam sem que lhes fôsse dado antever a terra da promissão. Apenas aqui e ali, de espaço em espaço, irrompiam das negras nuvens as scintillações de uma immensa aurora, e eis que de repente, quando ainda mal se esperava, surge no horizonte da patria o sol da liberdade, o astro da redempção humana !

A concisão da lei, que realizou tão grande milagre, só tem de comparavel a sublimidade do *fiat lux* da tradição biblica : «*E' declarada extincta a escravidão no Brazil.*»

Senhores ! Eu me congratulo pelo complemento da liberdade social de nossa cara patria, e como ao Instituto Historico não póde passar desapercebido tão sublime feito,

nova época nos annaes da nossa historia, convoquei a presente sessão extraordinaria afim de deliberarmos as seguintes propostas :

1° Que o Instituto Historico dê parabens a S. M. o Imperador por tão fausto motivo, expedindo-se um telegramma.

2.° Que se envie uma deputação a saudar a S. A. Imperial em nome do Instituto Historico, tendo por seu orgão o nosso illustre orador.

3° Que se dirijam mensagens de agradecimento e louvor ás camaras legislativas e ao ministerio.

4.° Que se lance na acta da presente sessão um voto de louvor á imprensa de todo imperio, que cooperou para o triumpho incruento da causa da abolição.

5° Que se colloque na sala de nossas sessões o busto do finado consocio Dr. Perdigão Malheiro, que em sua obra a *Escravidão no Brazil* procurou lançar as bases para a abolição da escravidão.

Foram approvadas as propostas do Sr. presidente, sendo a quarta com um additamento proposto pelos Srs. Cezar Marques, e Sacramento Blake para que depois das palavras—voto de louvor á imprensa de todo imperio, diga-se: « e a todos aquelles que, de qualquer modo, contribuiram para o triumpho incruento da santa causa da redempção.»—e sendo-o tambem a ultima com um additamento do socio Sacramento Blake para que se accrescente : « e bem assim o busto do nosso tambem finado consocio o Visconde do Rio-Branco, que foi quem, com a lei de 28 de Setembro de 1871, iniciou a realisação da abolição do elemento escravo no Brazil.

Ainda em additamento á proposta do Sr. presidente, indicou o Sr. Cesar Marques, e foi approvado, que se nomeie uma commissão para felicitar S. A. o Sr. Conde d'Eu, nosso augusto presidente honorario, nosso compatriota, e que com todo desvelo está ao lado do povo, quando este soffre, e tambem compartilha de nossas glorias.

O Sr. Franklin Tavora, primeiro secretario, propôz, que se nomeassem commissões do seio do Instituto, que o representassem na missa campal, e na marcha civica da

imprensa fluminense. Sendo a indicação approvada, foram nomeados: para a primeira commissão os Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepeire Rohan, Sacramento Blake, Cesar Marques, Garcez Palha, Pinheiro de Campos e Maximiano Marques, e para a segunda os Srs. Escragnolle Taunay, Alencar Araripe, Olegario H. d'Aquino Castro, Franklin Tavora, Cesar Marques, Pinheiro de Campos e Severiano da Fonseca.

O Sr. Maximiano Marques por ultimo manda á mesa uma indicação com o fim de memorar a extincção do captiveiro no Brazil, nos seguintes termos: « O Instituto Historico levantará, por meio de uma subscripção nacional, uma estatua a S. A. D. Izabel, em columna bem alta, similhante a de Nelson que está em Londres, em Trafalgar-Square. »

Depois de ligeiras considerações de alguns socios presentes, foi adiada a indicação para ser discutida em assembléa geral.

O Sr. presidente, nomeando para em commissão felicitarem SS. AA., a princeza e seu augusto consorte, os Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepaire Rohan, Alencar Araripe, Ribeiro de Almeida, Jaguaribe Filho e Severiano da Fonseca, levantou a sessão ás 8 horas da noite.

Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.

Segundo secretario interino.

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE JUNHO DE 1888

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. R. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A' 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs.: Joaquim Norberto de Souza Silva, Joaquim Pires Machado Portella, João Franklin da Silveira Tavora, João

Severiano da Fonseca, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Maximiano Marques de Carvalho, Cesar Augusto Marques, Felizardo Pinheiro de Campos, Francisco Ignacio Ferreira, Francisco José Borges, e Henrique Raffard, é annunciada a chegada de S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, o qual, sendo recebido com as devidas honras, toma assento, e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2°. secretario interino lê a acta da sessão extraordinaria, que teve logar em 16 de Maio do corrente anno e é approvada.

O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do ministerio do imperio pedindo informações das occurrencias dadas no Instituto, afim de se organizar o relatorio do referido ministerio.

Do Sr. veador Franklin Americo de Menezes Doria, declarando em resposta ao officio que o Instituto lhe enviára, que S. A. o Sr. Conde d'Eu se dignou marcar o dia 15 do corrente, ás 7 horas da noite, para ter logar a 1ª. sessão ordinaria do corrente anno no Instituto.

Dos presidentes das provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Rio-Grande do Sul e Paraná, enviando a collecção de leis, relatorio e fala com que abriram as sessões das assembléas legislativas nas referidas provincias.

Do Sr. 2°. secretario do Instituto, Dr. Augusto Fausto de Souza, participando seguir para Santa-Catharina em commissão do governo imperial, na qualidade de presidente da dita provincia.

Do mesmo senhor, participando ter prestado juramento em 20 de Maio proximo findo e assumido o cargo de presidente da mencionada provincia, e pedindo alguns numeros da *Revista do Instituto*, que faltam na collecção da bibliotheca d'aquella provincia, e algumas obras que o Instituto possua em duplicata.

Pelas respectivas redacções: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Mez*, *Baependiano*, *Liberal Mineiro*, *Patria*, *Tempo*, *Gazeta de Mogimirim*, *Nouveau Monde*, *Étoile du Sud* e *Boletim da alfandega* do Rio de Janeiro.

Pelo Dr. Abelardo Saturnino Teixeira de Mello, um exemplar das *Theses*, que defendeu perante a faculdade de São-Paulo, afim de obter o gráo de doutor em direito.

ORDEM DO DIA

Foram lidas pelo Sr. 1°. secretario as seguintes propostas:

1.° Propomos para socio honorario do Instituto o Exm. Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro. Sala das sessões 13 de Julho de 1888.—Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*. Dr. *J. A. Teixeira de Mello*. Dr. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*. Dr. *Cesar Augusto Marques*. *Francisco Ignacio Ferreira*.—Approvada unanimemente, foi pelo Sr. presidente declarado socio honorario do Instituto o Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2°. Proponho para socio correspondente do Instituto o Sr. Luiz Rodrigues de Oliveira, nascido a 25 de Janeiro de 1838 na provincia do Rio-Grande do Sul, donde partio para a Allemanha, fazendo aqui a sua educação literaria; antigo negociante da praça do Rio de Janeiro, onde fundou a casa Le Cocq Irmão & C, e donde passou a estabeler-se na França; vice-presidente honorario da camara sindical de Pariz; membro fundador da sociedade de geographia commercial da mesma cidade; membro do congresso da propriedade industrial, reunido em 1878, tambem em Paris; delegado do centro da lavoura e commercio na França; official da imperial ordem da Rosa, etc. Servem-lhe de titulo de admissão os quatro volumes e o impresso junto. Rio 13 de Julho de 1888.—*Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*. Dr. *Cesar Augusto Marques*. *Francisco Ignacio Ferreira*. A' commissão de historia para dar parecer.

3.° Propomos para socio correspondente o Sr. major Joaquim José Gomes da Silva Neto, servindo de titulo de admissão o seu importante livro intitulado: *Maravilhas da Penha ou lendas e historia da santa e do virtuoso frei Pedro Palacios*. Sala das sessões do Instituto Historico 13 de Julho de 1888. — Dr. *Cesar Augusto Marques. Francisco Ignacio Ferreira. Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.*—A' mesma commissão.

Lêm-se os pareceres da commissão de historia favoraveis á candidatura dos Srs. Drs. Felisbello de Oliveira Leite e Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, ao lugar de membros do Instituto.—A' commissão de admissão de socios.

Parecer. O Sr. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, juiz de direito em Barbacena, revela-se na presente *memoria* um serio observador da natureza e um escriptor correcto e elegante. Traçadas, embora em estilo chão e despretencioso, que nos parece aliás ser o mais apropriado a esse genero de escriptos, as suas *Viagens pelo interior de Minas e Goiaz* contêm muitas observações curiosas e a descripção fiel dos logares que o autor percorreu, interrompida, quando se fazia preciso, pela intercallação judiciosa da opinião de Agassiz, Vapæus, Castelnau, Martius, Saint Hilaire, e outros viajantes, naturalistas e geographos seus antecessores e de varios historicos importantes, o que lhes dá um toque scientifico que torna attrahente e agradavel a sua leitura e proveitosa ao mesmo tempo ás sciencias naturaes e á geographia e historia patria. Julgamos, que o Instituto terá um excellente e digno auxiliar na pessoa do Dr. Virgilio Martins de Mello Franco. Sala das sessões em 13 de Julho de 1888.—Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello, relator.* Dr. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.*

Parecer. O trabalho inedito, com que bate ás portas do Instituto o Sr. Dr. Felisbello de Oliveira Leite é de merito real e tão relevante, que o desejamos ver impresso na nossa *Revista*. Embora apenas passe em revista um

periodo relativamente curto de historia patria, precede-o de largas considerações de ordem philosophica tão luminosamente traçadas, que denotam de sua parte espirito avesado a essa classe de estudos. O autor demonstra, por meio de pesquizas longamente feitas, o quanto « Sergipe influio sobre o movimento da civilisação no Brazil »; o seu trabalho inicial pois é digno da attenção do Instituto e o seu autor merecedor de um lugar em seu gremio. —Sala das sessões 13 de Julho de 1888.—Dr. *J. A. Teixeira de Mello.* Dr. *Augusto Victorino A. Sacramento Blake.*

Achando-se sobre a mesa os dous pareceres da commissão subsidiaria de trabalhos historicos relativos á admissão do Rvm. bispo do Pará, o Sr. D. Antonio de Macedo Costa, e do Sr. Dr. Barão de Ibituruna, são submettidos a escrutinio secreto e unanimemente approvados ambos os pareceres; pelo que o Sr. presidente declara membros correspondentes do Instituto o Sr. bispo do Pará e o Sr. Barão de Ibituruna.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho apresenta e justifica a seguinte proposta:

« Attendendo ao que Sua Magestade o Imperador muita recommendou a este Instituto historico e geographico em sua muito honrosa carta dirigida a esta instituição logo depois de sua entrada para ella como presidente honorario, pelas seguintes palavras: « Sem duvida, senhores, que a vossa publicação trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo o apreço que tambem no nosso merecem as applicações da intelligencia; mas, para que esse alvo se attinja perfeitamenta, é de mister, que não só reunaes os trabalhos das gerações passadas (ao que vos tendes dedicado quasi que unicamente), como tambem pelas vossas proprias torneis aquella a que pertenceis digna realmente dos elogios da posteridade. »

Respeitando estas palavras muito scientificas e honrosas do imperador, proponho, que a nobre commissão de estatutos e de redacção da *Revista* publique na segunda parte da *Revista* d'este anno a primeira e a segunda das duas memorias, que tive a honra de lêr nas sessões do anno proximo passado d'este Instituto, as quaes versam, a primeira sobre a historia da reforma da universidade de Coimbra

pelo Marquez de Pombal e da sua influencia até hoje no Brazil, e a segunda sobre a fundação de uma universidade de sciencias physicas praticas no Rio de Janeiro, similhante á de Berlin. Estas duas memorias estão comprehendidas nas recommendações do imperador. Sala das sessões 13 de Julho de 1888.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

O Sr. presidente pondera, que á commissão de redacção não se podia impôr a inclusão d'este ou d'aquelle trabalho na *Revista*, porque a escolha d'elles é de privativa competencia sua, conferida pelos estatutos. O Sr. Dr. Maximiano Marques insiste pela sua pretenção e o Sr. presidente resolve entregar á commissão de redacção, presente na pessoa do Sr. conselheiro Alencar Araripe, as alludidas memorias para julgar da opportunidade da sua impressão na *Revista*.

O mesmo Sr. conselheiro, como thesoureiro do Instituto, apresenta o balancete da thesouraria de Janeiro a Junho do corrente anno de 1888, do qual se verifica, que a receita importa em 5:891$450, e a despeza em 5:010$366, havendo um saldo de 881$084.—A' commissão de orçamento.

Quanto aos réditos de que póde o instituto lançar mão para as despezas com a festa commemorativa do jubileu, o mesmo Sr. thesoureiro conta, deduzidas as despezas imprescindiveis, com o mencionado saldo, o subsidio do estado, o juro das apolices do Instituto no semestre corrente, com o que se arrecadar das prestações dos socios, e finalmente com economias e reducções nas despezas futuras, adiadas as que o puderem ser sem inconveniencia; o que tudo poderá orçar pela quantia de 2:300$. Si o volume commemorativo substituir o da *Revista* correspondente ao trimestre, o importe da sua impressão poderá reverter para a impressão d'aquelle.—Fica o Instituto inteirado.

Estando o Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, membro da commissão de redacção, ausente em Santa-Catharina em missão do governo, o Sr. presidente nomeia o Dr. Teixeira de Mello para preencher a sua falta.

Nada mais havendo a tratar-se, obtida a venia de S. A. o Sr. Conde d'Eu, levanta o Sr. presidente a sessão

Dr. J. A. Teixeira de Mello.
Servindo de 2º secretario.

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 27 DE JULHO DE 1888

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Franklin da Silveira Tavora, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, Dr. Cesar Augusto Marques, Barão de Miranda Reis, senador Manoel Francisco Correia, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros e Henrique Raffard, é annunciada a chegada de S. A. o Sr. Conde d'Eu, que, sendo recebido com as formalidades do estilo, tomou assento; o Sr. presidente, obtendo venia de S. A., declara aberta a sessão.

O Sr. Dr. Teixeira de Mello, secretario adjunto servindo de 2°.secretario, lê a acta da sessão anterior, que é sem discussão approvada.

O Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Sr. Estanislau S. Zeballos, remettendo um exemplar do *Atlas da Republica Argentina* (3.ª entrega).

Do secretario da Real Academia de sciencias moraes e politicas de Madrid, accusando o recebimento dos dous primeiros trimestres da *Revista* do Instituto do anno de 1886.

OFFERTAS

Pelo director da officina hydrographica do Chile: *Annuario hydrografico de la marina de Chile*, anno 12.

Pela directoria do lyceu litterario portuguez no Rio de Janeiro: *Relatorio* apresentado á assembléa geral pelo seu presidente José Joaquim Martins de Pinho.

Pela academia de medicina do Rio de Janeiro: *Annaes* da mesma academia, 6.ª serie, tomo 3.º, 1887—1888: *Boletins* ns. 16 e 17, 3.º anno 1888.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Liberal Mineiro*, *Cachoeirano*, *Patria*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Etoile du Sud*.

Pelo Sr. Arthur Sauer: *Almanak Laemmert* para o corrente anno.

Pelo Sr. commendador Joaquim Rodrigues de Oliveira: *Algumas idéas sobre a colonisação do Brazil*; *Le Brésil, ses debuts, son developpement, sa situation economique*; *Les Echanges commerciaux*; *Les Plantations de café*; *Exposição* do club da lavoura em França em 1878; *Relatorio* apresentado á directoria do club da lavoura; *Bulletin* de la chambre syndicale des negociants commissionaires; *Crise economico-financeira e social do Brazil*.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1.º secretario lê os seguintes pareceres, que foram remettidos á commissão de admissão de socios:

1.º Como titulo para admissão do commendador Luiz Rodrigues de Oliveira ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro foram apresentadas quatro obras impressas.

A primeira, publicada em Paris, 1871, com o titulo *Algumas idéas sobre a colonisação no Brazil*, foi escripta, quando pelo gabinete de 7 de Março de 1871 foi iniciada

a abolição do elemento servil por meio da libertação do ventre escravo. O autor, preoccupado com o futuro economico da patria, pugna pelo estabelecimento da colonisação européa, fazendo um ligeiro estudo do que se ha feito n'esse sentido no Brazil e das vantagens alcançadas e considera necessaria a intervenção do governo para que tenhamos uma immigração espontanea, sem embaraços, aproveitando-se a situação actual da Europa antes que essa immigração se dirija a outro paiz, cujo governo se empenhe em attrahil-a.

« A *Exposição do club da lavoura em França*, relatorio apresentado á directoria do club da lavoura *Paris*, 1878 ». E' esta a segunda obra apresentada, que foi escripta, sendo o autor delegado do club da lavoura de Campinas, para expôr em França os cafés da provincia de São-Paulo, os quaes conseguiu, que fossem admittidos no palacio da Exposição Universal, depois de vencer difficuldades resultantes de haver o governo imperial recusado tomar parte n'essa exposição.

No mesmo volume, em seguida ao citado relatorio, acha-se outro trabalho « *Influence* des chemins de fer et de la navigation à vapeur au Brésil sur le developpement des richesses du pays : progrès rapides de la province de São-Paulo », trabalho com que o autor promoveu na imprensa franceza, por essa occasião, uma grande propaganda em favor do Brazil.

A terceira obra é : « *Le Brésil*, ses debuts, son devoleppement, sa situation économique, ses echanges commerciaux, ses plantations de café. Beauvais 1884 ». Acham-se n'este livro duas conferencias de geographia commercial, effectuadas na camara sindical dos negociantes commissarios de Paris, com o fim de tornar conhecidos a situação economica do Brazil e seu desenvolvimento progressivo.

Tratando o autor na segunda d'essas conferencias da producção e do commercio do café, acompanhou-a de projecções Molteni, exhibindo 51 paisagens, divididas em sete series e por fim offereceu ás pessoas presentes uma

amostra de café do Brazil em pequenos sacos com as côres nacionaes, brinde que foi vivamente applaudido.

Mr. Levasseur, membro de Instituto, em uma allocução, depois que o nosso compatriota deixou a tribuna, rendendo homenagem a seu talento, agradeceu-lhe haver, n'essa e na conferencia precedente, feito conhecer o Brazil, e aproveitou o ensejo para demonstrar a palpitante necessidade do estudo da geographia commercial.

E Mr. H. Moisand, conceituado jornalista francez, referindo-se a essas conferencias e principalmente á parte relativa ao café, que elle considera da maior importancia, estranha, que o governo francez sobrecarregue de pesado imposto o café brazileiro, quando este em nada póde prejudicar a França; quando as colonias da França não podem produzir tanto como o Brazil, nem o produzem de qualidade superior ao nosso; quando o Brazil é hoje o primeiro paiz do mundo para o cultivo de uma planta, que offerece ao lavrador as maiores vantagens, como se demonstra com os calculos e tabellas, que expõe, do custo da producção do café desde seu plantio, de sua producção, consumo e exportação para a França desde 1830 até 1882.

« Porque (pergunta Mr. Moisand, em vista do trabalho do nosso compatriota) os lavradores do Brazil não cream depositos de café na França? Porque não se constitue uma associação com o fim de se propagar tão estimado producto? »

Foi em quarto logar apresentado *Etude sur le projet d'union douaniere, du Senateur Frye*, publicado no *Boletim da camara sindical* dos negociantes commissarios, de Abril de 1886, pag. 5 a 36. N'esse trabalho (que é tambem assignado por Mr. E. Lordelet, presidente da camara) depois dos Estados-Unidos anglo-americanos, estuda-se a America latina sob o ponto de vista de sua superficie, producções, climas, portos e vias de communicação, offerecendo á emigração européa um vasto campo de operações, cujas vantagens ainda não estão de todo conhecidas.

Depois de varias considerações n'esse sentido, sobre tudo em relação ao Brazil, e mais particularmente ás provincias do Amasonas e do Pará, tiram-se estas conclusões:

A Europa precisa tanto da America latina, como a America latina da Europa; a Europa, esquecendo ás vezes sua alta missão civilisadora em relação a esses povos, por ella formados, disciplinados, assume uma attitude e medidas de natureza a estorvar seu desenvolvimento economico, quando entretanto a Europa deve proceder de modo diverso, deve fornecer-lhe braços e até capitaes. E desde que a França (onde escreve) tomar francamente a iniciativa d'essa nova politica para com a America latina, fará á sua industria e ao seu commercio um assignalado serviço: desde que aos laços de consanguinidade, ainda pouco solidos, unirem-se os do interesse, a França terá cimentado alliança a mais duradoura e insoluvel, sejam quaes fôrem as aventualidades que surjam.

Ha ainda uma serie de artigos, que foram publicados no *Brésil*, de Paris, em 1883, sob o titulo *Crise financeira no Brazil*, nos quaes o autor, demonstrando os vastos conhecimentos que possue do commercio da sua patria, da industria, da agricultura e de suas fontes de riqueza, assim como do estado economico-financeiro do grande imperio americano, assignala as causas d'essa crise e pede a creação de uma commissão de inquerito, que estude seriamente as causas apontadas como origem da crise, procure os meios de demonstrar aos capitalistas europeus, que nós temos recursos sufficientes para garantirmos e satisfazer os emprestimos, que contrahirmos com o fim de reorganisarmos as finanças, e apresente as reformas, que a prosperidade da nação reclama.

Os trabalhos do commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, além de subido valor pelo fim a que se propõe o autor, são de valor para a nossa historia. O consideramos por tanto como titulo para ser admittido ao nosso gremio.

Rio de Janeiro 25 de Julho de 1888.—*Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*.Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello*.

2ª. A commissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro examinou as varias memorias sobre assumpto de astronomia e grande numero de noticias scientificas escriptas pelo Sr. Dr. Luiz Cruls, e que se acham publicadas nas *comptes-rendus* da academia de sciencias de Paris.

Para aquilatar o valor d'esses trabalhos basta lembrar, que o illustre astronomo alcançou na sessão annual da academia de sciencias de Paris, celebrada em 1883, o premio Volz pelos seus trabalhos sobre astronomia.

Convem lembrar, que esse premio foi instituido para recompensar os trabalhos mais importantes de astronomia realisados em toda a superficie do globo, sendo que poucos candidatos o tem merecido.

Os *Annaes* do nosso observatorio astronomico attestam os talentos e a sciencia do Sr. Dr. Luiz Cruls, que, redigindo e collaborando n'essa publicação, tem tornado o nosso observatorio um dos mais notaveis do hemispherio austral.

Seria longo mencionar todas as memorias e noticias publicadas por esse distincto Brazileiro, que tanto tem sabido honrar a patria que adoptou por sua; basta citar a *Organisation de la carte geographique et de l'histoire physique et politique du Brésil*; *Notice sur l' observatoire imperiale du Rio de Janeiro*; *Noticia sobre as estradas de ferro estrategicas no Brasil* e outras para se avaliar os serviços literarios do illustre candidato ao titulo de membro correspondente do Instituto Historico.

O Sr. Dr. Luiz Cruls, nascido na Belgica em 1848, depois de haver cursado a escola de engenharia civil na universidade de Gand, foi admittido como aspirante na engenharia militar, alcançando os gráos de 2.° e 1.° tenente. Em 1874 pedio demissão d'esse posto e veio para o Brazil, onde immediatamente foi admittido no observatorio

astronomico. Em pouco tempo, pelo seu valor scientifico e applicação decidida, foi promovido a addido effectivo,a adjunto e a 1°. astronomo. Mais tarde teve a honra de substituir o sabio Emmanuel Liais na direcção do observatorio do Rio de Janeiro,cargo que ainda hoje occupa com muita proficiencia. E' commendador da imperial ordem da Rosa.

Sala das sessões 20 de Julho de 1888.—*Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello. Dr.Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.*

Lê depois o parecer da commissão de admissão de socios, incumbida de apresentar a relação nominal dos membros existentes no Instituto, por ordem de antiguidade e a classe a que pertencem, para dentre elles se tirarem os que devem preencher o numero dos effectivos, em virtude do que foi deliberado em sessão de 16 de Novembro do anno passado, no qual a commissão, tomando por base a antiguidade, completa o numero legal dos socios effectivos com os nomes dos correspondentes residentes na côrte, sob os ns. 43 a 50 da relação que apresenta. Adiado para a proxima sessão, depois de algumas considerações apresentadas pelos Srs. Henrique Raffard, senador Manoel Francisco Correia e Dr. Cezar Marques.

Ainda sobre este assumpto offerece o Sr. Cezar Marques a seguinte indicação:

« Requeiro, que se chame respeitosamente a attenção da commissão de admissão de socios para a proposta do Dr. João Severiano da Fonseca,a qual foi approvada na 9ª. sessão de 16 de Novembro de 1887, afim de ser executada fielmente, como tanto convem. »—Approvada.

Lê-se a seguinte proposta :

Propomos para socios honorarios os distintos membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Maximiano Marques de Carvalho e Dr. Cezar Augusto Marques. Sala das sessões 27 de Julho de 1888. — *Henrique Raffard, Dr. Teixeira de Mello. Barão de Miranda Reis.*

Foi approvada a proposta e são declarados socios honorarios aquelles senhores.

Pede depois o Sr. Henrique Raffard, que se trate da proposta, que apresentára em sessão de 22 de Junho do corrente anno, acerca do monumento que perpetue a data e commemore o facto da abolição da escravidão no Brazil. O Sr. Maximiano Marques requer, que entre conjuntamente a sua proposta relativa ao mesmo assumpto apresentada em sessão de 15, a qual além de devidamente desenvolvida, é mais antiga, bastando entretanto para simplificar o caso e uniformisar a idéa, que o Sr. Henrique Raffard assigne aquella sua proposta.

Em presença da reclamação propõe o Sr. Henrique Raffard, que vão a uma commissão especial ambas, bem como a emenda apresentada pelos Srs. Franklin Tavora, Francisco José Borges, Sacramento Blake e Pinheiro de Campos.—E' approvada esta indicação e o Sr. presidente nomeia para a referida commissão os Srs. conselheiro Olegario H. de Aquino Castro (relator), Visconde de Beaurepaire Rohan e Barão de Miranda Reis, tendo pedido escusa o Sr. senador Manuel Francisco Correia, nomeado antes.

São distribuidos pelos socios presentes exemplares impressos do programma para a festa do jubileu do Instituto.

Estando adiantada a hora, o Sr. presidente, obtida venia de Sua Alteza, encerra a sessão.

Dr. J. A. Teixeira de Mello,
2º secretario interino.

5ª. SESSÃO ORDINARIA EM 10 DE AGOSTO DE 1888

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. R. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Sousa Silva

A's 7 horas da noite achando-se presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, conselheiro Olegario H. Aquino Castro Visconde de Beaurépaire Rohan, Dr. Joaquim Portella, Franklin Tavora, Maximiano Marques de Carvalho, conselheiro Alencar Araripe, Barão de Miranda Reis, Pinheiro de Campos, Sacramento Blake, Henrique Raffard, senador Manoel Francisco Correia e Severiano da Fonseca, e sendo chegado S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, o Sr. presidente, obtida a devida venia, abre a sessão.

O secretario adjunto, servindo de 2º. secretario, lê a acta da sessão de 27 de Julho, que é approvada.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, pela ordem, diz, que por motivo de molestia deixou de comparecer a essa sessão ; e agora, pela leitura da acta, sabe, que foi elevado á graduação de socio honorario, distincção tão elevada quão pouco proporcionada aos seos serviços e que elle deve unicamente á benignidade do Instituto; o que é mais um incentivo para redobrar de zelo nos seus intentos de cooperar para os fins da associação, a qual tem sempre dedicado e espera dedicar os seus cuidados e esforços.

O Sr. presidente agradece em nome do Instituto, que se desvanece de contar no Sr. Alencar Araripe um dos seus mais firmes, valiosos e illustrados sustentaculos.

O Sr. Dr. Sacramento Blake justifica a ausencia do Sr. Teixeira de Mello, que talvez não poderá compacerer a outras sessões ainda por motivo de trabalhos do Instituto.

EXPEDIENTE

O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte: officios:— Do Sr. Ernesto Couto, da ilha de São-Miguel, accusando o recebimento do 1°. trimestre da *Revista do Instituto historico*, dirigida á redacção do *Archivo dos Açores*; e pedindo se lhe accuse, si falta ao Instituto algum dos 52 numeros do *Archivo* até hoje publicados.

Do Sr. José Avelino Gurgel do Amaral, communicando sua nomeação para director do *Diario Official*, e pedindo a remessa, para este, de qualquer communicação que possa interessar ao publico.

Da commissão especial nomeada pela Illma. camara municipal para promover uma subscripção popular para offerecer um brinde nacional aos doutores Semmola, de Geovani e Charcot, pela alta sciencia, desvello e dedicação com que trataram o imperador na grave infermidade, que o accommetteu em Milão; bem como o plano do mesmo brinde e uma lista para a subscripção.

Do socio o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, declarando ter recebido a circular de 20 de Maio, relativa ao jubileu do Instituto, e offerecendo para essa festa: 1°, sua *Lições de historia do Brazil* seguidas de uma *Breve noticia sobre cada uma das provincias do Brazil*; 2°. o 1°. trimestre do *Anno historico sul-rio-grandense*; 3°. 1ª. pagina do 2°. trimestre até 28 de Abril; 4°. *Resumo do indice* do mesmo *Anno historico* e 5°. *Antigualhas e reminiscencias de Porto-Alegre*. Compromette-se a remetter outras obras literarias de lavra propria; lembra, que nos archivos do Instituto devem existir dous ineditos por elle offerecidos, ha 3 para 4 annos, um a *Parte official* (original) da tomada das Missões orientaes em 1801, por José Borges do Canto e Manoel dos Santos Pedroso; e outro, o *Farol da antiga villa do Rio-Grande*, copia por elle extrahida dos archivos d'essa cidade.

Do Sr. conselheiro João Alfredo Corrêa d'Oliveira, agradecendo o haver sido proposto e aceito membro correspondente do Instituto, e promettendo que, logo que

o possa, «buscará tomar assidua parte nos importantes trabalhos com que tantos e tão relevantes serviços tem o Instituto prestado ao Brazil.»

Do *centro technico dos electrocistas brazileiros*, participando a sua installação em 9 do corrente e organisação da sua directoria.

OFFERTAS

Pelo Sr. conselheiro José de Saldanha da Gama. *Suite aux richesses de l'empire du Brésil*; *Tableau resumé des richesses de l'empire du Brésil*; *Bouquet de mélastomacée brésilienne, dedié a S. M. D. Pedro II, empereur du Brésil.*

Pelo Sr. engenheiro Antonio Augusto Fernandes Pinheiro: *Relatorio* dos trabalhos da commissão do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, na Europa e Estados-Unidos da America do Norte, apresentado ao respectivo ministro, o conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, em 30 de Janeiro de 1888.

Pelo Sr. Dr. Pedro Americo: *Amor de Esposo*, narrativa historica; *Brado do Ipiranga, ou a proclamação da independencia do Brazil*; *Discursos*, 2ª parte.

Pelo ministerio del gubierno de Buenos-Aires: *Annuaire statistique de la province de Buenos-Aires.*

Pelo Sr. Cudmose: *The civil governement of the states, and the constitutional history of lhe United States.*

Pela Real Academia de ciencias morales y politicas de Madrid; *El problema de la emigracion*, por D. Cristobal Botella; *Estudio sobre la carestia de subsistencia, su origen, sus consecuencias y medios de evitalla*, por D. Benito Cerrugon y Lerin; *Doctrinas juridicas de Santo Tomas de Aquino*, por Francisco Fernandes de Henistrosa y Rosa.

Pelo Sr. B. Rossi: *Verità e giustizia*; *Le società italiane in America.*

Pela sociedade scientifica Antonio Alzate: *Memorias* da mesma ns. 8 a 10.

Pelo Instituto do Ceará: *Revista Trimensal*. Anno 2°., 2°. trimestre, tomo 2°., 1888.

Pelas sociedades de geographia de Lisboa, Paris, Bordéos, Iena, Berlin, Italiana, academia nacional de ciencias de Cordoba, societé des etudes indo-chinoises de Saigon, sociedade africana da Italia, os seus boletins.

Pelas respectivas redacções: *Bibliographia Brazileira*, *Revista de medicina*, *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*, *Étoile du Sud*, *Nouveau Monde*, *Brésil*, *Imprensa*, *Immigração*, *Patria*, *Diario Popular*, *Gazeta da Bahia*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Trabalho*, *Baependiano*, *Cachoeirano*, *Liberal Mineiro*, *Espirito Santense*, *Tempo*, *Publicador Goiano*, *Gazeta de Macahé* e *Brazil Livre*.

ORDEM DO DIA

Parecer. « A commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo em attenção o que foi deliberado pelo mesmo Instituto na sessão de 16 de Novembro do anno passado, e em cnmprimento ao officio que a este acompanhara apresenta, as tres tabellas juntas dos socios nacionaes, actualmente inscriptos por ordem de antiguidade, e segundo a classe a que pertencem, sendo honorarios 7, effectivos 50, correspondentes 50 ; total 107.

Da relação nominal publicada na *Revista*, 1°. trimestre d'este anno, em numero de 106, foi eliminado o nome de um socio falecido, ahi inscripto sob o n. 9, e foram incluidos os dos dous admittidos na ultima sessão. Como socios effectivos, foram considerados todos quantos como taes se acham comprehendidos na ultima relação acima mencionada e na inclusa lista organizada na secretaria, á excepção de um socio, estrangeiro, residente fóra do imperio. Tambem foram classificados como effectivos os socios correspondentes, que fazem parte da actual mesa administrativa. Para preenchimento do numero legal de effectivos (50), e em observancia do que se resolveu na referida

sessão, quanto á terceira providencia proposta pela commissão de estatutos, recorreu a commissão de admissão de socios á relação junta, dos socios correspondentes, formulada por ordem de antiguidade, de accôrdo com a que foi ultimamente publicada na *Revista*; e em falta de disposição especial, tomando por base a antiguidade para a designação do correspondente que deve passar a effectivo, completou o numero legal com os correspondentes mais antigos e residentes na côrte, sob os ns. 43 a 50; dando assim por cumprido o encargo que lhe foi confiado, no officio de 13 de Fevereiro passado.

« Sala das sessões, em 27 de Julho de 1888.— *Olegario H. de Aquino e Castro. Manoel Francisco Correia. Alfredo d'Escragnolle Taunay.*»

RELAÇÃO

Socios honorarios:

1. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.
2. Senador conselheiro João Manoel Pereira da Silva.
3. Tenente-general, conselheiro de estado e de guerra Visconde de Beaurepaire Rohan.
4. Visconde de Mauá.
5. Conselheiro Barão Homem de Mello.
6. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
7. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

Socios effectivos:

1. Dr. Felisardo Pinheiro de Campos.
2. Antonio Alvares Pereira Coruja.
3. Conselheiro Barão de Nogueira da Gama.
4. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
5. Francisco José Borges.
6. Conselheiro Barão de Capanema.
7. Conselheiro Visconde de Souza Fontes.
8. Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

9. Conselheiro chefe de esquadra Barão do Ladario.
10. Dr. José Vieira Couto de Magalhães.
11. Dr. Cesar Augusto Marques.
12. Conselheiro Dr. José de Saldanha da Gama.
13. Conselheiro Dr. João Ribeiro d'Almeida.
14. Conselheiro Barão do Rio Branco.
15. Dr. Luiz Francisco da Veiga.
16. Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay.
17. Dr Joaquim Pires Machado Portella.
18. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
19. Monsenhor Manoel da Costa Honorato.
20. Dr. Ladisláu de Souza Mello Neto.
21. Barão de Ramiz.
22. Conselheiro Dr. Nicolau Joaquim Moreira.
23 Conselheiro Barão de Maruiá.
24. Dr. Rozendo Muniz Barreto.
25. João Barbosa Rodrigues.
26. Coronel Augusto Fausto de Souza.
27. Dr. João Franklin da Silveira Tavora.
28. Dr. João Severiano da Fonseca.
29. Dr. Alfredo Piragibe.
30. Chefe de divisão Barão de Teffé.
31. Capitão tenente Francisco Calheiros da Graça.
32. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
33. Capitão tenente José Candido Guilhobel.
34. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake
35. 1°. tenente d'armada José Egidio Garcez Palha.
36. Capitão tenente Manoel Pinto Bravo.
37. Tenente Pedro Paulino da Fonseca.
38. Dr. Francisco Ignacio Ferreira.
39. Henrique Raffard.
40. Conselheiro senador Manoel Francisco Correia.
41. João Capistrano d'Abreu.
42. Tenente-general conselheiro de guerra Barão de Miranda Reis.

Socios correspondentes que deverão passar a effectivos, por serem os mais antigos dos residentes na côrte:

43. Dr. Francisco José Ferreira Baptista.
44. Conselheiro Barão de Lavradio.
45. Conselheiro de estado senador Visconde de Sinimbú.
46. Visconde de Barbacena.
47. Dr. José Jansen do Paço.
48. Conselheiro senador Barão de Cotegipe.
49. Conselheiro José Tavares Bastos.
50. Conselheiro Quintiliano José da Silva.

SOCIOS CORRESPONDENTES

Dr. Francisco José Ferreira Baptista (passa a effectivo).

1. Conselheiro João Lopes da Silva Couto.

Conselheiro Barão de Lavradio (passa a effectivo).

2. Conselheiro Barão de Lopes Neto.

Conselheiro senador Visconde de Sinimbú (passa a effectivo).

3. Conslheiro Barão do Penedo.

Visconde de Barbacena (passa a effectivo).

Dr. José Jansen do Paço (idem).

4. Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti.

Conselheiro Barão de Cotegipe (passa a effectivo).

5. Rarão do Desterro.
6. Senador Barão de Souza Queiroz.
7. Barão de Catuama.
8. Dr. José de Barros Pimentel,
9. Conselheiro Luiz Antonio Barbosa de Almeida.
10. Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra.

Conselheiro Quintiliano José da Silva (passa a effectivo.

11. Conselheiro Visconde de Valdetaro.
12. Conselheiro Barão de São-Felix.
13. Rarão de Macahubas.

14. José Joaquim da Gama e Silva.
15. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.
16. Angelo Thomaz do Amaral.
17. Conselheiro José Maria Nascentes de Azambuja.
18. Conselheiro Tito Franco de Almeida.
19. Dr. Ernesto Ferreira França.
20. Conselheiro Antonio Joaquim Ribas.
21. Professor João Brigido dos Santos.
22. Conego João Pedro Gay.
23. Conselheiro senador Luiz Antonio Vieira da Silva.
24. Barão de Guajará.
25. Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga.
26. Tenente-coronel Eduardo José de Moraes.
27. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins.
28. José de Vasconcellos.
29. Senador Floriano Joaquim de Godoi.
30. Luiz da França Almeida e Sá.
31. Dr. Americo Brasiliense de Almeida e Mello.
32. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.
33. Bernardo Saturnino da Veiga.
34. Dr. Carlos Augusto Moncorvo de Figueiredo.
35. Commendador Antonio José Victorino de Barros.
36. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.
37. Dr. Francisco de Paula Toledo.
38. Frederico José de Santa Anna Neri.
39. Conselheiro José Antonio de Azevedo Castro.
40. Antonio Borges de Sampaio.
41. Conselheiro Barão de Ourem.
42. Coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno.
43. Francisco Augusto Pereira da Costa.
44. Dr. José Hygino Duarte Pereira.
45. Antonio Ribeiro de Macedo.
46. Conselheiro senador João Alfredo Corrêa de Oliveira.
47. José Verissimo de Matos.
48. Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca.
49. Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa.
50. Conselheiro Barão de Ibituruna.

Rio 27 de Julho de 1888.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro.*

de acôrdo com os mesmos pareceres e tendo por preenchidas as condições dos estatutos que regulam a admissão dos socios, é de parecer que sejam os mesmos senhores recebidos como membros correspondentes do Instituto.—Rio 9 de Agosto de 1888.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro. Manoel Francisco Corrêia. Alfredo de Escragnolle Taunay.*

3.° A commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo em attenção os pareceres juntos das commissões de historia e geographia* opinando pela admissão dos Srs. Marquez de Paranaguá, presidente da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, e 1°. tenente da armada Arthur Indio do Brazil, ao gremio d'este Instituto, e considerando que os illustrados candidatos satisfazem as condições precisas para que possam fazer parte d'esta douta associação, é de parecer, que sejam admittidos como seus socios correspondentes.—Rio, 6 de Agosto de 1888.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia, Alfredo de Escragnolle Taunay.*

Lêem-se e são remettidos á commissão de admissão de socios os seguintes pareceres :

1.° A commissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, obedecendo á ordens recebidas, studou o trabalho do Sr. Dr. Joaquim Saldanha Marinho filho, intitulado : *Missões na provincia do Rio-Grande do Sul*, apresentado como titulo de admissão do autor ao gremio d'este Instituto. N'esta succinta e resumida memoria si o autor não nos dá uma exacta topographia da região, que tratou de descrever, expende judiciosas considerações sobre os meios de colonisação d'esse territorio fertil e que tantos elementos encerra apropriados a estabelecimentos coloniaes. Terreno vasto, apropriado ao cultivo de differentes vegetaes, indicado desde longo tempo como proprio para a cultura, tanto que foi escolhido e occupado outr'ora pelos activos jesuitas, tem todos os elementos para rapido desenvolvimento, desde que seja bem aproveitado. Esse terreno fertil em todo o genero de

* Estes pareceres constam da acta da sessão de 6 de Julho de 1888.

« Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro 13 de Fevereiro de 1888.—Illm. e Exm. Sr. Remetto a V. Ex. as inclusas relações afim de que a commissão de admissão de socios, procendo á escolha dos correspondentes que residem n'esta côrte, em numero bastante para preencher as vagas dos effectivos, formule a relação completa d'estes, a qual deve ser submetida á deliberação do Instituto, na proximo sessão ordinaria do corrente e anno. Deus guarde a V. Exc.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, relator da commissão de admissão dos socios.—*João Franklin da Silveira Tavora*, 1°. secretario.»

Submettido este parecer á discussão e votação, tendo sobre elle falado favoravelmente os Srs. Henrique Raffard, Maximiano Marques e o relator, é approvado.

Lêm-se e ficam sobre a mesa para serem votados na sessão seguinte os pareceres seguintes:

1°. A commissão de admissão de socios tendo em vista os pareceres juntos da commissão de historia,* sobre os trabalhos apresentados como titulos de admissão dos Srs. commendador José Luiz Alves e Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, considerando que se acham os candidatos nas condições exigidas nos estatutos, para que possam fazer parte do Instituto Historico e Geographico Brazileiro; é de parecer que sejam os mesmos senhores admittidos como socios correspondentes.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro. Manoel Francisco Correia. Alfredo de Escragnolle Taunay.*

2°. A commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo presentes os pareceres juntos da commissão de historia ** sobre os trabalhos offereridos como titulos de admissão dos Srs. Dr. Luiz Cruls e commendador Luiz Rodrigues de Oliveira,

---

* Estes pareceres constam das actas das sessões de 6 e 13 de Julho de 1888.

** Estes pareceres constam da acta da sessão de 27 de Julho de 1888.

de acôrdo com os mesmos pareceres e tendo por preenchidas as condições dos estatutos que regulam a admissão dos socios, é de parecer que sejam os mesmos senhores recebidos como membros correspondentes do Instituto.—Rio 9 de Agosto de 1888.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro. Manoel Francisco Corrêia. Alfredo de Escragnolle Taunay.*

3.° A commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo em attenção os pareceres juntos das commissões de historia e geographia* opinando pela admissão dos Srs. Marquez de Paranaguá, presidente da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, e 1°. tenente da armada Arthur Indio do Brazil, ao gremio d'este Instituto, e considerando que os illustrados candidatos satisfazem as condições precisas para que possam fazer parte d'esta douta associação, é de parecer, que sejam admittidos como seus socios correspondentes.—Rio, 6 de Agosto de 1888.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia, Alfredo de Escragnolle Taunay.*

Lêem-se e são remettidos á commissão de admissão de socios os seguintes pareceres:

1.° A commissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, obedecendo á ordem recebidas, estudou o trabalho do Sr. Dr. Joaquim Saldanha Marinho Filho, intitulado: *Missões na provincia do Rio-Grande do Sul*, apresentado como titulo de admissão do autor ao gremio d'este Instituto. N'esta succinta e resumida memoria si o autor não nos dá uma exacta topographia da região, que tratou de descrever, expende judiciosas considerações sobre os meios de colonisação d'esse territorio fertil e que tantos elementos encerra apropriados a estabelecimentos coloniaes. Terreno vasto, apropriado ao cultivo de differentes vegetaes, indicado desde longo tempo como proprio para a cultura, tanto que foi escolhido e occupado outr'ora pelos activos jesuitas, tem todos os elementos para rapido desenvolvimento, desde que seja bem aproveitado. Esse terreno fertil em todo o genero de

* Estes pareceres constam da acta da sessão de 6 de Julho de 1888.

producção, susceptivel de facil exportação e de clima saudavel, tem sido indicado, declara o autor da memoria, por varios presidentes da provincia ser de facil colonisação. Falando d'essa região, diz Arséne Isabelle : Em nenhuma parte do mundo se encontram productos tão variados como os das Missões ; e em nenhuma se encontram mais industrias a crear e que offereçam mais perspectivas de riquezas e de bem-estar aos colonos laboriosos e intelligentes. »

Acompanha o trabalho do Sr. Dr. Joaquim Saldanha Marinho Filho uma planta de uma parte da provincia do Rio-Grande do Sul, abrangendo os municipios de São-Luiz e Santo-Angelo. Sala das sessões em 9 de Agosto de 1888.— Dr. *Manoel Duarte Moreira de Azevedo*. Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello*.

2.° Como titulo de admissão do major Joaquim José Gomes da Silva Neto no Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi offerecido seu livro: *Maravilhas da Penha ou lendas e historia da santa e do virtuoso frei Pedro de Palacios*. O autor propondo-se a escrever a historia da capella e do convento da Penha, na provincia do Espirito-Santo, e a de seu fundador o franciscano frei Pedro de Palacios, fez para esse fim, como elle se exprime, « uma viagem atravez dos seculos» e dá-nos uma noticia de tudo quanto existe escripto sobre taes assumptos e de factos, que com laboriosas investigações pôde colher. Começa com um resumido estudo sobre o descobrimento do Brasil, sobre o estabelecimento das capitanias, sobre os primeiros missionarios franciscanos, abrangendo esse estudo a primeira parte do livro. Na outra parte, após assumptos especiaes em relação a viagens, acha-se transcripto o *Poema Marianno ou relação dos mais espantosos e extraordinarios milagres de Nossa Senhora da Penha, venerada na provincia do Espirito-Santo e em todas as partes do Brazil*, por Domingos de Caldas, natural da cidade da Bahia, dado á luz por Ignacio Telles de Alvarenga Salles, natural da provincia do Espirito-Santo, padre-mestre jubilado, arcipreste, vigario da vara, etc., etc., 1854. O livro apresentado é de valor para a historia patri e seu autor merece ser admittido como socio do Instituto.

Rio de Janeiro 9 de Agosto de 1888.—Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello.* Dr. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.*

São tambem lidas as seguintes propostas:

1.ª Propomos para membro correspondente do Instituto o Sr. 1°. tenente da armada Antonio Alves da Camara, membro do instituto polytechnico brasileiro, da sociedade de geographia do Rio de Janeiro e autor dos *Ensaios sobre as construcções navaes indigenas do Brasil*, impresso que apresenta como titulo para sua admissão. Roi de Janeiro. Sala das sessões do Instituto em 10 de Agosto de 1888.—*J. Severiano da Fonseca. Franklin Tavora.*—Remettido á commissão de historia.

2.ª Propômos, que seja elevado a socio honorario o nosso illustrado consocio senador Alfredo de Escragnolle Taunay. Sala das sessões 10 de Agosto de 1888. *Henrique Raffard.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho. Barão de Miranda Reis. Joãa Severiano da Fonseca.*

Submettida essa proposta á votação e approvação, o Sr. presidente declara o mesmo senador socio honorario do Instituto.

3.ª Propômos para socio correspondente do Instituto o cidadão francez Clovis Lamarre, doutor em letras, administrrador da importante casa de ensino *Sainte Barbe*, em Paris, autor de um estudo biographico, historico e literario sobre *Camões e os Lusiadas*, o qual foi offerecido á nossa bibliotheca e parece constituir um titulo sufficiente para a admissão do Sr. Clovis Lamarre em nosso gremio. Sala das sessões, em 10 de Agosto de 1888.—*Henry Raffard.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.* Dr. *Sacramento Blake.*—Remettido á commissão de historia.

4.ª Propômos, que se altere o art. 9 dos estatutos com relação á somma annual que têm de pagar os socios contribuintes, a qual passará a ser de 12$ e não de 6$, em cada semestre; sendo porém abonada aos mesmos socios a quantia de 1$ para cada uma das sessões que tiverem assistido, resolução que vigorará depois do corrente segundo semestre de 1888. Sala das sessões 10 de Agosto de 1888.— *Henry Raffard.*— Remettida á commissão de estatutos.

5.ª Propômos, que o nosso distincto thesoureiro, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, seja autorisado a liquidar como o julgar mais conveniente todas as dividas dos socios em atrazo no pagamento das suas contribuições, para que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, depois do jubileu, entre em uma nova phase financeira bem definida. Sala das sessões 10 de Agosto de 1888—*Henry Raffard.*—Remettida á commissão de estatutos.

E' finalmente apresentado o seguinte parecer, cuja deliberação foi adiada:

« A commissão incumbida pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro de dar parecer sobre varias propostas relativas a um monumento, que perpetue a memoria da lei n. 3.353 de 13 de Maio do corrente anno, que declarou extinta a escravidão no Brazil, vem satisfazer o encargo que lhe foi confiado, expondo em breves termos a opinião que tem a respeito. Quatro foram as propostas apresentadas:

1.ª (Do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho): « Que se autorize o thesoureiro do Instituto a abrir uma subscripção nacional na côrte e em todas as provincias, afim de se erigir no campo da Acclamação uma columna de bronze, tendo na base a lei de 13 de Maio e no vertice o simbolo da Justiça. »

2.ª (Dos Srs. Dr. Franklin Tavora, Francisco José Borges, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake e Pinheiro de Campos): « Que o Instituto faça cunhar uma medalha commemorativa com a effigie de Sua Alteza Imporial a regente do imperio no anverso e a integra da citada lei no reverso. »

3.ª (Do Sr. Henrique Raffard): « Que o Instituto promova uma subscripção nacional para que se levante em uma das praças da côrte um modesto monumento, que atteste aos vindouros o faustoso acontecimento da redempção dos captivos no Brazil.

4.ª (Do mesmo senhor.): « Que o Instituto represente ao governo, pedindo que, para perpertuar a data da abolição da escravidão no Brazil, faça cunhar medalhas commemorativas em numero sufficiente para que possam

ser remettidas, a todos os governos e ás demais instituições nacionaes e estrangeiras, como museus e universidades. »

Si ha factos notaveis e grandiosos na historia do nosso paiz, que devam ser perpetuados na memoria das gerações futuras, por honra nossa e gloria da nação que constituimos, é sem duvida um d'elles e dos mais brilhantes o da proclamação da liberdade da raça escrava, que infelizmente, até ha pouco, nodoou a nossa vida social. As festivas acclamações e applausos com que, sem a minima perturbação da ordem publica, foi entre nós effectuada essa revolução incruenta, que em outros paizes tem custado porfiosas lutas e dolorosos sacrificios, vieram clararamente demonstrar inteiro accordo entre a opinião popular e a vontade do parlamento e da corôa, no arrojado commettimento, que hoje nos enche de orgulho e intima satisfação.

Elevando-nos no conceito das nações civilisadas, que nos precederam na adopção da magna reforma, exaltamos-nos a nós mesmos, dando testimunho da generosidade dos sentimentos, que nos animaram e que só por difficuldades insuperaveis deixaram de ser mais cêdo manifestadas.

E' pois justo, que tão memoravel acontecimento seja por modo digno e solemne celebrado pelo Instituto, sempre prompto em registrar, como deve, os factos mais notaveis da nossa historia. Mas é preciso conter a expansão do desejo nos restrictos limites do possivel. De bom grado se pronunciaria a commissão pelo projecto de elevar-se um monumento sumptuoso ou modesto, segundo as propostas apresentadas, si na impossibilidade de ser a despeza feita com os escassos recursos pecuniarios, de que dispõe o Instituto, tivesse fé na efficacia do meio lembrado pelos nossos illustres consocios ; a commissão porém sente declarar, que tem por duvidoso o exito da empreza, pela difficuldade pratica de fazer correr uma subscripção nas diversas provincias do imperio, sem que tenha o Instituto meios de promover, activar e colher o producto da mesma subscripção e dar-lhe o devido destino, fazendo executar uma obra de construcção difficil e

despendiosa, e o que é mais, de todo alheia á natureza especial de suas funcções, meramente literarias.

A commissão reconhece o dever, que tem o Instituto de tomar parte nas honrosas manifestações com que tem sido geralmente celebrada a declaração da liberdade do escravo ; entende porém, que não deve tentar uma empreza superior ás suas forças, posto que muito conforme aos seus desejos ; e que só deve emprehender o que possa ser realisado, na medida dos seus proprios recursos, tendo em vista o fim d'esta associação, instituida especialmente no intuito de colligir, publicar ou archivar documentos concernentes á historia e geographia do Brazil. Assim que, procurando corresponder ao louvavel empenho que mostra o Instituto de tornar perduravel a memoria do grande acontecimento, que constitue a maior gloria do segundo reinado, propõe a commissão :

1.° Que por si mesmo, ou por intermedio do governo, cujo auxilio será solicitado, quando necessario, faça o Instituto cunhar medalhas commemorativas, destinadas a SS. MM. II., a S. A. I. a princeza regente, a S. A. R. o Sr· Conde d'Eu e ás demais autoridades e corporações nacionaes e estrangeiras, nos termos das respectivas propostas.

2.° Que seja escripta uma memoria contendo a historia resumida de tudo quanto se refere ao assumpto de que se trata, desde a fundação do imperio até á data da aurea lei de 13 de Maio de 1888.

Este trabalho será confiado pelo Instituto ao socio ou commissão de seu seio, que possa bem desempenhal-o e deverá ser apresentada até a ultima sessão ordinaria d'este anno, afim de ser sujeito á apreciação do mesmo Instituto, que o fará imprimir na *Revista*, ou em separado, como parecer mais conveniente. Si mais de uma *memoria* sobre o mesmo assumpto fôr offerecida por qualquer consocio, será ella acceita e examinada afim ser publicada, na fórma já exposta. A destribuição das medalhas e *memorias* pelas autoridades, associações nacionaes ou estrangeiras, museus, bibliothecas, etc., será feita por deliberação da mesa, sob proposta de qualquer de seus membros.

Por tal modo entende a commissão, que terá o Instituto condignamente cumprido a nobre e elevada missão, que lhe coube, de perpetuar nas paginas da historia a memoria de um dos factos, que assignalam o desenvolvimento e progresso da nossa sociedade. Um bom livro é tambem um monumento, e tanto mais digno de apreço quanto representa a superioridade da intelligencia sobre o esforço material da actividade humana. Os templos e as estatuas esboroam-se; mas sobrevive o pensamento e perduram as grandes idéas, porque essas são immortaes. Rio 8 de Agosto de 1888.— *Olegario Herculano de Aquino e Castro. Visconde de Beaurepaire Rohan. Barão de Miranda Reis.*

O Sr. presidente declara, que, estando a chegar Sua Magestade o Imperador, augusto protector do Instituto e tendo de nomear uma commissão para ir comprimental-o em seu regresso, convida para esse fim a todos os membros do Instituto, que deverão comparecer no logar e hora marcada.

E nada mais havendo a tratar e estando adiantada a hora; o Sr. presidente, após a devida venia, levanta a sessão ás 8 1/2 da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca,*
2.° Secretario interino.

6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 31 DE AGOSTO DE 1888.

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Presentes ás 7 horas da noite os Srs. commendador Joaquim Norberto, Dr. Severiano da Fonseca, conselheiros Alencar Araripe e Manoel F. Corrêa, barão de

Miranda Reis, Henrique Raffard, Drs. Cesar Marques, Maximiano Marques, Pinheiro de Campos e Teixeira de Mello, annuncia-se a presença de S. A., que é recebido com as formalidades do estilo e toma assento. Obtida a venia de S. A., declara o Sr. presidente aberta a sessão.

Em seguida o socio Teixeira de Mello, secretario supplente servindo de 2° secretario, procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual é sem discussão approvada, depois da declaração do Sr. Cesar Marques de que por infermo não comparecêra áquella sessão e que dera em tempo cumprimento á missão de que o encarregára o Instituto, tomando parte na commissão que fôra ao encontro de SS. MM. no seu regresso ao Brazil na manhan de 22 do corrente.

Antes de se encetarem os trabalhos o Sr. presidente pronuncia o seguinte discurso:

« Senhor! Senhores! Congratulo-me com o Instituto Historico pelo feliz regresso de SS. MM. II. ás plagas brazileiras, hoje tão livres como outr'ora as encontrára Pedro Alvares Cabral.

« Uma commissão do Instituto, composta dos Srs. Drs. Cesar Marques, Sacramento Blake e Severiano da Fonseca, foi no vapor designado no convite feito pelo Instituto Polytechnico ao encontro do paquete *Congo*, que conduzia SS. MM.

« Parte do Instituto Historico achou-se na arsenal de marinha e assistiu ao desembarque.

« Fômos ante hontem ao paço de São-Christovão apresentar as nossas saudações tanto a S. M. o Imperador, como a S. M. a Imperatriz e a S. A. a Princeza Imperial. Commigo fizeram parte da commissão os Srs. conselheiros Olegario, Alencar Araripe, Quintiliano José da Silva, Pereira de Barros e os Srs. Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard.

« Senhores! E' um triste dever, depois de tão grata noticia, participar-vos o doloroso acontecimento, que enlutou a nossa associação!

« Na manhan de 18 d'este mez fômos surprehendidos pela noticia transmittida pelas folhas diarias do

falecimento do nosso 1.° secretario o Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

« Não podendo reunir os membros da mesa, mandei em seu nome cerrar as nossas portas por tres dias e annunciar, que seus membros tomavam luto por oito dias. Dirigi convites a todos os socios a que me foi possivel recorrer para comparecerem ao seu funeral.

« O nosso orador, o Sr. senador Escragnolle Taunay, communicando achar-se doente, pediu-me, que fizesse as suas vezes na fórma dos nossos estatutos.

« Ao baixar á sepultura o cadaver do nosso mallogrado consocio li o seguinte discurso :

« — Que espectaculo é este, que meus olhos vêm e que minha razão vacilla em acreditar—o Dr. Franklin Tavora frio, inanimado, dentro de um ataude, ás bordas do sepulcro, que vai escondel-o para sempre á contemplação da patria, que vai roubal-o para sempre á convivencia da esposa e de seus filhos, que vai privál-o para sempre de seus consocios?...

« Como são imprevistas as vicissitudes d'este mundo! Como são enganosos os nossos problemas ante as soluções da morte, que vem, quando menos a esperamos! Cahiu da mão do joven e incansavel trabalhador, tão cheio de vida, tão radiante de enthusiasmo, a penna que tanto illustrou a literatura patria e que tinha ainda de exhibir-se em brilhantes paginas da historia brazileira! No combate inesperado entre a existencia e a morte, foi lenta e dolorosa a sua agonia. Faltou-lhe a palavra, e sua alma não teve sinão suspiros de saudade para seus filhos, que ficam na pobreza da orphandade e para o Instituto Historico, que era tão seu do coração e pelo qual elle redobrava ultimamente de esforços afim de realçal-o nas festas do seu proximo jubileu.

« E no meio d'essas lides afanosas, a que se submettia com prazer, tinha um presentimento vago ; assim no dia 31 de Maio d'este anno escrevia elle nas paginas da nossa *Revista Trimensal* :

« Façamos votos para que o dia da nossa festa nos chegue em favoraveis auspicios. Façamos votos para que n'este anno de tanta alegria e de tanta gloria nacional,

nenhum de nossos companheiros esteja separado de nós pela molestia ou pela morte, quando reunidos no seio da patria inteiramente livre houvermos de consagrar o alto valor dos obreiros, que pelo espaço de cincoenta annos mantiveram o culto em nosso templo, sem moeda metallica e sómente movidos pela retribuição do renome. »

« E foi elle, o mais enthusiasta de todos os obreiros, o que pagou o fatal tributo, que nos impõe a morte annualmente. Cahiu, quando mais precisavamos d'elle, trazendo com a consternação e a saudade o esmorecimento ás nossas fileiras.

« Acolhe, ó sepulcro, os despojos de um cidadão, que serviu á patria com os seus valiosos escriptos e honrou o Instituto Historico com as suas locubrações.

« E tu, ó meu amigo, alma sublime e pura, recebe as nossas saudosas despedidas.»

« A' missa do 7°. dia compareceram muitos dos nossos consocios, além dos que fizeram parte da commissão, que nomeei.

« Na fórma do estilo peço, que se lance na acta um voto de pezar por tão sentida perda.

« Com a morte do Dr. Franklin Tavora ficou vago o lugar de 1°. secretario. Passei para elle o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, que exercia interinamente o logar de 2°., e para este o Sr. Dr. J. A. Teixeira de Mello, que era 2°. secretario supplente. Para 1°. e 2°. secretarios nomeei os Srs. Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard, ficando para preencher em sessão as outras vagas deixadas pelo nosso incansavel consocio. »

O Sr. 1°. secretario interino dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do socio Antonio Ribeiro de Macedo, de Campo Largo, provincia do Paraná, declarando que breve remetterá um trabalho, que tem em mão para ser impresso na *Revista do Instituto* no volume destinado a solemnisar o seu jubileu.—Inteirado.

Do presidente da provincia da Parahiba, Dr. Pedro Francisco Correia de Oliveira, participando ter assumido o referido cargo em 9 de Agosto d'este anno.

Do Sr. Dr. Antonio de Paula Freitas, secretario do Instituto Polytechnico Brazileiro convidando o Instituto para se fazer representar em uma commissão geral das sociedades scientificas e estabelecimentos de instrucção superior afim de receber S. S. MM. Imperiaes no dia da sua chegada a esta côrte.—Providenciado, tendo sido nomeados pelo Sr. presidente para essa commissão os Srs. Dr. Severiano da Fonseca, Cesar Marques e Sacramento Blake.

Do socio Antonio Borges de Sampaio, residente na cidade de Uberaba, provincia de Minas-Geraes, enviando importantes donativos de documentos historicos, que ennuméra especificadamente, para serem presentes na solemnidade do jubileu do Instituto, e pedindo os fasciculos 1°. 2°. e 3°. da *Revista* de 1887, que lhe faltam.—Que se agradeça quanto ás offertas e se satisfaça a reclamação.

A relação dos documentos acima referidos vêm em seguida a esta nota: — foi lida na presente sessão.

Do Dr. José de Oliveira Campos, bibliothecario da bibliotheca publica da Bahia, pedindo alguns volumes da *Revista* de 1861 a 1888, que faltam á collecção d'aquelle estabelecimento.—Que se satisfaça o pedido.

Do presidente da provincia da Alagôas, Dr. José Cesario de Miranda Monteiro de Barros, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o 1°. vice-presidente Manoel Gomes Ribeiro lhe passou a administração da provincia em 10 de Julho do corrente anno.—Inteirado.

Do socio o Dr. Moreira de Azevedo, participando não ter podido comparecer ás sessões por achar-se impossibilitado, por motivo de molestia, de sahir á noite, e remettendo para o musêo do Instituto os seguintes objectos: — *Aparas do meteorito de Bendegó*; uma medalha commemorativa do regresso de SS. MM. em 1888; um exemplar da photographia da missa campal celebrada na praça de D. Pedro I, em São-Christovão, em festejo pela abolição da escravidão no Brazil.—Que se accuse e agradeça.

Do socio senador A. de Escragnolle Taunay

communicando deixar de comparecer á presente sessão por doente e pedindo inscripção para a leitura de um trabalho, que está a concluir, sobre os indios de Guarapuava, logo que a sua saude lh'o permitta.—Inteirado.

Outro do mesmo senhor, agradecendo ao Instituto a elevada distincção, que espontaneamente lhe conferira, de seu socio honorario e assegurando que envidará todos os esforços para se mostrar na altura da confiança, que a associação n'elle deposita.—Inteirado.

Outro do mesmo senhor, lamentando o repentino fallecimento do nosso distinto companheiro o Dr. Franklin Tavora, junto a cujo feretro não pôde, por pertinaz infermidade, cumprir o seu dever de orador do Instituto, fazendo aos reconhecidos talentos do morto e ao seu constante amor ao trabalho a devida justiça.—Inteirado.

Do Sr. Dr. Gabriel Carrasco, director do censo da provincia de Santa-Fé, Republica Argentina, enviando um exemplar do *Censo de poblacion* d'aquella provincia. —Que se accuse e agradeça.

Do socio Antonio Alvares Pereira Coruja, enviando para a festa quinquagenaria do Instituto os seguintes livros da propria lavra: 1 Compendio da grammatica da lingua nacional; 2) Compendio da grammatica latina do padre Antonio Pereira com additamento e notas do offertante; 3) Manual dos estudantes de latim; 4) Arithmetica para meninos; 5) Manual de orthographia (obra pequena); Compendio da orthographia da lingua nacional (obra grande).

Do Sr. Dr. Enrique B. Moreno, enviado extraordinario da Republica Argentina n'esta côrte, reclamando, em caracter particular e como amigo do nosso consocio o Sr. Dr. Angel Justiniano Carranza, o diploma de membro correspondente, que o Instituto lhe conferira, mas não fôra por elle recebido.—Que se responda e remetta o titulo reclamado.

Do Sr. Marquez de Paranaguá, accusando e agradecendo a remessa feita pelo Instituto da collecção da sua *Revista Trimensal* para a bibliotheca especial do conselho d'estado, esperando o preenchimento gradual e opportuno das raras lacunas, que n'ella se notam.—Inteirado.

OFFERTAS

Pelo ministerio da agricultura: Relatorio dos trabalhos da commissão do mesmo ministerio na Europa e nos Estados Unidos da America do Norte.

Pela secretaria da presidencia da provincia do Rio de Janeiro: Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial, no dia 8 do corrente mez, pelo presidente Dr. José Bento de Araujo.

Pelo socio Barão de Ourem: os opusculos: *Brésil, Notice générale sur les sessions parlémentaires de* 1885, *E'tude sur la représentation proportionnelle au Brésil, Notice sur le mouvenent législative au Brésil en* 1886.

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin: *Nouveau dictionaire de géographie universelle, 43e fascicule,* 1888.

Pelo 1°. tenente Alfredo Augusto de Lima Barros: o ultimo fasciculo da *Revista Maritima Brazileira,*

Pela imperial academia de medicina do Rio de Janeiro: os ultimos fasciculos dos seus *Annaes.*

Pelas sociedades de geographia de Bordeaux, Munich, Madrid, Antuerpia e Italia: os seus boletins.

Pelas sociedades archeologica Druztva, imperial dos Naturalistas de Moscow, do Hõnigsberg e Real Academia de Madrid: as suas publicações.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia, Diario Popular, Jornal do Recife, Gazeta de Mogimirim, Liberal Mineiro, Cachoeirano, Imprensa, Provincia do Espirito Santo, Espirito-Santense, Trabalho, Patria, Immigração, Le Nouveau Monde, Etoile du Sud, Le Brésil* e o *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

Pelo socio o Sr. Henrique Raffard: os seis primeiros numeros do *Immigrante,* que trazem a versão de artigos seus sobre a provincia de São-Paulo.

Passa-se á

ORDEM DO DIA

O Sr. conselheiro Alencar Araripe pondera, que, achando-se disseminados por diversos volumes da nossa

Revista muitas das disposições e deliberações tomadas pelo Instituto, modificando alguns dos artigos dos nossos estatutos, e visto não ter-se podido realizar a proposta anterior, em consequencia do fallecimento do nosso 1.° secretario, convinha coordenar e consolidar essas disposições de modo a tornal-as um guia seguro e claro nos nossos trabalhos, e propunha, que o Instituto tomasse qualquer providencia a esse respeito.

O Sr. presidente designa o mesmo Sr. conselheiro para fazer a coordenação lembrada.

Submette depois o mesmo Sr. presidente á votação por escrutinio secreto os seis pareceres favoraveis á admissão dos candidatos n'elles declarados: Marquez de Paranaguá, Arthur Indio do Brazil, commendador José Luiz Alves, Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, Dr. Luiz Cruls e commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.

Corrido o escrutinio, é unanimemente approvado, e declarado pelo Sr. presidente socio correspondente do Instituto o Sr. Marquez de Paranaguá.

Corrido o escrutinio sobre o Sr. 1.° tenente Arthur Indio do Brazil, é approvado unanimemente, e é pelo Sr. presidente declarado socio correspondente do Instituto o mesmo senhor.

Corre-se o escrutinio, e são unanimemente approvados socios correspondentes os Srs. commendador José Luiz Alves e Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, que o Sr. presidente proclama como taes.

Corrido o escrutinio secreto, são os Srs. Dr. Luiz Cruls e commendador Luiz Rodrigues de Oliveira approvados socios correspondentes do Instituto e proclamados taes pelo Sr. presidente.

O Sr. Dr. João Severiano apresenta a seguinte indicação: « A morte de Franklin Tavora, nosso 1°. secretario, não é sómente uma grande perda, é um verdadeiro desastre para o Instituto. Trabalhador indefesso, elle tinha-lhe votado corpo e alma, de que era, por bem dizer, o espirito. Matou-o o excesso do trabalho, pois, como todos sabemos, grande parte dos seus esforços era por esta associação. Proponho, que se lance um voto de pesar na acta por tão

infausto acontecimento. Sala das sessões, 31 de Agosto de 1888.—*João Severiano da Fonseca.* »

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho apresenta a seguinte proposta : « O Instituto Historico não só tem verificado os factos gloriosos da nação brazileira e os recommendado á posteridade, mas tambem por si mesmo vai preparando a historia futura com seus actos de utilidade publica e de gloria nacional. E' de grande utilidade publica para todas as provincias do imperio brazileiro, que sejam representadas n'esta capital as principaes industrias das provincias.

« Proponho pois, que o Instituto por meio do nosso illustrado 1°. secretario convide a todas as assembléas provinciaes a remetterem para esta côrte para serem collocados no jardim da Acclamação os emblemas de suas industrias em figuras humanas esculpidas em granito duro, tendo de base 5 metros de diametro, e de altura de 12 a 15 metros. Sala das sessões do Instituto 31 de Agosto de 1888.—Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.* »

O Sr. presidente entende, que não está a proposta na letra dos nossos estatutos nem nos intuitos da assosiação. O Sr. Dr. Maximiano Marques defende-a e insiste pela sua adopção, baseando-se na opinião de S. M. o Imperador e no exemplo de outras nações cultas, em particular no da França. Insistindo o Sr. presidente na sua idéa, remette a proposta á commissão de estatutos, unica que póde tomar conhecimento d'ella, para instruil-a com o seu parecer.

O Sr. Dr. Maximiano Marques apresenta a seguinte proposta : « Constando, que o nosso pranteado collega o Dr. Franklin Tavora falecendo deixára sua mulher e filhos em extrema pobreza, proponho, que este Instituto Historico consigne uma pensão mensal de 50$000 á viuva e filhos do mesmo finado Dr. Franklin Tavora, isto até que elles tenham meios de subsistencia. Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1888.—Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.* Dr. *João Severiano da Fonseca.* »

Lê-se ao mesmo tempo o seguinte requerimento do Sr. Dr. Cesar Marques sobre o mesmo asssumpto : « Requeiro, que o Instituto Historico solicite do governo

imperial uma pensão a favor da esposa e filhos do nosso consocio Franklin Tavora, que tanto servio á patria com seus importantes trabalhos literarios, seu infatigavel zelo, sua probridade sem macula e seu amor e interesse pelo engrandecimento do nosso Brazil. Rio 31 de Agosto de 1888.—Dr. *Cesar Marques.* »

Depois de alguma discussão entre os Srs. Maximiano Marques e Cesar Marques e o Sr. presidente, sendo o primeiro de parecer que, conciliando as duas propostas, dê o Instituto quanto antes o auxilio que propuzera á familia do nosso consocio até que o governo o faça, si attender á solicitação do Instituto, como é de justiça; por fim o Sr. presidente prova pela leitura do artigo 43 dos estatutos, que o Instituto não póde distrahir os fundos, de que dispõe sinão para os fins n'elle designados, embora seja essa recusa altamente dolorosa não só a elle presidente, como a todos os membros da associação.

A' vista da discussão havida o Sr. Henrique Raffard suggere a idéa de mandar o Instituto, honrando a memoria do morto, fazer-lhe a campa, ficando livre a cada socio concorrer com a quantia, que quizesse e pudesse para auxilio á sua familia. O Sr. Cesar Marques, reconhecendo o fundamento que havia para a impugnação do auxilio pecuniario por parte do Instituto, insiste pela petição ao governo, attento o conhecimento pessoal que tinham dos meritos reaes do nosso digno consocio os Srs. ministros do imperio e presidente do conselho de ministros. Depois de outros alvitres lembrados, são submettidas á votação as propostas apresentadas, e é approvada a do Sr. Dr. Cesar Marques.

Em seguida o mesmo Sr. Dr. Cesar Marques apresenta a seguinte proposta: « Proponho para socio correspondente do Instituto o Sr. major João Vicente Leite de Castro, servindo de titulo para a sua admissão o seu *Diccionario geographico e historico das campanhas do Uruguay e Paraguay*, parte já impresso e parte manuscripto. Sala das sessões 31 de Agosto de 1888.—*Dr. Cesar Marques.* »—A's commissões respectivas.

O mesmo senhor fazendo notar, que ha muito tempo não se tem podido lêr no Instituto trabalho nenhum, tendo-se

preenchido estas ultimas sessões apenas com discussões, lembra, que é preciso proporcionar-se a leitura de trabalhos, para que não tenham razão e fundamento quaesquer accusações, que possam ser feitas á associação.

O Sr. Henrique Raffard lembra, que é preciso preencher na commissão do jubileu a vaga deixada pelo fallecimento do Dr. Franklim Tavora.

O Sr. presidente designa o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, indicado pelo Sr. Dr. Marques de Carvalho.

Estando preenchida a hora, o Sr. presidente, obtida venia de S. A. o Sr. Conde d'Eu, levanta a sessão.

Dr. J. A. Teixeira de Mello,
secretario adjunto servindo de 2º secretario.

Nota dos objectos

1. Livrinho, contendo a noticia biographica do tenente-coronel Francisco Rodrigues de Barcellos, com a photographia, sinete e autographo (manuscripto).

2. Album com diversas poesias (manuscripto).

3. Sobre ser—rio Paranahiba, ou—rio Parnahiba (manuscripto).

4. Definições e ceremonias da ordem do Christo, para conforme ellas ser armado cavalleiro (impresso antigo e estragado).

5. Carta da irmandade de Jerusalem, conferida ao padre Hermogenes Casimiro de Araujo Brunswik, a 8 de Maio de 1826 (impresso antigo).

6. Mappa da população do termo e comarca do Paracatú do Principe em 1820 (manuscripto).

7. Certidão com o teor do breve de Pio VI, concedendo o jubileu da porciuncula em 4 de Dezembro de 1781 (manuscripto).

8. Carta pastoral do bispo de Goiaz, D. Claudio José, de 2 de Fevereiro de 1887, convocando o primeiro sinodo diocesano (impresso).

9. Discurso de Antonio Borges Sampaio no club literario uberabense, a 10 de Julho de 1881 (impresso).

10. Mappa da viação ferreà nas provincias do Rio de Janeiro, São-Paulo e Minas, por C. Arno e J. F. Tavagnino, 1887 (impresso em preto).

11. Cedula do thesouro nacional, 4ª. serie, 6ª. estampa, n. 54.837, do valor de 20$000 rs., recolhida.

12. Cedula do thesouro nacional, serie B, branca, tinta preta, carimbo verde, sem outra indicação da estampa, n. 47.961, do valor de 2$000 rs., recolhida.

13. Cedula do thesouro nacional, serie 18ª., estampa de tinta vermelha fundo branco (?), n. 80.556,do valor de 1$000 rs., recolhida.

14. Amostra de papel vegetal remettida pelo *Publicador* de Goiaz a José Severino Sóares, de Uberaba, 1886.

15. Malacaxêta das janellas do conego Antonio José da Silva, primeiro paroco da freguezia de Uberaba.

16. Photographia. Congado—divertimento dos pretos na festa de N. S. do Rosario. 1888. Uberaba.

17. Photographia. Cidade de Uberaba. Vista tirada da porta da igreja de Santa Rita, apanhando a collina da matriz. 1887.

18. Photographia. Uberaba. Vista tirada da igreja de Santa Rita, apanhando a parte da cidade sita na collina da Misericordia. 1887.

19. Photographia. Convento dos dominicanos em Uberaba, 1887.

20. Photographia. Rua Municipal, lado esquerdo. Uberaba. 1888.

21. Memorial sobre o curso dos rios Pardo e Mugiguassú e possibilidade de sua navegação, por Fernando Vaz de Mello. 1859 (impresso).

22 a 26. Cinco planos maritimos dos portos—do Pará, do Maranhão, do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco (lithographia).

27. These apresentada á faculdade de medicina do Rio de Janeiro, pelo Dr. José de Oliveira Ferreira Junior, natural de Uberaba, 1887 (impresso).

28. Noticia sobre a provincia de Mato-Grosso, por Joaquim Ferreira Moutinho, 1869 (livro).

29. Estatutos do extinto monte-pio geral, decretos que os reformaram e tabellas, 1874 (brochura).

30. Atlas de geographia estatistica, composto de 21 mappas coloridos.

Uberaba (Minas) 14 de Agosto de 1888.— *Antonio Borges Sampaio*, socio correspondente.

7.ª SESSÃO ORDINARIA EM 14 DE SETEMBRO DE 1888

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. socios commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Cesar Augusto Marques, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos e Henrique Raffard, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 1.° secretario Dr. João Severiano da Fonseca participa, que o Sr.Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, 2.° secretario, não póde comparecer á sessão por se achar muito atarefado com trabalhos relativos ao jubileu do Instituto e para substituir o Dr. Teixeira de Mello o Sr. presidente chama o supplente Henrique Raffard.

Lida e approvada sem observação a acta da sessão anterior, o Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do socio João Barboza Rodrigues, enviando um trabalho seu manuscripto intitulado : *Observações sobre o alphabeto indigena.*

Do socio Luiz da França Almeida e Sá, enviando um trabalho seu manuscripto intitulado : *Influencia da mulher perante a humanidade.*

Do socio João Brigido dos Santos, enviando um trabalho seu manuscripto intitulado: *Povoamento do Ceará.*

Do socio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, enviando um trabalho seu manuscripto intitulado: *Instrucção publica nos tempos coloniaes do Brazil.*

Do socio Antonio Borges de Sampaio, congratulando-se com o Instituto pelo regresso de Suas Magestades o Imperador e a Imperatriz do Brazil.

Do 2.° secretario do lyceu literario portuguez do Rio de Janeiro, convidando a directoria do Instituto para se fazer representar na festa de seu vigesimo anniversario hoje ás 8 horas da noite.

Do director da bibliotheca nacional de Montevidéo, agradecendo os numeros da *Revista do Instituto,* que lhe foram enviados, e pedindo o tomo XLVIII, que lhe falta.

OFFERTAS

Pelo commendador Joaquim Norberto de Souza Silva: *Retrospecto commercial de* 1887.

Pelo Sr. Henrique Raffard: *Estradas de ferro, projecto de uma estrada de ferro do porto dos Lençóes no rio Tieté ao salto dos Dourados no rio Paranapanema apresentado á assembléa legislativa provincial de São-Paulo em* 1884; *Le Phylloxera dans le couton de Genève en* 1887; *Rapport de la station viticole du Champs-de-l'air à Lausanne pour l'exercice* 1887.

Pelo Sr. presidente da provincia do Rio de Janeiro Dr. José Bento de Araujo: *Relatorios apresentados á assembléa legislativa fluminense nos annos de* 1881 *a* 1884.

Pelo Sr. Arthur Sauer: *Almanak Laemmert de* 1887.

Pelo Sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho: *Subsidios para a historia dos regimentos de infantaria e caçadores do exercito portuguez.*

Pelo Sr. A. Baguet: *Exploração da provincia do Maranhão.*

Pela sociedade cientifica argentina: *Annaes.*

Pela Trustees of the cooper union: *Relatorio annual* (*May* 26*th* 1888).

Pelas redacções respectivas: *Revista da bibliographia brazileira, Revista de medicina e pharmacia, Revista dos constructores do Rio de Janeiro, Gazeta de Noticias, Diario Popular, Gazeta de Mogimirim, Imprensa, Mez, Jornal do Recife, Imprensa Catharinense, Liberal Mineiro, Publicador Goiano, Provincia do Espirito Santo, Trabalho, Etoile du Sud, Le Brésil, Le Nouveau Monde, Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

ORDEM DO DIA

O Sr. presidente communica o falecimento do illustrado consocio Domingos Faustino Sarmiento, que occorreu a 11 do corrente mez de Setembro na capital do Paraguay. O finado octogenario tem prestado innumeros serviços á sua patria, principalmente reorganisando ali a instrucção publica, e sua actividade como militar e politico o elevou na estima nacional e nos cargos de general, presidente e senador da Republica Argentina.

Esta noticia é recebida com profundo pesar.

São enviadas á mesa e apoiadas as propostas seguintes:

1.° Requeiro, que seja nomeada uma commissão para assistir á ceremonia da entrega da Rosa de Ouro concedida pelo santissimo padre á Sua Alteza a Serenissima Senhora princeza imperial por occasião da lei de 13 de Maio de 1888. Dr. *Cezar Augusto Marques.*

2.° Proponho, que se officie á Sua Excellencia o Sr. presidente do Rio de Janeiro, agradecendo a remessa de alguns relatorios presidenciaes, que S. Ex. se dignou offerecer para completar a respectiva collecção da bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Sala das sessões 14 de Setembro de 1888. —*Henrique Raffard.*

3.° P roponho, que se agradeça ao Sr. Arthur Sauer, chefe da casa Laemmert, pelo Almanak de 1887, que o mesmo cavalheiro se dignou enviar para diminuir as faltas

da collecção, que possue o Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Sala das sessões 14 de Setembro de 1888.—*Henrique Raffard.*

4.° Proponho, que se altere o artigo 27 dos nossos estatutos na parte que se refere á falta de comparecimento nas sessões. Parece conveniente reduzir o numero das sessões em virtude de que, na falta de comparecimento, os socios passam da categoria de effectivos á de correspondentes, sendo conveniente tambem determinar o numero preciso para que se substitua os membros da mesa, que tiverem incorrido na referida falta sem motivo justificado. Sala das sessões 14 de Setembro de 1888.—*Henrique Raffard.*

5.° Propomos para socio correspondente o Sr. João Carlos de Souza Ferreira, illustrado redactor geral do *Jornal do Commercio* d'esta côrte e autor do Retrospecto commercial, publicação annual. Sala das sessões do Instituto Historico em 14 de Setembro de 1888.—*Henrique Raffard. Dr. Cezar Augusto Marques. Tristão Alencar Araripe. Olegario Herculano de Aquino e Castro.*

A 2.ª e 3.ª propostas ficaram em poder do Sr. 1.° secretario para providenciar; a 4ª é enviada á commissão de estatutos e a 5.ª á commissão de admissão de socios.

O Sr. thesoureiro toma nota do pedido do director de bibliotheca nacional de Montevidéo para satisfazel-a.

O Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro participa, que a commissão encarregada pelo Instituto de comprimentar á S. M. o Imperador no dia 7 do corrente, pelo anniversario da independencia do Brazil, cumprio a sua missão e ao discurso do orador dignou-se S. M. de responder, que agradecia muito as congratulações, que lhe eram dirigidas por parte d'este Instituto.

O Sr. presidente declara, que a resposta de S. M. o Imperador é recebida com muito especial agrado e accrescenta, que no cortejo compareceram por parte do Instituto o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, o commendador Joaquim Pires Machado Portella, o Dr. João Severiano da Fonseca, o Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, o general Barão de Miranda Reis, o Visconde de Souza Fontes, o senador Joaquim Floriano

de Godoi, o commendador Luiz Cruls, o 1.° tenente Arthur Indio do Brazil e Henrique Raffard.

O conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro lembra a recommendação feita em uma sessão anterior com relação ao ceremonial aprovado na sessão de 5 de Outubro de 1887 para recepção de socios e reclama providencias, convindo que o acto respectivo seja o mais solemne possivel.

O Sr. 1.° secretario responde, que vai officiar n'este sentido aos novos socios.

O Sr. presidente diz, que se poderia mandar imprimir avulsas, para serem remettidos com os diplomas, as disposições referentes ao alludido ceremonial afim de serem preenchidas as formalidades nos ter nos estatuidos: o que é apoiado pelo Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

O Sr. Henrique Raffard, em nome da commissão do jubilêo, communica, que a sessão do quinquagenario não poderá realizar-se, como fôra projectado, na sala do musêo nacional, onde pela primeira vez funccionou o Instituto Historico e Geographico Brazileiro; nem em outra sala do mesmo estabelecimento, não só por se acharem occupadas com moveis presos ao chão e ás paredes, que não podem ser facilmente deslocados, mas tambem pela falta das precisas proporções. Ao mesmo tempo pondera, que a commissão não tem certeza da possibilidade de se fazer a festa do jubileu a 21 de Outubro proximo vindouro em consequencia da exiguidade do tempo; e julgando alguns socios ser melhor adial-a para o dia da sessão magna do mez de Dezembro, a commissão propõe, que se sujeite estas questões ao alvitre de S. M. o Imperador.

O Sr. presidente declara incumbir-se d'esta missão.

Continuando com a palavra em nome da commissão, o Sr. Henrique Raffard submette á sancção do Instituto a decisão tomada pela commissão do jubilêo de serem previamente sujeitos á commissão de redacção quaesquer pensamentos, que os socios queiram lançar no livro propositalmente creado para este fim.

O Sr. presidente com acquiescencia do Instituto declara aprovada a mencionada deliberação.

O Sr. Henrique Raffard trata ainda de algumas questões relativas ao jubilêo, ficando a commissão autorisada á resolvel-as por si sob indicação do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

O Sr. Henrique Raffard pede porém permissão para occupar mais uma vez a attenção do Intituto, devendo insistir sobre os negocios do jubilêo.

O conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro observa, que o essencial é, que a festa do jubilêo se faça.

O Sr. Henrique Raffard diz, que falta o essencial, que é o dinheiro para as pequenas despezas, mas que o Instituto decidio em sessão anterior, que se fizesse correr uma subscripção entre os socios e a referida medida devia ser posta em pratica sem demora.

O Sr. thesoureiro, o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, pergunta si deve incumbir ao cobrador de fazer a colheita da subscripção proposta, porém depois das considerações de alguns socios o Sr. presidente encarrega d'esta commissão o Sr. Henrique Raffard, que a aceita.

O Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, relator da commissão, que fôra nomeada para estudar as diversas propostas para a commemoração da lei de 13 de Maio, pede, que se delibere sobre o parecer já apresentado e declara, que a commissão aceitará qualquer modificação.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho propõe, que se vote pelas conclusões do luminoso parecer, que são approvadas com a reserva proposta pelo Sr. Henrique Raffard de se aguardar occasião opportuna para resolver sobre a elevação de um monumento.

O Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe tomará a si entender-se com o director da casa da moeda a respeito das medalhas, que o Instituto resolveu mandar cunhar em honra á lei de 13 de Maio.

O Sr. Dr. Cesar Augusto Marques passa á lêr a sua *Memoria sobre Manoel Odorico Mendes*.

Estando peeenchida a hora, e nada mais havendo a tratar, o Sr. presidente levanta a sessão.

Henri Raffard,
servindo de 2.º secretario.

8.ª SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE SETEMBRO DE 1888

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, achando-se presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. Severiano da Fonseca, Dr. Teixeira de Mello, Dr. Sacramento Blake, Henrique Raffard, conselheiro Alencar Araripe, senador Escragnolle Taunay, Barão de Miranda Reis, Dr. Maximiano Marques, Dr. Cesar Marques, Dr. Pinheiro de Campos, Dr. Luiz Cruls e commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

Lida a acta da sessão anterior, é approvada depois de observações do Dr. Cesar Marques e explicações do Sr. Henrique Raffard.

Antes de se encetarem os trabalhos o Dr. Sacramento Blake observa, que estão presentes dous socios do Instituto recentemente eleitos, que ainda não tomaram officialmente assento, os Srs. commendador Rodrigues Oliveira e Dr. Luiz Cruls. O Sr. presidente nomeia uma commissão, composta dos Srs. Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard, para os receber, e tomam elles assento na fórma do costume.

O Sr. commendador Rodrigues Oliveira pede em seguida a palavra e agradecendo a honra que lhe fôra conferida, rememora o que, pela profissão do commercio, pôde fazer em paizes estrangeiros em prol do bom nome do Brazil e dos seus interesses sociaes, e apresenta á memoria do Instituto os nomes de dous grandes e prestigiosos negociantes brazileiros, os Srs. Visconde de Mauá e Visconde de Figueiredo, que tanto têm feito pela patria na mesma profissão, sem esquecer todavia muitos outros, que actuaram em mais limitada esphera. Refere-se igualmente aos reaes serviços prestados pela patriotica *sociedade central de immigração*, tão dignamente representada no proprio Instituto pelos Srs. senador Escragnolle Taunay e

Visconde de Beaurepaire Rohan. Ao terminar offerece ao Instituto exemplares do trabalho seu não possuido ainda pela associação. (A integra do seu discurso vai transcripta no fim e em seguida á presente acta).

O Sr. Dr. Luiz Cruls agradece pela sua parte a recepção amistosa, que lhe faz o Instituto e põe toda a sua dedicação e decididos esforços á sua disposição para auxilial-o nos seus elevados intuitos.

O Sr. senador Escragnolle Taunay congratula-se como orador do Instituto pela admissão em seu gremio de tão prestimosos auxiliares, referindo-se ao merito pessoal de cada um dos recem-acceitos. Termina alludindo á constante e desvellada protecção, que lhe tem concedido S. M. o Imperador, a quem sobretudo e sobre todos deve o Instituto a gloria de ter atravessado tão longo espaço de tempo sem nunca desmentir os fins da sua creação e sem esmorecer em caminho, apezar da indifferença publica pelas instituições do seu genero.

O Sr. presidente communica ao Instituto, que, em desempenho da commissão, de que se encarregára, de consultar S. M. a respeito do lugar, dia e hora, em que se deveria celebrar a festa do seu jubileu, e si conviria antes transferil-a para a sessão magna de Dezembro, que S. M. é de parecer, que a festa se effectue impreterivelmente no seu proprio dia, 21 do corrente mez, e que o fôsse nas salas do paço da cidade, postas pelo mesmo augusto Senhor á disposição do Instituto, convenientemente adornadas pelo mordono da casa imperial.

EXPEDIENTE

O Sr. 1.° secretario interino lê os seguintes officios:

Do socio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, datado de 19 de Setembro, enviando uma memoria sua intitulada *Os Precursores*, para ser inserida no volume destinado á commemoração do jubileu.

Do consocio o Sr. Americo Brasiliense, residente em São-Paulo, datado de 12 de Setembro, remettendo alguns autographos autenticos e ainda ineditos do regente Diogo

Antonio Feijó, para serem publicados no numero da *Revista* destinada ao jubileu, escolhendo a respectiva commissão o que d'elles lhe parecer mais adaptado a esse fim.

Dous do Sr. Gabriel Victor do Monte Pereira, director da *bibliotheca nacional de Lisbôa*, datados de 31 de Agosto e de 8 de Setembro, agradecendo os fasciculos da *Revista Trimensal*, que enviára o Instituto para aquella bibliotheca.

Do socio Antonio Borges de Sampaio, datado de Uberaba a 15 de Setembro, remettendo um exemplar da photographia da ponte de Jaguára para ser presente á commissão do jubileu e ficar depois pertencendo ao archivo ou museu do Instituto.

Do Sr.Theodoro Grimm, datado de São-Leopoldo a 4 de Setembro, enviando o manuscripto de uma obra sua geographica, para figurar na exposição commemorativa do jubileu, sendo depois d'isso devolvido.

Do Sr. P. Cudmore, do estado de Minesota, Estados-Unidos, offerecendo para a bibliotheca do Instituto um exemplar da *Civil government & constitution history of the United States*.

Do Sr. Dr. Moreira Alves, presidente da provincia do Maranhão, enviando dous exemplares da *fala*, que o Dr. José Bento de Araujo dirigira á assembléa provincial em 11 de Fevereiro do corrente anno, pela installação da 1.ª sessão da 27.ª legislatura, acompanhada do *Relatorio* com que o mesmo Sr. passou a administração da provincia em 18 de Abril ao vice-presidente Dr. José Mariano da Costa, e este no dia 28 ao actual presidente.

Do Sr. Frederico E. E. de Villeroy, director geral servindo de secretario do governo da provincia do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar do *Relatorio*, com que o Dr.Rodrigo de Azambuja Villa nova, 2.º vice-presidente, passou a administração da provincia ao Dr. Joaquim Jacinto de Mendonça em 27 de Outubro de 1887, e a *fala* por este dirigida á assembléa legislativa provincial na installação da 1.ª sessão da 23.ª legislatura no dia 1 de Novembro do mesmo anno,bem como um exemplar do *Relatorio* apresentado pelo referido Dr. Joaquim Jacinto de Mendonça ao seu successor em 27 de Janeiro ultimo.

OFFERTAS

Pelo Sr. Gualterio G. Davis: o tomo IV dos *Anales de la officina meteorologica argentina.*

Pelo socio Dr. Luiz Cruls, director do observatorio do Rio de Janeiro: a sua *Descripção e teoria do barometro differencial destinado aos nivelamentos barometricos.*

Pelo Sr. Felix Ferreira: um exemplar da sua obra *Provincia do Rio de Janeiro*, noticias para os immigrantes, colligidas por ordem do Dr. Antonio da Rocha Fernandes Leão.

Pelo Sr. Dr. Joaquim José de Campos da Costa Medeiros: *Consultas do conselho de estado*, sobre assumptos da competencia do ministerio do imperio.

Pelo socio Barão de Ourém: um exemplar da sua *Représentation proportionelle.*

Pela viuva do Dr. Franklin Tavora: 19 moedas de cobre, uma de prata e uma medalha de metal branco com as effigies das princezas imperiaes D. Isabel e D. Leopoldina no anverso e a seguinte inscripção no reverso: SS. AA. II. visitão a casa da moeda. 17 de Novembro de 1856.

Pelas sociedades seguintes — de geographia americana, de Bordéos, de Antuerpia, Italiana, Australasiana, e Instituto Argentino: os seus boletins.

Pela *societé des études indo-chinoises de Saigon*: o seu *Bulletin* do 1º. semestre de 1888.

Pela *societá africana d'Italia*: os seus *Bolletins* de Julho e Agosto de 1888.

Pela *sociedad cientifica Antonio Alzate*: o *cuaderno* n. 12, tomo I, das suas *Memórias.*

Pelas respectivas redacções diversos numeros dos seguintes periodicos: *Gazeta da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Imprensa*, *Gazeta de Mogimirim*, *Liberal Mineiro*, *Espirito-Santense*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Publicador Goiano*, *Cachoeirano*, *Beapendiano*, *Patria*, *Gazeta da Tarde*, *Tempo*, *Trabalho*, *Jornal da Parahiba*, *Immigração*, *Revista de Medicina*, *Le Brésil*, *Le Nouveau Monde*, *E'toile du Sud* e *Boletim* da alfandega do Rio de Janeiro.

Pelo Sr. Torquato Tapajós: a sua obra *Valle do Amazonas: apontamentos para o diccionario geographico do Brazil.*

Pelo socio o Sr. Henrique Raffard: um exemplar em portuguez, outro em italiano, outro em allemão do opusculo de propaganda immigratoria *Provincia de São-Paulo no Brazil*; uma medalha obsidional de Paris em 1870, de metal branco, e outra de cobre commemorativa da reunião da republica de Genebra á Confederação Suissa.

Pelo Sr. Sievin Coppin o opusculo *L'Empire du Brésil au point de vue de l'immigration.*

Foram presentes ao Instituto exemplares da *Imprensa Catharinense, numero unico*, commemorando o regresso de SS. MM. ao Brazil em 22 de Agosto ultimo.

ORDEM DO DIA

Lê o 1.° secretario uma proposta assignada pelos Srs. Escragnolle Taunay e Cesar Marques, apresentando o Sr. Torquato Xavier Monteiro Tapajos, engenheiro, para socio correspondente do Instituto, servindo de titulo de admissão o impresso intitulado: *Valle do Amazonas. Apontamentos para o diccionario geographico do Brazil.* —A' commissão de geographia.

Lê o parecer da commissão de fundos e orçamento seguinte:

« A commissão de fundos e orçamento, em virtude do art. 23 dos estatutos d'este Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo examinado as contas de despeza apresentadas pelo Exm. Sr. conselheiro Alencar Araripe, muito zeloso thesoureiro d'esta associação, achou as mesmas contas todas exactas e conformes ao orçamento votado em sessão d'este Instituto para o anno financeiro de 1887. A commissão de fundos e orçamento é de parecer, que sejam ellas approvadas e que o Instituto louve o zelo e discrição com que têm sido arrecadadas pelo nosso muito illustrado thesoureiro todas as rendas d'este Instituto.

« A commissão de fundos e orçamento, attendendo ás despezas successivas que o Instituto tem feito e continua a fazer com a reimpressão dos numeros da *Revista*, que se têm esgotado, é de parecer, que, em vez de se tirarem mil exemplares, sejam encommendados 1.500, para se evitar com um a pequena despeza mais as reimpressões, que têm sido muito onerosas ao thesouro do Instituto.

« A commissão de fundos e orçamento recebeu do mesmo illustrado Sr. thesoureiro o balancete da receita e despeza do semestre de Janeiro a Junho do corrente anno, e reserva-se para dar o seu parecer, quando formular o orçamento futuro.

« Sala das sessões 27 de Julho de 1888. — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. »

O Sr. Dr. Maximiano Marques pergunta, si já se deu andamento á proposta approvada pelo Instituto de se pedir ao governo imperial uma pensão para a viuva e filhos do nosso 1.° secretario o Dr. Franklin Tavora.

O Sr. Escragnolle Taunay impugna a opportunidade d'essa proposta, que com certeza não seria despachada favoravelmente pelo governo, embora reconheçam todos a relevancia dos serviços pelo nosso illustrado consocio prestados ao Instituto em particular, e ás letras nacionaes em geral, todos elles dignos certamente de recompensa, porque teria n'esse caso o governo de attender a um avultado numero de pretenções do mesmo genero, tambem merecedores da protecção governamental. Apresenta em lugar d'esta a proposta de uma subscripção promovida entre os consocios do illustre morto, a qual significaria mais legitimamente a gratidão do Instituto.

O Sr. Cezar Marques defende a primitiva proposta, apresentando exemplo de pensões concedidas em casos identicos, que pareciam autorizar a que o Instituto tinha em vista.

O Sr. Maximiano Marques faz ainda considerações no sentido de se pôr em execução as duas propostas, sendo porém preferida a do Sr. Escragnolle Taunay. — Corre-se depois d'isso uma subscripção pelos socios presentes, que a assignam todos.

Terminado este incidente, o Sr. conselheiro Alencar Araripe dá conta da incumbencia, que lhe commettera o Instituto acêrca da cunhagem, na casa da moeda, das medalhas commemorativas da promulgação da lei de 13 de Maio do corrente anno, que extinguiu a escravidão no Brazil, para que o Instituto delibere a esse respeito. Depois de pequena discussão, em que tomam parte o Sr. presidente e varios socios, resolve-se, que se cunhem 2 medalhas de ouro (para S. M. o Imperador e S. A. a Princeza Imperial), 100 de prata e 500 de bronze todas com a effigie da princeza regente no anverso e os dizeres ou legendas analogas no reverso, ficando o mesmo Sr. Alencar Araripe e o Sr. senador Escragnolle Taunay incumbidos de tratar conjuntamente do melhor modo de se realizar essa idéa.

Tendo-se prolongado os trabalhos além das 8½ horas, não se passa á 2ª parte da ordem do dia (leitura de memorias) e o Sr. presidente levanta a sessão.

Dr. *Teixeira de Mello*,
2.º secretario interino

Discurso do socio recipiendario Rodrigues de Oliveira

A distincção que me confere o benemerito Instituto Historico e Geographico Brazileiro, acolhendo-me em seu gremio como membro correspondente, impõe-me deveres, que vou esforçar-me por cumprir, esperando que a sinceridade que me anima, junta á vossa reconhecida benevolencia, supprirão a eloquencia, que me falta.

Tive sempre vivo e profundo o sentimento do dever, e obedecendo a esse sentimento, tenho por obrigação sagrada, antes que tudo, expressar-vos a minha cordial gratidão pela subida honra, que me conferis,e que acceito, não como recompensa de merito literario e scientifico que não possuo,mas como prova de benevolo apreço, que haveis dado á sinceridade, e quiçá á perseverança do empenho com que procurei servir aos interesses da patria

em paizes estrangeiros, espalhando n'estes o conhecimento das vantagens que offerece o Brazil aos homens laboriosos, que aqui vierem exercer sua actividade á procura de melhor sorte, e tambem aos capitaes que superabundam no velho mundo, e de cujo auxilio carecemos para accelerar o nosso progresso economico.

A grande distincção, que me concedeis, e que muito me lisongeia, é para mim agradavel sorpresa; porquanto si me appliquei a estudos literarios e scientificos, o fiz com o fim determinado de utilisar a instrucção como ferramenta de trabalho no terreno economico, de sorte que não incluira no circulo das minhas aspirações a honra de ser chamado ao gremio do douto Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Seja-me licito lembrar-vos, que, obedecendo á influencia do meio em que me achei no momento de escolher uma profissão, abracei a carreira commercial.

Recebendo-me como vosso confrade, honrais o commercio brazileiro, que tanto tem lutado para conquistar posição entre os dotes dirigentes do nosso paiz, e que por sua iniciativa, por sua probidade, por suas generosas aspirações e serviços reaes em prol do progresso da patria merece maior apreço do que lhe tem sido dado.

Pertence-vos a gloria de romper com essa apreciação rotineira, que não permittia vêr no negociante sinão um factor da producção inconsciente, um contribuinte passivo, incapaz de apreciar o progresso social e de concorrer para elle por falta de illustração!

Contava no entanto o Brazil apenas um quarto de de seculo de independencia e já destacava-se do commercio nacional um grande vulto, Irenêo Evangelista de Souza, o qual, dotado de robusta intelligencia e de acrisolado patriotismo que durante dezenas de annos consagrou ao desenvolvimento das forças productivas do paiz, tornou-se uma das glorias da patria pelos feitos grandiosos, que praticou no terreno economico e que só tem rivaes nas façanhas do heroico Osorio no theatro da guerra.

Ao venerando Visconde de Mauá deve o Brazil o melhor da sua ferramenta de progresso: a primeira estrada de ferro que se construiu no paiz, a illuminação

a gaz da capital do imperio, o estabelecimento metalurgico e de construcção naval da Ponta d'Arêa, a navegação a vapor do Amazonas, o desenvolvimento dos negocios bancarios em muitas provincias, auxilios financeiros em momentos de apuros do erario publico, o cabo telegraphico submarino que liga o Brazil á Europa, a estrada de ferro de Santos a Jundiahi, factor principal da prosperidade da provincia de São-Paulo, mas que foi a causa da ruina do seu promotor, negociações diplomaticas— todos esses serviços em prol da riqueza publica do progresso social e da defesa da patria, deve-os Brazil áquelle illustrado negociante.

Outros negociantes brazileiros têm igualmente bem merecido da patria, servindo-a com dedicação e dando provas de solida instrucção e de talentos administrativos.

Os encontraes modestamente collaborando em associações, como na sociedade central de immigração e no centro da lavoura e commercio.

Póde-se porventura contestar aquelle merito dos membros d'essas patrioticas associações que souberam organizar a grande e poderosa propaganda feita em prol dos interesses vitaes do paiz, dentro e fóra d'elle, por numerosos e valiosos escriptos e por mais de sessenta exposições dos nossos productos realisadas tanto no velho como no novo mundo, propaganda de que o paiz já está colhendo fructo pela immigração de mais de cem mil Europeus e de avultados capitaes ?

Não vimos ainda recentemente a espontaneidade,com que o commercio se reunia em um esplendido banquete para celebrar a volta á patria do eminente banqueiro Visconde de Figueiredo,que tão assignalados serviços tem prestado ao desenvolvimento das nossas relações com os mercados monetarios europeus?

No entanto o commercio ainda não conquistou a influencia, que lhe compete na sociedade brazileira, que o tem por simples officio, quando é elle considerado como sciencia na sabia Allemanha, cujas universidades mantem cursos de sciencias commerciaes.

Em nome pois do commercio nacional, a que tenho a honra de pertencer, eu vos reitero a expressão da mais

sincera gratidão pela demonstração de apreço, que lhe dais, certo de que tanto mais concorrerá para o progresso do paiz quanto maior fôr a consideração de que se sentir rodeado.

Falei-vos do centro da lavoura e commercio e de sua actividade no estrangeiro.

Sabeis, que os delegados d'essa patriotica associação, lhe enviam relatorios acerca dos mercados de consumo.

Coube-me a honra de representar o centro da lavoura e commercio em França, e tendo servido no jury da Exposição Universal de Antuerpia de 1885, na qual o centro da lavoura e commercio tomou brilhante parte, organizando a secção brazileira, dirigi aos meus constituintes informação especial e detalhada acerca da industria e do commercio da Belgica sob o ponto de vista de suas relações com o Brazil.

Esse relatorio se acha publicado sob o titulo de *Belgica e Brazil* em um folheto, do qual peço licença para offerecer-vos um exemplar em testimunho do meu alto respeito e sincera dedicação.

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 12 DE OUTUBRO DE 1888

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Severiano da Fonseca, Alencar Araripe, Escragnolle Taunay, Teixeira de Mello, Pereira de Barros, Cesar Marques, Henrique Raffard, Barão de Miranda Reis, Pinheiro de Campos, Luiz Cruls e Rodrigues de Oliveira, annuncia-se a chegada de S. A. o Sr. Conde

d'Eu, que, recebido com as formalidades do estilo, toma assento, e o Sr. presidente, obtida a venia, abre a sessão.

Lida e approvada a acta da ultima sessão, o Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do chefe do escriptorio da commissão de estatistica da villa capital de Praga, accusando o recebimento do tomo XLIX da *Revista do Instituto*.

Bilhete postal do secretario da Real Academia de sciencias de Napoles, enviando os *Atti*, serie 2, vol. I-IV; *Rediconti*, vol. I d'aquella academia.

Do Sr. Achilles de Mello, communicando haver-se fundado na cidade do Pão de Assucar, provincia das Alagôas, a *bibliotheca do trabalho*, e pedindo para isso a collecção da *Revista do Instituto*.

Do Sr. Leri dos Santos, enviando um exemplar de sua obra *Pantheon Fluminense*, como titulo para que seja admittido como socio correspondente do Instituto.

Do socio Visconde de Beaurepaire Rohan, communicando não poder comparecer á presente sessão.

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Graciano A. de Azambuja: *Annuario da provincia do Rio-Grande do Sul* para o anno de 1889.

Pelo secretario da *Imperial sociedade amante da instrucção* o seu *relatorio* do anno social de 1887 a 1888.

Pelo Sr. Miguel Lemos: a sua *Ortografia pozitiva*.

Pela *societé de géographie de Tours*: a sua *Revista*, 5.° anno, ns. 1 a 6.

Pela *Academia nacional de ciencias de Cordoba* a *entrega* 1.ª do tomo XI do seu boletim.

Pelas respectivas redacções os seguintes periodicos: *Gazeta da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Imprensa*, *Liberal Mineiro*, *Patria*, *Provincia do*

Espirito Santo, *Espirito-Santense*, *Diario Popular*, *Cachoeirano*, *Revista de Medicina*, *Le Nouveau Monde*, *Le Brésil*, *Etoile do Sud*, e *Boletim* da alfandega do Rio de Janeiro.

Pelo Sr. engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna: *Revista dos constructores*, anno II, n. 7.

Pelo socio Sr. Luiz Cruls: um exemplar do *Dictionnaire climatologique universel*.

ORDEM DO DIA

Lê o 1.° secretario o parecer da commissão de fundos e orçamento, que ficára sobre a mesa na sessão anterior, e é posto em discussão.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, impugnando a parte do parecer que se refere ao augmento do numero dos exemplares da *Revista do Instituto*, explica as causas que deram motivo a se reimprimirem os de alguns e entende, que bastam os mil exemplares do costume, e assim se decide, sendo approvado o dito parecer com essa emenda.

O mesmo Sr. Alencar Araripe apresenta e lê o balancete da thesouraria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro de Janeiro a Setembro do corrente anno de 1888, do qual se verifica, que ha um saldo de 5:047$276 sujeito a despezas que enumera, além das que se tem de fazer com a festa do jubileu, expediente, etc.

Além d'isso pondera, que convém supprimir-se o despendio, que se tem feito nos ultimos tres mezes com o empregado supra-numerario encarregado de auxiliar a preparação do catalogo do Instituto.

Lê o mesmo Sr. conselheiro a seguinte copia do *memorial*, que apresentára por parte do Instituto ao governo imperial pelo ministerio da fazenda.

Memorial. — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro deliberou consagrar em uma medalha a data gloriosa da lei de 13 de Maio de 1888, que declarou extinta a escravidão no Brazil, estampando em duradouro metal a effigie e o nome da Serenissima Princeza Imperial Regente, que encontrou no ministerio 10 de Março sufficiente energia e patriotismo para o emprehendimento generoso

da immediata libertação dos escravos, e consequente instituição do trabalho livre.

A medalha conterá de um lado a effigie da Augusta Princeza circulada pelo distico *D. Isabel Princeza Imperial Regente do Brazil* e do outro a inscripção *Lei 13 de Maio de* 1888, tendo em derredor o letreiro *Instituto Historico e Geographico Brazileiro.*

Devem ser cunhadas 2 medalhas de ouro, 50 de prata e 500 de cobre bronzeado.

O Instituto autorisou-me a solicitar do ministerio da fazenda ordem para serem cunhadas taes medalhas na casa da moeda, obrigando-se o mesmo Instituto a indemnizar o valor de todo o metal empregado na obra.

Espera o Instituto merecer este favor de S. Ex. o Sr. conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, sob cuja direção, como presidente do conselho de ministros, foi a lei votada no parlamento nacional.

Rio de Janeiro 8 de Outubro de 1888.—*T. de Alencar Araripe*, thesoureiro do Instituto.»

Em virtude d'este *memorial* o Sr. ministro da fazenda expediu ordem á casa da moeda para a cunhagem das medalhas, que já ficaram encommendadas. A esse proposito levanta-se uma discussão entre os Srs. Alencar Araripe, Cesar Marques, Severiano da Fonseca e Henrique Raffard acerca do numero das medalhas de prata, e fica assentado por fim que só se cunhariam por conta do Instituto 50 medalhas d'esse metal.

O Sr. presidente communica ao Instituto, que S. M. o Imperador designára a hora do meio-dia para a sessão solemne de 21 do corrente mez, da celebração do jubileu do Instituto, e que S. M. se dignará assistir a ella com S. M. a Imperatriz e SS. AA. a Senhora Princeza Imperial e o Sr. Conde d'Eu.

Convocada a presente sessão a pedido da commissão do jubileo, assenta-se no modo mais efficaz de ser a festa levada a effeito e que os discursos que se pronunciariam se limitariam aos do presidente, do 1.° secretario e do orador, como vem declarado no aviso aos socios, que está sendo publicado nos jornaes d'esta côrte.

Passando-se á

2ª PARTE DA ORDEM DO DIA

destinada á apresentação de trabalhos, o Sr. senador Escragnolle Taunay procede á leitura da parte de uma monographia sua intitulada *Indios Caingangs, Coroados do Paraná*, acompanhada de um vocabulario do dialecto de que usam.

Preenchida a hora e obtida a venia de S. A. o Sr. Conde d'Eu, levanta o Sr. presidente a sessão.

Dr. Teixeira de Mello,
2º. secretario interino.

Balancete da thesouraria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro de Janeiro a Setembro de 1888

RECEITA

Saldo de 1887	576$450
Subsidio do thesouro nacional (1º. e 2º. semestre de 1888)	9:000$000
Juros de apolices (2.º semestre de 1887 e 1.º de 1888	1:010$000
Prestações semestraes dos socios	612$000
Joia de entrada dos socios	140$000
Assignatura e venda da *Revista Trimensal*.	28$000
	11:366$450
Importancia arrecadada da subscripção do jubileo	100$000
	11:466$450

DESPEZA

Impressão da *Revista Trimensal*	2:576$000
Remessa da mesma *Revista* para o estrangeiro	293$000
Encadernação de livros	120$700
Compra de livros	20$000
Expediente	361$060
Vencimentos dos empregados	2:744$994
Porcentagem da cobrança	107$400
Eventuaes	196$020
	6:419$174
Saldo	5:047$276
	11:466$450

Observação.—Este saldo está sujeito ás seguintes despezas:

1.° Reimpressão do tomo 15 da *Revista Trimensal* de 1852, já feita.

2.° Impressão da 2.ª parte da *Revista Trimensal* de 1888.

3.° Cunhagem das medalhas commemorativas da lei de 13 de Maio de 1888.

4.° Dous armarios para guarda de manuscriptos, já feitos.

5.° Vencimento dos empregados nos mezes de Outubro a Dezembro.

Além de despezas do jubileu, expediente, etc., etc.

Rio 12 de Outubro de 1888.

T. de Alencar Araripe,
Thesoureiro do Instituto.

9.ª SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE OUTUBRO DE 1888

COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE E'EU

Presidida pelo Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. commendador Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Severiano da Fonseca, Barão Homem de Mello, Dr. Teixeira de Mello, Dr. Cesar Marques, Dr. Sacramento Blake, senador Escragnolle Taunay e Dr. Pinheiro de Campos, é annunciada a chegada do Sr. Conde d'Eu, que, recebido com as formalidades do estilo, toma assento, e o Sr. presidente, obtendo venia, abre a sessão.

Lida pelo 2.º secretario interino a acta da sessão extraordinaria de 12 do corrente, é sem observação opprovada.

O Sr. 1.º secretario interino dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios. — Do socio Antonio Borges de Sampaio, residente em Uberaba, enviando ao Instituto as obras seguintes:

1. *Padre Manoel Joaquim da Silva Guimarães*, por A. Borges de Sampaio, 1888. *Manuscripto.*

2. *Patrimonio da capella de São-Miguel do Verissimo, termo de Uberaba.* Pelo mesmo. 1888. *Manuscripto.*

3. *Decreto de 22 de Junho de* 1808 *sobre sesmarias.* Em parte *manusc.* 1888.

4. *Santistas illustres.* Por Tancredo Lucas. 1887.

5. *Biblias falsificadas.* Pelo Christão Velho. 1876.

6. *Filha das selvas.* Drama. Por Napoleão Baldi. 1886.

7. *Ophtalmia purulenta nas crianças recem-nascidas.* Pelo oculista Dr. David Ottoni, 1888. Com a

addição de conselhos ás mãis afim de livrarem seus filhos da cegueira. Pelo Dr. Neves da Rocha. copia *Mans.* da *Gazeta de Noticias* de 17 de Setembro de 1888.

8.° *Noticias do Instituto dos surdos-mudos do Rio de Janeiro*. 1876.

9. *Biblia do justo-meio da politica moderada*. Por F. A. Patroni Martins. Maciel Parente. 1835.

10. *Le Monde Illustré*. Carteira com 168 photogravuras de diversas partes do mundo.

11. *Lisboa-Créche*. Por David Corazzi. 1884.

12. *Almanack literario da provincia de São Paulo para* 1881. Por José Maria Lisbôa.

13. Almanak do *Correio da Europa*.

14. Primeiro centenario do Marquez de Pombal. Pelo « Club de regatas guanabarense ». 1882.

15. *D. Pedro II. Lithographia*.

16. *Homero. Idem*.

17. *Sapho. Idem*.

18. *No lago. Idem*.

19. *Morte de Marco Antonio. Idem*.

20. *Maldição de Caim. Idem*.

21. *A musica. Idem*.

22. *Cidade do Rio de Janeiro. Idem*.

23. *Fac-simile da declaração da independencia dos Estados Unidos em* 1776. *Idem*.

24. *Vinte annos de propaganda contra o emprego da palmatoria*. Por Abilio Cesar Borges. 1876.

25. *Supposto parentesco entre o homem e o macaco*. Pelo Dr. Manoel Polo y Peyrolon. 1881.

26. *Solesmes et Dom Gueranger*. Par le R. P. Dom Alphonse Guepim. 1870.

Do mesmo socio Borges de Sampaio, remettendo a photographia de D. Rufina Maria de Jesus em 1875, para ser collocada junto á pequena noticia que deu este anno ao Instituto do seu passamento e se acha em seguida á do fallecimento de seu marido o tenente-coronel Francisco Rodrigues de Barcellos.

Do socio correspondente Antonio José Victorino de Barros, communicando que se acha, ha mais de tres annos,

docente, sem poder sahir á rua, por isso não póde comparecer á solemnidade da celebração do quinquagenario do Instituto, mas que isso o não impedia de congratular-se com a associação por ter commemorado assim a auspiciosa data, no percurso da qual tem colligido preciosos subsidios para que « seja o nosso caro Brazil conhecido sob os bellos pontos de vista pre-historico, historico, geographico e ethnographico, tão necessarios ao estudo do americanismo ainda em começo. »

Do socio Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, datado de Barbacena a 12 de Outubro corrente, participando que recebêra o diploma de socio correspondente e pedindo um exemplar dos respectivos estatutos: deseja igualmente saber o meio de obter a collecção da *Revista Trimensal*.

Do socio Dr. Luiz Cruls, communicando que por motivo imperioso não póde assistir á presente sessão.

Do Sr. Dr. Henrique B. Moreno, ministro da Republica Argentina, declarando que recebêra o diploma de socio, que o Instituto passára ao Dr. Angel J. Carranza.

Do Sr. Dr. Blas Vidal, ministro da Republica Oriental do Uruguay, pedindo os fasciculos do volume 48 da *Revista do Instituto* para completar a collecção da *bibliotheca nacional de Montevidéo*, cujo director os reclama.

São recebidas as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. chefe de divisão Ignacio Joaquim da Fonceca: um exemplar do seu *Guia da instrucção de serviço da marinha alleman*, offerecido no dia da celebração do 50.° anniversario da fundação do Instituto, em regosijo por esse importante facto.

Pelo Sr. Estanislão S. Zeballos: *Descripcion amena de la Republica Argentina*, tomo III.

Pelo socio 1.° tenente José Egidio Garcez Palha, um exemplar da sua obra em via de publicação *Combates de terra e mar*, 1°. fasciculo, com gravuras.

Pelo Sr. Saturnino Ferreira da Veiga, os retratos

do Visconde de Itaborahy e de D. Manoel Joaquim da Silveira, arcebispo da Bahia. Ambos com moldura.

Pelo club de engenharia: os ns. 8 e 9 da sua *Revista Mensal*, 1888.

Pelas respectivas redacções: *Jornal do Recife*, *Trabalho*, *Étoile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe justifica o não comparecimento do Sr. senador Manoel Francisco Correia á festa commemorativa do jubilêo do Instituto e á presente sessão.

O Sr. Dr. Cesar Marques, a pedido de monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato, participa, que por doente não pôde comparecer á solemnisação do jubilêo do Instituto, e que, aggravando-se os seus soffrimentos, se viu obrigado a retirar-se para Barbacena em busca do restabelecimento da sua saude.

O Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos expôz, que por molestia, de que está ainda soffrendo, mas em menor escala, se viu impossibilitado tambem de assistir áquella festa.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, thesoureiro, declara, que, vendo o orçamento organizado para o corrente anno de 1888, notou, que no final d'elle se diz, que o Instituto possue 19 apolices de 1:000$ e 2 de 600$; por isso observa, que houve engano n'esta declaração, porquanto as apolices possuidas pelo Instituto são 19 em sua totalidade, sendo 17 de 1:000$ e 2 de 600$, como consta da nota dada por elle thesoureiro e impressa á pag. 314 da *Revista Trimensal* de 1887. Convém pois rectificar este engano, devido seguramente a lapso de penna.

O Sr. presidente communica, que a commemoração do quinquagenario do Instituto se effectuára, com era notorio, no seu dia proprio, 21 do corrente, com a possivel solemnidade, de que dá exacta conta a acta especial, que apresenta.*

Passando-se á

---

* Esta acta especial será impressa no volume consagrado á commemoração do jubileo.

ORDEM DO DIA

O Sr. presidente, referindo-se ás obrigações impostas pelos nossos estatutos aos vice-presidentes, segundo as tres ordens de trabalhos de que se occupa o Instituto, lê o officio, que n'esse sentido dirige aos Srs. 2.° e 3.° vice-presidentes, lembrando o cumprimento d'essa disposição regimental e a creação de mais duas publicações destinadas a auxiliar e completar a *Revista Trimensal*, exclusivamente consagrada a trabalhos historicos. Uma das publicação poderá ter por titulo: *Archivo Geographico*, subsidios para a carta geral do imperio; a outra o de: *Album ethnographico*, subsidios para conhecimento da ethnographia do Brazil.

Este officio vai transcripto na integra em seguida á presente acta.

Na 2.ª parte da ordem do dia conclue o Sr. senador Escragnolle Taunay a leitura da sua memoria *Indios Coroados do Paraná*, a qual tem de fazer parte do volume commemorativo do jubilêo do Instituto.

Preenchida a hora e obtida a venia de S. A., levanta o Sr. presidente a sessão.

Dr. Teixeira de Mello,
2°. secretario interino.

Officio

Secretaria do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brazileiro em 27 de Outubro de 1888.

Illm. Exm. Sr.

Lá vão cincoenta annos, que persiste o nosso Instituto Historico e quasi que exclusivamente se tem occupado com a parte historica.

Dividindo-se o Instituto em tres secções como são as de historia, geographia e ethnographia, não se tem

attentado a essas divisões e nem uma das secções de geographia e ethnographia se tem occupado com os dous ramos, que lhes pertencem, dando a importancia que convem a cada um d'elles e facilitando a publicação de seus trabalhos.

Cumpre levantar o nivel de nossos estudos e começarmos a impressão dos documentos relativos a essas secções, pois nem esses documentos devem ficar desconhecidos, nem essas secções conservarem-se como méras creações phantasticas de nossos estatutos.

E' pois da maior necessidade crearmos mais duas publicações, que auxiliem a *Revista Trimensal*, continuando esta como até aqui a occupar-se com os trabalhos descriptivos ou escriptos, sendo as duas novas publicações destinadas aos estudos graphicos e aos desenhos ethnographicos, sob differentes titulos, competindo os dirigidos por V. Ex. o seguinte ou outro que julgue mais conveniente: *Archivo geographico*, subsidios para o conhecimento da geographia do imperio. Publicação auxiliar á *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brazileiro*.

Para levarmos a effeito esta complementar empreza devem reunir-se as commissões respectivas sob a presidencia de V. Excellencia e tratarem de regularisar a impressão dos trabalhos graphicos, escolhendo o formato e o numero de paginas e designando a escala da reducção geographica para os mappas, quando não possa realisar-se na escala adoptada pelos seus autores por causa de grandes dimensões, que façam augmentar despezas além das forças de nossas finanças. Dos trabalhos da sua secção convém, que V. Excellencia informe ao Instituto durante as suas sessões.

Rogo por tanto a V. Excellencia, que, ouvidas as commissões respectivas convocadas sob a sua presidencia, as quaes podem reunir-se n'esta associação em dias e horas combinadas entre as secções, apresente o mais brevemente possivel o prospecto a adoptar-se e o modo de realisar-se a publicação, e bem assim o orçamento das despezas necessarias afim de ser tudo trazido ao conhecimento do Instituto Historico para obter-se a necessaria autorisação.

Com mais este relevantissimo serviço, junto a tantos outros devidos ao patriotismo de V. Excellencia, muito lucrará o Instituto Historico, tornando-se de maior merecimento aos olhos do mundo scientifico e de mais evidente utilidade e proveito á nossa cara patria.

Deus guarde a V. Excellencia.—Illm. Exm. Sr. *Visconde de Beaurepaire Rohan*, 2.° vice-presidente do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brazileiro e chefe da secção geographica.

J. N. de Souza Silva,
presidente.

10.ª SESSÃO ORDINARIA CELEBRADA EM 9 DE NOVEMBRO DE 1888

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva.

A's 7 horas da noite, presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro, Barão Homem de Mello, Barão de Capanema, Dr. Cesar Marques, Dr. Alfredo Piragibe. Henrique Raffard, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, e Dr Teixeira de Mello, o sr. presidente abre a sessão e procede-se á leitura da acta da ultima sessão, a qual é sem debate approvada.

O sr. 1.° secretario interino dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Sr. 3.° vice-presidente do Instituto Dr. Machado Portella, remettendo cópia autentica dos seguintes documentos: o primeiro regimento sobre minas e « *patente de capitão passada a Claudio Gurgel para reconstruir de pedra e cal o forte de N. Senhora da Gloria na praia da Carioca.*

Do socio Antonio Borges de Sampaio, residente em Uberaba, remettendo para a bibliotheca do Instituto as obras seguintes:

1. *Viage pitoresca por los rios Paraná, Paraguassú San-Lorenzo, Cuiabá, y el Arino, tributario del grande Amazonas, con la descripcion de la provincia de Máto Grosso*, por el C. Bartolomé Bossi. 1863.

2. *Paris-Guide* em 1867. Em 2 vols.

3. *Paris* em 1866. Mappa topographico colorido, servindo de auxiliar ao *Paris-Guide*.

4. Alguns numeros do *Recreador Mineiro*, periodico publicado em Ouro-Preto, 1846.

5. *Revista Industrial* publicada em Nova York por José Carlos Rodrigues nos annos de 1877 a 1879.

Do mesmo socio Borges de Sampaio, indagando si o Instituto possue a lithographia, que representa o acto do juramento da Constituição prestado pelo primeiro imperador, cópia, segundo parece, do exemplar que possue, do quadro *pintado por Henrique José da Silva, pintor da camara de S. M. I. e director da imperial academia das bellas artes do Rio de Janeiro*. Não a possuindo o Instituto, elle enviará o exemplar que possue, adquirido com difficuldade, ha cerca de 30 annos.

Do secretario do *congresso literario Gonçalves Dias*, convidando o Instituto para se fazer representar na sessão solemne de 3 do corrente mez.

Do Sr. Gabriel Victor do Monte Pereira, director da bibliotheca nacional de Lisboa, accusando o recebimento do 3.° e 4.° fasciculos da *Revista Trimensal* de 1887.

Do Sr. Marquez de Paranaguá, accusando o recebimento do seu titulo de socio correspondente do Instituto, e agradecendo a sua remessa.

OFFERTAS

Pelo Sr. Pedro Francisco Corrêa de Araujo:

1. *Esboço chrono-synoptico da marcha governamental e economico-financeira do Brasil* de 1822 até 1888;

2. *Le grand Dictionnaire historique, généalogique, géographique*, etc., par Mr. Louis Moreri. Nouvelle et derniére édition. Paris. *Le Mercier*. 1732. 8 vols. in-folio (sendo dous de supplemento) com o retrato do autor e frontispicio gravado. (Encadernados).

Pelas sociedades de geographia de Berlin e Bordéos: os seus *Boletins*.

Pela Real Academia de Historia de Madrid: o seu *Boletim*.

Pelo club de engenharia: a sua *Revista*.

Pelas respectivas redações: *Gazeta da Bahia*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal da Parahiba*, *Diario Popular* (São-Paulo), *Provincia do Espirito-Santo*, *Baependiano*, *Cachoeirano*, *Liberal Mineiro*, *Imprensa*, *Patria* (Niteroi), *Immigração*, *Publicador Goiano*, *Revista de Medicina*, *Étoile du Sud* e *Nouveau Monde*.

Pela redacção: *Archivo dos Açores*, publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana.

ORDEM DO DIA

O Sr. Henrique Raffard communica, que comparecêra por parte do Instituto á sessão solemne do congresso literario Gonçalves Dias, a que entretanto não assistira, mas assignára o respectivo livro de presença. A respeito d'essa commissão e de outras entende, que devem ser mais numerosas, para que não falhem, como tem succedido.

O mesmo Sr. Henrique Raffard aproveita o ensejo para esclarecer o Instituto acerca do andamento, que dera ás duas commissões de que se encarregara, uma relativa aos meios auxiliares da despeza para a festividade do jubilêo, e a outra relativa á subscripção entre os socios a favor da viuva do Dr. Franklin Tavora, de ambas as quaes se exonerára; suscitando-se a respeito dos motivos que tivera para resignar a primeira uma discussão entre o mesmo senhor e o 1.º secretario, a qual termina pela resolução tomada pelo Instituto quanto á primeira de

entregar as quantias arrecadadas ao Sr. thesoureiro, e quanto á segunda, de entregar as que recolhêra ao Sr. visconde de Beaurepaire Rohan, que se encarrega de as fazer chegar ao seu destino.

O Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro recorda, que, para a commemoração da *Lei de 13 de Maio* d'este anno, que acabou com a escravidão no Brazil, tomára o Instituto resoluções relativas á cunhagem de uma medalha especial e á publicação de uma memoria destinada a conter não só a historia do elemento servil entre nós, mas todos os actos concernentes áquella lei e que ficasse como um monumento perduravel para attestar o grandioso acto perante as gerações futuras. Sabe, que se estão cunhando as medalhas, mas deseja saber o que ficou resolvido e se tem feito quanto á memoria. O Sr. presidente declara, que ainda não foi escolhida a pessoa ou commissão encarregada de a escrever, mas que vai providenciar com brevidade a esse respeito, tendo em attenção a magnitude do assumpto.

Na 2.ª parte da ordem do dia o Sr. Dr. Cesar Marques lê o seu estudo critico sobre o manuscripto *America abreviada, suas noticias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, titulos, contendas, e instrucções á sua conservação e augmento muito uteis.* Pelo Padre João de Souza Ferreira. Lisboa, 1693.

O Sr. Barão Homem de Mello lê a sua memoria intitulada: *Escursões geographicas, Ascenção ao Itatiaia em Junho de* 1876, que tem de fazer parte do volume commemorativo do jubilêo do Instituto.

Inscrevem-se o Sr. Dr. J. Severiano da Fonseca para lêr na proxima sessão o seu trabalho historico: *Novas investigações sobre Mato-Grosso*, e o Sr. Dr. Teixeira de Mello para fazer a leitura da biographia, que escrevêra, do conselheiro José Bernardino Baptista Pereira de Almeida.

Preenchido o tempo, o Sr. presidente levanta a sessão.

Dr. Teixeira de Mello,
2º. secretario interino.

11ª. SESSÃO ORDINARIA CELEBRADA EM 23 DE NOVEMBRO DE 1888

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Ás horas do costume, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, J. Severiano da Fonseca, Alencar Araripe, Cezar Marques, Sacramento Blake, Barão Homem de Mello, Barão de Capanema, Machado Portella, Henrique Raffard, Alfredo Piragibe, Pinheiro de Campos, Teixeira de Mello e mais tarde o Sr. commendador José Luiz Alves, o Sr. presidente abre a sessão e procede-se á leitura da acta da sessão anterior, que é sem discussão approvada.

Constando achar-se na sala immediata o Sr. José Luiz Alves, socio ultimamente eleito, o Sr. presidente encarrega os Srs. Henrique Raffard e Sacramento Blake de irem em commissão recebel-o. Introduzido com as formalidades do estilo, toma assento o novo socio, que pronunciou o seguinte discurso e a que responde, por parte do Instituto o Sr. Barão Homem de Mello, nomeado pelo Sr. presidente orador *ad hoc*.

SENHORES ! Sem um nome conhecido na arena da literatura e nos vastos dominios da historia, sem a pujança do talento, esse dom precioso que o Creador outorgou aos entes predestinados, e sem o habito de falar nos grandes auditorios, não posso evitar prender-me nos enleios da mais viva perturbação por ter de servir-me da palavra n'este recinto, onde ainda parecem resoar os écos peregrinos das vozes eloquentes de eximios e laureados oradores, distintos pela magnitude do saber nos variados ramos dos conhecimentos humanos, para por este meio

patentear o meu reconhecimento, agradecendo aos illustres membros d'esta respeitavel associação a subida honra, que me fizeram, incluindo o meu nome humilde e obscuro entre os dos illustres socios correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, uma das mais imponentes das instituições scientificas e literarias d'este vasto paiz, que a Divina Providencia descortinou aos olhos de Cabral, quando em 1500, deixando as ribas do Tejo para seguir a derrota do Gama em demanda do berço d'Aurora, o veio arrancar das tumbas do Sol.

Mal pensava eu em 1867, quando por amor da historia, que é a mestra da vida na frase elegante de Cicero, e da tradição que é, na de Lacordaire, o liame que ata o passado ao presente, publiquei nas columnas do *Correio Mercantil* uma serie de artigos pobres de estilo, e despidos das galas sumptuosas da erudição, afim de rememorar os grandiosos serviços do clero secular e regular do Brazil, e lamentar a decadencia d'esses claustros, onde floresceram tantas intelligencias superiores, que ali dormem hoje o somno eterno, debaixo das abobadas tristes e sombrias do dormitorio da Morte, e salientar a opulencia dos nossos oradores sagrados, maxime d'aquelles que entre o crepusculo do seculo XVIII e a aurora brilhante do seculo XIX com os arroubos da mais seductora eloquencia e rara facundia, do alto dos pulpitos, tanto realce e brilho deram ás festas da religião e da patria, e que quaes serêas tiveram o magico poder de encantar a el-rei D. João VI, e aos magnatas de sua côrte, quando aqui se abrigaram da espada triunfadora do Gigante do Ajacio, que cingido dos louros de mil batalhas sentava-se triunfante no solio de S. Luiz, ainda purpureado pelo sangue do rei justo e piedoso, que alagou e tingiu o solo da patria de Bossuet, Montalambert e Chateaubriand, invadindo com suas aguias vencedoras os dominios da corôa luzitana, que esses escriptos, 21 annos depois, fôssem o talisman, que de par a par me abrissem as portas d'esta illustre corporação, que de dia para dia cresce, prospera e floresce, graças á valiosa coadjuvação de tantos sabios e á decidida protecção que recebe de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, que nas horas do

laser, que lhe sobram da ingrata e espinhosa tarefa de dirigir os destinos d'este vasto imperio, promove com tanta dedicação e amor o engrandecimento das sciencias, das letras, das artes e das industrias, que são de certo o mais doce lenitivo ás agruras causadas pelo peso desmarcado da corôa da realeza, que sobre sua fronte rebrilha por entre os virentes e frondosos louros do diadema da sabedoria.

Agradeço pois com a effusão do mais vivo reconhecimento aos illustres membros d'esta sabia instituição a subida honra, que me conferiram de sentar-me em uma d'estas cadeiras, que no longo periodo de meio seculo tem sido dignamente occupadas por tudo quanto ha de grande e de illustre no santuario da sabedoria, tanto no velho como no novo-mundo.

Aqui resplandeceram as notabilidades do episcopado ; as aguias da tribuna sagrada, da parlamentar, e da judiciaria ; os valentes pregoeiros do Evangelho ; os principes da diplomacia e da magistratura ; os incansaveis investigadores da historia patria, e os descortinadores dos segredos do reino vegetal e mineral ; as sumidades das sciencias exactas ; os discipulos de Hipocrates e de Galeno ; os dilectos filhos das Muzas, os luzeiros do jornalismo, os apostolos fervorosos da instrucção publica, invictos e laureados guerreiros, e os mais destemidos e arrojados nautas, e finalmente os estadistas da mais vasta nomeada.

Entre tanta magestade scientifica o que poderá prometter aquelle que junto dos illustres membros d'esta associação é similhante á folha da hera ao pé do leque da palmeira, a haste debil do lirio junto dos gigantes das florestas, a siriema n'um viveiro de rouxinóes?

Si porém o esforço, a dedicação e a bôa vontade podem supprir o fulgor da intelligencia, que é o élo da cadèa misteriosa, que une a creatura ao Creador, na coadjuvação da ingente tarefa de promover o engrandecimento d'esta util instituição, prompto estarei a concorrer com as minhas fracas forças sem nunca desanimar ou esmorecer.»

Passando-se ao

EXPEDIENTE

O Sr. 1.º secretario interino lê um *officio* do secretario perpetuo do Instituto Archeologico Geographico Alagoano, Dr. Luiz Joaquim da Costa Leite, datado de 6 de Novembro corrente, lamentando a perda dolorosa que soffreu este Instituto e soffreram as letras patrias com a inesperada morte do Dr. João Franklin da Silveira Tavora e transmittindo ao Instituto as condolencias da associação por esse triste acontecimento.

E dá conta das seguintes

OFFERTAS

Pelo socio tenente-coronel Borges de Sampaio, de Uberaba: *Centenario e vida do Marquez de Pombal*; *Acclimatação de dromedario nos sertões do norte do Brazil*; *Instrucção agricola e o trabalho livre— Exposição ao poder legislativo*; *Noticia descriptiva do municipio de Macahé* pelo Dr. João José Carneiro da Silva, 1881; *O segredo da maçonaria*; *Doze de Agosto*, revista luso-brasileira, 10.º anno 1865, ns. 1 a 48.

Pelo Dr. Antonio de Paiva: o seu *Etude diplomatique sur la troisième coalition*.

Pelo secretario da companhia sud-americana de bilhetes de banco: *Los presupuestos, los recursos y las leyes de impuestos de la nacion*; *Las 14 provincias y les principales municipalidades. Año* 1887.

Pelas sociedades de geographia commercial de Madrid, Americana, Italiana, de Antuerpia: os respectivos boletins.

Pela Academia nacional de ciencias de Cordoba: *idem*.

Pela redacção da revista italiana *Il Brasile*, publicada n'esta côrte: o seu fasciculo n. 11, anno II, contendo

a noticia da sessão commemorativa do quinquagenario do Instituto, com os discursos officiaes então pronunciados traduzidos em italiano.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia*, *Jornal da Parahiba*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular* (São-Paulo), *Liberal Mineiro*, *Imprensa*, *Gazeta de Mogimirim*, *Patria* (Nictheroy), *Publicador Goiano*, *Espirito-Santense*, *Provincia do Espirito Santo*, *Trabalho*, *Revista de Medicina*, *Bibliographia Brasileira*, *Étoile du Sud*, *Le Nouveau Monde*, *Le Brésil* (Paris), e o *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

Pelo socio senador Taunay : o seu discurso proferido na sessão de jubileu do Instituto Historico a 21 de Outubro de 1888.

Pelos editores, residentes na Bahia, por intemedio do Dr. Cezar Marques : um exemplar do *Calabar*, drama em 5 actos, em versos, por Agrario de Souza Menezes, nova edição. 1888.

O Dr. Severiano da Fonseca, em nome do Sr. commendador João Lopes Carneiro da Fontoura, offerece ao Instituto uma copia antiga do *Compendio Historico* do juizo que formou o Marquez de Pombal das 17 cartas conteúdas na collecção e estampadas em Londres no anno de 1777.

Passando-se á

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Severiano da Fonseca lê um protesto, que apresenta ao Instituto e vai integralmente transcripto no fim da presente acta, relativo a topicos do livro do Sr. Carlos Steinen, que, sob o titulo *Na gemma do Brasil*, está publicando em suas columnas a *Gazeta de Noticias*, em que é elle accusado de, no seu livro *Viagem ao redor do Brasil*, ter-se aproveitado de tres planos topopraphicos do Sr. João Augusto Caldas, de Cuiabá; o que é inteiramente inexacto, como já fez sentir directamente, por carta, áquelle senhor e demonstra desenvolvidamente perante o

Instituto. Não é tambem verdade, que tivesse elle attribuido ao sabio e operoso Leverger, Barão de Melgaço, o descobrimento da viagem de Peixoto de Azevedo ao Paranatinga; quando, o que asseverára foi, que o Barão de Melgaço fôra o primeiro em restabelecer a verdade geographica, de que esse rio é affluente do Tapajós e não do Xingú. Faz portanto este protesto em attenção ao juizo dos competentes e do proprio Sr. Carlos Steinen, a quem o Sr. João Augusto Caldas ou faltou completamente á verdade nas informações, que por ventura lhe deu, ou foi mal comprehendido pelo illustre viajante.

O Sr. presidente communica ao Instituto o fallecimento do consocio Barão de Catuama nos termos seguintes:

« Senhores ! O Instituto Historico perdeu um dos seus mais antigos socios correspondentes.

«O illustre conselheiro João José Ferreira de Aguiar, Barão de Catuama, faleceu na cidade do Recife ás 4 horas e meia da tarde do dia 18 do corrente. Era nosso consocio desde o anno de 1845. Distinguiu-se na magistratura, cuja carreira interrompeu para entregar-se á politica e ao magisterio superior, na qual concluiu a sua missão e jubilou-se. Administrou algumas provincias como seu presidente.

«Os seus correligionarios o respeitavam como um dos homens mais eminentes do partido conservador, e não obstante achar-se alquebrado pela diminuição das forças vitaes, ainda se comprazia em prestar reaes serviços á causa publica.

« Peço, que se insira na acta um voto de pezar.»

O Sr. Dr. Severiano da Fonseca offerece ao Instituto copia de uma memoria intitulada *Brazões das cidades de Cuiabá e de Mato-Grosso* e lê a parte d'ella que tem por titulo : *Auto da fundação da Villa-Bella da Santissima Trindade de Mato-Grosso,* aos 19 de Março de 1752.»

Os Srs. Drs. Cezar Marques e Sacramento Blake inscrevem-se para na proxima sessão lerem trabalhos, que para esse fim escreveram.

O Dr. Teixeira de Mello lê a biographia do conselheiro José Bernardino Baptista Pereira de Almeida,

integro ministro da fazenda e da justiça no primeiro reinado, fallecido a 29 de Janeiro de 1861 aos 78 annos de idade; e o Sr. Barão Homem de Mello lê a parte das suas *Excursões geographicas*, que têm por titulo *Ascenção ao Itacolomi*; com o que dá o Sr. presidente por terminada a sessão.

DR. TEIXEIRA DE MELLO,
2.º Secretario interino.

AO INSTITUTO HISTORICO

No livro de Carlos Steinen, que a *Gazeta de Noticias* vai publicando sob o titulo de *Na gema do Brazil*, li uma queixa do Sr. João Augusto de Caldas, Cuiabá, de que eu me aproveitára de tres planos topographicos seus, para o meu livro *Viagem ao redor do Brazil*, sem declarar-lhe a autoria; e tambem reclamando para si o *descobrimento da viagem de Peixoto de Azevedo ao Paranátinga*, que attribue ao Barão de Melgaço. Attonito com esses protesto de possoa, que me é inteiramente desconhecida, escrevi com endereço a esse Sr. João Augusto Caldas, em Cuiabá, sobre tal assumpto; e não tendo tido ainda resposta e estando a terminarem os trabalhos annuaes do Instituto, não quero deixar duvidoso tão extraordinaria e estolida occurrencia.

A primeira reclamação é inteiramente phantastica. Os desenhos d'aquelle livro procedem de quatro origens: 1.º croquis do autor copiados do natural; 2.º idealisações apenas para illustração da obra; 3.º copia de photographias e lithograqhias que correm no mundo, ou de retratos originaes; e 4.º desenhos extranhos, cuja publicação foi graciosamente concedida por seus autores.

Nenhum d'elles pertence ou *póde* pertencer ao Sr. João Augusto Caldas. Está me parecendo, que os tres *planos*, a que se refere, são os das cidades de Mato-Grosso, de São-Luiz de Caceres, e Corumbá. Este é a copia de uma vista

photographica, que possuo ; aquellas foram-me mandadas pelo major José Gomes da Silva Coqueiro, que exercen o cargo de engenheiro agrimensor da provincia. Este agrimensor acompanhava-se de um moço (e dahi me veio a conjectura) tambem chamado Caldas,e que era o seu portador de instrumentos. Si aquelle Sr. Caldas é este mesmo, o querer dahi subir a autor dos planos é o caso da mosca da fabula, que dava movimento ao carroção.

A segunda reclamação é simplesmente uma enormidade. Quem iria attribuir ao Barão de Melgaço uma tal bernardice ? O que eu digo, em relação á viagem de Peixoto de Azevedo no Paranatinga é, que o Barão de Melgaço foi o primeiro a restabelecer a verdade geographica de que esse rio é affluente de Tapajoz e não do Xingú.

Ora, na publicação d'essas inverdades, Carlos Steinen assume uma posição menos correcta para um escriptor e mais que tudo homem de sciencia. Não lhe póde ficar bem o deixar em suspenso essa accusação de plagio, que facil lhe seria destruir : como não lhe fica, a elle pesquisador da topographia de Mato-Grosso, os trabalhos do Barão de Melgaço ; e facilimo lhe era restabelecer a verdade, desde que dava publicidade á tal sandice, com o que leu á pag. 81 do 1° volume da *Viagem ao redor do Brazil*.

Accusação de plagios não póde ser despresada, mesmo quando partidas de fontes desconhecidas e sem responsabilidade moral. Estive em Mato-Grosso tres annos, e desde então vão dez que conservo relações constantes na provincia. Com excepção do sabio e operoso Barão de Melgaço, nunca eu soube e comigo quantos ali têm relações, que houvesse lá quem se dedicasse a estudos de geographia e historia. O Sr. Caldas, do major Coqueiro, era um moço sem preparo algum scientifico nem literario ; não tinha geito, probabilidade nem meio de converter-se em tão poucos annos n'esse sabio, unico homem da provincia que conhece da sua historia e geographia. Não póde ser o mesmo, e assim apresentando-o Carlos Steinen, geographo e escriptor, dá-lhe imputabilidade. N'esse caso, sómente, cabe o meu protesto, que sou forçado a fazer, dizendo simplesmente que o Sr. João Augusto Caldas, de Cuiabá, faltou completamenle á verdade nas suas

asserções a Carlos Steinen. Quer-me parecer porém, que este tomou a nuvem por Juno, e isto por ainda não entender bem o portuguez; do contrario em uma conversa scientifica podia assegurar-se, si o seu interlocutor era mesmo um geographo, ou apenas o usufruidor do espolio scientifico d'aquelle venerando e incansavel investigador da historia e geographia mato-grossense.

Sala das sessões do Instituto 23 de Novembro de 1888.

Dr. João Severiano da Fonseca.

12ª. SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE DEZEMBRO DE 1888

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, commendador Machado Portella, Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard, senador Escragnolle Taunay, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Cesar Augusto Marques, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, Dr. Alfredo Piragibe, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, commendador Luiz Cruls e José Luiz Alves, o Sr. presidente abre a sessão e convida para servir de 2°. secretario o Sr. Henrique Raffard que procede á leitura da acta da sessão antecedente, a qual é approvada sem observação.

Communicando achar-se em uma sala immediata, o Sr. Marquez de Paranaguá, ultimamente proclamado socio correspondente do Instituto, onde se apresenta pela primeira vez, o Sr. presidente nomeia os Srs. Dr. Cesar A. Marques e Dr. Alfredo Piragibe para introduzir o socio recipiendario na sala da sessão.

Recebido com as formalidades do estilo, o Sr. Marquez de Paranaguá, obtendo a palavra, pede desculpa pela demora do seu comparecimento, devido aos trabalhos

parlamentares, por isso só agora lhe é dado manifestar seu contentamento e seu vivo reconhecimento pela honra que o Instituto lhe conferio em attenção, sem duvida, ao seu cargo de presidente de uma associação congenere — a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Continuando, demonstra que ambas foram creadas com o mesmo fim — o estudo da Geographia tão util para o paiz e portanto a sua admissão na Instituto é mais um laço de contraternidade entre as duas associações.

Desvanecendo-se de pertencer a uma asssociação tão distincta e util, que tem sabido corresponder a seus intuitos, preenchendo as vistas dos seus instituidores sob o efficaz patrocinio de Sua Magestade o Imperador, congratula-se pela prosperidade do Instituto, fazendo votos para que continue a estreitar mais os laços que o ligam á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Como orador do Instituto responde o Sr. senador Escragnolle Taunay, que externa seu jubilo pelo comparecimento do Sr. Marquez de Paranaguá, e dando-lhe as bôas vindas, memora os serviços, que tem prestado aos grandes interesses da patria, dizendo que d'estes obreiros, que têm dado de si tantas provas, é que precisa o Instituto.

Não ha, em todo o Imperio, quem desconheça a bôa vontade e o patriotismo de que se achava animado o senador Marquez de Paranaguá nos altissimos cargos que tão brilhantemente tem occupado; sendo tambem bem conhecida de todos a cordura da indole de S. Ex. e a amenidade de seu trato que a todos attrae, predicados muito preciosos em uma instituição, onde domina uma tranquillidade que ás vezes póde degenerar em monotonia.

Continuando o Sr. senador Escragnolle Taunay, faz resaltar o importante serviço prestado pelo Sr. senador Marquez de Paranaguá, deixando-se collocar á frente do movimento que quebrou os liames com a metropolis, fundando a Sociedade de Geographia do Rio Janeiro, da qual o Brazil inteiro tem muito a esperar, sobresahindo os serviços que prestará á exposição de geographia sul americana, que proximamente se realizará n'esta côrte, cumprindo não esquecer a alta valia dos serviços já prestados

entre os quaes se destacam: a vinda do meteorito do Bendegó para o Museu Nacional, as conferencias do Dr. Carlos von den Steinen sobre a exploração do rio Xingú, a presença do conselheiro Ladislau Neto no congresso de Berlim, a organização e partida da commissão militar para estudar diversos pontos da provincia do Mato-Grosso, sem esquecer a publicação da *Revista*, que dentre em breve será valioso repositorio.

O Instituto Historico e Geographico do Brazil, devassando o passado e a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, aclarando pelo estudo do futuro, estreitam-se em um verdadeiro amplexo de sciencia e patriotismo, cooperando mutuamente para a grandeza da patria.

Felicita-se pois com o Instituto pela obstenção de tão illustrado e patriotico collaborador como o Sr. Marquez de Paranaguá.

Para agradecer, faz uso de novo da palavra o Sr. Marquez de Paranaguá, que por si e em nome da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, agradece ao orador do Instituto as benvolas palavras que a ambos dirigio, e terminando pede o concurso do Instituto não só para o brilhantismo da proxima exposição de geographia sul-americana, como para o estudo da geographia em geral.

O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, 2°. secretario, communicando não poder comparecer na sessão por incommodo de saude.

Do socio capitão de fragata José Candido Guillobel, enviando duas medalhas para o museu do Instituto, sendo uma commemerativa da independencia do Brazil com a effigie de José Bonifacio de Andrada e Silva, o patriarca, e a outra mandada cunhar pelos Suissos residentes no Rio de Janeiro em honra dos Srs. Rigaud e Mannard deputados á dieta de 1838.

Do 3°. vice-presidente do Instituto Dr. Joaquim Pires Machado Portella, enviando a cópia do *Registro da provisão dos privilegios que gozam os cidadãos d'esta cidade.*

Do presidente da provincia de Sergipe Dr. Francisco de Paula Prestes Pimentel enviando a *fala* com que abrio a sessão extraordinaria da assembléa legislativa da dita provincia.

Da redacção do *Boletim do Club Naval*, enviando o seu 1°. numero e pedindo a permuta.

OFFERTAS

Pelas sociedades de geographia de Bordeaux, de Greisswald e instituto geographico argentino: *Boletins.*

Pela sociedade archeologica Drutra; secretaria de instrucção publica da republica de Costa-Rica, e club naval: *Boletins.*

Pela redacção *El Monitor de la educacion commum*, Buenus-Aires, 15 de Novembro de 1888.

Pelas respectivas redacções: *Diario Popular, Liberal Mineiro, Jornal do Recife, Gazeta de Mogimirim, Cachoeirano, Baependiano, Publicador Goiano, Provincia do Espirito-Santo, Le Nouveau Monde.*

O Sr. 1°. secretario faz leitura da proposta para o orçamento do anno de 1889 apresentado pelo Sr. thesoureiro e procede depois á leitura do parecer seguinte:

PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

« A commissão de orçamento, nomeada interinamente, examinou a nota apresentada pelo distincto consocio thesoureiro d'esta associação e é de parecer que seja votado o orçamento na conformidade da mesma nota substituindo, porém, o § 2 do art. 2, que trata da reimpressão de revistas esgotadas pelo seguinte: Impressão do catalago da bibliotheca 1:600$000.

«Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Brazil, 7 de Dezembro de 1888.—*Henri Raffard.* Dr. *Cesar Augusto Marques. José Luiz Alves.*»

O Sr. presidente communica, que, estando impossibilitados por diversas circumstancias os membros da respectiva commissão, nomeou uma commissão *ad hoc* para confeccionar o presente parecer e convida a ser dispensado o intersticio e discutir-se o parecer em razão de ser a ultima sessão do anno.

O Sr. thesoureiro apresenta algumas cnsiderações e concorda com a modificação proposta pela commissão de fundos e orçamente e por elle thezoureiro indicada perante a mesma commissão.

Não havendo mais quem pedisse a palavra o Sr. presidente dá por encerrada a discussão e posto a votos é approvado o parecer da commissão.

O Sr. senador Escragnolle Taunay pergunta a respeito da cunhagem das medalhas commemorativas da lei de 13 de Maio.

O Sr. thesoureiro respondendo, declara, que as medalhas poderão ficar promptas para 13 de Maio futuro, segundo o que assegura o gravador; não podendo o trabalho realizar-se até 15 do corrente mez, como desejavamos, em consequencia da conveniencia de gravar-se de novo a effigie de S. A. a princeza imperial, visto como a gravura existente representava a effigie em idade muito anterior á epoca actual, e lembra para a distribuição d'estas medalhas o primeiro anniversario da aurea lei; o que foi resolvido pelo Instituto.

O Sr. senador Escragnolle Taunay, pede a palavra para observar, que os diversos ministerios têm verba para assignaturas de jornaes, costumando tomar muitas, e portanto o Instituto para augmentar suas rendas poderia obter dos 7 ministerios certo numero de assignaturas da nossa *Revista*, sendo fornecida a cada um a collecção completa d'esta publicação, que seria de grande utilidade para as respectivas secretarias.

O Sr. thesoureiro não recusa desde já a lembrança e reserva-se para em tempo fazer reflexões sobre as duvidas, que ella suggere ao seu espirito.

O Sr. Dr. Cesar Marques, entende ser muito bôa a proposta do Sr. senador Taunay, porém sendo esta a ultima sessão do anno, acha conveniente aguardar a primeira do anno vindouro para a sua discussão. Posto a votos é approvado o adiamento.

O Sr. senador Escragnolle Taunay, dando conta da commissão nomeada para em nome do Instituto ir comprimentar S. M. o Imperador no dia 2 de Dezembro, participa ter pronunciado a seguinte allocução:

« Senhor! Ainda quando não fôsse um dos seus mais gratos deveres regimentaes, não podia o Instituto Historico e Geographico Brazileiro deixar de comparecer hoje ante a augusta presença de Vossa Magestade Imperial afim de lhe offerecer a homena em de seus respeitosissimos comprimentos e ardentes felicitações pelo anniversario natalicio, que o Brazil inteiro festeja na expansão do mais entranhado affecto e cordial sinceridade.

« No volver do tempo, appresenta-se com effeito, esta solemne commemoração em condições tão excepecionaes, depois das angustiosas vicissitudes por que todos nós passamos, que ella adquire valor inestimavel e nos impelle á manifestação de caracter especial e só proprio das grandes occasiões.

« Momentosos acontecimentos já pertencem, embora bem recentes, ás mais importantes e commovedoras paginas da nossa historia e entre esses avultas, de certo, a gravissima crise a que foi sujeito o esplendido e privilegiado organismo de Vossa Magestade e que pôde ser por elle quasi milagrosamente salvo.

« Tanto precisa o Brazil, tanto necessitamos todos da presença do inclito monarcha americano e do precioso influxo que decorre da illustração do seu larguissimo espirito e das luzes da sua longa e san experiencia, que alçamos exultantes graças aos céos por termos podido alcançar este dia significativo e o momento da presente saudação.

« Assim a este se juntem muitos annos ainda e certamente a Patria que já tamanhas difficuldades venceu, graças ao bom senso do povo brazileiro, identificado sempre com o seu primeiro e mais glorioso representante,

marchará á conquista do futuro e aos altos destinos, que lhe são reservados com passo firme e accelerado, fugindo de aventurosas e aleatorias emprezas e mantendo-se adstricta ao regimen, em que todos os cidadãos encontraram n'esta parte do mundo e a mais de meio seculo— paz, honra e liberdade.

« Taes são, Senhor, os votos, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro deposita ante o throno de Vossa Magestade como leal e intimo preito dos mais patrioticos intuitos e da extremecida e filial gratidão que consagra ao seu protector perpetuo, o egregio imperador do Brazil Senhor D. Pedro II. »

O Sr. senador Escragnolle Taunay acrescenta, que Sua Magestade dignou-se responder, que agradecia muito as congratulações do Instituto Historico, e o Sr. presidente declara, que a resposta de Sua Magestade é recebida com todo o respeito e muito especial agrado.

LEITURA

O Dr. João Severiano da Fonseca, obtendo a palavra, faz leitura do seu trabalho : *Novas Investigações sobre a provincia de Mato Grosso.*

O Sr. presidente communica, que fará annunciar os dias da sessão magna e da sessão de eleições, após o que levanta a sessão.

Henri Raffard.
Servindo de 2º. Secretario.

NOTA A QUE SE REFERE O PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS

Nota para a confecção do orçamento do Instituto Historico Geographico Brazileiro de 1889

Art. 1.—Receita.		
§ 1. Subsidio do tesouro nacional.....		9:000$000
§ 2. Juros de apolices.....		1.010$000
§ 3. Joias de entradas de socios.....		60$000
§ 4. Prestações semestraes dos socios.....		800$000
§ 5. Venda e assignatura da *Revista Trimensal*.....		80$000
		10:950$000
Art. 2.—Despeza.		
§ 1. Impressão da *Revista Trimensal*.....		3:200$000
§ 2. Reimpressão de numeros exgotados*.		1:600$000
§ 3. Reimpressão da *Revista*.....		100$000
§ 4. Pagamento da impressão do volume supplementar do jubileu.....		1:600$000
§ 5. Encadernação de livros.....		200$000
§ 6. Compra de livros.....		200$000
§ 6. Expediente na fórma seguinte:		
Asseio da casa.....	20$000	
Illuminação	50$000	
Papel, tinta, penas etc.	100$000	170$000
		7:070$000

* Este paragrapho foi substituido pelo seguinte, na forma do parecer da commissão de fundos—Impressão do catalogo da bibliotheca, 1:600$. Vide pag. 313.

Transporte.....		7:070$000
§ 7. Vencimento dos empregados:		
Bibliotecario.....	1:400$000	
Escripturario.....	780$000	
Porteiro.....	840$000	3:020$000
§ 8. Porcentagem ao cobrador.....		240$000
§ 9. Eventuaes.....		120$000
		10:450$000

Art. 3. Si houver sobras comprar-se-ão apolices da divida publica, como já se tem determinado.

Observação:—O Instituto possue 17 apolices da divida publica de 1:000$, e 2 de 600$, cujos numeros constam dos balanços anteriores.

Rio 26 de Outubro de 1888.

T. de Alencar Araripe.
Tesoureiro.

CARTA A QUE SE REFERE A ACTA DE 22 DE JUNHO. VIDE PAG. 220

« Paço de S. Christovão 21 de Junho de 1888.

« Sr. Joaquim Norberto. A Princeza, tendo conhecimento das propostas de que se occupou o Instituto Historico na sua ultima sessão, encarregou-me de communicar-lhe, que pelas razões que são obvias e das quaes a primeira é o exemplo de S. M. o Imperador, * ella não póde annuir a que por qualquer motivo se lhe erija uma estatua; e espera portanto, que n'esta parte não seja aceito pelo Instituto o projecto apresentado com o justo intuito de commemorar a lei, que extinguio a escravidão.

« Rogo-lhe pois, que na occasião opportuna communique a seus collegas do Instituto este desejo da Princeza Regente.

« Gastão de Orleans ».

(*) S. A. o Sr. Conde d'Eu allude á seguinte:

Carta que S. M. o Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro II dirigio ao Sr. conselheiro Paulino José Soares de Souza, então ministro do imperio.

« Sr. Paulino.—Leio no *Diario*, que se pretende fazer uma subscripção para elevar-me uma estatua. O senhor conhece meus sentimentos, e desejo, que declare, quanto antes, á commissão, de que fala o mesmo *Diario*, que, si querem perpetuar a lembrança do quanto confiei no patriotismo dos Brazileiros para o desaggravo completo da honra nacional e prestigio do nome brazileiro, por modo que não me contrarie na minha satisfação de servir á minha patria unicamente pelo cumprimento de um dever de coração, muito estimaria eu, que só empregassem seus esforços na acquisição do dinheiro preciso para a construcção de edificios apropriados ao ensino das escolas primarias e ao melhoramento do material de outros estabelecimentos de instrucção publica. O senhor e seus predecessores sabem como sempre tenho falado no sentido de cuidarmos seriamente da educação publica, e nada me agradaria tanto como vêr a nova éra de paz firmada sobre o conceito da dignidade dos Brazileiros começar por um grande acto de iniciativa d'elles a bem da educação publica.

« Agradecendo a idéa que tiveram da estatua, estou certo de que não serei forçado a recusal-a.

D. PEDRO II.

« 19 de Março de 1870.»

(Nota da redacção da *Revista*)

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

ituto Historico e Geographico Brazileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1888

ADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Em 15 de Dezembro de 1888, 5°. anno da fundação
ıstituto Historico e Geographico Brazileiro, teve
em uma das salas do imperial paço da cidade a
.o magna annual.
Fazia a guarda de honra um contingente do 7.° bata-
de infantaria.
Acham-se presentes os senhores: presidente, commen-
· Joaquim Norberto de Souza Silva; 1° vice-presi-
, conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro;
ice-presidente, Visconde de Beaurepaire; 3°. vice-
lente, Dr. Joaquim Pires Machado Portella; 1°. se-
rio interino. Dr. João Severiano da Fonseca; orador
or Alfredo d'Escragnolle Taunay; secretarios sup-
ntes interinos: Dr. Augusto Victorino Alves Sacra-
) Blake e Henrique Raffard, Visconde Nogueira da
, Barão de Miranda Reis, Marquez de Paranaguá,
) Homem de Mello, Visconde de Souza Fontes,
lheiro Quintiliano José da Silva, Dr. Alfredo Pira-
commendadores José Luiz Alves e Luiz Rodrigues

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1888

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Em 15 de Dezembro de 1888, 5°. anno da fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, teve logar em uma das salas do imperial paço da cidade a sessão magna annual.

Fazia a guarda de honra um contingente do 7.° batalhão de infantaria.

Acham-se presentes os senhores: presidente, commendador Joaquim Norberto de Souza Silva; 1° vice-presidente, conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro; 2°. vice-presidente, Visconde de Beaurepaire; 3°. vice-presidente, Dr. Joaquim Pires Machado Portella; 1°. secretario interino. Dr. João Severiano da Fonseca; orador senador Alfredo d'Escragnolle Taunay; secretarios supplementes interinos: Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake e Henrique Raffard, Visconde Nogueira da Gama, Barão de Miranda Reis, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Visconde de Souza Fontes, conselheiro Quintiliano José da Silva, Dr. Alfredo Pirajibe, commendadores José Luiz Alves e Luiz Rodrigues

de Oliveira, Drs. Luiz Cruls e Felizardo Pinheiro de Campos, e grande numero de funccionarios publicos, representantes da imprensa, commissões de diversas associações, homems de letras e senhoras.

A's 7 horas da noite annunciando-se a chegada de S. M. O Imperador desceram os membros do Instituto para recebel-o.

S. Magestade entrou ao som do hymno nacional e tomou assento no throno com as formalidades do estilo.

Obtida a devida venia, o Sr. presidente abrio a sessão com uma allocução relativa á solemnidade.

O Sr. 1°. secretario interino Dr. João Severiano da Fonseca leu o relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno ; tendo depois a palavra o orador senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, lê o elogio dos socios falecidos.

O Sr. presidente, obtendo a necessaria venia, levantou a sessão ; retirando-se S. M. o Imperador com todas as honras que lhe são devidas.

No principio, durante os intervallos e no fim da sessão tocou a banda de musica do arsenal de guerra.

Allocução do Sr. presidente commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

SENHORES! Vimos dar conta da nossa missão durante o anno de nossos trabalhos que termina hoje e cujos resultados, se não são superiores, não são por certo inferiores aos dos mais annos, graças á nossa coragem e perseverança.

No dia 21 de Outubro proximo findo, quinquagesimo anniversario da sua fundação, celebrou o Instituto Historico a solemne e gloriosa sessão de seu jubileu, que ahi fica commemorada no tomo supplementar á *Revista Trimensal*, para que os pósteros julguem dos patrioticos esforços que por exemplo herdámos de nossos antecessores, e que legaremos como exemplo aos nossos successores.

Tornou-se impossivel a exposição, que pretendiamos fazer por occasião do jubileu e que ficou adiada para agora, e é forçoso confessar, que são as principiaes razões

— o não concluir-se o catologo, a carencia de subsidios com que contavamos, e a falta de espaço para tal funcção, pois é de todo o ponto impropria a dependencia d'este paço, onde por consentimento imperial celebramos as nossas sessões ordinarias.

Continuaremos pois nossa modesta existençia, arrecadando e archivando novos documentos e apresentando o producto de nossas investigações. Iremos assim mais vagarosamente do que desejavamos, até que um dia possamos apresentar a nossa collecta em toda a sua perfeição e complemento, afim de que sirva ao exame e à apreciação dos que prezão a historia e a geographia patria. Patenteando os nossos esforços e desvelos, sempre mal apreciados pela malevolencia, que tem o coração da inveja e os olhos do pessimismo, mostraremos, que o unico premio de nossos trabalhos são os nossos trabalhos, para que nem um de nós tenha de que se queixar, a não ser de si mesmo, por maior ou menor galardão que lhe caiba.

A sancção de uma das mais justas leis, que Deus haja inspirando á humanidade — a lei de 13 de Maio d'este anno, que fechou o longo cyclo da escravidão no Brazil e que tanto exaltou o enthusiasmo nacional e os applausos de toda o mundo civilisado, não podia deixar-nos frios e indifferentes espectadores ante tão sublime acontecimento e pois resolveu o Instituto Historico para commemorar tão santa promulgação — cunhar uma medalha com a augusta effigie de S. A. Imperial, então Regente do Imperio —publicar um livro contendo a historia da escravidão com os documentos respectivos— e elevar uma columna em uma das praças d'esta capital, simbolisando a aurea lei que nivelou as condições de todas os habitantes do imperio, levantou o nivel da moral, santificou os costumes, purificou a lar domestico e tornou *livre o trabalho na patria livre.*

Já foi mandada cunhar a medalha, graças a bôa vontade que encontramos da parte do S.·. presidente do conselho de ministros, e breve a faremos distribuir.

Da historia da escravidão e sua extinção acha-se encarregado o nosso 1°. vice-presidente, que terá mais um ensejo para dar provas do seu brilhante talento e

consummado saber, e será esse trabalho o maior brazão de sua gloria literaria.

Quanto ao levantamento da columna, que ficou adiado, talvez nada façamos, visto como na estatua que se projecta erigir á simpathica memoria de Euzebio de Queiroz, o terror dos contrabandistas, resumir-se-á a immensa allegoria da columna, na qual em ascenção espiral, elevando-se até a imagem da liberdade, ver-se-ião os vultos eminentes que contribuirão successivamente para o digno exito a que aspirou a colonia no tempo do padre Antonio Vieira,—o vice-reino no tempo do Marquez de Pombal, o reino no tempo do rei D. João VI—e emfim o imperio livre e independente em nossos dias.

Quando o Instituto Historico tratou da erecção de uma estatua a S. A. Imperial, segundo a proposta de um de seus socios e cuja inopportunidade politica fôra logo prevista, S. A. Imperial, que tinha presente o edificante exemplo de seu augusto pai, pois escusára igual simbolo de reconhecimento, pedindo que as sommas a despenderem fôssem antes applicadas á instrucção publica, S. A. Imperial, interveio na discussão que se travára em mais de uma de nossas sessões e por meio de uma carta de seu digno esposo o Sr. Conde d'Eu, nosso presidente honorario, declarou não poder annuir a que por qualquer motivo se lhe erigisse uma estatua.

E assim a graciosa princeza imperial eternisou-se melhor na opinião publica do que se perpetuaria na personificação de uma estatua e a futura fama tradicional d'essa renuncia será tambem memoria tão duravel como um monumento de marmore ou bronze, não sobre uma praça publica, mas espalhada por todo o Brazil e divinisada em todos os corações.

Por algum tempo merecêrão os nossos trabalhos geographicos e ethnographicos muito mais attenção do que presentemente. O mappa geral do imperio, que preencheu então uma grande falta e algumas monographias ethnographicas valerão ser premiados para incentivo a novos commettimentos. Certo é, que de algum modo tem continuado o estudo da ethnographia, mas não tão completo como fôra para desejar e sem o acompanhamento

de imagens que melhor ensinem aos olhos a comprehensão da leitura, e bem assim o da geographia sem as necessarias impressões cartographicas. Tudo porém depende de excessivas despezas, muito além de nossas forças.

Os nossos 2°. e 3°. vice-presidentes, que são dignos chefes das secções de geographia e de ethnographia, investigam presentemente a meu pedido os meios de elevar o nivel de tão curiosos estudos afim de que ainda se apresente o Instituto Historico tal qual o idearam os seus emeritos fundadores e figurem com a *Revista Trimensal* novas publicações de innegavel interesse para a sciencia como por certo será, quando fôr vazada em moldes bem desenvolvidos a *Corographia brazileira*.

Os cursos de historia e de geographia, de que outr'ora tratavam os nossos estatutos, devem ser restabelecidos e postos em execução sob amplo desenvolvimento, com uma tal ou qual elevação oratoria, que attraiam a attenção de nossa estudiosa mocidade.

Temos as maiores e mais gratas esperanças de que assoberbaremos todas quantas difficuldades se nos antolham, aplainando a estrada que desbravamos, ha cincoenta annos. Marcha o imperio progressivamente não tendo por obstaculo sinão a sua propria grandeza, e nós marcharemos tambem a *pari-passu* de seu progresso. Estará muito longe o porvir, como perguntava Casimiro de Abreu? O que parecia hontem uma difficuldade, um sonho, uma utopia, é hoje uma realidade! Findou-se a escravidão, a luta de trezentos annos! a luta do opprobio, da dôr e dos ais!... *Livre o trabalho na patria livre*, acodem falanges estrangeiras de novos agricultores, que buscam nova patria mais feliz, mais prospera para seus filhos, e o imperio do Cruzeiro se povôa. Eis a industria ostentando ahi os seus progressos, e ao canto do captiveiro, cujas endeixas se desprendiam com as lagrimas de uma infeliz raça, substitue o hymno do trabalho da esperança e da prosperidade. Cobrem e toldão negras nuvens o horizonte da patria? O sol as converterá em sanefas de anil e prata, de purpura e ouro entre as quaes em sua immensa apotheose abençoará o Omnipotente ainda uma vez a magnifica terra, que Cabral sagrou ao labaro do christianismo.

Doton-nos Deus de aptidão para todas as artes, para as sciencias e para as letras, e até para as armas, porque, provocados e chamados para o campo das batalhas, respondemos com a victoria, que então alto triunfo tem erguido o pavilhão auriverde — mas cumpre trabalhar, cumpre lutar para realizar as utopias do presente em realidade do futuro e no trabalho está o nosso grandioso porvir.

Na miragem que o Eterno concede ás almas bem nascidas no santo e puro amor da patria, quando gozam além do sepulcro do extasis da gloria, ser-nos-á permittido vêr um dia o que verão os posteros nossos netos— a grandeza da patria.

Do mais que occorreu este anno dar-vos-ha conta o nosso 1° secretario, que muito se tem desvelado no cargo que tão dignamente exerce com a proficiencia que se desenvolve no manto de sua modestia.

Novos socios foram admittidos ao nosso gremio social e de sua provecta illustração e bem merecida nomeada aguardamos condignos resultados.

A fatalidade da morte, como de costume, abrio infelizmente novas vagas em nossas cadeiras, tornando-se mais notavel a perda de nossa mallogrado 1°. secretario Franklin Tavora, porque era um de nossos companheiros de trabalho de todos os dias e votava-se com enthusiasmo ao desempenho de sua missão, não obstante o fatal presagio que ha muito o preoccupava e que como uma nuvem negra pairava sobre os seus contados dias.

Ao nosso orador, que tanto illustra a nossa associação, deixo o triste mas grato dever que lhe compete de fazer ouvir em torno desses recentes tumulos, ainda orvalhados das lagrimas da saudade, as brilhantes phrases de sua eloquencia, que se transformam em flôres.

Marcha o Instituto Historico desimpedidamente quanto á fiscalisação de seus subsidios pecunarios, que tão mesquinhos são para o muito que emprehendemos realizar. Ao desvelo do nosso incansavel thesoureiro, que relevantes serviços tem prestado, devemos tão favoravel situação. Cumpre ainda lembrar, que pelo seu zelo acha-se em dia a impressão da *Revista Trimensal*, o que é sempre de maior conveniencia para o credito de uma associação

que se revela e se impõe pela exacta publicação de seu orgão, testimunho da actividade de seus membros, que trabalham n'essa colmêa como abelhas desinteressadas, tendo por sua rainha — a patria.

Em nome do Instituto Historico agradeço o comparecimento de tantos e tão illustres cavalheiros, altos funccionarios e distinctas senhoras a esta solemnidade litteraria.

Senhor! Ante V. M. Imperial inclina-se reconhecido mais uma vez o Instituto Historico pela distinção, pela honra que se digna de lhe conferir com sua augusta presença.

Essa importancia outorgada por V. M. Imperial, que em tamanho empenho tomou a protecção das letras, das artes e das sciencias, sob todos os pontos que ennobrecem o povo, o qual em vez da imperial estatua, que seria o symbolo de seu reconhecimento, aponta para os palacios da instrucção publica, monumentos da mais magnanima opção, é a prova mais cabal, que temos de nossa valia ante o paiz, ante os dous mundos, e isto nos basta.

E isto nos basta, por que nada falte á gloria de V. M. Imperial e V. M. Imperial não falta á nossa gloria.

RELATORIO

DOS

TRABALHOS ANNUAES DE 1888

Apresentado na sessão magna anniversaria de 15 de Dezembro

pelo 1°. Secretario interino

Dr. João Severiano da Fonseca

SENHOR.

Abriram-se este anno, de modo auspicioso, as portas do Instituto. Sua primeira reunião, em sessão extraordinaria de 16 de Maio, foi para expansões de contentamento, que traduziram-se por felicitações ao chefe do estado, congratulações á princesa regente, louvores ao ministerio, ao parlamento e á imprensa,—que cooperaram ou realisaram o grande acto de 13 de Maio.

E eram justificados, n'esta casa de estudo da historia patria, taes enthusiasmos pela realisação de idéa—nella iniciada por um dos socios seus, o Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, no seu livro *Escravidão no Brazil*, lido nas sessões de 1866.

Desse livro, dedicado ao Brazil, já dizia o fulgurante e nunca assás sentido Franklin Tavora, orador do Instituto, em 1881,—«livro que iniciou uma reforma humanitaria, uma revolução eminentissima que vae-se realisando

na nossa patria, sem sahirem do livro, do jornal, da associação pacifica, do parlamento—os que a promoveram,»—e que, eu continúo, sem sahir do livro, do jornal, da associação pacifica e do parlamento, completou-se, alfim, no meio de flores e de vivas, de hymnos e de festas, —do maior enthusiasmo, do mais arroubado delirio, da mais pacifica exaltação, que já as nações têm visto.

E o Instituto, após a homenagem aos libertadores da escravidão, curvou-se ante a memoria respeitanda do seu alumno, e em nome da redempção dos captivos, decretou para elle, o seu primeiro apostolo no livro,—o erigimento de uma estatua que viesse juntar-se ás dos outros indigetes do Instituto, ornando e honrando a sala dos seus trabalhos.

N'essa mesma occasião propuzeram os Srs. Cezar Marques e Blake igual preito a Rio-Branco, o immortal libertador do ventre escravo; e o Sr. Maximiano de Carvalho, que se erigisse, no meio do parque da Acclamação, uma alta columna de bronze e granito, tendo na base, em sua integra, a aurea lei da abolição, e no ápice o simbolo da justiça, personificado na imagem augusta do chefe do estado, que essa lei decretou.

Mas S. A. I., digna herdeira da nobre modestia do seu magnanimo progenitor, que não admitte d'essas manifestações em vida, ao saber do intento do Instituto, indicou, por intermedio do seu serenissimo esposo, nosso presidente honorario, que se substituisse essa idéa por uma outra, em que se dispensasse a estatua.

Com effeito já outras tinham sido apresentadas, como a de uma medalha commemorativa, proposta em 11 de Junho por Franklin Tavora e os Srs. Francisco J. Borges, Blake e Pinheiro de Campos; e a de um *livro* que deveria ser a historia da abolição ; havia ainda outras, mas todas calcadas mais ou menos sobre os mesmos pensamentos com pequenihas divergencias, e o Instituto deliberou commetter á uma commissão especial o encargo de estudar o assumpto, para resolver o modo mais condigno de commemorar tal feito. Em 8 de Agosto, a commissão composta dos Srs. conselheiro Olegario, visconde de Beaurepaire Rohan e barão de Miranda Reis, apresentou

seu parecer, cujas conclusões, approvadas pelo Instituto, foram :

« 1.° Que se cunhasse uma medalha commemorativa, que seria de ouro para o Imperador e a Princeza Regente, de prata para o ministerio e socios do Instituto e de bronze as mais ; e 2°, que se escrevesse um livro, contendo o historia resumida de tudo quanto se refere ao assumpto da abolição, desde a fundação do imperio até a data da aurea lei. »

—

Causas de força maior demoraram a promptificação das medalhas, que já tencionava-se distribuir na festa do quinquagenario, e que ainda hoje nos faltam.

Para o livro ninguem ainda apresentou-se nem delle ninguem foi officialmente incumbido; palpita-me porém o coração, que elle sahirá da amestrada penna e robusto engenho de um dos proprios membros da commissão.

—

Nossos estatutos, em parte omissos ou duvidosos, têm já por vezes soffrido alterações consignadas a maior parte dellas apenas nas actas, e por isso nem sempre lembradas e cumpridas. Para obviar tão sério inconveniente, na sessão de 6 de Junho propôz o Sr. conselheiro Alencar Araripe a reorganização d'essa nossa lei organica, de modo a integrar-se com todas as modificações, que tem ido soffrendo : e o Instituto incumbio d'esse trabalho o mesmo prestimoso e incansavel consocio, autor da proposta.

Na sessão de 27 do mesmo mez, a commissão de admissão de socios, dando solução ao exarado em officio da secretaria de 13 de Fevereiro, apresentou a relação completa dos socios nacionaes existentes (em numero de 7 honorarios, 42 effectivos e 58 correspondentes), e propôz que as oito vagas de effectivos fôssem preenchidas com os mais antigos dos correspondentes, que têm residencia n'esta capital, e que são os Srs. Dr. Francisco José Ferreira Baptista, Barão de Lavradio, Viscondes de Sinimbú

e de Barbacena, Dr. José Jansen do Paço, Barão de Cotegipe, e conselheiros Quintiliano José da Silva e José Tavares Bastos.

—

Rendendo preito e justiça aos muitos e valiosos serviços que lhe têm prestado, e, na conformidade dos estatutos, —á distincta representação, consummado saber e idade provecta dos Srs. conselheiros Olegario e Alencar Araripe, Drs. Maximiano e Cesar Marques, senador Taunay e conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, —o Instituto elevou-os ao gráos de seus socios honorarios.

—

N'este anno seis novos operarios, conspicuos e illustrados varões, vieram trazer á associação novo e vigoroso alento, filiando-se como seus membros correspondentes, e são:

1°. O Sr. conselheiro de estado e senador Marquez de Paranaguá, provecto estadista e parlamentar, cuja ademirão em nosso gremio é o justo reconhecimento de sua alta valia, sobre tudo, como presidente da *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, que tão assignalados serviços tem prestado á sciencia e especialmente ao Brazil nos seus tantos e tão proficuos trabalhos.

2°. O Sr. 1.°tenente da armada Arthur Indio do Brazil, joven e esperançoso militar, assaz conhecido pelos seus trabalhos profissionaes na repartição hydrographica, de que é ajudante; inventor do *marégrapho electrico*, instrumento destinado a apreciar com justeza e rigor a intumescencia e oscillação das vagas, a altura e direcção das marés; instrumento tão bem acceito pelos profissionaes da velha Europa e ainda ha pouco lizongeiramente citado no congresso internacional de geodesia de Saltburgo, na Austria.

Ao Indio do Brazil, que tambem é autor de um levantamento hydrographico do porto de Embituba, deram

ingresso no Instituto suas memorias: *Descripção dos principaes portos do Brazil*; e o *levantamento hydrographico do porto de Paranaguá*.

3°. O Sr. bacharel Virgilio Martins de Mello Franco, juiz de direito da comarca de Barbacena, que nas viagens impostas pelo serviço publico, curioso e observador, apraz-se, para compensar o arido e pesado estudo dos autos e processos em descrever e rememorar, em interessantes escriptos, o que lhe desvenda a nossa explendida natureza, ou o que observa nos costumes do homem. Serviram-lhe de titulo de entrada suas «Viagens pelas provincias de Goyaz e Minas.»

4°. O Sr. commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, Brazileiro que assaz se tem esforçado nos grandes centros europeus onde se achára, já em livros, em jornaes, em conferencias para fazer conhecido o Brazil na sua industria e riqueza naturaes, já no alto empenho de encarrerar-lhe a immigração de braços validos, que, na industria e sobretudo na lavoura, serão factores seguros de progresso e riqueza nacional.

Foram seus trabalhos para a admissão:

« Algumas idéas sobre a colonisação no Brazil: — Pariz, 1871. — Exposição do club da lavoura, em França, relatorio: *Paris*, 1878.— Influence des chémins de fer et de la navegation á vapeur au Brésil, sur le developpement des richesses du pays. Progrès rapide de la province de S. Paulo.— Le Brèsil, ses debuts, son developpement, sa situation economique, ses échanges commerciaux, et ses plantations de café: *Beauvais* 1874 — Etude sur le projet d'union donanère du sénateur Frye; assignado conjuntamente com o Sr. E. Lourdelet, presidente da camara.

5° O Sr. commendador José Luiz Alves, que franqueou o Instituto com o seu opusculo «*Os Claustros e o clero no Brazil*», que affirma o quanto seu autor, qual, si fôra um alumno dos asceterios e cenobios, conhece a vida, tradições e trabalho dos tonsurados militantes do Christo, que na média idade eram, quasi que elles sós, os mestres das sciencias, e de entre os quaes sahio avultadissimo numero de sabios, e opulentos no

saber; os frades que foram no começo da civilisação christan os fundadores de todas as escolas, de todas as universidades, de todas as bibliothecas; os frades refundidores dos thesouros dos remedios da alma de Ozymandias, das pharmacias do espirito humano, de Ptolomeu.

Lastima é, que no correr dos seculos e no adiantamento, maior intensidade e fulgôr das luzes, o espirito da moderna idade haja modificado, levando não sei para onde, todo aquelle amor ao estudo e ao derrame de conhecimentos dos filhos de S. Pacomio, outrora de monopolistas do saber, e dos filhos de S. Ignacio, seus gloriosos successores.

Parece hoje, que, tendo alumiado o mundo antigo, acendendo os archotes de saber humano, dormem hoje, cenobitas e mosteiros, á sombra dos velhos louros, immarcessiveis, olhos fechados aos clarões do seculo. Talvez nem lembrem-se de que seus ultimos lampejos fôram as labaredas, que carbonisaram Bruno e as brazas de ferro que torturaram Sarpi, Dominis, o arcebispo, e Campanella; fôram a condemnação do revolucionario da sciencia do seculo 17°., convencido, como aquelles, dos seus erros e falsas doutrinas, nos tratos de polé que lhe infligiram o frade Lorini e os dez cardeaes inquisidores de Paulo 5°; convencido sob pena de fogueira, do quanto eram absurdas e falsas em philosophia as leis do medico Copernico, nas suas innovações de sol fixo e terra movente.

O ultimo dos recipiendarios foi o Sr. Dr. Luiz Cruls, director do observatorio imperial do Rio de Janeiro; joven e sabio continuador e mestre dos erros, em orthodoxia, de Copernico e Galileu, e cujos trabalhos assi luos e de alto merito dão-lhe cathedra entre os mais notaveis astronomos do mundo, e valeram-lhe em 1883 o premio Volz, da academia das sciencias de Paris, instituido em recompensa ao mais importante trabalho astronomico, em todo o mundo. Redactor dos *Annaes do Observatorio Imperial*; fundador do *Diccionario Climatologico Universal*, obra subsidiada pela sciencia de todos as nações; infatigavel perscrutador dos arcanos celestes: quer agora mesmo, habil micrographo, descer as vistas dos

mundos infinitamente grandes do estrellado firmamento, para o mundo infinitamente pequeno dos cacteridios e vibriões que nos povoam a atmosphera ; deixa o telescopio pelo microscopio em busca da causa dos nevoeiros secos que, annos passados, já tanto intrigavam o sabio frade Camillo de Monserrate, subsidios á cosmographia ; estuda os micro-organismos vivos, que aos milhões de milhões volteiam em roda de nós e nos enchem os pulmões, subsidios á medicina microbiotica.

Como progride a sciencia ! Intelligencia, tu és a luz, o sol que tudo alumia ! Comtigo a terra deixa de ser a *taboa pentigeria* dos Romanos, taboa cheia de asperesas e depressões que representam as montanhas e as aguas, para ser ospheroide de dimensões, volume e peso rigorosamente conhecidos. O homem devassa a immensidade do firmamento — como enxerga na profundesa da terra, ou nos abismos do mar; — como lê nas brumas do passado, como entrevê nas nêvoas do porvir. Approxima o infinitamente longe dos ceos com o telescopio ; e com o microscopio converte n'um mundo o infinitamente pequeno do atomo. Não se teme do invisivel, do incommensuravel, do infinito ; persegue-os, e vae ganhando terrenos e luz.

Já não lhe bastam a terra e os seres terrenos : dicta leis aos ceos, marca deveres aos astros. Si dá pela falta de algum, ordena, que appareça, que seja inventado, caso não exista, para arrumal-o no espaço vasio, que lhe faliseia as leis, que decreta.

E o astro apparece!... e apparece tambem a miseria da humanidade-reptil, contrapeso eterno da sublimidade do homem-genio. E Titius, o inventor da lei, encontra em Rôde o Vespucio, que Colombo encontrou dando outro nome ao seu mundo.

Como provas de candidato ao titulo de membro correspondente apresentou o Sr. Cruls suas monographias sobre *L'organisation de la charte geographique du Brésil* ; *Notice sur l'observatoire imperial de Rio de Janeiro* e *Noticia sobre as estradas de ferro estratagicas no Brasil.*

Eram arrhas desnecessarias. Ao sabio director do observatorio imperial as portas do Instituto bem se

poderiam abrir de par em par, só ao seu nome, que é a revelação da mais alta intelligencia e de porfiado trabalho, que, honrando a patria, vém honrar o Instituto.

—

Além desses senhores, outros candidatos apresentaram-se com trabalhos, que as commissões respectivas ainda estudam.

—

Como a familia humana a familia social tem os seus regozijos e dôres, suas galas e lutos.

Conturbou-nos as alegrias do festim do trabalho a morte de 8 prestimosos companheiros, uma dentre as quaes foi verdadeira catastrofe para o Instituto, colhido em tão inesperada quão infesta sorpreza, ao ver rigido e frio na profundez do sepulcro aquelle cerebro immane e fulgurante, que se chamou Franklin Tavora, cujas faculdades poderosas mais se adumbravam no amor ao trabalho e no inexcedivel afan, com que de corpo e alma se dedicava ao Instituto, que elle extremecia com o mais intemerato e acendrado amor.

Outro golpe cruel ainda veio feril-o, mal vão oito dias, e tambem de sorpreza, Pimenta Bueno, o illustrado geographo, que tão bôas provas deixou de si.

Poucos como elle conheciam as raias do nosso territorio, sendo sua especialidade o estudo das provincias fronteiras; poucos como elle dedicavam-se á geograghia e cartographia, que quasi entre nós só tem sido estudada por militares, Conrado, Bellegarde, Andréa, que já se foram e pelo unico que resta, o nosso sabio e operoso consocio o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan.

Como Tavora, ainda na vespera Pimenta Bueno empregara-se em proveito do paiz, nos labores em que se salientava.

—

A bibliotheca, archivo e museu enriqueceram-se com generosas dadivas de livros, mappas, manuscriptos,

jornaes, revistas,gravuras,moedas e medalhas,e com verdadeira gratidão o Instituto consigna aqui o nome de seu respeitavel socio correspondente o Sr. Antonio Borges de Sampaio, que quasi não deixou passar sessão alguma sem suas offertas, algumas bem valiosas.

Contribuiram para o livro do quinquagenario com valosas memorias, que abrilhantam-lhe as paginas, os Srs. Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire, de Larangeiras, com uma monographia sobre a colonisação de Sergipe, de 1590 a 1600; o Sr. Antonio Ribeiro de Macedo, do Campo-Largo no Paraná, com *Breves Informações*, sobre essa provincia, e os nossos consocios os Srs. Dr. Moreira de Azevedo, Pedro Paulino, Borges de Sampaio, João Brigido, Barbosa, Rodrigues, Barão Homem de Mello, senador Taunay, Dr. Cezar Marques e Teixeira de Mello, com trabalhos seus; e os Srs. Drs. Americo Braziliense, Gama e Silva, Machado Portella e Homem de Mello, com interessantes e preciosos ineditos.

Ainda o Instituto recebeu dos Srs. Luiz de França Almeida um seu manuscripto —*Influencia da mulher na humanidade*; do Sr. A. Baquet, *Exploração da provincia do Maranhão*; do Sr. commendador José Lopes Carneiro de Fontoura, uma copia do *Compendio historico do juizo que formou o Marquez de Pombal das* 17 *cartas conteudas na collecção e estampadas em Londres em* 1777; do Sr. Theodoro Grimm, de Porto-Alegre, a primeira parte de suas interessantissimas *Noções da patria sul rio-grandense* ou *Geographia da provincia do Rio-Grande do Sul*; do Sr. chefe de divisão Ignacio Joaquim da Fonceca, a copia de um officio seu, de 10 de Abril de 1861 ao chefe Parker, sobre a illuminação maritima dos Abrolhos, e a da parte dada pelo chefe Elisiario, depois barão de Angra, commandante da divisão naval de vanguarda sobre o combate, que esta sustentou em 1 de Setembro de 1866, contra as baterias de Curupaity.

E dos nossos consocios, os Srs. Dr. Moreira de Azevedo, uma memoria sobre *a Instrucção publica nos tempos coloniaes do Brazil;* Dr. Machado Portella a cópia do *Regimento de S. M. para as minas da repartição do sul* (de 7 de Junho de 1644),o primeiro expedido para regularizar o

descobrimento d'ellas; e o 1°. secretario interino as cópias da patente de governador e capitão general de Mato-Grosso passada a D. Antonio Rolim de Moura e das instrucções que a ella déra a rainha D. Maria Anna d'Austria, em 19 de Janeiro de 1749, e o rei D. José, em 26 de Agosto de 1758.

—

Dentre os livros offertados ao Instituto destacará um, que parece-me sobrelevar aos mais: o *Ensaio sobre as construcções navaes no Brasil*, do Sr. 1° tenente da armada Antonio Alves da Camara, trabalho notavel por sua originalidade e maestria; o que revela bastante profeciencia n'esse joven official, já bem conhecido na roda estudiosa por outros estipendios á sciencia, ora perscrutando os segredos da natureza marinha, no estudo dos instrumentos de sondagem e das correntes suboceanicas; ora elucidando sistemas de construcção, methodos de navegação, o navispherio e as observções da noite; ora emfim escrevendo suas impressões de viagem, ou investigações sobre assumptos profissionaes: os quaes logo correm impressos e com benigna aceitação.

—

As rendas do Instituto, que vão crescendo, graças ao nimio zelo e severa economia do seu thesoureiro, permittiram talvez occorrer a todas as despezas d'este anno, que foram extraordinarias, sem tocar no pequeno capital da associação.

Receita:

No anno corrente.....	11:666$450
Despeza já realisada.....	9:878$366
Saldo.....	1:588$144

Faltam porém as despezas de cunhagem das medalhas, impressão do livro do quinquagenario e eventuaes, que o Instituto só mais tarde apreciará.

Não foi, senhores, este anno o Instituto aquella sociedade, que se tornou notavel por serem seus trabalhos, suas proprias discussões scientificas, leituras, e não a verbiagem oca dos discursos.

As primeiras sessões do anno foram estereis para o estudo por justos e necessarios propositos, determinados por factos extraordinarios, mas de interesse social.

Todavia muito tempo perdeu-se, talvez a maior parte em meras questões de ordem, que, se de um lado eram de pouco interesse e quasi que dispensaveis, do outro eram tão repetidas ou tão demoradas que esgotavam o tempo sem permittir espaço ás leituras. Isso motivou justa reclamação do Sr. Cesar Marques, o qual em 31 de Agosto indicou que:

« Não sendo ha muito tempo possivel lêr na casa trabalho algum, preenchidas as sessões apenas com discussões oraes, lembrava, que era preciso proporcionar tempo para leitura de trabalhos. »

E já na reunião seguinte lêo nosso consocio sua memoria *Manoel Odrico Mendes*, gracioso panegirico a S. A. I., no qual insere um notavel documento d'aquelle literato maranhense, tão corrente nas letras hellenicas e latinas como no vernaculo idioma, e que deixou-nos magistraes traduções de Homero e Virgilio. N'essa memoria salienta o autor o papel, que coube áquelle seu comprovinciano no episodio de 7 de Abril, e com aquelle documento assignala o raro desinteresse do patriota, que, servindo o movimento politico até seu completo exito, retirou-se do pleito sem querer honras nem distincções, recusando, mesmo o alto cargo de regente do imperio por ser do seu brio, (são phrases delle) acabar-se a revolução sem o menor emprego, visto ser um dos mais influentes n'ella; bastando-lhe a honra de ter tantas vezes exposto n'essa crise a vida por amor de seu paiz, e o reconhecimento que lhe patenteavam os seus concidadões.»E o que é lamentavel, mas tão natural e costumeiro nos vai-vens da politica! —bem cedo esse reconhecimento se apagou, e como recompensa de taes serviços e de seu alto patriotismo e desinteresse tem Odorico o ostracismo voluntario,

com a penuria e o abandono completo dos seus patricios e correligionarios.

O Sr. Cesar Marques começou ainda a leitura de um « *Estudo critico* relativo ao manuscripto existente na bibliotheca do Instituto, intitulado a *America abreviada, suas noticias e dos seus naturaes e em particular do Maranhão ; suas contendas e instrucções á sua conservação e augmento muito uteis, pelo Dr. João de Souza Ferreira*. Esse manuscripto, doado por S.M. e copiado sob as vistas de Gonçalves Dias, está na opinião do Sr. Doutor Cesar Marques inçado de erros, que elle annotou para serem evitados por quem de futuro os fôr consultar. Esse mesmo collega, extremoso por sua patria, como que faz especialidade nos seus estudos — *As cousas de seu torrão natal* : biographias, descripções, diccionarios, elucidações, historias, etc. ; e o Instituto ainda tem presente sua interessante memoria demarcando a posição geographica da bahia de Guaxenduba, theatro da derrota de Ravardière, e termo do dominio francez, em 1o de Novembro de 1614, a qual ficára desconhecida mesmo a Varnhagen e João Lisbôa.

Nas sessões seguintes foram occupando a attenção da casa os Sr. senador Taunay com uma monographia sobre *Os Indios Caingangs, Coroados de Guarapuava*, seguida do vocabulario do dialecto dessas tribu ;—tomado com aquella exacção e severidade peculiares ao autor, e que já mereceram louvores de Hebert Smith e transcripções nos Estados-Unidos. N'essa monographia o Sr. Taunay nos apresenta quasi com uma revelação essa familia brasileira tão pouco conhecida do mundo e de nós, e tornando-se por isso preciosa contribuição para a ethnographia patria.

O Sr. Barão Homem de Mello leu suas *Excursões geographicas*, nas quaes se notam sua ascenção aos picos do Itatiaia, Itacolomi e Itabira do Campo. Não são simples impressões de viagem de *touriste* intelligente e curioso, mas descripções scientificas do sabio e do geographo, buscando agradavel passa-tempo aos laboros do gabinete, la vae descer valles e galgar serranias, para do cimo dos mais culminantes pontos do Brasil vêr, em

vastissimos horizontes do grandiosissimo espectaculo, a maior porção da terra brasileira, que é possivel abranger n'um olhar:— o que a tão poucos, tão raros curiosos tem sido dado fruir!

O Sr. Dr. Teixeira de Mello descreveu á luz da historia e em traços de bastante relevo o perfil de um ministro de estado, honesto e honrado, severo e modesto, que prefere salvar com a sua bolsa particular dividas de honra do estado, feitas fóra do orçamento parlamentar.

E nas quatro contribuições á historia geographica e ethnographica estão no livro do jubileu, a cujas paginas fôram dar notavel lustre e altissimo valor.

Finalmente o 1.º secretario interino leu um pequeno trabalho — « Brazões das cidades de *Cuiabá e Mato-Grosso*» e o começo de uma monographia— *Novas investigações sobre a provincia de Mato-Grosso.*

A perda de tempo com a oratoria das sessões impedio outras leituras; acham-se porém inscriptos, para fazerem-as no anno vindouro, o Sr. commendador Joaquim Norberto, Dr. Sacramento Blake.

Pedro Paulino, uma memoria sobre a *Provincia das Alagôas*, senador Taunay, continuação da sua *Os Campos Geraes e os sertões de Garapuava*, Barão Homem de Mello continuação da sua *Excursões geographicas* e commendador José de Luiz Alves *Biographia do Conde da Barca.*

Nas publicações, como nas sessões do Instituto, nota-se grande desproporção de assumptos historicos sobre os geographicos ou de ethnographia.

Realmente é a historia campo mais vasto e mais facil ao engenho do escriptor; e os outros principalmente a geographia, mais aridos e dificeis; por isso têm menos cultivadores. Mas ha nos nossos archivos muita cousa importante e ignorada, cuja divulgação será sempre um avantajado serviço á sciencia. Por isso o Sr. presidente, em data de 26 de Outubro, achou de utilidade recommendar aos presidentes das commissões de geographia e ethnographia a impressão de documentos relativos a esses ramos de conhecimentos; não sómente para não continuarem elles desconhecidos lá fóra, nem conservarem-se ellas, meras creações phantasticas dos nossos

estatutos. E indicou a creação de duas novas publicações auxiliares da *Revista Trimensal*, destinadas a trabalhos geographicos e desenhos ethnographicos sob os titulos de: ARCHIVO GEOGRAPHICO— *subsidios para o conhecimento da geographia do imperio. Publicação auxiliar da Revista Trimensal do Instituto*. E ARCHIVO ETHNOGRAPHICO etc. com identicos dizeres.

Resta-me agora, senhores, dar-vos conta da festa do jubileu.

A idéa de Tavora, trazida á casa em sessão de 23 de Novembro do anno passado por elle e pelos Srs. coronel Fausto e Dr. Maximiano, foi ainda, ampliada, por elles e pelo Sr. Dr. Cesar Marques, na proposta que em 7 do mez seguinte fizeram de: 1°. dar-se conhecimento dos intentos da associação a todos os seus socios effectivos e correspondentes, pedindo-lhes sua coadjuvação scientifica e literaria; 2°. fazer-se uma exposição dos objectos que por essa occasião se recebessem para o archivo, museu e bibliotheca, cujo catalogo deveria estar prompto para essa solemnidade.

E havia tempo sufficiente para tudo: a festa seria em 21 de Outubro.

A commissão nomeada para formular o programma, satisfez seus encargos apresentando na sessão seguinte este projecto:

PROGRAMMA DO JUBILEU

Preliminares da festa

I

Dirigir-se-hão convites com urgencia ás associações historicas, geographicas e ethnographicas do imperio para nomearem representantes na côrte, e cada uma dellas communicar um inedito que mereça ser inserido no volume destinado ao jubileu.

II

Nas provincias em que não existir nenhuma sociedade, e houver socio ou socios do Instituto, serão os mesmos socios incumbidos de remetter qualquer trabalho original, de modo que nenhuma provincia deixe de figurar na festa.

III

Si em alguma provincia não houver sociedade nem socio, a commissão promoverá desde já, por todos os meios a seu alcance, a nomeação de pessoa habilitada para socio, a qual se encarregue de representar a provincia.

IV

Dirigir-se-hão pedidos ás bibliothecas da côrte para que cada uma dellas remetta cópia de algum manuscripto

importante para o volume supplementar, ou como melhor lhe pareça acompanhe a festa do Instituto.

V

Desde já ficará sobre a mesa um livro que tenha no alto de cada pagina o nome de um dos socios fallecidos por ordem chronologica, afim de que, por baixo de cada nome os socios actuaes do Instituto escrevam um pensamento commemorativo das virtudes e qualidades mais notaveis do fallecido.

Sessão do jubileu em 21 de Outubro de 1888

I

Abrir-se-á a sessão ás 11 horas da manhã, na sala do Museu Nacional em que, ha cincoenta annos, á mesma hora, se realizou a da fundação do Instituto Historico.

Para este fim a commissão solicitará do director do museu a concessão da mencionada sala.

II

Depois do discurso de abertura que compete ao presidente, e da leitura de rapido estudo retrospectivo de que se incumbirá o 1°. secretario, o orador fará o elogio historico do Instituto, inspirado especialmente nos serviços e exemplos dos socios cuja memoria o Instituto consagrou mandando collocar os respectivos bustos na sala das sessões.

III

Será depois dada a palavra aos representantes das associações que não figurem por meio de inedito ou trabalho original, no volume da festa.

Nenhum d'estes oradores falará mais de 15 minutos.

Exposição

I

Durante oito dias estará exposta ao publico, desde as 10 horas da manhan ás tres da tarde, e das 6 ás 9 da noite, a bibliotheca do Instituto; e bem assim o Museu e as offertas remettidas pelos socios, formando secções especiaes.

II

Tambem estará exposto, para ser consultado, o catalogo geral.

Publicações

I

Publicar-se-ão:

1.° Um volume da *Revista Trimensal*, contendo:

a) As memorias ou inedi.os enviados das provincias;

b) Os ineditos ou memorias offerecidos pelas bibliothecas da côrte;

c) Os escriptos de socios residentes na côrte;

d) Os trabalhos lidos pelo presidente, secretario e orador do Instituto na sessão do jubileu.

Este volume será dedicado a Sua Magestade o Imperador, e na dedicatoria se deverá fazer menção de todos os actos de protecção e favor praticados por Sua Magestade a bem do Instituto.

2.° Um resumido diccionario bibliographico, contendo as datas do nascimento e obito dos socios, da sua entrada para o Instituto, e summaria noticia das suas obras.

II

D'esta especial edição da *Revista* será vertida para o francez a parte sufficiente, para ser offerecida ás associações, bibliothecas e eminentes literatos estrangeiros.

Visconde de Beaurepaire Rohan.
J. Franklin S. Tavora.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Dr. J. A. Teixeira de Mello.
Henrique Raffard.

Este programma, que foi profusamente distribuido aqui, nas provincias e no estrangeiro, não pôde ser inteiramente cumprido por varias razões, entre as quaes:

1.ª A molestia de S. M. I., que todos avaliam quanto pesaria sobre o Instituto acabrunhando os espiritos e entorpecendo o andamento da idéa.

2.ª A perda inesperada e fatal do dedicado e incansavel 1º. secretario, a chave de todo o movimento interno, e quem o dirigia todo, no exterior; e agora tão mal substituida.

3.ª A ausencia, por molestia, de dous prestimosos membros da commissão, os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan e doutor Maximiano de Carvalho, este gravemente infermo; o que abateu de muito o prestigio e o valor intellectual da commissão, agora reduzida a dous unicos membros, porque ainda o ultimo dos que a compunham d'ella se retirára, e com elle o esforço physico, o gosto pelo trabalho, o incansaço, enfim a sua actividade juvenil, que fazia-o quiçá precioso no serviço do Instituto.

E 4ª. finalmente, essa molestia fatal, ha muito tempo conhecida, e como que endemica nos nossos homens e corporações de letras: verdadeira *episophôcia*, cujos caracteres pathognomonicos são os mesmos das infermidades typhicas— a indifferença, o desanimo, o marasmo, a indolencia, a inercia, o desamor.

Houve pois necessidade de alterar o programma; não tanto por causas fataes, como por motivos inesperados e imprevisiveis, em que foram parte não sómente estranhos, mas nós tambem.

Pelo que compete aos estranhos:

1.ª Nenhuma, nenhuma associação de historia e geographia do imperio communicou inedito algum, mesmo que não merecesse ser transcripto no livro do quinquagenario.

2.ª Poucas, bem poucas provincias acudiram aos appellos do § 2°. do programma, e nenhuma aos do 3°.; e o que é mais sensivel, poucos, bem poucos socios quizeram honrar as paginas d'esse livro.

3.ª Nenhuma das nossas ricas bibliothecas accedeu ás instancias do Instituto; nem mesmo por gentil correspondencia a serviços iguaes d'elle recebidos.

Em compensação o archivo publico do imperio remetteu-nos seis ineditos importantes, quatro dos quaes são publicados.

E pelo que a nós diz respeito;

Não se pôde effectuar a solemnidade na propria sala, onde ha cincoenta annos o Instituto se fundou, por estar ella actualmente transformada e impossibilitada de prestar-se áquelle fim.

Não se completou a idéa que presidiu a creação do Livro dos Mortos, onde se lê simplesmente, os seus nomes, nem mesmo na ordem estabelecida, mas alphabeticamente, e apenas com as datas da admissão e obito de cada um. Não sahio a lume o volume do quinquagenario; nem se completou o catalogo geral da bibliotheca: nem ainda o copioso comquanto resumido, diccionario bibliographico, apezar dos ingentes esforços e labor extraordinario de tão modesto quão proficiente 2°. secretario interino, o illustrado Dr. Teixeira de Mello.

Felizmente para as galas ornamentaes da festa, que tambem iam faltar com a retirada daquelle activo companheiro, em bôa hora chamou a si o Sr. presidente essa incumbencia, que desempenhou com inexcedivel esmero e bom gosto artistico.

Pelo que, senhores, n'esse dia solemne de jubileu, teremos apenas esse livro destinado á memoria dos socios, que já foram, onde 653 nomes estão inscríptos; e cuja primeira pagina, portico desse Pantheon, abre-se com as palavras seguintes:

21 DE OUTUBRO DE 1838

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fundado em 21 de Outubro de 1838, completa hoje cincoenta annos de existencia.

A estima e apreço, com que é considerado no mundo scientifico, conquistaram as luzes, o trabalho e o devotamento dos seus socios. D'elles, e grande é o numero dos desapparecidos dos seus quadros, varões distinctos em todas as especialidades do saber humano, geographos, historiadores, mathematicos, naturalistas, guerreiros, navegadores, medicos, jurisconsultos, estadistas, poetas e artistas,— homens de genio illustres e notaveis, sumiram-se levados nas azas do Anjo da Morte.

Celebrando o jubileu do seu quinquagenario, o Instituto, em homenagem á memoria d'elles, creou este livro para rememorar seus nomes.

Quasi, por assim dizer, senhores, a vida social do Instituto, n'este anno de 88, foi toda de regosijos; metade por essa revolução immensa e extraordinaria, — tão santa e tão benefica que instantaneamente repercutindo no velho mundo, de chofre galvanisou a existencia e afastou dos humbraes da morte o Augusto Patriota, que, á essa noticia, sentindo a vida crescer-lhe no sangue, que lhe entumeceu o coração, nas lagrimas que lhe affluiram aos olhos, grato e commovido abençoou o grande e generoso povo brazileiro, que, — e fatal era o momento! — não queria, que Elle deixasse o mundo, faltando a sua palavra de rei: — de não morrer sem deixar a escravidão extincta.

A outra metade, foi nos regosijos do jubileu. Não foi o que se ideou, nem o que se pretendia. Mas fez-se o que se pôde e o melhor possivel, n'uma festa muito simples

mas louçan... que agradou a todos e a todos deixou bôa impressão, desde o ultimo dos assistentes até os proprios imperantes.

E dos encargos tomados para esse dia solemne, que o Instituto deixou em divida, eis alli, cumprido o mais instante, o Livro do Jubileu.

Sala das sessões do Instituto 15 de Dezembro de 1888.

Dr. *João Severiano da Fonseca*,
1.° Secretario interino.

DISCURSO

PROFERIDO

NA

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

A

15 de Dezembro de 1888

POR

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Socio honorario e Orador do Instituto

e

SENADOR DO IMPERIO

SENHOR !

Consinta Vossa Magestade Imperial, que eu comece este discurso fallando de mim, afim de referir uma impressão vivissima e pessoal, embora della tenham tambem participado alguns dos que agora me ouvem e muitos que não pertencem mais a este mundo e já se foram caminho da mysteriosa e insondavel eternidade.

Era nesta mesma sala, neste recinto de ha muito affeiçoado aos nossos olhos, a estas horas exactas, neste dia anniversario que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro consagrou sempre á memoria e á glorificação dos seus mortos—tantas, emfim, as circumstancias materiaes do scenario, que, assim de relance, nada parece haver-se mudado com o volver do tempo, esse profundo e

paciente transformador de tudo, na ordem moral e physica.

Basta, porem, o mais ligeiro exame para de prompto dissipar semelhante illusão.

Quantos claros, com effeito, abertos nas fileiras dos nossos companheiros de trabalho e pacificas luctas! Quantos operarios novos, avidos a seu turno por palmas e applausos, a nos fallarem só do futuro, quando o passado nos vai sendo tão caro e precioso!

E naquelles mesmos que ficaram, quanta mutação— já externa e bem manifesta, nos cabellos que alvejaram ou estam branqueando sobre frontes cada vez mais pensativas e nas forças que diminuiram — já intima e occulta, «*nos enganos d'alma ledos e cégos*» que lá se foram, deixando, como crueis vestigios e acerbos fructos o conhecimento dos homens e das cousas, a triste e desconsoladora experiencia, o amargo saber—*lacrymæ rerum*!

Que distancia, sobre tudo, entre o orador de então, a desferir o vôo do pensamento nas pandas azas de pujante e arrebatada eloquencia, fazendo scintillar á imaginação dos que o ouviam rútilas imagens e arrojados tropos, como fascinadoras pedrarias a rolarem vertiginosas umas sobre outras no meio de mil fulgores e chispas, e o discursador de agora, frio, pallido e adstricto á maneira de fallar actual, pois esta evolucionou tambem e, ganhando em exacção e laconismo, muito perdeu em galas e ricos atavios.

Queria eu, porem, relatar-vos, Senhor, uma impressão minha toda subjectiva, e esta foi sem duvida das mais fundas que até hoje hei experimentado, ainda que no continuo convivio de eminentes e prestigiosos vultos, que tanto tem levantado a oratoria brazileira em suas varias especialidades e graduações.

Occupava esta tribuna o sempre lembrado Joaquim Manoel de Macedo e, ao encetar formoso panegyrico dos mortos daquelle anno, já bem longe deste que vamos encerrar, achou relações tão bem travadas, tão bellamente expressas entre a missão que lhe cumpria desempenhar e o dia que ia morrendo, tão meiga e plangentemente desenvolveu essa these, tamanha verdade e colorido

imprimio á sua feliz confrontação e com tanto talento envolveu as pompas da linguagem tersa e vibrante no véo rôxo-lyrio da saudade e da melancolia, que suave e flebil tristeza se foi insinuando em todo o meu ser e delle se apoderando, como preparo espiritual da maior elevação para condigna homenagem á memoria daquelles que haviam desapparecido do seio da vida e já pertenciam á historia da humanidade.

E tudo quanto eu sentia tão intima e sinceramente, ia vendo ás claras reflectir-se em todo auditorio, como vassalagem da mais irresistivel sympathia e identificação.

Que bello triumpho da Intelligencia e da Arte!

Fóra, fulgia uma d'essas tardes esplendidas do Brazil, incomparavel, indescriptivel, em que a luz, com todas as suas offuscantes irradiações e infindos matizes, como que trava combate com as trevas sorrateiras em seus passos seguros e cada vez mais sombrios e debalde busca fazer-lhes frente, dominal-as e expulsal-as, até que de desanimada se recolhe toda aos céos e alli ainda por muito tempo diz saudosos adeuses á terra, enviando-lhe esbatidos raios, que, se mal chegam ao seu destino, das nuvens fazem phantasiosos castellos, em cujos largos pannos e magicas muralhas de ouro e prata se engastam e rebrilham todas as pedras preciosas.

E quando de todo cahio a noite e só as luzes destes candelabros illuminavam a sala, como que desciamos, todos nós, os degráos de funérea crypta para irmos, guiados por inspirado vate, render o ultimo preito áquelles dos nossos amigos e consocios, que se haviam abrigado á paz e ao silencio da morte.

Possa a recordação desse bello effeito oratorio inspirar-me para, no momento presente, fallar-vos de modo compativel com a grandeza e severidade do assumpto que me é commettido e com a lealdade de sentimentos que delle emanam, puros e desinteressados.

I

O anno de 1888, si até certo ponto respeitou e poupou o recinto, em que se congregam os membros d'esta

Associação, desfechou-nos, comtudo, golpe tão cruel quanto inesperado e que entrou fundo em nossos peitos.

Levou-nos, na verdade, um dos companheiros de lides, que se ia tornando dos mais valentes esteios do Instituto e pela incansavel dedicação que votava ao seu progresso, brilho e renome, relembrava o zelo e actividade, que já nos vão faltando, dos seus illustres fundadores, Januario da Cunha Barbosa, S. Leopoldo e mais alguns, tão bem seguidos em suas pégádas por Gonçalves Dias, Lagos, Macedo, conego Pinheiro e tantos outros respeitados nomes da nossa benemerita galeria.

Quero fallar do Dr. João Franklin da Silveira Tavora, fallecido nesta cidade do Rio de Janeiro, quasi que repentinamente, a 18 de Agosto do cadente anno e, sem duvida, uma das mais interessantes e curiosas personalidades litterarias desta época, não só pela laboriosidade da sua indole e consciencia do seu esforço, como pelas diversas phases de evolução por que passou o seu espirito e que nunca por elle foram encobertas, graças á instinctiva nobreza de caracter e ao seu entranhado amor á verdade, já para com os outros, já em relação a si mesmo.

Nascido na provincia do Ceará a 13 de Janeiro de 1842, graduou-se bacharel em sciencias juridicas e sociaes na faculdade do Recife, e bem cedo se atirou ao estudo e cultivo das lettras, pois, com dezenove annos apenas de idade, deu á estampa nada menos de duas producções—*A Trindade Maldita*, contos no genero das *Noites na Taverna* de Alvares de Azevedo e *Um Mysterio de Familia*, drama em 3 actos, que em 1877 mereceu as honras de uma segunda edição.

Um anno depois, em 1862, publicou longo romance historico—*Os Indios do Jaguaribe*—em quatro volumes, o qual firma a sua acção dramatica e bem deduzida nas tentativas de colonisação do Ceará, em 1603, por Pedro Coelho de Souza.

Estes primeiros livros, acolhidos com o mais accentuado favor, sinão enthusiasmo, em todo o Norte do Brazil pelas rodas litterarias, nenhuma repercussão tiveram na Capital e no Sul do Imperio, e, pelo indifferentismo com que foram ahi recebidos, inclinaram o espirito de Franklin

Tavora, naturalmente arrebatado nos começos da carreira, para uma direcção que, perdendo depois o primitivo caracter de violencia, deixou, comtudo, rasgado sulco em seu modo de estudar as cousas e aprecial-as

No ardor da mocidade que queria logo e logo e a todo transe vêr triumphantes e coróadas as producções do seu talento, buscou remontar ás causas daquella differença de acceitação e julgou ter encontrado a chave do enigma, quer na idolatria que mereciam escriptores mais provectos e de reputação já feita, quer na dissemelhança de impressões, que deve sentir o leitor do Norte do Brazil e o do Sul, afeitos a habitos e modos de pensar differentes, rodeado cada qual de circumstancias mui especiaes de natureza e clima, que sobre elle necessaria e imperiosamente actuam.

D'ahi, a sua operosa batalha, nos ultimos tempos muito arrefecida, para scindir a litteratura brazileira em duas grandes agrupações—a do Norte e a do Sul, quando ella entretanto é ainda tão acanhada e pobre, que não ha como repartil-a e bifurcal-a. Por pouco se diria até *ex nihilo, nihil*.

Na lucta franca e desabrida, que, desenvolvendo estas suas prevenções, travou com o maior vulto litterario de então, José de Alencar, aliás filho tambem do Norte como elle, apresentou-se em campo de viseira alçada e como resoluto iconoclasta prompto para derrubar, á frente de alguns ardidos companheiros, os pretendidos idolos a que o Brazil litterario consagrava veneração, de certo exagerada e que o tempo consideravelmente reduzio, mas que no seu entender tomava feição de injustificavel e ridiculo fetichismo.

São dessa época as *Cartas a Cincinnato*, assignadas pelo conhecido pseudonymo de Sempronio, e que, escriptas anteriormente, appareceram de 1871 a 1872, nas *Questões do Dia*, publicação feita por José Feliciano de Castilho com o intuito de aggressão politica ao notavel parlamentar José de Alencar, cujos fóros de litterato tambem concommittantemente buscavam deprimir e contestar.

Concorreu não pouco esta circumstancia de caracter pessoal para que deixasse de produzir o esperado resultado

aquella longa e ardente critica, que se por vezes é miuda demais, acre e ferina, recommenda-se por outras qualidades e não poucas observações justas, perspicuas e sensatas encerra, podendo ser a todo o tempo lida com proveito e interesse.

Entretanto não ha negar, tão violento ataque, partido de um neophyto em litteratura contra o seu chefe natural e que empunhava o bastão do mando por dar a todos exemplos de perseverança em vencer a indifferença publica e o sarcasmo dos politicos, não teve o exito que esperára Franklin Tavora, já então mudado para o Rio de Janeiro, onde, muito a contra gosto talvez, recebeu o influxo das idéas e elementos sociologicos que desde então o cercaram.

Antes de vêl-o em nova arena, deixemos aqui mencionados os trabalhos que no Norte publicou. Em 1866, *A casa de palha*, romance que teve transcripção em não poucos jornaes; em 1869, *Um casamento no arrabalde* (historia do tempo em estylo de casa) conto descriptivo, em que com muita felicidade e sincera observação pintou varios costumes da terra pernambucana; em 1870, *Tres lagrimas*, drama em 5 actos e 7 quadros, representado com bastante applauso no theatro do Recife e finalmente, de 1872 a 1873, a ardente polemica travada na folha *A Verdade*, em que contrariava de frente os ambiciosos planos do bispo de Pernambuco, frei Vital, numa serie de artigos de combate, que abalaram o espirito geral da provincia, e concorreram para a organisação da resistencia do poder civil, na chamada questão religiosa.

Eis, porém, Franklin Tavora na grande capital do Brazil e obrigado a dar, como romancista da zona litteraria, cujos limites reivindicava sem cessar, cópia de si e a apresentar producto imaginativo, escoimado daquelles senões e vicios, que tantas e tão acerbas censuras haviam valido ao chefe da escola romantica, José de Alencar.

Em 1877, publicou o *Cabelleira*, historia de celebre facinora pernambucano, e a aceitação ficou, sem contradita possivel, muito aquem das esperanças proprias e das dos companheiros de propaganda, apezar de inumeros

artigos laudatorios de Castilho e outros, que continuavam o acanhado programma das *Questões do Dia*.

Dous annos depois, deu á estampa trabalho sem duvida mais interessante e cuidado, *Lendas e tradições populares do Norte*, e em 1878, o *Matuto*, livro ainda mais digno de leitura e apreço do que os precedentes.

Já ahi pudéra de perto verificar, na justeza do seu entendimento, quantos preconceitos mal fundados abrigára a sua mente para com muitos collegas em lettras, cuja convivencia começou a procurar com assiduidade e communicativa franqueza.

Nasceu então nelle e em alguns amigos o bello e generoso pensamento de fundar-se uma folha de caracter meramente litterario, em que se congregassem todas as aptidões brazileiras na especie; e debaixo dos melhores auspicios surgio, com effeito, á publicidade a *Revista Brazileira*, que constitue um dos mais valentes e bem encaminhados tentamens, que temos até aqui podido vêr realizados.

A introducção, escripta por Franklin Tavora, era toda no sentido conciliatorio e promettia a mais imparcial e plena hospitalidade a todos os escriptores, que para ella quizessem concorrer.

Nessa *Revista*, que durou de Maio de 1879 a Dezembro de 1881, publicou da sua lavra dous longos romances—*O Sacrificio*, em 1879, e *Lourenço* em 1881, manifestando este ultimo o amadurecimento do seu talento principalmente na descripção das festas populares e peripecias da vida no Norte. Sem contestação mereceu ser tirado á parte e formou um livro, que tem lugar distincto na collecção das boas obras nacionaes.

Ainda, porém, nesse periodico, Franklin Tavora, se não se collocou em pessoa á testa do movimento litterario nortista contra os escriptores do Sul, ou como taes a todo o preço considerados, por elle se deixou subordinar; e a folha que a todos promettêra tão largo campo á liberdade de acção, foi gradualmente apertando o circulo dos seus collaboradores, cahindo em poder de espiritos intransigentes e indisciplinaveis, na phrase da *Imitação de Christo*, embora valentes nas crenças e

aggressivo labutar, e assim, perdendo em interesse e em numero de leitores, pouco dispostos a acompanharem e darem alento a violentas e interminaveis polemicas.

Dahi a obrigatoria terminação de uma *Revista*, que teria prestado, outra fôra a direcção impressa, assignalados serviços á litteratura patria.

Mas de todos os choques litterarios e embates, uns provocados, outros supportados, e do amargo travo da experiencia, que Franklin Tavora provára nas difficuldades da vida, já então carregado de familia e arcando com escassos meios de subsistencia, resultou certa depressão do seu espirito, que foi achando gosto no retrahimento e na moderação; e ahi comecou para nós, companheiros do Instituto Historico, o periodo da sua existencia mais proveitoso e que nos tórna a sua memoria tão bemquista e saudosa.

Em 1880, é proclamado socio correspondente e já no anno seguinte levantava aqui a vóz como nosso orador, exercendo este penoso cargo até 1887, quando se dedicou com ardor especial á redacção da nossa Revista e á organisação dos trabalhos, que nella deviam figurar.

Quanto mais actividade gastava Franklin Tavora em favor do Instituto, mais se achegava e se prendia a esta Associação, á maneira daquelles guerreiros da Idade Media que, depois de muitas batalhas e arriscadas aventuras, estremeciam o silencioso e triste claustro, em que se haviam mettido para a gosto meditarem e cultivarem as perfumosas flôres d'alma.

Isto aqui, na verdade, não é campo de luctas, nem de degladiações, e sob nossas abobadas impera mais a soturnidade da reflexão, do que o fulgor de incandescentes justas; mas exactamente d'essa feição provém a nossa doce intimidade, o desabrochar de habitos serenos e o acatamento de tradições, que se de um lado concorrem para certo escarneo dos levianos e motejadores, do outro nos valem o apreço real dos que mais a fundo procuram estudar e conhecer as cousas brazileiras.

Desse sentimento ninguem se possuio mais do que Franklin Tavora e melhores provas adduzio, sobretudo quando tratou de preparar as festas do quinquagenario do

Instituto, lembrança que a elle exclusivamente devemos e pudemos realisar, ainda que a cada momento sentissemos, já então, a falta da sua iniciativa e o concurso do seu incitamento.

Dominava-lhe comtudo, o ardor dos esforços o presentimento de morte bem proxima, e esse, elle o deixou transparecer em palavras que feriram a attenção dos que o ajudavam nos preparativos da festa do Jubilêo.

Com effeito, a 18 de Agosto de 1888, quasi que subitamente começou a deitar largas golfadas de sangue e em breves minutos para sempre fechou os olhos á luz da vida. Tinha mais de 46 annos.

Julgado como escriptor, Franklin Tavora, se não possue scintillações de estylo e grande novidade de concepção, tem por si a enorme facilidade de phrase e o elevado merito de haver sempre zelado a dignidade da lingua vernacula, não consentindo nunca nas deturpações da moda ou nessa facilidade em acceitar a phrazeologia e molde de linguas estranhas, quasi sempre contrarias á verdadeira indole e gosto do portuguez puro e açacalado, tão bello em sua singeleza, como delle usaram os grandes classicos, tão rico em sua terminologia, quanto adaptavel a todas as impressões, que se queiram produzir no animo do leitor.

Investigador incessante e sempre consciencioso das scenas e peripecias do passado, o espirito tenaz e paciente desse homem, libertado já dos preconceitos que haviam feito explosão ao entrar na liça litteraria, havia de ser de immensa utilidade para o estudo methodico das questões patrias, e nenhum campo se lhe abria mais vasto e mais proprio, do que podia offerecer-lhe este Instituto, possuidor que é de immensas riquezas bibliographicas, umas já inseridas no corpo da nossa quinquagenaria *Revista*, outras ainda manuscriptas e todas da maior valia historica e scientifica.

Determinou de outro modo a morte e dispoz de Franklin Tavora, quando mais preciso se nos ia elle tornando. Jamais, jamais, comtudo, esqueceremos a sua leal, constante e sincera coadjuvação que muito representa, pois, tendo pertencido á escola dos intransigentes,

dos incontentaveis e sarcasticos, na sua identificação comnosco implicitamente nos dispensava homenagem do mais alto preço e significativa estimação.

II

Depois de assim dada expansão á dôr mais intima, mais nossa, manda dever de justiça que reverentes nos curvemos ante o vulto do socio, sem duvida, mais illustre, que este anno perdeu o Instituto Historico. Transpoz o seu nome os limites da terra, em que nasceu e ganhou notoriedade universal, porquanto representou principios communs, preciosos a toda a humanidade e indispensaveis ao seu progresso, sustentando-os, por entre immensas provanças, tribulações e perigos, com admiravel serenidade e sagrada confiança na victoria da boa causa e do bem.

Refiro-me, senhores, a um grande Americano, que lembra nas multiplas phases da sua longa existencia de 77 annos alguns daquelles heroes da antiguidade, de que nos falla Plutarco, e cuja nobreza de sentimentos e virilidade de caracter tanto impressionam a mocidade, quando se lhe ministra a educação classica, que vai sendo, para mal do nosso futuro social, demasiado descurada.

Refiro-me a D. Domingos Faustino Sarmiento, um dos mais alentados crentes que jámais confiaram na força e no poder do ensinamento e do exemplo, e mais fizeram, em toda a historia da civilização moderna, pela creação de escolas, diffusão das luzes e instrucção do povo.

E' que elle tinha diante de si escopo tão difficil de alcançar e tão arriscado, quanto nobre e glorioso, e só pela pertinacia, tenacidade, acção lenta e segura, fé, e propaganda podia, como felizmente pôde, vêr corôadas as grandes e inquebrantaveis esperanças.

Chegado á idade em que um pensamento predilecto começa a dominar o homem, e aponta o rumo que vai seguir a sua carreira moral no meio de innumeras altracções e impulsos diversos, comprehendeu D. Domin gos Sarmiento, quando se achou em frente ás instituiç ões

vigentes em sua patria, que todos os vicios alli radicados, todas as vergonhas de governos ineptos e prepotentes, todos os desmandos de cruento militarismo, todos os soffrimentos da liberdade, todo o poderio de ridiculos e sanguinarios caudilhos, toda a humilhação dos cidadãos bons e honestos provinham da profunda ignorancia das massas subjugadas, e que o edificio erguido pela força bruta, como ameaçadora molle á dignidade e independencia de todos, tinha que ser minado, a toda a hora, a todo o momento desde os alicerces e destruido pedra por pedra com paciencia tal, que nada pudesse desvial-o da sua obra de teima e perseverança.

Era desses commettimentos, que fazem recuar, ou pelo menos vacillar os mais resolutos e enthusiastas; era dessas emprezas, em que o apoio reciproco e o arrastamento mais precisos e caros se tornam. Entretanto, o illustre Argentino, sem companheiros, sem outra instigação mais do que uma vontade adamantina e superior a todos os desanimos do tempo e a todos os obices da violencia e da tyrannia, a elle se abalançou, manejando duas armas, que a principio pareceram bem pueris e inermes aos obcecados olhos do despotismo — a penna para escrever o livro, a palavra para ensinar na escola.

Quantos annos, quantos lustros, quantos decennios de energia, de constancia e de labor a solapar o sólo em que se alteava a praga daquellas bellas regiões platinas, o *gauchismo*, a aviltar a Republica Argentina, sub-dividindo-a em pequenos estados, cada qual mais absurda e abusivamente governado por pretensos generaes, sahidos das mais baixas camadas da gente dos campos!

Foi Domingos Sarmiento o clarim retumbante, foi a voz da patria, a principio angustiosa e fraca, depois irresistivel e imperiosa, que, em nome da cidade, da civilização e da bandeira branca-azul, declarou e moveu guerra, guerra sem tregoas, guerra de morte, aos pampas, á barbaria e ao pavilhão vermelho, o pavilhão de sangue e da *mashorca*.

Quantas paginas de arrebatadora exaltação, quantos raptos da mais valente eloquencia não lhe inspiraram os patrioticos anhelos! Quantos canticos vibrantes não

soltou a sua alma a suspirar pelo dia da libertação, conturbando o torvo espirito de broncos soldados, que só podiam responder-lhe com a matança dos proselytos, a se alistarem cada vez mais numerosos nas fileiras da resistencia, a principio passiva, mas ainda assim já ameaçadora em sua apparente resignação!

Habent sua fata libelli.

Ha livros que tem missão providencial.

Ainda ha pouco tempo, com immensa e mystica elevação dizia a immortal Becher Stowe dessa obra estupenda, que se chama *A cabana do pae Thomas*, o primeiro brado da grande revolução humanitaria dos Estados-Unidos: « Não fiz mais do que escrever aquillo que Deus me foi dictando. »

Assim tambem, *Facundo Quiroga* de Sarmiento é como que a pedra angular da Republica Argentina, um dos mais extraordinarios protestos da civilisação e da liberdade contra a barbaria e o despotismo.

Marca o seu apparecimento em 1845 o inicio da nova era mental para aquelle povo, e a repercussão que produzio abalou desde a base o arrogante castello, em que se enfeudára a ousada e quasi inconsciente *caudilhagem*.

Bastára esse livro para dar a Sarmiento lugar bem saliente entre os benemeritos da humanidade; mas se elle representa o maior e mais assignalado serviço prestado á terra patria, e digamol-o, ao mundo inteiro, não são para ficar esquecidos e á margem outros esforços, que lhe serviram de prodromos e complemento.

Foi exactamente a caracteristica do genio desse estadista, caminhar lenta e gradualmente, mas com passo sempre calculado e firme. A elle cabe ter systematisado a lucta contra a oppressão de quantos, na satisfação de desregradas ambições, arrastavam o nobre povo Argentino á desgraça e ao aviltamento, empapando de sangue, larga e crudamente vertido, o solo de uma das mais formosas e promissoras regiões do mundo.

III

Nasceu D. Domingos Faustino Sarmiento em S. Juan, no dia 13 de Fevereiro de 1811. Destinado por seus pais

á carreira das armas, cujo ruido enchia de um extremo a outro todo o paiz, era no anno de 1826 já alferes; no seguinte, tenente-ajudante do general Vega assistia aos combates de Tifan e Niquivil e, á frente de 20 homens, praticava um acto de applaudida audacia.

Envolvido de perto nas intrincadas guerras daquella época, cujo interesse cada vez mais diminue, á medida que vão aos olhos do seculo perdendo importancia as scenas de violencia e os embates armados, Sarmiento, já então major graduado. depois de muitos encontros e combates em que deixou bem confirmada a reputação de valente soldado, accentuou em 1835 o novo curso das suas idéas e o rumo que tomára o seu espirito amadurecido nas lides da penosa vida militar.

Tambem por isto, pouco depois, era obrigado a emigrar para o Chile, o seu grande e continuo abrigo desse tempo em diante, a terra natal, para assim dizer, do seu pensamento, onde ia, qual outro Antêo, buscar forças e coragem nas vicissitudes da sua grande peleja. Servio-lhe de muito nessa arriscada conjuctura a pratica das armas, pois foi quem dirigio como habil manobrista a retirada dos concidadãos Sanjuaninos, que apressados buscavam tambem a protecção chilena, tangidos pelos horrores da guerra civil.

Foi este, é de crêr, um dos pontos culminantes da vida de Sarmiento, quando pela primeira vez galgou a aspera e magestosa cordilheira dos Andes, a cujos pés se dilatam immensas, interminaveis,as planicies argentinas. Ao contemplar de tão alto as terras patrias, sentio candentes lagrimas lhe correrem dos olhos ao pensar na sua infausta sorte, no seu abatimento e degradação, retalhadas, como as vira, pela rapacidade e miseria dos homens e lugrubemente allumiadas pelo facho da discordia e da luta fratricida.

Então mais perto dos céos, chamou a si essa força quasi sobrenatural que nunca mais o abandonou e invencivel conforto lhe infundio em todas as contingencias da atribulada existencia.

De certo, foi alli, entre os esplendores de uma natureza severissima e grandiosa, em que tudo levanta

e exalça a mente do sêr pensante e acabrunha a sua fraqueza physica, foi alli no reconcavo daquellas elevadissimas cumiadas de que a luz do dia a custo se desprende, fulgurando com irradiações nunca vistas no seio de tenebrosas noites, foi alli que Sarmiento traçou o programma da sua vida e delineou esse apostolado, que, muito mais feliz do que o commum dos pregadores e martyres, pôde vêr completo e triumphante, colhendo elle mesmo, embora largos annos depois, os saborosos fructos da arvore plantada por suas mãos e regada com o suor da meditadora fronte e com o sangue das suas veias.

Em 1836, voltou Sarmiento do Chile, e o contraste da paz, que preside á bella organização daquelle extraordinario e sympathico paiz, com os desmandos e convulsões então geraes na sua patria lhe aviventou o amor da ordem consorciada com a liberdade.

Não bastava sentir; urgia ensinar aos outros, ensinar sempre, ensinar sem parar, e para isto, fundou escolas, afim de preparar a mocidade e derramou em profusão livros, ou para doutrinar os ignorantes ou incutir coragem aos indifferentes, timidos e apathicos.

Não tardou por isto a chamar sobre si as suspeitas da tyrannia do já famoso D. Manoel Rosas, e, em 1842, é lançado sem culpa, nem pretexto numa masmorra, de onde a custo escapou dos furores dos assassinos, graças á protecção do governador Benevides.

Foge, pois; mas antes deixa gravada nas paredes do calabouço a celebre phrase que se torna o lemma da sua immorredoura prégação: « *On ne tue pas les idées.* »

Volta ao querido Chile, o doce retiro dos annos de infortunio, e alli paga com livros, ou de polemica historica ou de instrucção popular, a larga hospitalidade, que o acolhe e o acclama membro da Faculdade de Humanidades.

Attento, porém, aos acontecimentos da patria não se entrega ás doçuras e ao torpôr de vida commoda e respeitada; passa e repassa pelo contrario a penosissima serrania dos Andes, ás vezes a pé e no meio dos horrores de crudelissimo inverno, para ir soccorrer os concidadãos, a quem solicito dá viveres, abrigo, roupa, hospital e afinal

collocação na terra do carinhoso exilio, onde fundou a primeira Escola Normal e redigio os primeiros jornaes da sua capital, Santiago.

O anno de 1845 assignala, como dissemos, a apparição de *Facundo Quiroga*, esse livro extraordinario, cujas primeiras palavras se nos afiguram magestoso portico em templo cheio de grandeza e temerosos mysterios, que vão ser desvendados pela eterna justiça de Deus.

« Terrivel sombra de Facundo, exclama elle, vou evocar-te, para que sacudindo o ensanguentado sudario que envolve as tuas cinzas te levantes e nos expliques a vida secreta e as convulsões internas que dilaceram as entranhas de um nob e povo! Tu possues o segredo; revela-nos! Dez annos depois da tua tragica morte, o homem das cidades e o gaucho dos pampas argentinos, ao tomar trilhas diversas, diziam: « — Não. Não está morto! Vive ainda! Elle voltará! » De certo, Facundo não morreu; vive nas tradicções populares, na politica e revoluções argentinas; em Rosas, seu herdeiro, seu complemento. Sua alma passou para molde mais acabado, mais perfeito. O que nelle era só instincto, iniciativa e tendencia transformou-se em systema, effeito e fim. A natureza campestre, colonial e barbara transmudou-se nesta metamorphose em arte, systema e politica regular, capaz de apresentar-se á face do mundo como o modo de ser de um povo identificado com um tyranno, que aspirou tomar ares de genio, a dominar os acontecimentos, os homens e as cousas.

« Facundo, provinciano inculto, valente, audaz, foi substituido por um filho da culta Buenos-Ayres, homem falso, coração gelado, espirito calculista, que faz o mal sem paixão e lentamente organiza o despotismo com a intelligencia de um Machiavel—tyranno sem riv*a*l hoje na terra. Porque lhe disputarão os inimigos o titulo de *Grande*, que lhe prodigam os cortezãos? Sim, grande e muito grande é para gloria e vergonha da sua patria, pois se encontrou milhares de seres degradados para se jungirem ao seu carro e arrastal-o por cima de cadaveres, tambem ha milhares de almas generosas que, em quinze annos de sangrenta lucta, não desesperaram de vencer o

monstro, que nos propõe o enigma da organização politica da Republica. Dia virá, por fim, que o resolvam; e a esphynge argentina, metade mulher pela covardia, metade tigre pela ancia de sangue, morrerá aos seus pés, dando á Thebas do Prata a elevada posição, que lhe pertence entre as nações do Novo-Mundo! »

Durante tres annos, de 1845 a 1848, viajou Sarmiento muitos paizes da Europa e em todos elles achou o seu nome já conhecido e applaudido pelos homens mais illustres do Velho Mundo, com os quaes travou relações que dahi por diante manteve sempre a poder de activissima correspondencia.

De volta á America, foi que encetou mais directamente, por meio de pamphletos e livros da maior energia sem interrupção publicados, essa memoravel campanha da idéa e da liberdade contra Rosas, que terminou afinal pela batalha do Monte Caseros ganha, a 2 de Fevereiro de 1851, pelas armas brazileiras, unidas ás forças do governador de Entre-Rios D. Justo Urquiza, a quem o Imperio amparára com o prestigio do seu apoio e de uma acção prompta e efficaz.

Nella tomou parte o nosso heroe como tenente-coronel, e—facto bem curioso e digno de nota—a bella e vibrante narrativa official da acção, que derrubou um dos mais sanguinarios dictadores da região Platina, por elle foi escripta com a mesma penna, com que o despota acabára de assignar decretos de proscripção e morte, prova bem cabal de que «*on ne tue pas les idées.*»

Condecorado pelo governo do Brazil por actos de bravura na passagem do Tonelero, e desavindo já com Urquiza, que de certo não podia realisar o seu ideal, Sarmiento, já então demissionario do exercito, veio ao Rio de Janeiro, afim de seguir para o Chile e passou mez e meio em Petropolis, na mais grata e doce convivencia com o Sr. D. Pedro II.

Ahi se deu um episodiosinho, de caracter quasi intimo mas interessante, que pela primeira vez é entregue á publicidade.

Numa das amistosas palestras, em que aquelles dous elevados espiritos tão bem se comprehendiam,

pedio o Imperador a Sarmiento uma das obras, que não lhe fôra possivel encontrar á venda e cujo titulo citou. «Não a tenho, respondeu elle apressado,» e depois com certo acanhamento : «Estou faltando á verdade. Não vale a pena Vossa Magestade lel-o ; é opusculo de combate e violenta polemica.» Insistio o monarcha : «Compete-me decidir isto. Eu lhe peço; traga-me o livro.» «Pois bem, respondeu o outro, mas do meu lado instantemente rogo a Vossa Magestade deixe de ler as paginas que estiverem dobradas.» Ao entregar-lhe o folheto, o Sr. D. Pedro II lhe disse—«Religiosamente cumpri a promessa.» E com effeito, só muitos annos depois, foi que conheceu o que continha o trecho vedado,—acerbas accusações feitas ao Brazil, apaixonada diatribe contra a monarchia americana, cuja injustiça e improcedencia o illustre Argentino sem duvida lá no intimo plenamente reconhecêra.

Mas... apontemos simples datas; do contrario desta oração fariamos volumoso repositorio com muitas centenas de paginas, todas largamente recheiadas de actos da maior significação, do mais puro e acendrado patriotismo.

1852 — De volta do Chile, escreve a *Campanha do grande exercito.*

1853—Nomeado a um tempo deputado por Tucuman e á legislatura de Buenos Ayres, renuncia ambos os logares ; publica os *Commentarios á Constituição.*

1855—Regressa á terra do seu nascimento,mas ahi se vê, depois de tantos annos de peleja em favor dos outros, estrictamente vigiado e é quasi preso. Protesta e vai para Buenos Ayres, onde o nomeam director da Instrucção Publica. Aos seus esforços surgem mais de 100 escolas, e seus methodos pedagogicos, fructos do continuo meditar, recebem brilhante applicação. Occupa-se com questões administrativas; escreve um tratado de Sylvicultura; introduz o fio de arame para cercar as propriedades ruraes, cujo valor só por isto duplica, e crêa *potreiros* artificiaes,especies de *haras* para a remonta da cavallaria, que poderosamente concorreram para mais uma victoria da civilisação sobre a barbaria, da cidade sobre o pampa— a batalha de Pavon.

1858— Arrebentando a guerra civil, Sarmiento

disciplina e organisa corpos de milicia. Senador por Buenos-Ayres, de que é nomeado governador, propõe utilissimas medidas, que fazem daquella legislatura uma das mais fecundas.

1861— Governador de S. Juan, dedica ao torrão natal todas as qualidades de grande estadista.

1864— Ministro plenipotenciario no Chile, Perú e Estados-Unidos, sustenta nestes paizes Sarmiento os creditos da patria e por toda a parte colhe as homenagens devidas a tantos serviços e tamanha dedicação. Escreve a *Vida de Lincoln*, e, em Venezuela, *As duas Americas*, livro que alli produz verdadeira revolução moral e faz erigir innumeras escolas.

1867— Vai a Paris, onde goza da intimidade de Laboulaye, Thiers e mais vultos de marca.

Eleito afinal presidente da Republica Argentina occupa,de 1868 a 1874,a cadeira de Magistrado Supremo da nação, conquistando elle— o imperterrito batalhador da tyrannia— pela intelligencia e moralidade essa posição culminante,que durante tantos e tantos annos pertencêra aos selvaticos representantes da força bruta e do obscurantismo.

Tambem nova éra de paz, progresso e liberdade abrio de par em par as portas a todos os elementos de prosperidade,entre os quaes tomou a frente a immigração européa, a grande, a sã, a indispensavel, a salvadora immigração, a impulsão unica, vigorosa, irresistivel de todas as nações que se estão constituindo, qualquer que seja a sua fórma de governo.

Caminhos de ferro cortando por todos os lados o territorio argentino,linhas telegraphicas prolongadas até aos limites ultimos, accrescimo da renda publica a mais de 40.000:000$, escolas por toda a parte, innumeros são os brilhantes attestados da administração de D. Domingos Sarmiento, provas completas emfim, de que como homem soubera ir além das grandes promessas feitas e das alentadas esperanças que suscitára.

Fóra do poder supremo é sempre a mesma individualdade na direcção do paiz, já como senador, já como

jornalista, porquanto nunca deu repouso á penna de ardente discutidor e applaudido publicista.

Em todas essas phases tão variadas e sempre dignas do estudo dos pensadores, só se lhe póde notar ligeira fraqueza, que deixaremos sem commentarios—ter feito valer os seus serviços militares, aliás importantes, para conseguir a graduação de coronel e posteriormente de general....

A 11 de Setembro, alfim, deste anno de 1888, descançou o fatigado corpo, e as solemnissimas exequias que lhe fizeram a Patria Argentina e o Chile bem demonstraram aos mundos a extensão da perda de tão grande estadista e o prestigio e gratidão, que soubera conquistar em todo o continente Sul Americano.

Ao entregar a bandeira chilena para cobrir o feretro de Domingos Faustino Sarmiento pôde o plenipotenciario D. Guilherme Matta com justiça e eloquencia affirmar :

«Se a Republica Argentina lhe deu berço, honras e meritos, a do Chile pondo nas mãos do athleta, então bem joven, a arma da penna e avigorando o seu entendimento em atmosphera livre e serena, incutiu-lhe forças moraes e elementos de lucta bastantes para sem tregoas arcar contra os tyrannos que degradavam a sua patria e afinal vencel-os.»

IV

Voltando, senhores, á terra brazileira, lamentemos o fallecimento de um dos seus denodados filhos na ardua carreira politica. A 4 de Junho passado, morreu o conselheiro João da Silva Carrão, nascido a 14 de Maio de 1814 na cidade de Curitiba, hoje capital da Provincia do Paraná e então simples cabeça de uma das comarcas da de S. Paulo.

Lente estimado da Faculdade de direito, jornalista ardente em seus primeiros tempos de lucta e sempre applaudido em todas as épocas, deputado geral e membro da Assembléa provincial em muitas legislaturas, presidente do Pará em 1857 e ministro da fazenda em 1866, foi afinal escolhido senador do Imperio a 9 de Dezembro de 1879.

Em sua longa existencia prestou bons e incontestaveis serviços ao paiz e ganhou renome na tribuna parlamentar, sobretudo em assumptos juridicos e financeiros. Como todos quantos, porém, se atiram nos braços avidos, hystericos e mortiferos da politica, nella soffreu grandes decepções, vendo, como acontece aliás em toda a parte, a ascensão facil dos astutos e sobretudo dos mediocres, reconhecendo quanto é inhabil aos calculos e ás aspirações da justa ambição a coherencia de principios e a firmeza de idéas e sobretudo curtindo dolorosos desenganos d'aquelles que considerara seus melhores e mais dedicados amigos.

Outro dos nossos consocios, desapparecidos este anno, começou, do mesmo modo que o conselheiro Carrão, a salientar-se na sociedade brazileira como lente da faculdade de Direito, mas no Recife, entregando-se tambem depois aos vaivens da politica, em que lhe tocou bem grave e acabrunhadora tarefa, como adiante diremos.

João José Ferreira de Aguiar, barão de Catnama, fallecido a 15 de Novembro proximo passado, nasceu a 10 de Janeiro de 1810 na cidade de Goyana, em Pernambuco. Filho de Antonio Ferreira de Aguiar e D. Ursula das Virgens Martins, foi, apezar da escassez dos meios da carinhosa familia, educado com o possivel cuidado e zelo, podendo matricular-se na primeira turma de estudantes, que frequentou a faculdade de Olinda, onde em Outubro de 1833, com 22 annos de idade, recebeu o gráo de bacharel.

Abraçando a principio a magistratura, que depois abandonou pela politica e o magisterio superior, teve, a 10 de Maio de 1834, nomeação de juiz de direito da capital do Ceará e, dous annos depois, de presidente da provincia do Rio Grande do Norte, onde revelou notaveis dotes de administrador. Deputado geral em quatro legislaturas e membro da Assembléa Provincial em varias eleições, acceitou, a 26 de Abril de 1855, a cadeira de direito criminal da Faculdade do Recife, lugar que exerceu sem grandes interrupções até 9 de Fevereiro de 1884, com proficiencia nunca desmentida e grande applauso dos alumnos, que, no julgamento severo das provas, viam o cunho da justiça e da inflexibilidade do seu caracter.

Bella copia, já dera, dessa qualidade em 1849, quando se collocou ao lado da legalidade e com a maior efficacia ajudou a admiravel energia e nunca esquecida attitude do presidente Tosta, hoje venerando marquez de Muritiba, por occasião dos movimentos revolucionarios de Pernambuco.

Condecorado então com o habito de Christo, em 1854 com o officialato da Rosa, em 1860 com a commenda, distinguido a 9 de maio de 1874 com a carta de conselho, foi em julho deste anno agraciado com o titulo de barão de Catuama, de que pouco poude fruir.

Ha instantes, alludi a uma phase tão compromettedora quanto penosa na vida publica do conselheiro Aguiar. Foi a presidencia da provincia do Ceará.

Quando tomou conta da administração a 23 de Novembro de 1877, substituindo o desembargador Estellita que desse elevado cargo fôra exonerado por Carta Imperial de 13 de Outubro daquelle anno, lavrava alli a secca, já uns nove mezes, a terrivel, secca, que periodicamente assola aquella bella e grande zona, e que de 1711 para cá nella sempre deixou as mais desoladoras recordações, das dezesete vezes que a tem salteado.

Ainda bem feliz, quando é parcial, como em 1745, 1809, 1817, 1827, 1830, 1833 e talvez agora em 1888 e não estende o devastador dominio sobre toda a provincia, accumulando horrores sobre horrores.

Parece provado que, além de certa relação secular, decorre de uma a outra o periodo de mais ou menos dez annos, em que a terra cearense como que toma resfolego e se apressa em produzir com pasmosa e compensadora exuberancia; mas não havia duvidar, nesse anno de 1877, soffria ella o flagello em todo o seu rigor, do mesmo modo que acontecêra em 1777, cem annos antes.

Aliás, como clima quente e humido na orla maritima e quente e secco no interior e pela sua posição especial em zona intertropical, sujeita a duas viragões ou ventos encontrados, oscilla o Ceará entre as calamidades da secca no verão e da inundação no inverno, sendo muitas vezes as consequencias desta tão fataes quanto as daquella. Cita-se particularmente o inverno, que começou a 25 de

Novembro de 1871 e foi, quasi sem intervallos e com chuvas pesadissimas, até Junho de 1873.

Penetremos agora os umbraes do terrivel drama que se vai desenrolar e em que, durante mezes e mezes, figurou no primeiro plano o conselheiro Aguiar, como o centro para o qual convergiam as vistas angustiosas de toda uma provincia, ao vêl-o debater-se entre milhares de tremendas difficuldades de toda a ordem, em cujo numero não pouco de certo avultava a infrene e formidavel ganancia, que a desgraça geral açulava em vez de suffocar e a todo o transe procurava satisfazer a insaciavel voracidade, tirando quantiosos lucros da desventura de infelizes famintos e moribundos.

Barreira invencivel tornou-se contra esses impetos o zeloso e integro presidente, e de todas as vergonhas dequella malfadada época, emerge o seu nome não só puro e intemerato, mas tambem como symbolo de resistencias, que se de um lado altamente lhe abonam os escrupulos da consciencia, ao servir tão espinhoso munus, do outro deram cunho de avára restricção ás providencias que deveriam ter sido tomadas em mais larga escala.

Resalta esta dupla feição bem clara da bella obra do Sr. Rodolpho Theophilo, o historiador exacto e minucioso das miserias daquelle triste periodo, guia seguro e imparcial que iremos seguindo com a maior confiança.

V

Largos e alegres annos decorreram, de 1845 a 1875, para a provincia do Ceará, sem que houvesse ella que se queixar do tempo e dos céos; e com a estupenda fertilidade do solo, mal seja um tanto regado, grande incremento se fizera notar em todos os ramos da actividade humana.

Sua população triplicára quasi, e as safras de algodão durante a guerra de secessão nos Estados-Unidos e outras circumstancias lhe tinham por toda a parte derramado valiosos cabedaes e suscitado grandes esperanças de um futuro inalteravel na prosperidade.

Escasso, porém, foi, quando menos se cuidava, o inverno de 1876, e alguns prodromos bem sensiveis em fins de

Dezembro começaram, no meio da despreoccupação geral, a levar o sobresalto ao espirito dos velhos e experimentados, recordando-lhes sinistras previsões e as dolorosas scenas de vinte annos atraz. Falhára a *experiencia*, como lá se chama, de 13 de Dezembro, dia de Santa Luzia, e os ventos alisios sopravam de continuo rijos, dissipando com assustadora facilidade as nuvens e vapores que tendiam a condensar-se.

Appellava, comtudo, o povo para as datas cyclicas de 15 e 19 de Março e via sua fé alentada com os aguaceiros, embora fracos e curtos, de Janeiro e Fevereiro.

Começou a época esperada, e a anciedade foi augmentando.

Imaginai uma população inteira, centenas e centenas de milhares de entes com os olhos cravados no firmamento, buscando lêr nelle indicios de salvação ou prenuncios de irremediavel e cruel ruina!

E á medida que se iam as horas escoando, mais e mais crescia e engrossava a afflicção, como angustia tremenda. Se de momento se toldava, por pouco que fosse, qualquer ponto da mysteriosa abobada, para lá se erguiam soffregos todos os votos, todas as preces daquella gente supplice e inquieta, que entretanto, na noute de 14, buscou repouso alvoroçada de prazer, pois o ennublamento quasi geral indicava para o dia seguinte copiosa e suavisadora descarga.

Raiou a aurora de 15, e a amplidão celeste rutilava de um ponto ao outro na fulgencia de formosa manhã, como que a escarnecer da miseria em que campeavam esses offuscantes e lethaes esplendores!

Em todo o espaço nem uma nuvem, nem uma sombra de consolação!

Ah! o sol impiedoso a dardejar mil desventuras na indifferença das grandes forças inconscientes!

E o vento, como que a bel prazer varrendo na implacavel logica de leis ainda para nós desconhecidas, a felicidade de tantos e tantos entes, já certos dos pavorosos males prestes a cahirem, inflexiveis, inadiaveis.

Para que essa missão destruidora, esse flagello como castigo que nada póde arredar e commover?...

Foi o dia de S. José o signal do alarma, e da comarca da Telha partio o primeiro brado de soccorro. não tardando que em muitos pontos de outros districtos fizesse logo a população pobre concurrencia aos animaes, procurando mitigar a fome com a *mucunã*, as raizes da *maniçobinha*, o *chiquechique* e o *pão de mocó*.

Estava declarada a sêcca, e com ella entravam todos os crimes e desolações que costumam acompanhar as grandes calamidades publicas — vieram as hordas de ladrões e assassinos, a emigração em massa, atropellada e aos empurrões, o éxodo desordenado dos desgraçados, o abuso dos prevaricadores levado ao auge, as violações de virgens e crianças, o abandono dos velhos e invalidos, as epidemias, a variola, o beriberi, a mortalidade cada vez mais crescente, tudo, tudo emfim! Nem faltou a anthropophagia! Houve pai, (causa horror relatar attentado tão estupendo!) que devorou as carnes do proprio filho; houve mulher que se saciou nos cadaveres de duas irmãs!

E bandos de urubús, enormes, incontaveis, pairavam sobre aquelles nefandos quadros, á farta cevando a fome nos corpos dos homens e animaes, que para cumulo de horrores se viam cercados de nuvens de morcegos, verdadeiros vampiros a sugarem o pouco sangue, que lhes corria ainda nas veias.

Quem jámais poderá dar idéa, por longiqua que seja, das scenas que então se passaram? Com eloquente concisão diz Rodolpho Theophilo :— « Os olhos que as viam baixavam-se ao peso das lagrimas! »

Em tão apertadas circumstancias foi que chegou o presidente Ferreira de Aguiar, o qual vinha de fóra com o cauteloso espirito prevenido, pois se as verdadeiras desgraças do Ceará echoavam por todo o Imperio e compungiam o coração dos brazileiros, tambem repercutiam longe as indignas historias da locupletação dos ricos e magnates a explorarem situação tão dolorosa, e ferviam as mais acerbas accusações aos « *ladrões de casaca e luvas de pellica* », na conhecida phrase do conselheiro Leoncio de Carvalho, em pleno parlamento.

A desordem politica, que habitualmente reina no Ceará, em que se degladiam, não partidos arregimentados sob bandeiras de idéas e principios, mas simples interesses de familias e individuos, provocando assim a cada momento e desde muito incidentes escandalosissimos e deploraveis a mais não poder, essa politica, ainda mais accesa naquelle momento, era gravoso, quasi insuperavel obice aos sinceros desejos do presidente de bem guiar-se no meio de tamanho cahos e luctas tão odientas e tacanhas.

Eis a razão, porque o conselheiro Aguiar saltou em terra de sobreaviso e, digamol-o francamente, de sobrecenho carregado. Trazia comsigo innumeras prevenções, o que explica as seguintes palavras de Rodolpho Theophilo :

« Logo de principio, quando o procuravam para lembrar-lhe medidas, mostrava-se de máo humor. Fatigado pelos annos e pelo longo magisterio, enfezado e em continua irascibilidade, que mais se aggravava com padecimentos chronicos, tornava-se incompativel com as exigencias do serviço publico em quadra tão espinhosa ! »

Se este esboceto tem alguns visos de verdade, ainda veremos do mesmo autor palavras bem differentes e que fazem completa justiça ao nosso biographado.

Todo o empenho do conselheiro Aguiar, a sua preoccupação constante foi pôr diques ao latrocinio dos que procuravam encher-se á custa da miseria do povo; e ahi mostrou elle uma força de vontade inquebrantavel, uma energia superior a todas as manobras e tortuosidades da prevaricação;mas tambem dahi decorreram algumas ordens precipites e não ajudadas pela clemencia dos céos assim a internação de muitos retirantes em Janeiro de 1878, pois o dia de S. José daquelle anno foi nova e mais acabrunhadora decepção e prologo de soffrimentos,se possivel era, mais profundos e cruciantes.

Com o recrudescimento da secca, ainda mais alçou a cabeça a improbidade, a tal ponto que um representante vitalicio da provincia chegou a exclamar « que a população da sua provincia natal parecia quasi toda composta só de ladrões.»

O conselheiro Aguiar luctava, luctava como um

gigante contra a hydra de cem cabeças, contra esse Protêu de mil fórmas, que canteloso se occultava sob as vestes do cavalheirismo desinteressado, ou descaradamente ostentava cynico alarde e protervia sem igual; mas já sentia o desanimo invadir-lhe a alma e tolher-lhe as forças physicas e moraes!

A *muamba*, como popularmente appellidavam o furto feito ao Estado e ao pobre, estendêra-se como vastissima rêde por sobre toda a provincia, pelo que o povo, chorando de fome e raiva, cantava ainda no estertor da agonia:

A barca da muamba
Corre mais que o vapor.
Ai amor!

Que sinistra copla! E não poupavam ellas ninguem, e, como desforço do infimo contra o prepotente, do que soffre contra quem abusa, desfiavam os nomes de quantos se envolviam em negocios de soccorros publicos.

Crearam-se abarracamentos, nomearam-se commissarios, e entre estes houve quem levasse o cynismo a ponto de mandar para o mercado generos do Estado afim de serem vendidos por conta propria!

Entretanto pejavam mais de 40,000 retirantes a capital do Ceará, e ahi se desenvolveu intenso o espirito de caridade e solicitude do conselheiro Aguiar. Cedamos a palavra ainda uma vez a Rodolpho Theophilo, que tão severo se mostrou para com elle da primeira vez: « Não era raro encontrar-se á noute o presidente, visitando incognito os domicilios da miseria. Diziam, que indagava dos retirantes em que conta tinham o administrador da provincia e de todos ouvia as mais amarguradas queixas, as mais atrozes censuras. A verdade, como lamina de punhal, lhe atravessava o coração, todas as vezes que ouvia dos labios gretados das victimas da sêcca sahir uma maldição ao seu governo. Era elle, entretanto, quem procurava o mendigo, quem tirava da bolsa a esmola para lhe matar a fome. »

Já então, felizmente para o seu coração e espirito,

ia findando a onerosa administração, e, com a quéda da situação conservadora em começos de 1878, pôde passar, a 22 de Fevereiro daquelle anno, o governo provincial ao segundo vice-presidente Paulino Nogueira e embarcar, a 26, no vapor *Espirito-Santo*, que em breve o distanciou daquelle theatro de tantos horrores, amofinações e desesperos.

VI

Foram scenas de ha dez annos, senhores, e, entretanto agora, neste momento, vemol-as repetidas, reproduzindo todas as suas phases calamitosas, entremeadas de vergonhas moraes e cruezas physicas. Na quadra presente, alli está o Ceará já feito vastissimo lenço de cinzas, á espera dos dias de Março, que, se não lhe trouxerem chuvas, serão a porta aberta a todas as desventuras. Do mesmo modo que ha um decennio apenas, do mesmo modo que sempre, os animaes, o gado, as criações, já rodeiam inquietos e assustados o homem, como que a lhe lançarem em rosto a sua incuria e impotencia.

« Para que, (parecem incriminal-o na muda e afflictiva contemplação), nos dobraste á eterna vassalagem? Para que enfraqueceste pela domesticidade os nossos meios de resistencia, quebraste as forças das nossas azas, peaste a ligeireza dos nossos passos, senão para nos protegeres em tão terriveis angustias? » E qual a resposta?

A tamanho sinistro será solução o éxodo, a despovoação, o abandono dessa terra malsinada?

Não, por certo. Ao Brazil de hoje, ao grande Imperio americano é obra de obrigatorio patriotismo saber acudir a esses males e obvial-os para sempre.

E já estaria muita cousa feita, contrariando os desastrosos effeitos da secca que se espera e está imminente, se a politica cearense, mais intrincada ainda e trefega do que a politiquinha das outras provincias não tivesse, ha annos, arredado um homem de grande valor, que com poderosos elementos de acção se propunha a resolver o problema vital para aquella ardente e ameaçada zona.

Fallo do engenheiro Revy ; e quem de perto lida com esse profissional, quem conhece os seus trabalhos sobre processos da irrigação artificial e permanente no Norte da Italia, que estudou longa e pacientemente ; quem verifica a rectidão dos seus largos intuitos, profundamente lamenta que mesquinhas questões de provincialismo enfesado, cheio de furores e quasi incomprehensiveis intentos, concorram permanentemente para a desgraça de toda aquella provincia.

Para o Ceará a grande questão é ter promptos meios de communicação e grandes açudes, que por si proporcionem agua em abundancia e ao mesmo tempo influenciem a atmosphera. De certo, pequenos receptaculos prestam bons serviços, e não é de despresar o exemplo da comarca de Jaguaribe-mirim, salva por uma unica chuva que encheu todos os depositos disseminados em muitos dos seus pontos; mas a solução verdadeira e quasi unica é a formação de vastissimos reservatorios no interior, á maneira daquelle Mediterraneo, que o genio francez quer abrir e crear no centro da Argelia.

Recua-se diante das sommas a gastar? Agora mesmo, está Portugal construindo uma obra colossal no genero, em Aviz, não para acudir a seccas que enxotam da sua patria dezenas de milhares de homens, mas para dar pela irrigação vida ubertosa a milhares de héctares, por emquanto quasi improductivos. Custará a albufeira 800 contos de nossa moeda, e formar-se-ha um lago de 770 héctares de superficie por meio de uma barragem de 48.000 metros cubicos de alvenaria hydraulica.

E que fez ha seculos a Italia e está continuando a fazer? Qual o seu fim, sinão irrigar a terra para lhe dobrar o valor, decuplicando-o, quando não centuplicando-o ? Que melhor exemplo para nós, que precisamos cuidar seriamente do Ceará até hoje abandonado aos caprichos das estações, do que aquella admiravel provincia de Milão ?

O ligeiro historico que de trabalhos tão providentes dá Elysée Reclus em sua gigantéa *Geographia Universal* é simplesmente de pasmar. Conta elle o modo porque são fertilisadas todas aquellas terras, que recebem para assim dizer humus liquido por meio de innumeras arterias

e arteriolas, postos em pratica todos os segredos da hydraulica, que os engenheiros lombardos applicaram sem o prévio ensinamento dos arabes.

Hoje então aquillo tudo tomou incremento estupendo e constitue a mais extraordinaria rêde de canaes, que jámais foi construida para beneficiar o sólo e delle tirar o maximo proveito, embora seja a região que ella fecunda sufficientemente supprida de chuvas, ficando ao abrigo das calamidades que devastam o Ceará. Mas ainda assim, a agua fornecida pelo cuidado secular e intelligente do homem é tres vezes superior ao total, que lhe é dado pelos céos.

E são de tal ordem os resultados, economica e socialmente fallando, que o genio italiano não cessa em seu empenho de crear novos e novos canaes, que vão sendo construidos, deitando para todos os lados derivações por tal modo subdivididas, que em um momento dado torna-se possivel e facil irrigar e embeber d'agua a mais afastada e insignificante parcella de terra.

Não param, porém, ahi os prodigios da arte; vão além, até á formação do campo *marcite*, a ultima palavra da agricultura intensiva, isto é, grandes áreas de terreno susceptiveis de cultivo e para elle promptos no coração da estação invernosa, quando em torno tudo fica sepultado sob a neve e o gelo. Para este formoso resultado, que põe a nota verdejante e alegre de vivaz vegetação no meio das tristezas da natureza inerte e entorpecida, servem as fontes artificiaes, que fornecem agua na temperatura de 14 gráos centigrados e levam á terra, em que circula e se reparte por infindos canaliculos, calor e inesperadas forças para a continuação da vida activa e productora.

Antes, porém, dos proventos, quantos calculos scientificos, quantas canseiras, que ingentes esforços!

« Para se formar um *marcite*, diz o Sr. Revy na interessantissima memoria escripta depois de cauteloso estudo feito nos logares, é preciso nivelar toda a superficie sobre planos de inclinações exactas, sendo o campo cruzado por grande numero de vallas de supprimento e esgoto ligadas com os canaes de derivação ».

E só se faz esse nivelamento depois de tirada com

Fallo do engenheiro Revy; e quem de perto lida com esse profissional, quem conhece os seus trabalhos sobre processos da irrigação artificial e permanente no Norte da Italia, que estudou longa e pacientemente; quem verifica a rectidão dos seus largos intuitos, profundamente lamenta que mesquinhas questões de provincialismo enfesado, cheio de furores e quasi incomprehensiveis intentos, concorram permanentemente para a desgraça de toda aquella provincia.

Para o Ceará a grande questão é ter promptos meios de communicação e grandes açudes, que por si proporcionem agua em abundancia e ao mesmo tempo influenciem a atmosphera. De certo, pequenos receptaculos prestam bons serviços, e não é de despresar o exemplo da comarca de Jaguaribe-mirim, salva por uma unica chuva que encheu todos os depositos disseminados em muitos dos seus pontos, mas a solução verdadeira e quasi unica é a formação de vastissimos reservatorios no interior, á maneira daquelle Mediterraneo, que o genio francez quer abrir e crear no centro da Argelia.

Recua-se diante das sommas a gastar? Agora mesmo esta Portugal construindo uma obra colossal no genero em Aviz, não para acudir a seccas que enxotam da su patria dezenas de milhares de homens, mas para dar pe irrigação vida ubertosa a milhares de héctares, por e quanto quasi improductivos. Custará a albufeira 800 con de nossa moeda, e formar-se-ha um lago de 770 hécta de superficie por meio de uma barragem de 48.000 me cubicos de alvenaria hydraulica.

E que ter ha seculos a Italia e está continuar fazer? Qual o seu fim, sinão irrigar a terra para lhe d o valor, decuplicando-o, quando não centuplicando-o melhor exemplo para nós, que precisamos cuidar mente do Ceará até hoje abandonado aos caprich estações, do que aquella admiravel provincia de

O ligeiro historico que de trabalhos tão dentes dá Elysée Reclus em sua gigantéa *Geograp* *ersal* é simplesmente de pasmar. Conta elle o mod são fertilisadas todas aquellas terras, que recel assim dizer humus liquido por meio de innumera

toda a cautela a camada fina de terra vegetal, que é removida de lado, para ser posteriormente distribuida por toda a superficie do campo artificial, uma vez terminadas as grandes obras de aterro e desaterro.

D'ahi redditos enormes, além do beneficiamento das populações que lá se condensam, como talvez em parte alguma do globo. Tendo o Estado empregado na provincia de Milão, por espaço de largos annos, a somma de 30 milhões de francos, a renda annual que ella produz hoje está augmentada de 150 milhões!

Tornou-se tambem o primeiro factor da riqueza da Italia, e ao passo que no Reino a contribuição geral é de 40 francos por cabeça, sóbe alli a taxação a 67 1/2 francos.

Era isto, que em justas proporções, adaptadas ás circumstancias, queria o illustre profissional realisar na ardente zona do Ceará por meio dos grandes reservatorios, dos quaes devia ser typo o tão fallado açude do Quixadá, que constituiria massa já considerabilissima de agua a derramar favores sem iguaes ao solo circumvizinho, sequioso sempre, mas avido de receber qualquer beneficio, para logo o pagar e retribuir em incalculaveis messes e fabulosas seáras.

Confiadamente e debaixo da sua immediata responsabilidade assegurava; « construcções dessas farão do Ceará para o Brazil o que Milão é para a Italia».

A maldita politica nas suas ridiculas subdivisões em *caracarás, graúdos, miudos, ripardos, acciolys, ininús* e ninguem sabe mais o que, decidio de modo diverso, levantou mil obices e cortou o vôo ás nobres ambições do valente engenheiro, que anhelava ligar o seu nome a grandes obras da arte. Questões de nonada a inutilisarem planos de gigante!

Que triste espectaculo por isso vimos outr'ora, vêmos hoje e veremos sempre!

O Ceará tornado espantalho continuo do thesouro publico, terror do erario nacional; o Ceará forçado a assistir á partida dos seus filhos, ao despovoamento em massa dos seus municipios; o Ceará feito arena das maiores calamidades a voltarem periodica e insistentemente com sysiphismo fatal e inexoravel; o Ceará theatro

da pungente desventura do povo e dos escandalos dos prepotentes; o Ceará, emfim, constituido remorso constante e agudo á imprevidencia e falta de perseverança dos nossos governos!

E entretanto que nobre povo aquelle! Só pede um pouco da protecção dos céos ou do auxilio da sciencia para viver independente e feliz, para progredir e avantajar-se, mais do que qualquer, na esphera moral e material! Quem, na verdade, deu o primeiro e maior exemplo ao Brazil inteiro nessa immensa cruzada contra a escravidão, que só ha pouco chegou á conclusão e tão almejado finalisar? E com que desgosto, com que vexame, com que constrangimento, ante a inclemencia dos destinos, estende elle a mão á esmola official e a recebe, coada das malhas da infame e vil *muamba*?!

Urge, por Deus, urge quanto antes pôr termo a semelhante estado de cousas. Esmague-se de uma vez aquella politica insaciavel, mesquinha, intolerante e intoleravel, incomprehensivel quasi em todas as suas feições, esterilisadora como a sêde; clame bem alto a voz do interesse publico, abafando os cochichos e intriguinhas movidas pela conveniencia de familias e pessoas; constitua-se o Ceará o motivo perenne da preoccupação de todos os politicos brazileiros; derramem-se alli 50, 80, 100 mil contos gastos utilmente em estradas de ferro, em represas colossaes, em pequenos açudes e cisternas; organisem-se perfeitos serviços metereologicos; melhorem-se os portos; faça-se emfim daquella desventurosa zona uma região para sempre ao abrigo de tão tremendos e repetidos golpes e horrores.

Quanto se não despendeu na sêcca de ha dez annos? Quantos milhares de contos de réis malbaratados ou atirados ás fauces hiantes da dissipação e da rapina? E agora, quando se preludiam scenas identicas, não voltarão, por ventura, todos os penosissimos compromissos, que a bella unidade do Imperio rigorosamente nos impõe?

Por duas pragas é o Ceará assolado: a sêcca e as facções partidarias. Cumpre dar-lhes combate de morte, exterminal-as ambas, até que tudo entre no regimen normal,

consentindo vida e prosperidade estaveis, livres de incessantes ameaças e aterradoras perturbações.

Poços artesianos, trabalhos hydraulicos bem planejados e rapidamente executados, estradas de ferro levadas por diante com energia — eis o pensamento que deve ser commum ao patriotismo da Provincia e ao dever do Estado. Nada póde, nada deve postergal-o.

Emquanto, porém, gyrar no apertado e doloroso circulo em que se estorce, todo elle cravejado de agudissimas e ferreas pontas a lhe dilacerarem as carnes, traçado pelos seus implacaveis politicos sem excepção, nada mais será do que batido joguete da sorte e da maldita ambição dos homens....

Muito havia que dizer-se; mas o tempo escasseia.

Já demais abusei da complascente benignidade de Vossa Magestade Imperial e da bondade do selecto e illustre auditorio.

Mal me é dado ás pressas gravar nas lapidas funerarias desta casa ainda tres nomes credores do respeito de todos e da nossa sincera affeição — os de Demetrio Cyriaco Tourinho, do Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra e sobretudo do benemerito coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, fallecido na noute de 7 do corrente, e que em todos os degráos da nobre e digna carreira militar sustentou com brilho, quer nos recontros da luta armada, quer nos labores da sciencia, o venerando nome que carregava, como filho do nunca olvidado estadista Marquez de S. Vicente.

Impossivel é lavrar-lhe elogio maior, nem mais completo.

*
* *

E agora, Senhor, em nome daquelles que não podem mais fallar, cerrados os labios pelo inquebrantavel sello da morte, eu, que delles me occupei e os exaltei na medida das minhas forças e posses, eu Vos agradeço do fundo d'alma, por terdes ainda uma vez querido tributar-lhes

alevantada oblação de saudade e apreço, presidindo esta festa commemorativa, destinada sobretudo a honrar-lhes a memoria e relembrar o que foram em vida.

Ouvi! Do seio da terra como que surge uma voz solemne e commovida, éco estranho e que não é mais deste mundo: « A Vós, Imperador do Brazil, ainda uma vez, e para sempre, gratidão, gratidão de além tumulo, gratidão eterna! »

PREITO

DO

Instituto Polytechnico Brazileiro de 1888

A' SUA MAGESTADE O IMPERADOR TRIBUTA PREITO E HOMENAGEM E REVERENTEMENTE COMPRIMENTA A' AUGUSTA E EXCELSA FAMILIA IMPERIAL O INSTITUTO POLYTECHNICO BRAZILEIRO DE 1888.

Illm. e Exm. Sr. presidente.—O Instituto Polytechnico Brazileiro, em sessão presidida por Sua Alteza o Senhor Principe Conde d'Eu, teve a satisfação de receber o honoroso officio do Instituto Historico Geographico Brazileiro convidando-o a assistir a sessão magna, que hoje celebra essa veneranda academia.

Accedendo ao fraternal convite, dignou-se Sua Alteza Serenissima de nomear a presente commissão constante dos illustres Srs. commendadores engenheiro Luiz Schreiner e primeiro tenente Adolpho Pereira Pinheiro, e do menos esclarecido dos seus consocios, ao qual não obstante cabe agora a subida honra de ser interprete dos sentimentos e cordiaes affectos da mesma associação para com o muito respeitado e venerando Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Congratula-se pois, e confraternisa-se o Instituto Polytechnico Brazileiro com esta benemerita, illustre, nobre e afamada congregação dos eminentes Brazileiros e de outros sabios da Europa e de ambas as Americas.

Congratula-se, e cada vez se convence mais, de que, pelos exemplos que tão illustres e assignalados varões estão sempre a mostrar, de amor ás letras e ás mais altas

sciencias, de homenagem á virtude, de applausos a acções e commettimentos altos e nobres, de simpathia ás idéas grandes e generosas, de gratidão a nacionaes e estrangeiros que mais serviços prestaram ao desenvolvimento social e á civilisação do Brazil, de edificante veneração aos patriarcas do glorioso dia 7 de Setembro, de animação a todos que procuram contribuir para a prosperidade deste rico e florescente imperio; congratula-se o Instituto Polytechnico Brazileiro, e cada vez se convence mais, de que, por estes exemplos, concursos e esforços de nacionaes e de collaboradores da Europa e da America, elevar-se-á o Brazil, em futuro não longinquo, aos altos destinos que lhe tem reservado a Providencia-Divina.

Congratula-se não menos, e tributa reverente preito á sabedoria que se enthesoura na serie numerosa da *Revista Trimensal* d'este polymathico instituto. E'n'este thesouro de vasta erudição, quer pelas investigações e pesquizas tocantes á geologia, geogonia, mythologia, theogonia, hypogheonia, usos, costumes, phonologia, linguistica das primeiras épocas e dos primitivos incolas do Brazil; quer pelo que respeita á debatida questão do descobrimento accidental ou tencional d'esta fertilissima parte do novo mundo; e quanto ainda pelo que entende com a consequente evolução social e politica, e concerne á biographias, monographias, memorias e estudos polymaticos, a padrões ou modelos da correcção da phrase, da magestade e belleza do estilo e da linguagem; é nesse thesouro, que póde encontrar-se a caracteristica da capacidade mental, da esmerada erudição, do merecimento distincto, dos relevantes serviços em summa, que tão veneranda associação ha prestado á grande causa do progresso e prosperidade do Brazil. E' n'esse thesouro ainda, que os precursores da natural phonologia e consequente orthographia brazileira, estão a colher, a haurir os verdadeiros elementos devidos ás causas de grande extensão e que produzem em todo o mundo essas caracteristicas ou diversos typos da linguagem. E' n'elle, que estão a calcular e a medir as resultantes das multiplas forças de tão maravilhoso sistema!...

Tal como os portentosos legados de Egypcios,

Assyrios, Persas, Gregos e Romanos, ainda hoje sublimes, eloquentes e dignos de admiração, assim estes monumentos da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro subsistirão pelos seculos dos seculos, e attestarão o gráo do progresso e da civilisação do Brazil em cada época da sua historia.

Congratulando-se ainda com esta veneranda academia pelo brilhantismo e esplendor da sua magna sessão, o Instituto Polytechnico faz constantes votos pela grandeza e prosperidade do Instituto Historico, e saudando outra vez á Sua Magestade Imperial, Augusto Protector d'este colendo Instituto, pede ao mesmo, que, acceitando o abraço fraternal, que lhe traz a presente commissão, consinta, que neste augusto recinto profira ella o mote, que a distingue e aos seus illustres consocios:

Pro Brasilia connitamur.

Côrte 15 de Dezembro de 1888.

Luiz Schreiner. Ignacio Joaquim da Fonceca, chefe de divisão graduado.

Sessão em assembléa geral para a eleição da mesa e commissões para o anno de 1889, celebrada em 21 de Dezembro de 1888

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto Historico e Geographico Brazileiro socios em numero legal, *o Sr. presidente abrio a sessão em assembléa geral para a eleição dos membros da meza e das commissões, que devem servir no anno social de 1889; e procedendo-se á eleição na forma dos estatutos, foram eleitos :

PRESIDENTE

Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

1.° VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2.° VICE-PRESIDENTE

Visconde de Beaurepaire Rohan.

3.° VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

1.° SECRETARIO

Barão Homem de Mello.

Assistiram á sessão os Srs. Joaquim Noberto de Souza Silva, Dr. Pinheiro de Campos, monsenhor Manoel da Costa Honorato, Dr. Luiz Cruls, Dr. Cesar Marques, Dr. Alfredo Pirajibe, conselheiro Alencar Araripé, conselheiro José Mauricio F. Pereira de Barros, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, Dr. João Severiano da Fonseca, senador Escragnolle Taunay, conselheiro Olegario d'Aquino Castro, Dr. Francisco I. Ferreira, 1° Tenente Garcez Palha, João Capistrano d'Abreu, Barão Homem de Mello, Barão de Beaurepaire Rohan, Henrique Raffard, Dr. Joaquim Portella, commendador José Luiz Alves e Barão de Miranda Reis.

2.° SECRETARIO

Coronel Augusto Fausto de Souza.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

ORADOR

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Commendador José Luiz Alves.
Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.
Dr. Francisco Ignacio Ferreira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Dr. João Severiano da Fonseca.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Alfredo Piragibe.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
João Capistrano de Abreu.

COMMISSÃO DE HISTORIA

Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramente Blake.
Dr. Manoel Antonio Moreira de Azevedo.
Barão de Ramiz.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Monsenhor Manoel da Costa Honorato.
Dr. Augusto Cesar Marques.
Visconde de Souza Fontes.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Dr. Luiz Cruls.
Barão de Capanema.
Capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Capitão de fragata José Candido Guillobel.
Barão de Miranda Reis.
1°. Tenente José Egidio Garcez Palha.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA

Dr. Ladislau de Souza Mello Neto.
Barão de Capanema.
Arthur Indio do Brazil.

COMMISSÃO DE PESQUIZAS MANUSCRIPTOS

Henrique Raffard.
Tenente Pedro Paulino da Fonseca.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro.
Senador Manoel Francisco Corrêa.

2.° SECRETARIO

Coronel Augusto Fausto de Souza.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

ORADOR

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Commendador José Luiz Alves.
Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.
Dr. Francisco Ignacio Ferreira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Dr. João Severiano da Fonseca.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Alfredo Piragibe.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
João Capistrano de Abreu.

COMMISSÃO DE HISTORIA

Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramente Blake.
Dr. Manoel Antonio Moreira de Azevedo.
Barão de Ramiz.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Monsenhor Manoel da Costa Honorato.
Dr. Augusto Cesar Marques.
Visconde de Souza Fontes.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Dr. Luiz Cruls.
Barão de Capanema.
Capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Capitão de fragata José Candido Guillobel.
Barão de Miranda Reis.
1°. Tenente José Egidio Garcez Palha.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA

Dr. Ladislau de Souza Mello Neto.
Barão de Capanema.
Arthur Indio do Brazil.

COMMISSÃO DE PESQUIZAS MANUSCRIPTOS

Henrique Raffard.
Tenente Pedro Paulino da Fonseca.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro.
Senador Manoel Francisco Corrêa.

Socios admittidos

Em 1888

NACIONAES

D. Antonio de Macedo Costa (Bispo do Pará), admittido em 13 de Julho.
Barão de Ibituruna, em 13 de Julho.
Arthur Indio do Brazil (1° Tenente), em 13 de Agosto.
José Luiz Alves (Commendador), em 13 de Agosto.
Luiz Cruls (Dr.), em 13 de Agosto.
Luiz Rodrigues de Oliveira (Commendador), em 13 de Agosto.
Marquez de Paranaguá, em 13 de Agosto.
Virgilio Martins de Mello Franco (Dr.), em 13 de Agosto.

Socios falecidos em 1888

NACIONAES

Antonio de Paula Ramos, faleceo em 15 de Outubro.
Barão de Catuama (João José Ferreira d'Aguiar), em 18 de Novembro.
Demetrio Ciriaco Tourinho, em 16 de Abril.
Domingos Soares Ferreira Penna, em 9 de Janeiro.
Ernesto Ferreira França, em 24 de Dezembro.
Francisco Antonio Pimenta Bueno, em 7 de Dezembro.

João Franklin da Silva Tavora, em 18 de Agosto.
João da Silva Carrão, em 4 de Junho.
Manoel Soares da Silva Bezerra, em 29 de Novembro.
Visconde de Ubá (Joaquim Ribeiro d'Avellar) em 2 de Setembro.

ESTRANGEIROS

Domingos Francisco Sarmiento, faleceo em 11 de Setembro.
Jorge Cezar Figanière, em Abril.
José Victorino Lastarria, em 14 de Junho.
Miguel Luiz Amunátegui, em 25 de Janeiro.
Principe Eugenio de Saboia Carignan, em 16 de Dezembro.

LISTA

dos

Socios nacionaes honorarios, effectivos e correspondentes

CONFORME AS ULTIMAS DELIBERAÇÕES TOMADAS PELO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO, EM 31 DE DEZEMBRO DE 1888.

HONORARIOS*

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
1. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva	12 Ag. 1841	Côrte
2. Visconde de Mauá (Irineo Evangelista de Souza)	22 Mai. 1857	Petropolis
3. Conselheiro Barão Homem de Mello (Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello)	3 Jun. 1859	Côrte
4. Senador João Manoel Pereira da Silva	1 Dez. 1838	»
5. Tenente-General Visconde de Beaurepaire Rohan (Henrique de Beaurepaire Rohan)	10 Jun. 1847	»
6. Dr. Manoel Duarte Moreira d'Azevedo	5 Dez. 1862	»
7. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro	14 Jul. 1871	»
8. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe	21 Out. 1870	»
9. Dr. Maximiano Marques de Carvalho	23 Jan. 1845	»
10. Dr. Cezar Augusto Marques	4 Ag. 1865	»
11. Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay	28 Mai. 1869	»
12. Senador João Alfredo Correia de Oliveira	19 Nov. 1887	»

EFFECTIVOS

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
1. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos	1 Dez. 1838	Côrte
2. Commendador Antonio Alvares Pereira Coruja	19 Dez. 1839	»
3. Barão de Nogueira da Gama (Nicoláo Antonio Nogueira da Gama)	4 Nov. 1841	»
4. Francisco José Borges	9 Dez. 1847	»
5. Barão de Capanema (Guilherme Schuch de Capanema)	19 Out. 1848	»

* A collocação vai por ordem chronologica da elevação ao gráo de socio honorario.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
6. Conselheiro Visconde de Souza Fontes (José Ribeiro de Souza Fontes)	23 Set. 1848	Côrte
7. Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	19 Set. 1856	»
8. Barão do Ladario (José da Costa Azevedo)	7 Nov. 1862	»
9. Dr. José Vieira Couto de Magalhães	5 Dez. 1862	S. Paulo
10. Dr. José Saldanha da Gama	18 Ag. 1865	Côrte
11. Conselheiro Dr. João Ribeiro de Almeida	11 Out. 1865	»
12. Barão do Rio-Branco (José Maria da Silva Paranhos)	7 Nov. 1867	Europa
13. Dr. Luiz Francisco da Veiga	22 Mai. 1868	Côrte
14. Dr. Joaquim Pires Machado Portella	17 Jun. 1870	»
15. Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato	17 Nov. 1871	»
16. Dr. Ladislão de Souza Mello Neto	14 Jul. 1871	»
17. Barão de Ramiz (Benjamim Franklin Ramiz Galvão)	16 Ag. 1872	»
18. Conselheiro Dr. Nicolão Joaquim Moreira	17 Jul. 1874	»
19. Barão de Maranguá (João Wilkens de Matos)	1 Dez. 1875	»
20. Dr. Bozendo Muniz Barreto	6 Ag. 1875	»
21. João Barbosa Rodrigues	29 Set. 1876	Amasonas
22. Coronel Augusto Fausto de Souza	28 Mai. 1880	Côrte
23. Dr. João Severiano da Fonseca	1 Out. 1880	»
24. Dr. Alfredo Pirajibe	26 Nov. 1880	»
25. Barão de Tefé (Luiz Antonio von Hoonholtz)	29 Set. 1882	»
26. Capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça	29 Set. 1882	»
27. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello	24 Nov. 1882	»
28. Capitão-tenente José Candido Guilhobel	24 Nov. 1882	»
29. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake	4 Out. 1883	»
30. Primeiro-tenente José Egidio Garcez Palha	7 Dez. 1883	»
31. Capitão-tenente Manoel Pinto Bravo	7 Dez. 1883	»
32. Tenente Pedro Paulino da Fonseca	7 Dez. 1883	»
33. Dr. Francisco Ignacio Ferreira	21 Ag. 1885	»
34. Henrique Rafard	16 Out. 1885	»
35. Senador Manoel Francisco Correia	1 Out. 1886	»
36. João Capistrano d'Abreu	19 Out. 1887	»
37. Tenente-General Barão de Miranda Reis (José de Miranda da Silva Reis)	15 Jul. 1887	»
38. Dr. Francisco José Ferreira Baptista	15 Jun. 1889	»
39. Barão de Lavradio (José Pereira Rego)	25 Jan. 1840	»

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
40. Senador Visconde de Sinimbú (João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú)	1 Out. 1840	Côrte
41. Visconde de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant)	12 Agt. 1841	»
42. Dr. José Jansen do Paço	12 Out 1843	»
43. Senador Barão de Cotegipe (João Mauricio Wanderley)	23 Jan. 1845	»
44. Conselheiro José Tavares Bastos	23 Jan. 1845	»
45. Conselheiro Quintiliano José da Silva	23 Jan. 1845	»
46. Barão de São-Felix (Antonio Felix Martins)	17 Set. 1846	»
47. Barão de Macahubas (Abilio Cezar Borges)	9 Dez. 1847	»
48. Senador Fausto Augusto d'Aguiar	1852	»
49. Visconde de Valdetaro (Manoel de Jesus Valdetaro)	23 Jan. 1852	»
50. Senador Visconde de Vieira da Silva (Luiz Antonio Vieira da Silva)	14 Ag. 1863	»

Observação.— Tendo o Instituto Historico determinado, que o numero dos socios effectivos se fixasse em 50, existiam na occasião d'esta deliberação socios effectivos em numero inferior a este algarismo; pelo que preciso foi preenchel-o. Para isso foi deliberado, que aos socios effectivos então existentes se addicionassem os correspondentes com residencia na côrte por ordem de sua antiguidade; dahi vem, que na lista supra figuram, do numero 37 em diante, socios mais antigos, do que outros que ficam acima.

CORRESPONDENTES *

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
1. Conselheiro João Lopes da Silva Couto	4 Fev. 1838	Niteroi
2. Barão de Lopes Neto (Felipe Lopes Neto)	14 Out. 1840	Europa
3. Barão de Penedo (Francisco Ignacio de Carvalho Moreira)	12 Ag. 1841	Europa
4. Senador Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcanti	23 Jan. 1845	Pernambuco
5. Conselheiro Barão do Desterro (João José d'Almeida Couto)	23 Jan. 1845	Bahia
6. Senador Barão do Souza Queiroz (Francisco Antonio de Souza Queiroz)	23 Jan. 1845	São-Paulo

* A collocação vae por ordem de antiguidade no Instituto.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
7. Dr. José de Barros Pimentel.....	23 Jan. 1845	Sergipe
8. Conselheiro Luiz Antonio Barbosa de Almeida.....	23 Jan. 1845	Bahia
9. Commendador José Joaquim da Gama Silva.....	2 Set. 1847	Pará
10. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.....	19 Dez. 1847	São-Paulo
11. Angelo Thomaz do Amaral	10 Out. 1851	Rio de Janeiro
12. Conselheiro José Maria Nascentes d'Azambuja.....	23 Set. 1853	Europa
13. Professor João Brigido dos Santos.	22 Ag. 1862	Ceará
14. Conego João Pedro Gay.....	22 Ag. 1862	Rio Gr. do Sul
15. Barão de Guajará (Domingos Antonio Raiol).....	8 Nov. 1866	Pará
16. Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga.....	7 Nov. 1867	Côrte
17. Tenente-coronel Eduardo José de Moraes	5 Jul. 1872	»
18. Professor Antonio Manoel Gonçalves Tocantins.....	17 Jul. 1874	Pará
19. José de Vasconcellos.....	10 Dez. 1875	Pernambuco
20. Senador Joaquim Floriano de Godoi.	4 Ag. 1876	São-Paulo
21. Luiz da França Almeida Sá.....	29 Set. 1876	Rio Gr. do Sul
22. Dr. Americo Braziliense d'Almeida Mello.....	1 Jun. 1877	São-Paulo
23. Dr. Thomaz Garrez Paranhos Montenegro.....	10 Mai. 1878	Pernambuco
24. Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.....	28 Mai. 1880	Corte
25. Bernardo Saturnino da Veiga.... .	13 Ag. 1880	Minas
26. Commendador Antonio José Victorino de Barros.....	7 Dez. 1883	»
27. Commendador Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho.....	7 Dez. 1883	São-Paulo
28. Dr. Francisco de Paula Toledo....	7 Dez. 1883	»
29. Conselheiro José Antonio de Azevedo Castro.....	24 Jul. 1885	Europa
30. Frederico José de Sant'Anna Neri	13 Nov. 1885	»
31. Conselheiro Barão de Ourém.....	1 Out. 1886	»
32. Dr. José Higino Duarte Pereira..	1 Out. 1886	Pernambuco
33. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.....	9 Dez. 1886	»
34. Coronel Antonio Borges de Sampaio.....	9 Dez. 1886	Minas
35. Tenente-Coronel Antonio Ribeiro de Macedo.....	1 Out. 1887	Paraná
36. Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca.....	19 Out. 1887	Ceará
37. José Verissimo de Matos.....	16 Nov. 1887	Pará
38. D. Antonio de Macedo Costa (Bispo do Pará.....	13 Jul. 1888	Pará
39. Barão de Ibiturruna (João Baptista dos Santos).....	13 Jul. 1888	Côrte

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
10 Primeiro-tenente Arthur Indio do Brazil	13 Ag. 1888	Côrte
11. Senador Marquez de Paranaguá, (João Lustosa da Cunha Paranaguá)	13 Ag. 1888	»
12. Commendador José Luiz Alves	13 Ag. 1888	»
13. Dr. Luiz Cruls	13 Ag. 1888	»
14. Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira	13 Ag. 1888	»
15. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco.	13 Ag. 1888	Minas

Observação.— Veja-se a relação á pag. 259, da qual alguns socios correspondentes passaram para a relação dos effectivos em consequencia de vagas posteriores n'esta classe de socios em virtude da elevação ao grão de honorario.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LI.

PARTE SEGUNDA

PAGS.

Creação de uma universidade no Imperio do Brazil, por Joaquim Norberto de Souza Silva..... 1
Provincia do Rio-Grande do Sul : descripção e viagens por Henrique Schütel Ambauer..... 25
Naufragio de Martins no rio Amazonas, pelo Dr. Cezar Augusto Marques..... 73
Idéas de José Bonifacio sobre a organização politica do Brazil..... 79
Itaqui : noticia por Luiz de França Almeida Sá..... 87
Genealogia paulista : carta do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt..... 91
Explicação da geração de Pedro Affonso, da povoação de Santo André..... 92
Sertanejo : noticia do obito de Joaquim Francisco Lopes... 95
Assento de obito de José Bonifacio na igreja do Carmo da Côrte..... 95
Negocios ecclesiasticos no Brazil colonial : officio do vice-rei Luiz de Vasconcellos..... 97
Rendimento dos empregos e officios das diversas repartições da cidade do Rio de Janeiro nos tempos coloniaes : officio do vice-rei Luiz de Vasconcellos..... 157
Novas culturas, obras publicas e despezas do Brazil, nos tempos coloniaes : officio do vice-rei Luiz de Vasconcellos 183
Actas das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 1888..... 209
Sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro..... 321
Sessão em Assembléa geral para eleição da mesa e commissões para o anno de 1889..... 387
Socios admittidos em 1888..... 391
Socios fallecidos em 1888..... 391
Lista dos socios nacionaes honorarios, effectivos e correspondentes..... 393

BALANÇO

Da tezouraria do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro no anno de 1888

RECEITA

1888.		
Saldo de 1887		576$540
Subsidio do Tezouro Nacional em 1888		9:000$000
Juros de apolices (2° semestre de 1887 e 1° semestre de 1888)		1:010$000
Assignatura e venda da *Revista Trimensal*		44$000
Producto da subscripção do jubileu entregue pelo consocio Henrique Rafard		125$000
Remissão do socio Manoel da Costa Honorato		60$000
		10.815$540
Joia dos seguintes socios:		
Arthur Indio do Brazil	20$000	
Barão de Ibituruna	20$000	
Bispo do Pará (D. Antonio de Macedo Costa)	20$000	
Francisco Antonio Pereira da Costa	20$000	
José Luiz Alves	20$000	
Luiz Cruls	20$000	
Luiz Rodrigues de Oliveira	20$000	
Paulino Nogueira Borges da Fonseca	20$000	
Virgilio Martins de Mello Franco	20$000	
		180$000
Prestações semestraes dos seguintes socios:		
Alfredo d'Escragnolle Taunay, 1887, 1888		24$000
Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcante, 1888		12$000
Antonio Borges de Sampaio, 1888		12$000
Antonio Joaquim Ribas, 1887, 1888		24$000
Antonio José Victorino de Barros, 1887		12$000
Augusto Fausto de Souza, 1887, 1888		24$000
Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, 1887, 1888		24$000
Barão de Capanema, 1885 a 1888		48$000
Barão de Lavradio, 1887, 1888		24$000
Barão de Marauiá, 1887, 1888		24$000
Barão de Miranda Reis, 1888		12$000
Barão de Nogueira da Gama, 1888		12$000
		11.247$540

Transporte.....	11.247$510
Barão de Ramiz, 1887, 1888.....	24$000
Barão de São-Felix, 1888.....	12$000
Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, 1888.....	12$000
Cesar Augusto Marques, 1887, 1888.....	24$000
Domingos José Nogueira Jaguaribe, 1887, 1888....	24$000
Epifanio Candido de Souza Pitanga. 1887, 1888....	24$000
Ernesto Ferreira França, 1887, 1888.....	24$000
Fausto Augusto d'Aguiar, 1880 a 1888.....	108$000
Francisco Calheiros da Graça, 1887, 1888.....	24$000
Henrique Rafard, 1887.....	12$000
João Capistrano d'Abreu, 1888.....	12$000
João Franklin da Silveira Tavora, 1887.....	12$000
João Lopes da Silveira Couto, 1887 e 1º semestre de 1888.....	18$000
João Ribeiro de Almeida, 1887, 1888.....	24$000
João Severiano da Fonseca, 1887, 1888.....	24$000
Joaquim Floriano de Godoi, 1887, 1888.....	24$000
Joaquim Pires Maxado Portella, 1887.....	12$000
José Alexandre Teixeira de Mello, 1887, 1888.....	24$000
José Candido Guilhobel, 1887, 1888.....	24$000
José Egidio Garcez Palha, 1885, 1886.....	12$000
José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1887, 1888.....	24$000
José de Vasconcellos, 1886, 1887.....	24$000
Ladislau de Souza Mello Neto, 1887, 1888.....	24$000
Luiz Antonio Vieira da Silva, 1887, 1888.....	24$000
Manoel da Costa Honorato, 1887.....	12$000
Manoel Francisco Correia, 1888.....	12$000
Manoel Pinto Bravo, 1888.....	12$000
Nicoláu Joaquim Moreira, 1887, 1888.....	24$000
Olegario Herculano de Aquino Castro, 1887 e 1º semestre de 1888.....	18$000
Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 2º semestre de 1887.....	6$000
Pedro Paulino da Fonseca, 1885.....	12$000
Quintiliano José da Silva, 1888.....	12$000
Ricardo Gumbleton Daunt, 1887.....	12$000
Visconde de Beaurepaire Rohan, 1887.....	12$000
Visconde de Sinimbú, 1887, 1888.....	24$000
Visconde de Souza Fontes, 1888.....	12$000
Visconde de Valdetaro, 1887, 1888.....	24$000
	12.000$510

DESPEZA

1888.

Impressão da *Revista Trimensal* :
Importancia do 4º folheto de 1887, do 1º e 2º de 1888, doc. n. 1, 2..... 2:576$000

Reimpressão :
Do tomo XV exgotado, de 1852, doc. n. 3..... 1:818$000

Remessa :
Da Revista para Europa e outros paizes, doc. n. 4, 5 203$050

Encadernação :
De livros no Instituto dos Surdos Mudos, doc. n. 6 a 10..... 210$300

Compra de livros :
Elisée Reclus, Geographie, tomo 13, a B. L. Garnier, doc. n. 11..... 20$000

Armarios :
Dous envidraçados, para guarda de manuscritos, doc. n. 12..... 120$000

Vencimento dos empregados :
Bibliotecario, Escriturario, Porteiro e Auxiliar, nos mezes de Janeiro a Dezembro, doc. n. 13 a 26..... 3:620$000

Expediente :
Papel, tinta, lapis, publicações no Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias e Paiz, velas para illuminação, e despezas miudas feitas pelo Porteiro, doc. n. 27 a 49..... 180$800

Eventuaes :
Um telegramma para Milão, outro para Petropolis, despaxo de livros e concertos de um armario, doc. n. 50, 51, 52, 53..... 200$220

Despezas especiaes :
Do jubileu do Instituto, doc. n. 54 a 65..... 663$360

Porcentagem :
Da cobrança realisada, doc. n. 66 a 69..... 141$100

Somma 10.173$130

RESUMO

Receita.....	12.009$510
Despeza.....	10.173$130
Saldo.....	1.836$410 *

* Este saldo está sugeito ao pagamento da impressão já quasi concluida, da 2ª parte da Revista Trimensal de 1888 (3º e 4º folheto).

Transporte.....	11.247$510
Barão de Ramiz, 1887, 1888.....	24$000
Barão de São-Felix, 1888.....	12$000
Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, 1888.....	12$000
Cesar Augusto Marques, 1887, 1888.....	24$000
Domingos José Nogueira Jaguaribe, 1887, 1888....	24$000
Epifanio Candido de Souza Pitanga. 1887, 1888....	24$000
Ernesto Ferreira França, 1887, 1888.....	24$000
Fausto Augusto d'Aguiar, 1880 a 1888.....	108$000
Francisco Calheiros da Graça, 1887, 1888.....	24$000
Henrique Bafard, 1887.....	12$000
João Capistrano d'Abreu, 1888.....	12$000
João Franklin da Silveira Tavora, 1887.....	12$000
João Lopes da Silveira Couto, 1887 e 1º semestre de 1888.....	18$000
João Ribeiro de Almeida, 1887, 1888.....	24$000
João Severiano da Fonseca, 1887, 1888.....	24$000
Joaquim Floriano de Godoi, 1887, 1888.....	24$000
Joaquim Pires Maxado Portella, 1887.....	12$000
José Alexandre Teixeira de Mello, 1887, 1888.....	24$000
José Candido Guilhobel, 1887, 1888.....	24$000
José Egidio Garcez Palha, 1885, 1886.....	12$000
José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1887, 1888.....	24$000
José de Vasconcellos, 1886, 1887.....	24$000
Ladislau de Souza Mello Neto, 1887, 1888.....	24$000
Luiz Antonio Vieira da Silva, 1887, 1888.....	24$000
Manoel da Costa Honorato, 1887.....	12$000
Manoel Francisco Correia, 1888.....	12$000
Manoel Pinto Bravo, 1888.....	12$000
Nicoláu Joaquim Moreira, 1887, 1888.....	24$000
Olegario Herculano de Aquino Castro, 1887 e 1º semestre de 1888.	18$000
Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 2º semestre de 1887.....	6$000
Pedro Paulino da Fonseca, 1885.....	12$000
Quintiliano José da Silva, 1888.....	12$000
Ricardo Gumbleton Daunt, 1887.....	12$000
Visconde de Beaurepaire Rohan, 1887.....	12$000
Visconde de Sinimbú, 1887, 1888.....	24$000
Visconde de Souza Fontes, 1888.....	12$000
Visconde de Valdetaro, 1887, 1888.....	24$000
	12.000$510

DESPEZA

1888.

Impressão da *Revista Trimensal* :
Importancia do 4º folheto de 1887, do 1º e 2º de 1888, doc. n. 1, 2..... 2:570$000

Reimpressão :
Do tomo XV exgotado, de 1852, doc. n. 3..... 1:818$000

Remessa :
Da Revista para Europa e outros paizes, doc. n. 4, 5 283$050

Encadernação :
De livros no Instituto dos Surdos Mudos, doc. n. 6 a 10..... 210$300

Compra de livros :
Elisée Reclus, Geographie, tomo 13, a B. L. Garnier, doc. n. 11..... 20$000

Armarios :
Dous envidraçados, para guarda de manuscritos, doc. n. 12..... 120$000

Vencimento dos empregados :
Bibliotecario, Escriturario, Porteiro e Auxiliar, nos mezes de Janeiro a Dezembro, doc. n. 13 a 26..... 3:620$000

Expediente :
Papel, tinta, lapis, publicações no Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias e Paiz, velas para illuminação, e despezas miudas feitas pelo Porteiro, doc. n. 27 a 49..... 480$800

Eventuaes :
Um telegramma para Milão, outro para Petropolis, despaxo de livros e concertos de um armario, doc. n. 50, 51, 52, 53..... 200$220

Despezas especiaes :
Do jubileu do Instituto, doc. n. 54 a 65..... 663$360

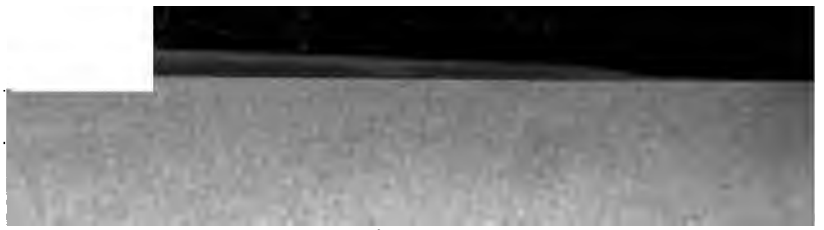
Porcentagem :
Da cobrança realisada, doc. n. 66 a 69..... 141$400

Somma 10.173$130

RESUMO

Receita.....	12.009$510
Despeza.....	10.173$130
Saldo.....	1.836$410 *

* Este saldo está sugeito ao pagamento da impressão já quasi concluida, da 2ª parte da Revista Trimensal de 1888 (3º e 4º folheto).



OBSERVAÇÃO

O Instituto possue 19 apolices da divida publica, sendo 17 do valor de 1:000$000 e 2 do valor de 600$000.

A numeração d'estas apolices é a seguinte :—490, 1.339, 6.750, 11.448, 37.131, 40.252, 50.961, 75.319, 35.320, 77 787, 111.846, 120 111, 131.945, 159.125, 172.837, 172.838, 182.910, 231.988, 231.989.

Rio 31 de Dezembro de 1888.

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.
Tezoureiro.

INSTITUTO

HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

FUNDADO EM 21 DE OITUBRO DE 1838

HOMENAGEM

AO SEU

QUINQUAGENARIO

EM

21 DE OITUBRO DE 1888

SUPPLEMENTO AO TOMO LI DA REVISTA TRIMENSAL

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE PINHEIRO & C.
157 Rua Sete de Setembro 157
1888

A

Sua Magestade Imperial

O SENHOR

D. PEDRO II

Venerando e Incansavel Protector do Instituto

Consagra este livro

O INSTITUTO.

Á Vós, Senhor, este livro

E' elle a felicitação, o parabém dos socios actuaes á respeitavel associação que, patrocinada e guiada por Vós, tem imperterrita passado atravez dos escolhos onde tantas naufragam, e hoje, celebra a festa do seu semi-centenario, — « o nosso Jubileu, para o qual se voltam as vistas de todos os que, reconhecendo os sinceros serviços prestados durante meio seculo, por essa instituição — hostilisada por alguns e mal julgada por outros, longe de se unirem á estes na sentença iniqua, — esperam o momento da nossa remuneração de gloria, para lhe darem vulto com o seu generoso consenso. *

Seja elle a consagração do Instituto a Aquelle que desde os mais tenros annos o tomou sob a Sua protecção de Monarcha, constituindo-Se o primeiro dos seus socios e o mais interessado no seu auspicioso porvir.

A' Vós, SENHOR, este livro.

* Franklin Tavora : *ultimo de seus escriptos na Revista.*

« Começamos hoje um trabalho que, sem duvida, remediará de alguma sorte os nossos descuidos, reparando os erros e enchendo as lacunas que se encontram na nossa historia. Nós vamos salvar da indigna obscuridade — em que jazem — muitas memorias da patria, e os nomes de seus melhores filhos ; nós vamos assignalar com a possivel exactidão o assento de suas cidades e villas, a corrente de seus caudalosos rios, a area de seus campos, na direcção de suas serras, a capacidade de seus inumeraveis pastos. Esta tarefa, em nossas circumstancias, bem superior ás forças de um só homem ainda o mais emprehendedor, tornar-se-á facil pela coadjuvação de muitos brasileiros esclarecidos das provincias do Imperio, que attrahidos ao nosso Instituto pela GLORIA NACIONAL QUE É O NOSSO TIMBRE, trarão a deposito commum os seus trabalhos e observações, para que sirvam de membros ao corpo de uma historia geral e philosophica do Brasil. As forças reunidas dão resultados prodigiosos : e quando os que se reunem em tão nobre associação apparecem possuidos do mais acendrado patriotismo, eu não duvido preconisar um honroso successo a fundação do nosso Instituto Historico e Geographico.

JANUARIO—*Discurso Inaugural*—25 Novembro de 1838'.

QUINQUAGENARIO

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

SESSÃO IMPERIAL

EM 21 DE OITUBRO DE 1888.

Honrada com as Augustas Presenças de S. S. M. M. I. I. S. S. A. A. Serenissimas a Princeza Imperial e os Principes Conde d'Eu e D. Pedro Augusto.

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Nas salas do paço imperial, onde de costume celebra o Instituto suas magnas solemnidades, festejou-se o quinquagenario da sua creação com louçania condigna a tal jubileu. Salas artisticamente adornadas de trophéos, onde se abraçavam entre festões de flores os emblemas da patria, das sciencias e da litteratura: dellas na principal, em frente ao imperial solio, erguia-se o busto do Imperador, coroado de louros dourados, tendo por docel o pavilhão brasileiro e por pedestal a sciencia, representada por uma columna dos *in-folio* de Humbold, Bompland, e Martius, que tratam da America e do Brasil. Esparsos pelos degraus do monumento estavam em ordenada desordem volumes da *Revista Trimensal*, e entre elles um, aberto, mostrando a allocução autographada que S. M. o

Imperador dirigiu ao Instituto, no dia 15 de Dezembro de 1849, quando pela primeira vez presidiu ás suas sessões.

Em um escudo dourado, orlado de folhas verdes, lia-se a data inaugural *de 21 de Outubro de 1838*.

Nas extremidades do trophéo dous globos, geographico e astronomico, de grandes dimensões, surgiam trazendo em evidencia as posições do Brasil e do Cruzeiro do Sul nessa hora solemne,

Enormes jarros de alabastro, com gigantescos ramos de flores e folhagens naturaes, ornavam os cantos do salão, emquanto que nos intervallos das janellas elegantes trophéos de bandeiras auri-verdes, tinham no centro um exemplar aberto da *Revista Trimensal*, com o frontespicio em lettras de ouro.

Os fundadores do Instituto, e os próceres dentre os socios mortos, enfileiravam-se na sala para receberem, redivivos, a homenagem da geração que passa: latria expressiva e sincera a esses grandes homens do passado, pelos seus serviços ao Instituto, o qual, a elles, e em grande parte, deve a altura a que subiu e o respeito e consideração que goza nos dous mundos. Eram, em ordem symetrica, os bustos, coroados de louros, do marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos e do conego Januario da Cunha Barbosa, fundadores: do visconde de S. Leopoldo, do marquez de Sapucahy, seus presidentes; do barão de Santo Angelo, do Dr. Joaquim Manoel de Macedo e do conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, seus secretarios; e do visconde de Porto Seguro e do Dr. Antonio Gonçalves Dias, prestimosissimos socios.

Toda essa ornamentação foi feita sob a direcção do Sr. presidente.

Fazia guarda de honra ao edificio uma ala do 1º batalhão de infantaria, com musica e bandeira; e numa das salas contiguas á da solemnidade tocava a excellente banda do arsenal de guerra.

No solio augusto sentavam-se S. S. M. M. o Imperador e a Imperatriz, S. S. A. A. Serenissimas a Princeza Imperial, seu consorte o Sr. conde d'Eu, e o Sr. D. Pedro Augusto. Ladeavam-os os grandes da sua côrte e o Sr. presidente do conselho de ministros.

O corpo diplomatico estrangeiro estava representado pelos Exms. Srs. enviados extraordinarios e ministros plenepotenciarios de Portugal e das republicas Chilena, Oriental e Argentina, e seu secretario o Exm. Sr. contra-almirante D. Daniel Solier, tão amigos das lettras como do paiz em que representam as suas altas nacionalidades.

Formosas senhoras, deputações de varias academias e sociedades, entre ellas da Academia Imperial de Medicina, Escola Militar, Gabinete Portuguez de Leitura, Sociedade Central de Emigração, Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; as dos Institutos Pharmaceutico e Polytechnico, dos Clubs Militar e Naval e da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, que foi distinguida com um logar de honra.

Os membros do Instituto occupavam os seus logares, estando presentes os Srs. commendador Joaquim Noberto de Souza e Silva, presidente; conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, tenente-general conselheiro de Estado visconde de Beaurepaire Rohan e Dr. Joaquim Pires Machado Portella, vice-presidentes; Dr. João Severiano da Fonseca e Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, 1° e 2° secretarios interinos; conselheiro deputado Tristão de Alencar Araripe, thesoureiro; senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, orador; senador conselheiro de Estado marquez de Paranaguá, conselheiro senador João Alfredo Corrêa de Oliveira, presidente do conselho de ministros, tenente general conselheiro de guerra barão de Miranda Reis, conselheiros visconde de Nogueira da Gama, Quintiliano José da Silva,

barão Homem de Mello e José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Dr. Cesar Augusto Marques, Dr. Francisco Ignacio Ferreira, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Dr. Luiz Cruls, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira e Henrique Raffard.

Ao meio-dia em ponto, tendo S. M. o Imperador concedido a devida permissão, o Sr.ᵉ presidente, após discurso breve e synthetico, abriu a sessão, dando a palavra ao Sr. 1º secretario interino para ler o relatorio dos trabalhos sociaes de meio seculo e em seguida ao orador, interprete do Instituto na gratidão, respeito e consideração que consagra a seus heroes mortos.

O que terminado, pedindo nova venia ao augusto Protector do Instituto, levantou a sessão a uma hora e 50 minutos da tarde.

Sala da sessão imperial do jubileu, no paço imperial da cidade do Rio de Janeiro, aos 21 de Outubro de 1888.

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello,
2º Secretario interino.

DISCURSO DE ABERTURA

PELO PRESIDENTE

o Sr. Commendador Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Senhores !

O grito de — terra ! — soltado de bordo das naus de Pedro Alvares Cabral á vista do monte Pascoal, illuminado pelos ultimos raios do sol que se escondia no occidente, não encheu de mais alegria e enthusiasmo as suas intrepidas tripulações do que o marco quinquagenario que se nos depara na estrada que percorremos.

Suspendamos a marcha e descansemos para levarmos retrospectivamente os olhos pela senda aberta aos nossos estudos, não só semeada de flores, como as mais das vezes arrepiada de contrariedades e desgostos.

Houve tempo que o incompleto e quasi nullo conhecimento de nossa historia era mero privilegio dos curiosos de nossas cousas. Os proprios sabios a ignoravam ou a sabiam sem discriminarem-na dos erros com que a sobrecarregaram os nossos historiadores — nacionaes ou extrangeiros.

A prehistoria, que tanta attenção merece presentemente dos americanistas, era desconhecida, e por demais desprezado o interessante estudo da ethnographia para o conhecimento dessas raças autocthonicas segundo uns ou emigrantes segundo outros, que ao tempo da conquista povoavam magnificas florestas, pois não figura nas obras de nossos autores que, como Rocha Pita, esqueceram que muitas tribus foram nossas alliadas, combateram por nós e fundiram-se afinal em nossas populações.

Poucos eram os subsidios que possuiamos para as indagações da historia e para o conhecimento da geographia de tão extenso territorio.

Os livros que se imprimiram durante tres seculos nas officinas de além-mar, e que versam sobre as guerras que sustentámos com os aventureiros de varias nações, os quaes nos disputaram a integridade de tamanha herança—sobre os combates que travámos com os indios que pelejavam pela sua autonomia—sobre as descobertas das minas de ouro, de esmeraldas e diamantes—sobre a invasão de todo o paiz pelos bandeirantes—sobre as missões dos jesuitas e suas lutas com os colonos a prol da liberdade dos indigenas, eram quasi todos devidos á penna de escriptores portuguezes e nacionaes, que adoptaram o custoso in-folio, ou então publicados em linguas estrangeiras que não estavam ao alcance da comprehensão de todos, e tanto uns como outros eram geralmente de difficil acquisição.

Os numerosos escriptos que jaziam privados da luz da imprensa, sobretudo os roteiros, cuja publicação era prohibida no tempo colonial, estavam em mãos avaras, extinguiam-se no pó das bibliothecas de nossos conventos, achavam-se recolhidos aos archivos de nossas repartições em saccos cosidos e lacrados. Não poucos e importantes documentos pertenciam aos governos de Portugal, de Hespanha, da Hollanda e de Roma, que não permittiam facilmente o seu exame.

A conveniencia da divulgação desses valiosos subsidios era por todos conhecida e desejada. A infancia, que deve ser incitada ao amor da patria e da gloria, que tanto ennobrecem o homem, começára a lêr nas escolas primarias a historia nacional no resumo que o governo da minoridade recommendára ás camaras municipaes, e o enthusiasmo pelas nossas cousas foi pouco e pouco despontando em todos os corações. A historia nacional estava ao menos divulgada.

Possuiamos um começo brilhante de litteratura e nós mesmos o ignoravamos, e foi preciso que Ferdinand Dénis o annunciasse á Europa. Ao riso da incredulidade da França responderam Eugenio de

Monglave e outros com as traducções dos poemas verdadeiramente americanos de Basilio da Gama e de Santa Rita Durão; e, quando mais tarde o conego Januario da Cunha Barbosa publicou o *Parnaso Brasileiro*, grande foi a admiração ante tantos e tão insignes cultores das musas, e o distincto litterato portuguez Freire de Carvalho disse: — O Brazil possue mais de quarenta poetas dignos de ser lidos.

A côrte portugueza transportada para as nossas plagas enchêra-se de assombro, vendo uma phalange de prégadores, reis da oratoria, dominando o pulpito brasileiro; emquanto que José Mauricio regia com a sua modesta batuta uma orchestra esplendida, que executava as suas composições geniaes, ouvidas respeitosamente por Marcos Portugal, Newcom e outros.

O theatro nacional, nascido nos adros das egrejas quando dominavam os jesuitas, e que depois mereceu a protecção do marquez de Lavradio, que o chamou para o seu palacio, representava as producções de nossos autores dramaticos, e até as operas comicas de Antonio José tiveram tanta voga no paiz, que eram representadas em cumprimento de verbas testamentarias.

Não era o talento brasileiro um fogo fatuo. Elle brilhava nas lettras, apparecia nas artes e apresentava-se nas sciencias.

O que, pois, cumpria fazer para aproveitar as disposições de um povo dotado de tanto talento e avido da gloria dos triumphos litterarios? Era enfileiral-o em torno da bandeira da patria e conduzil-o ao Pantheon das lettras e das sciencias.

Começar pela historia e geographia do paiz pareceu o mais acertado passo, reconhecido e elogiado pelos extrangeiros; e os velhos, nos quaes hoje mal se confia, collocaram-se á frente da juventude, de que tive a honra de fazer parte.

Assim tornou-se uma realidade a fundação do Instituto Historico, graças ao patriotismo de dous illustres varões que não contaram com as difficuldades inherentes ao tirocinio das associações; e as nações dadas aos trabalhos da intelligencia applaudiram com acoroçoamento

a nascente instituição. Abriu-se para logo através dos mares a correspondencia litteraria e scientifica, e, pois, fomos nós o primeiro povo da America do Sul que estabelecemos as permutações bibliographicas internacionaes.

Lutaram os fundadores em seus dez primeiros annos com precaria existencia. Surgiram de todos os lados obstaculos que seriam invenciveis a não ser a grande, a generosa protecção que encontraram no Imperador, que entre nós assaz tem protegido as lettras e as sciencias, como não ha exemplo entre muitos povos.

Desde então tem prosperado o Instituto Historico. Com a sua protecção, com o seu acolhimento, com o seu exemplo, ganhou a litteratura, que teve um famoso periodo, no qual fulguraram notaveis talentos, cujos nomes não esquece a patria.

E hoje se completam cincoenta annos de sua existencia, e hoje o seu jubileu é a prova mais cabal da constancia da nossa actividade no trabalho emprehendido por nossos predecessores e continuado por nós com os melhores resultados para a patria, embora o negue a inveja que nos desconsidera pela consideração que merecemos.

Ahi estão esses bustos que representam os seus fundadores, que recordam os obreiros desapparecidos da vida durante a nossa marcha, e que tanto investigaram o passado, esclarecendo numerosas duvidas; e que á luz da philosophia da historia restituiram ao povo as lendas com que a fantasia de nossos historiadores havia amenisado as suas paginas, convertendo a hermeneutica dos factos em pura poesia popular.

Ahi está a nossa *Revista Trimensal*, valioso repositorio de documentos pertencentes a todos os ramos de nossos estudos, a qual não deixa descontente a quem a consulta, e que hoje figura nas bibliothecas da America e da Europa, que lhe dão a devida importancia.

O periodo que acaba de percorrer o Instituto Historico e que festejamos no dia de hoje, á mesma hora

de sua inauguração, foi verdadeiramente interessante por todas as faces por que seja examinado. Util, conscienciosо e constante em suas lides, acompanhou a par e passo o presente reinado, cuja narrativa patenteia paginas dignas das epopéas da historia, a que assistem ou tomam parte não menos de duas gerações.

Aos futuros historiadores cumpre, mais do que a nós, burilal-a em lettras de ouro, e praza a Deus que as novas gerações continuem animadas e fervorosas na missão não ingloria que lhes legamos. Tenham ellas a mesma dedicação, o mesmo desinteresse com que até aqui havemos dado provas evidentes de nosso patriotismo.

E a ser possivel, como será, trabalhem ainda com mais persistencia, e colham magnificos resultados para o complemento dos estudos historicos e geographicos, acompanhando a prosperidade da patria, que se encaminha á supremacia que o Omnipotente lhe destina: pois, quando contemplamos a immensa grandeza do paiz, vemos entre as suas maravilhas indescriptiveis um Imperio talhado para um povo de gigantes, cuja imprensa, como o pharol da liberdade, illuminará o mundo.

Senhores!

A gratidão do Instituto Historico não póde ser indifferente a tão illustrada concurrencia, pois as festas litterarias não tém por certo a amenidade attractiva das reuniões que fazem o encanto da sociedade.

Nem póde prender a vossa attenção quem vos falla aqui desta cadeira, sempre gloriosamente occupada por distinctos varões. Imperioso dever me fórça a vir ante vós dar provas de minha insufficiencia, e só cabe á vossa bondade o desculpal-a pela attenuante dos bons desejos com que durante quarenta e sete annos sirvo á illustre associação, que me admittiu em seu gremio, enganando-se... pois tomou por talento o amor da patria em que sempre ardeu meu peito.

Assim, limito-me a estas simples apreciações; do contrario fôra abusar da vossa attenção, antecipando-me ao que mais minuciosamente tem de expôr o illustrado 1º secretario interino, que substitue as duas vagas do 1º e 2º secretarios, um colhido pela morte quando mais ardente ia o seu enthusiasmo pelos nossos trabalhos, outro ausente em honrosa commissão, e bem assim o nosso eximio consocio honorario, que tão talentosa e eloquentemente abrilhanta a tribuna legislativa do senado, como o encargo de orador de nossa associação.

Aos representantes da imprensa fluminense, que tão relevantes serviços tém prestado ao paiz;

A todas as associações litterarias, artisticas e scientificas representadas aqui pelas suas commissões, e sobretudo a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, a quem tanto deve o Instituto Historico;

A's distinctas pessoas do clero, do exercito e da armada;

Aos dignos membros do ministerio e seu presidente;

Aos augustos representantes da nação;

Aos preclaros membros do corpo diplomatico;

A todas as senhoras presentes;

Emfim, a todo este illustrado auditorio:

Apresenta o Instituto Historico as suas cordiaes homenagens.

A' Vossa Alteza, Principe, folga o Instituto Historico de Vos ver pela primeira vez honrando-o com a Vossa serenissima presença.

Senhora!

Vós sois o anjo tutelar do Imperio que realizastes as esperanças de um grande povo, o qual unisono Vos acclama—Isabel a Redemptora.

Ao glorioso acontecimento, que applaudiram enthusiasticas as nações do velho e novo mundo, e que abençoou o chefe da christandade, não podia mostrar-se indifferente o Instituto Historico, e a nobre effigie de Vossa Alteza Imperial realça a medalha que neste momento fazemos cunhar para commemoração da aurea lei que eternisa o Vosso nome nos annaes da humanidade.

Honrando esta reunião com a Vossa graciosa presença nos enlevaes com a maior satisfação, e não temos palavras de agradecimento para quitação de tamanha divida.

E Vós, Sr. Principe, que tanto tendes ennobrecido as nossas sessões durante o impedimento de nosso protector, nos animando em nossos estudos, recebei em penhor da Vossa benevolencia o nosso reconhecimento.

Senhora!

Vós sois o enlevo dos brasileiros! Viveis em nossos corações admirada pelas virtudes, que mais do que os diamantes tanto brilho dão ao diadema imperial que Vos cinge a fronte, e ainda mais pela dedicação com que ultimamente Vos assignalastes ante a Europa, Vos interessando santa e desveladamente pela saude de Vosso esposo como um verdadeiro anjo de caridade.

O comparecimento de V. M. Imperial a esta festa das lettras mais e mais augmenta o seu prestigio, e nos é grato, porque nunca Vos mostraes indifferente ás nossas reuniões, que tão generoso abrigo encontram neste paço.

Senhor!

Tudo neste mundo é providencial, e o dedo de Deus guia as nações em sua marcha — as fortalecendo em suas provações—as preparando para o logar condigno a que a destina a humanidade, e a sua nobre missão confere

Elle a seus escolhidos. Então, ao bater da hora suprema, nos campanarios celestes resôa na immensidade a Sua voz potente e realizam-se os Seus decretos.

Uns livres — outros escravos, era a maior desegualdade que reinar podia em um Imperio que proclamára a sua independencia á luz do sol do Ypiranga, constituindo-se tão livre como as nações mais livres do universo. Dolorosamente depois da nossa emancipação politica, que comprehende o espaço de sessenta e seis annos, e apezar do mais solemne protesto dos mais eminentes brasileiros, sinão de toda a nação, conservou-se isolada no meio da nossa liberdade uma decima parte de sua população, como si essa mancha que figura no céo do Brasil, ao lado do Cruzeiro, prophetisasse a eterna escravidão da raça negra na terra da Cruz.

Fomos os ultimos povos da America na missão liberal e civilisadora; mas na phrase divina são os ultimos os primeiros, e a evolução humanitaria — santa— divina, nos deu a supremacia entre os outros povos, pois não nos custou uma gotta de sangue, nem nos arrancou um lamento siquer, a não ser vago queixume que felizmente não se desprende da pureza das consciencias.

E para gloria do Instituto Historico foi o estudo da extincção da escravidão antecipadamente uma de nossas memoraveis tarefas, e o illustrado conselheiro Perdigão Malheiro mereceu a honra de ser ouvido por Vossa Magestade Imperial, quando leu em nossas sessões paginas magistraes consagradas á redempção dos captivos.

Deus inspirou o Pae, o Pae inspirou a Filha e a bandeira auri-verde luziu sem a nodoa do passado; e desde então os derradeiros e opprimidos filhos dessas bemditas e magnificas plagas puderam ver compensados na balança da egualdade os seus deveres pelos seus direitos.

Assim fechou-se com a extincção da escravidão o primeiro cyclo do Instituto Historico; asssim abre-se o novo cyclo com a liberdade de todos.

Senhor !

O Instituto Historico saudou a Vossa Magestade Imperial nesse solemne dia de complemento á liberdade, transmittindo pelo fio electrico através dos abysmos do Oceano Atlantico as suas congratulações. E si infelizmente Vossa Magestade Imperial jazia enfermo no leito de cruel enfermidade, a extincção da escravidão no Brasil, applaudida pelo mundo enthusiasmado, Vos despertou da lethargia — e Vós, Senhor, e Vós resuscitastes para a egualdade de todos os brados da patria.

O que mais nos cumpre fazer sinão ainda uma vez nos inclinarmos agradecidos ante a presença de Vossa Magestade, o maior realce desta festa, que d'ora avante será para nós de gratas e saudosas recordações ?

Com permissão de Vossa Magestade Imperial abre-se a sessão.

CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

Fundador do Instituto.

SEU 1º SECRETARIO PERPETUO DESDE A FUNDAÇÃO.

N. em 10 de Julho de 1780. + em 1 de Fevereiro de 1846.

RELATORIO

Apresentado pelo 1º Secretario interino

Dr. João Severiano da Fonseca

« O Brazil guarda nas entranhas de suas terras, — e assim tambem nos feitos de seus filhos e sinceros amigos, — thesouros preciosos que devem ser aproveitados por meio de constantes e honrosas fadigas. »

(Conego Januario, *Discurso Inaugural do Instituto*, em 25 de Novembro de 1838.)

Senhor !

Franklin Tavora, o mallogrado secretario, era quem, deste posto, devia fazer, perante V. M. Imperial, o transumpto historico do passado do Instituto, e, naquelle verbo nervoso e terso em que primava, respigar o que houvesse de flôres e de fructos na mésse opima de um laborar de meio seculo.

A morte o emmudeceu... e elle, o indefesso e probidoso operario das lettras, elle o iniciador da festa de hoje, elle a alma, por assim dizer, ultimamente do Instituto, faltou-nos no momento fatal.

E quiz a sorte, irrisões da sorte ! que o habil e esclarecido secretario fosse supprido pelo mais incompetente dos seus confrades ; que um supplente de secretario viesse occupar cadeira onde sentaram-se vultos da estatura intellectual de Januario, Lagos, Macedo, Porto-Alegre e Pinheiro,—para só commemorar os mortos,—e onde ultimamente Tavora desenvolvia toda a pujança

do seu bello talento e intemerata dedicação. Por um dever que hei a cumprir, occupo o seu logar... Oxalá fosse-me dado acompanhal-o na extensão de seu entendimento, na profundeza de suas concepções e na sua aptidão ao trabalho.

Delle partiu, senhores, a idéa desta solemnidade. De ha um anno que era todo o seu pensamento, todo o seu afan, esta commemoração do quinquagenario do Instituto, este jubileu academico da mais antiga e mais considerada das sociedades litterarias da America do Sul.

Não queria elle que, em 1888, passasse desapercebida a data em que, ha cincoenta annos, o Instituto appareceu ; e foi elle quem, em sessão de 23 de Novembro passado, apresentou esta proposta perfilhada pelos condignos socios os Srs. Fausto de Souza e Marques de Carvalho, e unanimemente acceita :

« Completando-se em 21 de Oitubro, proximo vindouro, 50 annos da fundação do Instituto, propomos que se nomêe uma commisão, incumbida de apresentar, em uma das primeiras sessões de 1888, o plano ou programma que lhe parecer mais apropriado á commemoração daquella data—sobre a base de serem representadas todas as provincias do Imperio. »

Ha meio seculo, senhores, dous homens esforçados, o marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos e o conego Januario da Cunha Barbosa, prégador imperial e chronista do Imperio, idearam a creação do Instituto.

Eram ambos secretarios da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, fundada em 1824, e já então, uma das mais prestantes e benemeritas do paiz ; —e foi em uma de suas sessões, a 19 de Agosto de 1838, que os dous apresentaram a proposta da fundação, em projecto que traz a éra de 16 desse mez.

São essas as primeiras datas da génese do Instituto.

Acceita a proposta, reuniram-se para esse fim 27 membros daquella sociedade, na sala de suas sessões, no museu nacional, em um domingo, como hoje, 21 de Oitubro, e ahi o instituiram, installaram e organisaram sua directoria.

Presidia a sociedade, e a essa sessão presidiu, o marechal de campo Francisco Cordeiro da Silva Torres, depois visconde de Jerumerim ; e os socios presentes foram : o visconde de S. Leopoldo, seu vice-presidente ; os dous secretarios acima nomeados; o desembargador Candido José de Araujo Vianna, depois marquez de Sapucahy, mestre do Imperador e presidente da camara dos deputados; os engenheiros coronel Conrado Jacob de Niemeyer, e o major, depois marechal de campo Pedro de Alcantara Bellegarde, lente da academia militar ; os professores do collegio de Pedro II, Drs. Joaquim Caetano da Silva e Emilio Joaquim da Silva Maia ; o conselheiro e desembargador José Antonio da Silva Maia, procurador da corôa e soberania nacional; o senador Caetano Maria Lopes Gama, depois visconde de Maranguape ; os deputados, conselheiros e desembargadores José Clemente Pereira, Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba ; Rodrigo de Souza da Silva Pontes ; Francisco Gé Acayaba de Montezuma, depois visconde de Jequitinhonha e Joaquim Francisco Vianna, contador-geral do thesouro ; os officiaes-móres da secretaria de extrangeiros conselheiro Bento da Silva Lisboa, da do Imperio Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, e Alexandre Maria de Mariz Sarmento, da contadoria geral da revisão do thesouro ; os conselheiros Ignacio Alves Pinto de Almeida, secretario da junta do commercio, fabricas e navegação; João Fernandes Tavares, physico-mór de Portugal, depois visconde de Ponte-Ferreira e José Antonio Lisboa, deputado da junta do commercio; os Drs. José Lino de Moura, contador da caixa da amortização, José Marcellino da Rocha Cabral e Antonio Alves da Silva Pinto, advogados; e o negociante José Silvestre Rebello.

Já vêdes, senhores, de que esphera eram os societarios—e o que se podia esperar de homens da sua tempera e illustração.

O marechal Torres recebeu, elle o primeiro, o titulo honroso de socio honorario, confirmação e delicada consagração á sua idade provecta, comsummado saber e distincta representação. Para presidir a novel sociedade foi chamado o visconde de S. Leopoldo, coadjuvado por dous vice-presidentes, Cunha Mattos e Araujo Vianna : Januario e Emilio Maia foram secretarios ; Bellegarde o orador ; José Lino o thesoureiro.

Estabeleceram-se commissões de historia, de geographia, de redacção da *Revista*, e de fundos e orçamento, cada uma de dous membros, e, mais, presididas na ordem em que vão apontadas, pelos vice-presidentes, o 1º secretario e o thesoureiro.

Em 25 de Novembro eram lidos e approvados os estatutos. Em 1 de Dezembro entrava o Instituto na carreira de seus trabalhos, celebrando a sua primeira sessão ordinaria.

Entretanto, senhores, o estabelecimento dessa agremiação de homens de fóros elevados nas lettras e sciencias, e na representação social,—não foi escoimado de tropeços nem de malsinamentos. Os homens praticos da época, os velhos de então, rememoravam o quão precaria a estabilidade das associações de lettras portuguezas.

Quantas nasciam hoje, tantas morriam—e cedo... — agora pelo desanimo, inercia e descrença — como outrora, pela pressão do pensamento sob o plumbeo terror da inquisição. Que o nefando tribunal de sangue e fogo, de avareza e luxuria, matava as sociedades, como matava as idéas e as crenças nos cerebros e corações dos associados.

Nenhuma imaginação era livre, nem mesmo nos vôos da inspiração .. O pensamento tinha as azas cortadas, uma norma para guiar-se, uma bitola para medir-se e, mais, uma trilha marcada a percorrer! E, ai dos que lhe ultrapassassem os limites; ai mesmo, dos que lhe acotovellassem as raias... Os condes de Rezende eram implacaveis, — e os condes de Rezende reproduziam-se. A unica imprensa do Brasil era mandada destruir pelo proprio governo real. [1] Sociedades de lettras eram companhias de conspiradores. A clareza de seus trabalhos encobria o tenebroso dos seus intuitos. Os estudos que faziam eram uma mascara dos crimes que projectavam. Deviam ser aniquiladas, destruidas. Para isso não era mister o delicto, bastava a suspeita. A convicção e as provas cediam logar á duvida e a hypothese. O *sic voleo, sic jubeo* sempre suppriu a razão.

E, quando as associações não eram supprimidas á força, morriam anemicas, estioladas, da monotonia e insipidez dos seus trabalhos, enfesados productos de pensamentos manietados, de idéas torcidas.

Onde a *Academia Brasilica dos Esquecidos*, fundada na Bahia em 1724, sob a protecção do vice-rei Vasco de Menezes? Seu nome como que era um protesto contra o esquecimento em que deixavam sua patria; contra a sobranceria com que descuravam dos bellos espiritos dessa terra, tão fertil em homens de talento e de imaginação.

Onde a dos *Felizes*, installada aqui no Rio de Janeiro, com trinta membros, em 6 de Maio de 1736? Onde a dos *Selectos*, tambem aqui, e a *Sociedade Brasilica dos Academicos Renascidos*, reorganisação da dos *Esquecidos*, em 6 de Julho de 1757, com quarenta socios

---

[1] De Antonio da Fonseca, nesta Côrte. Della sahiram dous livros impressos, o ultimo, *Exame de Bombeiros*, já com a data falsa de Madrid.

de numero e setenta supranumerarios? Onde a de *Sciencias Naturaes e Medicina*, fundada em 18 de Fevereiro de 1772 pelo Dr. José Henrique Ferraz, tambem no Rio, já então capital do vice-reinado? Onde as Arcadias *Ultramarina*, de Basilio da Gama, Peixoto, Claudio e Silva Alvarenga e Caetano de Almeida, aqui fundada em 1792, e a *de S. João d'El-rei*, de Manoel Ignacio Alvarenga, o Dr. João Evangelista de Faria Lobato, depois senador, e seu thio o conego Marçal da Cunha Mattos? Pobres sociedades, nas quaes ao passo que se inqueria, scientificamente, das variedades das correntes submarinas na costa do Atlantico que Ponce de Leon e Alaminos descobriram, em 1553 ao sahirem do mar das Antilhas, e das dos ventos geraes, — queria-se saber si ha na America a *planta sensitiva*; si a cochonilha e o coral são animaes ou vegetaes, e si é certo produzir a America uma planta que amollece o ferro! Nem lhes vá nisso exprobração. Não sabiam, queriam saber: alli, precedendo pelo proprio raciocinio, ás indagações e estudos posteriores de Humboldt, Maury e Bogulauski; aqui ignorando pela negação do ensino o que hoje nos parece infantilidades. Tambem, e para viverem em paz, queriam saber si o descobrimento desta America e a conversão dos seus habitantes foram prophetisados por alguns santos padres e prophetas dos dous Testamentos. E bem que o desejariam provar, satisfazendo a intolerancia monacal... Mas o bom senso, mais que o estudo — pois que as fontes eram todas negativas, — negou a these... e a Academia dos Renascidos morreu!

A civilisação de um paiz anda *pari passu* de mãos dadas com a sua illustração. O querer-se um povo civilisado e polido, implica tel-o instruido e culto. A intensidade, portanto, dessa civilisação será o dynamometro da sua intellectualidade.

E, ha cincoenta annos, senhores, comquanto já não houvesse os tropeços dos tempos coloniaes, havia a

rotina ; tambem ainda,— os espiritos claros e alevantados mal começavam a repousar das lidas politicas que, desde a independencia, lhes absorviam as idéas.

Era na Sociedade Auxiliadora onde se reuniam os espiritos mais cultos da época. Bem o demonstra a brilhante pleiade que constituiu o Instituto. Seu convivio trazia empós aos trabalhos sociaes, confabulações scientificas, onde a patria, o Brasil, era o principal thema.

Não era desconhecido o grau de elevada civilisação da America Occidental em éras pre-colombianas. Eram conhecidos os manuscriptos dos mayas ; comprehendia-se qual o polimento intellectual dos aztecas e toltecas, sinão dos povos que os precederam, — pelos seus conhecimentos de architectura, esculptura, astronomia, poesia e escripta.

Eram maravilhas de construcção, — em terras tão desconhecidas do mundo antigo — suas cidades, suas estradas calçadas, seus canaes, seus monumentos ; suas pontes de admiravel ousadia, arrojadas sobre torrentes largas e impetuosas ; — seus templos e palacios, *cués* e *teocális ;* seus *chilampas*, ou jardins fluctuantes, mais poeticos e encantadores que os suspensos de Semiramis, nas sotéas de Babylonia ; os esplendores e a etiqueta da côrte dos incas, taes como admiraram-os, estupefactos, os hespanhoes em Cusco e Tenochtitlan ; taes como os viajantes modernos descobriram, maravilhados, nas ruinas escondidas nas florestas cerradas de Palenqué, de Ocozingo e de Uxman.

— Tanta grandeza e adiantamento, em contraposição á mais barbara ignorancia, á estupidez animal dos americanos do Oriente !

Nada encontraram descobridores e viajantes que attestasse a mais pequena idéa de civilisação nos nossos autocthones.

Nem um vestigio, um resto de ruinas, uma simples indicação !

Appareceram as *itacoatiaras,* pedras pintadas... e surgiram as lendas, partos de fantasticos sonhos de mentes propensas ao maravilhoso, ou quiçá forgicações de embusteiros que, naquellas éras de superstição

e fanatismo, iam embebendo no espirito do povo a crença do conhecimento da America atlantica por povos do Oriente, africanos ou europeus, antes, muitos seculos antes da vinda de Colombo.

Na ausencia de indicios succederam-se as tradições, em que fanaticos acreditavam, ou fingiam crer, dolosos. Aqui, eram scandinavos, por invias serras e florestas; alli eram, no interior dos sertões, os cultos povos da Tyro e da Sydonia.

Rochas de certa maneira gretadas; pedras fragmentadas de certa fórma; configurações suppostas de animaes: — eram estatuas, restos de armas, caracteres ou hyerogliphos — a *inscripção sagrada.*

Eram vestigios prehistoricos, pégadas confusas dos passos de uma civilisação perdida nas brumas do tempo, tão longe, tão apagada — que nem deixava idear quem seus autores. Já havia, porém, quem os suppuzesse — aqui caracteres runicos, alli symbolos da Phenicia; quem encontrasse no dialecto dos *manáos* do Rio Negro dualismo identico ao dos scandinavos.

E' de notar que não tinham ainda inventado as lettras — os sydonios — quando apraiaram ao Brasil, o que, em honra aos *lendeiros*, recua-lhes a emigração voluntaria ou forçada á uma distancia de vinte seculos.

Sim, que ainda usavam da escripta symbolica, que se estudava nas officinas de pintura e de gravura; sim, que ainda a escopro escreviam em monumentos a historia. Estavam no segundo passo da arte manual de transmittir pensamentos. Si já tinham deixado atraz a pintura, o primeiro passo, que copia os factos e os deixa simples escorço, cópia insufficiente para a traducção do que a mente concebeu, ainda usavam dos emblemas sagrados da escripta que representava as cousas por symbolos, mais extensos no sentido que na fórma: traducção imperfeita de idéas mal desenvolvidas.

Não tinham, ainda, as lettras, isto é, a expressão facil e completa; a realidade pintando o facto com todas as suas côres, em todas as suas peripecias: a verdade na traducção. Não tinham as lettras, espelho que guarda e reflecte eternamente as cousas, e sempre com o

mesmo cunho, a mesma feição e o mesmo rigor philologico; e que vence as distancias e os evos, apresentando-se á humanidade sempre novo, sempre actual,—como pensamento intimo e inteiro de cada um.

Passam vivas ás gerações, e — intelligentes — traduzem aos povos a vida dos povos, — que se historiava nos monumentos; que, estes, sim, inertes e firmes, não se abalam, não se movem, não percorrem o mundo, para dar a ler nas suas faces o que a historia ahi burilou.

Poucos, bem poucos, farão a viagem do granito de Lucsor, da agulha de Cleopatra ou dos marmores de Arundel, indo mostrar ao Gallo e ao Bretão os seus vinte a trinta seculos de datas e de factos. Monumentos, mudaram apenas de localidade. Nas margens do Nilo ou do Sena, em Paros ou em Oxford, sua estabilidade é a mesma : são moles de pedra!

Foi a fama que os fez conhecidos do resto do mundo; e as cem tubas da fama de hoje, mais promptas, mais fortes e mais sonoras do que as da fama antiga, são as vinte e cinco letras fundidas do serralheiro da Moguncia.

Gutenberg calcando os seus typos, movendo a sua prensa, dando ao publico em horas centos de livros, promoveu no mundo a mais assombrosa e a mais generosa das revoluções. Guerra sublime entre as trévas e a luz, a immortalidade e a morte, entre o finito e o infinito, a eternidade e o homem... — soldados os typos, a intelligencia o chefe, campo de acção o universo!

E, desde então, o pensamento não teve por laboratorio de acção o cerebro — só — de cada homem. Já não lhe foi preciso grande esforço para vencer o tempo e as distancias, oceanos e cordilheiras — para ir ao infinito devanear, de companha com o intellecto do mundo. Já pôde, livre e veloz, circumvolver o orbe e ir, integro e verdadeiro, irromper — mil leguas longe — como si o cerebro que o produzira, elle proprio, lá estivera!

A imprensa deu-lhe azas ao pensamento ; mais tarde viria dar-lh'as o vapor ao corpo. Mas não voava veloz, ainda ; não estava satisfeito ainda ... e enfrenou a electricidade, e centesimou as distancias—ao mesmo tempo que centuplicava as forças.

Eram essas as palestras na *Auxiliadora*, eram esses os assumptos de conversa nas horas de lazer entre as occupações sociaes e as lides da politica. Vinham de molde os lettreiros das rochas, as estatuas amazonicas, as lendas do povo ; discutia-se a possibilidade das immigrações ou arribadas de homens do velho mundo.

Esmiuçavam as tradições em busca do que haveria de serio nas fabulas, que tomavam corpo — pois já havia crentes que iam afiançando ter visto, não já inscripções ou esculpturas, mas cidades abandonadas ; não mais restos de armas — das éras da pedra lascada, mas — a celebrada estatua que aponta o polo arctico e que a Sociedade Real dos Antiquarios do Norte suppõe obra dos seus scandinavos, mostrando o ponto donde vieram!

Com um pequeno esforço de imaginação mais, e já, ao descerem os rios, ao atravessarem as mattas, ao galgarem as serranias, já ouviriam, mesmo em *patois*, as endeixas sentidas dos Niebe-lungen ou dos sagas de Lodbrog... Talvez mesmo enxergassem nas sombras das cavernas, nas fraguas das montanhas, na espessidão das florestas, nas cachoeiras, nas pororocas, as fantasticas scenas dos filhos da noite, que Wagner celebrou na hypnotica musica do futuro.

E mais indicios como esses, e as Valkirias, e as Ondinas, Valhallah, Odin e Thor, e tudo o que Ossian e os scaldas e os bardos cantaram, viriam povoar a amplidão immensa dos nossos sertões.

Mas, verdadeiras ou falsas, algumas inscripções havia. Umas de cunho moderno, como a dos mundurucús, attestavam factos quasi contemporaneos, onde occupavam logar distincto as figuras dos missionarios jesuitas. Outras, como a de Anabastabia, como o

lettreiro da Guahyba, pareciam commemorar batalhas, hegiras, factos — não direi datas — factos notaveis.

Essas não desvendavam a edade, mas eram dos autocthones. Outras, como as *Lettras do diabo* em Cabo-Frio, a inscripção de Koster na Parahyba, a encontrada pelo Principe de Neuwied, no Espirito-Santo, e aqui bem perto as do morro da Gavea, pareciam mostrar caracteres—que uns diziam cuneiformes, outros cananeus, outros carthaginezes, entre os quaes Schüch achou duas ou tres lettras das encontradas por Oläffens na Islandia, e commemoradas nas *Antiquitates Americanæ*.

O resultado dessas controversias, senhores, foi o melhor, o mais louvavel, o mais proveitoso dos alvitres: a fundação de uma sociedade para o estudo da historia e da geographia patria,—e o Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi fundado.

E ao misanthropismo solitario, á indifferença e difficuldade de expandirem, e derramarem observações e conhecimentos, succedeu o altruismo no estudo commum. Já não mais encerrados nos seus gabinetes de observação—ahi desvendariam arcanos, que com elles desceriam á tumba,—por não deixarem a posteros escriptos, nem diffundirem nos coevos o conhecimento dos factos, a observação, a experiencia, a sciencia.

Agora, reunidos e permutando as luzes, aprendendo e ensinando, colleccionando e transmittindo dos passados aos vindouros,—divulgavam as noções do saber, tornavam-nas mais faceis de evolverem, de proliferarem, de se constituirem immorredouras.

E, quando a morte ceifasse a vida desses homens já seus conhecimentos não eram perdidos. Ficavam sementes germinando em mentes fecundas, que brotariam, cresceriam, e productoras, tambem, ao cahirem ás mãos do tempo, deixariam tantos novos germens quantos fructos produzissem.

E que cópia immensa de trabalhos originaes e interessantissimos se deve á nossa sociedade! Si já nasceu trabalhando antes mesmo de constituida!

Na mesma sessão em que foi apresentada e acceita a sua lei social já apparecem trabalhos de Januario e de Cunha Mattos.

Januario lê o seu *Discurso Inaugural*, tão sabio, tão cordato, tão patriotico, tão brasileiro, programma synthetico do que devia ser o Instituto, visão prophetica do seu grandioso porvir, e sobretudo,—a voz da justiça —nesse seu desejo de « dar a vida a benemeritos, que o nosso descuido tem deixado mortos—para a gloria da patria e para a estima do mundo »; Cunha Mattos uma memoria *Sobre a navegação dos antigos e modernos, da qual resultou os descobrimentos da America e do Brasil*, memoria para cuja publicação propoz Januario, em 16 de Novembro de 1839 impetrar-se um auxilio do governo, e que só trinta e tantos annos depois a *Revista Trimensal* publicou.

Naquelle resto de 1838 e principio de 39, leu o marechal Mattos dous outros trabalhos seus sobre « *Mappas Geographicos*, e *A melhor maneira de escrever-se a historia antiga e moderna*, « historia que elle tinha em mãos quanto ao Brasil, e da qual essa memoria seria o prefacio.

E morreu, dias depois, em 24 de Fevereiro.. a idéa toda no Instituto, fallando ainda nesse filho, o filho que deixava orpham, filho de tanto amor !

Januario, S. Leopoldo, Rodrigo Pontes e Silvestre Rebello foram enchendo as sessões com a leitura de seus trabalhos. E' digno de nota o que na sessão do primeiro anniversario este ultimo leu : *Sobre o nome Brasil que em poucos annos tornou mais conhecida a terra de Santa Cruz.*

Desde sua primeira sessão ordinaria uma idéa do maximo alcance appareceu no Instituto. Visava-se ao seu futuro ; temia-se a adversidade nos exemplos dissolventes do passado ; pretendia-se um arrimo, um amparo, uma garantia para o porvir.

Essa garantia era o monarcha ; e aquella aspiração, vós o sabeis, senhores, como foi correspondida.

Era Elle, então, um menino... mas que revelava dotes extraordinarios de intelligencia e applicação. Seu mestre, Araujo Vianna, dava disso testemunho ; sabia-o a maior parte dos socios.

Por proposta de Januario, o Instituto sollicitou e obteve a augusta protecção, e mais uma data memoravel ficou indelevel nos fastos da sua historia : — 19 de Março de 1839.

O que foi a protecção do menino Imperador todos o sabem : a immediata mudança de livros preciosos e preciosissimos manuscriptos da sua bibliotheca para a do Instituto ; o prenuncio—nas suas forças—do que viria a ser, em futuro breve, o interesse, o amor, a dedicação pelas lettras e pelo Instituto, do homem esclarecido, hoje cidadão do mundo ; Elle, cujo cabedal de sabedoria o mundo inteiro respeita ; Elle, cujos dotes d'alma o mundo todo acata ; Elle, a unica magestade verdadeira que Victor Hugo encontrou.

O Imperador tornou-se a encarnação do Instituto, e a vida deste prende-se toda a do seu Protector.

Felizmente, senhores, todos confirmam essa verdade —sem peccado de lisonja

E vae para quarenta annos que o Imperador do Brasil, presidente honorario do Instituto, tem sido o seu socio mais activo, o mais assiduo, presente a todas as sessões ordinarias, desde 15 de Dezembro de 1849, em que se declarou por formaes palavras, o seu *primeiro socio e o mais interessado nos seus progressos*, só faltando ás sessões quando ausente da capital, ou quando, infelizmente, enfermo.

Desde o primeiro anno, desde 3 de Oitubro de 1839, que o Instituto celebra suas sessões magnas e anniversarias em salas do paço imperial, que um anno depois, em 1840, lhe eram cedidas para todos os seus trabalhos. Em 1 de Abril de 1848 novas salas lhe eram abertas para a solemnidade da inauguração dos bustos dos seus

fundadores em 6 desse mez ; e foi essa aposentadoria mais tarde melhorada com as salas que, em 1854, o monarcha cedeu para as suas sessões, seus archivos, museu e bibliotheca.

Foi nessas salas, especialmente preparadas para o Instituto, que viu-se, no dia 15 de Dezembro de 1849, o excelso soberano assumir a presidencia, e desde então até hoje dirigir os trabalhos sociaes. Naquella sessão anniversaria de 1840 distribuiu-se a medalha commemorativa da fundação do Instituto : —um genio gravando no PÃO DE ASSUCAR a éra 21, e circumdada das legendas: *Auspice Petro Secundo* e *Pacifica scientiæ occupatio ;* e no anverso: *Institutum Historicum Geographicum in urbe fluminense conditum*, die XXI Octobris, MDCCCXXXVIII.

E nesta sessão de 1849, o Instituto sente-se regenerado ; comprehende o vigor que lhe advem da presença do monarcha ; marca essa éra como a de um retemperamento e grava-o no bronze de outra medalha.

Quando no segundo anno creou o Instituto tres premios, medalhas de ouro do valor de 200$, para quem melhor disertasse :

1º Sobre a historia da legislação peculiar do Brasil emquanto colonia.

2º Sobre o mais acertado plano de uma historia do Brasil.

3º Sobre o grau de veracidade do episodio do Caramurú e Paraguassú, na côrte de Henrique II de França, assumpto que, já em 7 de Março de 1840, tratára Silvestre Rebello numa *Memoria*, e em 22 de Maio de 1847 o Dr. Paula Menezes noutra, negando tal veracidade :—o Sr. D. Pedro II, em 11 de Janeiro de 1842, instituiu outros tantos premios, eguaes para todos os annos, para os melhores trabalhos sobre historia, geographia e estatistica das provincias.

Obtiveram esses premios : o primeiro o engenheiro Conrado, por sua excellente carta chorographica do Brasil ; o segundo Machado de Oliveira, o director e amigo dos indios de S. Paulo, por sua *Noticia Relacional*

sobre esses indios e o terceiro Magalhães, o alto poeta, o bom philosopho, o regular diplomata, pela historia documentada da revolução do Maranhão em 1839--1840.

Os do Instituto couberam ao sabio Martius o primeiro; o terceiro a Warnhagen, o erudito historiador do Brasil, cuja cedula, tinha por epigraphe:

« De um varão em mil casos agitado
. . . . . .
que o peito domar soube á féra gente; »

(*Caramurú*, canto I, 1ª)

e aberta deu a ler este generoso pensamento:

« Agradecendo á distincta honra que eu anhelava, de que fosse aberta esta cedula, rogo ao Instituto acceite, com os meus reiterados respeitos, a offerta que faço da medalha deste premio, que a sua benignidade me confere, para a propôr, com assumpto novo, para o anno proximo futuro. »

O segundo premio coube áquelle que, unico actualmente, guarda a recompensa ao numeroso cultor das lettras, que por talento innegavel e indefectivel applicação ao estudo, e multiplos e valiosos serviços ao Instituto, seus confrades o distinguiram como chefe, e é hoje o nosso presidente effectivo.

Em 10 de Junho de 1847 projectou-se a creação de uma Sociedade de Bellas Lettras, subdividida em tres secções: litteratura, linguistica e arte dramatica, que tambem não foi avante. Mas no proprio seio do Instituto o estudo das cousas patrias tornava necessaria uma subdivisão ao trabalho; e em 22 de Setembro de 1849 Porto Alegre, Lagos e o Sr. Joaquim Norberto propõem a creação de uma secção de ethnographia. Constituida na proxima sessão eleitoral, ficou composta do sabio botanico Freire Allemão, de Joaquim Caetano, o erudito polygrapho, e de Machado de Oliveira. Para presidil-a creou-se mais um cargo de vice presidente, para o qual foi chamado Porto Alegre.

Logo na primeira sessão de 1850 Lagos leu um aviso do ministerio do Imperio, exigindo, de ordem do Imperador, que o Instituto remettesse até o 1º de Março uma exposição documentada dos seus trabalhos no anno passado, acompanhada de observações sobre quaesquer providencias de que carecesse para seu desenvolvimento.

E o Instituto progredia e adquiria renome.

Em 16 de Fevereiro de 1850 o presidente lê essa indicação do proprio punho de Sua Magestade:

« Convindo reunir todas as noticias que existam a respeito da lingua indigena, interessante por sua originalidade e poesia, e pelos preciosos dados que poderá subministrar á ethnographia do Brasil, lembro ao Instituto que encarregue algum de seus socios da investigação do que houver sobre essa materia em suas respectivas provincias.

« Os trabalhos, que assim tiverem feito, serão remettidos ao Instituto, enviando-os este a uma commissão, á qual incumbirá de apresentar a grammatica e diccionario geral da lingua indigena, com as alterações dos diversos dialectos. Afim de animar os que se dedicam a tão aridas pesquizas, offereço ao Instituto uma medalha de premio para aquelle que concorrer com o melhor trabalho. »

Gonçalves Dias, Lagos, os Srs. Couto de Magalhães, Taunay e outros, mais ou menos buscaram satisfazer os patrioticos calculos do Augusto Consocio, mas, sobre todos, o eminente brasilianologo Baptista Caetano, tão prematuramente roubado ás sciencias e ás lettras patrias—no seu esmeradissimo vocabulario das palavras guaranys usadas pelo traductor da *Conquista Espiritual*, do padre A. Rodrigues de Montoya—aquelle, sim, verdadeiro thesouro da lingua guarany.

Talvez fosse essa indicação do Imperador que deu origem á proposta de Lagos, em sessão de 30 de Maio de 1856, subscripta por todos os socios presentes, e na presença do Chefe de Estado, a quem se apostrophou para a tomar sob sua Alta Protecção; pedido tão benevolamente acolhido, que, logo na sessão seguinte, Sua Magestade declarou que o acceitava: para uma

commissão de engenheiros e naturalistas nacionaes ir explorar algumas das provincias, e formar collecções de historia natural e de tudo quanto entendesse com a civilisação, industria, usos e costumes dos indigenas.

O governo acceitou a idéa e deixou ao Instituto o cuidado de indicar a commissão, que foi confiada á direcção do provecto botanico Freire Allemão, tendo por auxiliares Lagos para a zoologia, Gabaglia para astronomia e geographia, Gonçalves Dias para ethnographia e narrativa da viagem, e o Sr. Capanema para geologia e mineralogia.

Em 30 de Julho de 1858 preparava-se com uma bibliotheca especial e os instrumentos necessarios aos estudos physicos, astronomicos, geologicos e geodesicos; em principios de 1859 parte para as provincias do norte, favoneados pelos mais propicios votos do paiz e do extrangeiro. Isidoro de St. Hilaire, presidente do Instituto Historico da França, felicitava o Instituto e a nação.— E dous annos passados comparece á sessão de 26 de Julho de 1861 a dar contas dos seus trabalhos. Em verdade, não corresponderam á boa vontade, esforços e tempo empregados... Mas culpa não foi da commissão, e sim de eventualidades impossiveis de prever e de obviar.

Para bem desempenhar os fins que tinha em vista, eram parquisimas as rendas do Instituto. Em 1840, de 1:248$ que recebêra, restára-lhe apenas o saldo de onze mil e poucos réis. Pediu ao governo uma subvenção de um ou dous contos; o pedido era justo: seus trabalhos eram todos no interesse nacional. E o governo foi generoso: concedeu dous contos, que em 1856 elevou a quatro, a cinco em 1858, a sete em 1861, e em 1882 a nove contos; quantias que, até 1855, não lhe salvaram *deficits*; *deficits* em parte devidos, é triste dizel-o, a esquecimentos por parte de alguns socios de seus deveres sociaes.

Em 25 de Maio de 1864 a commissão de fundos e orçamentos declara que a maior parte dos socios em

omissão, vinte e tres mais ou menos, não queriam mais fazer parte do Instituto. E' dever dos relatorios expor o que de mais notavel se encontra na vida social... e na exposição de fructos e flores la vém fructos amargos, e ha espinhos tambem.

Sua bibliotheca enriquecia-se dia a dia por importantes e multiplos presentes de livros e documentos valiosissimos, attinentes a seus fins, vindos da Europa e vindos de todas as provincias do Imperio ; a ponto de hoje não ter competidora em assumptos relativos á historia e geographia patria. Inutil é dizer quem primava em magnificencia entre os generosos doadores. Registre-se apenas a dadiva, presente de rei, de uma bibliotheca completa, a bibliotheca americana de Martius, de cerca de 800 volumes, recebida no Instituto em 17 de Outubro de 1856, e que viera juntar-se á abundante livraria que pertencêra ao mesmo Martius, e por Sua Magestade doada já em 1854, no mesmo anno em que abria ao Instituto novas salas preparadas nos seus Paços.

Em 1884 um respeitavel socio, o tenente-general Ricardo José Gomes Jardim, morria legando ao Instituto seus livros e duas apolices de um conto de réis : estas vieram, a livraria foi espoliada; isto é, não foi encontrada no espolio.

Em Abril de 1853 tratou-se no Instituto da encorporação da Sociedade Vellosiana, fundada por Freire Allemão, e dedicada ao estudo da historia natural, ethnographia e linguistica indigena ; em 1 de Julho requereu ella essa encorporação e a 23 de Setembro decidiu o Instituto que se marcasse dia para a juncção. E é assaz notavel que o resultado de tão importante facto não tenha sido registrado em actas.

Deve-se ao Instituto, por intermedio do sabio Lund, o descobrimento de restos paleontologicos, de éras prediluvianas, e do homem da Lagoa Santa, cujo craneo indica antiguidade de seculos e seculos. Deve-se ainda ao

Instituto o descobrimento da sepultura do descobridor do Brasil : em 1839, na sacristia do convento da Graça, em Santarém, de Portugal, achou-a o incansavel pesquizador dos tombos municipaes e dos tombos europeus, Warnhagen, o visconde de Porto Seguro. E tambem a certidão de obito de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o inventor da aero-navegação, fallecido em Toledo, no hospital da Misericordia, em 19 de Novembro de 1724, fugido á perseguição dos inquizidores de Portugal.

Deve-se ao Instituto, em grande parte, a immensa cópia de conhecimentos historicos colhidos nos archivos da Europa, a esforços de seus socios Drummond, Gonçalves Dias, Warnhagen, Joaquim Caetano, João Francisco Lisboa e Porto Alegre, e ultimamente o Sr. José Hygino Duarte Pereira, que, entre outros documentos historicos do mais alto valor, trouxe-nos a *Viagem* de Kenivet e o *Diario* de Matheus Van den Broech, por elle traduzidos do hollandez.

Deve-se ao Instituto a idéa das estatuas do fundador do Imperio e do patriarcha da independencia. Foi, em 12 de Maio de 1854, o Sr. Joaquim Norberto quem propoz que se representasse á assembléa geral sobre a conveniencia e necessidade de levar-se á conclusão o monumento do Ypiranga ; de erguer-se uma estatua equestre ao fundador do Imperio, na praça da Constituição; e levantar-se uma cruz collossal em Porto-Seguro, restaurando a que ahi Cabral erigira em 1º de Maio de 1500. A de José Bonifacio foi ainda proposta do Sr. Norberto em 14 de Junho de 1861.

E registre-se um facto nobilissimo da mocidade sempre franca e generosa : o primeiro auxilio recebido pelo Instituto para a elevação deste monumento foi o dos estudantes de medicina, que expontaneamente o remetteram, sendo presente logo na sessão seguinte.

Senhores !

Tambem a *Revista Trimensal* vae completar o seu quinquagenario. Seu primeiro volume sahiu á luz em 18 de Maio de 1839.

O que ella é dil-o a opinião do mundo scientifico, dil-o o afan com que é procurado esse valioso repositorio de noticias da patria.

Desde os mais antigos documentos sobre a invenção do Brasil até factos hodiernos, — é copioso o numero dos que ahi ficam archivados.

Ahi estão a Instrucção do rei D. Manoel ao descobridor ; a Carta de Pero Vaz Caminha, o primeiro codice da historia do Brasil; as de mestre João, de Affonso Braz, de Diogo de Mujer, de Pero de Goes, de Diogo Leite, de Antonio Pires, de Nobrega, sobre os principios do Brasil ; de Diogo Garcia e Luiz Ramires ; do padre Joseph a seu provincial Jacomo Martins ; do marquez de Pombal ; o Diario da navegação de Pero Lopes ; a Historia da provincia de Santa Cruz e a Informação do Brasil e de suas capitanias, de Gandavo ; a Nova descoberta do rio das Amazonas, de Christovam da Cunha ; o Tratado descriptivo do Brasil, de Gabriel Soares; as Chronicas de Jaboatão,o Thesouro Descoberto no maximo rio das Amazonas, do padre José Daniel ; a Narrativa das Viagens de Kenivet, o Diario de Matheus van de Broeck, os escriptos do padre Manoel da Fonseca, os Orises conquistados de Monterroyo ; o Papel Politico do Estado do Maranhão em 1695, por Manoel Guedes Aranches ; as Viagens ao sertão, do bispo D. José ; os roteiros de Martinho de Souza, de Manoel de Abreu, de Thomaz de Souza Real ; o itinerario do Tocantins do Dr. Vicente Gomes ; o Dialogo das Grandezas do Brasil de Bento Teixeira Pinto, o primeiro litterato nascido no Brasil ; a Relação do naufragio de Jorge de Albuquerque ; a Relação Historica do Maranhão, de 1692, de Francisco Teixeira de Moraes ; a Recuperação da cidade do Salvador, por D. Manoel de Menezes ; o Summario das armadas que se fizeram e das guerras que se deram na conquista da Parahyba ; a Historia da guerra de Pernambuco e os feitos de Vieira, por Diogo Santiago ; as Informações de Nobrega, de Anchieta ; as Memorias e noticias de Fr. Gaspar da Madre de Deus, de Alexandre Rodrigues Ferreira, de Ricardo Franco, de Lacerda, Balthazar Lisboa, Accioli, Baena,

Taques, Gay, Candido Mendes, Machado de Oliveira, Florence; as eruditissimas questões americanas de Joaquim Caetano; a chorographia de Goyaz, de Cunha Mattos; os Annaes de Goyaz, de Alencastre; as Noções de historia patria, de Candido Mendes; os valiosissimos trabalhos de Gonçalves Dias, Porto Seguro, Machado de Oliveira, Florence, Araguaya, D'Alincourt, Ottoni, Filgueiras, Fernandes Pinheiro, Macedo, Santo Angelo, os muitos e conscienciosos trabalhos de Melgaço; quatro poemas: *Colombo*, de Porto Alegre, o barão de Santo Angelo; a *Confederação dos Tamoyos*, de Magalhães, visconde de Araguaya; os *Timbyras*, de Gonçalves Dias, e a *Nebulosa*, de Macedo; de Warnhagen, visconde de Porto Seguro, a melhor *Historia do Brasil*, e o *Oyapoc e o Amazonas*, de Joaquim Caetano... para citar, sómente, contribuição dos que são mortos.

Os vivos, esses vão seguindo a trilha dos que passaram... e—sobre a pressão dupla, honrosa e difficil de não desmerecerem da estimação que seus antecessores lograram e de não rebaixarem o Instituto das alturas a que subiu.

Antes de terminar — registrarei um facto notavel, talvez unico na existencia das associações: em 12 de Setembro de 1883 o visconde da Ponte Ferreira pede sua reintegração como socio effectivo, que ha trinta e tres annos resignára por causas que então se deram, e agora removidas.

Era um dos vinte e sete instituidores do Instituto.

Eis em encurtados traços a vida semi-centenaria do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Lamentae, senhores, a falta daquelle que, não em descosidas phrases, mas em alevantado estylo, seria o seu historiador. Não veiu... não veiu rejubilar-se comnosco no banquete litterario.

No livro dos mortos, no Pantheon social que elle proprio levantára em apotheose aos socios desapparecidos nas sombras do sepulchro, foi elle, fatalidade, tambem se inscrever, elle o primeiro ! .. Franklin Tavora.

Elle, que nas ultimas palavras escriptas, fazia votos, ainda, « para que o dia desta festa nos chegasse com favoraveis auspicios; para que neste anno de tanta alegria e tanta gloria nacional nenhum de nossos companheiros estivesse de nós separados pela molestia ou pela morte », — elle foi... o primeiro dos vivos a baquear inanime na fossa sepulchral...

Não, não é uma festa completa a que celebramos hoje. Faltou-nos tempo, faltaram-nos forças. Apezar do immenso desejo e dos mais vivos empenhos, reunimo-nos, apenas, para saudar o dia do quinquagenario : — que a consagração operosa que ideamos para essa data de glorias só mais tarde poderá apparecer. Queriamos condensar em um volume a contribuição de todas as provincias em homenagem a esse anniversario.

Causa inamovivel e inesperada sustou-nos o esforço... Vossa molestia, Senhor. Depois, chegando Vossa Magestade são e salvo, faltou-nos o tempo — por faltar-nos o braço herculeo — que podia supprir o tempo — o daquelle cujos ultimos dias, cujas horas ultimas foram labutações ainda para a festa de hoje, — pela honra do Instituto e tambem, Senhor, por honra Vossa, que elle sabia o quanto Vós, Senhor, — a encarnação do Instituto, havieis de apreciar essa festa.

E é inutil agradecer-Vos, Senhor, nem cabe ao secretario do Instituto o direito de agradecer a Magestades e Altezas presentes a honra dessa presença.

Mas cabe-lhe o direito de expressar sentimentos que são os do Instituto, que são os dos assistentes aqui, que são os dos bons brasileiros.

Não fallará á Soberana, por todos appellidada — a Mãe dos brasileiros. Que titulo mais simples e mais grandioso, mais doce e mais santo — para um coração de mulher!

Não fallará á Princeza, que o povo chrismou e a historia consagrará, com o sublime qualificativo de — Redemptora dos captivos.

Não fallará aos Principes, homens sãos e honestos, e em tudo dignos da Vossa augusta respeitabilidade.

Não. Concretisará em Vós, Magestade, os seus sentimentos e os seus dizeres. E isto baste.

Fostes feliz, Senhor. Concedeu-Vos o Omnipotente o supremo favor—por nenhum outro jamais gozado,—de ouvirdes em vida o juizo que de Vós a posteridade fará; de presenciardes, vivo, os sentimentos de dor e desolação da patria, receiosa de perder-Vos; de terdes, em vida, a prova — livre de adulação e baixeza dos servis — do quanto o povo do Brasil, nacionaes e estrangeiros, quer, estremece e respeita—o guia dos destinos da patria; quer, estremece e respeita o homem justo, honesto e são, o *justum ac tenacem propositi virum*, que ha perto de cincoenta annos, tambem, o dirige e conduz na trilha de todos os progressos, apresentando-se como o espelho do maior patriotismo e dos maiores devotamentos.

Sois um predestinado, Senhor! Nessa luta pela vida, não Vos acompanharam as condolencias obrigadas da adulação official. O povo anciava pelas noticias — não pelo espirito de reportagem, da novidade mexeriqueira — não tanto pela dedicação ao bom monarcha; mas muito pelo sentimento de puro affecto por um ente caro — o Pae — um Irmão, enfermo e agonisante.

E foi essa anciedade, foi esse terror que entibiaram, sem dar tempo a remedio, o jubileu de hoje.

Esmoreceram nossos esforços as noticias desoladoras de Vossa molestia, da qual—hoje si o póde dizer—chegámos a desesperar, por suppol-a irresistivel aos mais fortes combates da medicina, mesmo aos esforços sublimes de Motta Maia e dos proceres da sciencia européa.

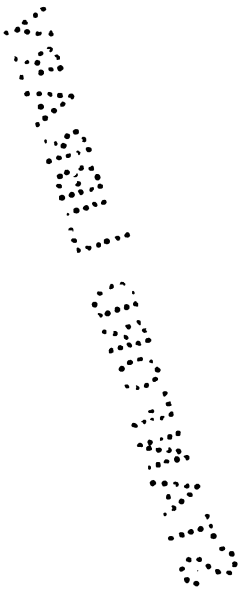
Só recuperamos a calma e a consciencia do dever social quando Vos vimos restituido á patria são e salvo.

Mas, já era tarde para atavios do jubileu. O livro, homenagem litteraria que devia ser hoje lido, só mais tarde virá.

E, que importa esse pezar, si prazer nos contenta?

Viestes salvo e são! Deus Vos conserve a vida e saude por longos annos — Venerando Protector do Instituto — para bem da nossa associação, e, mais que tudo, para o progresso e gloria do nosso Brasil.

JOÃO SEVERIANO DA FONSECA,
1º secretario interino.



RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATTOS

MARECHAL DE CAMPO REFORMADO ·

FUNDADOR DO INSTITUTO E SEU 1º VICE-PRESIDENTE DESDE A FUNDAÇÃO.

N. em 2 de Novembro de 1776. † em 24 de Fevereiro de 1839.

ALLOCUÇÃO

Pelo, Socio Honorario, o Sr. Senador

Alfredo de Escragnolle Taunay

Senhor!

Este anno de 1888 tem sido para o Brasil o anno das grandes emoções!

Violentos e encontrados abalos de continuo saltearam a alma da patria, exalçando-a ás alturas da mais intensa alegria ou então mergulhando-a nos mais afflictivos transes, que felizmente findaram todos por estrepitosa e inolvidavel exultação.

E jamais, em todas as paginas da nossa historia, laços mais intimos, nem ligações mais estreitas, prenderam o nobre povo brasileiro, que os experimentava, ao excelso throno em que se assenta a augusta familia de V. M. Imperial.

Foi, Senhor, o anno da Abolição; e bastam, por certo, estas simples palavras para eloquentemente representarem á mente dos contemporaneos ou da mais remota posteridade o delirio que se apoderou desta generosa nação e fez do seu seio irromper espontaneo e enthusiastico hymno de gratidão a Deus, por havermos, sem effusão do sangue de irmãos, sem candentes lagrimas, sem odios inextinguiveis, mas entre flôres, congratulações e vivas e festas, podido prestar á civilisação e á humanidade o preito completo e definitivo, que ellas de nós impacientemente esperavam.

No meio, porém, do inebriamento, eis que echôa, vinda de bem longe, uma nota plangente, que repercutiu logo fundo em todos os corações, e nelles de chofre

sopitou e enregelou as expansões do orgulho e do jubilo.

A milhares de leguas do estremecido Brasil jazia prostrado no leito, em perigo de vida, o Imperador, e seus olhos prestes, como se suppunha, a cerrarem-se á luz terrena, não podiam, como suprema consolação, contemplar os céos brasileiros e fitar aquella mystica e formosa constellação do Cruzeiro, que é o lábaro do seu Imperio !

Conturbou-se de subito o espirito da patria, e da explosão do sentimento nacional, na sinceridade de angustiosa espera por noticias, fossem ellas quaes fossem, emergia pura e intemerata a mais esplendida homenagem que jamais um povo livre e altivo offereceu a um homem, ao seu monarcha !

Não podia a electricidade com toda a sua rapidez vertiginosa satisfazer a sofreguidão publica, e a imminencia de solução fatal arrancava lagrimas de muitos, já de longa data afeitos á dôr e ás agruras da vida.

Nesses crueis momentos de anciedade, todo o brasileiro, em intima resenha, recordava de si para si, já a somma enorme, incalculavel, de esforços e sacrificios feitos por Vossa Magestade em prol deste paiz, na sua longa e afanosa existencia, já as acerbas tribulações da consorte heroica, a encarar sem pavor a morte, que adejava por sobre o leito do adorado esposo, para melhor ajudar a sublime batalha da Sciencia, empenhada contra a terrivel mensageira da destruição.

E quantas ancias, que indiziveis afflicções, quantos embates no peito da Princeza Regente, aqui, tão distante, tão afastada do theatro daquellas decisivas scenas, a passar dos extremos da confiança mais fundada aos desalentos da mais sombria desesperança ! E, no torvelinho de todos esses sacudimentos, os implacaveis deveres de chefe do Estado a amargurarem, mais e mais, os impetos e exigencias do amor de Filha !

Assim se arrastaram pesados e penosos as horas e os dias, voltados todos para esse ponto da Italia, tão formosa e garrida, mas que para nós brasileiros só então significava sombrias perplexidades e duras inquietações

até ao momento em que della nos veiu alfim grata e fagueira segurança!

Estava salvo o Imperador, e dentro em breve esta capital e o Brasil em peso como que se atiravam ao seu encontro, cobrindo de bençams e flôres os monarchas que regressavam!

Ao saltar na terra americana, pisou Vossa Magestade um solo novo. Fosse aqui, no centro da sociedade e da politica brasileira, fosse no mais obscuro ponto desta vastissima costa de duas mil leguas, acariciada pelas ondas do Atlantico, por toda a parte havia desapparecido a mancha da escravidão, motivo, durante tantos e tantos annos, entre todas as Vossas instantes preoccupações, de continuo e gravoso pesadello.

E' que já raiára a grande aurora, pois Vossa inclyta Filha, intimamente identificada com a maior das aspirações desta nação, puzera o ultimo termo á paciente evolução, passo a passo preparada com tamanha solicitude, cautela, patriotismo e philanthropia, pelo alevantado espirito do estadista e do soberano.

No meio de mil problemas novos, suscitados de momento por essa grandiosa solução, tirára-se a limpo, sem contradicta possivel, radiosa e offuscante verdade, desconhecida pela eloquencia de Castellar, quando affirmára aos mundos, que o throno brasileiro assentava os alicerces nos negros e repulsivos paúes da escravidão.

Ao grande republicano europeu deram os monarchistas americanos a mais formal, irrespondivel e estrondosa contestação. Eil-os bem patentes, eil-os bem á vista do mundo inteiro esses alicerces, e de certo não se alteiam de terras encharcadas e aguas estagnadas e podres, mas se firmam no applauso da nação, e na vontade e no amor do povo.

Pelo contrario — delle se afastam apressados, hoje, como condensadas nevoas, sinão deleterios miasmas, sentimentos que tudo podem representar — despeitos, furores, desalentos justos ou não, desconfianças, tristezas, vacillações — tudo, tudo podem significar, menos a sincera aspiração republicana, que neste caso se transformaria em dolosa arma, a ferir como envenenado

punhal em pleno peito a lealdade do tribuno da Hespanha, propugnador acerrimo dos grandes direitos do homem e da confraternidade universal !

E porque tantos aggravos, separações radicaes, odientas retaliações ante um facto que a civilisação nos impunha imperiosa para deixarmos de ser lamentabilissima excepção, e nos libertarmos do deprimente parallelismo com as instituições caducas da corrupta e decrepita Asia ou com o barbarismo inconsciente da boçal e tenebrosa Africa ?

Para que esse alarde em despedaçar solidos e respeitaveis laços politicos, quando da nossa ordem de cousas, já consagrada pelo tempo, só proveiu para o Brasil ordem, paz e dignidade ?

Para que romper com um passado honroso e nobre, que é a segurança de porvir prospero e glorioso ?

Porque o isolamento, a furia, a violencia, quando o mal soffrido com paciencia, e na communhão de sentimentos justos e sympathicos, depressa minora, diminue e se extingue, surgindo do allivio, e, afinal, da cessação da dôr, beneficios inesperados e compensações não previstas que de certo substituirão as maldições por bençams e o lethal desanimo por inopinavel confiança em radiante futuro ?

Na effusão das nossas esperanças, senhores, rodeemos compactos o throno do Brasil. Elle não assenta no obscurantismo, nem em ferrenhas tradições.

Eis porque é unico em todo o mundo ; eis porque é possivel e vive e perdurará nesta America, em que as auras da liberdade perpassam pujantes de norte a sul, sem encontrarem obstaculos nem anteparo.

Não precisa, não por certo, desses meios artificiaes, pueris as vezes, outros perniciosos, com que o fanatismo religioso e medieval, em suas mal inspiradas cogitações, pretende amparar os soberanos da terra, apregoando-os parcellas emanadas de uma divindade que fazem tão rancorosa e sombria, quanto futil e desarrazoada em seus continuos e pretendidos milagres, e contraria aos progressos e a perfeição da humanidade.

Não ; saberemos conquistar todas as poderosas e imprescindiveis garantias sociaes; e do throno brasileiro, estejamos certos, nos ha de partir benefico e constante influxo, deixando burlados os calculos do ambicioso e absorvente clericalismo, que, vencido em todo o orbe civilisado, ainda busca travar aqui batalha campal, aproveitando a inercia dos indifferentes e apavorando o pensamento dos fracos !

A liberdade, a honra e a razão, tres forças incoerciveis, estão comnosco ; e Deus—isto é—o Espirito immenso, a Influição suprema, a Intelligencia universal, que impelle o homem á perfectibilidade, protegerá a regeneradora empreza e o grandioso commettimento.

Conseguidos os almejados fins poderá a monarchia confiantemente perguntar á republica : « Que mais quereis ? Que horizontes novos mostraes ao patriotismo e ao desinteresse ? Apontae-m'os e em busca delles logo partirei ! »

Talvez até um dia—permitta a sorte bem longe dos tempos de agora—algum descendente de Pedro II, inspirado nos sentimentos de honestidade e altaneria da sua egregia origem e styrpe, não se lhe dará de descer os degraus do solio imperial para fazer subir essa mulher symbolica que tanto fanatisa os paladinos de um ideal, não raramente enganoso e mystificador !

Ainda ahi os republicanos do futuro hão de sentir a obsessão da monarchia, como que ponta de remordimento a pungir-lhes o seio por a terem tanto combatido e tamanhas injustiças lhe irrogado. Nessa mulher fascinadora que exaltaram, verão, como que em graciosa apparição, a physionomia meiga e bondosa d'Aquella que redimiu os desgraçados escravos, e ao seu lado se alteará, sombra augusta e gigante, o vulto solemne e calmo do Sr. D. Pedro II, o grande Patriota !

Esboçado, senhores, a largos traços os inesqueciveis episodios patrios, que tanto preencheram os mezes

que acabam de passar, seja-me agora licito perscrutar as impressões, perduraveis tambem, desta festa que hoje celebramos e reconheceriamos modesta, caso não lhe incutisse brilho excepcional a presença do seu protector perpetuo, cercado, para melhor honral-a, dos mais caros penhores do Seu coração de Esposo e Pai.

Ha 50 annos, dia por dia, hora por hora, um grupo de litteratos e homens de sciencia, illustres por muitos titulos, e impulsionados pelo mais acendrado amor á patria e ás lettras, reunia-se em uma das salas do Museu Nacional e fundava este Instituto Historico e Geographico Brasileiro, determinando-lhe os fins a que se destinava, e, com segurança de vistas, assentando os modos de fazel-o alcançar o escopo que devia sempre colimar.

Tem, pois, a solemnidade de hoje caracter especial e grande significação, representando uma parada nos nossos trabalhos habituaes e annuos, afim de consultarmos com sinceridade a nossa propria consciencia, abrindo nella debate com escrupuloso zelo, si porventura malbaratámos a preciosa herança ou nos mostramos dignos do honroso legado.

Constitua-se um tribunal sem appello e nelle se assentem os mais eminentes fundadores e membros do Instituto, que tanto trabalharam pelos vindouros para poderem delles muito exigir

Eil-os aqui presentes, como eloquentes symbolos!

Em nome dos vivos, continuadores da vossa obra, eu vos conjuro, illustres mortos, proclameis o *veredictum* que esperamos entre receiosos e certos de nós mesmos; sentença, que ou tem de nos fazer curvar a cabeça, enleiados de vexame, ou então nos levantará no conceito publico, infundindo-nos indomavel coragem para todas as contigencias, desde o menoscabo da indifferença até á risota da injustiça e da ingratidão!

Vós, visconde de S. Leopoldo, fallae antes de todos com a autoridade de nosso primeiro presidente, vós que nos destes o lema deste Instituto, proclamando-o «representante das idéas de illustração, que em differentes

épocas se manifestaram em nosso continente » [1]: vossas longas e sérias pesquizas de profundo historiador, vossos indefessos serviços á patria vos dão prestigio inexcedivel!

Fallae, Januario da Cunha Barbosa, a mente inflammada, de onde surgiu a creação desta sociedade, « o seu maior apoio, annunciava Porto Alegre a 8 de Março de 1846, a columna monumental da sua fundação [2], um dos organisadores desta patria que possuimos, um dos constituidores da nova monarchia, e constante sustentaculo da ordem e da liberdade! »

Fallae, Raymundo da Cunha Mattos, luzeiro nas armas e na sciencia, heroe aos 14 annos na campanha do Roussillon [3], viajante incansavel, observador agudo e sempre veridico, « homem, na phrase do seu panegyrista Raposo de Almeida, que sabia harmonisar a idolatria politica com os sentimentos mais suaves da familia » alma ardente de brazileiro em corpo de velho portuguez!

Agora a vós a palavra, barão de Santo Angelo, essa palavra arrebatadora como uma torrente, imaginosa, ductil, prompta para todos os assumptos e victoriosa sempre, que vos deu por tantos annos fóros de nosso primeiro orador, até que Joaquim Manoel de Macedo (eil-o tambem presente!), si não vos excedeu, pelo menos comvosco hombreou, enchendo os echos deste recinto com a magia da sua maviosa eloquencia, doce, como o mel que decorria dos labios dos velhos sabios da Grecia!

Fallae, barão de Porto Seguro, caracter inquebrantavel e constructor de imperecivel monumento em um simples livro de historia!

E vós tambem, conego Fernandes Pinheiro — a synthese da dedicação mais completa e ininterrompida

---

Programma historico, Tomo I, da *Revista Trimensal* 2º, trimestre de 1839, n. 2.

Revista Trimensal, tomo VIII, pag. 151.

R. Trimensal, tomo I, pag. 73

por muitos lustros a este Instituto, que tanto vos deve e de vós tanto se lembra.

Agora.... preludiem sonoras lyras, fira-se canoro plectro, e nos ares resoem a harmonia e cadencia de versos inimitaveis: Gonçalves Dias, o cantor das grandezas e seducções da nossa natureza virgem, o poeta das dôres intimas, a alma vibratil por excellencia, deve tambem fallar!

E, ao erguer-se a voz do marquez de Sapucahy, funda saudade se alvoroça em todos nós que o conhecemos tão meigo, tão lhano, tão despretencioso no meio dos esplendores da intelligencia e das posições a que subira—e essa voz repercute, insinuante e branda, no coração do Monarcha, recordando-lhe de momento os ensinamentos do velho mestre e os dourados tempos daquella infancia, que a nação brazileira em peso amparava, zelosa e vigilante, como resposta condigna ao sublime rapto de D. Pedro I, quando entregou uma criança ao cavalheirismo e aos cuidados de um povo inteiro!

Fallae, fallae! Eu vos conjuro!

Mas só o silencio nos responde.

Das vossas marmoreas e glaciaes pupillas, a fitar-nos insistentes, desce o applauso e o incitamento, ou a censura e a reprovação?

Vêde, vêde o que temos feito, pesae bem os nossos esforços, avaliae as nossas intenções, as lutas que tivemos que sustentar, o desanimo que foi preciso vencer; compulsae os nossos trabalhos espalhados por 50 copiosos volumes de uma collecção que todas as bibliothecas se empenham em possuir, e pressurosas de todos os pontos do mundo nos pedem e requisitam.

Na balança do vosso juizo entre, como valioso peso, a assiduidade com que, seguindo os vossos passos, temos sempre celebrado as nossas sessões; rodeados da indifferença publica, a que havemos sabido resistir, graças sobretudo ao influxo d'Aquelle que nos déste para Protector Perpetuo a 1 de Dezembro de 1838, e que, no meio dos innumeros deveres magestaticos, jámais se esqueceu de vigiar sobre a nossa sorte e nossos destinos.

Na apreciação dos serviços prestados, não deixeis á margem essa teimosa tentativa de ridiculo, a que nos

temos mostrado superiores, mas que sem treguas buscam contra nós manejar a futilidade e a inconsideração, a ignorancia e a fatuidade, como si não estivessemos, pacientes obreiros, salvando da destruição e do esquecimento, ou reunindo e coordenando os mais vastos e abundantes elementos para a litteratura brasileira, qualquer que seja o lado para que se volte o homem de lettras e o campo que deseje um dia explorar.

Levae em linha de conta a vossa possante estatura moral—não a compareis com a nossa, na generosidade de vossos intuitos e vossa complacencia...

Mas porque? Acaso menos estremecimento sentimos, do que haveis sentido, por esta formosa terra? Porventura não temos, com cioso afan, mantido intangiveis e integros todos os thesouros de dignidade e honra que nos legastes?

Recuámos alguma vez diante de quaesquer sacrificios? Não regámos o solo do despota que nos insultou com o sangue de cem mil dos nossos irmãos, e nelle não derramámos mais de 600 mil contos da nossa fortuna publica?

De menos respeito, menos gratidão e affecto, temos cercado esse menino de outrora, que, embalado ao sopro das revoluções, preparastes para o throno que elle ainda hoje occupa com tanta magestade e serena gloria?

Por circumstancias que raras vezes se repetem, é o Imperador o élo vivaz que nos prende a vós todos, vós que nas multiplas situações da vossa existencia, já nas lettras, já nas sciencias, já no magisterio, já na diplomacia, já nos mais altos cargos do Estado, desfilastes ante a Sua presença e por Elle fostes julgados na medida do vosso saber e patriotismo.

Pois bem, o Sr. D. Pedro II é o vosso e o nosso juiz; e attentae bem—o Seu comparecimento hoje entre nós é o signal mais certo e precioso, mais irrecusavel, de que não temos desmerecido na missão que nos foi confiada, e soubemos salvaguardar todos os principios e tradições que formam o opulento relicario desta nobre Associação.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro inclina-se, pois, perante Vós, Monarcha americano, cheio de ufania e reconhecimento, e Vos apresenta essas virentes palmas, com que a justiça dos posteros engrinalda a fronte dos grandes pensadores e daquelles que, no pinaculo do poder, deram ainda mais realce aos fulgurantes dotes da intelligencia e aos elevados sentimentos que pulsam no peito do homem bom, leal e verdadeiro, dignificando a um tempo a terra em que nasceram e a humanidade inteira que os acclama.

OS PRECURSORES

Em 21 de Outubro de 1838 alguns homens se reunem em uma sala baixa do edificio do museu nacional. Elles conspiram, tramam, são revolucionarios que pugnam por novas idéas e novos principios. Desejam dilatar a esphera do progresso do paiz ; querem dar horizonte mais vasto á sociedade em que vivem; trabalham, pelejam pela liberdade do pensamento, pela expansão das idéas e pela gloria da patria. Si conspiram não é para abalar os animos e revolucionar a sociedade, mas para agitar os espiritos no amor da sciencia, e abrir caminho mais vasto e mais amplo aos conhecimentos humanos. São revolucionarios, mas agitadores do bem, propugnadores do estudo e da gloria.

Esses homens taciturnos, calmos, patriotas, resolvem fundar uma academia de geographia e historia para occupar-se da grandeza e vastidão do paiz, das riquezas do territorio, e das acções altas e meritorias dos varões illustres. Elles são vinte e sete, muito menos do que os fidalgos que fizeram a revolução de Portugal de 1640; mas conseguem muito, porque em um paiz, que apenas conta dezeseis annos de vida propria, lançam os fundamentos de uma associação litteraria destinada a gravar nas paginas gloriosas da immortalidade os nomes dos cidadãos notaveis.

Entre esses denodados paladinos tornam-se salientes tres vultos, como os mais dedicados batalhadores dessa cruzada de luz, de liberdade e de sciencia.

Um é um titular, outro um soldado, outro um padre.

São esses os iniciadores da idéa que deve ensinar aos brazileiros a zelar as glorias da patria, e abrir horizontes novos a estudos do paiz. Fundam elles o

Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e escrevem desse modo seus nomes nos fastos gloriosos da nação.

Esses tres varões chamam-se visconde de S. Leopoldo, Raymundo José da Cunha Mattos e Januario da Cunha Barbosa.

Abraçando a carreira ecclesiastica, dedicou-se Januario da Cunha Barbosa ao ministerio do pulpito sagrado, e chegou a prégador regio. Si na tribuna da igreja manifestou gravidade e eloquencia, na de professor de philosophia soube educar uma mocidade que honrou seu nome e provou a proficiencia de suas doutrinas.

Nas lutas da independencia da patria collocou-se entre os primeiros, e consagrou sua penna e seus serviços á liberdade da nação. Notavel pelo talento, pelo patriotismo e amor da liberdade, robusteceu seu animo nas paginas gloriosas da independencia nacional, e jamais viu-se afrouxar o seu enthusiasmo, nem arrefecer as suas crenças. Mas nesses tempos de vicissitudes e exaltações foi o padre Januario desterrado ; quando voltou, porém, do exilio, veiu calmo, sem azedume e sem odios, mas sempre patriota. Esperavam-no novas honras e novos cargos ; mereceu do primeiro Imperador a condecoração de official da ordem imperial do Cruzeiro e a cadeira de conego. Os votos de duas provincias chamaram-no ao parlamento.

Ninguem o póde igualar em seu tempo na carreira da imprensa. Nomeado director da typographia nacional, redactor do *Diario do Governo*, chronista do Imperio e bibliothecario da bibliotheca nacional, illustrou todos eses empregos e em todos cooperou para o progresso do paiz.

Jornalista consummado, politico de convicções puras, homem de perseverança inquebrantavel, revelou-se poeta escrevendo um poema, onde foram ainda as auras da patria que o elevaram ás ethereas regiões da poesia. Si durante vinte e cinco annos exerceu o magisterio, si por espaço de quarenta annos propagou da tribuna sagrada as doutrinas puras do evangelho, si activo e emprehendedor trabalhou com ancia pelo bem da patria, sobroulhe ainda tempo para consagral-o á fundação de sociedades litterarias.

A Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional contou-o entre os mais esforçados propugnadores; e do Instituto Historico foi o braço robusto, que fez surgir essa associação em uma época em que ainda eram raros semelhantes tentamens em favor das lettras e das artes.

Escreveu muito; foi do seu tempo o mais fecundo publicista, e o primeiro que procurou honrar em necrologios a memoria dos seus concidadãos; e hoje que esta academia, creada por elle, conta meio seculo de existencia, repita-se seu nome com amor e saudade nestes annaes, em que elle, com grande esforço e dedicação, procurou erguer o renome da patria, glorificando a sua historia.

Raymundo José da Cunha Mattos, marechal, vogal do conselho supremo militar, official da ordem imperial do Cruzeiro, commendador da de S. Bento de Aviz, ex-deputado de duas legislaturas do Imperio e socio de varias sociedades nacionaes e estrangeiras, foi um varão illustre.

Dedicando-se á carreira militar, alistou-se nos batalhões patrioticos, que pelejaram pela liberdade da nação portugueza, que era sua patria. Pelo seu valor, civismo e galhardia militar galgou logo as divisas de capitão.

Foi subindo e conquistando os postos pelos seus serviços; chegou a brigadeiro, a marechal de campo e a commandante das armas.

Mostrou-se sempre severo e intransigente no desempenho das commissões militares de que foi encarregado.

Na carreira das lettras deixou assignalado seu nome, como na das armas. No parlamento ostentou entre todos maior instrucção sobre legislação militar. Dedicado ao serviço da patria, prestou-lhe tudo que lhe coube nas forças, e soube consagrar á gloria do paiz, que adoptou por seu, a penna e a espada.

Dotado de prodigiosa memoria e de instrucção variada, frequentou o recinto das associações litterarias, e foi brilhante e animada a sua acção no areopago das lettras. Encantavam-no as delicias do estudo, e o que escreveu perpetuou o seu nome entre os bons cultivadores das lettras.

Pelos seus opimos serviços prestados á Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, foi eleito secretario perpetuo, e do Instituto Historico foi um dos grandes fundadores.

Hoje que esta associação solemnisa o seu primeiro jubileu, avaliando-se o intelligente amor, o zeloso interesse pelas gloriosas tradições da patria desse seu socio, registre-se seu nome, que deve permanecer na historia, na legião dos homens notaveis.

José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, nasceu na villa, hoje cidade de Santos, na provincia de S. Paulo. Graduado na universidade de Coimbra, regressou logo á patria, onde esperavam-no emprego de confiança e de cathegoria social. Foi nomeado juiz da alfandega do Rio Grande do Sul. Indicado para deputado ás côrtes geraes e constituintes de Portugal, mostrou nas discussões palavra sentenciosa e erudição vasta e completa.

Na primeira assembléa constituinte do Brasil alistou-se entre aquelles que mais conheciam o systema representativo, e sempre da cadeira que occupou partiu um exemplo ou uma lição. Na vida politica ninguem ousou negar a sua honestidade. Foi o primeiro presidente nomeado para a provincia do Rio Grande do Sul, e alli organisou a primeira typographia que houve na provincia.

Subiu a ministro da corôa, a conselheiro de Estado e na hierarchia social teve o titulo de visconde.

Homem laborioso e illustrado, de talento superior e apaixonado pelo estudo, consagrava suas vigilias ás lettras, e deixou trabalhos litterarios, que conseguiram attrahir para seu nome a fama e a gloria.

No labor fecundo da fundação do Instituto Historico e Geographico tomou o visconde de S. Leopoldo o logar mais alto e de mais responsabilidade: foi nomeado presidente da nascente associação.

Elle, Januario e Cunha Mattos cimentaram com a sua intelligencia e seus esforços os alicerces dessa academia. Consorciados na mesma idéa procuraram legar á patria um instituto de historia e de geographia.

Enriquecidos de vasta capacidade, dotados de vivo sentimento nacional, reuniram suas forças na formação dessa sociedade que devia cooperar para alargar os limites das sciencias e para gravar nas paginas da immortalidade as acções heroicas dos varões illustres ; e emprehenderam tão ousado commettimento com toda dedicação, fé e robustez de animo, não attendendo aos obstaculos oppostos á sua iniciativa. Fundando esse Instituto, considerado hoje como uma instituição do Paiz por contar a larga existencia de cincoenta annos, e por ter tido sempre á sua frente o Imperador, abriram elles por si mesmos o caminho que devia leval-os á posteridade, e por isso vivem hoje na memoria da patria.

21 de Outubro de 1888.

MOREIRA DE AZEVEDO.

JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO

VISCONDE DE S. LEOPOLDO

PRESIDENTE DO INSTITUTO DESDE A FUNDAÇÃO

Presidente perpetuo em 4 de Dezembro de 1842.

N. em 9 de Maio de 1774. + em 6 de Julho de 1847.

A PROVINCIA DAS ALAGÔAS

E' a antiga comarca desse nome, pertencente á capitania de Pernambuco, elevada áquella cathegoria por alvará de 9 de Outubro de 1706, e que comprehendia toda a costa sul, desde a foz do Piracinunga, até a do S. Francisco.

Abrangia as villas de Alagoas, como cabeça do termo, Penedo e Porto Calvo, e dez freguezias, sendo as das tres villas, e mais as de Santa Luzia do Norte, Puxim, S. Bento, Camaragibe, Pioca, S. Miguel e Atalaia. Situa-se entre 8° 55' e 30" e 10° 28' 50" de latitude austral. Seu littoral, que do norte vem em rumo NE. - SO., ao dobrar a Ponta Verde muda de direcção de E. para O.

Dizem erradamente alguns chronistas e historiadores da fundação da capitania que Duarte Coelho Pereira, depois de lançar os fundamentos de Olinda, percorreu a costa, e lançou fundamentos de povoação em Porto Calvo e no Penedo.

Duarte Coelho teve que vencer o gentio, principalmente o feroz caheté, o que só conseguiu, e mui pouco, na costa, com o auxilio dos tabayares.

A primeira entrada do sertão, e que pouco se internou, fazendo apenas despejar o gentio de parte da costa, teve logar em seu governo, e nella iam Fernão Lourenço, Gonçalo Mendes Leitão, o allemão Christovam Lins e outros, que tiveram por patrimonio o territorio conquistado.

A segunda bandeira foi commandada por Jeronymo de Albuquerque e Felippe Cavalcante : afastou o gentio

50 leguas da costa pelo sertão a dentro, isto em consequencia do massacre do bispo Sardinha, na praia do Francez, em Junho de 1556, e de ter vindo ordem para a guerra e exterminio do gentio caheté. Jeronymo de Albuquerque perseguiu-os tenazmente até o rio de S. Francisco, donde regressou para Olinda em 1557, com o senhorio de todas essas terras conquistadas para si.

Já se vê que anteriormente toda a costa era dominada pelo gentio, tanto que os dous que restaram do naufragio da galera que conduzia o bispo martyr não foram ter a Porto Calvo, nem tão pouco ao Penedo, na róta em que seguiram em fuga para a Bahia.

Cita-se uma terceira bandeira em 1578; mas esta foi ao sul do S. Francisco, em territorio de Sergipe, onde, depois da conquista de Christovam de Barros, houve outra entrada dirigida por Christovam da Rocha e Rodrigo Martins.

Portanto é hypothetica a versão de haver Duarte Coelho lançado os fundamentos de Porto Calvo e Penedo.

Foram diversos os possuidores dessas terras por conquista, e posteriormente diversos foram os concessionarios das terras comprehendidas no seu territorio.

Diogo Soares da Cunha, em Agosto de 1591, obteve cinco leguas ao longo da costa, do Pajussára á foz do rio S. Miguel, com sete para o interior, onde levantou em 1596 a povoação da Magdalena, depois villa e cidade das Alagoas, cujos primeiros fundamentos foram na margem do Sumaúma, local hoje da povoação de Taperaguá. Isto conclue-se de haver Gabriel Soares da Cunha, filho de Diogo Soares da Cunha, então alcaide-mór da Magdalena, por escriptura de 25 de Novembro de 1611, concedido a Manoel Antonio Duro, morador em Pajussára, onde tinha uma casa de telha, uma sesmaria de terras ahi na costa,com os fundos a encontrar a lagôa do Norte, com a condição de fazer um sobrado coberto de telha na pavoação do Sumaúma. Tambem por escriptura de 13 de Abril de 1610 concedeu a Antonio Martins Ribeiro uma legua, em quadro, na margem do Mundahú, com a condição de levantar engenhos de fabricar

assucar e erigir a povoação, que depois chamou-se de Santa Luzia do Norte ou de Syracusa, hoje villa.

Gabriel Soares da Cunha casou com D. Florencia de Andrade, filha do capitão-mór Henrique de Carvalho e D. Maria de Abreu Bezerra, de cujo consorcio houve Antonio de Andrade Carvalho, Mathias de Andrade Carvalho e D. Maria de Abreu.

Grande foi sua descendencia.

Em seguida, para o norte, estava a sesmaria de dez leguas em quadro concedida a Antonio de Barros Pimentel, conhecida pela *sesmaria dos quatro rios*, porque comprehendia os rios Mangaba, Tatuamunha, Camaragibe e Santo Antonio Grande, que desaguam no oceano. Foi pae de Rodrigo de Barros Pimentel, casado com D. Jeronyma de Almeida, matrona que com seus doze filhos, dos quaes nove quasi moças, fôra, em 1645, presa dos hollandezes, na ausencia do marido, e condemnada a ser degolada por se lhe impôr a culpa de ter dado agasalho e sustento á tropa da Bahia.

Desta para o norte estavam as terras de Christovam Lins, o possuidor mais antigo, por tel-as conquistado aos indios potyguares, e que iam até o cabo de Santo Agostinho ; por cujo serviço foi tambem agraciado com o titulo de alcaide-mór de Porto Calvo, com a condição de fundar a villa.

Christovam Lins casou com D. Adriana de Hollanda, filha de Arnáo de Hollanda e D. Brites Mendes de Vasconcellos, e houve : Bartholomeu Lins de Vasconcellos, que foi pae de Christovam Lins de Vasconcellos, alcaide-mór de Porto Calvo e seu termo, que tanto se distinguiu na restauração de Pernambuco em 1645, acompanhando João Fernandes Vieira ; D. Ignez Lins de Vasconcellos ; D. Brites Lins de Vasconcellos.

Grande foi tambem a descendencia.

Do picão da barra do Francez para o sul eram as terras da sesmaria do mestre de campo Antonio de Moura Castro, de quem descendem os Mouras de S. Miguel.

Não ha certeza de que fossem doadas as sesmarias da barra de S. Miguel para o sul, e bem assim si a de Cururipe, á foz do S. Francisco, o fôra a Belchior Alvares Camello, primeiro alcaide-mór do Penedo, e que alli installou diversas fazendas de criação. Outras foram concedidas, como se vê:

Em 1596 João da Rocha Vicente obteve uma sesmaria na testada do reguengo de Jorge de Albuquerque, de duas leguas sobre quatro de fundo, para o sertão.

Em 1597 obteve mais duas leguas, e em 1602 outra legua; tendo em 1600 obtido tambem outras duas nas cabeceiras das terras de D. Felippe de Moura.

João da Rocha Vicente, casado com D. Messias Barbosa, foi sogro de Sebastião da Rocha Dantas, irmão de Christovam da Rocha Dantas: paes e thio de Thomé, Valentim, Gonçalo e André da Rocha Dantas, este o fundador da igreja matriz de Piassabussú, em 1670, mais ou menos, irmãos que tanto se esforçaram para a restauração da capitania, acompanhando João Fernandes Vieira

Ao terminar o XVI seculo o littoral do Brasil achava-se colonisado desde a Parahyba até S. Vicente. Em progresso occupava Pernambuco o primeiro logar por commercio, luxo e riqueza.

Tambem é hypothetica a data — 23 de Abril de 1636 — em que se diz terem sido elevadas á cathegoria de villas as povoações de Porto Calvo (conhecido então por Santo Antonio dos Quatro Rios), Alagoas e Penedo.

O marquez de Bastos, nas suas *Memorias Diarias* diz nessa data, vagamente, o seguinte: « Deixámos a povoação de Porto Calvo, que d'ora avante trataremos por villa do Bom Successo, que assim a titulou Duarte de Albuquerque (não diz em que data), dando-lhe termo e jurisdicção conforme os poderes e privilegios que tinha de El-rei para crear as que lhe apparecesse.

O mesmo fez com as povoações da Laguna do Sul e do Rio de S. Francisco, chamando a primeira Villa da Magdalena e a segunda de S. Francisco. »

Duarte de Albuquerque em sua passagem para Porto Calvo não fez mais do que reconhecel-as; confirmando-as, deu-lhes novas designações, chrismando a de Porto Calvo com o nome de Bom Successo, a da Alagoas do Sul com o de Madaglena e a do Penedo com o de S. Francisco, e nada mais.

A duvida prende-se ao facto de que para esse tempo já eram ellas tres freguezias creadas, tendo Porto Calvo os padres André Jorge Pinto como vigario e Antonio Pacheco da Silva como coadjuctor; quanto a Alagôas não constam os nomes dos dous primeiros vigarios que serviram anteriormente á invasão hollandeza; quanto ao Penedo foi o padre Antonio Martins seu vigario por esse tempo

Si já freguezias, como não villas, quando a condição principal da concessão dos territorios trazia a obrigação de creal-as, dando-se desde logo para tal fim as nomeações de alcaides-móres aos mesmos concessionarios?

Naquella data, em 1636, Porto Calvo já contava uns 60 annos de fundação.

Já na posse do cargo de alcaide-mór estava Christovam Lins de Vasconcellos, neto do primitivo Christovam Lins primeiro alcaide-mór é diz a chronica que a mulher deste, D. Adriana de Hollanda, avó daquelle, vivia em idade de mais de cem annos, porquanto em 1647 contava 110, abençoando filhos, netos, bisnetos, trisnetos e quatrinetos!

Notavel é que nem Porto Calvo ficou Bom Successo, nem Alagôas Magdalena, nem tão pouco o Penedo villa de S. Francisco.

Foram estes os fundamentos da actual provincia das Alagoas, que, apezar da sua posição geographica, da exuberancia de dons, com que favoreceu-a a natureza, da opulencia de sua flora, da importancia de suas vastas e preciosas florestas, da uberdade de seu solo regado por innumeros rios e lagos, e da benignidade de seu clima,

—viveu dormindo o somno de indifferencia por espaço de quasi dous seculos.

Hoje, felizmente, procura rehaver o perdido — e muito promette — pelo que tem alcançado e espera da intelligencia de seus filhos, que possuem a mais bella e a mais moral das virtudes sociaes, o amor da patria.

P. DA FONSECA.

RIO PARANAHYBA

OU

PARNAHYBA ?

Quando em 1855 a assembléa provincial mineira preparava, para ser sanccionada, a lei n. 719 de 16 de Maio daquelle anno, occasionalmente achei-me no Desembarque, e vi que o conego Hermogenes Cazimiro de Araujo Bruonswik, vigario collado da freguezia deste nome, lamentava e mesmo formava censura aos deputados mineiros de então, pela pouca attenção que prestavam á geographia territorial da provincia, por isso que denominavam *comarca do Parnahybá* á que era constituida com os municipios de Araxá e Patrocinio. (Póde vêr-se a citada lei mineira n. 719 de 16 de Maio de 1855, art. 1º § 8º).

O conego Hermogenes era vigario naquella povoação do Desembarque desde que foi elevada á freguezia em 1818. Era advogado de nomeada; fôra deputado provincial em diversos biennios e deputado geral em 1856; tinha sido eleito deputado ás côrtes de Lisboa na occasião da constituinte. Por conseguinte a sua elevada posição social e residencia nas proximidades do Araxá; ter sido um dos primeiros entrantes no sertão da Farinha-Podre ; o conhecimento de que dispunha com relação ás cousas desta zona e a sua muita instrucção : devia tudo concorrer para bem poder julgar do erro que commettiam os deputados mineiros, factores da referida lei, bem como o proprio presidente da provincia sanccionando com aquella denominação, quando

devia denominar-se a do *Paranahyba*; visto como a circumscripção judiciaria tomava aquelle nome sómente porque o territorio estendia-se das margens do rio Paranahyba (isto é, do rio que servindo de divisão á provincia de Minas e a de Goyaz, desde o Jacaré, fazia juncção com o rio Grande, pouco abaixo de Santa Anna do Paranahyba, provincia de Matto Grosso), até a serra da Canastra vertente ao rio Grande.

Era esta a razão por que dizia o conego Hermogenes, que a comarca devia denominar-se do *Paranahyba* e não do *Parnahyba*, como ficára escripto na lei; porque podia dar logar a interpretações erradas e mesmo prejuizos, pela denominação não ficar de harmonia com a origem: opinião que foi por elle sustentada até o seu fallecimento em 1861.

Não obstante as circumstancias que deixo expendidas, e eu considerasse mais acertado o que dizia o conego Hermogenes, de accordo com a opinião de Mendes de Almeida no seu *Atlas do Imperio do Brasil*, 1868, e o que disse H. Gerber, *Noções sobre a provincia de Minas* — a pag. 27, 28, 63 e 71, todavia consultei a respeito o conego Francisco de Salles Souza Fleury, homem illustrado, vigario da freguezia de Sant'Anna do Parnahyba e habitante daquellas paragens desde 1838. Eis o que diz em carta de 15 de Novembro de 1883:

> « Accuso o recebimento de sua prezadissima carta de 29 de Outubro passado, com o quesito seguinte: si o rio, a cuja margem se acha situada esta freguezia, que habito desde 1838, se chama *Paranahyba* ou *Parnahyba*? Ao que respondo que se chama *Paranahyba*, cuja derivação vem de *pará*, rio, na linguagem dos aborigenes, *ná*, grande, *iba*, claro, isto é, rio grande, de agua clara, distincto de rio grande *Paraná*, seu confluente, cujas aguas são turvas e não claras. Quanto ao *Parnahyba*, é este um rio affluente do

Thieté, nas immediações de Pirapóra, na provincia de S. Paulo. Sciente de que o vocabulo *iba* significa claro, ignoro todavia a etymologia de *parna*. »[1]

Communicando isto ao Instituto Historico (do que talvez não precisasse), outro fim não tenho sinão o de dar-lhe conhecimento da opinião que dous homens illustrados, e vizinhos da comarca e rio em questão, formavam sobre a verdadeira denominação de rio Paranahyba, ao qual um acto legislativo, posto que por meio indirecto, chamou de Parnahyba.

Uberaba, Minas, 1 de Agosto de 1888.

ANTONIO BORGES SAMPAIO,
Socio correspondente.

---

1 E' simplesmente contracção, por corruptella, de paraná.
N. da R.

POVÔAMENTO DO CEARÁ

O aspecto do Ceará, no littoral formando um convexo com suas collinas de arêa, alvissimas, que avançam sobre o oceano, no interior elevando-se em fórma de rampa até a cordilheira quasi circular da Ibiapaba, impressionou tristemente os navegantes, que primeiro visitaram seus mares, e os exploradores que penetraram as suas *caatingas*.

Desfavoraveis são todos os conceitos sobre o futuro desta provincia, que se encontram nos antigos observadores, desde Pedro Coelho até H. Koster. O Ceará era a terra da desolação e da miseria, julgado segundo as impressões produzidas pela sua natureza aspera, e á primeira vista intratavel. A flora e a fauna pareciam pauperrimas, o solo esteril, o clima menos apto para o desenvolvimento da vida. Ventos rijos, soprando seis mezes em concurrencia com um calor, que attinge a 36 graus, exaurindo rapidamente os pequenos regatos; sêccas diuturnas, ou invernos além da medida, tudo fazia acreditar que esta região viria a ser um logar apenas de transito, quando o povoamento do norte do Brasil chegasse a completar-se.

Julgavam perfunctoriamente os que deduziam assim da natureza do Ceará sem aprofundarem os mysterios della.

Agora opinião contraria está firmada por força dos factos, que são da maior evidencia.

Não ha clima mais reproductor, nem solo mais fecundo.

Na elaboração do povo, que devia succeder a raça extenuada, dominadora outrora desta terra, as mesmas sêccas tinham a sua tarefa.

De feito, mui poucos portuguezes, quasi exclusivamente de origem berbére, e alguns crioulos que vinham de Pernambuco, da Parahyba e do Rio Grande, pelo litoral, ou da Bahia e de Sergipe, pelo interior, associados aos fragmentos da raça tupy, dentro em pouco, deviam fazer do Ceará uma colonia muito populosa, emquanto as terras do Piauhy e Maranhão, cobertas de bastas florestas e cortadas de rios perennes permaneceriam quasi despovoadas e cuidadosamente evitadas pelas suas endemias.

Era que, ao contrario do que se pensava, o Ceará, como o Rio Grande do Norte e outras regiões do antigo bispado de Pernambuco, era justamente a que melhores condições offerecia ao desenvolvimento da vida. Tudo estava disposto para que servisse de sementeira na propagação do homem.

Como foi rapido o povoamento do Ceará!

O estabelecimento francez de Ibiapaba, primeiro do Ceará, não chegou a consolidar-se; as tentativas de Pedro Coelho, em 1603, foram inteiramente mallogradas; os jesuitas, quatro annos depois, foram mal succedidos; e Martim Soares póde apenas fundar, em 1609, um pequeno redacto, por traz do qual seus poucos soldados tratavam com os indios, sempre acautelados contra as suas suspeitas e truculenta perfidia.

Só após a invasão hollandeza é que o terror determinou uma pequena emigração para os sertões do Ceará. Fundaram-se no valle do Jaguaribe e do Acaracú as primeiras fazendas de criar.

Na foz daquelle rio, então accessivel a pequenas embarcações até algumas milhas acima, fundou-se o Aracaty (S. José, do porto dos barcos), pequeno arraial de pescadores, homens do mar e vendelhões, que foi até poucos annos o interposto de todo commercio na bacia do Jaguaribe.

Isto se passava entre 1623 e 1654.

Pois bem, já em 1647, do valle do Jaguaribe se faziam grandes supprimentos de gado ao exercito de João Fernandes Vieira. Uma partida, conduzida por João Barbosa Pinto, se compunha de 700 bois!

Para accentuar-se a rapidez, com que a especie bovina procreava, attenda-se bem á epoca em que deviam ter chegado á Bahia as primeiras *crias* e a distancia a que ficavam dos sertões do Ceará, admittindo-se mesmo que os primeiros casaes viessem por via de Pernambuco; tendo-se em conta ainda o facto sabido de ter-se feito a propagação por partes, pois que primeiro se *afazendaram* as terras intermedias.

No começo do seculo XVIII (1719) já havia fazendeiros, nas immediações do Icó, que possuiam 4000 rezes; e no meiado do seculo era tamanha a produção, que, além das remessas de gado para as feiras da Bahia e Pernambuco, fundaram-se no Aracaty as afamadas *officinas* ou charqueadas, que sustentaram um profuso commercio de carnes, chamadas *do Ceará*, até sobrevir a sêcca triennal de 1792, que, desde a Bahia, devastou o norte do Brasil.

As cavalhadas eram já objecto de grandes transacções, e eram vendidas na Bahia e Pernambuco para o serviço dos engenhos de assucar.

*
* *

Isto só bastaria para pôr a limpo o erro dos primeiros observadores. Mas, de par com a multiplicação dos gados de todas as especies, o homem reproduzia-se no Ceará em uma escala não conhecida. A população duplicava em 20 annos, bem que os aborigenes fossem desapparecendo rapidamente, por motivos diversos.

As molestias infecciosas, importadas pelos europeus, como que encontraram nelles o seu pasto. A variola, desde o começo da colonia, matava irremmissivelmente, e o fazia por malócas e aldêas; as sêccas os afugentavam, pois que os abrigos das serras e dos brejos lhes eram disputados pelos colonos de armas na mão; emfim, a propagação das fazendas de criar importava declaração permanente de guerra, por isto que, caçador e sem minima noção da propriedade, o selvagem não podia conceber o direito exclusivo de alguem sobre

animaes, que não eram factura do homem, mas surgiam da natureza,que era o peculio da communhão.

As correrias eram continuas, e o captiveiro servia de termo ás existencias que o flagello poupava.

Ficaram assignaladas na historia as guerras de exterminio levadas ao sertão de Jaguaribe pelo caudilho João de Barros Braga, que foi galardoado, á imitação de Bento Maciel, tendo em paga dos seus serviços o governo do Rio Grande do Norte. O proprio capitão-mór (governador) Salvador Alves, em 1721, conduziu uma destas expedições, havendo-se com tal furor, que provocou uma reprovação do governo de Lisboa.

O selvagem, portanto, que entrou por metade na formação da população actual do Ceará, não passava de fragmentos raros do *tapuyo*, aliás pouco numeroso, que Pedro Coelho encontrou no Ceará. E deve-se levar em conta, outrosim, o numero consideravel que pereceu nas guerras que se succederam, accendidas entre os colonisadores pela soffreguidão de senhorearem-se do solo por occasião da partilha, que os capitães-móres fizeram nos fins do seculo XVII e começo do seculo XVIII.

***

Para melhor firmar o nosso asserto importa consignarmos que, com a fundação da colonia, começa a historia das crises do Ceará, por effeito da desviação dos ventos de nordeste, que costumam trazer-lhe as chuvas no equinoxio de Março, phenomeno, cujos effeitos são os mais tragicos, por isso que toda cultura dos campos é feita no Ceará exclusivamente á mercê das chuvas, praticando-se o systema das irrigações sómente na falda do Araripe, onde se encontram cerca de cem grandes e pequenos ribeiros permanentes.

Ha no catalogo destas calamidades, a partir da sêcca de 1692, a de 1711, a de 1723, a 1727, da qual nos diz Accioli que na Bahia seccaram até as fontes; a de 1736—1737, de 1745—1746, de 1772, de 1777 a 1778, de 1784, a terribilissima de 1790—1793, a de

1809, de 1816—1817, de 1824—1825, de 1844—1845, afóra as sêccas parciaes de 1827, 1830, 1833 e 1837, quasi todas seguidas de febres typhicas e de variola, com tal intensidade, que em 1792 matou, só na villa do Aracaty, cerca de 4000 individuos, e em 1878 roubou na Fortaleza para mais de 50.000 vidas!

***

A provincia, apezar de tudo, cobre-se rapidamente de homens e animaes.

Em 1862 seu gado bovino e cavallar era de 1.344,000 cabeças, no valor de 22.320:000$000.

Em 1872 sua população, tomada a rol com grandes omissões, apresentava a cifra de 721.686 individuos, tendo attingido a ella na seguinte progressão:

1775.	34.000	almas
1808.	125.000	»
1810.	130.000	»
1812.	149.285	»
1819.	201.170	»
1835.	240.000	»
1857.	486.208	»
1860.	504.000	»

De todos os estudos procedidos resulta que em 1877, ao declarar-se o flagello que lhe fez perder cerca de 150.000 habitantes pela morte e pela emigração, o Ceará tinha uma população nunca inferior a 952.624 habitantes.

Actualmente, dados estatisticos da maior confiança asseguram que este numero, apezar da emigração continua para as regiões do Amazonas, baixou apenas a 932.254.

Em tudo encontra este algarismo a sua ratificação. O numero de rezes mórtas para o consumo póde calcular-se em 70.000.

Só nos açougues publicos o consumo é de 55.875, não admittidas as infalliveis omissões no lançamento do imposto respectivo.

Foram as sêccas do Ceará que concorreram outrora para o povoamento de muitos municipios do interior do Maranhaõ, e principalmente do Piauhy.

Nesta ultima provincia quasi todas as familias entroncam nas do Ceará. Nas sêccas de 1825 e 1845 para ahi foi principalmente a emigração. O Pará recebeu tambem muitas familias.

Quer nas lutas civis, que tem enlutado o Imperio, quer nas guerras estrangeiras, o contingente do Ceará tem sido sempre mui avultado, dando o seu quinhão no impsoto de sangue á medida do crescimento extraordinario da sua população. Em nenhum campo de batalha, se póde dizer, desde a expedição de Jeronymo de Albuquerque ao Maranhão, deixou jámais de encontrar-se um cearense. Depois daquella celebre expedição, em 1643, os indios do Ceará combateram no Outeiro da Cruz, e em 1709 marcharam em numero de 600 contra os indios rebellados de Mearim.

Seguiram-se as guerras diuturnas de familia, a mais notavel conhecida por Montes e Feitosas, verdadeiro fratricidio dos indios, armados uns contra outros por estas duas familias de matadores.

Não obstante tudo isto, havia população no sul da provincia, tão basta, que produzia 4000 combatentes para as lutas da independencia no Piauhy e Maranhão em 1822.

Em 1825 e 1826 depois duma guerra civil, em que pereceram centenas de homens, e quando a bexiga assolava a provincia de um extremo a outro, Conrado encontrava 2137 recrutas, que remettia para a côrte com destino ao exercito, grande imprudencia, que lhe pesa na memoria, pois que em viagem foram quasi outras tantas as victimas da variola.

Logo após, em 4 de Abril de 1832, Pinto Madeira tinha ás suas ordens, atacando a villa de Icó, cerca de 6000 homens, exclusivamente arregimentados nos municipios do Cariry!

Devemos lembrar tambem, para dar uma idéa perfeita das cousas, que no Ceará, por occasião da epidemia do cholera morbus, em 1862, a perda de vidas foi, segundo os dados officiaes, de 11,000 pessoas.

E todavia o seu contingente para a guerra do Paraguay, tratando-se exclusivamente das tropas expedidas pelo porto da Fortaleza, tres annos depois, foi de 5802 praças, o que não sorprendia, por quanto freguezias havia, nessa época, como a de Lavras, que qualificavam 4000 votantes !

Insistiremos em produzir as cifras do Ceará.

Alistaram-se para o exercito, no periodo de 1878 á 1887, 1712 homens, sendo no entanto o effectivo de sua força de linha e policia, como agora, de quasi 700 homens e a matricula do seu pessoal de serviço maritimo de mui pouco menos de 3000

***

Todas estas cifras provam em favor da salubridade do clima, da sanidade da alimentação e da facilidade de vidas nesta parte do Imperio.

Si, pois, tantas e tão consecutivas perdas não obstam a um crescimento tão rapido dos sêres que povoam esta região, foi grande a illusão dos que julgaram-na, como Ferdinand Diniz, *uma terra para exilio*.

Este mesmo escriptor, porém já não sentia bem quanto affirmava. Elle proprio censurava o abandono a que o governo entregava uma tão vasta região, e observára que era espantosa a multiplicação dos gados grossos, e maior ainda a das cabras e ovelhas, cujas pelles, dizia, deviam constituir uma riqueza, como ora acontece.

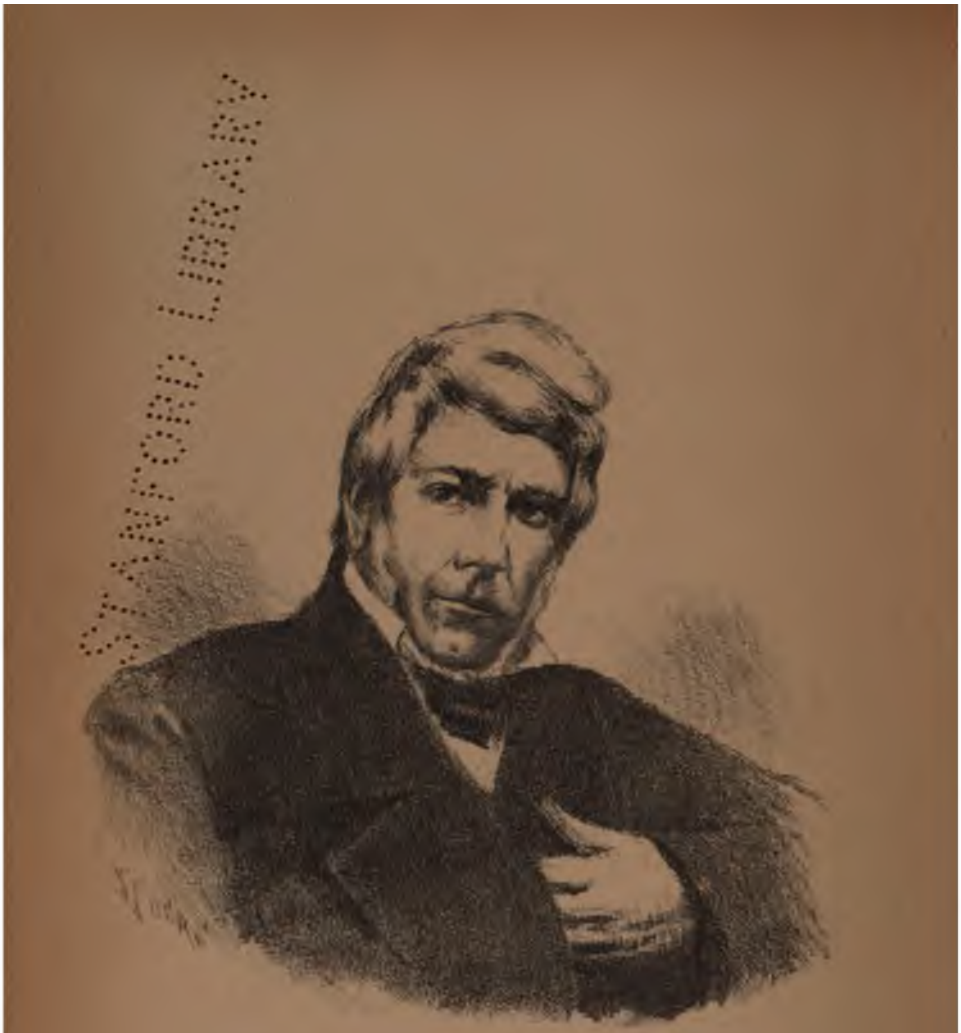
Ha muita cousa neste assumpto que importa á scienencia bem determinar, pondo as causas ao lado dos effeitos. Não queremos, porém, penetrar nos dominios della, apenas affirmar que o Ceará é uma sementeira da vida; e lhe deve muito o povoamento, portanto a civilisação do norte do Imperio.

Ceará, 24 de Agosto 1888

J. BRIGIDO.

[redacted]

[redacted]



MANOEL D'ARAUJO PORTO ALEGRE

BARÃO DE SANTO ANGELO

1º Secretario de 20 de Dezembro de 1856 a 3 de Junho de 1859.

N. em 29 de Novembro de 1806.† a 30 de Dezembro de 1879.

A LINGUA GERAL DO AMAZONAS

E O

GUARANY

Observações sobre o alphabeto indigena

POR

J. Barbosa Rodrigues

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Na « Advertencia » da *Poranduba Amazonense*, [1] tratando das corruptellas que separam o nheengatú do guarany e do tupy escripto, disse que do beato padre José de Anchieta nasceu a corruptella do *abanheenga* ou lingua geral primitiva, o que parece um arrojo meu, tendo sido elle o verdadeiro mestre da lingua ; que deixou a sua *Arte* para servir de guia a estudos posteriores e por onde naturalmente o padre Ruiz de Montoya, e outros se guiaram para escrever os seus trabalhos, e estudarem todos os missionarios daquelle tempo, que eram obrigados a aprender a lingua antes de se entregarem ás missões; porém ligeiramente me justificarei, mostrando agora a corruptella que veiu dos mestres da lingua, pondo de parte alguma influencia phonetica da prosodia indigena Lá mostrei a differença que ha entre a linguagem dos missionarios, que passa por legitima, e a corruptella que soffreu o nheengatú pela sua influencia e pela das hordas nheengaíbas; aqui

[1] Publicada na *Vellosia*, Contr. do Mus Bot. do Amaz., vol. I , pag.

trato do abanheenga ou lingua matriz, comparado com o que nos deixaram os jesuitas, mostrando que fieis não foram elles na conservação dessa lingua, porque mais facilmente a ensinariam modificada como escreveram.

Permitta-se-me que para mostrar a prosodia abanheenga, — pelo menos a nheengatú conservada, penso que pura, entre os *tembés* selvagens, e muitos velhos [2] do valle amazonico, principalmente de Santarém, Villa Franca e Solimões, que ainda não deixaram a sua lingua pela do branco, *kariuánheenga*, —eu procure mostrar isso por meio dos sons das lettras do alphabeto, tal qual se ouve dos que melhor fallam ; para que bem se pronuncie as palavras do vocabulario que escrevi e se possa bem ler as lendas, contos e cantigas que comecei a publicar : e nessa explicação mostro porque differentemente penso dos que até hoje se tém occupado da lingua geral, tupy ou guarany.

O que aqui expendo é o fructo da observação e do estudo proprio, que muitos talvez não admittam; porém como *veritatis simplex oratio*, dou-me por satisfeito si conseguir despertar a attenção dos que melhor possam escrever, deixando os livros e ouvindo os indios, como o fiz e faço. Pelas grammaticas de Anchieta e de Figueira, o alphabeto indigena compõe-se de todas as lettras do nosso, menos o *F*, *L*, *S*, e *Z* ; comtudo o primeiro não se serve do *K* nem do *V*, emquanto o segundo adopta o *K*. Montoya tambem não emprega nenhuma destas lettras, assim como não usa o *I*.

Os dous primeiros servem-se do *J*, emquanto que o ultimo o dispensa, como tambem não usa o *X*, que os primeiros empregam.

E' corrente já hoje e vulgar dizer-se que o guarany e o tupy são uma e mesma lingua. Sendo assim a prosodia é a mesma: e como dispensarem uns, e outros não,

---

[2] Procurei sempre ouvir os maiores de sessenta annos, e com muitas velhas e velhos maiores de cem annos me entendi. Em geral esses velhos não fallam portuguez e vivem retirados pelos sitios, porque não querem fallar o portuguez.

aquellas lettras? Quero crer que, devido ás pronuncias das tribus, umas eram mais gutturaes e outras mais nazaes; mas apezar disso, para mim, o verdadeiro abanheenga, aquelle que portuguezes, hespanhoes e francezes ouviram quando a estas plagas aportaram, não foi nem o guarany, nem o tupy, como de ambos nos deixaram escriptos os missionarios. Conhecemos a lingua que por duas fórmas nos deixaram escripta os primeiros mestres, accommodadas na syntaxe á latina, o tupy de Anchieta e Figueira e o guarany de Montoya; mas temos tambem o kiriry do padre Mamiani, os escriptos de outros missionarios, e os de Lery e Ivo d'Evreux, que me serviram para esclarecer a minha opinião. Para mim as lettras do alphabeto primitivo foram, sem a influencia da phonetica estranha, estas lettras que adopto:

A B D E G H I K M N O
P R T U Y

não existindo os sons C F J L Q S V X Z.

As vogaes foram: *a, e, i. o, u, y.* Pela audição comparada entre indios de varias tribus semi-selvagens e civilisados, tapuyos e mamelucos de differentes areas geographicas, a pronuncia dessas lettras é, como se verá aqui, ainda hoje bem conservada.

O **a** sôa sempre *a, á,* e *ã,* como nas palavras portuguezas *na, pá* e *rã,* e na lingua geral em *paranã,* rio, *iuká,* matar *(jucá* d'Anchieta) e *Tupã* Deus. Em *paranã* vê-se o som dos tres *aa.* No Amazonas, porém, conforme a tribu nheengaíba a que pertence o individuo ou os que della descendem, ás vezes, pela disposição das cordas vocaes na pronuncia propria que fallaram e legaram, pronunciam *â* em vez de *á* ou *ã.* O som *a,* fechado, sempre no fim das palavras é vicio de paragoge portuguza, como em *kutuka.* Este *a,* não abanheenga, no fim das palavras, é uma das lettras que, introduzidas nelle por vicio castelhano e popular, produziu a corruptella nheengatú.

O **e** tem tres sons: aberto, *é*, guttural, *ê*, e nazal, *ẽ*, como em *mamé*, *moyuêre* e *mokaẽ*.

O *e* tem contribuido tambem para a corruptella nheengatú, porque em todos os sons de *e* em muitos logares, como no Rio Negro, tem sido mudado para *i*, como nas palavras acima que pronunciam *mami* por *mamé*, *moyuiri* por *moyuere*, *mokain* por *mokaen*.

Por paragoge e vicio portuguez existe hoje o *e* fechado ou mudo que accrescentam ás palavras terminadas em consoante como *embirare*, *pupure*, etc., por *embirar*, *popur*, etc. Pela cognação entre o *e* e o *i* assim mudam o som da primeira vogal, como os antigos latinos diziam *Heri* por *Here*.

O **i** tem dous sons, o de *i* portuguez e o de *ĩ* ou *in* nazal, como *inti*, não, *tĩ* ou *tin*, vergonha.

O **o** tem tres sons: fechado, *o*, aberto, *ó*, e nazal, *õ* ou *on*, como: *koema*, *ikó* e *nhõ*. O som desta lettra, pela influencia da orthographia phonetica dos portuguezes que nos primeiros tempos aportaram á capitania do Maranhão, contribue poderosamente para a separação do abanheenga fallado pelos guaranys do que fallam os amazonenses. Assim póde-se quasi dizer que ahi o som do *o* foi mudado para *u*.

Em vez de *amoetá* dizem *amuetá*, *tapiuka* por *typyoka*, *nhun* por *nhõ*, etc.

O contacto constante, por muitos annos, só com portuguezes da classe baixa, esses mesmos pela maior parte camponios do Alemtejo, Minho e Traz dos Montes, em tempo em que o portuguez não era o mesmo de Garrett, e mesmo pela cognação do *o* para *u*, foi que produziu esse sotaque, não só na lingua geral, como no portuguez-brasileiro do Pará e Amazonas.

Procurando eu uma vez, em conversa com um portuense, saber quaes as provincias de além-mar em que existia a mudança do *o* para *u* e do *u* ou *v* para *b*, respondeu-me: « No Porto *cu b*, no Alemtejo *cu vau*, » querendo dizer que numa parte se pronunciava com *b* e noutra com *v*.

O **u** tem quatro sons: sôa como o *u* fechado, quando entre consoantes, como na palavra *kunhan*; sôa como *ú* longo quando depois de vogaes como em *yuúka*.

Soa tambem como *ũ* ou *un* nazal, como em *mytũ*, hoje mutum. Além destes tres sons tem um quarto aspirado, que representamos por *hu*, como em *huhuy*, sangue, *huaimy*, velha, *huyhua* flecha, etc O *u* foi que muito concorreu, tambem, para a adulteração da lingua pelos missionarios castelhanos e portuguezes, que quasi todos nos primeiros tempos da conquista o mudaram para *b*, como veremos quando tratarmos desta lettra.

Os antigos tupys e velhos tapuyos ainda hoje dizem *Tyua*, que outros pronunciam *têua*, emquanto que os civilisados dizem *tyba*, *tuba* e *tiba*, como em *ubatuba*, *mokajatuba*, *araçatiba*, etc.

Usam *tyua* quando a palavra termina por vogal, e *deua* quando por consoante ou vogal, como *ararandeua*.

Quando depois do *u* segue-se *i*, como voz nazal, e mais frequentemente *an* ou *en*, os corruptores da lingua o mudam para *v* e addicionam *lh*, como em *paranaiana*, paravilhana, *anauiena*, anavilhana.

Mudam tambem o *u* em *v* nos casos em que os missionarios o mudaram para *b*, como em *Kaiuva*, por *kajuúa*, *Anhandava*, anhandaua, *araçoyava* por aracyaua, etc.

O *u* aspirado é que os castelhanos mudaram para *gu*, donde vem a grande differença entre o guarany e o nheengatú. Assim dizem *uguy*, sangue, *guaimy*, velha, *guyle*, flecha, por *huhuy*, *huaimy*, *huyhua*, e em vez de *huy* ou *çuy* dizem *guy*, etc. Adiante ainda tratarei do assumpto quando me occupar com o *g*.

O **y** é uma lettra indispensavel no nheengatú, quer como vogal, quer como servindo de consoante, porque tem sons especiaes, que, mediante accentos, como no *i*, facilmente poder-se-ia distinguil-os; porém não havendo nas typographias essa lettra accentuada, temos que nos sujeitar a represental-o, em alguns casos,

simplesmente sublinhado quando em manuscripto ou griphado quando impresso. Nunca o *y* tem o som de *jota*, e aqui damos os seus sons, segundo o logar que occupar na palavra, ou que elle significar.

O *y* tem quatro sons, sendo um guttural muito especial.

1º Sôa como *u* francez quando entre vogal e consoante, como em *pytá*, *tayra*, filho, que se pronuncia como em *du* francez.

2º Sôa como *ü* ou *y grec* ou molhado francez, quando só entre vogaes, como em *payé*, feiticeiro. Para substituir o *y* com este som póde-se adoptar o *i* tremado.

3º Tem um som entre *u* e *i* semi-guttural, quando no começo de uma palavra, sempre antes de vogal, como em *yahu*, *yakaré*, etc.

4º Tem o som guttural e nazal simultaneo, que só a audição ensina, em certas palavras, principalmente quando estas denotam *agua*, *liquido* ou alguma cousa que deste se póde derivar, soando então levemente no final o *g*, pelo que Anchieta e Figueira dão-lhe o som de *ig*.

Todos estes sons desta lettra foram mudados pelos portuguezes para *j*, o que desfigurou completamente a pronuncia.

O venerando Dr. Joaquim Caetano da Silva disse :

« De tout temps les portuguais ont changé en *j* l'*y* espagnol employé comme consonne.[3] »

O dizer que nunca o tupy teve e nem tem o som de *jota* me leva a algumas considerações.

O primeiro que empregou essa lettra foi Anchieta, que diz « que *y* sempre, ante *a*, *o* e *u*, é consoante, sem indicar o som, como *jara*, e quando estiver entre vogaes é sempre vogal e se escreve *y* como em castelhano, isto é, com o som de *ü*, como o *hoye* castelhano. »

---

[3] *L'Oyapock et l'Amazone*, II, pag. 180, § 2100.

Vê-se por aqui que o *j* foi convenção para sua orthographia pelo genio da lingua portugueza, mas não porque assim o indio pronunciasse. O padre Figueira tambem o adopta.

Entretanto o padre Antonio de Araujo, missionario da Bahia, que, segundo o douto Barbosa Machado, « aprendeu a lingua brasileira, e de tal modo a soube que parecia ter nascido entre aquelles barbaros, » em 1618 disse, na « Advertencia » do seu *Cathecismo na lingua brasileira:*

« Os antigos para exprimirem este som usaram de *jota* com um ponto em cima e outro embaixo.

« Outros escreveram *ig*.

« Porém insufficientemente uns e outros, porque o *jota* tem diversa vocalidade, que nunca chega a proferir este som guttural ; » e escrevia *iepé, iar, iabió, iaué*, etc.

O padre Araujo tem razão, porque *yara* o indio pronuncia, como disse, soando o *y* como *i*, e diz *iara* e nunca *jara*, como aconselha Anchieta.

Temos um exemplo. Vemos sempre escripta e fallada a palavra *Airuoka* no sul, e *Ayuruoka* no norte, que os antigos escreveram *Ajuruoca*.

Porque o brasileiro assim a pronuncía ?

Porque nunca tem o som de *jota*.

Porque assim procedeu Anchieta, introduzindo o som dessa lettra ? Procurando adaptar o tupy ao portuguez-castelhano.

Si *y* tem o mesmo som, porque antes de *a, o* e *u* faz soar como *j* e como *ü* entre vogaes, e adopta o *y* ? Por não haver em castelhano ou portuguez *jï*, e si assim fizesse soar transformaria inteiramente a palavra de modo ao indio não entendel-a.

O proprio Anchieta nos diz que o indio pronuncía *yá* e não *já* ; e nos deixa a liberdade de escrever como quizermos, dizendo tambem: «*Mas nisto vae pouco, porque se confunde saepisseme com j, jota, e cada um o pronuncia mais portuguez, mais castelhano, como quer, ut, já, yá, etc.*»

Mas quem assim pronunciava ? Só os civilisados, porque os indios não sabiam nem portuguez nem castelhano, e quando fallavam era com a prosodia propria,

sem chiante alguma. Para que escrever *igitá*, como elle o fez, si a pronuncia é *iitá*? Anchieta nos dá o exemplo em *piraibomo*, que, si metesse o tal *j*, se pronunciaria *pirajibomo*, quando o *y* ahi sôa como *ii*.

Em *ijibomo*, que cita, pronuncia-se *iiibomo*.

Ler-se como aqui e escrever-se como alli, qual a vantagem?

Por aqui se vê que Anchieta admittiu o som de *ii*, quer no começo, quer no meio da palavra.

Prova-se mais isso sabendo-se que elle escrevia *sucuryuba* e não *sucurijuba*, como se vê das suas *Cartas*, escriptas antes da publicação da sua *Arte*.

Escrevia então a propria pronuncia que ainda hoje tem no nheengatú.

A causa dessa phonologia, que deu a adulteração que deixaram na lingua tupy, está nisto. Anchieta era de origem hespanhola e contemporaneo de Gil Vicente, e como elle, fallava e escrevia ora portuguez, ora castelhano, pelo que forçosamente pronunciaria com sotaque castelhano.

Vê-se nos *Autos* deste *ayuntaron*, *hoy*, *haya*, *desmayo*, *ovejas*, *mejor*, *pajaritos*, por onde se evidencia que o *j* castelhano de Anchieta é filho da pronuncia do reinado de D. Manoel e de D. João III, que soava quasi como dois *ii*, como em *hoy*, *haya*, e que os portuguezes empregaram em *desmayo*, *ideya* e outras palavras, como *pay*, *reyno* e *Raymundo*, que muitos ainda hoje escrevem *Raymundo* e não *Raimundo*, como hodiernamente se vê escripto.

Assim como passou *hoy*, *haya* e *ayntaron* para *hoje*, *haja* e *ajuntaram*, passou *yub* para *juba* e *iucá* para *jucá*, e *yauty* para *jaboty*.

Não se pode dizer que melhor pronuncíe o brasileiro com *j* do que com *i*, porque naturalmente, com facilidade, belleza e expressão, dizem com esta lettra, no norte, todas as palavras que no sul tem aquella.

O som do *y* ou *ii* que passou para o de *j* em tupy, foi pois, como disse, o castelhano de *hoy*, de *haya*, do Plauto portuguez.

Os nossos classicos outrora, com razão, escreviam *assembleya*, *praya*, *ideya*, que se pronuncía *assembleia*, *praiia*, *ideiia*, e não *Assembléa*, *idéa*, como se escreve hoje, mudando a verdadeira prosodia.

Si escrevessemos como nossos avós outrora escreviam e pronunciavam, não diriam em algumas provincias, como em Minas, *rí-o*, *fí-o*, *pavi-o*, em lugar de *ri-yo*, *fi-yo pavi-yo*. O douto Antonio de Moraes Silva, diz: « *Receo* e *Orfeo* (na Lusiada III, est. 2) não são consoantes, pois que soam *receyo* e *Orfeo*, e a rima pede orfeyo. »

O que sôa como *ii* não póde, pois, ser substituido pelo *j* nem supprimido, porque modificou a prosodia indigena, como tem modificado a portugueza.

Sobre a pronuncia dessa lettra disse Theotonio J. Oliveira Bello, no prefacio da edição de 1831 do *Diccionario* de Moraes, que « a pronuncia assim o pede, e seria absurdo escrever indistinctamente. »

Eu admitto que num escripto portuguez se aportugueze a palavra indigena que soar melhor com *j* a nossos ouvidos, quando seja de algum animal ou objecto vulgar, que o uso tenha admittido a transformação, mas nunca em palavras que é preciso que o vulgo saiba a sua pronuncia, que se deve perpetuar, para não desapparecer a lingua, coitada, já tão mutilada e mascarada, e para não alterar nomes que a geographia, a botanica e a zoologia tém necessidade de tel-os puros, pelos erros a que expõe o futuro commetter. O que se diria se escrevessemos o francez ou outra qualquer lingua, escrevendo com a orthographia phonetica, aportuguezada, *croaion*, *croáié* em vez de *croyons*, *croyais*. Si para as linguas cultas adoptamos a sua orthographia, que foi baseada nos sons primitivos e etymologicos, porque para a lingua patria havemos de aportuguezal-a, transformando-lhe a prosodia?

Isso mostra ainda a nossa falta de patriotismo, que infelizmente em tudo hoje se revela. Agora passarei a mostrar que *y* sempre teve os sons que apresentei e nunca o de *j*, ccmo admitte o illustre Dr. Macedo Soares.

Lery, que escreveu o mesmo tupy que Anchieta, isto é, quasi da mesma localidade e na mesma época, [1] ouviu o indio e procurou perpetuar a sua pronuncia ageitando-a á prosodia da sua lingua, pelo que conservou as palavras com a verdadeira pronuncia.

Assim escreveu: *Ioub*, *Eori*, *oiira*, *iacou*, *caraiá*, que com a pronuncia franceza lê-se puro abanheenga, *yub*, *yori*, *yaku*, *karayá*.

Onde está ahi o *j* ? Ivo d'Evreux, é verdade que no norte e um seculo depois, de 1613 a 1614, ouviu e escreveu como Lery, por ser tambem francez, *iapyassou*, *yapiaçu*, etc, e não *japyguaçu*.

Figueira, que naturalmente aprendeu pela *Arte* de Anchieta, que conjuga como elle o verbo *ajucá*, entretanto escreve tambem *iucá*, *iucaçara*, *iucaçaba*.

Montoya, comtudo, conservou o seu *y* (*i groeso*) e com isso a verdadeira pronuncia, e si não fôra outros vicios proprios da indole da lingua castelhana, que separou o guarany do tupy, seria a melhor pronuncia conservada. O padre Bettendorf escreveu *iiabé*, *iipé*, *iabiõ*, e não *jabé*, *jepé*, *jabiõ*.

Fr. Velloso escreveu tambem *iabé*, *iepé* e *abion*.

Sobre o modo de fallar no sul não conheço escripto algum moderno, porém do norte temos alguns, e todos os que são originaes, como os vocabularios de Gonçalves Dias, não o de Liepzig, mas o publicado na *Revista do Instituto Historico*, o de Seixas, as grammaticas do coronel Faria, a de Simpson e a de Couto de Magalhães regeitavam o *j* e escrevem *i*. Penso que sufficientemente me expliquei, deixando ver que o indio nunca pronunciou essa lettra, e não se póde objectar que seja pronuncia moderna, como dizem, pelas provas que anteriormente dei.

Antes de terminar as observações sobre o *y*, devo dizer que as tribus ou aquelles que fallam nazalmente, ás

---

[1] A *Histoire d'un voyage fait en la terre de Brésil, entre les gens du pays nommez Toupinambaoulis & Toupenenkins en langage sauvage & français* foi publicada em 1585, e a *Arte de Grammatica* do Padre Anchieta em 1595.

vezes, quando depois do *y* segue-se *ã* nazal, este absorve o *n* da vogal que lhe segue e faz soar como *nh*, como *yandé*, que alguns dizem *inhandé*, *nhandé*, *nhané*; porém isso não é vulgar.

A pronuncia de *y* como *u* francez tem trazido corruptella moderna; tem sido mudada para *u*, para *i*, para *ê* e para *ui*, e o pronunciam de uma ou outra fórma, assim: *tyba* passa a *tuba* e a *tiba*, como *cipotuba*, *mukajatiba*, *matyre*, a *matere*, *pyta* a *puitá*, etc.

Esta mudança de *y* para *u* traz muitos inconvenientes etymologicos.

E' devido a essa mudança que traduzem *itapuka* por *pedra furada*, tomando-se o *puka* por *puk*, quando é *apyk*, assentar.

Itapyka é *pedra assentada*, como o está a que deu assumpto para o romance:

A Somnambula de Itapuka, de Leonel Alencar.

Como este muitos nomes se acham alterados.

A mudança do *y* para *ê* vê-se em muitas palavras, como em *têua* por *tiua*, *yacê* por *yacy*, *pecêka* por *pecyka*, *pêre* por *pyre*, *kêre* por *kyre*, etc.

Para mostrar a inconveniencia e o mal que ha em aportuguezar as palavras indigenas, basta citar um facto que parece de alguma importancia.

Quantos litigios promovidos pela corruptella portugueza!

A palavra *OYAPOC*, nome dado pelos tupys, e conservado pelos francezes com a verdadeira pronuncia indigena, ao rio Vicente Pinçon ou Pinson, os portuguezes fizeram *japoco!*

Foi o governador Gomes Freire de Andrade, em uma memoria dirigida ao ministro Roque Monteiro Paim, em 1699, que em vez de *Oyapoc* escreveu *Ojapoco*, o que deu logar a que pelo tratado de Utrecht, emquanto no traslado francez se escrevia *Oyapoc*, no portuguez se escrevesse *Japoc*.

Dahi originou-se, propositalmente ou não, uma serie de corruptellas, que tém dado logar a diversas reclamações na questão de limites com a Guyana Franceza,

fazendo-se *Japoc* ser outro rio que não o que legitimamente nos separa daquella possessão franceza.

Appareceram os nomes de *Hyapoc*, *Warypoco*, *Ouarypoco*, *Ouyapoc*, *Wiapoco*, *Yapoco*, *Oyapok Uiapoc*, todos originados das pronuncias daquelles que os escreveram, quando não passam de *Oyapoc*, transformado pela pronuncia franceza (*Ou*), ingleza (*Wy*, *wi*) e hollandeza (*War*), que pelo costume portuguez e hespanhol accrescentam no fim a vogal *o*.

Pelo que venho de expôr, vê-se que o que concorreu para a adulteração foi o costume portuguez de mudar o *v* para *j*, que, como anteriormente vimos, tem transformado a lingua.

Como é uma questão de interesse nacional e como até hoje não se tenha dado, que me conste, a traducção da palavra, aqui o faço, porque parece-me que dará alguma luz á questão.

Quando digo não existir a traducção da palavra é porque nenhuma das que se tém dado está de accordo com a índole da lingua e não exprimem a verdade.

Conheço as traducções de Mr. Le Servec, de D'Avezac e de Martius; porém as primeiras foram bem destruidas pelo venerando Dr. Joaquim Caetano da Silva, e são irrisorias, e a de Martius não é tambem exacta, posto que mais se approxima da verdade.

Mr. Le Servec interpretou, dizendo que *Oyapoc* era corruptella de *igapoçu*, assim *igapó*, inundação (!) e *oçu*, grande, significando *rio da grande enchente*, ou o Amazonas.

Mr. D'Avezac interpretou primeiro: *igá* ou *oigá*, agua, *epocu*, comprido, isto é, *furos* (!), *terras extensas alagadas*, e depois *ia*, cabaça, e *poca* ou *crique callebasse*.[5]

Martius diz que vem de *ajab*, abrir-se por si, e *poc* arrebentar, isto, é *dissilere*.

Razão não tem, comtudo, o Sr. Dr. Joaquim Caetano, quando diz que o *y* de *Oyapoc* não significa agua,

---

[5] *L'Oyapoc et l'Amazone*, por Joaquim Caetano da Silva. Paris 1861, II vol. §§ 2231 a 2773, pags. 264 a 285.

porque então seria *Oigapoc*, porque esse *y* sôa como *ig*, como em *igara*.

O som desse *y* como vimos é tão difficil de se escrever, que, pronunciado por um mesmo individuo, não só não dá-lhe a mesma pronuncia em diversas palavras que tém a mesma radical (agua), como os que o ouvem para uns sôa de um modo e para outros de outro. Póde ter a palavra a radical agua, mas não sôa o *g*, como nas palavras: *yapomi*, mergulhar, *yakan*, ribeiro, *yaponu*, maresia, etc. Neste caso está o Oyapoc.

Os francezes, sem citar a fonte das etymologias, dizem que *Oyapoc* significa *grand cours d'eau*, o que é inteiramente inexacto ; mas lhes aproveita para approximar o seu poderio á margem esquerda do Amazonas, pelo que o marquez de Ferolles, em 1699, denominou a ilha de *Marayó* (Marajó dos portuguezes) de *Hyapoc*.

Si o natural tivesse querido dizer « grand cours d'eau», diria *ykauakuã uaçú* ou *Oykauakuá*

O rio Vicente Pinson tem com muita propriedade o nome de Oyapoc, dado pelos naturaes, porque percorre um terreno accidentado que dá logar a que « suas » (*u*) « aguas » *(y)* corram impetuosas, « arrebentando-se » « *apoc* por toda parte, com grande estrondo, estourando », sobre as pedras e produzindo um fragor medonho.

Oyapoc, ou *Japoc*, pela corruptella portugueza, deriva-se de *O*, reciproco *suus*, *sua*, *suum* e *sui sibi se*, de y, agua e *poc*, que é o verbo « arrebentar com ruido, estrondar, estourar, etc » e significa, pois, as « aguas que se arrebentam,» que « correm estourando, » que « se quebram ou o rio que estronda, rio das corredeiras, ou encachoeirado.»

Justifica a minha traducção uma opinião insuspeita, a do sabio viajante francez Alcide d'Orbigny, quando á pag. 32 de sua *Voyage pittoresque dans les deux Amériques* diz : « L'Oyapock encore gonflé par les pluies, roulait avec la rapidité d'un torrent... Ces sauts sont des véritables rapides ou caudales qui barrent le fleuve dans toute sa largeur.

« Cataractes sous-marines, commes celles d'Assouan en Egypte, ces sauts ont leur genre de beauté, qui ne le cède en rien à celle d'une chute perpendiculaire.

« A son premier saut l'Oyapock, dans une largeur de cinq cent toises, *offre* une — confusion de courants et de contre-courants, d'eaux tumultueuses — et calmes, de cascatelles et de lagunes, de rochers nus et d'ilots verts, au milieu des quels sautent...

« Habituellement on ne les affronte (as viagens) que dans la saison sèche, de juillet en novembre, quand les eaux de l'hivernage sont rentrées dans leur lit.

« A ces difficultés de navigation, il faut attribuer la ruine de tous les établissements tentés sur les rives de l'Oyapock. »

Lêa-se d'Orbigny e ver-se-á como no rio Vicente Pinson ou *Oyapock*, as aguas se rebentam como nenhum outro, até a foz do Amazonas, por percorrerem todos terrenos não accidentados, tanto que por essa particularidade teve esse nome, dado pelos indios, verdadeiros observadores, que tudo denominam com muita justeza.

Um escriptor, francez, citado pelo Dr. Joaquim Caetano da Silva diz :

« Entre l'embouchure de l'Oyapoc et celle de l'Amazone on n'aperçoit que'une côte bombeuse, qui semble peu digne d'être disputée avec ardeur. »

La Barre tambem diz :

« La Guyane Indienne est pays fort bas et inondé vers les côtes maritimes, et depuis l'embouchure des Amazones jusqu'au cab Nord. [6]

---

[6] Devo fazer observar aqui que os sons de *á, é, i, ó, ú*, e *y*, quando dados pelos de tribus nheengaibas, que tinham, como os *mauhés*, a pronuncia muito nazal, mudam-se para *ã ẽ, ĩ, õ, ũ*, e *ỹ*, e quando por aquelles cujos dialectos eram gutturaes, como os *parikys* e outros, para *á, é, i, ó, ú*, e *y*. Importa em muito esta observação, porque, principalmente, nos sons do *e*, do *i*, do *u* e do *y*, podem todos se confundir com o *y* especial nazo-guttural, e dahi más interpretações e má orthographia.

Passo agora ás consoantes.

B. Esta lettra é sempre naso-labial e nunca se encontra sem o som de *mb*, quer no principio, quer no meio das palavras. No fim nunca apparece o som de *b* si não por corruptella. Os castelhanos e portuguezes foram que inventaram esse som para substituir o *u*.

Assim dizem em guarany *pab* por *pau*, que fazem igaru*paba* por igaru*paua* (y-ara-pé-aua). Esse som de *mb* foi pelos civilisadores mudado tambem para *m* ou para *b*, como melhor lhes soava a palavra.

E' um dos *pontos* que afasta a lingua geral de hoje, como a de outr'ora, do tupy antigo e do guarany escripto.

No tupy de Anchieta e de Figueira apparece muito o *b* em logares em que não sôa quando sahe dos labios do indio puro, do tapuyo, mameluco ou carafuz, criado no centro onde a civilisação não é grande e onde o branco poucas vezes chega.

Note-se que quando digo indio é sempre o gentio civilisado.

O Dr. Baptista Caetano disse, annotando a traducção que do guarany fez o Dr. Macedo Soares, da *Declaracion de la doctrina christiana*, que : « A troca do *b* em *v* não é sómente por influencia hespanhola ; ella dá-se tambem no tupy do Amazonas ; e, segundo a lei geral do — abrandamento das instantaneas em continuas,—é frequente a mudança da labial *b* em *v* e desta em *u*, como se vê em y*ba*, arvore, etc.»

O mesmo illustrado Dr. Macedo Soares, se exprime : « Si em vez do hespanhol ou portuguez, houvesse a lingua geral soffrido o jugo, por exemplo, allemão, em vez de se mudar o *b* em *v* e depois em *u*, se havia de trocar pelo *p*, dizendo-se *ypa* por *yba*. »

Não querendo alongar-me com citações, devo dizer que em manifesto engano tém andado todos que suppóem que a lingua geral, o *abanheenga*, tinha antes dos escriptos hespanhóes e portuguezes o *b*, o *g* e o *j*. Não houve passagem do *b* para *u* : foi o *u* dos indigenas que os civilisados passaram para *b*. Esta

é a verdade e dahi veiu a corruptella do sul que separou o seu modo de fallar do do norte.

O portuguez, que melhor diz *bebé* do que *ueué*, transformou esta pronuncia naquella, e dahi começou a separar-se a do norte. Qual o caboclo, por mais civilisado que seja, que diga *bebé* por *ueué*, voar? Só dil-o portuguez que falle a lingua geral, como tenho ouvido.

O *b* que apparece em *tuchaba*, *murubichaba*, *igaçaba*, *kuruba*, etc., etc., é sempre por vicio castelhano e portuguez de substituir uma por outra lettra; assim o indio só diz *tuichaua*, *muruichaua*, *yaçaua* (*ȳ*-ig), *kurua*, etc. Ivo d'Evreux escrevia *muruuichaue* e Lery *tuuichau*; não ouviram o som de *b*. Apresento aqui um exemplo como essa orthographia foi que modificou o abanheenga a ponto de tornar ás vezes impossivel achar-se uma etymologia, ou mesmo, de levar a interpretações falsas.

Tomemos a palavra *tuchaua*, *tuichaua*, do Amazonas, e *tubichaba* guarany. Sou o primeiro a dar a palma do saber ao erudito guarinologo Baptista Caetano; porém, elle apezar do seu espirito de linguista atilado, querendo ir além de Montoya, como interpretou essa palavra?

Montoya diz simplesmente: « *Tubichâb*, grande en calidad y cantidad, » e Baptista, no seu vocabulario, «*Tubichab*, abs. de *ubichab*, adj., grande; em manusc. da Bibl. Nac. se acha *tybixáb*, membrudo, carnudo, corpulento, o que leva a crer em um partecipio de *toób* ou *toó*, abs. de *oó*, crescer; mas compare-se *tupir*, elevar, e note-se que si não fosse o *i* simples podia-se admittir a composição *tub*-y*çatuba yhab*.»

Si não fôra a orthographia de Montoya e a crença de que o *b* passava para *u*, no norte, o Dr. Baptista assim não se exprimiria, porque *tuchaua*, *tuichaua* ou *tuuichaue*, como bem escreveu o padre Ivo d'Evreux, apezar de francez, vem de *tuhuy* ou *tuuy*, sangue, e *chaua* por *haua* ou *aua*, que exprime o *que tem*, *que guarda*, *que contém*, etc.

A verbal *haua* ou *aua*, ainda no Paraguay hoje se diz *chab*. Quando o castelhano diz *tuhuy* encontrando na

palavra tupy o segundo *u* aspirado, diz *tugui*, *tubuy*; mas no caso presente, como concorrem duas aspirações ligadas a do *hu* e a do *haua*, que mudam os portuguezes e castelhanos para *c*, contrahem pela figura syncope as duas palavras e formam *tuyçaua* ou *tuichaua*, vindo o vicio castelhano transformar mais a palavra mudando o *u* em *b* e formando *tubichab* ou *tubichaba*.

Com effeito tuichaua é *o chefe, o individuo que exerce o seu poderio transmittido pelo sangue de seus paes*. E' um *homem de sangue*, um principe de *sangue* dos reis, por assim dizer, que tem o direito de vida e de morte sobre os seus, recebido por hereditariedade, como a nobreza, que se transmitte pelo *sangue*.

O *moruichaua*, *morubichaba* do sul, o chefe supremo, o rei, deriva-se de *mbo* — *r* — *uuichaua*, o que faz, ou donde sahem os chefes, seus filhos e subalternos, que no sul pela mudança das lettras fizeram *morubichaba*. O proprio Anchieta antes de publicar a sua *Arte* escrevia *capiyuara*, e não *capibara* ou *capivara*.

Os indios krichanãs, que não tinham tido contacto algum com civilisados, quando os pacifiquei, deram-me logo o nome de *karaiuá*, que confirma o que digo e obriga-me á outra observação. Aqui vê-se o *u* que transformaram em *b*, pronunciado pelo selvagem que não tinha ouvido a pronuncia portugueza ou castelhana, que si fôra mencionado no sul diria *karaibá*.

Esse tratamento mostra que os karaibas descendem de povos invasores, que *conquistaram* o terreno e depois delle tornaram-se *senhores*.

Eu, que *invadia* o terreno krichanã, o *conquistava* e procurava dominal-o; devia ter mesmo o nome de *karaiuá*, ou *karaibá*, que dão ao *branco*, por ser este no Brasil o conquistador.

Que o nome karaiuá, *karaibá*, *kariua*, *karaib*, *karay*, etc., era commum a toda a America do Sul, não resta duvida, porque por toda a parte elle apparece como significando sempre um dominador, pelo que se prova que os *karaibas* dominaram todo o norte, e deixaram mesmo entre as tribus selvagens a sua tradição perpetuada pelo nome que estes pronunciam com *u* e os civilisados com *b*.

Nesse ponto a lingua está mais pura no Amazonas do que no sul e no Paraguay, porque conserva a pronuncia primitiva.

O costume do portuguez de algumas localidades de mudar o *v* e o *u* em *b*, e vice-versa, fez esse enxerto no tupy que o adulterou.

E' conhecida a maneira de alguns portuguezes soletrarem, dizendo : *u—i, bi, u, u—a, ba, biuva.*

O padre Mamiani, italiano, perpetuou o *u* na lingua *kiriry*, que não é mais do que tupy fallado por tribu nheengaíba, que são os que pronunciam o som de *j* como *ch* e o *s* como *z* ou *dz*, quando admittiu o *w*, escrevendo *waruá (uaruá*, tupy, ou *guaruá*, guarany).

Os missionarios escrevendo a lingua, não só fizeram essas mudanças, como crearam innumeras palavras, que não existiam, de cousas que os indios desconheciam, e assim como aportuguezaram o tupy, tupynisaram o portuguez e fizeram *curuçá*, cruz, *sapatú*, sapatos, *soára*, soldado, *panéra*, panella, *camarára*, camarada, etc., compondo, principalmente no que diz respeito á egreja, com palavras tupys de significado diverso, outras para exprimirem o que desejavam, como, além dos dias da semana, *caraibebé (karaiueué)*, *yandy karay*, santos-oleos, *missa pituna*, missa do gallo, etc.

Prova inconcussa de que me firmo na verdade ver-se á num termo muito conhecido hoje no Brasil. Não se póde dizer que é elle do tupy moderno do norte, porque não só é do sul, como do territorio em que predomina o guarany.

Dous affluentes do Rio Paraguay nascem na serra do Marakayú, em Matto Grosso, e ambos tém o mesmo nome, e são o celebre *Aquidaban* e o *Aquidauana*.

Este é aquelle, transformado o *u* em *b*. A vogal que termina este é, como disse, uma das corruptellas para aportuguezarem as palavras, ou pelo vicio de augmentarem os portuguezes vogaes ás ultimas consoantes de uma palavra.

O indio brasileiro em Matto Grosso diz *Aquidauana*, o paraguayo *Aquidaban*.

Si esta é a pronuncia pura, porque aquelle não repete, tendo mesmo o exemplo?

E', por assim dizer, por um atavismo linguistico, que o descendente dos tupys repete a palavra como seus avós proferiam. A influencia da orthographia é tal, que, quasi affirmo, todos tém esses nomes como diversos e com etymologias differentes; e si assim não é, como dar-se a dous rios o mesmo nome, affluindo elles á mesma arteria e muito proximos?

C. Tendo os portuguezes substituido, não por antithese, mas por não poderem dar a aspiração que o indio e os castelhanos dão, mudaram o *h* para *c*, que lhes pareceu soar melhor e podiam pronunciar, pelo que perpetuou-se essa orthographia, substituindo até o *s* antes de *a*, *e*, e *o*, que, pelo uso consagrado e uniformidade, o adoptou tambem antes de todas as vogaes para não ter de dobrar o *s* quando entre vogaes. A adopção do *ç* em vez do *s*, a não ser em casos de aspiração, tem sua razão, porque nunca o indio dá o sibilar do *s*; mas no que não tiveram razão, e serviu para corromper a lingua, foi fazerem desapparecer a aspiração, e assim em vez de *haku* dizem *çaku*, *harib çarib*, *heça ceça*, *hcê cee*, etc.

O *c* quando antecede *a* voz nazal *ng* desapparece, predominando o *g*, pelo que dizem *nheengatú* em vez de *nheenkatú*. Os descendentes de tribus nheengaíbas mudam ás vezes o *c* em *ch*, como em *chihy* por *çuhy*.

Um unico inconveniente noto na adopção do *c*: é quando elle é cedilhado (*ç*), porque um esquecimento, um erro typographico, em que se omitta a cedilha, lhe dará o son de *k*, e mudará completamente o sentido da palavra ou não lhe dará nenhum, pelo que é preciso muita cautela no escrever e no rever as provas typographicas.

CH. Este som chiante explosivo é escripto tambem com *x*, como Anchieta e Figueira o fizeram, porém com mais propriedade quando o indio falla sôa o *ch*, o *sh*, inglez.

Este som comtudo só apparece quando por euphonia ou idiotismo da lingua substitue o *ç* o *h* e o *y*.

Adopto além disso o *ch* para não haver ambiguidade e não se pronunciar *cç* ou *ss*, *z* ou *es*, como em *fluxo*, *syntaxe*, *exemplo* e *experiencia*.

Quanto á lettra **D** é outra que nunca tem um som puro, e sempre sôa como *nd*, no fim das palavras, e muito raras vezes no meio.

Poucas são as palavras que começam por *nd*.

G sôa sempre como em portuguez no meio ou fim dos vocabulos, porém nunca apparece no principio sinão no guarany pelo vicio hespanhol.

Esta lettra concorreu poderosamente para a separação do guarany do tupy.

Isolada, com o proprio som, a formar syllaba ante qualquer vogal não existe no tupy, mesmo fallado por individuos de tribu nheengaíba de prosodia guttural.

Quando ella apparece é sempre depois do *n* quando sôa *ng*, isto si a syllaba que precede ou segue é nazal, e então liga ás vogaes o seu som, como em *anga*, *nheengara*, *kanguera*, etc.

Vê-se tambem depois do y especial quando sôa *ig*.

Recahindo esse som sobre a vogal que se segue fórma syllaba, e dahi vem *igara*, *yaponga*, *iguaçu*.

Nunca esta lettra por si produz as pronuncias *gu*, *go*, *gu*, sem ser nesses casos.

O som de *g* no fim dos verbos, como *pag*, *peg*, etc., que apparece no guarany, é o de *k* ou *c*; é *pak*, *pek*, tanto que fazem os gerundios soar com este som, e dizem *paka*, *peka*.

Entretanto dirão ; mas como no guarany vêm-se tantas palavras que começam por *gu*, *gui*, etc. ? Pelo simples vicio hespanhol ou castelhano, como disse, que dando nova prosodia á lingua, deu-lhe orthographia diversa da pronuncia do indio, separando assim o fallar do indio moderno guarany do tupy, quer antigo, quer moderno.

Os brasis, pela descoberta, não pronunciavam o *g*, no começo das dicções, sinão por abreviatura, porém tendo sido os primeiros, no sul, catechisados por

missionarios castelhanos, estes, escrevendo e fallando a sua lingua, deram-lhe uma orthographia em que introduziram um vicio proprio de sua patria, *o de pronunciarem sempre antes de* u *um* g, principalmente quando ha aspiração. Os guaranys, catechisados sob o jugo hespanhol por seculos, não abandonaram o seu fallar, e quando começaram a ler e a escrever no tempo das missões, guiados por hespanhóes e estudando pela *Arte e Grammatica* de Montoya, conservaram a orthographia da pronuncia ultramarina, e dahi vem o *guirá* por *uirá*, o *kadigué* por *kadiué* (indios kadiuéos) o mesmo *guarany* por *uarany*, o *guaçu*, que ja fazem *guazu*, por *uaçu*, *guakari* por *uakari*, *jaguar*, *jaguarité*, *jaguarandy* por *yauara*, *yaureté*, *yauarandy* e finalmente *Paraguay* por *Parauá-y*, agua ou rio dos Papagaios[7] e *Paranaguá*, por *Paranãuá*, rio de Fructas, que Baptista Caetano traduz por *enseada*.

Eis aqui um erro obrigado pela orthographia castelhana. Baptista tomou *uá*, fructo, por *aká*, ponta, levado pelo *guá*, que suppoz ser derivado de *aquá*, ponta, quando não é mais do que o *uá*, *iuá*, o *ibá* do tupy do sul, que o hespanhol pronuncia *guá* Temos outro exemplo em *guaryba*, que em todo o valle amazonico se pronuncia *uaryua*. Accrescente-se o *g*, da pronuncia castelhana ante o *u* e mude-se o *u* em *b* pelo vicio phonetico do mesmo castelhano, teremos a palavra *guariba*, que por esta orthographia leva a dar-se interpretação diversa do que tem.

Assim Baptista Caetano traduziu por *guahur-yb*, chefe dos gritadores, quando o indio deu-lhe um nome tirado de um costume que o caracterisa, o de andar de cauda levantada, para se apegar a tudo que encontra, e o nomeou o *uaryua* de *uã*, cauda, *yua*, levantada, erguida, de pé. O *gua* levou o sabio guaranilogo para

---

[7] Montoya traduz *rio das Coroas*, porém coroas de *plumas*, que segundo o mesmo a sua traducção é *paraguá*, que significa rio de coroas de pennas, rio coroado, como dizem. Querem outros que venha, corrompida do nome, da tribu *payaguás*, que outrora habitou o rio.

outro lado, e fez da guariba o chefe dos *cantores* ou *berradores*. Esse quadrumano berra é verdade algumas vezes no dia, mas tem sempre a cauda erguida, mesmo dormindo.

A aspiração do *u* levou o castelhano a accrescentar o *g* e o portuguez um *c* ao *uã*, donde veio o termo *çuã*, como *çuã de porco*. Dirão que a minha traducção é falsa, porque cauda, rabo em guarany, é *uguãi*, e em tupy *uãi* ou *çuãia*; mas lembrarei que *uã*, a espinha dorsal, se prolonga em vertebras que formam a cauda, pelo que dizem *uã-i*, a espinha dorsal pequena, a cauda, e se faz *uguãi* é pela addição do tal *g*.

Por euphonia supprimem o *i*, porém que sôa em *uãiapeçã (uã-i-apeçã)*, o cauda espessa. E' outro macaco que os castelhanos não tiveram o poder de mudar o nome para *guajapeçá* por não ser do sul, e que tem a *cauda espessa*, tanto que servem-se della para espanadores.

Justifico o porque traduzo Paraguay rio dos Papagaios que o mesmo Dr. Baptista tambem admitte. Pela etymologia deste, papagaio é *paraguá* ou *paracaú*, derivado de *apar*, torto, adunco, e *guá* por *aquá*, ponta, bico de volta, bico adunco. O tal *g* castelhano ainda levou o nosso mestre a esse engano.

Paraguá, sem o accrescimo hespanhol, deriva-se de *paraú*, variegado, de côres diversas, e *auá*, pennas, que, pela concurrencia dos sons de *au* nas duas palavras, um absorve o outro, e fica simplesmente *parauá* em vez de *paraúauá*, que ainda ás vezes pronuncía.

E como melhor denominarem esse trepador sinão dizendo o *variegado de pennas?* Naturalmente os papagaios, de varias especies, tém as pennas variegadas, e ainda o ficam mais quando *contrafeitos*, isto é, quando por artificio fazem as pennas mudarem de côr. De *parauá* vem o *paraguá*, corôa de pennas, porque em geral os papagaios tém uma corôa de outra côr, e são tambem os que fornecem as pennas para as corôas indigenas, *akangatar*.

Ainda para mostrar a que enganos póde levar o accrescimo do *g*, vejamos a palavra *Jaraguá*, que

Anchieta nas suas *Cartas* escreve *guaraguâ*, nome de uma praia em Maceió, que o Dr. Martius traduz por *senhor de campo*, de *yara* e *gua*, quando se deriva de *yuara-uá*, que com a mudança do *y* para *j*, e o accrescimo do *g*, foi transformado em *Juaraguá*, que por euphonia fizeram *Jaraguá*. Praia do ou de *Jaraguá*, (yuarauá yuicui) praia dos peixe-bois, nome que deram os portuguezes ao *manatus*, que ainda hoje tem entre os tapuyos o nome de yuarauá.

O suffixo *ara* do verbo *ar*, *nascer*, que exprime o logar donde alguem é natural, como *Çarakáoara*, *Marayóara*, passaram a *guar* e dahi *Paraguay guara*, dando logar a que se tome por *kuara*, e em vez de se dizer os que nascem em Marayó diga-se o *buraco* do marayá[8] Anchieta, tambem com a mesma prosodia, viciou o fallar dos brasis. Em todas as linguas americanas, em que houve a influencia do dominio ou do ensino hespanhol, vê-se sempre o *g* como no *huano* kichua, que foi transformado em *guano*, quando entretanto em nenhuma dellas o natural pronuncia essa lettra no começo de dicções.

Vê-se no iroquez e no algonquino, da America do Norte, mas em nenhum outro dialecto da America do Sul, mesmo no *takana* da Bolivia.

Além dos vocabularios reunidos pelo Dr. Martius, possuo mais de vinte de varias tribus nheengaíbas do valle amazonico, e em nenhum delles vejo palavras que comecem pela lettra de que me occupo.[9] Justifico-me: Lery escreveu *oüira*, *oüirapát*, *oussou*, que lendo-se com a pronuncia franceza é exactamente o que pronuncia o indio *uirá*, *uirapá*, *uçu*. Ivo d'Evreux escreveu *uyrapau*, *uarupy*, que lendo-se da mesma fórma dá *uirapáu* e *uarupy*, não tendo nenhum delles, um no sul outro no

---

[8] Note-se que só se escreve *o-ara*, quando a palavra acaba na vogal *a*.

[9] Só encontra-se a pronuncia do *g* entre os botocudos de Santa Catharina, que não é mais do que a pronuncia aspirada, que foi aportuguezada Assim dizem elles *goyo*, rio, *guyu*, indio coroado, *Goyouem*, rio Pelotas, etc., como escreve o illustrado Dr. Jacques Ourique, que não é mais do *hoyo*, *huyu*, *hoyouem*.

norte, ouvido *guirá*, *guirapá*, *guaçu*, *guarupy*, e por que?

Por não terem na sua pronuncia antes de *u* o *g*.

Ouvimos dizer, é verdade, *garupaua*, *gapyra*, *ganty*, etc., mas ahi por abreviatura, como disse, porque houve a suppressão do *i*, sendo as palavras *igarupaua*, *igapyra*, *iganty*, que é o som do *y* nazo-guttural, fazendo *ig*.

Onde estão no guarany as palavras que comecem por *ga* e *go* ?

E' sempre o *gu*, *gue*, *gui*. Poderá haver alguma por corruptella, como já introduziram o *z*, que não tem a lingua.

Esta pronuncia perpetua-se tambem pela orthographia dos jornaes e escriptos paraguayos. Conheço o *Lambaré* e o *Cabichuy*, illustrado.

Baptista Caetano admittiu o *g* no fallar do indio, porque só ouviu paraguayos, e suppunha que essa lettra era indispensavel na sua linguagem, tanto que considera um metaplasma, e diz : « *O g* tem desapparecido em muitas dicções, e não só o *g* como o *u*, que costuma acompanhal-o e com elle se liquida ; » e cita entre outras a palavra *uaçu* e *açu* em vez de *guaçu*, considerando esta fórma viciada quando é a purissima. O tembé ainda pronuncia *uhu* ou *uçu*. [10]

A introducção castelhana do *g*, substituindo sons aspirados e ante. do *u*, transformou de tal maneira hoje a pronuncia e a escripta, que desfigura apparentemente a

---

[10] Tambem diz : « *G* tem o som geral, mas ás vezes é um pouco mais guttural, mórmente quando seguido de *u* ; outras vezes abranda-se tanto que muda em *c*, *v* e *u*, e chega a desapparecer. » Isso é exacto quanto ao guarany, mas não quanto ao tupy, porque este puro sem a prosodia castelhana, não admitte o *g*. Tanto assim é que no proprio guarany se prova que elle não existe, mostrando-se que o *g*, devendo seguir o mesmo que o *q* —quando seguido de *u* apparecer *u* e *o* — ou quando seguido de *e* ou *i*, não observa a mesma regra. O *g* ante *u*, seguido de *e* e *i*, pronuncia-se sempre *gue* e *gui* como em *guela*, quando devéra ser *gue*, *gui*, com - em *guedelha*, *guizo*.

Tirado este *g*, que entra nos prenomes possoaes e nos gerundios guaranys por vicio hespanhol, como *guabo*, que não é mais do que *o o* ou *u*, e a terminação *aua*, o tupy ou abanheenga apparece puro.

O padre Figueira introduz tambem nos gerundios o *g*, que Anchieta comtudo, apezar de hespanhol, não introduziu ; assim aquelle apresenta o *gui*, quando este só dá *ui*.

lingua a ponto de poder ser tomada, como já o tem sido, por outra, quando não é mais do que uma e unica.

Essa pronuncia produziu um dialecto, que se afasta do verdadeiro abanheenga, que hoje, e legitimamente, é representado pelo nheengatú. Como transforma a orthographia, a pronuncia e a escripta o tal *g !...*

Quem dirá que *ugui, egui, gui,* é o *hui,* pelos portuguezes melhor transformado em *çui ?*

Como lerá o individuo que nunca tiver ouvido um paraguayo essas palavras *uguy, guy* ou *ugu-i, gui* ou *ugúi gú-i ?*

Si formos pela phonetica portugueza poderemos ler como em *guincho, guinar,* etc., mas daremos uma pronuncia que não é a verdadeira.

Entretanto sem o *g,* escripto como o indio pronuncia, ou mesmo o portuguez escreveu, daremos sempre a pronuncia verdadeira, leremos sempre *huí* ou *çuí.* Muitas ambiguidades trazem esse *g* enxertado no abanheenga. Póde confundir-se com *uguy* (sangue), que si se não der a pronuncia guttural do *y,* soará da mesma fórma, quando no nheengatú si não confunde por bem aspirarem a lettra que os castelhanos modificaram, dizendo *huỹ.*

Anachieta escreveu *ui,* tirando a aspiração que comtudo Figueira deu escrevendo *çiii.*

Não se poderá dizer que no norte se aspirava *u* e no sul não, porque os castelhanos das missões ouviram o indio aspirar tanto, que accrescentaram-lhe o *g.*

Apresento aqui uma palavra para mostrar como completamente se separa o guarany do nheengatú levado pela prosodia castelhana.

O que será *baguaçu ?* Será *bag,* virar-se, e *uaçu* grande ? Será *bae,* aquelle que, e *guaçu* grande ?

Não; é simplesmente *uánaçu,* de *uá* fructo, *uaçu* grande nome de uma palmeira, a *attalea speciosa* Mart., cujos fructos são mui grandes.

Houve aqui a mudança do *u* para *b* e o accrescimo do *g* antes do *u.* No Amazonas e Pará dizem *uauaçu,* no Matto Grosso *baguaçu,* tanto que já lhe dão uma enterpretação hybrida fazendo derivar-se de *bago* e *açu,* grande, significando *bago grande.*

Penso que sufficientemente mostrei como pelo *g* castelhano foi o abanheenga transformado em guarany.

A lettra **H** indica sempre uma aspiração; corresponde ao espirito áspero dos gregos, e as palavras que eram assim aspiradas, os portuguezes, não podendo pronuncial-as bem, passaram para *c*, assim como os hespanhoes, quando a aspiração era em *u*, accrescentaram sempre um *g*, como no palavra *guarany*. Assim por *henum hacen*, dizem *cenun çacem* e o guarany em vez de *huareá*, *guareá*.

Os hespanhoes admittiram o *h* em todos os casos em que figura o *c* portuguez, e com razão, porque é indispensavel para pureza prosodica e se poder aspirar as lettras quando pela audição não fôr possivel saber.

Neste caso está o guarany mais puro do que o tupy do sul, que nos deixaram escripto.

Os portuguezes tambem mudam ás vezes a aspiração do *h* para *f*, como em *Bahuaná* que fazem *Bafuana*.

As aspirações caracterisam muito a lingua brasilica e a tornam por isso notavel; entretanto que fallada pelos civilisados ellas desapparecem, tornando-a muito differente. O habito de aspirar as palavras é tal que fallando-se com os tapuyos, quando elles dão mostras de admiração, confirmam qualquer cousa ou mesmo negam, não pronunciam uma só palavra, mas aspiram o ar fortemente como em um arquejo forte.

K. Adoptei esta consoante para substituir o *c* e o *q* por ser fixo, invariavel e uniforme o som, que escripto com uma ou outra consoante, não tendo o inconveniente de confundir-se a pronuncia na leitura nem trazer as ambiguidades que por exemplo, aqui se notam nas seguintes palvras, *quicé*, faca, *quicé*, a pouco, *quyre* dormir, *quire*, agora, cuja pronuucia é *kicé*, *kuicé*, *kyre*, e *koire*

O *c* ou *k* no fim das palavras foi mudado pelos castelhanos para *g*, o que levou o meu finado amigo Baptista Caetano a dizer o contrario, « que o *g* guarany foi mudado para *c* no tupy. »

O *c* tem tal cognação com o *g* que os antigos romanos escreviam com aquella lettra o que depois se escreveu com esta ; assim diziam *pucnare*, *leciones*, etc., emquanto que hoje escreve-se *pugnare*, *legiones*, etc., como tambem pronunciavam *Gneus* e escreviam *Cneus*.

Esta prognação mudou o *c* em *g*.

Clara e distinctamente os indios pronunciam o *c* ou *k*, soando no fim das palavras quasi como *g* portuguez porque entre esses sons ha grande cognação, como disse, e dahi vem que os latinos antigos escreviam tambem ora com uma ora com outra lettra, como *seculum*, *sequlum*, *acua*, *aqua*, etc.

Esse som final nas palavras levou a addicionar-se uma vogal a elle, pelo que dizem: *cyka*, *oka*, *kutuka*, *pipika*, *yakuka*, *piroka*, *tyka*, *keteka*, etc., que os guaranys pronunciam *cyg*, *og*, *kutig*, *pipig*, *jakug*, *pirog*, *ityg*, *queteg*, etc

Si houvesse tendencia do tupy do norte a mudar absolutamente o *g* para *c*, não diriam *piranga*, *mitanga*, *poranga*, *poçanga*, *tikanga*, *igaponga*, *iarukanga*, etc., e sim *piranka*, *poranka*, *mitanka*, etc.

Por ser som nazal, não, porque os kaipiras que descendem de indios dizem bem *potranka*, etc.

A's palavras que no guarany terminam em *g*, pelo som de *ng*, pelo costume das linguas neo-latinas accrescenta-se uma vogal. Sendo a raça uma só de norte a sul, porque só os guaranys haviam de conservar puro o som do *g*, quando do Prata ao Amazonas as outras hordas conservaram o de *c* ? Não se vê ahi a influencia da cognação dessas lettras na prosodia castelhana ? Uma ou outra palavra foragiu para o norte com esse som de *g*, que ainda se ouve rarissimas vezes nos descendentes dos missionados, por aquelles que aprenderam por Figueira ou eram castelhanos.

A lettra **M** pronuncia-se sempre como em portuguez ; porém sempre que se segue voz nazal sôa como *mb*, donde vê-se uns adoptarem só *m* e outros só *b*, como em *mbeyu*, que no Amazonas dizem *meyu* e no sul *beijú*.

O mesmo caboclo, que, quando falla em portuguez, diz : « Quer beijú ? » quando se exprime na sua lingua diz : « *Re potare meyu ?* »

Esse som, entretanto, vae desapparecendo no Amazonas, e só é ouvido entre velhos de logares do interior, porque os mais civilisados em geral supprimem o *b*, pronunciando simplesmente *maã* em vez de *mbaã*. Sempre que uma palavra acaba por esta lettra, aportuguezam juntando-lhe uma vogal ; assim dizem *acema* por *acem*, *koema* por *koem*.

Para o som de *mb* adopto o *m* italico quando impresso, e quando manuscripto sublinhado, para se não confundir com o som simples de *m*.

N. Tem o som proprio do portuguez e o de *nd* e *ng*, sempre em começo de dicção. Este som, comtudo, hoje está modificado no nheengatú, posto que perdure no guarany. Assim separam e fazem de *ndé*, ou *indé*, ou *né*, como de *mendar* fazem *menara*. O segundo som, que só apparece no meio ou fim de dicção, perdura, e tão pronunciado que sempre juntam uma vogal a parecer uma s, llaba, fazendo de *ang*—anga, *nheen*, *nheeng*, —nheenga, *pirang*—piranga, etc.

O som *ñ* ou *nh*, que tem tambem o **n**, tem contribuido para a corruptella, pronunciando-se *ium* por *nho*, *nengara* por *nheengara*, etc.

Por antithese ás vezes mudam o som de *nh* para *nd*, como em Anhanduhy, *Anhandaua*, etc.

P. Sôa sempre como em portuguez ; sómente quando pronunciado por algum indio de tribu nheengaíba, isto é, por aquelle que nunca fallou o tupy, ás vezes é mudado para *b*.

R. Sôa sempre brando ; é trinado, quer no começo, quer no meio das dicções, como em portuguez *cara*, *pera*, etc. Exemplo: *igara*, *recé*, *rupy*. Quando as palavras terminam por essa lettra sempre addicionam vogal, pelo que de *menare* fazem *menara*, de *kuer* *kuere*, etc.

O *r* dobrado na composição de syllabas, como nas portuguezas *bra, bre, bri, bro* e *bru*, etc., *fran, fras*, etc., não existe no nheengatú.

Para o *n* com o som de *nd* adopto, como para *y* e o *m* e o *n*, quando manuscripto grifado, e quando impresso em italico.

T pronuncia-se como em portuguez. E' lettra inicial das palavras ditas em absoluto, e que se muda nas dicções em *r*.

Estendi-me nesta exposição talvez mais do que devêra por dous motivos: para mostrar como tem-se adulterado o abanhaenga que deu o nheengatú, distacando-se do guarany, e para provar que razão tinha quando em 1875 disse que *jaguar* era uma palavra estranha, o que motivou um bellissimo artigo do illustrado Dr. Macedo Soares,[11] que aqui acha a minha resposta, embora tardia.

Quando emprégo a palavra *abanheenga*, cumpre-me advertir, quero com isso dizer a lingua do indio, a *matriz, anterior á escripta* por Anchieta e Montoya, conservando a de *nheengatú* para o tupy do Amazonas, a de *guarany* para o tupy do Paraguay.

O tupy do sul é mais vulgar entre os escriptores, porque ha mais de dous seculos é perpetuado pela escripta e tem já uma litteratura, posto que pequena, emquanto que o não é o do norte, e por isso quasi todos suppôem que a lingua mais pura é a que se falla no Paraguay.

Engano manifesto. Tem conservado, é verdade, a pureza que deixaram os castelhanos, com a sua prosodia, pelo ensino e pela escripta, mais ahi do que na deixada no Amazonas tradicionalmente pelos portuguezes; comtudo conserva ella disvirtuada pelos sons de *j, b, g*

---

[11] *Revista Brasileira.*

e *v*, e que nunca o indio teve. Só repetiam o que sabiam pelos castilhos; aqui o que os paes transmittiam por herança prosodica. Os vocabularios e as grammaticas do tupy, que chamam *tupy moderno*, appareceram hoje, por assim dizer, datam de 1852 para cá, depois que o Dr. Gonçalves Dias viajou o Amazonas e publicou o seu *Vocabulario*. O dizer elle *Vocabulario da lingua geral usada—hoje em dia—no Alto Amazonas* levou os litteratos, que só conhecem a lingua pelo que existe escripto, e não porque a tenham ouvido de guaranys e tupys, a tomarem a lingua geral do Amazonas como um novo dialecto. E' essa a opinião geral.

E' verdade que parece um novo dialecto por estar muito corrupta pela prosodia do vulgo, « corrupção para a qual os padres concorreram e mesmo precipitaram-na, » como disse Baptista Caetano nos *Ensaios de Sciencia;* porém é mais pura no fundo do que o guarany, porque perpetúa a verdadeira pronuncia primitiva.

Hoje não é possivel mais fundir o guarany e o tupy, dando-se-lhe uma só orthographia; mas fique aqui consignado, para futuros escriptores, que a pronuncia nheengatú é a verdadeira dos tupys ante-cabralianos, não se fazendo cabedal do aportuguezamento das palavras, nem dos *gus, guis, abos, gabos*, introduzidos pelos grammaticos de então, levados pela sua pronuncia.

Termos ha tambem diversos entre os dous *meios*, brasileiro e paraguayo, é verdade, ou os mesmos com significados differentes; porém isso é da lei geral das linguas, devido á natureza differente que cérca os dous povos, e á sua posição geographica, que obriga a creação de nomes para designar o que um possue e outro não.

Na nossa lingua, no inglez-americano, no hespanhol da America do Sul, e mesmo entre o hespanhol das republicas do sul e as do equador, existem essas differenças.

A pronuncia de *yá*, de *iu* e *uá*, adoptada hoje como *já*, *gu* e *ba*, que consideram um erro, um vicio, não é mais do que um archaismo perpetuado, que nos mostra a prosodia pura da lingua sem a influencia estranha.

A orthographia castelhana não influiu só na prosodia, foi até a syntaxe e a etymologia.

Não quero que se reforme hoje a lingua, porém que se acceite, respeite e perpetue o fallar do Amazonas, como reliquia guardada pelos indios, que não pôde ser destruida pelos conquistadores que abastardaram-lhes a raça, e que o nheengatú tome no Brasil o logar que os escriptores dão ao guarany, porque assim como o está é a lingua patria, e que os brasileiros escrevam com a prosodia e a orthographia nheengatú e não com a do guarany, mesmo para serem entendidos pelo povo rustico, que só conhece o que a tradição oral lhes ensina.

Basta, como disse o visconde de Araguaya, que a lingua se corrompa pela má prosodia do vulgo; não favoreçamos a corrupção com a orthographia contraria.

Em apoio do que tenho expendido chamo a mim uma autoridade, o autor do *Selvagem*, o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães, que diz: « Accrescente-se a isto que os missionarios hespanhoes se serviam do alphabeto com os sons que elle tem em castelhano, diversos em muitos casos dos sons portuguezes, e comprehende-se com toda facilidade como o guarany, que não é sinão o tupy do sul reduzido á lingua escripta, apresenta uma apparencia ás vezes tão diversa, que homens da força do benemerito Martius, de saudosa memoria, com tanto merito real, e que aliás fallava o tupy, o julgava no entretanto distincto do guarany. »

Couto de Magalhães diz que o Guarany é *o tupy do sul* reduzido á lingua escripta; eu affirmo que estes dous são o nheengatú do norte, corrompidos pela mesma escripta, pela má pronuncia, por sotaque e vicios estrangeiros.

Para quem se occupou destas cousas, e para aquelles que quizerem escrever o tupy e não o guarany, recommendo a obra o *Selvagem*; porque tirada a pronuncia do *o*, que nelle é substituido pelo do *u*, do sotaque paraense do vicio portuguez, e uma ou outra corruptella, tem-se quasi o abanheenga, a lingua dos nossos avós, que se estendia do norte ao sul, que devemos

respeitar e não desprezal-a pela corruptella guarany dos castelhanos.

E' preciso que se convençam aquelles, que conhecem a lingua geral só pelo que existe escripto, que não só a pronuncia, como a construcção grammatical que nos deixaram os mestres da lingua, não representam a verdade.

Aquella está cheia de enxertos de lettras estranhas ; esta de casos, de verbos, com modos e tempos que os indios não tém, arranjados com as lettras da tal pronuncia.

Duas corruptellas, pois, existem : uma feita pelos padres quando escreveram a lingua, o que deu logar ao guarany e ao tupy do sul, outra feita sobre o nheengatú, que daquelles se distanciou pelas más pronuncias dos missionarios e das tribus nheengaíbas, poderosamente auxiliadas pelos vicios de estrangeiros. Na minha « Advertencia » *á Poranduba* referi-me só ás corruptellas do nheengatú, comparado com o guarany ou tupy do sul escripto, mais puros por um lado ; e aqui das corruptellas do abanheenga, lingua mãe, que deram logar áquellas.

Lá comparei ligeiramente as corruptellas produzidas pelos annos e pela influencia popular sobre o tupy de Anchieta e de Filgueiras ; aqui tratei das corruptellas do abanheenga, que deu com mais pureza o nheengatú, que é expurgado das corrupções prosodicas dos mestres das linguas.

Classificando, pois, o que existe da lingua geral temos : o *abanheenga*, falla do indio primitivo, pura e mãe, que não foi escripta ; o *nheengatú*, falla boa primitiva e adulterada por aportuguezamento e cruzamentos ; o *tupy-portuguez ou do sul*, lingua viciada pela pronuncia e pela escripta ; *tupy-hespanhol* ou *guarany*, lingua transformada pela pronuncia e escripta hespanhola.

Quanto ás duas do sul, póde-se dizer que são linguas artificiaes, conservando-se a fórma hespanhola do guarany mais pura do que o nheengatú, por não ter soffrido a acção de estrangeiros, ter sido fallada só por guaranys dominados só por hespanhoes, emquanto que

o nheengatú tem soffrido a acção e o embate dos diversos invasores do sertão contra as tribus nheengaíbas, que pela força aprenderam o abanheenga.

Quando nos approximamos dos *omanás* ou *omaguas* dos jesuitas castelhanos, pelo Solimões, é que se vê a lingua menos eivada de vicios, approximando-se do abanheenga e fugindo do tupy do sul e do guarany. O guarany conserva pura a fórma hespanhola que outrora ouviu e aprendeu nas missões.

O nheengatú conserva a pronuncia primitiva, apenas abastardada por influxos populares, sendo apezar disso phonologicamente o mais puro.

Para mostrar que o nheengatú não se corrompeu perdendo o *b*, o *g* e o *j*, em que principalmente se afasta do tupy do sul e do guarany, basta ouvirmos alguns escriptores antigos, que, apezar de escreverem em portuguez, procurando aportuguezarem as palavras indigenas, conservaram a pronuncia corrente e vulgar de seu tempo, não se importando com a orthographia empregada pelos discipulos de Anchieta e Figueira.

Bento Teixeira Pinto, no seu *Dialogo das grandezas do Brasil*, em 1590, escreveu *maracaiá*, *hyandaias*, *taiá*, *taioba*, *payé-marioba*, etc., e não *maracajá*, *jandaia*, *tajá*, *tajoba*, *pajamarioba*. *Taioba* é o nome que dão ainda a uma aroidea no Rio de Janeiro.

O ouvidor Ribeiro Sampaio em 1777 escreveu como pronunciavam: *Uapixana*, *Acayuná*, *Cauamé*, *Uaranacuá*, *Paraná*, *Uãiapeça* (rabo espesso), *Yapacani*, *Tuiuiu*, *Taiá*, e não *Guapixana*, *Acajuna*, *Cajamé*, *Guaranacuá*, *Paraguá*, *Guaiapeça*, *Japacani*, *Tujujú* e *Tajá*.

Em 1786, cem annos depois do padre Figueira, o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e o governador Lobo d'Almada escreviam *Uariá*, *uererê*, *Uayanás*, *Padauiri*, *Cauaburi*, *Maiapena*, *Uacaiari*, *Uacaris*, *Anauaú*, *Paraua*, *Cayá*, *Cayú*, etc., e não *Guariá*, *Guererê*, *Guayanás*, *Padaguiri*, *Caguaboris*, *Majapeba*, *Guacajari*, *Guacaris*, *Anaguaú*, *Paraguá*, *Cajá*, *Cajú*, etc.

Em 1832 Monteiro Baena, que tudo procurou escrever com *j*, aportugezando as palavras, comtudo

respeita a pronuncia de muitas, e diz: *Uautás, Urariá, uapiri, uaruma, uauassu*, etc., e não *Guautás, Gurariá, guapiri, guaruma, baguassu* ou *babaçu*.

O que frisa bem a pronuncia indigena está nesta sua phrase: « *Hiautiboia*, cobra que ennovella-se, formando um disco de maneira que figura um *jaboty*. » Este o indio pronuncia *yauty*.

Dou aqui uma phrase abanheenga puro, pela qual se póde comparar as differentes mudanças que soffreu o abanheenga, pelo influxo dos portuguezes e castelhanos, e o que soffreu pela má pronuncia e sotaques que deu o nheengatú:

Uirá etá o nhcengar koem pirang aramé tuichaua tuyuaé rok opé aetá iuká uaá.

« Ao romper da aurora cantam os passaros na casa do velho chefe que mataram. »

PORTUGUEZ	Abanheenga			
	NORTE NHEENGATU'		SUL TUPY E GUARANY	
	PARÁ	AMAZONAS	COSTA DO BRASIL	PARAGUAY
Os passaros	Uirá itá	Uirá etá	*Guiretá*	*Guyrahetá*
cantam	o nheengar-	o nheengar-	o *poracei*	mborahei
manhã	koema	koema	coema	coẽ
vermelha aurora,	piranga	piranga	piranga	pirã
quando	ramé	ramé	ramé	ramó
chefe	tuchaua	tuichaua	tubichaba	tubichá
velho	tuiaé	tuyuaé	tuibaé	tuyabae
casa	ruca	roca	oc-	og-
na	upé	opé	ipe	ape
elles	aitá	aetá		
mataram	iuká	iuká	*jucaça-*	ayuca-
que	uaá	uaá	*goera*	cuė

OBSERVAÇÕES

As lettras grifadas no nheengatú são as corrupções populares, e as do tupy e guarany são as introduzidas pelos missionarios castelhanos e portuguezes, que deram nova phonologia á lingua. A orthographia destes dous ultimos é a de Anchieta e de Montoya. No Amazonas *porahé* ou *poracé* é—dansar cantando, e *nheengare*—cantar simplesmente. No sul dansar é *yéroquy*. *Yeroky* são os cantos guerreiros das tribus selvagens.

Baseado pelo estudo do que ha escripto, e na observação que tenho feito entre indios e tapuyos de Santarém, Villa Franca, Ereré, Jamundá, Rio Negro e Solimões, cheguei á conclusão do que expuz nestas paginas, que me foram confirmadas pela leitura em pesquizas de manuscriptos do seculo passado do antigo archivo da camara de Barcellos, antiga capital da capitania do Rio Negro, de tabelliães, officiaes de justiça, camaristas, ouvidores, testemunhas, etc., que para esse fim compulsei, para ver como no seculo passado eram pronunciadas as palavras por lettrados e illettrados, e como as escreviam.

Apezar das missões prégadas em lingua ás vezes adulterada, ainda por esses manuscriptos se vê que o povo pronunciava a palavra sem a influencia estranha.

Pelo que tenho observado, razão tém aquelles que pensam que os jesuitas foram os creadores da lingua.

Com effeito, si não crearam os vocabulos da lingua, modificaram-lhe a syntaxe e a prosodia, estabelecendo uma construcção grammatical á latina e uma orthographia especial, que se perpetuou, mascarando a verdadeira pronuncia indigena e alterando a maneira de seu fallar.

A grammatica dos missionarios é toda artificial e não natural, permitta-se-me o dizer.

Bem disse o Dr. Martius : « Anchieta, Manoel da Vega e outros jesuitas que estabeleceram a lingua dos tupys por escripto, e que fixando as regras grammaticaes, *augmentando* e *modificando-a*, puzeram os fundamentos daquella lingua geral, etc . »

E' exacto ; augmentaram, modificaram e puzeram os fundamentos de uma linguagem que não é a que fallavam os tupys, e sim a que fallam os seus descendentes do sul, que aprenderam com as lições dos padres latinistas, que não admittiam lingua sem ser moldada pela latina.

Compare-se o fallar dos netos dos tupinambás, que se estabeleceram no Amazonas, com o dos avós que foram para o sul, e ver-se-á a differença. Os padres ensinaram a lingua áquelles que fallavam dialectos differentes, porque os que fallavam a lingua geral esses a ensinaram aos padres.

Os que fallavam o abanheenga continuaram a fallar como dantes e á sua posteridade passaram a sua linguagem ; mas, aquelles nheengaibas ou missionados que aprenderam a lingua, esses aprenderam-a com as pronuncias castelhanas e portuguezas, e assim tambem transmittiram a seus filhos.

Dahi vem que no Amazonas, onde dominaram os tupinambás, a lingua é mais pura, e onde houve missões ella está degenerada.

Sinto estar em desaccordo nisso com o meu finado amigo o sabio guaranylogo Baptista Caetano.

Disse este, nos *Ensaios de Sciencia*, censurando o Dr. Martius :

« Os padres jesuitas, e assim tambem os franciscanos e outros, sempre que no desempenho de suas funcções de missionarios iam desencovar tribus nos sertões, a primeira cousa de que cuidavam era de estudar a lingua fallada pelos selvagens, afim de poderem prégar-lhes a doutrina. »

Inteiramente o contrario se dava.

Em todos os collegios, sempre que chegavam novos missionarios, eram obrigados a aprender a lingua geral para ensinal-a ás tribus nheengaibas, isto é áquellas que não fallavam o tupy. Tanto assim é que, no Amazonas, todas as tribus que ainda existem com dialectos muito diversos e que foram missionadas, fallam a lingua geral. Os mundurukus, mauhés, tukanos, deçanas, tikunas, arauakys, parikys, etc., todos fallam a lingua geral que aprenderam. Ainda ouvi uma ladainha e orações em lingua geral, recitadas por parikys, que tém um dialecto muito especial. [12]

Onde estão as grammaticas ou mesmo os vocabularios destes dialectos que nos deixaram ?

O pouco que ha é feito por viajantes e naturalistas. Os padres só nos deixaram grammaticas e doutrinas em

---

[12] Era necessario que a lingua fosse uma em todas as missões, afim de que qualquer padre a entendesse. Mudados constantemente, seria necessario que os missionarios fossem polyglotas para poderem administrar as missões com dialectos differentes, e nas quaes viviam se substituindo.

guarany ou tupy. Isso se prova com a carta régia de 19 de Oitubro de 1797, que prohibiu expressamente aos missionarios praticarem com os indios na referida lingua e ordenou que só se lhes devia ensinar o portuguez.

O tupy, entre as nações selvagens, fazia o papel do latim entre as civilisadas.

Em conclusão o nheengatú está completamente modificado pelas pronuncias viciadas de estrangeiros e pela orthographia pronunciativa; porém encerra o cunho principal da phonologia primitiva, emquanto que o tupy do sul e o guarany, considerados como typo da lingua primitiva, estão mais corruptos, porque perderam a prosodia propria.

No Paraguay até bem pouco tempo esteve inalteravel essa linguagem dos missionarios, porque interdicta era por assim dizer a immigração estrangeira; porém hoje, depois que lhe demos a liberdade, dar-se-á o mesmo que se deu no nheengatú, que soffreu a consequencia linguistica do contacto com pessoas não cultas e de varias nacionalidades. Para o futuro o guarany será muito mais viciado do que será o nheengatú. Felizmente hoje, no Amazonas, já ha um paradeiro ; a lingua está no que era, porque já se não falla.

Mas, triste paradeiro !

E' o marco milliario da morte, porque ella vae desapparecer com aquelles que a exercitavam !

Como um protesto, pois, contra a falta de patriotismo daquelles que desprezam a lingua patria pela estranha, ficam estas paginas, em que reivindico a pronuncia dos senhores da terra que me embalou e guardará meus despojos, com o favor de DEUS.

J. BARBOSA RODRIGUES.

Manáos, 25 de Dezembro de 1887.

N. da R·

Numa memoria apresentada ao Instituto, *Novas Investigações sobre Matto-Grosso*, aventei a idéa de, — pela difficuldade sinão impossibilidade de conhecer-se,

á simples leitura, o valor prosodico do *i* final dos vocabulos brasilianos—admittir-se este sómente para as terminações breves e o *y* para as longas, ficando exceptuado o dos diphtongos em *ay*, *ey*, *oy* e *uy* por não haver duvida na pronuncia, visto predominar a tonica na primeira vogal.

Assim, ler-se-á, a primeira vista e sem erros nem duvidas, Beni, A'keri, Caciquiari, Demineni, Ucayali, Padauiry, Bacahirys, Parecys, Cabixys, Acarahy, Jacarehy, Timbohy, Sarapuhy e Paraguay, Igurey, tipoy, etc.

Ora, tendo adoptado essa regra, é dever declarar, em satisfação ao illustrado autor desta memoria o Sr. Dr. B. Rodrigues — que fez-se essa ligeira modificação do *i* final longo para *y*, obrigado pela uniformidade da redacção,—e uma vez que não alterava o sentido dos vocabulos.

J. SEVERIANO DA FONSECA.

BRAZÕES

DAS

Cidades de Cuyabá e Matto Grosso[1]

Não sei em que se fundou o chronista de Matto Grosso, Felippe José Nogueira Coelho, para dar por armas á villa de Cuyabá um escudo, tendo em campo verde um monte com uma arvore cheia de folhetas de ouro, e por timbre uma phenix, e á Villa Bella um triangulo, symbolo da Trindade: armas que elle nas suas *Memorias historicas da capitania de Matto Grosso, e principalmente da provedoria da fazenda real e intendencia do ouro*, refere « concedidas por Sua Magestade, que as mandou declarar em provisão registrada na camara, em 1753, mas que esta tenazmente substituiu por uma aguia ou pelicano ».

E diz elle que as noticias, que dá, colheu-as num exacto e escrupuloso exame que fez nos archivos da provedoria, intendencia e ouvidoria, o que fazendo authenticas essas memorias, pela sua publica e incontestavel fé, deixa ver o desvelo que ellas lhe mereceram (*Revista Trimensal do Instituto*, tomo XIII pg. 138).

Tinha, portanto, essa asserção o cunho da maior autorisação, e pois acceitei-a; tarde, infelizmente, verifiquei que ambas vinham descriptas erradamente, o que se comprova com os proprios autos de fundação da villa do Senhor Bom Jesus de Cuyabá, de 1 de Janeiro

[1] *Novas investigações sobre a provincia de Matto Grosso.*

de 1727, e da Villa Bella da Santissima Trindade do Matto Grosso, de 19 de Março de 1753. Naquelle auto de Cuyabá vem descripto o brazão, assim: —« Um escudo dentro com o campo verde, e nelle um morro ou monte todo salpicado com folhetas e granitos de ouro; e por timbre, em cima do escudo uma phenix.»

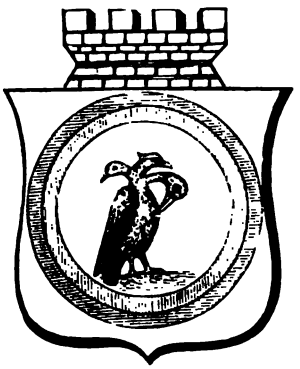
ARMAS DE CUYABÁ

As de Matto Grosso são: um escudo branco com dous circulos dentro, o externo encarnado e o outro azul; dentro uma ave tricephala, corpo e a cabeça de aguia; e as duas outras, a do lado esquerdo de pomba e a do direito de pelicano, ferindo o peito.

Não é presumivel que o intendente Coelho encontrasse nos archivos da sua repartição e da ouvidoria os brazões que assignala: é, pois, elle quem erra não sómente no falseamento do brazão, que declara ser um triangulo, como ainda em dizer que a camara tenazmente conserva uma aguia ou pelicano, confusão que é sua e provém das duas cabeças de aguia e pelicano da ave tricephala.

O auto da fundação de Cuyabá pôde ver-se na *Revista Trimensal*, tomo XXVII, que publica os *Annaes da*

provincia de Goyaz, de Alencastre, onde á pag. 43 da 2ª parte elle se acha: o da fundação da Villa Bella, aos 19 de Março de 1753, em cumprimento ao alvará de 5 de Agosto de 1746, aqui o damos, graças á obsequiosidade do Exm. Sr. coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, de quem o obtivemos.



ARMAS DE VILLA BELLA

Auto da fundação da Villa Bella da SS. Trindade do Mato-Grosso, em 19 de Março de 1752.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo de mil sete centos e cincoenta e dous annos, aos dezenove dias do mez de Março do dito anno, neste Citio chamado o Campo do Simão, por outro nome o pouso alegre, abeira do rio Guaporé e ao Poente da chapada de Sam Francisco Xavier do Mato Grosso, no lugar da Praça destinada para se levantar o Pelourinho da nova villa que Sua Magestade foi servido mandar erigir e criar nestas Minas, presente no

dito lugar o Illustricimo e Excellenticimo Senhor Dom Antonio Rolim de Moura, Governador e Capitão General delas, e o Juiz de Fora Theotonio da Silva Gusmão, e o Secretario do Governo Bartolomeo Descalça Barros, para atestar, e passar para o livro da Secretaria este Auto, e presentes os bons e o Povo que pode acistir dos Abitantes das ditas Minas, sendo ahi por ordem do dito Illustricimo e Excellenticimo Senhor foi mandado Ler por mim tabeliam o Alvará de Sua Magestade de cinco do mez de Agosto de mil setecentos e quarenta e seis, para a Erecção da Villa, o que por mim foi satisfeito em voz alta e intelegivel e vai o dito Alvará copiado adiante, depois deste Auto; e logo pelo dito Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General foi dito e declarado que sem embargo de que no dito Alvará determinava Sua Magestade, que o lugar da Villa fosse escolhido por cinco Homens ajuramentados, havia ele escolhido e aprovado este Citio para a fundação da Villa, não só porque o Alvará fora passado em outro tempo, em que se não mandava General a esta Diligencia, mas pellas Ordens e instruçoens que tinha de Sua Magestade, e porque este era o Citio mais conveniente ao serviço de El-rey e ao bem comum, e porque ultimamente os moradores destas Minas divididos em opinioens só olhava cada um para o que lhe fazia mais conta, querendo os da Chapada, que nela se fundasse a Villa, e os de Santa Anna que fosse fundada naquele bairro, com que não estavam em termos de serem ouvidos sobre a Elleição do Citio, nunca de antes visto nem examinado por eles; Em cuja Praça no meio dela mandou o dito Illustricimo e Excellentissimo Senhor Governador e capitão General

levantar o Pelourinho por insignia de se constituir e Erigir no dito lugar a referida Villa o qual presente todos os abaxo assinados foi posto e alevantado com os sinaes e insignias seguintes :

Feito o dito Pelourinho de hum groço madeiro e perduravel chamado ypiuva com tres degraos em quadra de seis até oito palmos lavrado primeiro em coluna trocida até certa altura e despois em piramida de quatro faces em cujo remate se colocou um braço de ferro com o Cutelo levantado em alto, e abaxo na formação da Piramida quatro varoens de ferro com suas argolas para prisoens, e abaxo na coluna duas algemas de ferro para os braços e duas para os pés. E logo pelo dito Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General foi declarado que a dita nova villa teria o nome de Villa Bella da Santisima Trindade a quem dedicaria a Igreja Matriz dela ; que em reverencia da mesma Trindade Santisima simbolicamente teria por armas em meio de um escudo branco com dous circulos, um encarnado e outro azul, uma ave com corpo e cabeça do meio de Aguia,a do lado esquerdo de Pomba e a do lado direito de Pelicano ferindo o peito ; e que estas mesmas armas poria a Camara no seu Estandarte por detraz das Armas reaes, emquanto Sua Magestade não mandase ¡o contrario; e que esta villa sinalava e demarcava por logradeiro dela na forma da ordem do dito Senhor todo o Campo desde o sangrador do mato ou Ribeirão que fica ao Sul da Villa até a Lagoa do arrosal que costeia o mato de guaguasù ao Norte da Villa, que será uma legoa de terreno, e na traveça desde o mato do Capam da Legoa por onde passa a Estrada que entra para esta Villa até o Rio Guaporé que serão tres quartos de

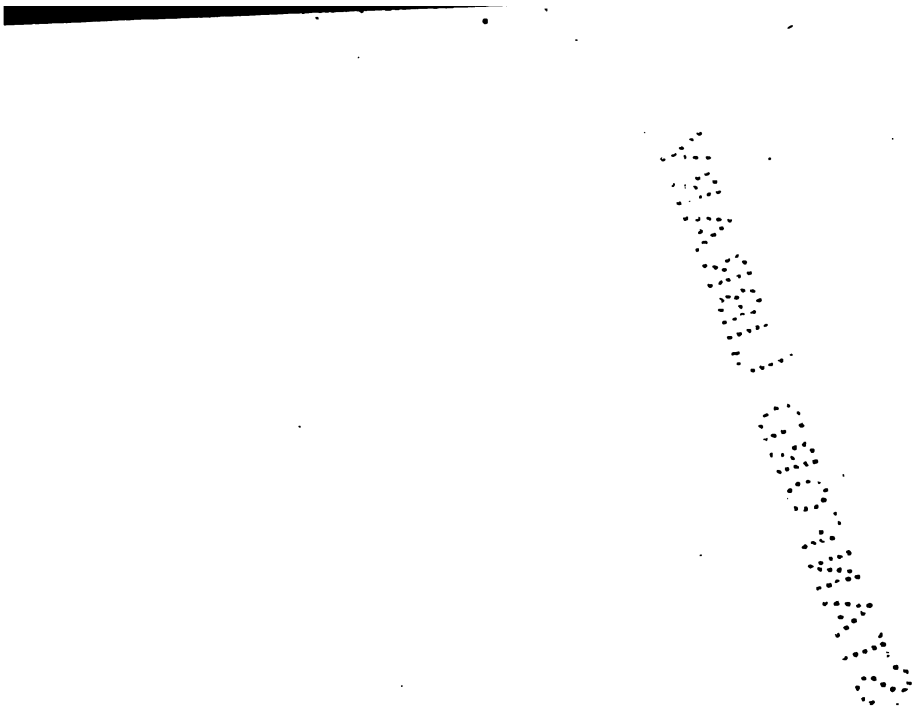
Legoa de Leste a Oeste, cujo terreno não podia ser aforado pela Camara como Sua Magestade determina, ficando o dito Campo para pasto dos cavalos e gados dos moradores da Villa, e que na mesma isenção de foro ficarão comprehendidos os capoens que pelo Campo se achão que serião para Linhas Comũas ; e que caso neles fizecem algua xacra ou casa de Campo tivessem entendido não impidiria em tempo algum a que os moradores da Villa mandassem neles fazer lenha, tirar cipós e cortar madeiras, e para se livrarem da intrada dos cavalos e gados do pasto cumum do logradoro serião obrigados os que tivesem xacra ou casa de campo nos ditos Capoens, a sercar as plantas : Que o Mato do Guaguassû e Capam da Legoa e o mato do Sangrador e o Campo que d'ahi se segue para o Sul, e o mato que acompanha o Rio Guaporé ficavão fora do Logradoro, e que a Camara escolheria a parage ou parages em que se ajão de fazer boa as quatro legoas de terra que Sua Magestade lhe concede para aforar, e lho farião presentes com as confrontaçoens para se lhes passar Cismarias pela Secretaria. Feito isto pelo Doutor Juiz de Fóra presente o mesmo Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General, no mesmo acto foi mandado vir o cofre dos Pelouros que havião feito em eleição dos oficiaes que nestes tres annos aonde servir na Camara, e com as serimonias que a Ley determina foi tirado aberto e publicado o Pelouro que coube por sorte neste ano de que se fez termo no Livro das Eleiçoens a folhas trez : do Alvará de Sua Magestade já referido para a creação desta Villa só fallava de dous Vereadores e hum Procurador consultava elle dito Doutor Juiz de Fora com o dito Illustricimo e

Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General na Elleição dos ditos Pelouros em que houvessem de ser tres Vereadores, e hum Procurador; porque quando se passara a Provisão para a Creação da Villa fôra para o tempo em que se mandavão criar dous Juizes Ordinarios, que nunca podião fazer falta cinco votos, pois na falta de qualquer Juiz ou Vereador se podia logo proceder a Elleição de outro de Barrete; porém que tomando depois Sua Magestade a resolução de mandar Juiz de Fora para estas Minas, alem de serem quatro votos em Camera sendo os Vereadores só dous, podia suceder que faltase o Juiz de Fora e ficavão só tres votos o que poderia ser danoso a Republica, e de todo o referido mandarão eles ditos Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General e o Doutor Juiz de Fóra formar este Auto em Livro proprio da criação desta Villa sendo a tudo presentes dos bons e Povo as pessoas seguintes.

Guarda-Mór Francisco Xavier Jullio, o Reverendo Vigario Fernando Maxado de Souza e Abreo, Francisco de Salles Xavier, João Pereira da Cruz, o Sargento Mór Lourenço Soares de Brito, Pedro Vaz Justiniano, Manoel Dias Penteado, Antonio da Silveira Fagundes Borges, Antonio Ferreira, João Nunes de Melo, João Raposo da Fonseca Goes, Manoel Vieira Benevides, Antonio Paxeco de Moraes, Bento de Souza Maxado e Abreo, Antonio de Abreo Bacelar, Sebastião Pinheiro de Almeida, Pedro Diogo da Mota o licenciado Francisco Rodrigues da Costa, José de Oliveira Pedroso, Ignacio Leme da Silva, Calistro de Souza Rego, Caetano Gil de Ataide, Luiz da Costa Silva, Antonio Botelho da Fonseca, Manoel Bento Pereira, Bento Dias

Paes, Felix Martins Claro, Antonio Leite de Almeida, Francisco Caetano Borges, Pedro Rodrigues Lima, João Gomes Santiago, José Ferreira de Mattos, André de Souza de Almeida, Rodrigo Francisco, o licenciado João Metelo de Matos, Manoel Antonio Maxado, Silvestre de Castro, João da Borba Gato, os quaes todos assinarão com o dito Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General e o Doutor Juiz de Fora e o Secretario deste Governo e eu Ignacio Pereira Leão, e eu Tabeliam do Publico judicial e Notas que escrevi. — *Dom Antonio Rolim de Moura.* — *Theotonio da Silva Gusmão.* — *Bartolomeo Descalça Barros. (Sic).*

J. SEVERIANO DA FONSECA.



CANDIDO JOSE DE ARAUJO VIANNA

MARQUEZ DE SAPUCAHY

PRESIDENTE INTERINO DESDE 8 DE MARÇO DE 1846

Presidente perpetuo em 12 de Agosto de 1847.

N. em 15 de setembro de 1793. † em 2 de Janeiro de 1875.

PERNAMBUCO

SUPPLICIO DO CANÉCA

Recordação de factos acontecidos á mais de meio seculo, por uma testemunha ocular.

Copia de um manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio honorario

Sr. Joaquim Pires Machado Portella

Director do Archivo Publico do Imperio

I

A proclamação da nossa independencia fez iniciar os brasileiros nas lides politicas; mas ainda tão novatos nellas, com poucas excepções, que não poderam avaliar devidamente o acto regular da dissolução da primeira assembléa constituinte em 12 de Novembro de 1823.

E' bem verdade que no presente assim se póde denominar essa medida regulada pela constituição, o que não acontecia naquella época em que a lei fundamental ainda não existia. O que tinha antes havido no Estado, com relação a taes ajuntamentos, foram os estados geraes antigos, e ultimamente o levantamento da cidade do Porto nos fins de 1820. Acto tão recente que, como os daqui, os de lá achar-se-iam nas mesmas condições de inexperiencias; e cada um avaliava a dissolução como vingança, retrogradação ao antigo, ou conforme as idéas de que se achava possuido.

Os do sul do Imperio o approvavam, mas não assim os do norte, especialmente Pernambuco, onde presidia

Manoel de Carvalho Paes de Andrade ; e a noticia de o ir substituir o morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, acabou de exaltar os animos, a ponto de se proclamar a republica do Equador a 2 de Julho de 1824.

Constou que a côrte pretendêra contemporisar com a repulsa de Paes Barreto, nomeando um terceiro, José Carlos M. da Silva Ferrão ; conciliação que tivera contrario effeito por se persuadirem os exaltados de encontrarem o governo embaraçado na côrte, e por isso sem meios para os debellar.

Nesse tempo havia-se concentrado na capital o maior numero de tropas de 1ª linha, porque continuavam os boatos de achar-se em viagem uma esquadra da mãe-patria, sahida de Lisboa para recolonisar o Brasil. O famoso batalhão do Imperador, commandado por José Joaquim de Lima e Silva, havia regressado, coberto de louros, da Bahia, depois da derrota do general portuguez Ignacio Luiz Madeira, e o chefe do Estado, fazendo uma diversão, ao mesmo tempo util e agradavel, aos penosos cuidados da defeza do novo Estado, resolveu transportar-se com todo o exercito á Praia-Grande e passar alli a festa de S. João.

A força foi dividida em quatro brigadas para manobrar-se todos os dias das 6 horas da manhã ás 10, nos campos de Icarahy e Sant'Anna : eram as brig adas commandadas : a 1ª por D. Francisco da Costa de Macedo, a 2ª por Lazaro José Gonçalves, a 3ª por Francisco de Lima e Silva, e a 4ª por Bento Barroso Pereira.

A tarde jantára o Imperador no topo d'um extenso barracão armado ao longo da praia, começando da casa de pasto do *Archeiro* para a banda da Armação, onde cabia, mediante uma leve separação do Imperante, toda a officialidade, e á cada saude salvava com 21 tiros um parque de artilharia ahi postado.

A' noite principiaram os divertimentos das foguciras por aquellas estradas, agora bellas ruas, por onde em barracas de campanha se accommodava a tropa, e então officiaes, generaes e mesmo o chefe, todos sem etiqueta e divisas se confundiam em completo regozijo e folgança. A soldadesca não ficava ociosa, e cada um tambem se

esmerava no fadinho da *Ronda do Vidigal* e na dança da *Panella dos Feitiços* que andava em moda.

Concluida a festa, e recebida do norte a noticia do mallogro da condescendencia havida no tocante á nomeação do governo pernambucano, fez-se apromptar a 3ª brigada ao mando do brigadeiro Francisco de Lima, e no 1º de Agosto seguinte deu á vela a frota que a conduzia a apaziguar os dissidentes.

A 18 aportou-se a Maceió, e desembarcando a tropa em jangadas para Jaraguá, onde havia dous armazens; e dahi até a villa segui pela praia ou por cima do cómoro da arêa coberto de pitangueiras.

A 3ª brigada de que constava a expedição, compunha-se de tres corpos de caçadores, 2º, 3º e 4º, ao mando do tenente coronel Souto e dos coroneis Manoel Antonio, Leitão Bandeira e conde Escragnolle; e tambem um parque de artilharia de posição, commandado pelo capitão Solidonio J. A. Pereira do Lago, e um esquadrão de cavallaria com o capitão Cabral.

Accommodou-se a expedição por nove dias nesta villa, que constava de uma rua principal, no fim da qual, para o lado do norte, terminava num largo, tendo em frente a matriz, á esquerda um sobradinho com grades de páo, onde aposentou-se o chefe, e á direita a cadêa em casas terreas. Nos fundos das casas da parte direita desta rua, indo para a cidade das Alagoas, havia uma capellinha coberta de palha

Na madrugada de 28 abalou a força á seu destino, indo pernoitar em *Ipioca*, povoação situada em uma pequena eminencia; no segundo dia de marcha acampou em *Santo Antonio Grande*, tambem pequeno povoado; no terceiro dia na villa de *S. Miguel dos Milagres*, no quarto na do *Porto de Pedras* (havia no estaleiro desta villa um navio em construcção), e no quinto dia de viagem chegou-se á *Barra Grande*, onde o corajoso Paes Barreto defendia as partes da legalidade, dizia-se que á sua propria custa, com perto de 400 homens.

II

A tropa de linha de Pernambuco compunha-se dos 1º, 2º, e 3º batalhões de caçadores e de artilharia, ao mando do coronel Aleixo. Era commandante do 1º, de canhão verde e gola azul, o major Antonio Corrêa Seára; do 2º, gola e canhão azul, o major Marques Lisboa, conhecido por Pitanga, e do 3º, gola e canhão encarnado, o major Bento José Lamenha Lins

Seára e Lamenha acompanharam o morgado, e Pitanga seguiu as partes de Carvalho, com quem militavam egualmente o coronel José de Barros Falcão de Lacerda, que no anno anterior muito se havia distinguido na Bahia contra o chefe Madeira, os majores Ferreira, Emiliano, Agostinho Bezerra, o capitão Nicolau e outros.

Operada assim a juncção das duas forças, de Lima com a do morgado, tratou-se de avançar sem mais demora logo no seguinte dia, internando-se o pequeno exercito na povoação do *Abreu* e transpondo o rio de *Una* já de noite.

Descansou-se um dia em *Serinhaem* e no *Cabo* dous. Daqui até o termo da viagem seguiu-se quasi a marche-marche; constou que o general tivera aviso secreto de lord Cochrane da chegada deste ao porto do Recife e de favoravel opportunidade de atacar a cidade, por andar fóra o chefe José de Barros, e tambem Carvalho, para as partes do sul; o qual, não podendo conseguir chegar á cidade por terra por encontrar a passagem interceptada com a inesperada presença das avançadas das forças contrarias, embarcou-se em uma jangada e refugiou-se a bordo de um navio inglez.

A's quatro horas da tarde de domingo 12 de Setembro rompeu o fogo nos *Afogados*, ao qual, não podendo os dissidentes resistir, foi tomada a ponte, de 260 passos de extensão, em poucas horas.

Tomada a antiga ilha de *Marcos André*, depois denominada bairro de *Santo Antonio*, tratou-se de a segurar, fazendo-se fachina e construindo seguranças na

Gamelleira para evitar alguma sorpresa por essa parte, que era inteiramente desamparada.

Da calçada do sobrado do major Peixoto, ultimo edificio daquelle correr, em frente ao forte das *Cinco Pontas*, o qual sobrado ficava fronteiro ao *Curral do Açougue*, dahi até a ponte dos Afogados só havia á margem do rio, com frente para o mar, um lance de casas terreas, pertencente a um ancião a quem chamavam o *Pavão*, mestre chapelleiro, com quem conversámos quando nessa occasião commandavamos um ponto á margem do Capibaribe e por traz dessa casa.

Os dissidentes ainda occupavam os bairros do *Recife* e *Boa Vista;* fazia-se mister combater este em primeiro logar, porque a columna do chefe José de Barros ahi se sustentava, defendendo valentemente a ponte de 350 passos de comprida. Tinha duas peças pequenas embocadas por ella acima, além de sufficiente fuzilaria.

O meio de tomar este bairro era avançar pela ponte; porém quem fosse na frente podia contar com o sacrificio na primeira descarga.

Resolvendo-se definitivamente, na noite de 15, a tomada do ponto, esperava-se que apparecesse uma destas dedicações voluntarias ou desprezo da vida para marchar na frente, ou antes ordenar para uma morte quasi certa.

Depois de algumas difficuldades e principios de altercações, e já depois de meia-noite, o intrepido mineiro alferes-ajudante *Marçal*, desembainhando a espada, offereceu-se ao general para commandar o pelotão da frente, exemplo que foi seguido indistinctamente de outros; e formado elle, tratou-se de tomar precauções para o bom exito.

A' vista do perigo, era da maior vantagem dar de cá primeiro a descarga, e segura, com o fim de neutralisar ou pelo menos minorar o effeito da contraria; mas para isso tinha-se de chegar a alcance ou ao meio da ponte. Ainda havia outro perigo a evitar, em virtude do qual tornava-se de necessidade que a avançada fosse rapida.

Consistia nas balas que nos mandava o forte Pencil, [1] então denominado do Brum, apenas subia de cá alguem na ponte; vindo os projectis tambem de noite, parece que havia signal convencionado, dando aviso a fortaleza de subir gente pela ponte.

Finalmente marchou-se no maior silencio ; ia Marçal na esquerda da fileira, logar proprio de quem a commandava, e quem escreve estas linhas ao pé delle. Deu-se a descarga, é verdade, porém a contraria ou foi simultanea ou demoraria um segundo si tanto.

Os rarissimos que escaparam da morte e de ferimentos tiveram o bom accôrdo de bradar *victoria*, grito que produziu grande effeito, á vista da incerteza do destroço do nosso pelotão pelo fumo das duas descargas, que o não deixava distinguir. O infeliz Marçal cahiu sem proferir uma palavra.

Os dissidentes, abandonando a ponte, foram fortificar-se nos differentes logares do bairro ; houve luta encarniçada, bastantes mortes e ferimentos na rua do Sebo, em *Santo Amarinho*, *Hospicio*, até as *Aguas Frias*.

Poucas casas havia no largo logo adiante da matriz, e dahi á *Soledade* eram bordados de differentes chacaras, sendo por esses contornos bastante ferido o combate: constou que nesse dia morrêra o major Pitanga. [2]

Algumas casas mais proximas da ponte foram examinadas, por desconfiança de haverem nellas alguns emboscados. [3]

---

[1] Diz um autor antigo que fôra edificado no anno de 1631 com aquelle nome, que era o da matrona do general Theodoro, hollandez.

[2] Sua viuva, bastante espirituosa, morava na ultima casa da rua do Collegio, ao chegar ao convento de S. Francisco, onde se aquartelou o 4º batalhão do Rio. Alguma vez os soldados diziam-lhe algumas pilherias ao passar, e ella retribuia as graças sempre com esta delicada e prompta apostrophe : Ah *Cains !*

[3] A casa donde sahia o governador Luiz do Rego, em 1817, e que nessa occasião recebeu os tiros no hombro esquerdo, foi a quarta do lado direito de quem sáhe da ponte para o lado da matriz.

O palacete do bispo via-se fechado sem signal de habitação, nesses dias de conflicto ; mas pela extensa chacara tambem se combatia.

Restabelecida a autoridade legal nos dous bairros, Santo Antonio e Boa-Vista, restava o do Recife, cuja ponte de 280 passos de extensão os dissidentes haviam cortado.

Por emquanto não se tratava de alojamento para os corpos expedicionarios. Quem não fazia parte das guardas avançadas, de piquetes e vedetas, ficava pelas ruas gozando o bello ar da inclyta cidade de Camarão e Henriques Dias; e a pracinha da *Polé* era de ordinario centro da maior parte.

Mais desassombrada de lances arriscados, principiava a tropa legal a gozar de certo bem-estar

Quem escapou da refrega da *Boa-Vista*, os da parte contraria, voltaram pelo varadouro e vieram reforçar os do Recife, unico baluarte dos dissidentes ainda sustentado, dizia-se, por Agostinho Bezerra e frei Canéca, que pertencia ao convento da Madre de Deus, situado naquelle bairro.

A pertinacia destes já se tornava inconveniente, attenta a falta de Carvalho, e ausencia do coronel Lacerda, major José Antonio Ferreira e mais alguns extraviados

Todavia achavam-se reunidos. Pela parte do mar haviam prevenido a entrada de gente e forças da esquadra, não só com a vigilancia da fortaleza do *Brum*, como a do forte *Quebra-Pratos*, perto do arsenal de marinha ; e com a ponte cortada e guarnecido o *Porto das Canôas* suppunham inexpugnavel aquelle ponto.

Era arriscado transitar no largo do *Collegio* e na rua da *Praia*, por causa das balas atiradas das janellas do convento.

Convencionado o assalto do Recife para a madrugada de 17, bombardeou-se na vespera o que ficava a alcance do canhão : a alfandega e os sobrados das immediações do *Corpo-Santo*, foram os que mais soffreram.

Desembarcando do lado do sul, pelas bandas da ilha do *Nogueira* alguma força dos barcos de guerra, fez-se

diversão, a ponto de avançar pela ponte, levando-se ao mesmo tempo barrotes e taboas, de maneira que ao clarear do dia aprazado, 17 de Setembro de 1824, não havia mais a quem combater.

III

A população ou os mais opulentos habitantes da cidade, receiosos com a idéa de saque, dizem que se cotizaram com o fim de indemnisar a tropa da dispensa desse direito e uso antigo; e o dinheiro foi distribuido em proporção: o abastado capitalista Bento José da Costa fôra o que iniciou a medida, segundo constou.

Começaram a apparecer nas ruas homens tão abatidos, desfigurados, magros, côr de enxofre, que pareciam ter resuscitado, como Lazaro, e escapado agora da sepultura. Vinham a ser os portuguezes, caixeiros, e negociantes alguns, que permaneciam a dous mezes em subterraneos para escaparem do ferro dos soldados da terra quando sahiam ao *mata-marinheiro*.

A soldadesca andava naquelles dous dias dispersa; como não commettiam o menor insulto, nem queixas de desacatos chegavam ao general, este de sua parte tolerou esses momentos de espansão de que igualmente se achava possuido pelo bom desenlace da luta.

Em seguida ao desfecho do ultimo combate do Recife foram perseguidos os chefes dos fugitivos, e alcançados voltaram presos, frei Joaquim Canéca, majores Agostinho Bezerra, Emiliano, Nicolau, Bartholomeu e mais um ou dois.

Egual resultado teve no Ceará a facção alli levantada a favor da Confederação do Equador, por José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, para onde foi mandado a fazer parte da commissão militar o coronel conde de Escragnolle, levando o capitão graduado major do 3º batalhão da côrte José Gervasio de Queiroz Carreira, que na primeira legislatura, de 1826 a 29, veiu deputado por aquella provincia.

O commando do 4º batalhão do Rio, em falta do chefe Escragnolle, ficou no Recife ao major do mesmo,

Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal[4], mais conhecido por *Canôa*, em virtude da semelhança deste objecto com o chapéo armado, muito raso, de que usava.

Acompanhou a expedição desde Macció, onde a ella veiu reunir-se, vindo de Campos pela Bahia, o brigadeiro José Manoel de Moraes, permanecendo todo o tempo sem caracter official. Julgava-se um mysterio do governo geral, e até hoje não o decifrámos, por ser elle mais antigo que Lima, posto que de egual graduação ; aquelle já tinha o posto de brigadeiro em 1821, ao passo que este ainda era em 1823 coronel commandante do regimento de Bragança, depois 2º de caçadores. Em qualidades civicas e militares não havia quem excedesse a Francisco de Lima ; honra á memoria de tão compassivo chefe e tão distincto vulto.

Mais indecifravel tornou-se o enigma quando chegou inesperadamente ao Recife *Barroso Pereira* por occasião das execuções dos condemnados, como ao diante se verá, sem menção alguma de Moraes.

Como ajudante de ordens deste, egualmente sem autoridade militar, ia o *Forriel de Gosto ;* ninguem conhecia por outro nome o coronel de Milicias, dos Pardos do Rio, Joaquim Francisco das Chagas Cattete.

Enviou-se á côrte, com a noticia do bom resultado da pendencia, o coronel de milicias do Rio Grande do Sul Antero José Ferreira de Brito, que fôra no exercito como quartel-mestre-general, o qual ganhou o posto de brigadeiro de primeira linha, e foi, em Maio do seguinte anno de 1825, com outra brigada render a do general Lima.

Entretanto cuidava este em regular, com prudencia e acerto, o governo da capitania e provincia a seu cargo.

---

[4] Era filho de um celebre ministro antigo de D. João VI, collega de Targini, a quem alludia um pasquim que appareceu no Rio por esses tempos, dizendo :

Excelso Rei,
Si queres viver em paz,
Enforca Targini
E degrada Thomaz,

Por sua indole pacifica e nobreza de alma não se exerceram perseguições, geralmente esperadas em taes occasiões; os corpos foram aquartelados convenientemente: o 2º na Madre de Deus do Recife; o 3º no hospicio da Boa-Vista; o 4º em S. Francisco, do bairro de Santo Antonio; a cavallaria e artilharia na Soledade.

O serviço dos poucos vasos de guerra que ficaram no *Lameirão* era operado pelo arsenal de marinha, debaixo das vistas do intendente, o capitão de fragata Guilherme Cypriano Ribeiro, em *Fóra de Portas*; e a cargo do *Velho Gaspar*, porteiro, inspector, capataz e unico agente do armazem, que, ataviado diariamente com o seu extenso casaco de brim branco e bordão, a tudo presidia.

Servia de prisão da gente do mar e recrutados para marinha uma cella no Arco do Bom Jesus; [3] deste ao primeiro sobrado e calçada do bairro *Fóra de Portas* andava-se pela praia, e no prêa-mar dos novilunios custava transitar por tocar a maré n'um velho armazem, em cima do comoro que servia para recolher fragmentos de ferros e cabos.

Supposto que o rigor da lei se tivesse limitado aos homens já presos, comtudo os que haviam militado com Carvalho andavam por cautela ainda homisiados, não obstante os promettimentos do general governador, que eram sinceros e sem dissimulação, como afinal todos experimentaram.

Tornava-se conveniente ir dando mostras de confiança, e uma das medidas adoptadas, e ao mesmo tempo util, consistiu na creação de um corpo de *libertos*, egual ao que na capital havia-se organisado e se aquartelava na Armação da Praia-Grande.

Alistaram-se com effeito os pretos forros a soldo, dando-se-lhes regulamento e divisões de companhias e

---

[3] Ouvimos dizer que a furia dos tempos modernos de destruir sem piedade os monumentos antigos não poupou o arco do Bom Jesus: um escriptor portuguez, clamando contra essa deplorável tendencia lá de sua terra, chamou-a vandalismo.

esquadras do estylo, sendo nomeado para commandar o corpo o capitão do 2º batalhão do Rio, Sebastião de Viveiros e Vasconcellos, e depois o capitão do mesmo batalhão João Manoel de Lima, [6] irmão do general.

IV

Em virtude das benevolas disposições do governo, das quaes não era licito duvidar, e tambem de vislumbres, ainda que remotos, de esperanças de salvação dos presos, os habitantes felicitavam-se ; e mais desassombrados cuidava cada um em seu meio de vida como dantes, e parecia um sonho as desordens a pouco supprimidas

Approximava-se a folgança do Natal, funcções de rua que em Pernambuco eram bem concorridas ; o *boi*, as *mulas*, os *cavallinhos*, as cantatas de Reis, são passatempos assaz recreativos para o povo.

Lembrava dar exercicio ao theatrinho, então fechado que era em uma casa terrea do lado da cadêa, com fundos para o Rio, ultima indo para o *campo da Honra* ; porém todo o embaraço que nos fazia privar de um dos mais uteis entretenimentos fundava-se na falta dos actores.

A maior parte ou quasi todos se tinham extraviado na refrega, uns por Grecia e outros por Troia, abandonando ingratamente por novo planeta a infeliz *Thalia*, que a deixaram ás escuras, pensando tristemente no pouco valor de seus cothurnos.

Do pessoal do theatro só restavam aproveitaveis tres escoimados de pecha : o jocoso Francisco, ancião, com botequim na rua do Queimado ; a mulher deste, que representava de primeira dama, moça e insigne artista em

[6] Joven esbelto e de bonita presença, sua marcha ordinaria para os exercicios nas *Cinco Pontas* era pela rua de Hortas, e na passagem havia sempre na sacada de certo sobrado dessa rua uma *pessoa* a quem o nosso commandante não faltava com a continencia. Morreu depois no sul, sendo major, nas lides de Bento Gonçalves, de uma metralha no rosto.

todos os papeis serios, e a interessante D. Joaninha *Castiga*. Provinha este appellido do duetto que ella cantava e dançava com summa graça e habilidade com o Francisco, e que principiava :

Si quizer casar comigo
Ha de ter segredo em tudo,

e findava com o

Castiga, castiga, seu preto aqui está.

Todos nomeavam o afamado *Ciry-Gordo*, a alma do espectaculo, o primeiro galan das comedias ; e na verdade que o era em todos os sentidos.

Mas este homem havia militado com Carvalho e occupava o posto de 1º sargento, dirigindo guerrilhas ; e apezar de que não fosse propriamente um chefe nem como tal procurado, achava-se occulto e receiava apparecer.

Tornava-se sensivel a falta do *Ciry-Gordo* para a abertura e começo dos divertimentos ; deu-se parte ao general governador do obstaculo principal, e este remediou o caso mandando lavrar um salvo conducto em favor do fugitivo.[7]

Para completar o numero de actores indispensaveis procurou-se na tropa quem mostrasse mais aptidão e habilidade nos ensaios. Entre os que appareceram ficou um soldado de nome Jeronymo, o qual mostrou tanta capacidade para o diante, que lá ficou no theatro : era lisboeta.

Entrou outro de nome Serafim, da artilharia, filho de Minas, trigueiro, bastantes signaes de bexigas, grosso

---

[7] Era um homem ainda de boa idade, cheio de corpo, prazenteiro, jovial. Num ensaio de um acto em que elle devia ser fuzilado, em razão da peça que ia uma noite em scena, recommendou aos soldados, que deviam executar e atirar, dizendo : *Camaradas, tenham em vista, logo na occasião de carregar as armas, não vá de mistura com a polvora algum carocinho de milho, porque eu vou morrer, mas é de mentira.*

e feiarrão ; seu officio não era de chamar nem fazer de lacaio, mas só unicamente dançar a *chula* nos intervallos, que não eram cheios com o duetto *Castiga*. Serafim executava este antigo dançado, elle só, com tanta graça, galanteio e habilidade, a não deixar nada a desejar-se, e si alguns não o preferiam ao *Castiga* é porque D. Joanninha, com os seus faceiros *apanhados*, vantajosamente arrebatava o auditorio : além do *Castiga*, executava ella ás vezes um dançado á hespanhola bem lascivo.

Devemos neste ponto consignar um facto bem notavel, apezar de alheio á nossa narração.

Discutem e disputam os homens da sciencia sobre a origem dos *acasos*. O ouro tem grande valia em cima da terra si por *acaso* foi achado e tirado da profundeza em que jazia sem valor algum ; a mudança de sorte foi operada pelo acaso : assim é o destino dos homens.

Procurou-se na tropa um homem que servisse de comico, e não acertaram com o futuro *Talma* brasileiro : o *acaso* não permittiu que puzessem os olhos em *João Caetano dos Santos*, alli tão perto e a uns 50 ou 60 passos do theatro !

João Caetano, filho de Macacú, jurou bandeira, como voluntario de tres annos, no quarto batalhão de caçadores, em 1822. Seguiu o corpo na expedição, e nessa occasião estava aquartelado no convento de S. Francisco, perto do theatrinho; era elle anspeçada da companhia do capitão *Apanha Flechas*,[8] e então contando 17 annos de edade com pouca differença.

Quem póde prever o porvir ? Quando este homem notavel, tocou por seu justo merecimento artistico ao apogeu de suas glorias, admirando a patria e a Europa, procurando ser visto onde chegava, não só pela multidão, mas pela classe instruida e de primeira ordem dos logares, pensaria que nem nelle se reparou, de uma vez, quando se diligenciava encontrar um actor

[8] Os companheiros assim chamavam ao capitão da terceira companhia por observarem que no fim de algum jantar, em que havia entornado de mais, costumava sahir firmado para o ar e com os braços em attitude igual á dos rapazes ao atiçar-se algum foguete.

ou actores para remediar faltas, e procurando-se propriamente entre um grupo onde elle se achava ?!

O que são os tempos e as mudanças operadas nas condições da humanidade!

Estes exemplos demais nos irão servir adiante para demonstrar a superfluidade em privar da vida áquelles cinco desgraçados que jaziam na cadêa. Entretanto, deixando o incidente, entremos no periodo mais deploravel da nossa narrativa.

V

Os presos foram sentenciados, como se previa, á pena ultima pela alçada militar.

Todavia a confiança no benigno general era tanta que quasi se dava como certo o perdão, confiança assaz firmada em solidos pormenores que se foram succedendo.

A demora de mezes em dar-se a execução ás sentenças muito concorria para firmar essa confiança; além disso corria como certo que Lima enviára á côrte o pedido de clemencia em favor dos réos; e até propalou-se a noticia de se haver secretamente permittido a evasão de Canéca e Emiliano, tendo-a este aproveitado e aquelle recusado fatalmente

Nesta espectativa conservavam-se os animos; as familias dos presos não cessavam com seus rogos de implorar do governo impossiveis, que sua boa alma concederia, mas não os crueis deveres de seu elevado cargo; os ecclesiasticos, irmandades de cruz alçada, pediam tambem em favor de frei Canéca.

Ainda por esses tempos as noticias de longe não chegavam como agora, por encantamento; nem vapores nem telegraphos havia: o mal e o bem, o agradavel e o desagradavel, tudo rebentava de sorpresa.

Avistou-se uma vela em largo mar; era um navio de guerra que dahi a poucas horas lançou ferros no Lameirão.

Não deu cuidado este facto, visto como desde a guerra os barcos da armada se revesavam quasi sempre,

para o sul e para o norte, e quasi sem centro e systema de operação, desordem que começava a vulgarisar-se em consequencia de já andar no Maranhão o almirante *com o craneo* as viravoltas com o presidente Bruce para pagar-se do que, dizia, lhe era o Estado devedor, e de lá transportar-se a novos ares.

Incerteza que pouco durou, porque do navio desembarcou para terra, saltando no arsenal o brigadeiro Bento Barroso Pereira, em grande uniforme e acompanhado de seus ajudantes de ordens, e dirigiu-se ao palacio.

A curiosidade do povo não tardou em divulgar sinistro presagio: que o general Lima fôra demittido, e vinha Barroso[9] para o substituir e dar execução ás sentenças proferidas contra os réos presos.

Assim se verificou infelizmente.

Comtudo a substituição não se effectuou, mas as execuções começaram, cabendo a sorte em primeiro logar ao major Agostinho Bezerra Cavalcanti, homem de côr preta, airoso mocetão, e na hora extrema sobejamente corajoso sem affectação.

Para que tanto rigor? Toda provincia achava-se no mais perfeito secego; tranquillamente os habitantes repousavam e ninguem mais se lembrava do passado; os productos da agricultura dos ferteis sertões centraes

[9] Os Limas foram sempre briosos militares e limpos de mãos em todos cargos, desde o tronco vindo de Portugal (cremos que como major de um dos corpos ou cascos de corpos enviados á colonia), sendo Francisco de Lima o mais velho da familia; tinha igual graduação com a de Barroso; quando este commandava como coronel o regimento de granadeiros, aquelle com o mesmo posto mandava o de *Bragança*, sendo ambos promovidos a brigadeiros em fins de 1823 ou principio de 24. De Barroso tambem não havia notas, todavia este é que foi preferido na primeira fornada de senadores, em 1826, por parte de Pernambuco, sendo Lima mais tarde, em 1835, escolhido por Feijó e eleito pela provincia do Rio de Janeiro. Na profusão de titulos com a maioridade em 1841, deu-se-lhe o de barão de Barra Grande, ao passo que coube a *Araujo Lima* o de visconde de Olinda; ambos foram regentes; este occupou o ministerio do primeiro Imperador, aquelle foi um heroe na pacificação do norte. Não haveria motivos de reparo e nem essa idéa seria acolhida por quem deu sempre exuberantes provas de magnanimidade, porém o nosso general recusára formalmente o titulo de barão.

affluiam á força quotidianamente e com largueza pelas tres vias dos Afogados, Boa-Vista e Recife, e reinava geral e e visivel bem-estar na população, e nem sombras appareciam de novas perturbações; o que restava das fadigas e afans dos combates, de tanta ostentação bellica, afiava-se nos cinco infelizes presos: qual a utilidade, pois? que lucrava a sociedade com a morte de homens completamente inoffensivos?

O abalo havido não teve base nem tão pouco originou-se de um plano geral de revolta com ramificações em grande escala: não passou de uma commoção de paixões entre Carvalho e Paes Barreto por despeito de privações da autoridade governamental, talvez arredadas por antecedencias pessoaes de conterraneos.

Mais risco poderiam correr, e por isso mais justificado algum rigor, os levantamentos de 1792, em Minas, e o de 1817. Naquelle prevalecia uma idéa, a da emancipação dos Estados-Unidos, ha pouco realizada, e que cumpria precaver, e José Alves Maciel de lá vinha procurando propagal-a; e em 1817 dava-se o exemplo da sublevação das colonias hespanholas, diligenciando a separação da metropole. Apezar de que o Martins e seus companheiros de 1817, ou não tinham idéas fixas no objecto a que pretendiam attingir, ou cahiam em formal contradicção.

O Mexico, o Perú e os estados platinos rebellavam-se contra a mãe-patria: e os pernambucanos, com o rei entre nós, de quem queriam separar-se?

Mais consequentes nesta parte foram M. Fernandes Thomaz, Ferreira Borges, e seus partidarios, em 1820, no Porto, levantando o grito de alarma para fazer voltar a monarchia á Europa e se eximirem da tutela de cá; e o D. João VI não teve o bom accordo de preferir este rico paiz para os ultimos dias de sua existencia.

Estes homens, a quem se ia tirar a vida, ainda poderiam prestar bons serviços á patria, como Carvalho mais tarde o mostrou no anniquilamento dos desordeiros de *Panellas* e *Jacuhipe*.

Claros exemplos deste mesmo teor deram-se depois em 1842 e 1848: quanto não mereceram, passada a

luta, os batalhadores della, e no numero destes os benemeritos que ainda vivem?

Tanto essas commoções não tiveram plano de revolta perigosa para o Estado, e foram por assim dizer desabafos de paixões momentaneamente exaltadas por parcialidade decahida, que o resultado, se ganhassem, vinha, sem contestação, a dar no mesmo.

Quem reflectir no empenho e esforços dos atacantes do Recife, em 2 de Fevereiro, para tomar a cidade, ha de cuidar que no ganho da acção estava o *busilis*, o qual se não effectuou pela catastrophe de Nunes Machado.

Porém o desfecho final viria com mais demora, a ser identico; Coelho cercava pelo centro; a esquadra no porto; dalli para o norte e para o sul ninguem se movia a favor daquelles homens envolvidos, sem o pensarem, em um incendio, ateado imprudentemente na Côrte.

Notamos estes exemplos, conhecidos agora, para deduzir a desnecessidade das execuções de que tratamos. E' bem verdade que ha a descontar os tempos e as mudanças operadas de espaço a espaço. Todavia em épocas muito mais atrazadas não se dava vulto a brigas em que não perigasse formalmente a nação, ou houvesse uma grande idéa a realizar; para castigo dos pequenos tumultos havia galés e degredos; e só empregavam severas punições, quando, por exemplo, D. João II e Luiz XI de França trataram de esmagar o feudalismo; e D. João IV em 1641, tinha necessidade de intimidar com estrondoso feito os rebeldes refractarios e a poderosa Hespanha que se oppunha ao acto da acclamação, sendo mister envolver no castigo a propria nobre casa de *Villa Real*.

Esta desordem, portanto, iniciada por Carvalho, que lhe deu o nome pomposo de *Republica do Equador*, avaliou-se devidamente na côrte, a ponto de nomear-se Ferrão como meio termo entre os dous desavindos; porém no fim das contas e no melhor da empreza uma deliberação funesta da capital fez enlutar os habitantes, não devida ao Imperante, como se dizia, que era calmo e generoso, e disso deu evidentes provas em toda sua vida, mas

a instigadores encobertos, e alguns nortistas, que desta fórma o expunham e de facto o collocaram na frente de desastres até 1831, sem que o inexperiente Principe pudesse com tempo conhecel-os. [10]

Annunciado o dia para a execução de Agostinho, partiu com elle o prestito quasi a passo dobrado.

Caminhava aquelle homem para o ultimo fim da sua existencia tão tranquillo como num passeio regular, isto é, assim parecia exteriormente : ha grande duvida em acreditar-se que o mesmo acontecia lá por dentro. Em todo caso é certo que nunca mudou o prazenteiro ar, e nas *Cinco Pontas* morreu como heroe ; seguiram depois a mesma sorte tres infelizes em um só dia : Bartholomeu, o capitão Nicolau e outro.

Nicolau, que nos combates havia dado, como se dizia, sobejas provas de intrepidez e denodo, ao descer as escadas da cadêa empallideceu horrivelmente e cahiu desmaiado, sem signal de movimento algum.

Mandou-se vir um carretão raso, e nelle estendido o padecente, joven cheio de vida, assim caminhou com seus companheiros de infortunio até o ponto fatal.

Foram fuzilados ; sendo preciso prender ao poste o desfallecido. A' primeira descarga nenhum cahiu, e da segunda só um veiu á terra.

A pressa de carregar de novo as armas, os clamores daquelles homens já feridos, instando altamente para que os matassem logo, produziu certa confusão inesperada, e pela qual desappareceu a etiqueta militar usada em taes actos. O pelotão indistinctamente approximou-se, e cada soldado, o que primeiro carregava sua espingarda, ia atirando a queima-roupa numa das victimas que lhe parecia mais necessitada de seu auxilio ! Parecia uma carnificina.

---

[10] Parece que daqui partiu a preferencia de Barroso para senador em 1826, e um quasi esquecimento de Lima, que em 1830 é que foi nomeado *general das armas* da côrte até 7 de Abril de 1831, quando prestou, por sua costumada moderação e acertos, relevantes serviços á ordem publica, e reappareceu, por justo merito nos mais elevados cargos da nação.

Appareceu um soneto attribuido a Canéca, com allusão ao desmaio do capitão Nicolau, o qual assim dizia :

Não temas, Nicolau, menor saudade
De a existencia perder na flor dos annos ;
Heroes houveram gregos e romanos
Que a vida acabaram por vontade.

Catão, tendo perdido a liberdade,
Em si crava o punhal, previne os damnos ;
E Socrates, entregue aos tyrannos,
Bebe a cicuta e vôa á eternidade.

Heroismo é virtude requintada,
Que, sendo por certos actos combatida,
Prefere á vida uma morte honrada.

Eia, pois, segue a estrada conhecida,
Por tantos patricios nossos já trilhada,
E que só ás almas fracas intimida.

Tocou a vez do nosso chorado patricio frei Joaquim Canéca.[11] Representava a edade de 50 annos ou pouco mais, corado, alvas cans, meio cheio de corpo, ar honesto e notavelmente resignado, sem mostra exterior de susto nem ostentação de coragem.

Desceu as escadas da cadêa de habito da Madre de Deus e seguiu com a tropa em alas até a capella *do Terço*, termo de duas ruas que ahi se confundem em uma só, bem espaçosa, até o largo das *Cinco Pontas*, terminando o seu lado direito no sobrado do Peixoto, em frente ao curral do *Açougue*.

No adro desta igreja do Terço e contiguo á porta principal havia-se armado de antemão um altar portatil

[11] Nome que li de um moderno escriptor : não contestamos. Cremos que ouvimos nomear nesse tempo, em Pernambuco, Miguel Joaquim Pegado Caneca.

completamente paramentado, e já alli reunidos alguns ecclesiasticos, vestidos com suas roupas de gala, á espera da comitiva.

Fez-se com a tropa um grande circulo, e se mandou afastar do logar da scena o algoz, ajudante, meirinhos, ficando o padecente, que o principal dos padres, o que presidia o acto, convidou a approximar-se do altar.

Revestiram-no com todas as alfaias proprias para celebrar; e depois de assim ataviado e de pé, e collocados dous padres cada um com seu missal nos topos do altar, teve começo a ceremonia solemne, estranha e admirada de todos os que presenciaram, successo novo, espantoso, nunca acontecido.

Aquelle padre que ficava em um dos topos abriu o livro e leu por pouco tempo; o outro respondeu lendo, parecendo uma especie de dialogo, e com este signal acenado pelo primeiro a outro sacerdote que estava junto de *Caneca*, despiu deste a casula, aspergindo-o antes.

Depois de outra leitura e egual resposta e aspersão, tirou-se a estola: desta houve oblação de incenso; em seguida com igual etiqueta, menos a oblação, o manipulo; logo o cordão; depois despiu-se a alva e da mesma fórma o amito, pondo-se remate á operação com a tirada do habito. Ficou desautorado, em camisa e calça de ganga amarella. [12]

Chegado o ceremonial a este ponto, e postos de pé os sacerdotes que liam, circularam o padecente e lhe applicaram com as mãos alguns signaes na corôa, acompanhados tambem de aspersão, e por ultimo o entregaram a um meirinho, que fizeram chegar, e que o vestiu de novo com a alva branca dos condemnados.

A paciencia e resignação da victima foi completa.

Findo o acto, marchou com ella o acompanhamento até o largo destinado, subindo *Caneca* as escadas da

---

[12] Diziam os mais entendidos na materia que aquellas formalidades chamavam-se desautoração das ordens, para poder o réo ser enforcado.

forca com desembaraço e descansando em meio della á espera de seu ultimo fim.

Não tardou a perceber-se entre o grupo que rodeava o magistrado director da execução uma especie de alteração: era o algoz que recusava exercer o seu officio; ordens, ameaças, de nada serviram para o tirar de sua obstinação. O ajudante, intimado para subir, não acceitou egualmente a intimação.

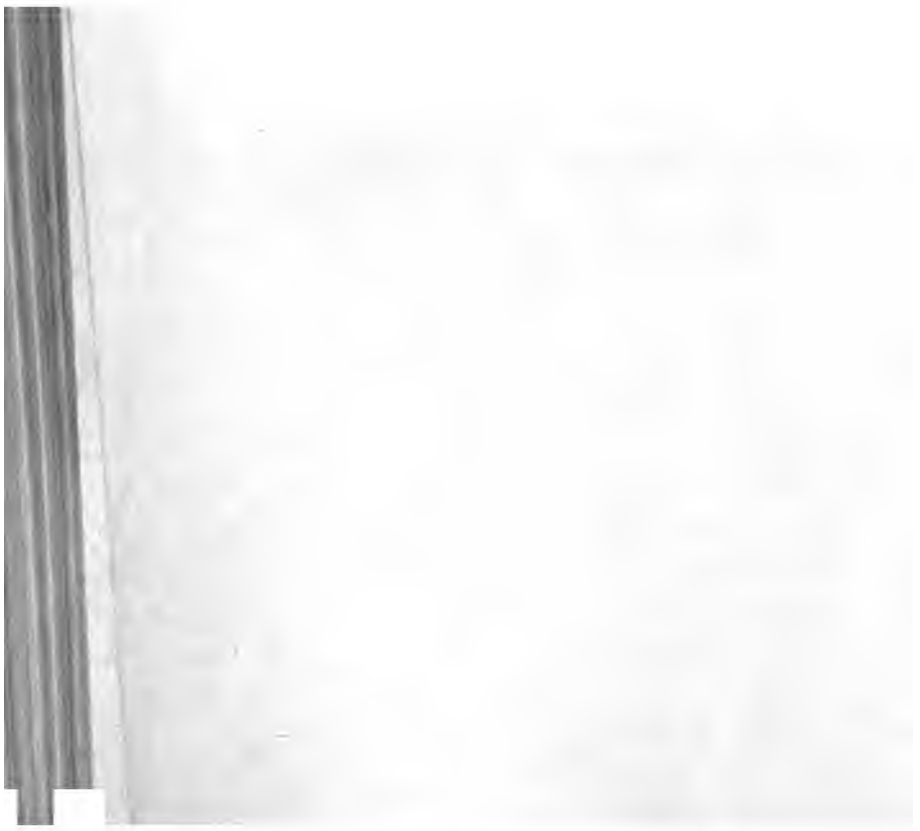
A' vista de tal difficuldade o juiz mandou-os para a cadêa e ordenou que de lá trouxessem qualquer sentenciado para servir no acto.

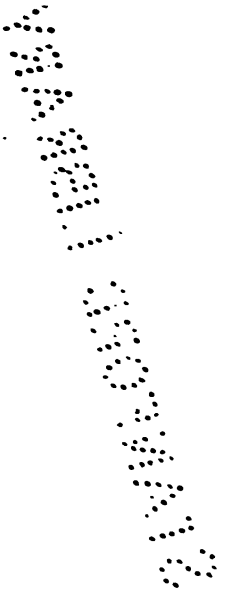
Demorou horas a vinda da resposta negativa: nenhum preso se prestou a servir de carrasco; ameaças e gratificações de nada serviram.

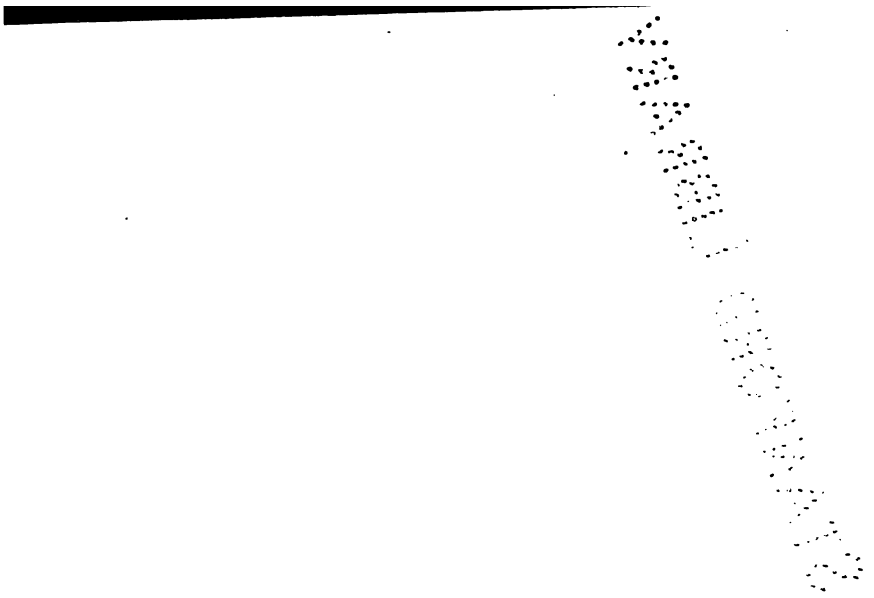
A' vista do que combinou o ouvidor do crime com o commandante da força para ser o condemnado entregue á alçada militar; desceu a escada; fincou-se o poste, avançou o piquete, e... suas ultimas palavras foram: *Meus amigos, peço que não me deixem padecer por muito tempo...* e assim aconteceu; á primeira descarga cahiu sem vida.

S. João da Barra, 10 de Fevereiro de 1878.

FERNANDO JOSÉ MARTINS.







Dr. Joaquim Manoel de Macedo

1º Secretario desde 21 de Dezembro de 1852 a 20 de Dezembro de 1856.

N. em 24 de Junho de 1820. + em 11 de Abril de 1882.

S. PAULO

MANUSCRIPTOS DO EX-REGENE FEIJÓ

Esclarecimentos

O governo, installado a 17 de Maio, na cidade de Sorocaba, pela denominada *rebellião de* 1842, teve uma imprensa em que se publicava *O Paulista*, folha de pequeno formato, redigida pelo senador Diogo Antonio Feijó. Apenas sahiram á luz quatro numeros do *jornal official*, o primeiro a 27 de Maio, o segundo a 31, o terceiro a 8 de Junho e o quarto a 16 de Junho. Nas vesperas de ser publicado o numero 5 deu-se a debandada dos revolucionarios, ao approximarem-se de Sorocaba as forças ao mando do, então, barão de Caxias, e a *typographia do governo* deixou de trabalhar.

Os materiaes para esse numero já tinham sido distribuidos aos compositores; um destes guardou os que recebeu: são os mesmos que envio á commissão do « quinquagenario do Instituto. »

São todos da lettra de Feijó, e da sua muito conhecida orthographia. O primeiro inscreve-se ARTIGOS DE OFFICIO, e corresponde ao que hoje se denomina PARTE OFFICIAL, tendo por fim tornar conhecidos os actos do governo. O segundo, A PROVINCIA DE CORITIBA, combate a aspiração que a camara de Coritiba, então pertencente á provincia de S. Paulo, manifestava de constituir-se separada desta.

O terceiro, SUSPENSÃO DE GARANTIAS, censura essa providencia tomada pelo governo imperial. O quarto, O GOVERNISTA, é uma resposta dada por Feijó ao jornal daquella denominação, que alludira ao pedido feito ao governo imperial por Feijó, relativamente a uma pensão de 600$000.

I

Artigos de officio[1]

A Coluna libertadora regresou para esta cidade por aver noticia, de que as forsas contrarias pretendião atacala sem ser apercebida ; E quando isto não acontesa, reforçada ela com nova gente de Itapetininga, Faxina, e Araraquara poderão eispurgar algumas povoasões vesinhas de alguns inimigos que as incomodão ; depois caminharão seriamente a tomar a capital.

Apenas xegarão á Campinas 150 omens ; apesar de todas as cautelas, forão apersebidos, e antes que se reunisse o numero, que se pretendia reunir, forão atacados as tres oras da tarde do dia 2.° por alguns 600, entrando neste numero mais de 400 de tropa de linha. Os nosos resistirão por mais de 1 ora, e acabado o cartuxame das pesas [2] retirarão-se, deixando a bagagem, e poucos mortos, constando ser muito grande a perda entre mortos, e feridos dos inimigos ; mas breve sofrerão as consequencias deste atentado.

---

[1] Conservou-se a orthographia dos originaes.

[2] Aqui, está no original a palavra *fugirão*, corrigida a lapis para *retirarãose*.

N. da R.

Continuão com actividade as providencias, e preparativos para uma aporfiada luta. Vãose por em pratica os ataques de guerrilhas, e emboscadas pelas estradas todas, com cujo sistema seremos invenciveis.

Apesar das dificuldades das comunicasões, receberãose das Vilas do Norte, pelas quaes é mui provavel, a esta ora, estarem em marxa sobre a Capital.

Consta que a Comarca de Coritiba pretendia aclamarse Provincia.

II

A provincia de Coritiba

A noticia de que tratavase na Comarca de Coritiba de aclamarse Provincia, parecenos ùm sonho. Tão pequena povoasão pertender carregar as despesas de uma Administração independente, onde é indispensavel uma Presidencia, uma Asemblea Provincial, uma Tesuraria, Forsas etc., onde alem das despesas tem de ser incomodada tanta gente ; e que alem diso nunca obterão respeito do Governo geral em rasão de sua pequenez ; e que ao principio tem de lutar já contra a perseguisão dele, porque o atentado é não só contra as leis, mas contra a Constituisão, com efeito parece sonho ; mas depois que lemos o *Governista* onde se aprova esta triste lembransa, e como aconselha, então não duvidamos que o mesmo Governo tenta eludir os Coritibanos por esta pueril vaidade, privandonos asim dos auxilios destes.

Comarca de Coritiba, nós vos desejamos toda a prosperidade, acautelaivos

porem de quem vos aconselha ûm crime, e do qual nenhuma vantagem vos resulta. Alerta! atendei bem para ese mimo fatal, que se vos oferece. Unidos, somos Paulistas, mas divididos seremos presa do Governo.

III

Suspensão de garantias

Com rasão se diz — que ûm abismo xama outro abismo —. O Governo provocounos; quiz conhecer té onde pode xegar o pundonor dos Paulistas; nada tem poupado para desenvolver noso valor e nosa teima, e para esmagarnos não duvidou pisar ainda uma vez a Constituisão. Esta permite a Asemblea geral suspender as garantias nos 2 unicos casos — *Rebelião*, ou *invasão de inimigo pedindo a Seguransa* do Estado. — Não estando porém reunida a Asemblea, e *correndo a patria eminente perigo, poderá o governo* etc. Tem o governo na verdade usado já algumas veses deste direito; mas delegalos ao Presidentes e fora dos casos marcados na Constituisão! é atentado inaudito! Mas tudo deve esperarse do Ministerio actual!

Estão com efeito suspensas as garantias nesta Provincia pelo Presidente Bahiano, e desde 22 de Maio té 22 deste, em que estamos, e por uma simples ordem sua, sem ao menos dignarse publicar o Decreto, que o autorise! e nem ao menos mensionar a data!!! Brasileiros, onde estamos? Ainda acreditareis que tendes Constituisão? A nosa Constituisão actual é a vontade de Vasconcelos eisecutada fielmente pelos Ministros de Estado; que vergonha! Infeliz

Imperador, que apenas podeis xorar sobre as degrasas de vosos subditos sem poder retirar da vosa presensa eses monstros, que nos devorão ! Brasileiros, libertai vosso Monarca, pondeO em estado de que nos posa governar, segundo os impulsos de seu inosente corasão e os ditames da Constituisão, aliás pereceremos todos.

IV

O Governista

A folha do Governo continua as suas mentiras.

Não se esqueceu de nós : muito teria que dizer talvez com verdade ; mas para desempenhar o conseito que dela se forma, lansou mão somente de falsidades. E entre outras que calamos notaremos unicamente o avansar descaradamente que requeremos uma pensão a S. M. I. por não podermos ir ao Senado; quando nós apenas em uma carta particular ao S. Antonio Carlos, a qual andou impresa, lhe rogamos, que obtivese da generosidade do Imperador uma pensão de 600$, porque aviamos vendido o pequeno estabelecimento que tinhamos em S. Paulo, e que antes de aprontarmos outro em S. Carlos fomos atacado de parlesia, e que por esa causa pouco progresso podia ele ter ; e mostravamos que a nasão não tinha prejuiso ; porque deixando de receber o subsidio de 3:600$, uma vez que não pudesemos acumular, ainda o Tesoiro lucrava. Esta é a verdade ; bem como que S. M. concedeunos não 600$, porem 4 contos e

sem a eisclusão, que lembravamos, e não só em atensão aos servisos prestados, e notese, que nunca alegamos servisos, como por axarmonos enfermo.

Lembramos isto não ao Redactor, mas ao publico para que saiba o como obtivemos a dita pensão, que tanto molesta alguem.

Desde 1821 servimos ao Brasil por ser noso dever e não para pedirmos paga deses poucos servisos que prestamos.

AMERICO BRASILIENSE,
Socio correspondente do Instituto.

MEMORIA

sobre a estructura geologica dos terrenos da parte austral do Brasil, e sobre as solevações que em diversas epocas modificaram o relevo do solo desta região : por M. A. Pissis.
Apresentada á Academia de Sciencias de França, na sessão de 27 de Junho de 1842. (*Memoires de l'Académie, X.* Paris. 1848, pag. 353 á 413: com 2 mappas e 8 planos).

Traduzida pelo Barão Homem de Mello

A' tres épocas differentes se devem referir as diversas solevações de que se encontram traços na parte austral do Brasil.

A mais antiga, tendo soerguido na directriz E. 38° N., a O. 38° S., as camadas de gneiss e dos talcitos phylladiformes, corresponderia ao systema do *hundsrück* ou á mais antiga solevação, assignalada por E. de Beaumont. Mas esta se distingue sobretudo da solevação observada na Europa por serem exclusivamente crystallinas as rochas aqui soerguidas: salvo si se quizesse considerar os quartzitos pseudo-fragmentarios e alguns satellites phylladiformes como rochas de sedimento, as quaes neste caso representariam a parte mais antiga do terreno de transição.

A segunda solevação ter-se-ia realizado na direcção EO.

Corresponde ao fim do terreno de transição, e é caracterisada pelo apparecimento á flor da terra de rochas amphibolicas, que se expandiram sobre este terreno á maneira de lavas, ou formando longas linhas de collinas, orientadas de E. a O. Reconhece-se esta solevação não só nas partes occupadas pelo terreno de transição, mas ainda em muitas cadêas unicamente formadas de rochas crystallinas, taes como o massiço do Corcovado na cidade do Rio de Janeiro, a serra dos Orgãos, o Itacolomi e a maior parte das cordilheiras mais elevadas

da provincia de Minas-Geraes, entre outras a que separa as aguas do S. Francisco das do Paraná.

Emfim, a terceira solevação ter-se-ia operado ao terminar o deposito terciario, cujas camadas foram por elle soerguidas. Esta solevação estendeu-se do N. 17° E. ao S. 17° O., pelo que deve ser referido ao systema dos Alpes occidentaes, vindo a collocar o terreno lacustre de Santo Amaro na mesma linha do da Limagne, com o qual apresenta assignalados caracteres de semelhança.

FORMAÇÃO GEOLOGICA DO CONTINENTE BRASILICO

(Carta da parte austral do Brasil durante o deposito do terreno siluriano, por M. A. Pissis.)

Remontando-nos agora ás epocas mais remotas dos tempos geologicos, vemos antes de tudo as rochas crystallinas da parte austral do Brasil formarem uma ilha assaz consideravel, cuja fórma era a de uma ellipse alongada, tendo o seu maior eixo na direcção de NE. a SO., e que estendia-se entre 16° e 27° de latitude austral. Ella era atravessada em todo o seu comprimento por cadêas de montanhas parallelas ao seu eixo, offerecendo um relevo analogo ao que apresenta o intervallo comprehendido entre o mar e a serra da Mantiqueira.

Já a esse tempo, através das largas fendas produzidas pela solevação dos gneiss e dos talcitos, se tinham expandido granitos de grão fino, abrindo uma passagem ora na base das montanhas, ora em sua parte austral, onde elles apparecem em possantes bétas, orientadas segundo o eixo das mais altas cadêas.

Depois da emissão destes granitos que se podem referir ás primeiras revoluções do globo, o continente, ou antes a ilha brasilica, gozou de um longo periodo de repouso, durante o qual as camadas do terreno siluriano se depuzeram nos mares occidentaes, no espaço occupado hoje pelas vastas planicies do S. Francisco e do Paraná. Alguns sêres vivos depositavam seus restos na parte superior destas camadas, caracterisadas pela presença do calcareo e de poderosos depositos de silica gelatinosa, quando uma segunda revolução veiu subitamente interromper a continuação destes phenomenos.

As camadas do terreno siluriano são solevadas em alguns pontos á uma altura de 1000 a 1100 metros do nivel do mar. As grandes deslocações, que se operam na linha EO., fazem-se sentir ainda sobre as partes emergidas das rochas crystallinas, e imprimem ás primeiras cadêas de montanhas um segundo movimento, que, não podendo mudar sua direcção, levanta as suas linhas de cumiada e lhes dá uma inclinação geral de S. para N., ao passo que, nos intervallos que os separavam, formam-se novas montanhas dirigidas de E. para O., excedendo muitas vezes em altura as cadêas formadas pela emissão dos granitos.

A esta época devemos referir os massiços mais elevados da serra do Mar, como a serra dos Orgãos, serra da Penha, e os grupos isolados do Corcovado e de Cabo-Frio, e emfim as altas cordilheiras de Minas-Geraes. Por toda a parte em que estes movimentos do solo se fazem sentir, dioritos se escapam por largas fendas e se estendem sobre as rochas estratificadas, cuja composição ou structura ellas modificam, transformando os calcareos argilliferos em calcareos compactos ou saccharoides, bem como em dioritos estratiformes, os gneiss que se acham em contacto, formando assim, no meio das planicies occupadas pelos grés do terreno siluriano, longas filas de collinas de E. a O.

O resultado destas poderosas perturbações foi um accrescentamento consideravel da area da parte emergida. O mar foi repellido muito mais para o N. e para O., e a parte austral do Brasil offereceu desde essa época uma configuração já muito semelhante á que hoje apresenta.

Com effeito o massiço central da provincia de Minas existia já, e bem assim a serra da Mantiqueira e a serra do Mar; os valles longitudinaes eram, pois, os mesmos que hoje, e as aguas, que escapavam destas altas terras, deviam, reunindo-se, conforme as mesmas leis geraes, formar rios, semelhantes em sua direcção aos que banham ainda estas regiões.

Na embocadura destes rios os detritos desaggregados das montanhas vinham formar vastos deltas, que a mais e mais conquistavam espaço sobre o mar, do qual algumas partes submergidas foram solevadas no fim do periodo terciario, e suas camadas, nas quaes se encontra ainda um grande numero de conchas analogas ás que ainda agora vivem nos mesmos logares, foram levantadas 150 a 200 metros acima do nivel do mar.

Este movimento, que se propagava de N. 17° E. a S. 17° O., parece se ter feito sentir egualmente sobre o terreno de transição que occupa o sul da provincia da Bahia, ao qual teria impulsado um duplo declive para o mar de um lado, e para o S. Francisco de outro.

O certo é que esta revolução é a ultima que deixou traços no sul do Brasil. A partir desta época só se encontram camadas de detritos sensivelmente horisontaes, e cuja superficie se acha interrompida por alguns valles de denudação. Estas camadas parecem ligar-se á época actual por bacias turfosas, em que se encontram vegetaes identicos aos da flora actual, como sejam rubiaceas approximando-se do genero cœphaélis e eriocaulon e cyperaceas.

PARÁ

MANUSCRIPTOS INEDITOS

Remettidos do Pará pelo socio correspondente

o Sr. Dr. José Joaquim da Gama e Silva

O primeiro é um officio do afamado medico Dr. Antonio Corrêa de Lacerda á camara municipal de Belem sobre a Cholera-morbus, onde assevera que ella invadiu o Pará em 1833.

O segundo é um officio do commissario hespanhol D. José de Iturriaga ao capitão-general Mello e Castro, sobre trabalhos da linha divisoria no Rio Negro.

O terceiro é uma participação do tenente-coronel commissario de limites, João Baptista Mardel, ao governador Caldas, do colloquio que teve com o commissario hespanhol sobre protellações dos commissarios portuguezes.

O quarto são cartas do conde Casa-Sipre (?), instando para que lhe concedam retirar-se á sua custa, pelo Pará, para a Europa, em vista de sua avançada edade e achaques; mesmo como prisioneiro, mesmo abandonando um sobrinho e toda sua comitiva, com excepção de um criado tão velho como elle ; obrigando-se a não olharem para nada, nem de cousa alguma darem fé ; e ainda, no caso contrario, a serem reenviados á sua custa para onde estão.

Jose hespanhol, natural de Quito, segundo o Sr. Dr. Gama e Silva era commissario da demarcação de limites.

Taes cartas são tão instantes, e revelam tão grande receio e terror de não serem attendidas, — que são a melhor demonstração do grau a que chegava o ciume e o egoismo de Portugal, e sem duvida da Hespanha, no receio de verem suas possessões conhecidas pelo extrangeiro; o que fará diminuir a estupefacção que hoje causa o aviso de 2 de Junho de 1800, mandando prohibir o transito e indagações do viajante barão de Humboldt e de qualquer outro extrangeiro ou mesmo portuguez que seja suspeito; e explica o isolamento voluntario do Paraguay de Francia e de Lopes, e a detenção perpetua do sabio Bompland, apezar mesmo dos empenhos e rogos do Brasil, unica nação cuja amizade Francia buscava. [1]

A cholera-morbus já existiu no Pará, e a cholera morbus já deixou o Pará ;— os annos de 1833 e 1834 (parte dos) foram os escolhidos por ella para representar as suas dolorosas scenas : Graças á providencia que apenas consentiu o ella apparecer entre nós com tanta benignidade que a sua existencia e estragos mal foram suspeitados e menos temidos pelo povo. Continúo a estar persuadido, como sempre, que ella não é contagiosa. Os governos que melhor cuidarem dos seus interesses serão aquelles, que, procurando salubrisar as povoações, e illudir o terror publico, poserem menos estorvos as communicações commerciaes e se occuparem com particularidade dos meios com que os pobres devem ser soccorridos no tempo da sua invasão : o governo francez, Pariz, a immortal Pariz, offereceu a este respeito um modelo difficil

[1] Conserva-se a orthographia dos manuscriptos.

N. da R.

a imitar, e ainda mais difficil a exceder. A constituição cholerica só pela naturesa pode ser emendada; a mão do homem apenas a pode adoçar. Trabalhos tenho entre mãos a este respeito: logo que elles estejam concluidos, o que meus affaseres não permittirão em pouco tempo, eu dirigirei ao governo central um extracto das minhas opiniões sobre tal objecto.

E' o que se me offerece responder ao officio que V. S. me dirigiu em data de 4 do corrente, com a copia nelle mencionada. D.ª G.ª a V. S.ª Cid.ª de Belem do Grão Pará 8 de Agosto de 1834.

Illm. Sr. Manoel Sebastião de Mello Mor.ª Falcão, Presidente da Camara Municipal.—*Antonio Correa de Lacerda.*

Ex.mo S.or

Mui S.or mio. La carta de V. E. de 16 de llenero del año corriente que recivo de manos del Teniente coronel Dn. Gabriel de Sousa Filgueyras, me enpeña al mayor reconocimiento, asi por la finesa de sus expresiones, como por las manos que la conduzen. Son de mucho aprecio las ofertas de la generosidad de V. Ex., y mui conformes a la estrecha alianza, a la correspondencia, y a la firme amistad que reina felismente entre nuestros Augustos Soberanos, y quisiera, que mis facultades fueran mas dilatadas para servir a V. E. com mas proporcion.

La grande distancia de las minas de Coyuabá y Mato Groso en cuyo Govierno se alla el Sr. Dn. Antonio Rolim de Moura, nombrado por S. M. F. plenipotenciario para las conferencias de

Rio Negro, retardara este paso, que debe preceder a la grande obra de la Linea Divisoria : pero la buena disposicion de sus executores y las providencias de V. Ex.ª haran resarcir este retardo y ganar tiempo en las operaciones. Aunque V. E. tendrá mui presentes los puntos precisos de víveres, embarcaciones acomodadas para sus respectivos destinos, Indios bogas e caudales, espero que no llebará a mal, que se los recuerde, siendo todo dirigido al cumplimiento de la voluntad de nuestros Amos, y que me concederá los avisos correspondientes á cada una de estas importancias, en inteligencia de que su falta no diferirá mi viage al logar de las conferencias, mediendo el tiempo que señala V. E. a la venida del Sr. D. Antonio Rolim de Moura.

Los buenos modos, y buen stilo del Teniente-coronel Dn. Gabriel de Sousa Filgueyra, me dejam apasionado á su persona y con deseo de sus adelantamientos. Yo se los pido a V. E., y le suplico, quiera conceder a mi obediencia el gustoso exercicio de sus preceptos.

Dios gu.ª a V. E. m.ª ans. Cabruta 1.º de Junio de 1760.

Exm.º Sr.

B. L. M. de V. Ex.ª su m.ºr servidor.

D. José de Iturriaga.

Exm.º Sr. D. Manoel Bernardo de Melo e Castro.

Illmo e Exmo Sn.^r

Na participação inclusa verá V. Ex.ª a Converça que comigo teve o Hespanhol na manham do dia 20 do Corrente, e della deduzirá V. Ex.ª o que bem lhe parecer, podendo eu assegurar a V. Ex.ª que por agora não ha mais novidade senão a de poucos dias antes, me dar parte de que pretendia mudar a sua ferraria para a sua Ribeira, se eu não achava inconveniente: ao que lhe disse que a sua Ferraria, e tudo o que S. S. quizece, pois eu lho não podia embaraçar.

A respeito da falla inclusa desejo que V. Ex.ª me illustre para saber o que devo obrar que seja mais acertado.

Elle estace preparando para fazer huma illuminação, e pertende dar Ceia, ou pucaro de agoa, creio que em dia de S. Francisco, dizendo-me que elle recebéra a noticia de V. Ex.ª com o Officio de participação das Serenissimas Nupcias e me pedio que em concurço com elle fizece os demostrativos applauzos, em cuja occasião pertendo com uma illuminação tambem dar um pouco doce.

D.ª G.^de a V. Ex.ª

Ega 23 de Setembro de 1785.

Illm.^o Exmo Sr. João Pereira Caldas.

João Bap.^ta Mardel.

Illm.^mo Exmo Snr.

No dia 20 do corrente veio ao meu Quartel o Commissario Hespanhol, e depois de larga conversa em que politicamente o entertive, tendo percebido

que elle vinha com tenção de me fallar em alguma cousa ; saltando toda a materia em que se fallava, principiou desta forma : « Snõr. F., V. M.ce sabe que estamos aqui embaraçados de continuar o curço da Demarcação pela proposta que o Exm.º Sr. João Pereira Caldas me fez, quando em 84, no meu Quartel, junto com V. M.ce me fallou, a que felismente dei a mesma resposta que da minha Côrte me instruião em cartas que S. Ex.ª me remeteu depois de partir e que eu conheço forão expreçamente retardadas ; nellas por Lisboa, e despois por Quito me vierão resoluçoens de approvado o que athe alli tinha feito, e poderes com instrucçoens do que para o futuro devêra faser, com um Plano de Direcçoens, de que já fiz participante a S. Ex.ª por diferentes vezes, e a que o mesmo Snõr me não tem dado resposta ; e como vejo que histo he querer por em dilação o complemento do Tratado, querendo-seme faser carga das dificuldades e embaraços quando por parte dos Snrs. Portugueses he que os ha ; sou obrigado a requerer a V. Mce uma conferencia ou permitir-me que lhe dirija alguns Officios sobre este ponto, para que a minha Côrte se persuada de que pela minha parte não é o embaraço, e que eu faço todos os esforços para que se continue esta Diligencia, nestes termos elleja V. M.ce o dia em que deverá ser a Conferencia na qual pertendo primeiro que tudo que V. M.ce debaixo de palavra de honra digão que farão bom tudo o que eu propuzer, pois são pontos que ainda tenho occultos e que quero saber se V. M.ce tem como eu poder para os ultimar, para que não fiquem sujeitos a anullar S. Ex.ª o Snr. General Commissario Portuguez, tudo como por differentes veses tem feito a Instrumentos que se lavrarão

entre mim e seo antecessor de V. M.ce cujos Instrumentos suppostos annullados por parte de Portugal estão approvados pela Côrte de Madrid, mas que havendo de se continuar taes anullaçoens não se póde continuar a Demarcação pelo que fica susceptivel de haverem embaraços a cada instante, em que se dependa da approvação ou reprovação do Snr. General Commissario de Sua Mag.de Fidelissima, a que eu não quero nem devo estar sujeito, assim como V. M.ce não deve estar sujeito as decisões do Snr. Vice Rey de Lima.
Respondi :

Dirija-me V. S.a os officios que quizer que eu responderei a elles, mas emquanto a Conferencia sobre pontos de Demarcação, como isso ficou suspenso pela duvida que houve de parte de V. S.a até decisão das Cortes eu não farei nem huma, e quando a fizece, a qualquer proposta de V. S.a responderei isto mesmo. » Instou : « Quando eu não soubece que V. M.ce a qualqer Officio só me dá respostas paleativas com pretexto de molestia em quanto lhe vem as decisões de Barcellos (que vergonha para mim !), as quaes se retardão tres e quatro mezes taes forão os ultimos que lhe dirigi, eu pretendiria uma resposta Cathegorica sobre a entrega do que não ha duvida, que é o terreno da Bocca do Javari, onde se Collocou o Marco até a Bocca mais occidental do Iapurá onde se collocou o outro, e fiquemos embora esperando as Resoluçoens das Cortes a respeito do mais, que provavelmente não será como os senhores Portugueses intentão.

Esta é a que quero pedir em Conferencia, e não em Officios porque este não tem vigor do que se assenta em huma assembléa authorisada. »

Vendo pois que me apertava os cordeis tanto e que não accedia aquella resposta que lhe tinha dado, disse: « Snr. Dn. Francisco, eu não estou authorisado de ultimar coisa alguma da Demarcação, e nestes termos não vou a Conferencia dessa natureza. » Instou:— « Quero pois saber com quem heide conferenciar: com S. Ex.ª não, porque não me compete como me disse; V. M.ce não está authorisado; neste embaraço estaremos toda a vida, quando a minha Corte entende que da parte de Portugal vem Commissarios com eguaes poderes aos meos. » — Concluí: — Digame V. S.ª isso mesmo em Officio, e responderei. »

Recolheuce por fim depois de desafogar quanto poude, esperançandome que me escrevesce, mas como ainda não vieram não quiz retardar esta participação, a qual se V. Ex.ª lhe parecer digna de resposta que me possa illustrar, estimarei que venha com brevidade, pois que esta conversa foi já em um tom um pouco decisivo.

D.ª G.de a V. Ex.

Ega em 23 de Setembro de 1785.

Illm.º Exm.º Snr. João Pereira Caldas.

João Baptista Mardel.

Illm.º Senor Don Manoel de Gama Lobo de Almada

Ega 23 de Junio de 1791

Mui Sr. mio de mi mayor respecto. Em 11 de Junio de este mez, di quenta al Sr Governador Comandante General

y Comisario principal de este partido de S. M. C. mi Soberano, de los motivos que me trajeron a esta Vila de Ega de S. M. F., que no dudo los pasaria a su segundo comisario que aqui reside. Con este motivo pasé tambien a suplicarle a dicho Sr. Comisario me permitiese pasar al Gran Pará, pero haviendome respondido, que solo al primer Comisario y Governador del Rio Negro que reside em Barselos correspondia esa faculdad. Al mismo dia me tomé la licensia de escrivir a V. S. Ilm.ª implorando su favor para que diese ordenes p.ª mi transporte, pero como despues he padesido dos ataques p.r la naturalesa del Clima de esta Vila que no me acomoda, y el temor de que se retardase la deliberacion de V. S. Ilm.ª p.r las naturales dificuldades de la navegacion del Rio, repeti mis instancias a este Segundo Comisario que constan en la copia adjunta que incluio a V. S. Ilm.ª para q.e me dejasi pasar a ofreserle mis respectos en Barselos, a boluntad, disposition de V. S. Ilm.ª y del S.r Capitan General, pero habiendose denegado á tantos allanamientos que he echo, buelvo a rogar a V. S. Ilm.ª se apiade de mi, por un efecto de su propria generosidad, por el amor a la humanidad y Hospitalidad, y por las entrañas de Maria Santisima para sacarme a la mayor brevidad del eminente riesgo que corre mi cansada edad y poca salud, la qne deseo y pido a Dios en V. S. Ilm.ª p.r m.ª a.ª de colmadas satisfaciones.

Ilm.e Snr.

B. L. M. de V. S. Ilm.ª su mas rendido e seguro servidor.

el Conde de Casa Sifer.

Sr. Comisario Dn. Juan Enrrique Wilchens Duplicado — copia de la que le escrevi a este Sr. 2.° Comisario de Limites en esta Villa de Rga.

Mui S.r mio. V. S. sabe q. tengo escrito al Primer Comisario el Illm. Snr. Dn. Man.el Gama Lobo Governador de la Capitania del Rio Negro, rogandole me permita pasar al Gran Pará, no solo por la piedad devida a un viejo caballero q. vino asta este Pais en la buena fee de q. seria bien resevido y hospedado de la Ill.e Nacion Portugesa, sino como a un Español aliado y amigo de ella, sino tambien como a un Individuo honrado, cuias intenciones son el bien e may.r union de las dos coronas, con veneficio a una y otra, a cuio fin desea comunicar sus ideas al Exm.° Snr. Capitan General del Pará para q. bajo su aprobacion pueda pasar a Lisboa, a los P. de la Reyna Fidelisima a hacerle sus proposiciones importantes a las dos coronas, condicionalm.te p.° quando sea apreciadas p.r mi Soberano el Rey Catolico, que no dudo cederá asi p.r el mismo amor y aliansas q. tiene contraedas con S. M. F., como p.r q. dichas proposiciones mismo concluen por evidencia al mutuo bien de sus Dominios y Vasalos.

He tenido el honor de que V. S. me ha visto e save q. a demás de una edad abansada y cercado de males havituales, espero mui poco de vida y duracion. La respuesta del Illm.r Snr. Gama puede tardar por diferentes causas naturales a la insierta Navegacion y dificultades de este Rio, y si a esta retardacion se aña de lo poco q. espero vivir, quedaran sepultados com mi vida mis buenos deseos de haser mas hutil la Aliansa a anbos Soberanos y tanbien moriran

comigo las esperansas e intereses de una dilatada familia q. dejo en Quito, de donde soy Natural.

En consideracion a estas extraordinarias causas q. deven interesar la Piedad de V. S., la del Illm.° Sr. Gama, y aun la de toda una Nacion tan Noble y Generosa como la Portugesa, he pensado en el advite de rogar a V. S. tome sobre si la deliberacion de enbiarme enbarcado en qualquiera Buque de la Nacion, a mis expensas e costes, con un sobrino e tres criados, para q. se nos consigne al Exmo Snr. Capitan General, ó al Illm.° Snr. Gama, al mismo modo que se fueramos Prisioneros de Guerra, ó perjudiciales al Estado de Su M. F., sugetandome, a q. si no hallasen buenas mis rasones y nesesidad de pasar a Europa a ponerme a los P. de S. M. F., me bolverian a poner tanbien á mi costa y expensas en la Frontera de estes Dominios de S. M. F., donde pasaré los cortos dias de mi triste vida con humildad y resignacion a la boluntad de Dios, q. me ha traido a estas partes p.r um errado consepto de q. no havia positivas ordenes y disposiciones para dar con las Puertas a la Cara a un Caballero basallo de S. M. Catolica, que tiene sobre su Corason Real a todos los de S. M. F.

Sirvase V. S. de hacer um maduro examen sobre esta mi respectuosa representacion, p.a deliberar con la brevidad q. pide mi extrema nesesidad, p.a q. yo tome mis medidas ; Entretanto q. pido a Dios por la inportante salud y bida de V. S., q Dios gu.e m.s a.s

Ega 23 de Junio de 1791.

(Rubrica do Conde)

Mui Sr. mio.

Parecerá a la discrecion de V. S., q. es exesiva la condicion en que me sugeto en esta carta p.ª lograr mi transporte a Europa, y algunos de mi Nacion condemarán mi conducta en entregarme a los Ministros de S. M. F. como un Prisionero, pero estos no considerarán q. si no tomo este Partido me dejarè morir miserablem.te en estos Montes, porq. me faltan fuersas para emprehender el trabajoso camino de Tierra q. traje de Quito, ademas de eso V. S. me hiso el honor de comunicarme q. los Ministros de estos Paises tenian expresa prohibicion de su Augusta y Alta Soberana p.ª q. no dejen pasar individuo alguno a menos q. no trajesen expresa Orden ó Pasaporte de S. M. F. — Si espero esta Providencia para mis ulteriores solicitudes, temo no me llegue en vida, o a lo menos q. quede interamente perdida mi salud, pestas Montanas en q. se carese de toda rasonable subsistencia; Perdoneme V. S. le haga presente q. la bordem de S. M. F. debe hablar de personas sospechosas q. como espias e Exploradores pueden traer e traigan algun perjuicio a sus Estados ahora, ó en los tiempos venideros, pues me parece q. no se deben entender con un Caballero Viejo q. no respira otra cosa q. el amor a su Soberano, e p.r consiguiente al de su Augusta Aliada y Parienta, conquien está en la mais perfecta Armonia. V. S. debe estar asegurado por las circunstancias de mi persona q. soy incapaz de exercitar el ruin y peligroso empleo de Espionage, y para q. mas se asegure de que estoy distantisimo de ello y q. mi consiencia es sana y limpia, repito a V. S. que me constituio desde aqui al

Gran Pará, Prisionero condusido a mi costa, en cuio caso aun q. yo fuese un Argos, y llevase malas intensiones, no podrian perjudicar a los intereses de la Nacion mis informes, p.r q. seria hablar sin tino, el q. ade ir acantonado en un Camarote.

No obstante de la condicion que llebo propuesta, de condusirme como un Prisionero, añadiré en esta Posdata otra no menos Cruel, esto es, q. si V. S. desconfia de la compañia q. me hará mi sobrino y tres criados, como q. ellos como mas Mosos, podrian haser algunas obserbasiones, de q. son incapases, tanbien dejaré a mi sobrino y dos criados por q. como mas Mosos tienen fuersas p.a volverse por tierra y seguirme por la via de Guaiaquil, Panamá ó Cartagena, y Yo seguiré mi viage si V. S. me lo permite con un solo criado tan viejo como Yo, a ponerme a las ordenes del Exm.o Snr. Capitan General: Estos son unos állaniamientos q. si no me aseptan, y q. Yo perdiese mi vida, Creo que lo sentiria en lo mas vivo de Su Corason la Piadosisima y Soberana Reyna Fidelisima, y asi espero una pronta y categorica respuesta de V. S. para tomar mis medidas ofresiendome a V. S. con el mas sincero afecto su mui rendido servidor.

El Conde de Casa Sipre.

Tem-se penetrado no extenso e pittoresco valle do rio Parahyba, formado do lado de léste pelas ramificações interiores da *serra do Mar*, e do lado de oeste pela alterosa serrania da *Mantiqueira*.

Ao chegar ao kilometro 203.600, na estação de Campo-Bello, avista-se nessa serrania uma gigantesca massa de montanhas, cujo cimo elevado apparece fechando o horisonte pelo lado de noroeste.

A estação do Itatiaia, no kilometro 211, é o ponto mais commodo para delle fazer-se a ascensão ao *Itatiaia*.

Tendo partido do Rio de Janeiro no dia 27 de Junho de 1876, fui, na fazenda do Itatiaia, reunir-me aos companheiros, que a convite meu acceitaram fazer essa excursão áquella elevada serrania, que avistavamos do trem da estrada de ferro, sem nunca termos tido occasião de visital-a.

Ao chegar eu á fazenda do Itatiaia, ahi encontrei reunidos já os meus companheiros de excursão para subirmos ao pincaro do Itatiaia.

Eram estes os meus amigos Dr. Luiz Dias Novaes, fazendeiro em S. José dos Barreiros, o tenente-coronel José Rodrigues de Toledo e Silva, advogado em Rezende, e o Dr. Antonio Fernandes da Rocha Leão, proprietario da fazenda do Itatiaia, á margem do Parahyba. Ahi pernoitámos.

Os terrenos em que estão as altas serranias do Itatiaia pertenciam então ao commendador Francisco Ramos de Paula, fazendeiro no municipio do Bananal, o qual mandára ordem aos seus empregados para podermos livremente percorrer os logares, que nos propunhamos visitar. A *Casa da Invernada*, no alto da montanha, foi graciosamente posta á nossa disposição.

O Dr. Rocha Leão fez-nos o obsequio de incumbir-se de tudo quanto era necessario para a nossa viagem e estada no Itatiaia.

No dia 28 de Junho, montados todos em excellentes animaes, traquejados em subir serras, partímos da fazenda do Itatiaia, pelas seis horas da manhã.

O thermometro de Fahrenheit marcava á sombra 64. O excellente aneroide, que levavamos, de Negretti e Zambra, observado a essa hora, indicou 0m,738.

No hypsometro de Casella, a columna de mercurio, sob a acção da agua fervendo, attingiu a 211.

A's dez horas atravessámos o ribeirão do Itatiaia, cujas aguas são de uma limpidez crystallina, permittindo ver distinctamente os objectos collocados em seu alvissimo leito de arêas. Chegámos logo a fazenda da Cachoeira, então pertencente ao referido commendador Francisco Ramos de Paula.

Esta fazenda fica na raiz da serra.

O thermometro de Fahrenheit marcava então 56 1/2°. O barometro marcou 0m,694, e o hypsometro de Casella 208°.

Da estação do Itatiaia á este ponto vão 10 kilometros.

Começámos logo a subir a serra, e as duas e meia da tarde chegámos a um pittoresco valle, chamado *Coixos*, onde existe uma extensa plantação de macieiras, que ahi dão excellentemente.

No logar em que avistámos a ultima palmeira na subida da serra, até este ponto, o barometro marcou 0m,652, e nos *Coixos*, ás duas e meia da tarde, 0m,624.

A's quatro horas chegámos ao alto da serra, e, havendo atravessado o pequeno ribeiro da *Passagem*, apeiámo-nos na *Casa da Invernada*, com bellissimo tempo.

Pouco depois chegou o lote de animaes carregados, que nos trazia provisões de boca, leitos, e tudo quanto era necessario para uma commoda estada alli.

A' tarde desse dia passámos visitando os logares mais proximos, contemplando do morro do Rolador, a O. da casa, o immenso panorama, que ahi se descortina.

Desse ponto observa-se distinctamente, na face norte, a parte abrupta dos altos cabeços *Pedra do Couto*, *Pyramides* e *Cabeço de Pedra*, que irrompem da

gigantesca massa de montanhas, e apresentam as fórmas as mais originaes e fantasticas.

Casa da Invernada.

Pyramides. Cabeço de Pedra.

O pincaro das Agulhas Negras fica mais ao N. e não é avistado da *Casa da Invernada*.

O resultado das observações no resto do dia foi o seguinte :

No alto da serra, quatro horas da tarde, barometro $0^m,599\ ^1/_2$; thermometro ao ar livre 65°.

Casa da Invernada, cinco horas, barometro, $0^m,599\ ^1/_2$; hypsometro $195\ ^4/_5{}^o$; thermometro 53.

A's oito horas da noite o barometro marcava ahi $0^m,499\ ^1/_4$.

Pela manhã do dia 28, tendo diante de mim aquelle immenso horisonte e as serranias que ia visitar esse dia, minha alma abriu-se a essas emoções suaves e tranquillas, que nos desperta sempre a contemplação das grandes obras da natureza.

Em todos os tempos, desde a mais remota antiguidade, as montanhas tém fallado ao sentimento e á imaginação dos povos, como si nessas structuras maravilhosas houvesse a natureza encerrado os recessos mysteriosos do pensamento humano. Ahi, em seus antros profundos, os oraculos antigos transmittiam aos mortaes os vaticinios que decidiam dos destinos dos povos.

E depois que sobre a terra raiou a luz do christianismo, foi lá, no cimo dos altos montes, que a fé dos crentes elevou os monumentos de suas concepções imperecedouras.

Fundamenta Domini in montibus sanctis [2]

O hospicio do grande S. Bernardo, situado 2474 metros acima do nivel do mar, é ao mesmo tempo um monumento da fé e uma affirmação das energias do espirito humano, triumphando das forças rebeldes da natureza.

Pena é que no alto do *Itatiaia*, com um clima tão ameno, como si houveramos subido as mais puras regiões da atmosphera, a mão do homem civilisado não se tenha ainda apoderado dos elementos que a natureza ahi depoz ao seu serviço.

Com o espirito entregue a essas cogitações, sahimos a percorrer os pontos accessiveis do *Itatiaia*, guiados pelo nosso companheiro tenente-coronel José Rodrigues de Toledo e Silva, genro do proprietario da fazenda, o qual, tendo ahi estado muitas vezes, tinha a grande vantagem

---

[2] Psalmos.

de conhecel-o perfeitamente. Delle podia dizer-se que era um verdadeiro *Tapejyára, senhor do caminho.*

Nos lagrimaes de agua parada encontrámos delgadas laminas de gelo, de tres millimetros de espessura, e em um corrego mais adiante, em uma bacia formada por uma pequena cascata, laminas maiores, perfeitamente geladas, de um centimetro e mais de espessura. Nesta cascata, que parecia uma graciosa miniatura destinada a ornamento de um jardim paizagista, observámos o phenomeno que nos annunciára o nosso companheiro, de estar gelada a parte exterior da columna d'agua, vendo-se esta deslisar-se por dentro, como si corresse na parede interior de vidro vasado em fórma de cascata.

Entretanto a temperatura da agua corrente no corrego da Passagem era de 41° Fahrenheit.

Havendo contornado o *Cabeço de Pedra*, pela sua face L. e N., entrámos em um espaço fechado de todos os lados por penedos enormes, que accentuam a physionomia desta região como uma paizagem typica, ou quasi a paizagem ignota de um outro planeta.

Dir-se-ia, ao penetrar neste mysterioso rincão de pedras, que temos diante de nós os logares fantasticos habitados outrora por sêres sobrenaturaes, ou pelos Titans da edade antiga, aqui soterrados debaixo dos destroços de um mundo em ruinas!

A denudação pluviatil, a acção lenta do gelo e a destruição meteorica, despedaçaram a superficie deste torrão; e sob o sudario de neve, que envolve estes cimos altaneiros, sente-se toda a omnipotente energia das leis latentes da natureza, que tão maravilhosamente esculpiram o relevo deste solo.

Encaminhámo-nos para a depressão que existe entre o *Cabeço de Pedra* e as *Pyramides*: deste ponto avista-se ao sul a *casa da invernada*.

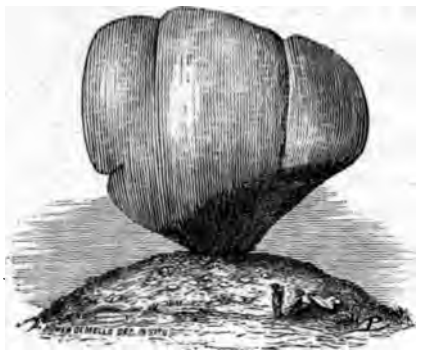
O barometro marcou neste ponto 0m,584, e o thermometro 50°.

Retrocedendo dahi, detivemo-nos em admirar os effeitos da desaggregação da rocha em alguns penhascos, e as admiraveis posições de equilibrio com que estes se sostinham, parecendo ter de desabar a todo momento.

Este percurso é feito todo a pé.

Subindo por entre pedras, e segurando-me nos arbustos mais resistentes, fui então, eu só, visitar a curiosa gruta, que ahi se abre sob as grandes penhascos que formam as *Pyramides*.

Esta gruta só dá accesso pelo lado do norte, por onde entrei. Rasga-se em uma cruz perfeita, sendo sua principal galeria de norte para sul de tres metros de largo, abrindo-se mais, nesta ultima direcção, a galeria léste-oeste, que com ella cruza, é muito mais estreita e não dá sahida nas extremidades.



Pelos vãos do rochedo vem do alto luz, que torna o interior da gruta bastante claro.

No ponto de cruzamento das duas galerias ha uma lage a nivel que torna commoda a estada ahi. Neste ponto marcou o barometro $0^{m},576\ ^{1}/_{5}$.

Estamos como em um templo da naturesa, no qual só se avista pedra e céo.

Sahindo da gruta, reuni-me aos companheiros, e dirigimo-nos á *Pedra do Couto*, cuja face sul é um enorme despenhadeiro, cahindo o penhasco a prumo para o *Grotão do Couto*, em cujo fundo corre o ribeirão da Lapa.

Voltando sobre parte do caminho andado, chegámos á beira de uma muito insignificante lagoa; e, tomando para oeste, contornámos um morro que ahi fica e viemos sahir no *caminho do Silverio*.

Este pequeno trecho fizemos a cavallo.

Dirigimo-nos então, eu e o tenente-coronel José Rodrigues, para uma pequena lagoa, que é uma das nascentes do ribeirão do Itatiaia.

Apeámo-nos, e seguindo ao sul desta, lançámo-nos a subir a montanha para galgar o pincaro do Itatiaia.

Esta ascensão é aqui difficilima. Depois de vencer muitos obstaculos, no que só me alentou a coragem de tão esforçado companheiro, ganhámos o ponto, de onde se avista todo o immenso valle do Rio Preto, para nordeste. Com mais 30 metros de subida, estariamos no pincaro mesmo do Itatiaia.

Mas estavamos longe da casa, e eram ainda maiores as difficuldades a vencer dahi em diante.

Nesse ponto paramos á contemplar o horisonte sem fim, que dahi se descortina.

Dir-se-ia que estavamos como em um ponto aereo, suspensos sobre o globo terrestre.

A cavalleiro da linha de fastigio da contra-escarpa septentrional da *serra do Mar*, avistam-se dalli perfeitamente os *Campos da Bocaina*, que eu havia visitado quatro annos antes. Neste quasi fantastico passeio aereo sobre uma região tão extensa, fomos efficazmente auxiliados pelo excellente oculo de alcance que levavamos.

A rocha das montanhas do Itatiaia é o granito, em que predominam feldspatho, mica e amphibolo, além de um mineral amarello, não determinado, talvez granada.

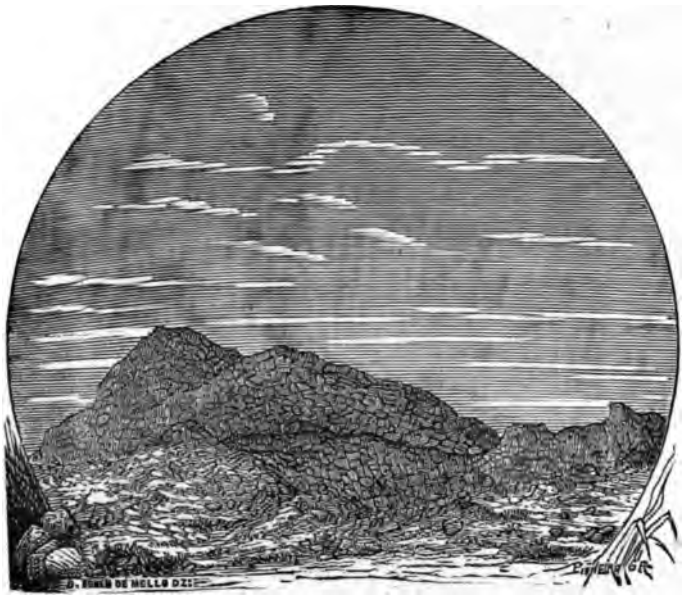
Delle existem boas amostras no museu nacional do Rio de Janeiro.

Alli na encosta norte do pincaro das *Agulhas Negras* marcou o barometro $0^m,562$, e o thermometro 46, ás quatro horas da tarde.

Nesse alto colhi uma cactacea alpestre, de pequenas dimensões, que resistiu bem ao clima da cidade do Rio, para onde a trouxe.

A altitude do pincaro do Itatiaia foi definitivamente medida pelo engenheiro brasileiro *Dr. José Franklin Massena.*

O illustrado astronomo montou o seu observatorio na *Casa da Invernada*, no dia 13 de Julho de 1867, e ahi permaneceu até ao dia 17, procedendo á observações scientificas.



Pincaro do Itatiaia.

A altura do pincaro das *Agulhas Negras* sobre a planicie proxima foi obtida por medida geodesica.

Franklin Massena chegou á este resultado:

Pincaro das *Agulhas Negras,* altitude 2994^{m}.

Casa da Invernada (retiro do Capitão Ramos), altitude 2181^{m}.

Coixos, 1888^{m}.

As operações a que procedeu, os methodos scientificos que empregou, todos os elementos de seus calculos, vém circumstanciadamente expostos na preciosa obra que escreveu, *Quadros da naturesa tropical ou ascensão scientifica ao Itatiaia, ponto culminante do Brasil:* Rio de Janeiro, 1867.

A's sete horas da noite estavamos de volta na *Casa da Invernada*, marcando ahi o barometro $0^{m},593\ ^{2}/_{4}$

O mappa aqui junto dá rigorosamente as caminhadas que, no referido dia 29, fizemos no Itatiaia.

No dia 30 cedo dispuzemo-nos para descer a montanha.

A's seis horas da manhã o thermometro ao ar livre marcou $42\ ^{1}/_{2}°$, e o barometro $0^{m},592$. A's seis e um quarto começámos a descida.

Parámos no ponto em que encontrámos na matta as primeiras palmeiras : marcou ahi o barometro $0^{m},650$.

Penetrámos então na parte mais densa da matta, e pelas anfractuosidades impenetraveis da montanha viamos as aguas, que cahiam em cascata, trazendo em si desfeita a neve do Itatiaia.

De longa distancia ouviam o ruido de suas aguas, lastimadas e como queixosas das quebras que sentiam em a desegualdade dos penedos. Deixaram, por estas, suas aguas as musas do Parnaso em caso que tiveram noticias dellas. Dir-se-ia que aqui estava comnosco o padre Simão de Vasconcellos, exprimindo nestas eloquentes palavras o que tambem sentiamos, penetrando por estes interiores.

A's onze e meia chegámos á *Fazenda da Cachoeira*, na raiz da serra : o barometro marcou ahi $0^{m},694$ e o thermometro ao ar livre 61.

A's duas horas da tarde apeámo-nos na fasenda do Itatiaia do Dr. Rocha Leão : o barometro marcou $0^{m},724\ ^{1}/_{2}$, e o thermometro 66.

Estava finda a excursão.

No dia seguinte, feitas as nossas reciprocas despedidas, separámo-nos.

Typo-lithographia

A ascensão ao Itatiaia tem sido feita, entre outras, pelas seguintes pessoas :

Engenheiro brasileiro Dr. José Franklin Massena em Julho de 1867. Além das altitudes que mediu, deu-nos a coordenada geographica desse ponto culminante de nosso systema orographico :

Long. 1° 37' 2", 85 O. Imp. Obs Castello ;
Lat. S. 22° 29' 49", 79 ;

S. A. o principe conde d'Eu, acompanhado do Dr. Glaziou, Marcos Ferrez e E. Witig, em 1868 ;

Dr. Antonio Verissimo de Mattos, Janeiro 1876;

Dr. Joaquim Nabuco, ministro russo Axel de Bereads, secretario da legação franceza Ternaux Compans e addido á mesma, Navene, em Abril 1876 ;

Conselheiro Homem de Mello, Dr. Antonio Fernandes da Rocha Leão, Dr. Luiz Dias Novaes e tenente-coronel José Rodrigues de Toledo e Silva, em Junho de 1876 ;

Dr. André Rebouças e a turma de seus alumnos na escola polytechnica do Rio de Janeiro, em Janeiro de 1887. Seguindo da cidade de Rezende á fazenda da Esperança, subiram a serra da Pedra Sellada e dalli chegaram ás *Agulhas Negras*. Deste ponto foram á *Casa da Invernada*, e dahi desceram a Campo Bello pela mesma estrada que eu havia seguido em 1876. No mesmo anno de 1878 publicou o eminente professor o resultado de sua importante excursão, sob o titulo *Ao Itatiaia*.

« O Itatiaia, diz o distincto excursionista, não é sómente um monte Righi, ou um monte Washington, isto é, um pico elevadissimo com infinitos panoramas : é uma região inteira a povoar, um cantão suisso situado nos limites da provincia do Rio, a algumas horas da capital do Imperio, por uma commoda via-ferrea. »

Os terrenos desta vasta propriedade pertencem hoje ao distincto industrial e agricultor, commendador Ireneu Evangelista de Souza, que de certo empregará toda a energia de seus intelligentes esforços em

aproveitar os variados recursos desta zona privilegiada, estabelecendo nella uma população laboriosa e dada á industria.

Da estação do Itatiaia ao alto da serra deste nome a distancia é pequena: daquelle ponto á fazenda da Cachoeira, na raiz da serra, dez kilometros; dahi á *Casa da Invernada*, no alto, dezeseis kilometros.

E saxo aqua salubris é a significação do vocabulo tupy — *Itatiaia* (Martius e general Couto de Magalhães). *E' alli*, diz o abalisado mestre Dr. André Rebouças, *o esplendido assento de uma cidade modelo, de uma* HYGIENOPOLIS, *como em 1877 propoz o Dr. Richardson, de Londres.*

ASCENSÃO AOS PICOS DO ITACOLOMY E DA ITABIRA DO CAMPO

No dia 6 de Agosto de 1882 sahi da cidade do Rio para fazer a ascensão dos picos do Itacolomy e da Itabira do Campo, visitando as regiões intermedias, em estudo geographico

A estrada de ferro de D. Pedro II só chegava então até Carandahy, no kil. 419.390: altitude 1056m.

Acompanhado do Dr. Alfredo Lisboa, engenheiro da construcção, e de meu sobrinho o Dr. Francisco Homem de Mello, segui no dia 7 pela linha ferrea, ahi traçada no terreno elevado, de onde correm as aguas a léste para o rio Doce, e a oeste para o Carandahy e Paráopeba.

No kil. 421.250 transpõe-se o rio Carandahy sobre uma alta ponte de cantaria de 60m: 4 arcos, dous de cada lado, de 9m, e o vão central aberto, de 20m.

Na distancia de tres kilometros entra a linha no valle do rio Piranga, já aguas do rio Doce. E' este logar notavel por suas grandes formações calcareas. Ahi admirei um grande penhasco de marmore branco, denudado pelas chuvas.

Ao lado recolhi bellas amostras de spatho de Islandia.

No kil. 427.750 transpõe-se o contraforte do *Alto das Taipas*, deixando-se definitivamente as aguas do rio Doce (Piranga) e entrando-se no valle do Carandahy.

Dahi a cinco kilometros transpõe-se a *Garganta das Paineiras*, e tem-se entrado no valle do rio Paráopeba.

As linhas de contorno das duas tão distinctas bacias do Rio Doce e Rio das Velhas juxtapõem-se aqui admiravelmente, penetrando-se reciprocamente em curvas caprichosas, que os accidentes naturaes do terreno mal deixam perceber.

As quatro horas da tarde atravessámos o bairro dos Pinheiros, e entrámos na cidade de Queluz, onde fui obsequiosamente recebido pelo engenheiro em chefe da construcção Dr. José Ewbank da Camara.

Deste ponto voltou o Dr. Homem de Mello para o Rio.

A cidade de Queluz está graciosamente situada no *sellado* de um alto morro, em cuja fralda occidental passa a linha ferrea. A estação respectiva fica no kilometro 462.280: altitude 932^{m}, 44.

A egreja matriz, edificada no centro de uma vasta praça, tem de elevação sobre este ponto 55^{m}, 56.

A's seis e meia da tarde marcou aqui o thermometro centigrado 3° $^{1}/_{2}$.

No dia 9, pelas cinco horas da manhã, segui conjunctamente com o Dr. Ewbank pela estrada real de Queluz a Ouro-Preto, com destino a esta capital.

Sahindo da praça da Matriz, subimos o morro de Santo-Antonio, em cujo alto está a egreja desta invocação, 20 metros acima da praça, e entrámos na *Chapada*.

No fim de 10 kilometros, chegámos ao *sitio da Varginha*, tão tristemente celebre na historia da *Inconfidencia* pela barbara sentença da alçada do Rio de Janeiro de 18 de Abril de 1792. Ahi se mostra ainda a *mesa de Tiradentes*, a mesma junto á qual se deram as criminosas praticas, a que se refere a sentença.

Dahi a 9 kilometros fica a freguezia de Santo Antonio de *Ouro-Branco*, onde chegámos ás nove horas: a egreja matriz tem no frontal, no sopé da cruz, a inscripção 1779.

A léste, na orientação de sul para norte, ergue-se a *serra de Ouro-Branco*, cuja alta escarpa imprime aqui um caracter severo á paizagem.

A antiga estrada para Ouro-Preto, pela qual passei em 1852, era lançada mais ao norte, em uma atrevida diagonal sobre a escarpa da montanha. Ainda se vêm della alguns pannos de muralha, já arruinados.

A directriz da estrada actual passa mais ao sul, pela *fazenda do Pé do Morro*, a 4 kilometros da povoação.

A casa da fazenda é uma amostra caracteristica do typo das antigas construcções particulares: fortes paredes de pedra, pesado madeiramento, tecto baixo, janellas quasi quadradas. Em uma pedra de granito do chafariz está a inscripção 17 † 56, perfeitamente gravada.

Esta fazenda pertenceu primeiramente ao padre Simão, que fez a casa de morada actual; passou depois a F. Trindade, e é hoje propriedade do Sr. Cesario.

Não longe daqui avista-se a fazenda em que nasceu o marquez do Bomfim.

As aguas desta região correm ainda para o valle do rio Paráopeba.

Pouco adiante da *fazenda do Pé do Morro*, começámos a subir a *serra do Ouro-Branco*, atravessando aguas que vão contornando pelo lado do sul as altas *serras do Itatiaia* (não é o Itatiaia da Mantiqueira a que antes nos referimos) e do *Itacolomy*, e pertencem á bacia do Rio Doce.

Daqui em diante o solo apresenta um aspecto extremamente dilacerado, e tornam-se notaveis as grandes rochas de estratificação concordante em angulo de 45° para O.

Descemos dahi a um fundo valle regado pelo rio das Lavrinhas (aguas do rio Doce) e começámos a subir a alta *serra de Itatiaia*: a mesma estratificação concordante da serra do Ouro-Branco.

E' lindissima a chapada da Serra, expressivamente caracterisada pela denominação local, que aqui tem, de *campo da Alegria.*

Daqui desce-se até a *ponte do Falcão* sobre o ribeirão deste nome.

Deste ponto seguimos até ao alto da serra, ou antes *Serrinha da Saramenha*, já proxima de Ouro-Preto.

Em uma aberta através da matta, em meio da descida, avista-se, para léste, o mais bello perfil da montanha do Itacolomy, olhada de O. para L., avulta ao sul a maior massa da montanha, inclinando-se suavemente para norte, destacando-se na extremidade a grande pedra do Itacolomy.

A's cinco horas da tarde chegámos á cidade de *Ouro-Preto.*

O itinerario até aqui é o seguinte:

	Kil.
Queluz	0
Sitio da Varginha.	10
Ouro Branco	19
Fazenda do Pé do Morro.	23
Alto da Serra do Ouro Branco. . . .	26
Valles de permeio, até.	32
Alto da serra de Itatiaia	36
Campo da Alegria até ao Falcão . . .	49
Saramenha	53
Raiz da serra da Saramenha.	57
Cidade de Ouro-Preto	63

A cidade de Ouro-Preto é uma das mais pittorescas do Brasil.

O aspecto de seus edificios publicos e particulares, a originalidade de seus templos, destacando-se no dorso ennegrecido da montanha como em uma immensa tela, chamam logo a attenção do viajante por suas massas pesadas e por seu typo antigo.

Além do palacio do governo, que tem o aspecto de uma fortaleza, e da Cadêa, que é nesse genero o maior edificio do Brasil, tornam-se notaveis suas egrejas por seu caracter monumental.

Entre estas sobressaem: a egreja do Carmo, por sua opulenta ornamentação em pedra *steatite* na fachada e por sua elevação; a egreja do Rosario em fórma de ellipse, como a egreja de S. Pedro no Rio, e a de Marianna; a egreja das Mercês de Ouro-Preto. Acima de todas talvez está a egreja de S. Francisco de Assis, de amplas proporções e da mais original architectura: tem duas magnificas torres redondas, ostentando-se na fachada e no interior a mais opulenta ornamentação em pedra *steatite*: os dous pulpitos, bem como os capiteis do arco-cruzeiro, são todos deste material.

Em edificios historicos mostram-se em Ouro-Preto: a *casa dos contos*, em que morreu o poeta Claudio Manoel da Costa, ahi preso; a *casa dos ouvidores*, onde morou Gonzaga, hoje repartição da policia; a casa que foi da *Marilia de Dirceu*, hoje pertencente ao barão de Ouro-Branco: a casa de Claudio M. da Costa, onde se mostra ainda o *balcão historico*, logar, de reunião dos conjurados da *Inconfidencia*: o local da casa de *Tiradentes*, na rua deste nome, e a casa em que morou o estadista Vasconcellos.

Funcciona em Ouro-Preto a escola de minas, dirigida pelo eminente geologo, commendador H. Gorceix, com laboratorio bem montado de chimica-mineral e boa bibliotheca.

Ha ainda uma escola de pharmacia, um lyceu de estudos secundarios e uma bibliotheca publica, com oito mil volumes.

Ouro-Preto está hoje ligado á côrte pela estrada de ferro de D. Pedro II, kilometros 543.

No dia 11 pelas dez horas da manhã, formando uma pequena caravana, seguimos a visitar a montanha do

Itacolomy. Fomos companheiros nessa agradavel excursão : o Dr Manoel de Magalhães Gomes, Revm. conego Honorio Benedicto Ottoni, engenheiro Jorge João Manders, habilissimo desenhista, e o autor destas linhas.

A montanha é francamente accessivel até ao alto, onde chegámos a uma hora da tarde.

Passa-se successivamente pelas Lages, Alto da Cruz, encosta oriental do Morro do Cruzeiro, descendo-se até o *ribeirão do Carmo*, que ahi se transpõe para a margem direita.

Começa aqui a subida da serra ; deixa-se á esquerda a chacara do Dr. Mello Franco, e chega-se a um *sellado*, de onde se descortina já uma bella vista.

Continuando-se a subir, entra-se em uma chapada em que mais se alarga o horisonte. Subindo-se ainda, attinge-se a uma aberta ou rincão, em cujo extremo meridional está a montanha ou massiço do *Itacolomy*. Do

Pico do Itacolomy.
(*De S. para N.*)

sopé desta ao alto, onde se chega bem a cavallo, a elevação é de 160 metros.

Nesse alto parámos, ao sul do grande penhasco, contemplando com admiração o immenso horisonte, que dalli se descortina.

O Sr. Manders tirou desse ponto differentes vistas, das quaes aqui damos a que representa a propria pedra do Itacolomy.

Deste ponto vê-se distinctamente a nordeste a cidade de Marianna, ao norte a serra do Caraça, a noroeste a cidade de Ouro-Preto com suas altas torres. A nornoroeste, dominando o horisonte por esse lado, avista-se o pico gigantesco da Itabira do Campo.

Segundo as observações do eminente professor, director da escola de minas, commendador H. Gorceix, a elevação do Itacolomy é a seguinte :

Altitude da sala de physica da escola de minas de Ouro-Preto (soalho) .	1133m
Elevação do pico do Itacolomy acima da escola de minas	619m
	1752m

Só no proprio logar se póde com justeza apreciar o facies geologico, tão admiravel, deste alto cimo.

O Itacolomy representa uma enorme rocha estratificada em angulo de 15° para oeste, e assim as mais rochas *in situ* nesta montanha.

A massa geral dessas rochas é de quartzito schistoso, em grande parte hydro-micaceo, denominado pelo barão de Eschwege *itacolomito*.

Sob a autoridade deste geologo prevaleceu por longo tempo a opinião, reproduzida em todas as obras de mineralogia, que attribue a esta rocha propriedade flexivel.

Este erro scientifico subsistiu até que o eminente professor Orville A. Derby, observando um grande córte geologico desta rocha, em differentes estados, na estrada de ferro do Rio Verde, verificou que a presumida flexibilidade do *itacolomito* não é sinão um

principio de alteração da rocha pela perda de um de seus elementos integrantes.

O resultado de tão importante verificação scientifica está publicado no *American journal of science*, sob o titulo *On the flexibility of itacolomite.*

No dia 12 segui para a cidade de Marianna, onde visitei o paço episcopal, o seminario em que estudei de 1847 a 1852, a Sé, e as egrejas de S. Pedro e do Rosario. Depois, em companhia de meu illustre amigo o Dr. Theophilo Ottoni, presidente da provincia, que me honrára com um convite para esse fim, fomos visitar os trabalhos de mineração da grande lavra ingleza do morro do Maquinê, logo em seguimento ao morro de Sant'Anna.

No dia 13 voltámos todos a Ouro-Preto.

ASCENSÃO AO PICO DA ITABIRA DO CAMPO

No dia 14 de Agosto sahimos de Ouro-Preto, eu e o Dr. Ewbank, elle para ir ver as obras do prolongamento da estrada desde Itabira até Queluz, e eu com destino ao pico da *Itabira do Campo.*

Ao sahir da cidade, no fim da rua das *Cabeças*, fui visitar o meu amigo Dr. Bernardo Guimarães, o grande poeta e romancista, que então habitava um grande sobrado em um alto nesse lado da cidade. Foram-me apresentados por elle todos os seus filhos e sua respeitavel Snr.ª, tão solicita no tratamento de seu idolatrado esposo; já então valetudinario, mas trabalhando sempre, dotando a litteratura brasileira com os primores de seu talento privilegiado.

Passámos o Jardim Botanico e começámos a subir a *serra de Ouro Preto*, que se transpõe no logar denominado *Pedras de Amolar.* Tem-se aqui entrado no valle do Rio das Velhas.

Seis kilometros adiante encontra-se um chafariz de pedra, no qual está gravada a seguinte inscripção :

Esta fonte e este cam.º
mandou faser
o Ill.mo Ex.mo S.r
D Rodrigo Iose de Menezes
G.or e Cap.am Gen.al
d'esta Cap.nia de M.as G.es
em 1782.

Em *Henriques*, na raiz da serra, bifurca-se a estrada para Sabará e para Cachoeira do Campo.

Tendo atravessado *Tabões* e o rio deste nome, chegámos á *Cachoeira do Campo*, um dos pontos que me propunha visitar.

Cachoeira do Campo é um logar justamente celebrado por seu clima secco e saluberrimo, e tornou-se notavel por ter sido a residencia de verão dos antigos governadores de Minas e por uma coudelaria que ahi manteve o Imperador D. Pedro I.

Fica á margem direita do ribeirão *Maracujá*, affluente do rio Itabira. Na egreja matriz nota-se rica obra de talha.

O antigo palacio dos governadores, simples casarão de que subsiste parte em ruinas, era fóra, á margem esquerda do rio, ahi transposto em uma solida ponte de pedra de tres arcos plenos. Na verga da janella, á esquerda, ha a seguinte inscripção :

Viva Iose [1730] *D Roiz Asor...*

Logo abaixo da ponte o rio Maracujá precipita-se fortemente encachoeirado pela extensão de um kilometro.

Faz a mais agradavel impressão, na Cachoeira, ver os grandes cafeeiros que ahi se desenvolvem perfeitamente ao lado dos marmeleiros, que por sua vez dão excellentemente.

Da Cachoeira seguimos para Itabira do Campo, onde chegámos ás cinco horas da tarde.

O perfil da estrada percorrido até este ponto é o seguinte:

	Kilom.		Altitude
Ouro-Preto	0.000	Valle do Rio Doce	1145 m
Pedras de Amolar (alto da serra)	6.600	Valle do Rio Doce	1320
Henriques	16.000	Valle do Rio das Velhas	1100
Rio Tabões	20.000	Valle do Rio das Velhas	1020
Cachoeira do Campo .	26.400	Valle do Rio das Velhas	1037
Tejucos	33.000	Valle do Rio das Velhas	896
Itabira do Campo (estação)	45.000	Valle do Rio das Velhas	847

No dia 15 de Agosto, pela manhã, sahi conjunctamente com o Dr. Frederico Smith de Vasconcellos, engenheiro da construcção, para ir visitar o pico da Itabira do Campo, que fica 10 kilometros a noroeste da freguezia deste nome.

Atravessámos a vau o rio Itabira, que tem neste ponto a largura de 40 metros. Subimos o morro do Tombador, em cuja encosta está a freguezia da Itabira, 30 metros acima do nivel do rio.

Não póde ser mais agradavel a excursão pela espaçosa estrada real, calçada em varios pontos, que segue daqui em direcção á Piedade da Paráopeba.

Vencem-se differentes contrafortes da encosta sul da grande montanha; e ao cabo de 10 kilometros de subida, suavisada por algumas secções de nivel em pittorescos *sellados*, tem-se repentinamente á vista a face sul do pico.

Nesta orientação, a rocha, emergindo do solo, nos apparece, como fendida no centro, simulando a enorme boca de um monstro, aberta para cima.

Ahi bifurca-se a estrada. A de oeste, que é a principal, vae ter á Piedade da Paráopeba. O caminho de léste, mais estreito, conduz ao norte do Pico.

Tomámos por este, e subimos, pelo lado de leste, até a linha de immersão da collossal pyramide no alto cimo da montanha.

Desde a base desta, toda a formação é de ferro oligisto, cujos fragmentos alastram aqui o solo, descobrindo-se em alguns pontos da superficie a ganga, que predomina nestes terrenos.

O pico, gigantesca massa de ferro oligisto, apresenta um dos mais energicos focos de attracção magnetica que a sciencia possa registrar.

Assim, a destruição meteorica da collossal pyramide está-se operando com muito maior energia do que a denudação pluviatil, que alias é alli visivel.

Os raios e coriscos tém despedaçado as altas arestas do penhasco, arrojando os seus fragmentos lacerados a cem e mais metros de distancia.

Dous dos maiores fragmentos o Dr. Smith de Vasconcellos, que aqui está comigo, cubou, um em 10, outro em 15 toneladas!

A altitude deste pico é de 1520 metros.

Daqui avistámos perfeitamente a léste a serra do Caraça, a sudeste a serra de Ouro-Preto; e além desta, muito mais alta, fechando ahi o horisonte, a serra do Itacolomy, distinguindo-se, ainda, a oeste desta a serra de Itatiaia. Mais para oeste sobresahe a serra do Ouro Branco, cuja escarpa vae morrer suavemente na superficie uniforme do chapadão.

Na orientação da alta serra do Itacolomy alveja ao longe a freguezia da Cachoeira do Campo; e além, no extremo sudoeste, apparece a serra de S. José de El-Rei.

Do sopé do pico descemos cerca de 30 metros para a esplanada, que fica ao norte da mesma, e de onde o sabio conselheiro Martius tirou em 1817 a fidelissima vista da montanha, que vem na sua *Flora Brasiliense*.

Desse ponto tirei a vista, aqui junta, da mesma face da montanha.

Vê-se que a ponta do rochedo naquella época era mais acuminada.

E' pouco variada a flora local. Como vegetação predominante encontrámos ahi duas bellas especies de

cactus, a canella de ema, o páo-candêa e a bengala. Orchideas ha em abundancia, sendo destas a principal uma que dá bellissimos racimos de flores de um amarello aureo : suas raizes adherem na pedra nua, resistindo á mais ardente exposição de sol.

Ao norte do pico estendem-se em fundos valles frondosas mattas de um verde-negro carregado, avistando-se no fim a fazenda á que vae ter o caminho pelo qual seguimos, a leste do pico.

Pico da Itabira do Campo.
(*De N. para S.*)

Na estrada real, por onde viemos, a 2 kilometros do pico, encontra-se uma abundante fonte de purissima agua potavel. Precioso recurso, nem de proposito alli collocado pela natureza, em vantagem dos que fazem esta excursão, das mais interessantes que se possam emprehender.

Presentemente a estrada de ferro de D. Pedro II funcciona já até a Estação da Itabira do Campo, kil. 522 do Rio.

Os terrenos lateraes da estrada são auriferos. Ao lado direito vêm-se os vestigios da antiga lavra da *Cata*

Branca, outrora explorada por uma companhia ingleza; e ao lado esquerdo as excavações das lavras da *Cata do Corrego Secco*, trabalhada por uma companhia allemã.

De volta da excursão, ás duas horas da tarde, descansámos em casa do Revm. vigario da freguezia, padre Francisco Xavier de Souza, filho deste logar.

Este sacerdote, tendo aliás recebido uma instrucção limitada, torna-se notavel pela sua perfeita intuição em assumptos de mechanica. Já fez elle proprio tres relogios de egreja, que funccionam perfeitamente, um relogio de algibeira, um piano e um realejo. Fez por si mesmo os instrumentos com que trabalha, e é tão perito em suas obras, que é elle quem aqui concerta os instrumentos de precisão dos engenheiros da linha.

Terminada tão agradavelmente a interessante excursão ao pico da Itabira, segui no dia 16 a percorrer os trabalhos em construcção da linha ferrea desde este ponto até Queluz.

Nesta parte da visita prestaram-me todos os esclarecimentos e obsequios os distinctos engenheiros Drs. João Pereira Ferraz, Frederico Smith de Vasconcellos, Alberto de Andrade Pinto, Simão Gustavo Tamm e Miran Latif. A todos aqui apresento meus agradecimentos.

Esta secção tem a extensão de 60 kilometros.

Partindo de Queluz, kil. 462, a linha atravessa os rios Bananeiras (duas vezes), Ventura Luiz, e Soledade (tres vezes), todos tributarios do rio Maranhão.

No kilometro 497 transpõe o valle do Paráopeba para o do Rio das Velhas, com a cota de 1132^{m}.

E' aqui o tunnel do Ouro Branco, de 255^{m} de extensão, aberto em grande parte em rocha calcarea, aquem do qual 500 metros fica o entroncamento do ramal de Ouro-Preto. Segue dahi margeando o rio *Lagoa do Neto*, por elle atravessado tres vezes, e vae terminar na Itabira.

Do tunnel do Ouro Branco desviei-me para oeste, seguindo até Congonhas do Campo, logar tão notavel, que me deixára funda impressão quando pela primeira vez ahi passei em 1852.

São lindissimos os campos nesta travessia; e a estrada, aqui levada pelo *sellado* dos morros, permitte ao viajante observar o aspecto regional de uma vasta extensão.

A léste avulta a grande massa da serra do Ouro Branco. Ao norte ergue-se a *serra do Pires*, assim chamada por ter o seu planalto a fórma concava de um pires. Esta serra separa o valle do rio Paráopeba das aguas do Itabira, e em seu prolongamento norte faz systema com as serras da Itabira e da Moeda.

Já de longe avistam-se as alvas e elegantes torres da egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, produzindo na paizagem o mais bello effeito.

O rio Maranhão (este é o nome local e não rio de Congonhas, como apparece em livros de geographia) divide Congonhas do Campo em duas partes: a egreja matriz fica á margem direita, e defronte, á margem esquerda, na encosta de um alto morro, ergue-se a egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, cerca de 140 metros acima do nivel do rio.

Junto ao povoado conflue pela margem direita no rio Maranhão o rio de Santo Antonio, que vem da serra da Boa Morte.

O rio Maranhão é formado pelos rios Soledade e Gagé, formado este ultimo por sua vez pelos rios Ventura Luiz e Bananeiras.

Depois de receber o rio Santo Antonio, o rio Maranhão toma a direcção de oeste, e vae dahi a dez kilometros confluir no rio Paráopeba; sete kilometros abaixo este recebe pela margem esquerda o rio Camapuam, e assim engrossado em suas aguas vae dahi a 4 kilometros formar o *Funil do Paráopeba*, em que o rio passa apertado em um estreito canal.

A egreja do Senhor de Mattosinhos é em toda a sua extensão rodeada de um espaçoso adro, calçado de lages polidas, com uma elegante escadaria de cantaria na frente, na qual estão collocadas as estatuas, em

tamanho natural, dos quatro evangelistas e dos profetas, feitas de steatite ou pedra-sabão.

Um artista nacional, conhecido pelo appellido de *Aleijadinho*, fez em 1817 e 1818 estas estatuas, bem como a imagem de Christo e dos doze apostolos, que formam o passo da cêa no torreão do fundo do sanctuario, em frente á egreja.

O sabio viajante Aug. de Saint-Hilaire, testemunha coeva, dá sobre isto esclarecimentos precisos em sua preciosa obra *Voyage dans le district des diamants*. Paris, 1833, 1º, pag. 205.

A tradição, que encontrei sobre o Aleijadinho, é que elle falleceu em 1854 na Cachoeira do Campo.

A egreja matriz de Congonhas do Campo foi fundada em 1706.

A cruz do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos foi erecta em 1717 pelo irmão Feliciano da Exaltação, e a construcção do templo actual, no alto do sanctuario, começou em 1720.

Ao lado da egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos ha um espaçoso sobrado, occupado por um seminario. Foi este fundado em 1830 pelo *padre Leandro* Rabello e Castro. A obra da portaria foi feita em 1844.

Serve presentemente de reitor o Rvm. padre Camillo de Lellis Ferreira Velloso.

Este zeloso sacerdote tem continuado as obras do sanctuario, havendo em 1878 terminado nelle mais um torreão, em que está o passo do *Encontro* e da *Crucificação*.

Todos estes monumentos da fé christã dizem bem no seio das magnificencias naturaes, que dalli se admiram.

Pertencentes á egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, ha nos arredores uma abundante pedreira de *steatite*, com tres variedades, esverdeada, amarellada e azul.

A léste avulta o elevado massiço da Serra do Ouro-Branco, a qual parecendo fenecer na *serra do Deus-te-Livre*, liga-se adiante á serra do Pires e á serra mais alta

da Boa-Morte, que alguns chamam impropriamente serra de Congonhas.

Prolongando-se para oeste, a serra da Boa-Morte vae atravessar perpendicularmente o rio Paráopeba, formando ahi o Funil do Paráopeba.

No dia 18 voltei a Queluz.

Em meu regresso ao Rio aproveitei a occasião para visitar a parte dos Campos Geraes, que vae dahi até Carandahy.

Para este fim tomei, no dia 19, a estrada real tantas vezes transitada pelos sabios viajantes Spix, Martius, barão de Eschewege, Aug. de Saint Hilaire, Mawe, Burton e tantos outros.

Atravessando o bairro de Pinheiros, entra-se logo na zona dos campos.

O terreno, pittorescamente ondulado, vae subindo gradualmente até o alto conhecido por *Bandeirinha de Cima*, a 12 kilometros de Queluz.

Dahi se avista a léste a serra de Itatiaia, a serra do Ouro-Branco e seu prolongamento até o morro do *Deos-te-Livre*, tunnel do Ouro-Branco—S. Julião, serra do Pires, pico da Itabira, serra da Boa-Morte e serra da Moeda.

Dahi a 9 kilometros atravessa-se o rio Paráopeba, e com mais 4 kilometros chega-se ao *sitio da Rocinha*, notavel na historia da *Inconfidencia*.

Logo adiante está o *Alto das Taipas*, ponto dominante nesta região. Dahi se avista a serra do Ouro-Branco, pico da Itabira, serra da Moeda, e a O. a serra de Camapuam.

Com mais um kilometro chega-se a uma eminencia, de onde se descortina a S S O. a alta serra de S. José de El-Rei e a do Lenheiro, e a S E. a serra da Mantiqueira.

Passei pouco adiante pela fazenda das Taipas, e, depois de atravessar o rio Carandahy, cheguei á estação deste nome.

O itinerario de hoje foi o seguinte:

	Kilom.
Queluz	0
Bandeirinha de Cima	12
Rio Paráopeba	21
Sitio da Rocinha	25
Felippe	27
Alto das Taipas.	28
Rio Carandahy.	38
Estação de Carandahy.	39

Aqui findou esta excursão, na qual percorri 315 kilometros a cavallo e 420 em estrada de ferro.

II

Campos da Bocaina. Bacias do Parahyba e do Tieté: divisor das aguas.

Em 1872, em companhia de meu amigo o Dr Luiz Dias Novaes, visitei os *Campos da Bocaina*.

Subimos pela serra de S. José dos Barreiros, em terras do commendador Luiz Ferreira de Souza Leal.

Aravessámos terrenos de basta vegetação florestal e transpuzemos a linha de cumiada nas cabeceiras do rio *Mambucaba*. Neste ponto corre este sobre aspero lagedo, e ainda com o sol mais ardente suas aguas puras e crystallinas são sempre frescas.

Começa-se logo a descer sensivelmente até chegar ao vasto chapadão, pelo qual se estendem os *Campos da Bocaina*.

A altitude do *divortium aquarum* é de 1.800 metros e o da chapada de 1.600.

E' uma região deliciosa, regada de aguas abundantes e puras, abrindo-se em um vasto horisonte, de paizagens pittorescamente accidentadas.

Terras ferteis, grande extensão de campos naturaes, entremeada de mattas, ribeirões caudaes, clima ameno e saluberrimo, temperatura sempre moderada, tornam esta zona a mais apropriada para a industria pastoril e agricola.

Adiante, para o lado do oeste, fica o *morro do Chapéo*, altitude de 1.800 metros, medida pelo Dr. Glaziou; e, á pouca distancia, as nascentes do rio *Parahyba*.

Os humildes lacrimaes de agua, que aqui vemos nascer do solo a pouco mais de dez kilometros do litoral maritimo, só vão entrar no oceano após um percurso de mais de mil kilometros!

BACIAS DO PARAHYBA E DO TIETÉ

No intuito de conhecer a região, pouco estudada, que constitue o *divortium aquarum* da bacia do rio Parahyba da do rio Tieté, fiz em 1873, o percurso de Jacarehy a S. Paulo, passando pela villa de Santa Isabel, e dalli voltando a Jacarehy por Mogy das Cruzes.

De Jacarehy atravessa-se, por excellente ponte sobre pilares de cantaria, o rio Parahyba, e seguindo por uma boa estrada de rodagem, sempre em terrenos montuosos, chega-se á villa de Santa Isabel, a 30 kilometros daquella cidade. Os municipios de Santa Isabel, e seus limitrophes do Patrocinio e Nazareth tém excellentes terras de cultura, sendo a sua principal lavoura o café, depois a canna e cereaes em abundancia, que expede para S. Paulo. Santa Isabel fabrica annualmente cerca de 20.000 barris de aguardente: no municipio de Nazareth a maior cultura é a do milho.

A villa de Santa Isabel é atravessada pelo ribeirão de Araraquára, o qual, seguindo seu curso para NE, vae entrar no rio Parati-y, affluente do rio Jaguary, importante tributario do Parahyba: o rio Jaguary dá boa navegação para lanchões até 40 kilometros acima de sua barra.

De Santa Isabel, tomando-se a estrada de S. Paulo, vae-se subindo gradualmente Araraquára, acima, até *Pedro da Pedra*, a 13 kilometros daquella villa. Este é o ponto divisor das aguas das duas bacias. Contravertente do ribeirão de Araraquára, nasce aqui, um pouco mais para oeste, o rio *Bacurúbú*, que conflue no Tieté, pela margem direita, pouco acima da *Conceição dos Guarulhos*.

Do divisor das aguas ao Arujá são 3 kilometros.

Dahi a 20 kilometros atravessa-se o rio Tieté; em seguida o corrego de Itaquéra, nas fraldas da povoação de S. Miguel. Deste ponto a S. Paulo, 30 kilometros. Os terrenos da bacia do Tieté são menos accidentados do que os do valle do Parahyba, e são geralmente abertos em campos naturaes.

Sem observação attenta, o viajante, ao deixar as aguas do *Araraquára*, não se apercebe que tem neste logar passado da bacia do Parahyba para a do Tieté. Não ha aqui nenhum serrote, nenhum accidente physico, que assignale aquella separação.

De S. Paulo segui para Mogy das Cruzes.

Aqui a physionomia do terreno muda inteiramente. Ao Norte da cidade, avulta o escarpado *serrote de Itapety*, em cuja fralda corre o rio Tieté. Na contra-escarpa, para o lado do norte, as aguas correm já para o Parahyba. Neste ponto, unicamente, o divisor das aguas é nitidamente assignalado.

Logo adiante da cidade, nas cabeceiras do *Guararema*, affluente do Parahyba, passa-se o divisor das aguas, seguindo-se sempre por uma extensa planicie. No ponto em que esta termina, e começa-se a descer: tem-se deixado o valle do Tieté e está-se na bacia do Parahyba.

III

Morro de Arassoyaba. Fabrica de Ipanema. Rio Sorocaba. Salto de Votorantim.

A 21 kilometros da cidade de Sorocaba, pela linha ferrea, fica a montanha do *Arassoyaba*, em cuja fralda oriental está collocada a *fabrica de ferro* de S. João de Ipanema.

O perfil longitudinal da serra é de norte para sul, erguendo-se suavemente em meia laranja, mais elevada da parte do sul.

Morro de Arassoyaba.
(*De L para O.*)

Sua altitude é de 888m, e a differença de nivel sobre a planicie proxima de 300m.

Suas jazidas de ferro magnetico são abundantissimas e á flor da terra: a porcentagem do ferro é aqui de $72\ ^1/_{10}$ no geral.

Uma riquissima pedreira de marmore preto fornece o fundente necessario para o serviço dos dous fornos altos, que estão sempre em trabalho.

No mesmo morro existem abundantes jazidas de pedra refractaria para o revestimento interior ou camisa dos fornos.

As mattas do morro, systematicamente conservadas e replantadas, fornecem excellente carvão vegetal para a fusão do minereo de ferro.

As madeiras que dão carvão mais rico são o cambuy, guabiroba e guamerim, todas da familia das myrtaceas.

Em 1864, sendo eu presidente da provinca, fiz, em cumprimento do aviso emancipando os africanos da nação, retirar da *Fabrica* todos os trabalhadores dessa origem, em numero de 500. Eram elles, que tinham á seu cargo o fabrico do carvão.

Hoje este serviço é feito por empreitada, em condições muito superiores; e o empreiteiro desempenha todo esse trabalho, a contento, unicamente com sessenta operarios!

Foi uma fortuna para a *Fabrica do Ipanema* haver o governo imperial collocado á frente daquelle estabelecimento um profissional da ordem do coronel Dr. Joaquim de Souza Mursa, seu director ha cerca de vinte annos.

Este distincto official do nosso corpo de engenheiros fez os seus estudos metallurgicos na Allemanha, e alli entregou-se com dedicação aos mais pesados trabalhos praticos.

Sua perfeita competencia profissional, seu zelo inexcedivel, bem como a sua autoridade moral e energia de mando, quando precisa, tornaram a *Fabrica do Ipanema* um estabelecimento modelo, sob o ponto de vista technico.

Pena é que alli se esteja ainda commettendo o erro economico, tão arraigado entre nós, de costear industrias por conta do Estado, tolhendo a expansão de forças que só a iniciativa particular póde desenvolver.

A escassez das dotações do orçamento respectivo, sua desproporção com as exigencias do serviço, constituem e constituirão sempre uma difficuldade insuperavel emquanto prevalecer a doutrina do Estado industrial.

A geologia desta interessante região está perfeitamente tratada nas obras do barão de Exchewege, Martius e outros sabios, que tém visitado o Ipanema.

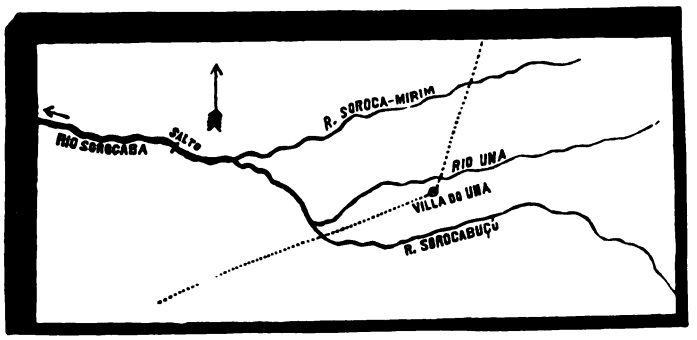
Quatro vezes visitei esta fabrica e a montanha do Arassoyaba: Novembro 1873, Abril de 1876, Julho de 1877, e Dezembro de 1884.

RIO SOROCABA. SALTO DE VOTORANTIM

No dia 19 de Abril de 1876 segui da cidade de Sorocaba para o *Salto de Votoratim*, formado pelo rio Sorocaba, 5 kilometros S O. daquella cidade. Mais tarde, em Novembro de 1884, tive occasião de percorrer as nascentes do mesmo rio Sorocaba, bem como a parte inferior deste.

O rio Sorocaba nasce na grande chapada da serra do *Paranapiacaba*, aos 23° 50" de lat. S.

E' formado de dous braços, o Sorocabuçú, mais meridional, ao sul da villa do Una, e o Sorocá-mirim ao norte desta. Antes de fazer juncção com o Sorocá-mirim, o Sorocabuçú recebe por sua margem direita o rio Una, abaixo da villa deste nome, lado de oeste.



Cabeceiras do rio Sorocaba.

Tres kilometros além da villa, aguas abaixo, fórma um salto de boa quéda.

Continuando seu curso pelos terrenos montuosos da serra de S. Francisco, precipita-se da escarpa septentrional desta no grande salto de *Tupararángua*, 12 kilometros ao sul de Sorocaba. Dahi segue sempre na direcção NO. por entre pedras, em leito declivoso, até o *Salto de Votorantim*.

Banha a SE. a cidade de Sorocaba, passa a léste do morro de Arassoyaba, e vae entrar á margem esquerda do rio Tiété, aos 22° 49' de lat. S. com um curso de 180 kilometros. Pouco acima de sua barra no Tieté fórma o *Salto de Jurumerim*.

Salto de Votorantim.

O rio Sorocaba é atravessado pela estrada de ferro Sorocabana em quatro logares: no kil. 110 a léste da cidade, e no kilometro 147; e nos ramaes de Tatuhy kil. 175, e de Botucatú kil. 195: a largura do rio neste ponto

é de 40 metros, e sua elevação acima do nivel do mar, nas aguas minimas, de 449m.

O *Salto de Votorantim* offerece a sua mais bella perspectiva na ultima quéda embaixo: ahi a columna d'agua tem de altura 7 metros, representando o dispendio de 5 metros cubicos por segundo.

Aproveitando-se a secção encachoeirada, que a precede vindo de cima, tem-se a altura total de 34 metros.

Pela singular distribuição da columna d'agua, espadanando-se umas contra outras, no mais pittoresco emmolduramento entre penedos, o *Salto de Votorantim* é um dos mais lindos, que se possam admirar.

Nesta creação graciosa, perennemente ensombrada por uma vegetação luxuriante, a natureza nos apparece tal qual é: o mais sublime dos artistas.

IV

Excursão á serra da Mantiqueira, pela Garganta de João Ayres

No dia 16 de Setembro de 1876 sahi do Rio de Janeiro em excursão á serra da Mantiqueira e as importantes obras que, na Garganta de João Ayres, e pela serra e além, se estavam então executando no prolongamento da linha central da estrada de ferro D. Pedro II.

Estavam ellas sob a direcção em chefe do habil engenheiro Dr. Antonio Augusto Monteiro de Barros e do seu auxiliar o Dr. Adolpho Dillermando de Aguiar.

O trafego só estava então aberto até a estação de João Gomes, no kilometro 324.800: altitude, 837m.

No dia 17 seguimos deste ponto, a cavallo, pelo leito em construcção. Além da ponte do Vasconcellos, de 42m, sobre o rio *Posse* no kilometro 329, não ha obra notavel até a raiz da serra, onde está hoje a estação da *Mantiqueira*, kilometro 337.280, altitude 878m,77. Começa ahi a subida da serra transposta em quatro tunneis:

Tunnel	n. 23 :	ext.	193m,90 —	kil.	342.470
»	» 24 :	»	107m,42 —	»	343.045
»	» 25 :	»	142m,50 —	»	345 627
»	» 26 :	»	139m,40 —	»	347.217

Galga-se o alto no kilometro 350.964, na altitude de 1117m,43.

A differença de nivel é de 238m,66, vencida em uma extensão de 13k,684.

E' esta a Garganta de João Ayres, onde está hoje a estação deste nome.

A excavação deste córte deu 122.484 metros cubicos de terra, e a altura dos taludes é de 24m.

Foram verdadeiramente admiraveis os trabalhos aqui executados.

A terra, saturada de agua em toda a parte, não permittia trabalho regular em ponto algum.

O habil empreiteiro Dufles, para suster os enormes escorregamentos do terreno, fez com grossos madeiros, obra pesadissima, um revestimento em toda a extensão da linha neste ponto, e começou o trabalho regular do *drain* dos taludes, diminuindo-lhes o peso com socalcos de distancia em distancia, e consolidando-os por meio de enrocamento e alvenaria.

O leito da estrada, para corrigir a filtração perenne de agua manada das camadas superiores, foi todo empedrado nessa parte.

Mal se póde agora ajuizar do immenso serviço que ahi houve, o qual faz honra aos engenheiros, que o executaram.

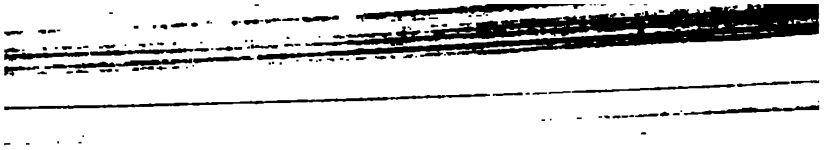
Dahi seguimos até o Sitio, no kilometro 363, onde está hoje a estação deste nome. Neste trecho de linha o rio Bandeirinha é atravessado por esta nove vezes.

Daqui á Barbacena são 15 kilometros, 425 metros pela linha.

Esta zona está toda aproveitada em grandes estabelecimentos de criação, e presta-se com vantagem á cultura da vinha, que se vae já introduzindo, e do trigo.

No dia 20, tendo-me despedido dos Drs. Monteiro de Barros e Dillermando, voltei ao Rio.

Rio de Janeiro, 21 de Oitubro de 1888.



DR. LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ

VISCONDE DO BOM RETIRO

PRESIDENTE INTERINO DESDE 23 DE JANEIRO

e effectivo em 21 de Dezembro de 1875

N. em 7 de Maio de 1818. † em 12 de Agosto de 1886.

Colonisação de Sergipe de 1590 á 1600

Governo de Thomé da Rocha e Diogo de Quadros.

MEMORIA

Offerecida ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Pelo Dr. Firmo de Oliveira Freire

I

O pouco ou nada que se tem escripto sobre Sergipe e a grande difficuldade no encontro de materiaes para quem quer que nutra o desejo de estudar o seu passado, são circumstancias poderosas para não deixarem muito a limpo qualquer affirmação.

Temos trabalhado para vencer essas difficuldades, percorrendo todos os archivos das camaras e cartorios da provincia. E si não fôra o auxilio de bons e patrioticos amigos[1], a quem antecipamos nossos sentimentos de gratidão; ellas tornar-se-iam insuperaveis na empreza que tomamos de escrever a sua historia, tanto

[1] Temos o prazer de registrar aqui os nomes dos illustrados cavalheiros, que não têm poupado sacrificios em auxiliar-nos com as luzes do seu talento: João Ribeiro, na côrte; Drs. José Hygino, José Ladisláu Pereira da Silva, João de Oliveira e Cicero Odon Peregrino da Silva, em Pernambuco; Drs. Francisco Hora de Magalhães e Narciso Junior, na Bahia; Dr. José Luiz Coelho Campos e padre Olympio Campos, em Sergipe, e Balthazar Goes.

mais importante, quanto Sergipe influiu directamente sobre o movimento da civilisação no Brasil.

Sob a acção de principios, que foram transplantados da metropole, para dirigirem a civilisação deste paiz, em que a força dirigente não foi uma posse indivisa entre Estado e povo, entre aristocracia e democracia; cabendo áquelles toda omnipotencia, toda direcção, e a este toda passividade, toda obediencia; as condições physicas poderosamente contribuiram para fortalecerem-se esses principios, cujos perniciosos effeitos só uma bem accumulada e disseminada sciencia restringirá e apagará.

Nos primeiros tempos historicos esse resultado era impossivel, porque a nascente raça, aquella que, por justos motivos, devia sentir amor ao paiz e mover-se por sentimentos proprios, atravessou um longo periodo de preparação, uma vida secular de assimilação de forças, para crear o espirito sceptico e levantar a revolta contra a nobreza, que tudo espoliava e tudo avassallava.

Só ulteriores periodos poderiam ser os encarregados de tão nobilitante empenho, cujo inicio amplamente se faz sentir no actual momento historico. E durante esse periodo de florescencia, em que a raça americana ia perdendo a hereditariedade mental e moral dos seus progenitores, quanta coerção, quanto soffrimento, quanta perda de vida mesmo, não soffreu ella por parte da nobreza, da olygarchia portugueza, da politica colonial?!

Si ellas tornavam exclusiva a si a posse do governo, a direcção do movimento, nunca poderiam crear principios de utilidade real, que servissem de base de uma civilisação e que dirigissem o intellecto de um povo.

Isto havia de vir do elemento plebeu, democratico, que affrontava o perigo para reunir os elementos da organisação de uma sciencia, verdadeira lei mental do espirito humano.

O governo não é uma causa de progresso, quando muito um seu expoente. Como elle a religião, força altamente poderosa na historia colonial, cuja promiscuidade de interesses prendia nas mãos das duas classes toda actividade, toda deliberação, toda vida nacional, em summa.

E isto era o resultado mais directo do regimen de colonisação, que Portugal instituiu por uma centralisação administrativa, em que representam saliente papel as duas classes, entrando cedo em cohesão, pelo sentimento religioso que as prende, e pela protecção da corôa ao clero, a quem entrega a direcção moral das almas do novo continente.

A' classe popular não era concedido elaborar nessa organisação, privilegio exclusivo da nobreza. Pauperrima de cultura, inconsciente do valor das liberdades, pela hereditariedade dos seus antecedentes, sob a acção da direcção moral do clero, que fortalecia os sentimentos de lealdade, reverencia e susperstição, caracteristicos bem visiveis da civilisação portugueza, ella estava muito longe de tornar effectiva a causa de real progresso—a sciencia.

As leis que dirigiam o espirito dos homens, naquella época, estavam em desequilibrio de acção, bastante visivel durante todo periodo colonial. E elle é a causa real do caminhar lento que leva o paiz.

Ao passo que a natureza, fertil, rica, de aspecto assustador, desviava os espiritos da tendencia analytica e positiva, excitando as faculdades da imaginação, o baixo nivel do intellecto nacional impossibilitava essa mesma tendencia.

Muito tinha que trabalhar a classe popular para vencer tão grandes obstaculos, pois em seu seio é que devia iniciar-se o movimento de progresso, cujo começo attesta claramente o seculo actual.

O elemento plebeu foi, pois, a força mais activa e de maior cohesão do intellecto brasileiro. Foi elle quem atirou no caminho da inquirição, das pesquizas, o organismo nacional, deixando o sello de sua passagem no accumulo de sciencia e sua distribuição, que a nação vae realizando á proporção que vae-se integrando e differenciando-se o legitimo typo brasileiro.

Contra que potencia social levantou elle primeiramente sua revolta ? Qual das duas classes, clero ou aristocracia, foi o alvo de seu espirito sceptico ? Donde lhe veiu a assimilação da cultura que o nutriu ? Quaes tém sido seus reaes protogonistas ?

Não está no plano da presente memoria a discussão destas questões, que tém sido tão completamente olvidadas pelos nossos historiadores, reunindo-se a esta lacuna da historia patria o esquecimento que tém votado á Sergipe, onde o espirito critico encontrará o antecedente de importantes factos historicos, de caracter geral.

Theatro das explorações dos francezes que, de longas éras, trataram aqui com os naturaes, cuja vontade procuravam domar, fazendo da região seu maior ponto de reforço, depois que foram expellidos de outros pontos; a conquista de Sergipe evitou uma invasão sobre a Bahia, para qual se preparavam, sendo ella causa real deste feito bellico. [2]

Em geral se diz que a conquista de Sergipe foi motivada por uma ordem de Felippe I, de Portugal, que a requerimento dos habitantes da zona entre os rios Real e Itapicurú, alvo do commercio entre francezes e indios e seus assaltos, francamente autorisava fossem expellidos e se promovesse a colonisação da terra. Si o bem publico repercutiu no coração do rei a inspirar-lhe uma deliberação altamente util a esses infelizes habitantes, o mesmo não succedia com os membros do governo colonial, para quem era indifferente a posição precaria desses individuos. E disto já tinham dado provas, desde a primeira tentativa de conquista por Luiz de Brito em mil e quinhentos e setenta e tantos. A conquista foi então effectuada e o territorio abandonado.

Luiz de Brito só quiz fazer uma carnificina sobre os infelizes indigenas e o exercito uma pesquiza de escravos.

Foi uma verdadeira *bandeira*.

---

[2] O que acima fica dito comprova-se pela seguinte carta de sesmaria de Braz de Abreu, dada pelo capitão-mór de Sergipe, João Mendes, em 15 de Maio de 1623 e registrada pelo escrivão Diogo Garcia.

« Saibam etc., diz braz dabreu q. elle vejo semdo governador christovão de barros ajudar a tomar este seregipe com suas armas e quavalo e escravos a sua custa em serviso de sua magestade e sempre ho acompanhoulhe em todos os rebates sempre esteve prestes domde recebeu muitas frechadas he pelouradas por estarem francezes hem companhia do dito gentio he lhe ensinavam o artefisio de fogo por

Sem contestarmos a veracidade historica da ordem régia, clausula indispensavel para a realização das guerras, segundo a lei corrente, tiramos-lhe, todavia, o valor de causa determinante da viagem de Christovam de Barros.

Si á vontade e á ordem de um soberano legitimo, os seus delegados não procederam com o cumprimento restricto e absoluto de seus desejos, como succedeu entre Luiz de Brito e D. Sebastião, não seriam, por certo, as determinações de um rei intruso, cuja ascensão ao throno fôra resolvida por uma junta de juizes, bastante parciaes para esquecerem o direito de herança de D. Catharina, com profundo descontentamento da nação portugueza, a causa real de uma conquista cheia de perigos e incommodos. Por certo Christovam de Barros, depois dos esforços de Luiz de Brito para desbaratar as forças inimigas, e quando ellas já se tinham reconstituido a apagar todo vestigio da victoria, não attenderia ás reclamações do bem publico, si razões mais poderosas não fallassem a seu espirito.

Fazendo elle parte de uma interinidade collectiva, que assumira as redeas do governo da Bahia por morte do seu governador Manoel Telles Barreto (1587), aproveitou as garantias do cargo que então occupava, e que assegurava-lhe probabilidades de bom successo, para punir e vingar a morte de seu pae Antonio Cardoso de Barros, morto pelos cahetés, junto ao rio S. Francisco.

Si esta circumstancia muito influiu para ser Christovam quem se puzesse á frente da expedição, a ella

terem muitas espingardas que lhe fiquaram de cento e cincoenta omês [1] que tinham mortos tres anos na tabagana nos tres piquos *he queria os ditos francezes por mar he o gentio por terra a tomar a baia se lhe não viera dar guerra o dito governador christovão de barros* he hora matou muito gentio etc. » Deixamos de transcrever as partes de formulario do documento. O extrahimos de um livro de registro de sesmarias, que encontrámos no cartorio da provedoria da cidade de S. Christovam, ex-capital da provincia, codice de trezentas e tantas paginas. Delle extrahimos todas as cartas de sesmarias que citarmos nesta memoria.

1 Serão esses de que falla Fr. Vicente do Salvador no livro IV, cap. 17, de sua *Historia do Brasil*?

reuniu-se uma causa de maior valor — eliminar a concurrencia dos francezes com os naturaes no rio Real, que já assustava a séde do governo colonial, por isso que se preparavam para assaltar a Bahia.

A época era de tentativas aventurosas.

Os successos de Villegaignon não lhes eram talvez desconhecidos. Era uma animação. Conspiraram.

Julgando-se fortes pelo concurso da raça indigena, cujas riquezas compravam com quinquilharias, a hospitalidade com attenções, a amizade com complacencias, para dirigirem o pensamento, dominarem a vontade e aguçarem o appetite do sangue e da presa, nas arriscadas emprezas em que atiravam-se com a raça indigena, ao simples aceno de suas velleidades, os francezes conceberam o projecto de atacar a cidade de S. Salvador, indo elles por mar e o gentio por terra.

O segredo, porém, transpirou, ou foi trahido, porque a noticia chegou a Bahia antes que o plano tivesse principio de execução. O perigo era eminente, e convinha esmagar a revolta nos quarteis de organisação ou em marcha para seu destino. Então foi resolvida a expedição por terra, donde se temia o maior damno. [1]

Qualquer demora nessa expedição, que se deu em 1590, seria altamente compromettedora aos interesses da capitania da Bahia, em vista da declaração de guerra entre a França e a Hespanha 1595, circumstancia que excitaria as excursões dos armadores francezes e que viriam reforçar seus compatriotas. E foi esta uma circumstancia de que aproveitaram-se, já effectuada a conquista de Sergipe, para a execução de suas piratarias. Em direcção ao Brasil cortam os mares diversas flotilhas francezas, que penetram suas barras para a exploração das riquezas.

De tres navios, vindos da Africa, acoçados pelas doenças, um commandado por Pois de Mill, naufraga nas costas de Sergipe, onde ficam prisioneiros cento e dezeseis homens [2]

---

[1] *Conquista de Sergipe* pelo Dr. José Joaquim de Oliveira. Mss. de 5 fls.

[2] Varnhagen, *Hist. Geral*. I, 391.

Da Rochella parte uma armada, não só para piratear nas costas do Brasil, como para saquear a cidade da Bahia. Destroçados seus navios por uma tempestade que os dispersa, alguns naufragam em Sergipe, onde são presos os naufragos e enviados por terra para a Bahia, afim de serem castigados.[5]

Qual seria o futuro da colonisação na Bahia si a conquista de Sergipe não antecede a um conjuncto de circumstancias tão desfavoraveis a si, e como colonia nascente não fornece auxilios para destruir os elementos contrarios, que tendiam a fortificar-se?

Além disto, ponto intermedio entre os dous mais populosos centros coloniaes de então— Bahia e Pernambuco— na colonisação de Sergipe as duas capitanias encontraram condições favoraveis á sua prosperidade, em vista da facilidade de communicação que lhes offerecia. E cedo grandes serviços tornaram-se salientes.

Si não fôra Sergipe, como Bagnuolo realizaria sua tactica politica perante Nassau, a quem entregou a destruição de uma pequena riqueza publica, amontoada por uma vida de quarenta e tantos annos?

Eis antecedentes historicos, que tém sido tão injustamente esquecidos pelos historiadores patrios para o delineamento dos principios dirigentes da civilisação do Brasil.

II

Effectuada a conquista, Christovam de Barros funda um arraial, a que deu o nome de cidade de S. Christovam, em honra ao santo de seu nome, junto á foz do rio Sergipe, hoje Cotinguiba.

E' opinião de quasi todos os historiadores, principalmente Varnhagen, que é muito claro na localisação da primeira povoação de Sergipe, que ella foi situada sobre um isthmo, onde perto do mar faz barra o rio

---

[5] Rocha Pitta, *Hist. da Amer. Port.* § 95,135.

Puxim no *Cotinguiba*, e junto ficava edificado o forte. Barlœus diverge deste modo de pensar, e, segundo elle, ella foi edificada á margem esquerda do Cotinguiba *e do Apicum Pomonga*. Pelo seu mappa geographico está situada na costa oriental da *Ilha dos Coqueiros*, formada pelo oceano e os rios *Cotinguiba e Pomonga*, junto aos apicús que este ultimo rio faz, ficando o forte na margem direita do *Cotinguiba*. E' esta tambem a opinião do autor da *Rasão de Estado*. [6]

Preferimos estas fontes em semelhante minudencia.

Em recompensa aos seus serviços, pelos quaes não só a capitania da Bahia ficou isenta de uma invasão, como a colonisação estendeu-se a novas paragens, donde o erario tinha muitos proventos a tirar para o futuro, o rei das Hespanhas fez doação a Christovam de Barros do territorio, que acabava de conquistar, com a ordem de vender estas terras ou repartil-as entre os colonos que quizesse e fosse de sua vontade, com a condição de estabelecer ahi colonias dentro do tempo prefixado pelo rei. [7]

Fez então diversas doações aos que ajudaram a obra da conquista, dentre elles seu filho Antonio Cardoso de Barros, de todo o territorio comprehendido entre os rios Cotinguiba e S. Francisco, por carta de 9 de Abril de 1590 [8]; e depois de assistir a administração publica e encetar o trabalho de colonisação, pela organisação de uma nova capitania, recolhe-se a Bahia, deixando o governo entregue a Thomé da Rocha, que, na guerra de Sergipe, tomou parte importante, vindo da Bahia, depois

---

[6] *Rev do Inst. Hist.*, t. X, *l* 191

[7] Seregippa, ad littus miliaribus triginta duobus excurrens, addita primum Lusitanorum imperio fuit per Christovannum de Barros Cardosum, cui meritorum præmium, has ipsas terras, Seregippem et S Francisci flumen inter, donavit Hispaniarum rex, ex jure, ut divendere illas et partire in colonos quas vellet jus ipsi esset ea lege, ut intra prefixum à Rege tempus, colonias conderet. Barlœus. *Rerum per ostennium in Brasilia*, etc., 534.

[8] Varnhagen, *Hist. Ger.* I. 378.

da sahida de Christovam, auxilial-o e acabar a obra da conquista, [9] que durou oito mezes de grandes lutas. [10]

Assim illustrou Christovam de Barros o governo da interinidade collectiva, que dirigia a capitania da Bahia, com a realização de uma conquista, para a qual poz-se a caminho, correndo os riscos e incommodos de uma viagem rapida, por entre florestas virgens, occupadas por indios selvagens ; e o que mais é, dando um bello exemplo da mais completa abnegação no momento preciso, em que podia, sem censura legitima, continuar a gozar, com sua aposentadoria, as honras e immunidades da governação do Estado, e temer os inconvenientes de sua ausencia nos conselhos de um governo interino encarregado da administração do paiz. [11]

Prestou grande serviço na destruição do movimento bellico, tanto mais funesto quanto o Brasil, então colonia hespanhola, sentia uma insufficiencia de recursos e auxilios, por parte da metropole, cheia de tristezas pelas suas perdas na Africa, e preoccupada com a subjugação a uma outra potencia européa.

Ao mesmo tempo o Brasil tornava-se o theatro de explorações inglezas, promovidas pelo egoismo de riquezas, que desperta nos espiritos de Fenton, Withrington, Cavendish e Lancaster a realização de excursões pela America ; cuja opposição, ainda que forte, em começo,

---

[9] Carta de sesmaria de Gaspar Gomes, dada pelo capitão-mór de Sergipe Diogo de Qoadros em 3 de Dezembro de 1595, e registrada pelo escrivão Jeronymo da Costa Fisão em 20 de Maio de 1596:

« Saibão, etc. diz gaspar gomes m^or^ nesta capitanja sidade san christovão q'ele vejo en ajuda de dar a guera com christovão de barros *houtro sim vejo com tome da roxa*, etc. »

[10] Carta de sesmaria de Thomé Fernandes, dada pelo capitão-mór Thomé da Rocha a 23 de Julho de 1594, e registrada pelo escrivão Jeronymo da Costa Fisão a 5 de Agosto de 1594:

« Saibão,etc. diz tome fernandes que ele vejo a judar a dar a guera en sergipe del rey en companhia de christovão de barros capitão geral das entradas com suas armas e escravos a sua custa sem premio nenhum nen couza algua del rey e despois da terra ja tomada se *foi asim que neste serviso de sua magestade gastara oito mezes*, etc.»

[11] Dr. Joaquim J. de Oliveira, loc. cit.

não poderia vender os embaraços, que haviam de sobrevir, [illegible] não se prende ao *El-Dourado* [illegible] de Raleigh. As condições de prosperidade [illegible] quanto o Brasil, para [illegible] que nasciam de invasões extrangeiras [illegible] tinha de recorrer [illegible] Em vez do governo colonial dirigir [illegible] para as colonias nascentes, a dirigia [illegible] a integridade territorial.

[illegible] em Sergipe [illegible] de colonização [illegible] circumstancias pouco favoraveis [illegible] prosperidade.

[illegible] como já o dissemos, Thomé da Rocha, que recebeu de Christovam de Barros a direcção da capitania.

Ainda que não tenhamos encontrado a carta de nomeação de Thomé da Rocha, toda ha para nós e fora de [illegible] que acabamos de dizer achando-se já investido [illegible] Julho de 1591, segundo as asseverações de Varnhagen em uma memoria sobre Gabriel Soares de Souza.

Tendo este rico fazendeiro da Bahia alcançado das [illegible] para explorar o rio S. Francisco, em [illegible] por isso que [illegible] haviam tres annos, por seu [illegible] de Souza, cujos roteiros possuia, [illegible] em Abril de 1591 e chegou a costa de Sergipe a 15 de Junho do mesmo anno, ancorando [illegible] Vasabarris [12] querendo penetrar na barra, em uma arca flamenga, de nome *Grifo Dourado*, por conselhos de um francez Honorato, que de terra [illegible] com dous indios, em uma jangada, para lhe

---

[12] [illegible] de mappas geographicos, [illegible] de [illegible] *Potiggeba*, [illegible] de Souza em seu *Roteiro*, [illegible] *Coteg. e Rev. do Inst. Hist.*, tomo XIV, 3.

[illegible] era *Potiggeba*, [illegible] cartas de sesmarias de Manoel da Fonseca, [illegible] Manoel de Miranda [illegible] de Março de 1600 e 1.º de Abril de 1601.

ensinar a entrada, bateu nos bancos e sossobrou a embarcação, em virtude dos fortes ventos e correntes de agua; resultando afogarem-se alguns passageiros, salvando-se a carga em uma cetêa, que mandou Thomé da Rocha, capitão de Sergipe, na qual parte della foi enviada para a Bahia. [13]

Não obstante as armas portuguezas terem conquistado as terras de Sergipe e destroçado as forças inimigas, que ahi se tinham fortificado, todavia os francezes não tinham perdido a esperança de rehaver o territorio, de cuja riqueza tiravam tantos proventos. Descansados da primeira perda, reuniram novos elementos para uma luta, tentativa bastante sympathica á raça indigena, que lhes vem prestar auxilios; por isso que os francezes, guiados pela idéa de riqueza, e não pelo desejo de fundarem uma colonia e activarem sua prosperidade, não lhe querem impôr um novo estado social, uma nova vida, para cuja adaptação sente o selvagem uma natural indisposição. Uma tal convivencia, que não requer do natural o menor esforço, gera-lhe uma sympathia tanto maior, quanto a deslocação dos habitos é nulla.

Seriam os selvagens seus encarniçados inimigos si idéas de um plano politico guiassem os francezes nas excursões em Sergipe; e então tempo de sobra tiveram elles para fortalecer-se de elementos que se oppuzessem á victoria das armas portuguezas, pois nestas paragens pirateavam de longas éras.

Em vista disto, tiveram os francezes auxilio do indigena, na nova luta que emprehenderam, sendo batidos por Thomé da Rocha em 1593 e por Diogo de Qoadros em 1596, nas aguas do rio Real. [14]

---

[13] Varnhagen, *Rev. do Inst. Hist.*, tomo. XXI, 455.

[14] Carta de sesmaria de Domingos Lourenço, dada por Diogo de Qoadros a 8 de Dezembro de 1595, e registrada pelo escrivão Jeronymo da Costa Fisão a 20 de Maio de 1596:

«Saibão etc., diz dom[os] lourenso ora estante nesta sidade de san christovão *q ele vai en tres anos que vejo a esta capitanja e nela ajudar a dar soldados ao capitão tome da rocha e agora oferecendo se este encontro dos franoezes neste rio real a companhou a ini com suas armas e escravos domde o fez como valeroso soldado, etc.* »

Tendo sempre se opposto com heroismo a uma invasão inimiga, entrega o governo da nova capitania a Diogo de Qoadros.

Ainda que não nos seja possivel determinar a data da substituição, por escassez de documentos, todavia asseveramos que ella se deu antes de Dezembro de 1595, em virtude da carta de sesmaria de Gaspar Gomes, já assignada por Diogo de Qoadros [15] e depois de Julho de 1594, por um identico documento de Thomé Fernandes, ainda assignado por Thomé da Rocha. [16]

Assim, entre 1594 e 1595, deixou o governo da capitania de Sergipe Thomé da Rocha, sendo substituido por Diogo de Qoadros.

Durante seus quatro annos de administração, e os primeiros da capitania, o movimento colonial, não obstante as tentativas dos piratas, foi prospero ; pois, segundo Barlœus, quatro annos depois da conquista, a nova capitania já contava um trabalho agricola em quatro pequenos engenhos de assucar, então existentes ; as profissões pastoris já tendiam a organisar-se por uma creação activa, principalmente a de gado; elevando-se o numero dos curraes a quarenta e sete ; e a modesta cidadinha já contava cem fogos. [17]

Em virtude da lei de 22 de Agosto de 1587 [18] a guerra de Sergipe, sanccionada pelo rei, foi considerada justa, e pois, boa opportunidade offereceu de grandes lucros pela escravisação do gentio. Realmente quatro mil indios ficaram sob o peso do captiveiro. [19] O braço africano, que era tanto mais importado quanto maior o proteccionismo dos jesuitas ao indigena, foi largamente conduzido para a nova capitania e reunido ao do natural,

---

[15] V. nota 9.

[16] V. nota 10.

[17] Fecitque hæc res, ut Bahiensium plurimi pellecti huc commigraverint et exactis aliquod annis Ingenia fabricaverint quatuor, licet minoris precii et armentorum septa quadrigenta et oppidulum, centum circiter ædificiis constans. » Barlœus, ob. cit., 534.

[18] Varnhagen, *Hist. Ger.* I, 376.

[19] Fr. Vicente de Salvador, obr. cit. liv. V, cap. 30.

que a lei considerava escravo; e activaram em começo a colonisação em beneficio da raça conquistadora, que entrava na concurrencia em pequeno numero relativamente ás duas. Entretanto seus caracteres ethnicos predominaram, em vista da vantagem de seu grau de civilisação e de cultura, amontoado por um passado historico de muitos seculos.

Generalisou-se sua lingua, sua politica e sua religião, que se infiltraram nas novas gerações.

Si pelo lado ethnico o portuguez venceu e predominou em Sergipe, pelo lado anthropologico o negro entrou com mais largos elementos no typo physico do sergipano.

Nos cruzamentos que por aqui effectuaram-se em larga escala, nas gerações mestiças que se organisaram, o typo physico procurou o da raça mais numerosa, que foi a africana, pois *o mulato* e *o cafuz* são as raças que dão maior densidade especifica á população de Sergipe.

As ultimas estatisticas demonstram claramente esse predominio. A propria raça indigena, neste ponto de vista talvez concorresse mais do que a branca.

As gerações mestiças em Sergipe predominam no numero.

E' este um facto de alto valor para o caracteristico do sergipano; e não está no plano desta memoria leval-o ás suas ultimas consequencias.

Na organisação do governo da capitania reflectia-se o intellecto daquelles tempos.

Com um seu delegado—o capitão-mór—em quem abdicava grande parte de suas funcções, tinha o governador da Bahia toda ingerencia no movimento publico de Sergipe, cujos officios de fazenda e justiça eram por elle providos ou sanccionados, segundo a faculdade que lhe concedia o regimento.

Além do capitão-mór tinha a capitania um ouvidor, um provedor-mór da fazenda, que zelavam os interesses da justiça e fazenda, o conselho, almoxarifes, escrivães, etc.

Não encontrámos em nossas pesquizas nenhuma carta de nomeação ou regimento de funccionario algum de

Sergipe, nesse tempo, para devidamente apreciarmos as especialidades de prerogativas concedidas a elles.

III

Diogo de Qoadros dirigiu a administração publica de 1595 a 1600, sendo o provedor-mór da fazenda Gaspar de Almeida,[20] o ouvidor Simão de Andrade[21] o almoxarife Martins de Souza [22] e escrivão Jeronymo da Costa Fisão.

O novo capitão teve de dirigir sua attenção para os francezes, que, além das duas tentativas já feitas, tentaram ainda diversos assaltos e effectuaram diversas guerrilhas para rehaver sua antiga posse.[23]

As condições topographicas da cidade não permittiam que os seus habitantes se prevenissem dos assaltos, que de emboscada eram dados, em vista da posição insular, por isso que não podiam presenciar a

---

[20] Carta de sesmaria de Gaspar de Oliveira, dada por Diogo de Qoadros a 2 de Abril de 1595, e registrada pelo escrivão Jeronymo da Costa Fisão: « Saibão etc diz gaspar doliveira *provedor da fazenda de sua magestade desta sidade de san christovão* e morador de cinco anos etc. »

[21] Carta de sesmaria de Simão de Andrade, dada pelo padre Bento Ferraz em ausencia do capitão Manoel de Miranda Barbosa, loco-tenente de Diogo de Qoadros, a 18 de Dezembro de 1600, e registrada pelo escrivão Manoel André: « saibão etc., diz simão dandrade que ele vai em quatro anos que esta ajudando a pouoar esta capitania com sua mulher e filhos e *servindo sempre a sua magestade de ouvidor e outros cargos do serviso de sua magestade de que foi encarregado* etc. »

[22] Carta de sesmaria de Martins de Souza, dada por Manoel Miranda Barbosa, em ausencia de Diogo de Qoadros, a 15 de Março de 1601:

« Saibao etc., diz martins de souza morador nesta capitania a[o] *moxarife ds sua magestade* etc. »

[23] Carta de sesmaria de Manoel André, dada pelo capitão-mór Cosme Barbosa a 19 de Junho de 1602:

« Saibão etc. diz manoel andre m[or] nesta capitania de seregipe que esta servindo a sua mag[de] a treze anos que se tomou esta capitania *indo a todas as gerras e assaltos que ao gentio e franceres se fizerão nesta dita capitania* etc. »

entrada de flotilhas pelas barras dos rios navegaveis. Em vista disto, talvez, convenceu-se o governo da necessidade de mudar a cidade para uma eminencia, donde se pudesse presenciar qualquer movimento maritimo. Foi escolhido um outeiro escalvado, que fica junto á barra do rio Puxim, para séde da nova S. Christovam, cujos habitantes ficavam em melhores condições para vigiar a entrada de inimigos [24] ficando ainda a barra do rio Real fóra da observação, e por onde podiam ainda penetrar para realisar suas emprezas [25].

Foi resolvido, pois, pelos poderes competentes e de accôrdo com a opinião do povo, em presença do desembargador Gaspar de Figueiredo Homem, a mudança da cidade para o novo logar em 1595 ou 1596.

Em Setembro de 1603 o conselho da capitania pede uma doação de terra ao capitão-mór Thomé da Rocha, que, pela segunda vez, administrou Sergipe, e neste documento allega-se a mudança da cidade no tempo acima indicado.

Conservamos toda fidelidade do documento até na orthographia. E' o mesmo de que falla Jaboatão (§ 117, pag. 131) em sua obra, o que indica ter o franciscano folheado o livro de registro de sesmarias, donde o extrahimos.

« Saibão quantos este estrom^to de carta de sesmarya vyrem q' no ano do nasim^to de noso sõr Yhũs Xpõ de mill e seis sẽtos e tres anos aos tres dias do mes de setembro do dito ano nesta sidade de são xpvão cap^ta de seregipe teras do brazill nas pouzadas de mim escryvão das dadas sesmaryas ao diente nomeado por afonso pereira precurador do conselho me foy, apresentado hũa pitisão com hũ despacho ao pee dela do sõr capitão mor thome da rocha de que o teor he o seginte ☞ no yuis e vereadores e

[24] Jaboatão. *Nov. Orb Seraph.* Preamb., 120.

[25] Ainda existe neste outeiro o vestigio dessa edificação.

[illegible] de largo [illegible] que se comesara [illegible] corendo pello caminho que vay para caipe [illegible] que esta allem de manoell [illegible] e pello dito caminho que vay da ponte velha ate chegar a dada de [illegible] albergo [illegible] se achar e resebera [illegible] despacho [illegible] para bem e [illegible] desta cap.ª [illegible] o comprimento da tera donde [illegible] dadas que em sua pitisão fazem menção corendo pello caminho velho que vay para caipe ate dar na llagoa que esta allem de manoell thome da banda delleste q' he o q' esta yunto do caminho que vay para vaza baris e de largo oito sétas brasas que se comesara do dito caminho da ponte velha e yra corendo pella testada da dada de manoell gomes ao lloeste até chegar a dada xpvão q' serve defronte desta sidade edahy ira corendo ao sull ate entestar com manoell thome o que se achar e desta maneira lhe pasé carta e demarquem llogo a quall lhe dou por

devalluto Seregipe tres de setẽbro de seis sentos e tres anos tome da rocha ho que tudo isto se continha na dita pitisão e despacho e pella dita manr^a^ o dito sõr capitão mor deu e fez merce en nome de sua mag^de^ da dita tera para o conselho desta cap^ta^ e pera seus erdeiros e desemdentes e sosesores fazerem nela tudo o que nesesaryo lhe for lora e isemta de todo o trebuto som^te^ q' pagera o dizimo a á^s^ que se deve a ordem de noso sõr yusu xpõ como em seu regim^to^ manda e dara por ela caminhos para pontes fontes pedreiras vyeiras e todo o mais q' nesesario for o povo e sera obrigado a mandar registrar esta carta no l^o^ das registradas das de sua magestade desta dita cap^ta^ demtro de um ano conforme em sen regim^to^ manda sob as penas nela conteudas e se demarcara lloguo onde pora seus marcos como he custume estarem as couzas do conselho demarcadas e pello percurador do conselho af.^o^ per^a^ foy dito perante mim escryvão q' ele asseitava a dita tera em nome dos mais com as condisões aquy declaradas e pela dita maneira o dito sõr capitão mor lhe fez merce em nome de sua mag^de^ e lhe mandou ser feita esta carta neste l^o^ das dadas p^a^ se lhe darẽ os terlados que nesesaryo forẽ e eu xpvão dias escryvão das dadas e sesmaryas nesta cap^ta^ por sua mag^de^ que esta carta tomey no meu l^o^ das dadas sem couza que duvida fasa onde asinou o sõr capitão mor dia e ano atras escryto e decllaro que o comprym^to^ da dita dada comesara a correr pe^lo^ caminho da ponte velha q' vẽ a dar no caminho de vaza baris e caipe e dahy yra corendo direito ate dar nos matos q' estão allem da llagoa q' esta defronte das cazas donde mora manoell tome da banda de lleste donde pela dita

banda vay outro caminho dar no de vaza baris e a largura comesara do dito caminho velho pella testada de manoell gomes ate dar no outeiro da dada de xpvão dias e daby yra corendo a sull ate entestar com manoell thome dada q' ele pesuy e desta manr^a se fara a dita demarquasão xpvão dias escryvão das dadas e sesmaryas nesta dita cap^ia que esta declarasão fiz por mandado do sõr capitão mor que com esta..... mandou pasar esta carta onde asynou no dito dia mez ano atras escrito e os matos donde o comprym^to se a deve contestar estão da banda do sull — *Thome da Rocha* [26]

Effectuada a mudança da cidade e transferidos o forte e a egreja, o capitão manda apregoar a ordem para os habitantes edificarem casas.

Ainda que a allegação não fosse uma circumstancia bastante forte e de interesse real para demover a mudança da cidade, com que o progresso soffreu mais ou menos um estorvo, por isso que podia-se remediar o mal, collocando um corpo de atalaia, que prevenisse ao poder central qualquer preparativo de invasão, todavia tenderam a diminuir as aggressões depois da mudança, devido mais talvez á convicção que entrou no espirito dos francezes e indigenas da improficuidade de suas emprezas do que ás suppostas garantias que a idéa da mudança creou.

Depois de uma luta de alguns annos, os francezes tiveram de abandonar o theatro da guerra, e em 1601 elles achavam-se completamente eliminados do territorio de Sergipe.[27]

---

[26] Não obstante as sesmarias traçarem limites muito vagos, o que motivou grandes pleitos judiciarios, todavia as de Christovam Dias, Manoel Thomé e Manoel Gomes, são de doações nas circumvizinhanças do outeiro, pois tomam-no e o rio Puxim como pontos de limites. Não ha duvida que a mudança, a que refere-se o documento foi para o logar acima mencionado.

[27] Carta de sesmaria de Melchior Dias Caramurú, dada pelo capitão Melchior Maciel a 4 de Dezembro de 1601, e registrada pelo

Durante a administração de Diogo de Qoadros, que manteve todo zelo na integridade territorial e na unidade politica da nascente capitania, o movimento colonial activou-se, concorrendo muitos individuos a pedir doações de terra.

Grande porção das zonas vizinhas aos rios Piauhy, Real e Vasa-barris, foi dada por sesmaria, começando pelo sul a tirar-se do solo os elementos para riqueza. Quasi todo o territorio que avizinha principalmente os dous primeiros rios ficou occupado por lavradores e criadores, a pouca distancia do littoral. A constituição chimica do solo poderosamente influiu sobre a direcção que, cedo, tomou a lavoura, situando-se na zona oriental da capitania, por ser a que mais se prestava á tendencia muito inherente, á raça que veiu colonisar, com auxilio da africana e indigena. Por uma hereditariedade, que lhes vem de antecedentes muito longinquos, o branco e o preto dedicam-se ás profissões de habitos fixos, assim como o mestiçamento que entre si formam.

Esse caracter ethnico guiou as duas raças a procurarem a zona oriental, a que avizinha o littoral, em uma distancia de doze leguas para o occidente, para nella gerarem os focos de população. Ao indigena, e seus productos de cruzamento com o branco e preto, ficava a zona occidental, pela pobreza de seu solo, para nella desdobrar a actividade de uma vida nomade, entregando-se ás profissões pastoris.

Tão mal estudada pela jurisprudencia daquelle tempo, a raça indigena foi o objecto da maior questão

escrivão Manoel André a 5 de Dezembro do mesmo anno: « Saibão etc. diz melchior dias caramurú morer na baia que elle andou nas gerras que si fizeram, ao gentio e francezes nesta capitania muito tempo con suas armas e cavallo e escravos *ate realmente ser llansados fora e desbaratados o inimigo sempre a sua ousta* etc. » O illustrado professor de historia do Collegio de Pedro II, Capistrano de Abreu, em um artigo sobre Rubelio Dias (*Rev. da Soc. de Geogr. de Lisb.*), falla de Melchior Dias e diz que sua morte succedeu em 1619. Pelo testamento de Melchior, cujo original possuimos, e que aqui fez familia, de importante papel na politica colonial, ainda vivia em Dezembro de 1623.

da politica colonial, *da questão abrasadora*, como alguem ja disse— abolição da escravidão indigena. Levantada pela classe dos jesuitas, que seguiram sempre uma politica proteccionista para com o selvagem, cuja escravisação pelo colono portuguez era o movel das lutas e conquistas, saciando-se, assim, o espirito de riqueza, bem caracteristico daquelles tempos, essa grande questão que atravessou vida secular, pela indecisão da corôa, levantou uma luta entre a classe popular e a dos jesuitas.

Ella mataria no Brasil os habitos de reverencia ao clero e superstição á religião, si causas muito geraes não tivessem sido seus antecedentes na historia da metropole, e si o clero secular não tem feito harmonia com a classe do governo, em que o sentimento de avareza do colono a escravisar o indigena encontrou sempre muito appoio.

As duas classes alcançam completa ascendencia sobre a classe popular, que nada aspira, deseja e realiza, sem sua intervenção. Tornam-se ellas o objecto de reverencia e lealdade, e debaixo de taes principios tem caminhado a civilisação brasileira. Em Sergipe não tém sido sinão estas mesmas leis que tém dirigido o movimento social.

Entretanto o papel do indigena na elaboração geral foi pequeno, até mesmo na hereditariedade dos habitos, relativamente ao que se deu em outras provincias. O mestiçamento em que elle entrou, como, elemento gerador, hoje representa diminuta acção pelo pequeno numero a que eleva-se a população desses mestiços.

Ou a pequenhez do territorio era desfavoravel á sua permanencia, sem cahir nas garras do captiveiro, e então emigrou, ou então a deshumanidade na luta para captival-o foi enorme. O facto é que o contingente do elemento indigena na historia de Sergipe não é tão grande como em outras provincias, levando-se mesmo em linha de conta as circumstancias relativas.

Fechando esta ligeira digressão, devemos continuar em nosso assumpto.

A colonisação seguiu a marcha da conquista. Começou pelo sul. Raras são as doações, feitas nos dez

primeiros annos de colonisação, junto aos rios que demoram ao norte da provincia. Para ahi emigrava o indigena, que a colonisação não sabia aproveitar, furtando-se á escravidão que se lhe queria impôr.

Si formavam-se centros de resistencia, elles se enfraqueciam á proporção que ella se estendia, com a expatriação do natural.

Só podemos encontrar duas doações, nas vizinhanças do rio Sergipe, cujo curso se faz na porção septentrional.

Acreditamos mesmo que ellas só foram pedidas em ulteriores periodos.

Durante a administração de Diogo de Qoadros, cuja responsabilidade directa e immediata vae até Julho de 1600, pois dahi em diante foi substituido pelo seu loco-tenente Manoel de Miranda Barbosa, fizeram-se sessenta e uma doações de terra a individuos, que não só tinham tomado parte na conquista, como auxiliado depois a posse do territorio conquistado, contra invasões inimigas, muitas vezes tentadas, sendo a menor de meia legua em quadro.

Cedo teve a capitania de procurar um novo sitio para a edificação da cidade, mudando-a do outeiro, junto ao rio *Puxim*, para uma elevação que fica nas margens do *Piramopama*, affluente do Vasa-barris, onde deu-se a invasão hollandeza em 1637.

A' nova cidade deu-se o nome de *cidade de Sergipe d'El-Rei*, que se conservou durante todo o seculo XVII, sendo dahi em diante substituido pelo de S. Christovam.

E' elle que vem em todos os mappas geographicos e manuscriptos antigos, que nos foi possivel ver e consultar.

Não encontrámos documento algum por onde se possa verificar a data desta segunda mudança.

Sobre este ponto só podemos levantar hypotheses mais ou menos provaveis.

Em Março de 1607 Pero Novaes de Sampaio pede ao capitão-mór de então, Antonio Pinheiro de Carvalho,

doze braças de terreno para edificar uma casa no assento da nova cidade. [28]

Não obstante na petição não virem, para a demarcação dos limites, descripções que nos tragam a convicção de que a doação é na cidade que fica junto ao *Puxim* ou *Piramopama*, todavia acreditamos mais na segunda hypothese, em vista de outra doação pedida pelo mesmo Pero de Novaes Sampaio, na mesma data, de 70 braças de terra, junto ao ultimo rio, para edificar uma casa [29]

E' muito pouco provavel que o peticionario quizesse edificar uma casa tão distante da cidade, na hypothese della ainda estar no outeiro do Puxim em 1607.

Parece, pois, que nesse tempo a cidade já tinha sido transferida para as margens do *Piramopama*.

O que, porém, asseguramos é que em 1610 já se tinha dado a mudança da cidade para este logar, em vista do seguinte documento :

> « Saibão quantos este publico instromento de sesmaria virem que no ano do nacimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e seis centos e dez anos aos vinte dias do mez de setembro do dito ano nesta sidade de San Christovão capitania de Sergipe de El Rei nas pousadas de mim escrivão ao diente nomeado apareceo Pedro Lopes procurador do conselho desta sidade e por ele me foi aprezentado huma petiçam da camera, com hum despacho posto ao pe dela dô

[28] Carta de Pero Novaes de Sampaio, dada pelo capitão-mór Antonio Pinheiro de Carvalho a 19 de Março de 1607, e registrada pelo escrivão Francisco Rodrigues a 25 de Março do mesmo anno : « Saibão etc. diz pero novaes de sampaio que ele quer fazer suas casas no asento da nova sidade e não ten chãos aonde as posa fazer pede a v' m'., etc. »

[29] Carta de Pero Novaes de Sampaio, dada pelo mesmo capitão-mór e da mesma data : « Saibão etc. diz pero novaes de sampaio morador nesta capitania *q' ele quer fazer uma caza ..... na ribeira do piramopama*, etc. pede a v m em nome de sua magestade lhe fasa merse de sesmaria de setenta brasas de tera em quadro na dita parte comesando do ..... que corendo ao longo do caminho pera o *piramopama*, etc. »

> cappitam mor desta dita capitania Antonio Pinheiro de Carvalho da qual petisam e despacho o treslado dela é o seguinte:
>
> Dizem os officiaes da camera desta sidade qne ao povo dela he necesario hum pedaço de tera nos limites desta sidade para despéjos de cavalgaduras e de madeiras para casas, lenhas, lagoas que para iso sam mister meya legoa de tera a qual meya legoa de tera se comesará da ribeira do Peramopabama até a ribeira que corre da banda de Matias Moreira, hindo para Caipe e para banda do sertão, correrá pelos péss dos outeiros que estão entre as mangabeiras supposto que seja dada alguem pedem a vosa merse em nome de sua magestade lhe de a dita tera pois he para bem e pro do povo. Resebera merse Dou de sesmaria em nome de sua magestade aos supplicantes a tera que pedem por ser asim necesaria para serviço desta cidade. Sergipe hoje trez de Julho de mil e seis centos e dés annos. — O capitam *Antonio Pinheiro de Carvalho.* [30] (Segue-se a formula do regimento).

Não nos caberia tratar deste ponto, que é posterior ao governo de Diogo de Qoadros, si não fosse desconhecida por quasi todos os historiadores patrios a data da segunda mudança da primeira cidade de Sergipe, de sua capital.

Nenhum outro centro de população, sinão S. Christovam, levantou-se durante a administração de Diogo de Qoadros, que foi succedido pelo seu loco-tenente Manoel de Miranda Barbosa em 1601.

Larangeiras (Sergipe), 2 de Março de 1888.

---

30 Este documento extrahimos de uns autos de um pleito judiciario, sobre posses de terras, do meiado do seculo passado. Não o encontrámos no livro de tombo de que já fallámos, e donde extrahimos todas essas sesmarias.

Eis a causa das differenças de orthographia e redacção.

BREVES INFORMAÇÕES

SOBRE A

Provincia do Paraná

Convidado pela commissão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro para apresentar um trabalho destinado a ser impresso no volume especial da *Revista*, que tem de ser publicado no dia 21 de Oitubro, venho, ainda que incompetentemente, dar conta dessa honrosa tarefa.

Antes de começar, devo congratular-me com o meu paiz pelo faustoso acontecimento que se vae realisar: —o jubileu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

A festa que por tão grato motivo tem de ser effectuada no já mencionado dia 21 de Oitubro não significa sómente a apotheose de uma data. Não; significa tambem que ha cincoenta annos uma aggremiação de homens illustres, dos quaes os feridos pela morte tém sido substituidos por novos lutadores, levados unicamente por impulsos patrioticos, trabalham dia por dia, hora por hora, incessante e desinteressadamente, afim de elevar o nome da patria.

Applaudindo como brasileiro os serviços prestados por tão inclytos varões, eu, que apezar de fazer parte dessa sociedade, posso fallar da mesma com inteira isenção de animo, visto que, admittido a pouco tempo na qualidade de socio correspondente e sem a aptidão necessaria, em nada hei contribuido para as glorias que ella tem conquistado, cumpro o agradavel dever de dirigir neste momento:

Ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro a mais cordial saudação.

Aos meus dignos consocios, parabens sinceros pelo muito que tém feito para a elevação e progresso da sociedade.

Ditas estas palavras, partidas intimamente do coração, passo a entrar em materia.

I

Escolhendo assumpto entre aquelles de que tem por fim occupar-se a sociedade, darei, como o indica a epigraphe deste escripto, breves informações sobre a provincia do Paraná.

O territorio actual desta pertencia antes do anno de 1853 á provincia de S. Paulo.

Até essa epoca, excepção feita de uma ou outra localidade que apresentava em seu commercio ou industria signaes de vitalidade, a provincia, ou antes a quinta comarca de S. Paulo, pouco prosperava.

As estradas eram quasi intransitaveis, principalmente as que communicavam Curityba com a marinha, que até offereciam difficil transito para cargueiros.

As communicações com a côrte eram demoradas e irregulares.

As tentativas de introducção de immigrantes não apresentavam em geral resultados satisfactorios, por serem feitas, segundo o systema erroneo até então usado, nos sertões ou logares distantes dos povoados.

A instrucção publica era acanhada e deficiente.

Não havia orgam algum de imprensa.

A segurança individual não offerecia as devidas garantias, principalmente nas localidades remotas.

Finalmente, as paixões partidarias achavam-se em estado de exaltação ; tanto que na villa de S. José dos Pinhaes, distante 19 kilometros de Curityba, por occasião da eleição em 1852, houve uma verdadeira carnificina.

Taes eram as circumstancias da comarca, quando foi por lei n. 704, de 29 de Agosto de 1853, elevada á cathegoria de provincia, com a denominação de Paraná.

Foi a nova provincia installada em Curityba no dia 19 de Dezembro do mesmo anno, e, como era natural, começou de então para diante a mudar-se a face das cousas.

Serviços importantes foram iniciados, entre os quaes o da estrada da Graciosa, que, apezar de não dever ser a preferida por ter maior distancia e tornar-se mais dispendiosa do que a do Itupava, prestou mais tarde grandes serviços por estabelecer a communicação regular entre Curityba e a marinha ; foi fundado o primeiro orgão de imprensa, o *Dezenove de Dezembro*, para a publicação dos auctos do governo ; a vida official animou a todos os ramos de serviço publico ; emfim a provincia, primeiro lenta, quasi insensivelmente, depois com mais desembaraço, entrou na via do progresso.

II

Dadas estas ligeiras informações retrospectivas que servirão para estabelecer a comparação entre o passado e o presente, passarei a descrever a rapidos traços o que é a provincia na actualidade.

A provincia do Paraná divide-se, em relação ao seu clima, em duas partes bem distinctas: a da *marinha* e a da serra acima, que constitue o planalto da provincia, tendo por linha divisoria a serra do Mar.

Na marinha o clima é quente e no planalto frio, porém em ambas as partes supportavel, e sem ter comparação com os logares onde os calores ou os frios são levados ao excesso.

Os terrenos da marinha, em que estão situadas, á beira-mar, as cidades de Paranaguá e de Antonina, e as villas de Guarakessava e Guaratuba, e no interior, junto á raiz da serra do Mar, a cidade de Morretes e a villa de Porto de Cima, são cobertas de mattas, nas quaes existem em abundancia madeiras de lei excellentes para a construcção.

Não contém campos naturaes, e sómente possue campinas, geralmente de pequena extensão, feitas artificialmente para aformoseamento das casas e povoações e pastagens de animaes.

O territorio do planalto, que se acha approximadamente a 900 metros acima do nivel do mar, é composto de extensos e magnificos campos e de florestas, onde, além de outras especies, encontra-se em abundancia o gigantesco pinheiro.

Logares ha em que existem mattas inteiras desta arvore, das quaes o verde-escuro copado, a perder-se ás vezes por largas extensões, apresenta uma agradavel vista ao viajante.

Nesse planalto acham-se, pela ordem da sua proximidade do littoral, as cidades de Curityba, Campo Largo, Lapa, Ponta Grossa, Castro e Guarapuava, além de outras villas, freguezias e povoações.

O planalto não se estende por todo o interior da provincia: antes de chegar ás extremidades della o terreno baixa novamente e fórma como que um segundo littoral (não tão baixo como o da marinha), a procurar o nivel dos rios que desaguam no Paranapanema e Paraná.

A provincia tem dous portos principaes: o de Paranaguá e o de Antonina, situados na mesma bahia.

Tambem existe o porto de Guaratuba, porém este é pouco frequentado em razão das difficuldades que apresenta a barra, e da inactividade commercial da localidade por falta de via de communicação terrestre regular.

O clima da provincia é muito saudavel.

A população póde calcular-se em 180.000 ou 200.000 almas.

III

As terras da marinha produzem abundantemente canna de assucar, arroz, café, mandioca, aipim, feijão milho, batatas, bananas, laranjas e muitas outras frutas.

As do planalto são excellentes para a plantação do milho, feijão, fumo, centeio, mandioca, aipim, batatas, pecegos, marmelos, pêras, maçãs, ameixas e muitas outras.

Outrora cultivou-se com muita vantagem o trigo, mas por ter dado a ferrugem abandonou-se essa cultura.

Está-se tratando de fazer novas tentativas, e até o governo provincial concedeu favores para auxilial-as; não tenho conhecimento do resultado obtido, porém si fôr satisfactorio, como é de esperar, visto serem as terras apropriadas para a cultura dessa planta, será um novo e bom elemento que entrará para a provincia.

As mesmas terras tambem dão perfeitamente o linho e o algodão

Tém sido feitas já extensas plantações deste ultimo no municipio de Castro, e ainda actualmente se fazem algumas no de S. José da Boa Vista.

Em toda a provincia produz bem a videira.

Existe no planalto em grande abundancia a herva-mate, a principal riqueza do Paraná.

De par com o opulento pinheiro tambem existem madeiras de lei.

No rio Tibagy são abundantes os diamantes, sendo, porém, os que até agora tém sido encontrados todos de pequeno tamanho.

Em diversos pontos existem mineraes, para cuja exploração o governo tem concedido privilegios.

Ha no fundo da provincia immensos sertões, uns contendo povoações, aldeamentos e colonias militares, e outros desaproveitados e ainda occupados por indigenas.

IV

A principal industria da provincia é, até hoje, a herva-mate.

Para preparar este producto existem muitas fabricas, principalmente em Curityba e Campo Largo.

O consumo da herva-mate nos paizes extrangeiros é limitado ás republicas Argentina, Oriental e do Chile.

E', porém, este producto tão justamente apreciado naquelles paizes, que o consumo augmenta de modo verdadeiramente animador.

E' assim que sendo no quinquennio de 1855 a 1859 a média da exportação annual de 380.286 arrobas de 15 kilogrammas, no quinquennio de 1883 a 1887 attingiu a 1.036.591 arrobas: o que significa que da época da installação da provincia até hoje o consumo tem quasi triplicado.

Com a herva-mate prepara-se uma bebida saborosa e dotada de propriedades altamente hygienicas, conforme o tém reconhecido todos os sabios extrangeiros que a tém examinado.

Como bebida, pertence á classe do café e do chá, dos quaes possue o mesmo constitutivo—a theína ou cafeína.

Dotada de taes qualidades, logo que seja sufficientemente conhecida, não poderá deixar de ser universalmente usada.

Alguns industriaes tém applicado incessantes esforços no sentido de introduzir o mate nos mercados da Europa e dos Estados-Unidos, para cujo fim crearam com o auxilio do governo da provincia uma associação denominada *Propagadora da Herva-mate*.

Quando forem coroados de exito esses patrioticos intuitos, como sel-o-ão tarde ou cedo, visto como os europeus e norte-americanos não poderão desprezar a bebida sã, saborosa e barata que lhes offerecemos, só essa industria constituirá uma riqueza immensa para o Paraná.

A exploração do pinho tambem é outra industria que deve considerar-se como um poderoso elemento de riqueza.

Bastará que o viajante chegue, no trem da estrada de ferro, aos campos de Curityba, e lance os olhos para as florestas immensas de gigantescos pinheiros que se erguem de todos os lados, para convencer-se desta verdade.

O pinheiro é uma arvore preciosa nesta provincia.

Quasi só com os seus productos póde-se fazer uma casa, e aliás bem confortavel.

O vigamento, a coberta, as paredes, as portas, as janellas, o soalho e o forro, tudo póde ser feito de pinheiro.

Em casas assim construidas só os esteios é que costumam ser de *embuia* ou de outras madeiras de lei.

Fica, porém, entendido, que não é esse o systema usado geralmente, e que a maior parte das casas são feitas de paredes de tijolos, pedras ou madeiras, rebocadas com cal e cobertas de telhas.

O pinheiro dá um excellente fructo— o pinhão — que cosido ou assado constitue uma agradavel e succulenta alimentação.

Depois da construcção da estrada de ferro de Paranaguá á Curityba foram estabelecidas diversas serrarias nos arredores de Piraquara, entre as quaes torna-se notavel a do nosso distincto comprovinciano, o barão do Serro Azul.

Essas serrarias já tém feito grande exportação de pinho para o Rio de Janeiro, mas infelizmente os resultados hão sido negativos pela competencia que lhes faz o producto similar extrangeiro.

Tal competencia por absurda não poderá por muito tempo continuar.

Que o extrangeiro nos mande os artefactos de sua industria, que nos transmitta os productos de sua adiantada civilisação, é justo, é razoavel; porém que forneça a madeira bruta, a nós que estamos na natureza virgem e cercados de opulentas florestas, onde se encontra profusamente tudo o que fôr necessario neste genero, é até contristador e incomprehensivel.

O pinho do Paraná é não só egual, mas superior a todos os outros em resistencia e flexibilidade, segundo a opinião insuspeita de profissionaes que o examinaram na Belgica sob a inspecção do respectivo governo; alimentemos, pois, a esperança de que elle não tardará a adquirir o credito a que tem direito.

As referidas serrarias poderão produzir mensalmente carga para quinze navios de 200 toneladas: dahi vê-se a importancia da alludida industria e o quanto poderá ella concorrer para a prosperidade da provincia.

Outra grande industria existente nas localidades de serra abaixo é a da fabricação da aguardente.

Com ella se liga a da fabricação do assucar, que é preparado nas mesmas fabricas, porém em pequena quantidade, por offerecer a da aguardente maiores resultados.

No anno de 1878 foi fundado em Morretes, pelo Dr. Adolpho Lamenha Lins (prematuramente fallecido), que já havia exercido com muita distincção e patriotismo o cargo de presidente desta provincia, um engenho central para a fabricação de assucar e aguardente.

Esse engenho que actualmente pertence ao digno Sr. commendador Antonio Ricardo dos Santos, e que possue aperfeiçoados machinismos, não tem, por motivos que ignoro, e apezar da actividade de seu proprietario e respectivos encarregados, produzido resultados que compensem o capital empregado.

As demais industrias da provincia são, além de outras de menor importancia, as da farinha de mandioca, fumo, cerveja, sabão, velas, farinha de milho, barricas, cal, telhas, tijolos e vinho. Esta ultima industria vae-se desenvolvendo muito e promette tornar-se importante.

Nos ricos e extensos campos da provincia, principalmente nos Campos Geraes, existe a criação do gado vaccum, cavallar, muar e lanigero; e em diversas localidades faz-se abundante criação do gado suino.

O gado vaccum da provincia dá não só para o consumo da mesma, como para ser exportado. Para a provincia de S. Paulo vae annualmente pela via terrestre grande quantidade.

Os couros de bois são tambem objecto de grande commercio.

Fabrica-se na provincia carne secca, queijos e manteiga.

A industria pastoril é uma das que se podem desenvolver com grande vantagem na provincia, pelos excellentes campos que ella para isso possue.

Conforme o demonstram experiencias que tém sido feitas, é facil de criar o bicho de seda.

Existe uma lei da assembléa provincial garantindo juros para o estabelecimento de uma fabrica de tecidos em Castro; infelizmente, apezar de ser facil obter alli a materia-prima, por meio das convenientes plantações, nenhuma empreza ou capitalista tem querido até hoje se utilisar da concessão.

V

A grandiosa lei de 13 de Maio, que estabeleceu a egualdade humana no Brasil, não prejudicou a lavoura ou a industria, e nem affectou em cousa alguma a vida regular desta provincia.

Essa lei foi acceita em geral enthusiasticamente, e não provocou resistencia nem na imprensa e nem na opinião.

Antes mesmo da sua promulgação a provincia já dera mostras de adherir a ella, levantando o estandarte da abolição.

Umas localidades libertaram todos os seus escravos, outras approximaram-se a esse resultado, e outras que não fizeram tanto auxiliaram tambem o movimento, fazendo maior ou menor numero de libertações.

Póde, pois, dizer-se que a lei de 13 de Maio foi acceita pelo consenso unanime da população do Paraná.

VI

Existem nucleos de immigração nos municipios de Curityba, Serro Azul, S. José dos Pinhaes, Campo Largo, Morretes, Porto de Cima, Paranaguá, Palmeira, Ponta Grossa e Castro.

Desses nucleos grande parte tem prosperado e produzido o bem-estar dos immigrantes.

Outros tém sido abandonados por estes no todo ou em parte.

Estes insuccessos tiveram por causa ou não serem as terras proprias para o fim a que eram destinadas, ou não se adaptarem os immigrantes com o clima, como succedeu com parte dos estabelecidos na marinha, onde as terras aliás são uberrimas ; ou finalmente não serem os mesmos immigrantes agricultores, e preferirem occupar-se no commercio ou pequenas artes e industrias.

Mas, apezar disso, a immigração já tem contribuido de algum modo para dar animação á provincia.

Curityba principalmente muito lhe deve. Cheia de actividade e de movimento, com a sua edificação a augmentar prodigiosamente, essa cidade caminha apressada e sem que nada possa detel-a para o progresso e o engrandecimento.

E uma das causas disso é o estabelecimento de muitos nucleos de immigração em seus arredores.

O povoamento do Brasil por extrangeiros trabalhadores e intelligentes, que venham auxiliar os esforços dos filhos do paiz, no sentido de fazer desenvolver os elementos desaproveitados que nelle existem, é uma das questões mais momentosas da actualidade.

Esta provincia é uma das que melhor se prestam para receber os hospedes que a procurem.

Climas differentes, terras e elementos apropriados para as variadas especies de cultura e para os diversos generos de industria, tudo nella encontrará á escolha o immigrante mais exigente. Só o que não fôr laborioso é que deixará de encontrar a conveniente collocação.

Dêm os poderes publicos o devido impulso a esse ramo de serviço, e não será difficil o estabelecimento da immigração em larga escala na provincia.

VII

As estradas de rodagem ou mandadas construir pelo governo, como a de Graciosa, de Curityba á Antonina, e a de Matto Grosso de Curityba a S. Luiz (nos Campos Geraes), ou naturaes, como as que existem em

diversas partes do planalto, em que os campos levemente accidentados prestam-se com pequenos serviços á passagem de carros, estendem-se por quasi toda a provincia.

Presentemente estão sendo construidas estradas do Imbituva á Guarapuava e do Porto da União á Palmas, para pôr estas duas localidades (Guarapuava e Palmas) limitrophes com as republicas Argentina e do Paraguay, em communicação regular com o resto da provincia.

Tambem está em construcção a estrada de Antonina á villa do Serro Azul.

O governo deu ultimamente ordem para serem feitas duas estradas, ambas partindo de Guarapuava, uma pelo valle do rio Iguassú e outra pelo valle do Piquiry até a sua foz, para, ligando-se afinal e prolongando-se, ora pela via fluvial, ora pela terrestre, chegar á capital de Matto Grosso.

Essas estradas, além de estrategicas, são de immenso alcance e de grande futuro, pois que não só virão beneficiar esta provincia, rasgando os seus despovoados sertões até o magestoso rio Paraná, e tornando accessivel ao *touriste* a contemplação do Niagara brasileiro —a esplendia cataracta de Guayrá — como ainda mais á provincia de Matto Grosso, que ficará em communicação directa com as suas irmãs, entrando no convivio da sociedade brasileira, da qual, apezar de fazer parte integrante, se acha como que segregada por falta de estradas.

Em continuação da estrada de Curityba a S. Luiz, a que já me referi, existem vias de communicação que se prestam á rodagem, para Palmeira, Ponta Grossa, Imbituva, Castro e outros pontos. De Curityba tambem existem estradas nas mesmas condições para a Lapa, Rio Negro, Votuverava, S. José dos Pinhaes e Arraial Queimado.

Como vê-se, pois, excepto para os sertões remotos ou pouco povoados, já existem ou estão se preparando communicações regulares entre toda a provincia.

E' verdade que estas vias de communicação nem sempre estão em estado regular; porém como as chuvas são abundantes na provincia, e torna-se difficil a esta, em razão da exiguidade de sua renda, attender de prompto

aos concertos de que tão multiplas e extensas estradas necessitam, não é esse facto para admirar.

Existem communicações terrestres por diversos pontos com as provincias de S. Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catharina.

Para Guarakessava as communicações são feitas pela via maritima, e para Guaratuba pelas vias maritima e terrestre. De ha muito projecta-se fazer estradas regulares desta ultima villa á Morretes e S. José dos Pinhaes.

Os rios navegaveis são, além de outros, os rios Negro, Iguassú, Ivahy e Tibagy, não fallando nos rios Paraná e Paranapanema, que ficam na linha divisoria da provincia.

A navegação desses rios é feita quasi toda em canoas e lanchas.

A do Iguassú, do porto Amazonas as porto da União da Victoria, é tambem feita por um pequeno vapor, de propriedade do Sr. Amazonas de Araujo Marcondes. Com a sêcca torna-se difficil e até interrompe-se a navegação para o vapor; mas como não é isso devido a falta absoluta de agua, visto como o Iguassú tem as suas nascentes algum tanto distantes, e antes do porto Amazonas recebe muitos pequenos tributarios, é o mal remediavel, e com a construcção das obras d'arte necessarias poderá o rio tornar-se navegavel em todas as estações.

O mencionado vapor tambem viaja algumas vezes pelo rio Negro, tributario do Iguassú.

Sobre a navegação do rio Iguassú, encontram-se detalhadas informações na interessante descripção feita na *Revista Trimensal do Instituto*, volume 50, pagina 157 até 175, da viagem feita de Curityba ao porto da União pelo ex-presidente desta provincia, nosso illustrado consocio senador Alfredo d'Escragnolle Taunay.

Desde 5 de Fevereiro de 1885 possue a provincia a viação aperfeiçoada, isto é, a linha ferrea funccionando de Paranaguá á Curityba na extensão de 111 kilometros.

As difficuldades encontradas na serra foram taes, que a construcção dessa estrada é considerada uma das obras mais difficeis nesse genero e honra altamente a engenharia que a executou.

Existe um logar na serra em que a linha depois de transpôr um viaducto e de atravessar um tunnel passa durante algum tempo junto a despenhadeiros horrorosos; em alguns pontos a altitude do local apresenta ao longe á vista o mar e todo o territorio da marinha, com as suas povoações alvejantes, formando um lindo panorama: ahi a mistura do horrivel com o bello não póde deixar de causar ao viajante inolvidavel impressão.

Existe garantia de juros para um ramal da estrada de ferro da estação de Morretes ao porto de Antonina.

Actualmente a grande aspiração dos paranaenses é o prolongamento da estrada de ferro, afim de que possam comparticipar dos beneficios que ella proporciona as importantes e ricas povoações do interior da provincia.

Agora mesmo está o parlamento tratando de satisfazer essa justa e fundada aspiração; e provavelmente ainda antes de encerrar a sessão tomará alguma providencia a respeito.

Existem estendidas linhas telegraphicas de Paranaguá e Antonina até Lapa, Castro, Guarapuava e Palmas, com diversas estações intermediarias

Em relação, pois, a esse grande melhoramento, que tanta influencia tem na vida commercial, industrial. particular e politica, si bem que ainda haja muito que fazer, podemo-nos considerar já bem adiantados.

Como melhoramento realizado, torna-se digno de menção o passeio publico de Curityba, bellissimo ponto de recreio devido á iniciativa do nosso prestante consocio o senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, e como em projecto a illuminação a gaz da capital, que já se acha contratada pelo governo da provincia.

VIII

Existem em Curityba diversos jornaes diarios e semanaes.

Em Paranaguá e Antonina existem tambem periodicos hebdomadarios.

Em muitas localidades ha associações litterarias com bibliothecas, que prestam relevantes serviços á mocidade estudiosa.

Contam-se em Curityba os seguintes estabelecimentos de instrucção:

O Instituto Paranaense creado pelo governo, e varios collegios, onde se ensinam todas as disciplinas necessarias para o ensino preparatorio;

Diversas aulas de instrucção primaria;

Uma de surdos-mudos;

Uma de desenho e pintura.

Em algumas cidades existem collegios ou aulas do ensino secundario, e em todas, bem como nas villas e freguezias, escolas de ensino primario.

Até agora existiam tambem aulas primarias em muitos bairros e povoados; mas infelizmente, com grande prejuizo para o ensino publico, acabam de ser supprimidas pela assembléa legislativa provincial.

Em compensação, nota-se de algum tempo a esta parte um movimento intellectual verdadeiramente animador.

Uma pleiade de moços talentosos trata de levantar a litteratura da provincia.

Cada um dos membros dessa cruzada civilisadora esforça-se por apresentar em livros ou artigos de jornaes o melhor e o mais bem acabado trabalho; uma nobre emulação reina entre todos; finalmente, o gosto pelas letras impulsionado por serios e profundos estudos surge vivaz no Paraná.

A geração que se ergue está destinada a levantar bem alto o nome da provincia.

IX

Pelas toscas informações que acabo de dar vê-se quão fartos são os elementos com que conta o Paraná.

Vê-se tambem que elles em sua maior parte se acham ainda desaproveitados.

A comparação, porém, do estado actual da provincia com o da época da sua creação mostra o muito que temos caminhado.

O Paraná, pois, cujo progresso tende cada vez mais a accelerar-se com o aperfeiçoamento das vias de communicação, introducção do elemento extrangeiro e desenvolvimento da lavoura, industria e commercio, póde e deve aspirar a um futuro brilhante.

Cumpre, porém, que não o esperemos inactivos; cumpre que o ajudemos a preparal-o.

Para isso é preciso mais do que tudo, trabalho e patriotismo.

Terminando, direi que, recebendo com demora o convite a que já me referi da commissão do Instituto, não tive tempo de procurar minuciosas informações sobre os assumptos de que acabo de occupar-me, e vi-me forçado a dar sómente delles os traços geraes.

Por tal motivo, pois, e pelo ainda maior da incompetencia do autor, espero que o Instituto me desculpará da insufficiencia deste trabalho.

Campo Largo, 4 de Setembro de 1888.

ANTONIO RIBEIRO DE MACEDO.

RIO DE JANEIRO

REGISTO da Provisão dos Priuellegios que gosão os sidadois desta Cidade.[1]

DOM PEDRO por graça de Deus Principe de Portugal e dos Algarves daquem, e dalem mar, em Africa e deguinê, e da conquista navegação comerssio de Ethiopia Arabia, Percia e da India &ra como regente e governador dos ditos Reinos e Senhorios fasso saber que por parte do Doutor frey Mauro da Asumpção foi apresentado ao goarda mor da Torre do Tombo huã prouisão feita em meu nome, passada pella chançellaria nas costas de huã sua Petição de que tudo o Tresllado he o seguinte : « Diz o Doutor frei Mauro da asumpção Procurador Geral da cidade de São Seb.am do Rio de Janeiro que o Senhor Rey Dom João o quarto da gloriosa memoria foy servido faser mercê aos cidadois da dita cidade das honras, Liberdades, e Priuillegios comcedidos aos cidadois da cidade do Portto como consta do Alvarâ que apres.te e por quanto lhes falta inteira noticia de quais serão os Priuillegios referidos pera poderem uzar delles na forma do Alvarâ que com esta offereçe, Pede a V.S.a seia servido mandar ao guarda mor da Torre do tombo lhe passe hum Tresllado em modo que faça feê dos Priuillegios comçedidos aos cidadões da cidade do Portto e Receberâ

[1] Cópia de Ms. off. pelo Snr. Director do Archivo Publico do Imperio, Dr. Joaquim P. M. Portella.

mercê. « Despacho » Sim na forma ordenada Lisboa treze de ouctubro de seis centos e setenta, rubricada por hû ministro do Dezembargo do Passo.

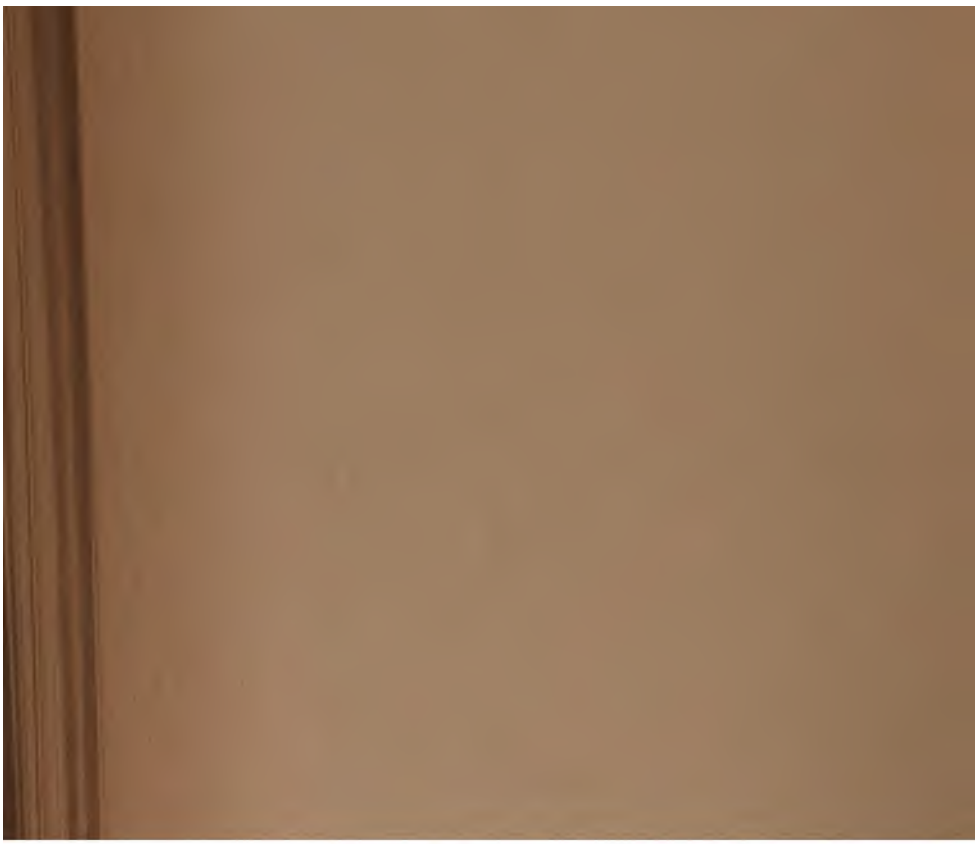
« Dom Pedro por graça de Deus Principe de Portugal, e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa e de guinê, como regente e governador destes Reinos, e Senhorios &ra. fasso saber a vos guarda Mor da Torre do Tombo que hauendo respeito ao que por sua atras escrita me emviou dizer o Doutor frei Mauro dasumpção procurador Geral da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e visto o que allega hey por bem e vos mando que lhe deis o Tresllado dos Priuillegios comçedidos aos cidadões da cidade do Portto de que na mesma petição fas menção, o qual lhe darão na forma custumada e comforme a prouisão que mandei passar da ordem porque da mesma Torre se hão de dar as partes o Tresllado das cousas que pedirem cumprão assim o Principe nosso Senhor o mandou Pellos Doutores Manoel de magalhães de menezes, e fran.co de miranda Hemriques, ambos do Conss.o de Sua Mag.de e seus dezembargadores do Paço Antonio de moraes a fes em Lisb.a a quatorse de ouctr.o de mil e seis centos e setenta, Luis Chanches Baéna a fes escrever « Manoel de magalhães de menezes » fran.co de miranda Henrriquez » « em comprimento da dita Prouisão se Buscarão os Livros da Torre do Tombo pelo escrivão della, que esta sobscreveo em o Livro de comfirmaçois do anno de noventa e tres athe noventa e seis, escrivão Manoel da Costa, e fran.co Cardoso a fl.s 257 v.o esta a Carta de que o Tresllado he o siguinte : « Dom Phelipe por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de guinê e da comquista navegação comercio de Ethiopia Arabia percia e da India &a a quantos esta minha Carta de Comfirmação virem faço saber que por parte dos Juizes, Vereadores e Procurador da cidade do Porto e Procurador dos mesteres della me foi apresentada hûa Carta do Senhor Rey Dom João o segundo que sancta gloria aia, por elle asinada, e passada por sua chançellaria de que o Tresllado he o siguinte :

« Dom João por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de

guinê, a todos os Corregedores, ouvidores, Juizes e Justiça, e outros quaisquer officiais e pessoas de nossos Reinos a q.ª o conhecimento desto per qualquer guisa que seia pertençer e esta nossa Carta ou o Tresllado della em Publica forma per authoridade de Justiça for mostrado, Saude, Sabede que esguardando nossos muitos, e estremados servissos que sempre os Reis passados receberão e Nós recebidos temos da nossa mui nobre e Leal Cidade do Porto e cidadões della Com m.ta Lealdade e fieldade e conheçendo delles o amor com que nos deseião servir E esperamos que sempre sirvão e nem menos do que sempre fizerão e por ello e polo que a Nos comvem fasermos aos taes vassalos e por emnobresimento da dita cidade, e querendo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e previlegiamos todosos Los cidadões que hora são em a dita cidade e aodiante forem E queremos e nos pras que daqui em diante para sempre seião preveligiados que elles nom seião metidos atromentos per nenhûs maleficios que tenhão feitos cometidos e cometerem e fizerem daqui em diante saber nos feictos e daquellas calidades e nos modos com que o devem ser e são os fidalgos de nossos Reinos e Senhorios e isso mesmo nom possão ser presos per nenhûs crimes somente sobre suas menages e asim como são e devem ser os ditos fidalgos ; outro sy queremos e nos pras que possão traser e tragão por todos nossos Reinos e Senhorios quais e quantas armas lhe pareçer de noite e de dia, asim ofencivas como defencivas, posto que em alguas cidades e villas espeçialmente tenha mos defezo ou defendamos que as não tragão; outro sy queremos e nos pras que aião e gosão de todas as, gracas, leberdades, priuilegios que hão e temos dados a nossa cidade de Lisb.ª recervando que nom possão andar conbestas muares porque nom avemos por nossos servissos nem bem do reino andarem nellas ; outro sy queremos que todos seus caseiros, amos mordomos lavradores em cabecados que estiuerem e laurarem suas propias herdades e casais emcabeçados e todos outros que comelles continuadamen.te viuerem não sejão comstrangidos por hauerem de seruir, emguerras nem em outras hidas por mar nem por terra onde

gente mandemos somente com elles ditos cidadões quando suas pessoas nos forem seruir, outro sy queremos que nom possem comelles, nem lhes tomẽ suas casas de moradas, adegas nem cavallarias nem suas bestas de sella nem dalbarda nem outra nenhuã cousa do seu contra suas vontades, e lhe catem e guardem muito inteiramente suas casas e aião em ellas e fora dellas todas liberdades que antiga mente auião os Infaçoens, e ricos Homẽs, e porem mandamos a todos os corregedores, ouvidores Juizes e Justiças Alcaides e meirinhos e quaisquer outros nossos officiais e pecoas a q.ª esta nossa Carta fôr mostrada e o conhecimento pertençer que lhe cumprão e guardem e fação muito inteiramente cumprir e guardar assi e tão cumpridamente como em ella he contheudo porque nossa mercê he que lhe seia guardada sob pena de seis mil soldos pera Nos qualquer que lhe contraesta forem em parte ou em todo lhos pagar, os quaes mandamos ao nosso Almoxarife ou recebedor de cada hum lugar dessa correição que os arecade e Reçeba para nos de qualquer pessoa ou pessoas que lhe contra esta nossa Carta forem, e mandamos ao escrivão do Almoxarife que os ponha sobre elle em reçeita pera Nos averemos delles boa recadação sob pena de os pagarem ambos em dobro de suas casas dada em a nossa cidade de Evora ao primeiro dia do mes de Junho Gil frenandes a fes anno de nosso Senhor JCXp.º de mil e quatrocentos e noventa annos. « Pedindome os Juizes e Vereadores e procurador da dita Cidade do Porto e procurador dos mesteres della que lhe confirmasse esta Carta e visto seu requerim.to querendolhe faser graça e mercê tenho por bem e lhe comfirmo, e hej por comfirmada, e mando que se cumpra e guarde Inteiramente, assi e da maneiraque se nella conthem e por firmesa de todos lhes mandey dar esta minha Carta por mim asignada e asellada do meu Sello de chumbo pendente dada na cidade de Lix.ª aos quatro dias do mes de novembro ; Duarte Caldeira a fes anno de nosso Senhor J Cxp.º de mil e quinhentos e noventa e seis annos. E eu Rui dias de meneses a fiz escrever, e não dis mais no registo da dita Carta de que foi pedido o Tresllado por parte do Doutor frei Mauro dasumpção quelhe

mandej dar emesta minha carta a que se dará tanta feê e credito como ao proprio registo que estâ no dito liuro donde foj tirada e com ella comçertada dada na cidade de Lix.ª o Prinçepe nosso Senhor o mandou por João Duarte de Resende fidalgo de sua Casa Caualleiro da ordem de Sam Bento de avis guarda môr da Torre do Tombo ; Manoel Pacheco de Sousa a fes aos vinte e tres dias do mes de feuereiro de seis centos e setenta e hum annos ; e vaj escrita em duas meias folhas de purgaminho comesta. Eu Manoel Pereira Souto Maior a fes escreuer. « João Duarte de Resende » Bernardo Cardoso tabellião publico de notas p.lo Prinçepe nosso Senhor nesta cidade de Lix.ª e seu termo Certifico que o sinal ao pe da Carta he de João Duarte de Resende nella conhecido Lix.ª quatro de Março de seis centos e setenta e huñs annos. «Sinal Publico» em Testemunho de verdade «Bernardo Cardoso » O Doutor Domingos Borges Pinto do desembargo de Sua Alteza e seu Juiz da Indiaemina e da Justificações Ultramarinas &ra. faço saber aos que a presente certidão de Justificação virem que amin me consta porffeê do escrivão que esta sobscreueo ser a letra e sinal Publico e raso do reconheçimento asima de Bernardo Cardoso tabellião de notas nesta cidade de Lix.ª dada nesta cidade de Lix.ª aos quatro dias do mes de Março ; de *1671.* ? E eu Simão da Silva escrivão das Justificações Ultramarinas a sobscrevj » Domingos Borges » Pagou com busca mil reis e de asinar tres.tos e setenta reis » Resistese nos Livros da fasenda real Rio de Janº 9 de novembro de 1686 » Moura » aqual Provisão de Sua Mag.de Eu Luiz Lopes Pgado Escrivão da faz.da Real fis aqui registar da propria que me mandarão entregar os offiçiais do Senado da Camara aq.m a torney a remeter, e vay na verdade sem Causa que duvida faça e escreuy, conferj, sobscreuj, e asinej nesta dita cidade do Rio de Janeiro aos doze dias do mes de Janeiro de mil e seis çentos e oitenta e seis annos (assº.)Luiz Lopes Pgado. » Consertado por mim Escriuão da fazendaReal. « Pgado » *Luiz Lopes Pgado.*



[redacted]

[redacted]

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro

1º Secretario desde 3 de Junho de 1859 a 15 de Janeiro de 1876

N. em 17 de Junho de 1825. + em 15 de Janeiro de 1876

OS INDIOS CAINGANGS

(COROADOS DE GUARAPUAVA)

MONOGRAPHIA

acompanhada de um vocabulario do dialecto de que usam

POR

Alfredo d'Escragnolle Taunay

Socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

E

SENADOR DO IMPERIO.

I

Sempre que me achei em zonas habitadas por indios, procurei sobre elles colher todos os dados possiveis, organisando com escrupulosa cautela e a maior consciencia vocabularios mais ou menos completos e cujo valor, quanto á verdade sonica, tinha como dever severo, e nunca preterido, verificar muitas e muitas vezes.

Todos quantos se tém achado em contacto com aborigenes sabem, comtudo, o grau de difficuldade que ha nessas tentativas, não só pelo modo de pronunciarem as palavras, deficiencia absoluta de regras grammaticaes e falta de signaes graphicos para bem exprimirmos as aspirações gutturaes ou sybillos que lhes são peculiares, como tambem pela reluctancia em responderem a interrogatorios um tanto longos e de caracter até certo ponto scientifico.

Neste particular, e pelas causas que deixo apontadas, costumam muitos viajantes ser de estupenda facilidade e despreoccupação ao constituirem pretendidos glossarios, em que mal se encontra longinqua parecença com palavras exactas, certos de que a verificação é, no mais das vezes, quasi impossivel.

Castelnau, sem citar outros, patentêa então uma sem ceremonia que merece o qualificativo de admiravel, truncando, deformando e adulterando, de modo muito curioso, os mais simples vocabulos que a esmo recolheu, ou então inventando outros, que nunca até existiram.

Depois, ha nova consideração a fazer-se.

E' que cada qual toma as suas notas de viagem na lingua que falla, de maneira que mui naturalmente emprega as lettras, vogaes e diphtongos com os sons proprios do idioma patrio.

Dahi equivocos e confusões horrorosas e si quizerem até engraçadas, mas em extremo prejudiciaes aos estudos serios e sinceros, quando uns copiam dos outros, sem indicarem a fonte, onde foram buscar aquellas informações glottologicas, ou ainda mais tendo a peito encobrir essa origem, para camparem de originaes.

Em longa relação de viagem de um distincto brasileiro, aliás bom conhecedor hoje de cousas indigenas, já vi transcriptas, como proprias, paginas inteiras do allemão Martius, em que abundavam os *v* e *w* peculiares á lingua materna daquelle illustre botanico e naturalista, e que portanto deviam ter o valor do *f* e *v* portuguezes, e não de *v* e *w*.

Então quando appareciam os diphtongos *ei* e *eu*, cuja pronuncia é tão especial e difficil, além de outros, augmentava a confusão e sorpreza, para quem desconhecia, como aconteceu commigo durante largos annos, a procedencia daquelle modo de escrever vocabulos de indigenas nossos.

Que grau de confiança podem, pergunto, merecer trabalhos feitos deste modo?

Considero-os causa de perigoso cahos e de fórma alguma adminiculo capaz de concorrer para a boa solução do interessante problema proposto pelo grande

philologo e sabio, o já citado Martius, qual seja chegar-se, pelo cotejo e justa analyse de todos os vocabularios das tribus do Brasil, á apreciação exacta das modificações que soffreu a lingua geral tupy e das ligações que entre todos os dialectos existem, mais ou menos claramente denunciadas.

Receioso de concorrer para augmentar e aggravar a perturbação que se nota nesse melindroso assumpto, tive sempre— repito— o maximo cuidado, ao preparar, apontamentos e reunir notas destinadas á publicidade, sob minha immediata responsabilidade.

Da prudencia e cautela com que procedo, consegui já bella recompensa, pedindo permissão para manifestar não pequeno desvanecimento pelo juizo que o illustre viajante americano Herbert Spencer, tão laborioso, tão honesto em suas informações, quanto original em suas descripções e na redacção dos seus diarios, exarou sobre o *Vocabulario da lingua chané* (indios *guanás*, *kinikinaus*, *laianos e terenos*) *de Matto Grosso*, por mim recolhido, impresso nas paginas da *Revista* do Instituto Historico, e que já mereceu transcripção nos Estados-Unidos.

« Difficil é, diz elle, levar mais longe a exactidão em trabalhos desta natureza. Com o diccionariosinho de Taunay em mão consegui muitas vezes entender-me com aquelles indios. Farei sempre justiça ao seu *Vocabulario*, que considero de grande valor e excellente auxiliar ao viajante dessas distantes paragens. »

Affianço que nesta relação de termos indigenas agora publicada, empreguei o mesmo processo e meticuloso zelo, não assentando em meus cadernos expressão ou phrase, de que não tivesse quanta certeza podia adquirir nos meus insistentes inqueritos e penosas confrontações.

E, desta feita, coube-me a felicidade de ser guiado por precioso collaborador, um intelligente paranaense que encontrei no sertão de Guarapuava, conhecedor perfeito da lingua dos indios daquella grande zona, e que me prestou os mais detidos esclarecimentos, concorrendo com o poderoso contingente dos seus

conhecimentos e experiencia, para que hoje eu possa depositar bastante confiança no presente vocabulario.

E' o Sr. Antonio Mendes de Almeida, cuja proficiencia em assumptos indigenas é incontestavel e geralmente reconhecida. Entretanto, como sempre acontece entre nós, essa sua aptidão e estudos em nada foram ainda aproveitados, quando deveriam, já ha muito, ter sido applicados ao chamamento dos indios *corôados* ao seio da civilisação brasileira, tanto mais quanto esses aborigenes, embora de indole mansa e sympathica, manifestam sensivel reluctancia em acceitarem os beneficios da sociedade culta.

II

Logo que cheguei á provincia do Paraná, de que fui presidente pouco mais de cinco mezes, de 28 de Setembro de 1885 a 4 de Maio de 1886, tive que me avir com os chamados indios de Guarapuava. Vagava pelas ruas de Curityba uma turma semi-nua dessa gente, reclamando ferramentas, roupas, dinheiro, etc., e lamentando-se de haverem sido maltratados por brasileiros e despojados de terras que lhes pertenciam.

Procedi a varios interrogatorios e vi que as suas queixas eram vagas, obscuras e sem objectivo determinado, porquanto as taes posses, segundo pretendiam, occupavam superficies enormes, para poderem contentar os seus habitos nomades e de simples vagabundagem.

Depois de ter, a muito custo aliás, conseguido um começo de vocabulario, mandei-lhes dar alguma roupa e varios instrumentos aratorios, e fil-os partir para a cidade de Ponta Grossa, donde deviam seguir para o rio dos Patos e o Ivahy.

Comsigo levaram quantos cães poderam arrebanhar e de cuja acquisição se mostraram, como é de uso, sobremaneira avidos. A esses infelizes animaes, de certo, não esperava vida farta e descansada, pois os que lhes serviam de companheiros denunciavam extrema magreza e insaciavel voracidade.

Desde principio, porém, me impressionára o appellido de *corôados*, pelo qual são esses indios quasi exclusivamente conhecidos em toda a provincia do Paraná.[1]

Como e porque razão tivera esse nome de caracter meramente portuguez a força e valor de eliminar do conhecimento geral a denominação de etymologia indigena e especial, que essa grande tribu devia, sem contestação possivel, possuir e conservar?

Bem sabia eu que provinha aquella especificação do modo por que esses primitivos filhos do Brasil costumam cortar o cabello, e nenhuma relação immediata os prendia aos *corôados* de Matto Grosso.

Com effeito, ahi procede o nome identico de simples e facil corruptéla, transformação da palavra *croás*, que designa, em sua lingua, os indios do sertão intermedio a Goyaz e Matto Grosso.

No Paraná, porém, apezar das minhas indagações, ninguem sabia de outro alcunha de feição autochtona, e fiquei muito admirado quando, na cidade de Guarapuava, onde cheguei a 7 de Abril de 1886, pela primeira vez ouvi da boca de um indio mais ladino a palavra *caingang*, como denominação geral da tribu e, do interrogatorio a que o submetti, deprehendi que tinham certo desgosto em ser chamados *corôados*.

Causou-me especie esta novidade, e, insistindo em tão interessante ponto, pude verificar, depois de me entender com outros homens e mulheres da partida que viera esperar-me, que esse sentimento de desprazer lhes era commum, ficando muito satisfeitos quando os tratavam por *caingangs* e não pelo vocabulo portuguez.

Communiquei esta observação ás pessoas que me rodeavam, e nas minhas conversações com os moradores mais antigos da localidade a ella de continuo alludi, mostrando-se todos ignorantes do verdadeiro nome da tribu,

[1] Tambem costumam chamal-os *bugres*, denominação dada, como a de *caboclo*, em geral a todos os indios. Na provincia de Santa Catharina elles não tem outro nome; na do Paraná é muito mais frequente o de *coróados*.

que mantém, comtudo, desde os primeiros annos deste seculo (1816), relações mais ou menos seguidas com aquelle centro de população.

Dahi me proveiu certa ufania — poder reintegrar na grande familia *tupy* esse ramo dos *corôados*, dando-lhes a legitima e verdadeira appellidação indigena.

Esta illusão, porém, desfez-se em Curityba, quando, de volta da longa e aprazivel viagem aos Campos Geraes, sertão e cidade de Guarapuava, tive occasião de manusear o *Catalogo dos objectos do Museu paranaense remettidos á exposição anthropologica do Rio de Janeiro*, que me foi offerecido pelo incansavel creador e conservador daquelle curioso e instructivo estabelecimento provincial, o sympathico e popular desembargador Agostinho Ermelino de Leão.

Esse *Catalogo*, impresso por ordem do presidente Carlos Augusto de Carvalho, traz a data de 1882 e contém, como appendices, uma valiosa Memoria sobre os indios *caingangs* e *camés* (corôados), escripta pelo missionario capuchinho frei Luiz de Cemitille e Vocabularios desses dialectos reunidos pelo Sr. Telemaco Marcines Borba, imperterrito sertanejo, e homem de longa data atirado a ousadas emprezas e continuas explorações nos vastos campos e compactas florestas de pinheiros do Oeste da provincia do Paraná.

Posso, comtudo, affirmar, que somos, nós tres, dos primeiros a chamar pelo seu verdadeiro nome os primitivos habitantes daquella extensa região, parecendo-me já tempo de acabar-se com a expressão tão vaga e indefinida de *corôados*, que até hoje confunde muitas tribus, ramificando-se de todos os lados o erro, com a aggravação, em Matto Grosso, de que os *croás* não usam a maneira especial de tosquiarem os cabellos, abrindo nelles a caracteristica *corôa*.

Augusto de Saint-Hilaire, tão cuidadoso em suas informações, tão exacto e minucioso sempre, tão util para quem viaja o Brasil, pois soube, para assim dizer, photographal-o, e ainda hoje é em muitas provincias preciosisimo guia, Saint-Hilaire trata um tanto extensamente dos *corôados* de Guarapuava, de que dá ás paginas

456 e 457 do 1° volume de sua *Viagem ás provincias de S. Paulo e Santa Catharina* um vocabulario muito resumido, de trinta e uma palavras, cuja exactidão aliás não garante.

A esses indios chama á pag. 425 daquelle volume *camés* e *votorons*, e mais adiante (pag. 454) *guanhanans*, chegando a crêr que fossem os mesmos *guaianazes* dos campos de Piratininga.

A' pag. 46 do 2° volume, diz elle o seguinte: «*Aos bugres vizinhos de Jaguariiva dão os paulistas o nome de corôados, porque, segundo consta, costumam aquelles selvicolas raspar no alto da cabeça uma corôasinha.*»

Acrescenta, depois, com razão que esses *corôados* dos Campos Geraes nada tinham commum com os *corôados* do Rio Bonito (provincia do Rio de Janeiro) ou com os do Presidio de S. João Baptista, em Goyaz.

III

Si a leitura dos modestos trabalhos de frei Cemitille e Telemaco Borba me trouxe certo desconsolo pela prioridade que lhes cabia, e tive de ceder, delles colhi, comtudo, não pequenas vantagens.

Com effeito no Glossario do sertanista encontrei a melhor das contra-provas de que os meus apontamentos deviam merecer-me fé e confiança. Quanto á noticia do missionario nella achei coordenadas, e bem coordenadas, muitas notas tomadas quasi tachygraphicamente, ficando portanto o trabalho que eu teria de fazer sobremaneira simplificado ou antes excusado, sem inconveniente algum.

Observo que o vocabulario Borba traz 262 termos, ao passo que o meu encerra nada menos de 604, além de algumas phrases que pude colligir.

Cedo, agora, a palavra ao digno capuchinho, corrigindo os naturaes lapsos do estylo da sua despretenciosa noticia:

Costumes

« Esta nação de indios é chamada pelos brasileiros *corôados* pelo costume de cortarem os cabellos á maneira dos frades franciscanos; não gostam, porém, deste appellido e a si mesmos se chamam *Caingang*, que em lingua portugueza quer dizer indio ou antes aborigene. Tambem se appellidam *Caingang-pé* (Indio legitimo) e *Caingang-venheré* (indio cabello cortado), mas os historiadores sempre os tratam pelo nome de *Camés*, palavra cuja etymologia ainda não nos foi dado conhecer.

« Habitam em cabanas cobertas de folhas de palmeiras, differentes em tamanho, conforme o numero dos individuos, e quasi sempre assentes em collinas, á distancia de duzentos a trezentos metros da agua. Nunca fazem divisões internas, mas conservam um espaço de tres a quatro palmos de largura, e de todo o comprimento da cabana, para o fogo que entretém acceso noite e dia.

« Em ambos os lados da cabana, estendem grandes cascas de arvores, que lhes servem de assento, mesa e cama, e onde dormem enfileirados, com os pés sempre para o lado do fogo e sem distincção de sexo. Antes de adormecerem cantam (como tenho presenciado) uns versos monotonos : *inváque que penné ima ará ie.*

« Gostam muito de criar gallinhas, especialmente brancas[2] ou pintadas; domesticam tambem bichos e aves silvestres; mas o cão é o seu animal predilecto, e fazem com prazer todo o sacrificio para obterem este logartenente do homem, que lhes é da maior utilidade. Seguem para Curityba daqui distante umas sessenta leguas, e ultimamente foram até á cidade da Fachina ainda mais longe, sómente com o fim de alcançarem esses animaes, que lhes servem de companheiros em suas viagens e de auxiliar nas caçadas.

---

[2] Notei tambem esta predilecção nos indios de Matto Grosso.
(Nota de E. T.)

« Ao primeiro canto do gallo levantam-se e procuram agua para se lavar; ao voltarem, assentam-se em redor do fogo e do cacique; recebem as ordens que cumprem sem observações e com pontualidade.

« Sustentam-se de caça, peixe, mel e fructas; plantam tambem algum milho e feijão. Do milho fazem uma especie de pão, para o que o pôem de môlho na agua até apodrecer, e depois o socam ao pilão, ou o amassam com as mãos e cuspo, fabricando uma roda de bom tamanho para assarem-na embaixo da cinza, ficando o milho por aquella fórma apodrecido com cheiro tão repugnante, que não ha pessoa civilisada que o possa tolerar.

« Até o presente são bem poucos os que querem a comida temperada com sal. Mostram a maior aversão ao leite e a carne de gado vaccum.[3]

« São francos, alegres e conversadores; tém grande paixão por missangas, especialmente brancas e offerecem de bòa vontade o que tém de melhor em suas cabanas em troca dessas bagatelas. Quando organisam suas festas e danças, servem as missangas de enfeite ás mulheres, que as tém em grande estimação, trazendo-as a tiracollo, quantas possam ajuntar. Quem lhes dá alguma cousa como presente não fica sem retribuição.

« Rapam as sobrancelhas, barba, bigodes e todos os cabellos do corpo.

« As suas armas são grandes arcos feitos de pau de guaiuva e todos enleiados com a casca de cipó imbê, flechas de dous metros de comprimento com farpas de osso de macaco ou de ferro, e mostram muita habilidade na pintura dellas.

« Além dessas armas, usam tambem de lanças de folhas de facas muito polidas, tendo as hastes dous metros de comprido mais ou menos; com estas armas fazem a

[3] Verifiquei isto por mim. Mandei em Guarapuava distribuir-lhes carne de vacca e só os homens nella tocaram As mulheres recusaram-se a provar siquer; pediam carne de porco.

(Nota de E. T.)

guerra e tambem as suas caçadas, nas quaes mostram grande tino e habilidade. Quando voltam para as suas cabanas é sua chegada annunciada de longe com toques de busina, feita algumas vezes de taquara, e, quando podem obter, com o chifre de gado vaccum. Gostam muito de facões, machados, tesouras ou qualquer ferro cortante ; mas sobretudo mostram o maior empenho em obter cachorros; com estes caçam,mas depois da caça morta não repartem com os cães, nem mesmo os ossos, dependurando-os ou enterrando-os, para que não se tornem preguiçosos ; por isso sempre andam estes magros e prestes a morrer de fome ; entretanto quando lhes morre algum cão, lamentam e choram como si lhes tivesse morrido algum parente.

« Mostram grande predilecção por espingardas, e quando tém a felicidade de conseguir uma, dão-lhe grande estimação,trazendo-a muito limpa por fóra, como costumam conservar as armas e ferramentas ; quasi sempre, porém o interior do cano é sujo, talvez por não saberem ainda desmanchar a arma : são bons atiradores e raras vezes perdem o tiro.

« Costumam fazer o primeiro casamento quando apparece perto da lua uma estrella, e depois em qualquer tempo do anno, devendo o genro acompanhar e servir o sogro, aliás ficará sem mulher, e logo passará para outro que se sujeite ás condições do pae da mulher; mas quando a mulher fica um pouco velha será trocada por outra mais moça.

« Deste modo casa a moça varias vezes.

« Quando alguem se distingue na guerra ou na caça, toma duas e algumas vezes tres e mais mulheres, e chama-se então *Tremani*, que quer dizer valente e forte. E, com effeito, os indios mais destemidos são logo conhecidos pelo maior numero de mulheres que possuam. Ao se encontrarem,não costumam trocar comprimentos; mas, entrando nas cabanas dos vizinhos, sentam-se sem ceremonia perto das pessoas que lhes são mais affeiçoadas, e assim permanecem até que estas lhes offereçam alguma fructa ou qualquer outra cousa: depois de terem comido, deitam-se e começam a conversar.

« Aquelles que não entram na palestra guardam profundo silencio, dando de vez em quando signal de interesse com a cabeça, ou mostrando sua approvação com uma palavra guttural—*hê*—que quer dizer « está bem. »

« Consiste sua industria no tecido de um panno grosso feito com as fibras de ortiga grande (uáfé), na fabricação de alguns utensilios de barro e especialmente na feitura de lanças, arcos e flechas. Nesse trabalho então mostram muita habilidade, polindo as armas e pintando-as de diversas maneiras.

« Occupam-se as mulheres no serviço dos tecidos e fabricação da louça ; os homens nos adornos das armas.

« São os pannos tecidos sobre os joelhos, e servem para cobrir as partes que o pudor femenino manda esconder ; quanto aos homens, andam inteiramente nús. Além de pannos para este serviço, tecem outros com mais delicadeza, feitos com as mesmas fibras, dando-lhes ordinariamente de seis a sete palmos de comprimento, bem trabalhados, e sobre elles desenham com tinta vermelha diversos traços que, segundo me contou o cacique, representavam facões, machados e flechas, embora não pudesse eu achar a menor semelhança com taes objectos.

« As mulheres, quando se acham pejadas, abstem-se de comer carne, alimentando-se sómente com palmitos, fructas, etc.

« Dizem que é para não engordar o filho no ventre. Depois de terem dado á luz, comem sem escrupulo todas as cousas comestiveis, e logo, tanto a mãe como o filho, se lavam em agua fria. A recem-parida mesma o leva para o corrego mais perto, e com tudo isso é extremamente raro que uma india morra de parto ou de suas consequencias.

« Reduzem-se á pouca cousa os seus divertimentos ; o principal é o combate simulado. Dous partidos contrarios munem-se de grande quantidade de cacetesinhos de 2 1/2 a 3 palmos de comprido ; formam-se em grupos e começam a atirar os cacetes uns aos outros, desviando-se como melhor podem, e neste exercicio mostram muita agilidade e destreza. Sempre sahe comtudo algum

contuso, e aquelle que acerta uma cacetada no contrario ri-se a gargalhadas. Consiste outro brinquedo em enterrarem-se uns aos outros na lama sem distincção de sexo; procurarem queimar-se com fachos de palha accesa; emfim, a lutarem ou treparem nas arvores mais altas.

« Por qualquer bagatela fazem grande algazarra. Si acontece que um marido surre a mulher ou algum filho, aparta-se o casal sem ceremonia, e logo o homem cuida de procurar outra esposa.

« Quando, porém, a duvida é com gente civilisada, armam-se com lanças, arcos e flechas (até crianças) para se vingarem; mas si não conseguem seu intento, conservam a lembrança do ultrage até a morte, e morrendo deixam-na por herança aos filhos.

« Viajam com as mulheres, que carregam o filho menor ás costas, preso por um cinto feito de casca de arvore, de fórma oval, e que é passado na testa da india e dalli para o assento da criança; levam tambem fogo, e apagando-se tornam a accendel-o esfregando, com dous paus seccos de encontro um ao outro. Andam os homens inteiramente nús, mas enleiam as pernas com cordinhas feitas da casca do cipó imbê, ou do pello de porcos selvagens, para se livrarem das mordeduras das cobras; caminham cinco a seis leguas por dia, e carregam pesos de quatro a cinco arrobas arranjados dentro de uma pisamé ou cesto seguro por uma corda, que, presa no cesto, passa na testa do indio; além das armas levam um bordão que lhes serve de apoio.

« Quando algum delles cahe doente, apertam-lhe o corpo inteiro com cordas de imbê, deitam embaixo do leito desde a cabeça até o grosso das pernas umas hervas sobre brasas para produzirem grossa fumaça. Sentam-se então de um lado as pessoas encarregadas de applicarem os remedios, e do outro um homem ou mulher (dos mais velhos), que continuadamente assopra em differentes partes do corpo do enfermo. Quando a doença vae tomando aspecto perigoso começam as mulheres a chorar em altos gritos, e assim continuam até que percebam alguma melhora (o que raras vezes acontece) ou morra o doente.

« Exhalado que seja o ultimo suspiro, é immediatamente levado o morto para o logar da sepultura, carregado por tres homens, segurando um a cabeça, outro no meio do corpo e o terceiro as pernas, indo o cadaver envolto em um panno (curú) e seguro com amarrilhas. Chegado ao seu destino, abrem uma cova que mede sempre 7 palmos de cumprido, 3 de largura e 4 de fundo, tendo para esse serviço uma bitola exacta; forram essa cova com folhas de palmeira e metade da casca de arvore que servia de cama ao fallecido, e depois com grande cuidado o depositam na sepultura com a cara para o poente, servindo de travesseiro os seus curús e pennas. A' direita collocam todas as suas armas e um tição de fogo acceso ; cobrem depois com paus que alcançam de um a outro lado da sepultura, em cima dos quaes poem a outra metade da casca da sua cama para evitarem que caia terra sobre o corpo ; tapam todos os orificios com folhas de palmito e enchem a sepultura com terra que vão depositando até altura de 10 a 12 palmos, dando-lhe fórma conica. Acabado o enterro, voltam todos para suas cabanas, guardando rigoroso silencio ; as mulheres do fallecido fecham-se em um pequeno rancho apartado por espaço de 8 dias, tendo de carpir ao romper da aurora, ao meio-dia e ao entrar do sol ; os mais tratam immediatamente de arranjar o necessario para a festa dos mortos.

« Para prepararem as bebidas destinadas a essa festa mettem o milho e o pinhão juntamente com agua em grandes panellas de barro, e perto do fogo os moem com os dentes para mais depressa fazel-os fermentar; depois, misturam o caldo do milho com mel, formando por este processo uma bebida embriagante, pouco agradavel ao paladar da gente civilisada, mas muito apreciada dos selvagens, que a chamam *Aquiqui*, isto é, aguardente.

« Oito dias depois do enterro do morto, a um signal de busina, reunem-se na cabana dos parentes do fallecido todas as familias da tribu, com os corpos pintados de preto. Entram em silencio e com gravidade, e sentam-se sem distincção á roda do fogo (que quasi se estende de uma extremidade da cabana á outra) em duas fileiras, uma em frente da outra. Sentam-se as mulheres

por traz dos homens; nesta posição começa o cacique a cantar em louvor do morto uma cantiga monotona; as mulheres, e a do morto sentada a um lado, choram, e os homens offerecem aos convidados comidas e *aquiqui*. Repentinamente levantam-se todos cantando e dançando em torno do fogo, formando uma scena animada e pittoresca o movimento dos corpos acompanhado com as mudanças dos passos de certeza admiravel, tendo todos nas mãos uma rama de folhas verdes ou um bordão pintado a capricho; continuam com este folguedo até acabar-se o *aquiqui*,o que geralmente não passa de cinco a seis horas; durante este brinquedo alguns delles ficam embriagados e lançam o *aquiqui* ao fogo; mas estes são amarrados para não fazerem damno aos mais, e quando acontece que alguma mulher fica neste estado, serve de caçoada a todos, até crianças. Desta maneira acaba a dança, e todos suados e sujos de cinzas e fumaça procuram o rio para se lavarem e dissiparem os vapores do aquiqui.

« As cabanas em que moram servem até ficarem inhabitaveis por causa da immundicie, tanto interna como externa; acham que é mais facil queimar a velha e construir uma nova do que terem o trabalho de afugentar os bichos dos pés e as pulgas que os atormentam, ou fazer a limpeza necessaria para destruirem estes insectos; muitas vezes, sem estes motivos não duram as cabanas muito tempo porque, suscitando-se qualquer duvida entre elles, a primeira vingança que tomam é procurarem queimar a casa do contrario.

« Em cada cabana grande ha um ou dous indios que governam os mais, e cada mez sahe um destes para os alojamentos que ainda existam no sertão vizinho (que, segundo me contou um indio, andam por uns doze); fazem estas viagens mensaes para colherem noticias si tem morrido algum.

« Voltando o mensageiro com a noticia do fallecimento de algum conhecido, lamentam-se todos e choram com grande algazarra.

« As suas festas (quando as ha) dão-se quasi sempre no tempo do milho verde; mandam então convidar os

caciques dos outros aldeamentos, e preparando-se com tintas e pennas vão ao seu encontro meia legua de distancia, levando-lhes bebidas ; a cincoenta braças da cabana sahem as mulheres carregando bonitas pennas, com as quaes enfeitam a cabeça e corpo dos convidados.

« Em algumas occasiões, primeiro que tudo vão ao cemiterio e rezam pelos defuntos ; em outras, sem cuidarem disso, assentam-se em torno do fogo com a maior gravidade imaginavel.

« Nestas festas recitam algumas poesias que me pareceram rimadas ; mas nunca lhes pude saber a significação.

« Estes indios quando em marcha deixam vestigios de comida e caçadas, e si lhes apparece algum animal feroz deixam tambem signal para avisarem á gente que vem atraz de que aquelle sitio é perigoso ; quando caminham de noite, levam comsigo um archote ou tição de fogo acceso.

« São muito inclinados ao latrocinio ; em podendo lançar mão de qualquer cousa que excite a sua cobiça não o deixam para logo, e tanta habilidade mostram no furto como os mais refinados ladrões das grandes cidades ; entretanto este pessimo costume vae diminuindo e licito é esperar que com o tempo e educação desappareça entre a maior parte delles.

« Uma das difficuldades na catechese e civilisação destes indios é a grande facilidade delles se sustentarem nas mattas.

« Offerece-lhes a natureza com mão liberal tudo de que necessitam : abundam as florestas em fructa e caça e os rios em peixe ; em qualquer parte emfim acham com que matar a fome e, tendo elles a barriga cheia, por cousa mais alguma appetecem.

« Religião.

« Admittem estes indios a existencia de uma divindade como todos os entes racionaes ; ignoram, porém, os verdadeiros principios da religião.

« Alguns tambem tém noções de um sêr malfazejo, a que chamam *Acritão*; mas tal crença não é geral entre elles.

« No dia 12 de Novembro de 1866 perguntei ao cacique mais velho capitão Manoel Aropquimbe (que quer dizer *avançador*) quem era o deus, a que chamavam « Tupen. »

« Promptamente respondeu-me elle que era o sopro, e que quando algum estava doente, por costume delles, deve ficar uma pessoa ao seu lado soprando-lhe na cabeça, nas costas e na barriga. E si neste tempo acontece haver trovoada com relampagos, cessa-se de soprar, porque é prova certa de que Deus estava irritado e que o enfermo provavelmente morria.

« Desta conversa deduzi que elles adoravam o relampago e o trovão, tanto mais (como tenho observado) que tém muito medo de trovoada, chamando-a « Deus bravo. »

« Algumas vezes diziam que Deus era o sol, outras a lua e concluiam com uma palavra: *Cequiguetedi*, que quer dizer: nada sei a este respeito.

« Emquanto conversavamos, lembrei-me de uma passagem das aventuras de Robinson Crusoé, quando este discorria com o seu indio Sexta-Feira acerca da crença em Deus.

« Era elle quasi da mesma opinião do velho cacique, mas tinha mais vontade de aprender a verdade: dizia a Robinson, respondendo a perguntas, que o seu Deus se chamava Tupan; que era o trovão, e que esse trovão creára a terra, o mar, animaes, plantas e todas as mais cousas; que o homem era muito mais velho do que o sol, a lua, as estrellas e o céo, e que a morada desse Deus assentava nas mais altas montanhas.

« Ouvindo esta narração, fez Robinson com boas maneiras ver ao pobre selvagem os seus tristes erros. Dando melhor idéa de Deus, explicou-lhe que ninguem póde ver o Ente Supremo por ser invisivel, perfeitissimo, infinito e omnipotente, sabendo de tudo que pensamos, fazemos e dizemos; um justo remunerador, dispensando a cada um premio ou castigo segundo as suas obras, e

desejando que os homens se aperfeiçoem de dia a dia para depois obterem uma felicidade eterna.

« Escutava Sexta-Feira estas sublimes e consoladoras palavras com grande attenção e respeito e desejava todos os dias ouvir as verdades principaes da religião, julgando-se muito feliz por aprendel-as, attribuindo tudo que uma graça particular do Creador, lhe permittira achar-se em companhia de um homem temente a Deus e tão instruido.

« Mas nas conversações que tive com o velho cacique, achei-o com disposição em tudo contraria á do neophyto de Robinson. Não me foi possivel fazer-lhe compenetrar-se dos seus tristes erros, nem convencel-o de que a polygamia é um peccado e que devia contentar-se uma só mulher em logar de quatro (como tinha) em sua companhia; muito menos persuadil-o que, morando comnosco, devia aprender a religião, para que tanto elle como a sua gente se tornassem com o tempo verdadeiros christãos e bons cidadãos.

« O velho polygamo em logar de mostrar desejos de ser educado, respondeu-me que não podia deixar de ter as quatro mulheres, porque era « Tremani » (isto é valente).

« Si estava morando comnosco, continuou, não era por encontrar a felicidade, pois mais feliz se achava nas mattas virgens, onde a caça, o peixe e a fructa eram mais abundantes, e nunca lhe faltára mantimento sufficiente para o proprio sustento e o da numerosa familia. O verdadeiro motivo que justificava sua permanencia entre nós era porque não podia passar mais sem as nossas ferramentas; que já era tarde para elle acceitar uma nova religião, sendo já velho, tanto que nunca pôde aprender a fazer o signal da cruz; emfim, despediu-se com *uma risada* e deu-me as costas, dizendo-me sarcastico adeus.

« Visto não ser possivel fazer com que os indios já maduros aprendam as verdades da religião, o meio mais facil (a meu ver) é inocular-lhes o amor ao trabalho, a ambição de ganharem e possuirem as cousas, não dadas de presente, que elles mesmos dizem nada valerem,

mas ganhas á custa do seu esforço. E' necessario incutir-lhes horror ao furto e ao homicidio, a que são muito inclinados.

« Quem pensar que se póde sujeitar o indio a uma vida sedentaria em poucos annos, pensa erradamente: os que sahiram dos mattos em idade viril, tarde ou nunca se acostumam com outro modo de existencia; os adolescentes e aquelles que nascem nos aldeamentos são os unicos proprios para receberem instrucção religiosa.

« Si para se extirparem superstições e maus costumes de muita gente que se diz civilisada, é necessario penoso trabalho, grande perseverança e continuos sacrificios, quanto mais com estes filhos das florestas, que, prezando sobre tudo a liberdade e independencia, a ninguem obedecem e estão sempre promptos, por qualquer desgosto, a ganhar outra vez o matto? E uma vez feita esta tenção, não ha conselho nem agrados, que os leve a mudarem de resolução.

Dialectos

« Todas as nações civilisadas tém certas regras de linguagem seguidas pelos homens intelligentes e bem educados; mas poucas são as que não possuam seus dialectos nas differentes provincias em que se subdividem: entre os selvagens da mesma nação que fallam a mesma lingua ha tambem dialectos. Com effeito, observei que os indios do aldeamento de S. Jeronymo, bem que sejam da mesma nação que os de S. Pedro de Alcantara, tém muitas palavras pronunciadas de uma maneira inteiramente diversa; do mesmo modo que, por isso concluo, si ha dialecto nas nações civilisadas, os ha tambem entre os indios selvagens.

« Aldeamento de S. Jeronymo. — *Frei Luiz de Cemitille.* »

IV

Sobre os indios de Guarapuava encontrei valiosas informações num trabalho do padre Francisco das Chagas Lima, impresso no tomo IV da preciosa collecção da *Revista* do Instituto Historico. Este sacerdote acompanhou como capellão a expedição que descobriu e colonisou aquelle sertão de Guarapuava em 1809, foi vigario collado da freguezia alli creada de Nossa Senhora de Belem e deixou grande nome e fama em toda aquella zona, após longos annos de existencia.

Essa memoria, offerecida ao Instituto pelo socio honorario marechal Daniel Pedro Muller, vae da pag. 43 á 64 daquelle volume e comprehende quatro capitulos.

O 1º trata do *nome, extensão da colonia de Guarapuava, importancia da exploração feita e épocas historicas.*

O 2.º das *hordas de indios, população, costumes e linguagem.*

O 3º da *catechese dos indios e reflexões sobre o seu tratamento.*

O 4.º finalmente do *clima, aspecto do paiz, producções, rios, montes e animaes.*

A primeira noticia da conquista e posse do sertão de Guarapuava [1] data de 1767, sendo as explorações feitas, por ordem do marquez de Pombal transmittidas ao capitão-general D. Luiz de Souza, já por Bruno da Costa Filgueiras, que, navegando o rio Iguassú, regressou após um anno de infructiferas tentativas, já pelo capitão Antonio da Silveira Peixoto, que, sahindo a barra daquelle grande rio, foi preso pelos hespanhoes.

Representa este acto de violencia o primeiro facto na decantada Questão de limites, que herdámos de Portugal por aquelle lado das Missões e que ainda hoje estamos pleiteando.

A esses exploradores succedeu o tenente Candido Xavier de Almeida e Souza, o qual, deixando a margem

[1] Segundo o padre Chagas Lima, esta palavra quer dizer ave de vôo não rasteiro, em contraposição a *guairá* (passaro pequeno).

direita do Iguassú e varando para o norte pelas mattas menos compactas,pisou afinal os campos de Guarapuava, a 8 de Setembro de 1770.

Por outro lado avançára o coronel Affonso Botelho, que comtudo pouco adiantou, retirando-se, porque os indios lhe mataram sete soldados da comitiva.

Chegando ao Brasil o rei D. João VI, continuou o conde de Linhares a previdente politica do marquez de Pombal e,por carta Régia de 1 de Abril de 1809, determinou uma expedição para o regular descobrimento dos sertões de Guarapuava até á margem esquerda do rio Paraná.

Foi della encarregado o tenente-coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, que partiu á frente de duzentos homens armados e municiados, levando comsigo varios empregados e dous missionarios, o Rev. Francisco das Chagas Lima, presbytero secular autor da citada Memoria, e frei Nolasco da Sacra Familia, religioso benedictino, que pouco se demorou, regressando ao seu mosteiro.

A 1 de Agosto daquelle anno de 1809, chegou a expedição á entrada das mattas, que constituem o que no Paraná se chama o sertão.[5] Ficou ahi dous mezes, passou-se para além da primeira matta e esteve parada quatro mezes num ponto que denominaram S. Felippe, seguindo para a margem do Imbituba, onde esteve acampada por espaço de seis mezes. Não foi sinão a 10 de Junho de 1810, que se poz novamente em marcha, e a 17 daquelle mez, dia da SS. Trindade, ás dez horas da manhã, sem opposição alguma do gentio, pisou os campos de Guarapuava.

E' preciso conhecer, como eu, a belleza daquellas paragens e o encanto natural e penetrante dessa formosa região, perfumada pela intensa fragrancia de um capim que cheira a limão mimoso, illuminada por sol

[5] Em outras provincias do Brasil a palavra sertão dá idèa de vastos campos, cortados ou não de matto. Na do Paraná, a palavra campo é a extensão mais ou menos descortinada, e sertão é a matta trançada.

radiante, ao passo que a temperatura se conserva quasi fria, para se ter idéa da alegria dos expedicionarios, depois da aspera travessia pelas florestas compactas da serra da Esperança e outros serrotes, em que a cada momento esperavam o assalto de ferozes silvicolas.

Estavam, pois, vencidos os maiores obstaculos, como que desvendados os grandes mysterios que ficavam para além dessa penosa e elevada cadêa de montanhas, tão poeticamente denominada da Esperança, como si fôra novo cabo Tormentorio a dobrar e cheio de seductoras revelações.

Depois de 8 dias de reconhecimento, em que se devassaram 10 leguas em torno, sem que se encontrasse motivo de desassocego, fundou o tenente-coronel Portugal, para lá do rio Coutinho, a povoação da Atalaia, assim chamada por causa do posto de observação e vigilancia que então se erigiu sobre compridos esteios, systema tão usado no Paraguay e tão popularisado, durante a guerra dos cinco annos, sob o nome de *mangrulho*. Esse tinha 40 palmos de elevação.

No dia 16 de Julho é que se apresentaram os primeiros indios, em numero de 30 a 40, mostrando disposições pacificas, que mais ou menos sempre mantiveram em relação aos portuguezes. Estes souberam aliás aproveitar as guerras e inimizades entre as diversas tribus indigenas, prolongando-se ellas de 1812 a 1825, e de certo não faltaram scenas de horror e selvageria entre os aldeados (*camés e votorões*) e os *dorins*, distinguindo se na pratica de pavorosos crimes o cacique capitão Luiz Tigre Gacon.

Entretanto a povoação da Atalaia ia sempre em augmento, que aliás mais se havia de confirmar sinão fossem, em fins de 1812, dalli recolhidos os soldados milicianos e suppridos pelos da ordenança, « homens, diz o padre Chagas, da infima plebe e sem estimulos da honra. Iam como forçados até descobrirem occasião de se escaparem : uns fugiam em caminho, outros no dia seguinte de sua chegada, outros chegavam miseraveis de roupa e de saude, e, tanto que se viam sãos ou decentemente vestidos, desertavam ; emfim, outros

mais remediados (estando disposto que de tres em tres mezes seriam rendidos) faziam o mesmo que aquelles, porém sempre acompanhados de 4, 6 e 8 soldados, os quaes, tendo a certeza de que seriam perseguidos como desertores, se passavam com suas familias para outros districtos que não eram seus domicilios, mórmente para Viamão. »

Accresçam-se a isso as continuas queixas dos habitantes das villas de Curitiba, de Castro e do Principe, e representações das camaras desses districtos sobre os males que lhes provinham da turbulencia e habitos da gente da expedição de Guarapuava, e por ahi se verá que não havia razões, para que o poder Régio olhasse com vistas sympathicas aquelle centro de nascente povoação.

Entretanto o Alvará de 12 de Novembro de 1818 ordenou que se lançassem os fundamentos da freguezia de Belem, hoje cidade de Guarapuava, o que só teve execução em fins de 1819, lavrando-se disto um termo, de que mandei tirar cópia do archivo da Camara municipal, e que foi pela primeira vez impresso nas *Gazetas Paranaenses* dos começos de Maio de 1886.

V

Segundo o padre Chagas Lima, os indios que povoavam os sertões de Guarapuava, por occasião da exploração e conquista, dividiam-se nas seguintes tribus: *camés*, *votorões*, *dorins* e *xocrens*, as duas primeiras moradoras dos campos, a dos *dorins* aldeada junto ás margens do rio Dorim, para o lado do campo das Larangeiras; a ultima, dos *xocrens* entre os rios Iguassú e Uruguay. Além destas havia a dos *tavens*, que usavam de um dialecto especial e habitavam entre os rios Paraná, Piquiry e Itatú.

A qual dessas subdivisões pertence a denominação *caingang*? A todas ellas deverá estender-se, ou ser mais

particularmente applicada aos *camés*, segundo pretende Martius em uma nota ao vocabulario dessa tribu ? [6]

O padre Chagas nunca se refere a semelhante denominação, que não póde comtudo ser posta em duvida, conforme já deixei dito e demonstrado.

O numero total, pelo que nos diz a *Memoria*, era computado approximado a 1000, dos quaes 152 *camés*, 120 *votorões*, 400 *dorins*, quando muito 60 *xocrens* e 240 *tavens*.

Affirma o autor um facto de que não tive noticia e a que não se refere o padre Cemitille, isto é, que esses indios tinham por costume matar, não só os velhos decrepitos, sob pretexto de compaixão, mas tambem as crianças que nasciam defeituosas.

Como já ponderei, muitas das observações feitas pelo missionario capuchinho, trasladadas para o corpo desta monographia, acham confirmação no que escrevi sobre os *chanés* e outros indios do sul da provincia de Matto Grosso. Si entre elles é uso commum e frequentissimo a provocação dos abortos em mulheres gravidas, sobretudo quando moças, nunca ouvi fallar nessa execução de velhos e sobretudo crianças, que todas ao envez merecem dos progenitores, e principalmente das mães, os mais extremosos cuidados. [7] Colhi, até factos absolutamente em contrario, verificados *de visu*; assim terem sido levados ás costas dos mais fortes decrepitos invalidos e infelizes *mêmês* (mulheres velhas) para o abrigo dos Morros, no alto da serra de Maracajú, quando em principios de 1865 os paraguayos invadiram o districto de Miranda e tangeram aterrada diante de si toda a população brasileira, de envolta com os indios aldeados naquella zona meridional de Matto Grosso.

---

[6] « *Diese Camés, den Ansiedlern im Innern von S. Paulo unter der Namen der Bugre oder als Indios do Matto bekannt, nennen sich selbst Caing-ang, und wenn sie sich unter den Weissen als gezahmt, niederlassen, Cai-qui.*»

MARTIUS—*Glossaria linguarum brasiliensium*, pag. 212.

[7] *Scenas de Viagem*, exploração entre os rios Taquary e Aquidaban no districto de Miranda—Memoria descriptiva—Rio de Janeiro-T. A—1868.

Na opinião do padre Chagas, o idioma dos aborigenes de Guarapuava nada mais é do que o guarany. Entretanto é elle muito differente da lingua de que usaram e usam os *cayuás*, seus vizinhos confinantes para lá do rio Paraná, conforme se póde verificar com a simples apreciação e estudo de poucos termos do exacto vocabulario que traz a *Revista Trimensal* do Instituto Historico em seu tomo XIX de pags 448 a 476.

Ahi, sim, é o puro guarany.

E esta consideração nos parece de algum, si não elevado, valor na debatida questão das Missões, devendo ella contrariar as pretenções argentinas de que aquelle territorio de longuissima data pertencia ás raças sujeitas ao dominio hespanhol e que habitavam para lá do grande rio. Não; de todo o tempo constituiu essa divisa uma fronteira natural, e tão poderosa, que os nomades de uma e outra margem assignalavam a sua presença, cada qual na sua zona de vagabundagem, sem transporem nunca aquella linha de separação. Assim todas as denominações de logares, rios, corregos e campos do lado brasileiro, são de origem e feição *caingang*, mais chegadas ao tupy, ao passo que do outro tomaram o caracter e typo meramente *cayuá* ou *guarany*. Assim *Gôyó-ên*, *Erê*, *xanxarê*, *Chapecó*, *Chopin*, etc. Os nomes de corregos, ribeiros e rios, são todos *yg* do lado de lá, e *gôyo* de cá.

A lingua ou dialecto *caingang* é mais ou menos doce e tem certa harmonia, dando-se, no fallar corrente, muitas ellisões, que só se podem destrinçar, quando pronunciam as palavras de vagar e destacadamente. Aliás não ha regras para a declinação dos nomes e conjugação dos verbos, ou si as ha, são summamente deficientes. O complemento restrictivo (genitivo) vem sempre antes da indicação do possuidor; assim: flôr de abobora, *pacon feié*; olho d'agua, *gôyó cané*.

Usam a cada momento do hyperbaton, sendo a ordem habitual das palavras muito invertida; assim o complemento terminativo ou objectivo costuma ser anteposto ao sujeito que precede o verbo. Por exemplo: Capitão grande deu a Coverê roupa nova — *Curuhe*

Coveré paim banc moteque yá. Roupa nova a Coverê capitão grande deu.

Este verbo *dar* traz grandes confusões a quem quer se iniciar nos acanhados mysterios dessa pobre lingua *caingang*, sendo expresso por termos mui diversos, assim *moteque*, *nimó*, *eifé* e *fiton*, v. g.: dá-me mel, *hamang nimó*; — não dou, *ndéya*; não deu, *fiton*; dar pancadas, *xim*. [8]

Tem elles monosyllabos que exprimem uma idéa: como *rem*, pintar o corpo, quando pintar é *vanherem*; *jut*, uma cousa que apparece; *put*, quando desapparece; não sei, *cah*; *rom*, abrir a porta, (fechar a porta é *ni faina)*; *ort*, isto é mentira, etc

Possuem tambem certa abundancia de termos em alguns casos; por exemplo: camisa, *chupoin* [9]; camisa curta, *roró*; camisa comprida, *teca*; camisa sem mangas, *crenini*; collarinho da camisa, *tindui*; botão da camisa, *den*; casa, *diren*; mangas, *tapeuxi*; nesgas, *tiungrére*; fralda, *tindará*. Do mesmo modo, dia, *quiçá*; de dia, *curém*; de noite, *coty*; de manhã, *cuchéque*; de tarde, *herei kêkê*.

O vocativo, si se refere a homem, vem seguido da particula *nãa*, e *yãa* si mulher. « O' Catoxa, ó Depery, venham cá — *Catoxa nãa*, *Depery yãa*, *o ketim!* »

As particulas augmentativas são *bang*, *bê*, *biú*; as diminutivas *xim*, *xiri*; por exemplo: casa grande, *hin-báng*; casa pequena, *hin-xim*.

« As conjugações de verbos, diz Chagas Lima, são em extremo defeituosas, faltando-lhes a clareza necessaria para nelles se distinguirem modos, tempos e pessoas.

« A particula *ahúrú* denota preterito, bem como *ya*, ainda que mais raras vezes.

« A negação exprime-se por *tom*. [10]

---

[8] Recommendamos muito a consulta do vocabulario que traz o tomo XV da *Revista Trimensal* sob a denominação de *vocabulario bugre*. Só na impressão deste meu trabalho é que pude cotejal-o.

[9] Dalli virá *chapim*, o nome da colonia?

[10] No meu vocabulario vem *toim* e *tom*.

« Exemplo da conjugação do verbo *có*, comer.

Eu como Tu comes Elle come Nós comemos Vós comeis Elles comem	Có
Eu comi Tu comeste, etc.	Ahurú-có
Come tu Comam elles	Acó
Comamos juntos	Embra-có
Eu não como Tu não comes Etc.	Có-tom
Eu comerei Tu comerás Etc.	Coiai-ke-mon
Eu não comerei Tu não comerás	Eoiai-ke-tom

Desejo comer — *coiaate.*
Não quero comer mais — *cotom-uá.*
Que hei de comer? — *de-có?*

« Este adverbio *émbra*, juntamente, serve tambem de conjuncção *e*.

Outros verbos :— *Ir* e *vir*

Eu vou — *timo cá.*
Vamos — *momacá;* vamos para a casa—*into namocá.*
Vão todos — *mom.*
Venha para cá — *oketim.*
Vá para lá — *atim.*
Vamos juntos — *embratim.*
Vamos todos — *moná.*

Lavar ou lavar-se — cupe.

Já lavei — *cupeiá.*
Não lavado — *cupi-tom.*
Mulher lavou roupa — *curúfaiá timi.*
Homem lavou roupa — *curúfai fiuri.*

Ser ou *estar — ni, á, on*

Estar rindo — *venju.*
Estar sentado — *ninira.*
Estar deitado — *niná.*
Ser surdo — *metom* (isto é, *mê*, ouvir; *tom*, não).
Ser cego — *cané tom* (isto é, *cané*, ver— *tom*, não).
Estar parado — *ta-niki.*
Estar comendo — *cotim.*

Accender — pingungrá

Accende (imperativo) — *pingrú.*
Accendeu — *pimiencará.*

Querer — *heiketim*

Eu já quiz — *heiketemyá.*
Elle depois não quiz — *cara ke tom choró.*
Eu não quero — *ichi-ritim.*

Fugir — *guaipayú*

Eu fujo — *guaipayu-tim.*
Fujamos — *guaipayu-momna.*
Já fugiu — *guaipuyú-yá.*
Já fugiram — *embra-guaiapayú-yá.*

O Dr. Carlos Frederico Felippe von Martius na sua obra *Glossaria linguarum brasiliensium* diz, com razão ou não, que o dialecto *camé* pertence a uma

subdivisão da grande tribu *crén* ou *guerén* que, segundo pretende, comprehende:

1º *Botocudos*, subdivididos em *encruknungs*, *crecmuns*, *nac-kangs* (homens da terra) *djiupurocos*, etc.

2º *Corôados* que comprehendem os do rio Xipotó e da Aldêa de Pedra.

3º *Purys*.

4º *Malahys*.

5º *Guatós*.

6º *Patagons*.

7º *Camés*.

Em geral o livro, que o illustre sabio allemão tentou fazer com fim tão perspicuo e synthethico, pecca pela fonte duvidosa e ás vezes má de informações, além da gravissima confusão e disparidade, conforme já notei em começo, no modo de escrever as palavras indigenas. Respigando a esmo de Castelnau, Saint-Hilaire, Principe de Neuwied, Eschwege, Pohl, Wallace, Latham e outros escriptores de nacionalidades mui diversas, constituiu uma verdadeira babel, em que mal se póde ter idéa da fiel e verdadeira pronuncia das lettras e diphtongos. Não é curioso vêr um allemão reproduzir o *ou* francez para representar o som de *u*?

Assim por diante.

O interessante tentamen de Martius tão bem exposto, embóra em linguagem chã e ingenua, na *Advertencia aos philanthropos brasileiros que lerêm este livro*, ainda está por fazer-se.

VI

Julgo não poder terminar de melhor modo esta Monographia, do que reproduzindo em sua intrega o importante documento que achei archivado na Camara Municipal da cidade de Guarapuava, conforme já disse, e de que logo mandei tirar copia authentica.

Por elle se verá quantos cuidados mereciam dos estadistas portuguezes as possessões brasileiras, sobretudo nas fronteiras com castelhanos, salientando-se bem o espirito sensato e largo que dominava todos os conselhos, não só quanto a edificações dos novos povoados, como tambem em relação aos indios e primitivos habitantes das terras que iam sendo descobertas.

Houvessem sido sempre respeitadas as minuciosas e previdentes instrucções exaradas do gabinete de zelosos ministros de Estado, e muitas difficuldades se achariam hoje obviadas e removidos embaraços, que ainda no momento presente nos cercam e incommodam.

Eis o alludido documento :

FORMAL

Da creação da povoação e freguezia de Nossa Senhora de Belem, nos campos de Guarapuava :

« Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1819, aos 9 dias do mez de Dezembro, nesta conquista de Guarapuava, sendo convocados o tenente commandante interino da Expedição Antonio da Rocha Loures, o reverendo vigario Collado Francisco das Chagas Lima, e mais povo, que se acharam neste Presidio de Atalaia, para um logar de campo aprasivel situado para a parte do Sul da mesma Atalaia, legua e meia de distancia e do Rio Jordão 1/4 de legua ; onde precedendo-se ao exame do terreno e achando este com todas as circumstancias e proporções necessarias, tanto em bellas aguas de que está cercado, como em madeiras de construir edificios, de que tem abundancia pelo circuito, como em pedras de alvenaria e cantaria que são frequentes no logar, como em pastagem para os animaes, que não faltam : ahi se puzeram os pos fundamentos, e se fizeram as demarcações da povoação,

freguezia e egreja matriz de N. S. de Belém, para cuja Ereção tinha o mesmo reverendo vigario obtido Alvará de sua Magestade.

Em a mesma occasião tendo-se em vista as mais ordens Regias a este respeito, se formaram certas regras, ou capitulos do que pareceu mais conveniente ao bem, conservação e augmento da mesma povoação ao presente, visto que as autoridades que tém por officio regular a policia, se acham tão longe como a villa de Castro, que daqui dista quarenta legoas mais ou menos.

CAPITULO I

Como esta é a primeira povoação fundamental que se vae erigir nesta conquista de Guarapuava, é tão impreterivel como necessario que na sua fundação se observem restrictamente as formalidades por sua Magestade prescriptas na carta Regia de Abril de 1809.

Portanto : As casas todas que nella se levantarem, serão separadas umas das outras, cobertas de telhas, e a povoação cercada de trincheiras ou fóssos, tudo pelas razões na carta Regia ponderadas.

Ao que se acrescenta, que nenhuma das ruas da povoação tenha menos de 100 palmos de largura, que as paredes das casas sejam feitas de pedras, ou taipa de pillão, ou ao menos firmadas sobre esteios de madeiras de cerne ; e nem uma tenha de altura na frente menos de 15 palmos, todas alinhadas, segundo a planta que levantou e offerece o reverendo vigario Francisco das Chagas Lima,

E porque é necessario haver desde agora onde se recolham os trabalhadores e mantimentos, se levantará fóra da trincheira, mas debaixo da mesma ordem, uma rua de pequenas e ligeiras casas cobertas de palhas, as quaes, depois de concluida a povoação, ficarão servindo para estalagem de passageiros.

CAPITULO II

Determina sua Magestade na sobredita carta Regia, que em todas as povoações que se forem erigindo nesta conquista, se houvesse de deixar uma lingua de campo e mattos para logradouro commum. Em observancia do que se procedeu a consignar a dita porção de terras adaptadamente ao terreno de maneira que ficasse e quanto possivel fosse demarcada pela mesma natureza, segundo este principio. Será o Rocio desta freguezia pela parte do Nascente, dividido por uma linha que córte de Sul a Norte, principiando na barra que faz no rio Jordão um corrego denominado Barreiros, até entestar no ribeirão chamado da Entrada.

Pela parte do Norte servirá de divisa o mesmo ribeirão emquanto corre de Este a Oeste; e, onde elle faz volta para o Sudoeste, subirá a divisa por um banhado ou lagrimal até descer no rio Coutinho, pois este lagrimal desagua para uma outra parte. Pela parte do Poente servirá de divisa o mesmo o rio Coutinho até onde nelle faz barra um ribeirão, que tem suas cabeceiras no capão redondo, por cuja razão ficará o mesmo capão de matto incluido no rocio da freguezia.

CAPITULO III

A felicidade, conservação e augmento de uma povoação consiste em se tomarem logo desde o principio certas medidas sobre o uzo d'aquellas commodidades que a natureza offerece; de maneira que se não destruam e venham a faltar pelo futuro; portanto parece racional que o mesmo commandante que aqui estiver, haja de defender aos foros o seguinte: 1º Que nenhuma pessoa nas mattas do rocio desta povoação faça roças de lavoura ao uzo do Paiz, por que costumando-se estas a estrumar com as cinzas dos arvoredos cortados e queimados, em

breve annos destroem-se bosques inteiros, resultando d'aqui virem a faltar pelo tempo em diante as madeiras de construcção e até mesmo a lenha para o fogo diario. 2º Que ninguem no dito rocio, ou nas terras dos Indios córte pinheiros para aproveitarem unicamente seus fructos, que por não estarem ainda maduros, não cahem por si mesmo das pinhas; nem os derribem para servirem-se dos galhos para cercas, perdendo-se o lenho maior que serviria para estructura das casas, nem os desfalquem de sua casca em roda, por que então seccam e se perdem todo o lenho e fructos, que dariam annualmente. 3º Que ninguem corte outros arvoredos fructiferos mas que sejam silvestres, como sejam Guabiroveiras, Jaboticabeiras e as Palmeiras de Butiá que dão fructo especioso, declarando que isto não é prohibir que façam as suas sementeiras nos campos e curraes estrumados; por que então sendo lavrados ao arado, produzem toda sorte de grãos excellentemente; nem que se sirvam dos pinheiros para estructuras de suas casas, nem que usem em commum e indistinctamente dos fructos silvestres, quando estiverem maduros, sem estragar os arvoredos. 4º Que ninguem ponha temerariamente fogo aos campos do rocio, ou dos indios, sem ordem ou licença do mesmo commandante; e os que contravierem a isto são dignos de castigo, por que não somente fazem o renovo dos pastos intempestivamente, como destroem os capãositos de mattos, com que a natureza adornou estes campos e os utilisam os seus habitantes.

CAPITULO IV

Os indios e neophytos desta conquista estão aldeados, e as terras para sua vivenda lhes foram concedidas por sesmarias no logar da Malaia, certos de que ahi mesmo devem ficar permanecendo. O que ha de parcular a respeito delles é que seja feita a separação do povo e dos soldados, separação que em todo caso é necessario fazer-se porque a mistura em que até agora

estiveram tem sido um dos maiores óbices á perfeita conversão destes infieis. Não será permittido aos indios, especialmente mulheres, andarem vagando pela freguezia e seus contornos quando n'esta somente se devem admittir de assistencia os que forem chamados a serviço em quanto trabalharem, os orphãos que forem dados a ganhar soldada, e os menores ou adultos que forem postos a aprender alguma arte liberal ou officio mechanico. E da mesma sorte será defezo aos soldados irem de passeio á aldeia; tem logar, contra os que obrarem o contrario, a disposição de S. M. a este respeito na mesma carta regia de 1º de Abril de 1809.

CAPITULO V

Em contemplação destes indios que naturalmente amam muitissimo todas as bebidas que podem embriagar, e não menos dos soldados que tém feito n'esta expedição manifesto abuso da aguardente que para ella trazem os negociantes; de onde tém nascido inumeraveis desordens, é indispensavel que se prohiba a importação deste genero para esta conquista.

CAPITULO VI

Para se poder obter uma mais breve e facil communicação desta conquista com a villa de Castro, de que depende pela justiça, será conveniente se faça um officio á camara da mesma villa, requerendo a abertura de um caminho direito pelo bairro das Conchas até o campo do Cupim, em cuja estrada não sómente se atalham 2 dias de jornada, como se evita a passagem de 3 rios caudalosos e impetuosos no tempo das aguas, quaes são o Imbituba, o das Almas e Guarauna, fazendo a mesma proporção ou ainda melhor quando se queira seguir das Conchas para a villa de Curityba e Paranaguá, onde

esta expedição e povo se providenciam de sal, e outros generos que vém de mar fóra. Por esta forma se houveram os capitulos por acabados, os quaes sendo approvados pelo Exm. Sr. General desta Capitania, terão força de Estatutos particulares desta Povoação, emquanto nella não houverem outras autoridades, que tenham a seu cargo regular a Policia : do que se fez este Auto assignado pelo Tenente Coronel interino Antonio da Rocha Loures, e Vigario collado Francisco das Chagas Lima. Eu José Joaquim Marçal o escrevi. Antonio da Rocha Loures. Francisco das Chagas Lima.

Está conforme.—*Christiano Plettz.* »

VOCABULARIO

DO

DIALECTO CAINGANG

(CORÔADOS DE GUARAPUAVA)

PROVINCIA DO PARANÁ

POR

Alfredo d'Escragnolle Taunay

Presidente da Provincia do Paraná de Setembro de 1885 a Maio de 1886

E

SENADOR DO IMPERIO.

A

Abobora *	*Péjú*
Abelha	*Mangué*
Acabar	*Cara-huri*
Achar bom	*Quei-chion*
Achou mel ?	*Manpai-hume?*
Adiante	*Fontê*
Agua	*Gôió*
Agua ardente (de milho)	*Gôió-afé*
Agua ardente (de pinhão)	*Gôió-aqui, aquiqui*
Agua quente	*Góió-araiangué*
Alambary * ou melhor lambary	*Canero fuérê*

* As palavras com este signal acham-se no pequeno vocabulario do Sr. Telemaco Moricines Borba, publicado em 1882. Os *j* são sempre aspirados, bem como os *h*.

Alegre	*Vendi*
Amanhã	*Nacca*
Amargo *	*Cayá*
Amarrar	*Texéra* [1]
Amar	*Ecrinhoain*
Anno	*Plán*
Anno comprido	*Plán taianguê*
Anta	*Nhorón* [2]
Ante hontem	*Nakê-honte* [3]
Aprender	*Canharône*
Aquelle	*Nikêne*
Arára	*Caèg* [4]
Aranha	*Patecli*
Arbusto	*Cachim*
Arco	*Veiê* [5]
»	*Guiá*
»	*Ueiê*
Arrancar *	*Crivindiá*
Arroz	*Naracanchil* [6]
»	*Garacachin*
Arvore	*Upandóy*
Assar *	*Jacxunde*
Assentar-se	*Niva*
Atirar fóra	*Fonfonara*
Atravessar	*Cafahón*
Anus	*Tifú*
Avó	*Imban*
Azedo *	*Fá*

---

[1] *Téxera* tomei eu ; egualmente o Sr. Mendes dos Santos. O Sr. Borba traz *tokfirã*.

[2] O Sr. Borba diz mais exactamente *Oiôn* ; o vocabulario *bugre* do tomo XV do Instituto Historico *ajoron*.

[3] Parece palavra hybrida (?)

[4] O Sr. Borba diz *caéi*; o vocabulario bugre *queág*.

[5] Essas diversas maneiras de dizer arco provem do modo por que eu e o Sr. Mendes dos Santos tomámos os nossos apontamentos. O Sr. Borba traz *ui*.

[6] A mesma observação á da nota supra.

B

Balaio *	*Gueyé*
Baicoral	*Pane conguere*
Banana	*Tebancane*
Banco	*Ninhá*
Banhado	*Or*
Barba	*Joê*
» de pau	*Cai-jêré*
Barriga	*Inajú* [1]
Barril	*Gôió-fande*
Bastante	*Enguetcá*
Batata	*Petehú*
Batuque	*Grengreia*
Beber	*Acrón* [2]
Bigode	*Ienkiglina*
Bôbo	*Mancamé*
Boca	*Ienke*
»	*Nhantekê* [3]
Bolo ou pão	*Emim*
Bom	*Chitagui* [4]
Bom	*Ochiteni* [5]
Bonito	*Chitany*
Bonito	*Aguy*
Botas	*Empentoró*
Braço	*Hipen* on *hijen* [6]
Branco *	*Cópri* [7]

[1] O Sr. Borba traz *indu*.

O Sr. Borba traz simplesmente *orón*.

No vocabulario Borba *ianteké*.

Chitany, diz o Sr. Borba. Em geral todos os indios usam da mesma palavra para exprimirem bom e bonito.

[5] Parece o mesmo que *chitany*.

[6] O *h* é aspirado. O *j* sôa como no hespanhol.

Em geral todo o homem branco.

Brasileiro	*Fong* [1]
Bravo	*Nhôm*
Brasa	*Pianchkó*
Brigar *	*Ynhôn*
Bugio	*Nhengong* [2]
Bugre, indio do matto	*Cá-ingang*
Buraco *	*Dôró*

C

Cabaça	*Rurinjá*
Cabeça	*Crin*
Cabello	*Inhán*
Cabello louro	*Meicuichon*
Cabello preto	*Gaiché*
Cadeira	*Indiére*
Cahir	*Embreia* [3]
Calça	*Danengoró*
Cama	*Nandiá*
Caminhar	*Emogá*
Caminho	*Empri-hâne* [4]
Camisa	*Vaichopaîn*
Campear [5]	*Cuneitim*
Campo	*Erê*
Cansado	*Enrorotiti*
Caneco	*Rundiachim*
Canella	*Cainé*
Canna de assucar	*Vaeri*
Canôa	*Caknein* [6]

---

[1] *Fôa* ou *fong*. Disse-me o tenente-general Beaurepaire Rohan que esta palavra provem do signal de *fogo*, que os indios a cada instante ouviam da boca dos portuguezes nas perseguições que estes lhes faziam.

[2] Diz o Sr Borba simplesmente *gong*.

[3] *Cutea* no vocabulario Borba.

[4] O Sr. Borba diz *iapri*.

[5] Na linguagem sertaneja *campear* é procurar animaes no campo.

[6] O Sr. Borba diz *cankeï*.

Cantar	*Taintan*
Canto	*Tantaniá*
Cão	*Hau-hau* [1]
Capim	*Erê*
Capivára	*Quingrinden* [2]
Capoeira *	*Engoju*
Carne *	*Tinin*
Carrapato	*Caxini* [3]
Carretel	*Uan-fé*
Carvão	*Brain*
Casa	*Hyn* [4]
Casa bem feita	*Hyn-emahete*
Casca de pau	*Coxinione*
Cascavel	*Xaxá*
Cateitú	*Oxixá*
Cauda *	*Dére*
Cama de cão	*Bi* ou *bu* (som de *u* francez)
Cavar	*Imanimprô*
Caviuna	*Amanto-he*
Cedo	*Cuchangui*
Cedro	*Ton*
Cemiterio *	*Vai kcié*
Céo	*Gaican*
Cêra	*Deia*
Cerca	*Ró*
Cesto de tacuára	*Quenhe-uhan*
Chachim	*Guy*
Chachim de espinhos	*Uan-fé*
Chale	*Curú*
Chapéo	*Critá*
Charco	*Oré*
Chega	*Ketecá*
Chega de trabalhar	*Rain-rain ketecá*
Cheirar	*Nacahin*

[1] Perfeitamente onomatopaico.

[2] O Sr. Borba traz *crendeng*.

[3] No vocabulario Borba *tire*.

[4] O Sr. Borba diz *in*.

Chifre *	*Nicá*
Chorar	*Tuantong*
Chôro	*Tuanomo*
Chupar	*Kixut*
Chuva	*Taá*
Cigarro	*Majú*
Cinco	*Petcrê* [1]
Cinza	*Bréa*
Cinza	*Pininguiá*
Cobra	*Pan*
Côxas	*Icré*
Colher	*Ioé*
Collar	*Iancá*
Coma mais	*Coon-gatilim*
Comer	*Coon*
Come ovos	*Coon-garicren*
Como se chama ?	*Tiei erequetin ?*
Comprar *	*Caiáne*
Comprido	*Taiangue* [2]
Concertar	*Hahamantim*
Conhecer *	*Kevanherá*
Conversar	*Uenben*
Copular	*Oicó*
Coqueiro	*Tatefeá*
Coração	*Tifé*
Corda	*Dionxeiafan*
Cordão umbilical	*Nundine*
Correr	*Tamtamhê* [3]
Cortar *	*Crê*
Cosinhar *	*Déi*
Cotia	*Quixó*
Couro	*Háre*
Cotiára	*Pan-epê* [4]

---

[1] O Sr. Borba traz *patcrá*. Um — *pire* ; dous — *reagré* ; tres — *tacton* ; quatro — *cangrá*.

[2] O Sr. Borba traz *têié*.

[3] Diz *venuóra* o vocabulario Borba.

[4] *Pan* significa cobra. Assim cascavel *pan-xaxá*, urutú *den-pan*, etc

Criança	*Ontchi*
Cuia	*Petoró* [1]
Cunhado	*Iabré*
Cupim	*Runin*
Curto	*Ruru* [2]

D

Dansa *	*Vaicokefú*
Dar á luz	*Acrembaure*
Dê pancada	*Impopêkere*
Dedo da mão	*Inhinguefaé* [3]
Dedo do pé	*Ipenfaié* [4]
Dedos	*Epenjujá*
Deita-te	*Ananãn*
Dente	*Nhá*
Derrubar	*Cutemara*
Descer	*Tirera*
Deus	*Tupen* [5]
Devagarinho	*Cumeretim*
Dia	*Curán* (claridade)
Dia inteiro	*Arachiê* [6]
Dizer	*Haké*
Disse te eu	*Uin imanoenbetim*
Dinheiro *	*Nhatcambu*
Doce *	*Grein*
Doença *	*Cangate*
Dormes muito	*Arorete hy*
Dormir *	*Dorõnú*
Doas	*Rengre*
Duro (forte)	*Taranguê* [7]

---

[1] O Sr. Borba traz *rumbiá*

[2] O Sr. Borba *ruro*.

[3] *Inhinguê* significa mão.

[4] Openpé.

[5] Tupan no guarany.

[6] *Arú* em guarany dia.
Tára no vocabulario Borba.

E

Effervescencia	*Uanôromo*
Embira	*Vaebene*
Embuia [1]	*Báin*
Encher	*Tonará*
Enterrar	*Rjura*
Enchada	*Crita poré*
Escrever (riscar)	*Vanherán* [2]
Esfregar	*Imitim*
Espera	*Torê*
Espertar	*Endê*
Espeto	*Iengagrê*
Espiar	*Kicocan*
Espingarda	*Bocá*
Espinho *	*Xoî*
Esposo *	*Prên*
Está custoso	*Guain corenguê*
Está escuro	*Guain canganuê*
Está no meio	*Foro tiniá*
Este	*Nihan*
Estomago	*Indú* [3]
Estou cansado	*Inharotitim*
Está morto	*Tereió*
Estou velho	*Cufá uin*
Estou vexado	*Imacutin*
Está vivo	*Ariry*
Estrada *	*Iapri bang* (sc. caminho comprido, grande)
Estrella	*Crin*
Excellente	*Fivein ma hêne*
Excrementos	*Ahafá*

[1] Arvore peculiar á provincia do Paraná, especie de canella preta de outros logares; tem veios muito bonitos, parecendo-se ás vezes os pannos que delle tiram peças de tartaruga, conforme se vê na capella da Misericordia em Curityba.

[2] Borba traz *ran*.

[3] *Indú* significa igualmente barriga.

F

Faca	*Kifé*
Falla muito bem	*Uenbem-na-heté*
Falla muito mal	*Uenbem-icoreng*
Faminto	*Nhat-camé*
Farinha de milho	*Metefú*
Fazenda listrada	*Curú conguere*
Fazenda preta	*Curú chá*
Fazenda vermelha	*Curú euxom*
Fazer fogo	*Nind*
Fecha a porta	*Aromora*
Feder *	*Côcré*
Feijão	*Rongró*
Femea	*Untantan*
Festa	*Icacá*
Fica quieto	*Quitone*
Filho	*Iscochi*
Filhos	*Cochimi*
Flécha	*Dô* [1]
Flôr	*Cafaé. Feié*
Fogo	*Pin*
Foi embora	*Uerê-uerê*
Folhas	*Chifeiá*
Folhas de palmeira	*Chifeia-tain*
Fome	*Cokire*
Formiga	*Ruoplin*
Forno	*Totonia-bang*
Fouce	*Nhapá*
Freio	*Canán*
Frio *	*Cuchá*
Fructa de guabiroba	*Penoá*
» de jaboticaba	*Nhamboroti*
» de laranja	*Aherin-hén*
Fructos de limeira	*Aherin-enchin*
» de limoeiro	*Nherien corengue*

[1] O Sr. Borba diz *dón*.

Fui eu	*Uhin*
Fumaça	*Niá*
Funho	*Majú*
Fumo	*Niá*
Fundo *	*Digdé*
Fuzil	*Emejur*

G

Gafanhoto	*Chucrim*
Galho de arvore	*Titan*
Galho quebrado	*Titan embreia*
Galho secco	*Titan tara*
Gallinha	*Grê*
Gallo	*Garingrê*
Gato do matto	*Grim* [1]
Geada *	*Côcrine*
Genro *	*Iambré*
Gissara (palmeira) *	*Féneen*
Gerivá	*Taion*
Giráo	*Cacre*
Gordo	*Tangué*
Gostar	*Anancuré*
Gostar	*Cuedetti*
Gralha	*Chanchó*
Grande	*Bángue, bánc, be* ou *beu*
Grimpa do pinheiro	*Fara fé*

H

Herva mate	*Congón* (donde congonha ?)
Hoje	*Hori*
Hoje vem	*Hori catun*
Hombro	*Iniril*
Homem	*Ongré, pahy*

[1] O Sr. Borba diz *mikchin*.

Homem	*Fóngue* [1]
Homem bom	*Fongue hê*
Homem branco	*Cupú*
» preto	*Chiutti* [2]
Hontem	*Ará keti* [3]

I

Indio ou bugre	*Caingang* [4]
Irmã *	*Vê*
Irmão	*Inhau-hê* [5]
Irmão mais velho	*Chain-hê*
Ir *	*Tinhra*

J

Jaboticaba	*Maá*
Jacaré *	*Hápa*
Jacotinga	*Pein*
Jacú	*Pei* [6]
Jaguatirica	*Grun*
Jararaça	*Pareviri*
Joelho	*Hacri* [7]
Joelhos	*Hacrin* (*h* aspirado)
Junto	*Ambré*

---

[1] *Fongue*, como dissemos atraz, é o portuguez, o branco, cuja vòz de commando era o implacavel fogo das armas de tiro.

[2] Tambem tomei *gaixi* Não sei qual o certo.

[3] O Sr. Borba traz *aranken*.

[4] Vide introducção.

[5] O Sr Borba traz *aranguerê*.

[6] Talvez seja a mesma palavra *pei* ou *pein* para exprimir jacú e jacutinga

[7] O vocabulario Borba traz *it-faorim* Tomei *iaorin* no plural.

K

Kagado *	*Pednin*

L

Ladino	*Huê-huin-camôné*
Ladrão	*Péiuia*
Lama	*Tinberere*
Lança.	*Orugurú*
Laranja *	*Nêrinhê*
Largar	*Tohain*
Lavagem	*Vaicupéia*
Lavar	*Cupéia*
Leicenço *	*Kuiui*
Leite	*Quefé*
Leite	*Boininguiê* [1]
Lenço	*Curu-chin* [2]
Lêr	*Ureie*
Levante-se	*Anaitim* [3]
Leve	*Caiu-hê* [4]
Ligeiro	*Cury-cury* [5]
Limpar	*Keconra*
Limpo	*Cupli* [6]
Lingua	*Inonê ; nonê bang*, má lingua sc. lingua grande.

---

[1] Borba diz *nonguyé*.

[2] *Chin* é pequeno, *curú-chin*, panno pequeno ; como dizem os hespanhoes, panuelo.

[3] Borba traz *negára*.

[4] *Cayui* em Borba. Em geral supprimi o *y*, que comtudo tem significação de vogal aspirada. Torno a dizer, o *j* deve ser aspirado como no hespanhol ; o *h* tambem aspirado.

[5] Borba supprime e segundo *curi*. Parece-me porém, bem expressivo *curi-curi*.

[6] *Cupli* tambem quer dizer branco, alvo, etc.

Linha *	*Uafê*
Logo	*Carea* [1]
Longe	*Corangue*
Lontra *	*Focféie*
Lua	*Kichá* [2]
Luctar *	*Ruruyá*

M

Macaco *	*Caieré*
Machado	*Ben* [3]
Macho	*Uongré*
Macuco	*Uô*
Madeira ôca	*Ca-iaké*
Mãe	*Ián*
Magro	*Caioró* [4]
Mais para lá	*Maeanni-hene*
Maleita *	*Nhônhôro*
Mama	*Enhonguê*
Maminha	*Inhoieclin*
Manda dizer-me	*Uembem nim*
Mandioca *	*Comin*
Manco *	*Tincoré* [5]
Manso	*Canhêran*
Mão	*Ininguê*
Mãos	*Eninguê* [6]
Mão de pilão *	*Crá*
Mau	*Búia*

[1] Borba traz *queyene*. Tomei entretanto estas phrases : logo aprendo— *carea canharone;* logo volto—*carea catin*.

[2] *Kochá* em Borba.

[3] O Sr. Borba traz *beng*.

[4] *Cayó* no vocabulario Borba.

[5] *Coré*, segundo o Sr. Borba.

[6] *Minigué* diz o Sr. Borba.

Maracá *	*Xu*
Maracanan	*Kentekére*
Marido	*Eibenê* [1]
Marreco	*Pembên*
Matar	*Titelim*
Matar	*Tenra*
Matto	*Cá* [2]
Matto *	*Cacant*
Matto	*Uáine*
Medir	*Emanfi*
Medo	*Camé*
Meio dia	*Emendo cati chá-há*
Mel *	*Vang*
Membro viril	*Nhenglê*
Menino	*Pauin* [3]
Mentira *	*One*
Muito mentiroso	*One-ttnim*
Mergulhe *	*Putkeia*
Meu	*Icion* [4]
Mesa	*Nindiá*
Mez	*Kichá-pire*
Mico	*Canhere*
Milho	*Gúra* [5]
Milho	*Nhára*
Milho moido	*Pichi*
Milho torrado	*Antótóro*
Moço	*Kerón*
Moça *	*Tétan*
Molhado	*Timbereré* [6]
Molle	*Tanaia*
Monjólo	*Tandán*

---

[1] *Bêen*, no vocabulario Borba.

[2] No guarany e tupy é *caá*, donde *caátinga* (matto branco) *caáponan* (matto isolado, capão) etc.

[3] O Sr. Borba diz *paixin*.

[4] *Ichon* no vocabulario.

[5] Parece que *nhára* é mais exacto do que *gara*.

[6] *Brére*, segundo Borba.

Montanha	*Crin bang* (sc. morro grande)
Mogango (abobora)	*Pchó*
Morder	*Iprán* [1]
Morar	*Iamá*
Morrer	*Terear*
Morro	*Crin*
Mosca	*Choín*
Mosquito *	*Caran*
Mudo	*Uenbentom*
Mulher	*Pron* [2]
Mulher moça	*Untantan*
Mulher virgem	*Bétom*
« velha	*Cofuá*
Muita fome	*Icokire*
Muito *	*Ititi*
Muito bom	*Tivein makine*
Muito valente	*Aurenhom benim*
Muito doente	*Canga-hi*
Muito somno	*Nhoreti-hi*
Muito veloz	*Vein ominim*

N

Nadar	*Brobroia* [3]
Nadega	*Indegnê*
Não	*Tom* ou *ton* [4]
Não cacei	*Tania tom*
Não achei	*Vaie tom*
Não chamei	*Timan tom-tim*
Não conheço	*Kiea-tom*
Não é meu	*Icion tom*
Não está cheio	*Tanero tom*

---

1 *Pran*, segundo Borba.

2 *Tantan ou tanté*, como traz Borba, é mulher moça.

3 O Sr. Borba traz *albaranbroia*.

4 Postposto sempre, conforme se verifica nas palavras que seguem.

Não melhorei	*Há tom*
Não pégues	*Ba tom*
Não queima	*Porotom*
Não quero	*Déia* [1]
Não gosto	*Tikim ecrenhoaim*
Não sei	*Uá*
Não tem nome	*Agigi-tom*
Não tenho medo	*Uin chicameti tom*
Não tenho fome	*Coquiré tom tinim*
Não vá ainda	*Viritiné-tom*
Não vem	*Catimtom*
Não vi	*Vaictom*
Nariz	*Iminhé*
«	*Tenimhé*
Nascer	*Alboeti*
Nhambú	*Ucchim*
Nó de pinho	*Cuxé* [2]
Nome	*Agigi*
Nome feio	*Agigi coranguê*
Noite	*Cuté*
Noite inteira	*Cuté-chi-hé*

O

Olhar *	*Canerá*
Olho *	*Cané*
Olhos	*Canê* [3]
Onça	*Mim*
Orelha	*Iningreim* [4]
Ouvir	*Tiningreim hê*
Osso *	*Cucá*
Ovo *	*Crein*
Ourinar	*Iei*

---

[1] Não sei que fim levou a negativa *tom*. O Sr. Borba tambem traz *deia*.

[2] O Sr. Borba traz *canxé*.

[3] Não tenho certeza si a mudança de accento é que differença o singular do plural.

[4] O Sr. Borba diz *inigreim*

P

Paca	*Cocamé*
Padre	*Pandéra* [1]
Pae	*Ioi* [2]
Palha de milho	*Garafêre* [3]
Palmeira	*Tãin*
Panella	*Cocró*
«	*Cuncnija*
Panno	*Curú* [4]
Panno grosso	*Curú brehê*
Panno fino	*Curú gain*
Panno novo	*Curú keron*
Papagaio	*Ianguió* [5]
Para baixo	*Enhengu*
Para cima	*Enhenguiche*
Para lá	*Erê taiene*
Parente *	*Caicá*
Pau (arvore)	*Caá* [6]
Pé	*Ipen*
Pés	*Empen*
Pedra	*Pó*
Peito	*Ingie*
Peixe	*Pirá* [7]
Pelejar	*Jakegrene*
Pello	*Keki*

[1] E' evidente corruptela.

O Sr. Borba diz *tóng*.

[3] No Sr. Borba *nharafuere*

[4] *Curú* é um panno entrançado feito de fibra de ortiga. Comprei um em Ponta Grossa por 10$000, muito fresco e excellente para dias quentes como forro de cama

[5] O Sr. Borba traz *cantou*. Não sei de onde provem semelhante differença.

[6] Matto, arvore, pau, como no guarany.

[7] Palavra guarany pura.

Penis	*Ingrafui*
Penna	*Preiá* [1]
Pensar	*Toré*
Pente *	*Oaicureia*
Pequeno	*Xin*
Perder	*Vaicreti*
Perdiz *	*Coiampêpé*
Periquito	*Caioiè*
Perna	*Idjuá* [2]
Peroba	*Penoá*
Perto	*Cacó*
Perú	*Peimban*
Pesado	*Cufaiánguê* [3]
Pescoço	*Indúi*
Pestanas	*Icaneioki*
Pica-pau	*Jacringó*
Pilão	*Creia* [4]
Pinheiro	*Fuán* [5]
Pinheiro pôdre	*Fuán dóro*
Pintado *	*Canguêre*
Piolho	*Engá*
Planicie *	*Pandoi*
Plantar	*Chate* [6]
Pobre	*Nhenhêré came* [7]
Pombo	*Pentecoin* [8]
Ponte	*Cupún*
Porco do matto	*Cran* [9]
Porongo	*Arumiá*

---

1 *Feié* no vocabulario Borba.

2 *Itfá* segundo Borba.

3 *Cufuiang*, no vocabulario Borba.

4 *Creie*, segundo Borba.

5 *Tuang*, segundo do Borba

6 *Cerande*, segundo de Borba.

7 *Nheunhere*, segundo Borba.

8 *Petcoin*, segundo Borba.

9 *Creng*, segundo Borba.

Prato	*Pitikć*
Preguiçoso	*Nhenhêre*
Prenda	*Akexexe*
Preto	*Chaig*
Primo	*Iregre*
Pulga *	*Campó*
Punho	*Inindó*

Q

Quartos (de uma casa)	*Fafonde*
Quatro	*Vaicangrá*
Quatí	*Xê*
Quebrar	*Capôque*
Queimar	*Pôró*
Queixo	*Inrá*
Quente	*Arânhenguet*
Quero	*Heê*

R

Rabo *	*Bu* [1]
Rachar	*Apri*
Rancho	*Hi-hin*
Rasgar	*Iadiâreti*
Rapido (corredeira)*	*Uoó*
Rato	*Caxim*
Raso (pouco fundo)	*Parére*
Rede	*Ténia*
Relampago	*Tararan!ketitim* [2]
Remedio *	*Guaicatcá*
Rico	*Tandemé*

[1] Observa o Sr. Borba que este *u* sôa como em francez.

[2] E' bellissima essa onomatopéa.

Rio	*Gôyó* [1]
Rio cheio	*Gôyó-ará*
Rio grande	*Gôyó-banc*
Rio limpido	*Gôyó-cupli*
Rio parado	*Gôyó-chopi*
Rio pequeno	*Gôyó-xim*
Rio turvo	*Gôyó-caocia*
Rio que não dá vau	*Gôyó-ên* [2]
Rir	*Vendéra*
Roça	*Ipan*
Rosto	*Iamé* ou *iané?*
Rouco	*Duhingueia*
Ruim	*Coré* [3]

S

Sabão	*Uanfaiá*
Sabiá	*Gonoãn*
Sacco	*Paróne*
Sal	*Arãn*
Salto (cachoeira)	*Chá* [4]
Sangue	*Ficauen*
Sapato *	*Pentoró*
Scentelha	*Pin-xi*, sc. fogo pequeno
Secco	*Tara*
Sede	*Ichonetti*
Seis	*Eninga honte uen pire*
Sem vergonha	*Mogaín*
Senhor	*Praichinckate*

---

[1] Esta palavra e seus derivados já dissemos, tem muita importancia na questão das Missões e limites com os argentinos. A denominação *caingang* de todos os rios e pontos daquella região mostra que de tempos immemoriaes os nossos indios levavam os seus dominios até ao rio Paraná, começando dalli a zona guarany.

[2] E' affluente de Uruguay o *Góyó-en*.

[3] O Sr. Borba diz *ianguè*.

[4] O vocabulario Borba diz *crung* que é mais onomatopaico.

Sepultar	*Apuiutem*
Sepultura	*Vaikeie*
Serra	*Rumeroro*
Sete	*Eninge honte uen rêgré*
Sente-se	*Nime*
Sim	*Ondtú* [1]
Sim, senhor	*Mé*
Sobrancelhas	*Icachahú*
«	*Ticaneio ki* [2]
Socar	*Tandantino* [3]
Sogro	*Icacran*
Sol	*Ara* [4]
Soltar	*Tica uentimo*
Subir	*Tamprira*
Sujo *	*Cavei*
Sumitico *	*Déi*
Surdo	*Cutom* [5]
Surrar *	*Mram-mram*

T

Tacho	*Vacrindeia*
Tamanduá	*Iôti*
Tambor	*Tororó*
Taquara	*Uané*
Taquára fina	*Uanteié*
Tatú	*Fenim*
Tenazes	*Catxiné*
Terra	*Gá*
Terra boa	*Gá hê*

O Sr. Borba traz *hé*, com *h* muito aspirado

2 Ignoro qual das duas palavras seja exacta.

3 Parece, como aliás muitas outras, palavra composta.

4 *Ara* ou *arãn* do guarany dia.

5 Borba traz *outud* Deve ser errado. Aqui a terminativa *tom* indica negativa *não ouvi*.

Tesoura	*Ioariá*
Tigre (onça)	***Min***
Thio	*Ijogrêgré*
Tocar	***Motim***
Toda gente	***Tocamonhé***
Torto	***Pandó***
Trabalhar	***Aranha-ranha***
Trovão	***Tororó-banc***, (sc. tambor grande)
Traga	***Bocatim***
Tres	***Tacton*** [1]
Triste	***Imancângátin***
Tucano	*Grô* [2]

U

Um	***Pire***
Unha	***Iningru***
Unhas	***Teningrun***
Urú	*Pepeêre* [3]
Urutú	***Pand nemá***

V

Vacca	*Vaca* [4]
Valente	***Turumanin*** [5]
Vento	*Cancá* [6]
Vêr	***Veietim***

---

1 Ou *tacton*, com *m* final.

2 Borba diz *grõn* e o vocabulario bugre *ngrôn*.

3 Borba diz *petpueré*.

4 Corruptela de vacca.

5 Borba *turumane*

6 Borba *cacan* e o vocabulario bugre *kenoá*.

Vamos	*Tóna ingrima* [1]
Veado	*Cambé*
Velho	*Cufá*
Vêas	*Icuhei-hê*
Venha	*Hacantin*
Véla	*Daengrú* [2]
Vergonha	*Imacutim*
Vermelho *	*Cochón* [3]
Vespas	*Xoin nhon*
Vestido	*Michupói*
Viajar	*Cuti*
Vista	*Veia*
Voar	*Brohê*

ADJECTIVOS NUMERAES

Um	*Pire*
Dous	*Rengrê*
Tres	*Tacton*
Quatro	*Cangrá*
Cinco	*Patcrê*
Seis	*Eninga honte uen pire*
Sete	*Eninga honte uen rengie*
Oito	*Eninga honte uen tacton*

ADJECTIVOS POSSESSIVOS

Meu	*Ixen*
Teu	*Haton*
Seu	*Fanton*

---

[1] Borba *tóna*

[2] Vocabulario bugre *envacangú*

[3] idem *cuxán*.

	Imantito ?
	Oné ?
sa ?	*Honta hani hyne*
	Tinhai ki
	Inhocuchandiá
	Carkiveitingua
	Inoé
ir ?	*Van timbretin nengueia*
	Vin cokire
mãos	*I nhauhé icion uui cangrá*
	Crono hê titim
ujo	*Van iamé carei*
	Tangueró
	Veetim
	Vee tim gôyó
ı	*Vê tim pinchim*
)	*Vê tim nhára*
	Timatoite
nho	*Ha hê mani-empri hânc*
	Incupera
	Inmonbacutim
	Ha canutim
	Veictim
ır	*Tona ueuben*
	Embra tim
	Tona empún
	Tona encréia
	Tona doronún
r	*Tona ramrám*
	Criniãn
	Cotingra
	Aconhim
i	*Branincatinguenim*
	Quinara
	Dehon tâia ?
	Hê tinim
	Van keron
	Uantike veranhain
	Imansenbitim
?	*Time rehé ?*

PRONOMES PESSOAES

Eu	*I* ou *uin*
Tu	*Ha*
Elle	*Fa* ou *fag*

DIVERSAS PHRASES

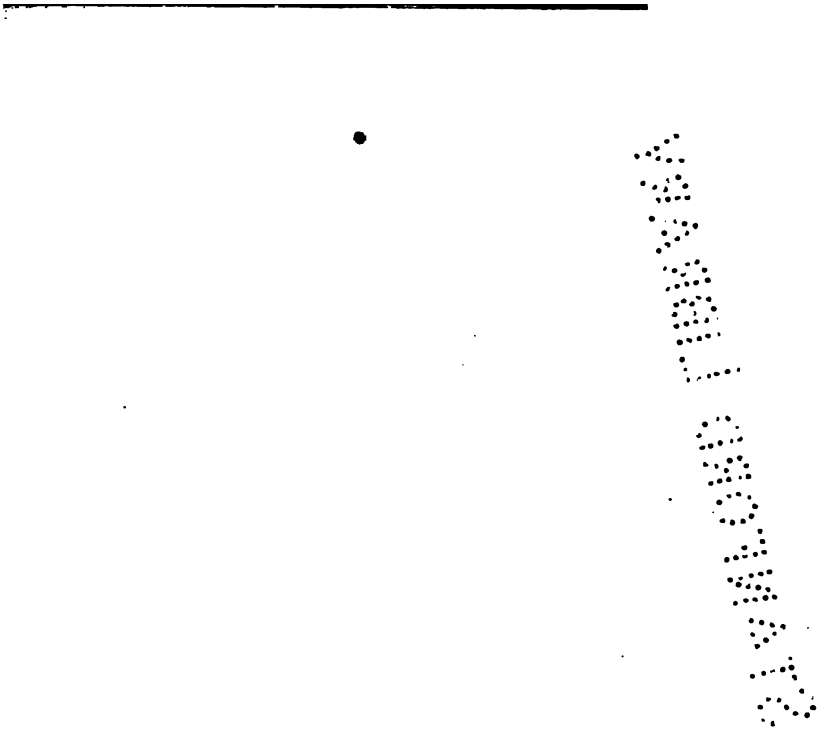
Aqui é bom	*Taqui-hâme*
Bugre não cansa	*Caingang arotikc tom*
Dá-me	*Emanfi*
Dá-me dinheiro	*Emanfi nhatecambá*
Dá-me isto dado	*Vaiquc manin*
Elles não tem medo	*Tocamonhe chicamete tom*
Elles tem medo	*Tocamonhe chicamete*
Espera-me lá	*Ta han nhoá*
Eu não trabalho	*Uin rainram dréa*
Eu quero bem	*Ikine kengreta*
Eu sou solteiro	*Uinpro tom* (casado não)
Eu sei	*I venhára*
Eu vi	*Ivein*
Eu tenho medo	*Uin chicaméte*
Eu tenho mulher	*Uin prohê*
Eu tenho saudades	*Uin immacangatim*
E' tarde	*Rankete*
Meu pae morreu	*Ionj icion tereió*
Minha mãe é viva	*Ian icion ariri*
Móro longe	*Iamá corangué*
O sol está baixinho	*Ara pran hati iehá*
Pode vender-me ?	*Imancatá*
Porque me espancou ?	*Andeia titaia ha toninê ?*
Preguiçoso demais	*Nhenhêre bangue corénguê*
Quantos dias?	*Curan erike ?*
Quantos filhos tem ?	*Cochini erike ?*
Quasi peguei	*Tiren erenim*

Quem contou ?	*Imantito ?*
Quem é aquelle ?	*Oné ?*
Quem fez esta casa ?	*Honta hani hyne*
Quero ir	*Tinhai ki*
Quero tirar	*Inhocuchandiá*
Quero vêr	*Carkiveitingua*
» »	*Inoé*
Tambem quero ir ?	*Uan timbretin nengueia*
Tenho fome	*Uin cokire*
Tenho quatro irmãos	*I nhauhé icion uui cangrá*
Tenho sêde	*Crono hê titim*
Teu rosto está sujo	*Uan iamé cavei*
Tira daqui	*Tangueró*
Vá buscar	*Ueetim*
Vá buscar agua	*Uee tim gôyó*
Vá buscar lenha	*Uê tim pinchim*
Va buscar milho	*Uê tim nhára*
Vá chamar	*Timatoite*
Vou fazer caminho	*Ha hê mani-empri hâne*
Vá lavar	*Incupera*
Vá levar	*Inmonbacutim*
Vá procurar	*Ha canutim*
Vá vêr	*Veictim*
Vamos conversar	*Tona uenben*
Vamos juntos	*Embra tim*
Vamos á roça	*Tona empán*
Vamos caçar	*Tona encréia*
Vamos dormir	*Tona doronán*
Vamos trabalhar	*Tona ramrám*
Vem cahindo	*Criniãn*
Vem cá	*Cotingra*
Vem comer	*Aconhim*
Vem morar aqui	*Branincatinguenim*
Vira para lá	*Quinara*
Você cançou ?	*Dehon tâia ?*
Você é bom	*Hê tinim*
Você é moço	*Uan keron*
Você me ama	*Uantike veranhain*
Você me disse	*Imansenbitim*
Você melhorou ?	*Time rehé ?*

Você me quer bem ?	*Uantike denhairen ?*
Você tem fome ?	*Uan icokireti ?*
Você tem medo	*Uan chicameté*
Você viu ?	*Uan nué ?*

ADVERTENCIA

A' pag. 253, onde se lê Herbert Spencer, deve ser Herbert Smith.



Dr. João Franklin da Silveira Tavora

1º Secretario desde 21 de Dezembro de 1886 á 17 de Agosto de 1888.

N. em 18 de Janeiro de 1842. + em 17 de Agosto de 1888.

MINAS DE PRATA DE SOROCABA

DOCUMENTO ORIGINAL COMMUNICADO PELO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO.

Officiaes da Camara da Villa de S. Vicente.
Eu o Principe vos emuio saudar. Por Luiz Lopes de Carvalho hir â sua custa as minas da Pratta de Sorocaba com o titulo de Administrador dellas, e que a sua iurisdicção comprehende a distancia de vinte leguas (como se declara no Alvará que lhe mandei passar) Vos ordeno e mando lhe deis toda a ajuda e fauor para a conducção dos metaes, e beneficio das minas, e os mantimentos que vos pedir, pagando elle tudo pellos preços da terra ; E n'esta comformidade o ordenareis tambem aos mais officiaes das Camaras de todas as villas dessa Repartição para que assim o executem muito pontualmente. Escritta em Lx.ª a 20 de Junho de 682.

PRINCIPE

Conde de Val de Reis

Para os Officiaes da Cam.ª da Villa de S. Vicente.

No sobrescrito:

Por O Principe

Aos Officiaes da Camara da Capitania de S. Vicente.

MANOEL ODORICO MENDES

MEMORIA

O. D. C.

A Sua Alteza a Serenissima Senhora

PRINCEZA IMPERIAL

UMA CARTA INEDITA

Suas idéas sobre federação das provincias, proclamação do systema republicano, e a abolição da escravidão no Brasil.

PELO

Dr. Cesar Augusto Marques

Em dia solemne, aqui, disse o nosso consocio Dr. Joaquim Manoel de Macedo, sempre de saudosa recordação e nunca assaz chorado, que sobre sepulturas distinctas levanta-se frondosa uma arvore, sempre coberta de flores, e sempre cheia de fructos; que essa arvore chama-se a *memoria do bem*, que cada flor é o emblema de uma acção generosa, e cada fructo um exemplo de sabedoria ou de virtudes deixado ao mundo.

Pois bem, eu vou pelo pensamento ajoelhar-me sobre o tumulo, que encerra os ossos de Manoel Odorico Mendes, e depois de fervorosa oração, como catholico que me glorio de ser, ao Senhor Deus do Universo, vou colher dessa arvore, que dá sombra ao seu sepulchro,

uma flor, e vou analysal-a para mostrar que ella é o emblema de uma acção generosa, e um exemplo de sabedoria e de virtude legado ao mundo por esse nosso consocio, que se finou em terra estranha.

Todos nós sabemos quaes os tristes acontecimentos que fizeram com que o augusto fundador do Imperio se ausentasse da patria, que elle adoptou, no dia 7 de Abril de 1831.

Manoel Odorico Mendes, deputado pelo Maranhão, julgou urgente reunir os senadores e deputados então na Côrte, visto ter sido um dos mais activos e dos mais diligentes promotores dessa revolução de poucas horas.

Parecia ter o dom da ubiquidade, pois surgia em toda a parte, onde era necessaria a sua presença.

Na imprensa e nos clubs, nas praças e nos quarteis, eil-o a animar com seus discursos, a moderar os exaltados, e a recommendar sempre muita prudencia e vigilancia para que o movimento politico crescesse e vigorasse.

Pela sua intelligencia alastradissima e pelos seus valiosos serviços, quando se reuniu a assembléa geral em Junho de 1831, foi seu nome lembrado e geralmente bem acolhido para occupar um dos logares da regencia trina.

O patriota verdadeiro e sincero resistiu com força aos seus amigos e compartidarios : não ambicionou outrora e nem queria então o poder : trabalhou de todo o coração a favor da causa do Brasil, e coagido pelos seus admiradores offereceu em seu logar o seu comprovinciano João Braulio Muniz.

Eleita a regencia mais se exaltaram os partidos politicos : cada um manifestava idéas quasi impossiveis de realizar-se, e por muito tempo vigorou a lembrança de que o Brasil devia quebrar a sua integridade, que lhe dá tanta força; que cada provincia constituisse um Estado, vivendo só de si e para si ; que se formassem

por esta fórma republicas federativas, desapparecendo todos os actos legislativos, todos os symbolos e emblemas que representam o sytema monarchico-constitucional, que felizmente nos rege desde que o Brasil principiou a ser colonisado.

Odorico Mendes, nc meio das lutas que sustentava na Côrte, não se esqueceu de sua patria, o Maranhão ; receiou pela sua sorte futura, temeu que fosse arrastada pela torrente politica, e á sua respeitavel mãe escreveu a seguinte carta, que em original li e apreciei em poder de seu filho o Sr. Alfredo Odorico Mendes, que a conserva com razão como uma reliquia sagrada, ou como parte integrante da alma de seu venerando pae.

Com permissão delle copiei-a, e pela primeira vez é hoje aqui lida, e em breve correrá mundo nas azas da imprensa.

Minha Mãe.

« Diga ao Clementino [1] que, quanto couber em suas forças, trabalhe para ahi não vogarem idéas de separação do Rio de Janeiro ; alguns intrigantes, dantes corcundas e hoje fingidos liberalões, zangados com a revolução, tratam de metter enredos ás provincias, dizendo que o sul quer dominar sobre o norte, e escrevem as maiores mentiras que dar-se podem.

« Rogo-lhe que mostre este logar da carta ao José Candido, [2] Claro, [3] Quim, [4] e a todos os outros homens honrados, que anhelam a felicidade publica.

« O Maranhão, caso Bahia ou Pernambuco façam qualquer mudança, deve

---

1 Clementino José Lisboa, ajudante de ordens do governo provincial.

2 José Candido de Moraes e Silva, redactor do *Pharol Maranhense*.

3 João Gomes Claro, brasileiro adoptivo, muito liberal e activo.

4 Antonio José Quim, cidadão de muita influencia no seu partido.

conservar-se no mesmo pé até que eu chegue, para então vermos o que cumpre fazer; aliás tudo vae perdido.

« Nós pretendemos fazer aqui o mais possivel a favor do Maranhão; e para isso trabalho para metter na regencia permanente o Braulio, e creio que conseguirei por estarem dispostos muitos deputados.

« Quanto a mim, é do meu brio acabar-se a revolução sem que eu tenha o menor emprego, visto ser um dos mais influentes della; basta-me a honra de ter exposto nesta crise a minha vida tantas vezes por amor do meu paiz, e o reconhecimento que me patenteiam os meus concidadãos.

« Assim é que me heide ir vingando dos meus inimigos e dos meus detractores.

« Lembranças a todos.

« 17 de Maio de 1831.

Seu filho,

« MANOEL. »

Analysemos agora este importante documento historico.

Odorico Mendes era liberal, e estava convencido de que só com o predominio das idéas do seu partido é que o Brasil podia ser feliz.

Dizem alguns dos seus intimos amigos que era até republicano de principios e de convicção robusta, mas que estudando com calma a organisação do seu paiz, as circumstancias especiaes do Imperio, a diversidade das raças, a falta, então quasi geral, de instrucção industrial e agricola, a divisão profunda que retalhava a familia brasileira, não julgou que pudesse vingar, produzindo bons fructos, essa arvore damninha

Pensando que com a republica a sua patria seria desgraçada, e, sacrificando no altar do patriotismo as suas crenças, oppoz-se franca e tenazmente a José Clemente Pereira, quando, unido á *Sociedade das Columnas*, em Pernambuco, pretendeu revogar a constituição do Imperio.

Já no ultimo quartel da existencia e em terra estranha, conversando com alguns amigos, elle recordava-se das questões que teve no campo da politica, e sempre dizia ser uma das suas mais gratas recordações a luta que sustentou para provar ser arriscada e extemporanea a proclamação da republica, principalmente quando via á testa da administração do seu paiz um principe tão patriota, circumspecto e sabio, qual o nosso sempre querido Protector.

Quando na loja maçonica da rua do Vallongo, hoje da Imperatriz, travou-se renhida discussão sobre a mudança do nosso systema politico, Odorico Mendes foi o paladino incansavel da monarchia constitucional, embora triumphasse a revolução em projecto e abdicasse o primeiro Imperador.

Note-se além disso o seu raro desinteresse.

Emquanto outros, sem o seu prestigio, seu grande merecimento, sua influencia politica e sua probidade sem mancha, cresciam em honras e riquezas, elle, que com justo e nobre orgulho podia dizer—eu não quiz ser regente do Imperio—não se aproveitou da victoria para que tanto trabalhou, não recorreu aos seus amigos, não usou da occasião, nada ambicionou, nada quiz, e nem mesmo acceitou uma das pastas do ministerio, que a regencia lhe offereceu com instancia.

E como a patria lhe recompensou tantos serviços ?

Sempre ingrata para com os melhores de seus filhos, nunca mais o reelegeu seu representante, e nunca seu nome tão respeitavel honrou uma só das muitas listas triplices que o Maranhão submetteu á escolha da corôa.

E o governo como premiou caracter tão nobre ?

Nunca lhe deu uma só das muitas distincções honorificas, nunca lhe offereceu uma carta do conselho, e nem um titulo com um brazão de nobreza e fidalguia

aureolou aquelle nome tão singular pelo seu saber, por seus importantes e valiosos serviços !

Pauperrimo e ralado de profundos desgostos, para occorrer ás necessidades da vida foi necessario que o seu amigo intimo Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, depois senador do Imperio e visconde de Sepetiba, pedisse e obtivesse para elle o cargo de inspector do thesouro da provincia do Rio de Janeiro, e com o miserrimo ordenado de 2:800$; assim arrastou por muitos annos penosa existencia, vendo-se por isso obrigado a deixar a patria que elle tanto amava, e os amigos, e ir em paiz estranho buscar um canto de terra,onde pudesse passar os seus dias e os de sua familia com mais economia.

Que vergonha para o Brasil !

E' essa quasi sempre a recompensa do intelligente, honrado e zeloso servidor do Estado !

Muito infeliz na verdade ainda foi Odorico Mendes !

Não viu realizado o seu pensamento de todos os dias, qual a libertação de todos os escravos !

Companheiro nessas idéas de Diogo Antonio Feijó, de José Bonifacio, o velho, do Dr. Antonio Ferreira França, o philosopho, nenhum delles conseguiu quebrar as pesadas algemas da escravidão, que manietavam os pulsos de milhares de entes humanos.

Não viu a brilhante aurora do dia 13 de Maio de 1888 !

Não logrou ver a liberdade a scintillar no firmamento e a illuminar todo o Brasil !

Não ouviu o doce ciciar da briza, os echos das montanhas, os rugidos do mar, o som das cachoeiras dos rios, o gorgeio dos passarinhos, e as vozes de todos os bons brasileiros entoando graças ao Altissimo quando a Serenissima Sra. Princeza Imperial do Brasil, a virtuosissima condessa d'Eu, quebrou as cadêas dos captivos, alliviou tantos afflictos, sanou tantas dôres, enxugou tantas lagrimas, deu tantas consolações, transformou para sempre em risos e lagrimas de alegria, entre flores e expansões de jubilo, o maior flagello que por seculos arredou o Brasil dos caminhos do progresso em busca da gloria a que tem direito o Imperio da Santa Cruz.

Ah! já que Deus não lhe deu a ventura de gozar esse ineffavel prazer, eu, seu conterraneo, eu que fui testemunha desse feito tão glorioso, invoco o seu espirito, que sem duvida está hoje na presença do Altissimo, e em nome de nós todos que prezamos a monarchia, de nós todos que tributamos preito de homenagem e de respeito á virtuosa senhora, que então mais abrilhanta o throno do Brasil, eu lhe rogo que do alto dos céos olhe para o regio manto que circumda a Serenissima Sra. Princeza Imperial, que observe como elle está recamado de estrellas, [5] de diamantes, em que se crystallisaram as lagrimas de seiscentas mil creaturas, cujas algemas do captiveiro ella quebrou.

Eu lhe rogo que, encarando o esplendido sol da liberdade, que ella accendeu, lá no assento ethereo onde elle reside, reunindo-se aos espiritos de todos os justos, ore ao Omnipotente e á excelsa Rainha dos anjos que recompense o importante e sem egual serviço, que ella prestou á humanidade em geral, e ao Brasil em particular no sempre grandioso dia 13 de Maio de 1888, permittindo que sua existencia seja muito longa,sempre abençoada por Deus, e um constante hymno de alegrias ao lado de seu respeitavel consorte, de ha muito nosso concidadão, e como tal nosso companheiro nos dias de pezar e de alegrias; e que a vida de seus idolatrados filhinhos seja tecida pela felicidade, honrando sempre os seus benemeritos antepassados.

Quando um dia, lá bem longe, lá no futuro, arrefecidas as paixões de momento, emmudecidas as vozes do despeito e restabelecida a verdade pura, a posteridade severa e justiceira, com a penna imparcial da historia, escrever a pagina dourada dos sete dias gloriosos do mez de Maio do presente anno, sem duvida alguma todos os povos catholicos, lendo a *Vida e Feitos* da Princeza D. Izabel, a filha dilectissima de Jesus Christo, e como tal pelo pae da christandade distinguida com a *Rosa de Ouro,* reservada só ás soberanas de exemplar e

[5] Mimoso pensamento do sabio barão de Paranapiacaba

pia virtude, pedirão a sua beatificação, e á par de Santa Izabel de Hungria, duqueza da Thuringia, canonisada pelo papa Gregorio, que se assignava—o servo dos servos de Deus — em 1 de Junho de 1235, e de Santa Izabel, rainha de Portugal, canonisada pelo papa Urbano VIII em 25 de Maio de 1625, pedirão que seja tambem santificada a consoladora dos afflictos, o espelho da justiça, a causa da nossa alegria; e no calendario dos santos ler-se-á um dia o nome da Santa Izabel, condessa d'Eu—como a redemptora dos captivos no Brasil.

DR. CESAR AUGUSTO MARQUES.

BIOGRAPHIA

DOS

Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

O Conselheiro

José Bernardino Baptista Pereira de Almeida

(Lida na sessão de 23 de Novembro de 1883).

Quando se contempla a physionomia sympathica, posto que severa, de um homem como este, sente-se a gente pequeno e humilhado: parece que a geração a que ainda pertenço, tendo ganho, com os progressos das sciencias, das lettras e das artes, maior somma de conhecimentos, tem perdido muito não só da robustez physica, que caracterisa os nossos antepassados, como da hombridade de caracter e da pujança moral que desafiam a nossa curiosidade, mesclada de admiração, tanto quanto de louvavel inveja. Quem seria hoje em dia capaz de levantar com ambas as mãos uma daquellas formidaveis espadas, que se guardam nos museus de historia da Europa, e que os guerreiros da edade média manejavam com tanto desassombro e agilidade?

Natureza como que moldada de granito, de *antes quebrar que torcer*, a politica, arte machiavelica e fatal,

que começa mentindo, porque faz promessas que não póde cumprir, e acaba por annullar o caracter, impondo-lhe accommodações com a consciencia; a politica não pôde dobrar o genio altivo e indomavel do nosso distincto compatriota, e conservou-nos integra e mascula a sua imagem, tão immerecidamente apagada da memoria dos contemporaneos, a quem entretanto poderia servir de exemplo e de estimulo.

Depois do bispo de Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, nenhum cidadão conheço, na historia privativa do municipio em que tambem nasci, mais digno dos louros da posteridade do que o conselheiro José Bernardino Baptista Pereira de Almeida.

Nascido a 20 de Maio de 1783 na cidade, então villa, de Campos dos Goytacazes, que a esse tempo fazia parte da capitania, hoje provincia, do Espirito-Santo, filho legitimo de Manoel Baptista Pereira e de D. Anna Joaquina de Almeida, José Bernardino, depois de vencidos os estudos de humanidades na cidade do Rio de Janeiro, partiu para Coimbra, onde se formou em direito civil, e onde, distinguindo-se pela vivacidade do seu temperamento e não vulgar illustração do commum dos seus companheiros de academia, pertenceu ao grupo notavel de moços intelligentes e applicados, avidos de saber, que foram depois estadistas eminentes no Brasil.

Tornando á patria, rico de cabedal scientifico, abriram-se-lhe de par em par as portas da magistratura, a começar de 1815, e no exercicio do cargo de juiz de fóra das villas de Santo Antonio de Sá e de Magé conquistou a reputação de justiceiro no cumprimento dos seus deveres, patenteando profundo conhecimento da difficil sciencia de julgar.

Do preclaro magistrado fluminense diz o Dr. Joaquim Manoel de Macedo no seu *Anno Biographico*:

« De apparencias soberbas e de accesso altivo (aliás affectuoso, amenissimo e brincador em suas relações amigas), o mais pobre, humilde e desprotegido dos requerentes, ao apresentar-se, contava com o sobre olho carregado de José Bernardino; mas tinha plena, absoluta

confiança no despacho ou na sentença, firmadores do direito contra o mais rico ou o mais poderoso que pretendesse sophismal-o. Infelizmente para a magistratura brasileira José Bernardino abandonou-a em 1821.»

Eleito nesse anno pela provincia do Espirito-Santo deputado ás côrtes constituintes de Lisboa, como substituto do effectivo, o Dr. João Fortunato Ramos dos Santos, não tomou todavia assento naquella assembléa, mas escreveu uma memoria, intitulada *Esboço sobre os obstaculos que se tém opposto á prosperidade da villa de Campos*, que publicou em 1823, da qual existe um bem conservado exemplar na bibliotheca nacional da côrte.

Disse o Dr. Macedo na obra citada que fizera parte da constituinte brasileira ; mas não vejo o seu nome nas relações que conheço dos membros daquella augusta assembléa.

O Dr. José Bernardino foi deputado á assembléa geral legislativa pela provincia do Espirito-Santo na primeira e segunda legislaturas, em cujas actas figura o seu nome sem o appellido *Almeida*, nem o de *Sudré*, que lhe ajunta o *Anno Biographico*, creio que sem maior fundamento. Distinguiu-se na camara nas discussões de assumptos financeiros, primando pela fórma eloquente, concisa e substanciosa dos seus discursos, a que o seu busto erecto e a altivez nativa da sua physionomia davam o tom quente das orações demosthenicas.

Com os dotes intellectuaes de que dispunha, pelo seu caracter sobranceiro e independente, e os principios de rigorosa justiça, que lhe reconheciam tanto liberaes como conservadores, não podia deixar o illustre campista de chamar sobre si a attenção do partido politico a que se filiasse, a que iria levar elementos valiosos de força moral e prestigio, tornando-se por sua parte figura proeminente nelle. O Dr. José Bernardino pertencia á escola conservadora, que adherira francamente, votando pelo maximo proposto para a lista civil do Imperador, idéa impugnada pelo partido liberal.

No gabinete organisado a 15 de Junho de 1828 foi o Dr José Bernardino Baptista Pereira chamado no dia

18 para a pasta da fazenda, passando a 25 de Setembro a occupar a da justiça, cargo este que exerceu como, talvez por muitos annos, depois delle, ninguem o exerceu no Brasil, visitando as prisões, ouvindo a todos os detentos, restituindo a liberdade aos illegal e arbitrariamente privados della, pondo assim por obra a mais estricta justiça, segundo os preceitos da constituição, [1] indo mesmo, em muitos actos da sua vida publica, de encontro á vontade soberana, a que todos os mais se curvavam submissos, recusando-se mais tarde a voltar a servir nesses eminentes cargos, mesmo depois, no tempo da regencia, por mais de uma vez.

Nada pintará com mais propriedade o modo excepcional e severo por que elle se desempenhava do penoso encargo de velar pela justiça ou de zelar os dinheiros publicos, do que o dito do deputado Lino Coutinho, liberal extremado, exclamando da tribuna em 1829:

« ... é o unico ministro constitucional que temos tido até hoje ! »

Com effeito, o facto seguinte, referido pelo autor do *Anno Biographico*, põe em relevo a sua independencia de caracter e a rectidão do seu espirito. D. Pedro I, pouco affeito ainda ás exigencias do systema constitucional, ou antes obedecendo dessa vez, como de muitas outras, á sua indole nada habituada a soffrer contrariedades, e acostumado a deliberar sómente por si, resquicios do regimen em que nascêra e se criára, mandára contratar na Allemanha dous mestres operarios para o arsenal de guerra da côrte. Fez-se o contrato,

---

[1] Em abono da verdade, devo declarar que nestes ultimos tempos houve quem o imitasse e até o excedesse. Refiro-me ao actual ministro da Justiça, o Sr. conselheiro Ferreira Vianna, cujo zelo pelo desempenho da alta missão que em boa hora lhe foi commettida, e interesse pelo bem publico só tiveram precursor na pessoa do conselheiro José Bernardino.

Quando deliniei estes traços physionomicos do meu illustre comprovinciano não tinha elle achado imitadores, que tivessem tomado tão no pé da lettra e tanto a peito os arduos deveres do seu cargo. A imparcialidade da historia impõe que se faça esta justiça.

chegaram os engajados, e era indispensavel pagar-se as despezas de adiantamento, do transporte e outras estabelecidas no ajuste feito. José Bernardino geria a pasta da fazenda. O ministro da guerra requisitára delle ordem para que o thesouro désse a quantia necessaria, e, recebendo recusa formal do collega, communicára o facto ao Imperador, que, interpellando José Bernardino:

— Senhor, respondeu o integerrimo ministro, no orçamento vigente não tenho verba que autorise essa despeza, que é portanto illegal; eu não a posso ordenar.

O Imperador replicou-lhe com a habitual vivacidade:

— Mandei engajar esses homens; quero que sejam pagas todas as despezas.

— Sel-o ão, senhor, pois que Vossa Magestade o quer.

Dias depois, interrogado de novo pelo Imperador, respondeu-lhe o ministro:

— Como em face da lei não podia o thesouro pagar a esses homens, para que fosse cumprida a ordem de Vossa Magestade paguei-lhes do meu bolsinho.

Mais tarde, em 1830, D. Pedro I lembrou-se outra vez de José Bernardino e convidou-o para fazer parte de um novo ministerio; mas elle recusou acceder ao convite e respondeu ao soberano:

— Senhor, confiança de ministro é como honra de donzella: só se perde uma vez. Não posso tornar a ser ministro de Vossa Magestade.

Lealdade e probidade politicas reproduzidas mais tarde só duas vezes, que me conste, uma com o conselheiro Euzebio de Queiroz; outra, a serem veridicas as versões que no tempo correram, com o senador Zacarias de Góes e Vasconcellos.

O conselheiro José Bernardino fôra um dos ministros que mais cooperára para o tratado de 27 de Agosto de 1828, que deixou independente o Estado Oriental do Uruguay, salvo das vistas annexionistas, ainda hoje não sei si de todo extinctas, da Confederação Argentina, tratado que firmou ao mesmo passo a paz ao sul do Imperio.

Em 1831 e 1832 não quiz o conselheiro José Bernardino intervir nas discussões politicas da camara dos

deputados Para a terceira legislatura não foi eleito, mas para as duas primeiras da assembléa provincial do Rio de Janeiro (1835 — 1837) levaram-no os suffragios dos seus concidadãos ; e tal era o seu prestigio pessoal que occupou sempre a cadeira da presidencia.

Preterido em 1836 na escolha de senador pela provincia, quando contava com a boa vontade do regente, resolveu abandonar a politica. Deixou-a com effeito e foi residir, *procul a negotiis*, para uma fazenda que possuia em Itaborahy, onde iniciou muitos melhoramentos agricolas. Foi o primeiro que empregou na provincia machinas de vapor no fabrico do assucar.

Quando se poz em execução o novo Codigo do processo criminal, foi o conselheiro José Bernardino eleito pela camara daquelle municipio juiz de orphams da villa, cargo que acceitou e em que ainda mais uma vez deu provas do seu alto criterio, profundo saber e independencia como juiz.

Quando, em 1847, o actual imperador visitou pela primeira vez a cidade de Campos na sua excursão pela provincia do Rio de Janeiro, começadà a 20 de março daquelle anno, foi o conselheiro José Bernardino quem hospedou S. Magestade, por dous dias, em sua passagem pela villa de Itaborahy.

O conselheiro José Bernardino Baptista Pereira de Almeida, commendador das ordens de Christo e da Rosa, dignitario desta ultima, distincção conferida no segundo reinado, falleceu aos 78 annos de edade na fazenda da *Bôa Vista*, freguezia de S. Gonçalo, municipio de Niteroy, a 29 de Janeiro de 1861.

Havia publicado em 1823, além do Esboço acima referido, ditado pelo patriotismo, umas *Reflexões historico-politicas* em nova edição mais correcta e accrescentada, e em 1824 uma importante *Dissertação analytica sobre a legislação e pratica orphanologica* e ainda, em 1856 e 1857, sem o seu nome, uma *Pratica homœopathica*, em 2 volumes, que tem tido successivas edições ; obras descriptas, á excepção desta ultima, por Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario bibliographico portuguez*.

Era irmão mais velho dos Drs. Francisco Baptista de Sousa Cabral e Joaquim Baptista Pereira, do coronel Manuel Baptista Pereira, Jeronymo Baptista Pereira, e commendadores Bernardino Baptista Pereira, João Nepomeceno Baptista Pereira, Bento Benedicto de Almeida Baptista e Julião Baptista Pereira, mais conhecido por *Julião de Santa Cruz*, nome de sua fazenda, hoje pertencente a seu genro o barão de Miranda; era thio dos Drs. Jeronymo e João Baptista Pereira e do Dr. Lourenço Maria de Almeida Baptista, barão de Miracema.

Teve o conselheiro José Bernardino um irmão natural, que representou tambem no primeiro reinado papel proeminente, si bem que em outra plana, em menos tempestuoso e movediço scenario. Foi o Dr. Amaro Baptista Pereira, medico da imperial camara e lente do terceiro anno da antiga Academia Medico-Cirurgica da côrte.

No *Almanack do Rio de Janeiro para o anno de* 1824 vem o seu nome na relação dos medicos de D. Pedro I, pela primeira vez, e assim successivamente até o do anno de 1827. Não pude encontrar os de 1828 a 1831. No de 1832 porém já não figura como medico do paço nem como professor da Faculdade.

No de 1817, o mais antigo que deparo, vem como fazendo parte do seu corpo docente; pelo de 1824 se verifica que leccionava ainda; no de 1827 pertencia á classe dos jubilados.

Ignoro quando morreu e si morreu titular. Seria sem duvida pelos annos de 1827 a 1831, a guiar-me por estes tão escassos dados.

Pareceu-me não dever o omittir o seu nome quando reunia os dos outros membros da familia Baptista Pereira.

Foram todos os que deixo mencionados campistas distinctos, que souberam sustentar a honra do seu appellido e dos quaes muito se desvanece aquella hoje tão cereada terra de Campos dos Goytacazes, que teve entretanto, nos tempos coloniaes, bastante extensão territorial para ser uma Capitania. Que o esplendor do

nome de seus filhos a compense em gloria e fama dessas perdas materiaes. Que ella, a nobre matrona, relanceando os olhos em torno, veja, e se regosije de ver, uma phalange de filhos illustres em cujos olhos rebrilhe a scentelha do genio e do talento, em cujo peito sinta que pulsa um coração patriota.

Compondo a biographia do conselheiro José Bernardino na obra mais de uma vez citada, o Dr. Joaquim Manoel de Macedo começa-a por este conceito, que resume em synthese perfeita o merito real do illustre publicista campista:

« E' este o nome de um esclarecido, nobre e distincto brasileiro, preparado para figurar no primeiro plano do quadro dos estadistas do imperio, e que muito cedo, por altivo resentimento, negou-se de todo a influir na politica do Estado. »

José Bernardino foi pois um cidadão notabilissimo que, pelo cultivo intellectual, pela nobreza de sentimentos, mais do que pela herdada dos seus maiores, porquanto descendia de familia fidalga, soube honorificar a terra do berço, e mais do que isso, a grande patria brasileira

A sua vida, traçada por mão de mestre e posta ao lado da dos *Homens illustres* do Plutarcho, nada teria que invejar aquelles classicos representantes da rigeza antiga e severidade de costumes, ainda hoje modelos de civismo.

Trazendo-a mais uma vez á apreciação desapaixonada da geração que passa e collocando o seu busto varonil na galeria aberta pelo Instituto aos que bem mereceram da patria e da humanidade, cumpro um dever de consciencia e presto a homenagem da minha admiração a um modelo nosso, digno de imitar-se.

Côrte, 11 de Setembro de 1887.

DR. TEIXEIRA DE MELLO.

APRECIAÇÕES DA IMPRENSA

O INSTITUTO folga, usando de toda a imparcialidade, de transcrever nestas paginas o seguinte artigo da *Gazeta de Noticias*, uma das melhores folhas que se publicam na capital do Imperio, e no qual deu antecipadamente noticia da sessão do Jubileu que se ia celebrar nesse dia:

« Ha hoje cincoenta annos que foi installado solemnemente o Instituto Historico e Geographico Brasileiro. A digna associação, fundada por iniciativa de Cunha Mattos e Januario da Cunha Barbosa, póde considerar, satisfeita, o meio seculo de sua existencia Os seus esforços não se perderam; o campo que tomou a si explorar está profundamente cavado, e ja começam a maturar os grãos que semeou nos sulcos.

« Em 1838 como estava atrazado o conhecimento de nossa historia e de nossa geographia! Nos tempos coloniaes o governo difficultava systematicamente as publicações que podiam vulgarisal-o, e, depois de impressas, mais de uma vez confiscou-as. Posteriormente alguns especialistas curaram só das provincias. Apenas dous livros, admiraveis, mas incompletos, a *Historia do Brasil* de Southey e a *Chorographia Brasilica* de Ayres do Casal, a primeira escripta em lingua quasi desconhecida, a segunda já então rarissima, representavam um reconhecimento geral do paiz.

« O Instituto encarregou-se de abrir a picada, devassar os accidentes topographicos e transformar o adumbramento nebuloso em visão clara.

« Começou ressuscitando os trabalhos realizados durante a dominação portugueza. Eram em grande numero, superior ao que se poderia esperar da desidia nacional. Mas onde existiam ? Barbosa Machado cita-os em sua *Bibliotheca Lusitana ;* porém suas informações não são precisas nem por vezes fidedignas, e o terremoto de Lisbqa anniquilou grande porção. Indicações de outra fonte ou estudos preparatorios não existiam que guiassem. A tarefa era mais difficil do que podia-se afigurar á primeira vista.

« Felizmente, mesmo levado pela inexperiencia, o Instituto não enxergou embaraços onde outros recuariam. E não tardaram a apparecer livros e manuscriptos offerecidos espontaneamente, porque o Brasil, que pela structura sociologica está condemnado por muitas decadas, ainda, a não possuir funcções differenciadas, por uma compensação consoladora admira todas as especialidades e rende-lhes homenagens.

« Com estes principios claro é que o Instituto não podia publicar methodicamente os trabalhos coloniaes. Ainda hoje é impossivel ; e entretanto, além do labor jubilar do Instituto, que não tem sido pouco, já temos ha mais de seis annos o *Catalogo* da exposição de historia e geographia, organisado pela bibliotheca nacional, cuja importancia só póde calcular bem quem trabalhou neste terreno antes delle existir.

« Mesmo assim o que elle fez é muito : basta lembrar a publicação das cartas de Nobrega e Anchieta, do tratado de Gabriel Soares, da historia de Gandavo, das guerras hollandezas de Menezes e Santiago, dos tumultos de Moraes, da chronica dos Mascates, das monographias de Pedro Taques, dos ineditos de Jaboatão, dos estudos geographicos e scientificos de Alexandre Ferreira, Ricardo Franco, Lacerda, dos relatorios de Lavradio e Vasconcellos, das memorias de Teixeira sobre Minas Geraes : para não citar centenas de documentos avulsos, a começar pelas cartas de Caminha e mestre João, companheiros de Pedro Alvares Cabral, que narram o descobrimento do Brasil, como testemunhas de vista.

« A 15 de Dezembro de 1849, recebendo pela primeira vez o Instituto Historico, no paço, S. M. o Imperador recommendou-lhe, em discurso, que não se occupasse sómente de publicar ineditos, e désse tambem trabalhos originaes. Já os havia, mas desde então avultaram, e, para não occupar espaço, lembraremos apenas os de Gonçalves Dias sobre os indios e governadores do Rio Grande do Norte. os de Rubim sobre o Espirito-Santo, a chorographia de Goyaz de Cunha Mattos, os annaes de Piauhy e Goyaz de Alencastre, as noticias sobre as aldêas do Rio de Janeiro de Joaquim Norberto, os magistraes estudos de Candido Mendes sobre os primeiros annos do seculo XVI, as monographías de Silva Paranhos, Alencar Araripe, Ramiz Galvão, Fausto de Souza, Freire Allemão, Teixeira de Mello, Moreira de Azevedo, Severiano da Fonseca, Taunay, ete.

« Accresce que muitos trabalhos de socios foram pubiicados fóra da *Revista*, como a *Historia do Brasil* do visconde de Porto Seguro, as *Memorias do Maranhão* de Candido Mendes, as *Ephemerides* de Teixeira de Mello, o grandioso *Oyapock e Amazonas* de Joaquim Caetano, a *Conjuração Mineira* de Norberto, a *Historia do Ceará* de Alencar Araripe, a *Escravidão* de Perdigão Malheiro, e escriptos de Capanema, Baptista Caetano, etc.

« Além deste labor, representado pela sua *Revista Trimensal* e por obras de socios publicadas em outras partes, o Instituto influiu consideravelmente para que se mandasse investigar os archivos da Europa á procura de documentos historicos, e estudar scientificamente as provincias do norte. A investigação dos archivos portuguezes, confiada primeiro a Gonçalves Dias e depois a João Lisboa, deu magnificos resultados. Apezar de defraudada vandalicamente a collecção que enfeixava a colheita, ainda hoje é riquissima, e pouco cede ás da bibliotheca nacional e fluminense, sendo-lhe em parte superior.

« A commissão scientifica do norte, embora composta de nossa melhor gente, acabou de modo deploravelmente ridiculo Mas a culpa foi menos do Instituto, que nella não esteve officialmente representado, do que

de um sentimento então dominante, e que se encontra cruamente representado em um estudo do barão de Capanema sobre os terremotos. Ahi se lê que o Brazil não póde, não deve ser estudado por estrangeiros, que não offerecem garantias. Foi por este bairrismo tacanho que a commissão naufragou, e hão de naufragar ainda outras que se inspirarem no mesmo espirito.

« Este bairrismo do Instituto ainda se revelou em outras direcções. Por causa delle o Instituto não quiz traduzir o livro de Southey em 1838, que entretanto seria então o serviço mais importante, tanto para a instituição que começava, como para o publico, que precisava de ser iniciado; foi ainda por causa delle que o Instituto em 1871 não quiz traduzir Wappäeus. O resultado é que ainda não temos geographia do Brasil escripta por brasileiro, e que historia não teriamos si Varnhagen não se tivesse abalançado a essa empreza.

« Outro erro do Instituto consistiu na escolha dos socios. Como para completar o numero não havia entre nós bastantes cultores dos estudos historicos e geographicos, a digna associação começou a escolher figurões. Socios della só foram deputados, senadores, ministros effectivos ou em perspectiva, afilhados que queriam subir, graças ao bafejo official e imperial, estabelecendo-se assim um senado litterario que nem sempre a opinião publica respeitou.

« Ainda hoje ha alli quem represente taes tendencias e veja em qualquer admissão nova uma usurpação a direitos adquiridos, adquiridos a certos e curtos momentos de palavras trocadas com S. M. o Imperador. Este sem duvida tem procurado obstar a isto, mas nem sempre com resultado. Mesmo agora, segundo nos consta, uma das commissões oppõe-se á admissão de correspondentes das provincias, allegando que este anno já foram recebidos muitos socios!

« Entretanto fôra injusto negar que nos ultimos annos tém havido mudanças. Já se tém admittido socios que não são siquer eleitores; o catalogo dos manuscriptos está organisado e impresso, sinão com o rigor da

sciencia, ao menos com as especificações necessarias para se poder trabalhar; a bibliotheca, que outrora abria-se mysteriosamente duas vezes por semana durante duas horas, abre-se actualmente todos os dias, das dez ás tres, e não é difficil frequental-a. Nestas diversas reformas influiram muito o conselheiro Alencar Araripe e o commendador Joaquim Norberto, actual presidente.

« Cincoenta annos para o individuo são éra critica em que as forças vão desfolhando. Para uma instituição este praso representa periodo de vigor, de remoçamento. Esperemos que o Instituto, inspirando-se nas tradições honrosas que deixa após si e nas grandes tarefas que ainda tem, trabalhe com maior esforço e torne ainda mais fecunda a sua acção.

« Eis o discurso que Sua Magestade pronunciou diante do Instituto Historico em 1849, e ao qual já alludimos:

« Senhores!

» Penhorado sobremaneira dos sentimentos de de-
« dicação e respeito o reconhecimento que me manifes-
« taes por intermedio de vosso presidente, ainda em
« signal de minha gratidão e como primeiro socio e pri-
« meiro interessado no progresso do Instituto, não posso
« deixar de fallar-vos um pouco d'este estabelecimento
« ou antes de sua *Revista*, indeclinavel testemunho do
« que houverdes feito a bem da historia e geographia do
« Brasil.

« Sem duvida, senhores, que a vossa publicação
« trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando
« ao velho mundo o apreço que tambem no novo merecem
« as applicações da intelligencia; mas para que esse alvo
« se attinja perfeitamente, é de mister que não só reu-
« naes os trabalhos das gerações passadas, a que vos
« tendes dedicado quasi que unicamente, como tambem
« pelos vossos proprios torneis aquella a que pertenço
« digna realmente dos elogios da posteridade; não di-
« vidi pois as vossas forças, o amor da Sciencia é exclu-
« sivo, e, concorrendo todos unidos para tão nobre,

« util e já difficil empreza, erijamos assim um padrão de « gloria á civilisação da nossa patria.

« Congratulando-me desde já comvosco pelas felizes « consequencias do empenho que contrahis, reunindo-vos « em meu palacio, recommendo ao vosso presidente que « me informe sempre da marcha das commissões, assim « como me apresente, quando lhe ordenar, uma lista, que « espero será a geral, dos socios que bem cumprem com os « seus deveres ; comprazendo-me, aliás, em verificar por « mim proprio os vossos esforços, todas as vezes que « tiver a satisfação de tomar parte em vossas locubra- « ções.

« Ardua é a tarefa que emprehendestes, senhores ; « mas por meio de vossa constancia alcançareis a palma « da victoria, e as recompensas devidas aos amigos das « lettras coroando tantas fadigas, despertarão ainda mais « os vossos brios. »

« Póde-se bem imaginar a impressão causada pelo discurso nesta sessão (212ª), presidida pelo marquez de Sapucahy.

« Porto Alegre e Manuel Ferreira Lagos, 1º secretario, propuzeram que se lavrasse uma acta solemne, assignada por todos os socios presentes, a qual seria collocada na sala das sessões ; que se mandasse gravar uma medalha para memorar este dia e perpetual-o de uma maneira digna.—Approvado unanimemente.

« O presidente propoz que se nomeasse uma deputação para agradecer a Sua Magestade a subida honra que acabava de conferir ao Instituto.—Approvado unanimemente.

« Porto Alegre propoz mais que se mandasse lithographar o autographo da allocução de seu augusto protector, para se ajuntar ao numero da *Revista* em que fosse impressa a acta desta reunião.—Unanimemente approvado.

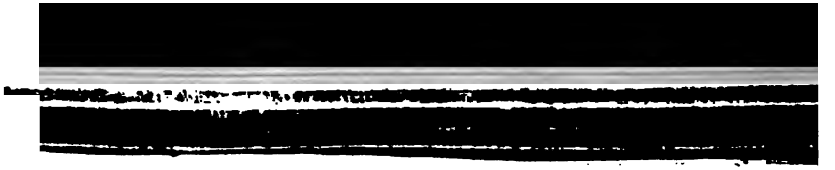
« Hoje, ao meio dia, realisa-se no Paço da cidade a solemnidade do jubileu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

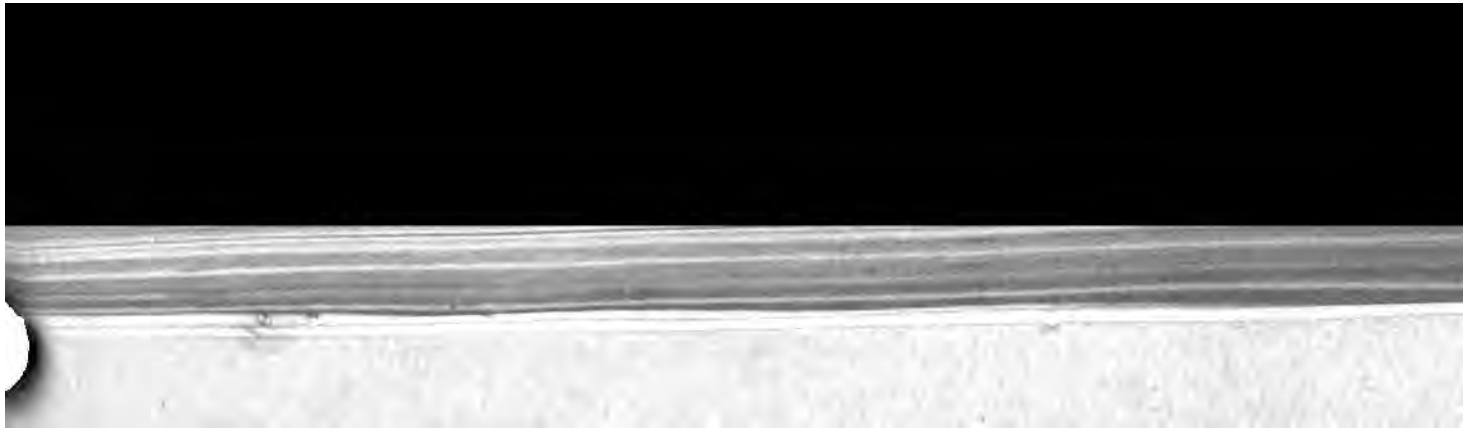
« A sessão, presidida por Sua Magestade o Imperador, terá por orador o Sr. senador Escragnolle Taunay.

« Serão admittidas todas as pessoas decentemente vestidas. A concurrencia promette ser grande. »

A mesma *Gazeta de Noticias*, o *Jornal do Commercio* e outras folhas que se publicam nesta Côrte, deram conta em artigos editoriaes da solemne festividade com toda a minuciosidade e exactidão. O *Jornal do Commercio* transcreveu em suas columnas, no dia seguinte, os discursos pronunciados pelo presidente, 1º secretario interino e o orador.

J. N.





COMMENDADOR JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA

Presidente interino desde 12 de Agosto, e effectivo a 21 de Dezembro de 1888.

N em 6 de Junho de 1820

O JUBILEU DO INSTITUTO[1]

. . . . . .

Resta-me, senhores, dar-vos conta da festa do Quinquagenario.

A idéa de Tavora, trazida ao Instituto em 23 de Novembro do anno passado por elle e os senhores coronel Fausto e dr. Maximiano, ainda foi por elles ampliada, e pelo Sr. dr. Cesar Marques, na proposta que, em 7 do mez seguinte fizeram, de : 1°, dar-se conhecimento dos intentos da associação a todos os socios effectivos e correspondentes, pedindo-lhes sua coadjuvação scientifica e litteraria ; e 2°, faser-se uma Exposição dos objectos que por essa occasião se receberem para o archivo, museu e bibliotheca, cujo catalogo deveria estar prompto para tal solemnidade.

E havia tempo sufficiente para tudo : a festa seria em 21 de Oitubro.

A Commissão, nomeada para formar o programma, satisfez seus encargos, apresentando na sessão seguinte este projecto :

PROGRAMMA DO JUBILEU

Preliminares da Festa

I

Dirigir-se-ão convites com urgencia ás associações historicas, geographicas e ethnographicas do Imperio

[1] Trecho do Relatorio apresentado pelo primeiro secretario interino na sessão magna annual de 1888.

para nomearem representantes na Côrte, e cada uma dellas communicar um inedito que mereça ser inserido no volume destinado ao Jubileu.

II

Nas provincias em que não existir nenhuma sociedade, e houver socio ou socios do Instituto, serão os mesmos socios incubidos de remetter qualquer trabalho original, de modo que nenhuma provincia deixe de figurar na festa.

III

Si em alguma provincia não houver sociedade nem socio, a commissão promoverá desde já, por todos os meios a seu alcance, a nomeação de pessoa habilitada para socio, a qual se encarregue de representar a provincia.

IV

Dirigir-se-ão pedidos ás bibliothecas da Côrte para que cada uma dellas remetta cópia de algum manuscripto importante para o volume supplementar, ou como melhor lhe pareça acompanhe a festa do Instituto.

V

Desde já ficará sobre a mesa um livro que tenha no alto de cada pagina o nome de um dos socios fallecidos por ordem chronologica, afim de que, por baixo de cada nome os socios actuaes do Instituto escrevam um pensamento commemorativo das virtudes e qualidades mais notaveis do fallecido.

Sessão do Jubileu em 21 de Outubro de 1888

I

Abrir-se-á a sessão ás 11 horas da manhã, na sala do Museu Nacional em que, ha cincoenta annos, á mesma hora, se realizou a da fundação do Instituto Historico.

Para este fim a commissão sollicitará do director do Museu a concessão da mencionada sala.

II

Depois do discurso de abertura que compete ao Presidente, e da leitura de rapido estudo retrospectivo de que se incumbirá o 1° Secretario, o Orador fará o elogio historico do Instituto, inspirado, especialmente nos serviços e exemplos dos socios cuja memoria o Instituto consagrou mandando collocar os respectivos bustos na sala das sessões.

III

Será depois dada a palavra aos representantes das associações que não figurem por meio de inedito ou trabalho original, no volume da festa.

Nenhum destes oradores fallará mais de 15 minutos.

Exposição

I

Durante oito dias estará exposta ao publico, desde as 10 horas da manhã ás tres da tarde e das 6 ás 9 da noite, a bibliotheca do Instituto; e bem assim o museu e as offertas remettidas pelos socios, formando secções especiaes.

II

Tambem estará exposto, para ser consultado, o catalogo geral.

Publicações

I

Publicar-se-ão:

1º Um volume da *Revista Trimensal*, contendo:

a) As memorias ou ineditos enviados das provincias;
b) Os ineditos ou memorias offerecidas pelas bibliothecas da Côrte;
c) Os escriptos de socios residentes na Côrte;
d) Os trabalhos lidos pelo Presidente, Secretario e Orador do Instituto na sessão do Jubileu.

Este volume será dedicado a Sua Magestade o Imperador, e na dedicatoria se deverá fazer menção de todos os actos de protecção e favor praticados por Sua Magestade a bem do Instituto.

Um resumido diccionario bibliographico, contendo as datas do nascimento e obito dos socios, da sua entrada para o Instituto, e summaria noticia das suas obras.

II

Desta especial edição da *Revista* será vertida para o francez a parte sufficiente, para ser offerecida ás associações, bibliothecas e eminentes litteratos estrangeiros.

Visconde de Beaurepaire Rohan
J. Franklin S. Tavora
Dr. Maximiano Marques de Carvalho
Dr. J. A. Teixeira de Mello
Henrique Raffard

Este programma, que foi profusamente destribuido, não poude ser inteiramente cumprido por varias rasões, entre as quaes :

1ª A molestia de S. M. I que, todos avaliam quanto pesaria sobre o Instituto acabrunhando os espiritos e entorpecendo o fundamento da idéa.

2ª A perda inesperada e fatal do dedicado e incansavel 1º Secretario, a chave de todo o movimento interno, e quem o dirigia, todo, no exterior; e agora tão mal substituido.

3ª A ausencia, por molestia, de dous preestimosos membros da commissão, os Srs. visconde de Beaurepaire Rohan e dr. Maximiano de Carvalho, este gravemente enfermo :— o que abateu de muito o prestigio e o valor intellectual da commissão, agora reduzida a dous unicos membros, porque, ainda, o ultimo dos que a compunham, se retirára, e com elle o esforço physico, o gosto pelo trabalho, o incansaço, emfim a sua actividade juvenil, que fazia-o, quiçá, precioso no serviço do Instituto.

4ª Finalmente, essa molestia fatal ha muito tempo conhecida e como que endemica nos nossos homens e corporações de lettras: verdadeira *episophócia*, cujos caracteres pathognomonicos são os mesmos das enfermidades typhicas, — a indifferença, o desanimo, o marasmo, a indolencia, a inercia, o desamor...

Houve, pois, necessidade de alterar o programma ; e não tanto por causas fataes como por motivos inesperados e imprevisiveis, em que foram parte não sómente estranhos, nós tambem.

Pelo que cabe aos extranhos :

1º Porque nenhuma, nenhuma associação de historia e geographia do Imperio se dignou de communicar inédito algum, mesmo que não merecesse ser transcripto no livro do Jubileu.

2º Porque poucas, bem poucas provincias acudiram aos appellos do § 2º do programma, e nenhuma aos do 3º; — e o que é mais sensivel, poucos, bem poucos socios quizeram honrar as paginas deste livro.

3º Por que nenhuma das nossas ricas bibliothecas accedeu ás instancias do Instituto: — nem mesmo por gentil correspondencia a serviços eguaes delle recebidos.

Em grata compensação remetteu-lhe o Archivo Publico do Imperio seis importantes manuscriptos, dos quaes dous vão publicados.

E pelo que a nós diz respeito:

Não se poude effectuar a solemnidade na propria sala, onde ha cincoenta annos o Instituto se fundou, por estar ella actualmente transformada e impossibilitada de prestar-se á aquelle fim.

Não completou-se a idéa que presidiu a creação do Livro dos Mortos, onde só se lêem seus nomes, nem mesmo na ordem chronologica mas alphabeticamente, e apenas com a data da admissão e obito de cada um. Não sahiu o livro do Quinquagenario; nem completou-se o catalogo geral da bibliotheca; — nem ainda o copioso, comquanto resumido, diccionario bibliographico, apesar dos inexcediveis esforços e labor extraordinario do nosso tão modesto quão proficiente 2º secretario interino o illustrado Sr. dr. Teixeira de Mello.

Felizmente para as galas da festa, em boa hora chamou o Sr. presidente a si essa incumbencia, que desempenhou com inexcedivel esmero e bom gosto artistico.

Tivemos, pois, nesse dia do Jubileu apenas esse livro destinado as memorias dos socios que já foram, onde, seiscentos e cincoenta e trez nomes estão inscriptos, e cuja primeira pagina, portico desse Pantheon, abre-se com as palavras seguintes:

« 21 DE OITUBRO DE 1888

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado em 21 de Oitubro de 1838, completa, hoje, cincoenta annos de existencia.

« A estima e apreço com que é considerado no mundo scientifico, conquistaram-os as luzes, o trabalho e o devotamento dos seus socios.

« Delles, e grande é o numero dos desapparecidos dos seus quadros, Varões distinctos em todas as especialidades do saber humano, geographos, historiadores, naturalistas, mathematicos, guerreiros, navegadores, medicos, jurisconsultos, estadistas, poetas e artistas,— homens de genio illustres e notaveis, sumiram-se levados nas azas do Anjo da Morte.

« Celebrando o Jubileu do seu Quinquagenario, o Instituto em homenagem á memoria d'Elles, creou este livro para rememorar Seus Nomes. »

Quasi por assim dizer, senhores, que a vida social do Instituto, neste anno de 1888, foi toda de regosijos: metade por essa revolução immensa, extraordinaria, tão santa e tão benefica que, instantaneamente repercutindo no velho mundo, de chofre galvanisou a existencia e afastou dos humbraes da morte o Augusto Patriota que, a essa noticia, sentindo a vida crescer-lhe no sangue que entumeceu-lhe o coração, nas lagrimas que lhe affluiram aos olhos, grato e commovido abençoou o grande e generoso povo brasileiro o qual,—e fatal era o momento— não queria que elle deixasse o mundo faltando a sua palavra de Rei: de não morrer sem deixar a escravidão extincta. A outra metade, foi nos regosijos do Jubileu. Não foi o que se ideou, nem o que se pretendia fazer. Mas, fez-se o que se poude, e o melhor possivel, numa festa muito simples, mas louçã... que agradou a todos e a todos deixou boa impressão, desde o ultimo dos assistentes até os proprios Imperantes.

E, dos encargos tomados para esse dia solemne, que o Instituto deixou em divida, eis cumprido o mais instante, — o Livro do Jubileu.

FIM

CORRIGENDA

São estes os principaes erros que necessitam de emenda:

A' pag.	77	—	linha	26	—	aracyaua	— por	— araçoyaua
»	77		»	31		*guyle*	»	*guyb*
»	112		»	2		1753	»	1752
»	113		»	3		1753	»	1752

No retrato do marechal Cunha Mattos em vez de 24 de Fevereiro — lêa-se — 2 de Março.

INDICE

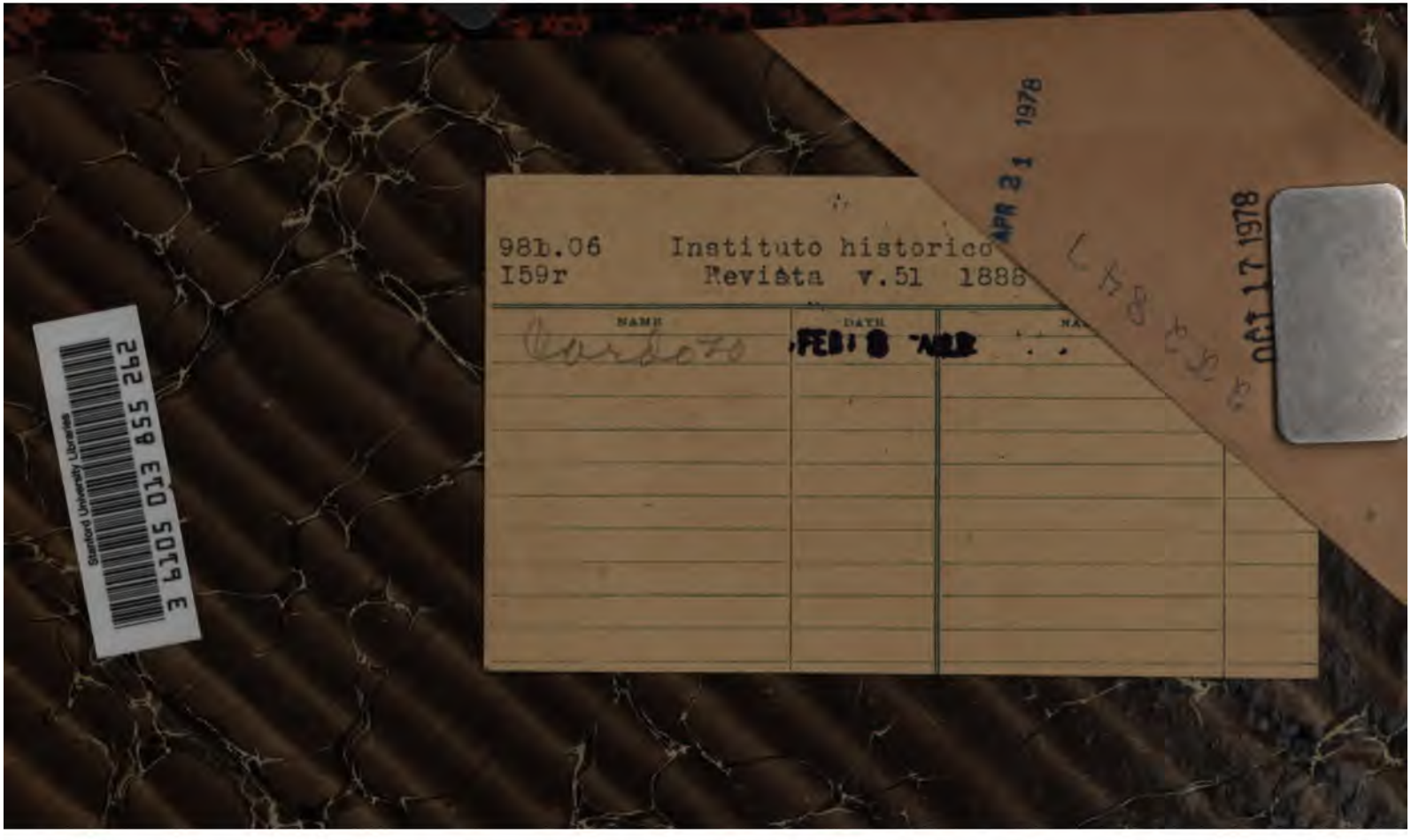
DAS

Materias contidas no livro do Quinquagenario

Dedicatoria a S. M. o Imperador.
Acta da sessão imperial do Quinquagenario, pelo 2º secretario interino 1
Discurso de abertura do presidente. 5
Relatorio do Quinquagenario, pelo 1º secretario interino. 15
Allocução do orador. 39
Os precursores, pelo Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo 49
Provincia das Alagoas, por Pedro Paulino da Fonseca. . 55
Rio Paranahyba ou Parnahyba, por Antonio Borges Sampaio 61
Povoamento do Ceará, por João Brigido 65
A lingua geral do Amazonas e o guarany, observações sobre o alphabeto indigena, por João Barbosa Rodrigues 73
Brazões das cidades de Cuyabá e Matto Grosso, pelo Dr. Severiano da Fonseca. 111
Pernambuco.—Supplicio do Caneca. Recordações de factos acontecidos ha mais de meio seculo, por Fernando José Martins 119
S. Paulo.—Manuscripto do ex-regente Feijó, por Americo Brasiliense. 141
Memoria sobre a structura geologica dos terrenos da parte austral do Brasil e sobre as solevações que em differentes épocas modificaram o relevo do solo dessa região, por M. A. Pissis, traducção do barão H. de Mello 147

Pará.—Manuscriptos ineditos, pelo Dr. José Ioaquim da Gama e Silva 153
Excursões geographicas, pelo barão Homem dd Mello . 167
Colonisação de Serzipe de 1590 a 1600. Governo de Thomé da Rocha e Diogo de Quoadro, pelo Dr. Firmo Oliveira Freire 205
Breves informações sobre a provincia do Paraná . . . 229
Privilegios do Rio de Janeiro 245
Os indios caingangs e seu dialecto, pelo senador A. d'Escragnolle Taunay 251
Vocabulario do dialecto caingang, pelo mesmo senhor . 285
Minas de prata de Sorocaba. Carta régia do principe D. Pedro aos officiaes da camara de S. Vicente, inedito pelo barão Homem de Mello 311
Manoel Odorico Mendes, pelo Dr. Cesar Augusto Marques. 313
Biographia de José Bernardino Baptista Pereira de Almeida, pelo Dr. José Alexandre Teixeira de Mello . 321
Juizo da imprensa sobre o Quinquagenario do Instituto . 329
O livro do jubileu, pelo Dr. J. Severiano da Fonseca . . 337
Corrigenda 345

Stanford University Libraries
3 6105 013 855 262
981.06
I59r
Instituto histórico
Revista v.51 188
NAME
DATE
APR 21 1978
OCT 17 1978


98b.06
I59r
Instituto historico
Revista v.51 1888
NAME
DATE
FEB 8
APR 21 1978
OCT 17 1978
Stanford University Libraries
3 6105 013 855 262